

E SE O SEU FUTURO FOSSE O PASSADO?

OUTLANDER

A CRUZ DE FOGO

LIVRO CINCO - PARTE I



DIANA GABALDON



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

OUTLANDER



O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

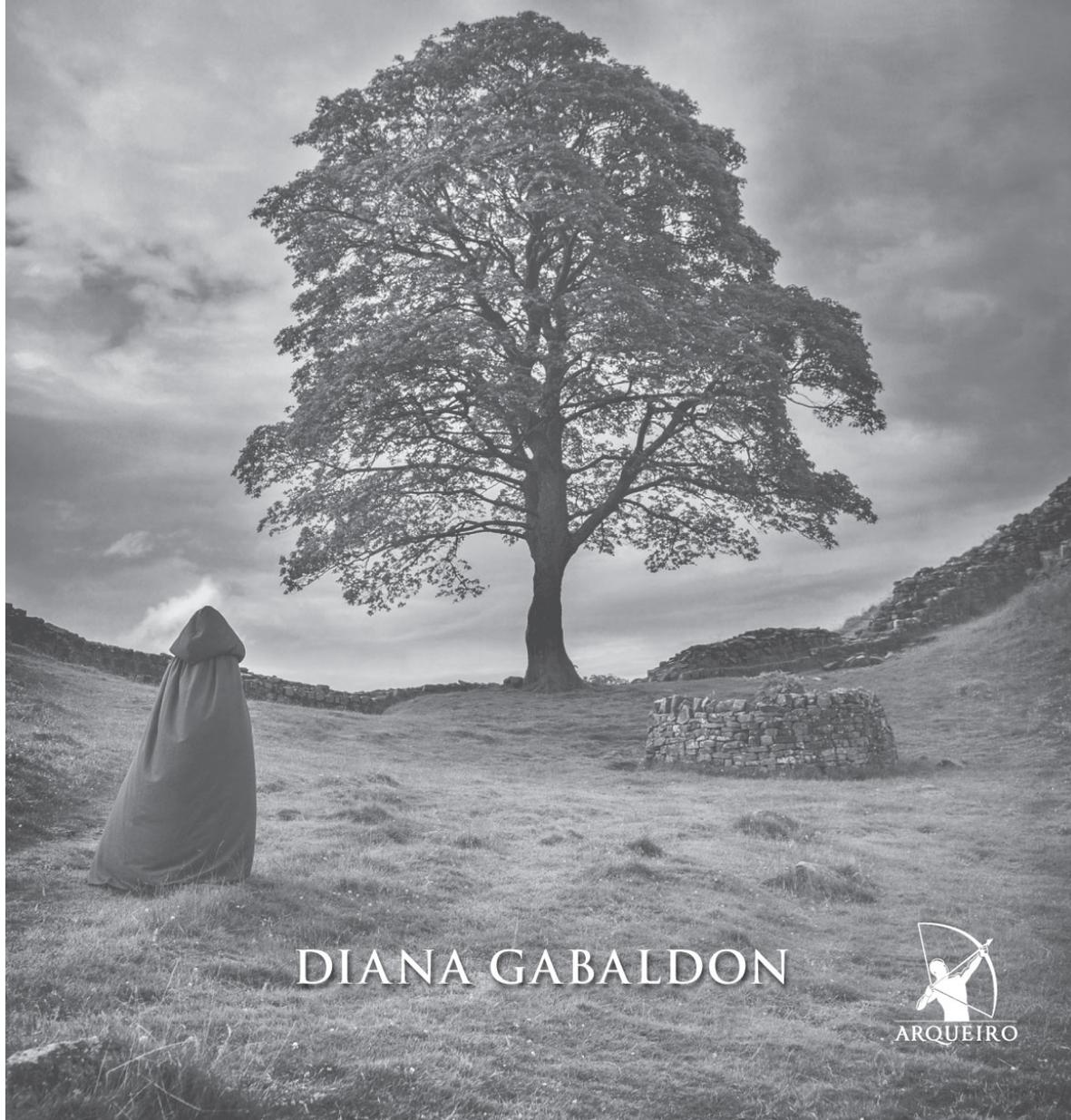
Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

OUTLANDER

A CRUZ DE FOGO

LIVRO CINCO - PARTE I



DIANA GABALDON



Título original: *The Fiery Cross*

Copyright © 2001 por Diana Gabaldon
Publicado originalmente no Canadá por Anchor Canada, 2002.
Copyright da tradução © 2017 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Carolina Caires Coelho

preparo de originais: Marina Vargas

revisão: Ana Grillo e Hermínia Totti

diagramação: Valéria Teixeira

capa: Saída de Emergência

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

imagem de capa: David Licktneker/ Arcangel

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G111o

Gabaldon, Diana

Outlander: a cruz de fogo, parte I [recurso eletrônico]/ Diana Gabaldon; tradução de Carolina Caires Coelho. São Paulo: Arqueiro, 2017.

recurso digital

Tradução de: The fiery cross

Sequência de: Outlander: os tambores do outono, parte II

Continua com: Outlander: a cruz de fogo, parte II

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-85-8041-661-9 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Coelho, Carolina Caires. II. Título.

16-38439

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Este livro é para minha irmã, Theresa Gabaldon,
com quem contei as primeiras histórias.*

Sobrevivi à guerra e perdi muito. Sei pelo que vale e pelo que não vale a pena lutar.

A honra e a coragem estão entranhadas em nossos ossos, e aquilo pelo que um homem mata é também, por vezes, aquilo pelo que morre.

E por isso, ó homem, as mulheres têm ancas largas: aquele mesmo abrigo ósseo será lugar tanto do homem quanto do filho que ele gera. A vida de um homem surge dos ossos de uma mulher, e no sangue dela a honra dele é batizada.

Só pelo amor eu voltaria a atravessar o fogo.

PARTE I

In Medias Res



FELIZ É A NOIVA
QUE O SOL ILUMINA

Monte Hélicon
Colônia Real da Carolina do Norte
Fim de outubro de 1770

Acordei com a chuva batendo na lona, com a sensação do beijo do meu primeiro marido na boca. Pisquei, desorientada, e, por reflexo, toquei os lábios com os dedos. Para manter a sensação ou para camuflá-la?, perguntei-me.

Jamie se remexeu e murmurou ao meu lado, adormecido, seu movimento fazendo subir o cheiro de galhos de cedro debaixo do cobertor sobre o qual estávamos deitados. Talvez a passagem do fantasma o tivesse perturbado. Franzi o cenho ao olhar para o ar vazio do lado de fora de nossa barraca.

Vá embora, Frank, pensei.

Ainda estava escuro do lado de fora, mas a névoa que subia da terra úmida tinha um tom cinza-perolado. O amanhecer não tardaria. Nada se movia, nem dentro, nem fora, mas eu tinha a clara sensação de estar sendo contemplada por um olhar irônico que alcançava minha pele como o mais leve dos toques.

Eu não deveria vir para vê-la se casar?

Eu não sabia se as palavras tinham se formado nos meus pensamentos ou se elas – e o beijo – eram apenas produto do meu subconsciente. Eu havia adormecido ainda pensando nos preparativos para o casamento. Não era de surpreender que despertasse tendo sonhos com a cerimônia e com a noite de núpcias.

Alisei a musselina amassada de minha camisola, percebendo, com certa

vergonha, que ela estava enrolada na altura da cintura e que minha pele estava avermelhada por causa de algo mais do que apenas uma noite de sono. Não me lembrava de nada concreto a respeito do sonho que havia me despertado, apenas uma confusão de imagens e sensações. Pensei que talvez isso fosse bom.

Virei-me sobre os galhos farfalhantes e me acomodei mais perto de Jamie. Ele estava quente e exalava um aroma agradável de madeira queimada e uísque, com um odor suave de homem, como a nota grave de um acorde demorado. Eu me espreguicei bem devagar, arqueando as costas de modo que minha pélvis encostasse em seu quadril. Se ele estivesse indisposto ou dormindo profundamente, o gesto teria sido leve o bastante para não ser notado. Se não...

Ele não estava. Abriu um leve sorriso, os olhos ainda cerrados, e sua mão enorme desceu devagar pelas minhas costas até agarrar minhas nádegas com firmeza.

– Humm? – fez ele. – Hummmm.

Suspirou e relaxou, voltando a dormir, preso a mim.

Eu me acomodei mais perto ainda. A proximidade física de Jamie era mais do que suficiente para afastar a sensação persistente dos meus sonhos. E Frank – se é que *era* Frank de fato – estava certo, naquela situação. Tenho certeza de que, se fosse possível, Bree gostaria de ter os dois pais em seu casamento.

Eu estava desperta agora, mas confortável demais para me mexer. Chovia lá fora; uma chuva leve, mas o ar estava frio e úmido o suficiente para tornar o ninho de cobertores mais convidativo do que a ideia distante de um café quente. Principalmente porque, para fazer café, eu teria que ir até o rio buscar água, acender a fogueira – minha nossa!, a madeira estaria úmida, mesmo que o fogo não tivesse se extinguido por completo –, moer o café em um pilão de pedra e passá-lo, enquanto folhas molhadas resvalariam nos meus tornozelos e gotas dos galhos das árvores escorreriam pelo meu pescoço.

Estremecendo só de pensar, puxei o cobertor de cima para cobrir meu ombro e voltei à lista mental de preparativos com a qual havia adormecido.

Comida, bebida... felizmente, não tinha que me preocupar com isso. A

tia de Jamie, Jocasta, cuidaria dos preparativos. Ou melhor, seu mordomo negro, Ulysses, o faria. Os convidados do casamento... nenhuma dificuldade. Estávamos no meio da maior Reunião de Escoceses das Terras Altas nas Colônias, e havia comida e bebida. Convites por escrito não seriam necessários.

Bree teria um vestido novo, pelo menos – também presente de Jocasta. De lã azul-marinho, já que a seda era cara demais e pouco prática para a vida em lugares remotos. Era bem diferente do cetim branco e das flores de laranjeira que imaginei que ela usaria quando se casasse – mas aquele casamento em nada lembrava algo que alguém teria visualizado nos anos 1960.

Fiquei tentando imaginar o que Frank teria achado do marido de Brianna. Provavelmente, teria aprovado Roger. Ele era historiador – ou tinha sido um dia –, como Frank. Era inteligente e bem-humorado, um músico talentoso e um homem gentil, totalmente dedicado a Brianna e ao pequeno Jemmy.

O que é, de fato, admirável, pensei ao olhar para a névoa, nessas circunstâncias.

Você também acha, não é? As palavras se formaram no meu ouvido como se ele as tivesse dito, irônico, rindo de si mesmo e de mim.

Jamie franziu o cenho e apertou minhas nádegas, dando leves sopros enquanto dormia.

Você sabe que acho, eu disse, por dentro. Sempre achei, e você sabe disso, então, pare de perturbar, sim?!

Eu me virei decidida e acomodei a cabeça no ombro de Jamie, buscando refúgio na textura do linho macio e amarrotado de sua camisa.

Na verdade, eu acreditava que Jamie estava menos inclinado do que eu – e talvez menos do que Frank – a dar crédito a Roger por ter aceitado Jemmy como seu filho. Para Jamie, não passava de obrigação – um homem honrado não faria nada diferente. E eu sabia que ele tinha suas dúvidas a respeito da capacidade de Roger de cuidar de sua família e protegê-la nos ermos da Carolina do Norte. Roger era alto, forte e capaz – mas “boina, cinto e espada” eram coisas que ele só ouvia em músicas. Para Jamie, eram parte de seu ofício.

A mão em minhas nádegas me apertou forte de repente, e eu me sobressaltei.

– Sassenach – disse Jamie, meio grogue –, você está se remexendo como um girino na mão de uma criança. Precisa se levantar e ir ao banheiro?

– Ah, você está acordado – falei, sentindo-me meio tola.

– *Agora* estou – disse ele.

A mão se afastou e ele se espreguiçou, gemendo. Os pés descalços apareceram na ponta do cobertor, os dedos compridos se esticando.

– Desculpe. Não quis acordar você.

– Ah, não se preocupe – retrucou ele. Pigarreou e passou a mão pelos cabelos ruivos e soltos, piscando. – Eu estava tendo sonhos infernais. Isso sempre acontece quando durmo com frio. – Ele olhou em direção à ponta do cobertor, remexendo os dedos expostos com desânimo. – Por que não dormi de meias?

– É mesmo? Com o que sonhou? – perguntei, sentindo certa inquietação. Torci para que ele não tivesse sonhado com as mesmas coisas que eu.

– Com cavalos – respondeu, para meu alívio imediato. Eu ri.

– Que tipo de sonho infernal você poderia ter envolvendo cavalos?

– Deus, foi terrível. – Ele esfregou os olhos com os punhos e balançou a cabeça, tentando afastar o sonho da mente. – Tinha a ver com os reis irlandeses. Lembra-se do que MacKenzie estava dizendo sobre isso, ontem, junto à fogueira?

– Reis irland... ah! – Eu me lembrei e ri de novo. – Sim, lembro.

Corado pelo triunfo de seu novo compromisso, Roger havia entretido as pessoas ao redor da fogueira na noite anterior com canções, poemas e divertidas anedotas históricas – e uma delas falava sobre os ritos por meio dos quais os reis irlandeses antigos eram coroados. Um deles envolvia o candidato bem-sucedido copulando com uma égua branca diante da multidão, supostamente para provar sua virilidade – apesar de eu achar que aquilo servia mais para provar o *sangue-frio* do cavalheiro.

– Eu estava encarregado do cavalo – disse Jamie. – E *tudo* estava dando errado. O homem era baixo demais, e eu tive que encontrar algo em que ele pudesse subir. Encontrei uma pedra, mas não consegui erguê-la. Depois, um banquinho, mas a perna se soltou na minha mão. Então comecei a empilhar

tijolos para fazer uma plataforma, mas eles se despedaçaram. Por fim, disseram que não havia problema, que simplesmente cortariam as patas da égua. Tentei impedi-los, enquanto o homem que se tornaria rei mexia nas calças, reclamando que os botões não queriam se abrir, então alguém notou que se tratava de uma égua *negra* e que não serviria.

Resfoleguei, abafando a risada no tecido da camisa dele, com receio de acordar alguém que estivesse perto dali.

– Foi quando você acordou?

– Não. Por algum motivo, fiquei muito ofendido com aquilo. Eu disse que *serviria*, que, na verdade, a égua negra era um cavalo muito melhor, porque todo mundo sabe que cavalos brancos têm olhos fracos, de forma que os filhotes seriam cegos. E eles disseram que não, não, o negro trazia azar, e eu insistia que não e... – Ele parou, pigarreando.

– E...?

Ele me olhou de esquelha, um rubor claro subindo por seu pescoço.

– Bem, eu disse que serviria e que mostraria a eles. Eu havia acabado de segurar as ancas da égua para que ela não se mexesse e estava me preparando para... ah... para me tornar rei da Irlanda. Foi quando acordei.

Eu ri e resfoleguei, sentindo o corpo dele vibrar com uma risada contida.

– Ah, agora sinto *muito* por ter acordado você! – Sequei os olhos no canto do cobertor. – Tenho certeza de que foi uma grande perda para os irlandeses. Mas fico me perguntando como as rainhas da Irlanda se sentiam em relação a essa cerimônia – acrescentei em seguida.

– Acho que as mulheres não passariam nem perto do mesmo sofrimento – disse Jamie. – Mas já soube de homens que gostam de...

– Eu não estava pensando *nisso* – retruquei. – Estava pensando mais nas questões de higiene, se é que me entende. Colocar a carroça na frente do cavalo é uma coisa, mas colocar o cavalo antes da rainha...

– O... ah, sim. – Ele estava ruborizado e se divertindo, mas corou mais intensamente naquele momento. – Pode dizer o que quiser a respeito dos irlandeses, Sassenach, mas acho que eles se lavam de vez em quando. E, naquelas circunstâncias, o rei pode até mesmo ter pensado que um pouco de sabão seria útil em... em...

– *In medias res*? No meio de tudo – sugeri. – Certamente que não.

Afinal, uma égua é bem grande, relativamente falando...

– É uma questão de disposição, Sassenach, não só de espaço – disse ele, lançando-me um olhar de recriminação. – E sei que um homem pode precisar de certo incentivo, devido às circunstâncias. Ainda que seja *in medias res*, de qualquer modo – acrescentou ele. – Você já leu Horácio? Ou Aristóteles?

– Não. Nem todo mundo é tão erudito quanto você. E nunca tive muito tempo para Aristóteles depois que soube que ele coloca as mulheres abaixo dos vermes em sua classificação do mundo natural.

– O homem não devia ser casado. – A mão de Jamie subiu devagar pelas minhas costas, tocando minhas vértebras por cima da camisola. – Caso contrário, tenho certeza de que ele teria notado que as mulheres têm ossos.

Eu sorri e toquei a maçã do rosto dele, pálida e lisa.

Nesse momento, vi que o céu havia clareado, amanhecia. O contorno da cabeça dele se projetava contra a lona clara de nossa barraca, mas eu conseguia ver seu rosto com clareza. A expressão me fez lembrar por que ele havia tirado as meias na noite anterior. Infelizmente, nós dois estávamos tão cansados depois das festas prolongadas que adormecemos enquanto nos abraçávamos.

Considerarei essa lembrança tardia muito confortante, já que explicava tanto o estado de minha camisola quanto os sonhos que tinham me despertado. Ao mesmo tempo, senti uma corrente de ar gelado penetrar por debaixo do cobertor e estremeci. Frank e Jamie eram homens muito diferentes, e não havia dúvida sobre qual deles tinha me beijado pouco antes de eu despertar.

– Me beije – pedi de repente a Jamie.

Nenhum de nós dois havia escovado os dentes, mas ele obedeceu e resvalou os lábios nos meus e então, quando coloquei a mão em sua nuca e o pressionei mais contra mim, ele apoiou o peso em uma das mãos para poder afastar as roupas de cama emaranhadas em nossas pernas.

– Ah! – exclamou quando o soltei. Sorriu, os olhos azuis se encolhendo até restarem apenas frestas à pouca luz. – Bem, para falar a verdade, Sassenach, preciso sair por um instante primeiro.

Ele afastou o cobertor e ficou de pé. De onde eu estava no chão, tive uma

visão um tanto heterodoxa do que havia por baixo da barra de sua camisa comprida de linho. Esperava muito que o que estava vendo não fosse o resultado de seu pesadelo, mas achei melhor não perguntar.

– É melhor você se apressar – falei. – Está clareando; as pessoas vão se levantar em breve.

Ele assentiu e saiu, abaixando-se. Fiquei parada, ouvindo. Alguns pássaros piavam ao longe, mas estávamos no outono; nem mesmo a claridade total despertaria os coros estrondosos ouvidos na primavera e no verão. A montanha e seus muitos campos ainda estavam adormecidos, mas eu percebia movimentações ao meu redor, ainda que quase inaudíveis.

Corri os dedos pelos cabelos, ajeitando-os sobre os ombros, e me virei, à procura da garrafa de água. Sentindo o ar frio às minhas costas, olhei por cima do ombro, mas já havia amanhecido e a névoa desaparecera. O ar do lado de fora estava cinzento, mas parado.

Toquei a aliança de ouro na mão esquerda, devolvida a mim na noite anterior e ainda pouco familiar depois da longa ausência. Talvez tivesse sido a aliança de Frank que o chamara para os meus sonhos. Talvez à noite, na cerimônia do casamento, eu a tocasse de novo, de propósito, torcendo para que ele pudesse ver de alguma forma a felicidade da filha através dos meus olhos. Mas, por ora, ele não estava ali, e eu fiquei contente.

Ouvi um som ao longe, um pouco mais alto do que os grasnados distantes dos pássaros da manhã. O choro breve de um bebê despertando.

Antes eu pensava que, independentemente das circunstâncias, não deveria haver mais do que duas pessoas em uma cama de casal. Continuava pensando assim. No entanto, era mais difícil afastar um bebê do que o fantasma de um antigo amor. A cama de Brianna e de Roger tinha forçosamente que acomodar três.

A barra da lona foi erguida, revelando o rosto de Jamie. Ele parecia agitado.

– É melhor você se levantar e se vestir, Claire – disse ele. – Os soldados estão reunidos perto do riacho. Onde estão as minhas meias?

Eu me sentei imediatamente. Além da encosta da montanha, os tambores começaram a retumbar.

A névoa fria pairava como fumaça nos vales à nossa volta. Uma nuvem havia se assentado sobre o monte Hélicon e o ar estava denso por causa da umidade. Eu olhei para o mato à minha frente, onde um esplendoroso batalhão do 67º regimento das Terras Altas estava reunido à beira do riacho, tambores retumbando e o tocador de gaita de foles da companhia em ação, sem se importar com a chuva.

Eu sentia muito frio e estava um tanto irritada. Havia me deitado esperando acordar com café quente e uma refeição nutritiva, já que depois viriam dois casamentos, três batizados, duas extrações de dentes, a remoção de uma unha encravada e outras formas divertidas de interação social envolvendo uísque.

Mas, em vez disso, tinha sido despertada por sonhos inquietantes, que levaram a insinuações sexuais, e em seguida arrastada para a garoa fria *in maldito medias res*, aparentemente para ouvir algum tipo de proclamação. E sem café.

Demorou um tempo para que os escoceses se levantassem e descessem a encosta, e o gaitista já estava quase roxo quando soprou pela última vez, um toque dissonante. Os ecos ainda ressoavam na encosta quando o tenente Archibald Hayes parou diante de seus homens.

A voz com timbre anasalado como um píforo do tenente Hayes era forte, e o vento soprava a favor dele. Ainda assim, eu tinha certeza de que as pessoas em pontos mais altos da montanha ouviam muito pouco. Aos pés da encosta, porém, não estávamos a mais do que 20 metros do tenente e eu ouvi cada palavra, apesar dos meus dentes tiritantes.

– *Por SUA EXCELÊNCIA, O CAVALHEIRO WILLIAM TRYON, Capitão-Geral de Sua Majestade, Governador e Comandante, da dita Província e por toda ela* – Hayes leu, levantando a voz acima do barulho do vento e da água e dos murmúrios premonitórios da multidão.

As árvores e as pedras estavam cobertas pela umidade da névoa, as nuvens despejavam, sem parar, uma chuva fina e congelante, e os ventos erráticos tinham feito a temperatura cair cerca de 15 graus. Minha canela esquerda, sensível ao frio, latejou no ponto onde eu havia quebrado o osso dois anos antes. Alguém dado a portentos e a metáforas talvez se sentisse tentado a fazer comparações entre o clima ruim e a leitura da Proclamação

do Governador, pensei – os prospectos eram igualmente arrepiantes e proféticos.

– *Visto que* – reverberou Hayes, dirigindo um olhar ameaçador para a multidão por cima do papel – *recebi informações de que um grande número de pessoas escandalosas e desordeiras se reuniram de maneira tumultuosa na cidade de Hillsborough, nos dias 24 e 25 do mês passado, durante a sessão da Corte Superior de Justiça do dito distrito para se opor às Justas Medidas do governo e em franca violação das leis de seu país, atacando audaciosamente o juiz de Sua Majestade na execução de seu ofício, espancando e ferindo, como bárbaros, várias Pessoas durante a sessão da dita Corte, realizando outras ofensas e insultos ao governo de Sua Majestade, cometendo as mais violentas afrontas contra as pessoas e as propriedades dos habitantes desta cidade, brindando à ruína do seu legítimo soberano rei George e ao sucesso do pretendente...*

Hayes fez uma pausa, tomando ar para conseguir dizer a frase seguinte. Inflando o peito de modo audível, ele continuou a ler:

– *Com a finalidade, portanto, de que as pessoas envolvidas nos mencionados Atos afrontosos sejam levadas à Justiça, eu, seguindo a orientação e com a permissão do Conselho de Sua Majestade, trago a público minha proclamação, exigindo e determinando que todos os juizes de paz de Sua Majestade neste governo conduzam uma diligente averiguação dos crimes e tomem o Depoimento das Pessoas que se apresentem diante deles a fim de prestar informações a respeito dos mesmos; depoimentos estes que serão transmitidos a mim, para serem apresentados à Assembleia Geral, em New Bern, no trigésimo dia do próximo mês de novembro, até quando permanecerá prorrogada para o imediato despacho de ofício público.*

O rosto de Hayes estava quase tão roxo quanto o do tocador de gaita.

– *Firmado por mim e com o Grande Selo da Província em New Bern, no dia 18 de outubro, no décimo Ano do Reinado de Sua Majestade, 1770 do ano de Nosso Senhor.*

– *Assinado, William Tryon* – Hayes concluiu, com um último sopro de ar fumegante.

– Sabe de uma coisa? – falei para Jamie. – Acredito que tenha sido uma só frase, menos o final. Incrível, até mesmo para um político.

– Silêncio, Sassenach – disse ele, os olhos ainda fixos em Archie Hayes.

Atrás de mim, ouvi a multidão se inquietar, tomada por interesse e consternação – com um toque de diversão diante das frases sobre brindes à traição.

Aquela era uma reunião de escoceses, muitos deles exilados nas Colônias na esteira dos levantes jacobitas, e se Archie tivesse escolhido tomar nota oficialmente do que era dito em meio a copos de cerveja e uísque compartilhados ao redor das fogueiras na noite anterior... mas, ao mesmo tempo, ele tinha menos de quarenta soldados consigo e, o que quer que pensasse a respeito do rei George e do possível fracasso do monarca, era sábio o bastante para guardar para si.

Cerca de quatrocentos escoceses cercaram a pequena cabeça de ponte na margem do riacho, atraídos pelo soar dos tambores. Homens e mulheres se abrigavam entre as árvores além da clareira, vestidos com seus tartãs e *arisaid*s enrolados no corpo para se protegerem do vento cada vez mais forte. Eles também estavam cautelosos, a julgar pelos rostos sérios visíveis sob boinas e cachecóis. A expressão deles, é claro, poderia se dever tanto ao frio quanto a uma prudência natural. Minhas bochechas estavam rígidas; a ponta do nariz, dormente e, desde o amanhecer, eu não sentia mais os pés.

– Qualquer um que deseje fazer uma declaração a respeito desses assuntos importantes pode se dirigir a mim, as informações fornecidas estarão seguras – anunciou Hayes, o rosto redondo oficialmente inexpressivo. – Permanecerei em minha tenda com meu assistente durante todo o dia. Deus abençoe o Rei!

Entregou a Proclamação ao cabo, fez uma reverência à multidão e se encaminhou depressa para uma grande tenda de lona perto das árvores, com bandeiras do regimento esvoaçando loucamente em um estandarte ao lado.

Tremendo, enfiei a mão pela abertura da capa de Jamie e a apoiei na dobra de seu braço, meus dedos frios confortados pelo calor do corpo dele. Jamie pressionou o cotovelo contra o corpo por um segundo ao sentir minha mão gélida, mas não olhou para mim. Ele observava Archie Hayes enquanto

ele se afastava, olhos semicerrados contra o vento cortante.

Um homem atarracado e forte de considerável presença, o tenente se movimentava com firmeza, como se alheio à multidão na encosta à frente. Entrou na tenda, deixando o pano erguido, de maneira convidativa.

Não era a primeira vez que eu admirava com relutância o instinto político do governador Tryon. A Proclamação claramente estava sendo lida em cidades e vilarejos por toda a colônia. Ele poderia ter designado um magistrado local ou um xerife para levar sua mensagem oficial de fúria àquela reunião, mas dera-se ao trabalho de enviar Hayes.

Archibald Hayes iniciara a campanha militar em Culloden ao lado do pai, aos 12 anos. Ferido na batalha, fora capturado e mandado para o sul. Tendo de escolher entre ser degredado ou entrar para o exército, ele aceitara a oferta do rei e a aproveitara ao máximo. O fato de ter sido promovido a oficial aos 30 e poucos anos, em uma época na qual a maioria dos cargos era comprada, e não conquistada, era prova suficiente de suas habilidades.

Ele era tão bem-apegoado quanto profissional. Ao ser convidado para comer e se sentar diante do fogo conosco na noite anterior, Hayes passou metade da noite conversando com Jamie – e a outra metade, passando de fogueira a fogueira sob a égide da presença de Jamie, sendo apresentado aos líderes de todas as famílias importantes ali presentes.

De quem teria sido aquela ideia?, eu me perguntei, olhando para Jamie. Seu nariz comprido e afilado estava vermelho por causa do frio, os olhos semicerrados contra o vento, mas o rosto não dava a menor pista do que lhe passava pela cabeça. E isso, pensei, era um bom indício de que ele estava pensando em algo bastante perigoso. Será que ele sabia daquela Proclamação?

Nenhum oficial inglês, com uma tropa inglesa, poderia ter levado uma notícia como aquela esperando obter cooperação. Mas Hayes e seus escoceses, firmes com seus tartãs... Eu não havia deixado de notar que Hayes erguera sua tenda de costas para uma mata farta de pinheiros. Qualquer pessoa que quisesse conversar com o tenente em segredo poderia se aproximar pela mata sem ser visto.

– Hayes espera que alguém surja da multidão, corra para dentro de sua tenda e se entregue no ato? – murmurei para Jamie. Pessoalmente, eu

conhecia pelo menos uma dúzia de homens entre os presentes que tinham participado dos distúrbios em Hillsborough – três deles estavam bem perto de nós.

Jamie viu para onde eu olhava e pousou a mão sobre a minha, apertando-a em um pedido silencioso de discrição. Baixei as sobrancelhas enquanto olhava para ele: não podia estar pensando que eu entregaria alguém inadvertidamente. Ele abriu um sorriso tímido para mim acompanhado de um daqueles irritantes olhares de marido que dizia, com mais clareza do que palavras: *Sabe como você é, Sassenach. Quem olha para o seu rosto descobre exatamente o que você está pensando.*

Eu me aproximei um pouco e dei um chute discreto em seu tornozelo. Meu rosto podia ser transparente, mas com certeza não chamaria atenção no meio de uma multidão como aquela! Ele não se retraiu, mas o sorriso se abriu um pouco mais. Passou um braço por dentro da minha capa e me puxou para mais perto, com a mão nas minhas costas.

Hobson, MacLennan e Fowles estavam logo à nossa frente, falando baixinho entre si. Os três vinham de um pequeno vilarejo chamado Drunkard's Creek, a cerca de 24 quilômetros de nossa casa na cordilheira dos Frasers. Hugh Fowles era genro de Hobson e muito jovem, não passava dos 20. Estava fazendo o melhor que podia para manter a compostura, mas seu rosto ficara pálido e suado conforme era lida a Proclamação.

Eu não sabia o que Tryon pretendia fazer com as pessoas que haviam participado da revolta quando isso fosse comprovado, mas sentia as ondas de inquietação criadas pela Proclamação do governador tomando a multidão como a corrente de água descendo pelas pedras no riacho próximo.

Vários prédios tinham sido destruídos em Hillsborough, e muitos oficiais tinham sido arrastados para a rua e agredidos. Corriam boatos de que um deles, que ironicamente ostentava o título de juiz de paz, havia perdido um dos olhos devido a um golpe de chicote. Sem dúvida levando muito a sério aquela demonstração de desobediência civil, o chefe de justiça Henderson fugiu por uma janela e sumiu da cidade, impedindo, assim, que a Corte se reunisse. Era evidente que o governador tinha ficado *muito* irritado com o que acontecera em Hillsborough.

Joe Hobson olhou para Jamie, e então desviou o olhar. A presença do

tenente Hayes na nossa fogueira na noite anterior não passara despercebida.

Se Jamie notou o olhar, não o retribuiu. Encolheu um dos ombros, inclinando a cabeça para baixo a fim de falar comigo.

– Não acho que Hayes espere que alguém se entregue. Pode ser sua obrigação pedir informação; graças a Deus não tenho nada a dizer. – Ele não falou muito alto, mas apenas o suficiente para que Joe Hobson conseguisse ouvir.

Hobson virou a cabeça e fez um leve meneio para Jamie. Tocou o braço do genro, e eles se viraram, subindo a encosta em direção ao acampamento mais acima, onde as mulheres do vilarejo estavam cuidando do fogo e das crianças menores.

Aquele era o último dia da Reunião. À noite, haveria casamentos e batizados, a bênção formal do amor e de seus frutos barulhentos, nascidos dos ventres da multidão carente de igreja durante o ano anterior. Então, as últimas canções seriam cantadas, as últimas histórias seriam contadas e haveria dança em meio às chamas de muitas fogueiras – com ou sem chuva. Pela manhã, os escoceses e o seu pessoal se dispersariam de volta para suas casas, espalhadas pelas margens colonizadas do rio Cabo Fear até as montanhas selvagens do oeste – levando as notícias acerca da Proclamação do governador e dos acontecimentos em Hillsborough.

Remexi os dedos dos pés dentro dos sapatos úmidos e me perguntei, inquieta, quem na multidão poderia pensar que era sua obrigação responder ao convite de Hayes para confessar ou incriminar alguém. Não Jamie. Mas poderiam pensar assim. Houvera muito alarde a respeito das revoltas em Hillsborough durante a semana da Reunião, mas nem todos os que ouviam encaravam os revoltosos como heróis, de modo algum.

Eu percebia e ouvia o murmúrio das conversas surgindo depois da Proclamação – cabeças se virando, famílias se reunindo, homens passando de grupo em grupo, conforme o conteúdo do discurso de Hayes ia sendo transmitido colina acima, repetido a quem estava longe demais para ouvir.

– Vamos? Ainda há muito que fazer antes dos casamentos.

– É mesmo? – Jamie olhou para mim. – Pensei que os escravos de Jocasta estivessem cuidando da comida e da bebida. Dei a Ulysses os barris de uísque, ele vai ser o *soghan*.

– Ulysses? Ele trouxe a peruca? – Sorri ao pensar naquilo. O *soghan* era o homem encarregado da distribuição de bebidas e refrescos em um casamento das Terras Altas – o termo significa algo como “homem espalhafatoso e jovial”. Ulysses era possivelmente a pessoa mais digna que eu já tinha visto, mesmo sem a peruca chamativa de crina de cavalo.

– Se ele trouxe, provavelmente vai estar em sua cabeça hoje à noite. – Jamie olhou para o céu e balançou a cabeça. – Feliz é a noiva que o sol ilumina – disse ele. – Feliz é o cadáver sobre o qual a chuva cai.

– É disso que gosto nos escoceses – retruquei de modo seco. – Um provérbio adequado para todas as ocasiões. Não ouse dizer isso na frente da Bree.

– O que acha que eu sou, Sassenach? – perguntou ele, com um meio sorriso para mim. – Sou o pai dela, não sou?

– Definitivamente é. – Reprimi o repentino pensamento sobre o outro pai de Brianna e olhei para trás, para ter certeza de que ela não estava ouvindo.

Não havia sinal de seus cabelos ruivos entre as pessoas próximas. Sendo filha de quem era, media 1,80 metro com sapatos sem salto. Era quase tão fácil localizá-la quanto era localizar Jamie em uma multidão.

– Não é do banquete do casamento que preciso cuidar, a propósito – falei, voltando a olhar para Jamie. – Preciso cuidar do café da manhã e depois atender com Murray MacLeod na clínica pela manhã.

– É mesmo? Pensei que você tivesse dito que o tal do Murray era um charlatão.

– Eu disse que ele era ignorante, teimoso, uma ameaça à saúde pública – eu o corrigi. – Não é a mesma coisa... exatamente.

– Não mesmo – disse Jamie sorrindo. – Você vai educá-lo, então... ou envenená-lo?

– O que me parecer mais eficiente. No mínimo, pode ser que eu pise, sem querer, na lanceta dele e a quebre; provavelmente é a única maneira de fazer com que ele pare de sangrar as pessoas. Mas vamos, estou congelando!

– Sim, vamos – concordou Jamie, olhando para os soldados ainda reunidos na margem do rio em posição de descansar. – Sem dúvida, Archie vai manter seus homens ali até a multidão se dispersar. Eles estão ficando

com as extremidades meio azuladas.

Apesar de estarem completamente armados e uniformizados, a fileira de escoceses estava relaxada; imponente, com certeza, mas não mais ameaçadora. Meninos pequenos – e meninas pequenas também – andavam de um lado a outro entre eles, sacudindo com insolência a barra dos kilts dos soldados ou se precipitando, com atrevimento, a tocar os mosquetes reluzentes, os cantis pendurados e os cabos dos punhais e espadas.

– Abel, *charaid!* – Jamie havia parado para cumprimentar os últimos homens de Drunkard's Creek. – Já comeu hoje?

MacLennan não trouxera a esposa para a Reunião e, portanto, comia onde a sorte o levasse. A multidão se dispersava, mas ele permanecia firme em sua posição, segurando as pontas de um lenço de flanela vermelha sobre a cabeça careca para se proteger da chuva. Provavelmente esperando um convite para tomar café da manhã, pensei com cinismo.

Olhei para seu corpo atarracado, estimando mentalmente a quantidade de ovos, mingau e pão que ele comeria, levando em conta os mantimentos reduzidos que tínhamos. Não que uma simples falta de alimentos impedisse um escocês de oferecer hospitalidade – por certo não Jamie, que estava convidando MacLennan para se juntar a nós, enquanto em minha cabeça eu dividia dezoito ovos por nove pessoas em vez de oito. Não os fritaria, então; em vez disso, prepararia uma fritada com batatas assadas, e era melhor pegar mais café no acampamento de Jocasta enquanto subíamos a montanha.

Nós nos viramos para partir e a mão de Jamie de repente escorregou pelas minhas costas. Emiti um som impróprio, e Abel MacLennan se virou para olhar para mim, espantado. Abri um largo sorriso para ele, lutando contra a vontade de dar mais um chute em Jamie, menos discreto dessa vez.

MacLennan se virou para a frente e subiu a ladeira a nossa frente com rapidez, as pontas do casaco balançando por cima das calças puídas. Jamie apoiou meu cotovelo para me ajudar a subir as rochas e se inclinou para a frente para murmurar no meu ouvido:

– Por que diabo não está usando anáguas, Sassenach? – perguntou. – Não tem nada por baixo da saia... vai morrer de frio!

– Você tem razão – concordei, estremeando, apesar de estar usando a capa. Na verdade, eu estava com uma camisola de linho por baixo do

vestido, mas era uma peça fina e puída, adequada para um acampamento no verão, mas não o suficiente para me proteger do vento frio de inverno que soprava através da minha saia como se ela fosse de gaze.

– Você estava usando anáguas de lã ontem. O que aconteceu com elas?

– Você não vai querer saber – garanti.

Ele ergueu as sobrancelhas ao ouvir isso, mas antes que pudesse fazer mais perguntas, ouvimos um grito vindo de trás de nós.

– Germain!

Eu me virei e vi uma cabecinha loura de cabelos esvoaçantes cujo dono vinha descendo a toda a encosta abaixo das rochas. Germain, de 2 anos, havia se aproveitado da preocupação da mãe com a irmã recém-nascida para escapar e correr até os soldados. Fugindo, descia a encosta íngreme correndo e ganhava velocidade.

– Fergus! – gritou Marsali. O pai de Germain, ao ouvir seu nome, desviou a atenção da conversa a tempo de ver o filho tropeçar em uma pedra e voar de cabeça. Acrobata nato, o menininho não fez nenhum movimento para se salvar, mas caiu de modo gracioso, rolando como um tatu-bola quando um de seus ombros tocou o gramado. Continuou rolando pelas fileiras de soldados como uma bala de canhão, foi lançado da beirada de uma rocha e caiu dentro do riacho, espirrando água.

Todos arfaram assustados, e várias pessoas desceram a colina correndo para ajudar, mas um dos soldados já tinha corrido até a margem. Ajoelhado, ele enfiou o cano da baioneta em meio às roupas flutuantes do menino e o puxou, todo encharcado, para a terra.

Fergus correu para dentro da água congelante e estendeu os braços para pegar o filho.

– *Merci, mon ami, mille merci beaucoup* – disse ele ao jovem soldado. – *Et toi, toto* – continuando, chacoalhando de leve o filho ensopado. – *Comment ça va*, seu pequeno desatinado?

O soldado parecia assustado, mas eu não sabia dizer se era devido ao dialeto desconhecido de Fergus ou ao gancho reluzente que ele usava no lugar da mão esquerda.

– Tudo bem, senhor – disse ele com um sorriso tímido. – Ele não se feriu, acredito.

Brianna apareceu de repente de trás de uma castanheira, com Jemmy, de seis meses, sobre um dos ombros, e tomou a bebê Joan dos braços de Marsali.

– Pronto, pode me dar a Joanie – disse ela. – Vá cuidar do Germain.

Jamie tirou a capa pesada dos ombros e a colocou sobre os braços de Marsali no lugar do bebê.

– Isso, e diga ao soldado que o salvou para vir compartilhar de nossa fogueira – pediu ele. – Podemos alimentar mais um, Sassenach?

– Claro – respondi, refazendo rapidamente os cálculos mentais. Dezoito ovos, quatro pães amanhecidos para fazer torrada – não, eu precisava guardar um deles para a viagem de volta para casa no dia seguinte –, três dúzias de bolinhos de aveia se Jamie e Roger ainda não os tivessem comido, meio jarro de mel...

O rosto magro de Marsali se iluminou com um sorriso triste, compartilhado por nós três, e então ela se foi, apressando-se para ajudar seus homens molhados e trêmulos.

Jamie a observava se afastar com um suspiro de resignação, quando o vento soprou por dentro das mangas de sua camisa e as estufou com um ruído abafado. Ele cruzou os braços sobre o peito, encolhendo os ombros contra o vento, e sorriu para mim com o canto da boca.

– Bem, acho que vamos congelar juntos, Sassenach. Mas tudo bem. Eu não desejaria viver sem você de qualquer modo.

– Ah – respondi afavelmente. – Você poderia viver nu sobre um iceberg e o derreteria, Jamie Fraser. O que fez com seu casaco e seu tartã? – Ele não estava usando nada além do kilt e da camisa, sapatos e meias, e as maçãs de seu rosto estavam avermelhadas pelo frio, assim como as pontas das orelhas. Quando enfiei novamente a mão na dobra do seu braço, no entanto, vi que ele estava quente como sempre.

– Você não vai querer saber – disse ele, sorrindo, e cobriu minha mão com a palma grande e cheia de calos. – Vamos; estou faminto, quero tomar o café da manhã.

– Espere – falei, me afastando. Jemmy não queria dividir o colo da mãe com outra criança, e resmungava e se contorcia em protesto, o rostinho redondo ficando vermelho de irritação sob a touca de lã azul. Eu estendi os

braços e o peguei do colo de Brianna enquanto ele se debatia sem parar.

– Obrigada, mãe. – Brianna sorriu brevemente, colocando a pequena Joan em uma posição mais segura, apoiada em seu ombro. – Mas tem certeza de que quer segurar esse aí? Esta aqui está mais calma e tem metade do peso.

– Não, tudo bem. Vamos, querido, venha com a vovó. – Eu sorri ao dizer isso, ainda tomada por aquela sensação nova, um misto de surpresa e felicidade por poder ser a avó de alguém. Ao me reconhecer, Jemmy parou de fazer manha e se agarrou a mim como sempre fazia, as mãozinhas gorduchas segurando meus cabelos com força. Desembaraçando os dedos dele, olhei por cima de sua cabeça, mas as coisas lá embaixo pareciam sob controle.

Fergus, com as calças e as meias ensopadas, a capa de Jamie sobre os ombros, ajeitava a frente da camisa com uma das mãos, dizendo algo ao soldado que tinha salvado Germain. Marsali havia tirado seu *arisaid* e enrolara o menininho nele, seus cabelos louros esvoaçando por baixo do lenço como teias de aranha ao vento.

O tenente Hayes, atraído pelo barulho, espiava pela aba da tenda como um molusco de dentro da concha. Ele olhou para cima e nossos olhares se cruzaram. Fiz um breve aceno e me virei para seguir minha família de volta ao nosso acampamento.

Jamie estava dizendo algo a Brianna em gaélico, enquanto a ajudava a atravessar um trecho pedregoso no caminho a minha frente.

– Sim, estou pronta – disse ela, respondendo em inglês. – Onde está seu casaco, pai?

– Emprestei ao seu marido – respondeu ele. – Não queremos que ele pareça um mendigo no casamento, certo?

Bree riu, afastando uma mecha esvoaçante de cabelos ruivos da boca com a mão livre.

– Melhor um mendigo do que um suicida.

– Um o quê? – Eu os alcancei quando saímos da parte protegida pelas rochas. O vento soprava pelo espaço aberto, açoitando-nos com uma neve fina e grãos de areia, então puxei a touca mais para baixo para cobrir as orelhas de Jemmy e passei o cobertor por cima de sua cabeça.

– Ufa! – Brianna se inclinou sobre a bebê enrolada em seus braços, protegendo-a das rajadas de vento. – Roger estava se barbeando quando os tambores começaram; quase cortou o pescoço. A frente do seu casaco está coberta de manchas de sangue. – Ela olhou para Jamie, os olhos marejados por causa do vento. – Você o viu hoje cedo. Sabe onde ele está agora?

– O rapaz está inteiro – garantiu ele. – Eu disse a ele que fosse conversar com o padre Donahue enquanto Hayes cuidava dos assuntos dele. – Ele lançou um olhar severo para ela. – Você poderia ter me contado que ele não é católico.

– Poderia – respondeu ela, sem se perturbar. – Mas não contei. Isso não é uma questão para mim.

– Se está querendo dizer com essa expressão peculiar que isso não tem importância... – começou Jamie, com a voz um pouco alterada, mas foi interrompido pela chegada do próprio Roger, resplandecente com um kilt de tartã MacKenzie verde e branco, com a faixa combinando por cima do casaco e do colete de Jamie. O casaco servia bem – os dois homens eram grandes, tinham braços compridos e ombros largos, embora Jamie fosse alguns centímetros mais alto – e a lã cinza ficava quase tão bem com os cabelos escuros e a pele morena de Roger quanto com os cabelos avermelhados de Jamie.

– Você está muito bonito, Roger – elogiei. – Onde se cortou? – O rosto dele estava rosado, com a aparência de quem havia acabado de se barbear, mas, tirando isso, não havia marcas.

Roger levava o tartã de Jamie embaixo do braço, um fardo de tartã vermelho e preto. Ele o entregou e inclinou a cabeça, mostrando o corte profundo bem embaixo do queixo.

– Bem aqui. Não foi tão grave, mas sangrou como o diabo. Navalhas não são brincadeira, não é mesmo?

Sobre a ferida já havia se formado uma crosta escura, um corte de cerca de 7 centímetros que ia do canto da mandíbula até a lateral do pescoço. Toquei a pele perto dele de leve. Não estava ruim; a lâmina tinha feito um corte preciso, a pele não necessitava de sutura. No entanto, não era à toa que tinha sangrado muito, parecia mesmo que ele tinha tentado cortar a própria garganta.

– Está meio nervoso esta manhã? – perguntei, provocando. – Não está mudando de ideia, não é?

– Está um pouco tarde para isso – disse Brianna de modo seco, aproximando-se de mim. – Afinal de contas, você tem um filho que precisa de um nome.

– Ele terá tantos nomes que nem saberá o que fazer com eles – Roger garantiu a ela. – Assim como você... sra. MacKenzie.

Brianna corou de leve ao ouvir o nome e sorriu para ele. Roger se inclinou para a frente a fim de beijar a testa dela, pegando o bebê enrolado em seus braços. Um olhar repentino de choque tomou seu rosto quando ele sentiu o peso da criança nos braços e olhou para ela, boquiaberto.

– Não é o nosso – disse Bree, sorrindo diante do susto dele. – É Joan, filha de Marsali. Minha mãe está com Jemmy.

– Graças a Deus – disse ele, segurando a criança com muito mais cuidado. – Pensei que ele tivesse evaporado ou algo assim. – Ele ergueu a criança, cuidadoso, expondo seu rostinho adormecido, e sorriu, como as pessoas sempre faziam ao ver a mecha encaracolada de cabelos castanhos, que se enrolava como a de uma boneca.

– De jeito nenhum – falei, resmungando enquanto segurava um bem nutrido Jemmy, que agora dormia pesado nas próprias cobertas, em uma posição mais confortável. – Acho que ele engordou mais ou menos um quilo na subida. – Eu estava corada por causa do esforço e segurava o bebê um pouco afastado do meu corpo enquanto uma onda repentina de calor fazia meu rosto ruborizar e o suor brotar embaixo dos meus cabelos desgrehados.

Jamie tirou Jemmy do meu colo e o acomodou habilmente embaixo do braço como se fosse uma bola de futebol, com uma das mãos segurando a cabeça do bebê.

– Então, falou com o padre? – perguntou, olhando para Roger com desconfiança.

– Falei – disse Roger, lacônico, respondendo tanto ao olhar quanto à pergunta. – Ele está convencido que eu não sou o Anticristo. Desde que eu concorde que o menino seja batizado como católico, não haverá restrições ao casamento. Eu disse que concordo.

Jamie resmungou em resposta, e eu reprimi um sorriso. Apesar de não ter grandes preconceitos religiosos – ele já havia comandado, combatido e lidado com muitos homens, de todas as religiões –, saber que seu genro era presbiteriano, sem nenhuma intenção de se converter, havia ocasionado alguns comentários.

Bree olhou para mim e abriu um sorriso meio torto, seus olhos se encolhendo em triângulos azuis de um divertimento felino.

– Foi muito inteligente da sua parte não falar sobre religião antes da hora – murmurei, tomando o cuidado de não falar alto demais para que Jamie não me ouvisse. Os dois caminhavam à nossa frente, ainda meio sem jeito, embora a formalidade do comportamento deles fosse bastante prejudicada pelos panos dos bebês que eles carregavam.

Jemmy gritou de repente, mas o avô o ergueu sem parar de andar, e ele se aquietou, os olhos redondos fixos em nós por cima do ombro de Jamie, protegido pelo cobertor. Fiz uma careta para ele, que abriu um enorme sorriso sem dentes.

– Roger queria tocar no assunto, mas eu falei para ele ficar quieto. – Bree mostrou a língua para Jemmy e então fixou um olhar típico de esposa nas costas de Roger. – Eu sabia que o pai não criaria problemas por causa disso se esperássemos para contar um pouco antes do casamento.

Reparei tanto a maneira astuta com que avaliou o comportamento do pai quanto a facilidade com que falava o escocês. Ela se parecia com Jamie muito além das características óbvias dos traços e do tom da pele e dos cabelos; tinha o talento dele para avaliar as pessoas e a mesma facilidade com idiomas. Ainda assim, algo me perturbava, algo que tinha a ver com Roger e com religião...

Já estávamos perto o bastante dos homens para ouvir a conversa deles.

–... sobre Hillsborough – dizia Jamie, inclinando-se na direção de Roger para poder ser ouvido em meio ao vento. – Pedindo informação sobre os revoltosos.

– É mesmo? – Roger parecia ao mesmo tempo interessado e cauteloso. – Duncan Innes vai querer ouvir isso. Ele estava em Hillsborough durante os conflitos, sabia?

– Não. – Jamie parecia mais do que interessado. – Mal me encontrei com

Duncan esta semana. Vou perguntar a ele, talvez, depois do casamento, se ele sobreviver. – Duncan ia se casar com a tia de Jamie, Jocasta Cameron, à noite, e estava nervoso a ponto de ficar prostrado diante dessa perspectiva.

Roger se virou, protegendo Joan do vento com seu corpo enquanto falava com Brianna.

– Sua tia disse ao padre Donahue que ele pode realizar os casamentos na tenda dela. Isso vai ajudar.

– Brrrr! – Bree encolheu os ombros, estremeando. – Ainda bem. Hoje não é um bom dia para se casar ao ar livre.

Uma castanheira enorme acima de nós espalhou uma chuva de folhas amarelas, como se concordasse. Roger parecia um pouco apreensivo.

– Acho que não é bem o casamento que você sonhou – disse ele. – Quando era menina.

Brianna olhou para Roger e abriu um largo e demorado sorriso.

– O primeiro também não foi – disse ela. – Mas gostei mesmo assim.

A pele de Roger não costumava corar, e suas orelhas estavam avermelhadas por causa do frio, de qualquer maneira. Ele abriu a boca como se quisesse responder, viu o olhar penetrante de Jamie e voltou a fechá-la, parecendo envergonhado, mas inegavelmente satisfeito.

– Sr. Fraser!

Eu me virei e vi um dos soldados subindo o morro na nossa direção, os olhos fixos em Jamie.

– Oficial MacNair, ao seu dispor, senhor – disse ele, ofegante ao se aproximar de nós. Inclinou a cabeça. – Vim em nome do tenente, para saber se o senhor faria a gentileza de ir vê-lo em sua tenda. – Ele me viu e se inclinou, de maneira menos abrupta. – Sra. Fraser. Meus cumprimentos, senhora.

– Ao seu dispor, senhor. – Jamie retribuiu o cumprimento do oficial. – Diga ao tenente que peço desculpas, mas tenho deveres a cumprir em outro lugar. – Falou educadamente, mas o oficial olhou para ele com severidade. MacNair era jovem, mas não imaturo; um rápido olhar de compreensão tomou seu rosto sério e magro. A última coisa que um homem ia desejar era ser visto indo até a tenda de Hayes sozinho logo depois de sua Proclamação.

– O tenente solicita a presença do sr. Farquard Campbell, do sr. Andrew

MacNeill, do sr. Gerald Forbes, do sr. Duncan Innes e do sr. Randall Lillywhite, além do senhor.

Os ombros de Jamie relaxaram.

– É mesmo? – disse ele, sério. Então Hayes pretendia consultar os homens poderosos da região: Farquard Campbell e Andrew MacNeill eram grandes proprietários de terras e magistrados locais; Gerald Forbes, um advogado importante de Cross Creek e juiz de paz; Lillywhite era magistrado da corte. E Duncan Innes estava prestes a se tornar o maior proprietário de fazendas da metade ocidental da colônia, por meio de seu futuro casamento com a tia viúva de Jamie. O próprio Jamie não era nem rico nem oficial da Coroa – mas *era* proprietário de um grande, apesar de ainda quase totalmente vazio, terreno no interior.

Ele deu de ombros levemente e apoiou o bebê no outro ombro, acalmando-o.

– Certo. Pois bem. Diga ao tenente que irei assim que seja conveniente.

Sem se deixar intimidar, MacNair fez uma reverência e partiu, presumidamente em busca dos outros cavalheiros de sua lista.

– E qual é o propósito de tudo isso? – perguntei a Jamie. – Oops. – Estiquei a mão e sequei um fio de saliva que descia do queixo de Jemmy antes que ele chegasse à camisa de Jamie. – Mais um dentinho nascendo, é?

– Já tenho todos os dentes – Jamie me garantiu –, e você também, até onde posso ver. Quanto ao que Hayes pode estar querendo comigo, não sei ao certo. E também não pretendo descobrir antes do tempo. – Ele ergueu uma sobrancelha ruiva para mim, e eu ri.

– Ah, e existe certa flexibilidade na palavra “conveniente”, não?

– Eu não disse que seria conveniente para *ele* – observou Jamie. – Mas em relação a sua anágua, Sassenach, e o motivo pelo qual está perambulando pela floresta de traseiro de fora – Duncan, *a charaid!* – O olhar irônico dele se transformou em prazer sincero ao ver Duncan Innes caminhando em nossa direção em meio a um pequeno arvoredado de cornisos desfolhados.

Duncan passou por cima de uma tora caída, processo tornado mais bizarro devido ao fato de ele não ter o braço esquerdo, e chegou até nós, chacoalhando gotículas dos cabelos. Ele já estava vestido para o casamento,

com uma camisa limpa e uma peça de linho engomado por cima do kilt, e um casaco vermelho com detalhes de renda dourada, a manga vazia presa com um broche. Eu nunca tinha visto Duncan tão elegante, e disse isso a ele.

– Ah, bem – disse ele, acanhado. – A srta. Jo fez questão. – Ele se desvencilhou das gotas de chuva assim como do elogio, afastando agulhas secas e pedaços de casca de árvore que tinham grudado em seu casaco ao passar pelos pinheiros.

– Brrr! Um dia horroroso, *Mac Dubh*, sem a menor dúvida. – Ele olhou para o céu e balançou a cabeça. – Feliz da noiva que o sol ilumina. Feliz do cadáver sobre o qual a chuva cai.

– Eu fico me perguntando até que ponto um cadáver pode se sentir feliz – ponderei –, quaisquer que sejam as condições meteorológicas. Mas tenho certeza de que Jocasta vai ficar muito feliz, mesmo assim – acrescentei depressa ao ver uma expressão desorientada tomar conta do rosto de Duncan. – E você também, claro!

– Ah... sim – disse ele, um tanto incerto. – Sim, claro. Agradeço, senhora.

– Quando vi o senhor vindo da mata, pensei que talvez o oficial MacNair estivesse nos seus calcanhares – disse Jamie. – Está indo falar com Archie Hayes, certo?

Duncan pareceu um tanto surpreso.

– Hayes? Não, o que o tenente ia querer comigo?

– Esteve em Hillsborough em setembro, não esteve? Aqui, Sassenach, pegue esse pequeno esquilo. – Jamie parou de falar para me entregar Jemmy, que havia decidido se interessar mais pelos procedimentos e tentava escalar o peito do avô, firmando os dedos dos pés e emitindo grunhidos. A atividade repentina, no entanto, não foi o principal motivo para Jamie se livrar do bebê, como descobri quando peguei Jemmy no colo.

– Muito obrigada – falei, torcendo o nariz. Jamie sorriu para mim e guiou Duncan caminho acima, retomando a conversa.

– Humm – murmurei, cheirando com cuidado. – Acabou? Ah, imaginei que não.

Jemmy fechou os olhos, ficou muito vermelho e emitiu um ruído como o de uma rajada de metralhadora abafada. Eu o desenrolei o bastante para

dar uma olhada em seu traseiro.

– Nossa! – exclamei, e desenrolei rapidamente o cobertor, bem a tempo.

– *O que* sua mãe tem dado a você?

Alegre por ter se livrado dos cueiros, Jemmy agitou as pernas como um moinho, fazendo com que uma substância amarelada e nojenta vazasse pelas laterais da fralda.

– Credo! – limitei-me a dizer e, segurando-o à frente do corpo, parti em direção a um dos pequenos regatos que serpeavam pela encosta da montanha, pensando que apesar de poder me virar sem algumas facilidades, como encanamento e motores, havia momentos em que eu sinceramente sentia falta de coisas como calças plásticas com elásticos nas pernas. Isso sem falar dos rolos de papel higiênico.

Encontrei um bom local à beira do riacho, com uma cobertura espessa de folhas mortas. Eu me ajoelhei, estendi minha capa e coloquei Jemmy sobre ela apoiado nas mãos e nos joelhos, tirando o pano sujo sem me dar ao trabalho de abrir o alfinete.

– Iiiii! – exclamou, surpreso ao sentir o ar frio. Contraíu o bumbum gordinho e se encolheu como uma perereca cor-de-rosa.

– Ah! – retruquei. – Se você acha que um ventinho frio no traseiro é ruim, espere só. – Peguei um punhado de folhas amareladas e úmidas e o limpei depressa. Como era uma criança bastante estoica, ele se contorceu e se remexeu, mas não gritou, apenas aumentou o volume do “iiii” enquanto eu limpava as dobrinhas.

Eu o virei e, com uma mão posicionada por garantia sobre a zona de perigo, dispensei tratamento similar a suas partes íntimas, o que fez com que ele abrisse um enorme sorriso sem dentes.

– Ah, você *é* mesmo um homem das Terras Altas, hein? – comentei, sorrindo para ele.

– E o que exatamente você quis dizer com esse comentário, Sassenach? – Olhei para a frente e vi Jamie recostado em uma árvore do outro lado do riacho. As cores vibrantes de seu tartã e do linho branco se destacavam contra a folhagem desbotada de outono; mas o rosto e os cabelos faziam com que ele parecesse uma criatura da floresta, bronze e vermelho, o vento remexendo seus cabelos de modo que as pontas dançavam como as folhas

de bordo acima.

– Bem, aparentemente ele não se abala com o frio e com a umidade – respondi, concluindo meu trabalho e descartando o punhado de folhas sujas. – Além disso... bem, não lidei com muitos meninos antes, mas isso não é um tanto precoce?

Um dos cantos da boca de Jamie se curvou ao ver o panorama revelado sob a minha mão. O pequeno membro estava duro como meu polegar e praticamente do mesmo tamanho.

– Ah, não – disse ele. – Já vi muitos garotinhos nus. Todos fazem isso de vez em quando. – Ele deu de ombros, e o sorriso se alargou. – Agora, se isso acontece apenas com rapazinhos *escoceses*, não sei dizer...

– Um talento aperfeiçoado com a idade, ousou dizer – respondi de modo seco. Joguei o pano sujo por cima do curso de água, e ele caiu aos pés de Jamie fazendo barulho. – Tire os alfinetes e lave isso, sim?

Seu nariz comprido e afilado se enrugou um pouco, mas ele se ajoelhou sem demora e pegou cuidadosamente o pano imundo com dois dedos.

– Ah, então foi *isso* que você fez com sua anágua – disse ele.

Eu havia aberto o grande bolso que usava pendurado na cintura e tirara lá de dentro um retângulo de tecido limpo e dobrado. Não o linho cru do pano na mão dele, mas uma flanela grossa, macia e lavada com frequência, tingida de vermelho claro por causa do suco de groselhas.

Eu dei de ombros, dei uma olhada em Jemmy para ver se havia novas explosões e o coloquei sobre a fralda nova.

– Com três bebês usando fraldas, e o tempo úmido demais para que as peças sequem direito, ficamos sem panos limpos. – Os arbustos ao redor da clareira onde havíamos montado nosso acampamento familiar estavam tomados por roupas estendidas, a maioria delas ainda molhada, devido ao clima inoportuno.

– Tome. – Jamie se esticou por cima dos cerca de 30 centímetros do curso de água pontuado de pedras para me entregar os alfinetes retirados da outra fralda. Eu os peguei com cuidado para não os derrubar na água. Meus dedos estavam enrijecidos de frio, mas os alfinetes eram valiosos. Bree os havia feito com ferro aquecido, e Roger entalhara as extremidades em madeira, de acordo com os desenhos dela. Alfinetes perfeitamente bons,

ainda que um pouco maiores e mais arcaicos do que as versões modernas. O único defeito era a cola usada para grudar as pontas de madeira ao ferro – feita com nata de leite e aparas de casco, não era à prova d'água, e as pontas tinham que ser coladas de novo com frequência.

Dobrei a fralda com firmeza em torno da barriga de Jemmy e passei um alfinete pelo tecido, sorrindo ao ver a ponta de madeira. Bree pegara um conjunto e entalhara um sapinho engraçado, com um sorriso largo e sem dentes.

– Certo, Sapinho, vamos lá.

Com a fralda presa, eu me sentei e o coloquei no meu colo, ajeitando suas roupas e tentando envolvê-lo de novo no cobertor.

– Cadê o Duncan? – perguntei. – Foi falar com o tenente?

Jamie balançou a cabeça, concentrado em sua tarefa.

– Eu disse a ele que não fosse ainda. Ele *estava* em Hillsborough durante as perturbações que houve lá. É melhor que ele espere um pouco; e então, se Hayes perguntar, ele pode jurar sinceramente que não há nenhum homem aqui que tenha participado das revoltas. – Ele olhou para cima e sorriu, sem humor. – Não vai haver, quando cair a noite.

Observei as mãos dele, grandes e fortes, torcendo o pano lavado. As cicatrizes em sua mão direita normalmente eram quase invisíveis, mas agora se destacavam, linhas brancas irregulares contra a pele avermelhada pelo frio. A situação toda me deixava meio intranquila, apesar de aparentemente não haver conexão direta conosco.

Durante a maior parte do tempo, eu pensava no governador Tryon com nada além de uma leve sensação de nervosismo. Afinal, ele estava em segurança em seu novo palácio em New Bern, separado de nosso pequeno povoado na Cordilheira dos Frasers por 500 quilômetros de cidades costeiras, fazendas, florestas de pinheiros, contrafortes, montanhas virgens e grandes ermos selvagens. Com todas as coisas com as quais ele tinha que se preocupar, como os autointitulados “reguladores” que tinham aterrorizado Hillsborough, e os xerifes e juízes corruptos que tinham provocado o terror, eu acreditava que ele dificilmente teria tempo para pensar em nós. Eu esperava que não.

Entretanto, perdurava o fato desconfortável de que Jamie tinha o título

de propriedade de um grande lote de terra nas montanhas da Carolina do Norte, como presente do governador Tryon – e Tryon, por sua vez, guardava um fato trivial, porém importante, na manga: Jamie era católico. E as concessões reais de terra só podiam ser feitas a protestantes, segundo a lei.

Devido ao pequeno número de católicos na colônia, e à falta de organização entre eles, a questão da religião raramente era problema. Não havia igrejas católicas, nem padres residentes católicos; o padre Donahue havia feito a árdua viagem de Baltimore até lá a pedido de Jocasta. A tia de Jamie e seu falecido marido, Hector Cameron, tinham sido influentes na comunidade escocesa local durante tanto tempo que ninguém pensaria em questionar seus antecedentes religiosos, e eu acreditava que poucos dos escoceses com os quais vínhamos celebrando a semana toda sabiam que éramos católicos.

Mas era provável que logo percebessem. Bree e Roger, que estavam unidos de acordo com as tradições escocesas havia um ano, seriam casados pelo sacerdote naquela noite, juntamente com dois outros casais católicos de Bremerton – além de Jocasta e Duncan Innes.

– Archie Hayes – falei repentinamente. – Ele é católico?

Jamie pendurou o pano molhado e balançou as mãos para tirar a água.

– Não perguntei a ele – respondeu –, mas acredito que não. Quer dizer, o pai dele não era; eu me surpreenderia se ele fosse, ainda mais sendo oficial.

– Verdade. – As desvantagens de ser escocês, pobre e ex-jacobita já eram desconcertantes o suficiente. Era incrível que Hayes tivesse superado essas condições e chegado à posição que ocupava no momento, sem o peso extra do catolicismo.

O que me perturbava, no entanto, não era o tenente Hayes e seus homens – eu me preocupava com Jamie. Por fora, ele estava calmo e decidido como sempre, com aquele leve sorriso guardado no canto da boca. Mas eu o conhecia muito bem; eu tinha visto os dois dedos rígidos de sua mão direita – aleijados em uma prisão inglesa – se crisparem contra a lateral de sua perna enquanto contava piadas e casos a Hayes na noite anterior. Mesmo naquele momento, eu podia ver a linha fina que se formava entre suas sobrancelhas quando ele estava perturbado, e não era preocupação em relação ao que ele estava fazendo.

Seria apenas preocupação com a Proclamação? Eu não via motivo para isso, já que nenhum dos nossos havia se envolvido nas revoltas de Hillsborough.

–... um presbiteriano – ele estava dizendo. Olhou para mim com um sorriso forçado. – Como o Roger.

A lembrança que havia me ocorrido mais cedo de repente se encaixou.

– Você sabia... – comecei. – Você *sabia* que Roger não era católico. Você o viu batizar aquela criança em Snaketown, quando ele... o tomou dos índios. – Tarde demais, vi uma sombra atravessar seu rosto, e morde minha língua. Quando pegamos Roger e deixamos no lugar dele o amado sobrinho de Jamie, Ian.

Uma sombra atravessou seu rosto por um momento, mas ele sorriu, afastando a lembrança de Ian.

– Sim, eu sabia – disse ele.

– Mas a Bree...

– Ela se casaria com ele mesmo que ele fosse um hotentote – acrescentou ele, para minha surpresa.

– Você não?

Jamie deu de ombros e passou por cima do córrego para o meu lado, secando as mãos molhadas na barra do tartã.

– Ele é um bom rapaz, e é generoso. Assumi o pequeno como filho e não disse uma palavra à moça a esse respeito. Não é nada além do que um homem deveria fazer... mas nem todo homem faria o que ele fez.

Olhei involuntariamente para Jemmy, que estava aconchegado em meus braços. Eu tentava não pensar nisso, mas não conseguia evitar, de vez em quando, procurar em seus traços um sinal qualquer que revelasse quem era seu pai de verdade.

Brianna tinha se unido a Roger, tinha passado uma noite com ele e então, dois dias depois, fora estuprada por Stephen Bonnet. Não havia como saber ao certo quem era o pai, e até aquela ocasião, Jemmy não dava sinais de se parecer nem um pouco com nenhum dos dois. No momento, ele enfiava a mão inteira na boca, com uma careta voraz de concentração, e com seus cabelinhos dourado-avermelhados, não se parecia com ninguém tanto quanto se parecia com Jamie.

– Hum. Então, por que tanta insistência para que Roger fosse testado por um sacerdote?

– Bem, eles vão se casar, de qualquer modo – disse ele logicamente. – Mas quero que o menino seja batizado católico. – Ele encostou a mão enorme na cabeça de Jemmy, alisando com o polegar as pequenas sobranceiras ruivas. – Então, se eu fizesse um alarde em relação a MacKenzie, achei que eles concordariam com esse *gille ruaidh*, não?

Eu ri e cobri as orelhas de Jemmy com uma ponta do cobertor.

– E eu achei que Brianna já tinha entendido você.

– Ela também acha – disse ele, sorrindo. Ele se inclinou repentinamente e me beijou.

Seus lábios estavam macios e muito quentes. O gosto era de pão com manteiga, e o cheiro, de folhas frescas e falta de banho, com um leve toque do conteúdo da fralda.

– Ah, isso é bom – falei com aprovação. – Faça de novo.

A floresta ao nosso redor estava tranquila, como sempre. Nenhuma ave, nenhum bicho, apenas o farfalhar de folhas acima e o correr da água a nossos pés. Movimento constante, som constante – e, no centro de tudo, perfeita paz. Havia muitas pessoas na montanha, e a maioria delas não estava muito longe – mas ali, naquele momento, era como se estivéssemos sozinhos em Júpiter.

Abri os olhos e suspirei, sentindo o gosto de mel. Jamie sorriu para mim e tirou uma folha amarela que estava presa nos meus cabelos. O bebê estava em meus braços, um fardo quente e pesado, o centro do Universo.

Nenhum de nós falou, não queríamos perturbar aquela quietude. Era como estar na extremidade de um pião, pensei – um turbilhão de coisas e pessoas rodopiando a toda volta, e um passo em uma direção ou em outra nos lançaria de novo naquele furor giratório, mas ali, bem no centro, havia paz.

Estendi a mão e tirei sementes de bordo do ombro dele. Ele segurou minha mão e a levou aos lábios com uma determinação repentina que me surpreendeu. E, ainda assim, os lábios dele eram suaves, a ponta da língua quente contra a parte macia da base de meu polegar – monte de Vênus, é como se chama, o assento do amor.

Ele levantou a cabeça e eu senti o arrepio repentino em minha mão onde a antiga cicatriz aparecia branca como osso. Uma letra “J”, gravada na pele, a marca dele em mim.

Ele encostou a mão em meu rosto e eu a apertei ali com a minha, como se eu pudesse sentir o “C” esmaecido que ele tinha na palma da mão contra a pele fria do meu rosto. Não dissemos nada, mas a promessa foi feita, como já a tínhamos feito uma vez antes, em um lugar sagrado, nossos pés sobre um pedaço de leito rochoso nas areias movediças da ameaça de guerra.

Não estava perto, não ainda, mas eu ouvia sua aproximação no som dos tambores e da Proclamação, eu a ouvia no brilho do aço, eu sentia o medo dela no coração e nos ossos quando olhava nos olhos de Jamie.

O arrepio tinha passado, e o sangue quente latejava na minha mão como se fosse reabrir a cicatriz antiga e derramar o sangue do meu coração por ele mais uma vez. A guerra viria, e eu não podia impedir.

Mas dessa vez eu não o deixaria.

Segui Jamie para fora da mata, atravessei rochas, areia e grama até o caminho batido que levava para cima, para o nosso acampamento. Eu estava fazendo contas mentalmente, reajustando o que seria necessário para o café da manhã mais uma vez depois de Jamie me contar que tinha convidado mais duas famílias para comer conosco.

– Robin McGillivray e Geordie Chisholm – disse ele, segurando um galho para que eu passasse. – Achei que devíamos fazer com que se sintam bem-vindos; eles querem vir e se estabelecer na Cordilheira dos Frasers.

– É mesmo? – perguntei, abaixando-me quando o galho foi solto atrás de mim. – Quando? E quantos são?

Essas perguntas eram importantes. Estávamos perto do inverno – perto demais para sequer pensar em construir mesmo a cabana mais improvisada para servir de abrigo. Quem quer que fosse para as montanhas agora provavelmente teria que morar conosco na casa grande, ou teria que se acomodar em uma das pequenas cabanas dos colonos que pontuavam as montanhas. Os escoceses podiam viver, viviam e viveriam em grupos de dez por cômodo quando necessário. Com meu senso de hospitalidade inglês menos desenvolvido, eu torcia para que não fosse preciso.

– Seis McGillivrays e oito Chisholms – respondeu Jamie, sorrindo. – No entanto, os McGillivrays virão na primavera. Robin é armeiro, vai ter que trabalhar em Cross Creek durante o inverno, e sua família ficará com parentes em Salem, a mulher dele é alemã, até o tempo esquentar.

– Ah, que bom. – Mais catorze para o café da manhã, então, além de Jamie e eu, Roger e Bree, Marsali e Fergus, Lizzie e o pai dela, Abel MacLennan, não podia me esquecer dele, ah, e o soldado que havia resgatado Germain, eram 24...

– Vou pegar café e arroz emprestados com a minha tia. – Jamie tinha notado minha expressão cada vez mais preocupada. Ele sorriu e estendeu os braços para pegar o bebê. – Dê-me o rapazinho. Vamos fazer umas visitas e deixaremos seus braços livres para cozinhar.

Eu observei os dois se afastarem com uma leve sensação de alívio. Sozinha, ainda que por alguns instantes. Inspirei profundamente o ar úmido, notando a chuva que batia de leve no meu capuz.

Eu adorava reuniões e ocasiões sociais, mas era obrigada a admitir que a tensão da companhia permanente por dias a fio me dava nos nervos. Depois de uma semana de visitas, fofocas, atendimentos médicos diários e das pequenas mas constantes crises que fazem parte de viver em meio a dificuldades com grandes grupos familiares, eu estava pronta para me enfiar em um buraco embaixo de um tronco de árvore apenas para conseguir ter quinze minutos de privacidade.

Naquele momento, no entanto, pareceu que eu não precisaria me dar ao trabalho. Ouvi gritos, chamados e o som da gaita de folos vindo do alto da montanha. Perturbada pela Proclamação do governador, a Reunião estava retomando o ritmo normal, e todos voltavam para suas famílias, para a clareira onde aconteciam as competições, para os locais onde eram mantidos os animais, além do riacho, ou para os vagões montados para vender de tudo, desde fitas e leiteiras a pilões e limões frescos – bem, relativamente frescos. Ninguém precisava de mim naquele momento.

O dia seria muito agitado, e talvez aquela fosse minha única chance de ficar sozinha em uma semana ou mais – a viagem de volta demoraria pelo menos o mesmo tempo, deslocando-nos lentamente com um grupo grande, que incluía bebês e carroças. A maioria dos novos arrendatários não tinha

cavalos nem mulas, e teria que viajar a pé.

Eu precisava de um momento para mim, a fim de recuperar minhas forças e focar minha mente. O pouco foco que tinha, no entanto, não estava voltado para a logística do café da manhã nem dos casamentos, nem mesmo para os atendimentos médicos que eu ia fazer. Eu pensava ainda mais adiante, depois da viagem, desejava chegar em casa.

Nosso vilarejo ficava no topo das montanhas a oeste, muito além de qualquer cidade – ou mesmo de estradas abertas. Remotos e isolados, recebíamos poucos visitantes. Havia poucos moradores também, apesar de a população estar crescendo; mais de trinta famílias tinham chegado para se estabelecer nas terras concedidas a Jamie, sob sua responsabilidade. A maioria delas era de homens que ele conhecera na prisão, em Ardsmuir. Pensei que Chisholm e McGillivray pudessem ser ex-prisioneiros também; Jamie havia feito um convite permanente a esses homens, e o manteria, não importavam os custos envolvidos em prestar ajuda a eles – ou se podia assumi-los.

Um corvo passou voando em silêncio, lento e pesado, as asas sobrecarregadas pela chuva. Os corvos eram aves de presságio; eu me perguntei se aquele significava uma coisa boa ou ruim. Era raro ver um pássaro voando naquele clima – devia ter algum significado especial.

Bati com a palma da mão na testa, tentando tirar a superstição da cabeça. Viver com os escoceses por tanto tempo fazia com que toda rocha e toda árvore tivessem algum significado!

Mas talvez tivessem mesmo. Havia pessoas por toda parte ao meu redor na montanha, eu sabia, e ainda assim me sentia muito sozinha, protegida pela chuva e pela neblina. O tempo ainda estava frio, mas eu não. O sangue latejava próximo à superfície da minha pele, e eu senti o calor subir até as minhas palmas. Estendi a mão para tocar o pinheiro ao meu lado, gotas de chuva tremulando em cada agulha, o casco da árvore escurecido por causa da água. Senti o aroma do pinheiro e deixei a água tocar minha pele, fria como vapor. A chuva caía silenciosa ao meu redor, molhando minhas roupas até elas se grudarem suavemente ao meu corpo como nuvens sobre a montanha.

Certa vez Jamie me disse que tinha que viver em uma montanha, e agora

eu sabia o motivo – apesar de não ser capaz de traduzi-lo em palavras. Todos os meus pensamentos desordenados se acalmaram enquanto eu ouvia a voz das rochas e das árvores – e ouvia o sino da montanha tocar uma vez, em algum lugar profundo abaixo dos meus pés.

Eu poderia ter ficado nesse transe por um tempo, esquecendo-me totalmente do café da manhã, mas as vozes das rochas e das pedras silenciaram e desapareceram com o bater de pés no caminho próximo.

– Sra. Fraser.

Era Archie Hayes, resplandecente com boina e espada, apesar da umidade. Se ficou surpreso ao meu ver de pé no caminho, sozinha, não demonstrou, mas inclinou a cabeça em um cumprimento cortês.

– Tenente. – Eu me inclinei, sentindo o rosto corar como se ele tivesse me flagrado no meio do banho.

– Seu marido está por perto, senhora? – perguntou ele, a voz casual.

Apesar de meu desconforto, senti uma pontada de cautela. O jovem oficial MacNair viera à procura de Jamie, sem sucesso. Se a montanha tinha ido até Maomé agora, o assunto não era casual. Será que Hayes tencionava arrastar Jamie para algum tipo de caça às bruxas contra os reguladores?

– Acredito que sim. Não sei exatamente *onde* – respondi, esforçando-me para não olhar para o alto da montanha, para o ponto onde o pico de lona da grande tenda de Jocasta se destacava entre as castanheiras.

– Ah, imagino que ele esteja muito ocupado – disse Hayes, à vontade. – Um homem como ele tem muito que fazer, e hoje é o último dia da Reunião.

– Sim. Acredito que... hum... sim.

A conversa terminou, e me vi em um estado de desconforto cada vez maior, perguntando-me como diabos ia escapar sem convidar o tenente para o café da manhã. Nem mesmo uma inglesa conseguiria sair impune da grosseria de não oferecer comida sem um comentário animado.

– Hum... o cabo MacNair disse que o senhor também queria falar com Farquard Campbell – falei, agarrando o touro pelos chifres. – Talvez Jamie tenha ido falar com ele. Com o sr. Campbell, quero dizer. – Acenei esperançosa em direção ao acampamento da família Campbell, que ficava no lado oposto da encosta da montanha, a quase 500 metros do acampamento de Jocasta.

Hayes piscou e gotas escorreram de seus cílios e desceram por seu rosto.

– Sim – disse ele. – Talvez seja isso. – Ele permaneceu ali mais um tempo, e em seguida inclinou o chapéu para mim. – Bom dia, senhora. – Virou-se para subir em direção à tenda de Jocasta. Eu fiquei observando enquanto ele partia, qualquer sensação de paz destruída.

– Maldição – falei baixinho, e fui cuidar do café da manhã.

PÃES E PEIXES

Havíamos escolhido um local bem longe do caminho principal, mas situado em uma clareira pequena e cheia de pedras com uma boa vista das amplas margens do rio lá embaixo. Olhando lá para baixo em meio aos arbustos de azevinho, eu podia ver a movimentação dos tartãs verdes e pretos enquanto os últimos soldados se dispersavam. Archie Hayes incentivara seus homens a se misturar com as pessoas da Reunião, e a maioria obedeceu de bom grado.

Eu não sabia ao certo se essa política de Archie era motivada por malícia, penúria ou simplesmente humanitarismo. Muitos dos soldados dele eram jovens, afastados de casa e da família; ficavam felizes com a chance de ouvir vozes escocesas de novo, de serem recebidos em torno de um fogo acolhedor, onde lhes eram oferecidos pão e mingau e eles podiam aproveitar o calor momentâneo da familiaridade.

Quando saí do meio das árvores, vi que Marsali e Lizzie estavam atarantadas em torno do jovem soldado que tinha retirado Germain do riacho. Fergus permanecia perto do fogo, o vapor subindo de suas roupas molhadas, murmurando em francês enquanto esfregava a cabeça de Germain depressa com uma toalha usando apenas uma das mãos. Seu gancho prendia o ombro do garotinho para mantê-lo no lugar, e a cabeça de cabelos loiros balançava de um lado para outro, o rosto de Germain muito tranquilo, totalmente alheio à repreensão do pai.

Nem Roger nem Brianna estavam à vista, mas fiquei alarmada ao ver Abel MacLennan sentado no lado oposto da clareira, mordiscando um pedaço de pão torrado em um graveto. Jamie já havia voltado com os mantimentos emprestados, que desembrulhava no chão ao lado da fogueira. Estava com o cenho franzido, que se abriu em um sorriso ao me ver.

– Aí está você, Sassenach! – exclamou ele, levantando-se. – Por que demorou?

– Ah... encontrei um conhecido no caminho – respondi, com um olhar significativo em direção ao jovem soldado. Ficou claro que não foi significativo o suficiente, já que Jamie franziu a testa, confuso.

– O tenente está à sua procura – falei, inclinando-me para perto dele.

– Bem, eu *sei* disso, Sassenach – disse ele, com um tom de voz normal. – Ele vai me encontrar logo.

– Sim, mas... aham.

Pigarreei e ergui as sobrancelhas, olhando de modo contundente de Abel MacLennan para o jovem soldado. As noções de hospitalidade de Jamie não permitiam que seus convidados fossem arrastados para fora de sua casa, e imagino que o mesmo princípio pudesse ser aplicado a seu acampamento. O jovem soldado podia achar estranho prender MacLennan, mas eu tinha certeza de que o tenente não hesitaria dessa maneira.

Jamie parecia estar se divertindo. Erguendo as sobrancelhas, ele pegou meu braço e me levou até o jovem.

– Minha querida – disse ele com formalidade –, permita que eu lhe apresente o soldado Andrew Ogilvie, do vilarejo de Killburnie. Soldado Ogilvie, minha esposa.

O soldado Ogilvie, um rapaz com sardas no rosto e cabelos escuros e encaracolados, corou e fez uma reverência.

– Seu servo, senhora!

Jamie apertou de leve o meu braço.

– O soldado Ogilvie estava me contando que o regimento está indo para Portsmouth, na Virgínia, de onde pegarão um navio para a Escócia. Imagino que ficará feliz em voltar para casa, rapaz!

– Ah, sim, senhor! – disse ele com animação. – O regimento vai se dispersar em Aberdeen, e então irei para casa tão depressa quanto minhas pernas puderem me levar!

– O regimento vai se dispersar? – perguntou Fergus, aproximando-se para participar da conversa, com uma toalha ao redor do pescoço e Germain nos braços.

– Sim, senhor. Com os franceses dominados... perdoe-me, senhor... e os

índios em segurança, não temos mais nada a fazer aqui, e a Coroa não vai nos pagar para ficar em casa à toa – disse o rapaz com pesar. – A paz é algo bom, de modo geral, e fico feliz com ela, claro. Mas não há como negar que é difícil para um soldado.

– Quase tão difícil quanto a guerra, não? – disse Jamie de modo seco.

O rapaz corou; por ser muito jovem, não devia ter visto muito em termos de confronto de verdade. A Guerra dos Sete Anos havia terminado quase dez anos antes – época em que o soldado Ogilvie certamente ainda era um garotinho descalço em Killburnie.

Ignorando o constrangimento do rapaz, Jamie se virou para mim.

– O rapaz me disse que o regimento 77 é o último existente nas Colônias – acrescentou.

– O último regimento das Terras Altas? – perguntei.

– Não, senhora, o último das tropas comuns da Coroa. Há as guarnições aqui e ali, acredito, mas todos os regimentos foram chamados de volta para a Inglaterra ou para a Escócia. Somos o último, e estamos atrasados também. Pretendíamos partir de Charleston, mas as coisas ficaram ruins por lá, então estamos indo para Portsmouth agora, o mais depressa que conseguirmos. Estamos no fim do ano, mas o tenente soube de um barco que pode arriscar a travessia para nos levar. Se não... – Ele deu de ombros, filosofando com seriedade. – Então, teremos de passar o inverno em Portsmouth, acredito, e nos virar como pudermos.

– Então, a Inglaterra pretende nos deixar desprotegidos? – Marsali parecia chocada diante dessa ideia.

– Ah, não acredito que haja grande perigo, senhora – garantiu o soldado Ogilvie. – Lidamos com os franceses de uma vez por todas, e os índios não farão muito sem os franceses para atirá-los. Tudo está em paz já há um bom tempo, e sem dúvida continuará assim.

Pigarreei baixinho, e Jamie apertou meu cotovelo de leve.

– Então não pensaram em ficar, talvez? – Lizzie estava descascando e grelhando batatas enquanto ouvia o que dizíamos; colocou a tigela de batatas cortadas ao lado do fogo e começou a passar banha na grelha. – Ficar nas Colônias, quero dizer. Ainda há muita terra a ser ocupada, a oeste.

– Ah. – O soldado Ogilvie olhou para ela, com o colo branco debruçado

modestamente sobre o trabalho, e ele corou de novo. – Bem, devo dizer que ouvi perspectivas piores, senhorita. Mas devo ir com meu regimento, receio.

Lizzie pegou dois ovos e os quebrou com cuidado na borda da tigela. Seu rosto, normalmente pálido como o trigo, estava levemente corado, lembrando a cor do rosto do soldado.

– Ah, é uma pena que tenham que partir tão cedo – comentou ela. As mechas loiras desciam por seu rosto. – Mas não os mandaremos embora de estômago vazio.

As orelhas do soldado Ogilvie ficaram levemente coradas.

– Isso é... muito gentil de sua parte, senhorita. Muito gentil mesmo.

Lizzie olhou para cima com timidez e corou ainda mais.

Jamie tossiu suavemente e pediu licença para se retirar, levando-me para longe do fogo.

– Cristo – disse ele baixinho, inclinando-se para que eu pudesse ouvi-lo. – E ela é mulher há menos de um dia! Andou dando aulas a ela, Sassenach, ou as mulheres nascem assim?

– Talento natural, acredito – respondi, circunspecta.

A inesperada menarca de Lizzie depois do jantar na noite anterior tinha sido a gota d'água no que dizia respeito aos panos limpos, e o que me fez ter de sacrificar minha anágua. Lizzie, naturalmente, não tinha toalhas higiênicas, e eu não queria ter de forçá-la a compartilhar as fraldas dos bebês.

– Hum, acho que é melhor eu começar a procurar um marido para ela então – disse Jamie com resignação.

– Um marido! Por quê? Ela só tem 15 anos!

– É mesmo?

Ele olhou para Marsali, que secava os cabelos escuros de Fergus com a toalha, e então para Lizzie e seu soldado, e ergueu uma das sobrancelhas para mim de maneira cínica.

– Sim, senhor – retruquei, um pouco irritada. Tudo bem, Marsali *tinha* apenas 15 anos quando se casou com Fergus. Mas isso não significava...

– A questão é que – continuou Jamie, esquecendo Lizzie por um momento – o regimento parte para Portsmouth amanhã; eles não têm tempo nem disposição para lidar com esse assunto em Hillsborough. Essa

preocupação é do Tryon.

– Mas o que Hayes disse...

– Ah, se alguém disser qualquer coisa a ele, tenho certeza de que vai mandar os depoimentos para New Bern, mas quanto a ele, imagino que não se importará se os reguladores ateaem fogo ao palácio do governador, desde que não atrasem sua partida.

Respirei fundo, aliviada. Se Jamie estivesse certo, a última coisa que Hayes faria seria tomar prisioneiros, independentemente das evidências que tivesse em mãos. Então MacLennan estava protegido.

– Mas o que você acha que Hayes quer com você e com os outros, então? – perguntei, inclinando-me para procurar outro pão em um dos cestos. – Ele *está* a sua caça, pessoalmente.

Jamie olhou para trás como se esperasse que o tenente aparecesse a qualquer momento do meio dos arbustos de azevinho. Como a vegetação permaneceu intacta, ele se virou para mim, franzindo o cenho levemente.

– Não sei – disse ele balançando a cabeça –, mas não tem nada a ver com essa questão do Tryon. Se fosse isso, talvez tivesse me falado ontem à noite; quer dizer, se ele tivesse alguma coisa a ver com o assunto, *teria* me contado na noite passada – acrescentou. – Não, Sassenach, pode acreditar, os revoltosos não passam de uma obrigação para o pequeno Archie Hayes. Quanto ao que ele quer comigo... – Ele se inclinou sobre mim para passar o dedo na borda do pote de mel –, não vou me preocupar com isso antes do tempo. Tenho mais três barris de uísque e pretendo transformá-los em lâmina de arado, lâmina de ceifadeira, três cabeças de machado, cinco quilos de açúcar, um cavalo e um astrolábio antes do anoitecer. O que é um truque de malabarismo que vai demandar atenção, não é? – Ele passou a ponta melada do dedo em meus lábios, com cuidado, em seguida virou minha cabeça para ele e se inclinou para me beijar.

– Um astrolábio? – perguntei, sentindo o gosto do mel. E o beijei. – Para quê?

– E depois quero ir para casa – sussurrou ele, ignorando a pergunta. Sua testa estava pressionada contra a minha, seus olhos intensamente azuis. – Quero levá-la para a cama, para a *minha* cama. E pretendo passar o resto do dia pensando no que fazer com você assim que levá-la para lá. Então, o

pequeno Archie pode ir brincar de bolinha de gude com as próprias bolas, certo?

– Excelente ideia – respondi. – Pode dizer isso a ele?

Pelo canto do olho, eu tive um vislumbre do verde e do preto de um tartã do outro lado da clareira, mas quando Jamie se endireitou e se virou, vi que o visitante era, na verdade, não o tenente Hayes, mas John Quincy Myers, que vestia um tecido xadrez ao redor da cintura, com as pontas se agitando à brisa.

Isso acrescentou um toque de cor ao esplendor e à elegância de Myers. Muito alto e enfeitado dos pés à cabeça com um chapéu de aba larga com vários alfinetes e uma pena de peru, duas penas de faisão presas em seus cabelos negros e longos, um colete de espinhos secos de porco-espinho sobre uma camisa de contas, o pano que costumava usar sobre a calça, e calças cobertas por uma série de pequenos sinos, não havia como não notar o homem da montanha.

– Amigo James! – John Quincy abriu um largo sorriso ao ver Jamie, e deu um passo à frente com a mão estendida e os sinos tilintando. – Pensei que o encontraria no café da manhã!

Jamie se surpreendeu um pouco com o que viu, mas retribuiu descontraidamente o aperto de mão do homem da montanha.

– Olá, John! Coma conosco.

– Ahn... sim. – Balbuciei, olhando sorrateiramente para o cesto de alimentos. – Junte-se a nós, por favor!

John Quincy fez uma reverência cerimoniosa para mim, tirando o chapéu.

– A seu dispor, senhora, e com prazer. Talvez mais tarde. No momento, vim buscar o sr. Fraser. Precisam dele com certa urgência.

– Quem precisa? – perguntou Jamie com estranheza.

– Robbie McGillivray, foi o nome que me deu. Conhece?

– Sim, conheço. – O que quer que Jamie soubesse sobre McGillivray fez com que ele procurasse algo em um pequeno baú onde guardava as pistolas.

– Qual é o problema?

– Bem. – John Quincy coçou a barba farta enquanto pensava. – Foi a mulher dele que me pediu para buscá-lo, e ela não fala o que podemos

chamar de um bom inglês, então posso ter confundido um pouco as coisas. Mas o que *acho* que ela me disse é que um homem que prende ladrões pegou o filho dela dizendo que o garoto era um dos que participaram das perturbações em Hillsborough, e quer levá-lo para a prisão em New Bern. Mas Robbie disse que ninguém vai levar um filho dele a lugar nenhum, e... bem, depois disso, a pobre mulher ficou tão exaltada que eu não consegui entender mais nada. Mas acredito que Robbie agradecerá se pudesse ir até lá e ajudar a resolver esse caso.

Jamie pegou o casaco verde com manchas de sangue de Roger, que estava pendurado em um galho esperando para ser lavado. Ele o vestiu e enfiou a pistola recém-carregada no cinto.

– Onde? – perguntou ele.

Myers fez um gesto com um dos polegares e se embrenhou nos arbustos, com Jamie logo atrás. Fergus, que ouvia a conversa com Germain no colo, colocou o menino aos pés de Marsali.

– Preciso ajudar o *Grand-père* – disse ele a Germain. Pegou um pedaço de lenha e o colocou nas mãos do menininho. – Fique aqui e proteja a *Maman* e a pequena Joan das pessoas más.

– *Oui, Papa.* – Germain fez uma cara feia sob a franja loura e segurou o pedaço de madeira com força, preparando-se para defender o acampamento.

Marsali, MacLennan, Lizzie e o soldado Ogilvie tinham assistido à conversa com olhos vidrados. Quando Fergus pegou outro pedaço de lenha e se enfiou nos arbustos, o soldado Ogilvie acordou, remexendo-se inquieto.

– Err... – disse ele. – Talvez... eu devesse falar com o meu sargento, não acha, senhora? Se existe a possibilidade de haver algum problema...

– Não, não – respondi depressa.

A última coisa de que precisávamos era que Archie Hayes e seu regimento aparecessem em massa. Pensei que aquele seria o tipo de situação que se beneficiaria muito se permanecesse não oficial.

– Tenho certeza de que tudo ficará bem. Sem dúvida não passa de um mal-entendido. O sr. Fraser vai resolver tudo pessoalmente, não se preocupe.

Enquanto falava, eu dava a volta na fogueira em direção ao local onde estavam meus equipamentos médicos, protegidos da garoa embaixo de uma lona. Enfié a mão por baixo da borda e peguei meu kit de emergência.

– Lizzie, por que não dá ao soldado Ogilvie um pouco de geleia de morango para ele passar na torrada? E estou certa de que o sr. MacLennan gostaria de um pouco de mel no café. Com licença, sr. MacLennan, mas preciso ir e... hum... – Abrindo um sorriso amarelo, passei pela folhagem. Enquanto os galhos farfalhavam atrás de mim, parei para me orientar. Um som fraco de sinos chegou até mim com o vento chuvoso. Virei-me na direção do som e comeci a correr.

Era um bom pedaço. Eu estava sem fôlego e suando devido ao esforço quando cheguei até eles perto do campo de competição. As coisas estavam se encaixando. Eu podia ouvir o murmúrio da conversa que vinha do grupo de homens reunido, mas não ouvia gritos de incentivo nem vaias de decepção ainda. Alguns homens fortes andavam de um lado para outro, com o peito nu e balançando os braços: os “guerreiros” de vários povoados.

A garoa havia recomeçado. A umidade cintilava em ombros curvados e fazia os pelos grudarem na pele pálida de peitos e antebraços. Mas eu não tinha tempo de apreciar o espetáculo. John Quincy passava com habilidade pelos espectadores e competidores, acenando com simpatia para um e outro enquanto caminhava. Do outro lado da multidão, um homem pequeno se afastou da massa e veio nos receber.

– *Mac Dubh!* O senhor veio, então... que bom.

– Sim, irmão Robbie – disse Jamie. – O que podemos fazer?

McGillivray, que parecia claramente atormentado, olhou para os homens e seus apoiadores, então fez um gesto com a cabeça em direção às árvores próximas. Nós o seguimos, sem sermos notados pela multidão que se reunia ao redor de duas enormes pedras envoltas em corda, que imaginei que algum dos brutamontes presentes ia levantar para demonstrar sua habilidade.

– É seu filho, não é, Rob? – perguntou Jamie, afastando um galho de pinheiro cheio de água.

– Sim – respondeu Robbie. – Ou era.

Aquilo me pareceu esquisito. Vi Jamie levar a mão ao cabo da pistola; a minha segurou o kit médico.

– O que aconteceu? – perguntei. – Ele está ferido?

– Ele, não – respondeu McGillivray de maneira enigmática, e seguiu em frente, por baixo de um galho inclinado de castanheira do qual pendia uma trepadeira escarlate.

Um pouco à frente havia um pequeno espaço aberto, não grande o suficiente para ser chamado de clareira, coberto de grama morta e agulhas de pinheiro. Quando Fergus e eu passamos por baixo da trepadeira depois de Jamie, uma mulher corpulenta se virou em nossa direção, com os ombros encolhidos enquanto erguia o galho de árvore que empunhava em uma das mãos. Mas ela viu McGillivray e relaxou um pouco.

– *Wer ist das?* – perguntou ela cheia de suspeitas, querendo saber quem chegava.

Então John Quincy apareceu debaixo da trepadeira e ela abaixou o porrete. Seus traços bonitos e fortes relaxaram.

– Ha, Myers! Trouxe Jamie para mim, isso?

Ela me olhou com curiosidade, mas estava concentrada demais em Fergus e Jamie para me dar atenção.

– Sim, amor, este é Jamie Roy, *Sheumais Mac Dubh*.

McGillivray se apressou em assumir a responsabilidade pela ida de Jamie, pousando a mão respeitosamente na manga de seu casaco.

– Minha esposa, Ute, *Mac Dubh*. E o filho de *Mac Dubh* – acrescentou ele, acenando vagamente a Fergus.

Ute McGillivray parecia uma valquíria submetida a uma dieta rica em amido: alta, muito loira e muito forte.

– A seu dispor, senhora – disse Jamie, fazendo uma reverência.

– *Senhora* – repetiu Fergus, dobrando a perna para se abaixar de modo cortês.

A sra. McGillivray fez uma reverência em resposta, os olhos fixos nas manchas de sangue proeminentes na frente do casaco de Jamie, ou melhor, de Roger.

– *Mein Herr* – murmurou ela, parecendo impressionada.

Virou-se e fez um gesto para que um rapaz de 17 ou 18 anos, que estava no fundo, se aproximasse. Ele se parecia tanto com o pai pequeno, envelhecido e de cabelos pretos, que não podia haver muitas dúvidas sobre sua identidade.

– Manfred – disse a mãe com orgulho. – *Mein* rapaz.

Jamie inclinou a cabeça em um cumprimento sério.

– Sr. McGillivray.

– Ah... a seu di-dispor, senhor? – O rapaz parecia muito desconfiado, mas estendeu a mão para cumprimentá-lo.

– É um prazer conhecê-lo, senhor – disse Jamie, apertando a mão dele.

Depois da troca de cortesias, ele olhou rapidamente ao redor, erguendo a sobrancelha.

– Soube que estava sofrendo inconveniências no que diz respeito a um caçador de ladrões. Imagino que o assunto já tenha sido resolvido. – Ele olhou de modo questionador de McGillivray filho para McGillivray pai.

Os três McGillivrays se entreolharam. Robin McGillivray tossiu de modo a se desculpar.

– Bem, não diria *resolvido* exatamente, *Mac Dubh*. Quer dizer... – falou ele de modo reticente, o olhar atormentado voltando a seu rosto.

A sra. McGillivray lançou-lhe um olhar sério e então se virou para Jamie.

– *Nenhum problema!* – disse ela. – O idiota foi impedido. Mas agora queremos saber como podemos esconder *den Korpus*.

– O... corpo? – perguntei baixinho.

Até Jamie pareceu um pouco perturbado ao ouvir aquilo.

– Você o matou, Rob?

– Eu? – McGillivray pareceu chocado. – Pelo amor de Deus, *Mac Dubh*, que ideia faz de mim?

Jamie ergueu a sobrancelha de novo. Evidentemente, a ideia de McGillivray cometendo uma violência não era inverossímil. McGillivray fez o favor de se sentir envergonhado.

– Sim, bem. Acho que sim... eu o matei, bem, mas, *Mac Dubh!* Aquele negócio em Ardsmuir foi há muito tempo e estava encerrado, não?

– Sim – respondeu Jamie. – Estava. Mas e o negócio com o captor de ladrões? Onde ele está?

Ouvi um risinho abafado atrás de mim, me virei e vi o restante da família McGillivray, até então silenciosa, mas presente. Três meninas adolescentes estavam sentadas, lado a lado, em um tronco seco atrás de uma tela de folhagem, todas vestindo chapéus e aventais imaculadamente

brancos, só um pouco úmidos por causa da chuva.

– *Meine* moças – anunciou a sra. McGillivray, acenando desnecessariamente na direção das filhas, já que as três pareciam versões menores dela. – Hilda, Inga *und* Senga.

Fergus fez uma reverência elegante para as três.

– *Enchanté, mes demoiselles.*

As garotas riram baixinho e balançaram a cabeça em resposta, mas não se levantaram, o que achei esquisito. Então, notei que algo acontecia por baixo da saia da garota mais velha; uma espécie de agitação palpitante acompanhada por um grunhido abafado. Hilda girou o salto do sapato de maneira brusca sobre o que quer que fosse, o tempo todo sorrindo abertamente para mim.

Ouviu-se mais um grunhido – muito mais alto, dessa vez – vindo de baixo da saia, o que fez Jamie se sobressaltar e se virar na direção dela.

Ainda sorrindo, Hilda se abaixou e delicadamente ergueu a barra da saia, sob a qual vi um rosto assustado, dividido ao meio por uma faixa escura de tecido amarrado ao redor da boca.

– Aí está ele – disse Robbie, compartilhando do talento da esposa para dizer o óbvio.

– Entendo. – Os dedos de Jamie se crisparam na lateral do kilt. – Ah... talvez possamos tirá-lo daí, então?

Robbie fez um gesto para as meninas, que ficaram de pé juntas e deram um passo para o lado, revelando um homem pequeno que estava deitado encostado à base do tronco morto, com as mãos e os pés amarrados com algo que parecia meias de mulher, amordaçado com o lenço de alguém. Estava molhado, coberto de lama e um pouco abatido.

Myers se inclinou e ergueu o homem, segurando-o pela gola da camisa.

– Bem, ele não é muito agradável aos olhos – disse o homem enorme, estreitando as vistas para examiná-lo como se avaliasse uma pele de castor de qualidade inferior. – Acho que prender ladrões não rende tanto quanto se possa pensar.

O homem era, de fato, magricela e estava meio abatido, além de desganhado, furioso – e assustado. Ute fungou de modo desdenhoso.

– Canalha! – exclamou ela, e cuspiu nas botas do captor de ladrões. Em

seguida se voltou para Jamie, cheia de charme. – Então, *mein Herr*. Qual *serrá o melhorr maneira* de matá-lo?

Os olhos do captor de ladrões se arregalaram, e ele se contorceu nas mãos de Myers. Ele corcoveava e se contorcia, fazendo ruídos guturais frenéticos por trás da mordança. Jamie olhou para ele, esfregando os nós dos dedos nos lábios, e então virou-se para Robbie, que deu de ombros levemente, olhando para a mulher como se pedisse desculpas.

Jamie pigarreou.

– Humm. Tinha alguma coisa em mente, senhora?

Ute sorriu diante dessa evidência de apoio a suas intenções e puxou uma adaga comprida do cinto.

– Pensei em cortar, feito *uma porco, ja?* Mas veja...

Ela cutucou o captor de ladrões cautelosamente entre as costelas; ele gritou com a mordança na boca e um pontinho de sangue surgiu em sua camisa rasgada.

– *Muita* sangue – explicou com uma careta de decepção. Gesticulou na direção das árvores, atrás das quais o levantamento de pedras parecia se desenrolar bem. – As pessoas sentir *cheirro*.

– *Cheirro?* – Olhei para Jamie, pensando que se tratasse de uma expressão desconhecida em alemão. Ele tossiu e passou a mão embaixo do nariz. – Ah, cheiro! – exclamei, entendendo. – Hum, sim, é possível.

– Então, acho melhor não atirmos nele – disse Jamie, pensativo. – Para não chamar atenção, quero dizer.

– Acho que devemos quebrar o pescoço dele – sugeriu Robbie McGillivray, olhando sensatamente para o captor de ladrões amarrado. – É fácil.

– Você acha? – Fergus estreitou os olhos, concentrando-se. – Eu prefiro que usemos uma faca. Se a punhalada for no lugar certo, o sangue não vai ser tão abundante. O rim, logo abaixo das costelas, nas costas... hum?

A julgar pelos ruídos urgentes que emitia por trás da mordança, o refém parecia não gostar das sugestões.

– Bom, não é muito difícil – ponderou Jamie, coçando o queixo, pensativo. – Ou podemos estrangulá-lo. Mas ele *vai* defecar. Se a questão do

cheiro for um problema, até mesmo esmagar o crânio dele... mas, me diga, Robbie, como esse homem veio parar aqui?

– Hum? – fez Robbie, que pareceu não entender a pergunta.

– Vocês não estão acampados aqui por perto.

Jamie fez um gesto com a mão em direção à clareira minúscula, fazendo-se entender. Não havia vestígios de fogueira; na verdade, ninguém havia acampado daquele lado do riacho. E, no entanto, todos os McGillivrays estavam ali.

– Ah, não – disse Robbie, com uma expressão de quem compreendia. – Não, estamos acampados um pouco mais para cima. Mas viemos dar uma olhada nos brutamontes – ele fez um gesto com a cabeça na direção do campo –, e o maldito abutre ficou de olho no nosso Freddie e o pegou para levá-lo embora.

Ele lançou um olhar nada simpático ao captor de ladrões, e eu vi que uma corda comprida estava pendurada no cinto do homem, como uma serpente. Havia um par de algemas no chão ali perto, o metal escuro já tomado de ferrugem devido à umidade.

– Nós o vimos pegar o Irmão – disse Hilda nesse momento. – Então, nós o pegamos e o empurramos para este lugar, onde ninguém podia ver. Quando ele disse que pretendia levar o Irmão até o xerife, eu e minhas irmãs o derrubamos e nos sentamos em cima dele, e a mãe o chutou algumas vezes.

Ute deu um tapinha carinhoso no ombro da filha.

– Elas são *gut*, fortes, *meine garrotas* – disse ela a Jamie. – Viemos ver os *competidorres*, talvez escolher *marrido* para Inga ou Senga. Hilda já tem *einen Mann p-rometido* – disse ela, com ar de satisfação.

Ela examinou Jamie com franqueza, os olhos analisando com aprovação sua altura, a largura dos ombros e a prosperidade geral de sua aparência.

– Ele é bonito, *g-grande*, o seu *Mann* – disse ela para mim. – Seu filho, por acaso?

– Não, temo que não – falei como se me desculpasse. – Ahn... Fergus é casado com a filha do meu marido – acrescentei, ao ver que ela olhava com aprovação para Fergus.

O captor de ladrões pareceu perceber que o assunto estava mudando de

direção e chamou a atenção de volta para si com um grito indignado por trás da mordça. O rosto, que empalidecera durante as conjecturas a respeito de sua teórica morte, tinha ficado vermelho de novo, e os cabelos estavam grudados na testa.

– Ah, sim – disse Jamie, dando-se conta. – Talvez devêssemos deixar que o senhor dissesse alguma coisa?

Robbie estreitou os olhos ao ouvir isso, mas assentiu com relutância. As competições já estavam bem avançadas àquela altura, e havia uma comoção considerável vinda do campo; ninguém ia ouvir um grito vindo dali.

– Não permita que me matem, senhor! Sabe que não é certo! – Rouco devido ao sofrimento, o homem direcionou seus apelos para Jamie assim que a mordça foi retirada. – Só estou cumprindo o meu dever, levando um criminoso à Justiça!

– Rá! – exclamaram todos os McGillivrays ao mesmo tempo. Por mais unânime que o sentimento deles parecesse ser, a expressão imediatamente se tornou uma confusão de impropérios, opiniões e uma troca aleatória de chutes direcionados às canelas do homem, dados por Inga e Senga.

– Parem com isso! – ordenou Jamie, erguendo a voz o suficiente para ser ouvido acima da confusão. Como não obteve resultado, agarrou McGillivray Junior pela gola da camisa e gritou “*Ruhe!*” a plenos pulmões, o que fez com que eles se calassem momentaneamente, lançando olhares culpados na direção do campo.

– Agora – disse Jamie com firmeza –, Myers, traga o cavalheiro, por gentileza. Rob, Fergus, venham comigo. *Bitte*, madame? – Ele fez uma reverência à sra. McGillivray, que piscou para ele, mas em seguida assentiu concordando lentamente. Jamie olhou para mim de relance, e então, ainda segurando Manfred pelo pescoço, marchou com o contingente masculino em direção ao riacho, deixando-me responsável pelas moças.

– O seu *Mann...* vai *salvarr* o meu filho? – Ute se virou para mim, com as sobrancelhas louras franzidas de preocupação.

– Ele vai tentar. – Olhei para as meninas, que estavam juntas atrás da mãe. – Vocês sabem se o seu irmão *esteve* em Hillsborough?

As garotas se entreolharam e, tacitamente, escolheram Inga para falar.

– Bem, *ja*, ele esteve – respondeu ela, de maneira um tanto desafiadora.

– Mas não estava envolvido nos tumultos, nem um pouco. Ele foi até lá apenas *parra* consertar parte de um arreio e foi pego na confusão.

Percebi que Hilda e Senga trocaram um rápido olhar e deduzi que aquela provavelmente não era a história toda. Ainda assim, não cabia a mim julgar, felizmente.

Os olhos da sra. McGillivray estavam fixados nos homens, que murmuravam juntos a certa distância. O captor de ladrões fora desamarrado, exceto pelas mãos, que continuavam atadas. Ele estava com as costas apoiadas em uma árvore, parecendo um rato acuado, com os caninos à mostra em uma expressão de desafio. Jamie e Myers estavam de olho nele, enquanto Fergus estava parado perto, o cenho franzido em atenção, o queixo apoiado no gancho. Rob McGillivray pegara uma faca, com a qual cortava lascas de madeira de um galho de pinheiro, olhando de vez em quando para o captor de ladrões com um ar de sombria premeditação.

– Tenho certeza de que Jamie vai... hum... fazer alguma coisa – falei, torcendo em segredo para que essa alguma coisa não envolvesse muita violência. E então ocorreu-me o pensamento desagradável de que o minúsculo captor de ladrões provavelmente caberia direitinho em um dos cestos de alimentos vazios.

– *Gut*. – Ute McGillivray assentiu lentamente, ainda observando. – É *melhor* que eu não o mate. – Ela olhou para mim de repente, com os olhos azuis muito claros e brilhantes. – Mas *farei* isso, se for preciso.

Acreditei nela.

– Compreendo – falei com cuidado. – Mas, perdoe-me, ainda que aquele homem tenha levado seu filho, não pode procurar o xerife e explicar...

As meninas se entreolharam novamente. Dessa vez, foi Hilda quem falou:

– *Nein*, senhora. Veja, não teria sido tão ruim, se o captor de ladrões tivesse se aproximado de nós no acampamento. Mas aqui... – Ela arregalou os olhos, assentindo em direção ao campo de competição, onde um baque surdo e um estrondo de aprovação marcavam um esforço bem-sucedido.

A dificuldade, aparentemente, era o noivo de Hilda, um tal Davey Morrison, de Hunter's Point. O sr. Morrison era um fazendeiro de posses e um homem de valor, além de ser um atleta habilidoso no lançamento de

pedras e troncos. Também tinha família – pais, tios, primos –, todos do caráter mais íntegro e, acredito, de atitudes bastante críticas.

Se Manfred tivesse sido levado por um captor de ladrões na frente de toda aquela gente, com tantos conhecidos de Davey Morrison, a notícia teria se espalhado à velocidade da luz, e o escândalo resultaria na pronta ruptura do noivado de Hilda – uma possibilidade que claramente perturbava Ute McGillivray muito mais do que a ideia de cortar a garganta do captor de ladrões.

– Ruim também, eu matá-lo e alguém *verr* – disse ela com franqueza, gesticulando para as árvores que nos protegiam do campo de competição. – *Die Morrisons* não iam gostar.

– Imagino que não – retruquei, perguntando-me se Davey Morrison fazia ideia de onde estava se metendo. – Mas você...

– *Farrei* com que *meine* meninas se casem bem – disse ela com firmeza, assentindo várias vezes para reforçar. – Acho homens *gut parra* elas, homens robustos e bonitos, *mit* terra e dinheiro. – Ela passou um braço pelos ombros de Senga e a abraçou com força. – Não é *querrida*?

– *Ja*, mamãe – murmurou Senga, recostando carinhosamente a cabeça coberta por um gorro no peito avantajado da sra. McGillivray.

Alguma coisa estava acontecendo do lado dos homens. As mãos do captor de ladrões tinham sido desamarradas e ele estava em pé, esfregando os pulsos, não mais carrancudo, mas ouvindo o que Jamie dizia com uma expressão atenta. Ele olhou para nós, e então para Robin McGillivray, que disse algo a ele e assentiu de maneira enfática. O captor de ladrões mexeu a mandíbula, como se estivesse ruminando uma ideia.

– Então vocês todas vieram assistir às competições de hoje e procurar por candidatos adequados? Sim, compreendo.

Jamie enfiou a mão na bolsa de couro e tirou algo lá de dentro, que segurou embaixo do nariz do captor de ladrões, como se o convidasse a cheirar. Não consegui ver o que era àquela distância, mas a expressão do captor de ladrões mudou de repente, passando da cautela ao nojo alarmado.

– *Ja*, apenas *parra p-procurrar*. – A sra. McGillivray não estava vendo a cena. Deu um tapinha em Senga e a soltou. – Vamos *agorra parra* Salem,

onde fica *meine Familie*. Talvez lá haja também um bom *Mann*.

Myers havia se afastado do confronto, com os ombros relaxados. Passou um dedo por baixo do elástico da calça, coçou o traseiro de maneira displicente e olhou ao redor, evidentemente não mais interessado no que estava acontecendo. Ao me ver olhando em sua direção, ele se afastou devagar por entre a folhagem.

– Não precisa mais se preocupar, senhora – assegurou ele à sra. McGillivray. – Eu sabia que Jamie Roy cuidaria de tudo, e ele cuidou. Seu menino está seguro.

– *Ja?* – perguntou ela.

Olhou desconfiada para as folhas, mas era verdade: os homens pareciam mais relaxados, e Jamie estava devolvendo ao captor de ladrões suas algemas. Vi como ele as entregou, com um nojo brusco. Ele havia usado ferros em Ardsmuir.

– Graças a *Gott* – disse a sra. McGillivray, com um suspiro. Seu corpo volumoso pareceu diminuir de repente quando ela soltou o ar.

O homenzinho estava indo embora, afastando-se de nós em direção ao riacho. O som dos ferros que pendiam de seu cinto chegou até nós como um ruído abafado de metal, ouvido entre os gritos da multidão atrás de nós. Jamie e Rob McGillivray estavam próximos, conversando, enquanto Fergus observava a partida do captor de ladrões, franzindo levemente o cenho.

– O que foi que Jamie disse a ele? – perguntei a Myers.

– Ah. Bem. – O homem enorme abriu um sorriso largo e meio desdentado. – Jamie Roy disse a ele, com seriedade, que foi sorte do captor de ladrões... O nome dele é Boble, a propósito, Harley Boble... Foi sorte termos encontrado vocês quando encontramos. Ele deu a entender que se não tivéssemos encontrado, então esta senhora aqui – ele fez uma reverência em direção a Ute – provavelmente o teria levado para casa em sua carroça e o teria abatido como a um leitão, longe da vista de todos.

Myers esfregou o nó de um dos dedos sob o nariz de veias vermelhas e riu baixinho por trás da barba.

– Boble disse que não acreditava, que achava que ela estava apenas tentando assustá-lo com aquela faca. Mas então Jamie Roy se aproximou dele, de modo confidencial, e disse que teria pensado a mesma coisa, mas

que já ouvira muito a respeito da fama de Frau McGillivray no ramo da produção de linguiças e que tivera o privilégio de comer algumas delas no café da manhã de hoje. Nesse momento, Boble começou a empalidecer, e quando Jamie Roy puxou um pedaço de linguiça para mostrar a ele...

– Minha nossa! – exclamei, com uma vívida lembrança do cheiro daquela linguiça. Eu a havia comprado um dia antes de um vendedor na montanha, mas descobri que havia sido curada de modo inadequado e, uma vez fatiada, tinha um cheiro tão forte de sangue podre que ninguém conseguiu comê-la no jantar. Jamie havia envolvido os restos em um guardanapo e os colocara dentro de sua bolsa de couro, com a intenção de pedir o dinheiro pago por ela de volta ou de pegar o vendedor e enfiá-la goela abaixo. – Compreendo.

Myers assentiu, virando-se para Ute.

– E o seu marido, senhora, bendito seja, Rob McGillivray é um mentiroso nato, falando solenemente, concordando com tudo, balançando a cabeça e explicando como tem trabalho para encontrar carne para a senhora.

As meninas riram.

– Aquele não mata nem uma mosca – disse Inga baixinho para mim. – Não é capaz sequer de torcer o pescoço de uma galinha.

Myers ergueu os ombros de modo bem-humorado enquanto Jamie e Rob vinham em nossa direção pela grama molhada.

– Então, Jamie prometeu, dando sua palavra de cavalheiro, que protegeria Boble de você, e Boble prometeu, dando a palavra *dele* de... Bem, ele disse que ficaria longe do jovem Manfred.

– Humpf – murmurou Ute, parecendo bastante desconcertada.

Ela não se importava em ser considerada uma assassina contumaz e estava bastante contente por Manfred estar fora de perigo, mas não gostou de ter sua reputação como fabricante de linguiça manchada.

– Como se eu um dia fosse capaz de *fazerr* uma *porcarria* dessas – disse ela, enrugando o nariz com desdém para o monte de carne fedida que Jamie estendeu para que ela visse. – Pfff. *Carrne* ruim.

Ela afastou a linguiça com um gesto aborrecido, em seguida se virou para o marido e disse algo baixinho em alemão. Então respirou fundo e se expandiu mais uma vez, reunindo os filhos como uma galinha reúne seus

pintinhos e insistindo para que agradecessem a Jamie por sua ajuda.

Ele corou um pouco diante do coro de agradecimentos, fazendo uma reverência para ela.

– *Gern geschehen. – Euer ergebener Diener, Frau Ute* – disse ele, o que significava “De nada. Seu humilde servo”.

Ela sorriu para ele, retomando a compostura, enquanto ele se virava para dizer algo a Rob.

– Que *Mann g-grande* e formidável – murmurou ela, balançando a cabeça levemente enquanto olhava para ele de cima a baixo.

Então, virou-se e viu que eu observava Jamie e Rob – porque, apesar de o armeiro ser um homem bonito, com cabelos escuros, curtos e encaracolados e um rosto de traços marcados, ele também era magro como um pardal e alguns centímetros mais baixo do que a mulher, chegando aproximadamente aos ombros dela. Eu não entendia muito bem, já que ela parecia admirar tanto homens grandes...

– Ah, sim – disse ela, e deu de ombros como quem pede desculpas. – *Amorrrr*, sabe. – Ela falava como se o amor fosse algo desafortunado, mas inevitável.

Eu olhei para Jamie, que envolvia cuidadosamente a linguiça no guardanapo antes de guardá-la de novo na bolsa de couro.

– Bem, sim – concordei. – Entendo.

Quando voltamos ao nosso acampamento, os Chisholms estavam partindo, depois de terem sido alimentados pelas meninas. Felizmente, Jamie havia trazido bastante comida do acampamento de Jocasta, e eu por fim me sentei para aproveitar uma boa refeição com fritada de batatas, pão de aveia com manteiga, presunto frito e – finalmente! – café, pensando no que mais poderia acontecer naquele dia. Havia muito tempo pela frente. O sol mal despontara por cima das árvores, quase invisível atrás das nuvens pesadas de chuva.

Pouco depois, totalmente satisfeita com o café da manhã, e com a terceira xícara de café na mão, afastei a cobertura do que eu considerava meu depósito de suprimentos médicos. Estava na hora de começar a organizar as coisas para os atendimentos daquela manhã: analisar os frascos

de linha de sutura, reabastecer o estoque de ervas de minha caixa, completar a garrafa grande de álcool e misturar os remédios que deveriam ser feitos na hora.

Como as ervas comuns que eu havia trazido comigo estavam acabando, meu estoque fora aumentado com a ajuda de Myers, que me trouxera várias coisas raras e úteis dos vilarejos indígenas no norte, e por meio de permutas sagazes com Murray MacLeod, um jovem e ambicioso boticário que havia chegado ao continente e montado sua oficina em Cross Creek.

Mordi a parte interna da bochecha, pensando no jovem Murray. Ele tinha os tipos usuais de noções equivocadas que se passavam por conhecimento médico atualmente, e não se acanhava em afirmar a superioridade de métodos científicos como sangrias e fricção em comparação com o uso antigo de ervas que pessoas ignorantes como eu costumavam praticar!

Mas ele era escocês e, como tal, era dono de um forte pragmatismo. Ele deu uma olhada para a figura forte de Jamie e logo conteve suas opiniões mais ofensivas. Eu tinha 180 mililitros de absinto e um frasco de gengibre selvagem, e ele os queria. Ele também era perspicaz o suficiente para notar que muito mais pessoas da montanha que se sentiam mal me procuravam em vez dele – e a maioria dos que aceitavam meus tratamentos ficava melhor. Se eu tinha segredos, ele também os queria – e fiquei feliz em compartilhar.

Ótimo, eu ainda tinha muita casca de chorão. Hesitei diante da série de frascos na bandeja superior direita do baú. Eu tinha vários emenagogos muito fortes – acteia azul, cravagem e poejo –, mas peguei em vez delas tanásia e arruda, mais suaves, colocando um punhado em uma tigela e despejando água fervente sobre elas para fazer a infusão. Além de seus efeitos para aliviar a menstruação, a tanásia era boa para acalmar os nervos – e uma pessoa naturalmente mais nervosa do que Lizzie Wemyss seria difícil de imaginar.

Olhei para a fogueira, onde Lizzie estava empurrando o resto da compota de morango para o soldado Ogilvie, que parecia estar dividindo sua atenção entre Lizzie, Jamie e a torrada – a proporção maior dedicada à torrada.

Arruda era um bom vermífugo, além disso. Eu não *sabia* se Lizzie tinha vermes, mas muitas pessoas nas montanhas tinham, e uma dose não faria mal nenhum a ela.

Olhei discretamente para Abel MacLennan, decidindo se deveria colocar um pouco da mistura em seu café também – ele tinha a aparência macilenta e anêmica de alguém com parasitas intestinais, apesar de sua constituição atarracada. Mas talvez a aparência pálida e incomodada se devesse mais ao fato de saber que havia captores de ladrões por perto.

Joan gritava de fome de novo. Marsali se sentou, enfiou a mão por baixo da roupa para abrir o corpete, e acomodou a bebê em seu peito, mordendo o lábio por causa da dor. Ela se retraiu, arquejou de dor e relaxou um pouco quando o leite começou a sair.

Mamilos rachados. Eu franzi o cenho e voltei a vasculhar a caixa de remédios. Tinha trazido lanolina? Com os diabos, não! Não queria usar banha de urso, já que Joan estava mamando. Talvez óleo de girassol...

– Um pouco de café, minha cara? – O sr. MacLennan, que vinha observando Marsali com um pesar aflito, ofereceu sua xícara de café fresco a ela. – Minha mulher dizia que o café quente ajudava a aliviar as dores de amamentar um bebê. Com uísque, é ainda melhor... – Ele pareceu menos pesaroso. – Mas mesmo assim...

– *Taing.* – Marsali pegou o copo com um sorriso agradecido. – Estou com muito frio esta manhã.

Ela bebericou o líquido fumegante com cuidado e corou levemente.

– Vai voltar para Drunkard's Creek amanhã, sr. MacLennan? – perguntou ela educadamente, devolvendo a xícara vazia. – Ou vai seguir viagem para New Bern com o sr. Hobson?

Jamie ergueu o olhar de repente, interrompendo sua conversa com o soldado Ogilvie.

– Hobson vai a New Bern? Como soube?

– A sra. Fowles me disse – respondeu Marsali prontamente. – Ela me contou quando fui pegar uma camisa seca emprestada para Germain... ela tem um rapazinho do tamanho dele. Está preocupada com Hugh, o marido dela, porque seu pai, o sr. Hobson, quer que ele vá junto, mas ele está com medo.

– Por que Joe Hobson vai para New Bern? – perguntei, olhando por cima da tampa da minha caixa de remédios.

– Para apresentar uma petição ao governador – disse Abel MacLennan. – Vai ser muito bom. – Ele sorriu para Marsali, com certa tristeza. – Não, moça. Não sei para onde vou, para dizer a verdade. Mas não vai ser para New Bern.

– Nem de volta para sua mulher em Drunkard’s Creek? – Marsali olhou para ele com preocupação.

– Minha mulher está morta, moça – disse MacLennan baixinho. Alisou o lenço vermelho sobre o joelho, desamassando-o. – Morreu há dois meses.

– Ah, sr. Abel. – Marsali se inclinou para a frente e segurou a mão dele, os olhos azuis cheios de dor. – Sinto muitíssimo!

Ele deu um tapinha na mão dela, sem erguer o olhar. Pequenas gotas de chuva brilhavam nas mechas esparsas de seus cabelos, e um fio de umidade descia por trás de uma orelha grande e vermelha, mas ele não fez nenhum gesto para secá-la.

Jamie havia se levantado enquanto questionava Marsali. Agora, estava sentado no tronco ao lado de MacLennan e pousou a mão com cuidado nas costas do homem menor.

– Eu não sabia, *a charaid* – disse ele, baixinho.

– Não. – MacLennan olhou distraído para as chamas transparentes. – Eu... bem, a verdade é que eu não tinha contado a ninguém. Não até agora.

Jamie e eu nos entreolhamos por sobre o fogo. Drunkard’s Creek não podia abrigar mais de duas dúzias de almas, em cabines espalhadas pelas margens do rio. Mas nem os Hobsons nem os Fowles tinham falado sobre a perda de Abel... Evidentemente, ele não havia contado a ninguém.

– O que aconteceu, sr. Abel? – Marsali ainda segurava a mão dele, apesar de ela estar inerte, pousada com a palma para baixo sobre o lenço vermelho.

MacLennan ergueu o olhar então, piscando.

– Oh – disse ele vagamente. – Muita coisa aconteceu. E ainda assim... nada de mais, no fim das contas. Abby, Abigail, minha mulher, morreu em decorrência de uma febre. Ficou inconsciente e... morreu. – Ele parecia um pouco surpreso.

Jamie despejou um pouco de uísque em um copo vazio, segurou uma

das mãos inertes de MacLennan e envolveu o copo com ela, segurando os dedos dele no lugar com os seus próprios até a mão de MacLennan fazer força.

– Beba, homem – disse ele.

Todos ficaram em silêncio, observando MacLennan beber o uísque, sorvendo sem parar. O jovem soldado Ogilvie se remexia, inquieto, na pedra, como se quisesse voltar ao regimento, mas também ficou onde estava, como se temesse que uma partida repentina pudesse ferir MacLennan ainda mais de algum modo.

A imobilidade de MacLennan chamou a atenção de todos, congelou toda conversa. Minha mão pairava incerta sobre os frascos da minha caixa, mas eu não tinha remédios para aquilo.

– Eu me cansei – disse ele de repente. – Cansei. – Desviou o olhar do copo e olhou ao redor da fogueira, como se desafiasse alguém a contestá-lo. – Dos impostos, sabem? Não foi um ano tão bom como poderia ter sido, mas eu tive cuidado. Eu tinha 10 alqueires de milho reservados e quatro boas peles de veado. Valiam mais do que os 6 xelins do imposto.

Mas os impostos devem ser pagos em dinheiro, não em milho, nem em pele, tampouco em blocos de índigo, como negociavam os agricultores. A permuta era o modo comum de fazer negócios – eu sabia muito bem disso, pensei, olhando para o saco de coisas que as pessoas tinham me levado como pagamento pelas minhas ervas e plantas medicinais. Ninguém pagava nada em dinheiro, só os impostos.

– Bem, isso é razoável – disse MacLennan, piscando para o soldado Ogilvie, como se o jovem tivesse protestado. – Sua Majestade não pode se virar com um bando de porcos nem com um monte de perus, certo? Não, consigo entender muito bem por que tem que ser dinheiro, qualquer pessoa pode ver. E eu tinha o milho: somaria xelins, fácil.

A única dificuldade, claro, estava em transformar 10 alqueires de milho em 6 xelins de impostos. Havia pessoas em Drunkard's Creek que poderiam ter comprado o milho de Abel e que estavam dispostas a fazê-lo, mas ninguém em Drunkard's Creek tinha dinheiro. Não, o milho tinha que ser levado até o mercado em Salem. Era o lugar mais próximo onde se poderia obter dinheiro. Mas Salem ficava a quase 70 quilômetros de Drunkard's

Creek – uma semana de viagem para ir e voltar.

– Eu tinha 2 hectares de cevada – explicou Abel. – Madura e amarela, pronta para ser colhida. Eu não podia deixar que a cevada se estragasse, e a minha Abby, uma mulher pequena e frágil, não conseguia ceifar e debulhar.

Sem poder desperdiçar uma semana da colheita, Abel buscara a ajuda dos vizinhos.

– São boa gente – insistiu ele. – Um ou outro podia me emprestar dinheiro, mas eles tinham seus impostos a pagar, não tinham?

Ainda esperando conseguir o dinheiro necessário sem ter de fazer a árdua viagem até Salem, Abel havia atrasado o pagamento – e atrasado demais.

– Howard Travers é xerife – disse ele, e secou inconscientemente a gota de umidade que havia se formado na ponta de seu nariz. – Ele veio com um papel e disse que os impostos não tinham sido pagos.

Diante da necessidade, Abel deixou a mulher na cabana deles e foi depressa a Salem. Mas, quando voltou, com 6 xelins na mão, sua propriedade havia sido tomada e vendida – para o sogro de Howard Travers –, sua cabana estava ocupada por desconhecidos e sua mulher não estava mais lá.

– Eu sabia que ela não tinha ido para longe – explicou. – Ela não deixaria os filhos.

E foi de fato onde ele a encontrou, envolta em um cobertor puído e tremendo sob o grande abeto na colina onde ficavam as covas dos quatro filhos dos MacLennans, todos mortos no primeiro ano de vida. Apesar das súplicas dele, Abigail se recusou a voltar à casa que tinha sido deles, se recusou a pedir ajuda àqueles que a tinham desalojado. Ele não sabia se era demência por causa da febre ou apenas teimosia. Ela se agarrou aos galhos da árvore com uma força tremenda, gritando os nomes dos filhos – e ali morreu, à noite.

O copo de uísque estava vazio. Ele o colocou com cuidado no chão ao lado de seus pés, ignorando o gesto de Jamie em direção à garrafa.

– Quando a expulsaram, deixaram que ela carregasse o que pudesse. Havia uma trouxa com ela, com a roupa com a qual queria ser enterrada. Eu me lembro dela, um dia depois do nosso casamento, tecendo uma mortalha.

Tinha pequenas flores em uma borda, que ela mesma fizera. Ela era boa com a agulha.

Ele havia envolvido Abigail na mortalha bordada e a enterrara ao lado do filho mais jovem. Em seguida, caminhou 3 quilômetros pela estrada, pretendendo, pensou, contar aos Hobsons o que havia acontecido.

– Mas cheguei à casa e os encontrei agitados feito abelhas: Hugh Fowles recebera uma visita de Travers, para cobrar os impostos, e não tinha dinheiro para pagar. Travers sorria como um macaco, dissera que não importava e, conforme o esperado, dez dias depois, voltou com um papel e três homens e os expulsou.

Hobson havia juntado todo o seu dinheiro para pagar os impostos, e os Fowles estavam reunidos em segurança com o restante da família, mas Joe Hobson estava espumando de ódio devido ao tratamento dispensado a seu genro.

– Ele estava gritando, o Joe, tomado de fúria. Janet Hobson gesticulou para que eu me aproximasse e me sentasse, me ofereceu jantar, e lá estava o Joe gritando que ia compensar o dinheiro da terra arrancando a pele de Howard Travers, e Hugh se encolheu como um cão vadio, e sua esposa acenava, e as crianças berravam querendo comer como um bando de leitões, e... bem, pensei em contar a eles, mas então... – Ele balançou a cabeça, como se estivesse confuso de novo.

Sentado meio esquecido em um canto, ele foi tomado por um tipo esquisito de fadiga, que o deixava tão cansado que sua cabeça tombava sobre o pescoço, e a letargia o dominava. Estava quente, e ele foi invadido por uma sensação de irrealidade. Se o confinamento da casa de um cômodo dos Hobsons não fosse real, também não seriam reais a colina silenciosa e a cova recente sob o abeto.

Ele dormiu embaixo da mesa e acordou antes do amanhecer, mas percebeu que a sensação de irrealidade persistia. Tudo a sua volta parecia não passar de um sonho. O próprio MacLennan parecia ter deixado de existir. Seu corpo se levantou, se lavou e comeu, assentiu e falou sem o domínio dele. Nada no mundo existia mais. E assim foi que, quando Joe Hobson acordou e anunciou que ele e Hugh iriam a Hillsborough, para buscar uma reparação do tribunal, Abel MacLennan se viu marchando pela

estrada com eles, assentindo e falando quando lhe dirigiam a palavra, com tanta vontade quanto um homem morto.

– Percebi, enquanto caminhávamos pela estrada, que era como se estivéssemos todos mortos – disse ele. – Eu, Joe, Hugh e o restante. Podíamos estar em qualquer lugar; eu só ia me mexer até chegar o momento de deitar meus ossos ao lado de Abby. Não me importava.

Quando eles chegaram a Hillsborough, ele não havia prestado muita atenção ao que Joe pretendia. Limitara-se a segui-lo, obediente e sem pensar. Ele o seguira e andara pelas ruas enlameadas, que cintilavam com vidro quebrado de janelas despedaçadas, vira a tocha e as turbas, ouvira os gritos e os berros – tudo impassível.

– Não passavam de homens mortos, chacoalhando os ossos uns contra os outros – disse ele, dando de ombros.

Ficou parado por um momento e em seguida virou o rosto para Jamie, olhando com sinceridade, por um longo tempo, nos olhos dele.

– É assim? Você também está morto? – A mão fraca e cheia de calos deixou o lenço vermelho e pousou levemente no rosto de Jamie.

Jamie não se retraiu com o toque, mas segurou a mão de MacLennan e voltou a baixá-la, segurando-a com firmeza na dele.

– Não, *a charaid* – disse ele baixinho. – Ainda não.

MacLennan assentiu lentamente.

– Ah, dê tempo ao tempo – falou.

Livrou as mãos e ficou sentado por um momento, alisando o lenço. Sua cabeça não parava de se mover, assentindo levemente, como se a mola de seu pescoço tivesse sido esticada demais.

– Dê tempo – repetiu ele. – Não é tão ruim.

Ele se levantou e colocou o quadrado de tecido vermelho na cabeça. Virou-se para mim e assentiu educadamente, os olhos vagos e perturbados.

– Agradeço pelo café da manhã, senhora – disse, e se afastou.

BILE

A partida de Abel MacLennan pôs um fim repentino ao café da manhã. O soldado Ogilvie pediu licença e agradeceu, Jamie e Fergus partiram em busca de foices e astrolábios, e Lizzie, desanimada com a ausência do soldado Ogilvie, disse que estava indisposta e se recolheu, pálida, para uma das barracas, fortalecida por uma xícara grande de tanásia e arruda.

Felizmente, Brianna decidiu reaparecer justo naquele momento, sem Jemmy. Ela e Roger tinham tomado o café da manhã com Jocasta, ela me garantiu. Jemmy havia adormecido nos braços de Jocasta, e como ambos pareciam felizes assim, ela o deixara lá e voltara para me ajudar com o trabalho na clínica.

– Tem certeza de que quer me ajudar hoje? – Olhei para Bree com desconfiança. – É o dia do seu casamento, afinal. Tenho certeza de que Lizzie ou talvez a sra. Martin poderiam...

– Não, eu ajudo – assegurou-me ela, passando um pano no assento do banco alto que eu usava para os atendimentos da manhã. – Lizzie está se sentindo melhor, mas acho que não está bem o suficiente para enfrentar pés ulcerados e estômagos pútridos. – Ela estremeceu, fechando os olhos ao se lembrar de um senhor cujo calcanhar ulcerado eu havia tratado no dia anterior. A dor fizera com que ele vomitasse repetidamente na calça puída, o que, por sua vez, fez com que muitas das pessoas que esperavam para serem atendidas também vomitassem, em reflexo simpático.

Eu também fiquei um pouco nauseada ao me lembrar, mas afastei o enjoo com um gole de café amargo.

– Não, acho que não – concordei com relutância. – Mas o seu vestido ainda não está totalmente pronto, está? Talvez você devesse...

– Está tudo bem – disse ela. – Phaedre está costurando a barra, e Ulysses está dando ordens aos empregados como um sargento. Eu só atrapalharia.

Cedi sem mais delongas, mas me questionei um pouco sobre sua disposição. Embora Bree não tivesse frescuras em relação às exigências da vida normal, como tirar a pele de animais e limpar peixes, eu sabia que a proximidade de pessoas que sofriam de condições desfiguradoras ou de doenças aparentes a incomodava, mesmo que ela fizesse o melhor que podia para esconder isso. Não era nojo, eu acreditava, mas sim uma empatia incapacitante.

Peguei a chaleira e despejei água fervente em um jarro grande já pela metade com álcool destilado, estreitando os olhos diante das nuvens quentes do vapor alcoólico.

Era difícil ver tantas pessoas sofrendo com coisas que poderiam ser facilmente tratadas em uma época em que houvesse antissépticos, antibióticos e anestesia – mas eu aprendera a manter o distanciamento nos hospitais de campanha em uma época na qual essas inovações médicas eram não apenas novas, mas também raras, e sabia tanto a necessidade quanto o valor delas.

Eu não poderia ajudar ninguém se meus sentimentos ficassem no caminho. E eu tinha que ajudar. Era simples assim. Mas Brianna não tinha esse conhecimento para usar como escudo. Não ainda.

Ela havia terminado de limpar os bancos, as caixas e outros equipamentos para os atendimentos da manhã, e se endireitou, franzindo o cenho.

– Você se lembra da mulher que atendeu ontem? Aquela com o menininho com retardo?

– Não é algo que se esqueça facilmente – respondi, do modo mais delicado possível. – Por quê? Tome, pode cuidar disso?

Fiz um gesto indicando a mesa dobrável que eu costumava usar e que se recusava a se dobrar direito, pois suas dobradiças tinham inchado com a umidade.

Brianna franziu o cenho de leve, analisando-a, e então golpeou bruscamente a dobradiça problemática com a lateral da mão. A mesa cedeu e se dobrou obedientemente de uma vez, reconhecendo a força superior.

– Pronto. – Ela esfregou a lateral da mão, distraída, ainda franzindo o cenho. – Você estava enfatizando que ela deveria tentar não ter mais filhos. O menininho... ele tinha um problema hereditário, certo?

– Pode-se dizer que sim – respondi de modo seco. – Sífilis congênita.

Ela ergueu o olhar, pálida.

– Sífilis? Tem certeza?

Assenti, enrolando um pedaço de linho fervido para servir de bandagem. Ainda estava muito úmido, mas não havia o que fazer.

– A mãe não demonstrava sinais avançados ainda, mas é bem evidente em uma criança.

A mãe tinha ido até mim simplesmente para drenar um abscesso, com o menininho agarrado a suas saias. Ele tinha o “nariz em sela” característico, com a ponte afundada, e também uma mandíbula tão malformada que não me surpreendi com sua má nutrição: ele mal conseguia mastigar. Eu não sabia dizer até que ponto seu evidente atraso se devia à lesão cerebral ou à surdez, pois ele parecia ter ambas as coisas, mas eu ainda não tinha testado a extensão, já que não havia nada que eu pudesse fazer para remediar nenhum dos dois problemas. Eu aconselhara a mãe a dar a ele água de legumes cozidos, o que poderia ajudar com a má nutrição, mas havia pouco mais a se fazer por ele, pobrezinho.

– Não vejo isso com tanta frequência aqui como em Paris ou em Edimburgo, onde havia muitas prostitutas – eu disse a Bree, jogando a bola de bandagens dentro de uma bolsa de lona que ela mantinha aberta. – Mas de vez em quando, vejo. Por quê? Você não acha que o Roger tem sífilis, acha?

Ela olhou para mim, boquiaberta. Seu olhar de choque foi substituído por uma imediata onda de rubor irado.

– *Não!* – respondeu ela. – Mãe!

– Bom, eu achava que não mesmo – falei calmamente. – Mas acontece nas melhores famílias... e *você* perguntou.

Ela resmungou.

– Eu ia *perguntar* sobre contraceptivos – disse ela, entre os dentes. – Ou pelo menos era o que eu pretendia, antes de você começar com o *Guia médico das doenças venéreas*.

– Ah, isso. – Olhei para ela pensativa, observando as manchas de leite seco em seu corpete. – Bem, a amamentação é bastante eficaz. Não totalmente, claro, mas bastante. Um pouco menos depois dos seis primeiros meses. – Jemmy tinha 6 meses agora. – Mas mesmo assim ainda é eficaz.

– Humm – murmurou ela, tão parecida com Jamie que tive que morder o lábio inferior para não rir. – E exatamente *o que mais* é eficaz?

Eu não havia falado propriamente sobre contracepção – no estilo do século XVIII – com ela. Não parecera necessário quando ela chegara à Cordilheira dos Frasers, e depois *realmente* não foi mais necessário, já que ela estava grávida. Mas ela queria saber agora?

Franzi o cenho, colocando rolos de bandagens e maços de ervas dentro da bolsa, lentamente.

– O método mais comum é algum tipo de barreira. Um pedaço de seda ou uma esponja embebida em qualquer coisa de vinagre a conhaque – mas, se tiver à mão, óleo de tanásia ou de cedro parecem funcionar melhor. Eu já soube de mulheres nas Índias que usavam metade de um limão, mas obviamente não se trata de uma alternativa adequada aqui.

Ela deu uma risadinha.

– Não, acho que não. Também não acho que óleo de tanásia funcione muito bem... era o que a Marsali estava usando quando engravidou da Joan.

– Ah, ela *estava usando*? Pensei que não tivesse se dado ao trabalho de usar uma vez... e uma vez basta.

Eu senti, mas não vi exatamente, que ela ficou tensa, e mordi o lábio de novo, dessa vez arrependida. Uma vez *tinha* bastado, só não sabíamos qual vez. Ela encolheu os ombros e em seguida deixou que desabassem, afastando qualquer lembrança que meu comentário impensado tivesse evocado.

– Ela disse que estava usando, mas pode ter se esquecido. Não funciona sempre, certo?

Pendurei uma bolsa de bandagens e ervas secas no ombro e peguei a caixa de medicamentos pela alça de couro que Jamie havia feito.

– A única coisa que sempre funciona é o celibato – declarei. – E acho que não se trata de uma opção satisfatória no caso em questão.

Ela balançou a cabeça, os olhos fixos em um grupo de jovens visíveis além das árvores abaixo, revezando-se para lançar pedras no riacho.

– Era o que eu temia – disse ela, e se abaixou para pegar a mesa dobrável e dois banquinhos.

Olhei ao redor da clareira, pensando. Mais alguma coisa? Não havia problema em deixar a fogueira acesa, mesmo que Lizzie adormecesse. Nada na montanha pegaria fogo naquele clima, até mesmo os gravetos e a lenha que havíamos deixado no fundo de nossa barraca no dia anterior estavam úmidos. Mas faltava alguma coisa... o quê? Ah, sim. Eu coloquei a caixa no chão por um momento e me ajoelhei para entrar na barraca. Vasculhei os cobertores emaranhados e finalmente encontrei meu saquinho de couro de remédios.

Fiz uma breve oração para Santa Brígida e o coloquei ao redor do pescoço, pendendo por dentro do corpete do meu vestido. Eu estava tão habituada a usar esse amuleto quando saía para fazer atendimentos médicos que quase não me sentia mais ridícula com esse pequeno ritual... quase. Bree estava me observando com uma cara esquisita, mas não disse nada.

Eu também não disse nada, simplesmente peguei minhas coisas e a segui através da clareira, pisando com cuidado em meio às poças. Não estava chovendo naquele momento, mas as nuvens pairavam acima da copa das árvores, prometendo mais a qualquer momento, e espirais de névoa subiam de troncos caídos e arbustos molhados.

Por que Bree estava preocupada com contracepção?, eu me perguntei. Não que eu não achasse isso sensato... mas por que agora? Talvez tivesse a ver com a iminência de seu casamento com Roger. Ainda que eles tivessem vivido como marido e mulher nos últimos meses – e tinham –, a formalidade dos votos expressados diante de Deus e dos homens bastava para trazer uma nova seriedade mesmo aos jovens mais despreocupados. E nem Bree nem Roger eram despreocupados.

– Existe outra possibilidade – falei, olhando para sua nuca enquanto ela descia pela trilha escorregadia. – Não testei em ninguém ainda, então não sei dizer se é confiável. Nayawenne, a senhora Tuscarora que me deu o saquinho de remédios, me disse que havia “ervas das mulheres”. Misturas diferentes para coisas diferentes, mas uma planta em especial para esse propósito. Ela contou que as sementes dessa planta impedem que o espírito de um homem domine o espírito de uma mulher.

Bree fez uma pausa, virando-se quando me aproximei dela.

– É assim que os índios encaram a gravidez? – Ela esboçou um sorriso. – O homem vence?

Eu ri.

– Bem, de certo modo. Se o espírito da mulher for forte demais para o do homem, ou se não se submeter a ele, ela não consegue conceber. Então, se uma mulher quer um filho e não consegue ter, na maior parte das vezes o xamã trata o marido, ou os dois, e não apenas ela.

Ela emitiu um som gutural, em parte diversão, mas não totalmente.

– Qual é a planta, a erva das mulheres? – perguntou. – Você sabe?

– Não tenho certeza – admiti. – Não sei bem o nome, melhor dizendo. Ela a mostrou a mim, tanto a planta quanto as sementes secas, e tenho certeza de que a reconheceria, mas não era uma planta que eu conhecia por um nome em inglês. Mas é uma das *Umbelliferae* – acrescentei para ajudar.

Ela me dirigiu um olhar austero que mais uma vez fez com que eu me lembrasse de Jamie e então virou-se para o lado para deixar um grupo de mulheres da família Campbell passar, com chaleiras e panelas batendo e nos cumprimentando educadamente enquanto passavam a caminho do riacho.

– Bom dia, sra. Fraser – disse uma delas, uma jovem aseada que reconheci como sendo uma das filhas mais jovens de Farquard Campbell. – Seu marido está por perto? Meu pai gostaria de falar com ele.

– Não, ele não está, infelizmente. – Fiz um gesto vago; Jamie podia estar em qualquer lugar. – Mas darei o recado.

Ela assentiu e seguiu em frente, e todas as mulheres atrás dela pararam para desejar a Brianna felicidade no dia do casamento, as saias e capas de lã chacoalhando água de chuva dos arbustos de faia-da-terra que margeavam o caminho.

Brianna aceitou os votos com uma cortesia graciosa, mas eu vi a leve linha que se formou entre suas sobrancelhas espessas e ruivas. Alguma coisa definitivamente a incomodava.

– O que foi? – perguntei abruptamente, assim que as Campbell se afastaram.

– O que foi o quê? – replicou ela, surpresa.

– O que está incomodando você? – perguntei. – E não diga “nada”,

porque estou vendo que está incomodada. Tem a ver com Roger? Está em dúvida em relação ao casamento?

– Não exatamente – respondeu ela, parecendo preocupada. – Quero me casar com Roger, quer dizer... está *tudo* bem. É que... eu... pensei em uma coisa... – Ela parou de falar e corou.

– Hã? – perguntei, sentindo-me um pouco alarmada. – O que é?

– Doença venérea – disse ela bruscamente. – E se eu tiver? Não transmitida por Roger, mas... por Stephen Bonnet?

Seu rosto estava tão quente e vermelho que fiquei surpresa de não ver as gotículas de chuva evaporarem ao contato com sua pele. Meu rosto estava gelado; meu coração, apertado no peito. Essa possibilidade havia me ocorrido – vividamente – na época, mas eu não quis sequer sugerir algo assim, se ela própria não havia pensado nisso. Lembrei-me das semanas que passei observando-a discretamente, atenta a qualquer sinal de doença, mas as mulheres não costumam exibir sintomas de uma infecção recente. O fato de Jemmy ter nascido saudável fora um alívio em mais de um aspecto.

– Ah – falei baixinho, apertando seu braço. – Não se preocupe, querida, você não pegou nada.

Ela respirou fundo e soltou o ar em uma nuvem turva e pálida, e um pouco da tensão deixou seus ombros.

– Tem certeza? – perguntou. – Dá para saber? Eu me sinto bem, mas pensei... que as mulheres nem sempre têm sintomas.

– Não mesmo, mas a maioria dos homens sim. E se Roger tivesse contraído qualquer coisa ruim de *você*, eu já saberia há muito tempo.

Seu rosto estava um pouco mais relaxado, mas quando eu disse isso, ela voltou a corar. Tossiu, criando uma névoa com sua respiração.

– Bom, isso é um alívio. Então Jemmy está bem? Tem certeza?

– Absoluta – assegurei. Eu havia pingado gotas de nitrato de prata – que eu conseguira por um preço considerável e com bastante dificuldade – em seus olhos quando ele nasceu, apenas por garantia, mas eu tinha certeza, sim. Além de não demonstrar nenhum sinal de doença, Jemmy tinha um ar saudável que fazia com que a simples ideia de uma infecção fosse improvável. Ele irradiava bem-estar.

– Foi por isso que quis saber sobre contracepção? – perguntei, acenando

enquanto passávamos pelo acampamento dos MacRaes. – Você estava com receio de ter mais filhos, se por acaso...

– Ah, não. Ou melhor, eu nem sequer tinha pensado em doença venérea até você mencionar sífilis, e então fui assaltada pela terrível ideia de que poderia ter... – Ela parou e pigarreou. – Hum, não. Eu só queria saber.

Uma parte escorregadia do caminho pôs fim à conversa naquele momento, mas não às minhas especulações.

Não que uma jovem noiva não pudesse pensar em contracepção, mas naquelas circunstâncias... do que se tratava?, eu me perguntei. Medo por si mesma ou medo de ter outro bebê? O parto podia ser perigoso, claro... e qualquer um que tivesse visto as mulheres que vinham até mim em busca de atendimento médico ou que tivesse ouvido as conversas das mulheres em volta da fogueira à noite sabia muito bem dos perigos para bebês e crianças. Era rara a família que não tinha perdido pelo menos um bebê devido a uma febre, a uma infecção de garganta ou a uma diarreia sem controle. Muitas mulheres tinham perdido três, quatro ou mais bebês. Eu me lembrei da história de Abel MacLennan, e um arrepio percorreu-me a espinha.

Ainda assim, Brianna era muito saudável e apesar de não termos coisas importantes, como antibióticos e instalações médicas sofisticadas, eu dissera a ela que não subestimasse o poder da higiene e da boa alimentação.

Não, pensei, observando a curva acentuada das costas dela enquanto erguia o equipamento pesado para passar por cima de uma raiz retorcida que cortava o caminho. Não era isso. Ela podia até ter motivos para se preocupar, mas não era uma pessoa temerosa, basicamente.

Roger? Diante daquela situação, pareceria que o melhor a fazer seria engravidar de novo depressa, de um filho que definitivamente fosse dele. Isso certamente ajudaria a fortalecer o casamento. Por outro lado... e se ela engravidasse? Roger ficaria muito feliz... mas e Jemmy?

Roger fizera um juramento de sangue, aceitando Jemmy como seu filho. Mas a natureza humana era a natureza humana, e apesar de eu ter certeza de que Roger nunca abandonaria nem negligenciaria Jemmy, era possível que se sentisse diferente – e obviamente diferente – em relação a um filho que ele soubesse que era seu. Bree correria esse risco?

Pensando bem, eu achava que ela estava sendo sensata em esperar, se

pudesse. Dar tempo para que Roger sentisse um elo forte com Jemmy antes de complicar a situação da família com outro filho. Sim, muito sensata – e Bree era uma pessoa eminentemente sensata.

Foi apenas quando chegamos à clareira onde os atendimentos da manhã eram feitos que outra possibilidade me ocorreu.

– Podemos ajudar, sra. Fraser?

Dois dos filhos mais novos dos Chisholms correram para ajudar, pegando a carga pesada que Brianna e eu carregávamos, e, sem que pedíssemos, começaram a abrir as mesas, a buscar água limpa, a colocar mais lenha na fogueira e a ajudar de maneira geral. Não tinham mais de 8 e 10 anos, e, ao vê-los trabalhar, me dei conta de novo de que naquela época um garoto de 12 ou 14 anos podia ser, essencialmente, um homem.

Brianna também sabia disso. Ela nunca deixaria Jemmy, eu sabia, não enquanto ele precisasse dela. Mas... e mais tarde? O que aconteceria quando *ele* a deixasse?

Abri minha caixa e comecei a tirar os equipamentos necessários para o trabalho da manhã: tesoura, pinça, fórceps, álcool, bisturi, bandagens, boticões, agulhas para sutura, unguentos, bálsamos, loções, purgantes...

Brianna tinha 23 anos. Teria não mais que 35 anos quando Jem se tornasse totalmente independente. E se ele não precisasse mais dos cuidados dela, talvez ela e Roger pudessem voltar. Voltar para o seu tempo, para a segurança, para a vida interrompida que fora dela desde o nascimento.

Mas só se não tivesse mais filhos, cuja dependência dela a manteria aqui.

– Bom dia, senhora. – Um senhor baixo de meia-idade estava à minha frente, o primeiro paciente da manhã. Tinha a barba de uma semana por fazer, mas estava tão visivelmente pálido, com uma aparência macilenta e olhos vermelhos de tanto fumar e beber, que seu problema era instantaneamente discernível. A ressaca era endêmica nos atendimentos da manhã.

– Estou me sentindo meio mal do estômago, senhora – disse ele, engolindo com dificuldade. – Teria alguma coisa para resolver isso?

– Tenho exatamente aquilo de que você precisa – respondi, pegando um copo. – Ovo cru e um pouco de xarope de ipecacuanha. Dê uma bela vomitada e ficará novo em folha.

O atendimento era feito às margens da grande clareira aos pés da colina, onde a grande fogueira da Reunião era acesa à noite. O ar úmido tinha cheiro de fumaça e o odor forte de cinzas molhadas, mas a terra escurecida – cerca de 3 metros, pelo menos – já estava desaparecendo sob a confusão de galhos e gravetos. Eles iam demorar para acendê-la naquela noite, pensei, se continuasse garoando.

Depois de cuidar do homem de ressaca, houve um breve intervalo, e eu pude dar atenção a Murray MacLeod, que havia montado seu consultório perto dali.

Murray havia começado cedo, eu vi. O chão a seus pés estava escuro, as cinzas espalhadas ensopadas de sangue. Ele também estava cuidando de um paciente, um senhor atarracado cujo nariz vermelho e esponjoso e a papada flácida eram prova de uma vida de excessos alcoólicos. Ele fizera o homem ficar apenas de camisa, apesar da chuva e do frio, e a manga estava enrolada, com um torniquete no braço e a bacia para colher o sangue sobre os joelhos do paciente.

Eu estava a cerca de 3 metros do local onde Murray trabalhava, mas conseguia ver os olhos do homem, amarelos como mostarda, mesmo à luz fraca da manhã.

– Doença do fígado – eu disse a Brianna, sem me esforçar para falar baixo. – Dá para ver a icterícia daqui, não dá?

– Bile – disse MacLeod em voz alta, abrindo sua lanceta. – Excesso de bile, isso está claro. – Pequeno, moreno e aseado, Murray não impressionava, mas era determinado.

– Cirrose por causa da bebida, eu diria – diagnostiquei, aproximando-me e observando o paciente com calma.

– Bloqueio da bile, devido a um desequilíbrio da fleuma! – Murray olhou para mim de forma ameaçadora, claramente pensando que eu pretendia roubar o seu brilho, ou até mesmo seu paciente.

Eu o ignorei e me abaixei para examinar o paciente, que pareceu assustado com a minha presença.

– O senhor tem uma massa rígida logo abaixo das costelas à direita, não tem? – perguntei com gentileza. – Sua urina está escura, e quando evacua, as fezes são pretas e sanguinolentas, certo?

O homem assentiu, boquiaberto. Estávamos começando a chamar atenção.

– Mã-ãe. – Brianna estava em pé atrás de mim. Cumprimentou Murray e se inclinou para murmurar no meu ouvido. – O que pode fazer no caso de cirrose, mãe? Nada!

Parei, mordendo o lábio. Ela tinha razão. No afã de me exhibir fazendo um diagnóstico e para evitar que Murray usasse sua lanceta manchada e visivelmente enferrujada no homem, eu não havia levado em consideração o simples fato de que não havia tratamento alternativo a oferecer.

O paciente olhava para nós dois, claramente inseguro. Com esforço, sorri para ele, e assenti para Murray.

– O sr. MacLeod está certo – eu disse, forçando as palavras a saírem da minha boca. – Doença do fígado certamente causada por excesso de humores. – Pensei que, afinal, era possível considerar o álcool um humor, pois as pessoas que beberam o uísque de Jamie na noite anterior evidentemente o acharam hilário.

O rosto de Murray estava tenso, desconfiado. Quando me corrigi, ele ficou comicamente surpreso. Dando um passo à minha frente, Brianna tirou vantagem do momento.

– Tem uma simpatia – disse ela, sorrindo de modo encantador para ele. – Ela... afia a lâmina e facilita o fluxo dos humores. Vou mostrar.

Antes que ele pudesse se opor, ela tirou a lanceta da mão dele e se virou para o fogo, onde havia uma panela com água fervente pendurada em um tripé.

– Em nome de Miguel, manejador de espadas, defensor de almas – entoou ela. Eu estava certa de que usar o nome de São Miguel em vão não era uma blasfêmia – ainda que fosse, São Miguel não se importaria se fizessem isso por uma boa causa. Os homens que cuidavam da fogueira tinham parado para observar, assim como algumas pessoas que tinham ido até lá para serem atendidas.

Ela ergueu a lanceta e fez um sinal da cruz lento e exagerado com ela, olhando de lado a lado, para ter certeza de que todos prestavam atenção. Eles estavam paralisados. Diante das pessoas boquiabertas, os olhos azuis estreitados em concentração, ela me fez lembrar muito de Jamie em algumas

de suas demonstrações de bravura. Torci para que ela fosse tão boa quanto ele.

– Abençoe esta lâmina, para curar o seu servo – disse ela, olhando para o céu e segurando a lanceta sobre o fogo como um padre oferecendo a Eucaristia.

Bolhas tinham começado a emergir, mas a água ainda não tinha atingido o ponto de ebulição.

– Abençoe esse gume, para a retirada do sangue, para o derramamento do sangue, para... hum... para drenar o veneno do corpo de nosso mais humilde necessitado. Abençoe esta lâmina... abençoe esta lâmina na mão de seu humilde servo... graças a Deus pelo brilho do metal. – Graças a Deus pela natureza repetitiva das orações gaélicas, pensei com sarcasmo.

Graças a Deus, a água estava fervendo. Ela abaixou a lâmina curva e curta até a superfície da água, olhou com atenção para a multidão e declamou:

– Deixa a limpeza das águas do lado de nosso Senhor Jesus banhar esta lâmina!

Ela mergulhou o metal na água e o manteve lá até o vapor que subia do balde de madeira fazer seus dedos ficarem vermelhos. Ela ergueu a lanceta e a transferiu depressa para a outra mão, erguendo-a no ar enquanto discretamente abanava a mão escaldada atrás de si.

– Que a bênção de Miguel, defensor contra os demônios, esteja nesta lâmina e na mão de quem a empunhar, para a saúde do corpo, para a saúde da alma. Amém!

Ela deu um passo à frente e estendeu a lâmina de modo cerimonioso a Murray pelo cabo. Murray, que não era tolo, olhou para mim com suspeita e um reconhecimento relutante da habilidade teatral da minha filha.

– Não toque na lâmina – alertei, sorrindo com graça. – Vai quebrar o encanto. Ah, e repita a simpatia a cada vez que for usá-la. Tem que ser feito com água *fervente*, não se esqueça.

– Hum – murmurou ele, mas pegou a lanceta cuidadosamente pelo cabo. Assentindo brevemente para Brianna, ele se voltou para o seu paciente, e eu para a minha, uma menina com urticária. Brianna me seguiu, secando as mãos na saia e parecendo satisfeita consigo mesma. Ouvi o resmungo do

paciente atrás de mim e o ruído do sangue caindo dentro da tigela de metal.

Eu me senti um tanto culpada pelo paciente de MacLeod, mas Brianna estava certa: não havia absolutamente nada que eu pudesse fazer por ele naquelas circunstâncias. Cuidados médicos de longo prazo, aliados a uma ótima alimentação e abstinência total de álcool poderiam prolongar a vida dele. No entanto, as chances de as duas primeiras coisas acontecerem eram pequenas, quanto à terceira, eram inexistentes.

Brianna o salvara de maneira brilhante de uma infecção possivelmente perigosa – e aproveitou a oportunidade para oferecer proteção parecida a todos os futuros pacientes de MacLeod –, mas não consegui deixar de me sentir um pouco culpada por não poder fazer mais. Entretanto, o primeiro princípio médico que eu tinha aprendido como enfermeira nos campos de batalha da França ainda continuava valendo: trate o paciente que está diante de você.

– Use esta pomada – recomendei com seriedade para a menina com urticária – e *não coce*.

PRESENTES DE CASAMENTO

O dia não tinha clareado, mas a chuva havia parado por um momento. As fogueiras produziam uma fumaça densa, enquanto as pessoas se apressavam para aproveitar a ausência temporária de chuva para alimentar as fogueiras, empurrando madeira úmida para as chamas em um esforço apressado para secar as roupas e os cobertores. Mas ainda ventava, e nuvens de fumaça se elevavam como fantasmas por entre as árvores.

Uma dessas colunas de fumaça ondulava no caminho à frente dele, e Roger se virou para desviar dela, passando por caminhos de grama alta e molhada que ensopavam suas calças e galhos de pinheiro que deixavam rastros molhados nos ombros de seu casaco. Ele não dava atenção à umidade, concentrado em sua lista de tarefas para o dia.

Primeiro, iria às carroças para comprar uma pequena lembrança de presente de casamento para Brianna. De que ela gostaria?, ele se perguntou. Um enfeite, um laço? Ele tinha pouco dinheiro, mas sentia que precisava marcar a ocasião com um mimo de algum tipo.

Gostaria de poder colocar uma aliança comprada por ele no dedo dela quando trocassem as juras, mas ela insistira que o anel de rubi que pertencera ao avô dela serviria – cabia-lhe perfeitamente e não havia motivo para gastar dinheiro com outra aliança. Ela era uma pessoa pragmática, às vezes até demais, em contraste com o comportamento romântico dele.

Algo prático, mas que servisse para enfeitar, então – como uma chaleira pintada? Ele sorriu para si mesmo ao pensar nisso, mas a ideia de praticidade permaneceu, marcada pela dúvida.

Ele tinha uma lembrança vívida da sra. Abercrombie, uma senhora prática e séria da congregação do reverendo Wakefield, que havia chegado à

residência dele à beira da histeria certa noite, durante o jantar, dizendo que tinha matado o marido e perguntando o que deveria fazer. O reverendo havia deixado a sra. Abercrombie aos cuidados temporários da empregada, enquanto ele e Roger, então um adolescente, tinham ido às pressas à residência dos Abercrombie para ver o que havia acontecido.

Encontraram o sr. Abercrombie no chão da cozinha, felizmente ainda vivo, mas zozzo e sangrando muito devido a um pequeno corte na cabeça provocado por um golpe com o novo ferro de passar elétrico com o qual ele havia presenteado a mulher na ocasião do aniversário de 23 anos de casamento.

– Mas ela disse que o velho queimava as toalhas de mesa! – O sr. Abercrombie repetia em intervalos lamentosos, enquanto o reverendo fazia um curativo em sua cabeça, e Roger limpava a cozinha.

Foi a lembrança vívida das manchas de sangue no linóleo desgastado da cozinha dos Abercrombie que fez com que ele decidisse. Por mais pragmática que Bree fosse, aquele era o casamento deles. Na alegria, na tristeza, até que a morte os separasse. Ele procuraria algo romântico – ou tão romântico quanto fosse possível conseguir com 1 xelim e 80 centavos.

Viu de relance uma mancha vermelha entre as folhas ali perto, como o vislumbre de um cardeal. Mas era maior do que o pássaro. Ele parou, inclinando-se para espiar por uma abertura nos galhos.

– Duncan? – chamou. – É você?

Duncan Innes saiu do meio das árvores, assentindo timidamente. Ainda usava o tartã escarlate dos Camerons, mas havia tirado seu esplêndido casaco, colocando o tartã sobre os ombros, como um xale, no estilo antigo das Terras Altas.

– Uma palavra, *a Smeòraich*? – pediu ele.

– Sim, claro. Estou indo até as carroças. Venha comigo. – Ele voltou para a trilha, agora livre da fumaça, e eles atravessaram a montanha lado a lado.

Roger não disse nada, esperando educadamente que Duncan escolhesse como iniciar a conversa. Duncan era tímido e retraído por temperamento, mas era também observador, perceptivo e teimoso de um modo muito discreto. Se tinha algo a dizer, dizia... em seu próprio tempo. Por fim, respirou fundo e começou.

– *Mac Dubh* me contou que seu pai era pastor. É verdade?

– Sim – respondeu Roger, bastante surpreso com o assunto. – Na verdade, meu verdadeiro pai foi morto, e o tio da minha mãe me adotou; ele era pastor. – Enquanto falava, Roger se perguntava por que considerara necessário se explicar. Durante a maior parte da vida, ele pensara e se referira ao reverendo como seu pai, e isso certamente não fazia diferença para Duncan.

Duncan assentiu, estalando a língua de modo compreensivo.

– Mas você é presbiteriano, então? Ouvi *Mac Dubh* dizer isso. – Apesar dos bons modos habituais de Duncan, um breve sorriso surgiu sob seu bigode irregular.

– Imaginei que tivesse ouvido, sim – respondeu Roger de modo seco. Ele ficaria surpreso se a Reunião toda não tivesse ouvido *Mac Dubh* falar disso.

– Bem, a questão é que eu também sou – confessou Duncan, falando como se pedisse desculpas.

Roger olhou para ele com espanto.

– Você? Pensei que fosse católico!

Duncan emitiu um grunhido de embaraço, erguendo o ombro do braço amputado.

– Não. Meu bisavô materno era um pactuário, muito aferrado a suas crenças, sabe? – Ele sorriu com certa timidez. – Isso se diluiu bastante até chegar a mim; minha mãe era devota, mas meu pai não era muito religioso, nem eu. E quando conheci *Mac Dubh*... bom, ele não me chamou para ir à missa com ele em um domingo, certo?

Roger assentiu, com um breve resmungo para demonstrar que compreendia. Duncan havia conhecido Jamie na prisão de Ardsmuir, depois da Rebelião. Apesar de a maioria das tropas jacobitas ser composta de católicos, ele sabia que havia protestantes de diferentes grupos entre eles também – e a maioria provavelmente mantinha silêncio em relação a isso, pois eram superados em número pelos católicos. E era verdade que a carreira de Jamie e Duncan no ramo do contrabando teria oferecido poucas ocasiões para conversas sobre religião.

– Sim. E o seu casamento com a sra. Cameron hoje à noite...

Duncan assentiu e mordeu o canto do lábio, mastigando, contemplativo,

a ponta do bigode.

– É isso. Acha que devo dizer alguma coisa?

– A sra. Cameron não sabe? Nem Jamie?

Duncan balançou a cabeça em silêncio, os olhos na lama pisada do caminho.

Roger percebeu que, claro, era a opinião de Jamie que importava naquele caso, e não a de Jocasta Cameron. A questão da divergência religiosa evidentemente parecia não ter importância para Duncan – e Roger nunca tinha ouvido nada que indicasse que Jocasta fosse uma devota –, mas depois de ouvir a reação de Jamie ao saber que Roger era presbiteriano, Duncan ficou preocupado.

– Você foi falar com o padre, *Mac Dubh* disse. – Duncan olhou para ele de esguelha. – Ele... – Ele pigarreou, corando. – Bem, ele obrigou você a ser... batizado como católico?

Uma ideia atroz para um protestante devoto, e claramente desconfortável para Duncan. Era, Roger percebeu, algo desconfortável para ele próprio também. Teria feito isso, se precisasse, para se casar com Bree? Acreditava que sim, no fim das contas, mas admitia ter sentido um profundo alívio quando o padre não insistiu em nenhum tipo de conversão formal.

– Ah... não – disse Roger, e tossiu quando mais uma lufada de fumaça passou por eles. – Não – repetiu ele, secando os olhos marejados. – Mas eles não fazem o batismo se você já tiver sido batizado. Você foi batizado, não foi?

– Ah, sim. – Duncan parecia encorajado por ouvir aquilo. – Sim, quando eu... ou melhor... – Uma sombra atravessou seu rosto, mas ele afastou qualquer que fosse o pensamento que a causara dando de ombros. – Sim.

– Muito bem. Deixe-me pensar um pouco, sim?

As carroças e as tendas já estavam à vista, agrupadas como gado, as mercadorias protegidas da chuva por lonas e cobertores, mas Duncan se deteve, claramente querendo esclarecer a questão antes de falar sobre qualquer outra coisa.

Roger passou a mão na nuca, pensando.

– Não – disse ele, por fim. – Não, acho que você não precisa dizer nada.

Veja bem, não será uma missa, apenas uma cerimônia de casamento, e é praticamente a mesma coisa. Você aceita essa mulher, você aceita esse homem, na pobreza, na riqueza, essas coisas.

Duncan assentiu, atento.

– Posso dizer isso, sim – afirmou ele. – Apesar de ter demorado um pouco para me acostumar com a parte da riqueza e da pobreza. Você sabe.

Ele falou sem ironia, apenas afirmando um fato óbvio, e ficou bastante surpreso ao ver o rosto de Roger em resposta a seu comentário.

– Não quis dizer nada de errado – justificou-se Duncan rapidamente. – Só quis dizer que...

Roger fez um gesto com a mão, tentando deixar o assunto de lado.

– Não tem problema – disse ele, a voz tão seca quanto a de Duncan. – Fale a verdade sem constrangimento, sim?

Era a verdade, também, apesar de ele tê-la ignorado de alguma forma até aquele momento. Na realidade, ele notou, com uma leve sensação de desânimo, que sua situação era um paralelo preciso com a de Duncan: um homem sem dinheiro e sem propriedades, casando-se com uma mulher rica – ou potencialmente rica.

Ele nunca pensara em Jamie Fraser como um homem rico, talvez devido à modéstia natural do homem, talvez simplesmente porque ele ainda não era. O fato era que Fraser era proprietário de 4 mil hectares de terras. Mesmo que boa parte dessas terras fosse selvagem, não significava que continuaria assim. Havia arrendatários na propriedade agora; haveria mais em breve. E quando esses arrendamentos começassem a render aluguel, quando houvesse serrarias e moinhos nos rios, quando houvesse povoados, lojas e tavernas, quando as poucas cabeças de gado, porcos e cavalos tivessem se multiplicado em rebanhos prósperos sob a administração cuidadosa de Jamie... Jamie Fraser provavelmente seria um homem muito rico. E Brianna era a única filha legítima de Jamie.

E também havia Jocasta Cameron, uma mulher já muito rica, que havia declarado sua intenção de fazer de Brianna sua herdeira. Bree havia se recusado prontamente a considerar essa ideia, mas Jocasta era tão teimosa quanto a sobrinha e tinha mais prática do que ela. Além disso, independentemente do que Brianna dissesse ou fizesse, as pessoas iam

pensar...

E era isso que, de fato, estava pesando em seu estômago como uma enorme pedra. Não apenas a percepção de que estava se casando com alguém muito acima de seus meios e de sua posição, mas a percepção de que todos na colônia já tinham percebido isso muito antes e provavelmente já o encaravam, e falavam sobre ele, com cinismo, como um belo oportunista, senão como um completo aventureiro.

A fumaça havia deixado um gosto amargo de cinza em sua boca. Ele engoliu, e abriu um sorriso torto para Duncan.

– Sim – disse ele. – Bem. De qualquer modo, acho que elas devem ver *alguma coisa* em nós, não? As mulheres?

Duncan sorriu, um pouco pesaroso.

– Sim, alguma coisa. Então você acha que vai ficar tudo bem em relação à religião? Não quero que a srta. Jo nem *Mac Dubh* pensem que eu tinha alguma má intenção ao não contar. Mas não pretendo causar um alvoroço em torno disso, não é preciso.

– Não, claro que não – Roger concordou. Ele respirou fundo e afastou os cabelos úmidos do rosto. – Não, eu acho que não há problema. Quando falei com o padre, a única condição que ele impôs foi que eu permitisse que nossos filhos fossem batizados como católicos. Mas já que isso não é algo a considerar para você e para a sra. Cameron, acho... – Ele se interrompeu delicadamente, mas Duncan parecia aliviado com a ideia.

– Ah, não – disse ele, e deu uma risadinha nervosa. – Não, acho que não me incomodo com isso.

– Bem, então. – Roger forçou um sorriso e deu um tapinha nas costas de Duncan. – Boa sorte.

Duncan passou um dedo por baixo do bigode, assentindo.

– Para você também, *a Smeòraich*.

Ele esperava que Duncan fosse cuidar de seus assuntos depois que a pergunta foi respondida, mas o homem foi com ele, caminhando lentamente ao lado da fileira de carroças atrás de Roger, espiando as peças à mostra com um leve franzir de cenho.

Depois de uma semana de permutas, as carroças estavam tão cheias quanto no começo... ou mais, lotadas de sacos de grãos e lã, barris de sidra,

sacos de maçãs, pilhas de peles e outros itens recebidos nas negociações. A quantidade de itens decorativos tinha diminuído consideravelmente, mas ainda havia coisas a comprar, como dava para ver pelas pessoas reunidas ao redor das carroças, como pulgões em um roseiral.

Roger era alto o bastante para olhar por cima da cabeça da maioria dos compradores e passava lentamente pelas carroças, estreitando os olhos aqui e ali, tentando imaginar a reação de Brianna.

Ela era uma mulher bonita, mas não muito cuidadosa com a aparência. Na verdade, foi por pouco que ele conseguiu impedi-la de cortar grande parte dos seus lindos cabelos ruivos por impaciência quando eles resvalavam na comida e quando Jemmy os puxava. Talvez uma fita *fosse* prática. Ou um pente decorado? Ou melhor: um par de algemas para o bebê.

Ele parou em um vendedor de peças de tecido e se abaixou para olhar embaixo da lona, onde chapéus e fitas coloridas estavam pendurados, protegidos da chuva, movendo-se na penumbra fria como os tentáculos de uma água-viva brilhante. Duncan, com a faixa de tecido de seu traje escocês na altura das orelhas para se proteger do vento inclemente, aproximou-se para ver o que ele olhava.

– Estão procurando algo em especial, senhores? – Uma vendedora se inclinou sobre os produtos, com os seios apoiados nos braços cruzados, e abriu um sorriso profissional para os dois.

– Sim – disse Duncan, inesperadamente. – Um metro de veludo. Você tem veludo? De boa qualidade, por favor, mas a cor não importa.

A mulher ergueu as sobrancelhas – mesmo com suas melhores roupas, Duncan não chamaria a atenção de ninguém como uma pessoa de posses, mas ela se virou sem fazer nenhum comentário e começou a remexer em seu reduzido estoque.

– Acha que a sra. Claire ainda teria um pouco de lavanda? – perguntou Duncan, virando-se para Roger.

– Sim, eu sei que tem – respondeu ele. A confusão deve ter ficado clara em seu rosto, pois Duncan sorriu e abaixou a cabeça.

– Foi uma ideia que tive – explicou. – A srta. Jo sofre com enxaquecas, e não dorme tão bem quanto deveria. Minha mãe tinha um travesseiro de lavanda e dizia que dormia como um bebê quando deitava a cabeça nele.

Então pensei em comprar um pouco de veludo, para que ela o sentisse contra o rosto, e talvez a srta. Lizzie costure para mim...

Na saúde e na doença...

Roger assentiu com aprovação, sentindo-se tocado, e um tanto envergonhado, pelo carinho de Duncan. Ele havia pensado que o casamento entre Duncan e Jocasta Cameron fosse uma questão de conveniência e um bom negócio, e talvez fosse. Mas a paixão enlouquecida não era necessariamente um pré-requisito para a delicadeza nem para a consideração, não é mesmo?

Terminada a compra, Duncan se despediu e partiu com o veludo bem guardado embaixo de seu tartã, deixando que Roger percorresse sozinho as carroças dos vendedores restantes, escolhendo, considerando e descartando mentalmente, enquanto decidia qual item seria mais do agrado de sua noiva. Brincos? Não, o bebê os arrancaria. A mesma coisa aconteceria com um colar ou uma fita de cabelo, pensou.

Ainda assim, não parava de pensar em um enfeite. Normalmente, ela usava poucas coisas assim. Mas *usara* a aliança de rubi do pai – aquela que Jamie dera a ele, aquela que ele dera a ela quando ela o aceitou para sempre, tudo na Reunião. Jem mexia nele de vez em quando, mas não poderia estragá-lo.

Roger parou de repente, deixando que as pessoas passassem por ele. Conseguia ver o dourado em sua mente e o cor-de-rosa avermelhado do rubi, vívido em seu dedo pálido. *A aliança de seu pai.* Claro, por que não percebera isso antes?

Sim, Jamie dera a aliança a ele, mas isso não fazia com que fosse dele para que pudesse dar a Brianna. E ele quis, repentina e intensamente, dar a ela algo que fosse de fato seu.

Ele se decidiu e voltou para uma carroça cujas peças de metal brilhavam, mesmo sob a chuva. Ele sabia, por já ter medido, que o seu mindinho era do tamanho do dedo anelar dela.

– Este – disse ele, erguendo um anel. Era barato, feito de fios entrelaçados de cobre e latão, certamente deixaria o dedo de Brianna verde em poucos minutos. *Melhor ainda,* pensou, entregando o dinheiro. Mesmo que não o usasse o tempo todo, teria a marca dele nela.

Por esse motivo, uma mulher deve sair da casa do pai e se unir a seu marido, e os dois devem se tornar uma única carne.

TURBULÊNCIA

No fim da primeira hora, eu já tinha um grupo grande de pacientes esperando, apesar da garoa constante. Era o último dia da Reunião, e as pessoas que tinham tolerado uma dor de dente ou a dúvida a respeito de uma alergia repentinamente decidiram que deveriam aproveitar a última chance de cuidar dos problemas.

Dispensei uma jovem com um início de inchaço crônico da tireoide, aconselhando-a a comprar bastante peixe seco, já que ela vivia muito longe do mar para conseguir peixe fresco todos os dias, e a ingerir um pouco diariamente, por causa do iodo.

– Próximo! – gritei, afastando os cabelos úmidos dos olhos.

A multidão se abriu como o mar Vermelho, revelando um senhor pequeno, tão magro que mais parecia um esqueleto ambulante, vestindo trapos e levando um monte de pelos nos braços. Quando ele se aproximou, percorrendo uma fila de pessoas que se encolhiam à sua passagem, eu descobri o motivo da deferência: ele fedia como um gambá morto.

Por um momento, pensei que o monte de pelagem acinzentada pudesse ser um gambá morto – já havia um pequeno monte de peles perto de meus pés, apesar de meus pacientes normalmente se darem ao trabalho de tirar a pele do cadáver de seu dono antes de entregá-la a mim –, mas então o montinho se mexeu e dois olhos brilhantes me espiaram em meio à pelagem emaranhada.

– Meu cachorro está ferido – disse o homem de modo muito brusco. Ele colocou o animal sobre a minha mesa, empurrando os instrumentos para o lado, e apontou para um corte no flanco do animal. – Você vai cuidar dele.

Aquilo não era um pedido, afinal, o cachorro é que era meu paciente, e

ele parecia bem-educado. De tamanho médio e patas curtas, com pelo comprido e eriçado e orelhas tortas, ele permaneceu sentado, muito calmo, com a língua para fora, sem fazer nenhum esforço para fugir.

– O que aconteceu com ele? – Tirei a bacia de perto e me inclinei para mexer no frasco de suturas esterilizadas. O cachorro lambeu minha mão enquanto eu fazia isso.

– Brigou com a fêmea de um guaxinim.

– Humm – murmurou, observando o animal com desconfiança. Devido a sua origem improvável e evidente simpatia, pensei que o ataque a um guaxinim fêmea provavelmente tinha sido inspirado por desejo e não por ferocidade. Como se para confirmar essa impressão, o animal deixou à mostra alguns centímetros de seu equipamento reprodutor rosado e úmido na minha direção.

– Ele gosta de você, mãe – disse Bree, mantendo a seriedade.

– Que lisonjeiro – sussurrei, torcendo para que o dono do cachorro não se desse a demonstrações parecidas. Por sorte, o velho parecia não gostar nem um pouco de mim. Ele me ignorava completamente, com os olhos fundos fixos na clareira mais abaixo, onde os soldados faziam exercícios.

– Tesoura – falei, resignada, estendendo a mão.

Aparei o pelo molhado em torno da ferida e fiquei feliz por não encontrar nenhum inchaço ou outro sinal de infecção. O corte estava cicatrizando bem; evidentemente, o ferimento tinha acontecido havia algum tempo. Perguntei-me se o cão havia sofrido o ataque na montanha. Não reconheci o velho senhor, e ele não tinha sotaque escocês. Será que estivera na Reunião?, ponderei.

– Hum... pode segurar a cabeça dele, por favor? – O cachorro podia ser manso, mas isso não significava que ele se manteria imóvel quando eu enfiasse uma agulha em sua pele. Seu dono permaneceu sério e não fez nenhum esforço para ajudar. Olhei ao redor à procura de Bree, em busca de socorro, mas ela havia desaparecido de repente.

– Pronto, *a bhalaich*, pronto – disse uma voz calma ao meu lado. Eu me virei surpresa e vi o cachorro cheirando os nós dos dedos de Murray MacLeod. Ao ver minha cara de surpresa, ele deu de ombros, sorriu e se inclinou sobre a mesa, pegando o cachorro assustado pelo couro e pelo

focinho.

– Devo recomendar que seja rápida, sra. Fraser – disse ele.

Segurei com força a pata mais próxima e comecei. O cachorro reagiu exatamente como a maioria dos seres humanos reagiam em circunstâncias parecidas, debatendo-se sem parar e tentando escapar, suas patas arranhando a madeira da mesa. Em determinado momento, ele conseguiu se livrar de Murray, saltou da mesa e saiu correndo na direção dos espaços abertos, com a sutura pendurada. Eu me joguei em cima dele e rolei nas folhas e na lama, fazendo com que as pessoas que observavam a cena corressem em todas as direções até uma ou duas almas mais corajosas me ajudarem, segurando o animal preso ao chão para que eu pudesse terminar meu trabalho.

Dei o último nó, cortei o fio encerado com a lanceta de Murray – que tinha sido pisoteada durante a luta, mas infelizmente não havia quebrado, e tirei o joelho de cima do corpo do cão, quase tão ofegante quanto o animal.

Quem observava aplaudiu.

Fiz uma reverência, meio aturdida, e afastei as mechas de cabelo despenteadas do rosto com as duas mãos. Murray não estava em situação muito melhor: seus cabelos tinham se soltado e havia um rasgo em seu casaco, que estava coberto de lama. Ele se abaixou, pegou o cachorro por baixo da barriga e o colocou de pé em cima da mesa ao lado do dono.

– Seu cachorro, senhor – disse ele, e permaneceu de pé, ofegante.

O senhor se virou, pousou a mão na cabeça do cão e franziu o cenho, olhando para mim e para Murray como se não soubesse o que pensar daquela abordagem em equipe. Olhou para trás, na direção dos soldados lá embaixo, e em seguida se virou para mim, com as sobrancelhas unidas acima do nariz grande.

– Quem são *elas*? – perguntou, com um ar profundamente confuso.

Sem esperar a resposta, ele encolheu os ombros, deu meia-volta e se afastou. O cachorro, com a língua de fora, saltou da mesa e trotou ao lado do dono, à procura de mais aventura.

Respirei fundo, bati a lama do meu avental, sorri em agradecimento a Murray e me virei para lavar as mãos antes de atender o paciente seguinte.

– Rá – disse Brianna, baixinho. – Peguei ele! – Ela ergueu o queixo

discretamente, indicando algo atrás de mim, e eu me virei para olhar.

O próximo paciente era um cavalheiro. Um cavalheiro de verdade, a julgar por suas roupas e sua atitude, muito superiores às das outras pessoas. Eu o notara perto da clareira havia algum tempo, olhando para a minha mesa e para a de Murray, obviamente em dúvida sobre qual médico deveria ter o privilégio de atendê-lo. Evidentemente, o incidente com o cachorro havia pendido a balança a meu favor.

Olhei para Murray, que parecia muito sério. Um cavalheiro provavelmente pagaria em dinheiro. Encolhi os ombros para Murray, como quem se desculpa, em seguida abri um sorriso agradável e profissional e fiz um gesto para que o novo paciente se sentasse no banquinho.

– Sente-se, senhor – falei –, e me diga onde dói.

O cavalheiro era o sr. Goodwin de Hillsborough, cuja principal queixa, aparentemente, era uma dor no braço. Não era o seu único problema, percebi. Uma cicatriz recente ziguezagueava pela lateral de seu rosto, a marca pálida fazendo com que o canto do olho dele se curvasse para baixo e conferindo-lhe um feroz olhar de soslaio. Uma leve descoloração na face mostrava onde um objeto pesado o havia acertado acima da mandíbula, e seus traços tinham a aparência embotada e inchada de alguém que havia apanhado muito em um passado não muito distante.

Cavalheiros costumavam se envolver em brigas tanto quanto qualquer pessoa quando eram provocados, mas aquele já parecia ter idade um pouco avançada para esse tipo de diversão – parecia ter cinquenta e poucos anos, com uma barriga protuberante que mal cabia no colete de botões prateados. Talvez tivesse caído em uma emboscada e tivesse sido roubado, pensei. Mas não a caminho da Reunião, aqueles ferimentos pareciam ter ocorrido semanas antes.

Passei a mão com cuidado em seu braço e em seu ombro e o ajudei a se levantar e mover o braço devagar, fazendo perguntas breves enquanto o apalpava. O problema estava bastante óbvio: ele havia deslocado o cotovelo e, apesar de felizmente o deslocamento ter diminuído por conta própria, achei que ele havia rompido um tendão, que agora estava entre o olecrânio e a cabeça da ulna, de forma que a lesão era agravada pelo movimento do braço.

Mas não era só isso. Apalpando o braço dele, descobri nada menos do que três fraturas simples parcialmente recuperadas nos ossos de seu antebraço. As lesões não eram todas internas, eu podia ver os vestígios de dois hematomas grandes no antebraço acima dos pontos fraturados, cada um deles uma mancha amarelo-esverdeada com o vermelho-escuro da hemorragia profunda no centro. Lesões de autodefesa, pensei, ou eu não me chamava Claire.

– Bree, pode me arrumar uma tala decente? – pedi.

Bree assentiu em silêncio e saiu, e eu fiquei a sós com o sr. Goodwin, cobrindo as contusões menores dele com unguento de cajepute.

– Como se feriu desse jeito, sr. Goodwin? – perguntei de modo casual, separando uma bandagem de linho. – Parece que se meteu em uma grande briga. Espero que, pelo menos, seu opositor esteja pior!

O sr. Goodwin sorriu desanimado diante da minha tentativa de ser engraçada.

– Foi uma luta, sim, sra. Fraser – respondeu ele –, mas não era minha. Uma questão de azar, de estar no lugar errado no momento errado, como dizem. Ainda assim... – Ele fechou o olho semicerrado em reflexo quando toquei a cicatriz. Um péssimo trabalho de quem havia feito a sutura, mas cicatrizado.

– É mesmo? – perguntei. – O que aconteceu?

Ele resmungou, mas não pareceu incomodado por ter que me contar.

– Certamente a senhora ouviu o oficial hoje cedo, lendo as palavras do governador sobre o comportamento atroz dos revoltosos.

– Acho que as palavras do governador não passaram despercebidas a ninguém – retorqui, puxando a pele com cuidado com as pontas dos dedos.

– Então o senhor estava em Hillsborough, é isso que está me dizendo?

– É, sim. – Ele suspirou, mas relaxou um pouco ao perceber que meu toque não provocava dor. – Moro na cidade de Hillsborough, na verdade. E se eu tivesse permanecido quieto em casa, como minha boa esposa implorou que eu fizesse, sem dúvida teria escapado – disse ele com um sorriso pesaroso.

– Dizem que a curiosidade matou o gato. – Eu havia notado algo quando ele sorriu e pressionei delicadamente com o polegar a área

descolorida em seu rosto. – Alguém o golpeou no rosto aqui, com força. Quebraram algum dente?

Ele pareceu um tanto surpreso.

– Sim, senhora. Mas não é nada que a senhora possa consertar.

Ele levantou o lábio superior, revelando um espaço onde faltavam dois dentes. Um pré-molar havia sido arrancado inteiro, mas o outro havia se quebrado na raiz. Eu podia ver uma linha irregular de esmalte amarelado brilhando contra o vermelho-escuro de sua gengiva.

Brianna, que chegava com a tala, emitiu um leve ruído de engasgo. Os outros dentes do sr. Goodwin, apesar de estarem inteiros, tinham crostas de tártaro e estavam marrons devido à mastigação de tabaco.

– Ah, acho que posso ajudar um pouco – eu disse a ele, ignorando Bree. – Dói morder aqui, não? Não posso consertar isso, mas posso retirar os restos do dente quebrado e tratar a gengiva para prevenir uma infecção. Mas quem o agrediu?

Ele deu de ombros levemente, observando de modo apreensivo enquanto eu dispunha boticões brilhantes e um bisturi odontológico de lâmina reta.

– Para dizer a verdade, senhora, eu não sei ao certo. Eu havia acabado de chegar à cidade para ir ao tribunal. Estou processando um grupo em Edenton – explicou, franzindo o cenho ao se lembrar. – E preciso levantar documentos para embasar a ação. No entanto, não consegui fazer isso, pois a rua do tribunal estava tomada por homens armados com porretes, chicotes e coisas arcaicas do tipo.

Ao ver a multidão, ele pensou em ir embora, mas, naquele exato momento, alguém lançou uma pedra por uma das janelas do tribunal. O barulho de vidro serviu como um sinal para a multidão, e as pessoas saíram correndo, derrubando portas e gritando ameaças.

– Fiquei preocupado com o meu amigo, o sr. Fanning, que eu sabia que estava lá dentro.

– Fanning... seria Edmund Fanning? – Eu estava ouvindo sem prestar muita atenção, pensando em como realizar a extração, mas reconheci o nome. Farquard Campbell havia mencionado Fanning ao contar a Jamie os detalhes sórdidos das revoltas que se seguiram à Lei do Selo, alguns anos

antes. Fanning tinha sido nomeado mensageiro da colônia, uma posição lucrativa que provavelmente lhe custara bastante para conseguir, e custara ainda mais quando ele foi obrigado a se demitir. Evidentemente, sua impopularidade havia aumentado nos cinco anos desde então.

O sr. Goodwin comprimiu os lábios um contra o outro, em uma demonstração de desagrado.

– Sim, senhora, é ele. E, apesar dos escândalos que as pessoas espalham sobre Fanning, ele sempre foi um amigo meu e da minha família. Então quando ouvi sentimentos tão terríveis sendo expressados, com ameaças à vida dele, decidi que deveria ajudá-lo.

Nessa destemida empreitada, o sr. Goodwin não tinha sido bem-sucedido.

– Tentei forçar caminho pela multidão – disse ele, os olhos fixos nas minhas mãos enquanto posicionava o braço dele na tala e arrumava a bandagem de linho por baixo dela. – Mas não consegui avançar muito e mal havia chegado ao topo da escada, quando ouvi um grito alto vindo de dentro, e a multidão recuou, carregando-me junto.

Lutando para se manter de pé, o sr. Goodwin ficou horrorizado ao ver Edmund Fanning ser arrastado pela porta do tribunal, derrubado e então puxado pelos pés escada abaixo, batendo a cabeça em cada degrau.

– Fazia um barulho muito alto – disse ele, estremecendo. – Eu podia ouvi-lo acima dos gritos, batendo como um melão rolando escada abaixo.

– Minha nossa! – murmurei. – Mas ele não foi morto, foi? Eu não soube de nenhuma morte em Hillsborough. Relaxe o braço, por favor, e respire fundo.

O sr. Goodwin respirou fundo, mas apenas para emitir um rosnado alto, que foi sucedido por uma respiração muito mais profunda quando virei o braço, liberando o tendão preso e colocando a articulação em um bom alinhamento. Ele ficou pálido e seu rosto se cobriu de suor, mas ele piscou algumas vezes e se recuperou com grandiosidade.

– Se não foi morto, não foi por misericórdia dos revoltosos – disse ele. – Foi só porque eles decidiram se divertir com o chefe de Justiça, então deixaram Fanning inconsciente no chão e entraram correndo no tribunal. Outro camarada e eu nos movimentamos para erguer o pobre homem e

tentamos levá-lo para um lugar abrigado próximo dali, mas houve uma comoção atrás de nós e fomos levados de uma vez pela multidão. Foi assim que fiquei desse jeito – ele ergueu o braço na tipoia. Tocou o corte ao lado do olho e o dente quebrado.

Franziu o cenho para mim, as sobrancelhas grossas unidas.

– Acredite, senhora, eu espero que alguém aqui dê os nomes dos revoltosos, para que eles possam ser justamente punidos por uma ação tão bárbara, mas se eu encontrasse o indivíduo que me acertou, não o entregaria à justiça do governador. Com certeza não!

Ele cerrou os punhos lentamente e me dirigiu um olhar ameaçador, como se suspeitasse que o infame em questão estivesse escondido embaixo da minha mesa. Brianna se remexeu atrás de mim. Sem dúvida ela estava pensando, assim como eu, em Hobson e Fowles. Eu estava inclinada a considerar Abel MacLennan um observador inocente, independentemente do que pudesse ter feito em Hillsborough.

Murmurei alguma coisa cautelosamente compreensiva e peguei a garrafa de uísque puro que usava para desinfetar e servir de anestesia. Ao vê-la, o sr. Goodwin pareceu bem mais animado.

– Só um pouco disso para... hum... fortalecer seu espírito – sugeri, enchendo um copo para ele. E para desinfetar o ambiente impuro de sua boca também. – Mantenha a bebida dentro da boca por um momento antes de engolir; vai ajudar a diminuir a sensibilidade do dente.

Eu me virei para Bree enquanto o sr. Goodwin tomava um bom gole da bebida e permanecia com a boca cheia, as bochechas estufadas como um sapo prestes a coaxar. Ela parecia um pouco pálida, mas eu não sabia se era por causa da história do sr. Goodwin ou por ter visto os dentes dele.

– Acho que não vou precisar mais de você hoje, querida – falei, dando um tapinha em seu braço. – Por que não vai ver se Jocasta está pronta para o casamento hoje à noite?

– Tem certeza, mãe? – Enquanto me perguntava isso, ela já desamarrava o avental sujo de sangue e o enrolava em uma bola de pano. Ao ver que ela olhava para a trilha, me virei na mesma direção e vi Roger escondido atrás de um arbusto, os olhos fixos dela. Vi o rosto dele se iluminar quando ela se virou na direção dele e senti um leve rubor diante da cena. Sim, eles ficariam

bem.

– Muito bem, sr. Goodwin. Tome mais um gole disso e vamos cuidar desse pequeno problema. – Eu me virei para o meu paciente, sorrindo, e peguei o boticão.

PELOS VELHOS TEMPOS

Roger esperava à beira da clareira, observando Brianna ao lado de Claire, triturando ervas, medindo líquidos em pequenos frascos e cortando bandagens. Ela havia arregaçado as mangas da blusa, apesar do frio, e o esforço de rasgar o linho fazia os músculos de seus braços nus se flexionarem e crescerem sob a pele cheia de sardas.

Ela tem braços fortes, pensou ele, com uma vaga e perturbadora lembrança de Estella em *Grandes esperanças*, de Charles Dickens. Notavelmente fortes, de modo geral. O vento soprava a saia contra seu corpo, marcando o quadril firme e uma coxa comprida pressionada contra o tecido quando ela se virava, lisa e roliça como o tronco de um amieiro.

Ele não era o único a notar. Metade das pessoas que esperavam para ser atendidas pelos dois médicos observavam Brianna; alguns – a maioria mulheres – com um franzir de cenho desconcertado, e outros – todos homens –, com uma admiração furtiva misturada a uma especulação mundana que faziam com que Roger tivesse vontade de entrar na clareira e defender seus direitos sobre ela naquele momento.

Bem, deixe que olhem, pensou, reprimindo a vontade. *Só importa se ela estiver olhando de volta, certo?*

Ele saiu de trás das árvores, apenas um pouco, e ela virou a cabeça assim que o viu. O semblante carregado se desfez e seu rosto se iluminou. Ele sorriu, inclinou a cabeça em um convite e saiu andando pela trilha, sem esperar.

Era tolo o suficiente para querer demonstrar para aquele bando de homens boquiabertos que aquela mulher largaria tudo para ir atrás dele? Bem... sim, era. A vergonha ao perceber isso se misturou à agradável

sensação de posse quando ouviu os passos dela caminhando atrás dele; sim, ela *ia* atrás dele.

Brianna havia deixado o trabalho, mas levava algo na mão: um pacote pequeno, embrulhado em papel e amarrado com barbante. Ele estendeu a mão e a conduziu para fora da trilha, em direção a um pequeno bosque onde uma cortina de folhas de bordo vermelhas e amarelas oferecia certa privacidade.

– Lamento tirar você do trabalho – disse ele, apesar de não lamentar.

– Tudo bem. Achei bom sair de lá. Acho que não sou muito boa com sangue e vísceras. – Ela fez uma careta ao dizer isso.

– Não tem problema – disse ele. – Não é uma das qualidades que eu procurava em uma mulher.

– Talvez devesse – retrucou ela, olhando para ele, pensativa. – Aqui, *neste* lugar, pode ser que você precise de uma mulher que seja capaz de arrancar seus dentes quando eles apodrecerem e costurar seus dedos quando você os decepar cortando lenha.

A nebulosidade do dia parecia ter afetado seu ânimo, ou talvez fosse o trabalho que vinha realizando. Uma breve olhada na fila de pacientes de Claire bastava para deprimir qualquer um – qualquer um, menos Claire –, com seu desfile de deformidades, mutilações, ferimentos e doenças horrorosas.

Pelo menos, o que ele pretendia dizer a Brianna podia fazer com que ela se esquecesse por um tempo dos detalhes pavorosos da vida no século XVIII. Ele tomou o rosto dela nas mãos e acariciou uma sobrancelha espessa e ruiva com o polegar gelado. O rosto dela estava frio também, mas a pele atrás da orelha, embaixo do cabelo, estava quente, assim como suas outras partes escondidas.

– Consegui o que queria – disse ele com firmeza. – Mas e você? Tem certeza de que não quer um homem capaz de escalpelar índios e colocar o jantar na mesa com sua arma? Sangue também não é minha especialidade, sabe?

Um brilho de descontração reapareceu nos olhos dela, e o ar de preocupação se atenuou.

– Não, acho que não quero um homem sangrento – disse ela. – É assim

que minha mãe chama meu pai, mas só quando está brava com ele.

Ele riu.

– E como você vai me chamar quando estiver brava comigo? – perguntou ele.

Ela olhou para ele, pensativa, e seus olhos brilharam ainda mais.

– Ah, não se preocupe. Meu pai se recusa a me ensinar palavras em gaélico, mas Marsali me ensinou um monte de coisas horríveis para dizer em francês. Sabe o que é *un soulard*? E *un grande gueule*?

– *Oui, ma petit chou*, meu repolhinho... não que eu já tenha visto um repolho com um nariz tão vermelho.

Ele deu batidinhas com o dedo no nariz dela, que se esquivou, rindo.

– *Maudit chien!*

– Guarde alguma coisa para depois do casamento – disse ele. – Pode ser que precise. – Ele tomou a mão dela, para levá-la na direção de um penedo adequado, e então notou de novo o pequeno pacote que ela levava.

– O que é isso?

– Um presente de casamento – respondeu ela, e o entregou a ele segurando-o com apenas dois dedos, enojada como se fosse um rato morto.

Roger pegou o pacote com cuidado, mas não sentiu nenhuma forma sinistra através do papel. Ele o chacoalhou; era leve, quase não pesava.

– Seda bordada – disse ela, em resposta ao olhar questionador dele. – Da sra. Buchanan.

Ela voltou a franzir o cenho e a fazer aquela cara de... preocupação? Não, alguma outra coisa, mas ele não sabia o quê.

– O que há de errado com a seda bordada?

– Nada. É aquilo para o que serve. – Ela pegou o pacote das mãos dele e o enfiou no bolso que usava amarrado por baixo da anágua. Ela estava olhando para baixo, ajeitando a saia, mas ele podia ver seus lábios contraídos. – Ela disse que é para as nossas roupas finais.

Brianna pronunciara as palavras com sua estranha versão do sotaque escocês de Boston, e Roger demorou um pouco para decifrar o que ela queria dizer.

– Roupas fin... ah, você quer dizer mortalhas?

– Sim. Evidentemente, é meu dever de esposa me sentar na manhã

seguinte ao nosso casamento e começar a tecer a minha mortalha. – Ela disse isso com os dentes cerrados. – Assim, ela estará tecida e bordada quando eu morrer no parto. E se eu trabalhar depressa, terei tempo de fazer uma para você também... caso contrário, sua *próxima* esposa vai ter que finalizá-la!

Ele teria rido, se não tivesse ficado claro que ela estava muito chateada.

– A sra. Buchanan é uma grande tola – disse ele, tomando as mãos dela.
– Você não devia permitir que ela se preocupasse com as bobagens dela.

Brianna olhou para ele com as sobrancelhas franzidas.

– A sra. Buchanan – disse ela com todas as letras – é ignorante, tola e sem tato. O problema é que ela *não está* errada.

– Claro que está – contestou ele, com uma certeza fingida, sentindo uma pontada de apreensão.

– Quantas mulheres Farquard Campbell enterrou? – perguntou ela. – E Gideon Oliver? E Andrew MacNeill?

Nove, entre os três. MacNeill ia se casar pela quarta vez naquela noite – com uma garota de 18 anos de Weaver’s Gorge. A pontada veio de novo, mais profunda, mas ele a ignorou.

– E Jenny teve oito filhos do Campbell e enterrou dois maridos – rebateu ele com firmeza. – A propósito, a sra. Buchanan tem cinco filhos e certamente ainda está cheia de saúde. Eu os vi; meio tolos, mas todos saudáveis.

Bree contraiu a boca, relutante, e ele seguiu em frente, encorajado.

– Não precisa temer, querida. Não teve dificuldades com o Jemmy, teve?

– Ah, é? Bem, se acha que não é difícil, da próxima vez, *você* pode fazer todo o trabalho! – disse ela, mas o canto da boca se curvou um pouco. Ela puxou a mão, mas ele se manteve firme, e ela não resistiu.

– Então, está disposta a uma próxima vez, certo? Apesar da sra. Buchanan? – O tom de voz dele era propositalmente baixo, mas ele a puxou para perto e a abraçou, o rosto escondido em seus cabelos, com medo de que ela visse quanto a pergunta significava para ele.

Ela não se deixou enganar. Afastou-se um pouco, e seus olhos, azuis como água, esquadrinharam os dele.

– Você se casaria comigo e viveria no celibato? – perguntou ela. – Essa é a única maneira garantida. O óleo de tanásia nem sempre funciona... veja a

Marsali! – A existência da pequena Joan era prova eloquente da ineficácia daquele método de contracepção. Ainda assim...

– Há outras maneiras, espero – disse ele. – Mas, se quiser o celibato... tudo bem, você o terá.

Ela riu, porque ele estava apertando seu traseiro de modo possessivo enquanto dizia aquilo. Então, o riso cessou e o azul dos olhos dela ficou mais escuro, turvo.

– Você está falando sério, não está?

– Sim – respondeu ele, e estava, apesar de essa ideia pesar em seu peito como se ele tivesse engolido uma pedra.

Ela suspirou e desceu a mão pela lateral do rosto dele, traçando a linha do seu pescoço até a base. O polegar dela pressionou o pulso acelerado, então ele sentiu os batimentos amplificadas em seu sangue.

Ele estava sendo sincero, mas abaixou a cabeça e a beijou, tão ofegante que precisava do fôlego dela, precisava tanto estar perto dela que faria o que fosse preciso: mãos, respiração, boca, braços; a coxa dele pressionada entre as dela, abrindo-as. A mão dela pousou no peito dele, como se fosse empurrá-lo, mas então se contraiu de modo convulsivo, agarrando a camisa e a pele juntas. Os dedos dela se enterraram no músculo do peito dele, e então os dois estavam unidos, a boca aberta e ofegante, os dentes da frente lutando dolorosamente enquanto eles extravasavam o desejo que sentiam.

– Eu não... nós não...

Ele se afastou por um momento, sua mente buscando debilmente os fragmentos de palavras. Então, ela enfiou a mão por baixo do kilt dele, um toque frio e firme em sua carne quente, e ele perdeu toda a capacidade de falar.

– Mais uma vez antes de pararmos – disse ela, e sua respiração o envolveu em uma nuvem de calor e umidade. – Pelos velhos tempos. – Ela caiu de joelhos nas folhas molhadas e amarelas, puxando-o junto.

Tinha começado a chover de novo. Os cabelos dela estavam emaranhados e úmidos. Os olhos, fechados; e o rosto virado para a garoa que caía do céu. Gotas de chuva molhavam seu rosto, rolando como lágrimas. Na verdade, ela não sabia se deveria rir ou chorar.

Roger estava deitado ao seu lado, com metade do corpo sobre o dela, seu peso um conforto sólido e quente, o kilt estendido sobre as pernas nuas de ambos, protegendo-os da chuva. Ela levou a mão à nuca dele e acariciou seus cabelos, molhados e lisos como a pele de uma foca.

Ele estremeceu, soltou um grunhido como o de um urso ferido e se ergueu. Uma rajada de vento frio tocou seu corpo recém-exposto, úmido e aquecido onde eles tinham se tocado.

– Sinto muito. – Meu Deus, sinto muito. Eu não devia ter feito isso.

Ela entreabriu um dos olhos. Ele se ajoelhou diante dela, oscilando, e se inclinou para puxar a saia dela para baixo. Ele havia perdido o equilíbrio, e o corte sob sua mandíbula se abria de novo. Ela rasgara a camisa dele, e o colete estava aberto, sem metade dos botões. Estava manchado de lama e sangue e havia folhas mortas e sementes nas mechas de seus cabelos pretos e desalinhados.

– Está tudo bem – disse ela, e se sentou. Não estava em condições muito melhores; os seios pesados por causa do leite e grandes manchas úmidas ensopavam o tecido do corpete, gelando sua pele. Roger viu e pegou a capa dela do chão, colocando-a delicadamente sobre seus ombros.

– Desculpe – disse ele de novo e estendeu a mão para afastar os cabelos emaranhados de seu rosto; a mão dele estava fria ao tocar o rosto dela.

– Tudo bem – garantiu ela, tentando reunir todos os fragmentos de si mesma que pareciam rolar pela clareira como bolinhas de mercúrio. – Faz só seis meses, e eu ainda estou amamentando Jemmy. É.. Quero dizer, acho que ainda é seguro.

Mas por quanto tempo mais?, ela se perguntou. Pequenas ondas de desejo ainda percorriam seu corpo, misturadas ao temor.

Ela tinha que tocá-lo. Pegou a ponta da capa e a pressionou na ferida embaixo do queixo dele. Celibato? Quando o toque dele, o cheiro dele, a lembrança dos últimos minutos faziam com que ela sentisse vontade de jogá-lo sobre as folhas e fazer tudo de novo? Quando o carinho que sentia por ele brotava dentro dela como o leite que corria espontaneamente de seus seios?

Os seios dela doíam pelo desejo não satisfeito, e ela sentia gotas do leite escorrerem por suas costelas embaixo do tecido. Tocou um dos seios, pesado

e inchado, sua garantia de segurança... por um tempo.

Roger afastou a mão dela, erguendo-a para tocar o corte.

– Tudo bem – disse ele. – Parou de sangrar.

Seu rosto tinha uma expressão estranha. Normalmente era reservado, até mesmo um pouco sério. Agora, seus traços pareciam incapazes de se decidir, mudando de um momento a outro de um olhar de inegável satisfação a um de consternação também inegável.

– Qual é o problema, Roger?

Ele olhou rapidamente para ela e em seguida para outro lado, corando um pouco.

– Ah – disse ele. – Bem. É só que... nós ainda não somos casados de fato no momento.

– Ora, é claro que não. O casamento é só à noite. Por falar nisso... – Ela olhou para Roger e uma risada surgiu do fundo de seu estômago. – Minha nossa! – exclamou ela, controlando um acesso de riso. – Parece até que alguém se aproveitou de você na mata, sr. MacKenzie.

– Muito engraçado, sra. Mac – retrucou ele, olhando para o estado desmazelado dela. – Você também esteve envolvida em uma luta acalorada, pelo que parece. Mas o que quero dizer é que nos unimos pelo último ano, e foi uma união legal, na Escócia, pelo menos. Mas o ano já passou e só vamos nos casar formalmente hoje à noite.

Ela estreitou os olhos para ele, secando a chuva de seus olhos com as costas da mão, e mais uma vez deu vazão à vontade de rir.

– Meu Deus, você acha que isso *importa*?

Ele retribuiu o sorriso, um pouco relutante.

– Bem, não. É só que sou um homem sério. Sei que não há problema, mas em algum lugar dentro de mim existe um velho escocês calvinista, murmurando que isso é só um tanto imoral, ter uma aventura com uma mulher que não é minha esposa de fato.

– Ha – disse ela, apoiando os braços confortavelmente nos joelhos dobrados.

Ela se inclinou para o lado e o cutucou delicadamente.

– Velho escocês calvinista... até parece. Qual é o problema de verdade?

Ele não olhou diretamente para ela, mas manteve os olhos fixos no chão.

Gotas brilhavam em suas sobrancelhas escuras e em seus cílios, tingindo de prata a pele de sua face. Ele respirou fundo e soltou o ar lentamente.

– Não posso dizer que você não tem razão para ter medo – disse ele baixinho. – Eu não tinha me dado conta, porque não havia pensado nisso até hoje, de como o casamento é perigoso para uma mulher.

Ele ergueu o olhar e sorriu para ela, mas a preocupação ainda transparecia em seus olhos verdes como musgo.

– Quero você, Bree, mais do que consigo expressar. É só que eu estava pensando no que acabamos de fazer e em como foi bom, e percebi que eu talvez... *esteja* colocando a sua vida em risco se continuar fazendo isso. Mas não quero parar!

Os pequenos fios de temor tinham se tornado uma serpente fria que descia pelas costas dela e se enrolava no fundo de sua barriga, revirando-se em seu útero. Ela sabia o que ele queria, e não era só o que tinham acabado de fazer, por mais forte que fosse. Mas, sabendo o que ele queria – e por quê –, como ela poderia hesitar em dar isso a ele?

– É. – Ela respirou fundo para acompanhar a respiração dele e soltou o ar em uma nuvem branca. – Bem, é tarde demais para se preocupar com isso, eu acho. – Ela olhou para ele e tocou seu braço. – Eu quero você, Roger.

Ela puxou a cabeça dele e o beijou, abrigando-se de seus medos na força dos braços dele em torno dela, no calor do corpo dele ao lado dela.

– Meu Deus, Bree – murmurou ele nos cabelos dela. – Quero dizer que vou mantê-la em segurança, que vou proteger você e o Jemmy de qualquer coisa que possa ameaçá-los. É terrível pensar que eu posso ser a ameaça, que eu poderia matar você com o meu amor... mas é verdade.

O coração dele batia sob o ouvido dela, sólido e constante. Ela sentiu o calor voltar a suas mãos, segurou-se com força nos ossos das costas dele e o calor chegou mais fundo, desfazendo alguns nós dos fios congelados de medo dentro dela.

– Está tudo bem – disse ela por fim, querendo oferecer a ele o conforto que ele não podia lhe dar. – Tenho certeza de que vai ficar tudo bem. Tenho quadril para isso, todo mundo diz. Parideira, essa sou eu. – Ela desceu uma mão pelo quadril, e ele sorriu, seguindo a mão dela com a dele.

– Sabe o que Ronnie Sinclair me disse ontem à noite? Ele estava

observando você se curvar para pegar um graveto para a fogueira, então suspirou e disse: “Você sabe como escolher uma boa garota, MacKenzie? Comece por baixo e vá subindo! Uf!” – Ele se encolheu, rindo, enquanto ela batia nele.

Então ele se inclinou e a beijou delicadamente. A chuva ainda caía, batendo na camada de folhas secas. Os dedos dela estavam pegajosos por causa do sangue do ferimento dele.

– Você quer um filho, não quer? Um que você saiba que é seu? – perguntou ela, baixinho.

Ele manteve a cabeça baixa por um momento, mas por fim olhou para ela, deixando a resposta clara em seu rosto: um grande desejo, misturado com preocupação e ansiedade.

– Não quer dizer... – começou ele, mas ela colocou a mão sobre seus lábios para impedi-lo de falar.

– Eu sei – disse ela. – Eu entendo.

E entendia... quase. Era filha única e conhecia bem o desejo de conexão e proximidade, mas o dela tinha sido satisfeito. Tivera dois pais amorosos. Uma mãe que a amara além dos limites do espaço e do tempo. Os Murrays de Lallybroch, aquela família que era um presente inesperado. E principalmente seu filho, sua carne, seu sangue, um peso pequeno e ingênuo que a ancorava firmemente ao Universo.

Mas Roger era órfão, sozinho no mundo havia muito tempo. Seus pais tinham partido antes de ele conhecê-los, seu velho tio estava morto... ele não tinha ninguém a quem recorrer, ninguém para amá-lo simplesmente por ser sangue do seu sangue – ninguém, exceto ela. Não era à toa que ele desejava a mesma certeza que Brianna tinha ao segurar o filho nos braços quando o amamentava.

Ele pigarreou de repente.

– Eu... ah, ia dar isto a você hoje à noite. Mas talvez... bem.

Ele enfiou a mão no bolso interno do casaco e entregou a ela um pacotinho envolto em tecido.

– É um presente de casamento.

Ele estava sorrindo, mas ela podia ver a insegurança em seus olhos.

Ela abriu o tecido e um par de olhos feitos com botões pretos a

encararam. A boneca usava uma bata de algodão verde e cabelos de lã ruivos saltavam de sua cabeça. Ela sentiu o coração bater forte no peito e a garganta apertar.

– Achei que o bebê poderia gostar... para morder, talvez.

Ela se moveu, e a pressão do tecido ensopado sobre seus seios causou uma sensação de formigamento. Ela tinha medo, era verdade; mas havia coisas mais fortes do que o medo.

– Vai haver uma próxima vez – disse ela, pousando a mão no braço dele.

– Não sei quando... mas vai haver.

Ele pousou a mão sobre a dela e apertou com força, sem olhar para ela.

– Obrigado, parideira – disse ele, por fim, bem baixinho.

A chuva estava mais pesada; chovia a cântaros naquele momento. Roger afastou os cabelos molhados do olho com o polegar e se sacudiu como um cachorro, espalhando gotas do casaco e do tartã de lã. Havia uma mancha de lama na parte da frente da lã acinzentada. Ele passou a mão, mas a sujeira não saiu.

– Meu Deus, não posso me casar assim! – exclamou, tentando suavizar o clima entre eles. – Estou parecendo um mendigo.

– Não é tarde demais, sabe – disse ela. Sorriu, provocando com certo receio. – Você ainda pode mudar de ideia.

– Ficou tarde demais para mim no dia em que vi você – disse ele. – Além disso – continuou, erguendo uma das sobranceiras –, seu pai me esfolaria vivo se eu dissesse que estava com dúvidas a respeito.

– Ah! – disse ela, mas o sorriso escondido apareceu, marcando uma das bochechas com uma covinha.

– Mulher! Você gostou da ideia!

– Sim. Não. Quer dizer... – Ela estava rindo de novo; era o que ele queria. – Não quero que ele esfole você. Mas é bom saber que ele faria isso. Um pai precisa ser protetor.

Ela sorriu para ele, tocou-o de leve.

– Como você, sr. MacKenzie.

Isso fez com que ele sentisse um estranho aperto no peito, como se seu colete tivesse encolhido. E então, uma onda de frio ao se lembrar do que

tinha para dizer a ela. Os pais e suas noções de proteção variavam, afinal, e ele não sabia bem como ela ia encarar aquilo.

Ele a segurou pelo braço e a tirou dali, saindo da chuva e se abrigando sob galhos de cicuta, onde as camadas de agulhas de pinheiro se estendiam secas e fragrantas pelo chão, protegidas pelos galhos frondosos acima.

– Bem, venha se sentar comigo um momento, sra. Mac. Não é importante, mas tem uma coisinha que eu gostaria de lhe contar antes do casamento.

Ele a puxou para que se sentasse ao lado dele em um tronco apodrecido, coberto de líquen. Ele pigarreou, retomando o fio da história.

– Quando eu estava em Inverness, antes de seguir você pelas pedras, passei um tempo examinando os papéis do Reverendo e encontrei uma carta endereçada a ele, escrita pelo seu pai. Por Frank Randall, quero dizer. Não é nada de mais, não agora, mas eu pensei... bem, pensei que talvez não devesse haver segredos entre nós antes de nos casarmos. Conte isso ao seu pai ontem à noite. Então, deixe-me contar a você agora.

A mão dela estava quente no contato com a dele, mas os dedos se tensionaram enquanto ele falava, e uma linha profunda apareceu entre as sobrancelhas enquanto ela prestava atenção.

– De novo – disse ela, quando ele terminou. – Conte de novo.

Obedientemente, ele recitou mais uma vez a carta como a havia memorizado, palavra por palavra. Da mesma maneira que contara a Jamie na noite anterior.

– A lápide na Escócia com o nome do meu pai é uma *mentira*? – A voz dela se alterou levemente com o espanto. – Papai... Frank... mandou que o reverendo a fizesse e a colocasse ali, no cemitério da St. Kilda, mas o meu pai não está... não vai ser, quero dizer... não vai ser enterrado ali?

– Sim, ele mandou, e não, não vai ser – disse Roger, observando com cuidado os “eles” envolvidos. – Ele... Frank Randall, quero dizer, quis que o túmulo fosse um tipo de reconhecimento, eu acho; de uma dívida com o seu pai, o seu outro pai, quero dizer, Jamie.

O rosto de Brianna estava corado por causa do frio, as pontas do nariz e das orelhas vermelhas conforme o calor do contato físico desaparecia.

– Mas ele não tinha como saber que nós a encontraríamos, mamãe e eu!

– Eu não sei se ele *queria* que vocês a encontrassem – disse Roger. – Talvez ele também não soubesse. Mas sentia que precisava fazer o gesto. Além disso... – acrescentou, assaltado por uma lembrança –, Claire não disse que ele pretendia levar você para a Inglaterra pouco antes de ser morto? Talvez ele quisesse levá-la até lá, fazer com que você a encontrasse... e então deixar que você e Claire decidissem o que fazer.

Ela ficou parada, ruminando aquilo.

– Então, ele sabia – disse ela lentamente. – Que ele... que Jamie Fraser sobreviveu a Culloden. Ele *sabia*... mas não disse nada?

– Acho que não podemos julgá-lo por não ter dito – ponderou Roger com delicadeza. – Não foi só egoísmo, sabe?

– Não?

Ela estava chocada, mas ainda não irada. Ele percebeu que ela ponderava sobre o assunto, tentando entender tudo antes de decidir o que pensar, como se sentir.

– Não. Pense bem, meu amor – pediu ele. O abeto estava frio em suas costas, a casca do tronco caído úmida sob sua mão. – Ele amava a sua mãe e não quis correr o risco de perdê-la de novo. Isso pode ser egoísta, mas ela foi mulher dele primeiro, afinal de contas; ninguém pode culpá-lo por não querer abrir mão dela para outro homem. Mas não é só isso.

– O que mais, então? – Sua voz estava calma, os olhos azuis, sérios e constantes.

– Bem... E se ele *tivesse* contado a ela? Ela estava lá, com você pequena... e, lembre-se, nenhum deles achava que você poderia cruzar as pedras também.

Os olhos continuavam sérios, mas agora estavam nublados de preocupação.

– Ela teria que escolher – concluiu Brianna baixinho, com o olhar fixo nele. – Ficar conosco ou voltar para ele. Para Jamie.

– Deixar você para trás – disse Roger, assentindo – ou ficar, e viver a vida dela, sabendo que Jamie estava vivo, talvez em algum lugar onde pudesse ser encontrado, mas fora do seu alcance. Romper os votos, de propósito, dessa vez, e abandonar a filha... ou viver com esse anseio. Acho que isso não faria muito bem para a sua família.

– Entendo.

Ela suspirou, e o vapor de sua respiração desapareceu como um fantasma no ar frio.

– Talvez Frank estivesse com medo de dar a ela a chance de escolher – disse Roger –, mas ele a poupou, e poupou você, da dor de ter que fazer uma escolha. Pelo menos, naquele momento.

Ela comprimiu os lábios e então relaxou.

– Fico me perguntando qual teria sido a escolha dela se ele *tivesse* contado – disse Brianna, um pouco desolada. Ele pousou a mão sobre a dela e apertou de leve.

– Ela teria ficado – disse ele, com certeza. – Ela fez essa escolha uma vez, não foi? Jamie a mandou de volta, para manter você segura, e ela foi. Ela saberia que ele ia querer isso e teria ficado, pelo menos enquanto você precisasse dela. Ela não teria voltado, nem mesmo quando de fato voltou, a menos que você insistisse. Você sabe disso, não sabe?

O rosto dela se acalmou um pouco, aceitando aquilo.

– Acho que você tem razão. Mas ainda assim... saber que ele estava vivo e não tentar encontrá-lo...

Ele mordeu o interior da bochecha para não perguntar. *Se você tivesse que escolher, Brianna? Entre mim e o bebê?* Como um homem podia impor uma escolha como essa à mulher que ama, mesmo que hipoteticamente? Para o bem dela ou dele mesmo... não perguntaria.

– Mas ele colocou a lápide lá. Por que fez isso? – A linha entre as sobrancelhas ainda estava pronunciada, porém não mais reta; ela se entortava com uma perturbação crescente.

Ele não havia conhecido Frank Randall, mas sentia certa simpatia pelo homem, e não apenas uma simpatia desinteressada. Não havia entendido completamente por que acreditava que deveria contar a ela sobre a carta naquele momento, antes do casamento, mas seus motivos estavam se tornando mais claros – e mais perturbadores – a cada minuto.

– Acho que foi por sentir que devia, como eu disse. Não só por Jamie ou por sua mãe, mas por você. Se isso... – ele começou, e então se deteve, apertando a mão dela com força. – Olha, veja o pequeno Jemmy. Ele é meu, assim como você... e sempre será. – Ele respirou fundo. – Mas se eu fosse o

outro homem...

– Se você fosse Stephen Bonnet – disse ela, e seus lábios estavam contraídos, brancos de pavor.

– Se eu fosse Bonnet – concordou ele, com uma vertigem de aversão pela ideia –, se eu soubesse que o filho era meu e que estava sendo criado por um desconhecido, eu não desejaria que a criança soubesse a verdade, em algum momento?

Os dedos dela se contraíram sob os dele, e seus olhos ficaram sombrios.

– Você não pode dizer a ele! Roger, pelo amor de Deus, prometa que nunca contará a ele!

Ele olhou para ela surpreso. As unhas dela se cravavam dolorosamente em sua mão, mas ele não tentou se afastar.

– Ao Bonnet? Meu Deus, não! Se eu encontrar aquele homem de novo, não perderei tempo conversando!

– Não ao Bonnet. – Ela estremeceu, de frio ou emoção, ele não soube dizer. – Deus, fique longe daquele homem! Não, estou falando do Jemmy. – Ela engoliu em seco e segurou as duas mãos dele. – Prometa, Roger, se me ama, prometa que nunca vai contar ao Jemmy sobre Bonnet. Mesmo que algo aconteça comigo...

– Nada vai acontecer com você!

Ela olhou para ele e esboçou um leve sorriso.

– Celibato não é o que quero. Pode ser que aconteça. – Ela hesitou. – E se acontecer... prometa, Roger.

– Está bem, eu prometo – disse ele, com relutância. – Se é isso que você quer.

– É tudo o que eu quero!

– Então você não teria desejado saber sobre... Jamie?

Ela mordeu o lábio ao ouvir a pergunta, afundando os dentes o suficiente para deixar uma marca roxa na pele macia e rosada.

– Jamie Fraser não é Stephen Bonnet!

– Concordo – disse ele friamente. – Mas eu não estava falando do Jemmy. Só disse que, se eu fosse Bonnet, talvez quisesse saber e...

– Ele sabe.

Ela desvencilhou a mão da dele abruptamente e ficou de pé, virando-se

de costas.

– Ele *o quê*?

Ele se aproximou dela em dois passos e a agarrou pelo ombro, virando-a para que olhasse para ele. Ela se retraiu levemente, e ele diminuiu a pressão. Respirou fundo, esforçando-se para manter a voz calma.

– Bonnet sabe sobre o Jemmy?

– Pior do que isso. – Seus lábios tremiam; ela os contraiu com força para que parassem e em seguida os abriu o suficiente para permitir que a verdade escapasse. – Ele acha que Jemmy é filho dele.

Ela se recusou a se sentar com ele de novo, mas ele entrelaçou o braço dela com o dele e fez com que ela caminhasse ao seu lado, pela chuva e pelas pedras, pelo ruído do riacho e das árvores ao vento, até que o movimento a acalmasse o suficiente para que ela pudesse falar, contar a ele sobre os dias em que ficou sozinha em River Run, prisioneira de sua gravidez. Sobre lorde John Grey, o amigo de seu pai e dela; sobre como havia confidenciado a ele seus medos e sua agonia.

– Temia que vocês estivessem mortos. Todos vocês, mamãe, papai, você.

O capuz havia caído para trás e ela não fez nenhum esforço para cobrir a cabeça de novo. Os cabelos ruivos se espalhavam molhados pelos ombros, e gotas de chuva se prendiam às espessas sobrancelhas ruivas.

– A última coisa que o meu pai me disse... Ele não disse, na verdade escreveu, porque eu não queria falar com ele... – Ela engoliu em seco e passou a mão embaixo do nariz, secando uma gota de chuva que pendia da ponta. – Ele disse que eu tinha que encontrar uma maneira de... perdoá-lo. B-Bonnet.

– Uma maneira de *quê*?

Ela puxou o braço e ele se deu conta da força com que seus dedos apertavam a carne dela. Diminuiu a pressão, resmungando um pedido de desculpas, e ela inclinou a cabeça brevemente na direção dele, reconhecendo.

– Ele sabia – disse ela, e parou. Ela se virou para encará-lo, os sentimentos agora expostos. – Você sabe o que aconteceu com ele... em Wentworth.

Roger assentiu em um gesto breve e constrangido. Na verdade, ele não tinha ideia clara do que tinha acontecido a Jamie Fraser, e não tinha

vontade de saber mais do que já sabia. Sabia das cicatrizes nas costas de Fraser e, pelas poucas coisas ditas por Claire, que elas não passavam de uma vaga lembrança.

– Ele sabia – disse ela com firmeza. – E sabia o que tinha que ser feito. Ele me disse... que se quisesse me sentir... inteira... de novo, eu tinha que encontrar uma maneira de perdoar Stephen Bonnet. Então, eu perdoei.

Ele segurava a mão de Brianna com tanta força que sentiu seus ossos se moverem ligeiramente. Ela não dissera nada daquilo a ele, e ele não havia perguntado. O nome de Stephen Bonnet nunca tinha sido mencionado entre eles, não até aquele momento.

– Você o perdoou – disse ele bruscamente, e teve que parar para limpar a garganta. – Então, você o procurou? Falou com ele?

Ela afastou os cabelos molhados do rosto, assentindo. Grey havia contado a ela que Bonnet tinha sido preso e condenado. Enquanto esperava o transporte para Wilmington, onde seria executado, ele estava sendo mantido na adega embaixo da sala da Coroa em Cross Creek. Fora lá que ela se encontrara com ele, levando o que esperava ser a absolvição – para Bonnet, para ela mesma.

– Eu estava enorme. – Com a mão, ela fez um gesto diante da barriga para indicar a gravidez avançada. – Eu disse que o bebê era dele; ele ia morrer, talvez isso fosse alguma espécie de conforto, pensar que... algo ficaria.

Roger sentiu o ciúme tomar seu coração de uma forma tão abrupta que, por um momento, pensou que a dor fosse física. *Algo ficaria*, ele pensou. *Algo dele. E eu? Se eu morrer amanhã, e eu posso morrer, garota! A vida é tão incerta aqui para mim como é para você... o que vai ficar de mim, pode me dizer?*

Ele não ia fazer essa pergunta, sabia disso. Prometera nunca verbalizar a ideia de que Jemmy não era seu filho, nunca. Se havia um casamento real entre eles, então Jemmy era fruto desse casamento, independentemente das circunstâncias de seu nascimento. E ainda assim sentiu as palavras escorrerem, queimando como ácido.

– Então você tinha certeza de que o bebê era dele?

Ela parou e se virou para olhar para ele, os olhos arregalados, em

choque.

– Não. Não, claro que não! Se eu soubesse, teria dito a você!

A sensação de ardência no peito diminuiu um pouco.

– Ah, mas você disse a ele que era... não disse que havia dúvida?

– Ele ia morrer! Queria dar a ele um pouco de conforto, não contar minha história de vida! Ele não tinha nada que saber sobre você, nem sobre a noite do nosso casamento nem... que inferno, Roger! – Ela deu um chute na canela dele.

Ele se desequilibrou com a força do chute, mas segurou o braço dela, impedindo-a de fugir.

– Desculpe! – disse ele, antes que ela pudesse chutá-lo de novo, ou mordê-lo, o que parecia pronta para fazer. – Desculpe. Você tem razão, ele não tinha nada que saber... e eu também não tinha nada que fazer você pensar nisso tudo de novo.

Ela inspirou fundo pelo nariz, como um dragão se preparando para reduzi-lo a cinzas. A faísca de fúria nos olhos dela se atenuou um pouco, mas suas bochechas ainda estavam vermelhas. Ela afastou a mão dele, mas não fugiu.

– Tem sim – disse ela, dirigindo-lhe um olhar sombrio e sério. – Você disse que não deveria haver segredos entre nós, e tinha razão. Mas quando se conta um segredo, às vezes há outro por trás, não é?

– Sim. Mas não é... Não quero...

Antes que pudesse dizer mais alguma coisa, o som de pés e vozes o interrompeu. Quatro homens surgiram da névoa, conversando casualmente em gaélico. Carregavam lanças de madeira afiadas e redes, e todos estavam descalços, molhados até os joelhos. Vários peixes recém-pescados brilhavam sob a chuva.

– *A Smeòraich!* – Um homem, espiando por baixo da aba encharcada de seu grande chapéu, viu os dois e abriu um largo sorriso, olhos perspicazes observando a condição dos dois, desgrenhados. – É você, Tordo! E a filha do Vermelho também? Vocês não podem se conter até a noite?

– Sem dúvida, é melhor comer o fruto proibido do que esperar pela bênção de um padre murcho.

Outro homem enfiou a boina na cabeça e se abraçou brevemente,

deixando claro o que queria dizer com “murcho”.

– Ah, não – disse o terceiro, secando gotas de chuva da ponta do nariz enquanto olhava para Brianna, que estava com a capa colada ao redor do corpo. – Ele só acabou de cantar para ela uma canção de casamento, certo?

– Sei a letra dessa canção também – disse seu companheiro, abrindo um sorriso largo o suficiente para deixar clara a ausência de um dos molares. – Mas eu canto de um jeito ainda mais doce!

O rosto de Brianna tinha começado a arder de novo. Seu gaélico era menos fluente que o de Roger, mas ela certamente era capaz de entender o sentido daquelas provocações rudes. Roger se colocou na frente dela, protegendo-a com seu corpo. Mas os homens não queriam fazer mal; piscaram e sorriram animados, mas não fizeram mais nenhum comentário. O primeiro deles tirou o chapéu e o bateu contra a coxa, espalhando água em volta, e em seguida partiu para cuidar de seus assuntos.

– Que bom encontrar vocês, *a Òranaiche*, de qualquer forma. Minha mãe ouviu sua música na fogueira ontem à noite e contou para minhas tias e meus primos que sua música estava fazendo o sangue dançar em seus pés. Então, agora, eles estão convencidos de que você deve vir cantar no *ceilidh* em Spring Creek. É quando a minha prima mais nova vai se casar, e ela é a única filha do meu tio, que tem um moinho.

– Será um evento de peso, com certeza! – disse um dos mais jovens, o filho do que falara primeiro, pela semelhança com ele.

– Ah, um casamento? – perguntou Roger, em um gaélico lento e formal. – Então, teremos arenque!

Os dois homens mais velhos se alegraram, lembrando-se das tradições, mas seus filhos pareceram confusos.

– Ah, os rapazes não saberiam o que é um arenque se fossem golpeados por um no meio da cara – disse o homem de boina, balançando a cabeça. – Nascidos aqui, os dois.

– E onde era a sua casa na Escócia, senhor? – O homem se moveu bruscamente, surpreso com a pergunta, dita em gaélico claro. Ele olhou para Brianna por um momento, e então sua expressão mudou quando respondeu a ela.

– Skye – disse ele delicadamente. – Skeabost, perto da base dos Cuillins.

Meu nome é Angus MacLeod, e Skye é a terra dos meus pais e dos meus avós. Mas os meus filhos nasceram aqui.

Ele falou baixo, mas havia um tom em sua voz que reprimiu a hilaridade dos mais jovens como se um cobertor úmido tivesse sido lançado sobre eles. O homem de chapéu de aba larga olhava para Brianna com interesse.

– E você nasceu na Escócia, *a nighean*?

Ela balançou a cabeça em silêncio, puxando a capa por cima dos ombros.

– Eu nasci – disse Roger, respondendo a um olhar de dúvida. – Em Kyle of Lochalsh.

– Ah – disse MacLeod, a satisfação clara em seus traços curtidos pelo tempo. – Então você conhece todas as canções das Terras Altas e das Ilhas?

– Não – respondeu Roger sorrindo. – Mas conheço muitas... e vou aprender mais.

– Faça isso – disse MacLeod, assentindo lentamente. – Faça isso, Cantor... e ensine as canções aos seus filhos. – Seus olhos se iluminaram ao olhar para Brianna, e ele esboçou um leve sorriso. – Deixe que ele cante para os meus filhos, para que saibam de onde vieram, ainda que nunca ponham os pés lá.

Um dos homens mais jovens deu um passo à frente, segurando timidamente os peixes, que estendeu para Brianna.

– Para você – disse ele. – Um presente pelo seu casamento.

Roger viu que o canto de sua boca se curvou um pouco, com humor ou uma histeria incipiente?, ele se perguntou, mas ela estendeu a mão e pegou os peixes com dignidade. Ergueu a barra de sua capa com uma das mãos e fez uma profunda reverência para todos eles.

– *Chaneil facal agam dhuibh ach taing* – disse ela, com seu gaélico lento e estranhamente carregado. Não tenho nada a dizer além de obrigada.

Os jovens coraram, e os mais velhos pareceram muito satisfeitos.

– Está ótimo, *a nighean* – disse MacLeod. – Deixe que o seu marido lhe ensine, então... e deixe que ele ensine o *Gaidhlig* aos seus filhos. Que tenham muitos! – Ele tirou a boina e fez uma reverência extravagante para ela, com os dedos dos pés afundando na lama para manter o equilíbrio.

– Muitos filhos, fortes e saudáveis! – desejou seu companheiro, e os dois rapazes sorriram e assentiram, murmurando timidamente. – Que você tenha

muitos filhos, senhora!

Roger combinou tudo para o *ceilidh* automaticamente, sem ousar olhar para Brianna. Eles ficaram em silêncio, a menos de um metro de distância, enquanto os homens se afastavam, olhando para trás com curiosidade. Brianna olhou para a lama e para a grama onde eles estavam, com os braços cruzados à frente do corpo. A sensação de ardência continuava no peito de Roger, mas agora era diferente. Ele queria tocá-la, desculpar-se de novo, mas achou que isso só ia piorar as coisas.

No fim, ela fez o primeiro movimento. Aproximou-se dele e pousou a cabeça em seu peito, seus cabelos molhados e frios encostando no ferimento do pescoço dele. Os seios dela estavam enormes, duros como pedras contra o peito dele, pressionados contra ele, afastando-o.

– Preciso do Jemmy – disse ela, baixinho. – Preciso do meu bebê.

As palavras ficaram presas na garganta dele, entre a desculpa e a raiva. Ele não havia se dado conta de quanto ia doer pensar que Jemmy fosse de outro – não dele, mas de Bonnet.

– Eu também preciso dele – sussurrou ele por fim, e a beijou rapidamente na testa, pegando sua mão para cruzarem o prado mais uma vez. A montanha acima deles permanecia encoberta pela névoa, invisível, apesar de gritos e murmúrios, trechos de conversa e de músicas que chegavam até eles, como ecos do Olimpo.

ESTILHAÇO

A garoa tinha parado no meio da manhã, e pequenos vislumbres do céu azul apareciam entre as nuvens, dando-me um pouco de esperança de que o tempo pudesse firmar até a noite. Pouco me importava o que diziam os provérbios e presságios: eu não queria chuva durante as cerimônias de casamento, por Brianna. Não seria na igreja de St. James com arroz e cetim branco, mas podia pelo menos estar *seco*.

Esfreguei a mão direita, aliviando a cãibra por ter segurado o boticão durante muito tempo. O dente quebrado do dr. Goodwin tinha sido mais difícil de extrair do que eu pensara, mas consegui retirá-lo, com raiz e tudo, e o mandei para casa com uma garrafa pequena de uísque e instruções para que ele fizesse bochechos de hora em hora para evitar infecção. Engolir era opcional.

Eu me espreguicei, sentindo o bolso embaixo da saia resvalar em minha perna com um agradável tilintar. O sr. Goodwin de fato tinha pagado em dinheiro. Eu me perguntei se seria suficiente para um astrolábio, e por que diabos Jamie queria um. Mas minhas especulações foram perturbadas por alguém tossindo atrás de mim.

Eu me virei e vi Archie Hayes, parecendo um tanto confuso.

– Oh! Ah... posso ajudá-lo, tenente?

– Sim, pode ser que sim, sra. Fraser – disse ele, olhando para mim de cima a baixo com um sorrisinho. – Farquard Campbell disse que os escravos dele estão convencidos de que a senhora consegue ressuscitar os mortos, então imagino que um fragmento de metal não representaria um grande desafio para a senhora como cirurgiã.

Murray MacLeod, que estava ouvindo, riu alto e se virou para os

pacientes que o esperavam.

– Oh – repeti, passando um dedo embaixo do nariz, envergonhada.

Um dos escravos de Campbell havia sofrido um ataque epiléptico quatro dias antes, recuperando-se abruptamente enquanto eu tocava seu peito para examiná-lo. Foi em vão que tentei explicar o que acontecera: minha fama se espalhou como rastilho de pólvora pela montanha.

Naquele momento, um pequeno grupo de escravos estava agachado à beira da clareira, brincando com pedrinhas e esperando os outros pacientes serem atendidos. Olhei para eles com os olhos semicerrados, só por garantia; se um deles estivesse morrendo ou em estado grave, eu sabia que eles não se esforçariam para me contar – tanto por respeito aos meus pacientes brancos quanto por acreditarem piamente que, se algo drástico acontecesse enquanto estivessem esperando, eu simplesmente ressuscitaria o cadáver conforme a minha vontade e lidaria com o problema depois.

Todos pareciam muito bem no momento, e aparentemente continuariam do mesmo modo em um futuro próximo. Virei-me para Hayes, limpando as mãos enlameadas no avental.

– Bem... deixe-me ver o fragmento de metal para avaliar o que pode ser feito.

Sem se fazer de rogado, Hayes tirou o chapéu, o casaco, o colete, o lenço do pescoço e a camisa, além da gargantilha de prata de seu uniforme. Ele entregou as peças ao ajudante que o acompanhava e se sentou em meu banco, com a dignidade praticamente intocada pela nudez parcial, pelos arrepiados em suas costas e seus ombros ou pelo murmúrio de surpresa dos escravos que esperavam quando o viram.

Em seu torso quase não havia pelos e a pele tinha um tom pálido de anos sem nenhuma exposição ao sol, em forte contraste com a pele escurecida e curtida das mãos, do rosto e dos joelhos. Os contrastes iam além disso, no entanto.

Sobre a pele leitosa do lado esquerdo do peito havia uma enorme mancha preta-azulada que se estendia das costelas até a clavícula. E apesar de o mamilo direito ter um tom normal marrom-rosado, o da esquerda estava assustadoramente branco. Eu vacilei diante do que vi, e ouvi um baixo “*A Dhia!*” atrás de mim.

– *A Dhia, tha e 'tionndadh dubh!* – disse outra voz, um pouco mais alto. Por Deus, ele está ficando preto!

Hayes pareceu não ouvir nada daquilo, mas se sentou para que eu o examinasse. De perto, vi que a cor escura não era a pigmentação normal, mas um mosqueado causado pela presença de inúmeros grânulos pretos sob a pele. O mamilo não existia mais, tendo sido substituído por uma cicatriz branca e brilhante do tamanho de uma moeda de cinquenta centavos.

– Pólvora – murmurei, correndo os dedos levemente sobre a área escurecida.

Eu já tinha visto coisas assim: causadas por um tiro de raspão ou por um tiro à queima-roupa, que deixava partículas de pólvora e muitas vezes pedaços de bucha e tecido em camadas mais profundas da pele. Como era de esperar, havia pequenos inchaços embaixo da pele, evidentes ao toque das pontas dos dedos, fragmentos escuros da roupa que ele estava vestindo quando levou o tiro.

– A bala ainda está no senhor?

Eu conseguia ver onde ela havia entrado; toquei a cicatriz branca, tentando imaginar o caminho que a bala poderia ter feito depois.

– Metade dela, sim – respondeu ele tranquilamente. – Ela se fragmentou. Quando o cirurgião a retirou, me deu pedacinhos dela. Quando tentei reconstituí-la depois, formei apenas metade de uma bola, então o resto deve ter ficado.

– A bala se fragmentou? É incrível que os fragmentos não tenham penetrado em seu coração ou pulmão – falei, agachando-me para poder analisar o ferimento mais de perto.

– Ah, sim – disse ele. – Pelo menos imagino que tenha se fragmentado, pois entrou no meu peito, como pode ver, mas está saindo pelas minhas costas agora.

Para a surpresa de quem observava – e também minha –, ele estava certo. Eu não apenas sentia um pequeno caroço embaixo da pele no canto da omoplata esquerda, eu podia *ver*; um inchaço escurecido contra a pele macia e branca.

– Minha nossa! – exclamei, e ele resmungou, divertindo-se com a minha surpresa ou com o que eu disse, não sei dizer.

Por mais estranho que fosse, o estilhaço não apresentava dificuldade cirúrgica. Mergulhei um pano na tigela de álcool destilado, limpei a região com cuidado, esterilizei um bisturi e cortei a pele depressa. Hayes ficou imóvel enquanto eu fazia isso; ele era um soldado e um escocês, e como as marcas em seu peito mostravam, já havia enfrentado coisa muito pior.

Estendi dois dedos e os pressionei dos dois lados da incisão. Os lados do corte pequeno se abriram para fora e então um pedacinho de metal repentinamente saiu como uma língua colocada para fora – o suficiente para que eu o pegasse com uma pinça e o extraísse. Depositei o fragmento descolorido na mão de Hayes, com uma discreta exclamação de triunfo, e pressionei uma gaze ensopada de álcool nas costas dele.

Ele soltou um suspiro bem longo, os lábios contraídos, e sorriu para mim por sobre o ombro.

– Obrigado, sra. Fraser. Esse camaradinho já me faz companhia há algum tempo, mas não posso dizer que esteja triste por me livrar dele. – Ele formou uma concha com a mão suja de sangue, analisando o fragmento de metal com grande interesse.

– Há quanto tempo isso aconteceu? – perguntei com curiosidade. Eu não acreditava que o estilhaço havia atravessado totalmente o corpo dele, apesar de dar a impressão de ter feito isso. O mais provável, pensei, era que tivesse permanecido perto da superfície do ferimento original e tivesse percorrido o torso lentamente, empurrado entre pele e músculos pelos movimentos de Hayes, até chegar onde estava.

– Ah, vinte anos ou mais, senhora – disse ele. Tocou o ponto rígido, entorpecido e branco que já tinha sido um dos mais sensíveis do seu corpo. – Foi em Culloden.

Ele falava casualmente, mas senti os meus braços se arrepiarem ao ouvir esse nome. Vinte anos ou mais... vinte e cinco, provavelmente. Na época...

– O senhor não tinha mais do que 12 anos! – falei.

– Não – respondeu ele, erguendo a sobrancelha. – Tinha 11. Meu aniversário foi no dia seguinte.

Fiquei engasgada com o que quer que fosse que poderia ter respondido. Pensei que havia perdido a capacidade de me chocar com as realidades do passado, mas estava claro que não. Alguém havia atirado nele – um garoto

de 11 anos – à queima-roupa. Sem chance de ter sido um erro, uma bala perdida no calor da batalha. O homem que atirara nele sabia que era uma criança que pretendia matar – e atirara mesmo assim.

Meus lábios se contraíram enquanto eu examinava a incisão. Não tinha muito mais do que 2 centímetros e não era profunda. A bala fragmentada havia permanecido próxima da superfície. Ótimo, não precisaria de pontos. Pressionei uma gaze limpa contra a ferida e fiquei diante dele para prender a faixa de linho que ia segurar a gaze no lugar.

– Foi um milagre ter sobrevivido – comentei.

– Foi, sim – concordou ele. – Eu estava deitado no chão, com o rosto de Murchison perto do meu, e eu...

– Murchison! – A exclamação escapou e vi um lampejo de satisfação tomar o rosto de Hayes. Tive um breve momento premonitório, lembrando do que Jamie dissera a respeito de Hayes na noite anterior. *Ele pensa mais do que diz, o pequeno Archie... e ele fala muito. Cuidado com ele, Sassenach.* Bem, era um pouco tarde para ter cuidado, mas eu duvidava de que aquilo importasse, ainda que *tivesse* sido o mesmo Murchison...

– Você conhece o nome, pelo visto – observou ele, com satisfação. – Eu soube na Inglaterra que certo sargento Murchison, do vigésimo sexto, foi enviado à Carolina do Norte. Mas a guarnição em Cross Creek tinha partido quando chegamos à cidade. Um incêndio, não foi?

– Hã, sim – falei, bastante tensa com a referência. Fiquei feliz por Bree ter saído. Só duas pessoas conheciam toda a verdade a respeito do que havia acontecido quando o armazém da Coroa em Cross Creek foi incendiado, e ela era uma delas. Quanto à outra... bem, era improvável que Stephen Bonnet cruzasse o caminho do tenente em breve – se é que ele ainda estava vivo.

– E os homens da guarnição – continuou Hayes. – Murchison e os demais, para onde foram, a senhora sabe?

– O sargento Murchison morreu, lamentavelmente – disse uma voz grave e suave atrás de mim.

Hayes olhou para a pessoa que estava atrás de mim e sorriu.

– *A Sheumais ruaidh* – disse ele. – Achei mesmo que você viria ter com a sua mulher, mais cedo ou mais tarde. Estou à sua procura desde cedo.

Fiquei sobressaltada ao ouvi-lo se referir a Jamie daquela forma, e Jamie também. Uma expressão de surpresa tomou seu rosto e em seguida desapareceu, substituída pelo alerta. Ninguém o chamava de “Jamie Vermelho” desde os dias da Rebelião.

– Eu soube – disse ele secamente. Sentou-se em outro banco, de frente para Hayes. – Vamos lá, então. O que quer comigo?

Hayes pegou a bolsa de couro que estava pendurada entre seus joelhos, procurou dentro dela por um momento e tirou um quadrado de papel dobrado, lacrado com um selo vermelho com um brasão que reconheci. Meu coração acelerou quando vi aquilo – eu de alguma forma duvidava que o governador Tryon estivesse me enviando votos de feliz aniversário atrasados.

Hayes o virou, analisando com cuidado para ver se o nome escrito na frente era de Jamie, e o entregou. Para minha surpresa, Jamie não o abriu de imediato, mas ficou parado, segurando-o, os olhos fixos no rosto de Hayes.

– O que o trouxe aqui? – perguntou ele abruptamente.

– Ah, o dever, pode ter certeza – respondeu Hayes, as sobrancelhas finas arqueadas em uma expressão de surpresa inocente. – Um soldado faz alguma coisa por algum outro motivo?

– Dever – repetiu Jamie. Deu batidinhas com a missiva contra a perna, despreocupado. – Ah, sim. O dever pode levá-lo de Charleston à Virginia, mas existem maneiras mais rápidas de chegar lá.

Hayes começou a dar de ombros, mas desistiu, já que o movimento faria com que o ombro que eu estava enfaixando se mexesse.

– Eu tinha a Proclamação para trazer, do governador Tryon.

– O governador não tem autoridade sobre você nem sobre seus homens.

– É verdade – concordou Hayes –, mas por que eu não prestaria um serviço ao homem, se pudesse?

– Sim, e ele pediu a você que fizesse o serviço ou a iniciativa foi sua? – perguntou Jamie, com um tom claro de cinismo.

– Você se tornou um homem desconfiado na maturidade, *a Sheumais ruaidh* – disse Hayes, balançando a cabeça de modo reprovador.

– Foi assim que permaneci vivo para chegar à maturidade – respondeu Jamie, com um leve sorriso. Ele fez uma pausa, encarando Hayes. – Você diz que foi um homem chamado Murchison que atirou em você no campo em

Drumossie?

Eu havia terminado o curativo. Hayes mexeu o ombro para ver se sentia dor.

– Você sabe, com certeza, *a Sheumais ruaidh*. Não se lembra do dia, homem?

O rosto de Jamie mudou sutilmente, e eu senti um leve tremor de intranquilidade. A verdade era que Jamie quase não tinha lembranças do último dia dos clãs, nem da carnificina que deixara tantos sangrando na chuva – inclusive ele próprio. Eu sabia que cenas rápidas daquele dia ocorriam a ele de vez em quando durante o sono, fragmentos de um pesadelo, mas, quer fosse pelo trauma, por causa de uma lesão ou pela simples força de vontade, ele não se lembrava da Batalha de Culloden – pelo menos até aquele momento. Eu não achava que ele quisesse revivê-la.

– Muitas coisas aconteceram naquele dia. Não me lembro de tudo, não. – Ele abaixou a cabeça abruptamente, passou o polegar pela aba da carta e a abriu, fazendo com que o selo se rompesse em vários fragmentos.

– Seu marido é um homem modesto, sra. Fraser. – Hayes assentiu para mim ao chamar seu ajudante com um movimento da mão. – Ele nunca contou o que fez naquele dia?

– Houve muita valentia naquele campo – murmurou Jamie, com a cabeça abaixada enquanto observava a carta. – E um tanto de covardia. – Eu não achava que ele estivesse lendo. Seus olhos estavam fixos, como se ele estivesse vendo outra coisa, além do papel que segurava.

– Sim, é verdade – concordou Hayes. – Mas parece importante mencionar quando um homem salva sua vida, não?

Jamie levantou a cabeça ao ouvir isso, sobressaltado. Eu fui para trás dele, pousando a mão com leveza em seu ombro. Hayes pegou a camisa da mão do ajudante e a vestiu lentamente, sorrindo de um modo esquisito e meio cauteloso.

– Não se lembra de como acertou Murchison na cabeça, quando ele estava prestes a me atingir com a baioneta? E então você me pegou e me carregou para fora do campo, para um poço perto dali. Um dos chefes estava deitado na grama, e seus homens estavam lavando a cabeça dele na água, mas eu conseguia ver que ele estava morto, estava imóvel. Havia alguém lá

para cuidar de mim. Queriam que você ficasse também, pois estava ferido e sangrando, mas você se recusou. Desejou que eu ficasse bom, em nome de São Miguel... e então voltou para o campo.

Hayes ajustou a corrente de sua gargantilha, ajustando a pequena meia-lua de prata sob o queixo. Sem lenço, seu pescoço parecia nu, indefeso.

– Você parecia muito irado, homem, pois havia sangue escorrendo pelo seu rosto e seus cabelos estavam soltos ao vento. Havia embainhado a espada para me carregar, mas voltou a empunhá-la quando se virou. Pensei que não o veria de novo, pois nunca vi um homem que parecesse mais estar prestes a morrer...

Ele balançou a cabeça, com os olhos semicerrados, como se visse não o homem forte e sóbrio à sua frente, não o Fraser da Cordilheira – mas o Jamie Vermelho, o jovem guerreiro que não havia voltado por valentia, mas porque queria pôr fim à vida, sentindo-a como um peso... porque havia me perdido.

– Eu fiz isso? – murmurou Jamie. – Eu tinha... me esquecido. – Eu podia sentir a tensão nele, cantando como um fio estendido sob a minha mão. Uma pulsação rápida na artéria abaixo da orelha dele. Havia coisas de que ele havia se esquecido, mas não daquilo. Nem eu.

Hayes abaixou a cabeça enquanto seu ajudante prendia o lenço ao redor do seu pescoço, em seguida se endireitou e assentiu para mim.

– Agradeço, senhora, foi muito gentil da sua parte.

– Não foi nada – respondi, com a boca seca. – Foi um prazer. – Havia começado a chover de novo. As gotas frias batiam nas minhas mãos e no meu rosto, e a umidade brilhava nos ossos fortes do rosto de Jamie, tremulando em seus cabelos e nos cílios grossos.

Hayes vestiu o casaco e prendeu o nó de seu tartã com um broche dourado – o broche que o pai dera a ele antes de Culloden.

– Então, Murchison está morto – disse ele, como se falasse sozinho. – Ouvi dizer – seus dedos se atrapalharam com o fecho do broche por um momento – que havia dois irmãos com esse mesmo nome, ambos farinha do mesmo saco.

– Havia – disse Jamie. Ele ergueu o olhar e seus olhos encontraram os de Hayes. O rosto do tenente não demonstrava nada além de um leve interesse.

– Ah. E você saberia, então, qual dos dois foi?...

– Não. Mas não importa. Os dois estão mortos.

– Ah. – repetiu Hayes. Ele se deteve por um momento, como se pensasse, e então fez uma reverência para Jamie, formalmente, com o chapéu contra o peito. – *Buidheachas dhut, a Sheumais mac Brian*. E que Miguel, o Abençoado, o proteja. – Levantou a boina brevemente para me cumprimentar, colocou-a na cabeça e se virou para sair, seguido por seu ajudante, que foi atrás dele em silêncio.

Um pé de vento soprou pela clareira, trazendo uma rajada de chuva fria, muito parecida com a chuva congelante de abril em Culloden. Jamie tremeu subitamente ao meu lado, com um estremecimento convulsivo que amassou a carta que ainda segurava.

– De quanto você se lembra? – perguntei, olhando para Hayes, enquanto ele se afastava pelo chão encharcado de sangue.

– Quase nada – respondeu Jamie. Ele ficou de pé e se virou para olhar para mim, os olhos escuros como os céus nublados acima. – E isso ainda é muito.

Ele me entregou a carta amassada. A chuva havia manchado a tinta aqui e ali, mas ainda dava para ler. Em contraste com a Proclamação, ela continha apenas duas frases, mas a frase adicional não diluiu o impacto.

New Bern, 20 de outubro

Coronel James Fraser

Como a paz e a boa ordem deste governo têm sido violadas ultimamente e muito dano tem sido causado às pessoas e às propriedades de muitos dos habitantes desta província por um grupo de pessoas que se dizem reguladoras, eu faço como determinou o Conselho da Ordem de Sua Majestade e ordeno que o senhor convoque imediatamente uma Reunião Geral de tantos homens quantos julgar adequados a servir em um Regimento da Milícia, e que me comunique o mais rápido possível o número de voluntários dispostos a servir ao seu Rei e ao seu País, quando convocados a fazê-lo, e também o número de homens que

pertencem a seu Regimento e que podem ser chamados no caso de uma Emergência e no caso de mais Violência ser cometida pelos Insurgentes. Sua obediência Diligente e pontual a essas ordens será bem recebida por este

Servo Obediente de Sua Majestade,

William Tryon

Dobrei com cuidado a carta manchada de chuva e percebi que as minhas mãos estavam tremendo. Jamie a tomou de mim e a segurou entre o polegar e o indicador, como se fosse um objeto indesejado – e de fato era. Sua boca se retorceu quando ele olhou nos meus olhos.

– Pensei que teríamos um pouco mais de tempo – disse ele.

A AJUDA

Quando Brianna partiu para buscar Jemmy, que estava com Jocasta, Roger subiu lentamente a montanha em direção ao acampamento deles. Cumprimentou e aceitou os cumprimentos das pessoas pelas quais ele passou, mas mal ouviu o que diziam.

Haverá uma próxima vez, ela dissera. Ele se aferrava àquelas palavras, revirando-as em sua mente como se fossem um punhado de moedas no bolso. Ela não dissera aquilo por dizer. Estava falando sério, e era uma promessa que no momento significava ainda mais para ele do que aquelas feitas na primeira noite de casados.

Ao pensar em casamento, lembrou-se finalmente de que, na verdade, outro se aproximava. Olhou para si mesmo e viu que Bree não estava exagerando em relação a sua aparência. Maldição, e aquele também era o casaco de Jamie.

Começou a espanar as agulhas de pinheiro e os vestígios de lama da roupa, mas foi interrompido por um som vindo do caminho acima. Olhou para a frente e viu Duncan Innes descendo a encosta íngreme cuidadosamente, o corpo inclinado para compensar o braço ausente. Duncan havia vestido seu casaco esplêndido, escarlate com detalhes azuis e botões dourados, e seus cabelos estavam presos em uma trança sob um novo e elegante chapéu preto. A transformação de pescador das Terras Altas em próspero proprietário de terras era surpreendente – até mesmo a atitude de Duncan parecia diferente, mais confiante.

Duncan estava acompanhado de um homem alto, magro e idoso, muito asseado, mas simples na aparência, as poucas mechas de cabelo brancas presas, deixando à mostra a testa alta e calva. A boca era murcha devido à

ausência de dentes, mas mantinha a curva simpática, e seus olhos eram azuis e brilhantes, em um rosto comprido cuja pele era tão esticada sobre os ossos que quase não deixava sobras enrugadas ao redor dos olhos, embora linhas profundas marcassem a boca e a testa. Com um nariz aquilino comprido e vestido com roupas pretas surradas, ele parecia um simpático abutre.

– A *Smeòraich* – disse Duncan a Roger, parecendo satisfeito. – Justamente o homem que eu queria encontrar! Imagino que você esteja ansioso com o casamento! – acrescentou ele, olhando com curiosidade para o casaco manchado e os cabelos cheios de folhas de Roger.

– Ah, sim. – Roger pigarreou, deixando de espanar as roupas para bater no peito como se quisesse soltar o catarro. – Mas o tempo está meio úmido para um casamento, não?

– Feliz o cadáver sobre o qual a chuva cai – concordou Duncan, e riu com certo nervosismo. – Mas esperamos que você não morra de pleurite antes de se casar, certo, rapaz? – Ele ajeitou o casaco vermelho nos ombros, espanando um pouco de pó imaginário do punho.

– Você está muito elegante, Duncan – elogiou Roger, pretendendo desviar a atenção de seu próprio estado deplorável com um pouco de descontração. – Está até parecendo um noivo!

Duncan corou um pouco atrás do bigode e remexeu nos botões do casaco com sua única mão.

– Ah, bem – disse ele, parecendo um pouco envergonhado. – A srta. Jo disse que não pretendia ficar ao lado de um espantalho. – Ele tossiu e se virou de modo repentino para seu companheiro, como se a palavra tivesse subitamente feito com que ele se lembrasse da presença do homem.

– Sr. Bug, eis o genro dele, Roger Mac, de quem lhe falei. – Ele se virou na direção de Roger, acenando vagamente para seu companheiro, que deu um passo à frente, estendendo a mão em uma reverência cerimoniosa, mas cordial. – Este é Arch Bug, *a Smeòraich*.

– A seu dispor, sr. Bug – disse Roger educadamente, um pouco espantado ao ver que na mão grande e ossuda que apertava a dele faltavam os dois primeiros dedos.

– Ump – respondeu o sr. Bug, mostrando com sua atitude que o

sentimento era recíproco. Talvez pretendesse se estender sobre o assunto, mas, quando abriu a boca, uma voz feminina e estridente, um pouco rouca por causa da idade, pareceu emergir dela.

– É muita bondade, senhor, do sr. Fraser, e tenho certeza de que ele não terá motivos para se arrepender, certamente não, como eu disse a ele. Não tenho palavras para expressar a bênção que é. Nós não sabíamos de onde viria a próxima refeição, nem como manteríamos um teto sobre nossas cabeças! Eu disse ao Arch, eu disse: agora teremos que confiar em Cristo e em Nossa Senhora, e se passarmos fome, passaremos fome em estado de graça, e o Arch me disse...

Uma mulher pequena e rechonchuda, com roupas puídas e idosa como o marido, mas igualmente bem-arrumada, surgiu, ainda falando. Por ser baixinha, Roger não a vira, escondida atrás das barras volumosas do velho casaco do marido.

– A sra. Bug – Duncan sussurrou para ele, sem necessidade.

–... sem um centavo para nos manter, eu me perguntava o que seria de nós, e então Sally McBride disse ter ouvido que Jamie Fraser precisava de um bom...

O sr. Bug sorriu por cima da cabeça da mulher. Ela se interrompeu no meio da frase, os olhos arregalados de choque ao ver o estado do casaco de Roger.

– Minha nossa, o que é isso? O que andou fazendo, rapaz? Sofreu um acidente? Parece que alguém o derrubou e o arrastou pelos pés por um monte de esterco!

Sem esperar por respostas, ela pegou um lenço limpo no bolso grande preso a sua cintura, cuspiu nele sem cerimônia e começou a limpar diligentemente as manchas de terra da parte da frente do casaco dele.

– Ah, não precisa... quero dizer... obrigado.

Roger sentia-se como se tivesse sido enfiado em um tipo de maquinário. Olhou para Duncan, em busca de ajuda.

– Jamie Roy convidou o sr. Bug para trabalhar como administrador na Cordilheira dos Frasers.

Duncan aproveitou a pausa momentânea proporcionada pela preocupação da sra. Bug para se explicar.

– Administrador? – Roger se sobressaltou ao ouvir a palavra, como se alguém tivesse lhe dado um soco logo abaixo do esterno.

– Sim, para as ocasiões em que ele esteja fora ou ocupado com outros assuntos. Afinal, é verdade que campos e arrendatários não se administram sozinhos.

Duncan falava com certo tom de mágoa. Por já ter sido um pescador simples de Coigach, ele com frequência considerava as responsabilidades de cuidar de uma fazenda grande muito pesadas, e olhava agora para o sr. Bug com um leve ar de cobiça, como se tivesse pensado, por um momento, em colocar aquela pessoa útil dentro do bolso e levá-la para casa, em River Run. Claro, Roger pensou, que isso significaria levar a sra. Bug também.

– E como é também *muita* sorte, e eu disse ao Arch ontem mesmo que o melhor que podíamos esperar era encontrar trabalho em Edenton ou Cross Creek, e que talvez o Arch tivesse que trabalhar nos barcos, mas seria uma vida perigosa, não? Molhado até os ossos a metade do tempo, e febres mortais emergindo dos pântanos como espíritos malignos, e o ar pesado com o miasma, impróprio para respirar, e eu talvez lavando roupa para fora enquanto ele estivesse longe, nas águas, mas eu tenho certeza de que detestaria isso, pois não passamos uma noite sequer separados desde que nos casamos, não é, querido?

Ela lançou um olhar de devoção para o marido alto, que abriu um sorriso amável para ela. Talvez o sr. Bug fosse surdo, pensou Roger. Ou talvez eles estivessem casados havia apenas uma semana...

Sem precisar perguntar, no entanto, ele foi informado de que os Bugs eram marido e mulher havia mais de quarenta anos. Arch Bug tinha sido empregado de Malcolm Grant de Glenmoriston, mas os anos após a Rebelião tinham sido duros. Depois que a propriedade que ele mantinha para Grant foi confiscada pela Coroa inglesa, Bug passou alguns anos trabalhando como caseiro, mas, devido às dificuldades e à fome, ele se viu obrigado a pegar a mulher e o pouco dinheiro que tinham e partir em busca de uma nova vida na América.

– Pensamos em tentar em Edimburgo... – disse o velho cavalheiro, a voz baixa e cortês, com um leve sotaque das Terras Altas. Então ele *não era* surdo, pensou Roger. Ainda não.

–... porque eu tinha um primo lá que trabalhava em uma das casas bancárias, e pensamos que talvez ele pudesse falar com alguém...

– Mas eu já estava muito velho e não tinha habilidade suficiente...

–... e que sorte deles em tê-lo! Mas não, tolos como eram, não quiseram nem considerar, por isso tivemos que vir embora e tentar...

Duncan olhou nos olhos de Roger e escondeu um sorriso atrás do bigode enquanto as aventuras dos Bugs iam sendo contadas daquele modo sincopado. Roger retribuiu o sorriso, tentando afastar uma sensação de desconforto em seu íntimo.

Administrador. Alguém para supervisionar as coisas na Cordilheira dos Frasers, para cuidar do plantio e da colheita e lidar com os assuntos dos arrendatários quando Jamie Fraser estivesse fora ou ocupado. Uma necessidade óbvia, com a recente chegada de novos arrendatários e a noção do que os próximos anos iam trazer.

Foi apenas naquele momento, porém, que Roger percebeu que havia assumido, subconscientemente, que *ele* seria o braço direito de Jamie para cuidar desses assuntos. Ou o esquerdo, pelo menos.

Fergus ajudava Jamie até certo ponto, levando mensagens e trazendo informações. No entanto, o fato de que Fergus não tinha uma das mãos limitava o que ele podia fazer fisicamente, e ele não poderia cuidar da papelada nem das contas; Jenny Murray ensinara o órfão francês adotado por seu irmão a ler, mas não conseguira ensinar-lhe os números.

Roger olhou de soslaio para a mão do sr. Bug, que agora repousava afetivamente sobre o ombro rechonchudo da esposa. Era grande, castigada pelo trabalho, de aparência forte apesar da mutilação, mas os dedos restantes eram deformados pela artrite, e os nós pareciam ossudos e doloridos.

Então Jamie achava que mesmo um homem idoso e meio aleijado teria mais condições do que Roger para lidar com os assuntos da Cordilheira? Era uma conclusão inesperadamente amarga.

Ele sabia que o sogro tinha dúvidas quanto a sua capacidade que iam além da desconfiança natural de qualquer pai em relação ao homem que se casa com sua filha. Como sofria de uma completa surdez tonal, Jamie naturalmente não valorizava o talento musical de Roger. E apesar de Roger ter uma estatura razoável e ser trabalhador, infelizmente tinha pouco

conhecimento prático sobre criação de animais, caça ou uso de armas mortais. E também não tinha grande experiência na agricultura nem na administração de uma grande propriedade – algo que o sr. Bug claramente tinha. Roger seria o primeiro a admitir essas coisas.

Mas ele era o genro de Jamie, ou estava prestes a se tornar. Maldição, Duncan havia acabado de apresentá-lo dessa forma! Podia ter sido criado em outra época – mas era um escocês das Terras Altas, apesar de tudo, e sabia muito bem que sangue e parentesco contavam mais do que qualquer coisa.

O marido de uma filha única normalmente seria considerado o filho da casa, vindo em segundo lugar depois do chefe da família em autoridade e respeito. A menos que houvesse algo de muito errado com ele. Se fosse um bêbado, por exemplo, ou um criminoso. Ou pouco inteligente... Cristo, era isso que Jamie pensava dele? Que era um estúpido inútil?

– Sente-se, meu jovem, e eu vou cuidar desse lindo cabelo – disse a sra. Bug, interrompendo seus pensamentos sombrios.

Ela pegou a manga do casaco, estalando a língua em desaprovação ao ver as folhas e galhos nos cabelos dele.

– Olhe só para você, todo sujo e molhado! Andou brigando, não foi? Bem, espero que o outro camarada esteja pior, é só o que posso dizer.

Antes que ele pudesse protestar, ela o colocou sentado em uma rocha, tirou um pente de madeira do bolso e penteou os cabelos dele, cuidando dos cachos de modo tão enérgico que parecia querer arrancar vários fios.

– Tordo, é como o chamam, não é? – perguntou a sra. Bug, fazendo uma pausa em sua atividade, segurando uma mecha dos cabelos pretos e brilhosos e olhando para eles desconfiada, como se estivesse à procura de vermes.

– Ah, sim, mas não é por causa da cor dos cabelos – disse Duncan, sorrindo diante do claro desconforto de Roger. – É por causa da cantoria. Ele tem um canto doce como o do rouxinol, o Roger Mac.

– Canto? – gritou a sra. Bug. Ela soltou a mecha de cabelo, encantada. – Foi você que ouvimos ontem à noite, então? Cantando “Ceann-ràra” e “Loch Ruadhainn”? E tocando o *bodhran*?

– Sim, pode ter sido – murmurou Roger com modéstia. A admiração

clara da senhora, expressada de modo intenso, o deixou lisonjeado e fez com que sentisse vergonha do ressentimento momentâneo que sentira em relação ao marido dela. Afinal, ele pensou, ao ver o aspecto andrajoso do seu avental surrado e as rugas no rosto dela, dava para perceber que os mais velhos claramente tinham passado por maus bocados. Talvez Jamie os tivesse contratado tanto por caridade quanto por sua necessidade de ajuda.

Isso fez com que ele se sentisse melhor, e ele agradeceu à sra. Bug muito delicadamente por sua ajuda.

– Querem ir até a nossa fogueira agora? – perguntou ele, lançando um olhar questionador ao sr. Bug. – Acredito que ainda não tenham conhecido a sra. Fraser ou...

Ele foi interrompido por um barulho como a sirene de um carro de bombeiros, distante, mas obviamente se aproximando. Muito familiarizado com aquele barulho em particular, não ficou surpreso ao ver o sogro surgir de uma das trilhas que cruzavam a montanha, com Jem se contorcendo e gritando como um gato escaldado em seus braços.

Jamie, parecendo meio afobado, entregou a criança a Roger, que a pegou e – por falta de outra inspiração – enfiou o polegar na boca aberta do bebê. O barulho cessou de repente, e todos relaxaram.

– Que bonitinho! – exclamou a sra. Bug, ficando na ponta dos pés para arrulhar para Jem, enquanto Jamie, parecendo profundamente aliviado, virou-se para cumprimentar o sr. Bug e Duncan.

“Bonitinho” não era o adjetivo que Roger teria escolhido. “Furioso” parecia mais apropriado. O bebê estava com o rosto muito vermelho, com lágrimas escorrendo pelo rosto, e sugava o polegar com avidez, os olhos fechados com força em uma tentativa de escapar de um mundo claramente insatisfatório. O pouco cabelo que tinha estava arrepiado em mechas e espirais molhadas de suor, e ele havia se livrado dos panos, que pendiam, desgrenhados. Ele também cheirava mal, por motivos que estavam bastante óbvios.

Pai experiente, Roger imediatamente pôs em prática medidas emergenciais.

– Onde está Bree?

– Só Deus sabe, e Ele não quer dizer – retrucou Jamie, lacônico. – Estou

procurando por ela pelas encostas da montanha desde que o bebê acordou nos meus braços e decidiu que não estava satisfeito com a minha companhia.

Ele cheirou, desconfiado, a mão com a qual tinha segurado o neto e em seguida a limpou na barra do casaco.

– Aparentemente, ele também não está muito feliz com a minha.

Jem chupava o polegar, a baba escorrendo pelo queixo e pelo punho de Roger, emitindo gritos de frustração.

– Você viu Marsali, então?

Ele sabia que Brianna não gostava que outras mulheres amamentassem Jemmy, mas aquilo era claramente uma emergência. Olhou ao redor, torcendo para encontrar uma mãe com leite por perto que pudesse se compadecer da criança, ou então dele.

– Deixe-me pegar o pobre menininho – disse a sra. Bug, estendendo os braços e mudando imediatamente seu status de falastrona a anjo de luz, na opinião de Roger. – Pronto, *a leannan*, pronto, pronto.

Reconhecendo uma autoridade superior ao vê-la, Jemmy se calou no mesmo instante, com os olhos arregalados de reverência enquanto olhava para a sra. Bug. Ela se sentou com o menininho no colo e começou a lidar com ele do mesmo modo firme e eficiente com o qual havia acabado de lidar com seu pai. Roger pensou que talvez Jamie tivesse contratado o Bug errado para administrar as coisas.

Mas Arch demonstrava inteligência e competência, fazendo perguntas sensatas a Jamie a respeito dos animais, das plantações, dos arrendatários e assim por diante. *Mas eu poderia fazer isso*, pensou Roger, acompanhando a conversa com atenção. *Parte disso*, ele se corrigiu com honestidade quando a conversa de repente enveredou para uma discussão sobre fungos genitais. Talvez Jamie estivesse certo em buscar alguém com mais conhecimento... Mas Roger podia aprender, afinal...

– E quem é o garotinho lindo?

A sra. Bug havia se levantado, acalmado Jemmy, agora transformado em um casulo firmemente enfaixado. Ela passou o dedo gordo pela bochecha redonda do bebê e então olhou para Roger.

– Ah, sim, ele tem os olhos do pai, não?

Roger corou, esquecendo a discussão sobre os fungos genitais.

– É? Eu diria que ele se parece mais com a mãe.

A sra. Bug franziu os lábios, estreitando os olhos para Roger, e em seguida balançou a cabeça decidida, dando tapinhas de leve no topo da cabeça de Jem.

– Não, os cabelos, talvez, mas os traços dele, esses são seus, meu rapaz. Veja esses ombros largos! – Ela assentiu para Roger brevemente e beijou a testa de Jem. – Eu não me surpreenderia se os olhos também ficassem verdes quando ele crescer. Pode acreditar, meu rapaz, ele vai ficar a sua cara quando crescer! Não é, mocinho? – Ela encostou o nariz em Jemmy. – Você vai ser um homem grande e forte como o seu pai, não é?

É o que as pessoas dizem normalmente, ele lembrou a si mesmo, tentando afastar a absurda onda de prazer que sentiu ao ouvir as palavras dela. *As senhorinhas sempre dizem que um bebê lembra o pai ou a mãe*. Ele descobriu de repente que tinha medo até mesmo de admitir a possibilidade de Jemmy ser dele de fato – pois queria isso demais. Dizia a si mesmo com firmeza que não importava; independentemente de o menino ter o sangue dele ou não, ele o amaria e cuidaria dele como seu filho. Ia fazer isso, é claro. Mas importava, ele percebeu – ah, importava.

Antes que ele pudesse dizer qualquer outra coisa à sra. Bug, o sr. Bug se virou para ele, para incluí-lo cortesmente na conversa dos homens.

– MacKenzie, certo? – perguntou ele. – Você seria um dos MacKenzies de Torridon, então, ou talvez de Kilmarnock?

Roger vinha respondendo a perguntas parecidas durante toda a Reunião; explorar os antecedentes de uma pessoa era o início costumeiro de qualquer conversa entre escoceses – algo que não mudaria nem um pouco nos duzentos anos seguintes, pensou, a cautela misturada à confortável familiaridade do processo. Antes que ele pudesse responder, no entanto, a mão de Jamie apertou seu ombro.

– Roger Mac é meu parente por parte de mãe – disse ele casualmente. – É MacKenzie de Leoch.

– Ah, sim? – Arch Bug parecia impressionado. – Está longe, então, rapaz!

– Ah, não mais do que o senhor, com certeza, ou qualquer pessoa aqui,

para falar a verdade – disse Roger, acenou brevemente na direção da encosta da montanha, de onde o som dos gritos em gaélico e a música das gaitas de foles eram levados pelo ar úmido.

– Não, não, meu rapaz! – A sra. Bug, com Jemmy em seu ombro, entrou de novo na conversa. – Não foi isso que o Arch quis dizer – explicou. – É que você está muito longe dos outros.

– Outros? – Roger trocou um olhar com Jamie, que deu de ombros, igualmente confuso.

– De Leoch – disse Arch, antes que sua mulher respondesse por ele.

– Ouvimos isso no navio, não foi? Havia muitos deles, todos MacKenzies, todos das terras ao sul do velho castelo. Eles ficaram depois que o proprietário partiu, ele e o primeiro grupo, mas os outros queriam se unir ao que restava do clã e ver se podiam remediar seus destinos, porque...

– O proprietário? – Jamie interrompeu de repente. – Seria *Hamish mac Callum*?

Hamish, filho de Colum, Roger traduziu para si mesmo, e fez uma pausa. Ou melhor, *Hamish mac Dougal* – mas só havia cinco pessoas no mundo que sabiam disso. Talvez apenas quatro agora.

A sra. Bug assentia de modo enfático.

– Sim, sim, era assim mesmo que eles o estavam chamando. *Hamish mac Callum MacKenzie*, senhor de Leoch. O terceiro senhor. Eles disseram. E...

Jamie evidentemente havia entendido como lidar com a sra. Bug. Por força de implacáveis interrupções, ele conseguiu extrair a história dela em menos tempo do que Roger pensou que seria possível. O castelo de Leoch tinha sido destruído pelos ingleses, no expurgo das Terras Altas depois de Culloden. Isso Jamie sabia, mas, preso, não tivera notícias a respeito do destino daqueles que viviam lá.

– E não havia um bom coração a quem pedir – acrescentou ele, inclinando a cabeça com tristeza. Os Bugs se entreolharam e suspiraram em uníssono, no mesmo vestígio de melancolia que obscurecia a voz de Jamie escurecendo seus olhos. Era um olhar com o qual Roger estava bem acostumado agora.

– Mas se *Hamish mac Callum* ainda está vivo... – Jamie não havia retirado a mão do ombro de Roger e, ao dizer isso, apertou com força. – São

novidades que alegram o coração, não?

Ele sorriu para Roger, com uma alegria tão evidente que Roger sentiu um sorriso inesperado brotar em seu rosto em resposta.

– Sim – disse ele, o peso em seu coração diminuindo. – Sim, são!

O fato de que ele não seria capaz de distinguir *Hamish mac Callum MacKenzie* de um buraco no chão não importava; o homem, de fato, era seu parente, sangue do seu sangue, e este *era* um bom pensamento.

– Para onde eles foram, então? – perguntou Jamie, baixando a mão. – Hamish e seus seguidores?

Para Acadia, para o Canadá, os Bugs concordaram. Para Nova Escócia? Para o Maine? Não – para uma ilha, eles decidiram, depois de uma conferência conturbada. Ou talvez fosse...

Jemmy interrompeu o debate com um uivo indicando fome iminente, e a sra. Bug se sobressaltou como se tivesse sido cutucada com uma vara.

– Temos que levar este mocinho para sua mãe – disse ela em tom de censura, olhando de maneira imparcial para os quatro homens, como se os acusasse coletivamente de conspiração para matar a criança. – Onde fica o seu acampamento, sr. Fraser?

– Eu levo a senhora – disse Duncan. – Venha comigo.

Roger foi atrás dos Bugs, mas Jamie o reteve com uma das mãos em seu braço.

– Não, deixe Duncan levá-los – disse ele, despedindo-se dos Bugs com um aceno de cabeça. – Conversarei com Arch mais tarde. Tenho algo a dizer a você, *a chliamhuinn*.

Roger ficou tenso diante daquela maneira formal de se referir a ele. Então, seria naquele momento que Jamie diria a ele quais defeitos de caráter e de passado o tornavam inadequado para assumir a responsabilidade pelas coisas na Cordilheira dos Frasers?

Mas não, Jamie estava pegando um papel amassado de sua bolsa de couro. Ele o entregou a Roger com uma careta, como se o papel queimasse sua mão. Roger o leu depressa e em seguida desviou os olhos da breve mensagem do governador.

– Milícia. Em quanto tempo?

Jamie ergueu um dos ombros.

– Não há como saber, mas mais cedo do que qualquer um de nós gostaria, acho. – Ele abriu um sorriso fraco e infeliz para Roger. – Ouviu as conversas ao redor das fogueiras?

Roger assentiu com seriedade. Ele ouvira as conversas nos intervalos da cantoria, durante as competições de lançamento de pedra, entre os homens que bebiam em pequenos grupos sob as árvores no dia anterior. Uma briga irrompera na competição de lançamento de toras – que logo foi interrompida, sem danos –, mas a raiva pairava no ar da Reunião, como um cheiro ruim.

Jamie passou a mão pelo rosto e pelos cabelos, e deu de ombros, suspirando.

– Foi sorte eu ter cruzado com o velho Arch Bug e sua mulher hoje. Se houver confronto, e haverá, acho, mais tarde, se não agora, então Claire virá conosco. Eu não gostaria de deixar Brianna sozinha, e isso pode ser evitado.

Roger sentiu o peso incômodo da dúvida sumir quando tudo se esclareceu de repente.

– Sozinha. Você quer dizer... que quer que eu vá junto? Para ajudar a reunir homens para a milícia?

Jamie olhou para ele, confuso.

– Sim, e quem mais?

Ele puxou as barras do tartã mais para cima nos ombros, curvado contra o vento que aumentava.

– Venha comigo, então, capitão MacKenzie – disse ele, com um tom irônico na voz. – Temos trabalho a fazer antes de você se casar.

O GERME DA DISCÓRDIA

Examinei o nariz de um dos escravos de Farquard Campbell, pensando no pólipó nasal que obstruía a narina ao mesmo tempo que pensava no governador Tryon. Entre os dois, eu me sentia mais tocada pelo pólipó, e pretendia cauterizar *aquilo* com um ferro quente.

Era tão injusto, pensei, franzindo o cenho enquanto esterilizava o bisturi e colocava o menor cauterizador em um prato de carvão em brasa.

Seria o começo? Ou um deles? Estávamos no fim de 1770. Em cinco anos, todas as treze Colônias estariam em guerra. Mas cada colônia chegaria até aquele momento por um processo diferente. Por ter vivido muito tempo em Boston, eu sabia, por meio das aulas de Bree na escola, como o processo tinha sido – ou seria – em Massachusetts. Impostos, o Massacre, o porto, Hancock, Adams, o Tea Party, tudo aquilo. Mas a Carolina do Norte? Como teria sido – como *seria* – ali?

Poderia estar acontecendo naquele momento. A discórdia vinha fervilhando havia muitos anos entre os agricultores no litoral leste e os colonos miseráveis do oeste. Os reguladores eram predominantemente do segundo grupo; os primeiros estavam integralmente ao lado de Tryon – ou seja, ao lado da Coroa.

– Tudo bem? – Eu dera ao escravo um bom gole de uísque medicinal, para fortificá-lo. Sorri de modo encorajador, e ele assentiu, parecendo incerto, mas resignado.

Eu nunca tinha ouvido falar dos reguladores, mas eles existiam, de qualquer modo – e eu já tinha visto o suficiente para saber quanto os livros de história deixavam de contar. Será que as sementes da revolução estavam sendo plantadas bem embaixo do meu nariz?

Murmurando suavemente, envolvi minha mão esquerda com um guardanapo de linho, segurei firme o queixo do escravo com ele, enfiei o bisturi em sua narina e cortei o pólipo com um movimento rápido da lâmina. Sangrou muito, é claro, e o sangue escorreu quente pelo tecido ao redor de minha mão, mas evidentemente não foi muito doloroso. O escravo parecia surpreso, mas não em sofrimento.

O ferro de cauterização tinha o formato de uma pequena pá, um pouco quadrado, metal achatado na extremidade de uma haste fina com cabo de madeira. A parte achatada estava em brasa, e as pontas brilhavam vermelhas. Pressionei o tecido com força contra o nariz do homem para parar o sangramento, afastei-o, e na fração de segundo antes de o sangue começar a correr de novo, pressionei o ferro quente no nariz dele, contra o septo, torcendo com todas as forças para ter alcançado o ponto certo.

O escravo fez um som estrangulado na garganta, mas não se moveu, embora lágrimas escorressem de seu rosto, caindo, úmidas e quentes, sobre os meus dedos. O cheiro do sangue e da carne cauterizada era o mesmo que emanava das churrasqueiras. Meu estômago roncou alto. Os olhos arregalados e avermelhados do escravo encontraram os meus, assustados. Contorci a boca, e ele riu baixinho em meio às lágrimas e ao muco.

Removi o ferro, com o pano posicionado. O sangue não escorreu. Inclinei a cabeça do homem para trás, semicerrando os olhos para ver, e fiquei feliz ao ver a marca pequena e clara na mucosa. A queimadura tinha um tom vermelho-vivo, eu sabia, mas sem a luz de uma lanterna, parecia preta, uma marca pequena escondida como um carrapato nas sombras cabeludas da narina.

O homem não falava inglês. Sorri para ele, mas me dirigi a sua companheira, uma jovem que havia segurado a mão dele durante todo o procedimento.

– Ele vai ficar bem. Diga a ele, por favor, para não cutucar a ferida. Se houver inchaço, pus ou febre... – Fiz uma pausa, pois a próxima frase deveria ser “procure o seu médico imediatamente”, mas aquela não era uma opção. – Procure a sua senhora – recomendei, de modo relutante. – Ou uma curandeira.

A sra. Campbell era jovem e um pouco atrapalhada, pelo pouco que eu

conhecia dela. Ainda assim, qualquer senhora de terras deveria ter o conhecimento e os meios de tratar uma febre. E se passasse de uma simples infecção e se tornasse uma septicemia... bem, não haveria muito o que ninguém ali pudesse fazer nesse caso.

Dei um tapinha no ombro do escravo e o mandei embora, chamando o próximo da fila.

Infecção. Era o que estava acontecendo. As coisas pareciam tranquilas na superfície – afinal, a Coroa estava retirando todas as tropas! Mas dezenas, centenas, milhares de pequenos germes da discórdia ficavam, formando bolsões de conflito pelas Colônias. Os reguladores eram apenas um deles.

Havia um pequeno balde de álcool destilado a meus pés, para desinfetar os instrumentos. Enfie o ferro de cauterização lá dentro e em seguida o levei novamente ao fogo, o álcool incendiando-se com um breve *piff!*

Eu tive a sensação desagradável de que o bilhete que ardia na bolsa de couro de Jamie era uma chama parecida, com uma de um milhão de pequenas faíscas. Algumas seriam apagadas, outras se apagariam sozinhas – mas algumas arderiam e continuariam ardendo, queimando em seu caminho destrutivo casas e famílias. O fim seria uma completa excisão, mas muito sangue escorreria antes que o ferro quente das armas cauterizasse a ferida aberta.

Será que Jamie e eu nunca teríamos um pouco de paz?

– Tem Duncan MacLeod, ele tem 120 hectares perto do rio Yadkin, mas não há ninguém lá exceto ele próprio e o irmão.

Jamie passou a manga da camisa pelo rosto, secando a umidade de seus ossos. Piscou para clarear a visão e se sacudiu como um cachorro, espalhando gotas que tinham se condensado em seus cabelos.

– Mas – continuou ele, gesticulando em direção à fumaça que marcava a fogueira de MacLeod – ele é parente do velho Rabbie Cochrane. Rabbie não veio à Reunião, pois está com hidropisia, pelo que soube, mas ele tem onze filhos crescidos, espalhados pelas montanhas como milho. Então, vá com calma com o MacLeod, certifique-se de que ele está satisfeito, e então diga a ele para enviar uma mensagem ao Rabbie. Diga a ele que vamos nos reunir na Cordilheira dos Frasers em quinze dias.

Ele hesitou, com uma das mãos no braço de Roger para evitar uma partida abrupta. Estreitou os olhos para a névoa, pensando nas possibilidades. Eles tinham visitado três acampamentos juntos, e conseguiram o comprometimento de quatro homens. Quantos mais poderiam ser encontrados na Reunião?

– Depois do Duncan, vá até onde estão as ovelhas. Angus Og estará lá, com certeza. Conhece Angus Og?

Roger assentiu, esperando se lembrar do Angus Og certo. Ele havia conhecido pelo menos quatro homens com aquele nome na última semana, mas um deles andava com um cachorro e cheirava a lã crua.

– É o Campbell? Curvado como um anzol, com um tampão em um dos olhos, certo?

– Isso, ele mesmo. – Jamie assentiu aprovando, relaxando a mão. – Ele é intratável demais para lutar, mas cuidará para que seus sobrinhos venham e vai espalhar a notícia pelos povoados perto de High Point. Então, Duncan, Angus... ah, sim, Joanie Findlay.

– Joanie?

Fraser sorriu.

– Sim, a velha Joan, como a chamam. O acampamento dela fica perto do da minha tia, o dela e o de seu irmão, Iain Mhor.

Roger assentiu, desconfiado.

– Sim. Mas é com ela que devo falar, certo?

– Sim – respondeu Fraser. – Iain Mhor não fala. Mas ela tem mais dois irmãos que falam, e dois filhos velhos o bastante para lutar. Ela cuidará para que eles venham.

Jamie olhou para cima. O dia havia esquentado um pouco e não estava chovendo tanto, apenas uma chuva miudinha, como eles diziam na Escócia. As nuvens estavam suficientemente esparsas para permitir que o disco do sol ficasse visível, uma esfera borrada e pálida ainda alta no céu, mas baixando. Mais duas horas de boa luz, talvez.

– Pronto – disse ele, enxugando o nariz com a manga. – Volte para a fogueira quando terminar de falar com a velha Joan e vamos comer alguma coisa antes do casamento.

Ele olhou para Roger com uma sobrancelha erguida e um leve sorriso, e

então se virou para ir embora. Antes que Roger pudesse se afastar, ele se virou de volta.

– Diga logo que você é o capitão MacKenzie – aconselhou ele. – Vão tratá-lo melhor. – Ele se virou de novo e partiu em busca de mais membros recalcitrantes de sua lista.

A fogueira dos MacLeods ardia como uma fornalha em meio à névoa. Roger se virou na direção dela, repetindo os nomes baixinho como um mantra:

– Duncan MacLeod, Rabbie Cochrane, Angus Og Campbell, Joanie Findlay... Duncan MacLeod, Rabbie Cochrane...

Tudo bem; três vezes e ele decoraria, não importava que fosse a letra de uma nova canção a ser aprendida, fatos em um livro ou orientações sobre a psicologia de recrutas da milícia em potencial.

Ele entendia o motivo para encontrar o máximo possível de escoceses agora, antes que eles partissem para suas propriedades e casas. E estava animado com o fato de os homens que Fraser havia abordado até o momento terem aceitado a convocação da milícia com nada além de um olhar levemente carrancudo e murmúrios resignados.

Capitão MacKenzie. Ele sentiu um orgulho meio envergonhado ao pensar no título que Fraser lhe concedera.

– Soldado Instantâneo – disse a si mesmo com ironia, endireitando os ombros de seu casaco encharcado. – Apenas crescente água.

Ao mesmo tempo, admitia sentir uma leve comichão de ansiedade. Podia não passar de assumir o papel de soldados por hora, mas a ideia de marchar com um regimento de milícia, com mosquetes nos ombros e o cheiro de pólvora nas mãos...

Em menos de quatro anos, ele pensou, os homens da milícia estariam na área verde de Lexington. Homens que no início não tinham mais experiência com soldados do que aqueles com quem ele conversava na chuva – não mais do que ele. Perceber isso fez com que ele se arrepiasse, e essa percepção se firmou com uma sensação estranha de importância.

Estava acontecendo. Deus, estava acontecendo mesmo.

MacLeod não foi um problema, mas demorou mais do que ele esperava para

encontrar Angus Og Campbell, enfiado no meio dos carneiros e irritado com a distração. O “capitão MacKenzie” teve pouco efeito sobre o velho cretino; a invocação do “coronel Fraser” – dita com certo tom de ameaça – tivera mais. Angus Og mordera o lábio superior com concentração rabugenta, assentira com relutância e voltara ao trabalho com um resmungo.

– Mandarei notícias.

A garoa havia parado e as nuvens começavam a se dissipar quando ele subiu a encosta até o acampamento de Joan Findlay.

“A velha Joan”, para sua surpresa, era uma mulher atraente de 30 e poucos anos, com olhos castanhos que olhavam para ele com interesse por baixo da aba de seu *arisaid* úmido.

– Então chegamos a esse ponto, não é? – perguntou ela, em resposta à breve explicação dele sobre sua presença ali. – Logo imaginei quando ouvi o que o soldado tinha a dizer hoje cedo.

Ela deu batidinhas no lábio com o cabo da colher de pau, pensativa.

– Tenho uma tia que mora em Hillsborough. Tem um quarto na Casa do Rei, na frente da casa de Edmund Fanning, ou de onde costumava ser. – Ela riu baixinho, apesar de na realidade não ter graça. – Ela escreveu para mim. A multidão desceu a rua, empunhando forcados como um bando de demônios, segundo ela. Eles arrancaram as janelas da casa de Fanning de suas bases e botaram tudo abaixo com cordas, bem diante dos olhos dela. Então agora, temos que mandar nossos homens para salvar a pele do Fanning da fogueira, é isso?

Roger foi cauteloso. Ouvira muitas coisas a respeito de Edmund Fanning, que não era nada popular.

– Não sei dizer, sra. Findlay – disse ele. – Mas o governador...

Joan Findlay resmungou de modo expressivo.

– Governador – disse ela, e cuspiu no fogo. – Sei! Os amigos do governador, isso sim. Mas os homens pobres sangram pelo ouro do homem rico, e sempre sangrarão, certo?

Ela se virou para duas meninas que tinham se materializado atrás dela, silenciosas como pequenos fantasmas trajando xales.

– Annie, chame os seus irmãos. Pequena Joanie, você mexe a panela. Raspe bem o fundo para não queimar. – Depois de entregar a colher para a

menina menor, ela se virou, gesticulando para que Roger a seguisse.

Era um acampamento pobre, com apenas um cobertor de lã estendido entre dois arbustos para oferecer algum tipo de abrigo. Joan Findlay se agachou diante do espaço, que mais parecia uma caverna, e Roger acompanhou, inclinando-se para espiar por sobre o ombro dela.

– *A bhràthair*, aqui está o capitão MacKenzie – disse ela, estendendo a mão para o homem que estava deitado em uma cama de grama seca sob o cobertor. Roger sentiu um choque repentino ao ver a aparência do homem, mas se conteve.

Um espástico era como eles o teriam chamado na Escócia da época de Roger; como chamariam aquela condição agora? Talvez não tivesse uma designação particular. Fraser dissera apenas: *Ele não fala*.

Não, e também não se mexia. Os membros eram ossudos e atrofiados, e o corpo se retorcia em ângulos impossíveis. Um cobertor puído fora estendido sobre ele, mas seus movimentos espasmódicos o haviam colocado de lado, de modo que o tecido estava embolado, preso entre suas pernas, e a parte de cima do corpo estava exposta, a camisa puída também embolada e metade despida devido aos esforços dele. A pele pálida do ombro e das costelas reluzia, fria e azulada, em meio às sombras.

Joan Findlay pousou a mão sobre o rosto do homem e virou sua cabeça para que ele pudesse olhar para Roger.

– Este é o meu irmão, Iain, sr. MacKenzie – disse ela com a voz firme, desafiando-o a reagir.

O rosto também era deformado, da boca torta escorria baba, mas um par de belos – e inteligentes – olhos castanhos olharam para Roger das ruínas. Ele manteve seus sentimentos e sua expressão sob controle, e estendeu a mão, segurando a mão torta do homem. A sensação era terrível, os ossos protuberantes e frágeis sob a pele fria, tão fria como a de um cadáver.

– Iain Mhor – disse ele, baixinho. – Já ouvi falar de você. Jamie Fraser manda lembranças.

Ele semicerrou as pálpebras em um suave piscar de reconhecimento, e olhou para cima de novo, observando Roger com calma.

– O capitão veio convocar homens para a milícia – explicou Joan, por trás do ombro de Roger. – O governador enviou ordens. Parece que se

cansou de rebeliões e desordem, segundo ele; vai usar a força. – Sua voz tinha um forte tom de ironia.

Iain Mhor olhou para o rosto da irmã. Sua boca se mexeu, buscando uma forma, e seu peito estreito se contraiu por causa do esforço. Disse algumas poucas sílabas, tomadas de saliva, e se deixou cair para trás com a respiração ofegante, os olhos fixos em Roger.

– É verdade que haverá recompensa, capitão? – traduziu Joan.

Roger hesitou. Jamie havia feito essa mesma pergunta, mas não havia resposta definitiva. Podia sentir a avidez controlada, tanto na mulher atrás dele como no homem que estava à sua frente. Os Findlays eram muito pobres – isso ficara claro pelas roupas puídas e pelos pés descalços das meninas, pelas roupas e lençóis simples que proporcionavam um escasso abrigo contra o frio a Iain Mhor. A honestidade, porém, o obrigou a responder:

– Não sei. Não há nada divulgado ainda, mas pode ser que haja.

O pagamento dependia da resposta ao pedido do governador. Se um pedido simples produzisse tropas em número insuficiente, talvez o governador julgasse adequado oferecer mais algum incentivo para que os homens atendessem ao chamado.

Uma expressão de decepção passou pelos olhos de Iain Mhor, substituída quase imediatamente pela resignação. Qualquer rendimento teria sido bem-vindo, mas não era de fato esperado.

– Bem, então.

Na voz de Joan havia a mesma resignação. Roger sentiu que ela se afastava, mas ele se manteve onde estava, preso aos olhos castanhos de cílios compridos, que também olhavam nos dele, curiosos e resolutos. Roger hesitou, sem saber se deveria simplesmente sair. Queria oferecer ajuda – mas, Deus, que fazer?

Estendeu a mão em direção à camisa aberta, ao cobertor embolado. Era pouco, mas era alguma coisa.

– Posso?

Os olhos castanhos se fecharam por um momento, voltaram a se abrir em aquiescência, e ele iniciou a tarefa de arrumar as coisas. O corpo de Iain Mhor era macilento, mas surpreendentemente pesado, difícil de erguer

naquele ângulo.

Ainda assim, não foram necessários mais do que alguns momentos para que o homem ficasse decentemente coberto e mais aquecido, pelo menos. Roger olhou nos olhos castanhos de novo, sorriu, assentiu de modo desajeitado e se afastou do leito de grama sem dizer nada, assim como Iain Mhor.

Os dois filhos de Joan Findlay tinham chegado. Ficaram ao lado da mãe, rapazes fortes de 16 e 17 anos, olhando para Roger com cautelosa curiosidade.

– Estes são Hugh – disse ela, estendendo o braço para apoiar a mão em um dos ombros e em seguida no outro – e Iain Og.

Roger inclinou a cabeça de modo cortês.

– Ao seu dispor, senhores.

Os rapazes se entreolharam e em seguida olharam para os próprios pés, reprimindo sorrisos.

– Então, *capitão* MacKenzie. – Joan Findlay enfatizou a palavra. – Se eu emprestar os meus filhos, promete mandá-los de volta para casa em segurança?

Os olhos castanhos da mulher eram tão brilhantes e inteligentes quanto os do irmão – e resolutos.

Ele se conteve para não desviar o olhar.

– No que depender de mim, senhora... cuidarei para que voltem em segurança.

Ela esboçou um sorriso. Sabia muito bem o que dependia dele e o que não dependia. Assentiu, porém, e deixou que os braços caíssem ao lado do corpo.

– Eles irão.

Roger partiu, então, e se afastou, com a confiança que ela depositara nele pesando sobre seus ombros.

PRESENTES DA VOVÓ BACON

Depois de atender o último paciente, fiquei na ponta dos pés e me espreguicei, com a sensação agradável de dever cumprido. Apesar de todos os problemas que eu não conseguia tratar, apesar de todas as doenças que não conseguia curar... ainda assim, tinha feito o que podia, e tinha feito bem.

Fechei a tampa de minha caixa de remédios e a ergui nos braços. Murray se oferecera gentilmente para levar de volta o restante das minhas coisas – em troca de um saco de folhas de sene secas e minha máquina extra de fazer comprimidos. Murray ainda estava atendendo o último paciente, franzindo o cenho enquanto examinava o abdômen de uma senhora pequena de chapéu e xale. Acenei para ele, que assentiu para mim distraído, voltando a pegar sua lanceta. Pelo menos ele se lembrou de mergulhá-la em água fervente. Vi os lábios dele se moverem enquanto ele murmurava o encantamento que Brianna inventara.

Meus pés estavam dormentes por terem ficado em contato com o chão frio, e minhas costas e meus ombros doíam, mas eu não estava realmente cansada. Havia pessoas que dormiriam, naquela noite, livres da dor. Outras iam se curar bem agora, com ferimentos limpos e membros endireitados. Alguns, eu poderia dizer que salvara da possibilidade de uma grave infecção ou mesmo da morte.

E eu fizera mais uma vez a minha versão do Sermão da Montanha, pregando o evangelho da nutrição e da higiene às pessoas reunidas.

– Felizes aqueles que comem verduras, pois manterão seus dentes – murmurei para um cedro vermelho. Parei para colher alguns frutos fragrantes e amassei um deles com a unha do polegar, apreciando o cheiro

forte e agradável.

– Felizes aqueles que lavam as mãos depois de limpar o traseiro – acrescentei, apontando um dedo de advertência para um gaio-azul que havia pousado em um galho próximo. – Pois não adoecerão.

O acampamento estava à vista agora e, com ele, a deliciosa promessa de uma xícara de chá quente.

– Felizes aqueles que fervem água – disse eu ao gaio-azul ao ver o vapor emanando de uma pequena chaleira sobre a nossa fogueira. – Pois eles serão chamados de salvadores da humanidade.

– Sra. Fraser? – Uma voz baixinha surgiu ao meu lado, tirando-me de meus devaneios, e eu olhei para baixo e vi Eglantine Bacon, 7 anos, e sua irmã mais nova, Pansy, duas meninhas de rosto redondo e cabelos muito louros, pontilhadas de sardas.

– Ah, olá, querida! Como estão vocês? – perguntei, sorrindo para elas.

Muito bem, pelo que parecia. A doença em uma criança costuma ser visível ao olhar, e as duas pequenas Bacons pareciam ótimas.

– Muito bem, senhora, obrigada pela gentileza.

Eglantine meneou a cabeça e em seguida estendeu a mão e empurrou a cabeça de Pansy para que ela também fizesse uma reverência. Depois das cortesias – os Bacons eram moradores de Edenton, e as meninas tinham sido ensinadas a ter bons modos –, Eglantine enfiou a mão no bolso e me entregou um grande volume de tecido.

– A vovó Bacon enviou um presente para a senhora – explicou ela com orgulho, enquanto eu desdobrava o tecido, que se revelou ser uma enorme touca de algodão, decorada com renda e com laços cor de lavanda na borda. – Ela não pôde vir à Reunião este ano, mas disse que deveríamos trazer isso para a senhora e transmitir os agradecimentos dela pelo remédio que a senhora mandou para o... reu-ma-tis-mo. – Ela pronunciou a palavra com cuidado, o rosto retorcido em concentração, e em seguida relaxou, sorrindo de orgulho por ter acertado.

– Ora, obrigada. Que adorável! – Ergui a touca para admirá-la, pensando em algumas coisas sobre vovó Bacon.

Eu conhecera aquela senhora formidável alguns meses antes, na fazenda de Farquard Campbell, quando ela fora visitar a mãe decrépita e

desagradável de Farquard. A sra. Bacon era quase tão velha quanto a idosa sra. Campbell, e quase igualmente capaz de irritar seus descendentes, mas também tinha um forte senso de humor.

Ela havia desaprovado, audivelmente, repetidamente e por fim na minha cara, meu hábito de andar com a cabeça descoberta, pois na opinião dela andar por aí sem um chapéu ou um lenço era impróprio para uma mulher da minha idade, repreensível para a esposa de um homem na posição do meu marido – e, além disso, apenas “raparigas do interior e mulheres de pouco caráter” deixavam os cabelos soltos sobre os ombros. Eu ri, ignorei e entreguei a ela uma garrafa do segundo melhor uísque de Jamie, com orientações para que tomasse um pequeno gole no café da manhã e outro depois do jantar.

Uma mulher que reconhecia uma dívida, ela escolhera pagá-la de modo característico.

– Não vai colocá-lo? – Eglantine e Pansy olhavam para mim com confiança. – A vovó disse que deveríamos cuidar para que você o colocasse, para podermos dizer a ela como você ficou.

– É mesmo? – Não tinha como escapar, pensei.

Desamassei o tecido, torci os cabelos com uma das mãos e coloquei a touca. Ela caiu sobre as minhas sobrancelhas, quase chegando à ponte do meu nariz, e cobriu meu rosto com bordas de fita, de modo que me senti um esquilo espiando de dentro da toca.

Eglantine e Pansy aplaudiram em paroxismos de alegria. Pensei ter ouvido sons de risadas abafadas em algum lugar atrás de mim, mas não me virei para ver.

– Podem dizer a sua avó que agradei pelo lindo presente?

Dei um tapinha nas cabeças loiras das meninas, ofereci a cada uma um pedaço de bala de melão que tinha no bolso, e as mandei de volta para a mãe. Eu estava prestes a tirar aquela excrescência da cabeça quando percebi que a mãe delas estava presente, e que provavelmente estivera ali o tempo todo, na verdade, em pé atrás de um pé de caqui.

– Ah! – disse eu, fingindo que ajustava a barra da touca. Segurei a aba com um dedo, para enxergar melhor. – Sra. Bacon! Não vi a senhora aí.

– Sra. Fraser.

O rosto de Polly Bacon estava corado de um rosa delicado, sem dúvida devido ao frio do dia. Seus lábios estavam contraídos, mas seus olhos dançavam por baixo da aba de sua touca.

– As meninas queriam lhe dar a touca – disse ela, afastando o olhar dela com delicadeza –, mas a minha sogra enviou outro presentinho para você. Achei que talvez fosse melhor eu mesma trazê-lo.

Eu não sabia bem se queria mais algum presente da vovó Bacon, mas peguei o pacote com o máximo de graça que consegui demonstrar. Era um pequeno saquinho de seda impermeabilizada, com algo dentro que exalava um aroma botânico levemente adocicado e um pouco oleaginoso. A imagem de uma planta tinha sido desenhada na frente com tinta marrom – algo com um caule reto e o que pareciam umbelas. Achei remotamente familiar, mas não consegui identificar o nome. Desamarrei o cordão e despejei uma pequena quantidade de sementinhas marrons na palma da minha mão.

– O que são? – perguntei, olhando para Polly, confusa.

– Não sei como se chamam em inglês – respondeu ela. – Os índios as chamam de *dauco*. A avó da vovó Bacon era uma curandeira *catawba*. Foi assim que ela aprendeu a usá-las.

– É mesmo?

Agora eu estava mais interessada. Não era à toa que o desenho me parecia familiar; aquela deveria ser a planta que Nayawenne havia me mostrado, a planta das mulheres. Mas, para ter certeza, perguntei.

– Para que servem?

Polly corou mais intensamente e olhou ao redor na clareira para ter certeza de que não havia ninguém perto o bastante para ouvir, em seguida se inclinou para sussurrar para mim.

– Impedem que uma mulher engravide. É preciso tomar uma colher de chá uma vez ao dia, em um copo de água. Todos os dias, sem esquecer, e a semente do homem não vai germinar no ventre.

Ela olhou nos meus olhos e, apesar de um brilho de diversão permanecer no fundo, havia algo mais sério também.

– A vovó disse que você é uma feiticeira, ela percebeu. E que, sendo assim, sempre teria motivo para ajudar as mulheres. E quando se trata de aborto natural, natimorto ou febre depois do parto, sem falar na tristeza de

perder um bebê vivo, ela disse que eu devia lhe dizer que alguns gramas de prevenção valem tanto quanto quilos de cura.

– Agradeça a sua sogra – falei com sinceridade.

A mulher comum da idade de Polly costumava ter cinco ou seis filhos. Polly tinha duas meninas e sua aparência não era a de uma mulher esgotada por gravidezes inoportunas. Era evidente que as sementes funcionavam.

Polly assentiu, abrindo um sorriso.

– Sim, direi a ela. Ah, vovó mandou dizer que a avó dela dizia que isso é mágica das mulheres; não se deve mencionar aos homens.

Olhei, pensativa, para o outro lado da clareira, onde Jamie estava conversando com Archie Hayes, Jemmy sonolento em seus braços. Sim, eu podia ver muito bem que alguns homens podiam não gostar do remédio da vovó Bacon. Será que Roger era um deles?

Depois de me despedir de Polly Bacon, levei a caixa a nossa barraca e guardei as sementes dentro dela. Um acréscimo muito útil à minha farmacopeia, se Nayawenne e a avó da sra. Bacon estivessem certas. Era também um presente bastante oportuno, considerando minha última conversa com Bree.

Ainda mais valioso do que o pequeno punhado de peles de coelho que eu tinha acumulado, apesar de elas serem mais do que bem-vindas. Onde eu as havia deixado? Olhei em volta, para o entulho espalhado pelo acampamento, ao mesmo tempo que tentava ouvir a conversa dos homens atrás de mim. Lá estavam, embaixo da ponta da lona. Ergui a tampa de um dos potes vazios de comida para guardá-las para a viagem de volta para casa.

–... Stephen Bonnet.

O nome ferrou meu ouvido como a picada de uma aranha, e eu deixei a tampa cair, fazendo barulho. Olhei ao redor depressa, mas nem Brianna nem Roger estavam por perto. Jamie estava de costas para mim, mas fora ele quem havia falado.

Tirei a touca da cabeça, pendurei-a com cuidado em um galho de corniso e fui até ele.

Qualquer que fosse o assunto sobre o qual estavam falando, os homens se interromperam quando me viram. O tenente Hayes me agradeceu

graciosamente mais uma vez pelos cuidados médicos, e saiu, o rosto redondo e calmo sem revelar nada.

– *O que é que tem Stephen Bonnet?* – perguntei assim que o tenente se afastou.

– Era o que eu estava perguntando, Sassenach. O chá já está pronto?

Jamie fez menção de ir em direção ao fogo, mas eu coloquei uma das mãos em seu braço para impedi-lo.

– Por quê? – perguntei.

Não afrouxei a mão, e, relutantemente, ele se virou para mim.

– Porque quero saber onde ele está – respondeu ele com calma. Não fingiu não me entender e uma sensação gelada tomou subitamente o meu peito.

– Hayes sabe onde ele está? Soube alguma coisa sobre Bonnet?

Ele balançou a cabeça, em silêncio. Estava dizendo a verdade. Meus dedos se afrouxaram de alívio, e ele afastou o braço – não estava bravo, mas fez isso de modo decidido.

– *É da minha conta!* – falei, respondendo ao gesto.

Mantive a voz baixa, olhando ao redor para ter certeza de que nem Bree nem Roger estavam perto o suficiente para ouvir. Não vi Roger; Bree estava de pé perto do fogo, envolvida na conversa com os Bugs, o casal de idosos que Jamie havia chamado para ajudar a administrar as terras. Eu me virei para Jamie de novo.

– Por que está procurando aquele homem?

– Não faz sentido saber onde o perigo se esconde? – Ele não estava olhando para mim, mas por cima do meu ombro, sorrindo e assentindo para alguém. Olhei para trás e vi Fergus andando na direção da fogueira, esfregando embaixo do braço a mão avermelhada por causa do frio. Acenou animadamente com o gancho, e Jamie ergueu uma das mãos em um cumprimento, mas se afastou um pouco, ainda de frente para mim, impedindo Fergus de se aproximar.

A sensação gelada voltou, tão penetrante quanto se alguém tivesse enfiado uma estaca de gelo no meu pulmão.

– Ah, claro – falei do modo mais calmo que consegui. – Você quer saber onde ele está a fim de poder se esforçar para não se aproximar, é isso?

Algo parecido com um sorriso tomou o rosto dele.

– Isso mesmo – disse ele. – Claro.

Devido à escassez de pessoas na Carolina do Norte de modo geral, e à isolada Cordilheira dos Frasers em especial, a chance de encontrarmos Stephen Bonnet sem querer era equivalente a sair pela porta da frente e pisar em uma água-viva – e Jamie sabia muito bem disso.

Estreitei os olhos para ele, cujo canto da boca se curvou por um momento, mas em seguida relaxou, e os olhos voltaram a ficar sérios. Havia precisamente uma boa razão para ele querer localizar Stephen Bonnet – e *eu* sabia muito bem disso.

– Jamie – pedi, colocando a mão no braço dele –, deixe-o em paz. Por favor.

Ele colocou a mão sobre a minha, apertando-a, mas não senti conforto nenhum com o gesto.

– Não se preocupe, Sassenach. Perguntei na Reunião durante toda a semana, para os homens, de Halifax a Charleston. Não há relatos sobre o homem em nenhum lugar da colônia.

– Ótimo – respondi.

E era ótimo, mas eu não tinha deixado de notar que ele vinha caçando Bonnet com assiduidade... e não me dissera nada a respeito. Tampouco passara despercebido que ele não tinha prometido parar de procurar.

– Deixe-o em paz – repeti baixinho, os olhos fixos nos dele. – Já temos problemas suficientes, não precisamos de mais.

Ele se aproximara de mim, para se adiantar à interrupção, e eu podia sentir sua força onde ele me tocava, o braço sob a minha mão, a coxa contra a minha. A força do corpo e o fogo da mente, tudo envolvendo um núcleo de determinação resoluta que faria dele um projétil mortal, uma vez direcionado em qualquer curso.

– Você diz que é da sua conta. – Os olhos dele estavam firmes, o azul empalidecido pela luz do outono. – Sei que é da minha conta. Então, está comigo?

O gelo brotou no meu sangue em gotículas de um pânico paralisante. Maldição! Ele estava falando sério. Havia um motivo para procurar Stephen Bonnet, e apenas um.

Eu me virei, puxando-o comigo, de modo que ficássemos próximos, de braços dados, olhando para o fogo. Brianna, Marsali e os Bugs estavam concentrados ouvindo Fergus, que contava algo, o rosto corado pelo frio e pelo riso. O rosto de Jemmy estava virado para nós por sobre o ombro da mãe, com olhos redondos e curiosos.

– *Eles* são da sua conta – falei, com a voz baixa e trêmula. – E da minha. Será que Stephen Bonnet já não fez o bastante para prejudicar a eles e a nós?

– Sim, mais do que bastante.

Ele me puxou para mais perto. Eu sentia o calor dele através das roupas, mas a voz estava fria como a chuva. Fergus olhou para nós, abriu um sorriso caloroso para mim e continuou com a história. Para ele, sem dúvida éramos um casal compartilhando um breve momento de carinho, as cabeças apoiadas uma na outra.

– Eu o deixei ir – disse Jamie baixinho. – E ele causou um grande mal. Como posso deixá-lo livre sabendo o que ele é, e sabendo que o soltei para que espalhasse a ruína? É como soltar um cão raivoso, Sassenach... Tenho certeza de que você não ia desejar que eu fizesse isso.

A mão dele estava enrijecida, os dedos frios sobre a minha pele.

– Você o soltou uma vez; a Coroa o capturou de novo. Se ele está solto agora, não é culpa sua!

– Talvez não seja culpa minha o fato de ele estar solto – concordou ele –, mas certamente é meu dever cuidar para que ele não continue solto... se eu puder.

– Você tem um dever com a sua família!

Ele segurou meu queixo com a mão e inclinou a cabeça, olhando nos meus olhos.

– Você acha que eu colocaria a minha família em risco?

Permaneci firme, resistindo por muito tempo, mas então relaxei os ombros, fechando os olhos ao me render. Respirei fundo, trêmula. Não ia capitular completamente.

– Há um risco na caçada, Jamie – disse eu baixinho. – Você sabe disso.

Ele relaxou, mas a mão ainda segurava o meu rosto, o polegar traçando o contorno dos meus lábios.

– Eu sei – sussurrou ele. A névoa do seu hálito tocou o meu rosto. – Mas

já sou caçador há muito tempo, Claire. Não os colocarei em perigo, eu juro.

– Mas vai *se* colocar em perigo? E o que acha que vai acontecer conosco se você...

Vi Brianna pelo canto do olho. Ela havia se virado, olhava para nós e agora sorria, aprovando uma cena que parecia ser de carinho entre seus pais. Jamie também a viu; ouvi um rosnado baixinho de diversão.

– Não vai acontecer nada comigo – disse ele por fim, e me puxou com firmeza contra si, interrompendo qualquer argumento com um beijo. Ouvimos aplausos vindos da direção da fogueira.

– *Mais um!* – gritou Fergus.

– *Não* – disse a ele quando me soltou. Sussurrei, mas de modo veemente.

– Nada de *mais um*. Não quero ouvir o nome Stephen Bonnet nunca mais!

– Vai ficar tudo bem – sussurrou ele, apertando a minha mão. – Confie em mim, Sassenach.

ORGULHO

Roger não olhou para trás, mas continuou pensando nos Findlays ao descer a encosta da montanha saindo do acampamento, passando por arbustos e grama pisada.

Os dois garotos tinham cabelos louros, pele clara e eram baixos – embora fossem mais altos do que a mãe –, mas tinham ombros largos. As duas crianças mais novas tinham pele escura, eram altas e magras, com os olhos castanhos da mãe. Devido à diferença de idade entre os meninos mais velhos e seus irmãos mais novos, Roger concluiu que a sra. Findlay provavelmente tivera dois maridos. E, pelo que parecia, estava viúva de novo.

Talvez ele devesse mencionar Joan Findlay para Brianna, pensou, como mais uma evidência de que casamento e parto não eram necessariamente mortais para as mulheres. Ou talvez fosse melhor deixar esse assunto quieto por um tempo.

Além de pensar em Joan e em seus filhos, no entanto, ele era assombrado pelos olhos gentis e brilhantes de Iain Mhor. Quantos anos teria?, Roger se perguntou, segurando-se ao galho de um pinheiro para não escorregar. Impossível dizer apenas observando: o rosto pálido e contorcido era marcado e desgastado – mas por causa da dor e do esforço, não da idade. Ele não era maior que um garoto de 12 anos, mas Iain Mhor era certamente mais velho do que seu homônimo – e Iain Og tinha 16 anos.

Ele provavelmente era mais jovem do que Joan; mas talvez não. Ela o havia tratado com deferência, levando Roger até ele como uma mulher naturalmente levaria um visitante até o chefe da família. Não muito mais jovem, então... digamos, 30 ou mais?

Meu Deus, pensou ele, como um homem como aquele conseguia sobreviver por tanto tempo em uma época como aquela? Mas enquanto ele se afastava meio sem jeito de Iain Mhor, uma das meninas entrara no abrigo pela parte de trás, empurrando uma tigela de pudim de leite diante de si, e se sentara tranquilamente ao lado do tio, com a colher na mão. Iain Mhor tinha membros e dedos suficientes – ele tinha uma família.

Esse pensamento fez Roger sentir um aperto no peito, algo entre dor e felicidade – e um nó no estômago ao se lembrar das palavras de Joan Findlay.

Mande-os em segurança de volta para casa. Sim, e se ele não o fizesse, Joan ficaria com duas meninas pequenas e um irmão completamente dependente. Será que tinha alguma propriedade?, ele se perguntou.

Ele já tinha ouvido muitas conversas na montanha a respeito dos reguladores desde a Proclamação da manhã. Considerando que essa questão não tinha sido suficientemente relevante para figurar nos livros de história, ele acreditava que o assunto daquela milícia tinha poucas chances de dar em alguma coisa. Mas, se desse, ele prometeu a si mesmo que encontraria uma maneira de manter Iain Og e Hugh Findlay bem longe de qualquer perigo. E, se houvesse dinheiro como recompensa, eles receberiam sua parte.

Enquanto isso... ele hesitava. Acabara de passar pelo acampamento de Jocasta Cameron, movimentado como um pequeno vilarejo, com seu aglomerado de barracas, carroças e tendas. Pensando em seu casamento – que agora seria duplo –, Jocasta levava consigo quase todos os escravos da casa e alguns dos que trabalhavam nos campos também. Além dos animais, do tabaco e dos produtos levados para serem comercializados, havia diversos baús de roupas, roupas de cama e pratos, travessas, mesas, barris de cerveja e montanhas de comida para a celebração que aconteceria mais tarde. Ele e Bree tinham tomado café da manhã com a Sra. Cameron na barraca dela naquela manhã em peças de porcelana pintada com rosas: fatias suculentas de presunto frito com cravos, mingau de aveia com creme e açúcar, uma compota de frutas em conserva, bolinhos de milho frescos com mel, café jamaicano... seu estômago se contraiu e roncou diante da lembrança agradável.

O contraste entre aquela fartura e a pobreza recente do acampamento

dos Findlays era grande demais para ser encarado com complacência. Ele se virou com uma decisão repentina e começou a subir de volta à barraca de Jocasta.

Jocasta Cameron estava em casa, por assim dizer; ele viu as botas dela, cobertas de lama, do lado de fora da barraca. Apesar de ser cega, ela ainda assim saía para visitar amigos, acompanhada por Duncan ou por seu mordomo negro, Ulysses. Com mais frequência, no entanto, permitia que a Reunião fosse até ela, e sua barraca ficava cheia de gente durante todo o dia, toda a sociedade escocesa de Cabo Fear e da colônia indo aproveitar sua hospitalidade.

Naquele momento, porém, ela parecia felizmente estar sozinha. Roger a viu através da aba erguida, reclinada em sua cadeira, usando chinelos, com a cabeça jogada para trás em aparente repouso. Sua aia, Phaedre, estava sentada em um banquinho perto da porta aberta da barraca, com uma agulha na mão, estreitando os olhos à luz suave sobre um tecido azul em seu colo.

Jocasta sentiu a presença dele primeiro; sentou-se em sua poltrona, virando subitamente a cabeça quando ele tocou a aba da tenda. Phaedre olhou para a frente em seguida, reagindo ao movimento da patroa, e não à presença dele.

– Sr. MacKenzie. É o Tordo, certo? – disse a sra. Cameron, sorrindo na direção dele.

Ele riu e abaixou a cabeça para entrar na barraca, obedecendo ao gesto dela.

– É. E como sabia disso, sra. Cameron? Eu não disse nada, muito menos cantei. Tenho uma respiração melodiosa?

Brianna havia contado a ele sobre a misteriosa capacidade que a tia tinha de compensar a cegueira por meio dos outros sentidos, mas ainda assim ele ficou surpreso com a exatidão.

– Ouvi seus passos, depois senti o cheiro de sangue em você – disse ela tranquilamente. – A ferida se abriu de novo, não foi? Venha, rapaz, sente-se. Vamos preparar para você um chá, ou prefere um trago? Phaedre, um pano, por favor.

Os dedos dele foram diretamente para o corte em seu pescoço. Ele havia

se esquecido dele totalmente em meio à correria dos acontecimentos daquele dia, mas ela tinha razão; havia sangrado de novo, deixando uma marca seca na lateral do pescoço e sobre a gola da camisa.

Phaedre já estava de pé, arrumando uma travessa com bolos e biscoitos em uma mesa pequena ao lado da cadeira de Jocasta. Não fossem a terra e a grama, Roger pensou, quase não notaria que eles não estavam na sala de estar da sra. Cameron em River Run. Ela estava envolta em um *arisaid* de lã, mas até mesmo ele estava preso por um belo broche de topázio.

– Não é nada – disse ele, constrangido, mas Jocasta pegou o pano da mão da aia e insistiu em limpar o corte ela mesma. Seus dedos compridos estavam frios ao contato contra a pele dele e foram surpreendentemente ágeis.

Ela cheirava a fumaça de madeira, assim como todos na montanha, e ao chá que estava bebendo, mas não havia o odor levemente canforado e almiscarado que ele costumava associar a senhoras.

– Ah, manchou a sua camisa – disse ela, tocando o tecido áspero de modo desaprovador. – Quer que a lavemos para você? Embora eu ache que não pretende usá-la molhada, e não vai secar até a noite.

– Ah, não, senhora. Agradeço, mas tenho outra. Para o casamento, quero dizer.

– Certo.

Phaedre havia trazido um pequeno pote de gordura medicinal; ele o reconheceu como sendo um dos unguentos de Claire, pelo cheiro de lavanda e raiz amarela. Jocasta pegou um pouco do unguento e o espalhou cuidadosamente sobre a ferida, os dedos segurando firme a mandíbula dele.

A pele dela era bem cuidada e macia, mas mostrava os efeitos não só da idade mas também do clima. Havia manchas rosadas em suas faces, ninhos de pequenas veias que, a alguma distância, davam a ela um ar de saúde e vitalidade. As mãos não tinham manchas – claro, era de uma família abastada; passara a vida toda usando luvas ao ar livre –, mas as articulações eram nodosas e as palmas levemente calejadas por puxar rédeas. Não era uma flor de estufa, aquela filha de Leoch, apesar do ambiente à sua volta.

Quando terminou, ela passou a mão de leve sobre o rosto e a cabeça dele, tirou uma folha seca dos cabelos dele e limpou seu rosto com um pano

úmido, surpreendendo-o. Ela largou o pano e pegou a mão dele, entrelaçando os dedos dele nos dela.

– Pronto. Mais uma vez apresentável! E agora que está adequado para estar em companhia de outras pessoas, sr. MacKenzie... veio conversar comigo ou só estava passando?

Phaedre pousou uma xícara de chá e um pires com bolo ao lado dele, mas Jocasta continuava a segurar sua mão esquerda. Ele achou isso esquisito, mas a inesperada atmosfera de intimidade fez com que começar seu pedido se tornasse mais fácil.

Ele expôs a situação de maneira simples. Já ouvira o reverendo fazer pedidos de caridade antes e sabia que era melhor permitir que a situação falasse por si, deixando a decisão final para a consciência de quem ouvia.

Jocasta ouviu com atenção, franzindo o cenho levemente. Ele pensou que ela faria uma pausa para pensar quando ele terminasse, mas ela respondeu prontamente.

– Sim – disse ela. – Conheço Joanie Findlay e também seu irmão. Você tem razão, o marido dela morreu de tuberculose dois anos atrás. Jamie Roy falou comigo sobre ela ontem.

– Ah, ele falou? – Roger se sentiu um tanto tolo.

Jocasta assentiu. Ela se recostou um pouco, contraindo os lábios enquanto pensava.

– Não é só uma questão de oferecer ajuda, sabe? – explicou ela. – Fico feliz com a oportunidade. Mas Joan Findlay é uma mulher orgulhosa... não aceitará caridade.

Em sua voz havia uma leve nota de reprovação, como se Roger tivesse que ter percebido isso. Talvez devesse, ele pensou. Mas agira por impulso, comovido com a pobreza dos Findlays. Não lhe ocorrera que, como tinha pouca coisa, seria muito mais importante para Joan Findlay se apegar à única coisa que tinha de valor: seu orgulho.

– Compreendo – disse ele, cauteloso. – Mas certamente deve haver uma maneira de ajudar que não a ofenda.

Jocasta inclinou a cabeça de leve para um lado, depois para o outro, em um leve maneirismo que ele julgava peculiarmente familiar. Claro – Bree costumava fazer isso quando analisava alguma questão.

– Pode ser que haja – disse ela. – O banquete hoje à noite, para o casamento... os Findlays estarão presentes, claro, e bem alimentados. Não seria má ideia que Ulysses embrulhasse um pouco de comida para eles levarem na viagem de volta para casa, assim, evitaríamos o desperdício. – Ela abriu um rápido sorriso e em seguida a expressão concentrada voltou ao seu rosto.

– O padre – disse ela, com um ar repentino de satisfação.

– Padre? Refere-se ao padre Donahue?

Ela ergueu uma sobancelha grossa para ele.

– Você conhece outro padre na montanha? É claro que estou me referindo a ele.

Ergueu a mão livre e Phaedre, sempre alerta, aproximou-se de sua senhora.

– Srta. Jo?

– Procure algumas peças nos baús, querida – disse Jocasta, tocando o braço da empregada. – Cobertores, gorros, um ou dois aventais; calças e camisas lisas, os noivos não vão precisar delas.

– Meias – disse Roger rapidamente, pensando nos pés descalços e sujos das meninas.

– Meias – assentiu Jocasta. – Coisa simples, mas de boa lã e em bom estado. Ulysses está com minha bolsa. Peça a ele que lhe entregue o xelins e enrole-os em um dos aventais. Então, faça uma trouxa com as coisas e leve-as ao padre Donahue. Diga a ele que são para Joan Findlay, mas que ele não deve dizer de onde vieram. Ele saberá o que dizer.

Ela assentiu de novo, satisfeita, e soltou o braço da aia, fazendo um gesto para que ela se afastasse.

– Pode ir, faça isso agora.

Phaedre murmurou em obediência e saiu da barraca, parando apenas para bater o pano azul que estava costurando e colocá-lo cuidadosamente dobrado sobre o banquinho. Era um peitilho decorado para o vestido de casamento de Brianna, adornado com um elegante entrelaçado de fitas. Ele teve uma visão repentina dos seios alvos de Brianna, apertados por trás de um decote baixo e voltou para a conversa com certa dificuldade.

– O que disse, senhora?

– Eu estava me perguntando se isso basta.

Jocasta estava sorrindo para ele, com uma expressão ligeiramente cúmplice, como se fosse capaz de ler seus pensamentos. Seus olhos eram azuis, como os de Jamie e os de Bree, mas não tão escuros. Estavam fixos nele – ou pelo menos em sua direção. Ele sabia que ela não podia ver seu rosto, mas dava a impressão de conseguir ver *através* dele.

– Sim, sra. Cameron. É muito gentil da sua parte.

Ele posicionou os pés para se levantar e sair. Esperava que ela soltasse sua mão, mas em vez disso ela a apertou ainda mais, segurando-o.

– Não tão depressa. Tenho uma ou duas coisinhas a dizer a você, meu jovem.

Ele voltou a se sentar na cadeira, recompondo-se.

– Claro, sra. Cameron.

– Eu não sabia se deveria falar agora ou esperar até tudo terminar... mas como você está aqui sozinho...

Ela se inclinou na direção dele, séria.

– Minha sobrinha contou a você, rapaz, que pretendo torná-la herdeira da minha propriedade?

– Sim, contou.

De repente, ele ficou em alerta. Brianna havia contado a ele, sim, deixando claro, sem nenhuma dúvida, o que pensava de tal proposta. Ele se preparou para repetir as objeções dela, esperando fazer isso de modo mais cuidadoso do que ela mesma faria. Limpou a garganta.

– Tenho certeza de que a minha mulher tem consciência do tamanho da honra, sra. Cameron – começou ele, cauteloso –, mas...

– Tem? – perguntou Jocasta de modo seco. – Do jeito que ela fala, pensei que não tivesse. Mas sem dúvida você a conhece melhor do que eu. Seja como for, pretendo dizer a ela que mudei de ideia.

– É mesmo? Bem, tenho certeza de que ela...

– Pedi a Gerald Forbes para redigir um testamento, deixando River Run e tudo o que há lá para Jeremiah.

– Para... – Levou um instante para que seu cérebro fizesse a conexão. – Para o pequeno Jemmy?

Ela ainda estava ligeiramente inclinada para a frente, como se

perscrutasse o rosto dele. Em seguida se recostou, assentindo, ainda segurando a mão dele com firmeza. Ele finalmente percebeu que, por ser incapaz de enxergar o rosto dele, ela pretendia lê-lo por meio do contato físico.

Ela estava receptiva a qualquer coisa que os dedos dele lhe dissessem, ele pensou. Ele estava atordoado demais com a notícia para saber como reagir. Cristo, o que Bree ia dizer a respeito?

– Sim – disse ela, e sorriu de modo simpático. – Isso me ocorreu, veja você, já que a propriedade de uma mulher passa para o marido quando ela se casa. Não que não haja meios de deixá-la para ela, mas é difícil, e eu não gostaria de envolver advogados mais do que o necessário. Acho que é sempre um erro recorrer à lei, não concorda, sr. MacKenzie?

Totalmente surpreso, ele percebeu que estava sendo deliberadamente insultado. Não apenas insultado, mas advertido. Ela acreditava... sim, ela acreditava! Acreditava que ele estava interessado na suposta herança de Brianna, e o alertava para não recorrer a nenhum estratagema legal para consegui-la. Uma mistura de choque e ofensa o paralisou por um momento, mas por fim ele encontrou as palavras.

– Minha nossa, isso é a mais... A senhora pensou no orgulho de Joan Findlay, mas acha que eu não tenho nenhum? Sra. Cameron, como ousa sugerir que...

– Você é um belo rapaz, Tordo – disse ela, segurando a mão dele com força. – Senti o seu rosto. E você tem o sobrenome MacKenzie, que é um bom sobrenome, certamente. Mas há muitos MacKenzies nas Terras Altas, não é mesmo? Homens honrados e homens sem honra. Jamie Roy diz que é seu parente... mas talvez seja porque você já está unido à filha dele. Acho que *eu* não conheço a sua família.

O choque estava dando espaço a um impulso nervoso de rir. Conhecer a família dele? Não mesmo; e como ele poderia explicar que era o neto – seis gerações adiante – do irmão dela, Dougal? Que era, na verdade, não apenas sobrinho de Jamie, mas dela também, ainda que um pouco mais distante na árvore genealógica do que alguém poderia esperar?

– Nem ninguém com quem conversei esta semana na Reunião – acrescentou ela, com a cabeça inclinada para o lado como um falcão

observando a presa.

Então era isso. Ela vinha perguntando sobre ele entre seus conhecidos e não conseguira encontrar ninguém que soubesse nada sobre seus antepassados, por motivos óbvios. Uma circunstância suspeita, sem dúvida.

Ele se perguntou se ela achava que ele era um vigarista que havia enganado Jamie, ou talvez pensasse que ele estivesse envolvido em algum esquema *com* Jamie. Não, não podia ser; Bree lhe dissera que Jocasta inicialmente pretendia deixar sua propriedade para Jamie, que havia recusado, cauteloso em relação a um envolvimento próximo com a tia. Sua opinião a respeito da inteligência de Jamie fora reforçada.

Antes que pudesse pensar em uma resposta digna, ela deu um tapinha em sua mão, ainda sorrindo.

– Então, pensei em deixar tudo para o rapazinho. Será uma boa maneira de resolver as coisas, não acha? Brianna terá controle sobre o dinheiro, é claro, até o pequeno Jeremiah chegar à maioridade, a menos que algo aconteça com a criança.

Em sua voz havia definitivamente um tom de alerta, apesar de ela continuar sorrindo, os olhos vazios fixos no rosto dele.

– O quê? O que, em nome de Deus, a senhora quer dizer com isso?

Ele empurrou o banquinho para trás, mas ela continuou segurando a mão dele com firmeza. Era muito forte, apesar da idade.

– Gerald Forbes será o executor do meu testamento, e há três fiduciários para cuidar da propriedade – explicou ela. – Se alguma coisa acontecer a Jeremiah, no entanto, tudo vai para o meu sobrinho Hamish. – O rosto dela estava bastante sério agora. – Você não veria um centavo.

Ele retorceu os dedos sob os dela e apertou com força suficiente para que Jocasta sentisse os nós dos dedos ossudos pressionados uns contra os outros. Que ela lesse o que quisesse naquele gesto! Ela se sobressaltou, mas ele não soltou.

– Está me dizendo que acha que eu faria mal ao menino? – Sua voz soava rouca até mesmo para ele.

Ela estava pálida, mas mantinha a dignidade, os dentes cerrados e o queixo erguido.

– Eu disse isso?

– Disse muita coisa, e o que não disse fala mais alto do que o que foi dito. Como ousa sugerir coisas desse tipo a mim?

Ele soltou a mão dela, praticamente arremessando-a em seu colo.

Ela esfregou os dedos avermelhados lentamente com a outra mão, os lábios contraídos, pensativa. O vento soprava nas laterais de lona da tenda produzindo um ruído alto.

– Bem – disse ela, por fim –, peço desculpas, sr. MacKenzie, se ofendi o senhor de algum modo. Pensei que seria apropriado, no entanto, que soubesse o que penso.

– Apropriado? Apropriado para quem?

Ele estava de pé e se virou em direção à saída. Com grande dificuldade, ele se conteve para não atirar os pratos de porcelana com bolos e biscoitos no chão e espatifá-los ao sair.

– Para Jeremiah – disse ela tranquilamente, atrás dele. – E para Brianna. Talvez, rapaz, até mesmo para você.

Ele se virou, olhando fixamente para ela.

– Para mim? O que quer dizer com isso?

Ela fez menção de dar de ombros.

– Se não for capaz de amar o menino por quem ele é, pensei que pudesse tratá-lo bem em nome do seu futuro.

Ele olhou para ela, as palavras engasgadas na garganta. Sentiu o rosto quente e o sangue latejando em seus ouvidos.

– Ah, eu sei como é – disse ela. – É compreensível que um homem não fique muito satisfeito com o filho que sua mulher teve com outro. Mas se...

Ele deu um passo à frente e a segurou com força pelos ombros, assustando-a. Ela se debateu, piscando, e as chamas das velas reluziram em seu broche de topázio.

– Senhora – disse ele, falando baixinho diante do rosto dela. – Não quero o seu dinheiro. A minha mulher também não. E o *meu filho* também não vai querer. Enfie-o onde achar melhor, sim?

Ele a soltou, virou-se e saiu da barraca a passos largos, esbarrando em Ulysses, que olhou para ele sem entender.

BONDADE

As pessoas caminhavam em meio às sombras do fim de tarde, passando de uma fogueira a outra, como tinham feito todos os dias, mas havia uma sensação diferente na montanha naquele dia.

Em parte, era a doce tristeza da partida: a despedida dos amigos, o afastamento de amores recém-iniciados, a certeza de que alguns rostos seriam vistos naquela noite pela última vez na vida. Em parte, era ansiedade: o desejo de voltar para casa, os prazeres e os perigos da viagem adiante. E ainda puro cansaço: crianças irritadas, homens atormentados pelas responsabilidades, mulheres exauridas pelo trabalho de cozinhar em fogueiras, cuidar das roupas, da saúde e do apetite de uma família com o que havia em alforjes e nos fardos carregados por mulas.

Eu compreendia as três atitudes. Além da pura animação por encontrar novas pessoas e ouvir coisas novas, eu tivera o prazer – pois era um verdadeiro prazer, apesar dos aspectos mais deprimentes – de cuidar de novos pacientes, ver novos males e curar o que podia ser curado, aferrada à necessidade de encontrar uma maneira de tratar o que não podia ser tratado.

Mas a saudade de casa era forte: meu lar espaçoso, com o enorme caldeirão e a grelha, a paz iluminada do meu local de trabalho, com ramos fragrantes de urtiga e lavanda seca acima, o tom dourado velho ao sol da tarde. Minha cama de penas, macia e limpa, lençóis de linho cheirando a alecrim e milefólio.

Fechei os olhos por um momento, evocando uma visão nostálgica desse delicioso refúgio, e em seguida os abri para a realidade: uma chapa cheia de crostas, enegrecida com os restos de bolo de aveia queimado; sapatos

encharcados e pés congelados; roupas úmidas cobertas de sujeira e terra; cestos cujo conteúdo se reduzira a um único pão – mordiscado por ratos –, dez maçãs e um pedaço de queijo; três bebês aos berros; uma jovem mãe exausta com seios doloridos e mamilos rachados; uma noiva com os nervos à flor da pele; uma aia de rosto pálido com cólicas menstruais; quatro escoceses levemente embriagados – e um francês em situação parecida –, que entravam e saíam do acampamento como ursos e não iam ajudar em nada na arrumação da noite... e uma dor profunda e forte na parte inferior do meu ventre que trazia a notícia indesejada de que minha menstruação – que felizmente havia se tornado muito menos frequente nos últimos meses – decidira fazer companhia à de Lizzie.

Cerrei os dentes, peguei um paninho frio e úmido de um arbusto e caminhei, como uma pata, descendo o caminho em direção ao reservado das mulheres, com as pernas fechadas.

A primeira coisa que percebi ao voltar foi o cheiro quente de metal escaldante. Disse algo muito expressivo em francês – um palavreado útil aprendido no Hôpital des Anges, onde os palavrões costumavam ser a melhor ferramenta médica disponível.

Marsali ficou boquiaberta. Germain olhou para mim com admiração e repetiu a expressão, corretamente e com um belo sotaque parisiense.

– Desculpe – falei, olhando para Marsali. – Alguém deixou a água da chaleira secar.

– Não tem problema, Mãe Claire – disse ela com um suspiro, ajeitando a pequena Joanie, que havia começado a berrar de novo. – Não é pior do que as coisas que o pai dele ensina a ele de propósito. Tem um pano seco?

Eu já estava procurando um pano seco ou uma haste com a qual pudesse puxar a chaleira pelo cabo, mas não havia nada à mão além de fraldas sujas e meias úmidas. Mas chaleiras eram itens difíceis de encontrar, e eu não estava disposta a abrir mão daquela. Enrolei os dedos na saia, peguei o cabo e joguei a chaleira longe das chamas. O calor atravessou o pano úmido como um raio, e eu o larguei.

– *Merde!* – exclamou Germain, fazendo eco alegremente.

– Sim, isso – disse eu, levando o polegar com bolhas à boca. A chaleira chiou e fumegou nas folhas molhadas, e eu a chutei, fazendo com que

rolasse para uma poça de lama.

– *Merde, merde, merde, merde!* – repetiu Germain, como se cantasse “Rose, Rose”, uma manifestação precoce de talento musical que lamentavelmente não foi valorizada nas circunstâncias.

– Pare com isso, menino – falei.

Ele não parou. Jemmy começou a gritar em uníssono com Joan, Lizzie – que tivera uma recaída devido à partida relutante do soldado Ogilvie – se pôs a gemer baixinho, e começou a chover granizo, pequenas pedrinhas de gelo dançando no chão e batendo com força no meu couro cabeludo. Peguei a touca encharcada de um galho e a coloquei sobre a cabeça, sentindo-me uma rã extremamente explorada embaixo de um cogumelo aconchegante. Só me faltavam as rugas, pensei.

A chuva de granizo passou depressa. No entanto, quando o movimento e o barulho diminuíram, ouvi o ruído de botas enlameadas vindo pelo caminho. Jamie, acompanhado do padre Kenneth Donahue, apareceu, com pedrinhas de granizo nos cabelos e nos ombros.

– Trouxe o bom padre para tomar um chá – disse ele, sorrindo ao olhar para a clareira.

– Não, não trouxe, não – disse eu de modo um tanto ameaçador. E se ele pensava que eu havia me esquecido de Stephen Bonnet, estava bem enganado também.

Virando-se ao ouvir o som da minha voz, ele pareceu exageradamente assustado ao me ver de touca.

– É você, Sassenach? – perguntou ele, fingindo estar alarmado e fazendo menção de espiar por baixo da barra da minha touca. Devido à presença do padre, eu me contive a fim de não dar uma joelhada em alguma parte sensível de Jamie e contentei-me com uma tentativa de transformá-lo em pedra apenas com o meu olhar, como a Medusa.

Ele pareceu não notar, distraído por Germain, que agora dançava em círculos e cantava variações da minha expressão francesa original, ao ritmo de “Rema, rema, rema o barco”. O padre Donahue estava corando com o esforço de fingir que não entendia nada de francês.

– *Tais toi, crétin* – disse Jamie, enfiando a mão na bolsa de couro. Ele disse aquilo de modo bastante simpático, mas com o tom de alguém que

espera obediência total, sem questionamentos. Germain parou de repente, boquiaberto, e Jamie prontamente enfiou um doce em sua boca. Germain a fechou e começou a se concentrar no assunto, esquecendo-se das músicas.

Peguei a chaleira, usando a barra da saia como pegador. Jamie se abaixou, pegou um galho resistente e enganchou o cabo da chaleira com ele, tirando-o da minha mão.

– *Voilà!* – exclamou, mostrando-o.

– *Merci* – respondi, com uma evidente falta de gratidão. De qualquer modo, aceitei o galho e parti em direção ao curso de água mais próximo, a chaleira fumegante à minha frente como uma lança.

Ao chegar a uma piscina de pedras, larguei a chaleira, tirei a touca, joguei-a em uma moita de junça e pisei nela, deixando a marca de uma pegada grande e enlameada no linho.

– Não quis dizer que estava feio, Sassenach – disse uma voz divertida atrás de mim.

Ergui uma sobrancelha na direção dele.

– Você não quis dizer que estava bonito, quis?

– Não. Você fica parecendo um cogumelo venenoso. Muito melhor sem – garantiu ele.

Puxou-me em sua direção e se inclinou para me beijar.

– Não que eu não goste dessa ideia – comecei, e o tom da minha voz fez com que ele parasse a 1 centímetro de minha boca. – Mas, caso se aproxime um pouco mais, sou capaz de arrancar um pedaço do seu lábio.

Movendo-se como um homem que acabou de perceber que a pedra que pegou ao acaso é, na verdade, um ninho de vespas, ele se endireitou e muito, muito lentamente, afastou as mãos de minha cintura.

– Ah – disse ele, e inclinou a cabeça para o lado, os lábios contraídos enquanto me observava. – Você realmente parece um pouco indisposta, Sassenach.

Sem dúvida, estava indisposta, mas senti vontade de chorar ao ouvir aquilo. Sem dúvida, essa vontade ficou clara, porque ele me segurou – muito delicadamente – pela mão e me levou até uma pedra grande.

– Sente-se. Feche os olhos, *a nighean donn*. Descanse por um momento.

Sentei-me com os olhos fechados e os ombros curvados. O som da água

indicava que ele estava limpando e enchendo a chaleira.

Colocou a chaleira cheia aos meus pés com um baque suave e em seguida se sentou nas folhas ao lado, onde ficou em silêncio. Eu podia ouvir o barulho suave da sua respiração e o fungar ocasional enquanto ele limpava com a manga da blusa o nariz que escorria.

– Desculpe – falei por fim, abrindo os olhos.

Ele se virou, meio sorrindo, para olhar para mim.

– Pelo que, Sassenach? Não é como se você tivesse se recusado a ir para a cama comigo... ou pelo menos espero que não tenhamos chegado a esse ponto ainda.

Fazer amor naquele momento era, sem dúvida, o último item da minha lista de prioridades, mas retribuí o meio sorriso.

– Não – disse de qualquer modo. – Depois de passar duas semanas dormindo no chão, eu não me recusaria a ir para a cama com *ninguém*.

Ele ergueu as sobrancelhas ao ouvir aquilo, e eu ri, pega de surpresa.

– Não – repeti. – Só estou... indisposta.

Alguma coisa se contraiu no fundo da minha barriga e algo lá dentro começou a se contorcer. Fiz uma careta e levei a mão ao ponto dolorido.

– Ah! – disse ele de novo, compreendendo repentinamente. – Esse tipo de indisposição.

– Esse tipo de indisposição – concordei. Cutuquei a chaleira com o dedão do pé. – É melhor eu levar isso de volta. Preciso ferver água para fazer infusão com um pouco de casca de salgueiro. Demora muito.

Demorava; ia levar uma hora ou mais, e a essa altura as cólicas já estariam consideravelmente piores.

– Que se dane a casca de salgueiro – disse ele, tirando um cantil prateado de dentro da camisa. – Experimente isto. Pelo menos não precisa ferver antes.

Eu abri a tampa e cheirei. Uísque, e de boa qualidade.

– Eu amo você – falei com sinceridade, e ele riu.

– Eu também amo você, Sassenach – disse ele, e tocou delicadamente o meu pé.

Tomei um gole e deixei que o líquido descesse devagar pela minha garganta. Ele passou deliciosamente pelas minhas membranas mucosas,

chegou ao fundo e subiu como uma névoa calmante e amarelada que preencheu todas as minhas cavidades e começou a me esquentar, felizmente acalmando a fonte do meu desconforto.

– Oooo – murmurei, suspirando, e tomei mais um gole.

Fechei os olhos para sentir melhor o gosto. Um irlandês que conheci certa vez me garantiu que uísque de boa qualidade podia levantar mortos. Eu não estava disposta a discutir.

– Que maravilha – falei quando abri os olhos de novo. – Onde conseguiu isto?

Era um uísque 20 anos, se é que eu sabia algo sobre uísque – bem diferente da bebida nada refinada que Jamie vinha destilando na serrania atrás da casa.

– Jocasta – respondeu ele. – Era para ser um presente de casamento para Brianna e seu jovem marido, mas achei que você precisava mais.

– Com certeza tem razão nesse ponto.

Permanecemos sentados em silêncio, e eu beberiquei lentamente, a vontade de sair correndo e matar quem eu visse pela frente foi diminuindo aos poucos, assim como a quantidade de uísque no frasco.

A chuva havia passado, e a folhagem pingava pacificamente ao nosso redor. Havia pinheiros por perto, e eu sentia o cheiro da resina, pungente e claro sobre o forte cheiro de folhas molhadas e mortas, fogueiras apagadas e tecidos molhados.

– Faz três meses que você teve a sua última regra – disse Jamie casualmente. – Pensei que já tivesse acabado.

Eu sempre me surpreendia ao ver como ele observava essas coisas com atenção – mas ele era fazendeiro e marido, afinal. Estava intimamente familiarizado com o histórico ginecológico e o ciclo reprodutivo de todas as fêmeas que possuía. Imaginei que não havia motivo para ele abrir uma exceção simplesmente porque eu não ficava prenhe nem entrava no cio.

– Não é como uma torneira que apenas se fecha, sabe? – respondi meio irritada. – Infelizmente. Vai ficando errático e acaba parando, mas não dá para saber quando vai ser.

– Ah.

Ele se inclinou para a frente, os braços cruzados sobre os joelhos,

observando galhos e folhas que flutuavam na água.

– Imagino que seja um alívio se ver livre disso tudo. Menos sujeira, não é?

Eu me controlei para não fazer comparações sexuais desagradáveis a respeito de fluidos corporais.

– Talvez, sim. Eu conto quando souber.

Ele abriu um leve sorriso, mas foi sábio o bastante para não insistir. Tinha percebido a irritação em minha voz.

Beberiquei um pouco mais de uísque. O pio agudo de um pica-pau – do tipo que Jamie chamava de pica-pau-verde – ecoou nas matas e em seguida silenciou. Havia poucos pássaros voando por aí com aquele tempo; a maioria simplesmente ficava reunida sob qualquer abrigo que encontrasse, apesar de eu ouvir os grasnidos de um pequeno bando de patos migratórios em algum ponto rio abaixo. *Eles* não se incomodavam com a chuva.

Jamie se espreguiçou de repente.

– Ah... Sassenach? – disse ele.

– O que foi? – perguntei, surpresa.

Ele abaixou a cabeça, estranhamente tímido.

– Não sei se fiz uma coisa errada ou não, Sassenach, mas, se eu errei, preciso pedir o seu perdão.

– Claro – disse eu, um pouco insegura.

Pelo que eu o estava perdoando? Provavelmente não adultério, mas podia ser qualquer outra coisa, até agressão, incêndio criminoso, assalto e blasfêmia. Deus, torci para que não fosse nada relacionado a Stephen Bonnet.

– O que você fez?

– Bem, quanto a mim, nada – disse ele, um pouco envergonhado. – É só o que eu disse que *você* faria.

– Ah! – retruquei, com uma leve desconfiança. – E o que é? Se você disse a Farquard Campbell que eu visitaria a mãe horrorosa dele de novo...

– Ah, não – disse ele. – Nada disso. Prometi a Josiah Beardsley que talvez você tirasse as amígdalas dele hoje.

– Que eu faria *o quê*?

Arregalei os olhos. Eu conhecera Josiah Beardsley, um jovem com duas

das piores amígdalas inflamadas que eu já tinha visto, no dia anterior. Fiquei tão impressionada com o estado de suas adenoides que as descrevi com detalhes durante o jantar – o que fez com que Lizzie ficasse esverdeada e desse sua segunda batata a Germain – e mencionei que a cirurgia era, de fato, a única possibilidade de cura. Mas não pensei que Jamie fosse se intrometer na questão.

– Por quê? – perguntei.

Jamie se remexeu um pouco, olhando para mim.

– Eu quero ele, Sassenach.

– Quer? Para quê?

Josiah não tinha nem 14 anos, ou pelo menos acreditava ter 14 anos; não sabia bem quando tinha nascido e seus pais tinham morrido havia muito tempo para que ele tivesse certeza. Ele era pequeno até mesmo para um jovem de 14 anos, e malnutrido, com pernas levemente arqueadas por causa do raquitismo. Também mostrava sinais de diversas infecções parasíticas e espirrava por causa de algo que provavelmente era tuberculose, ou apenas um caso grave de bronquite.

– Para trabalhar como arrendatário, claro.

– É mesmo? Pensei que você já tivesse mais candidatos do que precisa.

Eu não apenas pensava; eu sabia. Não tínhamos nenhum dinheiro, embora os negócios que Jamie fizera na Reunião tivessem – praticamente – quitado nossas dívidas com vários mercadores de Cross Creek que vendiam ferragens, arroz, ferramentas, sal e outros pequenos itens. Tínhamos terra em abundância – a maior parte dela coberta de floresta –, mas não tínhamos como ajudar pessoas a se estabelecerem nela ou cultivá-la. Para receber os Chisholms e os McGillivrays, nós estávamos passando muito dos nossos limites em termos de conquistar novos arrendatários.

Jamie apenas assentiu, ignorando as complicações.

– Sim, mas Josiah é um jovem promissor.

– Hum – murmurei, desconfiada.

Era verdade que o garoto parecia durão – o que provavelmente era o que Jamie queria dizer com “promissor”. O simples fato de ter sobrevivido a tanta coisa sozinho era evidência disso.

– Talvez sim. Assim como muitos outros. O que ele tem que faz com que

você o queira tanto?

– Ele tem 14 anos.

Ergui uma sobrancelha para ele, que me deu um sorriso.

– Todos os homens com idade entre 16 e 60 anos devem servir na milícia, Sassenach.

Senti uma contração leve e desconfortável no fundo do estômago. Eu não havia me esquecido da convocação indesejada do governador, mas, entre uma coisa e outra, não tivera a oportunidade de refletir sobre quais poderiam ser as consequências práticas.

Jamie suspirou e esticou os braços, flexionando as articulações até estalarem.

– Então, vai fazer isso mesmo? – perguntei. – Vai formar uma milícia e partir?

– É o que tenho que fazer – disse ele, simplesmente. – Tryon está com as minhas bolas na mão, e não quero saber se ele vai apertá-las, sabe?

– Era o que eu temia.

A avaliação pitoresca que Jamie fazia da situação era, infelizmente, precisa. Procurando um homem leal e competente disposto a assumir a tarefa de colonizar uma grande parte do interior selvagem, o governador Tryon havia oferecido a Jamie uma concessão de terras reais a leste da Linha do Tratado, sem exigência de pagamento de impostos por um período de dez anos. Uma oferta justa, embora, devido às dificuldades de colonização nas montanhas, não tão generosa quanto poderia parecer.

A questão era que os possuidores de tais cessões tinham, legalmente, que ser homens protestantes brancos de bom caráter, acima dos 30 anos. E, apesar de Jamie satisfazer as outras exigências, Tryon sabia muito bem que ele era católico.

Faça como o governador pediu, e... bem, o governador era um político bem-sucedido; sabia manter a boca fechada no que dizia respeito a questões inconvenientes. Se fosse desafiado, porém, não necessitaria de nada além de uma simples carta de New Bern para expulsar os Frasers da Cordilheira.

– Humm. Então, você está achando que se levar os homens disponíveis na propriedade, não vai poder deixar uns poucos de fora?

– Para começar, não tenho muitos, Sassenach – observou ele. – Posso

deixar o Fergus, por causa da mão, e o sr. Wemyss para cuidar da nossa casa. Ele é um servo e, até onde sabemos, só homens livres são obrigados a se juntar à milícia.

– E apenas homens fisicamente capazes. Isso deixa de fora o marido de Joanna Grant; ele tem um pé de madeira.

Ele assentiu.

– Sim, e o velho Arch Bug, que deve ter 70 anos. São quatro homens, e talvez oito garotos com menos de 16 anos, para cuidar de trinta casas e mais de 150 pessoas.

– As mulheres provavelmente conseguirão se virar bem sozinhas – argumentei. – Estamos no inverno, afinal; não precisam cuidar das plantações. E não deve haver dificuldades com os índios, não hoje em dia.

Minha fita havia se soltado quando tirei a touca. Os cabelos escapavam da trança frouxa em todas as direções, descendo pelo meu pescoço em mechas úmidas e encaracoladas. Puxei a fita e tentei pentear os cabelos com os dedos.

– O que Josiah Beardsley tem de tão importante, afinal? – perguntei. – Certamente um garoto de 14 anos não vai fazer muita diferença.

– Beardsley é caçador – respondeu Jamie –, e dos bons. Ele trouxe cerca de duzentos fardos de pele de lobo, veado e castor para a Reunião. Todos animais que abateu sozinho, segundo ele. Eu não teria feito melhor.

Era um elogio verdadeiro, e eu contraí meus lábios em apreciação silenciosa. Peles eram o principal produto invernal – na verdade o único – de valor nas montanhas. Não tínhamos dinheiro naquele momento – nem mesmo o dinheiro da Proclamação, que valia apenas uma fração de libra –, e sem peles para vender na primavera, teríamos dificuldade para conseguir o milho e o trigo de que precisávamos. E se todos os homens fossem obrigados a passar uma boa parte do inverno perambulando pela colônia reprimindo os reguladores em vez de caçar...

A maioria das mulheres da Cordilheira dos Frasers sabia usar uma arma, mas quase nenhuma conseguia caçar de fato, já que ficavam presas a suas casas a fim de atender às necessidades dos filhos. Até mesmo Bree, que era uma caçadora muito boa, não podia passar mais do que meio dia longe de Jemmy – e esse tempo não era suficiente para abater lobos e castores.

Passei a mão pelos cachos úmidos, ajeitando os fios rebeldes.

– Tudo bem, compreendo essa parte. Mas onde as amígdalas entram?

Jamie olhou para mim e sorriu. Sem responder de imediato, ele se levantou e deu a volta por trás de mim. Com uma mão firme, reuniu os fios fugitivos, os que voavam, e os amarrou em uma trança grossa na base do meu pescoço. Inclinou-se sobre os meus ombros, pegou a fita no meu colo e amarrou tudo com um laço.

– Pronto. – E se sentou aos meus pés de novo. – Agora, quanto às amígdalas. Você disse ao rapaz que ele precisa tirá-las, ou sua garganta iria de mal a pior.

– É verdade.

Josiah Beardsley tinha acreditado em mim. E por ter quase morrido no inverno anterior, quando o abscesso na garganta quase o sufocou antes de romper, ele não estava disposto a arriscar outra ocorrência desse tipo.

– Você é a única cirurgiã ao norte de Cross Creek – observou Jamie. – Quem mais poderia fazer isso?

– Bem, sim – falei com incerteza. – Mas...

– Então, fiz uma oferta ao rapaz – interrompeu Jamie. – Darei a ele uma porção de terra, onde Roger e eu o ajudaremos a construir uma cabana quando for a hora, e ele vai dividir meio a meio comigo tudo o que conseguir de pele nos próximos três invernos. Ele está disposto a aceitar, desde que você tire as amígdalas dele como parte do acordo.

– Mas por que hoje? Não posso tirar as amígdalas de ninguém aqui! – Fiz um gesto apontando para a floresta encharcada.

– Por que não? – Jamie ergueu a sobrancelha. – Você não disse ontem à noite que era um procedimento simples, só alguns cortezinhos com a sua menor lâmina?

Esfreguei um nó do dedo sob o nariz, fungando com irritação.

– Veja bem, só porque não é um procedimento extremamente sangrento como amputar uma perna, não quer dizer que seja simples!

Era, na verdade, uma operação relativamente simples, cirurgicamente falando. Eram a possibilidade de infecção depois do procedimento e a necessidade de cuidados – um substituto ruim para antibióticos, mas muito melhor do que a negligência – que impunham complicações.

– Não posso simplesmente tirar as amígdalas dele e mandá-lo embora – expliquei. – Mas quando voltarmos para casa...

– Ele não pretende voltar conosco de imediato – interrompeu Jamie.

– Por que não? – perguntei.

– Ele não disse. Explicou apenas que tinha coisas a resolver e que chegaria à Cordilheira dos Frasers até a primeira semana de dezembro. Ele pode dormir no abrigo em cima do depósito de ervas – acrescentou.

– Então você e ele esperam que eu simplesmente tire as amígdalas dele, dê alguns pontos e o mande embora, feliz e contente? – perguntei de modo sarcástico.

– Você se saiu bem com o cachorro – disse ele, sorrindo.

– Ah, você ficou sabendo sobre isso.

– Ah, sim. E sobre o rapaz que acertou o machado no pé, e sobre os bebês com assadura, e sobre a dor de dente da sra. Buchanan, e sobre a sua discussão com Murray MacLeod a respeito dos dutos biliares de um homem...

– Realmente *foi* uma manhã meio cheia.

Estremeci ao me lembrar, e tomei mais um gole de uísque.

– A Reunião toda está falando de você, Sassenach. Pensei na Bíblia, para falar a verdade, ao ver toda aquela multidão ao seu redor hoje cedo.

– Na Bíblia?

Devo ter parecido confusa diante da referência, porque o sorriso se alargou.

– E todos da multidão procuravam tocá-lo – recitou Jamie. – Porque dele emanava uma virtude que curava a todos.

Dei risada, interrompendo a mim mesma com um leve soluço.

– A virtude está em falta no momento, receio.

– Não se preocupe. Tem muito no cantil.

Ao ser lembrada disso, ofereci o uísque a ele, que o afastou, franzindo o cenho, pensativo. O gelo derretido havia deixado mechas molhadas em seus cabelos, que desciam como fitas de bronze derretido sobre seus ombros – como a estátua de um herói militar, desgastada e reluzente em um parque público.

– Então, você vai cuidar das amígdalas do rapaz, quando ele for para a

Cordilheira dos Frasers?

Pensei por um momento, e então assenti, engolindo em seco. Ainda haveria perigos na cirurgia, e em geral eu não fazia cirurgias eletivas. Mas a situação de Josiah era mesmo preocupante, e as contínuas infecções poderiam acabar por matá-lo em algum momento, se eu não tomasse as providências para remediar o problema.

Jamie assentiu, satisfeito.

– Vou cuidar disso, então.

Meus pés tinham descongelado, mesmo molhados como estavam, e eu começava a me sentir aquecida e disposta. Eu ainda tinha a sensação de ter engolido uma enorme rocha vulcânica, mas não estava me importando muito.

– Eu estava pensando, Sassenach – disse ele.

– No quê?

– Falando da Bíblia.

– Está com a Sagrada Escritura na cabeça hoje, é isso?

Ele esboçou um sorriso ao olhar para mim.

– Sim, bem, é que eu estava pensando. Quando o Anjo do Senhor aparece para Sarah e diz que ela vai ter um filho no ano seguinte, ela ri e diz que só pode ser brincadeira, já que ela não tem mais condições físicas.

– A maioria das mulheres nessa situação provavelmente não consideraria a ideia muito engraçada – assegurei a ele. – Mas costumo achar que Deus tem um senso de humor bastante peculiar.

Ele olhou para a grande folha de bordo que segurava com o polegar e o indicador, mas eu percebi o leve entortar de seus lábios.

– Às vezes penso nisso, Sassenach – disse ele de modo seco. – Seja como for, ela acabou tendo o filho, certo?

– A Bíblia diz que sim. *Eu* não vou chamar o livro do Gênesis de mentiroso.

Pensei se deveria beber mais, mas decidi guardar para um dia de chuva – ou de mais chuva – e tampei o frasco. Ouvi uma movimentação na direção do acampamento e meus ouvidos captaram uma palavra de inquirição, trazida pela brisa fria.

– Alguém está à procura Dele – falei. – De novo.

Ele olhou para trás e fez uma careta, mas não se moveu para atender o chamado. Pigarreou, e eu vi que a lateral de seu rosto corava.

– Bem, a questão é – disse ele, tendo o cuidado de não olhar para mim –, até onde eu sei, se o seu nome não é Maria e se o Espírito Santo não estiver envolvido no assunto, só existe uma maneira de engravidar. Estou certo?

– Até onde eu sei, sim.

Tapei a boca com a mão para conter um soluço.

– Então, sendo assim... bem, isso deve significar que Sara ainda dormia com Abraão na época, não?

Ele continuava não olhando para mim, mas suas orelhas tinham ficado cor-de-rosa, e eu percebi, tardiamente, o propósito daquela discussão religiosa. Estendi o pé e o cutuquei nas costelas.

– Estava achando que eu talvez não desejasse mais você?

– Você não me quis *agora* – disse ele logicamente, os olhos fixos nos restos de sua folha amassada.

– Tenho a sensação de que a minha barriga está cheia de vidro quebrado, estou coberta de lama até os joelhos, e quem está procurando você está prestes a surgir do meio dos arbustos com um monte de sabujos a qualquer momento – falei, com certa aspereza. – Está me convidando para participar de uma orgia carnal com você naquele monte de folhas molhadas? Porque, se estiver...

– Não, não – disse ele depressa. – Não quis dizer agora. Só quis dizer... só estava pensando se...

As pontas das orelhas dele tinham ficado muito vermelhas. Ele se levantou abruptamente, batendo as folhas mortas de seu kilt com uma força exagerada.

– Se – disse eu de modo contido – você me engravidasse a esta altura da vida, Jamie Fraser, eu faria espetinhos com as suas bolas. – Eu me balancei para trás, olhando para ele. – Quanto a me deitar com você, porém...

Ele parou o que estava fazendo e olhou para mim. Sorri para ele, deixando que meus pensamentos ficassem claros.

– Quando você tiver uma cama de novo, prometo que não vou recusá-la.

– Ah – disse ele. Respirou fundo, parecendo subitamente muito feliz. –

Bem, tudo bem, então. É só que... eu me perguntei, você sabe...

Um farfalhar alto e repentino nos arbustos foi seguido pelo aparecimento do sr. Wemyss, cujo rosto magro e ansioso surgiu no meio de uma moita.

– Ah, é o senhor – disse ele, evidentemente aliviado.

– Acho que sim – disse Jamie, resignado. – Algum problema, sr. Wemyss?

O sr. Wemyss demorou a responder, pois se enredou no arbusto, e fui obrigada a ajudá-lo a se soltar. Um ex-bibliotecário que fora obrigado a vender a si mesmo como servo, o sr. Wemyss não tinha a menor familiaridade com a vida na mata.

– Peço desculpas pelo transtorno, senhor – disse ele, com o rosto bastante vermelho. Puxou com nervosismo um pequeno ramo que se prendera em seus cabelos claros e finos. – É só que... bem, ela disse que pretendia parti-lo ao meio, da cabeça aos pés, com um machado se ele não fosse embora, e ele disse que nenhuma mulher ia falar com ele daquele modo, e ela de fato *tem* um machado...

Acostumado aos métodos de comunicação do sr. Wemyss, Jamie suspirou, pegou o frasco de uísque, abriu-o e tomou um grande gole. Abaixou o frasco e encarou o sr. Wemyss com um olhar penetrante.

– Quem? – perguntou ele.

– Ah! Eu não disse? Rosamund Lindsay e Ronnie Sinclair.

– Humpf.

Não eram boas notícias. Rosamund Lindsay de fato *tinha* um machado. Estava assando vários porcos em um fosso perto do riacho sobre brasas de nogueira. Ela também pesava quase 100 quilos e, apesar de em geral ser bem-humorada, era tomada por um gênio terrível quando provocada. Por outro lado, Ronnie Sinclair era perfeitamente capaz de irritar até mesmo o anjo Gabriel, que dirá uma mulher tentando cozinhar na chuva.

Jamie suspirou e me devolveu o frasco. Ajeitou os ombros, batendo as gotas de seu tartã enquanto o arrumava.

– Vá e diga a elas que estou indo, sr. Wemyss – disse ele.

O rosto magro do sr. Wemyss expressou forte apreensão diante da ideia de se aproximar do machado de Rosamund Lindsay, mas o temor inspirado por Jamie era ainda maior. Fez uma reverência rápida, virou-se e foi na

direção do arbusto de novo.

Um grito parecido com uma sirene de ambulância precedeu o aparecimento de Marsali, com Joan nos braços. Ela tirou um pequeno ramo da manga do casaco do sr. Wemyss, assentindo para ele ao se aproximar.

– Pai – disse ela, sem preâmbulos –, o senhor precisa vir. O padre Kenneth foi preso.

Jamie ergueu as sobrancelhas.

– Preso? Agora? Por quem?

– Sim, neste minuto! Por um gordo horroroso que disse ser o xerife do condado. Ele chegou com dois homens e eles perguntaram quem era o padre, e quando o padre Kenneth disse que era ele, eles o agarraram pelos braços e o levaram embora, sem dar qualquer satisfação!

O sangue subia no rosto de Jamie, e seus dois dedos enrijecidos bateram de leve em sua coxa.

– Eles o levaram do meu acampamento? – perguntou ele. – *A Dhia!*

Aquela era, claramente, uma pergunta retórica, e antes que Marsali pudesse responder, passos vieram de outra direção, e Brianna apareceu de trás de um pinheiro.

– O que foi? – berrou ele.

Ela hesitou, assustada.

– Ah.... Geordie Chisholm disse que um dos soldados roubou um presunto da fogueira dele e perguntou se você pode ir conversar com o tenente Hayes a respeito.

– Sim – disse ele de imediato. – Mais tarde. Enquanto isso, volte com Marsali e descubra para onde levaram o padre Kenneth. E sr. Wemyss... – Mas o sr. Wemyss já tinha se desvencilhado do arbusto e um ruído distante indicava a pressa dele em cumprir as ordens que recebera.

Ao olharem para o rosto de Jamie, as duas garotas se convenceram de que deveriam se retirar depressa e, em poucos segundos, ficaram sozinhas de novo. Ele respirou fundo e soltou o ar lentamente por entre os dentes.

Tive vontade de rir, mas não ri. Em vez disso, me aproximei; por mais frio e úmido que estivesse, eu podia sentir o calor da pele dele através do tartã.

– Pelo menos são só os doentes que querem me tocar – falei, entregando

a ele o frasco de uísque. – O que *você* faz quando toda a virtude o abandona?

Ele olhou para mim e abriu um lento sorriso. Ignorando o frasco, ele se aproximou, segurou meu rosto entre as mãos e me beijou suavemente.

– Isto – respondeu ele.

Então se virou e desceu a encosta da montanha, supostamente cheio de virtude de novo.

FEIJÕES E CHURRASCO

Levei a chaleira de volta para o nosso acampamento e encontrei o local momentaneamente vazio. Vozes e risos ao longe indicavam que Lizzie, Marsali e a sra. Bug – presumidamente com as crianças no colo – tinham ido ao reservado das mulheres, uma fossa cavada atrás de uma conveniente tela de junípero a certa distância dos acampamentos. Pendurei a chaleira sobre o fogo para que a água fervesse e fiquei parada por um momento, me perguntando para onde deveria direcionar meus esforços.

Apesar de a situação do padre Kenneth ser a mais séria a longo prazo, não era algo em que minha presença faria diferença. Mas eu *era* médica – e Rosamund Lindsay *tinha* um machado. Ajeitei com a mão meus cabelos e as roupas úmidas e comecei a descer a montanha em direção ao riacho, deixando a touca abandonada.

Jamie evidentemente pensara a mesma coisa em relação à importância relativa das emergências naquele momento. Quando consegui abrir caminho pelos galhos de salgueiro à beira do riacho, encontrei-o de pé ao lado do fosso de churrasco, conversando tranquilo com Ronnie Sinclair – apoiado casualmente no cabo do machado, que, de alguma forma, conseguira pegar.

Relaxe um pouco ao ver isso e me aproximei sem pressa. A menos que Rosamund decidisse estrangular Ronnie com as próprias mãos ou bater nele com um presunto até matá-lo – e nenhuma das duas situações era impensável –, meus serviços médicos podiam não ser necessários.

O fosso era amplo, um declive natural na terra das margens do riacho, causado por uma inundação muito tempo antes e aprofundada pela escavação nos anos seguintes. A julgar pelas pedras enegrecidas e pelo carvão espalhado, estava em uso havia algum tempo. Na verdade, várias pessoas

diferentes a usavam agora – o aroma misturado de aves, porco, carne de carneiro e de gambá subia em uma nuvem de fumaça de lenha de macieira e noqueira, um perfume delicioso que fazia a minha boca salivar.

Ver o fosso foi menos interessante. Nuvens de fumaça branca subiam da madeira úmida, obscurecendo diversas formas dispostas sobre piras quentes – muitas das quais pareciam remota mas assustadoramente humanas em meio à fumaça. Eu me lembrei vividamente das covas comuns na Jamaica, onde os corpos dos escravos que não tinham sobrevivido aos rigores da travessia eram queimados, e engoli com dificuldade, tentando não relembrar o cheiro macabro de carne incinerada daquelas piras funerárias.

Rosamund estava cuidando do fosso no momento, com a saia erguida bem acima dos joelhos gordos e as mangas enroladas nos braços volumosos enquanto ela colocava um molho avermelhado nas costelas expostas de uma enorme carcaça de porco. Ao redor dela, havia mais cinco formas gigantescas, envoltas em aniagem úmida, com volutas de fumaça fragrante se desprendendo delas e sumindo na garoa.

– É veneno, é isso! – dizia Ronnie Sinclair, exaltado, quando apareci atrás dele. – Vai arruinar tudo! Não vai servir nem para os porcos quando ela terminar!

– São *porcos*, Ronnie – disse Jamie com considerável paciência. Ele revirou os olhos para mim e em seguida olhou para o fosso, onde a gordura pingava em cima do carvão. – Acho que não é possível fazer nada com um porco, no sentido de cozinhar, quero dizer, que faça com que não valha a pena comê-lo.

– É verdade – falei, sorrindo para Ronnie. – Bacon defumado, costelas grelhadas, lombo assado, presunto cozido, linguiça, salsichas, molejas, morcelas... alguém certa vez disse que é possível usar tudo do porco, menos o guincho.

– Sim, mas isso é o churrasco, não é? – disse Ronnie com teimosia, ignorando minha débil tentativa de ser engraçada. – Todo mundo sabe que se faz porco assado com vinagre... é o jeito certo! Afinal, você não colocaria areia na sua linguiça, certo? Nem cozinaria o bacon com a sujeira do galinheiro.

Ele ergueu o queixo em direção à bacia de cerâmica branca embaixo do

braço de Rosamund, deixando claro que o seu conteúdo se encaixava na mesma classe de itens não comestíveis, na opinião dele.

Senti um aroma apetitoso quando o vento mudou. Até onde eu podia dizer com base apenas no cheiro, o molho de Rosamund parecia incluir tomates, cebolas, pimentão vermelho e açúcar suficiente para deixar uma espessa crosta enegrecida sobre a carne e um tentador aroma caramelizado no ar.

– Acho que a carne vai ficar muito suculenta, cozida desse modo – falei, sentindo meu estômago começar a se contorcer e roncar por baixo de meu corpete de renda.

– Sim, e é um belo lote de porcos, também – disse Jamie, querendo conquistar simpatia, e Rosamund olhou para ele de cara feia. Estava com as pernas sujas até os joelhos e o rosto quadrado estava molhado de chuva e suor, além da fuligem. – Eram porcos selvagens, senhora, ou foram criados com cuidados?

– Selvagens – respondeu ela, com certo orgulho, endireitando-se e afastando uma mecha de cabelos grisalhos e molhados da testa. – Engordados com castanhas. Nada como castanhas para dar gosto à carne!

Ronnie Sinclair emitiu um som escocês expressando desdém.

– Sim, o sabor é tão bom que você precisa escondê-lo sob um molho gorduroso que faz parecer que a carne ainda não está cozida, mas sangrando de tão crua!

Rosamund fez um comentário grosseiro a respeito da suposta hombridade das pessoas que ficavam nauseadas só de pensar em sangue, que Ronnie pareceu disposto a levar para o lado pessoal. Jamie se posicionou habilmente entre os dois, mantendo o machado bem longe do alcance.

– Ah, tenho certeza de que está tudo muito bem cozido – respondeu ele em tom conciliador. – Afinal, a sra. Lindsay está trabalhando com afinco desde o amanhecer, pelo menos.

– Muito antes disso, sr. Fraser – respondeu a senhora, com um sorriso de triste satisfação. – Se quiser um churrasco decente, deve começar pelo menos um dia antes, e cuidar dele a noite toda. Estou cuidando desses porcos desde ontem à tarde.

Ela inspirou uma lufada da fumaça que subia, com uma expressão

extasiada.

– Ah, isso sim! Vocês, malditos escoceses, não dão valor a esta maravilha – disse Rosamund, voltando a cobrir a carne com a aniagem e dando tapinhas sobre ela para colocá-la no lugar. – Vocês deixaram suas línguas amargas com todo aquele vinagre que sempre têm na despensa. A única coisa que consigo é evitar que Kenny coloque no pão de milho e no mingau da manhã.

Jamie ergueu a voz, encobrindo a resposta irritada de Ronnie a essa calúnia.

– E foi Kenny quem caçou os porcos, senhora? Porcos selvagens têm uma natureza imprevisível. Com certeza é um perigo correr atrás de animais desse porte. Como o javali que caçávamos na Escócia.

– Ah!

Rosamund lançou um olhar de desdém bem-humorado em direção à encosta da montanha, onde seu marido – que tinha quase a metade do seu tamanho – estava presumivelmente envolvido em atividades menos cansativas.

– Não. Na verdade, sr. Fraser, eu mesma abati os animais. Com aquele machado – disse ela, assentindo na direção do utensílio em questão e estreitando os olhos de modo sinistro para Ronnie. – Rachei o crânio deles com um golpe, sim.

Ronnie, que não era o mais perspicaz dos homens, não entendeu a indireta.

– São os tomates que ela está usando, *Mac Dubh* – disse ele, puxando a manga de Jamie e apontando para a tigela com uma crosta vermelha. – São frutos do demônio! Ela vai envenenar todos nós!

– Ah, acho que não, Ronnie. – Jamie segurou o braço de Ronnie com firmeza e sorriu para Rosamund. – Imagino que vá vender a carne, não é, sra. Lindsay? Só um péssimo comerciante mataria seus clientes, não é mesmo?

– Ainda não perdi nenhum, sr. Fraser – concordou Rosamund, virando mais uma camada de aniagem e inclinando-se para despejar molho com uma concha de madeira sobre a carne quente. – E ninguém nunca reclamou do gosto, tampouco – disse ela –, mas é claro que isso foi em Boston, de

onde venho.

Onde as pessoas têm bom senso, era o que seu tom de voz claramente indicava.

– Conheci um homem de Boston na última vez em que fui a Charlottesville – disse Ronnie, com as sobrancelhas franzidas em desaprovação. Ele puxou o braço, tentando se desvencilhar da mão de Jamie, mas não adiantou. – Ele me disse que tinha o costume de comer feijões no café da manhã e ostras no jantar, e assim fazia todos os dias desde que era bebê. Era de surpreender que ele não tivesse explodido como um porco, comendo coisas horríveis assim!

– Feijão, feijão faz bem ao coração – recitei alegremente, aproveitando a deixa. – Cada grão vira um gás; cada gás, um rojão. Peidar é alegria, faz bem ao coração... Feijão, feijão, em toda refeição!

Ronnie ficou boquiaberto, assim como a sra. Lindsay. Jamie ria sem parar, e o olhar de surpresa da sra. Lindsay acabou se transformando em uma risada alta. Depois de um instante, Ronnie também começou a rir com relutância, um sorrisinho aparecendo no canto da boca.

– Morei em Boston por um tempo – falei, quando os risos diminuíram um pouco. – Sra. Lindsay, que cheiro delicioso!

Rosamund assentiu com orgulho, satisfeita.

– Sim, senhora, também acho. – Ela se inclinou na minha direção, baixando a voz, levemente, em relação ao volume normal. – É minha receita secreta – disse ela, dando um tapinha possessivo na tigela de cerâmica. – Realça o sabor, está vendo?

Ronnie abriu a boca, mas emitiu apenas um ganido baixinho, resultado evidente da mão de Jamie apertando seus bíceps. Rosamund ignorou isso, iniciando uma discussão amigável com Jamie, que terminou concordando em reservar uma carcaça inteira para ser usada no banquete do casamento.

Olhei para Jamie ao ouvir aquilo. Considerando que naquele momento o padre Kenneth provavelmente estava sendo conduzido de volta a Baltimore ou indo para a forca em Edenton, eu tinha minhas dúvidas se algum casamento ia ser realizado de fato naquela noite.

Por outro lado, eu havia aprendido a nunca subestimar Jamie. Com uma palavra final de elogio à sra. Lindsay, ele arrastou Ronnie para longe do

fosso, parando apenas por tempo suficiente para colocar o machado nas minhas mãos.

– Cuide disso, sim, Sassenach? – disse ele, e me deu um beijo rápido. Ele sorriu para mim. – E onde aprendeu tanto a respeito da história natural dos feijões, pode me dizer?

– Brianna trouxe da escola para casa quando tinha uns 6 anos – respondi, sorrindo de volta. – É uma musiquinha de verdade.

– Diga a ela para cantar para o marido – aconselhou Jamie, alargando o sorriso. – Ele pode escrever no livrinho dele.

Ele se virou, colocando um braço amigável em torno dos ombros de Ronnie Sinclair, que mostrava sinais de tentar escapar na direção do fosso do churrasco.

– Venha comigo, Ronnie – disse ele. – Preciso dar uma palavrinha com o tenente. Ele quer comprar um presunto da sra. Lindsay, acho – acrescentou, piscando como uma coruja para mim. Ele se virou para Ronnie. – Mas estou certo de que ele vai querer ouvir o que puder dizer a ele sobre seu pai. Você foi um grande amigo de Gavin Hayes, não?

– Oh – disse Ronnie, franzindo o cenho um pouco menos. – Sim. Sim, Gavin era um bom homem. Uma pena. – Ele balançou a cabeça, obviamente referindo-se à morte de Gavin alguns anos antes. Olhou para Jamie com os lábios contraídos. – Esse rapaz sabe o que aconteceu?

Uma pergunta delicada. Gavin tinha sido enforcado em Charleston por roubo – uma morte vergonhosa, para os padrões de qualquer um.

– Sim – disse Jamie, baixinho. – Eu tive que contar a ele. Mas vai ajudar, acredito, se puder contar a ele um pouco sobre seu pais antes disso, contar a ele como foram as coisas para nós, lá em Ardsmuir.

Algo, que não era exatamente um sorriso, surgiu no rosto dele quando olhou para Ronnie, e eu vi uma delicadeza recíproca no rosto de Sinclair.

A mão de Jamie apertou o ombro de Ronnie e em seguida o soltou, e eles subiram a montanha, lado a lado, esquecendo-se do churrasco.

Como foram as coisas para nós... Eu os observei partir, unidos pela evocação daquela frase simples. Seis palavras que lembravam a proximidade criada por dias, meses e anos de dificuldades compartilhadas; uma proximidade desconhecida para quem não tinha passado por aquilo.

Jamie raramente falava de Ardsmuir, assim como os outros homens que tinham saído de lá e vivido para ver o Novo Mundo.

A névoa subia dos vales da montanha agora; em poucos minutos, eles desapareceram de vista. Da floresta encoberta acima, o som de vozes escocesas masculinas desceu em direção ao fosso tomado pela fumaça, cantando em uníssono: “Feijão, feijão, faz bem ao coração...”

Ao voltar para o acampamento, descobri que Roger tinha retornado de suas tarefas. Ele estava perto do fogo, conversando com Brianna, com uma expressão perturbada.

– Não se preocupe – eu disse a ele, estendendo o braço para pegar a chaleira. – Tenho certeza de que Jamie vai cuidar disso, de alguma forma. Ele foi cuidar disso.

– Foi? – Ele pareceu levemente perplexo. – Ele já sabe?

– Sim, assim que ele encontrar o xerife, imagino que tudo vá ficar bem.

Peguei o bule lascado que usava no acampamento com uma das mãos, joguei as folhas velhas do chão e, colocando-o sobre a mesa, verti um pouco de água fervente da chaleira para esquentar o bule. O dia tinha sido longo, e a noite também prometia se estender. Eu ansiava pelo conforto de uma boa xícara de chá, acompanhado de uma fatia de bolo de fruta que um dos meus pacientes levava para mim de manhã.

– O xerife? – Roger lançou um olhar confuso para Brianna, levemente corado. – Ela não colocou o xerife atrás de mim, colocou?

– Colocou um xerife atrás de você? Quem? – perguntei, unindo-me ao coro de perplexidade. Pendurei a chaleira de volta no tripé e peguei a lata de folhas de chá. – O que você andou fazendo, Roger?

Ele corou levemente, mas, antes que ele pudesse responder, Brianna resmungou.

– Mandou a tia Jocasta para aquele lugar. – Ela olhou para Roger, e seus olhos se estreitaram, formando triângulos, em uma expressão divertida e maliciosa enquanto ela imaginava a cena. – Nossa! Como eu queria ter visto!

– O que você disse a ela, Roger? – perguntei, interessada.

Ele corou ainda mais e desviou o olhar.

– Não quero repetir – disse ele. – Não foi o tipo de coisa que se diz a uma

mulher, muito menos a uma mulher de idade, principalmente alguém de quem estou prestes a me tornar parente por meio do meu casamento. Eu estava justamente perguntando a Bree se devo ir me desculpar com a sra. Cameron antes do casamento.

– Não – disse Bree sem hesitar. – Que ousadia a dela! Você teve todo o direito de dizer o que disse.

– Bem, não me arrependo de nada do que falei – disse Roger, esboçando um sorriso –, apenas do modo como me expressei. – Sabe – ponderou ele, virando-se para mim –, estou achando que talvez devesse me desculpar, para que as coisas não fiquem estranhas hoje à noite. Não quero estragar o casamento da Bree.

– O casamento da Bree? Você acha que vou me casar sozinha? – perguntou ela, franzindo as sobrancelhas grossas e ruivas para ele.

– É, bem, não – admitiu ele, sorrindo. Tocou o rosto dela com delicadeza. – Estarei do seu lado, com certeza. Mas, desde que nos casemos, não me importo muito com a cerimônia. Mas você quer que seja bonita, certo? Se eu estragar tudo, a sua tia vai me acertar na cabeça com um pedaço de lenha antes que eu possa dizer “sim”.

A essa altura, eu estava tomada pela curiosidade de saber o que ele *tinha* dito a Jocasta, mas achei que seria melhor abordar o assunto mais urgente, que era a possibilidade de, no último minuto, não haver casamento para ser estragado.

– E então Jamie está procurando o padre Kenneth agora – disse. – Mas Marsali não reconheceu o xerife que o levou, o que torna tudo mais difícil.

Roger ergueu as sobrancelhas escuras e as franziu com preocupação.

– Eu me pergunto... – disse ele e se virou para mim. – Olha, acho que eu o vi há pouco.

– O padre Kenneth? – perguntei, com a faca suspensa acima do bolo de frutas.

– Não, o xerife.

– O quê? Onde?

Bree se virou, olhando ao redor. Cerrou o punho e achei que era realmente muita sorte o xerife não estar por perto. Ver Brianna ser presa por agressão *definitivamente* arruinaria o casamento.

– Ele foi por ali.

Roger apontou montanha abaixo, na direção do riacho, para a barraca do tenente Hayes. Nesse momento, ouvimos o som de passos na lama e, um instante depois, Jamie surgiu, parecendo cansado, preocupado e muito irritado. Obviamente, ele ainda não tinha encontrado o padre.

– Pai! – Bree o cumprimentou com animação. – Roger acha que viu o xerife que levou o padre Kenneth!

– É mesmo? – perguntou Jamie, interessado. – Onde?

Ele cerrou o punho esquerdo, e eu não consegui conter um sorriso.

– Qual é a graça? – perguntou ele ao ver minha reação.

– Nada – respondi. – Coma um pouco de bolo. – Entreguei a ele uma fatia, que ele logo enfiou na boca, voltando sua atenção para Roger.

– Onde? – perguntou.

– Não sei se era o homem que você procura – explicou Roger. – Era um homem pequeno e desalinhado. Mas levava um prisioneiro – levava um dos homens de Drunkard's Creek algemado. MacLennan, acho.

Jamie engasgou e tossiu, cuspidando pedacinhos de bolo de fruta mastigado no fogo.

– Ele prendeu o sr. MacLennan? E você *deixou*?

Bree olhava para Roger consternada. Nem ela nem Roger estavam presentes quando Abel MacLennan contou a história no café da manhã, mas os dois o conheciam.

– Eu não poderia impedir – disse Roger, com calma. – Mas chamei MacLennan para perguntar se ele queria ajuda, pensei que poderia chamar seu pai ou Farquard Campbell, se ele quisesse. Mas ele apenas olhou através de mim, como se eu fosse um fantasma, e quando perguntei de novo, ele abriu um sorriso esquisito e balançou a cabeça. Não achei que devia sair batendo em um xerife como regra geral. Mas se você...

– Não no xerife – disse Jamie com a voz rouca. Seus olhos estavam marejados, e ele parou para tossir com força de novo.

– Um captor de ladrões – falei para Roger. – Algo como um caçador de recompensas, acho. – O chá ainda não estava pronto; encontrei uma garrafa de cerveja pela metade e a entreguei a Jamie.

– Para onde vai levar Abel? – perguntei. – Você disse que Hayes não

queria prisioneiros.

Jamie balançou a cabeça, engoliu em seco e abaixou a garrafa, respirando com um pouco mais de tranquilidade.

– Ele não quer. Não, o sr. Boble... Deve ser ele, certo? Ele vai levar Abel ao magistrado mais próximo. E se o pequeno Roger acabou de vê-lo... – Ele se virou, pensando, o cenho franzido enquanto analisava as montanhas ao nosso redor. – Vai ser Farquard, provavelmente – concluiu ele, relaxando os ombros um pouco. – Sei de quatro juízes de paz e três magistrados aqui na Reunião, e de todos eles, Campbell é o único acampado deste lado.

– Ah, que bom.

Suspirei aliviada. Farquard Campbell era um homem justo; seguia a lei, mas não sem compaixão – e o mais importante, talvez: era um amigo muito antigo de Jocasta Cameron.

– Sim, vamos pedir a minha tia para falar com ele... Talvez seja melhor antes dos casamentos. – Ele se virou para Roger. – Você se encarrega disso, MacKenzie? Preciso encontrar o padre Kenneth, se queremos que *haja* casamentos.

Roger parecia que também havia acabado de se engasgar com um pedaço de bolo de fruta.

– Hum... bem... – disse ele, sem jeito. – Talvez eu não seja o melhor homem para dizer qualquer coisa à sra. Cameron no momento.

Jamie olhava para ele com uma mistura de interesse e exasperação.

– Por que não?

Corando intensamente, Roger relatou a essência de sua conversa com Jocasta – falando tão baixo a ponto de quase não ser ouvido no fim.

Mas nós ouvimos com clareza mesmo assim. Jamie olhou para mim. Seus lábios se contraíram. Então, seus ombros começaram a tremer. Senti o riso irromper dentro de mim, mas não foi nada comparado à hilaridade de Jamie. Ele riu quase em silêncio, mas com tanta intensidade que seus olhos ficaram marejados.

– Ah, Cristo! – disse ele, por fim. Levou a mão ao lado do corpo, ainda rindo. – Meu Deus, acho que desloquei uma costela.

Ele estendeu a mão e pegou um dos panos que estavam secando em um arbusto e limpou cuidadosamente o rosto com ele.

– Tudo bem – disse ele, recuperando-se um pouco. – Vá falar com Farquard, então. E se Abel estiver lá, diga a Campbell que eu serei o fiador dele. Traga-o de volta com você.

Ele fez um breve gesto para afastar Roger, vermelho de vergonha, mas firme em sua dignidade, e partiu de imediato. Bree o seguiu, lançando um olhar de reprovação para o pai, o que só fez com que ele começasse a rir de novo.

Afoguei minha própria vontade de rir com um gole do chá quente e perfumado. Ofereci a xícara a Jamie, mas ele recusou, satisfeito com o resto da cerveja.

– A minha tia – observou ele, abaixando a garrafa – sabe muito bem o que o dinheiro compra e o que o dinheiro não compra.

– E ela acabou de comprar para si, para todos os demais habitantes do condado, uma boa opinião a respeito do pobre Roger, não? – respondi de modo meio seco.

Jocasta Cameron era uma MacKenzie de Leoch; uma família cujos integrantes Jamie certa vez descreveu como “interessantes como cotovias no campo e espertos como raposas”. Se Jocasta realmente tivera dúvidas a respeito dos motivos de Roger para se casar com Bree, ou se queria se antecipar aos boatos que correriam por Cabo Fear, seus métodos tinham sido inegavelmente bem-sucedidos. Ela provavelmente estava dentro de sua barraca vangloriando-se de sua esperteza, ansiosa para espalhar a história de sua oferta e da resposta de Roger.

– Pobre Roger – concordou Jamie, ainda rindo. – Pobre, mas virtuoso. – Ele virou a garrafa de cerveja, bebeu todo o conteúdo e a abaixou com um suspiro breve de satisfação. – Mas, pensando bem – disse ele, olhando para mim –, ela também deu algo de valor a ele, não?

– *Meu filho* – repeti suavemente, assentindo. – Você acha que ele percebeu isso antes de dizer? Que ele de fato sente que Jemmy é filho dele?

Jamie fez um movimento indeterminado com os ombros.

– Não sei. Mas é bom que ele tenha isso resolvido dentro da cabeça dele antes de o próximo filho vir, um que ele terá certeza de que é seu.

Pensei em minha conversa com Brianna naquela manhã, mas decidi que era melhor não dizer nada, pelo menos por enquanto. Afinal, era um

assunto entre Roger e Bree. Apenas assenti e me virei para guardar as coisas do chá.

Senti uma queimadura no estômago que era, apenas em parte, resultado do chá. Roger havia jurado assumir Jemmy como seu filho, independentemente da verdadeira paternidade do garoto; Roger era um homem honrado, e estava sendo sincero. Mas o discurso do coração fala mais alto do que as palavras de qualquer juramento dito apenas pelos lábios.

Quando voltei, grávida, pelas pedras, Frank jurou que me aceitaria como sua esposa, que trataria a criança como se fosse sua – que me amaria como antes. Três juramentos que seus lábios e sua mente tinham feito o melhor que podiam para cumprir, mas seu coração, no fim, cumprira apenas um. No momento em que pegou Brianna nos braços, ela se tornou sua filha.

Mas e se tivesse havido outro filho?, eu me perguntei de repente. Nunca fora uma possibilidade, mas e se fosse? Lentamente, sequei a chaleira e a envolvi em uma toalha, pensando naquela criança hipotética; a que Frank e eu poderíamos ter tido, mas que não tivemos e nunca teríamos. Guardei a chaleira embrulhada no baú, como cuidado, como se fosse um bebê adormecido.

Quando me virei, Jamie ainda estava ali, de pé, olhando para mim com uma expressão esquisita – delicada, mas ao mesmo tempo de alguma forma magoada.

– Eu já agradeço a você, Sassenach? – perguntou ele, com a voz um pouco rouca.

– Pelo quê? – perguntei, confusa.

Ele tomou minha mão e me puxou com cuidado para perto dele. Ele cheirava a cerveja e lã úmida, e também tinha um aroma suave de bolo de fruta.

– Pelos meus filhos – disse ele baixinho. – Pelos filhos que você me deu.

– Ah – falei, e me inclinei para a frente lentamente, encostando a testa no calor de seu peito firme. Pousei as mãos na parte inferior de suas costas por baixo do casaco, e suspirei. – O prazer... foi meu.

– Sr. Fraser, sr. Fraser!

Levantei a cabeça e, ao me virar, vi um menininho descendo a encosta

atrás de nós, balançando os braços para manter o equilíbrio e com o rosto corado pelo frio e pelo cansaço.

– Uf!

Jamie ergueu as mãos bem a tempo de segurar o menino que percorria os últimos metros rolando, fora de controle. Ele pegou nos braços o menino, que reconheci como sendo o filho mais novo de Farquard Campbell, e sorriu para ele.

– Ah, Rabbie, certo? O seu pai quer que eu vá falar com o sr. MacLennan?

Rabbie balançou a cabeça, os cabelos despenteados esvoaçados como os pelos de um cão pastor.

– Não, senhor – disse ele ofegante. Respirou fundo e a pequena garganta se inchou como a de um sapo com o esforço para respirar e falar ao mesmo tempo. – Não, senhor. Meu pai disse que sabe onde o padre está e que eu devo mostrar o caminho ao senhor. Pode vir?

Jamie ergueu as sobrancelhas em uma reação de surpresa momentânea. Olhou para mim, em seguida sorriu para Rabbie e assentiu, inclinando-se para colocá-lo de pé.

– Sim, rapaz, posso. Guie-me, então!

– Gentil da parte de Farquard – falei baixinho para Jamie, assentindo para Rabbie, que seguia na frente, olhando para trás de vez em quando, para ter certeza de que estávamos conseguindo acompanhá-lo.

Ninguém notaria um menino pequeno entre os grupos de crianças na montanha. Todo mundo provavelmente teria notado se Farquard Campbell tivesse ido pessoalmente ou se tivesse mandado um de seus filhos adultos.

Jamie arquejava um pouco, a névoa de sua respiração uma espiral de vapor.

– Bem, não é da conta de Farquard, afinal, ainda que ele tenha muita consideração pela minha tia. E acredito que se ele mandou o menino para me avisar, isso quer dizer que ele conhece o homem responsável, e não quer ficar do meu lado e contra ele. – Ele olhou para o sol que se punha e me lançou um olhar pesaroso.

– Eu disse que ia encontrar o padre Kenneth antes do pôr do sol, mas ainda assim... acho que não testemunharemos um casamento esta noite,

Sassenach.

Rabbie continuou nos levando adiante e para cima, percorrendo o labirinto de caminhos e grama pisada sem hesitação. O sol finalmente aparecera por entre as nuvens; tinha descido por entre as montanhas, mas ainda estava alto o suficiente para lançar uma luz quente e alaranjada sobre a encosta, uma luz que afastava momentaneamente o frio do dia. As pessoas se reuniam ao redor das fogueiras agora, famintas à espera da ceia, e ninguém reparou em nós enquanto passávamos.

Finalmente, Rabbie parou no início de um caminho bem marcado que levava para cima e para a direita. Eu já havia percorrido a encosta da montanha diversas vezes durante a semana da Reunião, mas nunca tinha subido tanto. Quem estava com padre Kenneth, e o que Jamie pretendia fazer a respeito?, perguntei-me.

– Lá em cima – disse Rabbie desnecessariamente, apontando para a ponta de uma barraca grande, que mal podia ser vista através de uma parede de pinheiros.

Jamie emitiu um ruído escocês no fundo da garganta ao ver a barraca.

– Oh – disse ele baixinho –, então é assim?

– Não importa como é e sim *de quem é*.

Olhei com desconfiança para a tenda, composta de uma lona grande marrom e encerada, pálida no crepúsculo. Obviamente era de alguém bem abastado, mas que eu não reconhecia.

– Sr. Lillywhite, de Hillsborough – disse Jamie, e franziu o cenho, pensativo. Deu um tapinha na cabeça de Rabbie Campbell e entregou a ele 5 centavos que pegou dentro da bolsa de couro. – Obrigado, rapazinho. Vá ao encontro da sua mãe agora; está na hora da sua ceia.

Rabbie pegou a moeda e desapareceu sem nenhum comentário, feliz por ter cumprido sua tarefa.

– É mesmo.

Olhei desconfiada para a tenda. Aquilo explicava algumas coisas, pensei, mas não tudo. O sr. Lillywhite era um magistrado de Hillsborough, apesar de eu não saber mais nada sobre ele, exceto como era sua aparência. Eu o vira de relance uma ou duas vezes durante a Reunião, um homem alto e meio desajeitado cuja figura se destacava graças a um casaco verde-garrafa

com botões prateados, mas nunca o havia encontrado.

Os magistrados eram responsáveis por nomear xerifes, o que explicava a ligação com o “homem gordo nojento” que Marsali havia descrito e o porquê de o padre Kenneth estar preso ali – mas deixava sem resposta a pergunta a respeito de quem quisera que o padre fosse retirado de circulação, para começo de conversa: o sr. Lillywhite ou o xerife?

Jamie pousou a mão no meu braço e me tirou do caminho, levando-me para o abrigo de um pequeno pinheiro.

– Você não conhece o sr. Lillywhite, não é, Sassenach?

– Só de vista. O que quer que eu faça?

Ele sorriu para mim, um brilho de malícia nos olhos, apesar de sua preocupação com o padre Kenneth.

– Está disposta?

– A menos que você esteja propondo que eu golpeie a cabeça do sr. Lillywhite e solte o padre Kenneth à força, acredito que estou, sim. Esse tipo de coisa é muito mais o seu estilo de ação do que o meu.

Ele riu ao ouvir aquilo e lançou para a tenda o que pareceu ser um olhar melancólico.

– Seria ótimo – disse ele, confirmando essa impressão. – Não seria nada difícil – continuou, olhando para a lona bege com atenção enquanto ela balançava ao vento. – Veja o tamanho dela; não pode haver mais de dois ou três homens ali dentro, além do padre. Eu poderia esperar até escurecer por completo e então chamar um ou dois rapazes e...

– Sim, mas o que você quer que eu faça agora? – interrompi, pensando que seria melhor colocar logo um ponto final no que parecia ser uma linha de pensamento criminosa.

– Ah.

Ele abandonou as maquinações por um momento e estreitou os olhos para mim, avaliando minha aparência. Eu tinha tirado o avental de lona coberto de manchas de sangue que usara nos atendimentos, prendera meus cabelos com grampos e estava razoavelmente apresentável, ainda que as bordas do meu vestido estivessem cobertas de lama.

– Você não trouxe nada do seu kit de médica, não é? – perguntou ele, franzindo o cenho em dúvida. – Um frasco de bebida barata, uma pequena

lâmina?

– Frasco de bebida barata, claro. Não, eu... ah, espere um pouco. Sim, tenho estes; servem?

Procurando no bolso amarrado à minha cintura, encontrei a caixinha de marfim dentro da qual eu guardava as agulhas de acupuntura com pontas douradas.

Evidentemente satisfeito, Jamie assentiu, tirando o frasco prateado de uísque de dentro de sua bolsa de couro.

– Sim, é o suficiente – disse ele, entregando-me o frasco. – Leve isto também, para manter a farsa. Vá até a tenda, Sassenach, e diga a quem estiver vigiando o padre que ele está doente.

– O guarda?

– O padre – corrigiu ele, olhando para mim com impaciência. – Imagino que a essa altura todo mundo já saiba que você é uma curandeira, e já a conhecem de vista. Diga que o padre Kenneth tem uma doença que você está tratando e que ele precisa tomar uma dose do remédio imediatamente, caso contrário, vai piorar e morrer ali mesmo. Imagino que eles não queiram isso... e não vão ter medo de você.

– Imagino que eles não precisem ter – concordei, um pouco irritada. – Não quer que eu enfie as agulhas no coração do xerife, então?

Ele sorriu ao pensar na cena, mas balançou a cabeça.

– Não, só quero que você descubra por que eles levaram o padre preso e o que pretendem fazer com ele. Se eu fosse pedir explicações, eles ficariam na defensiva.

O que queria dizer que ele não havia abandonado completamente a ideia de um ataque surpresa ao reduto do sr. Lillywhite mais tarde, se as respostas fossem insatisfatórias. Olhei para a tenda e respirei fundo, ajeitando o xale nos ombros.

– Certo – falei. – E o que você pretende fazer enquanto eu estiver lá?

– Vou buscar as crianças – disse ele e, apertando minha mão para me desejar sorte, desceu pelo caminho.

Eu ainda estava me perguntando o que ele queria dizer exatamente com aquela frase críptica – que “crianças”? Por quê? – quando vi a entrada aberta

da tenda, mas toda especulação evaporou da minha mente quando vi um rapaz que combinava tão exatamente com a descrição de Marsali de “homem gordo e nojento” que não tive dúvidas sobre sua identidade. Ele era baixo e tinha a aparência de uma rã, calvo, com uma barriga que estufava os botões de um colete manchado de comida e olhos pequenos e marejados que me observavam como se analisassem as minhas perspectivas imediatas como um alimento.

– Bom dia, senhora – disse ele.

Olhou para mim sem entusiasmo, sem dúvida me considerando nada apetitosa, mas inclinou a cabeça com um respeito formal.

– Bom dia – respondi alegremente, fazendo uma breve reverência. Não fazia mal ser educada, pelo menos não para começo de conversa. – O senhor deve ser o xerife, certo? Acho que ainda não tive o prazer de ser apresentada formalmente. Sou a sra. James Fraser, da Cordilheira dos Frasers.

– David Anstruther, xerife de Orange County, ao seu dispor, senhora – disse ele, fazendo uma reverência de novo, embora sem qualquer sinal de ânimo.

Ele não demonstrou surpresa ao ouvir o nome de Jamie. Ou simplesmente não estava familiarizado com ele, o que era bem improvável, ou já estava esperando por aquele encontro. Portanto, não vi motivo para enrolar.

– Sei que está recebendo o padre Donahue – falei de maneira amigável. – Vim vê-lo; sou a médica dele.

O que quer que ele estivesse esperando, não era isso; ficou levemente boquiaberto, expondo um caso grave de má oclusão, gengivite bem avançada e um pré-molar ausente. Antes que ele pudesse fechar a boca, um senhor alto vestindo um casaco verde-garrafa saiu da tenda atrás dele.

– Sra. Fraser? – disse ele, erguendo a sobrancelha. Ele fez uma reverência meticulosa. – A senhora disse que deseja conversar com o clérigo preso?

– Preso? – perguntei, simulando surpresa. – Um padre? Por quê? O que ele pode ter feito?

O xerife e o magistrado se entreolharam. Então, o magistrado tossiu.

– Talvez a senhora não saiba, mas é ilegal que qualquer clérigo que não seja da Igreja estabelecida, ou seja, a Igreja da Inglaterra, desempenhe seu

ofício na colônia da Carolina do Norte.

Eu sabia disso, mas sabia também que a lei raramente era aplicada, pois havia poucos clérigos de qualquer Igreja na colônia, para começo de conversa, e ninguém se importava em fazer qualquer registro oficial dos pregadores itinerantes – muitos deles, livres no sentido mais básico da palavra – que surgiam de vez em quando.

– Minha nossa! – exclamei, fingindo a maior surpresa que consegui. – Não, eu não fazia ideia. Puxa! Que estranho!

O sr. Lillywhite piscou levemente, o que eu registrei como um indício de que aquilo bastaria em termos de criar uma impressão de choque. Pigarrei e peguei o frasco prateado e o estojo de agulhas.

– Bem. Espero que qualquer dificuldade seja resolvida logo. No entanto, gostaria muito de ver o padre Donahue por um momento. Como eu disse, sou a médica dele. Ele está com uma... indisposição... – Entreabri a tampa do estojo para que vislumbrasse as agulhas, deixando que imaginassem algo convenientemente virulento – que requer tratamento regular. Posso vê-lo por um momento para administrar seu remédio? Eu... ah... não gostaria de ver nenhuma complicação devido à falta de cuidados da minha parte, os senhores entendem.

Sorri do modo mais charmoso possível.

O xerife encolheu o pescoço dentro da gola do casaco e ficou parecendo um anfíbio malvado, mas o sr. Lillywhite pareceu mais comovido pelo sorriso. Hesitou, olhando para mim.

– Bem, não tenho certeza se... – começou, quando ouvi o som de passos no caminho atrás de mim.

Virei-me, esperando ver Jamie, mas quem surgiu foi um dos meus pacientes, o sr. Goodwin, uma das bochechas ainda inchada por causa do tratamento, mas com a tipoia intacta.

Ele ficou igualmente surpreso ao me ver, mas me cumprimentou com grande cordialidade e um hálito de álcool. Estava claro que o sr. Goodwin estava seguindo minhas recomendação sobre a desinfecção com muita seriedade.

– Sra. Fraser! Espero que não tenha vindo ver meu amigo Lillywhite. Mas acho que o sr. Anstruther se beneficiaria muito de uma purgação, para

aliviar os humores biliares, hein, David? Haha!

Ele deu um tapinha nas costas do xerife com afetuosa camaradagem; um gesto que Anstruther recebeu com não mais do que uma leve careta, dando-me uma certa ideia da importância do sr. Goodwin no esquema social de Orange County.

– George, meu caro – o sr. Lillywhite o cumprimentou calorosamente. – O senhor conhece essa bela senhora?

– Ah, sim, sim, senhor! – O sr. Goodwin se virou para mim sorrindo. – A sra. Fraser me prestou um ótimo serviço esta manhã, ótimo serviço! Veja isto!

Ele indicou o braço imobilizado, que me deixou satisfeita ao ver que não lhe causava dor nenhuma no momento, ainda que isso se devesse muito mais à anestesia autoadministrada por ele do que à minha habilidade.

– Ela praticamente curou o meu braço, com nada além de um toque aqui, outro ali, e extraiu um dos meus dentes de modo tão certo que quase não senti nada! Veja! – Ele enfiou um dedo na lateral da boca e afastou a bochecha, expondo um chumaço ensanguentado saindo do buraco do dente e uma linha preta suturando a gengiva.

– É mesmo? Estou muito impressionado, sra. Fraser.

Lillywhite fungou ao sentir o cheiro de uísque e cravos na boca do sr. Goodwin, parecendo interessado, e vi a protuberância em sua bochecha quando a língua tocou delicadamente um dente de trás.

– Mas o que traz a senhora aqui, sra. Fraser? – O sr. Goodwin sorriu jovialmente para mim. – Tão tarde... quem sabe possa me dar a honra de comer um pouco da minha ceia?

– Ah, obrigada, mas não posso, na verdade – agradei, sorrindo do modo mais charmoso possível. – Vim ver outro paciente... quer dizer...

– Ela quer ver o sacerdote – interrompeu Anstruther.

Goodwin pestanejou ao ouvir isso, parecendo um pouco surpreso.

– Sacerdote. Há um sacerdote aqui?

– Um papista – explicou o sr. Lillywhite, com os lábios curvados ao pronunciar a palavra impura. – Fiquei sabendo que havia um padre católico escondido na Reunião e que ele propôs celebrar uma missa durante as festividades desta noite. Mandeí o sr. Anstruther prendê-lo, claro.

– O padre Donahue é meu amigo – acrescentei, da maneira mais convincente que pude. – E ele não estava escondido; foi convidado abertamente pela sra. Cameron. Ele também é meu paciente e necessita de tratamento. Vim cuidar para que ele receba o que precisa.

– Seu amigo? A senhora é católica, sra. Fraser? – O sr. Goodwin pareceu estupefato. Certamente não havia lhe ocorrido que estava sendo tratado por uma dentista católica, e ele levou a mão à face inchada, desorientado.

– Sou – respondi, torcendo para que o simples fato de ser católica não fosse também contra a concepção de lei do sr. Lillywhite.

Evidentemente, não. O sr. Goodwin cutucou o sr. Lillywhite.

– Ah, vamos, Randall. Deixe a sra. Fraser ver o homem, que mal há? E se ele for mesmo convidado de Jocasta Cameron...

O sr. Lillywhite contraiu os lábios enquanto pensava e em seguida deu um passo para o lado, segurando a aba da lona aberta para mim.

– Acredito que não haverá problema em ver o seu... amigo – disse ele lentamente. – Entre, senhora.

Era fim de tarde e a tenda estava escura por dentro, apesar de uma parede de lona ainda brilhar forte com o sol poente atrás dela. Fechei os olhos por um momento, para acostamá-los à mudança de luz, e em seguida pisquei e olhei ao redor para ver onde estava.

A tenda parecia bagunçada, mas relativamente luxuosa, com cama de acampamento e outros móveis, e o ar lá dentro não cheirava apenas a lona e lã úmidas, mas também era perfumado de chá de Ceilão, vinho caro e biscoitos de amêndoa.

O padre Donahue estava diante da lona iluminada, sentado em um banquinho atrás de uma pequena mesa dobrável, sobre a qual havia algumas folhas de papel, um tinteiro e uma pena. Podiam muito bem ser instrumentos de ferro para esmagar polegares, torqueses e ataçadores em brasa, a julgar por sua atitude resolutamente séria, evocando alguém prestes a sofrer um martírio.

Ouvi um ruído de pedra e acendalha atrás de mim, ao que se seguiu o brilho suave de uma luz que se intensificou, e um garoto negro – servo do sr. Lillywhite, supus – apareceu e colocou silenciosamente uma lamparina a óleo sobre a mesa.

Agora que via o sacerdote com clareza, a impressão de martírio ficou mais forte. Ele parecia santo Estêvão depois da primeira saraivada de pedras, com um hematoma no queixo e um olho roxo da sobrelha até a linha da maçã do rosto e quase fechado por causa do inchaço.

O olho que não estava roxo se arregalou ao me ver, e ele emitiu uma exclamação de surpresa.

– Padre Kenneth. – Segurei sua mão e a apertei, sorrindo abertamente para quem quer que estivesse espiando pela abertura. – Trouxe o seu remédio. Como está se sentindo? – Ergui as sobrelhas e as movimei, indicando que ele deveria colaborar com a encenação. Ele olhou para mim com fascínio por um momento e em seguida pareceu entender. Tossiu e, incentivado por meu meneio de cabeça, tossiu de novo, dessa vez com mais entusiasmo.

– É... muito gentil da sua parte... pensar em mim, sra. Fraser – disse ele, entre tossidas.

Tirei a tampa do frasco e servi uma dose generosa de uísque.

– O senhor está bem, padre? – perguntei em voz baixa, ao me inclinar para entregar a bebida a ele. – O seu rosto...

– Ah, não é nada, minha cara sra. Fraser. Nada – disse ele, seu leve sotaque irlandês aparecendo sob o estresse da ocasião. – É só que cometi o erro de resistir quando o xerife me prendeu. Entretanto, tomado pelo choque provocado pela situação, não fiz um estrago pequeno nos testículos do homem, e ele só estava cumprindo sua obrigação, que Deus me perdoe. – O padre revirou o olho bom em uma expressão devota, desvirtuada pelo sorriso nada arrependido que surgiu em seguida.

O padre Kenneth tinha estatura mediana e parecia mais velho do que era devido ao pesado desgaste imposto por longos períodos passados no lombo do cavalo. Ainda assim, não tinha mais do que 35 anos, e era delgado e forte como uma corda por baixo do casaco preto puído e do traje de linho branco esfarrapado. Comecei a entender a beligerância do xerife.

– Além disso – acrescentou ele, tocando o olho roxo –, o sr. Lillywhite ofereceu-me um cortês pedido de desculpas pelo ferimento que sofri.

Ele assentiu em direção à mesa, e eu vi que havia uma garrafa aberta de vinho e um copo entre os materiais de escrita – o copo ainda cheio, e o nível

da bebida na garrafa não muito baixo.

O padre pegou o uísque que eu havia servido e o bebeu, fechando os olhos em uma bênção sonhadora.

– E um excelente remédio do qual nunca espero me beneficiar – disse ele, abrindo-os. – Agradeço, sra. Fraser. Estou tão bem recuperado que poderia andar sobre a água.

Ele se lembrou de tossir, dessa vez uma tosse delicada, com a mão sobre a boca.

– O que há de errado com o vinho? – perguntei, olhando para a porta.

– Ah, nada – disse ele, afastando a mão. – Só não achei certo aceitar bebida do magistrado, diante das circunstâncias. Pode ser minha consciência.

Ele sorriu para mim de novo, mas dessa vez com certa ironia.

– Por que eles prenderam você? – perguntei em voz mais baixa.

Olhei de novo para a porta, mas estava vazia, e ouvi o murmúrio de vozes do lado de fora. Evidentemente, Jamie estava certo; eles não estavam desconfiados de mim.

– Por celebrar a Missa Sagrada – respondeu ele, falando mais baixo, no mesmo tom que eu. – Ou é o que dizem. Mas é mentira. Não rezo a missa desde domingo passado, e isso foi na Virgínia. – Ele olhava desejoso para o frasco de uísque. Eu o peguei e servi mais uma dose generosa.

Franzi um pouco o cenho, pensando enquanto ele bebia, mais lentamente dessa vez. O que o sr. Lillywhite e companhia estariam tramando? Com certeza não poderiam estar pensando em levar o padre a julgamento sob a acusação de ter celebrado uma missa. Não seria difícil encontrar testemunhas que afirmassem que ele tinha rezado a missa, é claro – mas qual seria o objetivo de algo assim?

Apesar de o catolicismo certamente não ser popular na Carolina do Norte, eu não via motivo para prender um padre que partiria no dia seguinte de manhã, de qualquer modo. O padre Kenneth viera de Baltimore e pretendia voltar para lá. Fora à Reunião apenas para fazer um favor a Jocasta Cameron.

– Oh! – exclamei, e o padre Kenneth olhou para mim sem entender por cima da borda do copo. – Foi só uma ideia – expliquei, gesticulando para

que ele continuasse. – O senhor por acaso sabe se o sr. Lillywhite conhece a sra. Cameron?

Jocasta Cameron era uma mulher proeminente e abastada – e de caráter forte, o que significava que tinha alguns inimigos. Eu não conseguia entender por que o sr. Lillywhite se esforçaria tanto para contrariá-la de modo tão peculiar, mas...

– Eu conheço a sra. Cameron – disse o sr. Lillywhite, falando atrás de mim. – Mas não posso dizer que tenha uma amizade íntima com a senhora.

Eu me virei e o vi de pé na porta da tenda, seguido pelo xerife Anstruther e pelo sr. Goodwin, com Jamie logo atrás. Jamie ergueu uma das sobranceiras para mim, mas manteve a expressão séria, interessada.

O sr. Lillywhite fez uma reverência para mim.

– Eu estava explicando ao seu marido, senhora, que foi minha preocupação com os interesses da sra. Cameron que me fez tentar regularizar a posição do sr. Donahue, a fim de permitir sua permanência na colônia. – O sr. Lillywhite assentiu com frieza para o padre. – No entanto, receio que minha sugestão tenha sido sumariamente rejeitada.

O padre Kenneth pousou o copo e se endireitou, com o olho brilhando à luz da lamparina.

– Eles querem que eu assine um juramento, senhor – disse ele a Jamie, com um gesto indicando o papel e a pena sobre a mesa à frente dele. – Afirmando que eu não concordo com a crença na transubstanciação.

– É mesmo? – A voz de Jamie não revelava nada além de um interesse educado, mas entendi na hora o que o padre queria dizer com seu comentário sobre a consciência.

– Bem, ele não pode fazer isso, pode? – perguntei, olhando para os homens em círculo. – Os católicos, quero dizer... *nós* – falei com certa ênfase, olhando para o sr. Goodwin – *acreditamos* na transubstanciação. Não? – perguntei, voltando-me para o padre, que abriu um leve sorriso em resposta, e assentiu.

O sr. Goodwin parecia insatisfeito, mas resignado, sua jovialidade alcoólica consideravelmente reduzida pelo constrangimento social.

– Sinto muito, sra. Fraser, mas é a lei. A única circunstância na qual um clérigo que não pertence à Igreja estabelecida pode permanecer na colônia

legalmente é se assinar um juramento desse tipo. Muitos assinam. A senhora conhece o reverendo Urmstone, o metodista? Ele assinou o juramento, assim como o sr. Calvert, o ministro da Nova Luz que mora perto de Wadesboro.

O xerife parecia cheio de si. Contendo uma vontade de pisar no pé dele, eu me virei para o sr. Lillywhite.

– Muito bem, mas o padre Donahue não pode assiná-lo. O que o senhor propõe fazer com ele? Jogar o pobre homem na cadeia? Não pode fazer isso... ele está doente! – Nesse momento, o padre Kenneth tossiu para enfatizar.

O sr. Lillywhite olhou para mim com suspeita, mas decidiu se dirigir a Jamie.

– Pela lei, eu poderia prender o homem, mas, em consideração ao senhor, sr. Fraser, e à sua tia, não farei isso. Ele deve, entretanto, deixar a colônia amanhã. Eu providenciarei para que alguém o acompanhe até a Virgínia, onde ele será solto. Pode ficar tranquilo, pois todos os cuidados serão tomados para garantir o bem-estar dele durante a viagem. – Ele lançou um olhar frio para o xerife, que se endireitou e tentou parecer confiável, com pouco resultado.

– Compreendo. – Jamie disse baixinho, olhando de um homem para o outro, pousando o olhar no xerife. – Confiarei que isso seja verdade, senhor, pois, se souber que algo de ruim foi feito ao bom padre, eu ficarei... muito contrariado.

O xerife olhou nos olhos dele, impassível, e sustentou o olhar até o sr. Lillywhite pigarrear, franzindo o cenho para o xerife.

– Tem a minha palavra em relação a isso, sr. Fraser.

Jamie virou-se para ele, fazendo uma leve reverência.

– Não poderia pedir nada além disso, senhor. Ainda assim, se puder tomar a liberdade... O padre não pode passar a noite confortável entre seus amigos, para que se despeçam dele? E para que minha esposa cuide de seus ferimentos? Eu garantiria que ele fosse entregue ao senhor pela manhã.

O sr. Lillywhite contraiu os lábios e fingiu considerar a sugestão, mas o magistrado era um péssimo ator. Percebi com certo interesse que ele já previra o pedido e já tinha se decidido a negá-lo.

– Não, senhor – disse ele, tentando imprimir um tom de relutância. – Receio não poder conceder-lhe o pedido. Mas, se o padre desejar escrever

cartas aos seus vários conhecidos – ele indicou o maço de papel –, eu cuidarei para que sejam entregues.

Jamie pigarreou e se endireitou um pouco.

– Muito bem, então – disse ele. – Gostaria de saber se posso ousar pedir... – Ele fez uma pausa, parecendo ligeiramente envergonhado.

– Sim, senhor? – Lillywhite olhou para ele com curiosidade.

– Gostaria de saber se o bom padre pode ouvir a minha confissão.

Os olhos de Jamie estavam fixos na estrutura da tenda, tomando o cuidado de evitar os meus.

– A sua confissão?

Lillywhite pareceu surpreso ao ouvir aquilo, mas o xerife fez um barulho que poderia ser considerado uma risadinha.

– Há algo pesando na sua consciência? – perguntou Anstruther com grosseria. – Ou talvez tenha uma premonição sobre uma morte iminente, não é?

Ele abriu um sorriso malvado, e o sr. Goodwin, parecendo chocado, protestou. Jamie ignorou os dois, concentrado no sr. Lillywhite.

– Sim, senhor, faz algum tempo desde a última vez que tive a oportunidade de ser absolvido e penitenciado, entende, e pode ser que demore até ter outra chance. Portanto... – Nesse momento, ele olhou para mim e fez um movimento discreto, mas enfático com a cabeça na direção da porta da tenda. – Podem nos dar licença por um momento, senhores?

Sem esperar por uma resposta, ele me pegou pelo cotovelo e me conduziu para fora.

– Brianna e Marsali estão no caminho com as crianças – sussurrou ele no meu ouvido assim que saímos da tenda. – Espere Lillywhite e o maldito xerife se afastarem e então busque-os.

Deixando-me de pé no caminho, atordoada, ele voltou para a tenda.

– Perdão, senhores – ouvi quando ele disse. – Pensei que talvez... há coisas que um homem não deve dizer na frente de sua esposa... compreendem?

Ouvi murmúrios de compreensão e consegui identificar a palavra “confissão” repetida de modo dúbio pelo sr. Lillywhite. Jamie baixou a voz para um tom confidencial em resposta, interrompido por um “Você o quê?”,

dito pelo xerife, e um pedido sussurrado do sr. Goodwin para que falassem baixo.

Seguiu-se uma conversa confusa, movimentos, e eu mal tinha saído do caminho e para o abrigo dos pinheiros quando a aba da tenda foi levantada e os três protestantes saíram. O dia tinha praticamente ido embora, deixando no céu as brasas ardentes das nuvens iluminadas pelos raios de sol, mas, perto como estavam, havia luz suficiente para que eu visse o ar de embaraço no rosto deles.

Eles deram alguns passos pelo caminho, parando a poucos metros de onde eu me escondia. Reuniram-se para discutir, olhando para a tenda, de onde agora eu ouvia a voz do padre Kenneth, elevada em uma bênção latina formal. A lamparina dentro da tenda se apagou, e as silhuetas de Jamie e do padre, sombras claras na lona, desapareceram na escuridão confessional.

Anstruther se aproximou do sr. Goodwin.

– Que diabo é transubstanciação? – perguntou.

Vi o sr. Goodwin endireitar os ombros enquanto se recompunha e em seguida encolhê-los na direção das orelhas.

– Com toda a sinceridade, senhor, não tenho certeza acerca do sentido do termo – disse ele –, mas acredito se tratar de uma forma de doutrina papista perniciosa. Talvez o sr. Lillywhite possa lhe dar uma definição completa... Randall?

– Na verdade – disse o magistrado –, é a ideia de que, quando o padre diz determinadas palavras no curso da missa, pão e vinho são transformados no corpo e no sangue de Nosso Senhor.

– O quê? – Anstruther parecia confuso. – Como alguém pode fazer isso?

– Transformar pão e vinho em corpo e sangue? – O sr. Goodwin parecia bastante assustado. – Mas isso é bruxaria, certamente!

– Bem, seria, se acontecesse – disse o sr. Lillywhite, parecendo um pouco mais humano. – Mas a Igreja defende resolutamente que não.

– Tem certeza disso? – Anstruther parecia desconfiado. – O senhor já viu acontecer?

– Se já fui a uma missa católica? Claro que não! – O corpo de Lillywhite se endireitou, austero sob o anoitecer. – Que juízo faz de mim, senhor?

– Randall, tenho certeza de que o xerife não quis ofender. – Goodwin

pôs a mão no braço do amigo para acalmá-lo. – Afinal, o trabalho dele envolve assuntos mais mundanos.

– Não, não quis ofender, senhor, de jeito nenhum – disse Anstruther logo em seguida. – Eu só queria saber se *alguém* já viu esse tipo de acontecimento, para ser uma testemunha adequada durante o processo, foi o que eu quis dizer.

O sr. Lillywhite ainda parecia ofendido; sua voz estava fria ao responder.

– Não é necessário haver testemunhas para a heresia, xerife, pois os próprios padres as admitem de livre e espontânea vontade.

– Não, não. Claro que não. – O corpo do xerife pareceu encolher um pouco. – Mas, se estou certo, senhor, os papistas... hum... *participam* disso... dessa tal de transubs-talgumacoisa.

– Sim, parece que sim.

– Pois bem, então se trata de canibalismo, não? – Anstruther se endireitou de novo, entusiasmado. – Sei que *isso* é contra a lei! Por que não deixar esse charlatão realizar seus truques, para, assim, podermos prender todos deles, hein? Dar um jeito em vários desses degenerados de uma só vez, hein?

O sr. Goodwin emitiu um gemido baixo. Parecia estar massageando o rosto, sem dúvida para aliviar uma dor recorrente do dente.

O sr. Lillywhite soltou o ar com força pelo nariz.

– Não – disse ele calmamente. – Receio que não, xerife. Minhas orientações são de que o padre não deve realizar nenhuma cerimônia e deve ser impedido de receber visitantes.

– Ah, é? E o que ele está fazendo agora, então? – perguntou Anstruther, fazendo um gesto na direção da tenda escurecida, onde a voz de Jamie havia começado a falar, de modo hesitante e quase inaudível. Pensei que talvez ele estivesse falando em latim.

– Isso é bem diferente – disse Lillywhite com irritação. – O sr. Fraser é um cavalheiro. E a proibição contra visitantes é para garantir que o padre não realize casamentos secretos; o que não vem ao caso no momento.

– Perdoe-me, padre, pois eu pequei – disse Jamie em inglês, a voz repentinamente mais alta, e o sr. Lillywhite se assustou.

O padre Kenneth murmurou interrogativamente.

– Sou culpado dos pecados de luxúria e impudicícia, tanto em pensamento como em atos – disse Jamie, no que considerarei um volume bem além do que seria discreto.

– Ah, certo – disse o padre Kenneth, de repente falando mais alto também. Ele parecia interessado. – Esses pecados de impureza, que forma, exatamente, eles assumiram, meu filho, e em quantas ocasiões?

– Bem, eu olhei para mulheres com desejo, para começar. Em quantas ocasiões? Ah, centenas, pelo menos, desde a última vez que me confessei. Precisa saber quais mulheres, padre, ou apenas o que pensei em fazer com elas?

O sr. Lillywhite ficou tenso.

– Acho que não teremos tempo para tudo, meu caro Jamie – disse o padre. – Mas se puder me contar sobre uma ou duas dessas ocasiões, para eu poder ter uma ideia da... hum... gravidade da ofensa...?

– Ah, sim. Bem, a pior provavelmente foi a vez com o batedor de manteiga.

– Batedor de manteiga? Ah... daqueles com cabo? – O tom do padre Kenneth demonstrava compaixão pelas possibilidades indecentes sugeridas por isso.

– Ah, não, padre, era um barril. Daqueles que ficam de lado, com uma alavanca para virá-lo? Bem, é que ela trabalhava com grande vigor, e as rendas do corpete estavam abertas, de modo que os seus seios subiam e desciam, e o tecido se prendia ao seu corpo com o suor do trabalho. Bem, o barril tinha a altura certa, e era curvado, sabe?, de modo que pensei em debruçá-la sobre ele, erguer sua saia e...

Abri a boca, chocada. Era o meu corpete que ele descrevia, meus seios e o meu batedor de manteiga! Para não falar das minhas saias. Eu me lembrava muito claramente daquela ocasião, e se havia começado com um pensamento impuro, não havia parado por aí.

Um murmúrio chamou minha atenção para os homens no caminho. O sr. Lillywhite havia segurado o xerife – ainda inclinado avidamente na direção da barraca, prestando atenção – pelo braço e sussurrava para ele enquanto o puxava pelo caminho. O sr. Goodwin ia atrás, com um ar de relutância.

O barulho da partida infelizmente abafou o restante da descrição de Jamie daquela ocasião pecaminosa em particular, mas por sorte também encobriu os sons de folhas farfalhando e gravetos se partindo atrás de mim que anunciavam a chegada de Brianna e Marsali, trazendo Jemmy e Joan nos braços e Germain pendurado feito um macaquinho nas costas da mãe.

– Pensei que eles nunca iriam embora – sussurrou Brianna, espiando por sobre meu ombro em direção ao ponto onde o sr. Lillywhite e seus companheiros tinham desaparecido. – A barra está limpa?

– Sim, venham.

Estendi os braços para pegar Germain, que se inclinou com prazer na minha direção.

– *Où nous allons, Grand-mère?* – perguntou ele com uma voz sonolenta, recostando a cabeça de fios louros afetuosamente no meu pescoço.

– *Shh*. Vamos ver *Grand-père* e o padre Kenneth – sussurrei. – Mas temos que ficar muito quietos.

– Ah. Assim? – perguntou ele, sussurrando alto, e começou a cantar baixinho uma canção francesa bastante vulgar.

– *Shh!* – Levei uma das mãos a sua boca, que estava úmida e melada por causa de alguma coisa que ele tinha comido. – Não cante, querido, não queremos acordar os bebês.

Ouvi um ruído abafado vindo de Marsali, um riso sufocado de Bree, e percebi que Jamie ainda estava se confessando. Ele parecia ter chegado ao auge e agora inventava livremente – ou, pelo menos, eu esperava que sim. Ele certamente não tinha feito nada daquilo *comigo*.

Espiei através dos arbustos e olhei para os dois lados da trilha, mas não havia ninguém por perto. Fiz um gesto para as meninas, atravessamos o caminho e entramos na tenda escura.

Jamie parou abruptamente quando entramos. Então, ouvi quando ele disse depressa:

– E pecados de ira, orgulho e inveja, ah, e um pouco de mentira também, padre. Amém. – Ele se ajoelhou, recitou um Ato de Contrição em francês, levantou-se e pegou Germain dos meus braços antes que o padre Kenneth terminasse de dizer “*Ego te absolvo*”.

Meus olhos estavam se adaptando à escuridão; eu via as formas sinuosas

das meninas e a silhueta alta de Jamie. Ele colocou Germain de pé sobre a mesa diante do padre, dizendo:

– Depressa, então, padre. Não temos muito tempo.

– Também não temos água – disse o padre. – A menos que as moças tenham pensado em trazer.

Ele pegou a pedra e a acendalha e estava tentando reacender a lamparina.

Bree e Marsali se entreolharam alarmadas e balançaram a cabeça juntas.

– Não se preocupe, padre – disse Jamie de modo tranquilizador, e eu vi quando ele esticou uma das mãos para pegar algo sobre a mesa.

Ouvimos o barulho de uma rolha sendo retirada e o cheiro forte e doce de um uísque fino encheu a tenda, enquanto a luz do pavio se intensificava, a chama bruxuleante emitindo um brilho pequeno e estável.

– Nessas circunstâncias... – disse Jamie, estendendo o frasco aberto para o padre.

O padre Kenneth contraiu os lábios, embora eu acredite que tenha sido para conter o riso, e não por estar irritado.

– Nessas circunstâncias, tudo bem – repetiu ele. – E o que seria mais apropriado do que a água da vida, afinal?

Ele estendeu a mão, abriu a gola e puxou um fio de couro amarrado ao redor do pescoço, do qual pendiam uma cruz de madeira e uma pequena garrafa de água, tampada com uma rolha.

– A crisma sagrada – disse ele, abrindo a garrafinha e colocando-a sobre a mesa. – Graças à Virgem Mãe, eu tinha isso comigo. O xerife levou a caixa com as coisas da missa.

Ele fez um rápido inventário dos objetos sobre a mesa, contando-os com os dedos.

– Fogo, crisma, água, de alguma espécie, e uma criança. Muito bem. Suponho que você e seu marido serão os padrinhos dele, senhora?

Ele perguntou a mim, já que Jamie tinha ido se posicionar na entrada da tenda.

– De todos eles, padre – falei, e segurei Germain, que parecia disposto a saltar da mesa. – Calma, querido, só um minuto.

Ouvi um leve *uish* atrás de mim; metal retirado de couro encerado.

Olhei para trás e vi Jamie, nas sombras, guardando a porta com um punhal na mão. Senti um aperto de apreensão no estômago, e ouvi Bree prender a respiração atrás de mim.

– Jamie, meu filho – disse o padre Kenneth em um tom de reprovação.

– Continue, por favor, padre – respondeu Jamie, com muita calma. – Pretendo que meus netos sejam batizados esta noite, e ninguém vai impedir.

O sacerdote respirou fundo com um leve sibilar e em seguida balançou a cabeça.

– Sim. E se matar alguém, espero que haja tempo para eu ouvir sua confissão de novo antes que eles nos enforcem – murmurou, pegando o óleo. – Se puder escolher, mire no xerife, sim?

Mudando abruptamente para o latim, ele afastou os cabelos louros abundantes de Germain e passou o polegar com destreza sobre a testa, os lábios e, por fim – enfiando a mão sob a roupa de Germain, que riu por causa das cócegas –, o coração dele, fazendo o sinal da cruz.

– Por esta criança você renuncia a Satã e a todos os seus trabalhos? – perguntou ele, falando tão rápido que eu mal consegui perceber que estava falando inglês de novo, e quase não tive tempo de me unir a Jamie na resposta dos padrinhos, recitando obedientemente:

– Eu renuncio.

Eu estava em alerta, atenta a qualquer barulho que pudesse indicar o retorno do sr. Lillywhite e do xerife, imaginando que tipo de rebuliço ocorreria se eles voltassem e vissem o padre Kenneth no meio do que certamente seria considerado uma “cerimônia” ilícita.

Olhei para Jamie; ele olhava para mim e abriu um leve sorriso que imaginei que fosse para me acalmar. Se era essa a intenção, não funcionou. Eu o conhecia bem demais. Ele queria que os netos fossem batizados, e cuidaria para que as almas deles fossem entregues aos cuidados de Deus, ainda que tivesse que morrer para isso – ou que todos fôssemos para trás das grades, Brianna, Marsali e as crianças também. Os mártires são assim, e suas famílias tinham que se submeter.

– Você crê em Deus Pai, no Filho e no Espírito Santo?

– Homem teimoso – eu disse a Jamie.

Ele sorriu ainda mais, e eu me virei, repetindo seu firme “Creio”. Eram

passos no caminho do lado de fora ou apenas o vento da noite fazendo os galhos das árvores estalarem conforme soprava?

As perguntas e as respostas terminaram, e o padre sorriu para mim, parecendo uma gárgula à luz da lamparina. Seu olho bom se fechou brevemente, em uma piscadela.

– Acredito que suas respostas serão as mesmas para os outros, não é mesmo, senhora? E qual será o nome de batismo deste rapazinho?

Sem interromper o ritmo, o padre pegou o frasco de uísque e despejou um pouco do líquido na cabeça do menino, repetindo:

– Eu o batizo, Germain Alexander Claudel MacKenzie Fraser, em nome do Pai, do Filho, e do Espírito Santo, amém.

Germain observou aquela operação com grande interesse, os olhos azuis arredondados se movendo enquanto o líquido âmbar descia pela ponte de seu nariz e pingava de sua ponta redonda. Ele colocou a língua para fora para pegar as gotas e fez uma careta quando sentiu o gosto.

– Eca! – exclamou ele. – Xixi de cavalo.

Marsali emitiu um “shh” breve e chocado para ele, mas o padre apenas riu, tirou Germain da mesa e fez um gesto para Bree.

Ela segurou Jemmy acima da mesa, aconchegado em seus braços como um sacrifício. Olhava com atenção para o rosto do bebê, mas eu vi sua cabeça se virar de leve, a atenção presa a algo do lado de fora. *Havia* sons no caminho abaixo; eu ouvi vozes. Um grupo de homens, pensei, conversando entre si, as vozes alegres, mas não embriagadas.

Fiquei tensa, tentando não olhar para Jamie. Se eles entrassem, eu pegaria Germain, correria para a lateral mais distante da tenda e fugiria. Pousei a mão na gola da blusa dele, por segurança. Então, senti um leve toque quando Bree se apoiou em mim.

– Está tudo bem, mãe – sussurrou ela. – São Roger e Fergus. – Ela fez um gesto com a cabeça na direção da escuridão e em seguida voltou a olhar para Jemmy.

Eram eles, percebi, e a pele das minhas têmporas se arrepiou de alívio. Agora que eu sabia, conseguia identificar o som levemente anasalado e imperioso da voz de Fergus, fazendo um discurso qualquer, e um murmúrio baixo em escocês que pensei que deveria ser de Roger. Um ruído mais agudo

que reconheci como sendo do sr. Goodwin cortou a noite, seguido por um comentário na voz aristocrática do sr. Lillywhite.

Olhei para Jamie dessa vez. Ele ainda segurava o punhal, mas sua mão pendia ao lado do corpo e os ombros tinham perdido um pouco da tensão. Ele sorriu para mim de novo, e dessa vez eu retribuí.

Jemmy estava acordado, mas sonolento. Não fez qualquer objeção ao óleo, mas se assustou com o toque frio do uísque em sua testa, abrindo os olhos e balançando os braços. Emitiu um “iih” estridente de protesto, enquanto Bree o ajeitava depressa no cobertor em seu colo, cobria seu rosto e tentava decidir se ele estava incomodado o suficiente para começar a chorar.

Ela deu tapinhas nas costas dele como quem toca um tambor e começou a cochichar em seu ouvido para distraí-lo. Ele se acalmou, enfiando um polegar na boca e olhando com suspeita para as pessoas, mas, a essa altura, o padre Kenneth já estava despejando uísque em Joan, que dormia nos braços de Marsali.

– Eu a batizo, Joan Laoghaire Claire Fraser – disse ele, acompanhando as instruções de Marsali, e eu olhei para ela, surpresa.

Eu sabia que ela se chamava Joan por causa da irmã mais nova de Marsali, mas não sabia quais seriam os outros nomes da bebê. Senti um leve nó na garganta, observando a cabeça coberta de Marsali se inclinar sobre a da criança. Tanto sua irmã quanto sua mãe, Laoghaire, estavam na Escócia; as chances de qualquer uma das duas conhecer sua homônima eram muito pequenas.

De repente, os olhos oblíquos de Joan se arregalaram e sua boca se abriu. Ela soltou um grito estridente e todos nos assustamos como se uma bomba tivesse explodido no meio de nós.

– Vão em paz para servir ao Senhor! E depressa! – disse o padre Kenneth, colocando de volta a rolha na garrafinha e no frasco, escondendo apressado todos os indícios da cerimônia.

No caminho, ouvi vozes altas, confusas.

Marsali saiu da tenda depressa, com Joan aos berros apertada contra o peito e Germain resmungando agarrado pela mão. Bree se deteve apenas por tempo suficiente para colocar uma das mãos na nuca do padre Kenneth e beijá-lo na testa.

– Obrigada, padre – sussurrou ela, e se foi, em uma confusão de saias e anáguas.

Jamie segurou meu braço e estava me levando para fora da tenda também quando parou por meio segundo na porta, virando-se.

– Padre? – sussurrou. – *Pax vobiscum!*

O padre Kenneth já tinha se sentado à mesa, com as mãos cruzadas e as folhas de papel em branco espalhadas mais uma vez à sua frente. Olhou para Jamie, abriu um sorriso discreto, e seu rosto estava totalmente em paz à luz da lamparina, com olho roxo e tudo.

– *Et cum spiritu tuo*, homem – disse ele, e ergueu três dedos em uma bênção de despedida.

– Por que diabo fez aquilo? – O sussurro de Brianna veio na minha direção, alterado pela irritação.

Ela e Marsali estavam poucos metros à nossa frente, avançando devagar por causa das crianças, mas, próximas como estavam, os corpos cobertos por xales quase não se distinguiam dos arbustos espalhados pelo caminho.

– Fiz o quê? Largue isso, Germain; vamos procurar o papai, sim? Não, não coloque isso na boca!

– Você beliscou Joanie, eu vi! Nós poderíamos ter sido pegos!

– Mas eu tive que fazer isso! – Marsali parecia surpresa com a acusação.
– E não ia fazer diferença, de qualquer forma, porque o batismo já tinha sido realizado. Eles não poderiam obrigar o padre Kenneth a voltar atrás, não é mesmo? – Ela riu diante da ideia. – Germain, mandei largar!

– Como assim, você teve que fazer? Solte, Jem, é o meu cabelo! Ai, eu disse para soltar!

Jemmy estava completamente desperto agora, interessado no ambiente que o cercava e querendo explorar, a julgar pelas exclamações repetidas de “Arg!” pontuadas por alguns “Gleb?” curiosos.

– Porque ela estava dormindo! – respondeu Marsali, parecendo escandalizada. – Ela não acordou quando o padre Kenneth despejou a água... ou melhor, o uísque, na cabeça dela. Germain, volte aqui! *Thig air ais a seo!* E você sabe que dá azar quando uma criança é batizada e não chora; é assim que sabemos que o pecado original está saindo dela! Não podia deixar

que o *diabhol* permanecesse na minha menina. Não é, *mo mhaorine*?

Ouvi barulhinhos de beijo e um leve balbucio de Joanie, som logo encoberto por Germain, que havia começado a cantar de novo.

Bree deu uma risada divertida, a irritação desaparecendo.

– Ah, entendi. Bem, se você teve um bom motivo, tudo bem. Mas não sei se funcionou com Jemmy e com Germain. Veja como eles estão agindo... eu poderia jurar que estão possuídos. Ai! Não me morda, mocinho, já vou alimentar você!

– Ah, bem, eles são meninos, afinal – disse Marsali com tolerância, falando um pouco alto para ser ouvida acima da algazarra. – Todo mundo sabe que os meninos têm o diabo no corpo; acho que seria preciso muito mais do que apenas um pouco de água benta para afugentar o diabo, mesmo que fosse uma água batizada. Germain! Onde aprendeu essa música obscena, seu pestinha?

Sorri e, ao meu lado, Jamie riu baixinho, ouvindo a conversa das garotas. Já estávamos bem longe da cena do crime para temer que fôssemos ouvidos, em meio ao som de música, gaita e riso que surgia por entre as árvores com as luzes dos acampamentos, clareando a escuridão.

As tarefas do dia estavam quase totalmente cumpridas, e as pessoas se preparavam para a ceia, antes que os chamados, as cantorias e a última rodada de visitas começassem. O cheiro de fumaça e ceia se espalhava de forma tentadora pelo ar escuro e frio, e meu estômago roncou em resposta ao seu chamado. Esperava que Lizzie estivesse suficientemente recuperada para ter começado a cozinhar.

– O que é *mo mhaorine*? – perguntei a Jamie. – Não ouvi isso antes.

– Quer dizer “minha batatinha”, acho – disse ele. – É irlandês. Ela aprendeu com o padre.

Ele suspirou, parecendo muito satisfeito com a noite até aquele momento.

– Que a Mãe abençoe o padre Kenneth por sua destreza; por um momento, pensei que não conseguiríamos. Aqueles lá são Roger e Fergus?

Duas sombras escuras tinham saído da mata para se juntar às moças, e o som dos risos abafados e das vozes murmuradas, pontuado pelos gritos dos meninos ao verem seus pais, chegou a nós vindo do pequeno grupo das

jovens famílias.

– São. E, por falar nisso, minha batatinha – falei, segurando seu braço com firmeza para que ele fosse mais devagar –, o que você pretendia contando ao padre Kenneth tudo aquilo sobre mim e o batedor de manteiga?

– Não vai me dizer que se importou, Sassenach? – perguntou ele com um tom de surpresa.

– Claro que me importei! – respondi.

O sangue aflorou, quente, nas minhas bochechas, mas eu não sabia ao certo se era devido à lembrança da confissão dele ou à lembrança da ocasião original. Senti um calor por dentro ao pensar nisso, e o restante da cólica começou a desaparecer conforme meu útero se contraía e relaxava, acalmado pela prazerosa sensação interior. Não era o momento nem o lugar adequados, mas talvez mais tarde pudéssemos conseguir um pouco de privacidade... Afastei rapidamente esse pensamento.

– Deixando de lado a privacidade, não foi pecado. Somos casados!

– Bem, eu confessei ter mentido, Sassenach – disse ele.

Eu não conseguia ver o sorriso em seu rosto, mas podia percebê-lo em sua voz. Acho que ele percebia a mesma coisa em mim.

– Tive que pensar em um pecado assustador o bastante para afastar Lillywhite, e não podia confessar roubo nem sodomia. Pode ser que eu tenha que fazer negócios com o homem, um dia.

– Ah, então você acha que ele não gostaria de ouvir uma confissão de sodomia, mas consideraria sua atitude em relação a mulheres com roupas molhadas apenas um leve desvio de caráter?

O braço dele estava quente sob o tecido da camisa. Toquei a parte de dentro de seu pulso, aquele ponto vulnerável onde a pele ficava nua, e acariciei a linha da veia que pulsava ali, desaparecendo sob o linho em direção ao coração dele.

– Fale baixo, Sassenach – murmurou ele, tocando minha mão. – Não vai querer que as crianças ouçam. Além disso – confirmou, falando tão baixo que tive de se inclinar e sussurrar no meu ouvido –, não são todas as mulheres. Só aquelas com belos traseiros arredondados.

Ele soltou minha mão e deu um tapa familiar nas minhas nádegas,

mostrando considerável precisão no escuro.

– Eu não atravessaria a estrada para ver uma mulher magricela, mesmo que ela estivesse completamente nua e encharcada. Quanto a Lillywhite – disse ele, voltando ao tom de voz habitual, mas sem mover a mão, que moldava o tecido da minha saia ao redor de uma das minhas nádegas. – Ele pode ser protestante, Sassenach, mas ainda assim é homem.

– Não sabia que as duas coisas eram incompatíveis – disse a voz de Roger, vindo da escuridão próxima dali.

Jamie afastou a mão como se meu traseiro estivesse pegando fogo. Não estava, não ainda, mas era inegável que seu toque havia criado algumas faíscas, apesar da umidade. No entanto, a hora de ir para a cama ainda ia demorar.

Parando por tempo suficiente para apertar de leve uma parte da anatomia de Jamie que fez com que ele soltasse um gemido, eu me virei e vi Roger segurando um objeto nos braços, algo que eu não conseguia distinguir bem no escuro. Não era um leitão, pensei, apesar dos guinchos que emitia, mas sim Jemmy, que parecia morder com força os nós dos dedos do pai. Um pequeno punho cor-de-rosa apareceu sob um feixe de luz, cerrado em concentração, e então desapareceu, acertando as costelas de Roger com força.

Jamie resmungou, divertindo-se, mas não se incomodou nem um pouco por ter sua opinião sobre os protestantes ouvida.

– “Todas são boas raparigas”, ele citou em escocês, “mas de onde vêm as más esposas?”

– Há? – perguntou Roger, parecendo um pouco confuso.

– Os protestantes *nascem* com paus – explicou Jamie –, os homens, pelo menos, mas alguns deles os deixam atrofiar por falta de uso. Um homem que passa seu tempo enfiando o... nariz no pecado dos outros não tem tempo de cuidar dos seus.

Disfarcei uma risada dando uma tossida estratégica.

– E alguns se tornam grandes idiotas com a prática – disse Roger, de modo ainda mais seco. – Bem, eu vim agradecer... por ter resolvido a questão do batismo, quero dizer.

Notei a leve hesitação; ele ainda não havia decidido que nome usar para

se dirigir diretamente a Jamie. Jamie se referia a ele de maneira imparcial como “pequeno Roger”, “Roger Mac” ou “MacKenzie” – mais raramente, pelo apelido gaélico que Ronnie Sinclair dera a Roger, *a Smeòraich*, em homenagem a sua voz. *Tordo Cantor*, era o sentido.

– Eu é que deveria agradecer, *a charaid*. Não teríamos conseguido se não fossem você e Fergus – disse Jamie, o riso deixando sua voz mais calorosa.

O contorno de Roger estava claramente alto e esguio, com o brilho da fogueira de alguma família atrás dele. Ergueu um dos ombros e ajeitou Jemmy no outro braço, secando a baba em sua mão na lateral da calça.

– Sem problema – disse ele, meio incomodado. – Acha que o padre ficará bem? Brianna disse que o maltrataram. Espero que não façam nada contra ele quando se for.

Jamie pensou nisso. Deu de ombros enquanto ajeitava o casaco.

– Acho que ele vai estar seguro, sim... Eu conversei com o xerife.

Houve certa ênfase na palavra “conversei” que deixou seu sentido claro. Um suborno substancial poderia ter sido mais eficaz, mas eu sabia muito bem que nós tínhamos exatamente 2 xelins, 60 centavos e 9 quartos de pêni em dinheiro naquele momento. Era melhor economizar o dinheiro e confiar nas ameaças, pensei. Estava claro que Jamie pensava da mesma maneira.

– Vou conversar com a minha tia – disse ele – e pedir que ela envie uma mensagem ao sr. Lillywhite esta noite, dizendo o que pensa sobre o assunto. Será uma maneira mais eficiente de proteger o padre Kenneth do que qualquer coisa que eu possa dizer.

– Acho que ela não vai ficar muito feliz quando souber que o casamento foi adiado – observei.

E não ficaria. Filha de um senhor das Terras Altas e viúva de um fazendeiro muito rico, Jocasta Cameron estava acostumada a ver as coisas acontecerem a seu modo.

– Não vai, não – concordou Jamie ironicamente –, mas acredito que Duncan vá ficar um pouco aliviado.

Roger riu de modo simpático e caminhou ao nosso lado pela trilha. Ele ajeitou Jemmy, que resmungava sem parar, embaixo do braço como se fosse uma bola.

– Sim, ele vai ficar aliviado. Pobre Duncan. Então, os casamentos estão

definitivamente cancelados?

Não consegui ver Jamie franzir o cenho, mas percebi o movimento quando ele balançou a cabeça em dúvida.

– Sim, temo que sim. Eles não me cederam o sacerdote nem mesmo quando prometi que o devolveria pela manhã. Talvez pudéssemos levá-lo à força, mas mesmo assim...

– Duvido que isso resolveria – interrompi, e contei a eles o que tinha escutado enquanto esperava do lado de fora da tenda.

– Então não consigo imaginá-los permitindo que o padre Kenneth realizasse os casamentos – concluí. – Ainda que vocês o resgatassem, eles varreriam a montanha à procura dele, revirando tendas e provocando revolta.

O xerife Anstruther não estaria sozinho; Jamie e sua tia podiam ser admirados entre a comunidade escocesa, mas os católicos em geral, e padres, em particular, não o eram.

– Instruções? – repetiu Jamie, parecendo surpreso. – Tem certeza disso, Sassenach? Foi Lillywhite quem disse que tinha “instruções”?

– Foi – respondi, percebendo pela primeira vez como isso era peculiar. O xerife estava claramente recebendo instruções do sr. Lillywhite, o que era sua obrigação. Mas quem poderia estar dando instruções ao magistrado?

– Há outro magistrado aqui, e alguns juízes de paz, mas certamente... – disse Roger devagar, balançando a cabeça.

Um grito alto interrompeu seus pensamentos. Ele olhou para baixo, e a luz de uma fogueira próxima iluminou a ponte de seu nariz, marcando um sorriso leve enquanto ele falava com o filho.

– O que foi? Está com fome, rapazinho? Não se preocupe, a mamãe volta logo.

– Onde está a mamãe? – perguntei, esquadrinhando sombras à frente.

Um vento leve começara a soprar, e os galhos nus de carvalho e nogueira se agitavam como sabres sobre as nossas cabeças. Ainda assim, Jemmy fez um barulho alto o bastante para que Brianna o escutasse. Ouvi a voz de Marsali distante, mais à frente, envolvida no que parecia ser uma conversa amigável com Germain e Fergus a respeito da ceia, mas não ouvi a voz mais baixa e sussurrada de Brianna, com seu sotaque de Boston.

– Por quê? – perguntou Jamie a Roger, erguendo a voz para ser ouvido acima do vento.

– Por que o quê? Veja, Jem, está vendo? Quer? Sim, claro que quer. Isso, bom menino, morda isso um pouco.

Um feixe de luz refletiu algo brilhante na mão livre de Roger; então o objeto desapareceu, e os gritos de Jemmy pararam abruptamente, seguidos por balbucios.

– O que é isso? Não é pequeno o bastante para que ele engula, é? – perguntei, ansiosa.

– Ah, não. É uma corrente de relógio. Não se preocupe – disse Roger –, estou segurando a ponta. Se ele engolir, posso puxar de volta.

– Por que alguém não ia querer que você se case? – perguntou Jamie pacientemente, ignorando o perigo iminente relacionado ao sistema digestivo do neto.

– Eu? – Roger parecia surpreso. – Acho que ninguém se importa se eu vou me casar, além de mim... e você, talvez – disse ele, com um toque de humor na voz. – Imagino que você gostaria que o menino tivesse um sobrenome. Por falar nisso... – Ele se virou para mim, o vento soprando mechas de seus cabelos e transformando-o em um demônio negro e selvagem – *como* ficou o nome dele? No batizado, quero dizer.

– Jeremiah Alexander Ian Fraser MacKenzie – respondi, esperando ter lembrado direito. – Era o que você queria?

– Ah, eu não me importava muito com o nome – disse Roger, desviando de uma poça no caminho. Tinha começado a garoar de novo; eu sentia as gotículas geladas no meu rosto e via a ondulação na água da poça que a luz do fogo iluminava.

– Eu queria Jeremiah, mas disse a Bree que os outros nomes eram por conta dela. Ela não conseguia se decidir entre John, por causa de John Grey, e... Ian, por causa do primo, mas é claro que são o mesmo nome de qualquer jeito.

Mais uma vez, notei uma leve hesitação e senti o braço de Jamie ficar tenso sob a minha mão. O sobrinho de Jamie, Ian, era uma ferida ainda aberta, fresca na mente de todos, graças à mensagem que tínhamos recebido dele um dia antes. Isso devia ter feito Brianna decidir, por fim.

– Bem, se o problema não são você e a minha filha – Jamie insistiu –, então, quem é? Jocasta e Duncan? Ou o casal de Bremerton?

– Acha que alguém tinha a intenção de impedir os casamentos de hoje à noite? – Roger aproveitou a oportunidade para falar de outra coisa que não fosse Ian Murray. – Não acha que seja apenas uma má vontade em relação às práticas católicas em geral?

– Poderia ser, mas não é. Se fosse, por que esperar até agora para prender o padre? Espere um pouco, Sassenach, já pego você.

Jamie soltou a minha mão e desviou da poça, em seguida virou-se, segurou-me pela cintura e me levantou em um farfalhar de saias. As folhas molhadas estavam escorregadias quando voltei a pôr os pés no chão, mas eu segurei o braço dele para me equilibrar e me endireitar.

– Não. – Jamie continuou a conversa, virando-se na direção de Roger. – Lillywhite e Anstruther não gostam de católicos, imagino, mas por que causar problema agora, se o padre partiria pela manhã de qualquer modo? Eles por acaso acham que ele vai corromper todas as pessoas tementes a Deus da montanha antes do amanhecer se não o mantiverem preso?

Roger riu ao ouvir isso.

– Não, acredito que não. O padre ia fazer alguma outra coisa esta noite, além de realizar casamentos e batizados?

– Talvez algumas confissões – falei, beliscando o braço de Jamie. – Nada mais que eu saiba.

Contraí minhas coxas, sentindo uma mudança alarmante em minhas peças íntimas. Maldição, um dos alfinetes que prendia o tecido entre as minhas pernas havia se soltado quando Jamie me ergueu. Será que eu o havia perdido?

– Será que eles queriam impedi-lo de ouvir a confissão de alguém? Quero dizer, de alguém em especial?

Roger parecia em dúvida, mas Jamie ficou ponderando sobre a ideia.

– Eles não se opuseram a que ele ouvisse a minha. E acho que não se preocupariam com o fato de um católico estar em pecado mortal ou não, já que, para eles, estamos todos destinados ao inferno, de qualquer modo. Mas se soubessem que alguém precisava desesperadamente se confessar e achassem que poderiam ganhar alguma coisa com isso...

– Que quem quer que seja pudesse pagar para ter acesso ao padre? – perguntei, cética. – Jamie, eles são escoceses. Imagino que se fosse uma questão de pagar uma grande quantia por um padre, o assassino ou adúltero católico escocês simplesmente diria um Ato de Contrição e torceria pelo melhor.

Jamie riu baixinho, e eu vi a névoa branca de sua respiração flutuar ao redor de sua cabeça como a fumaça de uma vela; estava esfriando.

– É verdade – disse ele de modo seco. – E se Lillywhite pensou em tirar proveito de confissões, ele está meio atrasado para conseguir algum lucro. Mas e se não fosse uma questão de impedir a confissão de alguém, mas de se certificar de que a ouviram?

Roger deu um grunhido satisfeito, evidentemente pensando que era uma hipótese promissora.

– Chantagem? Sim, pode ser – disse ele, com aprovação.

O sangue fala mais alto, pensei; educado em Oxford ou não, havia poucas dúvidas de que Roger era escocês. Houve um movimento violento sob seu braço, seguido por um gemido de Jemmy. Roger olhou para baixo.

– Ah, você derrubou o seu brinquedo? Onde está?

Ele ajeitou Jemmy no ombro como se fosse uma trouxa e se abaixou, Tateando o chão à procura da corrente do relógio, que Jemmy havia largado na escuridão.

– Chantagem? Acho um pouco difícil – falei, passando a mão sob o nariz, que havia começado a escorrer. – Você quer dizer que eles podem desconfiar que Farquard Campbell, por exemplo, possa ter cometido um crime horrível e, se eles tivessem certeza, poderiam fazê-lo pagar? Isso não é uma ideia um tanto tortuosa? Se você encontrar um alfinete no chão, Roger, é meu.

– Bem, Lillywhite e Anstruther são ingleses, não são? – perguntou Jamie com um sarcasmo delicado que fez Roger rir. – A desonestidade e o jogo duplo são naturais dessa raça, não, Sassenach?

– Que absurdo! – falei com paciência. – O roto falando mal do esfarrapado. Além disso, eles não tentaram ouvir a *sua* confissão.

– Não tenho nada com que ser chantageado – disse Jamie, apesar de ser bem claro que ele só estava argumentando para se divertir.

– Mesmo assim – comecei, mas fui interrompida por Jemmy, que ficava cada vez mais inquieto, remexendo-se enquanto soltava gritinhos. Roger resmungou, pegou algo entre os dedos e se levantou.

– Encontrei o seu alfinete – disse ele. – Mas nem sinal da corrente.

– Alguém vai encontrá-la pela manhã – falei, elevando a voz para ser ouvida. – Talvez seja melhor você deixá-lo comigo.

Estendi os braços para o bebê, e Roger o entregou com certo alívio, compreensível quando senti o cheiro que vinha da fralda de Jemmy.

– *De novo?* – perguntei.

Aparentemente considerando minha reação uma reprimenda, ele fechou os olhos e começou a uivar como uma sirene.

– Onde está a Bree? – perguntei, tentando aconchegá-lo e mantê-lo a uma distância segura de meu corpo, por motivos de higiene. – Ai!

Ele parecia ter aproveitado a escuridão para desenvolver membros extras, que se debatiam sem parar.

– Ah, ela foi resolver uma coisa – disse Roger, com um ar vago que fez Jamie virar a cabeça depressa.

A luz iluminou seu perfil, e eu vi as sobrancelhas grossas e ruivas unidas em desconfiança. O fogo iluminava a ponte comprida e reta de seu nariz quando ele o ergueu, desconfiado. Obviamente, suspeitava de alguma coisa. Virou-se para mim, erguendo a sobrancelha. Eu sabia de alguma coisa?

– Não faço ideia – garanti. – Vou até a fogueira dos McAllisters para pegar um pano limpo emprestado. Nós nos vemos no nosso acampamento daqui a pouco.

Sem esperar resposta, segurei o bebê com firmeza e passei pelos arbustos, caminhando em direção ao acampamento mais próximo. Georgiana McAllister tinha gêmeos recém-nascidos – eu tinha feito o parto quatro dias antes – e ficou satisfeita em poder me dar uma fralda limpa e um arbusto privado atrás do qual eu pudesse me ajeitar. Depois disso, conversei com ela e dei uma olhada nos gêmeos, todo o tempo pensando nas revelações recentes. Entre o tenente Hayes e sua Proclamação, as maquinações de Lillywhite e companhia, e o que Bree e Roger estavam tramando, a montanha parecia um antro de conspirações.

Eu estava feliz por termos conseguido realizar os batizados – na verdade,

fiquei surpresa ao descobrir como me sentia grata por isso –, mas tinha que admitir que sentia certo incômodo com o casamento cancelado de Brianna. Ela não dissera muito a esse respeito, mas eu sabia que ela e Roger estavam ansiosos para ter sua união abençoada. A luz da fogueira cintilou brevemente, de modo acusador, no anel de ouro na minha mão esquerda, e mentalmente ergui as mãos na direção de Frank.

E o que você espera que eu faça?, perguntei em silêncio, enquanto por fora concordava com a opinião de Georgiana a respeito do tratamento de oxiúros.

– Senhora? – Uma das meninas mais velhas dos McAllisters, que havia se oferecido para trocar Jemmy, interrompeu a conversa, segurando delicadamente um objeto longo e sujo entre os dedos. – Encontrei isto dentro da roupa do bebê; talvez seja do seu marido?

– Minha nossa!

Fiquei chocada ao ver a corrente, mas um lampejo de racionalidade corrigiu minha impressão alarmada de que Jemmy havia engolido o objeto. Demoraria horas e horas para que um objeto sólido atravessasse o trato digestivo de uma criança, por mais ativo que fosse; evidentemente, ele havia apenas derrubado a corrente dentro da roupa, e ela fora parar dentro da fralda.

– Pode me dar, moça. – Ao ver a corrente do relógio, o sr. McAllister estendeu a mão e a pegou com uma careta.

Tirou um lenço grande da calça e limpou o objeto com cuidado, deixando à mostra o brilho dos elos de prata e de um pendente arredondado, no qual havia uma espécie de brasão.

Reparei no pendente com certo receio, e resolvi que precisava repreender Roger para que não desse qualquer coisa para Jemmy enfiar na boca. Ainda bem que o pendente não tinha escapado.

– Ora, é do sr. Caldwell, com certeza! – Georgiana se inclinou para a frente, espiando sobre as cabeças das gêmeas que estava amamentando.

– É? – O marido estreitou os olhos para o objeto, procurando os óculos no bolso da camisa.

– Sim, tenho certeza! Eu o vi enquanto ele pregava no domingo. Eu estava começando a sentir as dores – explicou ela, virando-se para mim – e

eu tive que sair antes de ele terminar. Ele me viu virando para partir, e deve ter achado que tinha passado do horário, pois tirou o relógio do bolso para checar, e eu vi o brilho daquela pecinha arredondada na ponta da corrente.

– Isso se chama brasão, *a nighean* – disse o marido apoiando um par de lentes em meia-lua no nariz e virando o pequeno emblema de metal entre os dedos. – Mas tem razão, é do sr. Caldwell.

Um dedo ossudo traçou o contorno do desenho no brasão: um cetro, um livro aberto, um sino e uma árvore, em cima de um peixe com um anel na boca.

– É da Universidade de Glasgow. O sr. Caldwell é um acadêmico – disse ele, os olhos azuis arregalados. – Estudou para aprender a pregar, e aprendeu muito bem. Você perdeu um fim muito interessante, Georgie – disse ele, virando-se para a esposa. – Ele corou tanto, falando sobre a Abominação da Desolação e sobre a ira no fim do mundo, que pensei que teria um ataque apoplético, e então o que faríamos? Ele não poderia contar com Murray MacLeod, o sr. Caldwell considerava Murray um herético... Ele é da Nova Luz, o Murray – o sr. McAllister me explicou. – E a sra. Fraser é uma papista, além de estar ocupada com você e as crianças.

Ele se inclinou e deu um tapinha delicado na cabeça de uma das gêmeas, que não prestou atenção, totalmente concentrada em sugar.

– Hum. Bem, no que me diz respeito naquele momento, o sr. Caldwell podia explodir – disse ela com franqueza. Ajeitou os dois bebês e se acomodou com mais conforto. – Quanto a mim, não me incomodaria se a parteira fosse índia ou inglesa... Ah, e me perdoe, sra. Fraser... Desde que soubesse pegar um bebê e estancar o sangramento.

Eu murmurei algo modesto, dispensando as desculpas de Georgiana, interessada em descobrir mais sobre a origem da corrente do relógio.

– O sr. Caldwell. Ele é um pregador, você disse?

Uma suspeita começava a se formar na minha mente.

– Ah, sim, foi o que eu soube – assegurou-me o sr. McAllister. – E ouvi bastante coisa. Agora, o sr. Urmstone é um grande pregador no que se refere aos pecados, mas já está no ofício há anos e está um pouco rouco agora, então é preciso se posicionar bem na frente dele para ouvi-lo... E isso é um pouco perigoso, sabe, já que são os pecados das pessoas da frente que ele

começa a abordar. O rapaz da Nova Luz, no entanto, ele não tem voz.

Ele rebaixou o pobre pregador com o desdém de uma autoridade.

– O sr. Woodmason é satisfatório. Um pouco rígido nas maneiras, como todo inglês, não? Mas muito confiável na hora de aparecer para os seus serviços, há anos. Mas o jovem sr. Campbell da igreja Barbecue...

– Este bebê está faminto, senhora – a moça que segurava Jemmy nos interrompeu. Evidente; ele estava com o rosto vermelho e chorava. – Devo dar a ele um pouco de mingau?

Olhei depressa para a panela no fogo; estava fervilhando, provavelmente bem cozido o suficiente para matar a maioria dos germes. Peguei a colher de osso que levava no bolso, que eu sabia estar razoavelmente limpa, e a entreguei à menina.

– Muito obrigada. Agora, quanto a esse sr. Caldwell, ele por acaso não seria presbiteriano, seria?

O sr. McAllister pareceu surpreso, e então sorriu diante de minha perspicácia.

– Sim, ele é! A senhora já ouviu falar dele, então, sra. Fraser?

– Acho que meu genro talvez o conheça – respondi, com um toque de ironia.

Georgiana riu.

– Devo dizer que seu neto, pelo menos, o conhece. – Ela assentiu para a corrente na palma ampla do marido. – Crianças desse tamanho são como pegas: catam qualquer coisa brilhante que encontrem.

– É verdade – falei lentamente, olhando para a corrente de prata e seu pendente.

Aquilo dava um contorno diferente à questão. Se Jemmy tivesse enfiado a mão no bolso do sr. Caldwell, obviamente tinha sido algum tempo antes de Jamie organizar o batizado improvisado.

Mas Bree e Roger souberam da prisão do padre Kenneth e do possível cancelamento do casamento muito antes disso; teriam tido tempo suficiente para fazer outros planos enquanto Jamie e eu lidávamos com Rosamund, Ronnie e outras crises. Tempo suficiente para Roger conversar com o sr. Caldwell, o ministro presbiteriano – com Jemmy junto.

Assim que Roger confirmou a impossibilidade de o padre realizar

qualquer casamento naquela noite, Brianna havia desaparecido para realizar alguma “tarefa” vaga. Bem, se o padre Kenneth quisera conversar com um noivo presbiteriano antes de casá-lo, acredito que o sr. Caldwell teria o mesmo privilégio com uma noiva católica.

Jemmy devorava o mingau como uma piranha faminta. Não podíamos partir ainda. Tudo bem, pensei; Brianna que contasse a seu pai a novidade de que, afinal, se casaria – com padre ou sem.

Estendi minha saia para que a barra úmida secasse, e a luz da fogueira reluziu nas minhas duas alianças. Senti uma forte vontade de rir ao pensar no que Jamie diria quando descobrisse, mas me contive, sem querer explicar o motivo para os McAllisters.

– Posso ficar com isso? – perguntei ao sr. McAllister, assentindo na direção da corrente do relógio. – Acho que vou me encontrar com o sr. Caldwell mais tarde.

FELIZ A NOIVA SOBRE A
QUAL A LUA BRILHA

Tivemos sorte. A chuva parou, e as nuvens se espalharam, revelando uma lua prateada, subindo assimétrica mas luminosa acima da encosta da montanha Negra; iluminação adequada para um casamento íntimo em família.

Eu já conhecia David Caldwell, mas só me lembrei disso quando o vi; um senhor franzino, mas muito bem-apeado, com roupas asseadas, apesar de estar acampando a céu aberto havia uma semana. Jamie também o conhecia e o respeitava. Isso não impediu certa tensão na expressão quando o ministro apareceu à luz da fogueira, com o livro de orações surrado nas mãos, mas eu cutuquei Jamie e ele alterou sua expressão, tornando-a inescrutável.

Vi Roger olhar em nossa direção e em seguida se virar para Bree. Talvez ele estivesse esboçando um sorriso, ou podia ser apenas o efeito das sombras. Jamie soltou o ar com força pelo nariz, e eu o cutuquei de novo.

– Você fez como quis no batizado – sussurrei.

Ele ergueu levemente o queixo. Brianna olhou em nossa direção, parecendo um pouco ansiosa.

– Eu não disse uma palavra, disse?

– É um casamento cristão perfeitamente respeitável.

– Eu disse que não era?

– Então, *pareça* feliz, inferno! – sussurrei.

Ele soltou o ar mais uma vez e adotou uma expressão de benevolência que ficava a um passo da completa imbecilidade.

– Melhor assim? – perguntou ele, os dentes cerrados em um sorriso.

Vi Duncan Innes se virar casualmente um nossa direção, sobressaltar-se e voltar-se para o outro lado depressa, murmurando algo para Jocasta, que estava perto do fogo, os cabelos brancos brilhando e uma venda sobre os olhos prejudicados para protegê-los da luz. Ulysses, em pé atrás dela, havia colocado a peruca em homenagem à cerimônia; era só o que conseguia ver dele na escuridão, flutuando, aparentemente sem corpo, no ar acima do ombro dela. Enquanto eu observava, ele se virou de lado, olhou para nós, e eu vi o brilho tênue de seus olhos abaixo da peruca.

– Quem é aquele, *grand-mère*?

Germain escapara, como sempre, dos cuidados dos pais e, parado perto dos meus pés, apontou com curiosidade para o reverendo Caldwell.

– É um ministro, querido. A tia Bree e o tio Roger vão se casar.

– Ministro?

Respirei fundo, mas Jamie foi mais rápido que eu.

– É um tipo de padre, mas não exatamente.

– Um padre ruim?

Germain olhou para o reverendo Caldwell com muito mais interesse.

– Não, não – respondi. – Ele não é um padre ruim. É só que... bem, nós somos católicos, e os católicos têm padres, mas o tio Roger é presbiteriano...

– Isso quer dizer um herege – disse Jamie, prestativo.

– *Não* é um herege, querido. O *grand-père* está sendo engraçado... ou achando que é. Os presbiterianos são...

Germain não estava prestando atenção em minha explicação; em vez disso, inclinara a cabeça para trás, olhando para Jamie com fascínio.

– Por que o *grand-père* está fazendo caretas?

– Estamos muito felizes – explicou Jamie ainda com um sorriso forçado.

– Ah. – Germain o imitou de forma grosseira, com os dentes cerrados e olhos arregalados. – Assim?

– Sim, querido – respondi, com ênfase. – *Exatamente* assim.

Marsali nos encarou, piscou e puxou a manga de Fergus. Ele se virou, estreitando os olhos para nós.

– Fique feliz, pai! – Germain apontou para seu enorme sorriso. – Está vendo?

Fergus entortou a boca ao olhar para o filho e para Jamie. Seu rosto

ficou inexpressivo por um momento, e em seguida se ajustou em um sorriso enorme e falso. Marsali deu um chute em sua canela. Ele fez uma careta, mas não desfez o sorriso.

Brianna e Roger estavam fazendo uma reunião de última hora com o reverendo Caldwell, do outro lado da fogueira. Brianna se virou, afastando os cabelos soltos, viu os rostos sorridentes e os encarou, ligeiramente boquiaberta. Em seguida olhou para mim, e eu dei de ombros.

Seus lábios estavam contraídos, mas esboçavam um sorriso. Seus ombros tremeram com o riso contido. Senti Jamie estremecer ao meu lado.

O reverendo Caldwell deu um passo à frente com um dedo no livro, no ponto exato, colocou os óculos no nariz e sorriu para as pessoas reunidas, hesitando um pouco ao ver a fileira de semblantes mal-intencionados.

Ele pigarreou e abriu o Livro de Adoração.

– Caríssimos, estamos aqui reunidos na presença de Deus...

Senti Jamie relaxar um pouco conforme as palavras eram ditas, evidenciando pouca familiaridade, mas não grandes peculiaridades. Supus que ele nunca participara de uma cerimônia protestante – a menos que se considerasse o batizado improvisado que Roger realizara entre os moicanos. Fechei os olhos e fiz uma oração para o jovem Ian, como sempre fazia quando pensava nele.

– Lembremos, com respeito, que Deus estabeleceu e santificou o casamento para o bem-estar e a felicidade da raça humana...

Abrindo os meus olhos, vi que todos os outros se focavam em Roger e em Brianna, que estavam de frente um para o outro, mãos entrelaçadas. Eles formavam um belo par, quase da mesma altura: ela era clara e ele, escuro, como uma fotografia e seu negativo. Seus rostos não eram nada parecidos, mas os dois tinham ossos fortes e curvas acentuadas, o legado que compartilhavam do clã MacKenzie.

Olhei para o outro lado da fogueira e vi as mesmas características em Jocasta, alta e bonita, o rosto cego virado em concentração na direção do som da voz do ministro. Enquanto eu observava, vi que ela estendeu o braço e pousou a mão no braço de Duncan, pressionando de leve os longos dedos alvos. O reverendo Caldwell havia se oferecido gentilmente para realizar o casamento deles também, mas Jocasta tinha se recusado, preferindo esperar

por uma cerimônia católica.

– Não estamos com pressa, afinal, não é, querido? – perguntara a Duncan, virando-se para ele com uma demonstração de deferência que não enganava ninguém. Ainda assim, achei que Duncan parecera aliviado, e não desapontado, com o fato de o casamento ser adiado.

– Por meio de Seus apóstolos, Ele orientou aqueles que entram nessa relação a cultivar o amor e o respeito mútuos...

Duncan pousara a mão sobre a de Jocasta, com um surpreendente ar de afeto. Aquele casamento não seria feito de amor, pensei, mas de carinho mútuo...

– Peço a vocês dois, diante do grande Deus, o Investigador de todos os corações, que se algum de vocês tiver qualquer motivo pelo qual este casamento não possa ocorrer, que diga agora. Pois saibam que se as pessoas forem unidas em contrariedade com a Palavra de Deus, a união não será abençoada por Ele.

O reverendo Caldwell fez uma pausa, olhando para Roger e para Brianna. Roger balançou a cabeça levemente, olhos fixos no rosto de Bree. Ela sorriu discretamente em resposta, e o reverendo pigarreou e continuou.

O clima de hilaridade silenciosa ao redor da fogueira tinha se dissipado; não havia outro som além da voz contida do reverendo e do crepitar das chamas.

– Roger Jeremiah, aceita esta mulher como sua esposa, e jura ser leal a ela, no amor e no respeito, em todas as obrigações e serviços, na fé e no carinho, para viver com ela e prezá-la de acordo com os ensinamentos de Deus, no elo sagrado do casamento?

– Aceito – respondeu Roger com a voz grave e rouca.

Ouvi um suspiro profundo à minha direita e vi Marsali recostar a cabeça no ombro de Fergus com uma expressão sonhadora. Ele virou a cabeça e beijou a testa dela, e então recostou a cabeça de cabelos escuros na alvura do lenço dela.

– Aceito – disse Brianna com clareza, erguendo o queixo e olhando no rosto de Roger, em resposta à pergunta do ministro.

O sr. Caldwell olhou com bondade ao redor.

– Quem entrega esta mulher para se casar com este homem?

Houve uma breve pausa, e senti Jamie se remexer, pego de surpresa. Apertei o braço dele e vi o brilho da fogueira reluzir na aliança na minha mão.

– Ah, eu, com certeza! – respondeu ele.

Brianna virou a cabeça e sorriu para ele, os olhos cheios de amor. Ele sorriu para ela e em seguida pestanejou, pigarreando, e apertou minha mão com força.

Senti um leve nó na garganta enquanto eles faziam seus juramentos, lembrando-me dos meus dois casamentos. E Jocasta?, perguntei-me. Ela havia se casado três vezes. Que ecos do passado ela ouvia naquelas palavras?

– Eu, Roger Jeremiah, recebo você, Brianna Ellen, como minha legítima esposa...

A luz da lembrança brilhava na maioria dos rostos das pessoas reunidas ao redor da fogueira. Os Bugs estavam próximos, olhando um para o outro com uma chama idêntica de devoção. O sr. Wemyss, ao lado da filha, inclinou a cabeça e fechou os olhos, com uma expressão que era um misto de alegria e tristeza, sem dúvida pensando na esposa, falecida havia anos.

– Na riqueza e na pobreza...

– Na alegria e na tristeza...

– Na saúde e na doença...

O rosto de Lizzie estava enleado, os olhos arregalados diante do mistério que se desenrolava à sua frente. Em quanto tempo seria a vez dela de ficar de pé diante de testemunhas e fazer aquelas promessas maravilhosas?

Jamie estendeu o braço e segurou minha mão, entrelaçando os dedos nos meus, e a prata do meu anel ficou vermelha à luz das chamas. Olhei para o rosto dele e vi a promessa dita em seus olhos, como estava nos meus.

– Até que a morte nos separe.

AS CHAMAS DA DECLARAÇÃO

A grande fogueira estava acesa, a madeira úmida estalando como tiros de pistola contra a encosta da montanha – um tiro distante, porém, e que mal era notado em meio ao barulho das exclamações de alegria.

Apesar de ter escolhido não ser casada pelo reverendo Caldwell, ainda assim Jocasta tivera a generosidade de oferecer uma pomposa festa de casamento para celebrar as núpcias de Roger e Brianna. Vinho, cerveja e uísque fluíam como água sob os cuidados de Ulysses, cuja peruca branca se movimentava em meio à multidão no nosso acampamento, ágil como uma mariposa ao redor da chama de uma vela.

Apesar da umidade gelada e das nuvens que tinham voltado a se acumular acima de nós, pelo menos metade da Reunião estava ali, dançando ao som da música do violino e da gaita, reunindo-se como gafanhotos ao redor das mesas de comida e bebendo à saúde dos recém-casados – e à dos que se casariam em breve – com tanto entusiasmo que se todos os votos se tornassem realidade, Roger, Bree, Jocasta e Duncan viveriam mil anos, pelo menos.

Eu achava que poderia viver uns cem anos. Não sentia dor, nada além de uma grande sensação de bem-estar e de felicidade e uma agradável sensação de dissolução iminente.

De um lado da fogueira, Roger tocava um violão emprestado, fazendo uma serenata para Bree diante de um arrebatado círculo de ouvintes. Mais perto, Jamie estava sentado em um tronco com Duncan e sua tia, conversando com amigos.

– Senhora? – Ulysses apareceu ao meu lado, com a bandeja na mão e resplandecente de uniforme, comportando-se como se estivesse no salão em

River Run, em vez de na encosta encharcada de uma montanha.

– Obrigada.

Aceitei um copo cheio de alguma coisa que descobri ser conhaque. Um conhaque muito bom, por sinal. Beberiquei e deixei que ele penetrasse nos meus seios nasais. Antes que conseguisse sorver mais um gole, no entanto, tomei consciência de uma repentina pausa na alegria à nossa volta.

Jamie olhou ao redor e em seguida se levantou e estendeu o braço para mim. Fiquei um pouco surpresa, mas me apressei em colocar o copo na bandeja de Ulysses, ajeitei os cabelos, prendi meu lenço e tomei lugar ao lado dele.

– *Thig a seo, a bhean uasa* – disse ele, sorrindo para mim. – Venha, moça.

Ele se virou e ergueu o queixo, chamando os outros. Roger deixou de lado o violão, cobrindo-o cuidadosamente com uma lona, e estendeu a mão para Bree.

– *Thig a seo, a bhean* – disse ele, sorrindo.

Com um olhar surpreso, ela se levantou, com Jemmy no colo.

Jamie ficou parado, esperando, e pouco a pouco os outros se levantaram, afastando agulhas de pinheiro e batendo a areia das barras e dos assentos, rindo e murmurando, confusos. Os dançarinos também pararam de rodopiar e foram ver o que estava acontecendo, a música do violino desvanecendo em meio aos murmúrios de curiosidade.

Jamie desceu comigo pelo caminho escuro em direção às chamas da grande fogueira mais abaixo, e os outros o seguiram, especulando baixinho. No fim da clareira principal, ele se virou e esperou. Figuras escuras apareceram em meio às sombras; a silhueta de um homem apareceu na frente da fogueira, com o braço erguido.

– Os Menzies estão aqui! – disse o homem, e jogou o galho que carregava no fogo. Gritos distantes foram ouvidos, de pessoas do seu clã que estavam próximas dali.

Outro tomou seu lugar – MacBean – e outro – Ogilvie. Então, chegou a nossa vez.

Jamie seguiu em frente sozinho, na direção da luz das chamas crepitantes. A fogueira era feita de carvalho e pinheiro e as chamas

superavam um homem alto, línguas de um amarelo transparente, tão puras e ardentes que quase chegavam a ser brancas em contraste com o céu escuro. A luz dela brilhava no rosto dele, na cabeça e nos ombros, e lançava uma sombra comprida que se estendia até a metade da clareira atrás dele.

– Estamos reunidos aqui para receber velhos amigos – disse ele em gaélico. – E para encontrar novos, na esperança de que possam se unir a nós na construção de uma nova vida neste novo país.

A voz dele era profunda e arrebatadora; os últimos fragmentos de conversa se dissiparam enquanto as pessoas ao redor da fogueira silenciavam e esticavam o pescoço para ouvir.

– Todos passamos por muitas dificuldades na estrada até aqui.

Ele se virou lentamente, olhando de rosto em rosto ao redor da fogueira. Muitos dos homens de Ardsmuir estavam lá: vi os irmãos Lindsays, à vontade como um trio de sapos; o rosto de raposa de Ronnie Sinclair, com os cabelos ruivos penteados para trás; os traços romanos de Robin McGillivray. Todos observando das sombras, com a sobrancelha e a ponte do nariz brilhando, cada rosto iluminado pelo fogo.

Sob a influência do conhaque e da emoção, eu podia ver com facilidade também as fileiras de fantasmas atrás deles: as famílias e os amigos que ainda permaneciam na Escócia, na terra... ou embaixo dela.

O rosto de Jamie estava marcado pela sombra, e a luz da fogueira mostrava a marca do tempo e do esforço em seu corpo, assim como o vento e a chuva marcam a pedra.

– Muitos de nós morreram em batalhas – disse ele, a voz quase inaudível acima do som do fogo. – Muitos morreram queimados. Muitos morreram de fome. Muitos morreram no mar, muitos morreram em decorrência de ferimentos e doenças. – Ele fez uma pausa. – Muitos morreram de tristeza.

Ele olhou para além do círculo iluminado pelo fogo por um momento, e pensei que talvez ele estivesse procurando o rosto de Abel MacLennan. Ergueu o copo e o manteve erguido em saudação por um momento.

– *Slàinte!* – murmurou uma dezena de vozes, crescendo como o vento.

– *Slàinte!* – repetiu ele, e então virou o copo, de forma que um pouco do conhaque caiu nas chamas, onde sibilou e se queimou azul por um instante.

Ele baixou o copo e parou por um momento, baixando a cabeça. Em

seguida a levantou e ergueu o copo em direção a Archie Hayes, que estava do outro lado da fogueira, com o rosto redondo indecifrável, o fogo reluzindo em sua gargantilha de prata e no broche de seu pai.

– Enquanto lamentamos a perda daqueles que morreram, também devemos prestar homenagem àqueles que lutaram e sofreram com igual esforço... e sobreviveram.

– *Slàinte!* – veio a saudação, mais alta dessa vez, com o ressoar das vozes masculinas.

Jamie fechou os olhos por um instante e em seguida voltou a abri-los, olhando na direção de Brianna, que estava ao lado de Lizzie e Marsali, com Jemmy no colo. A crueza e a força de seus traços contrastavam com a inocência das crianças e seus rostinhos arredondados e com a suavidade das jovens mães – ainda que, mesmo em sua delicadeza, pensei, a luz do fogo mostrasse os veios do granito escocês em seus ossos.

– Prestamos homenagem às nossas mulheres – disse ele, erguendo o copo para Brianna, Marsali e por fim virando-se para mim. Ele esboçou um sorriso. – Pois elas são a nossa força. E nossa vingança contra os nossos inimigos será, por fim, a vingança do berço. *Slàinte!*

Em meio aos gritos da multidão, ele esvaziou o copo de madeira e o jogou no fogo, onde permaneceu escuro e redondo por um momento e em seguida explodiu em uma chama brilhante.

– *Thig a seo!* – disse ele, estendendo a mão direita para mim. – *Thig a seo, a Shorcha, nighean Eanruig, neart mo chridhe.* – *Venha até mim,* disse ele. *Venha até mim, Claire, filha de Henry, força do meu coração.* Mal sentindo meus pés ou aqueles nos quais pisava, fui até ele e segurei sua mão, sentindo-a fria, mas forte sobre os meus dedos.

Eu o vi virar a cabeça; estaria procurando Bree? Mas não, ele estendeu a outra mão em direção a Roger.

– *Seas ri mo làmh, Roger an t'òranaiche, mac Jeremiah MacChoinneich!* – *Fique do meu lado, Roger, o cantor, filho de Jeremiah MacKenzie.*

Roger ficou imóvel por um momento, os olhos fixos em Jamie, e então foi em direção a ele, como um sonâmbulo. A multidão ainda estava animada, mas os gritos tinham diminuído, e as pessoas esticavam o pescoço para ouvir o que era dito.

– Fique ao meu lado na batalha – disse ele em gaélico, os olhos fixos em Roger, a mão esquerda estendida. Ele falava lenta e claramente, para ser compreendido. – Seja um escudo para a minha família, e para a sua, filho do meu lar.

A expressão de Roger pareceu se dissolver de repente, como um rosto refletido na água quando uma pedra é jogada nela. Então o rosto se solidificou de novo, e ele segurou a mão de Jamie, apertando com força.

Jamie se virou para a multidão naquele momento e começou a chamar. Era algo que eu já tinha visto ele fazer antes, muitos anos antes, na Escócia. Um convite e uma identificação formais dos arrendatários por um senhor; era uma cerimônia pequena, normalmente realizada a cada trimestre ou depois da colheita. Rostos se iluminaram aqui e acolá em reconhecimento; muitos dos escoceses das Terras Altas conheciam o costume, mas não o tinham visto naquela terra antes.

– Venha até mim, Geordie Chisholm, filho de Walter, filho de Connaught, o Vermelho!

– Fique comigo, *a Choinneich*, Evan, Murdo, filhos de Alexander Lindsay do Vale!

– Venha para o meu lado, Joseph Wemyss, filho de Donald, filho de Robert!

Eu sorri ao ver o sr. Wemyss, corado mas muito lisonjeado com aquela inclusão pública, se aproximar de nós, a cabeça erguida com orgulho, os cabelos claros soltos ao vento da grande fogueira.

– Fique ao meu lado, Josiah, o caçador!

Josiah Beardsley estava ali? Sim, estava; uma figura escura e esguia saiu das sombras e se posicionou com timidez no grupo próximo de Jamie. Olhei nos olhos dele e sorri; ele desviou o olhar depressa, mas um sorriso discreto e tímido permaneceu em seus lábios, como se ele tivesse se esquecido de que sorria.

Quase quarenta homens, corados de orgulho e de uísque. Vi Roger trocar um olhar com Brianna, que lhe sorria do outro lado da fogueira. Ela abaixou a cabeça para sussurrar algo para Jemmy, que estava enrolado em seus cobertores, sonolento nos braços dela. Ela segurou a mão dele e a abanou para Roger, que riu.

–... *Air mo mhionnan...*

Distraída, ouvi apenas as últimas palavras de Jamie. Mas o que quer que ele tivesse dito foi recebido com aprovação: ouviu-se um murmúrio de pessoas concordando solenemente ao nosso redor, seguido de um momento de silêncio.

Então ele soltou a minha mão, abaixou-se e pegou um galho do chão. Ele o acendeu nas chamas da fogueira e o atirou bem alto no ar. O galho bateu de ponta a ponta ao cair no meio do fogo.

– Os Frasers da Cordilheira estão aqui! – gritou ele, e a clareira explodiu em uma grande comemoração.

Quando subimos a encosta para retomar as comemorações interrompidas, eu me vi ao lado de Roger, que murmurava alguma coisa alegre. Coloquei a mão em sua manga, e ele olhou para mim, sorrindo.

– Parabéns – falei, sorrindo de volta. – Bem-vindo à família... filho da casa.

Ele abriu um largo sorriso.

– Obrigado – disse. – Mãe.

Chegamos a um trecho plano e caminhamos lado a lado por um momento, em silêncio. Então ele disse com um tom bem diferente:

– Aquilo foi... muito especial, não foi?

Eu não sabia se ele se referia a algo especial em termos históricos ou em termos pessoais. De qualquer modo, ele estava certo, e eu assenti.

– Não ouvi a última parte – falei. – E não sei o que quer dizer *earbsachd*. Você sabe?

– Ah... sim. Sei.

Estava bem escuro ali, no espaço entre as fogueiras; dele, eu via apenas uma mancha mais escura contra a escuridão dos arbustos e das árvores. Havia uma nota estranha em sua voz. Ele pigarreou.

– É uma espécie de juramento. Ele, Jamie, fez uma promessa a nós, a sua família e seus arrendatários. Apoio, proteção, esse tipo de coisa.

– Ah, é? – perguntei, meio confusa. – O que quer dizer com “uma espécie de juramento”?

– Ah, bem. – Ele ficou em silêncio por um momento, medindo as palavras. – Significa uma palavra de honra, em vez de apenas um juramento

– disse ele cuidadosamente. – *Earbsachd* – ele pronunciou com cuidado – era considerada a característica distintiva dos MacCrimmons de Skye e significava basicamente que, quando davam a sua palavra, eles a cumpriam a qualquer preço. Se um MacCrimmon dizia que ia fazer alguma coisa – ele fez uma pausa e inspirou –, ele a fazia, mesmo que tivesse que queimar até a morte para isso.

Ele segurou meu cotovelo com uma firmeza surpreendente.

– Venha – disse ele baixinho. – Deixe-me ajudar. Está escorregadio.

NA NOITE DO NOSSO CASAMENTO

– Pode cantar para mim, Roger?

Ela estava parada na entrada da tenda, olhando para a frente. Por trás, ele não conseguia ver nada além da sua silhueta contra o cinza do céu cheio de nuvens, seus cabelos longos ao vento. Ela os deixara soltos para se casar – cabelo de donzela, apesar de ela já ter um filho.

Estava frio naquela noite, muito diferente da primeira em que ficaram juntos, aquela noite quente e linda que havia terminado em raiva e traição. Meses de outras noites separavam aquela noite desta – meses de solidão, meses de alegria. Ainda assim, o coração dele batia tão acelerado agora quanto na primeira noite de casados.

– Sempre vou cantar para você, minha linda.

Ele ficou atrás dela, puxando-a para que se recostasse nele, a cabeça apoiada no ombro dele, os cabelos frios contra o seu rosto. Ele envolveu a cintura dela, enlaçando-a. Inclinou a cabeça e encostou o nariz na curva de sua orelha.

– Não importa o que aconteça, não importa onde estejamos. Não importa se você vai estar presente para ouvir ou não, sempre vou cantar para você.

Ela se virou nos braços dele, murmurando satisfeita, e sua boca encontrou a dele, sentindo o gosto da carne do churrasco e do vinho.

A chuva batia na lona, e o frio do fim do outono emanava do chão, envolvendo os pés deles. Na primeira vez, o ar cheirava a mato e lama; o celeiro tinha o odor terroso de feno e asnos. Agora, o ar estava impregnado do aroma de pinheiro e junípero, temperado pela fumaça de fogueiras que ardiam em fogo lento – e um toque suave de cocô de bebê.

Ainda assim, mais uma vez ela estava nos braços dele, luz e sombra, o rosto escondido, o corpo reluzente. Na primeira vez, ela estava úmida e indolente, suada por causa do verão. Agora sua pele estava fria como o mármore, menos onde ele a tocava – mas o verão permanecia na palma de sua mão onde ele a tocava, doce e escorregadio, maduro com os segredos de uma noite quente e escura. Estava certo, ele pensou, que aquelas juras tivessem sido feitas como as primeiras tinham sido, ao ar livre, parte do vento e da terra, do fogo e da água.

– Amo você – murmurou ela contra os lábios dele, que tomou o lábio dela entre os dentes, emocionado demais para dizer algo em resposta.

Houvera palavras entre eles antes, assim como naquela noite. As palavras eram as mesmas, e a sinceridade das primeiras era a mesma de agora. Mas ainda assim, *era* diferente.

Na primeira vez, ele as dissera para ela sozinho, e apesar de tê-las dito na presença de Deus, Deus fora discreto, permanecendo em segundo plano, o rosto virado para não ver a nudez deles.

Naquela noite, ele as disse à luz das chamas da fogueira, diante da face de Deus e do mundo, de sua gente e da gente dela. Seu coração era dela, e o que mais tivesse – mas agora não havia mais ele e ela, dele e dela. As juras tinham sido feitas, sua aliança estava no dedo dela, o elo selado e testemunhado. Eles eram um só corpo.

Roger apertou-lhe o seio com sofreguidão e ela emitiu um som baixinho de desconforto. Bree se afastou um pouco e ele percebeu que ela havia feito uma careta. O ar se intrometeu frio entre eles e a pele dele pareceu repentinamente nua, exposta, como se ele tivesse sido cortado dela com uma faca.

– Eu preciso... – disse ela, e tocou o seio, sem terminar. – Só um minuto, está bem?

Claire havia alimentado a criança enquanto Brianna procurava o reverendo Caldwell. Cheio de mingau e pêssego cozido, Jemmy mal pôde ser acordado para mamar um pouco antes de voltar a dormir e ser levado por Lizzie, com a barriguinha arredondada dura como um tambor. Isso era bom para a privacidade deles – entorpecido depois de comer demais, era improvável que ele acordasse antes do amanhecer. O preço a pagar por isso,

no entanto, era o leite não consumido.

Ninguém que vivia na mesma casa que uma mãe que estivesse amamentando deixava de notar seus seios, muito menos o marido. Os seios tinham vida própria. Mudavam de tamanho de hora em hora, inchando e passando de esferas macias a bolas grandes, arredondadas e duras, que lhe provocavam a estranha sensação de que poderiam estourar se os tocassem.

De vez em quando, um *explosão*, ou pelos menos dava essa impressão. A carne macia inflava como pão fermentando, lenta, mas constantemente, ultrapassando a borda do corpete de Brianna. Então, de repente, aparecia um círculo grande e molhado no tecido, como se por encanto, como se uma pessoa invisível tivesse atirado uma bola de neve contra ela. Ou duas – pois o que um seio fazia, o outro se apressava em imitar.

Às vezes, os Gêmeos Divinos eram frustrados: Jemmy sugava um lado, mas acabava dormindo sem realizar o mesmo serviço no outro. Isso deixava a mãe dele rangendo os dentes, segurando cuidadosamente um dos seios inchados na palma da mão, pressionando a beirada de um copo sob o mamilo para pegar o leite que vazava enquanto ela drenava o seio dolorido, o suficiente para conseguir dormir.

Estava fazendo isso agora. Timidamente, ficou de costas para ele, com o *arisaid* ao redor dos ombros para se proteger do frio. Ele podia ouvir o ruído do leite, um jato suave contra o metal.

Relutava em abafar o som, que considerava erótico, mas mesmo assim pegou o violão, e colocou o polegar sobre as cordas, a mão no traste. Não dedilhou nem tocou acordes, apenas notas simples, vozes contidas que ecoavam a dele, a reverberação de uma corda soando junto com o verso cantado.

Uma canção de amor, com certeza. Uma das muito antigas, em gaélico. Ainda que não soubesse todas as palavras da letra, ele achava que ela ia entender.

*Na noite do nosso casamento,
Virei saltando até você com presentes,
Na noite do nosso casamento...*

Ele fechou os olhos, vendo em sua memória o que a noite escondia. Os mamilos dela eram da cor de ameixas maduras e do tamanho de cerejas maduras, e Roger tinha uma lembrança vívida do gosto deles em sua boca. Já os havia sugado uma vez, muito tempo antes – antes da vinda de Jemmy –, mas não mais.

Você vai ganhar cem salmões prateados...

Cem peles de texugo...

Ela nunca lhe pediu que não fizesse isso, nunca se recusara – mas ele sabia, por sua leve inspiração que, na maior parte das vezes, ela estava se contendo para não estremecer quando ele tocava seus seios.

Seria apenas sensibilidade?, perguntou-se. Ela achava que ele não seria cuidadoso?

Afastou o pensamento, afogando-o em uma cascata de notas líquidas como uma queda-d'água.

Pode não ser você, sussurrou a voz, recusando-se a ser deixada de lado. *Talvez tenha sido ele – algo que ele fez com ela.*

Vá. Para. O. Inferno, ele disse mentalmente para a voz, enfatizando cada palavra com uma corda puxada com força. Stephen Bonnet não teria espaço na noite de núpcias dos dois. De jeito nenhum.

Ele pousou a mão sobre as cordas para silenciá-las por um momento, e quando ela escorregou o *arisaid* dos ombros, começou de novo, dessa vez em inglês. Uma canção especial também – uma para os dois sozinhos. Ele não sabia se mais alguém poderia ouvir, mas não fazia diferença. Ela ficou de pé e deslizou o vestido pelos ombros quando os dedos dele tocaram a abertura contida de “Yesterday”, dos Beatles.

Ele a ouviu rir, uma vez, e em seguida suspirar, o linho sussurrando contra a pele dela ao cair.

Ela veio caminhando nua atrás dele enquanto a melodia suave da canção tomava a atmosfera. Acariciou os cabelos dele, segurando-os com força na nuca. Ela se moveu, e ele a sentiu pressionar o corpo contra suas costas, os seios macios agora, desejosos e quentes através da camisa dele, a

respiração soprando em seu ouvido. A mão dela pousou no ombro dele por um instante, e então deslizou para dentro da camisa dele, os dedos frios no contato com seu peito. Ele podia sentir o metal duro e quente da aliança dela contra sua pele e foi tomado por uma onda de posse que pulsou pelo corpo dele como um gole de uísque, o calor tomando sua carne.

Ele queria virar-se para tomá-la em seus braços, mas conteve a vontade, intensificando a ansiedade. Inclinou a cabeça para mais perto das cordas e cantou até esvaziar a mente por completo e não haver mais nada além dos corpos dele e dela. Não saberia dizer quando ela pousou a mão sobre a dele no traste do violão, e ele se levantou e se virou para ela, ainda tomado pela música e por seu amor, suave, forte e puro na escuridão.

Ela estava deitada no escuro, em silêncio, sentindo o coração pulsar lentamente em seus ouvidos. O latejar ecoava na pulsação do pescoço, dos pulsos, dos seios, do ventre. Ela tinha perdido a noção de seus limites; aos poucos, a sensação dos membros e das pontas dos dedos, da cabeça e do tronco, do espaço ocupado voltou. Ela afastou o dedo que ainda estava entre suas pernas e sentiu as últimas ondas de formigamento descenderem por suas coxas.

Inspirou devagar, atenta.

A respiração dele era regular e longa. Graças a Deus, ele não havia acordado. Tomara cuidado, movendo-se com lentidão, mas o êxtase final a invadira de tal forma que ela seus quadris se contorceram, sua barriga tremeu e se convulsionou, e afundou os calcanhares na palha com um farfalhar alto.

Ele tivera um dia muito longo – todos eles tiveram. Mesmo assim, ela podia ouvir o som baixo de festividades na encosta da montanha ao redor deles. A chance de uma celebração como aquela era tão rara que ninguém permitiria que algo tão pouco importante como a chuva, o frio ou o cansaço fosse um impedimento para a diversão.

Ela se sentia como uma pequena poça de mercúrio líquido: suave e pesada, estremeando a cada batida do coração. O esforço para se mover era impensável; mas sua convulsão final afastara o cobertor, deixando os ombros dele nus, e a pele de suas costas estava lisa e nua, escura em

contraste com o pano branco. O calor ao redor dela era acolhedor e perfeito, mas não poderia aproveitar enquanto ele permanecesse exposto ao ar frio da meia-noite daquele modo. Volutas de névoa tinham passado por baixo da entrada da tenda e pairavam fantasmagóricas ao redor deles; ela podia ver o brilho fraco da umidade na curva da maçã do rosto dele.

Ela invocou de volta a ideia de ossos e músculos, encontrou um neurônio motor em bom funcionamento e ordenou que ele funcionasse. Voltando a adquirir corpo, ela rolou para o lado, ficando de frente para ele, e delicadamente puxou o cobertor até suas orelhas. Ele se remexeu e murmurou alguma coisa; ela acariciou os cabelos escuros dele, que sorriu de leve, as pálpebras meio abertas no olhar inexpressivo de alguém que sonha. Elas voltaram a se fechar, ele respirou longa e profundamente e dormiu de novo.

– Eu amo você – sussurrou ela, tomada de carinho.

Acariciou de leve as costas dele, adorando sentir seus ombros através do cobertor, o osso firme na base de seu pescoço e o sulco comprido e suave que descia pelo meio da espinha e se arqueava na curva de suas nádegas. Um vento frio eriçou os pelos do braço dela, que o colocou de novo embaixo das cobertas, deixando a mão pousada levemente nas nádegas de Roger.

Aquela sensação não era uma novidade, mas a fez estremecer do mesmo jeito, a forma arredondada e perfeita, os pelos ásperos e encaracolados. Um tênue eco de seu prazer solitário a encorajou a fazer aquilo de novo, e a mão livre deslizou até o meio de suas pernas, mas a exaustão a conteve, e os dedos se curvaram sobre a carne inchada, um dedo lânguido percorrendo a umidade.

Ela esperava que fosse diferente naquela noite. Sem o perigo sempre iminente de acordar Jemmy, livre para levar o tempo que quisessem e tomados pelas ondas de emoção da troca de juras, ela pensou que... mas foi a mesma coisa.

Não que ela não estivesse excitada; muito pelo contrário. Cada movimento, cada toque ficou impresso nas terminações nervosas de sua pele, nas frestas da boca e da lembrança, afogando-a com cheiros, marcando-a com sensações. Mas por mais incrível que fosse o sexo, permanecia uma sensação esquisita de distância, uma barreira que ela não conseguia

derrubar.

E assim, mais uma vez, ela se viu deitada ao lado dele enquanto ele dormia, revivendo na lembrança cada momento da paixão que tinham acabado de compartilhar – e capaz de, pelo menos na memória, se entregar a ela.

Talvez fosse que ela o amava demais, pensou, estava muito preocupada com o prazer dele para pensar no próprio. A satisfação que ela sentia quando ele atingia o clímax, respirando ofegante e gemendo em seus braços, era bem maior do que o simples prazer físico do orgasmo. Ainda assim, havia algo mais sombrio por trás disso; uma sensação peculiar de triunfo, como se ela tivesse vencido uma competição não declarada entre eles.

Ela sussurrou e encostou a testa na curva do ombro dele, sentindo seu cheiro, um odor almiscarado forte e amargo, como poejo.

O cheiro de ervas despertou uma lembrança, e ela levou a mão para baixo de novo, tomando cuidado para não despertá-lo, e escorregou um dedo bem fundo para conferir. Não, estava tudo bem; a esponja embebida com óleo de tanásia ainda estava no lugar, sua presença frágil e pungente protegendo a entrada de seu útero.

Ela se aproximou, e ele se mexeu inconscientemente, o corpo virando-se para acomodá-la, seu calor envolvendo-a, confortando-a. A mão dele tateou como um passarinho às cegas, passando pelo quadril, pela barriga macia, à procura de um ponto onde pousar. Ela a tomou com as duas mãos e a acomodou abaixo do queixo. A mão dele se curvou sobre as dela; ela beijou um nó grande e áspero, e ele suspirou profundamente, relaxando a mão.

Os sons na encosta da montanha tinham silenciado conforme os dançarinos se cansaram e os músicos ficaram roucos e esgotados. A chuva recrudescera, batendo na lona acima deles, e a névoa cinzenta tocou o rosto dela com dedos frios e úmidos. O cheiro da lona molhada fez com que ela pensasse nas viagens para acampamentos na infância com seu pai, com aquelas sensações que eram um misto de excitação e segurança, e ela se aconchegou ainda mais contra a curva do corpo de Roger, sentindo uma mistura parecida de conforto e expectativa.

Eram os primeiros dias, pensou. Tinham a vida toda pela frente. O momento da entrega certamente viria.

FOGUEIRA

De onde eles estavam deitados, ele conseguia ver entre as rochas, até a fogueira que ardia na frente da barraca de Hayes. A grande fogueira da Reunião havia se apagado, o brilho das brasas uma tênue lembrança das chamas da declaração, mas a fogueira menor ardia constante como uma estrela contra a noite fria. De vez em quando, uma figura escura de kilt se levantava para alimentá-la, ficava imóvel por um momento contra a claridade e em seguida desaparecia de novo na noite.

Ele percebia vagamente as nuvens em movimento que encobriam a lua, o balançar pesado da lona acima e as sombras escuras da encosta da montanha, mas não tinha olhos para nada além da fogueira lá embaixo, e a mancha branca da tenda atrás dela, disforme como um fantasma.

Ele estava respirando mais devagar, os músculos dos braços e do peito, das costas, nádegas e pernas relaxados. Não em uma tentativa de dormir; o sono estava longe, e ele não pensava em conciliá-lo.

Tampouco era uma tentativa de enganar Claire para que ela achasse que ele dormia. Aconchegada tão próximo de seu corpo, tão próxima de sua mente como estava, ela saberia que ele estava acordado. Não, era apenas um sinal para ela; um fingimento confesso que a livrava de qualquer necessidade de prestar atenção nele. Ela poderia dormir, sabendo que ele estava ocupado com sua mente, sem exigir nada dela.

Poucos dormiam na montanha naquela noite, ele pensou. O som do vento mascarava o murmúrio de vozes, o farfalhar de movimento, mas seus sentidos de caçador registravam algumas leves movimentações, identificavam coisas entreouvidas, dando nomes às sombras em movimento. O roçar de um sapato de couro na rocha, a dobra de um cobertor

chacoalhada. Eram Hobson e Fowles, partindo sozinhos e quietos no escuro, com medo de esperar pela manhã, caso tivessem sido traídos durante a noite.

Algumas notas de música foram trazidas por uma rajada de vento vinda de cima – concertina e violino. Os escravos de Jocasta, que se recusavam a ceder aquela rara celebração às necessidades de sono ou aos imperativos do clima.

O choro estridente de um bebê. Jemmy? Não, vinha de trás. A pequena Joan, então, e a voz de Marsali, baixa e doce, cantando em francês.

–... *Alouette, gentille Alouette...*

Então, um som que ele tinha esperado; passos passando pelo lado mais distante das rochas que limitavam o santuário de sua família. Leves e rápidos, descendo a encosta. Ele esperou, de olhos abertos, e em poucos momentos ouviu a saudação baixa de uma sentinela perto da tenda. Nenhuma figura apareceu à luz da fogueira lá embaixo, mas a aba da barraca se moveu, abrindo-se, e em seguida se fechou.

Como ele pensara, então; havia um sentimento forte contra os revoltosos. Não era considerado uma traição dos amigos, mas sim o ato de entregar criminosos para proteger aqueles que tinham escolhido viver de acordo com a lei. Poderia ser relutante – as testemunhas tinham esperado a escuridão –, mas não secreto.

–... *je te plumerai la tête...*

Ocorreu-lhe se perguntar por que as músicas cantadas para as crianças costumavam ser tão assustadoras, sem que se preocupassem com as palavras que elas bebiam com o leite da mãe. As canções infantis não passavam para ele de cânticos sem ritmo – talvez por isso ele prestasse mais atenção do que a maioria das pessoas na letra.

Até mesmo Brianna, que vinha de uma época presumidamente mais pacífica, cantava canções de mortes terríveis e perdas trágicas para o pequeno Jem, com um olhar tão doce quanto o da Virgem amamentando Jesus Cristo. Aquele verso sobre a filha do minerador que morrera afogada em meio aos seus patos...

Ele ficou pensando nas coisas tenebrosas que a Mãe Abençoada podia ter em seu próprio repertório de canções de ninar; a julgar pela Bíblia, a Terra

Sagrada não tinha sido mais pacífica do que a França ou a Escócia.

Ele teria se benzido, repreendendo-se pelo pensamento, mas Claire estava deitada sobre o seu braço direito.

– Eles estavam errados? – A voz de Claire soou suave embaixo do queixo dele, que se sobressaltou.

– Quem?

Ele inclinou a cabeça na direção da dela e beijou seus cachos macios. Seus cabelos cheiravam a fumaça e tinham o aroma forte e pronunciado dos frutos do junípero.

– Os homens de Hillsborough.

– Sim, acho que sim.

– O que você teria feito?

Ele suspirou, erguendo um dos ombros.

– Posso dizer? Sim, se eu tivesse sido traído, sem chance de reparação, eu ia querer pôr as mãos no homem responsável por isso. Mas o que foi feito lá, você soube. Casas derrubadas e incendiadas, homens arrastados para fora e espancados sem piedade apenas por causa do cargo que ocupavam... não, Sassenach. Não sei o que eu teria feito... mas não faria isso.

Ela virou um pouco a cabeça, e ele viu a curva de seu rosto, rodeada de luz, e a flexão do músculo que se estendia na frente de sua orelha quando ela sorria.

– Não pensei que faria. Não consigo imaginar você como parte de uma turba.

Ele beijou a orelha dela, para não responder diretamente. *Ele* conseguia se imaginar como parte de uma turba, com facilidade. Era o que o assustava. Ele conhecia bem demais a força de uma turba.

Um escocês era um guerreiro, mas o homem mais poderoso era apenas um homem. Era a loucura que unia os homens que tinham dominado os vales por mil anos; aquela vibração no sangue quando se ouvem os gritos dos companheiros, quando se sente a força do todo sustentá-lo como asas e quando se conhece a imortalidade – pois mesmo que você sucumbisse, ainda seria levado adiante, o seu espírito gritando na garganta dos que correram ao seu lado. Só mais tarde, quando o sangue corria frio nas veias flácidas e os ouvidos surdos ouviam as mulheres chorando...

– E se não fosse um homem quem traísse você? E se fosse a Coroa ou a Corte? Não uma pessoa, quero dizer, mas uma instituição.

Ele sabia aonde ela queria chegar. Abraçou-a com mais força, a respiração dela quente contra os nós de seus dedos, curvados logo abaixo do queixo dela.

– Não é isso. Não aqui. Não agora.

Os revoltosos tinham atacado em resposta aos crimes dos homens, de indivíduos; o preço desses crimes poderia ser pago com sangue, mas não reparado com a guerra – ainda não.

– Não é – disse ela, baixinho. – Mas vai ser.

– Não agora – repetiu ele.

O pedaço de papel estava guardado em segurança no alforje, suas convocações odiosas escondidas. Ele teria que lidar com elas, e logo, mas naquela noite ia fingir que não estava ali. Uma última noite de paz, com sua mulher nos braços, a família ao redor.

Outra sombra perto da fogueira. Outra saudação da sentinela, mais um a passar pelo portão dos traidores.

– E *eles* estão errados? – Ela inclinou a cabeça levemente na direção da tenda lá embaixo. – Os que foram entregar seus conhecidos?

– Sim – disse ele depois de um momento. – Estão errados também.

Uma turba poderia dominar, mas eram os indivíduos que pagariam pelo que fosse feito, individualmente. Parte do preço era a quebra da confiança, colocando vizinho contra vizinho, o medo de uma corda apertando o pescoço até não haver mais um sopro de misericórdia nem de perdão.

Começara a chover; o leve bater das gotas na lona acima deles se tornou constante, e o ar ganhou vida com o correr da água. Era uma tempestade de inverno; nenhum raio iluminava o céu, e as montanhas altas estavam invisíveis.

Ele puxou Claire para mais perto de si, curvando a mão livre sobre sua barriga. Ela suspirou, um leve gemido de dor, e se ajeitou, com o traseiro arredondado se acomodando como um ovo na curva de suas coxas. Ele podia sentir a fusão começar conforme ela relaxava, aquela mistura do seu corpo com o dela.

No começo, só acontecia quando ele a possuía, e apenas no fim. Então,

cada vez mais cedo, até a mão dela sobre ele ser ao mesmo tempo um convite e uma conclusão, uma entrega inevitável, oferecida e aceita. Ele resistira algumas vezes, apenas para ter certeza de que podia, repentinamente temeroso de se perder de si mesmo. Ele a considerava uma paixão traiçoeira, como aquela que tomava uma turba de homens, unindo-os em uma fúria irracional.

Agora, acreditava que era certo. Afinal a Bíblia dizia: *Que sejam uma só carne e O que Deus uniu, o homem não separa.*

Ele tinha sobrevivido a uma separação assim antes; não conseguiria passar por aquilo duas vezes e continuar vivo. As sentinelas tinham armado uma lona perto da fogueira para protegê-los da chuva. No entanto, as chamas crepitavam enquanto a chuva caía e iluminavam o tecido claro com um brilho que pulsava como um batimento cardíaco. Ele não tinha medo de morrer com ela, queimado ou de qualquer outro modo – mas de viver sem ela.

O vento mudou, levando consigo o som baixo de risos na pequena barraca onde os recém-casados dormiam – ou não dormiam. Ele sorriu, ouvindo. Esperava que a filha encontrasse tanta felicidade em seu casamento como ele havia encontrado no dele – e até aquele momento estava tudo bem. O rosto do rapaz se iluminava quando ele olhava para ela.

– O que você vai fazer? – perguntou Claire suavemente, suas palavras quase perdidas em meio ao barulho da chuva.

– O que devo.

Não era resposta, mas era a única que tinha.

Não havia mundo fora daquele lugar, ele disse a si mesmo. A Escócia tinha sumido, as Colônias estavam sumindo – o que existia adiante ele só conseguia imaginar vagamente pelas coisas que Brianna lhe contava. A única realidade era a mulher em seus braços; seus filhos e netos, seus arrendatários e servos – esses eram os presentes que Deus lhe dera; para acolher, para proteger.

A encosta da montanha estava escura e silenciosa, mas ele sentia todos ao seu redor, confiando que ele os protegeria. Se Deus dera a ele essa responsabilidade, certamente também lhe daria a força para cumpri-la.

Ele estava ficando excitado pelo contato próximo, seu pênis ereto

desconfortavelmente contido. Ele a desejava, havia dias, e o desejo fora deixado de lado em meio à movimentação da Reunião. A dor em suas bolas ecoava o que ele acreditava ser a dor no ventre dela.

Já fizera amor com ela enquanto estava menstruada, uma vez ou outra, quando os dois ansiavam demais para esperar. Ele achou confuso e perturbador, mas excitante também, algo que o deixou com uma leve sensação de vergonha que não era de todo desagradável. Aquele não era o momento nem o lugar para isso, claro, mas a lembrança de outras vezes e de outros lugares fez com que ele se mexesse, afastando-se dela, para não incomodá-la com a evidência corporal de seus pensamentos.

Mas o que ele sentia agora não era desejo – não exatamente. Não era nem mesmo a necessidade de tê-la, a necessidade de companhia para a alma. Queria cobrir o corpo dela com o dele, possuí-la – pois, se pudesse fazer isso, poderia fingir para si mesmo que ela estava segura. Cobrindo-a assim, unidos em um só corpo, ele poderia protegê-la. Ou era o que sentia, mesmo sabendo que o sentimento não fazia sentido.

Ele havia se retesado, o corpo se contraindo involuntariamente com seus pensamentos. Claire se remexeu e levou uma das mãos para trás do corpo. Pousou-a sobre a perna dele, deixou-a ficar ali por um momento e então subiu mais, em uma dúvida sonolenta.

Ele inclinou a cabeça e encostou os lábios atrás da orelha dela. Disse o que estava pensando, sem pestanejar.

– Nada vai atingi-la enquanto houver vida no meu corpo, *a nighean donn*. Nada.

– Eu sei – disse ela.

Seus membros relaxaram lentamente, a respiração se acalmou, e a barriga arredondada se dilatou sob a palma da mão dele quando ela adormeceu. Sua mão permaneceu nele, cobrindo-o. Ele estava tenso e desperto, e permaneceu assim muito tempo depois de o fogo ser apagado pela chuva.

PARTE II

O Chamado do Chefe



LAR, DOCE LAR

Gideon esticou a cabeça como uma serpente, mirando a perna do cavaleiro à sua frente.

– *Seas!* – Jamie afastou a cabeça do cavalo antes que ele pudesse dar uma mordida. – Filho da puta maldito! – murmurou ele.

Geordie Chisholm, sem saber que havia escapado por pouco dos dentes de Gideon, ouviu o comentário e olhou para trás, assustado. Jamie sorriu e tocou o chapéu para se desculpar, cutucando o cavalo para que ultrapassasse a mula de patas compridas de Chisholm.

Jamie deu um chute nas costelas de Gideon, para que ele passasse à frente dos outros viajantes que se moviam devagar, a uma velocidade alta o suficiente para impedir que a fera mordesse, golpeasse e derrubasse crianças desgarradas, causando confusão. Depois de uma semana de viagem, ele estava mais do que acostumado às tendências do garanhão. Passou por Brianna e Marsali, até a metade da coluna, em um trote lento; quando passou por Claire e Roger, que estavam na dianteira, movia-se depressa demais para fazer mais do que um floreio com seu chapéu em saudação a eles.

– *A mhic an dhiobhail* – disse ele, voltando a colocar o chapéu e inclinando-se sobre o pescoço do cavalo. – Você é rápido demais para o seu próprio bem, sem falar no meu. Vamos ver quanto tempo dura no terreno acidentado.

Ele deu um puxão para a esquerda, para fora da trilha, descendo o monte, pisando na grama seca e tirando os galhos sem folhas do caminho com estampidos de galhos se partindo. O que aquele desgraçado precisava era de terra plana, na qual Jamie pudesse fazê-lo galopar como um louco e

voltar com ele bufando. Como não havia um trecho plano nos próximos 30 quilômetros, teria que se contentar com uma segunda opção.

Segurou as rédeas, estalou a língua, golpeou com os dois pés as costelas do cavalo e eles atravessaram a encosta como se tivessem sido disparados de um canhão.

Gideon tinha ossos largos, era bem cuidado e rápido, motivo pelo qual Jamie o havia comprado. Também era teimoso e mal-humorado, por isso não tinha custado muito. Mais do que Jamie conseguia gastar com facilidade, mesmo assim.

Enquanto passavam por um pequeno riacho, pulavam um tronco e subiam por uma encosta quase vertical tomada de carvalho anão e pés de caqui, Jamie se pegou pensando se tinha feito um ótimo negócio ou cometido suicídio. Foi o último pensamento coerente que ele teve antes de Gideon desviar para o lado, esmagando a perna de Jamie contra uma árvore e em seguida ajeitando as patas traseiras e descendo em disparada o outro lado da encosta até um bosque cerrado, espantando bandos de codornizes com suas patas enormes.

Meia hora depois de desviar de galhos baixos, atravessar riachos e galopar por várias encostas, Gideon estava, senão exatamente dócil, pelo menos exausto o suficiente para ser manejável. Jamie estava encharcado até as coxas, machucado, sangrando em uma dúzia de arranhões e respirando quase com a mesma dificuldade que o cavalo. No entanto, ainda estava na sela, e ainda no comando.

Virou a cabeça do cavalo na direção do sol poente e estalou a língua de novo.

– Venha! – ordenou. – Vamos para casa.

Eles tinham se exaurido, mas devido ao terreno irregular, não tinham percorrido uma distância suficiente para se perderem por completo. Ele virou a cabeça de Gideon para cima e em um quarto de hora chegou a um pequeno espinhaço que reconheceu.

Eles atravessaram o espinhaço, procurando um caminho seguro em meio aos carvalhos, choupos-brancos e espruces. O grupo não estava longe dali, ele sabia, mas poderia levar um tempo para chegar até eles, e ele voltaria a se juntar ao grupo antes que chegassem à Cordilheira. Não que Claire ou

MacKenzie não fossem capazes de guiá-los, mas ele admitiu para si mesmo que queria muito voltar ao vilarejo na dianteira do grupo, guiando seu pessoal para casa.

– Cristo, homem, você acha que é Moisés – murmurou ele, balançando a cabeça enquanto ria de suas próprias pretensões.

O cavalo estava exausto, e quando as árvores ficaram mais esparsas, Jamie parou para descansar um pouco – relaxando as rédeas, mas segurando com força para desestimular qualquer ímpeto que a criatura pudesse ter. Eles estavam em um pequeno bosque de bétulas-brancas, à beira de um afloramento rochoso que margeava uma queda de 12 metros; ele achava que o cavalo era muito seguro de si para pensar em suicídio, mas era melhor tomar cuidado, para o caso de ele cismar de jogar quem o montava lá embaixo.

A brisa soprava do oeste. Jamie ergueu o queixo, aproveitando o toque frio em sua pele aquecida. A terra se estendia em ondulações marrons e verdes, com trechos coloridos aqui e ali, iluminando a névoa nos vales como o brilho da fumaça do acampamento. Ele se sentiu tomado por uma paz ao contemplar aquela vista e respirou fundo, o corpo relaxando.

Gideon também relaxou, e toda a agitação cedeu lentamente como água escorrendo de um balde. Devagar, Jamie pousou as mãos com cuidado no pescoço do cavalo, que ficou parado, com as orelhas para a frente. Ah, pensou ele, dando-se conta de que aquele era um Lugar.

Pensava em lugares como aquele de um jeito que não conseguia expressar em palavras, apenas reconhecendo-os quando os encontrava. Poderia chamá-lo de sagrado, a não ser pelo fato de que a sensação causada por um lugar assim não tinha nada que ver com igreja nem santos. Era simplesmente um lugar onde se sentia bem, e isso bastava, ainda que preferisse estar sozinho quando os encontrava. Deixou as rédeas se afrouxarem em torno do pescoço do cavalo. Nem mesmo uma criatura teimosa como Gideon criaria problemas ali, ele sentia.

Como esperava, o cavalo ficou quieto, a grande cernelha negra fumegando sob o vento frio. Eles não iam demorar muito, mas ele sentiu uma felicidade profunda com aquele descanso momentâneo – não da batalha com Gideon, mas do contato com as pessoas.

Ele aprendera bem cedo o truque de viver isoladamente em uma multidão, sozinho em sua mente quando o corpo não podia ficar. Mas era um homem das montanhas, e aprendera cedo, também, o encanto da solidão e o poder de cura dos lugares silenciosos.

De repente, teve um vislumbre de sua mãe, um dos pequenos retratos vívidos que sua mente preservava, produzindo-os inesperadamente em resposta a sabia Deus o quê – um som, um cheiro, algum fragmento de lembrança.

Ele estava à procura de coelhos na encosta, enalorado e suando em bicas, os dedos pinicando por causa do tojo e a camisa grudada ao corpo com lama e suor. Tinha avistado um pequeno bosque de árvores e fora até elas para aproveitar o refrigério. Sua mãe estava lá, sentada em meio às sombras esverdeadas, no chão ao lado de uma pequena fonte. Estava parada, algo incomum, com as mãos compridas sobre o colo.

Ela não disse nada, apenas sorriu para ele, que foi até ela, também sem dizer nada, mas tomado por uma forte sensação de paz e contentamento, apoiando a cabeça em seu ombro, sentindo seu braço ao redor dele e sabendo que estava no centro do mundo. Tinha 5 ou 6 anos, talvez.

Tão repentinamente quanto viera, a visão desapareceu, como uma truta clara na água escura, deixando para trás a mesma sensação profunda de paz – como se alguém o envolvesse de súbito e uma mão suave tocasse seus cabelos.

Desceu do cavalo, precisando sentir as agulhas de pinheiro sob as botas, uma ligação física com aquele lugar. O cuidado fez com que ele amarrasse as rédeas em um pinheiro forte, apesar de Gideon parecer bastante tranquilo; o garanhão havia abaixado a cabeça e cheirava tufo de grama seca. Jamie ficou parado por um momento, em seguida se virou cuidadosamente para a direita, olhando para o norte.

Não se lembrava mais de quem havia ensinado aquilo a ele, se tinha sido a mãe, o pai ou o velho John, pai de Ian. Porém, ele se voltou para o sol, murmurando a breve oração a cada um dos quatro pontos cardeais, e terminou virando-se para o oeste, para o sol poente. Formou conchas com as mãos vazias e a luz as preencheu, transbordando de suas palmas.

*Que Deus torne seguro para mim cada passo.
Que Deus abra para mim cada caminho,
Que Deus clareie para mim cada estrada,
E que Ele me tome nas palmas de Suas mãos.*

Com um instinto mais antigo do que a oração, pegou o cantil do cinto e despejou algumas gotas no chão.

Fragmentos de sons chegaram até ele, levados pela brisa – risos e chamados, o som dos animais passando por entre os arbustos. A caravana não estava muito longe, além de um pequeno vale, vindo lentamente pela curva da encosta do outro lado. Ele deveria ir agora, para se unir a eles na última subida em direção à Cordilheira.

Ainda assim, hesitou um pouco, sem querer quebrar o feitiço do Lugar. Um leve movimento chamou-lhe a atenção pelo canto dos olhos, e ele se curvou, estreitando os olhos para perscrutar as sombras embaixo de um arbusto.

Estava parado, confundindo-se perfeitamente com o pano de fundo escuro. Ele nunca o teria visto se seus olhos de caçador não tivessem notado o movimento. Um gatinho com o pelo cinza espichado como a penugem de um dente-de-leão, olhos enormes arregalados e sem piscar, quase sem cor na penumbra embaixo da moita.

– *A Chait* – sussurrou ele, estendendo lentamente um dedo na direção dele. – O que está fazendo aí?

Um gato feroz, sem dúvida; nascido de uma mãe selvagem, fugida da cabana de algum colono e que havia muito estava livre das amarras da domesticidade. Ele acariciou o pelo arrepiado de seu peito, e o gato afundou subitamente seus dentinhos no polegar dele.

– Ai!

Ele se afastou e olhou para a gota de sangue que brotava de um pequeno furo. Olhou para o gato por um momento, mas o animal se limitou a olhar para ele de volta, sem fazer qualquer movimento para fugir. Ele fez uma pausa e então se decidiu. Passou a gota de sangue de seu dedo nas folhas, uma oferta para se unir ao trago que havia derramado, um presente para os

espíritos do Lugar, que evidentemente tinham decidido oferecer um presente a ele.

– Certo – disse ele baixinho.

Ajoelhou-se e estendeu a mão com a palma para cima. Muito lentamente, mexeu um dedo, depois o outro, o outro e o outro, depois de novo, no movimento ondulante das algas na água. Os grandes olhos claros se fixaram na dança dos dedos, observando como se estivesse hipnotizado. Ele viu a ponta do rabinho se mexer, muito de leve e sorriu.

Se conseguia pegar uma truta – e conseguia –, por que não um gato?

Emitiu um som baixo entre os dentes, um assovio, como o canto distante de pássaros. O gatinho ficou olhando, assustado, enquanto seus dedos se movimentavam invisivelmente mais perto. Quando enfim tocou o pelo do animalzinho de novo, o gato não tentou escapar. Com um dedo por entre a pelagem e outro sob as almofadinhas frias de uma das patas, o gatinho permitiu que Jamie o erguesse do chão na mão dele.

Ele o segurou contra o peito por um momento, acariciando-o com um dos dedos, percorrendo o contorno sedoso de sua mandíbula, as orelhas delicadas. O gatinho fechou os olhos e começou a ronronar extasiado, roncando na palma da mão dele como um trovão distante.

– Ah, então você vem comigo, não é?

Sem esperar pela resposta do gato, ele abriu a gola da camisa e colocou o bichinho lá dentro, onde ele cutucou suas costelas por um tempo até se aninhar contra a pele dele, o ronronar reduzido a uma vibração silenciosa, mas agradável.

Gideon parecia satisfeito com o descanso. Partiu bem-disposto e, depois de um quarto de hora, tinham alcançado os outros. A docilidade momentânea do garanhão desapareceu sob o esforço da última subida.

Não que o cavalo não conseguisse subir a encosta íngreme; o que ele não tolerava era seguir outro cavalo. Não importava se Jamie desejava levá-los para casa ou não – se Gideon tivesse escolha, eles iriam não apenas na frente, mas muitos metros à frente.

A coluna de viajantes se estendia por 800 metros, cada grupo de família viajando a seu ritmo: Frasers, MacKenzies, Chisholms, MacLeods e Aberfeldys. A cada espaço e alargamento da trilha, Gideon passava com

tudo, resvalando em mulas, ovelhas, pessoas que viajavam a pé e éguas; chegou até mesmo a afugentar os três porcos que seguiam lentamente atrás da vovó Chisholm. Os porcos se enfiaram em um arbusto com um coro de guinchos desesperados quando Gideon partiu para cima deles.

Jamie estava bastante solidário com o cavalo; ávido por chegar em casa e tendo se esforçado muito para isso, ele se irritava com qualquer coisa que ameaçasse atrasá-lo. No momento, o principal impedimento para progredir era Claire, que havia – maldição! – parado sua égua na frente dele e apeado para pegar mais ervas do caminho. Como se a casa toda já não estivesse lotada, da porta até o telhado, de plantas, e seu alforje não estivesse abarrotado delas!

Gideon, percebendo o humor de Jamie com sensibilidade, esticou o pescoço e mordiscou as ancas da égua. O animal se assustou, relinchou e partiu caminho acima, as rédeas soltas balançando. Gideon emitiu um ruído profundo de satisfação e partiu atrás dela, mas foi puxado sem cerimônia para que parasse.

Claire se virara com o barulho, os olhos arregalados. Olhou para Jamie e para o caminho adiante, por onde sua égua havia desaparecido, e para ele de novo. Deu de ombros como se pedisse desculpas, com as mãos cheias de folhas e raízes.

– Desculpe – disse ela, mas ele viu o canto de sua boca se entortar e o rosto corar, o sorriso brilhando em seus olhos como a luz da manhã na água das trutas.

Um pouco contra a vontade, sentiu a tensão de seus ombros diminuir. Ele pensara em repreendê-la; ainda pretendia fazê-lo, na verdade, mas não encontrava palavras.

– Suba, mulher! – disse ele, irritado, meneando a cabeça. – Quero o meu jantar.

Ela riu e subiu no cavalo, recolhendo as saias. Gideon, irritado com o peso adicional, virou-se para tentar morder o que encontrasse. Jamie estava pronto para isso; bateu a ponta da rédea com força no focinho do cavalo, fazendo com que ele se virasse e relinchasse surpreso.

– Que isto sirva de lição, seu maldito!

Ele abaixou o chapéu sobre as sobrelhas e ajeitou a mulher com

segurança, as saias esvoaçantes presas embaixo das coxas dela, que passou os braços em volta da cintura dele. Estava sem sapatos e sem meias, e suas panturrilhas longas contrastavam com o pelo escuro do cavalo. Ele pegou as rédeas e golpeou com as pernas os flancos do cavalo, um pouco mais forte do que o necessário.

Gideon imediatamente se empinou, recuou, se contorceu e tentou derrubar os dois. O gatinho, que havia despertado de seu cochilo, afundou as garras na barriga de Jamie e gemeu assustado, apesar de o barulho ter sido abafado pelo berro muito mais alto de Jamie, que puxou a cabeça do cavalo, xingando, e golpeou os quartos traseiros do animal com a perna esquerda.

Difícil de dominar, Gideon girou em uma espiral. Seguiram-se um leve ruído de surpresa e uma sensação repentina de vazio atrás dele, quando Claire foi atirada no chão como um saco de farinha. De repente, o cavalo cedeu à tensão em sua boca e partiu desembestado pelo caminho na direção errada, passando por um espinheiro e fazendo uma parada tão abrupta que quase tombou sobre as próprias ancas, espalhando lama e folhas secas por toda parte. Então, ele se esticou como uma serpente, balançou a cabeça e trotou tranquilamente para cheirar o cavalo de Roger, que estava parado à beira da clareira, observando-os com o mesmo ar confuso de seu cavaleiro apeado.

– Tudo bem aí? – perguntou Roger, erguendo uma sobrancelha.

– Certamente – respondeu Jamie, tentando recuperar o fôlego e manter a dignidade. – E você?

– Tudo bem.

– Ótimo. – Ele já estava descendo da sela quando falou. Jogou as rédeas na direção de MacKenzie, sem esperar para ver se ele as pegara, e correu de volta em direção à trilha, gritando. – Claire! Onde está você?

– Aqui! – disse ela alegremente, emergindo da sombra dos arbustos, com folhas nos cabelos e mancando um pouco, mas parecendo bem, de modo geral. – Você está bem? – perguntou ela, arqueando a sobrancelha.

– Sim, estou bem. Vou dar um tiro nesse cavalo.

Ele a abraçou rapidamente, querendo ter certeza de que ela estava inteira. Claire estava ofegante, mas bem, e o beijou no nariz.

– Bem, não atire nele antes de chegarmos em casa. Não quero andar os

últimos 2 quilômetros descalça.

– Ei! Largue isso, sua peste!

Jamie soltou Claire e, quando se virou, viu Roger puxando um punhado de plantas da boca de Gideon. Mais plantas – que mania era essa de colher coisas? Claire ainda estava ofegante por causa do acidente, mas se inclinou para a frente a fim de examiná-las, interessada.

– O que é isso, Roger?

– É para Bree – respondeu ele, mostrando os ramos. – São do tipo certo?

Aos olhos cínicos de Jamie, elas se pareciam com a parte de cima amarelada das cenouras, deixadas por tempo de mais no solo, mas Claire tocou a folhagem e assentiu, aprovando.

– Ah, sim – disse ela. – *Muito* romântico!

Jamie emitiu um leve ruído diplomático indicando que talvez eles devessem retomar a viagem, uma vez que Bree e os Chisholms, mais lentos, alcançariam aquele ponto em breve.

– Sim, tudo bem – disse Claire, dando um tapinha no ombro dele, o que ele considerou como um gesto apaziguador. – Não resmungue; estamos indo.

– Humm – murmurou ele, e se inclinou para colocar uma das mãos embaixo do pé dela.

Alavancando-a até a sela, ele lançou um olhar para Gideon do tipo “Não tente nenhuma gracinha, seu idiota”, e subiu atrás dela.

– Você espera os outros, então, e os leva pelo caminho?

Sem aguardar a confirmação de Roger, Jamie manejou as rédeas e colocou Gideon no caminho de novo.

Calmo por estar à frente, Gideon se dedicou à tarefa, passando por bosques de faias e álamos, nogueiras e espruces. Mesmo com o ano já bastante avançado, ainda havia algumas folhas nas árvores, e pequenos fragmentos marrons e amarelos caíam delas, flutuando como uma chuva leve, prendendo-se na crina do cavalo, pousando nos cachos soltos e densos dos cabelos de Claire. Os cabelos tinham se soltado na queda repentina, e ela não se deu ao trabalho de prendê-los.

A tranquilidade de Jamie retornara diante da sensação de progresso, e foi praticamente restaurada pela descoberta fortuita do chapéu que ele havia

perdido, pendurado em um galho alvo de carvalho no caminho, como se tivesse sido colocado ali por uma mão gentil. Ainda assim, em sua mente ele permanecia intranquilo, não conseguia encontrar serenidade, apesar de as montanhas estarem em paz à volta dele, o ar tomado por uma névoa azulada e cheirando a madeira e sempre-vivas.

Então, ele percebeu, com um nó no estômago, que o gatinho havia partido. Havia marcas de unha na pele de seu peito e de seu abdômen, por onde o animal havia subido desesperado em uma tentativa de escapar, mas ele deveria ter pulado da abertura da camisa e escapado sobre seu ombro na carreira desgovernada encosta abaixo. Ele olhou para os lados, procurando nas sombras embaixo de arbustos e árvores, mas foi em vão. As sombras se alongavam, e eles estavam no caminho principal agora, onde ele e Gideon tinham partido pela mata.

– Vá com Deus – murmurou ele, e se benzeu depressa.

– O que foi? – perguntou Claire, virando-se na sela.

– Nada – respondeu ele. Afinal, era um gato selvagem, ainda que pequeno. Sem dúvida, sobreviveria.

Gideon manejava o freio, mordiscando e balançando a cabeça. Jamie notou que a tensão em suas mãos passava para as rédeas de novo e afrouxou conscientemente o manejo. Afrouxou também os braços em torno de Claire, e ela subitamente respirou fundo.

O coração dele batia acelerado.

Era impossível voltar para casa depois de uma ausência sem certa apreensão. Durante anos depois da Rebelião, ele vivera em uma caverna, aproximando-se de sua casa raramente, depois que escurecia e com grande cautela, sem saber o que poderia encontrar lá. Mais de um homem das Terras Altas voltara para casa e a encontrara incendiada, sem sua família. Ou pior, com a família ainda lá.

Era muito fácil dizer a si mesmo para não imaginar horrores; a dificuldade era que ele não precisava imaginar – a memória bastava.

O cavalo arrastava as patas, dificultando a viagem. Não adiantava dizer a si mesmo que aquele lugar era novo; era, e tinha seus próprios perigos. Embora não houvesse soldados ingleses naquelas montanhas, ainda havia saqueadores. Aqueles indolentes demais para se estabelecer e se sustentar por

meios próprios, que vagavam pela região, roubando e pilhando. Índios. Animais selvagens. E fogo. Sempre fogo.

Ele mandara os Bugs na frente, com Fergus guiando-os, para que Claire não tivesse de lidar simultaneamente com as tarefas de chegada e hospitalidade. Os Chisholms, os MacLeods e Billy Aberfeldy, com a mulher e a filha pequena, ficariam com eles na casa grande por um tempo; ele havia instruído a sra. Bug para que começasse a cozinhar assim que possível. Com boas montarias e sem crianças e animais, os Bugs deveriam ter chegado à Cordilheira dois dias antes. Ninguém havia voltado para dizer que alguma coisa estava errada, então, talvez, tudo estivesse bem. Mas ainda assim...

Ele não havia notado que Claire também estava tensa, até que de repente ela relaxou contra ele, a mão em sua perna.

– Está tudo bem – disse ela. – Estou sentindo cheiro de fumaça da chaminé.

Ele ergueu a cabeça para farejar. Claire tinha razão; o cheiro da madeira tomava o ar. Não o fedor da conflagração, mas um aroma confortável que carregava a promessa de calor e comida. A sra. Bug, ao que parecia, seguira à risca suas instruções.

Eles dobraram a última curva do caminho e viram, então, a chaminé se projetando além das árvores no espinhaço, a grande nuvem de fumaça se elevando acima das copas.

A casa estava de pé.

Ele respirou fundo com alívio, percebendo agora os outros cheiros de casa; o odor intenso de esterco do estábulo e de carne defumada e pendurada dentro do barracão, e o hálito da floresta ao redor – madeira e folhas secas, pedra e água corrente, fria e deliciosa ao tocar seu rosto.

Eles saíram do vale de nogueiras e entraram na grande clareira onde ficava a casa, sólida e simples, com as janelas douradas pelo que restava da luz do sol.

Era uma casa de estrutura modesta, clara, com telhado de ripas de madeira sobrepostas, linhas simples e muito bem construída, mas impressionante apenas em comparação com as casas simples da maioria dos arrendatários. Sua primeira casa ainda estava de pé, escura e firme, um pouco mais abaixo na colina. Também havia fumaça saindo daquela

chaminé.

– Alguém acendeu a lareira para a Bree e o Roger – disse Claire, meneando a cabeça.

– Que bom – respondeu Jamie. Ele envolveu a cintura dela com mais força, e ela fez um barulho leve e contido na garganta, remexendo o traseiro no colo dele.

Gideon também estava feliz. Esticou o pescoço e relinchou para os dois cavalos que trotavam de um lado para outro no espaço contido do cercado, saudando-os. A égua de Claire estava perto da cerca, com as rédeas soltas; entortou os lábios no que pareceu um desafio. De algum ponto no caminho atrás deles, veio um zurro grave e alegre; Clarence, a mula, ouvindo o movimento e feliz por estar em casa.

A porta se abriu, e a sra. Bug saiu, rechonchuda e corada. Jamie sorriu ao vê-la, e ofereceu o braço para que Claire descesse antes dele.

– Está tudo bem, está tudo bem, e como está o senhor? – perguntou a sra. Bug antes que ele apegasse. Segurava um copo em uma das mãos, um pano na outra, e não parou de polir o copo nem por um segundo, mesmo quando se virou para aceitar o beijo dele em seu rosto marcado.

Ela não esperou uma resposta, mas se virou e ficou na ponta dos pés para beijar Claire, sorrindo.

– Ah, que ótimo que vocês estão em casa, senhora, a senhora e Ele, e o jantar está pronto, então não se preocupem com isso, senhora, mas entrem, entrem, e tirem essas roupas empoeiradas. Vou mandar Arch até o rio para pegar um pouco de água e...

Ela estava de braços dados com Claire, levando-a para dentro da casa, falando sem parar, a mão ainda polindo depressa, os dedos gordos esfregando o pano dentro do copo. Claire olhou para ele por cima de um dos ombros, e ele sorriu para ela enquanto ela desaparecia dentro da casa.

Gideon enfiou o focinho embaixo do braço dele e bateu em seu cotovelo.

– Ah, sim – disse ele, lembrando suas tarefas. – Venha, seu safado.

Quando ele terminou de tirar a sela de seu cavalo e da égua de Claire, de limpá-los e dar-lhes comida, Claire já tinha escapado da sra. Bug; voltando do pasto, ele viu a porta da casa se abrir e Claire sair, olhando de modo culpado para trás, como se temesse que alguém a seguisse.

Para onde ela estava indo? Ela não o viu; virou-se e apressou-se em direção ao canto mais afastado da casa, desaparecendo. Ele a seguiu, curioso.

Ah. Tinha ido para o seu local de trabalho; agora, estava indo até o jardim antes que escurecesse por completo; ele a viu recortada contra o céu no caminho em direção à casa, o que ainda restava da luz do dia preso como teias de aranha nos cabelos dela. Havia pouca coisa crescendo, apenas algumas ervas mais resistentes e coisas que resistiam ao inverno, como cenouras, cebolas e nabos, mas não fazia diferença; ela sempre ia ver como as coisas estavam, por menos tempo que tivesse passado fora.

Ele compreendia a necessidade; ele próprio não se sentia totalmente em casa se não conferisse todos os animais e todas as construções, para saber como estavam as coisas.

A brisa da noite levou até ele um cheiro forte da latrina distante, sugerindo que as coisas ali em breve demandariam sua atenção, por falar em construções. Então se lembrou dos novos moradores que viriam e relaxou. Construir uma nova latrina seria a tarefa certa para os dois filhos mais velhos dos Chisholms.

Ele e Ian haviam escavado aquela, assim que chegaram à Cordilheira dos Frasers. Deus, como ele sentia saudade dele.

– *A Mhicheal bheanaichte* – murmurou. – *São Miguel, proteja-o*. Ele gostava bastante de MacKenzie, mas se pudesse escolher, não teria trocado Ian por ele. Mas a escolha tinha sido de Ian, não dele, e não havia mais nada a dizer a respeito.

Deixando de lado a dor pela perda de Ian, ele foi para trás de uma árvore, abriu a calça e se aliviou. Se o visse, Claire sem dúvida faria seus comentários engraçadinhos a respeito de cães e lobos marcando seu território ao voltar para ele. Nada disso, ele respondeu a ela mentalmente; por que subir o monte, para deixar as coisas piores na latrina? Mas, pensando bem, era a casa *dele*, e se decidisse mijar ali... Ajeitou as roupas, sentindo-se mais à vontade.

Levantou a cabeça e a viu descendo pelo caminho do jardim, com os bolsos do avental cheios de cenouras e nabos. Uma rajada de vento soprou as últimas folhas do bosque de nogueiras em uma dança amarela, cintilando com a luz.

Tomado por um impulso repentino, ele se embrenhou mais entre as árvores e começou a olhar ao redor.

Normalmente, prestava atenção apenas à vegetação comestível para homens ou cavalos, ou com veios retos o suficiente para ser transformada em tábuas ou lenha, ou obstrutiva o suficiente para dificultar a passagem. Quando começou a parte estética, no entanto, ficou surpreso com a variedade disponível.

Cevada madura, com sementes dispostas em fileiras como a trança de uma mulher. Uma planta seca e frágil que parecia a renda na borda de um guardanapo. Um galho de espruce, verde e frio em meio às partes secas, deixando sua seiva fragrante na mão dele ao ser arrancado da árvore. Um galho de folhas de carvalho secas e reluzentes que fazia com que ele se lembrasse dos cabelos dela, com tons de dourado, marrom e cinza. E um pouco de trepadeira vermelha, para dar cor.

Bem na hora; ela estava dobrando a esquina da casa. Perdida em pensamentos, passou a meio metro dele, sem vê-lo.

– *Sorcha* – disse ele baixinho, e ela se voltou, os olhos estreitados contra a luz do sol que se punha, depois enormes e dourados de surpresa ao ver que era ele. – Bem-vinda de volta – disse ele, estendendo um pequeno buquê de folhas e galhos.

– Oh! – exclamou ela.

Olhou para as folhas e para os galhos de novo, em seguida para ele, e os cantos de sua boca se contraíram, tremeram, como se ela fosse rir ou chorar, mas não sabia qual. Estendeu a mão e pegou as plantas, os dedos pequenos e frios ao resvalarem na mão dele.

– Ah, Jamie... são *lindas*.

Ela ficou na ponta dos pés e o beijou, um beijo quente e salgado, e ele quis mais, mas ela já estava se afastando para dentro da casa apressada, com o buquê apertado contra o peito como se fosse ouro. Ele se sentiu agradavelmente tolo, e tolamente satisfeito consigo mesmo. O gosto dela continuava em sua boca.

– *Sorcha* – sussurrou ele, e percebeu que a havia chamado assim um momento antes.

Agora, soava esquisito; não foi à toa que se surpreendeu. Era o nome

dela em gaélico, mas ele nunca a chamava assim. Gostava da estranheza dela, do fato de ser inglesa. Ela era a sua Claire, a sua Sassenach.

E, no entanto, no momento em que passou por ele, ela era *Sorcha*, que significava não apenas “Claire”, mas luz.

Ele respirou fundo, contente.

Sentiu um forte desejo repentino, por comida e por ela, mas não fez nenhum movimento. Alguns tipos de fome eram doces em si mesmos, a antecipação da satisfação um prazer tão intenso quanto o de saciá-las.

Pegadas e vozes; os outros finalmente tinham chegado. Ele sentiu uma vontade repentina de manter aquela solidão pacífica por mais um momento, mas era tarde demais – em segundos, estava cercado pela confusão, pelos gritos de crianças animadas e pelos brados de mães distraídas, pelas boas-vindas aos que chegavam, pela movimentação de descarregar os animais, guardar os cavalos e as mulas, buscar comida e água... entretanto, no meio dessa Babel, ele se movia como se ainda estivesse sozinho, pacífico e calado ao pôr do sol. Estava em casa.

Já estava completamente escuro quando tudo foi por fim separado, o menor dos filhos dos Chisholms foi recolhido e mandado para dentro de casa para jantar, e todos os animais receberam cuidados e foram acomodados para passar a noite. Ele seguia Geoff Chisholm em direção à casa, mas se deteve, demorando-se por um momento na porta escura.

Ficou ali por um momento, esfregando as mãos para afastar o frio enquanto admirava o lugar. Um celeiro confortável e um barracão sólido, um chiqueiro e um cercado para cavalos em boas condições, uma boa cerca de estacas ao redor do jardim desordenado de Claire, para manter os veados longe. A casa se erguia branca no escuro, um espírito benevolente guardando o espinhaço. A luz jorrava de todas as portas e janelas, e o som de risadas vinha de dentro.

Ele percebeu um movimento no escuro, virou-se e viu a filha saindo do depósito da nascente com um balde de leite fresco nas mãos. Ela parou ao lado dele, olhando para a casa.

– É bom estar em casa, não é? – perguntou ela baixinho.

– Sim – respondeu ele. – É.

Eles se entreolharam, sorrindo. Então, ela se inclinou para a frente, olhando para ele de perto. Ela o virou, e a luz da janela incidiu sobre ele, um leve franzir de cenho enrugando a pele entre suas sobrancelhas.

– O que é isso? – perguntou ela, puxando o casaco dele.

Uma folha vermelha brilhante caiu livre e flutuou até o chão. Ela ergueu as sobrancelhas ao vê-la.

– É melhor ir se lavar, pai – disse ela. – Você esteve na hera venenosa.

– Você deveria ter me dito, Sassenach. – Jamie olhou para a mesa perto da janela do quarto, onde eu havia colocado o buquê em um copo de água. O vermelho-vivo da hera venenosa brilhava, mesmo à luz fraca da fogueira. – E pode se livrar disso também. Está zombando de mim?

– Não, não estou – respondi, sorrindo ao pendurar o avental no cabide e pegar minha camisola de renda. – Se eu tivesse dito alguma coisa quando você me deu o buquê, você o teria tomado de volta. É o único ramalhete que me deu, e não acredito que vá ganhar outro, então pretendo guardá-lo.

Ele rosnou e se sentou na cama para tirar as meias. Já tinha tirado o casaco, o lenço da gola e a camisa, e a luz do fogo brilhava na curva de seus ombros. Ele coçou a parte interna do pulso, apesar de eu ter dito a ele que era psicossomático; não havia nenhum sinal de urticária.

– Você nunca veio para casa com urticária provocada por hera venenosa – comentei. – E já deve ter esbarrado em uma vez ou outra, já que passa muito tempo na mata e nos campos. Acho que você deve ser imune. Algumas pessoas são, sabia?

– É mesmo? – Ele pareceu interessado, mas continuou coçando. – É a mesma coisa que acontece com você e Brianna, que não pegam doenças?

– Algo assim, mas por motivos diferentes.

Despi o vestido verde-claro, imundo depois de uma semana de viagem, e tirei meu corpete com um suspiro de alívio.

Levantei-me para checar a panela de água que havia colocado para esquentar nas brasas.

Alguns dos recém-chegados iam passar a noite com Fergus e Marsali ou com Roger e Bree, mas a cozinha, o consultório e o escritório de Jamie estavam tomados de convidados, todos dormindo no chão. Eu não

pretendia ir para a cama sem lavar a sujeira da viagem, mas tampouco queria oferecer um espetáculo público enquanto fazia isso.

A água estava fervendo, borbulhas se formando nas laterais da panela. Coloquei um dedo dentro dela, só para checar – deliciosa e quente. Despejei um pouco dentro da bacia e coloquei a panela de volta nas brasas para manter a água aquecida.

– Não somos totalmente imunes, sabe? – disse a ele. – Algumas coisas, como varíola, não podemos pegar, Roger, Bree e eu, porque fomos vacinados contra elas, e a vacina é permanente. Outras coisas, como cólera e febre tifoide, *provavelmente* não pegaremos, mas as injeções não oferecem imunidade permanente; perdem o efeito depois de um tempo.

Eu me inclinei para procurar nos alforjes que ele havia trazido e deixado perto da porta uma esponja que alguém me dera na Reunião – uma de verdade, importada das Índias – como pagamento por eu ter extraído um dente com abscesso. O ideal para um banho rápido.

– Coisas como malária... o que Lizzie tem...

– Pensei que você a tivesse curado – interrompeu Jamie, franzindo o cenho.

Balancei a cabeça, pesarosa.

– Não, ela sempre vai ter a doença, pobrezinha. Só posso tentar diminuir a gravidade dos acessos e impedi-los de acontecer com muita frequência. Está no sangue dela.

Ele removeu o elástico que prendia seus cabelos e chacoalhou as mechas avermelhadas, deixando-as soltas ao redor da cabeça como uma juba.

– Isso não faz sentido – disse ele, levantando-se para abrir a calça. – Você me disse que quando uma pessoa tinha sarampo, se vivesse, não teria de novo, porque ficava no sangue. Então, eu não poderia pegar catapora nem sarampo agora, porque já tive as duas coisas na infância... elas estão no meu sangue.

– Bem, não é exatamente a mesma coisa – falei, de modo pouco convincente. A ideia de tentar explicar as diferenças entre imunidade ativa, imunidade passiva, imunidade adquirida, anticorpos e infecção parasítica era mais desafiadora do que eu pensava depois de um longo dia de viagem em lombo de cavalo.

Mergulhei a esponja na bacia, deixei que ela absorvesse água e a apertei, aproveitando a textura fibrosa e estranhamente sedosa. Uma névoa fina de areia flutuou dos poros e se assentou no fundo da bacia de porcelana. A esponja ficava macia quando absorvia água, mas eu podia sentir um ponto duro em uma das extremidades.

– Por falar em cavalo...

Jamie pareceu um tanto perplexo.

– Estávamos falando de cavalos?

– Bem, não, mas eu estava pensando nisso. – Balancei uma das mãos, afastando a distinção inconsequente. – De qualquer modo, o que pretende fazer em relação a Gideon?

– Oh! – Jamie jogou a calça no chão e se alongou, pensando. – Bem, não posso atirar nele, acho. E ele é um cara bem forte. Vou cortá-lo, para começar. Talvez isso o acalme um pouco.

– Cortá-lo? Ah, castrá-lo, é o que você quer dizer. Sim, acho que isso chamaria sua atenção, ainda que pareça meio drástico. – Hesitei por um momento, relutante. – Você quer que eu faça isso?

Ele olhou para mim surpreso e então começou a rir.

– Não, Sassenach, não acho que castrar um garanhão seja trabalho para uma mulher, cirurgiã ou não. Não exige um toque delicado, entende?

Fiquei contente em ouvir aquilo. Eu estava mexendo na esponja com o polegar; ela se afrouxou um pouco e uma concha pequena saiu de repente de um poro grande. Flutuou enquanto afundava na água, uma perfeita espiral em miniatura, tingida de rosa e roxo.

– Ah, veja! – exclamei, feliz.

– Que coisinha. – Jamie se inclinou sobre o meu ombro, um dedo grande tocando com delicadeza a concha no fundo da bacia. – Como foi parar na sua esponja?

– Acho que a esponja a comeu por engano.

– Comeu? – Ele ergueu uma das sobrancelhas ruivas ao fazer a pergunta.

– Esponjas são animais – expliquei. – Ou, para ser mais exata, estômagos. Elas sugam água e absorvem tudo de comestível que passa por elas.

– Ah, então foi por isso que Bree chamou o menino de esponjinha. Eles

fazem isso.

Ele sorriu ao pensar em Jemmy.

– Sim, fazem.

Eu me sentei e tirei a combinação dos ombros, deixando que a peça descesse até a minha cintura. O fogo mitigara o frio da sala, mas ainda estava gelado o bastante para que a pele dos meus seios e dos meus braços se arrepiasse.

Jamie pegou o cinto e retirou cuidadosamente as diversas tralhas que ficavam penduradas nele, colocando a pistola, a caixa de balas e o frasco de bebida em cima da pequena mesa. Ele ergueu o frasco e uma sobrancelha de modo questionador na minha direção.

Eu assenti entusiasticamente, e ele se virou para procurar um copo em meio aos objetos. Com tantas pessoas e seus pertences dentro da casa, todos os nossos alforjes, além de um monte de coisas trazidas da Reunião, tinham sido levados e jogados em nosso quarto; as sombras das bagagens nas paredes davam ao lugar uma atmosfera estranha de gruta com paredes cobertas de pedras.

Jamie era tão esponja quanto o neto, pensei, observando-o andar pelo quarto, completamente nu e totalmente despreocupado em relação a isso. Ele absorvia tudo e parecia capaz de lidar com o que quer que aparecesse, não importava quão familiar ou estranha fosse sua experiência. Garanhões maníacos, padres sequestrados, empregadas casamenteiras, filhas teimosas, genros pagãos... Qualquer coisa que ele não conseguia derrotar, superar ou alterar, ele simplesmente aceitava – como a esponja e a concha incrustada nela.

Levando a analogia adiante, eu achava que eu era a concha. Tirada do meu pequeno nicho por uma corrente forte e inesperada, acolhida e cercada por Jamie e sua vida. Presa para sempre entre as estranhas correntes que pulsavam naquele ambiente estranho.

A ideia me deu uma súbita e incômoda sensação. A concha estava no fundo da bacia – delicada, bonita... mas vazia. Lentamente, levei a esponja até a nuca e a apertei, sentindo a água morna descer por minhas costas.

Na maior parte do tempo, eu não tinha arrependimentos. Tinha escolhido estar ali; *queria* estar ali. E, ainda assim, de vez em quando, coisas

pequenas como a nossa conversa sobre imunidade me faziam perceber quanto tinha sido perdido – do que eu tivera, do que eu tinha sido. Era inegável que algumas das minhas partes delicadas tinham sido digeridas, e essa ideia fazia com que eu me sentisse oca de vez em quando.

Jamie se inclinou para procurar dentro de um dos alforjes, e ver seu traseiro nu, virado para mim com tanta inocência, ajudou muito a dispersar a sensação momentânea de inquietação. Eram nádegas de um bom formato, com músculos arredondados – e cobertas por uma penugem ruivo-dourada que reluzia à luz do fogo e da vela. As colunas compridas e pálidas de suas coxas moldavam a sombra de seu escroto, escuro e quase invisível entre elas.

Ele por fim encontrou um copo e o encheu até a metade. Ele se virou e o entregou a mim, erguendo os olhos da superfície do líquido escuro, surpreso ao me ver olhando para ele.

– O que foi? – perguntou. – Aconteceu alguma coisa, Sassenach?

– Não – respondi, mas devo ter parecido meio em dúvida, pois ele franziu o cenho momentaneamente. – Não – disse de modo mais assertivo. Peguei o copo da mão dele e sorri, erguendo-o em agradecimento. – Só estou pensando.

Um sorriso surgiu em seus lábios.

– É? Bem, você não devia fazer isso tão tarde da noite, Sassenach. Vai ter pesadelos.

– Tenho que admitir que você está certo. – Beberiquei do copo; para minha surpresa, era vinho, e muito bom. – Onde conseguiu isso?

– Com o padre Kenneth. É vinho sacramental, mas não consagrado. Ele disse que os homens do xerife iam tomá-lo e preferia que ficasse comigo.

Seu rosto ficou sério por um momento quando ele falou sobre o padre.

– Você acha que ele vai ficar bem? – perguntei.

Os homens do xerife não me pareciam agentes civilizados de uma lei obscura, mas sim valentões cujo preconceito fora contido momentaneamente pelo medo... de Jamie.

– Espero que sim. – Jamie se virou, inquieto. – Eu disse ao xerife que se o padre fosse maltratado, ele e seus homens responderiam por isso.

Assenti silenciosamente, bebericando. Se Jamie ficasse sabendo de qualquer mal feito ao padre Donahue, ele faria o xerife pagar. Essa ideia me

deixou um pouco inquieta; não era um bom momento para fazer inimigos, e o xerife de Orange County não era um bom inimigo.

Olhei para a frente e vi os olhos de Jamie ainda fixos em mim, mas agora, com um olhar de profunda apreciação.

– Você está muito bonita esses dias, Sassenach – observou, inclinando a cabeça para o lado.

– Você só quer me agradar – falei, lançando um olhar frio para ele ao pegar a esponja de novo.

– Você deve ter ganhado uns seis quilos, pelo menos, desde a primavera – disse ele com aprovação, ignorando o olhar e dando a volta em torno de mim para me observar. – Foi um belo verão gordo, não foi?

Eu me virei e joguei a esponja molhada na cabeça dele.

Ele a pegou sorrindo.

– Não sabia que você tinha encorpado tão bem, Sassenach, de tão ocupados que ficamos essas últimas semanas. Não a vejo nua há um mês, pelo menos.

Ele ainda estava olhando para mim com um ar de aprovação, como se eu fosse uma nova candidata ao concurso de Leitoas Gordas.

– Aproveite – disse a ele, com o rosto corado de irritação. – Pode ser que você não me veja nua por um bom tempo!

Vesti a parte de cima da combinação de novo, cobrindo meus seios inegavelmente fartos. Ele ergueu as sobrancelhas, surpreso com o meu tom de voz.

– Está com raiva de mim, Sassenach?

– Claro que não – respondi. – Por que você acharia *isso*?

Ele sorriu, esfregando a esponja distraidamente sobre o peito enquanto me observava. Seus mamilos se eriçaram com o frio, escuros e firmes em meio aos pelos avermelhados e enrolados, a umidade brilhando em sua pele.

– Gosto de você assim, ancha, Sassenach – disse ele suavemente. – Macia e saborosa como uma cereja. Gosto muito.

Eu poderia ter considerado esse comentário uma simples tentativa de se desculpar, não fosse o fato de homens nus serem convenientemente equipados com detectores sexuais de mentira. Ele gostava *mesmo*.

– Ah – falei e abaixei lentamente a parte de cima da combinação. – Se é

assim...

Ele ergueu o queixo, gesticulando. Hesitei por um momento e em seguida me levantei e deixei que a combinação caísse no chão, junto com a calça dele. Estiquei o braço e peguei a esponja da mão dele.

– Eu vou... hum... terminar de me lavar – murmurei.

Virei-me de costas, apoiei um pé no banquinho para me lavar e ouvi um grunhido de aprovação atrás de mim. Sorri para mim mesma, e não me apressei. O quarto estava esquentando. Quando terminei de me lavar, minha pele estava rosada e macia, apenas os dedos das mãos e dos pés um pouco frios.

Eu me virei por fim, e vi Jamie ainda me observando, apesar de ainda esfregar o punho, franzindo o cenho de leve.

– *Você se lavou?* – perguntei. – Ainda que não cause problemas para você, se tiver óleo da hera venenosa na sua pele, ele pode ser transferido para as coisas que você tocar... e *eu* não sou imune a ele.

– Lavei as mãos com sabão de lixívia – disse ele, colocando-as nos meus ombros para demonstrar.

E de fato elas cheiravam ao sabão que fazíamos com cinzas e sebo; não era um sabonete perfumado, mas deixava as coisas limpas. Coisas como as tábuas do chão e panelas de ferro. Não era à toa que ele estava se coçando; o sabonete era agressivo para a pele, e as mãos dele estavam grossas e rachadas.

Inclinei a cabeça e beijei os nós das mãos dele, em seguida estendi a mão para pegar a caixinha onde guardava meus pertences e peguei o frasco de creme. Feito com óleo de noz, cera de abelha e lanolina purificada de lã de carneiro fervida, era agradavelmente suave, com cheiro de essência de camomila, confrei, milefólio e flor de sabugueiro.

Peguei um pouco com a unha e esfreguei entre as minhas mãos; estava quase sólido, mas derretia bem quando aquecido.

– Espere – falei e segurei uma das mãos dele, esfregando creme no espaço entre os dedos e massageando a palma cheia de calos.

Lentamente, ele relaxou, deixando-me esticar cada dedo ao descer pelas articulações e esfregar mais creme nos pequenos arranhões e cortes. Ainda havia marcas em suas mãos onde ele mantivera as rédeas de couro bem

apertadas.

– O ramallete é lindo, Jamie – falei, indicando o pequeno buquê no copo. – Mas por que o fez?

Apesar de ser romântico, a seu modo, Jamie também era muito prático; eu não me lembrava de ele já ter me dado um presente completamente frívolo, e ele não era o tipo de homem que via valor em vegetação que não pudesse ser comida, usada como remédio ou para fazer cerveja.

Ele se remexeu um pouco, claramente desconfortável.

– É que, bem – disse ele, desviando o olhar. – É que... bem, eu tinha uma coisinha para dar a você, mas perdi, e então você pareceu ter gostado daquele ramallete que Roger colheu para Brianna, e eu... – Ele parou de falar, murmurando algo que se parecia com “*ifrinn!*” bem baixinho.

Eu quis muito dar risada. Mas em vez disso ergui a mão dele e beijei os nós dos dedos suavemente. Ele parecia envergonhado, mas satisfeito. Passou o polegar pela beirada de uma bolha mal cicatrizada na palma da minha mão, causada por uma panela quente.

– Tome, Sassenach, você precisa de um pouco disto também. Deixe-me fazer isso – disse ele, inclinando-se para pegar um pouco de pomada verde. Segurou minha mão entre as dele, quentes e ainda escorregadias por causa da mistura de óleo e cera de abelha.

Resisti por um momento, mas então deixei que ele tomasse a minha mão, fazendo círculos lentos e profundos na minha palma que me fizeram querer fechar os olhos e derreter em silêncio. Suspirei de prazer e devo ter fechado os olhos por fim, porque não vi quando ele se aproximou para me beijar; só senti o toque breve e suave de sua boca.

Ergui a outra mão, preguiçosamente, e ele a segurou também, os dedos acariciando os meus. Deixei que meus dedos se entrelaçassem nos dele, polegares lutando delicadamente, as palmas das mãos esfregando-se devagar. Ele estava próximo o suficiente para que eu sentisse seu calor, e o roçar delicado dos pelos descoloridos pelo sol em seus braços encostando no meu quadril quando ele se esticou para pegar mais pomada.

Ele parou, beijando-me suavemente mais uma vez. As chamas sibilavam na fogueira feito as marés e a luz do fogo tremeluzia nas paredes brancas como a luz dançando na superfície da água lá em cima. Era como se

estivéssemos sozinhos no fundo do mar.

– Roger não estava sendo estritamente romântico – falei. – Ou talvez estivesse, dependendo de como você encara a questão.

Jamie pareceu não entender, e pegou minha mão de novo. Nossos dedos se entrelaçaram, movendo-se lentamente, e eu suspirei de prazer.

– Não?

– Bree me perguntou sobre meios para evitar uma gravidez, e eu expliquei a ela os métodos que existem agora, que francamente não são bons, mas ainda são melhores do que nada. Mas a velha vovó Bacon me deu algumas sementes que ela afirma que os índios usam para evitar a gravidez e que supostamente são muito eficientes.

O rosto de Jamie passou por uma mudança muito engraçada: foi de um prazer indolente a uma perplexidade abismada.

– Evitar... o quê? Ela... você se refere àquelas plantas...

– Bem, sim. Ou pelo menos acho que elas podem ajudar a evitar gravidez.

– Humm.

O movimento dos dedos dele diminuiu, e ele franziu o cenho – mais de preocupação do que de desaprovação, pensei. Então voltou a massagear minhas mãos, envolvendo-as com as suas, muito maiores, em um movimento decidido que me obrigou a me render a ele.

Ficou em silêncio por alguns momentos, passando o creme nos meus dedos de um modo sério que se assemelhava mais ao de um homem passando um emoliente no couro da rédea do que ao de um homem fazendo carinho nas mãos dedicadas da esposa. Eu me remexi um pouco, e ele pareceu perceber o que estava fazendo, pois parou, franzindo o cenho, apertou minhas mãos com suavidade e deixou o rosto relaxar. Levou minha mão aos lábios, beijou-a e então voltou a massagear, muito mais lentamente.

– Você acha... – começou.

– O quê?

– Humm. É só... não acha meio estranho, Sassenach? Que uma jovem recém-casada esteja pensando em algo assim?

– Não, não acho – respondi com certa ênfase. – Parece muito sensato para mim. E eles não são tão recém-casados assim. Eles têm... quero dizer,

eles *já* têm um filho.

Ele concordou sem emitir um som.

– *Ela* tem um filho – corrigiu ele. – É o que quero dizer, Sassenach. Na minha opinião, uma jovem que esteja bem com o marido não vai pensar imediatamente sobre como *não* ter um filho dele. Tem certeza de que está tudo bem entre eles?

Parei, franzindo o cenho ao pensar naquilo.

– Acho que sim – respondi, por fim, lentamente. – Lembre-se, Jamie: Bree vem de uma época na qual as mulheres *podem* decidir se e quando querem ter filhos, com uma boa exatidão. Ela sente que isso é seu direito.

Ele movimentou os lábios, pensando. Percebi que ele se debatia diante da ideia – totalmente contrária a sua própria experiência.

– Então, é assim? – perguntou ele, finalmente. – Uma mulher pode dizer que sim ou que não, e o homem não pode decidir?

Sua voz estava carregada de surpresa... e desaprovação.

Eu ri um pouco.

– Bem, não é *exatamente* assim. Ou pelo menos não o tempo todo. Quero dizer, acidentes acontecem. E a ignorância e a tolice. Muitas mulheres simplesmente deixam as coisas acontecerem. E a maioria delas se importa com o que seu homem pensa. Mas sim... acho que, no fundo, é isso.

Ele resmungou um pouco.

– MacKenzie é da mesma época. Então não vai achar esquisito, vai?

– Ele pegou as ervas para ela – observei.

– Pegou.

A linha entre as sobrancelhas dele permaneceu, mas a carranca se suavizou.

Estava ficando tarde, e o murmúrio de conversas e risos diminuía na casa lá embaixo. O silêncio cada vez maior foi interrompido repentinamente pelo choro de um bebê. Nós dois ficamos parados, ouvindo – e então relaxamos quando o murmúrio da voz da mãe chegou até nós pela porta fechada.

– Além disso, não é incomum que uma jovem pense em algo assim... Marsali veio me perguntar, antes de se casar com Fergus.

– Ah, é? – Ele ergueu a sobrancelha. – Você não contou a ela, então?

– Claro que contei!

– Então, o que quer que você tenha dito, não funcionou muito bem, não é?

Ele esboçou um sorriso cínico; Germain havia nascido aproximadamente dez meses após o casamento de seus pais e Marsali engravidara de Joan dias depois de desmamá-lo.

Senti o rosto corar.

– Nada funciona o tempo todo, nem mesmo os métodos modernos. E, na verdade, nada funciona se não for usado.

Na realidade, Marsali queria um contraceptivo não para evitar um bebê, mas porque temia que a gravidez interferisse na intimidade de seu relacionamento com Fergus. *E eu quero gostar quando chegarmos à parte do pau* tinham sido as palavras dela naquela ocasião memorável, e eu mesma franzi os lábios ao me lembrar.

Meu palpite igualmente cínico era que ela havia gostado e tinha decidido que a gravidez não diminuiria sua apreciação das qualidades mais nobres de Fergus. Mas isso voltava aos medos de Jamie em relação a Brianna – pois certamente sua intimidade com Roger estava bem estabelecida. Ainda assim, não era...

Uma das mãos de Jamie permaneceu entrelaçada na minha, a outra deixou meus dedos e tocou outra parte – muito delicadamente.

– Oh – sussurrei, começando a perder a linha de raciocínio.

– Pílulas, você disse.

O rosto dele estava bem próximo, os olhos semicerrados.

– É assim que se faz... então?

– Hum... ah, sim.

– Você não trouxe nenhuma com você – disse ele. – Quando voltou.

Respirei fundo e soltei o ar, sentindo que começava a me entregar.

– Não – respondi, com certa fraqueza.

Ele parou por um momento, com a mão em concha.

– Por que não? – perguntou ele.

– Eu... bem, eu... na verdade, eu pensei... mas é preciso tomá-las sempre. Eu não teria como trazer o suficiente. Existe um método permanente, uma pequena operação. É relativamente simples e torna uma mulher

permanentemente... infértil.

Engoli em seco. Quando cogitei em voltar para o passado, pensei seriamente nas possibilidades de gravidez, bem como nos riscos. Eu acreditava que a chance era bem pequena, tanto pela minha idade quanto pelo meu histórico, mas o risco...

Jamie ficou imóvel, olhando para baixo.

– Pelo amor de Deus, Claire – disse ele por fim, baixinho. – Você fez isso?

Respirei fundo e apertei a mão dele, meus dedos escorregando um pouco.

– Jamie, se eu tivesse feito, teria contado a você – falei suavemente e engoli em seco de novo. – Você... gostaria que eu tivesse feito?

Ele ainda segurava a minha mão. Sua outra mão se afastou, tocou minhas costas, me pressionando, muito delicadamente, contra ele. Sua pele estava quente contra a minha.

Ficamos próximos, nos tocando, sem nos mexer, durante vários minutos. Ele suspirou, o peito subindo sob a minha orelha.

– Já tenho filhos que bastam – disse ele baixinho. – Só tenho uma vida, e é você, *mo chridhe*.

Estendi a mão e toquei seu rosto. Estava marcado pelo cansaço, áspero por causa da barba por fazer; ele não se barbeava havia dias.

Eu *tinha* pensado naquela possibilidade. E quase cheguei a pedir a um cirurgião amigo meu que realizasse a minha esterilização. O sangue-frio e a mente clara exigiam que eu o fizesse; não havia motivos para correr riscos. E ainda assim... não havia garantias de que eu sobreviveria à viagem, chegaria na época ou no lugar certo, voltaria a encontrá-lo. Menor ainda era a chance de engravidar de novo na minha idade.

Ainda assim, depois de ficar longe dele por tanto tempo, sem saber se o encontraria, não consegui destruir nenhuma possibilidade entre nós dois. Eu não queria outro filho. Mas se o encontrasse, e *ele* quisesse... eu me arriscaria.

Eu o toquei de leve, e ele emitiu um ruído baixinho na garganta e tocou os meus cabelos, abraçando-me com força. Nosso amor era sempre risco e promessa – se ele tinha a minha vida em suas mãos quando se deitava

comigo, eu tinha a sua alma, e sabia disso.

– Eu pensei... que você nunca veria Brianna. E eu não sabia sobre Willie. Não era certo eu tirar de você a chance de ter outro filho... não sem lhe dizer.

Você é sangue do meu sangue, eu dissera a ele. *Ossos dos meus ossos*. Isso era verdade, e sempre seria, independentemente de haver filhos ou não.

– Eu não queria outro filho – sussurrou ele. – Eu quero você.

Sua mão se ergueu, como se tivesse vontade própria, e tocou meu seio com a ponta de um dedo, deixando um rastro de pomada perfumada na minha pele. Eu o envolvi com a mão escorregadia e fragrante e dei um passo para trás, levando-o comigo em direção à cama. Só consegui pensar em apagar a vela.

– Não se preocupe com Bree – falei, esticando o braço para tocá-lo quando ele se posicionou em cima de mim, obscurecido contra a luz do fogo. – Roger colheu as ervas para ela. Ele sabe o que ela quer.

Ele suspirou profundamente e deu uma risada que ficou presa em sua garganta quando se aproximou de mim e soltou um leve grunhido de prazer e satisfação ao deslizar entre as minhas pernas, escorregadio e pronto.

– Também sei o que eu quero – disse ele, a voz abafada nos meus cabelos. – Vou buscar outro ramallete para você amanhã.

Entorpecida pela fadiga, lânguida de amor e confortada na cama macia e limpa, dormi como os mortos.

Perto do amanhecer, comecei a sonhar – sonhos agradáveis de toque e cor, sem forma. Mãos pequenas tocavam os meus cabelos, o meu rosto; eu me virei de lado, meio consciente, sonhando que amamentava uma criança. Dedinhos macios massageavam meu seio, e eu levantei a mão para tocar a cabeça da criança. Ela me mordeu.

Gritei, levantei de súbito e vi uma forma acinzentada correr pelo cobertor e desaparecer na ponta da cama. Gritei de novo, mais alto.

Jamie pulou da cama, rolou no chão e se levantou, ombros erguidos e punhos cerrados.

– O que foi? – perguntou ele, olhando ao redor. – Quem? O quê?

– Um rato! – gritei, apontando com um dedo trêmulo o ponto onde o animal cinza havia desaparecido por uma fresta entre os pés da cama e a

parede.

– Ah! – fez ele, relaxando os ombros e piscando enquanto corria a mão pelo rosto e pelos cabelos. – Um rato?

– Um rato na *nossa* cama – falei, recusando-me a analisar a situação com calma. – Ele me mordeu!

Olhei para o meu seio ferido. Não havia sangue; apenas marquinhas de furos que ardiam um pouco. Pensei na raiva, e o meu sangue correu gelado nas veias.

– Não se preocupe, Sassenach. Vou cuidar dele.

Ajeitando os ombros mais uma vez, Jamie pegou o atiçador da fogueira e avançou, decidido, até o pé da cama. A tábua estava firme. Havia um espaço de poucos centímetros entre ela e a parede. Um rato devia estar preso, a menos que tivesse conseguido escapar nos poucos segundos entre o meu grito e o movimento de Jamie.

Eu me ajoelhei, pronta para pular da cama, se fosse preciso. Franzindo o cenho em concentração, Jamie ergueu o atiçador, estendeu a mão livre e tirou o cobertor do caminho.

Ele começou a dar um golpe com o atiçador com bastante força – mas o desviou para o lado, acertando a parede.

– O que foi? – perguntei.

– O que foi? – repetiu ele, em um tom descrente.

Ele se inclinou mais, semicerrando os olhos à luz fraca, e então começou a rir. Soltou o atiçador, abaixou-se no chão e estendeu a mão lentamente no espaço entre o pé da cama e a parede, emitindo um som baixo entre os dentes. Parecia o som de pássaros se alimentando em um arbusto distante.

– Você está *conversando* com o rato?

Comecei a rastejar em direção ao pé da cama, mas ele gesticulou para que eu me afastasse, balançando a cabeça, enquanto ainda emitia o som.

Esperei, com certa impaciência. Um minuto depois, ele atacou, evidentemente pegando o que quer que fosse, pois soltou uma exclamação de satisfação. Ficou de pé, sorrindo, com uma forma peluda e cinza agarrada pela pele do pescoço, pendurada como uma bolsa de seus dedos.

– Aqui está o seu rato, Sassenach – disse ele, e delicadamente colocou a bola de pelos no cobertor.

Olhos enormes de um tom pálido de verde olhavam para mim, sem piscar.

– Minha nossa – falei. – De onde você surgiu?

Estiquei um dedo, muito lentamente. O gatinho não se mexeu. Toquei o contorno de sua mandíbula cinzenta e sedosa, e os olhos verdes desapareceram, semicerrando-se enquanto eu o acariciava. Um ronronado surpreendentemente grave reverberou em seu corpinho.

– Este é o presente que eu *pretendia* dar a você, Sassenach – disse Jamie com imensa satisfação. – Ele vai manter os bichos afastados do seu consultório.

– Bem, bichos *bem pequenos* – falei, observando meu novo presente com dúvidas. – Acho que uma barata grande poderia carregá-lo para o seu buraco, que dirá um rato. É macho?

– Ele vai crescer – disse Jamie. – Veja as patas.

Ele – sim, era *ele* – havia rolado até ficar de barriga para cima e imitava um inseto morto, com as patas erguidas. Cada pata era do tamanho de uma moeda de cobre, pequena por si só, mas enorme em comparação com o corpinho. Toquei as almofadinhas minúsculas, um cor-de-rosa imaculado em meio aos pelos cinza, e o gatinho ronronou extasiado.

Ouvi uma batida discreta à porta e puxei o lençol para cobrir meu peito quando a porta se abriu e a cabeça do sr. Wemyss apareceu, os cabelos arrepiados como um fardo de palha.

– Espero que tudo esteja bem, senhor – disse ele, piscando. – Minha filha me acordou dizendo que ouviu uma comoção e em seguida um ruído surdo, como...

Os olhos dele, desviados de mim, se voltaram para a marca na parede branca, deixada pelo atizador de Jamie.

– Ah, está tudo bem, Joseph – disse Jamie. – É só um gatinho.

– Ah, é?

O sr. Wemyss semicerrou os olhos em direção à cama, o rosto fino abrindo um sorriso ao ver a bolinha de pelos cinza.

– Um gatinho? Ótimo, ele vai ajudar muito na cozinha, não tenho dúvidas.

– Sim. Por falar em cozinha, Joseph... Acha que a sua filha pode trazer

um prato de leite para este gatinho?

O sr. Wemyss assentiu e desapareceu, sorrindo para o gato.

Jamie se espreguiçou, bocejou e passou as mãos vigorosamente pelos cabelos, que estavam ainda mais revoltos do que o normal. Olhei para ele, admirando-o.

– Você parece um mamute cabeludo – disse.

– É? E o que é um mamute, além de grande?

– É uma espécie de elefante pré-histórico. Sabe, os animais com tromba comprida?

Ele semicerrou os olhos, analisando o próprio corpo, e em seguida olhou para mim desconfiado.

– Bem, agradeço o elogio, Sassenach – disse ele. – Mamute, é?

Ergueu os braços e se espreguiçou de novo, arqueando as costas casualmente, o que, sem querer, na minha opinião, aumentava qualquer semelhança que pudesse ser notada entre a anatomia de um homem pela manhã, meio intumescida, e as características faciais de um paquiderme.

Eu ri.

– Eu não estava me referindo *exatamente* a isso – falei. – Pare de se balançar; Lizzie vai entrar logo. É melhor vestir a camisa ou voltar para a cama.

O som de passos lá fora fez com que ele mergulhasse embaixo das cobertas e o gatinho subisse pelo cobertor, temeroso. No fim das contas, foi o próprio sr. Wemyss quem levou o prato de leite, poupando a filha de ver Jamie como veio ao mundo.

Como o tempo estava bom, tínhamos deixado as janelas abertas na noite anterior. O céu estava da cor de ostras frescas, úmido e cinza perolado. O sr. Wemyss olhou para ele, piscou e voltou para sua cama, satisfeito por ter mais meia hora de sono antes do amanhecer.

Soltei o gatinho, que havia se refugiado nos meus cabelos, e o coloquei diante do prato de leite. Eu não acreditava que ele já tivesse visto um prato de leite na vida, mas o cheiro foi o suficiente – em instantes, ele estava com o focinho enfiado no prato, bebendo sem parar.

– Ele é barulhento – comentou Jamie, aprovando. – Consigo ouvir daqui.

– É uma graça. Onde o encontrou?

Eu me aconcheguei na curva do corpo de Jamie, aproveitando seu calor; o fogo havia diminuído durante a noite, e o ar no quarto estava frio, acre por causa das cinzas.

– Na mata.

Jamie bocejou muito e relaxou, apoiando a cabeça no meu ombro para observar o gatinho, que estava entregue ao êxtase da gula.

– Pensei que o tivesse perdido quando Gideon saiu desembestado, mas acho que ele deve ter se enfiado em um dos alforjes e acabou vindo parar aqui.

Entramos em um estupor pacífico, encolhidos no calor da nossa cama enquanto o céu clareava, pouco a pouco, e o ar era tomado pelo canto dos pássaros que despertavam. A casa também estava despertando – o choro de um bebê veio lá de baixo, seguido por farfalhar e burburinho. Nós também tínhamos que nos levantar – havia muito a fazer –, mas nenhum dos dois se mexeu, relutantes em abrir mão daquela sensação de santuário silencioso. Jamie suspirou, a respiração quente sobre o meu ombro nu.

– Uma semana, eu acho – disse ele baixinho.

– Até a sua partida?

– Sim. É o tempo para ajeitar as coisas por aqui e falar com os homens da Cordilheira. Uma semana, então, para passar pela região entre a Linha do Tratado e Drunkard's Creek e reunir todos para inspeção. Depois vou trazê-los para cá para receberem treinamento. Se Tryon convocar a milícia, então...

Fiquei quieta por um momento, minha mão ao redor da de Jamie, enquanto a outra dele envolvia meu seio.

– Se ele chamar, eu vou com você.

Ele beijou minha nuca.

– Você quer isso? – perguntou ele. – Não acho que haverá necessidade. Nem você nem Bree sabem de nenhuma batalha que vá acontecer aqui agora.

– Isso só quer dizer que, se alguma coisa de fato *acontecer*, não vai ser uma batalha de grandes proporções – expliquei. – As Colônias são um território extenso, Jamie. E em duzentos anos de coisas acontecendo, não ficaríamos sabendo a respeito dos conflitos menores, principalmente os que

aconteceram em um lugar diferente. Mas em Boston... – suspirei, apertando a mão dele.

Eu mesma não sabia muito sobre os acontecimentos em Boston. Mas Bree crescera lá e, na escola, tinha aprendido muito sobre a história da cidade e do estado. Eu já a ouvira contando a Roger coisas sobre o Massacre de Boston, um pequeno confronto entre cidadãos e tropas britânicas ocorrido em março do ano anterior.

– É verdade – disse ele. – Ainda assim, não parece que isso vá dar em nada. Acho que Tryon só quer assustar os reguladores para que eles se comportem.

Isso de fato era possível. No entanto, eu conhecia bem o ditado: “O homem põe e Deus dispõe”, e independentemente de ser Deus ou William Tryon no comando, só os céus sabiam o que poderia acontecer.

– Você acha? – perguntei. – Ou apenas espera?

Ele suspirou e esticou as pernas, segurando minha cintura com força.

– As duas coisas. Espero mais do que acho. E rezo. Mas também acho.

O gato já tinha esvaziado completamente o prato de leite. Sentou-se, fazendo um barulho surdo com o pequeno traseiro, lambeu o resto de leite dos bigodes, aconchegou-se perto de mim e adormeceu no mesmo instante. Talvez não tivesse adormecido de fato; eu sentia a leve vibração de seu ronronar pelo cobertor.

– Que nome você acha que eu devo dar a ele? – pensei em voz alta, tocando a ponta de seu rabo suave. – Pompom? Pinta? Nuvem?

– Que nomes tolos – comentou Jamie languidamente. – Era assim que você chamava os seus gatos em Boston? Ou na Inglaterra?

– Não, eu nunca tive um gato – admiti. – Frank era alérgico. E qual seria um bom nome escocês para um gato? Diarmuid? McGillivray?

Ele resfolegou e em seguida riu.

– Adso – disse ele decididamente. – Chame-o de Adso.

– Que tipo de nome é esse? – perguntei, virando-me para olhar para ele, surpresa. – Já ouvi muitos nomes escoceses peculiares, mas esse é novo.

Ele apoiou o queixo no meu ombro, observando o gato dormir.

– Minha mãe tinha um gatinho chamado Adso – disse ele, surpreendendo-me. – Um gato cinza, muito parecido com este.

– Tinha?

Pousei a mão na perna dele. Ele raramente falava da mãe, que morrera quando ele tinha 8 anos.

– Era um bom caçador de ratos e muito próximo da minha mãe. – Ele sorriu ao se lembrar.

– Só não gostava muito das crianças. Possivelmente porque Jenny o vestia com roupas de bebê e dava mingau a ele, e eu o joguei na represa, para ver se ele sabia nadar. Ele sabia, a propósito, mas não gostava.

– Não posso dizer que não o entenda – falei, me divertindo. – Mas por que ele se chamava Adso? É um nome de santo?

Eu estava acostumada com os nomes peculiares dos santos celtas, de Aodh a Dervorgilla, mas nunca tinha ouvido falar de santo Adso. Provavelmente, o santo padroeiro dos ratos.

– Não é nome de santo – disse ele. – É o nome de um monge. Minha mãe era muito culta, foi educada em Leoch, com Colum e Dougal, e sabia ler em grego e em latim, além de ter noções de hebraico, francês e alemão. Não tinha muitas oportunidades de ler em Lallybroch, claro, mas meu pai se esforçava para que livros chegassem a ela, trazidos de Edimburgo e de Paris.

Ele esticou o braço por cima do meu corpo para tocar uma orelha sedosa e transparente, e o gato remexeu os bigodes, franzindo a carinha como se estivesse prestes a espirrar, mas não abriu os olhos. O ronronar continuou, inabalado.

– Um dos livros de que ela gostava foi escrito por um austríaco, da cidade de Melk, então ela achou o nome muito adequado para o gato.

– Adequado...?

– Sim – disse ele, assentindo em direção ao prato vazio, sem piscar. – Adso de Melk. Melk, “milk”, sabe?, “leite”.

Um risquinho verde apareceu quando um dos olhos se abriu, como se em resposta ao nome. Então ele se fechou de novo e o ronronar foi retomado.

– Bem, se ele não se importar, acho que eu não me importo – falei, resignada. – Que seja. Adso então vai ser o nome dele.

O DIABO QUE VOCÊ CONHECE

Uma semana mais tarde, nós, as mulheres, estávamos ocupadas na árdua tarefa de lavar roupas quando Clarence, a mula, zurrou avisando que tínhamos companhia. A pequena sra. Aberfeldy deu um pulo como se tivesse sido picada por uma abelha e derrubou um monte de camisas molhadas na terra do quintal. Vi a sra. Bug e a sra. Chisholm abrindo a boca para repreendê-la, e aproveitei a oportunidade para secar as mãos no avental e correr para a frente da casa a fim de receber quem quer que estivesse chegando.

E, como era de esperar, uma mula apareceu em meio às árvores no caminho, seguida por uma gorda égua castanha sendo puxada pelas rédeas. As orelhas da mula se sacudiram para a frente e ela zurrou entusiasmada em resposta ao cumprimento de Clarence. Tapei os ouvidos com os dedos para bloquear a algazarra e semicerrei os olhos ao sol da tarde para conseguir ver quem estava em cima da mula.

– Sr. Husband! – exclamei, tirando os dedos dos ouvidos enquanto ia em sua direção.

– Sra. Fraser! Bom dia!

Hermon Husband tirou o chapéu preto e assentiu brevemente, em seguida desceu da mula com um gemido que indicava que havia passado muitas horas no lombo do animal. Moveu os lábios emoldurados pela barba, sem emitir som, enquanto se endireitava com dificuldade; ele era um quacre e não falava palavrões. Não em voz alta, pelo menos.

– Seu marido está em casa, sra. Fraser?

– Acabei de vê-lo indo para o estábulo; vou chamá-lo! – gritei, em meio aos zurros das mulas. Peguei o chapéu dele e fiz um gesto em direção à casa.

– Vou cuidar dos seus animais!

Ele assentiu em agradecimento e deu a volta na casa mancando, devagar, em direção à porta da cozinha. Por trás, vi como ele caminhava dolorido; mal conseguia apoiar o peso do corpo no pé esquerdo. O chapéu que eu segurava estava coberto de poeira e manchas de lama, e eu havia sentido o cheiro de roupa suja e odores corporais quando ele se aproximou. Ele estava viajando havia muito tempo, e não só por hoje – por uma semana ou mais, pensei, e dormindo mal a maior parte do tempo.

Removi a sela da mula, retirando, no processo, dois alforjes puídos cheios pela metade com panfletos impressos, mal impressos e mal ilustrados. Observei a ilustração com certo interesse; era uma imagem de diversos reguladores indignados, com um semblante contrariado, desafiando um grupo de oficiais, entre os quais havia uma figura atarracada que não tive dificuldade de identificar como David Anstruther. A legenda não o mencionava pelo nome, mas o artista havia captado muito bem a semelhança do xerife com uma rã venenosa. Será que Husband estava encarregado da tarefa de entregar aquilo de porta em porta?, pensei.

Coloquei os animais no pasto, deixei o chapéu e os alforjes perto da entrada e subi o caminho até o estábulo, uma caverna não muito profunda que Jamie fortificara com paliçadas grossas. Brianna se referia ao lugar como ala da maternidade, já que quem costumava ocupar o espaço eram éguas, vacas ou porcas prenhes.

Fiquei pensando no que poderia ter levado Hermon Husband até ali – e se ele estava sendo seguido. Ele era proprietário de uma fazenda e de um pequeno moinho, e ambos ficavam a pelo menos dois dias de viagem da Cordilheira dos Frasers; não era uma viagem que ele faria simplesmente pelo prazer da nossa companhia.

Husband era um dos líderes dos reguladores, e já tinha sido preso mais de uma vez por causa dos panfletos agitadores que imprimia e distribuía. A notícia mais recente que eu tinha dele era de que havia sido expulso da reunião local dos quacres, pois os Amigos não aprovavam suas atividades, que viam como incitação à violência. Eu achava que eles tinham certa razão, a julgar pelos panfletos que tinha lido.

A porta do estábulo estava aberta, deixando escapar os cheiros

agradavelmente fecundos de palha, animais aquecidos e esterco, com um fluxo de palavras semelhantemente fecundas. Jamie, que não era quacre, acreditava na linguagem forte, e costumava fazer uso dela, ainda que em gaélico, que tem uma tendência ao poético, e não ao vulgar.

Traduzi a efusão do momento mais ou menos como: “Que suas entranhas se enrolem como serpentes e que seus intestinos explodam pelas paredes da sua barriga! Que a maldição dos corvos recaia sobre vocês, maldita linhagem de moscas de esterco!” Ou palavras com esse sentido.

– Com quem você está falando? – perguntei, espiando pela porta do estábulo. – E o que é a maldição dos corvos?

Eu pisquei diante da repentina escuridão, e o vi apenas como uma sombra alta contra os montes de feno encostados na parede. Ele se virou ao me ouvir e caminhou até a luz que vinha da porta. Estivera passando as mãos pelos cabelos; várias mechas tinham se soltado e estavam arrepiadas, e havia feno emaranhado nos fios.

– *Tha nighean na galladh torrach!* – disse ele, com uma carranca feroz e um gesto breve atrás de si.

– Filha branca de uma pu... ah! Quer dizer que essa maldita porca fugiu de novo?

A porca grande e gorda, apesar de ter muita gordura e uma capacidade reprodutiva surpreendente, também era uma criatura de pouca perspicácia e não gostava de ficar presa. Ela já havia escapado do chiqueiro duas vezes: uma delas, avançando para cima de Lizzie, que havia – sabiamente – gritado e saído do caminho quando a porca foi em sua direção; a outra, encolhendo-se em uma das laterais do chiqueiro, esperando até a porta do estábulo ser aberta e me derrubando com tudo ao correr em direção à abertura.

Dessa vez, ela não se importou em bolar uma estratégia, apenas arreventou uma das tábuas do chiqueiro, depois fuçou e cavou embaixo das paliçadas, construindo um túnel de fuga digno de prisioneiros de guerra britânicos em um campo nazista.

– Sim, ela fugiu – disse Jamie, voltando a falar inglês agora que a fúria inicial havia amainado. – Quanto à maldição dos corvos, depende. Pode significar que você quer que os corvos pousem nos campos de um homem

para comer seu milho. Nesse caso, imaginei os pássaros bicando os olhos da criatura maldita.

– Imagino que assim seria mais fácil pegá-la – falei, suspirando. – Quando ela vai parir, na sua opinião?

Ele deu de ombros e ergueu a mão.

– Um dia, dois dias, três, talvez. Vai ser bom se ela parir no meio do mato e for comida por lobos, ela e os porquinhos dela. – Ele chutou o monte de terra deixado pelo túnel da porca, jogando uma cascata de terra no buraco. – Quem chegou? Ouvi Clarence zurrando.

– Hermon Husband.

Ele se virou para mim, esquecendo-se totalmente da porca.

– Ele veio, então? – perguntou baixinho, como se falasse consigo mesmo. – Por quê?

– Também me perguntei a mesma coisa. Ele está viajando há algum tempo, distribuindo panfletos, evidentemente.

Eu tive que sair correndo atrás de Jamie ao dizer isso; ele já estava descendo a colina em direção à casa, ajeitando os cabelos no caminho. Eu o alcancei a tempo de tirar o feno dos ombros dele antes de ele chegar ao quintal.

Jamie cumprimentou casualmente a sra. Chisholm e a sra. MacLeod, que estavam torcendo bacias de roupas molhadas e espalhando-as pelos arbustos para secar. Caminhei ao lado dele, ignorando os olhares acusatórios das mulheres e tentando fazer parecer que eu tinha preocupações muito mais importantes do que a roupa para lavar.

Alguém servira algo a Husband; havia um prato de pão com manteiga meio comido e uma xícara de leite pela metade sobre a mesa. Husband, que apoiara a cabeça sobre os braços cruzados, jazia adormecido. Adso agachou-se na mesa ao lado dele, fascinado pelos bigodes cinza que tremiam como antenas com os roncões reverberantes do quacre. O gatinho estava estendendo a pata em direção à boca aberta de Husband quando Jamie o pegou pela pele do pescoço e o colocou com cuidado nas minhas mãos.

– Sr. Husband? – chamou, inclinando-se sobre a mesa. – Ao seu dispor, senhor.

Husband resmungou, piscou e se endireitou de repente, quase

derrubando o leite. Olhou por um momento para mim e para Adso, e então pareceu se lembrar de onde estava, pois se sacudiu e se levantou, assentindo para Jamie.

– Amigo Fraser – disse ele com a voz grave. – Eu estou... peço perdão... eu...

Jamie dispensou os pedidos de desculpa e se sentou na frente dele, pegando uma fatia de pão com manteiga do prato.

– Posso ajudá-lo, sr. Husband?

Husband passou a mão pelo rosto, o que não melhorou sua aparência, pareceu apenas deixá-lo mais desperto. Visto claramente à suave luz da tarde na cozinha, ele parecia ainda pior do que parecera do lado de fora, com bolsas embaixo dos olhos vermelhos e os cabelos e a barba despenteados e embaraçados. Tinha apenas 50 e poucos anos, eu sabia, mas parecia ter pelo menos dez a mais. Tentou endireitar o casaco e assentiu para mim e em seguida para Jamie.

– Agradeço pela hospitalidade da recepção, sra. Fraser. E ao senhor também, sr. Fraser. Vim exatamente para pedir um favor seu, se puder.

– Pode pedir, claro – disse Jamie de modo cortês. Mordeu o pão com manteiga, erguendo as sobrancelhas em dúvida.

– Pode comprar meu cavalo?

As sobrancelhas de Jamie permaneceram erguidas. Ele mastigou lentamente, pensando, e então, engoliu.

– Por quê?

Por que, de fato. Teria sido muito mais fácil para Husband vender um cavalo em Salem ou em High Point, se não quisesse viajar até Cross Creek. Ninguém em sã consciência viajaria para um lugar tão distante como a Cordilheira dos Frasers simplesmente para vender um cavalo. Coloquei Adso no chão e me sentei ao lado de Jamie, esperando a resposta.

Husband lançou um olhar claro e direto para ele, apesar dos olhos vermelhos.

– Fiquei sabendo que o senhor foi nomeado coronel de milícia.

– Pelos meus pecados – disse Jamie, parando com o pão na mão. – O senhor acha que o governador me deu dinheiro para que eu adquira montaria para o meu regimento?

Ele mordeu o lábio, esboçando um sorriso.

Husband também esboçou um sorriso ao perceber a piada. Um coronel de milícia supria ele mesmo seu regimento, contando com um eventual reembolso da Assembleia, motivo pelo qual apenas homens de propriedade eram assim nomeados – e uma das principais razões por que a tarefa não era considerada uma honra.

– Se tivesse me dado, eu ficaria feliz em dispor de um pouco dele.

Diante do gesto de convite de Jamie, Husband estendeu a mão e pegou outra fatia de pão com manteiga, que mastigou com seriedade, olhando para Jamie por baixo das sobrancelhas grossas e grisalhas. Finalmente, ele balançou a cabeça.

– Não, amigo James. Preciso vender meus animais para pagar os impostos cobrados pelo Tribunal. Se eu não vender o que posso, o que tenho pode ser tomado e não me resta escolha além de deixar a colônia e levar minha família para outro lugar. E, se eu for embora, então terei que me desfazer do que não posso levar, pelo preço que conseguir.

Uma linha pequena se formou entre as sobrancelhas de Jamie.

– Ah, compreendo – disse ele lentamente. – Eu ajudaria você, Hermon, de qualquer jeito que pudesse. Você sabe disso, espero. Mas tenho apenas 2 xelins em dinheiro, nem mesmo dinheiro da proclamação, muito menos libra esterlina. Se houver algo que eu tenha que seja útil, no entanto...

Husband esboçou um sorriso, seus traços duros suavizados.

– Sim, amigo James. Sua amizade e sua honra são muito úteis para mim. Quanto ao resto...

Ele se afastou da mesa, pegando a pequena bolsa que havia colocado a seu lado. Pegou uma carta fina com um selo vermelho. Reconheci o selo e senti um aperto no peito.

– Encontrei o mensageiro em Pumpkin Town – disse Husband, observando enquanto Jamie pegava a carta e passava o polegar por baixo da aba. – E me ofereci para trazer a carta para você, já que viria aqui, de qualquer modo.

Jamie ergueu as sobrancelhas, mas sua atenção estava concentrada na folha de papel que segurava. Eu me aproximei para olhar por cima do ombro dele.

22 de novembro de 1770

Coronel James Fraser

Visto que fui informado de que aqueles que se autodenominam reguladores se reuniram perto de Salisbury, mandei ordem ao general Waddell para ir para lá imediatamente com as tropas da milícia a seu dispor na esperança de dispersar essa reunião ilegal. Solicito e ordeno que o senhor reúna esses homens conforme julgar adequado em um Regimento de Milícia e parta com eles para Salisbury com tanta rapidez quanto possível para se unir às tropas do general no dia 15 de dezembro ou antes, data em que ele vai marchar sobre Salisbury. Se possível, leve consigo farinha e outras provisões suficientes para alimentar seus homens por um período de duas semanas.

Cordialmente,

William Tryon

A sala estava silenciosa, exceto pelo borbulhar do caldeirão sobre as brasas na fogueira. Do lado de fora, eu podia ouvir as mulheres conversando com frases curtas entremeadas por gemidos de esforço, e o cheiro de sabão de lixívia entrava pela janela aberta, misturando-se aos aromas de ensopado e pão fermentando.

Jamie olhou para Husband.

– Sabe o que isso quer dizer?

O quacre assentiu, as linhas de seu rosto se enrugando com uma fadiga repentina.

– O mensageiro me disse. O governador não pretende manter suas intenções em segredo, afinal.

Jamie resmungou em concordância e olhou para mim. Não, o governador não ia guardar segredo. No que dizia respeito a Tryon, quanto mais pessoas soubessem que Waddell estava indo para Salisbury com uma grande tropa de milícia, melhor. Por isso o estabelecimento de uma data específica. Qualquer soldado inteligente preferiria intimidar um inimigo a enfrentá-lo – e como Tryon não tinha tropas oficiais, a prudência era preferível à valentia.

– E os reguladores? – perguntei a Husband. – O que eles estão planejando fazer?

Ele pareceu um pouco surpreso.

– Fazer?

– Se o seu pessoal está se reunindo, presume-se que seja com algum propósito – disse Jamie, com um tom levemente sarcástico.

Husband o notou, mas não se ofendeu.

– Certamente existe um propósito – disse ele, endireitando-se com certa dignidade. – Ainda que o senhor esteja enganado ao dizer que esses homens são meus, de qualquer modo que não seja pela irmandade, como todos os homens. Mas quanto ao propósito, é apenas para protestar contra os abusos de poder, muito comuns hoje em dia: a imposição de impostos ilegais, o confisco injustificado de...

Jamie fez um gesto impaciente, interrompendo-o.

– Sim, Hermon, eu soube. Pior, li o que escreveu a esse respeito. E se esse é o propósito dos reguladores, qual é o seu?

O quacre olhou para ele, as sobrancelhas erguidas e a boca meio aberta em questionamento.

– Tryon não deseja manter suas intenções em segredo – disse Jamie –, mas pode ser que você deseje. Vai contra os interesses dos reguladores que essas intenções sejam cumpridas, afinal de contas.

Ele olhou para Husband, passando o dedo lentamente, para cima e para baixo, pela ponte do nariz.

Husband ergueu a mão e coçou o queixo.

– O senhor quer saber por que trouxe isto – ele meneou a cabeça em direção à carta, que estava aberta sobre a mesa –, quando poderia tê-la escondido?

Jamie assentiu pacientemente.

– Quero.

Husband respirou fundo e se alongou, as articulações estalando. Pequenas nuvens brancas de poeira saíram de seu casaco, dissipando-se como fumaça. Ele se ajeitou de novo, piscando e parecendo mais confortável.

– Deixando de lado qualquer consideração quanto à honestidade dessa

conduta, amigo Jamie... eu disse que sua amizade seria mais útil para mim.

– O senhor disse – falou Jamie e esboçou um sorriso.

– Digamos que, hipoteticamente, o general Waddell marche sobre um grupo de reguladores – sugeriu Husband. – É mais interessante para os reguladores enfrentar homens que não os conhecem e que são seus inimigos ou enfrentar vizinhos, que os conhecem e talvez tenham certa simpatia por sua causa?

– Melhor o Diabo que você conhece do que o Diabo que você não conhece, não é? – sugeriu Jamie. – E eu sou o Diabo que o senhor conhece. Compreendo.

Husband abriu um sorriso lento, combinando com o de Jamie.

– Um deles, amigo James. Estive em cima de um cavalo durante os últimos dez dias, vendendo meus animais e visitando uma casa e outra na parte oeste da colônia. Nosso grupo não faz ameaças, não tem o objetivo de destruir a propriedade; queremos apenas que nossas reclamações sejam ouvidas e levadas em consideração; é para chamar atenção para a natureza generalizada e para a justiça dessas reclamações que aqueles mais ofendidos estão se reunindo em Salisbury. Mas não posso esperar simpatia de quem não tem informações sobre as ofensas, afinal.

O sorriso sumiu do rosto de Jamie.

– Pode ter a minha solidariedade, Hermon, e a minha acolhida. Mas no fim das contas... eu sou um coronel da milícia. Terei uma obrigação a cumprir, quer goste dela, quer não.

Husband abanou a mão, ignorando isso.

– Eu não pediria ao senhor que fugisse da sua obrigação... se ela se apresentar. Rezo para que não. – Ele se inclinou um pouco para a frente por cima da mesa. – Mas gostaria de pedir algo ao senhor. A minha mulher e os meus filhos... se seu tiver que partir às pressas...

– Mande-os para cá. Eles estarão seguros.

Husband se recostou então, relaxando os ombros. Ele fechou os olhos e respirou uma vez, profundamente, em seguida abriu os olhos e apoiou as mãos na mesa, como se quisesse se levantar.

– Agradeço. Quanto à égua... fique com ela. Se a minha família precisar dela, alguém virá até aqui. Se não, prefiro que o senhor a use, em vez de um

xerife corrupto.

Senti Jamie se mexer, querendo protestar, e pousei a mão em sua perna para detê-lo. Hermon Husband precisava ser tranquilizado muito mais do que precisava de um cavalo que não conseguiria manter.

– Vamos cuidar bem dela – falei, sorrindo. – E da sua família, se for necessário. Diga-me, qual é o nome dela?

– Da égua? – Hermon ficou de pé, abrindo um sorriso repentino, o que deixou sua expressão mais suave. – O nome dela é Jerusha, mas a minha mulher a chama de Senhora Porca; receio que ela tenha um grande apetite – disse ele como se tentasse se desculpar com Jamie, que ficou perceptivelmente tenso ao ouvir a palavra “porca”.

– Não tem problema – disse Jamie, afastando os porcos de sua mente com um esforço óbvio. Ele se levantou, olhando pela janela, onde os raios do sol da tarde estavam deixando dourada a madeira polida dos batentes e do chão. – Está ficando tarde, Hermon. Não quer jantar conosco e passar a noite aqui?

Husband balançou a cabeça e abaixou-se para pegar a bolsa.

– Não, amigo James, eu agradeço. Ainda tenho muitos lugares para ir.

Insisti que ele esperasse enquanto eu preparava comida para ele levar, e ele foi com Jamie selar a mula enquanto isso. Ouvi os dois conversando baixinho ao voltarem do pasto, as vozes tão baixas que eu não conseguia discernir as palavras. Quando saí pela porta de trás com um embrulho de sanduíches e cerveja, porém, ouvi Jamie dizer a ele, com certa urgência:

– Tem certeza, Hermon, de que o que está fazendo é sábio... ou necessário?

Husband não respondeu de imediato, mas pegou o embrulho das minhas mãos meneando a cabeça em agradecimento. Então ele se virou para Jamie, com a crina da mula na outra mão.

– Tenho pensado em James Nayler – disse ele, olhando para nós dois. – Já ouviram falar dele?

Jamie pareceu tão confuso quanto eu, e Hermon sorriu.

– Ele foi um dos primeiros membros da Sociedade dos Amigos, um dos que se uniram a George Fox, que começou a Sociedade na Inglaterra. James Nayler era um homem de firme convicção, apesar de ser... único na sua

maneira de expressá-la. Em uma famosa ocasião, ele caminhou nu pela neve, enquanto gritava impropérios contra a cidade de Bristol. George Fox perguntou a ele então: “Tem *certeza* de que o Senhor lhe pediu para fazer isso?”

O sorriso se ampliou, e ele colocou o chapéu na cabeça de novo com cuidado.

– Ele respondeu que tinha. E eu também tenho, amigo Jamie. Que Deus abençoe o senhor e a sua família.

AULAS DE TIRO

Brianna olhou para trás, sentindo-se culpada. A casa mais abaixo havia desaparecido por baixo de um mar amarelo de folhas de noqueira, mas os gritos do filho ainda ressoavam em seus ouvidos.

Roger viu que ela olhava encosta abaixo e franziu o cenho um pouco, apesar de sua voz ter soado suave quando ele falou.

– Ele vai ficar bem, amor. Você sabe que a sua mãe e Lizzie vão cuidar bem dele.

– Lizzie vai mimá-lo – concordou ela, mas sentiu uma pontada no coração ao admitir. Já imaginava Lizzie carregando Jemmy de um lado para outro o dia todo, brincando com ele, fazendo caretas, servindo pudim de arroz com melão... Jemmy ia adorar a atenção assim que superasse a angústia provocada pela partida dela. Foi tomada por um sentimento repentino de posse em relação aos dedinhos cor-de-rosa do filho; não podia sequer pensar que Lizzie brincaria com eles.

Ela detestava deixá-lo, ponto. Os gritos de pânico dele enquanto ela soltava a mãozinha de sua blusa e o entregava a sua mãe ecoavam em sua mente, exagerados pela imaginação, e seu rosto banhado de lágrimas diante daquela infame traição permaneceram em sua mente.

Ao mesmo tempo, ela precisava escapar com urgência. Mal podia esperar para afastar as mãozinhas grudadas de Jem de sua pele e partir naquela manhã, livre como um pássaro em direção à montanha.

Ela supunha, um tanto relutante, que não se sentiria tão culpada em deixar Jemmy se não estivesse secretamente tão ansiosa para fazê-lo.

– Tenho certeza de que ele vai ficar bem – garantiu a si mesma mais do que a Roger. – É que... eu nunca o deixei por tanto tempo assim.

– Humm. – Roger emitiu um som que poderia ser interpretado como apoio. Sua expressão, no entanto, deixava claro que ele acreditava que já estava mais do que na hora de ela deixar o bebê.

Um acesso momentâneo de raiva fez o rosto dela esquentar, mas ela mordeu a língua para se controlar. Ele não dissera nada, afinal; claramente fizera um esforço para não dizer nada. Ela também poderia se esforçar – e acreditava que talvez não fosse justo brigar com alguém com base no que ela achava que a pessoa estava pensando.

Ela conteve o comentário rabugento que tinha em mente e sorriu para ele.

– Belo dia, não?

O olhar circunspecto desapareceu do rosto dele, e ele também sorriu, seus olhos adquirindo um tom de verde profundo e fresco como o musgo que se acumulava em camadas espessas aos pés das árvores encobertos pela sombra pelos quais eles passavam.

– Lindo dia – disse ele. – É bom sair de casa, não?

Brianna lançou um olhar rápido para ele, mas parecia ser uma simples concordância, sem motivos ocultos por trás.

Ela não respondeu, apenas assentiu concordando, levantando o rosto para sentir a brisa errante que soprava pelos espruces e pinheiros ao redor deles. Folhas amareladas de álamo foram sopradas na direção deles em uma rajada, prendendo-se momentaneamente no tecido das roupas e nas meias de lã.

– Espere um minuto.

Em um impulso, ela parou e tirou as botas de couro e as meias, enfiando-as de qualquer jeito dentro do saco que levava no ombro. Ficou parada, os olhos fechados em êxtase, remexendo os dedos compridos do pé em um pedaço de musgo úmido.

– Roger, experimente, é delicioso!

Ele ergueu a sobrancelha, mas obedeceu e colocou a arma no chão – ele a havia pegado, quando eles saíram de casa, e ela permitira, apesar de sua vontade de carregá-la ela mesma –, tirou os sapatos e escorregou cuidadosamente o pé de ossos compridos no musgo ao lado dela. Seus olhos se fecharam involuntariamente, e ele abriu a boca em um “aah” silencioso.

Movida pelo impulso, ela se inclinou sobre ele e o beijou. Ele abriu os olhos com surpresa, mas tinha reflexos rápidos. Passou um braço comprido ao redor da cintura dela e a beijou de volta, com cuidado. O dia estava incomumente quente para um fim de outono, e ele estava sem casaco, apenas com uma camisa de caça. Seus batimentos cardíacos se aceleraram imediatamente através da lã da camisa; ela sentiu a elevação do mamilo dele sob a palma da sua mão.

Só Deus sabia o que poderia ter acontecido em seguida, mas o vento mudou. Um grito distante subiu do mar de amarelo mais abaixo. Podia ter sido o choro de um bebê, ou apenas um pio distante, mas ela virou a cabeça em direção ao som, como uma agulha de bússola apontando o norte.

Acabou com o clima, e ele a soltou, dando um passo para trás.

– Você quer voltar? – perguntou ele, parecendo resignado.

Ela contraiu os lábios e balançou a cabeça.

– Não. Mas vamos nos afastar um pouco da casa. Não queremos incomodá-los com o barulho. Dos... dos... tiros, quero dizer.

Ele sorriu e ela sentiu o sangue esquentar em seu rosto. Não, não podia fingir que não sabia que havia mais de um motivo para aquela expedição particular.

– Não, com os barulhos disso também não – disse ele, abaixando-se para pegar os sapatos e as meias. – Vamos, então.

Ela decidiu não calçar os sapatos, mas aproveitou a oportunidade para pegar a arma. Não é que não confiasse nele com ela, apesar de Roger ter admitido que nunca tinha atirado com uma arma daquelas antes. Ela gostava da sensação e se sentia segura com o peso dela no ombro, mesmo descarregada. O mosquete Land tinha mais de um metro e meio de comprimento e pesava cerca de 5 quilos, mas o cabo de noqueira polida cabia perfeitamente em sua mão e o peso do cano de aço parecia certo, apoiado em seu ombro, com a boca para cima.

– Você vai descalça?

Roger lançou um olhar de dúvida para os pés dela e então para a encosta da montanha, onde uma trilha serpeava em meio a arbustos de amora silvestre e galhos caídos.

– Só um pouco – disse ela. – Eu costumava andar descalça o tempo todo

quando era pequena. Meu pai, Frank, nos levava para as montanhas todo verão, para as Montanhas Brancas ou Adirondacks. Depois de uma semana, a sola dos pés ficava como couro; eu teria sido capaz de pisar em brasas sem sentir nada.

– É, eu também fazia isso – disse ele sorrindo e guardou os sapatos. – Mas – contrapôs, meneando a cabeça em direção ao caminho que passava pelos arbustos e pelos afloramentos de granito meio enterrados – a caminhada ao longo da margem do Ness ou sobre os seixos em Firth era um pouco mais fácil do que esta, apesar das pedras.

– Verdade – disse ela, franzindo o cenho ao olhar para os pés dele. – Você tomou a vacina contra o tétano recentemente? Para o caso de pisar em algo afiado e se cortar?

Ele já estava subindo na frente dela, escolhendo bem onde apoiar o pé.

– Tomei vacina para tudo o que se possa imaginar antes de atravessar as pedras – garantiu ele, olhando para trás. – Febre tifoide, cólera, dengue, tudo. Estou certo de que tomei a antitetânica também.

– Dengue? Achei que tinha tomado vacina contra tudo, mas não essa.

Enfiando os dedos dos pés nos tapetes frios formados pela grama seca, ela deu alguns passos largos para alcançá-lo.

– Não devo precisar aqui.

O caminho subia pela curva de um barranco íngreme coberto de vegetação amarelada e desaparecia sob uma pequena mata de cicuta verde-escura. Ele segurou os galhos para que ela passasse e ela se abaixou na penumbra, com a arma bem protegida.

– Eu não sabia para onde precisaria ir. – A voz dele surgiu atrás dela, casual, abafada pelas sombras das árvores. – Se para as cidades costeiras ou para as Índias... Havia... *há* – ele se corrigiu automaticamente – muitas doenças africanas que são levadas pelos navios negreiros. Pensei que seria melhor me preparar.

Ela aproveitou o terreno irregular para não responder, mas ficou surpresa – e ao mesmo tempo constrangedoramente satisfeita – ao descobrir até onde ele tinha ido para se preparar para ir atrás dela e encontrá-la.

O chão estava coberto com o marrom das folhas secas, mas tão úmido que não se ouvia o estalar das folhas sob os pés. Era esponjoso, frio e

agradável ao toque, dando a sensação de ter cerca de 30 centímetros de espessura, pelo menos.

– Ai!

Roger, não tão sortudo na passagem, pisou em um caqui apodrecido, escorregou e quase caiu, segurando-se em um arbusto. As folhas espinhosas, porém, o machucaram.

– Droga – disse ele, chupando o polegar ferido. – Que bom que tomei a antitetânica, não é?

Ela riu concordando, mas se viu preocupada enquanto eles subiam. O que aconteceria com Jemmy quando ele começasse a andar e subisse as montanhas descalço? Ela já tinha observado os filhos pequenos dos MacLeods e dos Chisholms – sem falar de Germain – e sabia que meninos pequenos se furavam, se cortavam, se arranhavam e se fraturavam toda semana, pelo menos. Ela e Roger eram protegidos contra coisas como difteria e febre tifoide, mas Jemmy não teria a mesma proteção.

Ela engoliu em seco, lembrando-se da noite anterior. Aquele cavalo maldito do pai o havia mordido no braço, e Claire fizera Jamie se sentar sem camisa diante do fogo enquanto ela limpava a ferida e fazia um curativo. Jemmy erguera a cabeça do berço, curioso, e o avô, sorrindo, o pegara e colocara sobre seu joelho.

– Galopa, cavalinho, galopa – ele cantara, balançando Jemmy, que adorou a brincadeira, para cima e para baixo. – Que cavalinho maluco eu fui arrumar! Galopa, cavalinho, galopa. Vamos lançá-lo ao inferno para ele queimar!

Não fora a bela cena dos dois ruivos rindo um para o outro que chamara a atenção dela, no entanto; fora a luz da fogueira iluminando a pele translúcida, perfeita e imaculada do seu filho – e brilhando prateada nas cicatrizes em forma de teia nas costas do seu pai, vermelho-escura na ferida em seu braço. Era uma época perigosa para os homens.

Ela não tinha como proteger Jem dos perigos; sabia disso. Mas pensar que ele – ou Roger – pudessem se ferir ou ficar doentes dava-lhe um nó no estômago e fazia um suor frio brotar em suas têmporas.

– Como está seu polegar? – Ela se virou de novo para Roger, que parecia surpreso, tendo se esquecido totalmente do dedo.

– O quê? – Ele olhou para o polegar, confuso. – Sim, claro.

Mesmo assim, ela pegou a mão dele e beijou o dedo ferido.

– Tome *cuidado* – disse ela.

Ele riu e pareceu surpreso quando ela arregalou os olhos para ele.

– Vou tomar – assegurou-lhe, moderando-se um pouco.

Fez um gesto com a cabeça indicando a arma que ela carregava.

– Não se preocupe. Posso nunca ter atirado, mas entendo um pouco de armas. Não vou mandar os meus dedos pelos ares. Aqui está bom para praticarmos um pouco?

Eles tinham chegado a um matagal, uma campina alta, repleta de grama e rododendros. Havia álamos no lado mais distante, os galhos pálidos esvoaçantes com as últimas folhas douradas e vermelhas, vívidas contra o intenso azul do céu. Um rio descia a montanha, em algum lugar longe da vista, e um gavião de rabo vermelho sobrevoava a área. O sol estava bem alto agora, esquentando os ombros dela, e havia uma encosta agradável e coberta de grama próximo dali.

– Está ótimo – respondeu ela, e tirou a arma do ombro.

Era uma bela arma, mais de um metro e meio de comprimento, mas tão perfeitamente equilibrada que era possível apoiá-la no braço esticado sem oscilar – o que Brianna estava fazendo, para demonstrar.

– Viu? – perguntou ela, recolhendo o braço e deslizando a alça no ombro em um movimento fluido. – É o ponto de equilíbrio. Você tem que colocar a mão esquerda aqui, pegar a arma pelo gatilho com a direita e apoiá-la no ombro. Acomode-a bem, com firmeza.

Ela bateu o cabo de nogueira no osso do próprio ombro, coberto por pele de gamo, para ilustrar, e em seguida abaixou a arma e a entregou a Roger, com um pouco mais de cuidado do que tinha demonstrado ao entregar a ele seu bebê, ele notou com sarcasmo. Por outro lado, até onde ele sabia, Jemmy era muito mais indestrutível do que a arma.

Ela mostrou a ele, hesitante a princípio, relutando em corrigi-lo. Ele mordeu a língua, no entanto, e a imitou com cuidado, seguindo o fluxo suave dos passos de rasgar o pacote de munição com os dentes, preparar, carregar, checar, irritado com sua inépcia por falta de experiência, mas

secretamente fascinado – e consideravelmente excitado – com a ferocidade casual dos movimentos dela.

As mãos dela eram quase tão grandes quanto as dele, mas tinham ossos delicados. Ela lidava com a arma comprida com a familiaridade que outras mulheres demonstravam com a agulha ou a vassoura. Estava vestindo calças e o músculo alongado de sua coxa se retesou, arredondado, contra o tecido quando ela se agachou ao lado dele, com a cabeça inclinada para a frente enquanto procurava algo no saco de couro.

– O que foi, você trouxe almoço? – perguntou ele. – Pensei que íamos matar algum animal e comê-lo.

Ela o ignorou. Tirou de dentro do saco um lenço branco puído para usar como alvo e o balançou, franzindo o cenho de modo crítico. Antes, ele achava que ela cheirava a jasmim e grama; agora, o cheiro era de pólvora, couro e suor. Ele o inspirou, os dedos acariciando a madeira do cabo da arma.

– Pronto? – perguntou ela, olhando para ele com um sorriso.

– Ah, sim – respondeu ele.

– Confira sua pederneira e a carga de pólvora – disse ela, levantando-se. – Vou montar o alvo.

Vista por trás, com os cabelos ruivos presos em um rabo de cavalo, vestindo uma camisa de couro de gamo larga que a cobria do ombro à coxa, a semelhança dela com o pai se intensificava de uma maneira assustadora. Mas não havia como confundir os dois, ele pensou. Com calça ou sem, Jamie Fraser nunca na vida tivera um traseiro como *aquele*. Ele a observou andar, parabenizando a si mesmo pela escolha da instrutora.

O sogro teria dado uma aula a ele de bom grado. Jamie sabia atirar e tinha paciência para ensinar. Roger já o vira saindo com os filhos de Chisholm depois do jantar, para praticar tiros em pedras e árvores no campo de milho vazio. Uma coisa era Jamie saber que Roger era inexperiente com armas; outra completamente diferente era sofrer a humilhação de demonstrar *quão* inexperiente ele era diante daqueles olhos azuis frios.

Além do orgulho, no entanto, ele tinha outro motivo para pedir a Brianna que fosse atirar com ele. Não que ele achasse que essa intenção não estivesse clara; Claire havia olhado para ele e para a filha quando ele sugeriu

a aula e pareceu divertir-se de uma maneira particularmente cúmplice, a ponto de fazer Brianna franzir o cenho e dizer “Mãe!” em um tom acusatório.

Além das horas muito breves na noite do casamento deles na Reunião, aquela era a primeira – e única – vez que tinha Brianna só para si, longe da demanda insaciável do filho.

Ele viu o brilho do sol no metal quando ela abaixou o braço. Ela estava usando a pulseira dele, ele notou com uma sensação profunda de prazer. Dera a pulseira a ela quando a pedira em casamento – havia uma eternidade, em uma noite de inverno congelante em Inverness. Era um aro simples de prata, com uma série de frases em francês gravadas. *Je t'aime*, estava escrito: eu amo você. *Un peu, beaucoup, passionnément, pas du tout*: Um pouco, muito, apaixonadamente – de modo absoluto.

– *Passionnément* – murmurou ele, imaginando-a usando nada além da pulseira e da aliança de casamento.

O mais importante primeiro, disse a si mesmo, e pegou um cartucho novo. Afinal, eles tinham tempo.

Satisfeita ao concluir que os hábitos de carregar a arma estavam praticamente estabelecidos, mesmo que ainda não muito rápidos, Brianna finalmente permitiu que ele praticasse a mira e, por fim, o tiro.

Ele levou uma dúzia de tentativas até conseguir acertar o quadrado branco do lenço, mas a sensação exultante que sentiu quando um ponto escuro apareceu de repente perto da borda fez com que ele pegasse um novo cartucho antes de a fumaça do tiro se dissipar. A sensação de conquista fez com que ele usasse mais uma dezena de cartuchos, sem notar quase nada além do solavanco e da explosão da arma, do brilho da pólvora e do instante de percepção ao ver um tiro acertar o alvo.

A essa altura o lenço estava em farrapos, e pequenas nuvens de fumaça esbranquiçada flutuavam sobre o campo. O gavião havia partido ao som do primeiro tiro, juntamente com todos os outros pássaros da vizinhança, apesar de o zumbido em seus ouvidos parecer um coro de chapins distantes.

Ele abaixou a arma e olhou para Brianna, sorrindo, e então ela começou a rir.

– Você parece o homem que encerra uma apresentação de menestréis – disse ela, com a ponta do nariz cor-de-rosa. – Tome, limpe-se um pouco, e vamos tentar atirar de mais longe.

Ela pegou a arma e entregou a ele um lenço limpo em troca. Ele limpou os restos de pólvora do rosto, observando enquanto ela limpava o cano e recarregava a arma. Ela se endireitou e então ouviu algo: sua cabeça se ergueu de repente, os olhos fixos em um carvalho do outro lado da campina.

Com os ouvidos ainda zumbindo por causa do barulho da arma, Roger não ouviu nada. Virando-se, no entanto, percebeu uma fração de movimento; um esquilo cinza-escuro, parado em um galho de pinheiro a pelo menos 10 metros acima do chão.

Sem hesitar nem por um segundo, Brianna posicionou a arma contra o ombro e pareceu atirar no mesmo movimento. O galho logo abaixo do esquilo explodiu em uma cascata de lascas de madeira, e o animal, voando pelos ares, despencou em direção ao chão, ricocheteando nos galhos flexíveis da sempre-viva.

Roger correu até a árvore, mas não precisava se apressar. O esquilo estava morto, imóvel como um trapo.

– Belo tiro – disse ele, cumprimentando-a e segurando o animal enquanto Brianna se aproximava para ver. – Mas não tem uma marca sequer nele, você deve tê-lo matado de susto.

Brianna olhou para ele com o cenho franzido.

– Se eu quisesse acertá-lo, Roger, teria acertado – disse ela, com um leve tom de censura. – E se eu *tivesse* acertado, você estaria segurando um purê de esquilo. Não se mira diretamente em algo desse tamanho; você mira para acertar logo abaixo e derrubá-lo – explicou ela, como uma amável professora do jardim de infância corrigindo um aluno lento.

– Ah, é? – Ele reprimiu uma leve sensação de irritação. – Seu pai ensinou isso a você?

Ela lançou para ele um olhar levemente esquisito antes de responder.

– Não, foi Ian.

Ele resmungou algo incompreensível em resposta. Ian era um ponto delicado na família. O primo de Brianna tinha sido muito querido, e ele

sabia que a família toda sentia falta dele. Ainda assim, hesitavam em falar do jovem Ian na frente de Roger, por delicadeza.

Não fora exatamente *culpa* de Roger o fato de Ian Murray ter ficado com os moicanos – mas não dava para negar que ele tivera alguma participação. Se não tivesse matado aquele índio...

Não pela primeira vez, ele afastou as lembranças confusas daquela noite em Snaketown, mas sentiu os ecos físicos mesmo assim – o estômago revirado pelo terror e a contração dos músculos dos antebraços quando ele enfiou a ponta quebrada de um cabo de madeira com toda a força em uma sombra que aparecera diante dele no escuro. Uma sombra muito sólida.

Brianna havia cruzado a campina e montado outro alvo; três pedaços irregulares de madeira colocados sobre um toco do tamanho de uma mesa de jantar. Sem dizer nada, ele secou as mãos suadas nas calças e se concentrou no novo desafio, mas Ian Murray se recusava a sair de sua mente. Mal vira o homem, mas lembrava-se dele com clareza; era jovem, alto e desengonçado, com um rosto singelo, mas interessante.

Ele não conseguia pensar no rosto de Murray e não se lembrar da última vez que o vira, com uma linha de pontos recém-tatuados que atravessavam as faces e passavam por cima do nariz. Seu rosto estava bronzeado, mas a pele de seu couro cabeludo, cujos cabelos tinham acabado de ser arrancados, era de um cor-de-rosa assustador, liso como o traseiro de um bebê e com manchas vermelhas de irritação.

– O que foi?

A voz de Brianna o assustou, e o cano da arma subiu quando ele apertou o gatilho, um tiro sem rumo. Ou mais sem rumo ainda. Ele já tinha dado uma dúzia de tiros e não conseguira acertar nenhum dos blocos de madeira.

Ele abaixou a arma e se virou para ela, que franzira o cenho, mas não parecia irritada, apenas confusa e preocupada.

– O que foi? – perguntou ela de novo.

Ele respirou fundo e passou a manga da blusa no rosto, sem se importar com as manchas pretas de fuligem.

– O seu primo – disse ele abruptamente. – Sinto muito por ele, Bree.

A expressão dela se suavizou, e o cenho franzido de preocupação

diminuiu um pouco.

– Ah – disse ela, apoiando a mão no braço dele e chegando mais perto, para que ele sentisse o calor de sua proximidade. Suspirou profundamente e apoiou a testa no ombro dele. – Bem – disse ela por fim –, eu também sinto muito, mas não é sua culpa, assim como não é minha nem do meu pai... nem de Ian, na verdade. – Ela resmungou tentando rir. – Se é culpa de alguém, é de Lizzie... e ninguém a culpa.

Ele sorriu ao ouvir isso, um pouco de esguelha.

– É, eu sei – respondeu ele, e colocou a mão sobre os cabelos dela. – Você tem razão, mas, ainda assim... eu matei um homem, Bree.

Ela não se assustou nem se afastou, mas ficou completamente imóvel. Ele também; era a última coisa que pretendia dizer.

– Você nunca me contou isso – disse ela por fim, levantando a cabeça para olhar para ele.

Ela parecia não saber se continuava com o assunto. A brisa soprou uma mecha de cabelo sobre o rosto dela, mas ela não a afastou.

– Eu... bem, para dizer a verdade, não penso muito nisso.

Ele abaixou a mão, e a inércia foi rompida. Ela se remexeu e deu um passo para trás.

– Isso parece horrível, não? Mas...

Ele se esforçava para encontrar palavras. Não pretendia dizer nada, mas agora que havia começado, parecia muito necessário explicar, usando as palavras adequadas.

– Foi à noite, durante uma briga no vilarejo. Eu escapei... Eu tinha um cabo quebrado na mão, e quando alguém apareceu do nada no escuro, eu...

Ele encolheu os ombros de repente, quando se deu conta de que não havia maneira de explicar, na realidade. Olhou para a arma que ainda estava segurando.

– Eu não sabia que o havia matado – disse ele baixinho, olhos na pederneira. – Nem sequer vi o rosto dele. Ainda não sei quem era, mas deveria ser alguém que eu conhecia. Snaketown era um vilarejo pequeno, eu conhecia todos *ne rononkwe*. – Por que, ele se perguntou de repente, nunca havia pensado em perguntar quem era o homem morto? Era claro: não perguntara porque preferia não saber.

– *Ne rononkwe?* – Ela repetiu as palavras de modo incerto.

– Os homens... os guerreiros... bravos. É assim que eles se chamam, os *Kahnnyen'kehaka*.

As palavras moicanas eram estranhas em sua língua – desconhecidas e familiares ao mesmo tempo. Podia ver a surpresa no rosto dela e sabia que o fato de dizê-las tinha sido esquisito para ela; não da maneira que uma pessoa usava um termo desconhecido, dizendo-o com cuidado, mas da maneira como o pai dela, às vezes, misturava gaélico e escocês, a mente procurando a palavra mais fácil em qualquer um dos dois idiomas.

Ele olhou para a arma na mão, como se nunca tivesse visto uma antes. Ele não olhava para ela, mas sentiu quando ela se aproximou de novo, ainda incerta, mas não com repulsa.

– Você... se arrepende?

– Não – disse ele de uma vez e olhou para ela. – Quer dizer, sim... sinto muito que tenha acontecido. Mas me arrepender do que fiz? Não.

Ele falara sem parar para medir as palavras, e ficou surpreso, e aliviado, ao sentir que elas eram verdadeiras. Sentia arrependimento, como dissera a ela, mas a culpa que sentia não tinha nada que ver com a morte da sombra, não importava quem fosse. Ele havia sido escravo em Snaketown e não tinha grande apreço por nenhum moicano, apesar de alguns deles serem bastante decentes. Ele não pretendia matar, apenas se defender. E faria de novo, se as circunstâncias fossem as mesmas.

Mas ainda assim havia uma pequena ferida de culpa – a consciência da facilidade com que havia posto de lado aquela morte. Os *Kahnnyen'kehaka* cantavam e contavam histórias sobre seus mortos, e mantinham a memória deles viva ao redor das fogueiras das malocas, nomeando-os por gerações e recontando seus feitos. Assim como os escoceses faziam. Ele pensou subitamente em Jamie Fraser, com o rosto iluminado pela grande fogueira na Reunião, chamando seu povo pelo nome e pela linhagem. *Fique ao meu lado, Roger, o cantor, filho de Jeremiah MacKenzie*. Talvez Ian Murray não achasse os moicanos tão estranhos afinal.

Ainda assim, ele se sentia como se tivesse privado o homem morto desconhecido de ter um nome, e também uma vida, tentando obscurecê-lo por meio do esquecimento, comportando-se como se aquela morte nunca

tivesse acontecido, apenas para se poupar do que sabia. E isso, ele pensou, estava errado.

O rosto dela estava imóvel, mas não paralisado; os olhos estavam fixos no dele com algo parecido com compaixão. Ainda assim, ele desviou o olhar para a arma cujo cano estava em suas mãos. Os dedos, manchados de fuligem, tinham deixado marcas ovaladas e escuras no metal. Ela esticou o braço e pegou a arma da mão dele, limpando as marcas com a barra da camisa.

Ele permitiu e observou, esfregando os dedos sujos na lateral da calça.

– É só que... não parece que, se for preciso matar um homem, deveria ser de propósito? Com a intenção de fazê-lo?

Ela não respondeu, mas seus lábios se contraíram levemente e em seguida relaxaram.

– Se você atirar em alguém com isto, Roger, vai ser de propósito – disse ela baixinho.

Ela olhou para ele, então, os olhos azuis firmes, e ele percebeu que o que pensara ser compaixão era, na verdade, uma quietude intensa, como as pequenas chamas azuis em uma fogueira extinta.

– E se você tiver que atirar em alguém, Roger, quero que seja de propósito.

Duas dúzias de rodadas depois, ele conseguiu acertar os blocos de madeira pelo menos uma vez a cada seis tentativas. Teria continuado, mas ela podia ver os músculos em seus braços começarem a tremer quando ele ergueu a arma, mantida imóvel por meio da força de vontade. Ele começaria a errar com mais frequência, por fadiga, e isso não faria bem a ele.

Nem a ela. Os seios dela começavam a doer, inchados de leite. Teria que dar um jeito naquilo em breve.

– Vamos comer – disse ela sorrindo ao pegar o mosquete dele depois do último tiro. – Estou faminta.

O esforço de atirar, recarregar, levantar os alvos havia mantido os dois aquecidos, mas já era praticamente inverno, e o ar estava frio; frio demais, ela pensou, para ficar nua na grama seca. Mas o sol estava quente e, pensando nisso, ela havia colocado dois cobertores na bolsa junto com o

almoço.

Ele estava calado, mas era um silêncio confortável. Ela o observou cortando lascas do queijo duro, com os olhos de cílios escuros semicerrados, e admirou sua beleza, membros compridos, dedos ágeis, boca delicada de lábios contraídos enquanto ele se concentrava na tarefa, uma gota de suor descendo pela curva da maçã do rosto pronunciada, na frente da orelha.

Ela não sabia o que pensar do que ele tinha dito. Ainda assim, sabia o suficiente para se dar conta de que era bom ele ter contado, ainda que ela não gostasse de saber nem de ouvir sobre o tempo que ele tinha passado com os moicanos. Tinha sido uma época ruim para ela – sozinha, grávida, duvidando se ela ou seus pais um dia voltariam – tanto quanto para ele. Ela esticou o braço para aceitar um pedaço de queijo, resvalou os dedos nos dele e se inclinou para a frente, para que ele a beijasse.

Ele a beijou e em seguida voltou a se sentar, com os olhos de um verde mais suave e sereno, livres daquilo que os assombrara.

– Pizza – disse ele.

Ela hesitou e então riu. Era um dos jogos deles; revezar-se pensando em coisas de que sentiam falta da outra época, da época de antes... ou depois, dependendo do ponto de vista.

– Coca-Cola – disse ela. – Acho que eu poderia fazer pizza... mas de que serve uma pizza sem Coca-Cola?

– Pizza com cerveja é perfeitamente satisfatória – disse ele. – E podemos tomar cerveja... não que a cerveja caseira de Lizzie possa se comparar a uma MacEwan's lager. Mas você acha mesmo que poderia fazer pizza?

– Não vejo por que não. – Ela mordiscou o queijo, franzindo o cenho. – Este não serviria – ela pegou o pedaço amarelo restante e o enfiou na boca –, porque tem um gosto muito forte. Mas eu acho...

Fez uma pausa para mastigar e engolir e completou com um longo gole de sidra.

– Pensando bem, isto combinaria muito bem com pizza. – Ela baixou a garrafa de couro e lambeu as últimas gotas doces e semialcoólicas dos lábios. – Mas o queijo... acho que o queijo de cabra resolveria. Meu pai comprou um em Salem na última vez que esteve lá. Vou pedir para ele trazer mais e ver como derrete.

Ela semicerrou os olhos contra o sol forte, pensando.

– Minha mãe tem muitos tomates secos e um monte de alho. Sei que tem manjeriço, não sei se tem orégano, mas posso me virar sem. E a massa... – Ela fez um gesto de pouco caso com a mão. – Farinha, água e banha, só.

Ele riu, entregando a ela um biscoito recheado de presunto e do pickles da sra. Bug.

– Como a pizza chegou às colônias – disse ele, erguendo a garrafa de sidra em uma breve saudação. – As pessoas sempre se perguntam de onde vieram as grandes invenções da humanidade... Agora nós sabemos!

Ele falou baixinho, mas havia um tom estranho em sua voz, e ele manteve os olhos fixos nos dela.

– Talvez saibamos mesmo – disse ela, suavemente, depois de um momento. – Você já se perguntou por que... Por que estamos aqui?

– Claro. – O verde de seus olhos estava mais intenso, mas ainda claro. – Você também, não?

Ela assentiu e mordeu o biscoito com presunto, e o doce do pickles com cebola se destacou em seu paladar. Claro que eles pensavam naquilo. Ela, Roger e a mãe dela. Certamente havia sentido naquela passagem pelas pedras. Tinha que haver. Mas ainda assim... seus pais raramente falavam sobre guerras e batalhas, mas pelo pouco que falavam – e pela quantidade ainda maior que ela havia lido –, ela sabia como essas coisas podiam ser aleatórias e sem sentido às vezes. De vez em quando, uma sombra surge e a morte permanece sem nome no escuro.

Roger amassou o resto do pão entre os dedos e jogou as migalhas a poucos metros dali. Um chapim desceu, pegou uma migalha, e ao lado dele apareceram, segundos depois, vários outros, que desceram das árvores, dando fim às migalhas em meio aos piados. Ele se alongou, suspirando, e deitou-se sobre o cobertor.

– Bem – disse ele –, se descobrir, não deixe de me contar, está bem?

Ela podia sentir as batidas do coração em seus seios; não mais contidas com segurança por trás da proteção do peito, mas livres para atravessar sua carne, pequenas correntes de eletricidade eriçando seus mamilos. Não ousou pensar em Jem. Se pensasse nele, por mais breve que fosse o pensamento, seu leite vazaria aos borbotões.

Antes que começasse a pensar demais, tirou a camisa.

Os olhos de Roger estavam abertos, fixos nela, suaves e brilhantes como o musgo ao pé das árvores. Ela desfez o nó da faixa de linho e sentiu o toque frio do vento em seus seios nus. Segurou-os com as mãos, sentindo o peso aumentar e os seios começarem a formigar.

– Venha aqui – disse ela suavemente, olhando para ele. – Depressa. Preciso de você.

Eles estavam deitados, semivestidos e confortavelmente enroscados sobre o cobertor puído, sonolentos e grudentos por causa do leite já meio seco, o calor da união ainda forte ao redor deles.

O sol em meio aos galhos vazios acima deles criava ondulações escuras atrás das pálpebras fechadas, como se ela estivesse olhando para baixo através de um mar vermelho-escuro, dentro da água quente como sangue, vendo a areia vulcânica escura mudar e se agitar ao redor de seus pés.

Ele estava acordado? Ela não virou a cabeça nem abriu os olhos para ver, mas tentou mandar uma mensagem a ele, uma batida lenta e preguiçosa do coração, uma pergunta fluindo de sangue para sangue. *Você está aí?*, perguntou ela silenciosamente. Sentiu a pergunta subir por seu peito e percorrer seu braço; imaginou a parte de dentro do braço e a veia azul ao longo dele, como se pudesse ver um flash subterrâneo conforme o impulso era carregado por seu sangue e percorria o braço, chegando à palma, ao dedo, e causando a mais leve palpitação contra a pele dele.

Nada aconteceu de imediato. Ela conseguia ouvir a respiração dele, lenta e regular, em contraste com o murmúrio da brisa nas árvores e na grama, como uma onda avançando sobre a costa arenosa.

Ela se imaginou como uma água-viva, e ele, outra. Podia vê-los com clareza; dois corpos transparentes, brilhantes como a lua, veias pulsando para dentro e para fora em um ritmo hipnótico, levados pela maré, um em direção ao outro, tentáculos estendidos, lentamente se tocando...

O dedo dele passou pela palma dela, tão leve que era como se fosse o resvalar de nadadeira ou de uma pena.

Estou aqui, dizia. E você?

Ela fechou a mão sobre a dele, e ele rolou em sua direção.

Como já estavam em uma época mais avançada do ano, a luz ia embora cedo. Ainda faltava um mês para o solstício de inverno, mas, no meio da tarde, o sol já resvalava o topo da montanha Negra, e a sombra dos dois se estendia em comprimentos impossíveis diante deles quando viraram para o leste, em direção à casa.

Ela levava a arma; a aula estava encerrada naquele dia, mas, apesar de não estarem caçando, aproveitaria qualquer oportunidade que aparecesse. O esquilo que havia abatido mais cedo já estava limpo e guardado em sua bolsa, mas não bastava para um ensopado. Seria bom pegar mais alguns. Ou um gambá, ela pensou de modo sonhador.

Mas não sabia bem quais eram os hábitos dos gambás; talvez hibernassem durante o inverno e, nesse caso, provavelmente não estavam mais por ali. Os ursos continuavam ativos. Ela vira excremento seco no caminho e os arranhões no tronco de um pinheiro, dos quais ainda escorria seiva amarela. Um urso seria uma boa caça, mas ela não pretendia procurar por um, nem se arriscar atirando em um a menos que fosse para se defender – o que não parecia provável. Não mexa com os ursos e eles não vão mexer com você – seus dois pais tinham lhe dito isso, e ela considerava um ótimo conselho.

Um bando de codornizes saiu voando de um arbusto próximo como estilhaços de uma explosão, e ela se sobressaltou, com o coração na boca.

– Eles são gostosos, não são?

Roger assentiu para o último dos pássaros branco-acinzentados a desaparecer. Ele também havia se assustado, mas menos do que ela, ela notou irritada.

– Sim – disse ela, exasperada por ter sido pega desprevenida. – Mas não se deve atirar neles com um mosquete, a não ser que só queira as penas para fazer travesseiro. Deve-se usar uma arma para matar pássaros, com balas apropriadas. É parecida com uma espingarda.

– Eu sei – disse ele, de modo sucinto.

Ela desanimou de conversar, pois o clima não era mais pacífico. Seus seios começavam a inchar de novo; estava na hora de ir para casa, encontrar Jemmy.

Ela apressou um pouco o passo ao pensar nisso, apesar de sua mente

relutar em se libertar da lembrança do cheiro forte de grama seca, do brilho do sol sobre os ombros nus e morenos de Roger acima dela, do sibilar do seu leite, cobrindo o peito dele com uma borrifada fina de gotas, escorregadias, quentes e frias, em alternância, entre seus corpos.

Ela suspirou profundamente e ouviu a risada dele, contida na garganta.

– Hum?

Ela virou a cabeça, e ele fez um gesto para o chão diante deles. Tinham começado a se mover juntos enquanto caminhavam, e nenhum dos dois notara a força gravitacional que os unia. Agora, suas sombras tinham se fundido na parte de cima, de modo que uma fera esquisita, de quatro patas, caminhava como uma aranha diante deles, com as duas cabeças inclinadas uma na direção da outra.

Ele passou o braço ao redor da cintura dela, e uma cabeça de sombra se curvou, unindo-se à outra em uma única forma bulbosa.

– Foi um bom dia, não? – perguntou ele, suavemente.

– Sim, foi – disse ela e sorriu. Poderia ter dito mais, mas ouviu um som acima dela, nos galhos de uma árvore, e se retraiu repentinamente.

– O que... – começou ele, mas ela levou um dedo aos lábios dele para calá-lo, gesticulando para que ele a seguisse em direção a um carvalho vermelho.

Havia um bando de perus ciscando tranquilamente a terra sob um grande carvalho, pegando minhocas no tapete de bolotas e folhas caídas. O sol do fim da tarde brilhava baixo, iluminando as penas do peito deles, e o preto opaco das aves reluzia com gotinhas de chuva conforme elas se moviam.

Ela já estava com a arma carregada, mas não preparada. Pegou o cantil de pólvora do cinto e encheu o tambor, mal desviando o olhar dos pássaros. Roger se agachou ao lado dela, atento como um cão perdigueiro farejando. Ela o cutucou e estendeu a arma para ele em um convite, com uma das sobrancelhas erguida. Os perus estavam a menos de 20 metros, e mesmo os menores eram do tamanho de bolas de futebol.

Ele hesitou, mas ela podia ver o desejo de tentar nos olhos dele. Colocou a arma com firmeza nas mãos dele e assentiu em direção a uma brecha nos arbustos.

Ele se moveu com cuidado, tentando encontrar uma boa linha de tiro. Ela ainda não havia ensinado a ele como atirar agachado, e ele, sabiamente, não tentou; em vez disso, ficou de pé, embora isso significasse ter de atirar para baixo. Ele hesitou, o cano comprido vacilando enquanto ele mudava a mira de um pássaro a outro, tentando escolher o melhor alvo. Os dedos dela se dobravam e se fechavam com força, ansiosos para corrigir a mira, puxar o gatilho.

Ela o sentiu inspirar e prender o ar. Então, três coisas aconteceram, tão depressa que pareceram simultâneas. A arma disparou em um enorme *fuoom!*, uma explosão de folhas secas de carvalho se elevou da terra embaixo da árvore como uma cascata, e quinze perus saíram em disparada, correndo alucinados diretamente para eles, gorgolejando a plenos pulmões.

Os perus chegaram ao arbusto, viram Roger e levantaram voo como bolas lançadas ao ar, batendo as asas freneticamente. Roger se abaixou para desviar de um deles, que sobrevoou sua cabeça, mas outro o atingiu em cheio no peito. Ele tombou para trás, e o peru, agarrando-se a sua camisa, aproveitou a oportunidade para subir em seu ombro e tomar impulso, arranhando a lateral do pescoço dele com as garras.

A arma voou pelo ar. Brianna a pegou, tirou um cartucho da caixa em seu cinto e a recarregava quando o último peru correu na direção de Roger, ziguezagueou, percebeu a presença dela, seguiu na outra direção e por fim passou em disparada entre eles, gorgolejando alertas e imprecações.

Ela se virou, mirou no peru quando ele saiu do chão, viu a figura preta recortada por um segundo contra o céu iluminado e atirou nas penas da cauda. A ave despencou como um saco de carvão e caiu no chão 40 metros adiante com um baque audível.

Ela ficou parada por um momento e então, lentamente, abaixou a arma. Roger estava olhando para ela, boquiaberto, pressionando o tecido da camisa contra os arranhões sangrentos em seu pescoço. Ela sorriu para ele, um sorriso fraco, sentindo as mãos suadas no cabo de madeira e o coração batendo acelerado com a reação atrasada.

– Santo Deus – disse Roger, profundamente impressionado. – Aquilo não foi apenas sorte, foi?

– Bem... um pouco – disse ela, tentando ser modesta. Não conseguiu e

sentiu um sorriso se abrir em seu rosto. – Talvez metade.

Roger pegou a caça enquanto ela limpava a arma de novo, voltando com uma ave de 5 quilos, com o pescoço mole e vazando sangue como uma bolsa de água furada.

– Que coisa – disse ele, segurando o peru com o braço estendido para que o sangue escorresse, admirando os azuis e vermelhos da cabeça sem penas. – Acho que nunca vi um desses, a não ser assado em uma travessa, com molho de castanha e batatas assadas.

Ele olhou do peru para ela com grande respeito, e meneou a cabeça em direção à arma.

– Foi um belo tiro, Bree.

Ela sentiu o rosto corar de satisfação e controlou a vontade de dizer “não foi nada”, contentando-se em vez disso com um simples “obrigada”.

Eles voltaram a caminhar em direção à casa, Roger ainda carregando o animal morto um pouco afastado de seu corpo.

– E nem faz tanto tempo assim que você aprendeu a atirar – disse Roger, ainda impressionado. – Quanto tempo faz? Seis meses?

Ela não queria diminuir a admiração dele por sua habilidade, mas riu, deu de ombros e disse a verdade.

– Na verdade, faz uns seis anos. Para ser mais precisa, quase dez.

– É?

– Meu pai, Frank, me ensinou a atirar quando eu tinha 11 ou 12 anos. Ele me deu uma vinte e dois quando eu tinha 13 anos, e quando eu tinha 15, ele me levava para atirar em pratos em clubes de tiro ou para caçar pombas e codornas nos fins de semana de outono.

Roger olhou para ela com interesse.

– Pensei que Jamie tivesse ensinado você a atirar. Não fazia ideia de que Frank Randall era um desportista de tiro.

– Bom – disse ela lentamente –, eu não disse que ele era.

Ele ergueu uma das sobrancelhas, sem entender.

– Ah, ele sabia atirar – disse ela. – Serviu no Exército durante a Segunda Guerra Mundial. Mas nunca gostou muito de fazer isso; só me mostrava e depois observava. Na verdade, ele nem tinha uma arma.

– Que estranho.

– Não é?

Ela se aproximou mais dele, tocando seu ombro para que as sombras se misturassem de novo; agora eles pareciam um ogro de duas cabeças, carregando uma arma sobre um dos ombros, com uma terceira cabeça na mão.

– Pensei nisso – disse ela, tentando soar casual – depois que você me contou sobre a carta dele e tudo o mais, na Reunião.

Ele lançou um olhar desconfiado para ela.

– Pensou sobre o quê?

Ela respirou fundo, sentindo as faixas de linho apertarem seus seios.

– Eu me perguntei por que um homem que não montava nem atirava se esforçaria tanto para que a filha aprendesse tudo isso. Sei lá, não era comum que meninas fizessem essas coisas. – Ela tentou rir. – Não em Boston, pelo menos.

Por um momento, o único som que se ouviu foi o movimento dos pés pelas folhas secas.

– Meu Deus! – exclamou Roger baixinho, por fim. – Ele procurou Jamie Fraser. Ele disse isso na carta.

– E ele encontrou um Jamie Fraser. Disse isso também. Só não sabemos se foi o certo ou não.

Ela olhava para as botas, atenta a serpentes. Havia cabeças-de-cobre e cascavéis na mata, ela as via de vez em quando sobre pedras ou troncos.

Roger respirou fundo, erguendo a cabeça.

– Sim. Então, você está se perguntando... o que mais ele pode ter descoberto?

Ela assentiu, sem olhar para a frente.

– Talvez ele tenha me encontrado – disse ela, sentindo um nó na garganta. – Talvez ele soubesse que eu ia voltar pelas pedras. Mas se ele sabia... não me contou.

Ele parou de andar e apoiou uma das mãos no braço dela para virá-la para ele.

– E talvez ele não soubesse de nada disso – disse ele com firmeza. – Pode ter apenas achado que você *poderia* tentar, se um dia descobrisse sobre Fraser. E se você descobrisse e fosse... então ele queria que você estivesse

segura. Eu diria que independentemente do que ele sabia, era isso que ele queria; que você ficasse segura. – Ele sorriu, um sorriso meio torto. – Da mesma maneira que você quer que eu fique em segurança, certo?

Ela suspirou fundo, sentindo um alívio descer sobre ela com as palavras dele. Nunca duvidara de que Frank Randall a amava, durante todos os anos de sua infância. Não queria duvidar agora.

– Certo – disse ela, e ficou na ponta dos pés para beijá-lo.

– Ótimo, então – disse ele, tocando delicadamente o seio dela onde, na pele de gamo de sua camisa, surgira uma mancha molhada. – Jem deve estar com fome. Vamos, está na hora de voltar para casa.

Eles dobraram uma curva de novo e desceram a montanha, rumo ao mar dourado de folhas de noqueira, observando suas sombras seguirem à frente deles enquanto caminhavam abraçados.

– Você acha... – começou ela, e hesitou. Uma cabeça de sombra havia se encostado em outra, ouvindo. – Você acha que Ian é feliz?

– Espero que seja – respondeu ele, abraçando-a com mais força. – Se ele tiver uma mulher como a minha... então tenho certeza de que ele é feliz.

OLHOS PERFEITOS

– Agora, segure isto sobre o seu olho esquerdo, e leia a menor linha que conseguir ver claramente.

Com um ar de sofrimento, Roger segurou a colher de madeira sobre o olho direito e estreitou o esquerdo, concentrando-se na folha de papel que eu havia prendido na porta da cozinha. Ele estava de pé no corredor de entrada, do lado de dentro, já que o corredor era o único espaço dentro da casa com um comprimento de aproximadamente 6 metros.

– *Et tu Brute?* – leu ele, abaixando a colher e olhando para mim com uma das sobrancelhas erguida. – Nunca vi um quadro de letras com frases.

– Bom, sempre achei que as letrinhas dos quadros comuns eram meio chatas – falei, tirando o papel e virando-o. – O outro olho, por favor. Qual é a menor linha que você consegue ler com facilidade?

Ele colocou a colher sobre o outro olho, semicerrou os olhos para as cinco linhas escritas à mão – com decréscimo de tamanho mais uniforme que consegui – e leu a terceira, lentamente.

– *Não coma cebolas.* De onde é essa?

– Shakespeare, claro – falei, fazendo uma anotação. – *Não comam alho nem cebolas, pois nosso hálito tem que ser fresco.* É a menor que consegue ler, certo?

Vi a expressão de Jamie se alterar subitamente. Ele e Brianna estavam logo atrás de Roger, na varanda, observando o exame com interesse. Brianna se inclinava levemente em direção a Roger, com uma expressão meio ansiosa, como se torcesse para ele enxergar as letras.

A expressão de Jamie, por sua vez, demonstrava um pouco de surpresa, um pouco de pena – e um inegável toque de satisfação. *Ele*, evidentemente,

conseguia ler a quinta linha sem problema. *Eu o honro. Uma frase de Júlio Cesar: Por ter sido valente, honro-o; mas por ter sido ambicioso, matei-o.*

Ele sentiu meu olhar sobre ele, e a expressão desapareceu, o rosto retomando instantaneamente o olhar habitual de inescrutabilidade bem-humorada. Estreitei os olhos para ele, com um olhar do tipo “Você não me engana”, e ele desviou o olhar, esboçando um sorriso de canto de boca.

– Não consegue ler nada da linha seguinte?

Bree havia se aproximado de Roger, como se atraída por osmose. Ela olhou com atenção para o papel e em seguida para ele, com um olhar encorajador. Obviamente, conseguia ler as duas últimas linhas sem dificuldade também.

– Não – respondeu Roger, de modo sucinto.

Ele havia concordado em deixar que eu examinasse sua vista a pedido dela, mas obviamente não estava contente com aquilo. Bateu de leve na palma da mão com a colher, impaciente para acabar de uma vez com aquilo.

– Mais alguma coisa?

– Só mais alguns exames – falei, do modo mais tranquilo que consegui. – Venha até aqui, onde a luz é melhor.

Apoiei uma das mãos em seu braço e o levei em direção ao meu consultório, lançando a Jamie e a Bree um olhar ríspido.

– Brianna, por que não vai arrumar a mesa para o jantar? Não vamos demorar.

Ela hesitou por um momento, mas Jamie tocou seu braço e disse algo em voz baixa. Ela assentiu, olhou para Roger mais uma vez com um leve franzir de cenho e se foi. Jamie deu de ombros para se desculpar e a seguiu.

Roger estava de pé em meio à desordem do meu consultório, parecendo um urso que ouve latidos ao longe – ao mesmo tempo incomodado e atento.

– Isso não é necessário – disse ele quando fechei a porta. – Eu enxergo bem. Só não sei atirar muito bem ainda. Não há nada de errado com os meus olhos. – Ainda assim, não fez menção de sair, e eu percebi que havia dúvida em sua voz.

– Não acho que seja – falei baixinho. – Vou examinar depressa, apenas por curiosidade da minha parte, na verdade. – Fiz com que se sentasse, meio relutante, e por não ter uma lanterna pequena, acendi uma vela.

Posicionei-a de modo a checar a dilatação das pupilas. Os olhos dele tinham uma cor linda, pensei; não eram castanhos, mas verde-escuros. Escuros o bastante para quase parecerem negros à sombra, mas de um tom impressionante – quase esmeralda – quando visto à claridade da luz. Uma visão desconcertante, para quem havia conhecido Geilie Duncan e vira sua risada maluca daquelas profundezas verdes. Esperava que Roger não tivesse herdado *nada* além dos olhos dela.

Ele piscou uma vez, involuntariamente, fechando as pálpebras de cílios pretos e compridos sobre eles, e a lembrança desapareceu. Aqueles olhos eram lindos – mas calmos e, acima de tudo, sadios. Sorri para ele, que sorriu de volta por reflexo, sem entender.

Passei a vela diante de seu rosto, para cima, para baixo, para a direita, para a esquerda, pedindo que ele fixasse o olhar na chama, observando as mudanças conforme os olhos se moviam de um lado para o outro. Como não eram necessárias respostas nesse exame, ele começou a relaxar um pouco, abrindo os punhos gradualmente sobre as coxas.

– Muito bem – falei, mantendo a voz baixa e tranquilizadora. – Sim, muito bem... pode olhar para cima, por favor? Sim, agora, olhe para baixo, em direção ao canto da janela. Hum, sim... Agora, olhe para mim de novo. Está vendo o meu dedo? Ótimo, agora, feche o olho esquerdo e me diga se o dedo se move. Certo...

Por fim, apaguei a vela e me endireitei, alongando as costas e gemendo.

– E então – disse Roger, baixinho –, qual é o veredito, doutora? Posso ir fazer um cajado?

Ele afastou com a mão a leve fumaça da vela apagada, tentando demonstrar casualidade, traído pela leve tensão de seus ombros.

Eu ri.

– Não, você não vai precisar de um cão-guia por algum tempo, nem mesmo de óculos. Mas, por falar nisso, você disse que nunca tinha visto um quadro com frases. Mas já viu quadros de oftalmologista, pelo que entendi. Usou óculos na infância?

Ele franziu o cenho, pensando no passado.

– Sim, usei – respondeu ele lentamente. – Ou melhor... – um sorriso leve apareceu em seu rosto –, eu *tinha* um par de óculos. Ou dois ou três.

Quando eu tinha 7 ou 8 anos, acho. Eles me atrapalhavam e me davam dor de cabeça. Então, costumava deixá-los no ônibus público, ou na escola, ou nas pedras perto do rio... Não consigo me lembrar de *tê-los usado* por mais de uma hora direto e depois que perdi o terceiro par, meu pai desistiu. – Ele deu de ombros. – Para ser sincero, nunca achei que precisasse de óculos.

– Bem, não precisa... agora.

Ele notou meu tom de voz e olhou para mim, confuso.

– O quê?

– Você tem um pouco de miopia no olho esquerdo, mas não o suficiente para causar dificuldades. – Esfreguei a ponte do meu nariz, como se sentisse o peso de óculos. – Deixe-me adivinhar: quando estava na escola, você era bom em hóquei e futebol, mas não em tênis.

Ele riu, os cantos dos olhos enrugados.

– Tênis? Em uma escola em Inverness? Esporte de sulistas molengas, era o que dizíamos; jogo para fracotes. Mas compreendo o que quer dizer. Você está certa, eu era bom em futebol, mas não muito em esportes individuais. Por quê?

– Não tem visão binocular – respondi. – É possível que alguém tenha notado isso quando você era pequeno e tenha se esforçado para corrigir o problema com lentes prismáticas, mas pode ser que já fosse tarde demais quando você tinha 7 ou 8 anos – acrescentei depressa, e vi o rosto dele ficar inexpressivo. – Para dar certo, precisa ser corrigido bem cedo... antes dos 5 anos.

– Eu não tenho... visão binocular? Mas não é assim com todo mundo?... Quer dizer, os meus dois olhos funcionam, certo?

Ele parecia incomodado. Olhou para a palma da mão, fechou um dos olhos, depois o outro, como se uma resposta pudesse ser encontrada entre as linhas ali.

– Os seus olhos funcionam bem – expliquei. – É só que eles não trabalham *juntos*. É um problema bastante comum... e muitas pessoas que têm isso não percebem. É só que, em algumas pessoas, por um motivo ou por outro, o cérebro nunca aprende a misturar as imagens que enxerga com ambos os olhos para formar uma imagem tridimensional.

– Não enxergo em três dimensões?

Ele olhou para mim, semicerrando os olhos, como se esperasse que de repente eu fosse esmagada contra a parede.

– Bom, não tenho um kit de oftalmologia adequado aqui. – Indiquei com a mão a vela apagada, a colher de pau, as frases e alguns gravetos que tinha usado. – E não sou oftalmologista. Mas tenho quase certeza que sim.

Ele ouviu com atenção enquanto eu explicava o que podia. A visão dele parecia bastante normal, em termos de acuidade. Mas, como o seu cérebro não estava fundindo a informação vinda dos olhos, podia estar estimando a distância e a localização relativa de objetos simplesmente por meio de uma comparação inconsciente dos tamanhos, em vez de formar uma verdadeira imagem tridimensional. O que significava...

– Você consegue enxergar perfeitamente bem para quase tudo o que quiser fazer – expliquei a ele. – E provavelmente pode aprender a atirar bem; a maioria dos homens que vejo atirando fecha um dos olhos quando atira, de qualquer modo. Mas pode ser que tenha problemas para acertar alvos em movimento. Você pode enxergar no que está mirando muito bem, mas sem a visão binocular, pode não conseguir dizer *exatamente* onde está o que deve ser atingido.

– Compreendo – disse ele. – Então, se me metesse em uma briga, seria melhor eu me fiar no contato direto, é isso?

– Na minha singela experiência de conflitos escoceses, a maioria das brigas não passa de contato direto, de qualquer modo. Só usam uma arma ou uma flecha quando o objetivo é matar, e, nesse caso, uma lâmina costuma ser a arma de preferência. Muito mais certa, é o que Jamie diz.

Ele deu um leve grunhido de divertimento com o que eu disse, mas não comentou. Ficou sentado em silêncio, pensando no que eu tinha acabado de dizer, enquanto eu ajeitava a bagunça deixada por um dia de trabalho. Eu podia ouvir os sons vindos da cozinha e o crepitar da banha sendo frita, acompanhado do cheiro delicioso de cebolas e bacon refogados, que vinha pelo corredor.

A refeição seria rápida; a sra. Bug tinha estado ocupada o dia todo com os preparativos para a expedição da milícia. Ainda assim, até mesmo as refeições menos elaboradas da sra. Bug valiam a pena.

Vozes abafadas eram ouvidas através da parede – o grito repentino de

Jemmy, uma breve exclamação de Brianna, outra de Lizzie, e a voz grave de Jamie, evidentemente confortando o bebê enquanto Bree e Lizzie cuidavam do jantar.

Roger também os ouviu; vi quando ele virou a cabeça na direção do som.

– Que mulher – disse ele, com um sorriso. – Ela sabe caçar e cozinhar a caça. O que parece ser algo bom, diante das circunstâncias. Evidentemente eu não vou ser o responsável por colocar a carne na mesa.

– Bobagem – disse eu depressa, tentando afastar qualquer tentativa da parte dele de sentir pena de si mesmo. – Eu nunca atirei em nada na vida e coloco comida na mesa todos os dias. Se você acha realmente que precisa matar coisas, há muitos frangos, gansos e porcos. E se conseguir pegar aquela maldita porca branca antes que ela abale toda a fundação, você vai ser um herói local.

Isso fez com que ele sorrisse, embora com um toque de ironia.

– Espero que a minha dignidade vá se recuperar, com ou sem os porcos – disse ele. – O pior vai ser contar aos atiradores.

Ele inclinou a cabeça em direção à parede, onde a voz de Brianna se misturava à de Jamie em uma conversa abafada.

– Eles serão muito gentis, como alguém é em relação a uma pessoa que não tem um pé.

Ri, terminei de limpar meu pilão e levantei o braço para guardá-lo no armário.

– Bree só está preocupada com você por causa desse problema dos reguladores. Mas Jamie acha que não vai dar em nada; as chances de você precisar atirar em alguém são muito pequenas. Além disso, as aves de rapina também não têm visão binocular – acrescentei, logo em seguida. – A não ser as corujas. Falcões e águias não podem ter; os olhos deles ficam cada um de um lado da cabeça. Diga a Bree e a Jamie que eu disse que você tem olhos de águia.

Ele riu e ficou de pé, batendo a poeira do casaco.

– Certo, direi.

Ele me esperou e abriu a porta do corredor para mim. Quando me aproximei, ele pousou a mão no meu braço e me deteve.

– Essa coisa da visão binocular – disse ele, fazendo um gesto vago para indicar os olhos. – Eu nasci com isso, certo?

Eu assenti.

– Sim, tenho quase certeza.

Ele hesitou, claramente sem saber como dizer o que pretendia.

– Isso é... hereditário, então? O meu pai era da Força Aérea, não pode ter tido isso, mas a minha mãe usava óculos. Ela os deixava presos a uma corrente ao redor do pescoço. Eu lembro que brincava com eles. Posso ter herdado o problema de visão dela, é o que quero dizer.

Eu franzi lábios, tentando me lembrar do que já tinha lido sobre problemas hereditários de visão, mas nada de concreto me ocorreu.

– Não sei – respondi por fim. – Pode ser. Mas pode não ser também. Não sei mesmo. Está preocupado com Jemmy?

– Ah.

Um olhar de decepção cruzou seu rosto, mas ele o afastou quase no mesmo instante. Sorriu, constrangido, e abriu a porta, segurando-a para que eu passasse.

– Não, não estou preocupado. Só estava pensando... se foi herdado, e se ele também tivesse... então eu saberia.

O corredor estava tomado pelos cheiros deliciosos de ensopado de esquilo e pão fresco, e eu estava faminta, mas fiquei parada, olhando para ele.

– Eu não desejaria que ele tivesse – disse ele ao ver minha expressão. – De jeito nenhum! É só que, se ele tiver... – Ele se interrompeu e desviou o olhar, engolindo em seco. – Por favor, não diga a Bree que eu pensei nisso.

Toquei o braço dele de leve.

– Acho que ela compreenderia. O fato de você querer... ter certeza.

Ele olhou para a porta da cozinha, de onde vinha a voz de Bree, cantando “Clementine” para fascínio de Jemmy.

– Pode ser que compreenda – disse ele. – Mas não quer dizer que ela queira ouvir isso.

A CRUZ DE FOGO

Os homens haviam partido. Jamie, Roger, o sr. Chisholm e seus filhos, os irmãos MacLeods... todos tinham desaparecido antes do nascer do dia, sem deixar vestígios exceto pelos restos de um café da manhã rápido e uma série de marcas de sapato cheias de lama na entrada.

Jamie se movia de forma tão silenciosa que raramente me acordava quando saía do meu lado e se vestia no escuro antes do amanhecer. Mas costumava se inclinar para me dar um beijo de despedida e dizer algo carinhoso no meu ouvido, deixando que eu levasse seu toque e seu cheiro de volta para os sonhos.

Ele não tinha me acordado naquela manhã.

Essa tarefa fora deixada para os Chisholm e MacLeod mais jovens, que tinham brigado logo embaixo da minha janela, pouco depois do amanhecer.

Eu havia despertado, momentaneamente confusa com os gritos e os berros, as mãos automaticamente à procura de esponja e oxigênio, seringa e álcool, visões de uma sala de emergência de hospital ao meu redor. Então, respirei fundo e senti cheiro de fumaça de madeira, não de etanol. Balancei a cabeça, olhando para o cobertor azul e amarelo, a fileira tranquila de roupas penduradas e a luz clara e pura entrando pelas cortinas entreabertas. Lar. Eu estava em casa, na Cordilheira dos Frasers.

Uma porta se abriu com estrondo lá embaixo e a confusão cessou abruptamente, seguida de passos apressados e risos abafados.

– Mmmfm! – disse a sra. Bug, satisfeita por ter dispersado os arruaceiros. A porta se fechou, e o retinir de madeira e metal lá embaixo anunciou o começo das atividades do dia.

Quando desci, alguns momentos depois, encontrei a boa senhora

ocupada simultaneamente em torrar o pão, passar o café, fazer mingau e reclamar enquanto arrumava as coisas dos homens. Não reclamava da falta de asseio – o que mais se podia esperar dos homens –, mas sim porque Jamie não a havia acordado para fazer um café da manhã adequado para eles.

– E como ele vai se virar agora? – perguntou ela, erguendo o garfo de torrar para mim em reprimenda. – Um homem grande e bonito como aquele, saindo por aí com pouco mais do que leite e um pão amanhecido no estômago?

Lançando um olhar sorrateiro para as migalhas e os utensílios sujos, me pareceu que ele e seus companheiros provavelmente tinham comido pelo menos duas dúzias de muffins de milho e um pão de sal inteiro, acompanhados por meio quilo de manteiga fresca, um jarro de mel, uma tigela de passas e todo o leite da primeira ordenha.

– Acho que ele não vai passar fome – murmurei, pegando uma migalha com o dedo úmido. – O café está pronto?

Os filhos mais velhos dos Chisholms e dos MacLeods tinham passado a noite perto da lareira da cozinha, enrolados em trapos ou cobertores. Todos já tinham se levantado e saído, deixando os cobertores amontoados em um canto. Conforme o cheiro de comida começou a permear a casa, sons leves de pessoas acordando começaram a ser ouvidos através das paredes e escada abaixo, enquanto as mulheres se vestiam e cuidavam dos bebês e das crianças pequenas. Rostos pequenos começaram a reaparecer, vindos de fora e espiando pela porta com interesse.

– Vocês lavaram as patinhas imundas, meninos? – perguntou a sra. Bug ao vê-los. Agitou uma colher de mingau para indicar os bancos ao longo da mesa. – Se lavaram, venham e sentem-se. Mas limpem os pés cheios de lama!

Em poucos instantes, os bancos tinham sido ocupados, e a sra. Chisholm, a sra. MacLeod e a sra. Aberfeldy bocejavam e piscavam entre os filhos, assentindo e murmurando “bom dia” para mim e umas para as outras, ajeitando um guardanapo aqui e uma camisa ali, usando um polegar molhado com saliva para abaixar uma mecha de cabelo espetado na cabeça de um menino ou para tirar uma mancha do rosto de uma menina.

Diante de tantas bocas abertas para alimentar, a sra. Bug estava à vontade, andando de um lado para outro entre a lareira e a mesa.

Observando-a em ação, pensei que ela devia ter sido um chapim em outra vida.

– A senhora viu quando o Jamie saiu? – perguntei, quando ela parou momentaneamente para encher todas as xícaras de café, com uma salsicha grande e crua na outra mão.

– Na verdade, não. – Ela balançou a cabeça, envolvida por um lenço branco. – Não sei nada a respeito. Ouvi uma movimentação antes do amanhecer, mas pensei que ele estivesse apenas indo à latrina, sem querer me incomodar com o barulho do penico. Ele não voltou, no entanto, e quando acordei, todos tinham partido. Ah! Nada disso!

Ao perceber um movimento pelo canto do olho, ela acertou um MacLeod de 6 anos na cabeça com a linguça, fazendo com que ele recolhesse os dedos do pote de geleia.

– Talvez eles tenham ido caçar – sugeriu a sra. Aberfeldy com timidez, enfiando uma colher de mingau na boca da menininha que estava sentada em seu colo. Com menos de 19 anos, ela raramente dizia alguma coisa, sempre tímida em meio às mulheres mais velhas.

– É bom que eles estejam procurando um terreno e madeira para construir casas – disse a sra. MacLeod, segurando um bebê contra o ombro e dando tapinhas em suas costas. Ela afastou uma mecha de cabelos grisalhos do rosto e abriu um sorriso amarelo para mim. – Não estou fazendo pouco de sua hospitalidade, sra. Fraser, mas gostaria de não passar o inverno com vocês. Geordie, deixe as tranças da sua irmã em paz ou vai se arrepender!

Eu não estava de muito bom humor tão cedo, então sorri e murmurei algo educado mas incompreensível. Eu também gostaria de não ter cinco ou dez pessoas a mais na minha casa durante o inverno, mas não sabia ao certo se isso podia ser evitado.

A carta do governador tinha sido bastante específica; todos os homens capazes da região deveriam ser reunidos em tropas de milícia e deveriam se reportar a Salisbury até meados de dezembro. Isso deixava muito pouco tempo para a construção de casas. Ainda assim, eu torcia para que Jamie tivesse um plano para aliviar aquele congestionamento. Adso, o gato, fixara residência semipermanente em um armário do meu consultório, e a cena na cozinha se parecia cada dia mais com um dos quadros de Hieronymus

Bosch.

Pelo menos, a cozinha tinha perdido a frieza da manhã com tantos corpos reunidos dentro dela, e agora estava confortavelmente quente e barulhenta. Com a reunião das pessoas, no entanto, demorei para perceber que havia quatro jovens mães presentes, e não três.

– De onde você surgiu? – perguntei, assustada, ao ver minha filha, franzindo o cenho e toda encolhida embaixo de um cobertor em um canto.

Bree piscou, cheia de sono, e ajeitou Jemmy, que mamava com concentração, alheio às pessoas.

– Os Muellers apareceram no meio da noite e bateram à nossa porta – disse ela, bocejando. – Oito. Eles não falaram muito inglês, mas *acho* que disseram que papai os chamou.

– É mesmo? – Peguei uma fatia de bolo de passas, ganhando por pouco de um dos filhos dos Chisholms. – Eles ainda estão lá?

– Aham. Obrigada, mãe. – Ela estendeu a mão para pegar o bolo que ofereci a ela. – Sim. Papai veio e tirou Roger da cama enquanto ainda estava escuro, mas parecia não precisar dos Muellers ainda. Quando Roger saiu, um Mueller grande e velho levantou-se do chão, disse “*Bitte, Maedle*” e se deitou ao meu lado. – Ela corou levemente. – Então, pensei que talvez devesse vir para cá.

– Oh – falei, contendo um sorriso. – Esse deve ser Gerhard. – Prático, o velho agricultor não via motivos para deitar o corpo velho no chão duro se havia espaço na cama.

– Acho que sim – disse ela enquanto mastigava o bolo. – Acho que ele é inofensivo, mas, mesmo assim...

– Bem, ele não representaria perigo para *você* – concordei.

Gerhard Mueller era o patriarca de uma grande família alemã que vivia entre a Cordilheira e a colônia moraviana em Salem. Ele tinha quase 80 anos, mas de maneira nenhuma era inofensivo.

Mastiguei lentamente, lembrando-me de como Jamie havia descrito para mim os couros cabeludos pregados na porta do celeiro de Gerhard. Couros cabeludos de mulheres, de cabelos compridos, escuros e sedosos, com as pontas esvoaçando ao vento. *Como se estivessem vivas*, dissera ele, com o rosto preocupado ao se lembrar, *como pássaros presos à madeira*. E o couro

cabeludo branco que Gerhard havia trazido para mim, embrulhado em linho e manchado de sangue. Não, ele não era inofensivo. Engoli em seco, sentindo o bolo descer com dificuldade.

– Inofensivo ou não, eles devem estar famintos – disse a sra. Chisholm.

Ela se inclinou e pegou uma boneca de palha, uma fralda molhada e uma criança chorosa, conseguindo deixar uma das mãos livres para o café.

– É melhor recolhermos tudo antes que os alemães sintam o cheiro da comida e venham bater à porta.

– Temos mais alguma coisa para oferecer a eles? – perguntei, tentando me lembrar de quantos presuntos ainda havia na despensa.

Depois de duas semanas de hospitalidade, nossos estoques estavam diminuindo a uma velocidade alarmante.

– Claro que temos – disse a sra. Bug rapidamente, fatiando linguças e colocando as fatias na grelha quente. – Deixe-me terminar de servir estes aqui e pode mandá-los para tomarem o café da manhã deles. Você, *a muirninn...* – Ela bateu com uma espátula na cabeça de uma menina de 8 anos, mais ou menos. – Vá até a despensa e volte com o avental cheio de batatas. Alemães gostam de batatas.

Quando terminei meu mingau e comecei a recolher as tigelas para lavar, a sra. Bug, com uma vassoura na mão, estava varrendo as crianças e a sujeira pela porta de trás de modo eficiente, enquanto dava ordens a Lizzie e à sra. Aberfeldy – Ruth era o nome dela –, que pareciam ter sido convocadas a atuar como cozinheiras assistentes.

– Posso ajudar... – comecei, meio desanimada, mas a sra. Bug balançou a cabeça e fez movimentos com a vassoura para me dispensar.

– Nem pense nisso, sra. Fraser! – disse ela. – Já tem coisas de mais para fazer, tenho certeza, e... Espere, não vai entrar na minha cozinha limpa e arrumada com essas botas cheias de lama! Saia, saia e limpe-as antes de pensar em colocar os pés aqui dentro!

Gerhard Mueller, seguido por seus filhos e sobrinhos, estava parado na porta, confuso. A sra. Bug, sem se importar com o fato de ele ter uns 30 centímetros a mais do que ela ou com o fato de ele não falar inglês, fez uma careta e passou a vassoura com afinco sobre as botas dele.

Eu acenei para os Muellers acolhedoramente e então aproveitei a chance

de escapar e fugi.

Procurando evitar a multidão dentro da casa, eu me lavei no poço do lado de fora e em seguida fui até os barracões e me ocupei fazendo uma lista. A situação não era tão ruim quanto eu havia temido; tínhamos o suficiente, com gerenciamento cuidadoso, para durar todo o inverno, mas concluí que a mão extravagante da sra. Bug talvez tivesse de ser um pouco contida.

Além de seis presuntos na despensa, havia quatro pedaços de bacon e mais metade de um, e ainda uma prateleira de carne de veado seca e metade de uma carcaça relativamente recente. Olhando para cima, vi as vigas baixas do teto, pretas por causa da cinza e cheias de peixe defumado e seco, cortado e preso em fardos, como pétalas de flores grandes e feias. Havia dez barris de peixe salgado, também, e quatro de carne de porco salgada. Um jarro de pedra de toucinho, um menor de banha, outro de gelatina de cabeça de porco... eu tinha minhas dúvidas sobre isso.

Eu a havia feito de acordo com as instruções de uma das mulheres da família Mueller, conforme a tradução de Jamie, mas nunca tinha visto uma e não tinha certeza de que deveria ser *daquele jeito*. Levantei a tampa e cheirei com cuidado, mas não cheirava mal; um aroma levemente condimentado com alho e grão de pimenta, e nenhum odor de putrefação. Talvez não morrêssemos de intoxicação alimentar, embora eu estivesse decidida a convidar Gerhard Mueller para experimentar primeiro.

– Como pode permitir esse velho diabo na sua casa? – perguntara Marsali quando Gerhard e um de seus filhos subiram até a Cordilheira alguns meses antes.

Ela havia ouvido a história das mulheres índias por intermédio de Fergus e olhava para os alemães com horror e revolta.

– E o que quer que eu faça? – perguntou Jamie, erguendo a colher. – Que eu mate os Muellers, todos eles, já que, se matasse Gerhard, teria que matar todos, e pregue o escalpo deles no *meu* celeiro? – Sua boca se entortou um pouco. – Isso faria o leite da vaca secar. E me impossibilitaria de ordenhá-la, pode ter certeza.

Marsali ergueu a sobrancelha, embora não fosse o tipo de pessoa que fugisse de uma discussão.

– Isso talvez não – disse ela. – Mas você os deixou entrar na sua casa e os tratou como amigos!

Ela olhou para Jamie e para mim, franzindo o cenho.

– As mulheres que ele matou... *elas* eram suas amigas, não?

Eu e Jamie nos entreolhamos, e dei de ombros. Ele parou por um momento, reorganizando as ideias, enquanto mexia sua sopa lentamente. Então, pousou a colher e olhou para ela.

– O que Gerhard fez foi terrível – disse ele simplesmente. – Mas era uma questão de vingança para ele; pensando como pensava, ele não poderia ter feito diferente. As coisas melhorariam para mim se eu me vingasse dele?

– *Non* – disse Fergus com certeza.

Ele pousou a mão no braço de Marsali, impedindo-a de dizer o que quer que fosse que pretendia dizer em seguida. E sorriu para ela.

– Claro, os franceses não acreditam em vingança.

– Bem, talvez alguns franceses – murmurei, pensando no conde St. Germain.

Mas Marsali não se daria por vencida com tanta facilidade.

– Humf – murmurou. – O que você quer dizer é que elas não eram *suas*, não é? – Jamie ergueu as sobrancelhas, perplexo, e ela continuou argumentando. – As mulheres que foram assassinadas. Mas e se fossem da sua família? Se tivéssemos sido eu, Lizzie ou Brianna, por exemplo?

– Isso – disse Jamie com calma – é exatamente o que eu estava querendo dizer. *Era* a família de Gerhard. – Ele se afastou da mesa e ficou de pé, deixando metade da sopa na tigela. – Terminou, Fergus?

Fergus ergueu uma das sobrancelhas para ele, pegou sua tigela e bebeu, o pomo de adão se mexendo em sua garganta comprida e morena.

– *Oui* – disse ele, limpando a boca na manga.

Ele se levantou e deu um tapinha na cabeça de Marsali e em seguida afastou uma mecha de cabelos claros como palha do lenço.

– Não se preocupe, *chéri*, apesar de eu não acreditar em vingança, se alguém vier atrás dos seus cabelos, prometo que farei um saco para tabaco com o escroto dele. E o seu pai vai amarrar as meias dele com as entranhas do malfeitor, pode ter certeza.

Marsali emitiu um *pfft!* de diversão irritada, deu um tapa na mão dele, e nada mais foi dito a respeito de Gerhard Mueller.

Ergui a tigela pesada de gelatina de cabeça de porco e a coloquei ao lado da porta da despensa, para não me esquecer dela quando voltasse para a casa. Tentei imaginar se o filho de Gerhard, Frederick, teria vindo com ele – provavelmente; o rapaz tinha menos de 20 anos, uma idade em que a pessoa não queria ficar de fora de nada que promettesse emoção. Tinham sido a jovem esposa de Frederick, Petronella, e seu bebê que haviam morrido – de sarampo, apesar de Gerhard achar que a infecção era uma maldição jogada sobre sua família pelos Tuscaroras.

Será que Frederick já tinha encontrado uma nova esposa? Provavelmente. Mas, se não tivesse encontrado... havia duas garotas adolescentes entre os novos moradores. Talvez os planos de Jamie fossem encontrar marido para elas? E também havia Lizzie...

O pote de milho estava mais de três quartos cheio, apesar de haver uma quantidade preocupante de fezes de rato no chão do lado de fora. Adso crescia depressa, mas talvez não com a rapidez necessária; ele ainda estava do tamanho de uma ratazana de porte médio. Farinha... tinha um pouco, apenas oito sacos. Mas talvez houvesse mais no moinho; eu perguntaria a Jamie.

Sacos de arroz e feijões, uma boa quantidade de nozes, nozes-manteiga e nozes negras. Montes de abóbora seca, um saco de aveia e um de farinha de milho, e galões e mais galões de sidra de maçã e vinagre. Um pote de manteiga com sal, outro de manteiga fresca e um cesto de queijos de cabra redondos, que eu havia trocado por uma boa quantidade de amoras silvestres e groselhas. O restante das frutas tinha sido cuidadosamente seco, juntamente com as uvas silvestres, ou transformado em geleias ou conservas, e estava escondido na despensa, longe – eu esperava – do alcance das crianças.

O mel. Eu parei, contraindo os lábios. Eu tinha quase vinte galões de mel puro e quatro jarros grandes de favos de mel, esperando para serem transformados em velas de cera de abelha. Tudo estava dentro da caverna que servia de estábulo, para ficar protegido dos ursos. Mas não protegido das crianças que tinham sido responsabilizadas por alimentar as vacas e os

porcos do estábulo. Eu não tinha visto dedos nem rostos melados ainda, mas seria bom tomar medidas preventivas.

Entre carne, grãos e um pouco de laticínios, parecia que ninguém morreria de fome no inverno. Minha preocupação agora era a ameaça menos perigosa, mas ainda assim importante, da deficiência de vitaminas. Olhei para as castanheiras com seus galhos totalmente nus. Levaria cerca de quatro meses até termos hortaliças frescas de novo, apesar de eu ter muitos nabos e repolhos ainda plantados.

O porão estava tranquilizadamente cheio, tomado pelo cheiro terroso das batatas, pelo odor forte das cebolas e do alho e pelo aroma suave dos nabos. Havia dois barris de maçãs no fundo – com as marcas de vários pés de crianças levando até eles, eu vi.

Olhei para cima. Ramas enormes de uvas tinham sido penduradas nas vigas, onde secavam lentamente até se tornarem passas. Essas ainda estavam lá, mas os cachos acessíveis tinham sido reduzidos a buquês de galhos nus. Talvez eu não precisasse me preocupar com surtos de escorbuto, afinal.

Voltei em direção à casa, tentando calcular quantas provisões teriam de ser enviadas com Jamie e sua milícia e quanto sobraria para o consumo das esposas e dos filhos. Impossível saber; isso dependeria, em parte, de quantos homens ele conseguisse reunir e do que eles iam trazer consigo. Mas ele havia sido nomeado coronel; a responsabilidade por alimentar os homens do seu regimento seria primariamente dele, e o reembolso – se viesse – seria pago mais tarde com fundos da Assembleia.

Não pela primeira vez, desejei ardentemente saber mais. Por quanto tempo a Assembleia ia ser um corpo funcional?

Brianna estava perto do poço, caminhando ao redor dele, sem parar, com o cenho franzido, pensando.

– Cano – disse ela, sem rodeios. – As pessoas fazem canos de metal atualmente? Os romanos faziam, mas...

– Eu vi canos em Paris e em Edimburgo, sendo usados para escoar a chuva dos telhados – expliquei. – Então, eles existem. Mas acho que não vi nenhum nas Colônias. Se houver canos por aqui, eles devem ser extremamente caros. – Além das coisas mais simples, como ferraduras, todos os objetos de ferro tinham que ser importados do Reino Unido, assim como

todos os outros produtos feitos de metais como cobre, latão e aço.

– Humm. Pelo menos eles vão saber o que é. – Ela estreitou os olhos, calculando a encosta de terra entre o poço e a casa, em seguida balançou a cabeça e suspirou. – Posso fazer uma bomba, acho. Mas levar água para dentro da casa é outra coisa. – Ela bocejou de repente e piscou, os olhos um pouco marejados à luz do sol. – Nossa, estou tão cansada, não consigo pensar. Jemmy chorou a noite toda e quando finalmente se acalmou, os Muellers apareceram. Acho que não dormi nada.

– Eu me lembro como é – falei em solidariedade... e sorri.

– Eu era muito chorona? – perguntou Brianna, sorrindo de volta.

– Muito – respondi, virando-me em direção à casa. – E onde está o seu?

– Ele está com...

Brianna se interrompeu subitamente, segurando meu braço.

– O que... – disse ela. – O que, por Deus, é *aquilo*?

Eu me virei para olhar e senti um espasmo de choque na boca do estômago.

– Está bem evidente *o que é* – falei, caminhando lentamente em direção a ela. – A pergunta é *por quê*?

Era uma cruz. Uma enorme cruz, feita de tronco de pinheiro seco, sem galhos, e amarrada com cordas. Estava plantada firmemente à beira do quintal, perto da espruce grande e azul que guardava a casa.

Tinha cerca de 2 metros de altura, os galhos delgados, mas sólidos. Não era volumosa nem atrapalhava a passagem – mas ainda assim sua presença silenciosa parecia dominar o espaço, como um tabernáculo domina uma igreja. Ao mesmo tempo, o efeito da coisa não parecia nem reverente nem protetor. Na verdade, era bastante sinistro.

– Estamos tendo uma reunião de reavivamento?

A boca de Brianna se entortou, tentando fazer piada. A cruz a deixava tão intranquila quanto deixava a mim.

– Não que eu saiba.

Caminhei lentamente ao redor dela, olhando-a de cima a baixo. Jamie a havia feito, eu sabia pela qualidade do trabalho. Os galhos tinham sido escolhidos por sua retidão e simetria, cuidadosamente aparados, as pontas lixadas. A parte menor tinha sido amarrada com cuidado para se encaixar

na madeira vertical, e a corda que as prendia tinha sido cruzada com a precisão de um marinheiro.

– Talvez papai esteja iniciando a sua própria religião. – Brianna ergueu uma das sobancelhas; ela também reconheceu o trabalho.

A sra. Bug apareceu de repente, vindo da lateral da casa, com uma tigela de comida para as galinhas nas mãos. Ela parou ao nos ver, abrindo a boca imediatamente. Eu me preparei instintivamente para o ataque, e ouvi Brianna rir baixinho.

– Ah, aí está a senhora! Eu estava dizendo a Lizzie que era uma lástima, uma lástima enorme, que essas pestes fiquem por aqui, deixando a sujeira toda espalhada, até no consultório da senhora, e ela disse para mim, a Lizzie, ela disse...

– No meu consultório? O quê? Onde? O que eles fizeram? – Esquecendo-me da cruz, eu já estava seguindo em direção à casa com a sra. Bug atrás de mim, ainda falando.

– Eu peguei dois deles brincando com as tigelas ali dentro com as suas garrafas azuis e uma maçã, agarrei a orelha dos dois com tanta força que tenho certeza de que ainda estão ardendo, criaturas malditas, e além disso estão deixando a comida apodrecer e...

– O meu pão! – Eu havia chegado ao hall de entrada e abrira a porta do consultório, onde encontrei tudo impecável – incluindo o balcão onde eu havia colocado meus experimentos mais novos com penicilina. Estava totalmente vazia, com a superfície de carvalho limpa.

– Estava nojento – disse a sra. Bug atrás de mim. Ela pressionou os lábios. – Nojento! Coberto de bolor, tudo coberto, azul e...

Respirei fundo, as mãos cerradas ao lado do corpo para não a enforçar. Fechei a porta do consultório, esquecendo o balcão vazio, e me virei para a pequena escocesa.

– Sra. Bug – falei, esforçando-me ao máximo para manter a voz baixa –, a senhora sabe que valorizo muito a sua ajuda, mas eu *pedi* para não...

A porta da frente se abriu e bateu na parede ao meu lado.

– Sua velha maldita! Como ousa pôr as mãos nos meus filhos!

Eu me virei e me vi cara a cara com a sra. Chisholm, o rosto vermelho de fúria e armada com uma vassoura, e os dois meninos de rosto vermelho

agarrados às suas saias, as faces manchadas pelas lágrimas recentes. Ela me ignorou completamente, olhando para a sra. Bug, que estava de pé ao meu lado, como um porco-espinho com as cerdas eriçadas.

– Você e os seus preciosos filhos! – gritou a sra. Bug indignada. – Se você se importasse um pouco com eles, os criaria direito e ensinaria o que é certo e o que é errado, em vez de deixá-los soltos por aí como macacos bárbaros, estragando tudo desde o porão até a porta da casa, colocando os dedos melados em tudo que veem pela frente!

– Sra. Bug, por favor, tenho certeza de que eles não quiseram... – Minha tentativa de selar a paz foi encoberta pelos gritos dos três Chisholms, e a sra. Chisholm a mais eloquente deles.

– Quem é você para chamar os meus filhos de ladrões, sua velha maluca!

A mãe ofendida balançou a vassoura ameaçadoramente, sacudindo a esmo enquanto tentava acertar a sra. Bug. Eu me movi com ela, pulando de um lado para outro em uma tentativa de ficar entre as duas combatentes.

– Sra. Chisholm – falei, erguendo a mão para acalmá-las. – Margaret. Tenho certeza de que...

– Quem sou eu? – A sra. Bug parecia crescer visivelmente, como massa de pão. – Quem sou eu? Sou uma mulher temente a Deus e uma alma cristã! Quem é *você* para falar com as pessoas mais velhas e superiores a você dessa maneira, você e a sua tribo de esfarrapados que não têm onde cair mortos?

– Sra. Bug! – exclamei, virando-me para ela. – A senhora não deve...

A sra. Chisholm não tentou encontrar uma resposta, apenas atacou, com a vassoura na mão. Eu estendi os braços para impedir que ela passasse por mim; impedida de bater na sra. Bug, ela começou a atacá-la com estocadas por cima do meu ombro, movimentando-se como uma louca com a vassoura enquanto tentava acertar a mulher mais velha.

A sra. Bug, obviamente sentindo-se segura atrás de mim, pulava de um lado para outro como uma bola de pingue-pongue, o rosto arredondado e vermelho tomado pelo triunfo e pela fúria.

– Mendigos! – gritou ela, a plenos pulmões. – Maltrapilhos! Ciganos!

– Sra. Chisholm! Sra. Bug! – gritei, mas nenhuma delas prestou atenção.

– *Kittock! Mislearnit pilsh!* – gritou a sra. Chisholm, erguendo a

vassoura, irada.

As crianças gritaram, e a sra. Chisholm, que era uma mulher bem pesada, pisou com força no meu dedão. Isso ultrapassou todos os limites e eu me virei para ela com fogo nos olhos. Ela se retraiu, largando a vassoura.

– Ah! Sua meretriz petulante! Você e...

Os gritos da sra. Bug atrás de mim de repente silenciaram. Eu me virei de novo e vi Brianna, que evidentemente tinha dado a volta na casa e entrado pela cozinha, erguendo a pequena sra. Bug do chão, com um braço em sua cintura e a outra mão pressionada com firmeza sobre seus lábios. Os pezinhos da sra. Bug chutavam sem parar, e ela arregalou os olhos acima da mão em seu rosto. Bree revirou os olhos para mim e saiu pela porta da cozinha, carregando a mulher.

Eu me virei para lidar com a sra. Chisholm e vi apenas sua saia cinza de relance, desaparecendo depressa pelo canto da porta, um choro de criança diminuindo de volume como uma sirene distante. A vassoura estava aos meus pés. Eu a peguei, entrei no consultório e fechei a porta.

Fechei os olhos, com as mãos sobre o balcão vazio. Senti uma vontade repentina e irracional de bater em alguma coisa... e bati. Bati o punho no balcão, bati várias vezes com a lateral da mão, mas o balcão era tão sólido que os meus golpes não fizeram quase nenhum barulho e eu parei, ofegante.

Qual era o meu problema? Por mais irritante que a interferência da sra. Bug fosse, não tinha sido muito importante. Nem a reação da sra. Chisholm – ela e seus pestinhas partiriam mais cedo ou mais tarde. Mais cedo, era o que eu esperava.

Meu coração começou a se acalmar um pouco, mas arrepios de irritação ainda percorriam-me a pele como uma urticária. Tentei afastá-la, abrindo o armário grande para verificar se as depredações da sra. Bug ou de seus filhos tinham atingido algo realmente importante.

Não, estava tudo bem. Cada garrafa de vidro tinha sido bem polida – e a luz do sol as atravessava em cintilações de azul, verde e cristal – mas cada uma delas tinha sido devolvida exatamente ao lugar certo, todas cuidadosamente viradas com o rótulo para a frente. As ramas de ervas secas tinham sido balançadas para tirar a poeira, mas estavam cuidadosamente penduradas em seus pregos.

Ver os remédios organizados me acalmou. Toquei um frasco de pomada contra piolho, sentindo alegria ao ver a quantidade e a variedade de sacos, jarros e garrafas.

Lamparina, garrafa de álcool, microscópio, serrote grande de amputação, jarros de suturas, caixa de emplastos, pacote de linhas – todos bem organizados com precisão militar, arrumados em fileiras como recrutas sob os olhos de um sargento. A sra. Bug podia ter seus defeitos, mas eu não pude deixar de admitir sua virtude como dona de casa.

A única coisa no armário que claramente não tinha sido tocada era um saco pequeno de couro, o amuleto que ganhei da xamã dos Tuscaroras, Nayawenne; ele estava em um canto. Interessante a sra. Bug não ter mexido nele, pensei. Eu não havia contado a ela o que era, mas parecia indígena, com as penas – de corvo ou de pica-pau – no nó. Menos de um ano nas Colônias e menos de um mês na mata, a sra. Bug encarava todas as coisas indígenas com muita desconfiança.

O odor de sabão de lixívia permeava o ar, sorrateiro como o fantasma de uma governanta. Acho que não podia julgá-la; pão embolorado, melão podre e fatias de maçã passadas podiam ser pesquisa para mim; mas, para a sra. Bug, podiam não passar de uma ofensa calculada ao deus da limpeza.

Suspirei e fechei o armário, acrescentando o tênue perfume de lavanda seca e o cheiro de poejo aos espectros da lixívia e das maçãs apodrecidas. Eu havia perdido preparações experimentais muitas vezes antes, e aquela não tinha sido complexa nem estava em um estado muito avançado. Não levaria mais de meia hora para substituí-la, separando pedacinhos de pão fresco e outras amostras. Mas eu não faria isso; não havia tempo suficiente. Jamie estava começando a reunir seus homens da milícia; não demoraria muito até eles partirem para Salisbury, a fim de se reportarem ao governador Tryon. Antes de *nós* partirmos – pois eu pretendia acompanhá-los, com certeza.

De repente, me ocorreu que não houvera tempo para terminar o experimento quando eu o montara. Eu sabia que partiríamos em breve e, ainda que eu tivesse conseguido um bom crescimento imediato, não teria tido tempo para coletar, secar, purificar... eu já sabia disso, mas, mesmo assim, segui meus planos, realizei as rotinas, como se a vida ainda fosse estável e previsível, como se nada pudesse ameaçar a calma dos meus dias.

Como se o ato de fingir pudesse tornar aquilo realidade.

– Você realmente é uma tola, Beauchamp – falei, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha. Saí, fechei a porta do meu consultório e fui negociar a paz entre a sra. Bug e a sra. Chisholm.

Superficialmente, a paz na casa foi restabelecida, mas uma atmosfera de inquietação persistia. As mulheres faziam seu trabalho tensas, com lábios contraídos; até mesmo Lizzie, a personificação da paciência, se enraiveceu quando uma das crianças derrubou uma panela de leite nos degraus.

Mesmo do lado de fora, o ar parecia estalar, como se uma tempestade de raios estivesse próxima. Conforme eu ia dos barracões para a casa e de volta, ficava olhando para trás, para o céu além da montanha Roan, meio esperando ver os raios – mas o céu continuava do mesmo azul-claro do fim de outono, coberto com nada mais do que os restos de nuvens esparsas.

Eu me vi distraída, incapaz de me concentrar no que quer que fosse. Passava de uma tarefa a outra, deixando uma pilha de cebolas meio entrelaçadas na despensa, uma tigela de feijões meio debulhados nos degraus, um par de calças rasgadas largado no chão, a agulha pendurada pela linha. Várias vezes, eu me vi atravessando o quintal, vinda de nenhum lugar em especial, sem realizar qualquer tarefa específica.

Eu olhava para cima sempre que passava pela cruz, como se esperasse que ela tivesse desaparecido desde a minha última passagem ou que tivesse sido pregado nela algum aviso explicativo. Se não fosse *Iesus Nazarenus Rex Iudaeorum*, que fosse *algo*. Mas não. A cruz permanecia lá, duas estacas simples de pinheiro, presas por uma corda. Nada mais. Exceto, claro, pelo fato de que uma cruz *sempre* era algo mais. Eu só não sabia o que poderia ser dessa vez.

Todas as outras pessoas pareciam compartilhar da minha distração. A sra. Bug, irritada pelo conflito com a sra. Chisholm, recusou-se a fazer o almoço e foi para o quarto, dizendo que estava com dor de cabeça, mas não deixou que eu a medicasse. Lizzie, normalmente talentosa na cozinha, queimou o ensopado, e nuvens de fumaça preta mancharam as vigas de carvalho acima do fogão à lenha.

Pelo menos os Muellers estavam seguramente fora do caminho. Eles

tinham trazido um grande barril de cerveja e se recolheram depois do café da manhã de volta para o chalé de Brianna, onde pareciam estar se divertindo.

O pão se recusava a crescer. Um novo dente de Jemmy tinha começado a nascer, um dente difícil, e ele gritava sem parar. Os gritos incessantes enervavam a todos, inclusive a mim. Eu deveria ter sugerido que Bree o levasse para algum lugar onde não fosse ouvido, mas vi as olheiras profundas de cansaço no rosto dela e não tive coragem. A sra. Chisholm, irritada com as brigas constantes dos filhos, não teve o mesmo cuidado.

– Pelo amor de Deus, por que não leva esse menino para o seu chalé? – perguntou ela. – Se ele vai continuar gritando desse jeito, nós todos não precisamos ouvir!

Os olhos de Bree se semicerraram de modo ameaçador.

– Porque – disse ela, entre os dentes – os seus dois filhos mais velhos estão no meu chalé, bebendo com os alemães. E eu não quero perturbá-los!

O rosto da sra. Chisholm ficou muito vermelho. Antes que ela pudesse falar, dei um passo à frente e tirei o bebê do colo de Bree.

– Vou levá-lo para dar uma volta, está bem? – disse, aninhando-o contra o ombro. – Eu preciso de um pouco de ar fresco. Por que não vai se deitar na minha cama, querida? Você parece um pouco cansada.

– Sei – disse ela, entortando um canto da boca. – E o papa é um pouco católico também. Obrigada, mamãe.

Ela beijou o rosto quente e úmido de Jemmy e desapareceu em direção à escada.

A sra. Chisholm fez uma careta para ela, mas olhou para mim, tossiu e chamou seus gêmeos de 3 anos, que estavam ocupados destruindo o meu cesto de costura.

O ar frio do lado de fora foi um alívio depois do confinamento quente e abafado da cozinha, e Jemmy se acalmou um pouco, apesar de continuar a se remexer e a resmungar. Ele esfregava o rosto quente e úmido contra o meu pescoço e mordida ferozmente o tecido do meu xale, resmungando e babando.

Caminhei lentamente de um lado para outro, dando tapinhas delicadas nele e murmurando “Lilibuleero” baixinho. Achei o exercício relaxante,

apesar do mau humor de Jemmy. Ele era apenas um, afinal, e não sabia falar.

– Você é um homem também – disse a ele, puxando a touca de lã sobre os cabelinhos macios que cobriam sua cabeça. – Como sexo, vocês têm seus defeitos, mas devo dizer que brigar por bobagens não é um deles.

Por mais que eu gostasse de mulheres individualmente – Bree, Marsali, Lizzie e até a sra. Bug –, eu tinha de admitir que, em grupo, eu achava os homens muito mais fáceis de lidar. Se isso se devia à minha criação pouco ortodoxa – eu fora criada, em grande parte, por meu tio Lamb e por seu empregado pérsio, Firouz –, às minhas experiências na guerra ou simplesmente a um aspecto da minha personalidade nada convencional, eu não sabia, mas achava os homens tranquilizadamente lógicos e – com algumas poucas exceções – agradavelmente diretos.

Eu me virei para olhar para a casa. Ela se erguia tranquila entre a espruce e as noqueiras, elegantemente proporcional e sólida. Um rosto apareceu em uma das janelas. O rosto mostrou a língua e se pressionou contra a janela, entortando os olhos, com o nariz e as bochechas amassadas. Vozes femininas estridentes e o som de batidas chegaram até mim suavemente pelo ar frio.

– Hum – murmurei.

Por mais relutante que eu estivesse em deixar minha casa mais uma vez em um período tão curto e por menos que gostasse da ideia de Jamie estar envolvido em conflitos armados de qualquer tipo, a perspectiva de partir para viver na companhia de vinte ou trinta homens fedidos e não barbeados por uma ou duas semanas tinha adquirido um inegável poder de atração. Mesmo que isso significasse dormir no chão...

– Toda vida tem suas turbulências – expliquei a Jemmy, suspirando. – Mas acho que você está aprendendo isso agora, não é, pobrezinho?

– Gnnnh! – reclamou ele, e se encolheu para escapar da dor dos dentes que nasciam, apertando os joelhos com força contra a lateral do meu corpo.

Eu o ajitei com mais conforto em meu quadril e ofereci a ele um dedo indicador para que ele mordesse. Suas gengivas estavam duras e cheias de protuberâncias; eu percebi o ponto sensível onde o novo dente estava nascendo, inchado e quente sob a pele. Um grito estridente veio da casa,

seguido pelo som de gritos e passos apressados.

– Sabe – comentei como se estivéssemos conversando –, eu acho que um pouco de uísque seria o ideal para dar um jeito nisso, não acha?

Retirei o dedo e ajeitei Jemmy contra o ombro. Abaixei-me para passar pela cruz e sob o abrigo da grande espruce vermelha – bem no momento em que a porta da casa se abriu e a voz penetrante da sra. Bug ecoou como um trompete pelo ar frio.

A clareira do uísque ficava muito longe, mas não me importei. Fazia um silêncio abençoado na floresta, e Jemmy, ninado pelo movimento, finalmente relaxou e cochilou, soltando o corpo como se fosse um saco de areia em meus braços.

Com o ano já bastante avançado, todas as árvores decíduas tinham perdido as folhas; a trilha era um tapete espesso de tons marrons e dourados, e sementes de bordo eram levadas pelo vento, resvalando em minha saia como asas. Um corvo passou voando, bem alto. Emitiu um pio urgente e forte, e o bebê se remexeu nos meus braços.

– Shhh – falei, apertando-o com mais força contra o meu corpo. – Não é nada, amor, só um pássaro.

Ainda assim, olhei para o corvo e ouvi mais um pio. Eram pássaros de agouro – ou assim dizia a superstição dos escoceses. Um corvo era um presságio de mudança; dois significavam boa sorte; três, má sorte. Tentei tirar essas ideias da cabeça, mas Nayawenne tinha me dito que o corvo era o meu guia, meu animal de espírito – e eu nunca via as sombras grandes e escuras passarem acima de mim sem sentir um arrepio na espinha.

Jemmy se remexeu, deu um grito rápido e voltou a silenciar. Eu dei um tapinha em suas costas e retomei a subida, pensando, enquanto me deslocava lentamente montanha acima, qual animal seria o guia dele.

O espírito escolheu você, Nayawenne me disse, não o contrário. Você deve prestar muita atenção a sinais e portentos, e esperar que o seu animal se manifeste para você. O animal de Ian era o lobo; o de Jamie era o urso – ou assim diziam os Tuscaroras. Na época, perguntei-me o que uma pessoa deveria fazer se fosse escolhida por algum animal vergonhoso, como um musaranho ou um besouro rola-bosta, mas era educada demais para

perguntar.

Só um corvo. Eu ainda o ouvia, apesar de ele estar longe da vista, mas nenhum pio ecoava atrás de mim. Um presságio de mudança.

– Você poderia ter se poupado o trabalho – falei baixinho para não acordar o bebê. – Como se eu precisasse que alguém me dissesse isso.

Subi lentamente, ouvindo o suspiro do vento e o som mais profundo da minha respiração. Nessa estação, a mudança estava no ar, os cheiros de maturidade e de morte eram levados pela brisa e o sopro do inverno em sua friagem. Ainda assim, os ritmos da terra em movimento traziam mudanças esperadas, ordenadas; corpo e mente encaravam isso com conhecimento e – de modo geral – com serenidade. As mudanças que vinham eram de uma ordem diferente, uma ordem calculada para perturbar a alma.

Olhei para a casa; daquela altura, eu via apenas o canto do telhado e a fumaça que saía da chaminé.

– O que você acha? – perguntei delicadamente, com a cabeça de Jemmy sob o meu queixo, redonda e quente envolta em sua touca de lã. – Será que esse lugar vai ser seu? Você vai viver aqui, e os seus filhos depois de você?

Seria uma vida muito diferente, pensei, da que ele poderia ter tido. Se Brianna tivesse se arriscado a atravessar as pedras para levá-lo de volta – mas ela não se arriscara, por isso o destino dele estava ali. Será que ela havia pensado nisso?, eu me perguntava. Que, ao ficar, escolhia não somente por si, mas por ele? Escolhera a guerra e a ignorância, a doença e o perigo, mas havia arriscado tudo isso pelo bem do pai dele, Roger. Eu não tinha certeza absoluta de que havia sido a escolha certa – mas a decisão não coubera a mim.

Ainda assim, pensei, não havia como imaginar com antecedência como era ter um filho – nenhum poder da mente se igualava ao conhecimento do que o nascimento de um filho era capaz de fazer, mudando vidas e partindo corações.

– E que bom também – disse eu a Jemmy. – Ninguém em sã consciência faria isso se não fosse assim.

Minha agitação havia se dissipado, acalmada pelo vento e pela paz da mata. A clareira do uísque, como a chamávamos, ficava escondida da trilha. Jamie havia passado dias procurando nas encostas acima da Cordilheira até

encontrar um ponto que satisfizesse os requisitos dele.

Ou pontos. O espaço de maltagem ficava em uma pequena clareira aos pés de uma depressão no terreno; o alambique ficava mais adiante na montanha, em uma clareira própria, perto de uma pequena fonte que fornecia água fresca e limpa. O espaço de maltagem ficava longe da trilha, mas não era difícil chegar até ele.

– Não há por que esconder – dissera Jamie, explicando sua escolha a mim – já que qualquer pessoa que tenha nariz poderia caminhar até ele com uma venda nos olhos.

Era verdade; mesmo agora, quando não havia grãos fermentando no barracão ou torrando no chão, um cheiro defumado e levemente fecundo pairava no ar. Quando o grão estava “trabalhando”, o cheiro almiscarado e pungente da fermentação era perceptível a distância, mas quando a cevada era espalhada no chão acima de um fogo baixo, uma camada fina de fumaça pairava sobre a clareira e o cheiro era forte o bastante para chegar à cabana de Fergus, quando o vento estava bom.

Não havia ninguém no espaço de maltagem naquele momento, claro. Quando uma nova leva estava sendo produzida, Marsali ou Fergus ficavam por lá para cuidar, mas, naquele momento, o espaço abrigado estava vazio, as tábuas lisas escurecidas pelo uso e pelo tempo. Havia uma pilha de lenha ali perto, pronta para ser usada.

Eu me aproximei o bastante para ver de que tipo de madeira se tratava; Fergus gostava de nogueira, porque ela se partia com mais facilidade e por causa do gosto doce que dava ao malte. Jamie, muito tradicional no que dizia respeito a uísque, não usava nada além de carvalho. Toquei um pedaço de lenha; madeira leve, casca fina. Sorri. Jamie estivera ali recentemente, então.

Normalmente, um pequeno barril de uísque era mantido ali, por hospitalidade e por cuidado.

– Se alguém encontrar a moça sozinha aqui, é melhor que ela tenha algo a oferecer – dissera Jamie. – Todos sabem o que fazemos aqui; é melhor que ninguém tente fazer Marsali dizer onde está a bebida. – Não era o melhor uísque, e sim, em geral, uma bebida muito nova e crua, mas sem dúvida era boa o suficiente para visitantes inesperados ou para uma criança cujos

dentes começavam a apontar.

– Você ainda não tem papilas gustativas, então, por que não? – murmurei para Jemmy, que se remexeu e estalou os lábios enquanto dormia, fazendo uma careta.

Eu procurei, mas não consegui encontrar o pequeno barril de uísque que costumava ficar atrás dos sacos de cevada ou dentro da pilha de lenha. Talvez tivesse sido retirado para ser enchido de novo, talvez tivesse sido roubado. Não era grande coisa, de qualquer modo.

Eu me virei na direção norte, passei pela área de maltagem, dei dez passos e virei à direita. A pedra da montanha se projetava ali, um bloco sólido de granito em meio às plantas. Mas na verdade não era sólido. Eram duas placas de pedra encostadas uma à outra, a abertura abaixo delas mascarada por arbustos. Puxei meu xale sobre o rosto de Jemmy para protegê-lo das folhas de pontas cortantes e me esgueirei cuidadosamente por trás delas, abaixando para passar pela abertura.

A face da pedra dava em penhascos enormes do lado mais distante da fenda, com plantinhas e vegetação rasteira surgindo por todo lado nos espaços entre as rochas. Por baixo, parecia intransponível, mas por cima era possível ver um caminho discreto que levava a uma pequena clareira. Quase não era uma clareira; não passava de uma abertura entre as árvores, onde uma fonte clara borbulhava da rocha e desaparecia de novo dentro da terra. No verão, era invisível até mesmo de cima, protegida pelas folhagens das árvores ao redor.

Agora, perto do inverno, era possível ver uma parte branca da rocha perto da fonte em meio aos galhos nus e ao cinza da montanha. Jamie havia encontrado um penedo grande e pálido, que rolou até a beira da fonte, onde entalhou uma espécie de cruz e fez uma oração, consagrando a fonte ao nosso uso. Na ocasião, pensei em fazer uma piada igualando o uísque à água benta – pensando no padre Kenneth e nos batismos –, mas mudei de ideia quando pensei melhor; eu não tinha certeza de que Jamie entenderia a piada.

Desci cuidadosamente o caminho discreto que serpeava por entre os penedos e por fim dava a volta em uma rocha antes de chegar à clareira da fonte. Eu estava aquecida por causa da caminhada, mas fazia frio o bastante

para que os meus dedos ficassem adormecidos segurando a barra do xale. E Jamie estava à beira da fonte usando nada além de uma camisa.

Parei subitamente, escondida por um arbusto de sempre-vivas.

Não foi seu estado seminu que me fez parar, mas sim algo em sua expressão. Ele parecia cansado, mas isso era de esperar, já que havia acordado e partido tão cedo.

A calça que ele usara para a cavalgada estava em uma pilha no chão perto dele, o cinto e seus objetos muito bem enroladas ao lado dela. Vi uma mancha escura, meio escondida na grama mais à frente; o tecido azul e marrom de seu kilt de caça. Enquanto eu observava, ele tirou a camisa puxando-a para cima e a jogou no chão; então, ajoelhou-se nu ao lado da fonte e jogou água nos braços e no rosto.

Suas roupas estavam manchadas de lama devido à cavalgada, mas ele não estava imundo, de jeito nenhum. Uma simples lavagem das mãos e do rosto teria bastado, pensei – e poderia ter sido feita com muito mais conforto ao lado da lareira da cozinha.

Mas ele se levantou e, pegando o pequeno balde na beira da fonte, recolheu água fria e a despejou sobre o corpo, fechando os olhos e rangendo os dentes enquanto ela corria por seu peito e por suas pernas. Vi seus testículos encolherem, à procura de abrigo, conforme a água gelada atravessava os pelos púbicos e escorria pelo pênis.

– Seu avô perdeu o juízo – sussurrei para Jemmy, que se remexeu e fez uma careta enquanto dormia, mas não percebeu as idiossincrasias ancestrais.

Eu sabia que Jamie não era de todo imune ao frio; vi quando ele ofegou e estremeceu, e estremecei em solidariedade. Nascido e criado nas Terras Altas, ele simplesmente não se importava com o frio, a fome ou o desconforto em geral. Mesmo assim, aquilo parecia levar a limpeza ao extremo.

Ele respirou fundo e despejou água sobre o corpo uma segunda vez. Quando se abaixou para encher o balde de novo, comecei a me dar conta do que ele estava fazendo.

Um cirurgião se lava antes de fazer uma operação por uma questão de higiene, é claro, mas não apenas por isso. O ritual de lavar as mãos, de esfregar as unhas e de enxaguar a pele, repetido a ponto de causar dor, é

uma atividade tanto mental quanto física. O ato de se lavar desse modo obsessivo serve para focar a mente e preparar o espírito; a pessoa está lavando as preocupações externas, mandando embora distrações tolas, assim como uma pessoa se lava para se livrar de germes e pele morta.

Eu tinha feito isso com frequência suficiente para reconhecer o ritual quando o via. Jamie não estava apenas se lavando; estava se higienizando, usando a água fria não apenas como solvente, mas como mortificação. Ele estava se preparando para alguma coisa, e a ideia fez um arrepio percorrer-me a espinha, frio como a água da fonte.

Depois da terceira vez, ele largou o balde e se sacudiu, e gotinhas voaram das pontas de seus pelos para a grama seca como uma chuva. Ainda úmido, ele voltou a vestir a camisa e virou-se em direção ao oeste, onde o sol estava baixo entre as montanhas. Ficou parado por um momento... imóvel.

A luz era filtrada pelas árvores sem folhas, forte o bastante para que, de onde estava, eu pudesse ver agora apenas sua silhueta, a luz brilhando através do linho molhado de sua camisa, a escuridão de seu corpo uma sombra dentro da roupa. Ele ficou parado com a cabeça levantada, os ombros erguidos, um homem ouvindo.

Ouvindo o quê? Tentei acalmar minha respiração e pressionei a cabeça protegida do bebê cuidadosamente contra o meu ombro, para impedir que ele acordasse. E também fiquei ouvindo.

Eu ouvia o som da mata, o sussurrar constante das agulhas de pinheiro e dos galhos. Havia pouco vento, e eu podia ouvir o som da água da fonte perto dali, uma corrente abafada passando por pedras e raízes. Ouvia com clareza as batidas do meu coração e a respiração de Jemmy contra o meu pescoço, e de repente fiquei temerosa, como se os sons estivessem altos demais, como se eles pudessem chamar a atenção de algo perigoso para nós.

Fiquei paralisada, sem mover um músculo, tentando não respirar e, como um coelho embaixo de um arbusto, me tornar parte da mata ao meu redor. O sangue de Jemmy pulsava azul, uma veia delicada em sua têmpora, e eu inclinei a cabeça sobre ele, para escondê-la.

Jamie disse algo em gaélico em voz alta. Parecia um desafio – ou talvez um cumprimento. As palavras pareciam vagamente familiares – mas não havia ninguém ali; a clareira estava vazia. O ar pareceu subitamente mais

frio, como se a luz tivesse diminuído. Uma nuvem passando diante do sol, pensei, e olhei para cima – mas não havia nuvens; o céu estava limpo. Jemmy se moveu repentinamente nos meus braços, assustado, e eu o segurei mais perto de mim, para que ele não emitisse nenhum som.

Então, o frio passou, e a minha sensação de apreensão desvaneceu. Jamie não havia se movido. A tensão o havia deixado e ele relaxou os ombros. Ele se moveu apenas um pouco, e o sol que se punha iluminou sua camisa em um halo dourado e fez seus cabelos brilharem como fogo.

Ele pegou o punhal da bainha descartada e, sem hesitação, passou a lâmina pelos dedos da mão direita. Vi a linha escura fina sobre as pontas de seus dedos e mordi os lábios. Ele esperou um pouco para que o sangue se acumulasse e então balançou a mão com um movimento rápido do punho, de modo que gotas de sangue voaram de seus dedos e caíram sobre a pedra à beira da piscina.

Ele colocou o punhal embaixo da pedra e se benzeu com os dedos ensanguentados da mão direita. Então ele se ajoelhou, muito devagar, e abaixou a cabeça sobre as mãos entrelaçadas.

Eu já o vira rezar algumas vezes, claro, mas sempre em público, ou pelo menos sabendo que eu estava presente. Agora, ele acreditava estar totalmente sozinho, e vê-lo ajoelhado daquele jeito, manchado de sangue e com a alma entregue, fez com que eu me sentisse espiando um ato mais íntimo do que qualquer intimidade do corpo. Eu poderia ter me movido ou falado, mas interrompê-lo parecia um pecado. Fiquei em silêncio, mas percebi que não era mais espectadora; minha mente tinha passado a rezar sem que eu me desse conta.

Oh, Senhor, as palavras se formaram na minha mente sem um pensamento consciente. *Entrego ao Senhor a alma do seu servo James. Ajude-o, por favor.* Mas pensei: ajudá-lo com o quê?

Então, ele se benzeu e ficou de pé, e o tempo voltou a passar, sem que eu notasse que ele havia parado. Eu estava descendo a ladeira em direção a ele, com a grama resvalando na minha saia, sem me lembrar de ter dado o primeiro passo. Não me lembrava de tê-lo visto se virar, mas Jamie caminhava em minha direção, e não parecia surpreso, mas seu rosto estava iluminado por ter visto nós dois.

– *Mo chridhe* – disse ele suavemente, sorrindo, e se inclinou para me beijar. Sua barba rala estava áspera e a pele ainda estava gelada por causa da água.

– É melhor você vestir a calça – falei. – Vai congelar.

– Vou vestir. *Ciamar a tha thu, an gille ruaidh?*

Para minha surpresa, Jemmy estava acordado e babando, os olhos azuis arregalados no rosto corado, e todos os vestígios de incômodo tinham sumido sem deixar rastros. Ele se inclinou, virando-se para alcançar Jamie, que o tomou delicadamente dos meus braços e o ajeitou contra um ombro, puxando a touca de lã sobre suas orelhas.

– Tem um dente nascendo – contei a Jamie. – Ele não estava muito confortável, então pensei que talvez um pouco de uísque na gengiva dele... Não havia nada em casa.

– Ah, sim. Podemos resolver isso, acho. Tem um pouco no meu cantil.

Carregando o bebê até onde suas roupas estavam, ele se abaixou, procurou com uma das mãos e voltou com o cantil que levava no cinto.

Sentou-se em uma rocha, equilibrando Jemmy nas pernas, e entregou o cantil para que eu o abrisse.

– Fui até a casa do malte – expliquei, puxando a rolha com um estampido sutil –, mas o barril não estava mais lá.

– Sim, Fergus o pegou. Deixe-me fazer isso, as minhas mãos estão limpas. – Ele esticou o dedo indicador da mão esquerda e eu despejei um pouco da bebida nele.

– O que Fergus está fazendo com o barril? – perguntei, acomodando-me na rocha ao lado dele.

– Guardando – respondeu ele, sem dar mais explicações. Enfiou o dedo na boca de Jemmy, esfregando a gengiva inchada com cuidado. – Ah, pronto. Sim, dói um pouco, não é? Ai!

Ele abaixou a mão e soltou cuidadosamente os dedos de Jemmy dos pelos em seu peito.

– Por falar nisso... – falei e estendi a mão para segurar sua mão direita.

Movendo o outro braço para segurar Jemmy, ele me deixou pegar a mão e virar os dedos para cima.

Era um corte muito raso, na ponta dos três primeiros dedos – os dedos

com os quais ele havia se benzido. O sangue já tinha coagulado, mas eu despejei um pouco mais de uísque sobre os cortes e limpei as manchas de sangue da palma da mão dele com o lenço.

Ele permitiu que eu cuidasse dele em silêncio, mas quando terminei e olhei para ele, ele me olhou de volta com um sorriso leve.

– Está tudo bem, Sassenach – disse ele.

– Está? – perguntei.

Observei seu rosto; ele parecia cansado, mas tranquilo. O franzir de cenho que eu vira em seu rosto nos últimos dias havia desaparecido. O que quer que pretendesse fazer, já tinha começado.

– Você viu, então? – perguntou ele baixinho, observando o meu rosto.

– Sim. Tem... tem a ver com a cruz na entrada da casa, não?

– Ah, de certo modo, acho que sim.

– Para que serve? – perguntei diretamente.

Ele contraiu os lábios, esfregando a gengiva dolorida de Jemmy com cuidado. Por fim, disse:

– Você nunca viu Dougal MacKenzie convocar o clã, não é?

Fiquei bastante apreensiva ao ouvir isso, mas respondi com cuidado.

– Não. Vi Colum fazer isso uma vez... no juramento em Leoch.

Ele assentiu, lembrando-se daquela noite de tochas ocorrida havia muito tempo.

– Sim – disse ele baixinho. – Eu me lembro. Colum era o líder, e os homens se apresentaram quando ele os convocou, de fato. Mas foi Dougal quem os conduziu para a guerra.

Ele fez uma pausa, organizando os pensamentos.

– Havia incursões de vez em quando. Mas era diferente e muitas vezes apenas um capricho que tomava Dougal ou Rupert, talvez um ímpeto por causa da bebida ou do tédio... um grupo pequeno reunido apenas em busca de diversão, assim como de gado e grãos. Mas reunir o clã para a guerra, todos os homens habilitados para lutar, era algo mais raro. Eu mesmo só vi isso uma vez, mas não é algo que se esqueça.

A cruz de pinheiro estava lá quando ele acordou certa manhã no castelo, surpreendendo-o quando ele cruzou o pátio. Os moradores de Leoch estavam acordados e cuidando de seus afazeres normalmente, mas ninguém

olhava para a cruz nem se referia a ela de modo algum. Ainda assim, havia ondas de agitação correndo pelo castelo.

Os homens se reuniam aqui e ali, falando à meia-voz, mas quando ele se unia a um grupo, a conversa mudava de repente.

– Eu era sobrinho de Colum, sim, mas tinha acabado de chegar ao castelo, e eles conheciam meu pai e meu avô.

O avô paterno de Jamie era Simon, lorde Lovat, chefe dos Frasers de Lovat, e não era um grande amigo dos MacKenzies de Leoch.

– Eu não sabia dizer o que havia de errado, mas havia algo fora do lugar; e os pelos do meu braço se arrepiavam sempre que o meu olhar cruzava com o de alguém.

Por fim, ele foi para o estábulo, e encontrou o Velho Alec, o Mestre de Cavalaria de Colum. O velho homem gostava de Ellen MacKenzie e foi gentil com o filho por causa da mãe dele, além dele mesmo.

– É a cruz de fogo, rapaz – explicou ele, jogando para Jamie uma escova de cavalos e virando a cabeça em direção às baías. – Você nunca a viu antes?

Era antiga, ele disse, um dos costumes que tinham sido seguidos por centenas de anos e ninguém sabia onde tinham começado, quem havia feito aquilo pela primeira vez ou por quê.

– Quando um chefe das Terras Altas convoca seus homens para a guerra – dissera o velho, passando a mão torta por uma crina cheia de nós –, ele faz uma cruz e a queima. O fogo é apagado imediatamente, com sangue ou com água, mas ainda assim ela é chamada de cruz de fogo e é levada pelos vales como um sinal para que os homens do clã peguem suas armas e se encaminhem para o local de reunião, preparados para a batalha.

– É mesmo? – dissera Jamie, sentindo um frio na barriga. – E contra quem nós vamos lutar, então? Para onde vamos?

O velho franziu as sobrancelhas despenteadas aprovando o “nós”.

– Você vai aonde o seu líder levá-lo, rapaz. Mas hoje à noite vamos contra os Grants.

– E foi – disse Jamie. – Mas não aquela noite. Quando a escuridão veio, Dougal incendiou a cruz e convocou o clã. Molhou a madeira com sangue de carneiro, e dois homens saíram do pátio com a cruz de fogo, para levá-la pelas montanhas. Quatro dias depois, havia trezentos homens naquele pátio,

armados com espadas, pistolas e punhais, e ao amanhecer do quinto dia, partimos para guerrear com os Grants.

O dedo dele ainda estava na boca do bebê, os olhos distantes enquanto ele se lembrava.

– Foi a primeira vez que usei minha espada contra outro homem – disse ele. – Eu me lembro bem.

– Imagino que sim – falei.

Jemmy estava começando a se remexer, inquieto de novo. Eu estendi o braço e o coloquei no meu colo para checar. Como eu imaginava, a fralda estava molhada. Felizmente, eu tinha outra presa no cinto, por conveniência. Eu o deitei no colo para trocá-lo.

– Então, essa cruz na nossa porta... – falei delicadamente, concentrada no que estava fazendo. – Tem a ver com a milícia, é isso?

Jamie suspirou e eu pude ver as sombras da memória se movendo no fundo dos seus olhos.

– Sim – disse ele. – Antes, eu poderia ter chamado, e os homens viriam sem questionar, porque eles eram meus. Homens do meu sangue, homens da minha terra.

Os olhos dele estavam toldados, olhando para a encosta da montanha que se estendia à nossa frente. Mas imaginei que ele não estivesse vendo as matas selvagens da Carolina; ele esquadrihava as montanhas e os rochedos de Lallybroch. Pousei a mão livre sobre o punho dele; a pele estava fria, mas eu podia sentir o calor dele logo abaixo da superfície, como uma febre que aumentava.

– Eles vieram até você... mas você foi até eles, Jamie. Você foi até eles em Culloden. Você os levou para lá, e você os trouxe de volta.

Irônico, pensei, que os homens que tinham se apresentado então para servir mediante a convocação dele estivessem, em grande parte, ainda seguros em suas casas na Escócia. Nenhuma parte das Terras Altas havia permanecido intocada pela guerra, mas Lallybroch e seu povo ainda estavam, em sua maior parte, inteiros – por causa de Jamie.

– É verdade.

Ele se virou para olhar para mim e abriu um sorriso. Sua mão apertou a minha por um momento e então relaxou, a linha se aprofundando de novo

entre as suas sobrancelhas. Ele acenou em direção às montanhas que nos cercavam.

– Mas esses homens... não há dívida de sangue entre mim e eles. Eles não são Fraser; não nasci proprietário de terras nem líder deles. Se eles lutarem atendendo ao meu chamado, vai ser por vontade própria.

– Bem, a deles... e a do de governador Tryon – acrescentei de modo seco. Ele balançou a cabeça.

– Não, isso não. O governador sabe quais homens estão aqui ou quais vieram por causa do seu chamado? – Ele fez uma careta. – Ele me conhece... e isso basta.

Eu tinha que admitir a verdade nisso. Tryon não se importava nem queria saber quem Jamie ia levar... para ele importava apenas que Jamie aparecesse com um número satisfatório de homens atrás de si, prontos para fazer o trabalho sujo do governador.

Pensei naquilo por um momento, secando o traseiro de Jemmy com a barra da saia. Tudo o que eu sabia da Revolução Americana eram as coisas a que eu tivera acesso por intermédio dos livros escolares de Brianna – e eu, mais do que qualquer outra pessoa, sabia que a diferença entre a história escrita e a realidade podia ser muito grande.

Além disso, nós tínhamos vivido em Boston, e os livros naturalmente refletiam a história local. A impressão geral que uma pessoa tinha ao ler sobre Lexington e Concord e acontecimentos assim era de que a milícia envolvia todos os homens capazes da comunidade, todos agindo ao primeiro sinal de alerta, ávidos por realizar sua obrigação cívica. Talvez eles agissem, talvez não – mas o interior da Carolina não era Boston, nem de longe.

–... *prontos para cavalgar e espalhar o alerta* – falei, meio baixinho – *para todos os vilarejos e fazendas de Middlesex.*

– O quê? – Jamie ergueu as sobrancelhas. – Onde fica Middlesex?

– Bem, é de se pensar que ficaria no meio do caminho entre o homem e a mulher – falei –, mas é só a área em torno de Boston. Que, é claro, recebeu esse nome por causa de uma área da Inglaterra.

– Ah, é? – disse ele, confuso. – Bem, se você diz, Sassenach. Mas...

– Milícia. – Levantei Jemmy, que estava se contorcendo como um peixe fora d'água, emitindo sons de protesto por estar sendo forçado a trocar de

fralda. Ele me deu um chute na barriga. – Ah, pare com isso, menino, já chega.

Jamie estendeu os braços e pegou o bebê, tirando-o do meu colo.

– Pronto, eu fico com ele. Acha que ele precisa de mais uísque?

– Não sei, mas pelo menos ele não consegue gritar com o seu dedo na boca dele.

Olhei para Jemmy com certo alívio, voltando a pensar.

– Boston foi fundada há mais de cem anos – falei. – Abrange vilarejos e propriedades... e as fazendas não são tão longe dos vilarejos. As pessoas moram lá há muito tempo; todo mundo conhece todo mundo.

Jamie assentia pacientemente a cada revelação surpreendente, acreditando que em algum momento eu chegaria a algum lugar. E cheguei, mas descobri que era a mesma coisa que ele estava me dizendo.

– Então, quando alguém convoca a milícia aqui – falei, enxergando, de repente, o que ele vinha tentando me dizer –, eles vêm, porque estão acostumados a lutar juntos para defender suas cidades e porque nenhum homem desejaria ser visto como um covarde por seus vizinhos. Mas aqui... – Mordi o lábio, analisando as montanhas ao nosso redor.

– Sim – disse ele, percebendo que eu me dava conta. – Aqui é diferente.

Não havia povoado grande o bastante para ser chamado de cidade em um raio de cerca de 160 quilômetros, com exceção dos luteranos alemães em Salem. Com exceção deles, não havia mais nada no interior além de propriedades esparsas; às vezes, um lugar onde uma família havia se estabelecido e se espalhado, irmãos e primos construindo casas próximas umas das outras. Pequenos povoados e cabanas isoladas, algumas escondidas nos vales das montanhas, protegidas pela vegetação e cujos moradores ficavam meses – ou até anos – seguidos sem ver outras pessoas.

O sol havia descido por trás da encosta da montanha, mas a luz ainda permanecia, um leve toque de cor que manchava as árvores e rochas de dourado ao nosso redor e coloria os picos distantes de azul e violeta. Havia criaturas vivas naquela paisagem fria e brilhante, eu sabia, habitações próximas e corpos quentes em movimento; mas até onde a vista alcançava, nada se movia.

Os homens das montanhas partiam, sem questionar, para ajudar um

vizinho, porque eles próprios podiam precisar de ajuda a qualquer momento. Afinal, não tinham mais ninguém a quem recorrer.

Mas eles nunca tinham lutado por um propósito comum, não tinham nada em comum para defender. E abandonar suas casas e deixar suas famílias indefesas para atender ao capricho de um governador distante? Uma vaga noção de dever podia compelir alguns; outros poderiam ir por curiosidade, por inquietação ou na vaga esperança de ganhar alguma coisa. Mas a maioria iria apenas se fosse convocada por um homem que respeitavam; um homem em quem confiavam.

Não nasci nem proprietário de terras nem líder deles, dissera ele. Não nascera para eles, mas nascera para aquilo, de qualquer modo. Poderia, se quisesse, tornar-se um líder.

– Por quê? – perguntei baixinho. – Por que vai fazer isso? – As sombras estavam subindo das rochas, lentamente encobrendo a luz.

– Você não entende? – Ele ergueu a sobrancelha ao virar a cabeça para mim. – Você me disse o que ia acontecer em Culloden, e eu acreditei em você, Sassenach, por mais temerosa que fosse a situação. Os homens em Lallybroch voltaram para casa seguros tanto por sua causa quanto por minha causa.

Aquilo não era totalmente verdade; qualquer homem que tivesse marchado até Nairn com o exército escocês sabia que o desastre os esperava em algum lugar adiante. Ainda assim... eu *tinha* conseguido dar uma pequena ajuda, para garantir que Lallybroch estava preparada não só para a batalha, mas para as consequências dela. O peso da culpa que eu sempre sentia quando pensava na Rebelião diminuiu um pouco, acalmando meu coração.

– Bem, talvez. Mas o que...

– Você me disse o que vai acontecer aqui, Sassenach. Você, Brianna e MacKenzie, os três. Rebelião e guerra... e, dessa vez, vitória.

Vitória. Eu assenti entorpecida, lembrando-me do que sabia sobre as guerras e sobre o preço da vitória. A vitória era, no entanto, melhor do que a derrota.

– Bem. – Ele se interrompeu para pegar o punhal e fez um gesto com ele indicando as montanhas ao nosso redor. – Eu fiz um juramento à Coroa; se

eu o quebrar em tempos de guerra, serei considerado um traidor. A minha terra e a minha vida serão confiscadas, e aqueles que me seguem terão o mesmo destino. Certo?

– Certo.

Engoli em seco, abraçando meu corpo, desejando que Jemmy ainda estivesse comigo. Jamie se virou para olhar para mim, com os olhos duros e claros.

– Mas a Coroa não vai prevalecer dessa vez. Você me disse. E se o rei for derrubado, o que vai acontecer com o meu juramento? Se eu o honrar, então serei considerado um traidor da causa rebelde.

– Oh – disse eu, sem ânimo.

– Você entende? Em algum momento, Tryon e o rei perderão o poder que têm sobre mim, mas eu não sei quando isso vai acontecer. Em algum momento, os rebeldes tomarão o poder, mas eu não sei quando *isso* vai acontecer. E nesse ínterim... – Ele inclinou a ponta do punhal para baixo.

– Eu entendo. É um impasse – falei, sentindo-me de alguma forma vazia ao me dar conta da situação precária na qual nos encontrávamos.

Seguir as ordens de Tryon agora era claramente a única opção. Mais tarde, porém... se Jamie continuasse como homem de confiança do governador nos primeiros estágios da Revolução, ele se declararia um partidário do governo estabelecido – o que, a longo prazo, seria fatal. A curto prazo, no entanto, romper com Tryon, renegar seu juramento ao rei e juntar-se aos rebeldes... custaria a ele sua terra e possivelmente sua vida.

Ele deu de ombros, entortando a boca, e recostou-se, colocando Jemmy em seu colo.

– Bem, não é a primeira vez que me vejo andando em meio a dois fogos inimigos, Sassenach. Pode ser que saia chamuscado, mas acho que não vou fritar. – Ele emitiu um grasnado que podia ser uma risada. – Está no meu sangue, não está?

Eu dei uma pequena risada.

– Se está pensando no seu avô – falei –, admito que ele era bom nisso. Mas pagou caro no fim, não?

Ele inclinou a cabeça de um lado para o outro, sem querer concordar.

– Sim, talvez. Mas você não acha que as coisas talvez tenham acontecido

como ele queria?

O falecido Lorde Lovat era conhecido por sua mente artilosa, mas eu não conseguia ver o benefício em planejar ser decapitado e disse isso.

Jamie sorriu, apesar da seriedade da discussão.

– Bem, talvez, a decapitação não tenha sido o que ele planejou, mas mesmo assim, você sabe o que ele fez; ele mandou o jovem Simon para a batalha e ficou em casa. Mas qual dos dois pagou o preço em Tower Hill?

Eu assenti lentamente, começando a entender o que ele dizia. O jovem Simon, que, na realidade, tinha idade próxima à de Jamie, não sofrera fisicamente por sua participação na Rebelião, por mais que tivesse sido declarada. Ele não fora preso nem exilado, como muitos dos jacobitas, e, apesar de ter perdido a maior parte de suas terras, tinha recuperado boa parte de suas propriedades desde então, por meio de processos repetidos e obstinados contra a Coroa.

– E o velho Simon *podia* ter culpado o filho, e o jovem Simon teria sido mandado para o cadafalso, mas ele não fez isso. Bem, acho que até mesmo uma velha víbora como aquela poderia hesitar em colocar o filho e herdeiro sob o gume do machado.

Jamie assentiu.

– Você deixaria alguém decepar sua cabeça, Sassenach, se tivesse que escolher entre você e Brianna?

– Sim – respondi sem hesitar.

Eu relutava em admitir que o velho Simon poderia ter qualidades como sentimento familiar, mas acho que até as víboras se preocupavam com o bem-estar dos filhos.

Jemmy havia abandonado o dedo para pegar o punhal do avô e mordida o cabo com força. Jamie envolveu a lâmina com a mão segurando-a com segurança longe dele, mas não tentou afastar o punhal.

– Eu também – disse Jamie, com um sorriso tímido. – Mas espero que não cheguemos a isso.

– Não acho que os exércitos vão decapitar pessoas – falei.

Isso, claro, ainda deixava várias opções desagradáveis disponíveis, mas Jamie sabia disso tão bem quanto eu.

Tive um desejo repentino e intenso de pedir que ele largasse tudo, abrisse

mão de tudo. Que mandasse Tryon se danar com a sua terra, que dissesse aos moradores que eles deveriam seguir seu caminho – abandonar a Cordilheira e fugir. A guerra estava se aproximando, mas não precisava nos engolir; não dessa vez. Poderíamos ir para o sul, para a Flórida, ou para as Índias. Para oeste, nos refugiar com os cherokees. Ou mesmo de volta para a Escócia. As Colônias iam se rebelar, mas havia lugares para onde podíamos ir.

Ele observava o meu rosto.

– Isso – disse ele, com um gesto que indicava Tryon, a milícia e os reguladores –, isso é uma coisa pequena, Sassenach, talvez não seja nada em si. Mas é o começo. Eu acho.

A luz estava começando a se dissipar agora; a sombra cobria os pés e as pernas dele, mas o que restava da luz do sol destacava o rosto dele. Havia uma mancha de sangue na testa dele, onde ele a tocara na hora de se benzer. Eu deveria tê-la limpado, pensei, mas não fiz nenhum movimento nesse sentido.

– Se eu vou salvar esses homens, se eles vão caminhar comigo em meio ao fogo, então eles devem me seguir sem questionar, Sassenach. É melhor começar agora, enquanto não há tanta coisa em risco.

– Eu sei – disse, e estremei.

– Está com frio, Sassenach? Pegue o pequeno e vá para casa. Vou daqui a pouco, assim que me vestir.

Ele me entregou Jemmy e o punhal, já que os dois pareciam momentaneamente inseparáveis, e se levantou. Pegou o kilt e chacoalhou o tecido, mas eu não me mexi. A lâmina da faca estava quente onde eu a segurei, quente com o calor da mão dele.

Ele olhou para mim questionando, mas eu balancei a cabeça.

– Vamos esperar você.

Ele se vestiu depressa, mas com cuidado. Apesar da minha apreensão, tive que admirar a sutileza dos seus instintos. Não aquele kilt, o vermelho e preto, mas o de caça. Ele não se esforçava para impressionar os homens da montanha com riqueza; mas vestira uma peça incomum o suficiente para mostrar aos outros escoceses que ele era um deles, para atrair a atenção e o interesse dos alemães. O tecido xadrez preso com o broche de veado, o cinto

e a bainha, meias de lã limpas. Ele estava em silêncio, concentrado no que fazia, vestindo-se com uma precisão serena que lembrava de maneira desconcertante um padre vestindo a batina.

Seria naquela noite, então. Roger e os outros tinham claramente partido para reunir os homens que viviam a um dia de viagem de distância; naquela noite, ele incendiaria sua cruz e convocaria os primeiros de seus homens – e selaria o acordo com uísque.

– Então Bree estava certa – falei, para romper o silêncio na clareira. – Ela disse que talvez você estivesse dando início à sua própria religião. Quando ela viu a cruz, quero dizer.

Ele olhou para mim, surpreso. Olhou na direção em que ficava a casa e em seguida franziu os lábios.

– Acho que sim – disse ele. – Que Deus me ajude.

Ele pegou a faca de Jemmy com cuidado, limpou-a com uma dobra do tartã e a embainhou de novo. Ele estava pronto.

Eu me levantei para segui-lo. As palavras que eu não conseguia dizer – não queria dizer – eram como uma bola de enguias na minha garganta. Temendo que uma delas me escapasse da boca, eu disse:

– Era Deus que você estava chamando para ajudá-lo? Quando o vi mais cedo?

– Ah, não – respondeu ele. Desviou o olhar por um segundo e então olhou nos meus olhos de um jeito esquisito e repentino. – Eu estava chamando Dougal MacKenzie.

Senti uma vertigem profunda e repentina. Dougal tinha morrido muito tempo antes; morrera nos braços de Jamie na véspera da Batalha de Culloden – morrera com o punhal de Jamie no pescoço. Eu engoli em seco e os meus olhos pousaram involuntariamente no punhal em seu cinto.

– Eu fiz as pazes com Dougal há muito tempo – disse ele baixinho, vendo para onde eu olhava. Tocou o cabo do punhal, com os entalhes dourados, que já tinha sido de Hector Cameron. – Dougal era um chefe de clã. Ele sabe que eu fiz o que tinha que fazer, pelos meus homens, por você, e que agora vou fazer a mesma coisa de novo.

Compreendi então o que ele tinha dito, de pé, virado para o oeste – a direção na qual as almas dos mortos voam para ir para casa. Não tinha sido

nem uma oração nem um pedido. Eu conhecia as palavras – apesar de fazer muitos anos desde que as ouvira. Ele havia gritado “*Tulach Ard!*” – o grito de guerra do clã MacKenzie.

Engoli em seco.

– E ele vai... ajudar, você acha?

Ele assentiu, sério.

– Se ele puder. Já lutamos juntos muitas vezes, Dougal e eu; lado a lado. E afinal, Sassenach, sangue é sangue.

Eu assenti mecanicamente e ajeitei Jemmy no meu ombro. O céu tinha clareado para um branco invernal e as sombras tomavam a clareira. A pedra perto da fonte se destacava, uma forma pálida e fantasmagórica acima da água escura.

– Vamos – falei. – É quase noite.

O BARDO

Estava escuro quando Roger finalmente chegou à sua porta, mas as janelas brilhavam, acolhedoras, e faíscas saíam da chaminé, prometendo calor e alimento. Ele estava cansado, com frio e faminto, e sentiu profunda gratidão e apreço por sua casa – uma sensação ainda mais forte por saber que a deixaria no dia seguinte.

– Brianna? – Ele entrou, semicerrando os olhos à luz fraca, procurando sua mulher.

– Você chegou! Já é tão tarde! Onde esteve? – Ela saiu do quarto pequeno dos fundos, segurando o bebê apoiado nos quadris e carregando um amontoado de tecido de tartã preso contra o peito. Inclinou-se para beijá-lo depressa, deixando-o com um gosto sedutor de geleia de ameixa.

– Estive percorrendo montes e vales no lombo de um cavalo nas últimas dez horas – disse ele, pegando o tecido da mão dela e jogando-o sobre a cama. – Procurando por uma mítica família de holandeses. Venha aqui me dar um beijo de verdade, sim?

Ela envolveu a cintura dele com o braço livre e o beijou demoradamente, com gosto de ameixa, o que o fez pensar que, apesar de estar faminto, o jantar talvez pudesse esperar um pouco. Mas o bebê tinha outras ideias e emitiu um grito estridente que fez Brianna se afastar dele depressa, fazendo uma careta.

– Ele ainda está incomodado com o dente? – perguntou Roger, observando o rosto vermelho e inchado do filho, coberto por uma camada brilhante de muco, saliva e lágrimas.

– Como adivinhou? – perguntou ela, séria. – Pode pegá-lo um minuto?

Ela empurrou Jemmy, choroso, para os braços do pai e ajeitou o corpete,

o linho verde amassado, molhado e com manchas claras de leite derramado. Um de seus seios ficou à mostra, e ela esticou os braços para pegar Jemmy, sentando-se com ele na cadeira ao lado da lareira para amamentar.

– Ele passou o dia todo incomodado – disse ela, balançando a cabeça enquanto o bebê se contorcia e resmungava, apertando a mãozinha contra o seio da mãe. – Ele só mama por alguns minutos e, quando mama, cospe o leite de volta. Resmunga quando o pegamos, mas grita quando o deixamos sozinho. – Ela passou a mão pelos cabelos, cansada. – Tenho a sensação de que passei o dia lutando contra jacarés.

– Humm. Que pena. – Roger massageou a região lombar, que estava dolorida, tentando não ser muito ostensivo. Apontou para a cama com o queixo. – Ah... para que é o tartã?

– Ah, eu me esqueci... é seu. – Desviando momentaneamente o olhar da criança inquieta, ela olhou para Roger, observando sua aparência desleixada pela primeira vez. – O papai trouxe para você vestir hoje à noite. Tem uma mancha enorme de lama no seu rosto, a propósito... você caiu?

– Várias vezes. – Ele foi até a bacia, mancando um pouco. Uma manga do casaco e o joelho da calça estavam sujos de lama, e ele esfregou o peito, tentando se livrar de pedacinhos de folhas secas que tinham descido pela gola da camisa.

– Ah? Isso é péssimo. Shh, shh, shh. – Ela sussurrou para a criança, balançando-o para a frente e para trás. – Você se machucou?

– Ah, não, está tudo bem.

Ele tirou o casaco e virou-se de costas, despejando água do jarro na bacia. Jogou água fria no rosto, ouvindo os gritos de Jemmy e calculando as possibilidades de conseguir fazer amor com Brianna em algum momento antes de ter que partir na manhã seguinte. Considerando os dentes de Jemmy e os planos de seu avô, as chances pareciam mínimas, mas a esperança é a última que morre.

Ele secou o rosto com a toalha, olhando ao redor com esperança de encontrar comida. A mesa e o fogo estavam vazios, apesar de haver um odor forte de vinagre no ar.

– *Sauerkraut*? – perguntou ele, farejando. – Os Muellers?

– Eles trouxeram dois jarros enormes – disse Brianna, fazendo um gesto

em direção ao canto, onde havia um jarro de pedra nas sombras. – Este é nosso. Você comeu alguma coisa enquanto esteve fora?

– Não. – Seu estômago roncava alto, evidentemente disposto a comer *sauerkraut* frio, se fosse a única coisa disponível. Mas provavelmente havia comida na casa principal. Animado com essa ideia, ele tirou a calça e começou a complicada tarefa de dobrar e arrumar o tecido para fazer um kilt completo, preso por um cinto.

Jemmy havia se acalmado um pouco, e agora só emitia gritinhos intermitentes de desconforto enquanto a mãe o balançava para a frente e para trás.

– Que história é essa de holandeses míticos? – perguntou Brianna, ainda balançando o filho, mas agora dispondo de um breve momento de atenção para dedicar a ele.

– Jamie me mandou para o nordeste para procurar uma família de holandeses que ele soube que se estabeleceu perto do riacho Boiling, para informar aos homens sobre a convocação para a milícia e trazê-los de volta comigo, se eles aceitassem. – Ele franziu o cenho para o tecido disposto sobre a cama. Havia usado um pano xadrez como aquele apenas duas vezes na vida e, nas duas vezes, tivera ajuda para vesti-lo. – Você acha que é importante que eu use isto?

Brianna riu atrás dele, divertindo-se.

– Acho melhor você vestir *alguma coisa*. Não pode ir para a casa principal usando só uma camisa. Não conseguiu encontrar os holandeses, então?

– Nem mesmo um tamanco. – Ele havia encontrado o que *achava* ser o riacho Boiling e cavalgara por quilômetros margem acima, desviando, ou não, de galhos baixos, amoreiras silvestres e ramos de hamamélis, mas não havia encontrado sinal de nada maior do que uma raposa que cruzara seu caminho, desaparecendo arbustos adentro como uma chama repentinamente extinta.

– Talvez eles tenham se mudado. Podem ter ido para a Virgínia ou para a Pensilvânia. – Brianna falou com simpatia. Tinha sido um longo e exaustivo dia, que terminara em fracasso. Não um fracasso terrível; Jamie dissera apenas “Encontre-os se puder” – e se ele os *tivesse* encontrado, poderiam não

ter entendido seu holandês rudimentar, aprendido durante breves férias em Amsterdã nos anos 1960. Ou talvez não fossem de maneira nenhuma. Ainda assim, o pequeno fracasso o incomodava, como uma pedra em seu sapato.

Ele olhou para Brianna, que sorria abertamente para ele, ansiosa.

– Tudo bem – disse ele com resignação. – Pode rir, se quiser. – Vestir um tartã como saia não era a coisa mais digna que um homem podia fazer, uma vez que o método mais eficiente de consegui-lo era se deitar sobre o tecido xadrez e rolar como uma linguíça na grelha. Jamie conseguia vestir um de pé, mas ele já tinha prática.

Seu esforço – meio exagerado – foi recompensado pelas risadas de Brianna, que pareciam ter um efeito calmante sobre o bebê. Quando Roger fez os ajustes finais nas pregas e dobras, mãe e filho estavam corados, mas felizes.

Roger estendeu a perna na direção deles, fazendo um floreio, e Bree bateu a mão na própria perna em um aplauso com uma mão só.

– Excelente – disse ela, observando-o com admiração. – Está vendo o papai? Que papai lindo! – Ela se virou para Jemmy, que estava boquiaberto, observando o homem à sua frente, e o bebê abriu lentamente um sorriso, com um fio de baba pendurado na curva do lábio.

Roger ainda estava faminto, dolorido e cansado, mas nada disso parecia muito importante. Ele sorriu e estendeu os braços para o bebê.

– Precisa se trocar? Se ele estiver seco e alimentado, posso levá-lo para a casa, para você ter um tempo para se arrumar.

– Então você acha que eu preciso me arrumar? – Brianna lançou um olhar austero para ele. Seus cabelos estavam emaranhados, parecia que ela dormia com o mesmo vestido havia semanas e uma mancha escura de geleia se insinuava na curva de um de seus seios.

– Você está ótima – disse ele, abaixando-se e pegando Jemmy no colo. – Calma, *a bhalaich*. Você já ficou bastante tempo com a mamãe, e ela precisa de um descanso. Venha comigo.

– Não se esqueça do seu violão! – disse Brianna quando ele seguiu em direção à porta. Ele olhou para ela, surpreso.

– Como assim?

– Papai quer que você cante. Espere, ele me deu uma lista.

– Uma lista? Do quê? – Até onde Roger sabia, Jamie Fraser não se importava muito com música. Incomodava-o um pouco, na verdade, apesar de raramente admitir, que sua maior habilidade fosse algo que Fraser não valorizava.

– De canções, é claro. – Ela franziu o cenho, lembrando-se da lista memorizada. – Ele quer que você cante “Ho Ro!” e “Birniebouzle” e “The Great Silkie”... Ele disse que você pode cantar outras canções no meio, mas ele quer essas... E depois cante as canções de guerra. Não foi assim que *ele* as chamou, mas você entendeu o que eu quis dizer: “Killiecrankie” e “The Haughs of Cromdale” e “Sherrifsmuir Fight”. Só as mais antigas, no entanto; ele disse para você não cantar as canções de 1745, a não ser “Johnnie Cope”... ele quer essa com certeza, mas mais para o fim. E...

Roger ficou olhando para ela, desenrolando o pé de Jemmy da dobra do tartã.

– Eu não sabia que seu pai conhecia os nomes das canções, muito menos que tinha preferências.

Brianna havia se levantado e estava tirando o grampo comprido de madeira que prendia seus cabelos. Ela o tirou e deixou as mechas vermelhas soltas ao redor dos ombros e do rosto. Passou as duas mãos pelos fios e os afastou, balançando a cabeça.

– Ele não tem preferências. Meu pai não sabe distinguir as notas musicais. Minha mãe diz que ele tem um bom senso de ritmo, mas não sabe diferenciar as notas.

– Foi o que pensei. Mas por que...

– Ele pode não ouvir música, Roger, mas ele *ouve*. – Ela olhou para ele, passando o pente pelas mechas dos cabelos. – E ele observa como as pessoas se comportam, e como elas se sentem, quando você canta essas canções.

– É mesmo? – murmurou ele, sentindo uma onda estranha de prazer ao pensar que Fraser de fato notava o efeito de sua música, ainda que pessoalmente não a valorizasse. – Então... ele quer amolecer as pessoas, certo? Quer deixá-las no clima antes de fazer a sua parte?

– Isso. – Ela assentiu, ocupada em desfazer os laços do corpete. Livres do confinamento, os seios dela ficaram soltos, redondos e à vontade sob o

tecido fino.

Roger se remexeu, desapertando o tartã. Ela notou o movimento e olhou para ele. Lentamente, subiu as mãos, envolvendo os seios e erguendo-os, com os olhos fixos nos dele e um leve sorriso no rosto. Por um momento, ele teve a sensação de que havia parado de respirar, apesar de seu peito continuar subindo e descendo.

Ela foi a primeira a desfazer o momento, abaixando as mãos e virando-se para procurar no baú onde guardava suas roupas.

– Você sabe exatamente o que ele está aprontando? – perguntou ela, a voz abafada nas profundezas do baú. – Quando você saiu, a cruz já estava lá?

– Sim, eu sei sobre a cruz. – Jemmy estava emitindo sons curtos, como um bonequinho a pilha se esforçando para subir uma ladeira. Roger o colocou embaixo do braço, com a mão sobre sua barriguinha gorda. – É uma cruz de fogo. Você sabe o que é isso?

Ela emergiu do baú, com um vestido limpo nas mãos, parecendo um pouco perturbada.

– Uma cruz de fogo? Você está dizendo que ele vai *incendiar* uma cruz no jardim?

– Bem, não vai incendiar totalmente. – Pegando o *bodhran* com a mão livre e passando um dedo contra a superfície para checar a rigidez, ele explicou brevemente a tradição da cruz de fogo. – É um ritual raro – concluiu, tirando o tambor de perto de Jemmy. – Acho que não voltou a ser realizado nas Terras Altas depois da Revolta. Mas seu pai me disse que já tinha visto uma vez... é algo muito especial, vê-lo sendo realizado aqui.

Animado com os aspectos históricos, ele não percebeu que Brianna parecia um pouco menos entusiasmada.

– Talvez – disse ela, inquieta. – Não sei... isso me assusta um pouco.

– É? – Roger olhou para ela com surpresa. – Por quê?

Ela deu de ombros, enfiando o vestido pela cabeça.

– Não sei. Talvez seja apenas porque eu já *vi* cruzes em chamas, no noticiário da noite na TV. Sabe, a Ku Klux Klan? Talvez eles não divulguem... divulgassem coisas assim na televisão na Grã-Bretanha.

– A Ku Klux Klan? – Roger estava menos interessado em fanáticos do

que nos seios nus de Brianna, mas se esforçou para se concentrar na conversa. – Ah, sim, já ouvi falar. De onde acha que eles tiraram essa ideia?

– O quê? Você quer dizer...

– Claro – disse ele, animado. – Eles pegaram isso dos imigrantes das Terras Altas, de quem descendiam, aliás. Por isso eles chamavam o movimento de “Klan”, entende? Pensando bem – acrescentou ele, interessado –, esta noite poderia ser o elo. Quer dizer, a ocasião em que o costume do Velho Mundo é trazido para o Novo. Não seria interessante?

– Interessante – Brianna concordou desanimada. Ela tinha vestido uma peça limpa e agora pegava um vestido de linho azul, parecendo inquieta.

– Tudo começa em algum lugar, Bree – disse ele, mais delicadamente. – Na maior parte das vezes, não sabemos onde nem como; importa se soubermos dessa vez? E a Ku Klux Klan só vai começar daqui a cem anos, pelo menos. – Ele ajeitou Jemmy no colo. – Não vamos testemunhar isso acontecer, nem mesmo o pequeno Jeremiah... talvez nem mesmo o filho dele.

– Ótimo – disse ela com seriedade, vestindo o corpete e pegando as fitas.
– Então, nosso bisneto pode acabar sendo o Grande Dragão.

Roger riu.

– Sim, talvez sim. Mas, hoje à noite, esse posto é do seu pai.

BRINCANDO COM FOGO

Ele não sabia bem o que tinha esperado. Algo como o espetáculo da grande fogueira na Reunião, talvez. A preparação era a mesma, envolvendo grande quantidade de alimentos e bebidas. Um barril enorme de cerveja e um menor de uísque estavam sobre tábuas perto da porta que dava para o jardim, e um porco assado enorme em um galho de noqueira girava lentamente sobre uma camada de brasas, espalhando lufadas de fumaça e aromas de dar água na boca pelo ar frio da noite.

Ele sorriu para os rostos iluminados pelo fogo na frente dele, suados e corados por causa da bebida, e tocou seu *bodhran*. Seu estômago roncou alto, mas o barulho foi abafado pelo refrão de “Killiecrankie”:

*Oh, encontrei o demôôôônio...
perto de Killiecrankie... ô!*

Já teria cantado o suficiente para merecer seu jantar quando fosse servido. Estava tocando e cantando havia mais de uma hora, e a lua se erguia sobre a montanha Negra agora. Ele parou no refrão, apenas por tempo suficiente para pegar o copo de cerveja colocado sob seu banco e molhar a garganta, e então começou o novo verso do início:

*Lutei em terra, lutei no mar,
Em casa, lutei contra minha tia, ô!
Encontrei o demônio...
Perto de Killiecrankie... ô!*

Ele sorria profissionalmente enquanto cantava, olhando em um par de olhos aqui, concentrando-se em um rosto ali, e calculando o avanço mentalmente. Já havia envolvido a todos – com o auxílio da bebida oferecida, claro – e havia começado o que Bree chamara de “canções de guerra”.

Podia sentir a cruz atrás de onde estava, quase escondida pela escuridão. Mas todos já a tinham visto; ele ouvira os murmúrios de interesse e especulação.

Jamie Fraser estava mais afastado, fora do círculo da fogueira. Roger via seu corpo alto, escuro à sombra da grande espruce vermelha que ficava perto da casa. Fraser tinha percorrido o grupo metodicamente a noite toda, parando aqui e ali para trocar cordialidades, contar uma piada, ouvir um problema ou uma história. Agora, estava sozinho, esperando. Estava quase na hora então, do que quer que ele pretendesse fazer.

Roger fez uma pausa momentânea para os aplausos e para poder se refrescar, e então começou “Johnnie Cope”, rápida, intensa e engraçada.

Ele havia cantado essa na Reunião, várias vezes, e sabia como eles reagiam. Pausa momentânea, incerteza e então as vozes começando a cantar – no fim do segundo verso, eles estariam fazendo algazarra e gritando comentários irreverentes ao fundo.

Alguns dos homens ali tinham lutado na Batalha de Prestonpans; mesmo que tivessem sido derrotados em Culloden, tinham primeiro derrotado as tropas de Johnnie Cope, e adoravam a chance de reviver essa famosa vitória. E os escoceses que não haviam lutado tinham ouvido falar da batalha. Os Muellers, que provavelmente nunca tinham ouvido falar de Charles Stuart e talvez entendessem uma palavra a cada dez, pareciam estar improvisando seu próprio refrão cantado à tirolesa, erguendo seus copos em saudação a cada verso. Tudo bem, desde que estivessem se divertindo.

A multidão estava praticamente gritando o refrão final, quase mais alto do que ele.

Ei, Johnnie Cope, já está acordado?

E seus tambores já estão tocando?

*Se estivesse acordado, eu esperaria,
Para ir até as minas de carvão de manhã!*

Ele deu uma batida final e inclinou-se para receber muitos aplausos. O aquecimento tinha sido feito; era hora do show principal. Fazendo uma reverência e sorrindo, ele se levantou do banco e saiu, recolhendo-se nas sombras perto dos restos da enorme carcaça do porco.

Bree estava ali esperando por ele, com Jemmy desperto, olhos de coruja bem abertos, nos braços dela. Ela se inclinou e o beijou, dando a ele o bebê ao fazer isso, e pegando seu *bodhran*.

– Você se saiu muito bem! – disse ela. – Segure-o, vou pegar comida e cerveja para você.

Jem normalmente queria ficar com a mãe, mas estava irritado demais com o barulho e com as labaredas para protestar. Ele se acomodou no peito de Roger, chupando o polegar.

Roger suava devido ao esforço, seu coração batia rápido por causa da adrenalina da apresentação, e o ar longe do fogo e da multidão estava frio ao contato com seu rosto avermelhado. Era gostoso sentir o peso do corpo do bebê contra seu corpo, quente e firme na dobra de seu braço. Ele havia se saído bem, e sabia disso. Vamos torcer para que tenha sido o que Fraser queria.

Quando Bree voltou com uma bebida e um prato cheio de carne de porco, maçãs e batatas assadas, Jamie havia entrado no círculo da fogueira, assumindo o lugar de Roger diante da multidão.

Ele ficou de pé, os ombros largos em seu melhor casaco cinza, o tartã azul por baixo, os cabelos soltos e avermelhados sobre os ombros, com uma pequena trança de guerreiro em um dos lados, decorada com uma única pena. A luz do fogo reluzia no cabo dourado de seu punhal e no broche que prendia o tecido do seu kilt. Ele parecia satisfeito, mas seu comportamento de modo geral era sério, determinado. Ele causava boa impressão... e sabia disso.

A multidão se aquietou em segundos, homens acotovelando seus vizinhos mais tagarelas para calá-los.

– Vocês sabem bem o que estamos fazendo aqui, não é? – perguntou ele

sem preâmbulos.

Ergueu a mão, na qual segurava as convocações amassadas do governador, a mancha vermelha do selo oficial visível à luz do fogo. Houve murmúrios de concordância; a multidão ainda estava animada, sangue e uísque correndo por suas veias.

– Fomos chamados a cumprir nosso dever, e viemos com a intenção de servir à causa da lei... e do governador.

Roger viu o velho Gerhard Mueller inclinado para o lado a fim de ouvir a tradução que um de seus genros murmurava em seu ouvido. Ele assentiu, aprovando, e gritou: “*Ja! Viva o governador!*” Seguiu-se uma onda de risos e gritos ecoando em inglês e em gaélico.

Jamie sorriu, esperando que o barulho cessasse. Quando as pessoas silenciaram, ele se virou lentamente, assentindo ao olhar de rosto a rosto, reconhecendo cada homem. Então, virou-se para o lado e ergueu a mão, indicando a cruz que se erguia, firme e negra, atrás dele.

– Nas Terras Altas da Escócia, quando um líder se preparava para a guerra – disse ele, em tom casual, mas alto o bastante para ser ouvido por todo o jardim –, ele incendiava a cruz de fogo e a enviava como um sinal para percorrer as terras do seu clã. Era um sinal para os homens do seu nome, para que reunissem suas armas e se dirigissem ao local de encontro, preparados para a batalha.

Houve uma comoção em meio à multidão, pessoas se acotovelando e mais gritos de aprovação, embora estes fossem mais abafados. Alguns homens tinham visto isso, ou pelo menos sabiam do que ele estava falando. O resto erguia o queixo e dobrava o pescoço, boquiabertos e interessados.

– Mas esta é uma terra nova, e embora sejamos amigos – ele sorriu para Gerhard Mueller – *Ja, Freunde*, vizinhos e conterrâneos... – Ele olhou para os irmãos Lindsays. – E embora venhamos a ser companheiros de armas, não somos um clã. Apesar de estar no comando, eu não sou o seu líder.

Até parece que não é, Roger pensou. *Ou pelo menos está prestes a se tornar.* Ele tomou um longo gole de cerveja gelada e pousou o copo e o prato. A comida podia esperar um pouco mais. Bree tinha pegado o bebê de volta e estava com seu *bodhran* embaixo do braço; ele estendeu a mão para pegá-lo, e ela olhou para ele sorrindo, mas a maior parte de sua atenção

estava voltada para o pai.

Jamie se inclinou e pegou uma tocha do fogo, ficou de pé com ela na mão, iluminando os ângulos fortes de seu rosto.

– Que Deus seja testemunha aqui da nossa disposição, e que Deus fortaleça os nossos braços... – Ele fez uma pausa, para permitir que os alemães acompanhassem. – Mas que esta cruz de fogo seja prova da nossa honra, da invocação da proteção de Deus para as nossas famílias até voltarmos para casa em segurança de novo.

Ele se virou e encostou a tocha na parte de cima da cruz, segurando-a até a casca seca pegar fogo e uma pequena labareda crescer e cintilar na madeira escura.

Todos ficaram em silêncio, observando. Não havia sons além da movimentação e dos suspiros da multidão, ecoando o barulho do vento nas florestas ao redor deles. Não passava de uma pequena língua de fogo, bruxuleando na brisa, prestes a se apagar totalmente. Não era uma labareda que rugia, alimentada pela gasolina, não era uma conflagração devoradora. Roger sentiu Brianna suspirar ao lado dele, um pouco da tensão deixando seu corpo.

A chama se firmou e cresceu. As bordas dos pedaços de casca de pinheiro, como peças de um quebra-cabeça, ficavam vermelhas, depois brancas e se transformavam em cinza enquanto a chama começava a subir. A cruz era grande e sólida, e queimaria lentamente, até o meio da noite, iluminando o jardim enquanto os homens se reuniam sob ela, conversando, comendo, bebendo, começando o processo de se tornar o que Jamie Fraser queria que eles fossem: amigos, vizinhos, companheiros de armas. Sob seu comando.

Fraser ficou ali por um momento, observando, para ter certeza de que a chama havia se firmado. Então, virou-se para a multidão de homens e jogou a tocha no fogo de novo.

– Não sabemos o que nos espera. Que Deus nos dê coragem – disse ele, de modo simples. – Que Deus nos dê sabedoria. Se for da vontade Dele, que Ele nos dê paz. Partiremos pela manhã.

Ele se virou então e deixou o fogo, olhando ao redor para encontrar Roger, que assentiu em resposta, engoliu em seco para limpar a garganta e

começou a cantar baixinho na escuridão o começo da canção que Jamie quisera que encerrasse a apresentação: “The Flower of Scotland”.

*Ó, flor da Escócia,
Quando vamos vê-la de novo?
Que lutou e morreu por
Suas montanhas e vales...*

Não era uma das canções que Bree chamava de “canções de guerra”. Era uma canção solene e melancólica. Mas não era uma canção de pesar; ela falava de lembrança, de orgulho e de determinação. Não era nem mesmo uma legítima canção antiga – Roger conhecia o homem que a havia escrito, em sua época – mas Jamie a havia escutado e, conhecendo a história de Stirling e Bannockburn, gostara da letra.

*E se ergueu contra ele,
o orgulhoso exército de Edward,
e o mandou para casa
para pensar melhor.*

Os membros escoceses da multidão deixaram que ele cantasse o verso sozinho, mas as vozes foram surgindo lentamente e em seguida foram ficando mais altas, no refrão.

*E o mandou para ca-casa...
para pensar melhor!*

Ele se lembrou de algo que Bree tinha dito quando estavam deitados na cama na noite anterior, durante os poucos momentos em que os dois ainda estavam conscientes. Eles falavam das pessoas da época, pensando se um dia encontrariam gente como Thomas Jefferson ou George Washington

pessoalmente; era uma perspectiva interessante, e não de todo impossível. Ela havia mencionado John Adams, citando algo que havia lido e que ele tinha dito – ou ia dizer – durante a Revolução Americana:

Sou um guerreiro, para que meu filho possa ser um mercador – e o filho dele possa ser um poeta.

*Os montes estão nus agora
e as folhas de outono espessas e imóveis,
sobre uma terra que está perdida agora,
uma terra que eles tanto amavam.*

*E se levantaram contra ele,
o orgulhoso exército de Edward,
e o mandaram para casa
para pensar melhor.*

Não era mais o exército de Edward, mas, sim, de George. E ainda assim o mesmo exército orgulhoso. Ele viu Claire, de pé com as outras mulheres, separadas, na margem do círculo de luz. O rosto dela estava distante e ela estava parada, com os cabelos soltos ao redor do rosto, os olhos dourados tomados por uma sombra interna – fixos em Jamie, que estava em silêncio ao lado dela.

O mesmo exército orgulhoso com o qual ela já havia lutado; o exército orgulhoso com o qual o pai dele havia morrido. Ele sentiu um nó na garganta e forçou o ar bem lá do fundo, cantando com animação. *Serei um guerreiro, para que meu filho possa ser um mercador – e o filho dele possa ser um poeta.* Nem Adams nem Jefferson tinham lutado; Jefferson não tinha filhos homens. Ele foi o poeta cujas palavras ecoaram durante anos, motivando exércitos e ardendo no coração daqueles que morreriam por elas e pelo país fundado com base nelas.

Talvez seja o cabelo, pensou Roger com ironia ao ver o brilho avermelhado enquanto Jamie se movia, observando em silêncio o que ele havia começado. Um pouco de sangue viking, que dava àqueles homens altos e corajosos o dom de reunir homens para a guerra.

*Que lutou e morreu por
suas montanhas e vales...*

Era o que eles tinham feito, e fariam de novo. Era por isso que os homens sempre lutavam, não? Pelo lar e pela família. Outro cintilar de cabelos vermelhos, soltos à luz do fogo, perto dos ossos do porco. Bree, segurando Jemmy. E mesmo que Roger se visse agora como o bardo de um chefe de clã das Terras Altas, ainda assim teria que tentar ser também um guerreiro quando chegasse a hora, pelo bem do seu filho e daqueles que viriam depois.

*E o mandou para casa
para pensar melhor.*

para pensar... melhor.

O ANJO DO MEU DESCANSO

Apesar de ser tarde, fizemos amor por um consentimento silencioso, um desejando o refúgio e a segurança do corpo do outro. Sozinhos em nosso quarto, com as janelas bem fechadas para abafar as vozes no jardim – o pobre Roger ainda estava cantando, por exigência das pessoas –, pudemos esquecer as urgências e fadigas do dia... pelo menos por um tempo.

Ele me abraçou forte depois, com o rosto enterrado nos meus cabelos, agarrando-se a mim como a um talismã.

– Vai ficar tudo bem – falei baixinho e acariciei os cabelos úmidos dele, mergulhando meus dedos no ponto onde o pescoço e o ombro se encontravam, os músculos ali duros como madeira por baixo da pele.

– Sim, eu sei. – Ele ficou deitado por um momento, deixando-me trabalhar, a tensão em seu pescoço e seus ombros gradualmente relaxando, o corpo ficando mais pesado sobre o meu. Ele me sentiu ofegar sob ele e se afastou, rolando para o lado.

Seu estômago roncou alto, e nós dois rimos.

– Não teve tempo para jantar? – perguntei.

– Não posso comer um pouco antes – respondeu ele. – Se eu comer, tenho câibras. E não houve tempo, depois. Imagino que não haja nada comestível aqui, não é?

– Não – respondi, penalizada. – Eu tinha algumas maçãs, mas os Chisholms as pegaram. Sinto muito, eu deveria ter pensado em trazer alguma coisa para você. – Eu sabia que ele raramente comia “antes”, antes de uma briga, confronto ou qualquer outra situação socialmente estressante, mas não pensei que ele poderia não ter oportunidade de comer depois, já que todo mundo e seu irmão desejavam “trocar uma palavrinha, senhor”.

– Você tinha outras coisas com que se preocupar, Sassenach – respondeu ele, de modo seco. – Não se preocupe; eu aguento até o café da manhã.

– Tem certeza? – Coloquei um pé fora da cama, fazendo menção de me levantar. – Tem muita coisa ainda; ou, se não quiser descer, posso ir até lá e...

Ele me deteve com a mão em meu braço e em seguida me segurou firmemente embaixo das cobertas, ajeitando-me de costas contra a curva do seu corpo e passando um braço por cima de mim para ter certeza de que eu ficaria ali.

– Não – disse ele, determinado. – Esta pode ser a última noite que vou passar em uma cama por um bom tempo. Quero ficar nela... como você.

– Tudo bem. – Eu me acomodei embaixo do queixo dele e relaxei contra o seu corpo, satisfeita por ficar ali. Eu compreendia; ainda que ninguém fosse vir nos chamar a menos que houvesse uma emergência, se alguém nos visse lá embaixo, apareceriam pessoas querendo uma coisa ou outra, querendo fazer perguntas, oferecer conselhos, fazer um pedido... era muito melhor ficar ali, tranquilos e aconchegados um ao outro.

Eu tinha apagado a vela, e o fogo na lareira estava quase se apagando. Fiquei pensando se deveria me levantar e colocar mais lenha, mas decidi não fazer isso. Que ela queimasse até o fim, se fosse o caso. Nós partiríamos ao amanhecer.

Apesar do meu cansaço e da seriedade da viagem, eu estava ansiosa. Além do fascínio da novidade e da possibilidade de aventura, havia a deliciosa perspectiva de escapar da lida com as roupas, das tarefas da cozinha e dos demais trabalhos domésticos. Ainda assim, Jamie tinha razão. Aquela noite provavelmente era a última em um bom tempo durante a qual teríamos privacidade e conforto.

Eu me alonguei, aproveitando o aconchego da cama de penas, dos lençóis macios e limpos com o aroma suave de alecrim e flor de sabugueiro. Será que eu estava levando roupas de cama em quantidade suficiente?

A voz de Roger penetrava pelas janelas, ainda forte, mas começando a parecer meio cansada.

– O cantor deveria ir para a cama – disse Jamie, com certa desaprovação – se quiser se despedir direito da mulher dele.

– Minha nossa, Bree e Jemmy foram dormir há horas! – falei.

– O bebê, talvez; ela ainda está pelo jardim. Eu ouvi a voz dela há pouco.

– É? – Eu me esforcei para ouvir, mas consegui discernir aplausos abafados enquanto Roger finalizava a canção. – Acho que ela quer ficar com ele o máximo de tempo que conseguir. Aqueles homens estarão exaustos pela manhã, isso sem falar da ressaca.

– Desde que consigam cavalgar, não me importo se eles pararem para vomitar na mata de vez em quando – disse Jamie.

Eu me acomodei, com os cobertores sobre os ombros. Ouvi a voz grave de Roger rindo e se recusando a continuar com a cantoria. Pouco a pouco, os barulhos no jardim foram diminuindo, apesar de eu ainda conseguir ouvir o som do barril de cerveja sendo esvaziado. E em seguida um baque seco quando alguém o jogou no chão.

Havia sons na casa; o grito repentino de um bebê acordando, passos na cozinha, o resmungar sonolento de crianças incomodadas com o barulho dos homens, a voz de uma mulher admoestando e em seguida reconfortando.

Meu pescoço e meus ombros doíam e meus pés estavam doloridos por causa da longa caminhada até a fonte do uísque, levando Jemmy no colo. Ainda assim, eu estava incomodamente desperta, incapaz de bloquear os sons do mundo externo tão bem quanto as cortinas os bloqueavam da minha vista.

– Você consegue se lembrar de tudo o que fez hoje? – Era uma brincadeira que fazíamos à noite, às vezes, e cada um tentava recordar todas as coisas feitas, vistas, ouvidas ou ingeridas durante o dia, com detalhes, desde o momento de acordar até a hora de ir para a cama. Como escrever em um diário, o esforço de se lembrar parecia aliviar a mente do cansaço do dia, e nós nos divertíamos com as experiências um do outro. Eu adorava ouvir os relatos diários de Jamie, fossem eles banais ou interessantes, mas ele não estava no clima naquela noite.

– Não consigo me lembrar de nada que tenha acontecido antes de fecharmos a porta do quarto – disse ele, apertando minhas nádegas de modo cúmplice. – Mas depois disso, acho que consigo me lembrar de um detalhe ou outro.

– Também estão razoavelmente frescos na minha memória – disse a ele. Encolhi os dedos dos pés, acariciando os pés dele.

Paramos de falar, então, e começamos a nos acomodar para dormir, conforme os sons lá embaixo iam diminuindo, substituídos pelos ruídos de diversos roncos misturados. Ou pelo menos eu tentei. Apesar de ser muito tarde e da exaustão que tomava o meu corpo, minha mente parecia determinada a se manter acordada, pensando. Fragmentos do dia invadiram meus pensamentos assim que fechei os olhos – a sra. Bug e sua vassoura, as botas cheias de lama de Gerhard Mueller, ramas repletas de uvas, *sauerkraut*, o bumbum cor-de-rosa de Jemmy, dezenas de pequenos Chisholms correndo sem rumo... Decidi disciplinar a minha mente dispersa fazendo uma lista mental dos preparativos para partir.

Não adiantou: poucos momentos depois, eu estava desperta, com uma ansiedade reprimida, imaginando a destruição completa do meu consultório; Brianna, Marsali ou as crianças sucumbindo a uma epidemia repentina; a sra. Bug incitando revolta e derramamento de sangue de um lado da Cordilheira a outro.

Rolei para o lado e olhei para Jamie. Ele também estava deitado de costas como sempre, com os braços cruzados sobre o abdômen como uma figura em uma tumba, o perfil sério e bem delineado contra a luz cada vez mais fraca vinda da lareira, preparado para dormir. Seus olhos estavam fechados, mas ele franzia o cenho levemente e seus lábios entortavam de vez em quando, como se ele estivesse travando uma discussão dentro de si.

– Você está pensando tão alto que consigo ouvir daqui – falei, para puxar assunto. – Ou está apenas contando carneirinhos?

Ele abriu os olhos e se virou sorrindo para mim.

– Eu estava contando porcos – disse ele. – E estava indo bem. Mas ficava vendo aquela criatura branca pelo canto do olho, pulando de um lado para outro, longe do meu alcance, me provocando.

Ri com ele e me aconcheguei ao seu corpo. Recostei a cabeça em seu ombro e suspirei.

– Precisamos dormir, Jamie. Estou tão cansada que meus ossos parecem estar derretendo, e você está acordado há mais tempo do que eu.

– Humm. – Ele passou um braço ao redor de meu corpo, puxando-me

para a curva do seu ombro.

– Aquela cruz... não vai incendiar a casa, não é? – perguntei depois de um momento, tendo encontrado mais alguma coisa com que me preocupar.

– Não. – Ele parecia ligeiramente sonolento. – O fogo já se apagou há bastante tempo.

O fogo na lareira havia se tornado um leito de carvões em brasa. Eu me virei de novo e fiquei deitada observando-os por alguns minutos, tentando esvaziar a mente de tudo.

– Quando Frank e eu nos casamos, fomos nos consultar com um padre. Ele nos aconselhou a começar nossa vida de casal rezando o terço juntos na cama toda noite. Frank disse que não sabia se aquilo era devoção, uma maneira de nos ajudar a dormir, ou apenas um método de controle de natalidade sancionado pela Igreja.

O peito de Jamie vibrou com uma risada silenciosa atrás de mim.

– Bom, podemos tentar, se você quiser, Sassenach – disse ele. – Mas você vai precisar contar as ave-marias, porque está deitada sobre a minha mão esquerda e os meus dedos estão dormentes.

Eu me afastei um pouco para permitir que ele puxasse a mão enfiada debaixo do meu quadril.

– Não, acho que não – falei. – Mas talvez uma oração. Você conhece alguma boa oração para a hora de dormir?

– Sim, muitas – disse ele, erguendo a mão e flexionando os dedos lentamente enquanto o sangue retornava a eles. No escuro do quarto, o movimento lento me fazia lembrar do modo como ele atraía trutas que se escondiam debaixo de rochas. – Deixe-me pensar um pouco.

A casa lá embaixo estava em silêncio agora, exceto pelo usual ranger e estalar da madeira se acomodando. Pensei ter ouvido uma voz do lado de fora, alta, em uma discussão, mas devia ter sido apenas o farfalhar de galhos de árvores ao vento.

– Já sei – disse Jamie. – Eu quase me esqueci. Meu pai me ensinou, não muito tempo antes de morrer. Ele disse que um dia eu poderia considerá-la útil.

Ele se acomodou confortavelmente, com a cabeça inclinada de modo que o queixo repousasse no meu ombro, e começou a falar, com a voz baixa

e calorosa, no meu ouvido.

*Abençoada seja, ó Deus, a lua acima de mim,
Abençoada seja, ó Deus, a terra sob os meus pés,
Abençoados sejam, ó Deus, a minha esposa e os meus filhos,
E abençoai, ó Deus, a mim, que cuido deles;
Abençoai a minha esposa e os meus filhos,
E abençoai, ó Deus, a mim, que cuido deles.*

Ele havia começado com certa inibição, hesitando vez ou outra para encontrar uma palavra, mas a hesitação desapareceu enquanto ele falava. Agora, falava com calma e certeza, e não mais para mim, apesar de manter a mão quente na curva da minha cintura.

*Abençoai, ó Deus, aquilo em que meu olho pousar,
Abençoai, ó Deus, aquilo em que depositar minha esperança,
Abençoai, ó Deus, a minha razão e o meu propósito;
Abençoai, ó Deus, abençoai, Vós que sois o Deus da vida;
Abençoai, ó Deus, a minha razão e o meu propósito,
Abençoai, ó Deus, abençoai, Vós que sois o Deus da vida.*

Ele passou a mão no meu quadril e a ergueu para acariciar meus cabelos.

*Abençoada seja a pessoa com quem divido a minha cama e o meu amor,
Abençoado seja o toque das minhas mãos,
Abençoadas sejam, ó Deus, para mim, as barreiras da minha defesa,
E abençoado seja, ó Deus, para mim, o anjo do meu descanso;
Abençoadas sejam, ó Deus, para mim, as barreiras da minha defesa,
E abençoado seja, ó Deus, para mim, o anjo do meu descanso.*

A mão dele ficou aninhada sob o meu queixo. Eu a cobri com a minha e suspirei.

– Ah, gostei disso. Principalmente a parte do “anjo do meu descanso”. Quando Bree era pequena, nós a colocávamos para dormir rezando a oração do anjo: “Que Miguel fique à minha direita, Gabriel, à minha esquerda, Uriel atrás de mim, Rafael à minha frente, e acima da minha cabeça, a Presença do Senhor.”

Ele não respondeu, mas apertou os meus dedos. Um carvão em brasa da lareira se partiu com um suave *uff*, e faíscas voaram na penumbra do quarto.

Algun tempo depois, voltei à consciência, sentindo que ele se levantava.

– O que... – perguntei sonolenta.

– Nada – sussurrou ele. – Só um bilhete que preciso escrever. Durma, *a nighean donn*. Vou acordar ao seu lado.

Cordilheira dos Frasers, 1º de dezembro de 1770

Ao ilustre lorde John Grey,

Monte Josiah

Meu Senhor,

Escrevo na esperança de que tudo esteja bem em sua propriedade e com seus habitantes; lembranças particulares a seu filho.

Estamos todos bem em minha casa e – até onde sei – em River Run também. As núpcias planejadas para minha filha e para minha tia, sobre as quais escrevi a você, foram inesperadamente afetadas pelas circunstâncias (principalmente uma circunstância que atende pelo nome de sr. Randall Lillywhite, nome que menciono para o caso de, um dia, o senhor vir a conhecê-lo), mas meus netos foram batizados, felizmente, e, apesar de o casamento da minha tia ter sido postergado para uma próxima estação, a união da minha filha com o sr. MacKenzie foi celebrada pela cortesia do reverendo sr. Caldwell, um cavalheiro honrado, apesar de ser presbiteriano.

O pequeno Jeremiah Alexander Ian Fraser MacKenzie (o nome “Ian” é, claro, uma variação escocesa de “John” – a homenagem da minha filha a um amigo e também a seu primo) sobreviveu tanto à ocasião do batismo quanto à viagem de volta para casa sem grandes problemas. A mãe dele me pediu que lhe informasse que seu homônimo agora possui nada menos do que quatro dentes, uma conquista temerosa que o torna deveras perigoso para as almas desavisadas encantadas com sua aparente inocência, que entregam seus dedos, candidamente, a sua boca pernicioso. O menino morde como um crocodilo.

Nossa população aqui tem crescido muito nos últimos tempos, com a chegada de cerca de vinte famílias desde que lhe escrevi pela última vez. Deus compensou nossos esforços durante o verão, abençoando-nos com muito milho e feno, além de muitos animais para consumi-los. Estimo que os porcos agora não somem menos de quarenta, duas vacas tiveram bezerros, e eu comprei um novo cavalo. A personalidade desse animal é duvidosa, mas não sua rapidez.

São estas as minhas boas notícias.

Agora, as ruínas. Eu fui nomeado coronel da milícia, com a ordem de reunir e apresentar o máximo de homens que conseguir para colocar a serviço do governador, até meados deste mês, serviço este que consiste em ajudar na supressão de hostilidades locais.

O senhor deve ter ouvido, durante sua visita à Carolina do Norte, a respeito de um grupo de homens que se autodenominam “reguladores” – ou pode ser que não tenha ouvido, já que outros assuntos chamaram sua atenção naquela ocasião (minha mulher ficou feliz em saber que sua saúde vai bem e manda com esta carta um pacote de remédios, com orientações acerca de sua administração, para o caso de o senhor ainda sofrer de dores de cabeça).

Esses reguladores não passam de uma turba, menos disciplinados em suas ações do que os revoltosos que soubemos que enforcaram uma efígie do gov. Richardson em Boston. Não digo que suas reivindicações não sejam justificadas, mas a maneira como as expressam fazem com que seja improvável que resultem em reparação por parte da Coroa – na realidade provocam os dois lados a cometerem mais excessos, que certamente resultarão em mais danos.

Houve um grave caso de violência em Hillsborough no dia 24 de setembro, no qual muitas propriedades foram destruídas e atos de violência cometidos – alguns justamente, outros não – contra oficiais da Coroa. Um homem, um oficial, foi gravemente ferido; muitos reguladores foram presos. Desde então, ouvimos pouco além de boatos; o inverno arrefece o descontentamento, que se consome em fogo lento diante das lareiras de casas e estabelecimentos, mas quando for libertado com o ar da primavera, vai se espalhar como o odor de mofo de uma casa fechada, maculando o ar.

Tryon é um homem capacitado, mas não é um agricultor. Se fosse, não pensaria em travar uma guerra em pleno inverno. Ainda assim, pode ser que ele espere, ao dar uma demonstração de força agora – quando ele tem quase certeza de que o uso dela não será necessário –, intimidar os revoltosos, de forma a evitar a sua necessidade posteriormente. Ele é um soldado.

Tais comentários me trazem ao motivo desta missiva. Espero que a atual missão não termine mal, no entanto – o senhor é um soldado também, como eu. Conhece a imprevisibilidade do mal e as catástrofes que podem resultar de começos triviais.

Nenhum homem conhece as particularidades de seu próprio fim, a não ser que terá um. Assim, tomei as providências que consegui, para o bem-estar da minha família.

Eu os enumero aqui, pois o senhor não conhece todos eles:

Claire Fraser, minha amada esposa; minha filha Brianna e seu marido, Roger MacKenzie, e o filho deles, Jeremiah MacKenzie. Também minha filha Marsali e seu marido, Fergus Fraser (que é meu filho adotivo) – eles agora têm dois filhos pequenos, Germain e Joan. A pequena Joan tem o nome da irmã de Marsali, conhecida como Joan MacKenzie, que atualmente ainda vive na Escócia. Não pretendo contar ao senhor a história toda, mas tenho bons motivos para também considerar essa mulher uma filha e me sinto igualmente responsável por seu bem-estar e pelo da mãe dela, Laoghair MacKenzie.

Peço, em nome de nossa longa amizade e da consideração que tem pela minha esposa e pela minha filha, que, se por acaso não tivermos sucesso nessa missão, que faça o que estiver ao seu alcance para mantê-los em segurança.

Parto amanhã ao amanhecer, que agora não está muito distante.

Seu mais modesto e devotado servo,

James Alexander Malcolm MacKenzie Fraser

Postscriptum: Meus agradecimentos pelas informações em resposta ao meu pedido anterior sobre Stephen Bonnet. Recebi também seu conselho, com grande apreço e gratidão pelo bondoso propósito – mas, como deve imaginar, ele não vai me persuadir.

Post-Postscriptum: Cópias do meu testamento e dos papéis relacionados à minha propriedade e aos meus negócios aqui e na Escócia podem ser encontrados com Farquard Campbell, de Greenoaks, perto de Cross Creek.

PARTE III

Alertas e Excursões



A MILÍCIA NASCE

O clima nos favorecia: continuava frio, mas o céu estava claro. Com os Muellers e os homens das propriedades próximas, partimos da Cordilheira dos Frasers com um grupo de quase quarenta homens – e eu.

Fergus não serviria com a milícia, mas partira conosco para reunir homens, já que era o mais familiarizado com os povoados e propriedades próximos. Quando nos aproximamos da Linha do Tratado, e o ponto mais distante de nossa convocação ambulante, formávamos uma companhia respeitável em número, se não em habilidade. Alguns dos homens já tinham sido soldados, quando não homens de infantaria treinados; na Escócia ou nas guerras francesas ou indígenas. Muitos não tinham sido, então todas as noites Jamie realizava exercícios e treinamentos militares, embora de um tipo nada ortodoxo.

– Não temos tempo para prepará-los da maneira adequada – dissera ele a Roger diante do fogo da primeira noite. – São necessárias semanas para moldar os homens de forma que eles não fujam quando atacados.

Roger simplesmente assentiu ao ouvir isso, mas pensei ter visto uma sutil inquietação em seu rosto. Acredito que ele podia estar tendo dúvidas a respeito de sua própria falta de experiência e sobre como exatamente ele reagiria sob pressão. Eu havia conhecido muitos soldados jovens em minha época.

Eu estava ajoelhada diante do fogo, cozinhando bolinhos de milho sobre uma grelha de ferro nas cinzas. Olhei para Jamie e vi que ele estava olhando para mim com um sorriso disfarçado no canto da boca. Além de conhecer jovens soldados, ele já tinha sido um. Ele tossiu e se inclinou para mexer as brasas com um graveto, procurando mais das codornas que eu tinha posto

para assar, envoltas em argila.

– É natural fugir do perigo, não? O objetivo de treinar as tropas é acostamá-las à voz do oficial, de forma que elas ouçam, mesmo em meio ao som das armas, e obedeçam sem pensar no perigo.

– Sim, como se treina um cavalo para não sair em disparada ao ouvir um barulho – Roger interrompeu, de modo irônico.

– Sim, desse modo – concordou Jamie, com seriedade. – A diferença é que você precisa fazer um cavalo acreditar que você sabe mais do que ele; um oficial precisa apenas gritar mais alto. – Roger riu, e Jamie seguiu em frente, meio sorrindo.

– Quando eu era soldado na França, marchava de um lado para outro e para cima e para baixo, e usei um par de botas até gastar antes de eles me darem pólvora para a minha arma. Eu ficava tão cansado no fim de um dia de treinamento que eles podiam lançar tiros de canhão bem do lado da minha cama e eu nem ia perceber.

Ele balançou um pouco a cabeça, e o meio sorriso sumiu de seu rosto.

– Mas não temos tempo para isso. Metade dos nossos homens já foram soldados por um tempo; devemos recorrer a eles para nos posicionar se formos lutar e confiar nos outros. – Ele olhou além do fogo e fez um gesto em direção à vista que se apagava das árvores e das montanhas.

– Não é exatamente um campo de batalha, é? Não sei dizer onde a batalha poderá ser, se é que vai haver uma, mas acho que devemos planejar uma batalha onde houver cobertura. Vamos ensiná-los a lutar como escoceses; eles vão aprender a se reunir ou a se dispersar segundo a minha ordem, e a se revezar como puderem. Apenas metade dos homens são ex-soldados, mas todos eles sabem caçar. – Ele ergueu o queixo, fazendo um gesto na direção dos recrutas, muitos dos quais tinham juntado pequenas presas durante o trajeto do dia. Os irmãos Lindsays tinham caçado as codornas que estávamos comendo.

Roger assentiu e se abaixou, pegando uma bola escura de argila do fogo com um graveto, mantendo o rosto escondido. Quase todo. Ele tinha saído para atirar todos os dias desde o nosso retorno e não conseguira abater nem ao menos um gambá. Jamie, que saíra com ele uma vez, comentara comigo que Roger se sairia melhor acertando a presa na cabeça com seu mosquete,

em vez de atirar nela.

Franzi o cenho para Jamie; ele ergueu as sobrancelhas para mim, retribuindo o olhar. Os sentimentos de Roger poderiam cuidar de si mesmos, era a mensagem clara. Eu arregalei os olhos e me levantei.

– Mas não é como caçar, é? – Eu me sentei ao lado de Jamie, e entreguei a ele um dos meus bolinhos de milho. – Principalmente agora.

– O que você quer dizer com isso, Sassenach? – Jamie partiu o bolinho, semicerrando os olhos de prazer ao sentir o vapor quente e fragrante.

– Em primeiro lugar, você não sabe se vai haver uma batalha – falei. – Em segundo, se houver, você não vai enfrentar tropas treinadas; os reguladores não são soldados, assim como seus homens não o são. Em terceiro, você não vai tentar matar os reguladores; só assustá-los para que eles se retirem ou se entreguem. E em quarto lugar – sorri para Roger –, o propósito de caçar é matar alguma coisa. O propósito de ir para a guerra é voltar vivo.

Jamie se engasgou com um pedaço de bolinho de milho. Eu dei um tapa em suas costas, para ajudar, e ele se virou para mim, com os olhos arregalados. Tossiu migalhas, engoliu e se levantou, o tartã balançando.

– Ouça – disse ele, meio rouco. – Você está certa, Sassenach... e está errada. Não é como caçar. Porque a caça normalmente não está tentando matar *você*. Veja... – Ele se virou para Roger, com o rosto sério. – Ela está errada em relação ao resto. A guerra é matar, e pronto. Pense em qualquer coisa menos que isso, pense em meias medidas, pense em medo, acima de tudo, pense na própria pele e, por Deus, homem, você estará morto antes do anoitecer do primeiro dia.

Ele jogou os restos do bolinho no fogo e se afastou.

Fiquei parada por um momento, até o calor do bolinho fresco que eu segurava passar pelo tecido ao redor dele e queimar meus dedos. Eu o coloquei em um tronco com um “ai” abafado, e Roger se remexeu no tronco em que estava sentado.

– Tudo bem? – perguntou ele, apesar de não estar olhando para mim. Seus olhos estavam fixos na direção na qual Jamie havia desaparecido, a caminho de onde estavam os cavalos.

– Tudo bem.

Passei os dedos queimados contra a casca úmida e fria do tronco. Com o silêncio constrangedor atenuado por essa interação, achei que era possível abordar o assunto em questão.

– É verdade – falei – que Jamie tem certa experiência para falar... mas eu acho que o que ele disse foi um tanto exagerado.

– Acha? – Roger não parecia chateado nem surpreso com os comentários de Jamie.

– É claro que sim. Não importa o que aconteça com os reguladores, sabemos perfeitamente bem que não vai ser uma guerra completa. Pode não ser nada!

– Ah, sim. – Roger ainda estava olhando para a escuridão, com os lábios contraídos enquanto pensava. – Certo... Mas acho que não era disso que ele estava falando.

Ergui a sobrancelha para ele, que olhou para mim com um sorriso meio torto.

– Quando saiu para caçar comigo, ele me perguntou o que eu sabia a respeito do que estava diante de nós. Eu disse a ele. Bree comentou que ele havia perguntado a mesma coisa a ela, e ela disse a ele também.

– O que estava diante de nós... você se refere à Revolução?

Ele assentiu, os olhos nos restos de bolinho que ele amassava com os dedos compridos e cheios de calos.

– Contei a ele o que eu sabia. A respeito das batalhas, da política. Não todos os detalhes, claro, mas falei sobre as principais batalhas de que me lembrava, sobre como vai ser um conflito longo, exaustivo e sangrento. – Ele ficou em silêncio por um momento e então olhou para mim, com um leve brilho esverdeado nos olhos.

– Imagino que você chamaria isso de troca justa. É difícil dizer quando se trata dele, mas eu *acho* que posso tê-lo assustado. Ele apenas retribuiu o favor.

Sorri e fiquei de pé, limpando as migalhas e as cinzas da minha saia.

– O dia em que você assustar Jamie Fraser contando a ele histórias de guerra, meu rapaz, será o dia em que o inferno vai congelar.

Ele riu, nem um pouco descomposto.

– Talvez eu não o tenha assustado, então, mas ele ficou muito quieto. Vou dizer uma coisa, no entanto – ele ficou sério, apesar de o brilho permanecer em seus olhos –, ele me assustou agora.

Olhei na direção dos cavalos. A lua ainda não havia subido, e eu não conseguia ver nada além de uma mistura vaga de sombras grandes e incansáveis, com um vislumbre ocasional da luz do fogo refletida no pelo dos animais ou o brilho breve de um olhar. Jamie não estava à vista, mas eu sabia que ele estava ali. Houve uma mudança sutil e um movimento entre os cavalos, com bufadas baixas que indicavam que alguém familiar estava entre eles.

– Ele não era apenas um soldado – falei por fim, baixinho, apesar de ter certeza de que Jamie estava longe demais para me ouvir. – Ele era um oficial.

Eu me sentei no tronco de novo e encostei a mão no bolinho de milho. Estava morno agora. Eu o peguei, mas não o mordi.

– Eu fui enfermeira de guerra, sabia? Em um hospital de campanha na França.

Ele assentiu, com a cabeça de cabelos escuros inclinada demonstrando interesse. O fogo lançava sombras profundas no rosto dele, enfatizando o contraste das sobrancelhas grossas e dos ossos fortes com a curva delicada de seus lábios.

– Eu cuidei de soldados. *Todos* tinham medo. – Sorri um pouco, com tristeza. – Os que tinham estado na linha de fogo se lembravam, e os que não tinham, imaginavam. Mas eram os oficiais que não conseguiam dormir à noite.

Passei um polegar distraidamente sobre a superfície áspera do bolinho. Estava um pouco engordurado por causa da banha.

– Eu fiquei ao lado do Jamie, certa vez, depois de Preston, enquanto ele segurava um de seus homens morrendo em seus braços. E chorava. Ele se lembra disso. Não se lembra de Culloden, porque não suporta se lembrar.

Olhei para a bolinha de massa frita na minha mão, removendo as partes queimadas com a unha.

– Sim, você o assustou. Ele não quer chorar por você. Nem eu – acrescentei suavemente. – Pode não ser agora, mas quando a hora chegar... cuide-se, está bem?

Fez-se um longo silêncio. E então:

– Eu vou me cuidar – disse ele baixinho, e em seguida se levantou e saiu, os passos desaparecendo depressa no silêncio na terra úmida.

As outras fogueiras ardiam intensamente conforme a noite se tornava mais profunda. Os homens ainda estavam na companhia de família e amigos, cada grupo pequeno ao redor de uma fogueira grande, todos reunidos em um único círculo de luz.

Jamie não temia o que Roger contara a ele, pensei, mas o que ele próprio sabia. Havia duas opções para um bom oficial: deixar que a preocupação com suas responsabilidades acabasse com ele, ou deixar que a necessidade o endurecesse até virar pedra. Ele sabia disso.

E quanto a mim... eu sabia algumas coisas também. Fui casada com dois soldados – ambos oficiais; afinal, Frank também tinha sido um. Fui enfermeira e curandeira, nos campos de batalha de duas guerras.

Eu sabia os nomes e as datas das batalhas; conhecia o cheiro de sangue. E de vômito e de fezes. Em um hospital de campanha, vemos membros destroçados, entranhas expostas e ossos quebrados... mas também vemos homens que nunca seguraram uma arma, mas que morreram mesmo assim, por causa da febre, da sujeira, das doenças e do desespero.

Eu sabia que milhares tinham morrido assassinados ou em decorrência de ferimentos nos campos de batalha das duas Guerras Mundiais; eu sabia que centenas e centenas de milhares tinham morrido lá devido a infecções e doenças. Não seria diferente agora... não em quatro anos. E isso realmente me assustava muito.

Na noite seguinte, acampamos na montanha Balsam, cerca de 2 quilômetros depois do povoado de Lucklow. Vários dos homens queriam continuar, para chegar ao povoado de Brownsville, que era o ponto final da nossa viagem antes de voltarmos em direção a Salisbury e onde havia a possibilidade de encontrarmos uma taberna – ou pelo menos um abrigo hospitaleiro no qual pudéssemos dormir –, mas Jamie achou melhor esperar.

– Não quero assustar as pessoas – explicara ele a Roger – chegando com uma tropa de homens armados depois do anoitecer. É melhor anunciarmos nossa missão à luz do dia, e em seguida daremos um dia e uma noite aos

homens para que eles se preparem para partir. – Ele havia parado nesse momento e tossiu com força, os ombros convulsionados pelo espasmo.

Eu não gostei de ver a expressão de Jamie nem o modo como ele falava. Estava um tanto abatido e quando se aproximou da fogueira para se servir na hora do jantar, ouvi um sibilar baixo em sua respiração. A maioria dos homens estava em condição parecida; o nariz vermelho e a tosse eram endêmicos, e o fogo estalava e chiava de pouco em pouco quando alguém o atiçava.

Eu queria ter aconchegado Jamie em uma cama com uma pedra quente a seus pés, um emplastro de mostarda no peito e um chá quente de folhas de hortelã e éfedra. Como seriam necessários um canhão, algemas e vários homens armados para levá-lo lá, eu me contentei em pegar uma concha bem cheia de ensopado de carne e colocá-la na tigela dele.

– Ewald – chamou Jamie, com a voz rouca, dirigindo-se a um dos Muellers. Ele parou e pigarreou, com um som parecido com o de um tecido se rasgando. – Ewald, chame Paul para buscar mais lenha para a fogueira. Vai ser uma noite fria.

Já estava fria. Alguns homens estavam tão próximos do fogo que as barras de seus xales e de seus casacos estavam chamuscadas e a ponta das botas – daqueles que calçavam botas – exalavam um cheiro de couro quente. Meus joelhos e minhas coxas estavam quase a ponto de formar bolhas, já que eu estava perto do fogo para servir o ensopado. A lateral do meu corpo, no entanto, estava congelada, apesar da calça velha que eu usava por baixo da anágua e da saia – tanto para manter a temperatura quanto para evitar a fricção excessiva enquanto estivesse em cima do cavalo. O interior da Carolina não era um lugar para andar a cavalo sentada de lado sobre a sela.

Depois de servir a última tigela, eu me virei para comer meu ensopado, com o fogo às minhas costas e o calor confortável envolvendo meu traseiro congelado.

– Está bom, senhora? – perguntou Jimmy Robertson, que havia feito o ensopado, espiando sobre o meu ombro em busca de elogios.

– Ótimo – respondi. – Delicioso! – Na verdade, estava quente e eu estava com fome. Isso, além do fato de eu não ter cozinhado, deram um tom de sinceridade a minhas palavras e ele se afastou, satisfeito.

Comi lentamente, aproveitando o calor da tigela de madeira em minhas mãos frias e também o calor confortável do alimento no meu estômago. A cacofonia de espirros e tossidas atrás de mim não conseguiu afastar a sensação momentânea de bem-estar proporcionada pela comida e pela perspectiva de descanso depois de um longo dia sobre o cavalo. Até mesmo a visão da mata ao nosso redor, fria e escura sob a luz das estrelas, não conseguiu me perturbar.

Meu nariz começou a escorrer muito, mas eu esperava que fosse apenas o resultado de comer comida quente. Engoli saliva para checar, mas não havia sinal de garganta inflamada, nem o estrépito de congestão no peito. Jamie tossiu; ele havia acabado de comer e estava ao meu lado, aquecendo a lateral do corpo diante da fogueira.

– Tudo bem, Sassenach? – perguntou com a voz rouca.

– É só rinite – respondi, secando o nariz com um lenço.

– Onde? Ele lançou um olhar desconfiado para a floresta. – Aqui? Pensei que você tivesse dito que eles viviam na África.

– O que... ah, rinocerontes. Sim, eles vivem na África. O que eu quis dizer é que o meu nariz está escorrendo, mas não estou gripada.

– Ah, sim? Que bom. Eu estou – acrescentou ele desnecessariamente e espirrou três vezes na sequência. Ele me entregou a tigela vazia, para poder usar as duas mãos para assoar o nariz, o que fez com uma série de expirações ruidosas. Eu fiz uma careta ao ver suas narinas vermelhas. Eu tinha um pouco de banha de urso canforada na minha bolsa, mas tinha certeza de que ele não permitiria que eu cuidasse dele em público.

– Tem certeza de que não seria melhor continuarmos? – perguntei, observando-o. – Geordie disse que o vilarejo não está longe, e tem uma estrada... uma espécie de estrada.

Eu sabia qual seria a resposta; ele não era o tipo de pessoa que alterava uma estratégia em nome do conforto pessoal. Além disso, o acampamento já estava pronto e uma boa fogueira havia sido acesa. Tirando minha vontade de dormir em uma cama quente e limpa – bem, em qualquer cama, eu não era exigente –, eu estava preocupada com Jamie. De perto, a respiração dele emitia um sibilar mais profundo que me deixou preocupada.

Ele sabia o que eu estava querendo dizer. Sorriu, guardando o lenço

usado na manga.

– Tenho, Sassenach – respondeu ele. – Isso é só uma gripezinha. Já fiquei muito pior do que isso, muitas vezes.

Paul Mueller jogou mais lenha na fogueira. Uma brasa grande estalou e fez subir uma chama que nos obrigou a dar um passo para trás para não sermos atingidos pelas faíscas. Com as costas bem aquecidas, eu me virei de frente para a fogueira. Jamie, no entanto, permaneceu olhando para a frente, franzindo o cenho de leve enquanto observava as sombras da mata que se estendia à nossa frente.

Ele relaxou, e eu me virei e vi dois homens saindo da mata, tirando folhas e pedaços de casca de árvore das roupas. Jack Parker e um novo homem – eu ainda não sabia o nome dele, mas estava claro que era alguém recém-chegado de algum lugar perto de Glasgow, a julgar pelo modo como falava.

– Tudo tranquilo, senhor – disse Parker, tocando o chapéu em uma breve saudação. – Mas está muito frio.

– Sim, não sinto minhas partes íntimas desde o jantar – disse o rapaz de Glasgow, fazendo uma careta e esfregando o próprio corpo ao caminhar em direção à fogueira. – Devem ter congelado!

– Sei o que quer dizer, rapaz – disse Jamie, sorrindo. – Fui mijar há pouco, mas não consegui encontrar o meu. – Ele se virou rindo e foi dar uma olhada nos cavalos, com uma tigela de ensopado pela metade na mão.

Os outros homens já estavam fazendo suas camas, discutindo se era melhor dormir com os pés ou com a cabeça perto do fogo.

– Vai queimar a sola das botas – disse Evan Lindsay. – Está vendo? Chamuscou a sola e agora, veja! – Ele ergueu um pé grande, mostrando um sapato desgastado amarrado com barbante. As solas de couro e os saltos às vezes eram costurados, mas normalmente eram presos com pecinhas de madeira ou couro, coladas com goma de pinheiro ou algum outro adesivo. A seiva de pinheiro, em especial, era inflamável; eu já tinha visto faíscas saírem dos pés dos homens que dormiam próximos demais do fogo, quando uma pecinha de madeira subitamente pegava fogo.

– Melhor do que chamuscar os cabelos – disse Ronnie Sinclair.

– Acho que os Lindsays não precisam se preocupar muito com isso. –

Kenny sorriu para o irmão mais velho e puxou a touca que usava, assim como seus dois irmãos, sobre a cabeça careca.

– Sim, de cabeça, todas as vezes – concordou Murdo. – Não vai querer deixar o couro cabeludo frio; a friagem vai diretamente para o fígado, e então você morre. – Murdo era muito cuidadoso com a cabeça e raramente era visto sem a touca de lã ou um chapéu peculiar feito de pele de gambá, com forro de pele de doninha. Ele olhou com inveja para Roger, que estava amarrando os cabelos pretos com um pedaço de cordão de couro.

– MacKenzie não precisa se preocupar, ele é peludo como um urso!

Roger sorriu em resposta. Como os outros, ele havia parado de se barbear quando deixamos o vilarejo; agora, oito dias depois, uma camada espessa de barba de fato dava a ele uma aparência ameaçadora de urso. Pensei que, além da conveniência, uma barba espessa sem dúvida mantinha o rosto aquecido em noites como aquela; cobri meu queixo nu e vulnerável com meu xale.

Voltando de onde estavam os cavalos a tempo de ouvir o que era dito, Jamie riu também, mas a risada acabou virando tosse. Evan esperou que passasse.

– O que me diz, *Mac Dubh*? Cabeça ou pés?

Jamie secou a boca na manga e sorriu. Tão peludo quanto o resto, ele se parecia com um viking, com o fogo reluzindo vermelho, dourado e prateado na barba por fazer e nos cabelos soltos.

– Não se preocupem, rapazes – disse ele. – Vou dormir aquecido independentemente de *como* me deitar. – Ele inclinou a cabeça na minha direção, e todos riram, com uma série de comentários meio grosseiros em escocês e gaélico feitos pelos homens locais.

Um ou dois dos novos recrutas me olharam com curiosidade, que desapareceu assim que viram a altura, o tamanho e o ar feroz de Jamie. Olhei nos olhos de um deles e sorri; ele pareceu assustado, mas então sorriu de volta, abaixando a cabeça, tímido.

Como Jamie conseguia fazer aquilo? Uma piada breve e grosseira e ele havia chamado a atenção de todos para mim, acabado com qualquer ameaça de avanços indesejados e reassumido sua posição como líder.

– Como um maldito bando de babuínos – murmurei. – E eu vou dormir

com o babuíno líder!

– Babuínos são os macacos sem rabo? – perguntou Fergus, virando-se depois de trocar algumas palavras com Ewald sobre os cavalos.

– Você sabe muito bem que são. – Olhei nos olhos de Jamie, e seus lábios se contraíram de um lado. Eu sabia o que ele estava pensando, e ele sabia que eu sabia; o sorriso se alargou.

Luís da França tinha um zoológico privado em Versalhes, e entre seus habitantes havia um bando de babuínos mandris. Uma das atividades mais populares na corte nas tardes primaveris era visitar a jaula dos babuínos para admirar a habilidade sexual do macho e seu traseiro esplendidamente multicolorido.

Um tal M. de Ruvel se ofereceu – e eu ouvi – para tatuar o próprio traseiro, se isso resultasse em uma recepção favorável por parte das moças da corte. Entretanto, foi informado de maneira veemente por Madame de la Tourelle de que seu físico era inferior ao do mandril em todos os aspectos e deixá-lo colorido provavelmente não melhoraria a situação.

A luz do fogo dificultava saber, mas eu tinha quase certeza de que a cor forte de Jamie se devia tanto ao riso contido quanto ao calor.

– Por falar em rabo – disse ele em meu ouvido. – Você está com aquela calça infernal?

– Sim.

– Tire-a.

– O quê, aqui? – Olhei para ele com os olhos arregalados, fingindo inocência. – Quer que o meu traseiro congele?

Ele semicerrou os olhos, que brilharam como os de um gato.

– Ah, não vai congelar – disse ele baixinho. – Garanto a você.

Ele se posicionou atrás de mim, e o calor da fogueira em minha pele foi substituído pela solidez do corpo frio dele. Nada menos do que firme, como pude descobrir quando ele envolveu minha cintura com as mãos e me puxou contra seu corpo.

– Ah, você o encontrou – falei. – Que bom.

– Encontrou o quê? Você tinha perdido alguma coisa? – Roger fez uma pausa, saindo de onde estavam os cavalos com um rolo de cobertores embaixo de um braço e o *bodhran* embaixo do outro.

– Ah, só uma calça velha – respondeu Jamie com tranquilidade. Por baixo do meu xale, uma mão escorregou por dentro do elástico da cintura da minha saia. – Pretende cantar para nós?

– Se alguém quiser, sim – Roger sorriu, com a luz do fogo em seu rosto. – Na verdade, estou querendo aprender uma. Evan prometeu cantar uma canção que a avó dele conhecia.

Jamie riu.

– Ah, acho que sei qual é.

Roger ergueu a sobrancelha, e eu me virei levemente para olhar para Jamie com surpresa.

– Bom, eu não poderia *cantá-la* – disse ele, ao ver nossa surpresa. – Mas sei a letra. Evan cantava essa canção com frequência na prisão em Ardsmuir. É meio indecente – acrescentou, com o ar levemente decoroso que os escoceses adotavam pouco antes de contar algo chocante.

Roger percebeu e riu.

– Talvez eu escreva a letra, então – disse ele. – Para o bem das futuras gerações.

Os dedos de Jamie estavam em ação e nesse momento a calça – que era dele e, portanto, cerca de seis números maior do que o meu tamanho – se soltou e caiu no chão em silêncio. Um vento frio penetrou pela minha saia e envolveu as partes do meu corpo nuas. Respirei fundo.

– Frio, não é? – Roger encolheu os ombros, sorrindo enquanto tremia exageradamente de modo solidário.

– É, muito – falei. – De congelar as bolas de um macaco, não?

Jamie e Roger tiveram acessos de tosse simultâneos.

Com uma sentinela em seu lugar e os cavalos acomodados, nós nos retiramos para o nosso local de descanso, a uma distância discreta do círculo perto da fogueira. Eu tinha afastado as pedras e os galhos maiores do tapete de folhas úmidas, cortei galhos de espruce e estendi nossos cobertores sobre eles quando Jamie terminava sua última ronda no acampamento. O calor da comida e do fogo havia diminuído, mas só comecei a tremer de verdade quando ele me tocou.

Eu teria me movimentado de imediato para entrar debaixo dos

cobertores, mas Jamie ainda me segurava. Sua intenção original parecia intacta – para dizer o mínimo –, mas sua atenção foi distraída momentaneamente. Ele ainda me abraçava, mas estava imóvel, com a cabeça levantada como se tentasse ouvir alguma coisa, olhando para as trevas da floresta. Estava tudo escuro; não dava para enxergar nada das árvores além do brilho do fogo refletido em alguns troncos que ficavam mais próximos do acampamento – a última sombra do anoitecer havia desaparecido, e tudo à nossa volta era uma escuridão profunda.

– O que foi? – Eu me recolhi um pouco, pressionando o corpo contra o dele, e seus braços me apertaram mais.

– Não sei. Mas estou sentindo alguma coisa, Sassenach.

Ele se mexeu um pouco, erguendo a cabeça para prestar atenção, como um lobo farejando o vento, mas nenhuma mensagem chegou até nós, apenas o farfalhar distante de galhos sem folhas.

– Mesmo que não seja um rinoceronte, é alguma coisa – disse ele baixinho, e um sopro de inquietude fez os pelos do meu pescoço se arrepiarem. – Um momento, moça.

Ele me deixou, o vento soprando repentinamente frio à minha volta com a partida dele, e foi falar baixinho com dois homens.

E o que ele poderia sentir naquela escuridão? Eu tinha o maior respeito pelo senso de perigo de Jamie. Ele passara tanto tempo de sua vida como caçador e como caça que podia sentir a tensão que pairava entre os dois – invisível ou não.

Ele voltou um momento depois e se agachou ao meu lado enquanto eu me enterrava nos cobertores, tremendo.

– Tudo bem – disse ele. – Eu disse que teremos dois guardas esta noite e que cada um deles deve manter a arma carregada ao alcance. Mas acho que está tudo bem.

Ele olhou além de mim, para a mata, mas seu rosto agora estava apenas pensativo.

– Está tudo bem – repetiu ele com mais certeza.

– Foi embora?

Ele virou a cabeça, com a boca ligeiramente torta. Seus lábios pareciam macios e vulneráveis em meio aos fios duros e ruivos da barba rala.

– Não sei se havia alguma coisa realmente ali, Sassenach – disse ele. – Pensei ter sentido olhos em mim, mas pode ter sido um lobo, uma coruja... ou só um *spiorad*, um espírito vagando pela mata. Mas, sim, já foi embora.

Ele sorriu para mim. Eu vi o brilho da luz que contornava sua cabeça e seus ombros quando ele se virou, delineado pelo fogo. Mais à frente, o som da voz de Roger chegou até mim acima do crepitar do fogo, enquanto ele aprendia a melodia da canção, acompanhando a voz de Evan, rouca, mas confiante. Jamie entrou debaixo dos cobertores ao meu lado e eu me virei para ele, procurando com as mãos frias retribuir o favor que ele me havia feito mais cedo.

Nós tremíamos de maneira incontrolável, desesperados para sentir o calor um do outro. Eu o encontrei, e ele me virou, afastando as camadas de tecido entre nós, para se posicionar atrás de mim, passando o braço ao redor do meu corpo, com as partes secretas da nossa nudez unidas e aquecidas embaixo dos cobertores. Eu fiquei deitada de frente para a mata escura, observando a luz do fogo dançar entre as árvores, enquanto Jamie se movimentava atrás de mim – atrás, no meio, dentro –, quente e grande e tão lentamente que mal movimentava os galhos embaixo de nós. A voz de Roger se elevou, forte e doce acima do murmúrio dos homens, e o tremor aos poucos parou.

Acordei muito mais tarde sob um céu preto-azulado, com a boca seca, a respiração sussurrante de Jamie em meu ouvido. Eu estava sonhando; um daqueles sonhos sem sentido de repetição inquietante, que desaparece de uma vez quando despertamos, mas deixa um gosto ruim na boca e na mente. Precisando de água e de aliviar a bexiga, saí cuidadosamente debaixo do braço de Jamie e deixei os cobertores. Ele se mexeu e resmungou um pouco, ajeitando-se, fungando ainda adormecido, mas não acordou.

Parei e pousei a mão suavemente sobre a testa dele. Fria, sem febre. Talvez ele estivesse certo – talvez fosse apenas uma gripe. Eu me levantei, relutando em deixar o santuário quente do nosso ninho, mas sabendo que não poderia esperar amanhecer.

As canções tinham cessado, o fogo estava mais baixo agora, mas permanecia vivo, mantido pela sentinela de plantão. Era Murdo Lindsay; eu

podia ver o pelo branco de seu chapéu de pele de gambá, por cima do que parecia um monte de roupas e cobertores. O homem anônimo de Glasgow estava agachado do outro lado da clareira, com o mosquete sobre as pernas; ele assentiu para mim, com o rosto encoberto pela aba do chapéu. O chapéu branco também se virou na minha direção ao ouvir meus passos. Eu esbocei um aceno e Murdo assentiu para mim, virando-se em seguida de novo para a mata.

Os homens estavam deitados formando um círculo, embaixo dos cobertores. Senti uma repentina apreensão enquanto caminhava entre eles. Com o feitiço da noite e sonhos ainda em minha mente, estremeci ao ver os corpos silenciosos, parados, lado a lado. Da mesma forma que eles tinham disposto os corpos em Amiens. Em Preston. Imóveis e envoltos em mortalhas, lado a lado, rostos cobertos e anônimos. A guerra raramente olha no rosto de seus mortos.

E por que eu acordaria do abraço do amor pensando em guerra e em fileiras de homens mortos?, perguntei-me, pisando com cuidado ao longo da fila de corpos. Bem, aquilo era bem simples, considerando a nossa tarefa. Estávamos indo para a batalha – se não agora, em breve.

Um corpo envolvido em um cobertor resmungou, tossiu e se virou, o rosto invisível, impossível de se distinguir dos outros. O movimento me assustou, mas então um pé enorme saiu debaixo da coberta, revelando o sapato de Evan Lindsay, amarrado com um barbante. Senti o peso da ansiedade diminuir com essa evidência de vida, de individualidade.

É o anonimato da guerra que torna a matança possível. Quando os mortos anônimos recebem nomes de novo na lápide ou na cova, eles retomam a identidade que perderam como soldados e ocupam seu lugar no pesar e na lembrança, os fantasmas de filhos e amantes. Talvez aquela jornada terminasse em paz. O conflito que se aproximava, no entanto... o mundo saberia sobre ele, e eu passei pelo último homem que dormia como se caminhasse por um sonho ruim do qual não havia despertado por completo.

Peguei um cantil do chão perto dos sacos de areia e bebi. A água estava muito gelada, e meus pensamentos sombrios começaram a se dissipar, levados pelo gosto doce e cristalino dela. Parei, respirei o ar frio e sequei a

boca.

Era melhor levar um pouco de volta para Jamie; se ele não despertasse com a minha ausência, despertaria quando eu voltasse, e eu sabia que sua boca também estaria seca, já que ele não estava conseguindo respirar pelo nariz naquele momento. Passei a faixa do cantil pelo ombro e entrei no abrigo da mata.

Estava frio sob as árvores, mas o ar estava calmo e límpido. As sombras que pareciam assustadoras vistas de perto da fogueira eram estranhamente relaxantes vistas do abrigo da mata. Longe do brilho e do crepitar da fogueira, meus olhos e meus ouvidos começaram a se adaptar ao escuro. Ouvi o ruído de algo pequeno na grama seca próxima, e o piado distante e inesperado de uma coruja.

Quando terminei, fiquei parada por alguns minutos, aproveitando a solidão momentânea. Estava muito frio, mas muito tranquilo. Jamie estava certo, pensei; o que quer que pudesse ter estado por ali mais cedo, não estava mais, e a floresta não parecia mais ameaçadora.

Como se pensar nele o tivesse chamado, ouvi um passo cuidadoso e o ruído áspero e lento de sua respiração. Ele tossiu, um som estrangulado e abafado do qual não gostei nem um pouco.

– Estou aqui – falei baixinho. – Como está o peito?

A tosse se interrompeu em um súbito arquejar de pânico, e houve uma movimentação entre as folhas. Vi Murdo se levantar repentinamente perto da fogueira, mosquete na mão, e em seguida uma forma escura passou por mim.

– Ai! – falei, mais surpresa do que assustada.

A forma hesitou e, por reflexo, tirei o cantil do ombro e o arremessei com força pela faixa. Ele acertou a figura nas costas com um ruído oco e, quem quer que fosse – certamente não Jamie –, caiu de joelhos, tossindo.

Houve um breve período de caos, com homens se desvencilhando apressados de seus cobertores, gritando incoerências, uma comoção geral. O homem de Glasgow pulou vários corpos e correu para a mata, com o mosquete erguido, gritando. Partindo à toda velocidade rumo à escuridão, ele atacou a primeira forma que viu, que por acaso era eu. Eu saí voando de cabeça nas folhas, onde caí elegantemente estatelada e sem ar, com o homem

de Glasgow em cima da minha barriga.

Devo ter emitido um grito suficientemente feminino quando caí, porque ele parou, contendo-se momentos antes de me acertar na cabeça.

– Hein?

Ele abaixou a mão livre e tateou com cuidado. Apalpando o que era claramente um seio, ele recolheu a mão como se tivesse se queimado e se afastou de mim com cuidado.

– Ahn... humm! – murmurou ele.

– Ufa! – respondi, do modo mais cordial que consegui.

As estrelas giravam acima de nós, brilhando intensamente em meio aos galhos sem folhas. O homem de Glasgow desapareceu, com um leve ruído escocês de embarço. Ouvimos muitos gritos e trombadas, à minha esquerda, mas eu não conseguia me concentrar em nada além de recuperar o fôlego naquele momento.

Quando me levantei de novo, o intruso tinha sido pego e arrastado para a luz do fogo.

Se ele não estivesse tossindo quando o acertei, provavelmente teria escapado. Mas estava fazendo tanto esforço para respirar que mal conseguia ficar de pé, e seu rosto estava escurecido por causa do esforço para puxar o ar. As veias de sua testa se destacavam como minhocas, e ele emitia um sibilo sinistro enquanto respirava – ou tentava respirar.

– Que diabo *você* está fazendo aqui? – perguntou Jamie com a voz rouca e em seguida parou para tossir em solidariedade.

Foi uma pergunta puramente retórica, já que o rapaz não conseguia falar. Era Josiah Beardsley, meu possível paciente de tonsilectomia, e o que quer que fosse que ele estivesse fazendo desde a Reunião, não havia melhorado sua saúde, pelo menos não aparentemente.

Fui até a fogueira, onde o bule de café estava sobre as brasas. Segurei-o com uma dobra do xale e o chacoalhei. Que bom, ainda havia um pouco de café, e como o bule estava no fogo desde o jantar, estaria forte como piche.

– Coloquem ele sentado, afrouxem suas roupas, tragam um pouco de água! – Eu me enfiei no círculo de homens ao redor do prisioneiro, forçando passagem com o bule quente.

Dentro de alguns instantes, eu estava servindo a ele uma caneca de café

forte, bem preto, diluído apenas em um pouco de água gelada para que não queimasse sua boca.

– Expire lentamente contando até quatro, inspire contando até dois, expire e tome um gole – falei. As escleras podiam ser vistas ao redor da íris, e a saliva havia se acumulado no canto da boca. Apoiei a mão com firmeza em seu ombro, incentivando-o a respirar, contar, respirar... e o esforço desesperado diminuiu um pouco.

Um gole, uma respirada, um gole, uma respirada, e quando ele terminou de beber tudo, o rosto não estava mais tão vermelho, havia apenas algumas marcas avermelhadas onde os homens o haviam atingido. O ar ainda sibilava em seus pulmões, mas ele *estava* respirando, o que era uma grande melhoria.

Os homens estavam por perto murmurando e observando com interesse, mas fazia frio, estava tarde e, conforme a excitação da captura foi diminuindo, eles começaram a se acalmar e a bocejar. Afinal, era apenas um rapaz, magro e doentio. Eles se retiraram de bom grado para seus cobertores quando Jamie os dispensou, deixando que Jamie e eu cuidássemos de nosso hóspede inesperado.

Eu o envolvi em cobertores, o besuntei com banha de urso canforada e coloquei mais um copo de café nas mãos dele antes de permitir que Jamie o interrogasse. O rapaz parecia muito envergonhado com os meus cuidados, curvando os ombros e olhando para o chão, mas eu não sabia se ele simplesmente não estava acostumado a ser objeto de preocupação ou se a presença ameaçadora de Jamie, de braços cruzados, o deixava desconfortável.

Ele era pequeno para 14 anos e muito magro. Dava para contar as costelas quando abri sua camisa para ouvir seu coração. Não era bonito; os cabelos pretos tinham sido raspados e a penugem nascente estava arrepiada e espessa por causa da poeira, do óleo e do suor. Sua aparência era a de um macaco infestado de pulgas preocupado e desconfiado.

Finalmente, depois de fazer tudo o que podia, fiquei satisfeita com sua aparência. Quando assenti, Jamie se abaixou ao lado do garoto.

– Então, sr. Beardsley – disse ele de modo agradável. – Veio para se unir à nossa tropa de milícia?

– Ah... não. – Josiah segurava o copo de madeira entre as mãos, sem olhar para a frente. – Eu... é... meu trabalho me trouxe para essas bandas, só isso. – Ele falava com a voz tão rouca que eu estremei, imaginado como sua garganta devia estar inflamada.

– Compreendo. – A voz de Jamie era baixa e simpática. – Então, avistou por acaso a nossa fogueira e pensou em vir buscar abrigo e uma refeição?

– Isso. – Ele engoliu em seco com evidente dificuldade.

– Hum. Mas você chegou mais cedo, não? Estava na mata logo depois do pôr do sol. Por que esperou até mais tarde para aparecer?

– Eu não... eu não estava...

– Ah, estava, sim.

A voz de Jamie permanecia simpática, mas firme. Estendeu uma das mãos e agarrou a frente da camisa de Josiah, forçando o garoto a olhar para ele.

– Veja bem, meu rapaz. Há um acordo entre nós. Você é meu arrendatário; estamos acertados. Isso quer dizer que você tem o direito de ter a minha proteção. Também quer dizer que eu tenho direito de ouvir a verdade.

Josiah olhou para trás e, apesar do medo e da ansiedade no olhar, havia também uma sensação de autocontrole que parecia muito além de seus 14 anos. Ele não tentou desviar o olhar, e havia uma expressão de profunda reflexão em seus olhos escuros e espertos.

Aquela criança – se é que podia ser considerado uma criança; estava claro que Jamie não o considerava assim – estava acostumada a se virar sozinha.

– Eu disse ao senhor que chegaria a sua casa antes do ano-novo, e é o que pretendo. O que farei até lá é problema meu.

Jamie ergueu as sobrancelhas, mas assentiu lentamente e soltou o garoto.

– É verdade. Você precisa admitir, no entanto, que desperta curiosidade.

O garoto abriu a boca como se fosse falar, mas mudou de ideia e enfiou o nariz no copo de café.

Jamie tentou de novo.

– Podemos oferecer ajuda em seu trabalho? Vai seguir viagem conosco, pelo menos?

Josiah balançou a cabeça.

– Não. Agradeço, senhor, mas o trabalho será mais bem realizado se eu estiver sozinho.

Roger não tinha ido dormir e estava sentado um pouco atrás de Jamie, observando em silêncio. Ele estava inclinado para a frente, observando o garoto com os olhos verdes.

– Esse seu trabalho – disse ele – está por acaso relacionado de algum modo com a marca em seu polegar?

O copo caiu no chão e o café se espalhou, respingando no meu rosto e no corpete. O garoto tinha se livrado dos cobertores e já estava no meio da clareira antes que eu conseguisse piscar os olhos para ver o que estava acontecendo – e então Jamie tinha se levantado e saído atrás dele. O garoto dera a volta no fogo; Jamie pulou por cima dele. Os dois desapareceram na mata como raposa e cachorro, deixando Roger e eu observando boquiabertos.

Pela segunda vez naquela noite, os homens emergiram de seus cobertores, pegando as armas. Eu estava começando a pensar que o governador ia ficar feliz com sua milícia; eles claramente estavam prontos para entrar em ação em questão de segundos.

– Mas o que...? – perguntei a Roger, secando o café das minhas sobrancelhas.

– Talvez eu não devesse ter mencionado isso tão depressa – disse ele.

– O quê? O quê? O que está acontecendo? – gritou Murdo Lindsay, olhando ao redor enquanto mirava o mosquete em direção às árvores envoltas em sombras.

– Estamos sendo atacados? Onde estão os malditos? – Kenny se apoiou nas mãos e nos joelhos ao meu lado, espiando por baixo da aba de seu gorro de lã como um sapo embaixo de uma folha.

– Ninguém. Não aconteceu nada. Quer dizer... está tudo certo!

Meus esforços para acalmar e explicar foram quase totalmente ignorados na confusão. Mas Roger, muito maior e com a voz muito mais potente, conseguiu diminuir a comoção e explicar a situação – até onde podia ser explicada. Que importância tinha um rapaz a mais ou a menos? Resmungando, os homens voltaram a se acalmar, deixando Roger e eu

trocando olhares por sobre o bule de café.

– O que era, então? – perguntei, um pouco irritada.

– A marca? Tenho quase certeza de que era a letra “L”. Eu a vi quando você ofereceu o café e ele segurou o copo com as duas mãos.

Senti um nó no estômago. Eu sabia o que aquilo significava, já tinha visto aquela marca antes.

– Ladrão – disse Roger, olhando em meu rosto. – Ele foi marcado.

– Sim – falei com tristeza. – Minha nossa.

– As pessoas no vilarejo o aceitariam, se soubessem? – perguntou Roger.

– Acho que a maioria não ia se incomodar muito – respondi. – Não foi por isso; ele fugiu quando você mencionou a marca. Ele não é apenas um ladrão condenado; receio que ele seja um fugitivo. E Jamie o chamou pelo nome, na Reunião.

– Ah! – Roger copiou o bigode distraidamente. – *Earbsachd*. Jamie se sente responsável por ele, de alguma maneira, então?

– Algo assim.

Roger era um escocês e, teoricamente, pelo menos, um homem das Terras Altas. Mas ele havia nascido muito tempo depois do fim dos clãs, e nem a história nem o legado poderiam ter transmitido a ele a força dos antigos elos entre os proprietários de terras e seus arrendatários, entre o líder e os membros do clã. Provavelmente, o próprio Josiah não tinha ideia da importância do *earbsachd*, do que tinha sido prometido e aceito por ambas as partes. Jamie tinha.

– Você acha que Jamie vai alcançá-lo? – perguntou Roger.

– Imagino que já o tenha alcançado. Ele não vai conseguir seguir os rastros do garoto no escuro, e se o tivesse perdido, já teria voltado.

Havia outras possibilidades – que Jamie tivesse caído de um precipício no escuro, tropeçado em uma pedra e quebrado a perna, ou deparado com um puma ou um urso, por exemplo –, mas eu preferia não pensar nisso.

Eu me levantei, esticando os membros doloridos, e olhei para a floresta, onde Jamie e sua presa tinham desaparecido. Josiah podia conhecer bem a mata e ser um bom caçador, mas Jamie tinha muito mais experiência. Josiah era pequeno, ágil e estava sendo impelido pelo medo; Jamie tinha uma vantagem considerável em tamanho, força e agressividade.

Roger ficou de pé ao meu lado. Seu rosto magro estava levemente preocupado enquanto olhava para as árvores ao redor.

– Está demorando muito. Se ele pegou o garoto, o que está fazendo com ele?

– Tirando a verdade dele, imagino – respondi. Mordi o lábio ao pensar nisso. – Jamie não gosta quando mentem para ele.

Roger olhou para mim, um tanto alarmado.

– Como?

Eu dei de ombros.

– Como puder. – Eu já o vira fazer isso por meio da razão, da astúcia, do charme, das ameaças e, de vez em quando, por meio da força bruta. Esperava que ele não tivesse precisado usar a força, embora mais pelo bem dele do que de Josiah.

– Compreendo – disse Roger baixinho. – Bem...

O bule estava vazio; envolvi meu corpo com a capa e desci até o rio para lavá-lo e enchê-lo, pendurei-o de novo sobre o fogo e me sentei para esperar.

– Você devia dormir – disse a Roger depois de alguns minutos. Ele apenas sorriu para mim, secou o nariz e se enrolou mais na capa.

– Você também – disse ele.

Não estava ventando, mas estava muito tarde, e o frio havia se instalado no vale, penetrando no chão úmido. Os cobertores dos homens tinham ficado moles com a condensação, e eu sentia o frio do chão atravessando as dobras da minha saia. Pensei em pegar minha calça, mas não consegui reunir energia para procurá-la. A movimentação resultante do surgimento de Josiah e de sua fuga havia se dissipado, e a letargia do frio e da fadiga estava se instalando.

Roger mexeu um pouco no fogo e acrescentou mais alguns pedaços de madeira.

Enfiei mais uma dobra da minha saia embaixo da coxa e puxei a capa e o xale ao redor do meu corpo, afundando as mãos nas dobras do tecido. O bule estava esquentando, e o sibilar de gotas ocasionais que caíam no fogo pontuava os roncos congestionados dos homens que dormiam.

Eu não estava vendo as formas enroladas nos cobertores, nem ouvia o farfalhar dos pinheiros. Eu ouvia o estalar de folhas secas em um carvalho

escocês, nos montes acima de Carryarrick. Nós tínhamos acampado lá, dois dias antes de Prestonpans, com trinta homens de Lallybroch – no caminho para nos juntarmos ao exército de Charles Stuart. E um garoto saíra de repente do escuro; uma faca brilhara à luz de uma figueira.

Um lugar diferente, uma época diferente. Eu me sacudi, tentando afastar as lembranças repentinas; um rosto magro e branco e os olhos arregalados de um menino diante do choque e da dor. A lâmina de um punhal, escurecendo e brilhando nas brasas do fogo. O cheiro de pólvora, suor e carne queimada.

“*Eu ia atirar em você*”, dissera ele a John Grey, “*Cabeça ou coração?*” Por meio da ameaça, da astúcia... da força bruta.

Isso foi naquela época; agora era diferente, eu disse a mim mesma. Mas Jamie faria o que achava que deveria fazer.

Roger permanecia sentado em silêncio, observando as chamas bruxuleantes e a mata adiante. Seus olhos estavam encobertos, e eu me perguntei o que ele estaria pensando.

– Você se preocupa com ele? – perguntou ele baixinho, sem olhar para mim.

– O quê? Agora? Ou sempre? – Sorri, mas sem achar muita graça. – Se eu me preocupasse sempre, nunca descansaria.

Ele virou a cabeça na minha direção e um sorriso discreto surgiu em seu rosto.

– Está descansando agora, então?

Sorri de novo, um sorriso sincero, apesar de tudo.

– Não estou andando de um lado para outro – respondi. – Nem torcendo as mãos.

Ele ergueu uma das sobrancelhas.

– Pode ajudar a mantê-las aquecidas.

Um dos homens se mexeu, murmurando sob os cobertores, e paramos de falar por um momento. A água estava fervendo, eu podia ouvir o ruído baixo dentro do bule.

Por que ele estaria demorando? Ele não podia estar levando todo aquele tempo para interrogar Josiah Beardsley – àquela altura ele já teria conseguido as respostas que queria ou teria deixado o garoto ir. O que quer

que ele tivesse roubado, não era problema de Jamie – exceto pela promessa do *earbsachd*.

As chamadas eram levemente hipnóticas; eu podia olhar para a luz e ver na memória a grande fogueira da Reunião, as figuras escuras ao redor dela e o som dos violinos distantes...

– Devo sair à procura dele? – perguntou Roger de repente, com a voz baixa.

Eu me remexi, saindo de uma espécie de hipnose sonolenta. Passei a mão pelo rosto e balancei a cabeça para clarear a mente.

– Não. É perigoso entrar em matas desconhecidas no escuro, e você não o encontraria de qualquer modo. Se ele não voltar até o amanhecer... será tempo suficiente.

Conforme os momentos passavam lentamente, comecei a pensar que o amanhecer *poderia* chegar antes de Jamie. Eu estava preocupada com ele – mas não havia nada que pudesse ser feito antes do amanhecer. Pensamentos ruins tentaram abrir caminho: Josiah tinha uma arma? Certamente. Mas ainda que tivesse se desesperado o bastante para usá-la, conseguiria pegar Jamie de surpresa? Deixei de lado essas especulações angustiadas e tentei ocupar a mente contando o número de tosse dos homens ao redor da fogueira.

O número oito foi Roger; uma tosse profunda e solta que sacudiu seus ombros. Será que ele estava preocupado com Bree e Jemmy?, eu me perguntei. Ou se perguntava se Bree estava preocupada com *ele*? Eu poderia ter dito isso a ele, mas não teria ajudado em nada que ele soubesse. Homens em uma batalha – ou se preparando para ela – precisavam pensar no lar como um lugar de total segurança. A convicção de que tudo estava bem em casa os mantinha tranquilos e firmes, marchando, aguentando. Outras coisas poderiam fazer com que eles lutassem, mas lutar é uma parte tão pequena do combate.

Uma parte muito importante, Sassenach, disse a voz de Jamie em minha mente.

Comecei a cochilar, acordando repetidas vezes quando minha cabeça pendia para a frente. Na última vez, o toque de mãos nos meus ombros me acordou, mas apenas brevemente. Roger me deitou no chão, dobrando

metade de meu xale para que servisse de travesseiro e colocando a outra metade sobre os meus ombros. Olhei rapidamente para sua silhueta contra o fogo, escuro como um urso com sua capa, e então não vi mais nada.

Não sei por quanto tempo dormi; acordei repentinamente com o som de um espirro alto perto de mim. Jamie estava sentado a alguns metros dali, segurando o pulso de Josiah Beardsley com uma das mãos, o punhal na outra. Ele parou por tempo suficiente para espirrar mais duas vezes, limpou o nariz na manga, impaciente, e então enfiou o punhal nas brasas da fogueira.

Senti o cheiro de metal quente e me ergui abruptamente, apoiada no cotovelo. Antes que eu pudesse dizer ou fazer alguma coisa, algo se mexeu contra o meu corpo. Olhei para baixo assustada, depois para cima e então, para baixo de novo, convencida, na minha confusão, de que ainda estava sonhando.

Um menino estava deitado sob a minha capa, aninhado contra o meu corpo, adormecido. Vi cabelos pretos e um corpo magro, uma pele pálida com manchas de sujeira e cheia de arranhões. Então, o fogo sibilou alto e eu vi Jamie pressionar o polegar de Josiah contra o metal cortante de seu punhal escurecido.

Jamie viu meu movimento convulsivo de canto de olho e cerrou o cenho para mim, lábios contraídos, pedindo, em silêncio, que eu permanecesse imóvel. O rosto de Josiah estava contraído, os dentes à mostra em agonia, mas ele não emitiu nenhum ruído. Do outro lado da fogueira, Kenny Lindsay observava, silencioso como uma pedra.

Ainda convencida de que estava sonhando – ou torcendo para estar –, coloquei a mão sobre o garoto encolhido contra o meu corpo. Ele se mexeu de novo, e sentir a carne firme sob os meus dedos me despertou por completo. Pousei a mão em seu ombro, e ele abriu os olhos, arregalando-os de susto.

Ele se afastou, tentando se levantar de modo desajeitado. Então, viu o irmão – pois estava claro que Josiah *era* seu irmão – e parou abruptamente, olhando ao redor para os homens espalhados em torno da fogueira, para Jamie, para Roger e para mim.

Ignorando o que devia ser a terrível dor de uma mão queimada, Josiah se levantou de onde estava e se posicionou depressa ao lado do irmão, pegando-o pelo braço.

Eu fiquei de pé, movendo-me lentamente para não os assustar. Eles me observaram, olhares idênticos de alerta no rosto pálido e magro. Sim, o mesmo rosto – apesar de os cabelos do outro garoto serem compridos. Ele vestia nada além de uma camisa esfarrapada e estava descalço. Vi Josiah apertar o braço do irmão para confortá-lo e comecei a suspeitar de que sabia exatamente o que ele havia roubado. Eu abri um sorriso para os dois e estendi a mão para Josiah.

– Deixe-me ver a sua mão – sussurrei.

Ele hesitou por um momento e então estendeu a mão direita para mim. Tinha sido um trabalho bom, bem-feito. Tão bem-feito que me deixou ligeiramente tonta por um momento: a tampa do polegar tinha sido cortada, e o ferimento aberto fora cauterizado com metal. Uma marca oval, preto-avermelhada, com uma crosta, havia substituído a marca incriminadora.

Percebi um leve movimento atrás de mim; Roger tinha pegado minha caixa de remédios e a colocara a meus pés.

Não havia muito que fazer pelo ferimento, exceto aplicar um pouco de pomada de genciana e cobrir o polegar com um pano seco e limpo. Eu estava consciente da presença de Jamie enquanto trabalhava; ele havia embainhado o punhal e se levantara em silêncio para procurar algo entre os pacotes e sacos. Quando terminei meu trabalho rápido, ele já estava de volta com um pouco de comida embrulhada em um lenço e um cobertor extra enrolado. Em seu braço, estava a minha calça descartada.

Ele entregou a calça ao garoto novo, deu a comida e o cobertor a Josiah, e apoiou a mão no ombro dele, apertando com força. Tocou o outro menino com delicadeza, virando-o em direção à mata com uma das mãos em suas costas. Então, meneou a cabeça em direção às árvores, e Josiah assentiu. Tocou a própria testa com a bandagem branca em seu polegar, e sussurrou:

– Obrigado, senhora.

Os dois meninos desapareceram em silêncio floresta adentro, os pés pálidos aparecendo por baixo da barra da calça enquanto seguia o irmão.

Jamie assentiu para Kenny e em seguida voltou a se sentar perto da

fogueira, os ombros curvados em uma exaustão repentina. Servi café e ele o tomou, entortando a boca em uma tentativa de sorriso de agradecimento que se dissipou em um acesso de tosse.

Peguei o copo antes que ele derramasse o café, e meus olhos encontraram os de Roger acima do ombro de Jamie. Ele meneou a cabeça em direção ao leste, pousou um dedo sobre os lábios e então deu de ombros com uma careta de resignação. Ele queria saber o que havia acontecido tanto quanto eu – e por quê. Mas estava certo: a noite chegava ao fim. O amanhecer não tardaria, e os homens – todos acostumados a acordar à primeira luz – já deviam estar flutuando em direção à superfície da consciência.

Jamie tinha parado de tossir, mas fazia horríveis sons gorgolejantes tentando limpar a garganta – parecia um porco se afogando em lama.

– Pegue – sussurrei, devolvendo o copo. – Beba e deite-se. Você devia dormir um pouco.

Ele balançou a cabeça e levou o copo aos lábios. Engoliu, fazendo uma careta ao sentir o gosto amargo.

– Não vale a pena – disse. Assentiu em direção ao leste, onde o contorno negro dos pinheiros se destacava contra o céu cinzento. – E, além disso, tenho que pensar no que fazer agora.

A MORTE CHAMA

Mal consegui conter minha impaciência até os homens acordarem, comerem, levantarem acampamento – de modo irritantemente lento – e partirem. Mas, por fim, me vi mais uma vez no lombo de um cavalo, cavalgando em uma manhã tão fria, que pensei que o ar se partiria ao ser respirado.

– Muito bem – declarei sem preâmbulos, quando meu cavalo alcançou o de Jamie. – Pode falar.

Ele olhou para mim e sorriu. Seu rosto estava marcado pelo cansaço, mas o ar fresco – e bastante café muito forte – o havia reavivado. Apesar da noite difícil, eu me sentia ativa e disposta, com o sangue correndo pela epiderme e tomando minhas faces.

– Não quer esperar Roger?

– Conto para ele depois, ou você conta. – Não havia como cavalgarmos os três lado a lado; era apenas devido a um deslizamento de pedras da encosta da montanha que conseguíamos ficar lado a lado por um momento, longe dos outros. Aproximei meu cavalo do de Jamie e senti o ar que saía da narina do animal em meus joelhos.

Jamie passou a mão no rosto e se sacudiu, como se quisesse afastar a fadiga.

– Bem – disse ele. – Você deve ter reparado que eles eram irmãos.

– Reparei, sim. De onde o outro saiu?

– Daqui. – Ele ergueu o queixo, apontando em direção ao oeste. Graças ao deslizamento de pedras, pudemos ver um pequeno recôncavo no vale – uma daquelas interrupções naturais na mata selvagem, onde as árvores davam espaço a um prado e um riacho. Em meio às árvores que margeavam

o recôncavo, elevava-se uma fumaça fina, apontando como um dedo no ar frio e sossegado.

Semicerrando os olhos, pude distinguir o que parecia ser uma pequena casa de campo, com algumas construções precárias. Enquanto eu observava, uma minúscula figura saiu da casa e caminhou em direção a um dos barracões.

– Eles estão prestes a descobrir que ele se foi – disse Jamie, com um tom ligeiramente sombrio. – Mas, com sorte, vão pensar que ele foi apenas até a latrina ou ordenhar as cabras.

Não me dei ao trabalho de perguntar como ele sabia que eles tinham cabras.

– É a casa deles? De Josiah e do irmão?

– De certo modo, Sassenach. Eles eram servos.

– *Eram?* – perguntei, desconfiada. De alguma forma eu duvidava de que o contrato de servidão dos irmãos tivesse terminado na noite anterior.

Jamie ergueu um dos ombros e secou o nariz que escorria com a manga da blusa.

– A menos que alguém os pegue, sim.

– Você pegou Josiah – falei. – O que ele contou?

– A verdade – disse ele, entortando a boca. – Ou, pelo menos, acho que sim.

Ele havia caçado Josiah no escuro, guiado pelo som da respiração ruidosa do garoto, e o encurralara em uma depressão rochosa, prendendo-o no escuro. Ele havia enrolado o garoto, que estava congelando de frio, em seu tartã, fizera com que ele se sentasse e, com paciência e firmeza – além de goles de uísque de seu cantil –, conseguira, finalmente, extrair a história.

– A família era de imigrantes: pai, mãe e seis filhos. Só os gêmeos sobreviveram à travessia; o resto morreu no mar. Não tinham parentes ali, ou nenhum que tivesse esperado o barco, de qualquer modo, então o capitão do barco os vendeu. O preço não cobriria o custo da travessia da família, de forma que os meninos foram comprados por trinta anos e seus salários seriam usados para pagar a dívida.

A voz dele era firme; essas coisas aconteciam. Eu sabia que aconteciam, mas não estava disposta a aceitá-las sem comentários.

– Trinta anos! Minha nossa... quantos anos eles tinham na época?

– Dois ou três – respondeu ele.

Fiquei perplexa. Sem levar em conta a tragédia básica, era um tipo de atenuante, pensei, se a pessoa que havia comprado os garotos estivesse cuidando do bem-estar deles como crianças... mas eu me lembrei das costelas de Josiah e de suas pernas arqueadas. Eles não tinham sido bem cuidados. Mas muitas crianças que vinham de lares amorosos também não eram.

– Josiah não faz ideia de quem eram seus pais, de onde eles vinham nem de como se chamavam – explicou Jamie. Tossiu brevemente e pigarreou. – Ele sabe o próprio nome e o do irmão, Keziah, mas nada além disso. Beardsley é o nome do homem que os pegou, mas quanto aos meninos, eles não sabem se são escoceses, ingleses, irlandeses... Com nomes assim, é provável que não sejam alemães nem poloneses, mas mesmo isso não é impossível.

– Hum... – Soprei uma nuvem de vapor, obscurecendo temporariamente a casa abaixo. – Então, Josiah fugiu. Imagino que isso tinha algo que ver com a marca no polegar dele?

Jamie assentiu, olhando para o chão conforme seu cavalo descia a montanha. O chão dos dois lados do caminho de cascalho estava macio e montinhos de terra escura apareciam como fungos em meio aos seixos.

– Ele roubou um queijo, foi sincero o bastante em relação a isso. – Jamie abriu a boca por um momento. – Ele o surrupiou de uma loja de laticínios em Brownsville, mas a atendente o viu. Na verdade, a atendente disse que foi o outro, o irmão, que o pegou, mas... – Jamie franziu as sobrancelhas ruivas por um momento. – Talvez Josiah não tenha sido tão sincero em relação a isso como pensei. De qualquer modo, um dos meninos pegou o queijo; Beardsley pegou os dois com ele e chamou o xerife, e Josiah levou a culpa... e o castigo.

O garoto fugiu da propriedade depois desse incidente, que acontecera dois anos antes. Josiah sempre tivera – ele disse a Jamie – a intenção de voltar para salvar o irmão, assim que conseguisse um lugar para eles morarem. A oferta de Jamie parecera uma bênção para ele, que deixara a Reunião para voltar até lá a pé.

– Imagine a surpresa dele ao nos encontrar ali, na encosta da montanha
– disse Jamie, e espirrou. Secou o nariz, com os olhos levemente marejados.
– Ele estava espreitando nas proximidades, tentando decidir se esperava nossa partida ou se descobria se estávamos indo para a fazenda, pois, nesse caso, poderíamos ser uma boa distração para que ele conseguisse resgatar o irmão.

– Então, você decidiu ir até a fazenda com ele em segredo e ajudá-lo no resgate.

Meu nariz também estava escorrendo por causa do frio. Peguei meu lenço com uma das mãos, confiando que a égua, a sra. Piggy, não nos catapultaria montanha abaixo enquanto eu assoasse o nariz. Olhei para Jamie sobre o lenço. Ele ainda estava com o nariz vermelho, suado e com cara de doente, mas suas maçãs do rosto estavam coradas por causa do sol da manhã, e ele parecia bastante bem-disposto para um homem que havia passado a noite toda na mata fria.

– Foi divertido?

– Ah, sim, foi. Há anos não fazia algo assim. – Os olhos de Jamie se encolheram em triângulos azuis quando ele riu. – Lembrei de quando invadimos as propriedades dos Grants com Dougal e seus homens, quando eu era garoto. Deslocar-se em silêncio no escuro, entrar no celeiro sem emitir som... Cristo, tive que me conter a tempo antes de roubar a vaca. Ou pelo menos teria pegado, se houvesse uma.

– Você é um completo bandido, Jamie – falei, rindo.

– Bandido? – perguntou ele, levemente ofendido. – Sou um homem muito honesto, Sassenach. Ou pelo menos sou quando posso ser – disse ele, olhando rapidamente para trás para ter certeza de que não estávamos sendo ouvidos.

– Ah, você é totalmente honesto – garanti a ele. – Honesto demais para o seu próprio bem, na verdade. Só não obedece muito à lei.

Esse comentário pareceu desconcertá-lo um pouco, pois ele franziu o cenho e emitiu um grunhido gutural que podia ser tanto um som escocês de discordância quanto uma tentativa de livrar-se do muco. Ele tossiu, puxou as rédeas e, de pé nos estribos, acenou com o chapéu para Roger, que estava um pouco distante de nós, encosta acima. Roger acenou em resposta, e virou

o focinho do cavalo em nossa direção.

Parei meu cavalo ao lado do de Jamie e soltei as rédeas em seu pescoço.

– Vou pedir a Roger que conduza os homens até Brownsville – explicou Jamie, ajeitando-se na sela –, enquanto eu vou falar com os Beardsleys sozinho. Você vem comigo, Sassenach, ou prefere ir com Roger?

– Ah, vou com você – respondi, sem hesitar. – Quero ver como são esses Beardsleys.

Jamie sorriu e afastou os cabelos com uma das mãos antes de colocar o chapéu. Ele usava os cabelos soltos para cobrir o pescoço e as orelhas e protegê-los do frio, e eles reluziam como cobre derretido ao sol da manhã.

– Foi o que achei. Mas cuidado com o rosto – disse ele, em um alerta meio brincalhão. – Não fique boquiaberta nem faça cara de boba quando eles contarem sobre o servo que desapareceu.

– Cuide você do seu rosto – retruquei, meio irritada. – Josiah disse que ele e o irmão eram maltratados? – Eu me perguntava se havia mais algum motivo, além do incidente do queijo, para a partida de Josiah.

Jamie balançou a cabeça.

– Não perguntei, e ele não disse, mas pergunte a si mesma, Sassenach: você deixaria um lar decente para viver na mata sozinha, dormir sobre as folhas frias e comer insetos até aprender a caçar?

Ele cutucou o cavalo para que começasse a andar, subiu a ladeira para ir ao encontro de Roger e me deixou pensando. Voltou alguns minutos depois, e eu alinhei meu cavalo ao dele, com mais uma pergunta em mente.

– Mas se as coisas estavam ruins aqui a ponto de forçá-lo a partir, por que o irmão não foi com ele?

Jamie olhou para mim, surpreso, mas então sorriu com certa tristeza.

– Keziah é surdo, Sassenach.

Ele não nascera surdo, pelo que Josiah havia lhe contado; o irmão gêmeo tinha perdido a audição devido a uma lesão que ocorreu quando ele tinha 5 anos, mais ou menos. Keziah conseguia falar, mas não ouvia nada, apenas os sons mais altos; e, como não conseguia ouvir o som de folhas ou pés em movimento, não podia caçar nem fugir de perseguições.

– Ele diz que Keziah o compreende, e sem dúvida é verdade. Quando entramos no celeiro, eu fiquei montando guarda embaixo enquanto o rapaz

subia a escada até a parte de cima. Não ouvi nada, mas, um minuto depois, os dois estavam no chão ao meu lado, com Keziah esfregando os olhos, pois estava com sono. Eu não tinha percebido que eles eram gêmeos; fiquei assustado ao ver os dois, tão parecidos.

– Fiquei me perguntando por que Keziah não estava usando calça – falei, mencionando a única coisa que havia me deixado confusa.

Jamie riu.

– Eu pedi que ele a vestisse, mas parece que ele a havia tirado na noite anterior, a deixara sobre o feno e uma das gatas do celeiro teve filhotes sobre ela. Ele não queria perturbá-la.

Eu também ri, mas com uma lembrança inquieta de pés descalços pálidos, com a pele azulada parecendo roxa à luz do fogo.

– Rapaz gentil. E os sapatos?

– Ele não tinha.

Agora, já tínhamos chegado ao fim da encosta. Os cavalos pararam por um momento, virando-se lentamente ao redor de Jamie enquanto as direções eram decididas e as despedidas eram feitas. E em seguida Roger – com apenas uma leve evidência de inibição – assoviou entre os dentes e balançou o chapéu no ar. Eu observei enquanto ele se afastava e notei que ele se virou na sela, mas em seguida desfez o movimento, voltando a olhar para a frente.

– Ele não tem certeza de que eles o seguirão – disse Jamie, observando. Ele balançou a cabeça de modo crítico, mas logo depois deu de ombros, ignorando. – Bem, ele vai conseguir, ou não.

– Ele vai conseguir – falei, pensando na noite anterior.

– Que bom que você acha isso, Sassenach. Então, vamos. – Ele estalou a língua e virou a cabeça do cavalo.

– Se não tem certeza de que Roger consegue, por que o está mandando sozinho? – perguntei, olhando para suas costas, sacolejando na sela enquanto entrávamos no estreito bosque que ficava entre nós e a fazenda, agora invisível. – Por que não manter os homens juntos e levá-los para Brownsville você mesmo?

– Em primeiro lugar, ele nunca vai aprender se eu não der a ele uma chance. Em segundo lugar... – Ele fez uma pausa, virando-se para olhar para

mim. – Em segundo lugar, eu não queria que todos fossem até a fazenda dos Beardsleys e talvez ficassem sabendo sobre o servo desaparecido. O acampamento todo viu Josiah ontem à noite, certo? Se um garoto está desaparecido e eles ficam sabendo sobre um garoto que apareceu e causou comoção na floresta próxima, é possível que tirassem suas conclusões, não acha?

Ele se virou e eu o segui por um caminho estreito entre os pinheiros. O orvalho brilhava como pedrinhas de diamante na casca das árvores e nas agulhas de pinheiro, e gotinhas de gelo caíam dos galhos acima, arrepiando minha pele onde pousavam.

– Mas, a menos que esse Beardsley seja velho ou adoentado, ele não vai se unir a você? – perguntei. – Alguém vai acabar mencionando Josiah.

Ele balançou a cabeça, sem se virar.

– E o que vão dizer a ele, se fizerem isso? Eles viram o rapaz quando nós o trouxemos e eles o viram fugir de novo. Até onde eles sabem, ele está por aí.

– Kenny Lindsay viu os dois quando você os trouxe de volta.

Ele deu de ombros.

– Sim, eu conversei com Kenny enquanto selávamos os cavalos. Ele não vai dizer nada.

Ele estava certo, eu sabia. Kenny era um dos homens de Ardsmuir; ele seguiria as ordens de Jamie sem questionar.

– Não – continuou Jamie, desviando o cavalo de uma grande pedra –, Beardsleys não está doente; Josiah me disse que ele faz comércio com os indígenas. Leva produtos da Linha do Tratado até os vilarejos cherokees. O que não sei é se ele está em casa agora. Mas se estiver... – Ele suspirou e fez uma pausa para tossir quando o ar frio atingiu seus pulmões. – É outro motivo para mandar os homens na frente – continuou ele, com a respiração um pouco ruidosa. – Só vamos nos juntar a eles de novo amanhã, acho. Até lá, eles terão desfrutado de uma noite para beber e ser sociável em Brownsville; mal se lembrarão do garoto, e as chances de falarem dele serão menores. Com sorte, estaremos bem longe quando algo for dito e não haverá possibilidade de Beardsley nos deixar para ir atrás do rapaz.

Então ele estava contando que os Beardsleys seriam hospitaleiros a ponto

de nos abrigar durante uma noite. Uma expectativa razoável naquele ponto da floresta. Ao ouvi-lo tossir de novo, eu decidi que me sentaria no peito dele aquela noite se fosse preciso, para obrigá-lo a passar cânfora, quer ele gostasse, quer não.

Emergimos do meio das árvores e eu olhei com suspeita para a casa à frente. Era menor do que eu tinha pensado e bastante pobre, com um degrau rachado, uma varanda caindo aos pedaços e uma grande parte do telhado desgastado pelo tempo na qual faltavam telhas. Bem, eu já tinha dormido em lugares piores e provavelmente dormiria de novo.

A porta de um celeiro se abriu, mas não havia sinal de vida. O local parecia deserto, exceto pela fumaça que saía da chaminé.

Eu tinha sido sincera no que dissera a Jamie, embora não tivesse sido totalmente exata. Ele *era* sincero e também obedecia à lei – desde que as leis fossem aquelas que ele decidisse respeitar. O simples fato de uma lei ter sido estabelecida pela Coroa não era suficiente para torná-la lei aos olhos de Jamie, e eu sabia disso. Havia outras leis, não escritas, pelas quais ele provavelmente morreria.

Ainda assim, apesar de a lei de propriedade significar um pouco menos para um antigo salteador escocês do que significaria para os outros, não tinha escapado à minha atenção – e portanto certamente não à dele – que ele estava prestes a pedir hospitalidade e cumprimento do dever de um homem cuja propriedade ele havia acabado de ajudar a evadir. Eu sabia que Jamie não tinha nenhuma objeção enraizada a um contrato de servidão em si; normalmente, ele respeitava esse arranjo. O fato de ele não ter respeitado queria dizer que percebia uma lei mais importante em operação – mas se era amizade, pena, o valor de seu *earbsachd* ou outra coisa, eu não sabia. Ele havia parado, esperando por mim.

– Por que você decidiu ajudar Josiah? – perguntei sem rodeios, enquanto atravessávamos o campo de milho que se estendia à frente da casa. Gravetos secos estalavam sob as patas dos cavalos e cristais de gelo brilhavam sobre as folhas mortas.

Jamie tirou o chapéu e o colocou na sela diante dele enquanto amarrava os cabelos, preparando-se para encontrar outras pessoas.

– Bem, eu disse a ele que se ele estivesse determinado a seguir esse

caminho, que assim fosse. Mas se ele escolhesse vir para cá, sozinho ou com o irmão, então teríamos que nos livrar da marca no polegar, pois ela causaria falatório, o que poderia chegar aos ouvidos de Beardsley, com todas as consequências que isso ia ter.

Ele respirou fundo, soltou o ar, a fumaça se espalhando branca ao redor de sua cabeça, e em seguida olhou para mim com o rosto sério.

– O rapaz não hesitou nem por um momento, apesar de já ter sido marcado; ele sabia. E vou lhe dizer uma coisa, Sassenach, apesar de um homem ser capaz de tomar uma atitude desesperada movido por amor ou coragem... é preciso algo mais do que isso quando ele já passou por aquilo e sabe muito bem como vai ser fazer aquilo de novo.

Ele se virou sem esperar pela minha resposta e cavalgou até o pátio, espantando um bando de pombos que se alimentavam. Ele se endireitou sobre o cavalo, ajeitando os ombros. Não dava para ver nem vestígio das cicatrizes profundas que marcavam suas costas por baixo da capa, mas eu as conhecia bem.

Então era isso, pensei: *Assim como a água reflete o rosto, o coração reflete o homem.* E a lei da coragem era a que ele seguia havia mais tempo.

Havia várias galinhas amontoadas na varanda, como bolas ressentidas de olhos amarelos. Elas cacarejavam baixo umas para as outras quando apeamos, mas eram frias demais para fazer algo além de se afastar de nós, relutantes em abandonar a nesga de sol que tinham encontrado. Várias tábuas da varanda estavam quebradas, e o quintal perto dali estava repleto de pedaços de madeira e pregos espalhados, como se alguém tivesse a intenção de consertá-la, mas ainda não tivesse tido tempo de realizar o trabalho. A procrastinação tinha durado algum tempo, pensei; os pregos estavam enferrujados, e as tábuas recém-cortadas tinham empenado e rachado com a umidade.

– Ô de casa! – gritou Jamie, parando no meio do quintal. Aquele era um modo aceitável de se aproximar de uma casa desconhecida. Apesar de a maioria das pessoas nas montanhas ser hospitaleira, muitos encaravam os desconhecidos com cautela e costumavam recebê-los armados até se certificarem da boa intenção de quem chegava.

Pensando nisso, fiquei a uma boa distância atrás de Jamie, mas fiz questão de estar visível, balançando e ajeitando ostensivamente as minhas saias, mostrando meu gênero como evidência da nossa intenção pacífica.

Maldição, havia um furo pequeno na lã marrom, sem dúvida causado por uma faísca da fogueira. Escondi o ponto queimado em uma dobra da saia, pensando em como era estranho que todos considerassem as mulheres inerentemente inofensivas. Se eu quisesse, poderia facilmente roubar casas e matar famílias de um lado a outro das montanhas.

Felizmente, eu nunca tivera esse impulso, apesar de *ter* me dado conta, em alguns momentos, que o Juramento de Hipócrates e sua injunção de “nunca causar mal” podia não ter que ver apenas com procedimentos médicos. Eu sentira vontade de bater com um pedaço de lenha na cabeça de um de meus pacientes mais teimosos mais de uma vez, mas, até então, tinha conseguido me controlar.

Claro, a maioria das pessoas não tinha a vantagem de ter a visão cínica da humanidade que têm os médicos. E era verdade que as mulheres não se lançavam aos tipos de desordens recreativas de que os homens gostavam – eu raramente via mulheres se agredindo por diversão. Mas se tivessem um bom motivo...

Jamie estava caminhando em direção ao celeiro, gritando de vez em quando, aparentemente sem nenhum resultado. Olhei ao redor, mas não havia rastros recentes perto do pátio além dos nossos. Havia bolas de excremento animal espalhadas perto da lenha cortada pela metade, mas tinham claramente sido deixadas ali dias antes; estavam úmidas devido ao orvalho, mas não frescas – a maioria já tinha se esfarelado.

Ninguém havia chegado, ninguém havia partido, a não ser a pé. Os Beardsleys, quem quer que fossem e quantos fossem, provavelmente ainda estavam na propriedade.

Estavam escondidos, no entanto. Era cedo, mas não tão cedo a ponto de as pessoas da roça ainda não estarem acordadas cuidando de suas tarefas; eu já tinha visto alguém mais cedo, afinal. Dei um passo para trás e protegi os olhos sob o sol forte, procurando sinal de vida. Estava muito curiosa em relação aos Beardsleys – e mais do que apenas levemente apreensiva em relação à perspectiva de um ou mais deles viajarem conosco, dados os

acontecimentos recentes.

Eu me virei para a porta e notei uma estranha série de entalhes feitos na madeira do umbral. Eram pequenos, mas havia muitos, tomando toda a extensão de uma das peças verticais e metade da outra. Olhei com mais atenção: estavam separados em grupos de sete, com raros espaços de madeira não afetada entre os grupos, como se tivessem sido feitos por um prisioneiro contando as semanas.

Jamie saiu do celeiro, seguido por um leve balido. Ele havia mencionado as cabras, claro; tentei imaginar se era tarefa de Keziah ordenhá-las – se fosse, sua ausência ficaria rapidamente aparente, se ainda não tivesse sido notada.

Jamie deu alguns passos em direção à casa, colocou as mãos em concha ao redor da boca e gritou de novo. Nenhuma resposta. Ele esperou alguns momentos e então deu de ombros e subiu na varanda, onde bateu à porta com o cabo do punhal. Isso fez um barulho suficiente para acordar os mortos, se houvesse algum nas imediações, e fez com que as galinhas saíssem correndo assustadas, espalhando penas, mas ninguém apareceu para atender.

Jamie olhou para mim com a sobrelance erguida. As pessoas não costumavam partir e deixar suas propriedades desprotegidas, não se tivessem animais.

– Alguém está aqui – disse ele, em resposta ao pensamento não expressado. – As cabras foram ordenhadas recentemente; ainda há gotas de leite nas tetas.

– Você acha que eles podem estar por aí procurando... hum, você sabe quem? – murmurei, aproximando-me dele.

– Talvez. – Ele deu um passo para o lado, inclinando-se para espiar por uma janela, que um dia já tivera painéis de vidro, mas a maioria das folhas estavam rachadas ou não existiam e uma musselina tinha sido colocada nas aberturas. Vi Jamie franzir o cenho para ela, com o desdém de um artesão ao ver o conserto malfeito.

Ele virou a cabeça de repente e em seguida olhou para mim.

– Ouviu alguma coisa, Sassenach?

– Sim, pensei que fossem as cabras, mas...

Ouvimos o balido de novo – dessa vez, inegavelmente vindo da casa. Jamie pousou a mão na porta, mas ela não abriu.

– Fechada – disse ele rapidamente, e voltou para a janela, onde enfiou a mão com cuidado e puxou uma ponta da musselina.

– Nossa – falei, enrugando o nariz ao sentir o cheiro que veio lá de dentro.

Eu estava acostumada com os odores de casas fechadas no inverno, onde os cheiros de suor, roupas sujas, pés molhados, cabelos ensebados e baldes de despejo se misturavam ao cheiro de pão assando, carne ensopada e outros odores mais sutis de fungos e bolor, mas o fedor dentro da casa dos Beardsleys era mais forte do que o normal.

– Ou eles deixam os porcos dentro de casa – falei, olhando para o celeiro – ou há dez pessoas morando aí dentro que não saem desde a primavera passada.

– Está um pouco exagerado – concordou Jamie. Ele colocou o rosto para fora, fazendo uma careta ao sentir o fedor, e gritou: – *Thig a mach!* Saia, Beardsley, ou eu vou entrar!

Espiei por sobre o ombro dele para ver se esse convite produziria resultados. A sala era grande, mas estava tão abarrotada que quase não se via o chão em meio ao entulho. Farejando com atenção, deduzi que os barris que vi continham – entre outras coisas – peixe salgado, alcatrão, maçãs, cerveja e *sauerkraut*, enquanto pilhas de cobertores de lã tingidos com cochonilha e índigo, barricas de pólvora e peles meio curtidas fedendo a fezes de cachorro emprestavam suas fragrâncias peculiares ao ar pestilento lá dentro. Os produtos vendidos por Beardsley, pensei.

A outra janela também estava coberta, com um couro de lobo maltrapilho, de forma que o interior estava obscuro e sombrio; com todas as caixas, trouxas, barris e mobília amontoados, parecia uma versão arrasada pela pobreza da caverna de Ali Babá.

Ouvimos o som de novo, dessa vez vindo de trás da casa, um pouco mais alto; um som no meio do caminho entre um grito e um rosnado. Dei um passo para trás, o som e o cheiro acre trazendo à mente uma imagem de pelo escuro e violência repentina.

– Ursos – sugeri, meio a sério. – As pessoas se foram e tem um urso aqui

dentro.

– Sim, Cachinhos Dourados – disse Jamie, seco. – Sem dúvida. Ursos ou não, tem alguma coisa errada. Pegue as pistolas e as balas no meu alforje.

Assenti e me virei, mas antes de descer o degrau da varanda, um som abafado veio de dentro, e eu me virei de volta depressa. Jamie havia pegado seu punhal, mas ao ver o que havia lá dentro, sua mão relaxou no cabo. Ergueu as sobrancelhas, surpreso, e eu me inclinei sobre seu braço para ver.

Uma mulher espiava por entre duas pilhas de coisas, olhando ao redor com suspeita, como um rato espiando por trás de um monte de lixo. Ela não se parecia particularmente com um rato, já que tinha os cabelos ondulados e era muito robusta, mas olhou para nós do modo calculado dos roedores, analisando a ameaça.

– *Fã*o embora – disse ela, evidentemente concluindo que nós não éramos a vanguarda de um exército invasor.

– Bom dia, senhora – começou Jamie. – Sou Jamie Fraser, do...

– Não me importa quem *focê* é – respondeu ela. – *Vá* embora.

– Não vou – disse ele com firmeza. – Preciso falar com o homem da casa.

Uma expressão extraordinária tomou o rosto rechonchudo; preocupação, cálculo e o que parecia ser desconfiança.

– *Prefisa?* – perguntou ela. Tinha a língua um pouco presa. – E quem disse que *fofê prefisa?*

As orelhas de Jamie começaram a se avermelhar levemente, mas ele respondeu com calma:

– O governador, senhora. Sou o *coronel* James Fraser – disse ele, com ênfase –, responsável pela convocação da milícia. Todos os homens capacitados entre 16 e 60 anos foram convocados a se juntar a nós. Pode chamar o sr. Beardsley, por favor?

– *Mi-lí-fia*, é? – perguntou ela, dizendo a palavra com cuidado. – *Confra* quem *fã*o lutar?

– Esperamos que contra ninguém. Mas a convocação para reunir a milícia foi feita. Devo responder, assim como todos os homens capacitados dentro da Linha do Tratado.

Jamie segurou com mais força a estrutura da janela e a chacoalhou para testar. Era feita de varas frágeis de pinheiro, a madeira estava retorcida e

desgastada; ele poderia arrancá-la da parede e passar pela abertura, se quisesse. Olhou diretamente nos olhos dela e sorriu com simpatia.

Ela estreitou os olhos e contraiu os lábios, pensando.

– Homens *capafitados* – disse ela por fim. – Hum. Bem, não temos nenhum. O *fervo* fugiu de novo, mas mesmo que estivesse aqui, ele não é *capafitado*; é *furdo* como uma porta, e quase tão burro quanto. – Ela meneou a cabeça em direção à porta para ilustrar. – Se *estifer difpofto* a *café-lo*, pode ficar com ele.

Então, não parecia que haveria clamor por Keziah, afinal. Respirei fundo, aliviada, mas soltei o ar rapidamente.

Jamie não desistiria fácil.

– O sr. Beardsley está em casa? – perguntou ele. – Gostaria de vê-lo.

Ele tentou puxar a estrutura, e a madeira seca se rachou com um som parecido com um tiro de pistola.

– Ele não *esfá* bem para receber ninguém – disse ela, e o tom estranho voltou a sua voz; alerta, mas ao mesmo tempo tomado por algo parecido com animação.

– Ele está doente? – perguntei, apoiando-me no ombro de Jamie. – Talvez eu possa ajudar, sou médica.

Ela deu um passo ou dois à frente e olhou para mim, franzindo o cenho por baixo de fios grossos e ondulados de cabelo castanho. Era ainda mais jovem do que pensei; vista a uma luz melhor, o rosto pesado não tinha sinais de envelhecimento nem de flacidez da pele.

– Médica?

– Minha esposa é bastante conhecida como curandeira – disse Jamie. – Os índios a chamam de Corvo Branco.

– A mulher das *confurações*?

Ela arregalou os olhos e deu um passo para trás.

Achei algo estranho na mulher e, ao olhar para ela, me dei conta do que era. Apesar do fedor na casa, ela e o vestido estavam limpos, e os cabelos macios e sedosos – o que não era comum naquela época do ano, quando as pessoas geralmente passavam meses sem tomar banho no clima frio.

– Quem é você? – perguntei diretamente. – A senhora é a sra. Beardsley?

Ou talvez a srta. *Beardfley*?

Ela não devia ter mais do que 25 anos, pensei, apesar do tamanho. Ela ergueu os ombros embaixo do xale, e seu quadril resvalou nos barris entre os quais ela estava. Evidentemente, a permuta com os cherokees era suficientemente lucrativa para manter a família de Beardsley bem abastecida de alimentos adequados, ainda que não os seus servos. Olhei para ela com certa antipatia, mas ela me fitou com frieza.

– Eu sou a sra. *Beardfley*.

O alarme havia desaparecido. Ela franziu os lábios e os empurrou para dentro e para fora, olhando para mim com um ar de análise.

Jamie flexionou o braço, e a estrutura da janela estalou.

– Entrem, então.

O tom estranho ainda estava em sua voz; um misto de desafio e impaciência. Jamie notou e franziu o cenho, mas soltou a estrutura.

Ela saiu do meio das caixas e se virou em direção à porta. Tive apenas um vislumbre dela se movendo, mas foi o suficiente para ver que mancava; uma das pernas se arrastava, o sapato raspando o chão de madeira.

Ouvi sons e resmungos enquanto ela mexia na trava; um barulho irritante e então um ruído surdo quando ela a derrubou no chão. A porta estava empenada, emperrada na estrutura; Jamie encostou o ombro na porta, que se abriu para dentro, as tábuas vibrando com o choque. Quando tinha sido aberta pela última vez?, eu me perguntei.

Havia um bom tempo, evidentemente. Ouvi Jamie resmungar e tossir quando entrou, e fiz o melhor que pude para respirar pela boca quando o segui. Ainda assim, o cheiro era bem forte. Além do odor dos produtos, havia um fedor vindo do lado de fora; um cheiro repugnante de urina e fezes. De comida podre também, mas mais alguma coisa além disso. Minhas narinas se contraíam cautelosamente enquanto eu tentava inspirar algumas moléculas de ar para análise.

– Há quanto tempo o sr. Beardsley está doente? – perguntei.

Eu havia notado um odor distinto de vômito em meio à fedentina geral. Não apenas o fantasma de vômito havia muito seco, mas o cheiro adocicado de muco purulento e aquele odor indefinível e estagnado de levedura que parece ser simplesmente o cheiro da doença em si.

– Ah... algum tempo.

Ela fechou a porta quando entramos, e eu senti uma onda repentina de claustrofobia. Do lado de dentro, o ar parecia pesado, tanto por causa do fedor quanto pela falta de luz. Senti uma vontade intensa de arrancar as cortinas das janelas e deixar entrar um pouco de ar e segurei o tecido de minha capa para me conter.

A sra. Beardsley passou de lado pelo espaço estreito entre os sacos de produtos. Jamie olhou para mim, emitiu um ruído tipicamente escocês de desgosto e seguiu por baixo de um feixe de varas de tenda. Eu caminhava cautelosa atrás dele, tentando não notar que meus pés atingiam, de vez em quando, objetos que eram esmagados de modo desagradável. Maçãs podres? Ratos mortos? Apertei o nariz e não olhei para baixo.

A casa era de construção simples; um cômodo grande na frente, outro atrás.

O cômodo de trás contrastava muito com o esqualido cômodo da frente. Não havia adornos nem decoração; era uma sala simples e organizada como um salão de reunião quacre. Tudo era organizado e impecável, a mesa de madeira e a lareira de pedras bem limpas, com alguns utensílios brilhando em uma prateleira. Uma janela estava descoberta, com os vidros intactos, e o sol da manhã enchia a sala de uma luz branca e pura. A sala estava em silêncio e o ar estava parado, aumentando a sensação esquisita que tínhamos de termos adentrado um tipo de santuário depois de passar pelo caos da sala da frente.

A impressão de paz foi desfeita de imediato com um barulho alto vindo de cima. Era o som que tínhamos ouvido antes, mas agora próximo, um grito tomado de desespero, como o de um porco torturado. Jamie olhou na direção de onde vinha o som e virou-se de imediato para uma escada no lado mais distante da sala que levava para o sótão.

– Ele *eftá* lá em *fima* – disse a sra. Beardsley, desnecessariamente, pois Jamie já estava no meio da escada. O grito agudo foi ouvido de novo, mais urgente, e eu decidi não pegar minha caixa de remédios antes de investigar.

A cabeça de Jamie apareceu no topo da escada quando eu me preparava para subir.

– Traga uma luz, Sassenach – disse ele laconicamente, e sua cabeça

desapareceu.

A sra. Beardsley ficou parada, com as mãos enfiadas no xale, sem se esforçar para atender àquele pedido. Seus lábios estavam contraídos, e seu rosto cheio estava corado. Passei por ela, peguei uma vela na estante e me ajoelhei para acendê-la antes de subir.

– Jamie? – Espiei o sótão, segurando a vela com cuidado acima da minha cabeça.

– Aqui, Sassenach.

Ele estava do lado mais distante do espaço, onde as sombras eram mais escuras. Subi a escada e caminhei em direção a ele, andando rapidamente.

O fedor era muito mais forte ali. Vi o brilho de algo no escuro e levei a vela mais à frente para ver.

Jamie prendeu a respiração, tão chocado quanto eu, mas rapidamente dominou sua emoção.

– Sr. Beardsley, presumo – disse ele.

O homem era enorme – ou já tinha sido. A grande curva de sua barriga ainda se projetava como uma baleia para fora das sombras, e a mão que estava caída sobre as tábuas do chão perto do meu pé poderia segurar uma bola de canhão com facilidade. Mas a pele do braço era flácida, pálida e solta, o peito enorme afundado no centro. O que já devia ter sido o pescoço de um touro havia perdido a força e um único olho brilhava, sem parar de se movimentar atrás das mechas de cabelos úmidos.

O olho se arregalou, e ele emitiu o som de novo, a cabeça se forçando para cima com urgência. Senti um arrepio percorrer o corpo de Jamie. Foi o suficiente para eriçar os pelos do meu pescoço, mas ignorei, colocando a vela nas mãos de Jamie.

– Segure a luz para mim.

Eu me ajoelhei, sentindo tarde demais o líquido penetrar pelo tecido da minha saia. O homem estava deitado na própria sujeira, e estava ali havia um bom tempo; o chão estava coberto por algo molhado e escorregadio. Ele estava nu, com nada além de um lençol de linho sobre o corpo e, quando o levantei, vi ferimentos ulcerados em meio às manchas de excrementos.

Estava bem claro o que o sr. Beardsley tinha – um dos lados de seu rosto vergava de modo grotesco, com a pálpebra caída, e o braço e a perna do

mesmo lado do corpo estavam soltos e inertes, as articulações pareciam nodosas e estranhamente distorcidas pela flacidez do músculo ao redor delas. Ele fungava e baliava, com a língua para fora no canto da boca em suas vãs mas urgentes tentativas de falar.

– Calma – disse a ele. – Não fale, está tudo bem agora.

Peguei seu punho para checar a pulsação; a carne pendia flácida e ele não reagiu ao meu toque.

– Um derrame – falei baixinho para Jamie. – Vocês chamam de apoplexia.

Pousei a mão no peito de Beardsley, para oferecer o conforto do toque.

– Não se preocupe – tranquilizei-o. – Viemos ajudar.

Falei isso para confortá-lo, apesar de, enquanto falava, pensar se era possível ajudar. Bem, pelo menos limpeza e calor; estava quase tão gelado naquele espaço quanto do lado de fora, e o peito dele estava frio e arrepiado por baixo dos pelos abundantes.

A escada estalou, e eu me virei para ver o contorno da cabeleira da sra. Beardsley e de seus ombros pesados, emoldurados pela luz da cozinha no andar de baixo.

– Há quanto tempo ele está assim? – perguntei sem rodeios.

– *Talvez...* um mês – disse ela, depois de uma pausa. – Não *consegui* tirá-lo daí – continuou ela na defensiva. – Ele é *pefado* demais.

Isso era verdade. Mas...

– Por que ele está aqui em cima? – perguntou Jamie. – Se a senhora não conseguiu movê-lo, como ele veio parar aqui?

Ele se virou, iluminando o espaço com a luz da vela. Havia pouca coisa ali que poderia atrair um homem; um velho colchão de palha, algumas ferramentas e quinquilharias domésticas. A luz iluminou o rosto da sra. Beardsley, fazendo com que seus olhos azuis se tornassem pedras de gelo.

– Ele *eftava...* me *perteguindo*.

– O quê? – Jamie se aproximou da escada e, abaixando-se, segurou-a pelo braço, ajudando-a – ainda que aparentemente contra a vontade – a subir o resto da escada.

– Como assim, perseguindo? – insistiu ele.

Ela deu de ombros, olhando ao redor com cara de inocente, enrolada no

xale.

– Ele me *aferfou* – disse ela, simplesmente. – *Fubi a efcada para efcapar dele, mas ele me feguiu. Fentei me efconder aqui nas fombras, mas ele veio e então... caiu. E... não confeguiu mais levantar.* – Ela deu de ombros de novo.

Jamie manteve a vela perto do rosto dela. Ela abriu um sorriso nervoso, olhando para mim e para Jamie, e eu notei que o que eu tinha pensado que era língua presa era o resultado, na verdade, do fato de os dentes da frente estarem quebrados – havia apenas um toco deles logo abaixo da gengiva. Uma pequena cicatriz marcava seu lábio superior; havia outra, branca, em meio aos pelos da sobrancelha.

Um barulho forte foi emitido pelo homem no chão – um grito furioso que parecia um protesto –, e ela se encolheu, fechando os olhos em reflexo.

– Hum– murmurou Jamie, olhando para ela e para o marido. – Sim. Bem, pegue um pouco de água, senhora. Pegue também mais uma vela e alguns panos limpos – pediu ele enquanto ela seguia em direção à escada, feliz por ter um motivo para sair dali.

– Jamie... traga a luz de volta, sim?

Ele se aproximou e ficou ao meu lado, segurando a vela para que ela iluminasse o corpo. Lançou a Beardsley um olhar sério com um misto de piedade e contrariedade, e balançou a cabeça lentamente.

– Você acha que foi castigo de Deus, Sassenach?

– Não exatamente de Deus, não acho – falei, baixando ainda mais a voz para que não fosse ouvida da cozinha. Estiquei a mão e peguei a vela dele. – Veja.

Um cantil de água e um prato de pão, duro e tomado pelo bolor azul, estavam à sombra perto da cabeça de Beardsley: migalhas e pedaços de pão pegajoso e mordido cobriam o chão ao redor. Ela o havia alimentado – o suficiente para mantê-lo vivo. Mas eu vira grandes quantidades de alimentos naquela sala da frente quando passamos – salames pendurados, barris de frutas secas, peixe seco e *sauerkraut*.

Havia pilhas de peles, jarros de óleo, montes de cobertores de lã – e ainda assim, o dono daqueles produtos estava deitado ali, no escuro, com fome e tremendo debaixo de um único lençol de linho.

– Eu me pergunto por que ela não deixou que ele simplesmente morresse

– disse Jamie baixinho, olhando fixamente para o pão mofado.

Beardsley gorgolejou. Seu olho aberto se revirou, lágrimas rolaram por seu rosto e o muco se acumulou em seu nariz em bolhas. Ele se remexia, arqueando o corpo em frustração, caindo com um baque que balançava as tábuas do sótão.

– Acho que ele consegue entender você. Consegue? – Eu dirigi essa pergunta ao homem doente, que babou de um jeito que deixava claro que ele compreendia pelo menos o que estávamos dizendo a ele.

– E por que...

Fiz um gesto em direção às pernas de Beardsley, movendo a vela lentamente sobre elas. Alguns dos ferimentos tinham sido mesmo causados pelo fato de ele ter permanecido deitado por muito tempo. Outros, não. Havia riscos paralelos, claramente feitos por uma faca, estendendo-se escuros e coagulados pela coxa enorme. A canela estava tomada por uma linha regular de ulcerações, ferimentos vermelhos com contorno escuro, gotejando. Queimaduras.

Jamie resmungou ao ver aquilo e olhou para trás, em direção à escada. O som de uma porta se abrindo veio lá de baixo, e uma rajada fria de vento soprou no sótão, fazendo a chama da vela se agitar. A porta se fechou e a chama se estabilizou.

– Posso encontrar uma maneira de levá-lo lá para baixo, acho. – Jamie levantou a vela, analisando as vigas acima de si. – Suspendendo-o, talvez, com uma corda passando em torno da viga ali. Podemos movê-lo?

– Sim – respondi, mas não estava prestando atenção.

Inclinando-me sobre as pernas do homem, senti o cheiro de algo que não sentia havia muito, muito tempo, um fedor muito forte e sinistro.

Eu não o sentira com frequência, mas mesmo uma única vez teria bastado; o cheiro pungente de gangrena é inesquecível. Eu não queria dizer nada que pudesse assustar Beardsley – se ele era capaz de entender –, então, dei um tapinha em suas costas, acalmando-o, e me levantei para pegar a vela de Jamie e observar melhor.

Ele a entregou a mim, inclinando-se para murmurar algo no meu ouvido.

– Pode fazer algo por ele, Sassenach?

– Não – respondi, com a voz igualmente baixa. – Não em relação à apoplexia. Posso tratar os ferimentos e dar a ele ervas para a febre... e só.

Ele ficou de pé por um momento, olhando para o homem deitado nas sombras, agora imóvel. Então, balançou a cabeça, benzeu-se e desceu a escada em silêncio para procurar uma corda.

Voltei-me lentamente para o homem doente, que me recepcionou com um “Augh!” e o movimento incessante de uma perna, como um coelho. Eu me ajoelhei ao lado de seus pés, falando baixinho sobre nada em especial, enquanto segurava a vela para examiná-los. Os dedos. Todos os dedos do pé inerte tinham sido queimados, alguns estavam apenas cobertos de bolhas, outros tinham sido queimados quase até os ossos. Os dois primeiros dedos estavam quase pretos e um tom esverdeado se espalhava sobre a parte de cima do pé.

Eu estava chocada – tanto por pensar no que poderia ter levado àquela situação quanto com a ação em si. A chama da vela vacilou; minhas mãos estavam trêmulas, não só por causa do frio. Eu não estava horrorizada apenas com o que havia acontecido ali; também estava preocupada com as possibilidades imediatas. Que diabo íamos fazer com aquelas pessoas perversas?

Estava claro que não podíamos levar Beardsley conosco – mas era evidente que ele não podia ficar ali, sob os cuidados da esposa. Não havia vizinhos por perto a quem recorrer, não havia mais ninguém na fazenda para protegê-lo. Pensei que podíamos tentar levá-lo até Brownsville; talvez houvesse uma carroça no celeiro. Mas mesmo se conseguíssemos, o que faríamos em seguida?

Não havia hospital para cuidar dele. Se uma das casas em Brownsville o aceitasse por caridade... muito bem, mas, ao ver o estado de Beardsley depois de um mês – eu acreditava ser improvável que sua situação, no que dizia respeito à paralisia e à fala, melhorasse muito –, quem ficaria com ele, se isso significasse ter que cuidar dele dia e noite pelo resto da vida?

O resto da vida dele, claro, podia ser curto, dependendo do meu sucesso em lidar com a gangrena. A preocupação recuou quando minha mente se voltou para o problema mais imediato. Eu teria que amputá-lo; era a única possibilidade. Amputar os dedos dos pés seria fácil – mas talvez dedos do pé

não fossem suficientes. Se eu tivesse que amputar o pé ou parte dele, corríamos um grande risco de choque e infecção.

Será que ele sentiria? Às vezes, vítimas de derrame continuavam sentindo um membro afetado, embora tivessem perdido o movimento, e às vezes mantinham movimento mas perdiam a sensibilidade – e às vezes ainda perdiam as duas coisas. Cuidadosamente, toquei o dedo gangrenado, olhando para o rosto dele.

Seu olho bom estava aberto, focado nas vigas do teto. Ele não olhou para mim nem fez nenhum ruído, o que respondia à pergunta. Não, ele não conseguia sentir o pé. Isso era um alívio, de certa forma – pelo menos ele não sofreria com a dor da amputação. Tampouco tinha sentido o dano infligido a seu membro, pensei. Será que ela sabia disso? Ou teria escolhido atacar o lado morto dele apenas porque ele ainda tinha certa força no outro e talvez pudesse se defender?

Ouvi um movimento atrás de mim. A sra. Beardsley estava de volta. Colocou um balde de água e um monte de trapos no chão, e então ficou atrás de mim, observando em silêncio enquanto eu limpava a sujeira.

– Pode curá-lo? – perguntou ela.

Sua voz estava calma, distante, como se falasse de um desconhecido.

A cabeça do paciente rolou para trás de repente, de modo que seu olho se fixou em mim.

– Acho que posso ajudar um pouco – respondi cuidadosamente.

Eu queria que Jamie voltasse. Além de precisar da minha caixa de remédios, eu estava achando a companhia da sra. Beardsley um tanto irritante.

Ainda mais quando o sr. Beardsley inadvertidamente verteu um pouco de urina. A sra. Beardsley riu, e ele emitiu um som em resposta que arrepiou todos os cabelos dos meus braços. Sequei o líquido da coxa dele e continuei meu trabalho, tentando ignorar a situação.

– Têm algum parente por perto? – perguntei da maneira mais simpática possível. – Alguém que possa vir ajudá-la?

– Ninguém. Ele me tirou da *cafa* do meu pai em Maryland. Para *esfe lugar* – frisou ela, como se estivesse se referindo ao quinto círculo do inferno; até onde eu podia ver, havia certa semelhança mesmo.

A porta se abriu no andar de baixo, e uma boa rajada de vento frio anunciou o retorno de Jamie. Ouvi uma batida quando ele colocou minha caixa sobre a mesa, e me levantei depressa, querendo escapar deles, ainda que por um momento.

– Meu marido chegou com os remédios. Eu vou... hum... descer e...

Passei pelo corpanzil da sra. Beardsley e desci a escada depressa, suando, apesar do frio dentro da casa.

Jamie estava ao lado da mesa, franzindo o cenho enquanto retorcia um pedaço de corda. Ele olhou para a frente quando me ouviu, e seu rosto relaxou um pouco.

– Como estão as coisas, Sassenach? – perguntou ele, falando baixinho, meneando o queixo em direção ao sótão.

– Muito ruins – sussurrei e me coloquei ao lado dele. – Dois dedos dos pés estão gangrenados. Vou ter que amputá-los. E ela disse que eles não têm parentes para ajudar.

– Hum.

Ele contraiu os lábios e se voltou para o mecanismo de içar que improvisava.

Peguei minha caixa de remédios, para checar os instrumentos, mas parei quando vi as pistolas de Jamie sobre a mesa ao lado dela, além do recipiente de pólvora e do estojo. Toquei o braço dele, fiz um gesto com a cabeça indicando as armas e perguntei, sem emitir som:

– O que foi isso?

Ele franziu o cenho ainda mais, mas antes que pudesse responder, ouvi um estrondo vindo de cima, uma barulheira, acompanhado por um som gorgolejante, como um elefante se afogando em um monte de lama.

Jamie largou a corda e correu para a escada, e eu o segui. Ele deu um grito quando sua cabeça chegou ao topo da escada e jogou-se para a frente. Quando subi, eu o vi nas sombras, agarrando-se com a sra. Beardsley.

Ela acertou o cotovelo no nariz dele. Isso tirou quaisquer inibições que ele poderia ter em relação a usar a força contra uma mulher; ele a virou para que ficasse de frente mandou-lhe um soco curto e certo no queixo que fez com que ela fechasse a boca e caísse para trás, com os olhos arregalados. Eu me lancei à frente para salvar a vela enquanto ela caía e suas saias e anáguas

se espalhavam.

– Que... mulher... maldita. – A voz de Jamie estava abafada, a manga pressionada sobre o rosto para estancar o sangue que escorria do nariz, mas a sinceridade era indiscutível.

O sr. Beardsley estava se debatendo como um peixe na terra, chiando e gorgolejando. Eu ergui a vela e o vi com a mão no pescoço. Um lenço de linho tinha sido torcido até virar uma corda e envolvia o pescoço dele. Seu rosto estava escuro, o olho arregalado. Rapidamente peguei o lenço e o desamarrei, e a respiração dele se acalmou com uma forte baforada de hálito fétido.

– Se ela tivesse sido mais rápida, teria conseguido matá-lo. – Jamie abaixou o braço manchado de sangue e levou a mão ao nariz. – Cristo, acho que ela quebrou meu nariz.

– Por quê? Por que me impediu? – A sra. Beardsley ainda estava consciente, mas parecia zozona e com os olhos vidrados. – Ele tinha que morrer, quero que ele morra, ele deve morrer.

– *A nighean na galladh*, poderia tê-lo matado à vontade neste último mês, se quisesse que ele morresse – retrucou Jamie sem paciência. – Por que, em nome de Deus, esperar a chegada de testemunhas?

Ela olhou para ele com os olhos repentinamente claros e atentos.

– Eu não queria matá-lo – disse ela. – Queria que ele *morrefe*. – Ela sorriu, mostrando os tocos de dentes. – Lentamente.

– Meu Deus! – exclamei, passando a mão pelo rosto. Era apenas o meio da manhã, mas a sensação era de que o dia já durava semanas. – A culpa é minha. Eu disse a ela que achava que podia ajudar; ela pensou que eu ia salvá-lo, que talvez o curasse totalmente.

A maldição da fama de ser responsável por curas mágicas! Eu poderia ter rido, se estivesse com cabeça para ser irônica. Senti um cheiro forte no ar, e a sra. Beardsley se virou para o marido com um grito de revolta.

– Animal nojento! – Ela ficou de joelhos, pegou um pão duro do prato e o atirou nele. O pão bateu na cabeça dele. – Nojento, fedido, *fujão*, maldito...

Jamie a segurou pelos cabelos quando ela se jogou sobre o corpo do homem, pegou-a pelo braço e a arrastou para longe, soluçando e gritando.

– Inferno – disse ele, em meio à confusão. – Pegue aquela corda,

Sassenach, antes que eu mate os dois.

O trabalho de descer o sr. Beardsley do sótão foi suficiente para deixar Jamie e eu suados e completamente sujos, fedidos e com as pernas bambas devido ao esforço. A sra. Beardsley ficou sentada em um banquinho no canto, quieta e maléfica, sem se esforçar para ajudar.

Ela arquejou, revoltada, quando deitamos o corpo grande sobre a mesa limpa, mas Jamie olhou feio para ela, que voltou a se sentar, com os lábios contraídos formando uma linha reta e fina.

Jamie passou na testa a manga suja de sangue e balançou a cabeça enquanto olhava para Beardsley. Eu não o culpava; mesmo limpo, muito bem coberto e depois de comer um pouco de um mingau servido às colheradas, o homem estava em um estado deplorável. Eu o examinei mais uma vez, cuidadosamente, à luz que vinha da janela. Nenhuma dúvida a respeito dos dedos dos pés; o cheiro de gangrena era nítido e um tom esverdeado cobria a parte de cima do pé.

Eu teria que tirar mais do que apenas os dedos – franzi o cenho, tocando com cuidado a área putrefata, pensando se seria melhor tentar uma amputação parcial entre os metacarpos ou simplesmente cortar o pé na altura do tornozelo. A dissecação no tornozelo seria mais rápida e, apesar de normalmente eu optar pela amputação parcial, não havia motivos naquele caso; estava claro que Beardsley nunca mais voltaria a andar.

Mordi o lábio inferior, pensativa. Nesse sentido, a coisa toda poderia ser em vão; ele ardia de febre intermitente, e os ferimentos nas pernas e nas nádegas gotejavam pus. Quais eram as chances de ele se recuperar da amputação sem morrer de infecção?

Eu não tinha ouvido a sra. Beardsley se aproximar por trás. Para uma mulher pesada, ela se movimentava com um silêncio considerável.

– O que *prefende* fazer? – perguntou ela, a voz neutra e distante.

– Os dedos dos pés do seu marido estão gangrenando – respondi. Não havia motivos para tentar não assustar Beardsley no momento. – Terei que amputar seu pé.

Não havia outra opção, apesar de sentir o coração apertado ao pensar em passar os próximos dias, ou semanas, ali, cuidando de Beardsley. Eu não podia permitir que ele fosse cuidado pela mulher!

Ela deu a volta na mesa lentamente e parou perto dos pés dele. O rosto estava inexpressivo, mas um sorrisinho apareceu no canto de sua boca, sorrateiro e disfarçado, como se fosse contra a vontade dela. Olhou para os dedos escurecidos por um bom tempo e em seguida balançou a cabeça.

– Não – disse ela baixinho. – *Teixe* que ele *apodrefa*.

Por fim, ficou claro que Beardsley entendia tudo o que dizíamos; ele abriu o olho e emitiu um grito de raiva, debatendo-se em um esforço para atacá-la, a ponto de quase cair no chão. Jamie o segurou, mantendo o corpanzil dele sobre a mesa com dificuldade. Quando Beardsley finalmente se acalmou, ofegando e emitindo sons chorosos, Jamie se endireitou, ofegando também, e lançou à sra. Beardsley um olhar de extrema desaprovação.

Ela curvou os ombros, enrolando o xale sobre eles, mas não se afastou nem desviou o olhar. Ergueu o queixo de modo desafiador.

– *Fou* a mulher dele – disse ela. – Não *fou teixar* que o corte. *Fai* colocar a *fida* dele em *rifco*.

– Se eu não fizer isso, ele vai morrer, com certeza – falei baixinho. – E vai ser uma morte feia. A senhora...

Não consegui terminar; Jamie pousou a mão no meu ombro, apertando.

– Leve-a para fora, Claire – disse ele baixinho.

– Mas...

– Para fora. – A mão pressionou ainda mais meu ombro, com uma pressão quase dolorosa. – Só volte quando eu chamar.

O rosto dele estava sério, mas havia algo em seus olhos que me fizeram sentir um vazio por dentro. Olhei para o balcão onde estavam suas pistolas ao lado da minha caixa de remédios e em seguida para o rosto dele de novo, assustada.

– Você não pode fazer isso – falei.

Ele olhou para Beardsley, o rosto sério.

– Eu sacrificaria um cachorro em um caso assim, sem pensar duas vezes – disse ele. – Não posso fazer menos por ele.

– Ele não é um cachorro!

– Não, não é.

Ele tirou a mão do meu ombro e contornou a mesa. Ficou ao lado de

Beardsley.

– Se consegue me entender, homem, feche o olho – disse ele, baixinho.

Fez-se um momento de silêncio, e o olho vermelho de Beardsley se fixou no rosto de Jamie, com inegável compreensão. A pálpebra se fechou lentamente e em seguida voltou a se abrir.

Jamie se virou para mim.

– Vá – disse ele. – Vamos deixar que ele escolha. Se for necessário, ou não, eu chamo você.

Meus joelhos estavam tremendo e eu cerrei as mãos nas dobras da minha saia.

– Não – falei. Olhei para Beardsley e então engoli em seco e balancei a cabeça. – Não – repeti. – Eu... se você... você precisa ter uma testemunha.

Ele hesitou por um momento, mas em seguida assentiu.

– Sim, tem razão.

Ele olhou para a sra. Beardsley. Ela estava parada como uma rocha, as mãos unidas sob o avental, os olhos se voltando para mim e depois para Jamie, para o marido e para mim de novo. Jamie balançou a cabeça brevemente e então virou-se para o homem, endireitando os ombros.

– Pisque uma vez para dizer sim ou duas para dizer não. – Você entende?

A pálpebra se abaixou sem hesitação.

– Ouça. – Jamie respirou fundo e começou a falar em um tom normal de voz, os olhos fixos no rosto prejudicado e no olhar firme do olho aberto. – Sabe o que aconteceu com você?

Uma piscada.

– Você sabe que a minha mulher é médica, curandeira?

O olho rolou na minha direção, e então de volta para Jamie. Uma piscada.

– Ela disse que você sofreu uma apoplexia, que o dano não pode ser revertido. Compreende?

Um bufar saiu da boca torta. Não era novidade. Uma piscada.

– Seu pé está podre. Se ele não for amputado, você vai apodrecer e morrer. Compreende?

Nenhuma resposta. As narinas se abriram de repente, úmidas; então, o

ar foi expelido com um ronco. Ele havia sentido o cheiro de podre; suspeitara, talvez, mas não sabia ao certo que vinha de seu próprio corpo. Não até aquele momento. Lentamente, uma piscada.

A litania continuou, afirmações e perguntas, cada uma delas uma pá de terra retirada de uma cova que só aumentava em profundidade. Cada uma delas terminando com as inexoráveis palavras: “Você compreende?”

Minhas mãos, meus pés e meu rosto pareciam dormentes. A sensação estranha de santuário na sala havia se alterado; parecia uma igreja, mas não mais um local de refúgio. Agora tratava-se de um local onde um ritual acontecia, levando a um destino triste e predeterminado.

E estava traçado, compreendi. Beardsley havia tomado sua decisão muito tempo antes – talvez até antes de chegarmos. Ele havia passado um mês naquele purgatório, afinal, no frio e no escuro entre o céu e a terra, e durante esse tempo pensou, analisou as possibilidades e se conformou com a morte.

Ele entendia?

Ah, sim, muito bem.

Jamie se inclinou sobre a mesa, uma das mãos sobre o braço de Beardsley, um sacerdote com as vestes manchadas, oferecendo absolvição e salvação. A sra. Beardsley ficou parada sob a luz que entrava pela janela, um anjo imperturbável de condenação.

As afirmações e as perguntas chegaram ao fim.

– Quer que a minha mulher ampute o seu pé e cuide das suas feridas?

Uma piscada, duas piscadas, exageradas, intencionais.

A respiração de Jamie saiu audível, o peso em seu peito fazendo de cada palavra um suspiro.

– Está pedindo que eu tire a sua vida?

Apesar de um lado do seu rosto estar flácido e o outro contraído, havia uma parte suficiente de Beardsley que ainda conseguia se expressar. O lado de sua boca que funcionava esboçou um sorriso cínico. *O que ainda resta dela*, foi o que disse seu silêncio. A pálpebra se fechou – e permaneceu fechada.

Jamie fechou os olhos. Um leve estremecimento percorreu seu corpo. Então, ele se sacudiu um pouco, como um homem chacoalhando a água

fria, e virou-se para o balcão onde suas armas estavam.

Eu me aproximei dele depressa, pousando a mão em seu braço. Ele não olhou para mim; manteve os olhos na pistola. Seu rosto estava pálido, mas as mãos estavam firmes.

– Vá – disse ele. – Leve-a para fora.

Olhei para Beardsley, mas ele não era mais meu paciente; eu não podia curá-lo nem confortá-lo. Fui até a mulher e a peguei pelo braço, virando-a em direção à porta. Ela veio comigo, caminhando mecanicamente, e não se virou para olhar para trás.

O lado de fora pareceu irreal, o quintal iluminado pelo sol com uma aparência ao mesmo tempo comum e nada convincente. A sra. Beardsley se desvencilhou e caminhou em direção ao celeiro, depressa. Olhou para trás e para a casa e então começou a correr, desaparecendo pela porta aberta do celeiro como se inimigos a estivessem perseguindo.

Percebi a sensação de pânico e quase corri atrás dela. Mas me contive; parei à beira do pátio e esperei. Eu podia sentir meu coração batendo, lentamente, latejando nos meus ouvidos. Isso também parecia irreal.

O tiro veio, finalmente, um estampido seco, inconsequente em meio aos balidos de bodes no celeiro e ao som das galinhas ciscando a terra perto dali. Cabeça ou coração, pensei de repente e estremeci.

Já passava de meio-dia; o ar frio e parado da manhã havia aumentado e uma brisa gelada soprava pela porta, levantando poeira e tufo de feno. Fiquei de pé esperando. Ele tinha feito uma pausa, eu achava, para fazer uma breve oração pela alma de Beardsley. Um momento se passou, dois se passaram e então a porta de trás se abriu. Jamie saiu, deu alguns passos, parou, inclinou-se para a frente e vomitou.

Eu avancei, para o caso de ele precisar de mim, mas não. Ele se endireitou, limpou a boca, e em seguida se virou e atravessou o pátio para longe de mim, em direção à mata.

Eu me senti repentinamente supérflua e estranhamente ofendida. Eu estava trabalhando poucos momentos antes, envolvida por completo na prática da medicina. Conectada à carne, à mente e ao corpo; atenta aos sintomas, alerta ao pulso e à respiração, aos sinais vitais. Eu não gostava nem

um pouco de Beardsley, mas ainda assim queria salvar sua vida, amenizar seu sofrimento. Ainda podia sentir sua pele quente e flácida em minhas mãos.

Agora, meu paciente estava subitamente morto, e a sensação era de que uma parte do meu corpo tinha sido amputada. Pensei que talvez eu estivesse um pouco chocada.

Olhei para a casa, minha sensação inicial de alerta substituída pela repugnância – e por algo mais profundo. O corpo tinha que ser lavado, claro, e decentemente preparado para o enterro. Eu já tinha feito essas coisas antes – sem grande mal-estar, ainda que sem entusiasmo –, e no entanto eu me via agora diante de uma grande relutância em voltar para dentro da casa.

Eu já tinha visto uma morte causada por violência – e muitas outras muito mais desagradáveis do que aquela. A morte era a morte. Independentemente de ser uma passagem, uma despedida ou, em alguns casos, uma libertação muito desejada... Jamie havia libertado Beardsley muito repentinamente da prisão de seu corpo doente; será que o espírito dele ainda permanecia na casa, ainda sem se dar conta de sua libertação?

– Você está sendo supersticiosa, Beauchamp – falei com severidade para mim mesma. – Pare já com isso. – E mesmo assim, não dei um passo em direção à casa, mas permaneci no quintal, perdida como um beija-flor indeciso.

Se Beardsley não podia ser ajudado e Jamie não precisava de ajuda, ainda havia alguém que precisava de apoio. Eu dei as costas para a casa e fui na direção do celeiro.

O lugar não passava de um espaço amplo de dois andares, escuro e tomado por feno e formas que se moviam. Fiquei parada na porta até meus olhos se ajustarem. Havia uma baia no canto, mas não havia cavalos. Uma cerca bamba com espaço para a ordenha era o cantinho das cabras, do outro lado; ela estava agachada ali dentro, sobre uma pilha de palha fresca. Meia dúzia de cabras se movimentavam ao redor dela, cheirando e mordiscando a franja de seu xale. Ela não passava de um corpo encolhido, mas vi o breve brilho de um olhar atento nas sombras.

– Acabou? – A pergunta foi feita baixinho, quase inaudível em meio aos

resmungos e balidos.

– Sim. – Hesitei, mas ela não parecia precisar do meu apoio; eu conseguia ver melhor agora: ela segurava um cabritinho encolhido em seu colo, acariciando a cabeça pequena e sedosa. – Está bem, sra. Beardsley?

Silêncio, e então a figura corpulenta deu de ombros e se acomodou, e um pouco da tensão deixou seu corpo.

– Não sei – respondeu ela. Esperei, mas ela não se moveu nem disse mais nada. A companhia pacífica das cabras parecia ter a mesma probabilidade de confortá-la que a minha, então me virei e as deixei ali, sentindo certa inveja do refúgio quente do celeiro e das companhias animadas.

Tínhamos deixado os cavalos no quintal, ainda selados, presos a uma pequena árvore. Jamie soltara as tiras e removera os alforjes quando fora buscar minha caixa de remédios, mas não tivera tempo de retirar as selas. Fiz isso naquele momento; claramente, levaríamos um tempo para ir embora. Peguei as rédeas também e as soltei, deixando-as na grama marrom que ainda crescia à beira dos pinheiros.

Havia um cocho no lado oeste da casa, claramente para o cavalo, mas estava vazio. Satisfeita com a demora que a tarefa me permitia, peguei água do poço e enchi com baldes o cocho.

Secando as mãos molhadas na saia, olhei ao redor para encontrar outra coisa para fazer, mas não vi nada. Não havia escolha, então. Eu me preparei, coloquei mais água no balde, mergulhei a cuia que ficava à beira do poço e levei tudo de volta para casa, concentrando-me muito em não derrubar nada para evitar pensar no que me esperava lá dentro.

Quando olhei para a frente, fiquei assustada ao ver a porta de trás se abrir. Eu tinha certeza de que ela estava fechada antes. Jamie estava lá dentro? Ou a sra. Beardsley?

Mantendo distância, inclinei o pescoço para olhar dentro da cozinha, mas quando me aproximei, ouvi um ruído constante de uma pá cavando terra. Dei a volta e encontrei Jamie cavando perto de uma árvore que ficava sozinha no pátio, a uma curta distância da casa. Ele ainda estava vestindo a camisa, e o vento agitava o linho branco manchado contra o corpo dele, soprando os cabelos ruivos em seu rosto.

Ele os afastou com a mão, e vi, um tanto chocada, que ele estava

chorando. Chorava silenciosa e, de certa forma, furiosamente, atacando a terra como se fosse um inimigo. Ele percebeu meu movimento pelo canto dos olhos e parou, passando a manga da camisa manchada de sangue rapidamente pelo rosto, como se quisesse tirar o suor da testa.

Sua respiração era ruidosa, alta o suficiente para ser ouvida de longe. Eu me aproximei silenciosamente e ofereci a ele a cuia de água e um lenço limpo. Ele não olhou nos meus olhos, mas bebeu, tossiu, bebeu de novo, devolveu a cuia e assoou o nariz. Estava inchado, mas não mais sangrando.

– Não vamos passar a noite aqui, vamos? – perguntei, sentando-me no bloco de cortar lenha que ficava embaixo da árvore.

Ele balançou a cabeça.

– Não, por Deus – respondeu ele com a voz rouca. O rosto estava inchado e os olhos muito vermelhos, mas ele se conteve. – Vamos enterrá-lo decentemente e partir. Não me importo se dormirmos na mata de novo... mas não aqui.

Eu concordei totalmente com a ideia, mas havia uma coisa mais a ser levada em consideração.

– E... ela? – perguntei delicadamente. – Ela está na casa? A porta dos fundos está aberta.

Ele resmungou e pegou terra com a pá.

– Não, fui eu quem a abriu. Eu havia me esquecido de deixá-la aberta quando saí antes, para deixar a alma livre – explicou ele, ao ver minha sobrancelha erguida.

Foi a forma completamente casual com que ele me ofereceu essa explicação, e não tanto o fato de ecoar a minha ideia, que fez os pelos do meu pescoço se arrepiarem.

– Entendo – disse, um pouco desanimada.

Jamie cavou de modo constante por um tempo, enfiando a pá fundo na terra. A terra era argilosa e cheia de folhas mofadas; cavar era fácil. Por fim, sem interromper o movimento, ele disse:

– Brianna me contou uma história que ela leu, certa vez. Não me lembro muito bem, mas um assassinato tinha sido cometido, e a pessoa morta era um homem mau, que havia levado alguém fazer o que fez. No fim, quando perguntaram a quem contou a história o que deveria ser feito, a resposta foi:

“Que seja feita a justiça de Deus.”

Eu assenti. Estava de acordo, mas parecia um pouco difícil para a pessoa que se via obrigada a ser o instrumento dessa justiça.

– Você acha que foi o que aconteceu nesse caso? Justiça?

Ele balançou a cabeça; não em negação, mas demonstrando confusão, e continuou cavando. Eu o observei por um tempo, acalmada por sua proximidade e pelo ritmo hipnótico de seus movimentos. Pouco depois, no entanto, eu me remexi, preparando-me para encarar a tarefa que me esperava.

– Acho melhor eu ir preparar o corpo e limpar o sótão – falei com relutância, apoiando os pés no chão para me levantar. – Não podemos deixar aquela coitada sozinha com uma sujeira daquela, não importa o que ela tenha feito.

– Não, espere, Sassenach – disse Jamie, parando de cavar. Ele olhou para a casa, meio cansado. – Vou com você, daqui a pouco. Agora... – ele meneou a cabeça em direção à mata – acha que pode pegar algumas pedras para o dólmen?

Um dólmen? Fiquei bastante surpresa; parecia um requinte desnecessário para o falecido sr. Beardsley. Ainda assim, sem dúvida havia lobos na mata; eu havia visto fezes no caminho dois dias antes. Também me ocorreu que Jamie pudesse estar inventando uma boa desculpa para que eu pudesse postergar o momento de entrar na casa de novo – e, nesse caso, pegar pedras parecia uma alternativa razoável.

Felizmente, não faltavam pedras adequadas. Peguei o avental de lona pesada que usava para atender as pessoas em meu alforje e comecei a andar de um lado para outro, uma formiga recolhendo migalhas pesadas. Depois de meia hora de trabalho, aproximadamente, a ideia de entrar na casa começara a parecer menos desagradável. Mas Jamie ainda trabalhava com afinco, então continuei.

Finalmente parei, ofegante, e derrubei outro monte de pedras do meu avental no chão, ao lado da cova que se tornava cada vez mais funda. As sombras estavam se espalhando pelo pátio e o ar estava frio a ponto de meus dedos ficarem adormecidos – uma coisa boa, considerando os vários arranhões e cortes neles.

– Você está péssimo – observei, afastando uma mecha de cabelos do meu rosto. – A sra. Beardsley já saiu?

Ele balançou a cabeça, mas demorou um pouco para recuperar o fôlego antes de responder.

– Não – disse ele, com uma voz tão rouca que eu mal consegui ouvi-lo. – Ela ainda está com as cabras. Acho que deve ser quente lá dentro.

Olhei para ele com intranquilidade. Cavar covas é um trabalho difícil; a camisa dele estava grudada ao corpo, ensopada, apesar da friagem do dia, e o rosto estava corado – pelo esforço do trabalho, eu esperava, e não por causa de uma febre. No entanto, os dedos estavam brancos e tão rígidos quanto os meus; foi preciso um esforço visível para que ele os soltasse do cabo da pá.

– Com certeza já está fundo o suficiente – observei, analisando o trabalho dele. Eu me contentaria com uma escavação mais rasa na terra macia, mas Jamie nunca fazia um trabalho de qualquer jeito. – Pare, Jamie, e troque de camisa. Você está ensopado; vai ficar doente.

Ele não se deu ao trabalho de discutir, mas pegou a pá e ajeitou os cantos do buraco, moldando os lados para evitar que eles ruíssem.

As sombras sob os pinheiros estavam ficando mais densas, e as galinhas tinham ido dormir, montinhos de penas empoleiradas nas árvores como buquês de azevinho marrom. As aves da floresta também tinham se calado, e a sombra da casa cobria a cova recém-cavada. Envolvei meu corpo com os braços e estremeci com o silêncio.

Jamie jogou a pá no chão com um baque, e eu me assustei. Saiu do buraco e ficou de pé por um momento, os olhos fechados, o corpo oscilando de cansaço. Então abriu os olhos e sorriu exausto para mim.

– Vamos acabar com isso, então – disse ele.

Independentemente de a porta aberta ter permitido a partida do espírito do morto ou não, ou se era apenas porque Jamie estava comigo, não hesitei em entrar na casa naquele momento. O fogo havia se apagado e a cozinha estava fria e escura, mas não se sentia nada de ruim ali dentro. Estava apenas... vazia.

Os restos mortais do sr. Beardsley permaneciam deitados pacificamente

embaixo de um de seus cobertores, parados e em silêncio. Vazio, também.

A sra. Beardsley havia se recusado a ajudar com as formalidades – e até mesmo a entrar na casa enquanto o corpo do marido permanecesse ali –, então eu varri a casa, acendi a lareira e voltei a dar-lhe vida, enquanto Jamie cuidava da sujeira no sótão. Quando ele desceu de novo, eu tinha começado a me ocupar da tarefa principal.

Morto, Beardsley parecia muito menos grotesco do que vivo; os membros retorcidos estavam relaxados, o ar de esforço havia desaparecido. Jamie havia colocado uma toalha de linho sobre a cabeça, mas quando espiei por baixo dela, vi que não fora feita uma grande destruição ali; Jamie atirara no olho cego dele, e a bala não havia estourado o crânio. O olho bom estava fechado, e a ferida escurecida me encarava. Voltei a cobrir o rosto dele com a toalha, delicadamente, a simetria restaurada na morte.

Jamie desceu a escada e se aproximou em silêncio por trás de mim, tocando meu ombro de leve.

– Vá se lavar – falei, fazendo um gesto para a pequena chaleira de água que eu havia pendurado sobre o fogo para esquentar. – Eu cuido disso aqui.

Ele assentiu, tirou a camisa suja e molhada e a deixou no chão. Eu ouvi os sons suaves enquanto ele se lavava. Ele tossia de vez em quando, mas sua respiração parecia mais fácil do que parecera do lado de fora, no frio.

– Eu não sabia que podia ser assim – disse ele atrás de mim. – Pensei que a apoplexia matava um homem na hora.

– Às vezes é o que acontece – falei, um tanto distraída, franzindo o cenho enquanto me concentrava no trabalho. – Na maior parte das vezes é o que acontece, na verdade.

– É mesmo? Nunca pensei em perguntar a Dougal, nem a Rupert. Nem a Jenny. Se o meu pai... – A frase foi interrompida abruptamente, como se ele a tivesse engolido.

Ah. Senti um pequeno sobressalto ao compreender. Então era isso. Eu não me lembrava, mas ele falara sobre isso, anos antes, logo depois que nos casamos. O pai de Jamie o vira ser açoitado em Fort William e, com o choque, sofreu uma apoplexia e morreu. Jamie, ferido e doente, foi retirado do forte e partiu para o exílio. Só soube da morte do pai semanas depois – não teve a oportunidade de se despedir, não pôde enterrá-lo nem honrar seu

túmulo.

– Jenny saberia – falei baixinho. – Ela teria contado a você se...

Se Brian Fraser tivesse sofrido uma morte tão horrorosa como aquela, definhado e encolhido, impotente diante dos olhos da família que ele lutara para proteger.

Teria? Se ela tivesse cuidado do pai com sua incontinência e desamparo? Se tivesse esperado dias ou semanas, repentinamente sem pai nem irmão, encarando a morte sozinha enquanto ela se aproximava, momento a momento... Ainda assim, Jenny Fraser era uma mulher muito forte, que amava muito o irmão. Talvez quisesse protegê-lo tanto da culpa quanto daquela informação.

Eu me virei para olhar para ele. Ele estava seminu, mas limpo, segurando uma camisa limpa que pegara em seu alforje. Estava olhando para mim, mas vi seus olhos irem além de mim, até o cadáver, com um fascínio perturbador.

– Ela teria contado a você – repeti, esforçando-me para imprimir certeza na voz.

Jamie respirou fundo com dificuldade.

– Talvez.

– Teria – falei com mais firmeza.

Ele assentiu, respirou fundo de novo e soltou o ar com mais facilidade. Percebi que a casa não era a única coisa assombrada pela morte de Beardsley. Mas Jenny tinha a chave da única porta que podia ser aberta para Jamie.

Eu compreendia agora por que ele havia chorado e por que fora tão cuidadoso com a cova. Não por choque nem caridade, muito menos por consideração pelo morto – mas por Brian Fraser; o pai que ele não havia enterrado e cuja morte não havia chorado.

Eu me virei e puxei a borda do cobertor para cima, dobrando-a por cima dos restos limpos e decentes. Em seguida o amarrei com barbante na altura da cabeça e dos pés, fazendo um pacote anônimo e bem arranjado. Jamie tinha 49 anos; a mesma idade com que o pai havia morrido. Olhei rapidamente para ele enquanto ele terminava de se vestir. Se o pai dele tivesse sido como ele... Senti uma onda repentina de pesar, pela perda de tanta coisa. Pela força interrompida e pelo amor sufocado, pela perda de um

homem que eu sabia que tinha sido admirável apenas pelo reflexo que eu via dele em seu filho.

Vestido, Jamie deu a volta na mesa e me ajudou a erguer o corpo. Mas em vez de colocar as mãos por baixo do corpo, ele esticou os braços e segurou minhas mãos.

– Jure para mim, Claire – disse ele. Sua voz havia quase desaparecido por causa da rouquidão; eu tive que me aproximar para ouvir. – Se um dia acontecer comigo o que aconteceu com meu pai... jure que vai ter por mim a mesma misericórdia que eu tive por este homem.

Havia bolhas recentes nas palmas da mão dele devido à escavação; senti a estranha maciez delas, cheias de fluidos enquanto ele segurava as minhas mãos.

– Farei o que tiver de ser feito – sussurrei, finalmente. – Assim como você fez. – Apertei as mãos dele e as soltei. – Agora, venha me ajudar a enterrá-lo. Acabou.

BROWNSVILLE

Era meio da tarde quando Roger, Fergus e a milícia chegaram a Brownsville, depois de errarem o caminho e vagarem pelas montanhas durante várias horas até encontrarem dois índios cherokees que indicaram o caminho.

Brownsville era formada por meia dúzia de choupanas decrepitas, espalhadas pela encosta de vegetação morta como um punhado de lixo jogado no mato. Perto da estrada – se é que o estreito caminho de terra batida e escura podia ser chamado assim –, duas choupanas se escoravam de ambos os lados de uma construção um pouco maior e de aparência mais sólida, como bêbados recostados confortavelmente em uma companhia mais sóbria. Ironicamente, a construção maior parecia funcionar como loja geral e bar, a julgar pelos barris de cerveja e pólvora e as prateleiras com peles secas que ficavam no quintal enlameado ao lado –, mas aplicar qualquer um dos termos a ela era dar-lhe mais dignidade do que merecia, pensou Roger.

Ainda assim, claramente era o lugar por onde começar – ainda que apenas pelo bem dos homens que estavam com ele, que tinham começado a vibrar como limalhas de ferro perto de um ímã ao verem os barris; o cheiro de levedura da cerveja era como um chamado de boas-vindas. Ele também não diria não a uma caneca de cerveja, pensou enquanto erguia a mão para sinalizar uma parada. O dia estava gelado e já fazia muito tempo desde que tinham tomado o café da manhã. Eles provavelmente não conseguiriam comer nada além de pão e ensopado ali, mas desde que estivesse quente e fosse acompanhado de algum tipo de álcool, ninguém reclamaria.

Ele apeou e tinha acabado de se virar para chamar os outros quando uma mão segurou seu braço.

– *Attendez.* – Fergus falou baixinho, quase sem mexer os lábios. Ele

estava ao lado de Roger, olhando para algo mais à frente. – Não se mexa.

Roger não se mexeu, nem nenhum dos homens que ainda estavam no lombo dos cavalos. O que quer que fosse que Fergus estivesse vendo, eles também estavam.

– O que foi? – perguntou Roger, falando baixo também.

– Alguém... duas pessoas... estão apontando as armas para nós, pela janela.

– Ah. – Roger se deu conta do bom senso de Jamie ao decidir não entrar em Brownsville depois de escurecer na noite anterior. Evidentemente, ele sabia algo sobre a natureza suspeita de locais remotos.

Movendo-se com lentidão, ele ergueu as duas mãos e inclinou o queixo para Fergus, que relutantemente fez a mesma coisa, o gancho brilhando ao sol da tarde. Ainda com as mãos erguidas, Roger se virou muito devagar. Mesmo sabendo o que esperar, ele sentiu o estômago se contrair ao ver dois canos compridos se projetando de trás da pele de veado encerada que cobria a janela.

– Olá! – gritou ele, com o máximo de autoridade que conseguia demonstrar com as mãos acima da cabeça. – Sou o capitão Roger MacKenzie, no comando de uma companhia de milícia sob as ordens do coronel James Fraser, da Cordilheira dos Frasers!

O único efeito do anúncio foi fazer com que um dos canos se mexesse, voltando-se para Roger, de forma que ele podia olhar diretamente para o círculo pequeno e escuro da boca da arma. Essa visão indesejada, no entanto, fez com que ele percebesse que a outra arma não mirava nele, para começar. Estava, e continuava, apontada firmemente sobre seu ombro direito, na direção do grupo de homens que continuavam montados em seus cavalos atrás dele, remexendo-se nas selas e murmurando, inquietos.

Ótimo. E agora? Os homens estavam esperando que ele fizesse *alguma coisa*. Movendo-se lentamente, ele abaixou as mãos. Estava respirando fundo para gritar de novo, mas, antes que pudesse falar, uma voz rouca foi ouvida por trás da pele de veado.

– Estou vendo você, Morton, seu maldito!

Essa frase foi acompanhada por um súbito movimento da primeira arma, que se virou abruptamente, deixando de mirar Roger para se

concentrar no mesmo alvo da segunda arma – presumidamente Isaiah Morton, um dos milicianos de Granite Falls.

Ouviu-se o som de um tumulto entre os homens montados, gritos assustados, e então o inferno se instaurou quando as duas armas dispararam. Cavalos se empinaram e saíram em disparada, homens gritaram e xingaram, e nuvens de fumaça branca e pungente saíram da janela.

Roger havia se jogado ao chão ao primeiro estampido. Enquanto os ecos passavam, no entanto, ele se levantou como se por reflexo, tirou a lama dos olhos e correu para a porta, irrefletidamente. Para sua surpresa, sua mente estava funcionando com clareza. Brianna demorava 20 segundos para carregar e engatilhar uma arma, e ele duvidava que aqueles idiotas fossem muito mais rápidos. Ele calculou que tinha apenas 10 segundos e pretendia usá-los.

Golpeou a porta com o ombro e ela se abriu, batendo contra a parede do lado de dentro e fazendo com que Roger se precipitasse cambaleando para dentro da sala e se chocasse contra a parede do outro lado. Bateu com o ombro na chaminé, afastou-se e conseguiu se manter de pé, vacilando como um bêbado.

Várias pessoas na sala tinham se virado para olhar para ele. Sua visão clareou o suficiente para ver que apenas dois deles estavam armados. Ele respirou fundo, partiu para cima do mais próximo deles, um homem magricela com uma barba irregular, e o segurou pela parte da frente da camisa, imitando um mestre particularmente temido de sua escola.

– O que acha que está fazendo, seu idiota? – gritou ele, puxando o homem para cima até deixá-lo na ponta dos pés. O sr. Sanderson teria gostado de saber, na opinião dele, que o exemplo dado por ele tinha sido tão memorável. Eficiente também; apesar de o magricela que Roger segurava não ter se mijado nem choramingado, como os alunos inexperientes faziam de vez em quando diante de tratamento semelhante, ele emitiu grunhidos, tentando bater na mão com a qual Roger segurava sua camisa, mas sem sucesso.

– Você, senhor! Solte o meu irmão! – A vítima de Roger havia deixado de lado a arma e o estojo de pólvora quando fora pega, espalhando o pó preto pelo chão. O outro homem armado tinha conseguido recarregar a

arma e agora tentava mirar em Roger. Era impedido, de certa forma, pelas três mulheres na sala, duas das quais falavam e puxavam sua arma, atrapalhando. A terceira havia colocado o avental sobre a cabeça e gritava de forma rítmica e histérica.

Nesse momento, Fergus entrou na casa com uma pistola enorme na mão. Apontou a arma de modo negligente para o homem armado.

– Faça a gentileza de abaixar isso, por favor – disse ele, erguendo a voz de modo a ser ouvido em meio ao tumulto. – E talvez, madame, pudesse jogar um pouco de água nesta jovem. Ou dar-lhe uns tapas? – Ele fez um gesto na direção da mulher aos berros com seu gancho, retraindo-se levemente com o barulho.

Movendo-se como se estivesse hipnotizada, uma das mulheres caminhou lentamente em direção à moça que gritava, chacoalhou-a pelos ombros e começou a murmurar no ouvido dela, sem tirar os olhos de Fergus. Os gritos cessaram, substituídos por soluços irregulares.

Roger sentiu imenso alívio. A raiva, o pânico e a necessidade absoluta de fazer *alguma coisa* tinham feito com que ele chegasse até ali, mas tinha de admitir que não fazia a menor ideia de como agir em seguida. Ele respirou fundo, sentindo as pernas começarem a tremer, e abaixou lentamente sua vítima, soltando a camisa dele com um meneio esquisito. O homem deu vários passos apressados para trás e ficou passando a mão no tecido amassado da camisa, os olhos estreitados fixos em Roger, com ressentimento.

– E quem diabos é *você*? – O segundo homem, que havia abaixado a arma, olhou para Fergus, confuso.

O francês balançou o gancho – o que, Roger notou, parecia fascinar as mulheres – em um gesto de recusa.

– Isso não tem importância – disse ele, levantando mais um pouco o nariz aristocraticamente proeminente. – Eu exijo... ou melhor, *nós* exigimos – corrigiu-se, meneando educadamente a cabeça na direção de Roger – saber quem *vocês* são.

Os moradores da cabana trocaram olhares confusos, como se estivessem perguntando a si mesmos quem eram. Depois de um momento de hesitação, no entanto, o maior dos dois homens ergueu o queixo de modo ameaçador.

– Meu nome é Brown, senhor. Richard Brown. Estes são meu irmão,

Lionel, minha esposa, Meg, a filha do meu irmão, Alicia – Alicia parecia ser a garota de avental, que havia retirado a peça da cabeça e ainda soluçava – e minha irmã, Thomasina.

– A seu dispor, *madame, mesdemoiselles*. – Fergus fez uma reverência muito elegante para as moças, tendo o cuidado de manter a pistola apontada para a testa de Richard Brown. – Peço desculpas pelo tumulto.

A sra. Brown assentiu em resposta, parecendo um pouco vidrada. A srta. Thomasina Brown, alta e de aparência severa, olhou para Roger e para Fergus com a expressão de que comparava uma barata e uma centopeia enquanto decidia em qual pisar primeiro.

Depois de conseguir transformar a atmosfera de um confronto armado na de um *salon* parisiense, Fergus pareceu satisfeito. Olhou para Roger e inclinou a cabeça, claramente transferindo para ele o controle da situação.

– Certo. – Roger estava usando uma camisa de caça de lã larga, mas a sensação era de estar em uma camisa de força. Respirou fundo de novo, tentando forçar o ar para dentro do peito. – Bem. Como eu disse, eu sou... ah... o capitão MacKenzie. Recebemos ordens do governador Tryon para reunir uma milícia e viemos notificá-los de sua obrigação de oferecer homens e suprimentos.

Richard Brown pareceu surpreso ao ouvir isso; seu irmão arregalou os olhos. Antes que pudessem fazer qualquer objeção, no entanto, Fergus se aproximou de Roger, murmurando:

– Talvez devêssemos descobrir se eles mataram o sr. Morton, *mon capitaine*, antes de os aceitarmos em nossa milícia?

– Ah, hum. – Roger olhou para os Browns com a expressão mais séria possível. – Sr. Fraser, pode verificar isto? Vou ficar aqui.

Olhando para os Browns, ele estendeu a mão para pegar a pistola de Fergus.

– Ah, Morton ainda está vivo, capitão. Não está conosco porque fugiu correndo como um rato assustado, mas ainda estava vivo quando o vi. – A voz anasalada de um homem de Glasgow foi ouvida da porta. Roger se virou e viu várias cabeças espiando para dentro da cabana, Henry Gallegher entre eles. Também era possível ver várias armas apontadas, e a respiração de Roger passou a fluir mais fácil.

Os Browns tinham perdido interesse em Roger, e olhavam para Gallegher completamente desorientados.

– O que ele disse? – sussurrou a sra. Browns para a cunhada. A mulher mais velha balançou a cabeça, com os lábios contraídos.

– O sr. Morton está vivo e bem. – Roger traduziu para elas. Tossiu. – Felizmente para vocês – disse ele a um dos Browns, com o máximo de ameaça que conseguiu imprimir na voz. Virou-se para Gallegher, que havia entrado na sala e estava recostado no umbral da porta, com o mosquete na mão e parecendo claramente entretido.

– Todos os outros estão bem, então, Henry?

Gallegher deu de ombros.

– Os idiotas não mataram ninguém, mas acertaram o seu alforje, senhor – acrescentou ele depois, mostrando os dentes em meio à barba.

– A bolsa com o uísque? – perguntou Roger.

– O quê? – Gallegher arregalou os olhos horrorizado, mas em seguida sorriu de modo a tranquilizá-lo. – Não, a outra.

– Ah. – Roger balançou uma das mãos. – São só as minhas calças extras, certo?

Essa resposta filosófica gerou risos e gritos de apoio dos homens reunidos na porta, o que encorajou Roger o suficiente para ir para cima do Brown menor.

– E o que você tem contra Isaiah Morton? – perguntou ele.

– Ele desonrou a minha filha – respondeu o sr. Brown, tendo retomado a compostura. Ele dirigiu um olhar enfurecido para Roger, a barba tremendo de raiva. – Eu disse a ele que o veria morto aos pés dela, se ele ousasse mostrar a cara desgraçada dele a menos de 15 quilômetros de Brownsville e, malditos sejam meus olhos, a cobra resolveu mostrar a cara bem na minha porta!

O sr. Richard Brown se virou para Gallegher.

– Está querendo dizer que *não acertamos* o maldito?

Gallegher deu de ombros como se quisesse se desculpar.

– Sim. Sinto muito.

A srta. Brown estava acompanhando a conversa, levemente boquiaberta.

– Não acertaram? – perguntou ela, e a esperança iluminou seus olhos

avermelhados. – Isaiah ainda está vivo?

– Não por muito tempo – garantiu o tio. Ele se abaixou para pegar sua arma, e todas as mulheres da família Brown começaram a gritar quando as armas da milícia na porta se ergueram simultaneamente, mirando em Brown. Lentamente, ele abaixou a arma.

Roger olhou para Fergus, que ergueu uma das sobrelanceiras e deu de ombros levemente. Era com ele.

Os Browns estavam reunidos, os dois irmãos olhando de cara feia para ele, as mulheres encolhidas atrás deles, fungando e murmurando. Os homens da milícia espiavam com curiosidade pelas janelas, todos olhando para Roger, esperando orientações.

E o que ele deveria dizer a eles? Morton era membro da milícia e, portanto – ele pensava –, tinha direito a proteção. Roger não poderia simplesmente entregá-lo aos Browns, independentemente do que ele tivesse feito – sempre pensando que ele poderia ser pego. Por outro lado, Roger tinha sido encarregado de convocar os Browns e o restante dos homens capacitados de Brownsville, além de obter deles mantimentos suficientes para manter a milícia por pelo menos uma semana; não parecia que essa sugestão seria bem recebida naquele momento.

Ele tinha certeza de que Jamie Fraser saberia como resolver aquela crise diplomática da melhor maneira. Ele, pessoalmente, não tinha ideia do que fazer.

Pelo menos tinha uma tática para ganhar tempo. Suspirando, abaixou a pistola e pegou a bolsa em sua cintura.

– Henry, pegue o uísque no alforje. E, sr. Brown, talvez o senhor permita que eu compre um pouco de comida e um barril de cerveja, para os meus homens.

E, com sorte, quando a bebida acabasse, Jamie Fraser já teria chegado.

UM TERÇO DE UMA CABRA

Já escurecera havia muito quando terminamos tudo na propriedade dos Beardsleys, organizamos as coisas, arrumamos as bolsas e selamos os cavalos. Pensei em sugerir que comêssemos antes de partir – não comíamos nada desde o café da manhã –, mas a atmosfera do lugar era tão perturbadora que nem Jamie nem eu estávamos com fome.

– Vamos esperar – disse ele, jogando os alforjes sobre os cavalos. Olhou para trás, para a casa. – Estou morto de fome, mas não conseguiria colocar nada no estômago olhando para este lugar.

– Sei o que quer dizer. – Olhei para trás também, inquieta, embora não houvesse nada para ver; a casa estava silenciosa e vazia. – Mal posso esperar para sair daqui.

O sol havia se posto atrás das árvores e uma sombra fria e azul se espalhara pelo espaço onde ficava a casa. A terra da cova de Beardsley estava escura devido à umidade, um pequeno monte embaixo dos galhos sem folhas da árvore. Era impossível olhar para a cova sem pensar no peso da terra úmida e na imobilidade, na perversão e na decomposição.

Você vai apodrecer e morrer, Jamie dissera a ele. Eu gostaria que a inversão desses dois acontecimentos tivesse proporcionado algum benefício a Beardsley – a mim, não. Ajeitei o xale ao redor dos ombros e expirei com força, em seguida respirei fundo, esperando que o cheiro fresco dos pinheiros afastasse o fedor tenebroso de carne morta que parecia ter grudado nas mãos, nas roupas e no nariz.

Os cavalos estavam inquietos, batendo as patas no chão, balançando a crina, querendo partir. Eu os entendia. Incapaz de me controlar, olhei para trás mais uma vez. Seria difícil imaginar uma imagem mais desoladora. Mais

difícil ainda de imaginar era a ideia de ficar ali, sozinha.

Evidentemente, a sra. Beardsley *tinha* imaginado isso, e chegado a conclusões parecidas. Naquele momento, ela saiu do celeiro, com o filhote nos braços, e anunciou que partiria conosco. Evidentemente, as cabras também iriam. Ela me deu o animal e entrou no celeiro de novo.

O cabrito era pesado e estava meio sonolento, com as articulações pequenas e flexíveis encolhidas. Exalou ar quente sobre a minha mão, em seguida a mordiscou suavemente para ver do que eu era feita e emitiu um ruído baixinho de satisfação, relaxando, inerte e tranquilo, contra o meu corpo. Um ruído mais alto e um toque na minha coxa indicaram a presença da mãe do filhote, de olho nele.

– Bem, ela não pode deixá-los aqui – murmurei para Jamie, que resmungava no escuro atrás de mim. – Elas têm que ser ordenhadas. Além disso, não é um caminho muito longo, é?

– Você sabe a que velocidade uma cabra anda, Sassenach?

– Nunca tive a oportunidade de observar – respondi, ajeitando meu pacotinho de pelos. – Mas não acho que elas seriam muito mais lentas do que os cavalos no escuro.

Ele emitiu um som gutural escocês, mais expressivo do que o normal devido ao catarro na garganta. Tossiu.

– Você parece péssimo – falei. – Quando chegarmos, vou usar a gordura mentolada de alce em você, meu rapaz.

Ele não se opôs, o que me alarmou, pois indicava uma séria depressão de sua vitalidade. Antes que eu pudesse dizer mais alguma coisa sobre sua saúde, no entanto, fui interrompida pela sra. Beardsley, que saía do celeiro trazendo seis cabras, amarradas como um grupo de condenados jovialmente inebriados.

Jamie olhou para a procissão com desconfiança, suspirou resignado e virou-se para analisar os problemas de logística. Não havia possibilidade de colocar a sra. Beardsley sobre Gideon, o Canibal. Jamie olhou para mim e para o corpanzil da sra. Beardsley, e em seguida para o corpo pequeno da minha égua, um pouco maior do que um pônei, e tossiu.

Depois de pensar um pouco, ele colocou a sra. Beardsley sobre a sra. Piggy, com o filhote sonolento aninhado na frente dela. Eu iria com ele,

montada na cernelha de Gideon, teoricamente impedindo qualquer tentativa da parte do animal de me atirar no chão. Ele enrolou uma corda ao redor do pescoço do bode e a amarrou na sela da égua, mas deixou as cabras soltas.

– A mãe vai ficar com o filhote, e as outras vão seguir este bode – disse ele. – As cabras são criaturas sociáveis; elas não vão querer desviar do caminho sozinhas. Ainda mais à noite. Xô! – exclamou ele, empurrando um focinho curioso para longe de seu rosto quando se abaixou para checar a correia na barriga do cavalo. – Acho que porcos seriam piores. Eles, sim, andam como querem.

– Ele se levantou, dando um tapinha na cabeça de um dos animais.

– Se acontecer alguma coisa, solte imediatamente – disse ele à sra. Beardsley, mostrando a ela o meio laço amarrado na sela perto da mão dela. – Se o cavalo sair correndo com vocês, seu pequeno vai ser enforcado.

Ela assentiu, o corpo curvado no lombo do cavalo, e então ergueu a cabeça e olhou na direção da casa.

– É melhor partirmos antes que a lua aponte – disse ela, baixinho. – É quando ela *aparefe*.

Senti um arrepio na espinha e Jamie virou a cabeça para olhar para a casa escura. O fogo da lareira tinha se apagado, e ninguém havia pensado em fechar a porta; o vão aberto parecia a órbita vazia de um olho.

– Ela *quem?* – perguntou Jamie, com a voz um pouco alterada.

– Mary Ann – respondeu a sra. Beardsley. – Ela foi a última. – Não havia nenhuma ênfase na voz dela; ela parecia uma sonâmbula.

– A última *o quê?* – perguntei.

– A última *esposa* – respondeu ela, e em seguida pegou as rédeas. – Ela fica embaixo da *forveira-brava* quando a lua *aparefe*.

Jamie virou a cabeça na minha direção. Estava escuro demais para ver sua expressão, mas eu não precisava. Limpei a garganta.

– Será que é melhor... fecharmos a porta? – sugeri.

O espírito do sr. Beardsley provavelmente já tinha ido embora àquela altura, e mesmo que a sra. Beardsley não tivesse interesse na casa e no que havia dentro dela, não parecia certo deixá-la à mercê de guaxinins e esquilos, sem falar de algum animal maior que poderia acabar sendo atraído pelo

cheiro da partida do sr. Beardsley. Por outro lado, eu não tinha a menor vontade de me aproximar da casa vazia.

– Suba no cavalo, Sassenach.

Jamie atravessou o quintal, bateu a porta com um pouco mais de força do que o necessário, e então voltou – caminhando depressa – e subiu na sela atrás de mim.

– Upa! – exclamou ele e partimos, o brilho da meia-lua na copa das árvores.

Estávamos a cerca de 400 metros do início da trilha, o solo subindo a partir do vale onde ficava a fazenda dos Beardsleys. Avançávamos devagar, por causa das cabras, e eu observava a grama e os arbustos enquanto passávamos por eles, pensando se pareciam mais visíveis apenas porque os meus olhos estavam se adaptando ao escuro – ou porque a lua havia subido.

Eu me sentia bastante segura, com o corpo forte do cavalo me levando, o balido sociável das cabras ao redor e a presença igualmente confortante de Jamie atrás de mim, com um braço envolvendo minha cintura. Mas não tinha certeza de que me sentia segura o suficiente para me virar e olhar para trás de novo. Ao mesmo tempo, a vontade de olhar era muito forte, quase maior do que o medo que eu sentia em relação ao lugar. Quase.

– Não é realmente uma sorveira-brava, é? – disse Jamie baixinho atrás de mim.

– Não – respondi, segura com o braço forte me envolvendo. – É uma cinza-da-montanha. Mas é muito parecida.

Eu já tinha visto cinzas-da-montanha muitas vezes antes; os escoceses costumavam plantá-las perto de cabanas ou casas porque os galhos repletos de frutos cor de laranja e as folhas pinuladas de fato a faziam parecer a sorveira-brava da Escócia – uma parente botânica próxima. Concluí que o comentário de Jamie não tinha a ver com uma minuciosa observação taxonômica, mas sim com uma dúvida sobre se as cinzas-da-montanha tinham as mesmas propriedades repelentes, em termos de proteção contra o mal e contra encantamentos. Ele não tinha escolhido enterrar Beardsley embaixo daquela árvore nem por estética nem por conveniência.

Apertei sua mão coberta de bolhas, e ele me beijou no topo da cabeça.

Ao fim do caminho, olhei para trás, mas não vi nada além de um brilho

fraco vindo do telhado velho da casa. A cinza-da-montanha e o que quer que houvesse – ou não – embaixo dela estava escondida no escuro.

Gideon estava bem-comportado, o que era incomum, e tinha emitido apenas um grunhido de protesto por duas pessoas estarem montadas nele. Na verdade eu achava que ele também estava feliz por sair daquela propriedade. Eu disse isso, mas Jamie desdenhou e expressou sua opinião de que o malvado estava apenas dando um tempo enquanto planejava uma nova afronta.

As cabras pareciam dispostas a encarar a viagem noturna como uma diversão e seguiam com muito interesse, comendo grama seca, chocando-se umas com as outras e com os cavalos, em geral soando como uma manada de elefantes pisoteando a vegetação rasteira.

Senti um grande alívio por finalmente deixar a casa de Beardsley. Quando os pinheiros encobriram a visão do vale, desviei com determinação minha mente dos acontecimentos perturbadores do dia e comecei a pensar no que poderia estar nos aguardando em Brownsville.

– Espero que Roger tenha se virado bem – falei, recostando-me no peito de Jamie com um suspiro.

– Humm.

Por minha longa experiência, diagnostiquei aquele som encatarrado como indicativo de uma educada concordância com os meus sentimentos, o que encobria uma completa indiferença em relação à realidade. Ou ele não via motivos para se preocupar, ou acreditava que Roger não tinha opção.

– Espero que ele tenha encontrado um lugar onde se hospedar – falei, pensando que esse comentário seria recebido com um pouco mais de entusiasmo. – Seria ótimo ter comida quente e uma cama limpa.

– Hum.

Esse som tinha certo humor misturado a uma desconfiança nata, nutrida por uma longa experiência, em relação à existência de coisas como comida quente e camas limpas no interior da Carolina.

– As cabras parecem estar seguindo bem – falei e esperei, ansiosa.

– Hum. – Concordância relutante misturada a uma profunda desconfiança quanto à continuidade do bom comportamento por parte das cabras.

Eu estava formulando outra observação, na esperança de que ele fizesse aquilo de novo – três vezes eram o recorde até então –, quando Gideon de repente fez jus à desconfiança de Jamie virando a cabeça com um resfolegar e empinando.

Eu fui de encontro ao peito de Jamie, batendo a cabeça no osso de seu ombro com um baque que me fez ver estrelas. O braço dele me deixou sem ar quando ele puxou as rédeas com uma das mãos, gritando.

Eu não fazia ideia do que ele estava dizendo, nem se ele estava gritando em inglês ou gaélico. O cavalo estava resfolegando, empinando e escavando o solo com as patas, e eu tentava me segurar a qualquer coisa, crina, sela, rédeas... Um galho raspou meu rosto e me cegou. Um pandemônio se instalou; houve gritos e balidos e um barulho de tecido rasgado e então algo me atingiu com força e me fez voar pela escuridão.

Eu não tinha desmaiado, mas não fazia muita diferença. Eu estava estendida sobre um arbusto, me esforçando para respirar, sem conseguir me mexer, incapaz de ver coisa alguma além de umas poucas estrelas no céu acima.

Eu ouvia uma algazarra infernal em algum ponto a pouca distância de onde eu estava, dominada por um coro de cabras em pânico, pontuada pelo que pensei serem os gritos de uma mulher. Os gritos de duas mulheres.

Balancei a cabeça, confusa. Então, fiquei de quatro e comecei a engatinhar, depois de identificar tardiamente o que estava produzindo aquele barulho. Eu já havia ouvido panteras gritando com frequência, mas sempre a uma distância segura. Aquela não estava nem um pouco distante. O ruído de tecido se rasgando que eu ouvira antes tinha sido o grunhido de um felino grande, muito perto.

Esbarrei em um grande tronco caído e rolei por baixo dele, enfiando-me na pequena abertura tanto quanto consegui. Não era o esconderijo ideal, mas poderia ao menos impedir que alguma coisa pulasse de uma árvore em cima de mim.

Eu ainda conseguia ouvir Jamie gritando, apesar de o tom de seus comentários ser de uma fúria rouca. As cabras tinham parado de balir quase totalmente – será que o felino tinha matado todas elas? Eu tampouco ouvia a sra. Beardsley, mas os cavalos estavam em polvorosa, relinchando e

batendo as patas.

Senti o coração bater com força contra o chão coberto de folhas e uma gota gelada de suor percorrer minha mandíbula. Nada invocava tanto terror quanto o medo primitivo de ser comido, e eu compreendia os animais totalmente. Ouvi um barulho no arbusto próximo de mim e Jamie gritando meu nome.

– Aqui – falei, sem querer sair do meu refúgio até saber exatamente onde a pantera estava ou até ter certeza de que ela não estava perto de mim.

Os cavalos tinham parado de relinchar, apesar de ainda resmungarem e baterem as patas, barulho suficiente para indicar que nenhum dos dois tinha fugido nem se tornado presa de nosso visitante.

– Aqui! – gritei um pouco mais alto.

Mais estrépito perto de mim. Jamie cambaleou na escuridão, agachou-se e passou a mão por baixo do tronco até encontrar meu braço, que ele segurou.

– Você está bem, Sassenach?

– Não me dei ao trabalho de checar, mas acho que sim – respondi.

Saí com cuidado de baixo do tronco, me examinando. Hematomas aqui e ali, cotovelos ralados e uma sensação de formigamento onde o galho havia acertado meu rosto. Basicamente, estava tudo bem.

– Ótimo, venha depressa, ele está machucado. – Ele me levantou e começou a me empurrar no escuro com a mão na base das minhas costas.

– Quem?

– O bode, claro.

Meus olhos estavam bem adaptados ao escuro a essa altura, e eu vi as sombras grandes de Gideon e da égua embaixo de um álamo sem folhas, crinas e caudas se agitando. Uma forma menor que pensei ser a sra. Beardsley estava agachada ali perto, sobre algo no chão.

Senti o cheiro de sangue e o fedor forte do bode. Eu me agachei e estiquei o braço, tocando os pelos duros e quentes. O bode se retraiu ao meu toque, com um “méééé” alto que de alguma forma me tranquilizou. Ele poderia estar ferido, mas não estava morrendo – pelo menos ainda não; o corpo sob minhas mãos era forte e vigoroso, com músculos retesados.

– Onde está a pantera? – perguntei, localizando a firmeza dos chifres e

correndo a mãos depressa pela espinha, pelas costelas e pelos flancos. O bode não gostou e se remexeu sem parar sob as minhas mãos.

– Ela se foi – disse Jamie, agachando-se também e colocando a mão na cabeça do bode. – Pronto, *a bhalaich*. Está tudo bem. *Seas, mo charaid*.

Eu não tinha apalpado nenhum ferimento aberto no corpo do bode, mas sentia o cheiro de sangue; um cheiro quente e metálico que perturbava o ar límpido da mata. Os cavalos também sentiam; eles se vergavam e se movimentavam inquietos no escuro.

– Tem certeza de que ela se foi? – perguntei, tentando ignorar a sensação de olhos me observando por trás. – Sinto cheiro de sangue.

– Sim, mas pegou uma das cabrinhas. – Ele se ajoelhou ao meu lado, pousando a mão grande no pescoço do bode. – A sra. Beardsley soltou o bode corajoso, e ele foi para cima da pantera. Não consegui ver tudo, mas acho que a criatura deve tê-lo acertado. Eu a ouvi guinchar e cuspir, e o bode deu um grito nesse momento também. Acho que pode ter quebrado a perna.

Estava quebrada. Com essa orientação, encontrei a fratura com facilidade, no úmero da pata dianteira direita. A pele não estava rasgada, mas o osso estava partido; eu podia sentir o deslocamento das pontas. O bode bateu os chifres no meu braço quando toquei a perna. Os olhos dele estavam arregalados e revirados, com as pupilas visíveis, mas sem cor à luz fraca da lua.

– Podemos curá-lo, Sassenach? – perguntou Jamie.

– Não sei.

O bode ainda estava se debatendo, mas os movimentos se tornavam perceptivelmente mais fracos conforme o choque se instalava. Mordi o lábio, procurando a pulsação entre a pata e o corpo. A lesão em si provavelmente podia ser curada, mas o choque era um perigo grande; eu já tinha visto muitos animais – e algumas pessoas – morrerem rapidamente depois de um incidente traumático, em decorrência de lesões que não eram fatais em si.

– Não sei – repeti. Meus dedos encontraram os batimentos, finalmente; estavam muito acelerados, fortes. Eu estava tentando pensar nas possibilidades de intervenção, todas muito rústicas. – Ele pode morrer, Jamie, mesmo que eu conserte a pata. Você acha que devemos sacrificá-lo?

Ele seria muito mais fácil de carregar como carne.

Jamie acariciou o pescoço do bode com cuidado.

– Seria uma grande pena, ele é uma criatura tão linda.

A sra. Beardsley riu disso, um riso nervoso, como o de uma menina, saindo do escuro perto de Jamie.

– O nome dele é Hiram – disse ela. – É um bom menino.

– Hiram – repetiu Jamie, ainda acariciando o bode. – Bem, Hiram. *Courage, mon brave*. Você vai conseguir. Tem bolas do tamanho de melões.

– Bem, caquis, talvez – falei, depois de encontrar os testículos em questão enquanto o examinava. – Mas bastante respeitáveis, tenho certeza – acrescentei, inspirando rapidamente. A glândula de almíscar de Hiram trabalhava sem parar. Até mesmo o cheiro forte e ferroso do sangue ficava em segundo plano.

– Eu estava falando de modo figurado – me informou Jamie de um jeito seco. – Do que vai precisar, Sassenach?

Evidentemente, a decisão tinha sido tomada; ele já estava se levantando.

– Tudo bem – respondi, afastando os cabelos com as costas da mão. – Encontre alguns galhos retos, com cerca de 30 centímetros, sem ramos, e pegue uma corda que está no alforje. Depois pode me ajudar aqui – falei, tentando segurar meu paciente. – Parece que Hiram gosta de você. Sem dúvida, reconhece uma alma gêmea.

Jamie riu, um som baixo e confortante. Ficou de pé depois de acariciar as orelhas de Hiram e saiu, voltando momentos depois com os itens requisitados.

– Muito bem – falei, tirando uma das mãos do pescoço de Hiram para poder pegar os galhos. – Vou fazer uma tala. Teremos que carregá-lo, mas a tala vai impedir que a perna se flexione ou que a lesão se agrave. Ajude-me a colocá-lo de lado. – Hiram, por orgulho de macho ou por teimosia, se é que eram duas coisas diferentes –, ficava tentando se levantar, mesmo com a perna quebrada. No entanto, a cabeça balançava de modo assustador, pois os músculos de seu pescoço se enfraqueciam, e o corpo se debatia de um lado para outro. Ele arranhou debilmente o chão e então parou, ofegante.

A sra. Beardsley se inclinou sobre o meu ombro, com o filhote ainda nos braços. Ele baliu baixinho, como se tivesse acordado de repente de um

pesadelo, e Hiram respondeu com um “mээ” alto.

– Tive uma ideia – murmurou Jamie.

Ele se levantou de repente e pegou o filhote da sra. Beardsley. Então, ajoelhou-se de novo, empurrando o bichinho para perto de Hiram. O bode parou de fazer esforço, abaixando a cabeça para cheirar o filhote, que chorou, empurrando o focinho contra o corpo do grande bode, e uma língua comprida e melosa saiu da boca, lambendo a minha mão enquanto procurava a cabeça do filhote.

– Aja depressa, Sassenach – sugeriu Jamie.

Eu não precisava que ele me lembrasse disso e, em poucos minutos, a pata estava estabilizada, a tala coberta com um dos vários xales que a sra. Beardsley parecia estar usando. Hiram havia se acalmado, gemendo e grunhindo de vez em quando, mas o filhote ainda baliava alto.

– Onde está a mãe dele? – perguntei, embora não precisasse ouvir a resposta.

Eu não entendia muito de bodes, mas sabia o suficiente sobre mães e filhotes para perceber que nada, a não ser a morte, impediria uma mãe de acudir um filhote que baliava daquela forma. Os outros bodes tinham voltado, atraídos pela curiosidade, com medo do escuro ou devido a um desejo simples de ter companhia, mas a mãe não aparecera.

– Pobre Beckie – disse a sra. Beardsley com tristeza. – Uma cabra tão boa...

Formas escuras se chocavam e se atropelavam; senti uma baforada de ar quente na minha orelha quando uma delas mordiscou meus cabelos e outra pisou na minha panturrilha, fazendo com que eu me assustasse enquanto patinhas raspavam minha pele. Não me esforcei para afastá-las; a presença daquele harém parecia estar fazendo muito bem a Hiram.

Coloquei os ossos da perna no lugar e a tala presa com firmeza sobre eles. Eu havia encontrado um bom ponto para medir a pulsação na base da orelha e a monitorava, com a cabeça de Hiram repousada no meu colo. Quando as outras cabras se aproximaram, cheirando seu corpo e emitindo sons, ele ergueu a cabeça de repente e se deitou de barriga para baixo, com a perna quebrada estendida à frente do corpo, toda enfaixada.

Ele se remexeu de um lado para o outro como um homem bêbado por

um momento, em seguida emitiu um “mééé” alto e se apoiou em três patas. Logo caiu de novo, mas o movimento alegrou a todos. Até mesmo a sra. Beardsley emitiu um gritinho animado diante do que viu.

– Muito bem. – Jamie ficou de pé e passou os dedos pelos cabelos, respirando fundo. – Agora.

– Agora *o quê?* – perguntei.

– Agora, preciso decidir o que fazer – disse ele, com um tom estranho.

– Não vamos para Brownsville?

– Podemos ir – respondeu ele. – Se a sra. Beardsley conhecer o caminho bem o suficiente para encontrarmos a trilha até as estrelas aparecerem. – Ele se virou para ela com expectativa, mas vi que ela balançou a cabeça em negativa.

Percebi que, na verdade, não estávamos mais na trilha – que de qualquer forma não passava de um estreito caminho através da floresta.

– Não podemos estar tão longe, não é? – Olhei ao redor, estreitando os olhos no escuro, como se uma placa iluminada pudesse indicar a posição do caminho. Na verdade, eu não fazia ideia da direção em que pudesse estar.

– Não – concordou Jamie. – E, sozinho, ousou dizer que acabaria por encontrá-la, mais cedo ou mais tarde. Mas não pretendo percorrer a floresta no escuro com todo esse grupo. – Ele olhou ao redor, evidentemente atento aos barulhos. Dois cavalos muito arredios, duas mulheres, uma delas bastante esquisita e possivelmente homicida, e seis cabras, duas incapazes de andar. Eu entendi o que ele queria dizer.

Jamie endireitou os ombros e os remexeu, como se quisesse ajeitar uma camisa justa.

– Vou dar uma olhada por aqui. Se encontrar o caminho, ótimo. Se não encontrar, vamos acampar esta noite – disse ele. – Vai ser mais fácil procurar a trilha durante o dia. Cuidado, Sassenach.

E, com um espirro final, ele entrou na mata, deixando-me a cargo dos outros, sãos e feridos.

Os gritos do filhote órfão estavam cada vez mais altos e angustiados; faziam os meus ouvidos doerem, e também o meu coração. A sra. Beardsley, por outro lado, havia ficado ligeiramente mais animada com a ausência de Jamie. Acho que tinha medo dele. Ela pegou uma das outras cabras, fazendo

com que ficasse de pé para que o órfão pudesse mamar. O filhote se mostrou relutante por um momento, mas a fome e a necessidade de se aquecer e de se sentir seguro foram mais fortes, e em poucos minutos ele estava se alimentando, com o rabinho abanando discretamente.

Fiquei feliz ao vê-lo, mas senti certa inveja; de repente, me lembrei de que não tinha comido nada o dia todo, estava com muito frio, exausta, com várias partes do corpo doloridas – e que, sem as complicações da sra. Beardsley e de suas companhias, eu já estaria segura em Brownsville há muito tempo, alimentada, aquecida e aconchegada diante de alguma lareira. Pousei a mão na barriga do filhote, arredondada e firme por causa do leite, e pensei, melancolicamente, que gostaria que alguém cuidasse de *mim*. Mas, naquele momento, eu parecia ser o Bom Pastor, e não havia o que fazer a respeito.

– *Fofê* acha que ela pode voltar? – A sra. Beardsley se agachou ao meu lado, o xale envolvendo os ombros largos. Falou com a voz baixa, como se tivesse medo de ser ouvida.

– O quê? A pantera? Não, acho que não. Por que voltaria? – Ainda assim, senti um arrepio percorrer o meu corpo enquanto pensava em Jamie, sozinho em algum lugar na escuridão. Hiram, com o ombro encostado na minha coxa, resmungou e em seguida deitou a cabeça no meu joelho com um longo suspiro.

– *Algumaf pefoas* dizem que *of gafof cafam* em *paref*.

– É mesmo? – Disfarcei um bocejo, não de enfado, apenas de fadiga. Pisquei na escuridão, uma letargia gelada tomando conta de mim. – Ah. Bem, acho que um bode de bom tamanho seria o suficiente para dois. Além disso... – Bocejei de novo e minha mandíbula estalou. – Além disso, os cavalos nos avisariam.

Gideon e a sra. Piggy estavam perto um do outro sob o álamo, sem mostrar sinais de agitação. Isso pareceu confortar a sra. Beardsley, que se sentou no chão em silêncio, com os ombros encolhidos como se estivesse sem ar.

– E como a senhora está se sentindo? – perguntei, mais por vontade de manter a conversa do que por um desejo real de saber.

– *Eftou felif* por estar indo embora daquele lugar – disse ela

simplesmente.

Eu entendia perfeitamente essa sensação; nossa situação naquele momento era, pelo menos, melhor do que ficar na casa dos Beardsleys, mesmo com uma pantera ou outra por perto. Ainda assim, isso não significava que eu estava ansiosa para passar muito tempo ali.

– A senhora conhece alguém em Brownsville? – perguntei. Eu não sabia qual era o tamanho do povoado, mas, pela conversa de alguns dos homens que tínhamos ouvido, parecia um vilarejo de tamanho razoável.

– Não. – Ela ficou em silêncio por um momento, e eu percebi que ela havia jogado a cabeça para trás, olhando para as estrelas e para a lua pacífica. – Eu... nunca estive em Brownsville – disse ela, quase timidamente.

Nem em nenhum outro lugar, era o que parecia. Ela contou a história de modo hesitante, quase animada, com um leve incentivo da minha parte.

Beardsley a havia comprado de seu pai e a levava, juntamente com outros produtos comprados em Baltimore, para sua casa, onde a mantinha como prisioneira, impedindo-a de sair ou de se mostrar a quem aparecesse. Deixada sozinha para cuidar da fazenda enquanto Beardsley viajava para as terras dos cherokees com seus produtos, ela não tinha contato com ninguém, apenas um garoto – que não fazia muita companhia, já que era surdo e não falava.

– É mesmo? – perguntei.

Durante os acontecimentos do dia, eu me esquecera de Josiah e de seu irmão gêmeo. Fiquei me perguntando se ela teria conhecido os dois ou apenas Keziah.

– Há quanto tempo a senhora veio para a Carolina do Norte? – perguntei.

– *Doif anof* – respondeu ela baixinho. – *Doif anof, tref mese e finco diaf.*

– Eu me lembrei das marcas na porta e me perguntei quando ela teria começado a contar. Desde o começo? Alonguei as costas, perturbando Hiram, que resmungou.

– Compreendo. A propósito, qual é o seu nome de batismo? – perguntei, me dando conta, tardiamente, de que não sabia.

– *Franfef* – respondeu ela, e em seguida, tentou de novo, sem gostar do som. – *Fran-cess* – e o final da palavra foi um sibilo pelos dentes quebrados.

Ela deu de ombros e riu, um som tímido, contido. – Fanny – disse ela. – Minha mãe me chamava de Fanny.

– Fanny – falei, incentivando-a. – É um nome muito bonito. Posso chamá-la assim?

– Eu... ficaria *felif* – concordou ela. Respirou fundo de novo, mas parou de falar, evidentemente tímida demais para dizer o que tinha em mente. Com o marido morto, ela parecia totalmente passiva, sem a força que a animara antes.

– Ah – falei, me dando conta com algum atraso. – Pode me chamar de Claire.

– Claire. Que bonito.

– Bem, pelo menos não tem nenhum “s” – falei sem pensar. – Ah, me perdoe!

Ela emitiu um *pff* como se dispensasse as minhas desculpas. Incentivada pela sensação de intimidade criada pela troca dos nomes – ou simplesmente pela necessidade de conversar, depois de tanto tempo –, ela me contou sobre a mãe, que havia morrido quando ela tinha 12 anos, sobre o pai, um pescador de caranguejos, e sobre sua vida em Baltimore, caminhando pela praia com a maré baixa para pegar ostras e mexilhões, observando a pesca e as embarcações de guerra entrarem em Fort Howard para subir até Patapsco.

– Era... *pafífico* – disse ela, um tanto saudosa. – Era tão aberto... nada além do *féu* e da água.

Ela jogou a cabeça para trás, como se desejasse ver um pedacinho do céu noturno por entre os galhos entrelaçados acima de nós. Acho que, apesar de as florestas nas montanhas da Carolina do Norte serem refúgio e um conforto para um escocês das Terras Altas como Jamie, elas podiam parecer claustrofóbicas para alguém acostumado com a costa de Chesapeake.

– Vai voltar para lá? – perguntei.

– Voltar? – Ela pareceu um tanto alarmada. – Ah, eu não... não tinha *penfado*...

– Não? – Eu havia encontrado um tronco contra o qual me recostar e me espreguicei levemente, para aliviar minhas costas. – Você deve ter reparado que seu... que o sr. Beardsley estava morrendo. Não fez planos?

Além da diversão de torturá-lo lentamente até a morte. De repente me

ocorreu que eu vinha me sentindo confortável demais com aquela mulher, sozinha no escuro com as cabras. Ela podia mesmo ter sido vítima de Beardsley, ou poderia apenas estar dizendo isso agora, para conseguir nossa ajuda. Eu me senti mal ao lembrar dos dedos queimados dos pés de Beardsley e do estado deplorável daquele lugar. Eu me endireitei um pouco e procurei a faca pequena que levava no cinto... só por garantia.

– Não.

Ela parecia meio assustada, e não era à toa. Eu estava atordoada, apenas por causa da emoção e fadiga. A ponto de quase perder o que ela falou em seguida.

– O que disse?

– Eu *dife*... Mary Ann não me *dife* o que eu tinha que fazer... *depoif*.

– Mary Ann – falei com cuidado. – Sim, e ela seria... a primeira sra. Beardsley, certo?

Ela riu e os pelos de meu pescoço se arrepiaram de uma maneira desagradável.

– Ah, não. Mary Ann foi a quarta.

– A... quarta – repeti, ligeiramente baixo.

– Ela foi a única que ele enterrou *job* a *forveira*-brava quando a lua *aparefeu* – disse ela. – Foi um erro. *Af outraf eftão* na mata. Acho que ele ficou preguiçoso; não queria andar tanto.

– Ah – falei, por falta de uma resposta melhor.

– Eu *dife*... Ela fica *job* a *forveira*-brava quando a lua *aparefe*. Quando eu a vi lá pela primeira *vef*, *penfei* que ela *estifefe* viva. Tinha medo do que ele poderia fazer, *fe* ele a *fife* ali *fozinha*, então fugi da casa para avisá-la.

– Entendi. – Meu tom de voz deve ter parecido meio desconfiado, pois ela virou a cabeça de repente para mim. Segurei a faca com mais força.

– Acredita em mim?

– Claro que sim – garanti a ela, tentando tirar a cabeça de Hiram do meu colo. Minha perna esquerda estava dormente devido à pressão do peso dele, e eu não sentia mais meu pé.

– *Pofo mofttrar a fofê* – disse ela, com a voz calma e firme. – Mary Ann me *dife* onde *elaf eftavam*... *af outraf*, e eu *af* encontrei. *Pofo mofttrar* onde

eftão enterradaf.

– Tenho certeza de que isso não será necessário – falei, flexionando os dedos para restaurar a circulação.

Se ela viesse na minha direção, colocaria o bode no caminho dela, rolaria e ficaria o mais rápido possível de quatro, gritando para Jamie. Onde estava ele?

– Então... hum... Fanny. Você está dizendo que o sr. Beardsley... – Percebi que também não sabia o nome dele, mas achei melhor manter minha relação com a memória dele formal, naquelas circunstâncias. – Que o seu marido *assassinou* quatro esposas? E ninguém sabia?

Não que alguém *fosse saber* necessariamente, pensei. A casa dos Beardsleys era muito isolada, e não era incomum que mulheres morressem em decorrência de acidentes, no parto ou simplesmente por trabalhar demais. Alguém devia saber que Beardsley havia perdido quatro esposas, mas era totalmente possível que ninguém se importasse com as circunstâncias em que isso havia acontecido.

– *Fim.* – Ela parecia calma, pensei; não perigosa, pelo menos. – Ele também teria me matado, *maf* Mary Ann o impediu.

– Como ela fez isso?

Ela respirou fundo e suspirou, acomodando-se no chão. Ouvi um balido baixo e sonolento em seu colo e notei que ela segurava o filhote de novo. Segurei a faca com menos força; ela não poderia me atacar com um cabrito no colo.

Ela me contou que saía para falar com Mary Ann sempre que a lua aparecia; a mulher fantasmagórica aparecia sob a sorveira-brava apenas entre a lua cheia e o quarto minguante, não na lua nova nem na crescente.

– Muito específico – murmurei, mas ela estava tão envolvida na história que não notou.

Isso se estendeu por alguns meses. Mary Ann contara a Fanny Beardsley quem ela era, informara o destino de suas antecessoras e o modo como havia morrido.

– Ele a enforcou – disse Fanny. – Eu *fi* a marca *daf mão* dele no *pefcofo* dela. Ela me *dife* que ele faria a *mefma* coisa comigo, um dia.

Uma noite, algumas semanas depois, Fanny teve certeza de que o momento havia chegado.

– Ele bebia muito rum, *fabe?* – ela explicou. – *Fempre ficafa agrefivo* quando bebia, e *defa vef...*

Tremendo de nervoso, ela havia derrubado a panela com o jantar, espalhando comida sobre ele, que se levantou com um rosnado, partindo para cima dela, que se virou e fugiu.

– Ele *eftava* entre mim e a porta – disse ela. – Corri para o *fótão*. *Penfei* que ele *eftaria* bêbado *demaif* para *fubir* a *efcada*, e ele *eftava*.

Beardsley tropeçou durante a investida e derrubou a escada. Enquanto se esforçava, murmurando e reclamando, para colocá-la no lugar, ele ouviu uma batida na porta.

Beardsley gritou para saber quem era, mas não teve resposta. Apenas mais uma batida na porta. Fanny havia se arrastado até a entrada do sótão e viu o rosto vermelho dele, olhando com os olhos arregalados para ela. A batida soou pela terceira vez. A língua dele estava enrolada demais por causa da bebida para que ele conseguisse falar com coerência; limitou-se a resmungar e erguer um dedo para alertá-la, e então se virou e caminhou em direção à porta. Ele a abriu, olhou para fora e gritou.

– Nunca ouvi um *fom* como aquele – disse ela, muito baixinho. – Nunca.

Beardsley se virou e correu, tropeçou em um banco e caiu de cara, em seguida se levantou, cambaleou até a escada e subiu por ela, pulando degraus e tentando agarrá-la, aos berros.

– Ele ficou gritando para que eu o *ajudafe*.

Havia uma nota estranha na voz dela; talvez apenas perplexidade por um homem daqueles lhe pedir ajuda, mas com um toque inquietante que eu achei que traía um prazer profundo e secreto na memória.

Beardsley havia chegado ao topo da escada, mas não conseguiu dar o passo final para o andar de cima. Seu rosto ficou pálido de repente, ele revirou os olhos e caiu desmaiado, de cara, em cima das tábuas, com as pernas penduradas.

– Não *confegui defer* com ele; *fó confegui* puxá-lo de volta para *fima*. – Ela suspirou. – E o *refto...* *fofê fabe*.

– Não exatamente – Jamie falou do meio da escuridão, perto do meu ombro, e eu me sobressaltei. Hiram resmungou incomodado, acordando.

– Há quanto tempo está aqui? – perguntei.

– Há tempo suficiente. – Ele se posicionou do meu lado e agachou-se com uma das mãos no meu braço. – E o que era na porta, então? – perguntou ele à sra. Beardsley. A voz não demonstrava mais do que um leve interesse, e sua mão apertava meu braço. Senti um leve arrepio. Realmente. O que era?

– Nada – disse ela simplesmente. – Não havia ninguém lá, que eu *consegui* ver. Mas... dá para ver a árvore daquela porta, e a lua *estava* no céu.

Fez-se um momento de silêncio. Por fim, Jamie passou a mão pelo rosto, suspirou e ficou de pé.

– Sim. Bem. Encontrei um lugar onde podemos nos abrigar esta noite. Ajude-me com o bode, Sassenach.

Estávamos em um terreno inclinado, com pedras e pequenos arbustos, o que deixava o caminho entre as árvores muito incerto no escuro, a ponto de eu cair duas vezes, conseguindo me equilibrar por sorte antes de quebrar o pescoço. Teria sido difícil caminhar à luz do dia; à noite, era quase impossível. Felizmente, o lugar encontrado por Jamie era bem próximo.

Era uma espécie de vale ao lado de uma encosta de terra seca, com uma vinha em más condições, coberta por palha. Antigamente, existia um riacho ali, e a água tinha arrancado um bom pedaço de terra da margem abaixo, deixando uma espécie de cobertura. Algo havia desviado o fluxo de água alguns anos antes, no entanto, e as pedras arredondadas do que tinha sido o leito do riacho estavam espalhadas e meio afundadas na terra mole; uma rolou para baixo quando pisei nela e eu caí, apoiada em um dos joelhos, chocando-o dolorosamente contra outra daquelas pedras demoníacas.

– Tudo bem, Sassenach? – Jamie ouviu minha exclamação e parou, virando-se na minha direção. Ele estava na encosta acima de mim, com Hiram nos ombros. De baixo, delineado contra o céu, ele parecia grotesco e meio assustador; uma figura com ombros curvos e monstruosos.

– Tudo bem – respondi, meio sem fôlego. – Tudo bem por aqui. Você está bem?

– Sim. Pode me ajudar? – Ele parecia muito mais ofegante do que eu. Caiu de joelhos, e eu me apressei para ajudá-lo a colocar Hiram no chão. Jamie ficou ajoelhado com uma das mãos apoiada no chão para se segurar.

– Espero que não seja muito difícil encontrar a trilha de manhã – falei, observando-o com ansiedade. A cabeça dele estava abaixada de exaustão, o ar sibilando em seu peito a cada respiração. Eu queria que ele estivesse em um lugar com fogo e comida, o mais rápido possível.

Ele balançou a cabeça e tossiu, limpando a garganta.

– Eu sei onde fica – disse ele e tossiu de novo. – É só que...

A tosse fez com que ele estremecesse vigorosamente, eu podia ver seus ombros tensos. Quando ele parou, pousei a mão em suas costas e senti um tremor constante percorrendo seu corpo; não um arrepio, apenas o tremor de músculos forçados além dos limites da força.

– Não consigo dar mais um passo, Claire – disse ele baixinho, como se estivesse com vergonha de admitir. – Estou acabado.

– Deite-se – falei, baixinho também. – Vou cuidar de tudo.

Houve certo atropelo e certa confusão, mas em meia hora, aproximadamente, todos já estavam mais ou menos acomodados, os cavalos amarrados e uma pequena fogueira tinha sido acesa.

Eu me ajoelhei para conferir meu paciente, que estava deitado de bruços, com a perna na tala esticada. Hiram, com as fêmeas reunidas ao redor dele no abrigo da encosta, emitiu um beligerante “mé!” e me ameaçou com os chifres.

– Desgraçado mal-agradecido! – exclamei e me afastei.

Jamie riu e então começou a tossir, os ombros tremendo com o espasmo. Ele estava encolhido de um lado da depressão na encosta, com a cabeça apoiada em um casaco dobrado.

– E quanto a você – falei, olhando para ele. – Eu não estava brincando a respeito da banha de alce. Abra sua capa, levante a camisa e faça isso agora.

Ele estreitou os olhos para mim e lançou um olhar na direção da sra. Beardsley. Escondi um sorriso diante da timidez dele, mas dei à sra. Beardsley a pequena chaleira que estava em meu saco de couro e pedi que ela fosse buscar água e mais lenha, e em seguida peguei o unguento mentolado.

A aparência de Jamie me assustou um pouco, agora que eu o analisava de perto. Estava pálido e com os lábios brancos, o contorno das narinas vermelho e os olhos tomados pela fadiga. Ele parecia muito doente, e soava pior, a respiração assoviando em seu peito a cada inspiração.

– Bem, acho que Hiram não morreria na frente de suas cabras, então você também não vai morrer na minha frente – falei com dúvida, enfiando o dedo na banha fragrante.

– Não vou morrer de jeito nenhum – disse ele, meio contrariado. – Só estou um pouco cansado. Estarei normal pela manhã... ah, Cristo, odeio isso!

Seu peito estava bem quente, mas eu achava que ele não estava com febre; era difícil saber, já que meus dedos estavam gelados.

Ele se remexeu, emitiu um forte “eee” e tentou se afastar. Eu o segurei com força pelo pescoço, apoiei um joelho em sua barriga e comecei a fazer o que tinha que fazer, mesmo sob protestos. Com o tempo, ele parou de resistir e se submeteu, rindo um pouco, espirrando e dando gritos curtos quando eu tocava um ponto especialmente sensível. As cabras acharam tudo muito divertido.

Em poucos minutos, passei o unguento e ele estava ofegante no chão, com a pele do peito e da garganta vermelhas devido à fricção e brilhando por causa da gordura, um cheiro forte de hortelã e cânfora no ar. Coloquei uma flanela grossa em seu peito, baixei a camisa e enrolei a capa ao redor de seu corpo, colocando um cobertor embaixo de seu queixo.

– Agora – falei com satisfação, limpando as mãos em um pano. – Assim que eu conseguir água quente, vamos beber um bom chá de marroio.

Ele abriu um olho com desconfiança.

– Vamos?

– Bem, você vai. Eu preferiria beber urina de cavalo.

– Eu também.

– Que pena. Ela não tem nenhum efeito terapêutico, até onde sei.

Ele resmungou e fechou os olhos. Respirou ofegante por um instante. Então ergueu a cabeça alguns centímetros, abrindo os olhos.

– A mulher já voltou?

– Não. Imagino que vá demorar um tempo para encontrar o riacho no

escuro. – Hesitei. – Você... ouviu alguma coisa do que ela estava me contando?

Ele balançou a cabeça, negando.

– Não tudo, mas o suficiente. Sobre Mary Ann?

– Sim, isso.

Ele resmungou.

– Você acreditou nela, Sassenach?

Não respondi de imediato; em vez disso, me demorei limpando a banha de alce de debaixo das minhas unhas.

– Acreditei na hora – falei por fim. – Mas agora... não tenho certeza.

Ele resmungou de novo, dessa vez aprovando.

– Não acho que ela seja perigosa – disse ele. – Mas fique com a faca preparada, Sassenach... e não dê as costas para ela. Vamos ficar de olho; acorde-me daqui a uma hora.

Ele fechou os olhos, tossiu e, sem mais delongas, adormeceu profundamente.

As nuvens estavam começando a passar na frente da lua, e um vento frio balançou a mata na encosta perto de nós.

– Acordá-lo em uma hora – murmurei, ajeitando-me em uma tentativa de conseguir o mínimo de conforto no chão cheio de pedras. – Sei. Até parece.

Eu me inclinei e coloquei a cabeça de Jamie no meu colo. Ele resmungou um pouco, mas não acordou.

– Fungadas – disse a ele de modo acusatório. – Até parece!

Eu remexi os ombros e me recostei, encontrando um pouco de apoio na parede do nosso abrigo. Apesar do aviso de Jamie, parecia desnecessário ficar de olho na sra. Beardsley; ela havia acendido a fogueira, depois se acomodara entre as cabras e, por ser de carne e osso e, portanto, estar exausta devido aos acontecimentos do dia, pegara no sono na mesma hora. Eu podia ouvi-la do outro lado do fogo, roncando pacificamente entre as fungadas e os resmungos de seus companheiros.

– E do que você acha que é feito? – perguntei para a cabeça pesada repousada na minha coxa. – Borracha vulcanizada?

Toquei os cabelos dele, meio sem querer, e os alisei com cuidado. Ele esboçou um sorriso com o canto da boca, em um ato de doçura surpreendente.

Foi embora tão depressa quanto veio, e eu olhei para ele surpresa. Não, ele não estava em sono profundo; sua respiração era difícil, mas constante, e as pálpebras de cílios meio ruivos estavam fechadas. Muito lentamente, acariciei a cabeça dele de novo.

Como eu esperava, o sorriso cintilou como uma chama e desapareceu. Ele suspirou profundamente, dobrou o pescoço para se aproximar e relaxou por completo, soltando o corpo.

– Ah, meu Deus, Jamie – falei baixinho enquanto lágrimas ardiam nos meus olhos.

Fazia anos que eu não o via sorrir enquanto dormia daquele jeito. Desde os primeiros dias depois do nosso casamento, na verdade – em Lallybroch.

Ele sempre sorria como um menininho, a irmã dele, Jenny, me dissera. *Acho que significa que ele está feliz.*

Meus dedos se afundaram nos cabelos macios e grossos da sua nuca, sentindo a curva sólida do seu crânio, o couro cabeludo quente e a linha fina como um fio de cabelo da antiga cicatriz que o atravessava.

– Eu também – sussurrei para ele.

CRIAS DE SATANÁS

A sra. MacLeod e seus dois filhos tinham ido ficar com a esposa de Evan Lindsay, e com a partida dos irmãos MacLeods com a milícia, além de Geordie Chisholm com seus dois filhos mais velhos, o tumulto na casa principal diminuiu significativamente. Não o suficiente, Brianna pensou, considerando que a sra. Chisholm continuava lá.

O problema não era tanto a sra. Chisholm; o problema eram os cinco filhos menores da sra. Chisholm, todos meninos e chamados – pela sra. Bug – de “crias de Satanás”. A sra. Chisholm, talvez compreensivelmente, não concordava com essa terminologia. Apesar de os outros moradores da casa serem menos diretos do que a sra. Bug ao dar suas opiniões, havia uma notável unanimidade entre eles. Meninos gêmeos de 3 anos *tinham* esse efeito, Brianna pensou, olhando para Jemmy com certo temor enquanto pensava no futuro.

Naquele momento, ele não estava dando nenhum sinal de uma possível revolta no futuro, já que estava meio adormecido no escritório de Jamie, para onde Brianna havia ido na esperança de ter 15 minutos de paz durante os quais pudesse escrever. Um temor residual de Jamie era o suficiente para manter os pestinhas fora dali a maior parte do tempo.

A sra. Bug havia informado a Thomas, de 8 anos, a Anthony, de 6, e a Toby Chisholm, de 5, que a sra. Fraser era uma bruxa renomada: uma Senhora Branca que, sem dúvida, os transformaria em sapos sem titubear – o que não seria uma grande perda para a sociedade, ela deu a entender – se acontecesse alguma coisa com o que havia dentro do seu consultório. Isso não os mantinha longe dali – pelo contrário; eles ficavam fascinados, mas, até aquele momento, pelo menos isso os impedira de quebrar muitas coisas.

O tinteiro de Jamie estava em cima da mesa; um frasco pequeno, fechado com uma rolha de bolota, com um jarro de barro com penas de peru perfeitamente afiadas ao lado. Brianna aprendera com a maternidade a aproveitar momentos fortuitos; ela aproveitou aquele, pegou uma pena, abriu a capa do pequeno diário no qual registrava o que acreditava serem seus relatos particulares.

Ontem à noite, sonhei que fazia sabão. Nunca fiz sabão, mas eu tinha esfregado o chão ontem, e o cheiro do sabão ainda estava nas minhas mãos quando fui dormir. Era um cheiro ruim, algo entre um odor ácido e o odor de cinzas, com um fedor horrível de gordura de porco, como algo que está morto há muito tempo.

Estava despejando água em uma chaleira de madeira de freixo para fazer lixívia, e elas se transformavam em lixívia assim que eu despejava a água. Grandes nuvens de fumaça amarela venenosa saíam da chaleira.

Papai me deu uma tigela grande de sebo para misturar com a lixívia, e havia dedos de bebê nela. Eu não me lembro de ter achado estranho... naquele momento.

Brianna estava tentando ignorar a série de barulhos vindos de cima, que davam a impressão de que várias pessoas estavam pulando na cama. O barulho cessou de repente, seguido por um grito agudo que, por sua vez, foi seguido pelo som de corpos se chocando e diversos outros gritos de tons variados.

Ela estremeceu e fechou os olhos com força, encolhendo-se ao ouvir o barulho que só aumentava. Mais um momento e eles estavam descendo a escada. Olhando para Jemmy, que havia acordado de repente, mas que não parecia assustado – meu Deus, ele estava se acostumando com aquilo, ela pensou –, ela pousou a pena e se levantou, suspirando.

O sr. Bug estava lá para cuidar da fazenda e dos animais e repelir ameaças físicas; o sr. Wemyss estava lá para cortar lenha, buscar água e manter a casa em ordem. Mas o sr. Bug era silencioso, e o sr. Wemyss, tímido; Jamie tinha deixado Brianna formalmente no comando. Portanto, ela era a juíza de todos os conflitos.

Abriu a porta do escritório e olhou para a confusão. A sra. Bug, com o rosto vermelho – como sempre – tomado pela acusação. A sra. Chisholm, da mesma maneira, tomada pela raiva que só uma mãe sabia sentir. A pequena sra. Aberfeldy, da cor de uma berinjela, segurava a filha de 2 anos, Ruth, de modo protetor contra o peito. Tony e Toby Chisholm estavam chorando e cobertos de ranho. Havia uma marca vermelha de mão no rosto de Toby; os cabelos finos da pequena Ruthie pareciam estar um pouco mais curtos de um lado que do outro. Todos começaram a falar de uma vez.

–... Selvagens!

–... O cabelo lindo do meu bebê!

– Ela começou!

–... Como ousa bater no meu filho?!

– Estávamos só brincando de cortar cabelo, senhora...

–... EEEEEEE!

–... e abriram um buraco no colchão de penas, os pestinhas!

– *Olhe* o que ela fez, a bruxa!

– *Olhe o que eles fizeram!*

– Olhe, senhora, é só...

– AAAAAAA!

Brianna saiu no corredor e bateu a porta atrás de si. Era uma porta sólida, e o barulho resultante interrompeu temporariamente a comoção. Do outro lado, Jemmy começou a chorar, mas ela resolveu ignorá-lo por hora.

Ela respirou fundo, preparou-se para se meter na confusão, mas então mudou de ideia. Não conseguia sequer pensar na discussão interminável que teria início se ela tivesse que lidar com o grupo todo. Dividir e conquistar era o único caminho.

– Estou *escrevendo* – disse ela, e olhou com os olhos semicerrados para cada um. – Algo importante. – A sra. Aberfeldy parecia impressionada; a sra. Chisholm, ofendida; a sra. Bug, assustada.

Ela assentiu com frieza para cada uma delas.

– Vou conversar com cada uma mais tarde. Entenderam?

Abriu a porta, entrou no escritório e fechou-a com cuidado diante dos três rostos de olhos arregalados, em seguida recostou-se ali, com os olhos fechados, soltando o ar que estivera segurando.

Do lado de fora, fez-se silêncio, em seguida um forte “humpf!” na voz da sra. Chisholm, e o barulho de passos se afastando – uns escada acima, outros em direção à cozinha, e os mais pesados para dentro do consultório do outro lado do corredor. Uma confusão de passinhos porta da frente afora anunciava que Tony e Toby estavam aproveitando para escapulir.

Jemmy parou de gritar quando a viu e começou a chupar o polegar.

– Espero que a sra. Chisholm não saiba nada sobre ervas – disse ela ao filho, sussurrando. – Tenho certeza de que a vovó guarda venenos ali. – Ainda bem que a mãe tinha levado a caixa de canivetes e bisturis, pelo menos.

Ela ficou parada por um momento, ouvindo. Nenhum som de vidro quebrado. Talvez a sra. Chisholm tivesse entrado no consultório apenas para evitar a sra. Aberfeldy e a sra. Bug. Brianna se sentou na cadeira de encosto reto perto da mesa pequena que seu pai usava. Ou talvez a sra. Chisholm estivesse à espreita, querendo que Brianna ouvisse suas lamentações assim que as outras saíssem de perto.

Jemmy estava deitado de costas com os pés levantados, esfacelando um pedaço de pão que havia encontrado em algum lugar. O diário dela havia caído no chão. Ao ouvir a sra. Chisholm sair do consultório, ela logo pegou a pena e um dos livros de registro da pilha em cima da mesa.

A porta se abriu alguns centímetros. Fez-se um momento de silêncio, durante o qual ela inclinou a cabeça, franzindo o cenho em exagerada concentração para a página a sua frente, rabiscando com uma pena sem tinta. A porta voltou a se fechar.

– Vaca! – praguejou ela, baixinho. Jemmy emitiu um som interrogativo, e ela olhou para ele. – Você não ouviu isso, está bem?

Jemmy emitiu mais um som e enfiou o restante da torrada na narina esquerda. Ela fez um movimento instintivo para tirá-la dele, mas se conteve. Não queria mais conflitos naquela manhã. Nem naquela tarde.

Ficou dando batidinhas com a pena escura na página enquanto pensava. Teria que fazer alguma coisa, e depressa. A sra. Chisholm podia ter encontrado a beladona mortal – e ela *sabia* que a sra. Bug tinha um cutelo.

A sra. Chisholm estava em vantagem no que dizia respeito ao peso, à altura e ao alcance, mas Brianna apostaria suas fichas na sra. Bug em termos

de perfídia e deslealdade. Quanto à pobre e pequena sra. Aberfeldy, ela ficaria presa no fogo cruzado, sendo crivada por ataques verbais. E a pequena Ruthie provavelmente estaria careca em menos de uma semana.

Seu pai teria resolvido a questão em dois tempos com seu charme e sua autoridade masculina. Ela emitiu um grunhido, divertindo-se com a ideia. Se ele dissesse a uma delas “venha!”, ela se deitaria aos pés dele, ronronando como o gato Adso. “Vá!”, ele diria à outra, e ela correria para a cozinha para pegar um prato de bolinhos amanteigados.

Sua mãe teria aproveitado a primeira desculpa para fugir da casa – cuidar de um paciente que morava longe ou sair para colher ervas medicinais –, deixaria que elas brigassem e se entendessem e voltaria só quando o estado de neutralidade tivesse sido restaurado. Brianna não tinha deixado de reparar no olhar de alívio da mãe ao montar na égua – e também no olhar de desculpas lançado à filha. Ainda assim, nenhuma dessas duas estratégias funcionaria com ela – ainda que a vontade de pegar Jemmy e partir para a montanha fosse bem forte.

Pela centésima vez desde que os homens tinham partido, ela desejou ter ido com eles. Imaginava-se montada em um cavalo, o ar frio e fresco em seus pulmões, e Roger ao seu lado, com o sol reluzindo em seus cabelos escuros, uma aventura desconhecida que eles enfrentariam juntos.

Ela sentia muita falta dele, como se fosse um ferimento aberto. Por quanto tempo ele ficaria longe, se houvesse uma batalha? Ela afastou esse pensamento, sem querer pensar no que viria depois; a ideia de que, se houvesse conflito, havia a possibilidade – por menor que fosse – de ele voltar doente ou ferido, ou de não voltar.

– *Não* vai chegar a esse ponto – disse ela firmemente, em voz alta. – Eles estarão de volta daqui a uma ou duas semanas.

Ela ouviu um barulho forte quando uma rajada de chuva gelada bateu na janela. O tempo estava esfriando; ia começar a nevar até a noite. Ela estremeceu, enrolando o xale nos ombros, e olhou para Jem a fim de ver se ele estava bem agasalhado. A bata estava enrolada na cintura, a fralda estava suja e uma meia tinha caído, deixando um pezinho pequeno e rosado à mostra. Ele parecia não notar, já que estava totalmente distraído balbuciando uma canção para os dedinhos nus que se flexionavam em

direção à cabeça.

Ela olhou para ele em dúvida, mas ele parecia bastante satisfeito – e o braseiro no canto *estava* irradiando um pouco de calor.

– Tudo bem – disse ela, e suspirou.

Tinha Jem, e isso bastava. O problema, portanto, era encontrar uma maneira de lidar com os Três Furacões antes que elas a enlouquecessem ou matassem uma à outra com o rolo de massa ou com a agulha de costura.

– Lógica – disse ela a Jemmy, endireitando-se na cadeira e apontando a pena para ele. – Deve existir uma maneira lógica. É como naquele problema em que você precisa levar um canibal, um missionário e um bode para o outro lado do rio em uma canoa. Preciso pensar a respeito.

Jem começou a tentar colocar o pé na boca suja de migalhas, apesar da falta de lógica do movimento.

– Você deve ter puxado ao papai – disse ela, de modo tolerante. Colocou a pena de volta no jarro e começou a fechar o livro, mas então se deteve, atraída pelo que estava escrito. Ver as anotações com a letra garranchada do pai ainda a deixava ligeiramente emocionada, e ela se lembrou da primeira vez que a vira – em um documento antigo, com a tinta marrom desbotada.

Aquela tinta já tinha sido clara, mas agora havia escurecido, a mistura da tinta ferrogálica adquirindo seu tom escuro e azulado devido à exposição ao ar por um ou dois dias.

Não era bem um livro de contabilidade, ela reparou, mas um de registro das atividades diárias da fazenda:

16 de julho – Recebi seis leitões desmamados do pastor Gottfried, em troca de duas garrafas de vinho moscatel e um machado. Coloquei-os no estábulo até crescerem o suficiente.

17 de julho – Uma das colmeias começou a enxamear à tarde e foi para dentro do estábulo. Felizmente, minha esposa recapturou o enxame, que colocou em uma batedeira de manteiga vazia. Ela diz que Ronnie Sinclair terá que fazer uma nova.

18 de julho – Carta da minha tia pedindo conselho sobre seu moinho em Grinder's Creek. Respondi, dizendo que vou verificar a situação

dentro de um mês. Carta enviada com R. Sinclair, que vai para Cross Creek com um carregamento de 22 barris, de cujo lucro vou receber a metade, como pagamento de dívidas relativas a ferramentas. Consegui deduzir o custo da nova bateadeira desse valor.

O fluxo de entradas era tranquilo, pacífico como os dias de verão que ele havia registrado. Ela sentiu o nó de tensão nos ombros começar a afrouxar, e sua mente começou a relaxar, pronta para encontrar uma maneira de sair das dificuldades.

20 de julho – A cevada no campo de baixo está alta, na altura das minhas meias compridas. Um bezerro saudável nasceu de uma vaca vermelha logo depois da meia-noite. Tudo está bem. Um dia excelente.

21 de julho – Fui à fazenda dos Muellers. Troquei um jarro de mel por tiras de couro em mau estado (mas podem ser remendadas). Cheguei em casa bem depois de escurecer, por ter visto movimento de peixes no lago perto de Hollis's Gap. Parei para pescar e peguei dez belas trutas. Comemos seis no jantar; o resto ficará para o café da manhã.

22 de julho – Meu neto teve uma assadura, mas minha esposa diz que não é nada de mais. A porca branca escapou do chiqueiro de novo e foi para a floresta. Estou em dúvida, sem saber se devo ir atrás dela ou apenas expressar solidariedade ao infeliz predador que for o primeiro a encontrá-la. O temperamento dela é parecido com o da minha filha no momento – ela dormiu pouco nas últimas noites...

Brianna se inclinou para a frente, franzindo o cenho para a página.

...porque o bebê não parava de chorar. Minha esposa diz que é por causa de cólicas e que vai passar. Eu acredito que ela esteja certa. Enquanto isso, instalei Brianna e o bebê na antiga cabana, o que é um certo alívio para nós dentro de casa, ainda que não seja para minha

pobre filha. A porca branca comeu quatro de seus filhotes, não consegui impedir.

– Seu *desgraçado!* – disse ela.

Ela conhecia bem a porca branca e não gostou da comparação. Jemmy, assustado com a mãe, parou de balbuciar, soltou a torrada e começou a entortar os lábios.

– Não, não, está tudo bem, querido. – Ela se levantou e o pegou no colo, balançando-o para acalmá-lo. – Shh, está tudo bem. A mamãe só está falando com o vovô, só isso. Você também não ouviu aquela palavra, está bem? Shh, shh.

Jemmy se acalmou, mas se inclinou para longe do colo dela, tentando pegar sua refeição enquanto emitia pequenos grunhidos de ansiedade. Ela se abaixou e a pegou, olhando para a torrada com aversão. A casca estava dura e molhada e, além disso, estava coberta por uma camada do que parecia ser pelos de gato.

– Credo. Você não quer isso, não é?

Era evidente que ele queria e foi convencido com dificuldade a aceitar um grande anel de ferro para touros – usado para conduzir os animais pelo nariz, ela notou com certa ironia. Jemmy levou o anel à boca e decidiu que o queria, aninhando-se no colo dela enquanto mordida o anel, o que permitiu que ela relesse a conclusão do registro ofensivo.

– Humm.

Ela se recostou, distribuindo o peso de Jemmy com mais conforto. Ele conseguia ficar sentado agora, apesar de ainda parecer incrível que seu pescoço mole conseguisse aguentar o peso da cabeça. Ela olhou para o caderno pensativa.

– Tive uma ideia – disse ela a Jemmy. – Se eu colocar a velha bru... ou melhor, a sra. Chisholm, na nossa cabana, conseguirei fazer com que ela e os monstros horríveis dela fiquem longe de todo mundo. E então... hum. A sra. Aberfeldy e Ruthie poderiam ficar com Lizzie e com o pai dela, se colocarmos a cama de baixo do quarto do papai e da mamãe lá. Os Bugs terão sua privacidade de volta, e a sra. Bug vai parar de ser uma velha

maldosa... quer dizer, acho que você e eu poderíamos dormir no quarto do papai e da mamãe, pelo menos até eles voltarem.

Ela detestava a ideia de ter que sair de sua cabana. Era sua casa, seu lugar privado, a casa de sua família. Poderia entrar e fechar a porta, deixar o furor para trás. Suas coisas estavam ali; o tear em construção, os pratos de peltre, o jarro de cerâmica que ela havia pintado – todos os objetos pequenos e caseiros com os quais ela havia transformado aquele lugar em seu espaço.

Além da sensação de posse e de paz, tinha uma sensação desconfortável de superstição em relação a sair dali. A cabana era a casa que Roger havia dividido com ela; deixá-la, por mais temporário que fosse, parecia admitir que ele poderia não voltar mais a viver ali.

Ela segurou Jemmy com mais força, mas ele a ignorou para poder se concentrar no brinquedo, as mãozinhas brilhando, cobertas de saliva.

Não, ela não queria abrir mão de sua casa. Mas *era* uma solução, e lógica. A sra. Chisholm concordaria? A cabana era mais rústica do que a casa principal e não tinha certas comodidades.

Ainda assim, tinha certeza de que a sra. Chisholm aceitaria a sugestão. Ela era o tipo de pessoa cujo lema era: “Melhor reinar no inferno do que servir no céu...” Apesar do problema, ela sentiu vontade de rir.

Esticou a mão e fechou o caderno, em seguida tentou colocá-lo de novo na pilha de onde o havia tirado. Mas, com uma das mãos e com Jemmy no colo, não conseguiu alcançar, e o livro escorregou, caindo de novo na mesa.

– Maldição – murmurou ela, e se inclinou na cadeira, inclinando-se para pegá-lo. Várias folhas soltas tinham caído, e ela as colocou de volta da maneira mais organizada que conseguiu com a mão livre.

Uma das folhas, uma carta, ainda tinha os restos de um selo preso a ela. Brianna viu a impressão de uma meia-lua sorridente e se deteve. Era o selo de lorde John Grey. Devia ser a carta que ele enviara em setembro, na qual descrevia suas aventuras caçando alces no Pântano Sombrio. Seu pai a havia lido para a família várias vezes – Lorde John era um correspondente bem-humorado, e a caça ao veado tinha sido tomada pelo tipo de problemas que sem dúvida eram desconfortáveis, mas que tornavam o relato muito pitoresco.

Sorrindo ao se lembrar, ela abriu a carta com o polegar, ansiosa para ler a

história de novo, mas descobriu que estava diante de algo totalmente diferente.

13 de outubro, Anno Domini 1770

Sr. James Fraser,

Cordilheira dos Frasers, Carolina do Norte

Meu caro Jamie,

Acordei hoje cedo com o som da chuva que tem caído sobre nós há uma semana e com o cacarejar baixo das galinhas, que vieram se empoleirar na armação da minha cama. Ao acordar sob a vigilância de vários olhinhos, fui fazer uma investigação sobre essa circunstância e me informaram que o rio subiu tanto sob o ímpeto da chuva recente que prejudicou tanto a casa das necessidades quanto o abrigo das galinhas. O que havia dentro deste foi salvo por William (meu filho, de quem você deve se lembrar) e por dois dos escravos, que enxotaram as aves desalojadas para longe dos destroços da inundação com vassouras. Não sei dizer de quem foi a ideia de colocar as vítimas penosas da inundação dentro do meu quarto, mas tenho algumas suspeitas.

Recorrendo ao meu urinol (gostaria que as galinhas usassem esse utensílio, pois são animais de uma incontidência lamentável), eu me vesti e fui ver o que podia ser salvo. Algumas tábuas e o telhado do galinheiro permanecem de pé, mas minha latrina se tornou propriedade do rei Netuno – ou de seja qual for a divindade menor das águas que presida um afluente tão modesto como o nosso rio.

Entretanto, peço-lhe que, por favor, não se preocupe; a casa fica a certa distância do rio e está seguramente localizada em uma elevação do terreno, de forma a nos manter seguros mesmo durante as maiores inundações. (A casa das necessidades tinha

sido construída ao lado da antiga casa, e ainda não tínhamos tentado uma nova estrutura mais conveniente; esse pequeno desastre, ao nos oferecer a necessária oportunidade de reconstrução, pode ter sido uma bênção.)

Brianna revirou os olhos diante do comentário, mas sorriu mesmo assim. Jemmy soltou o anel e começou a resmungar para que ela o pegasse. Ela se abaixou, mas parou no meio do caminho, atraída pelas palavras do começo do parágrafo seguinte:

Sua carta menciona o sr. Stephen Bonnet e pergunta se tenho notícias ou se sei dele. Eu me encontrei com ele, deve se lembrar, mas infelizmente não tenho lembranças desse encontro, nem sequer me lembro da aparência dele, embora, como saiba, eu tenha um buraco na cabeça como lembrança da ocasião. (Pode informar a sua esposa que me recuperei bem, sem mais nenhum sintoma de desconforto além de uma dor de cabeça de vez em quando. Isso à parte, a placa de prata com a qual a abertura foi coberta fica subitamente gelada quando o tempo esfria, o que costuma fazer meu olho esquerdo lacrimejar e causa grande fluxo de muco, mas isso não é problema.)

E como partilho do seu interesse pelo sr. Bonnet e suas atividades, há muito tenho feito perguntas a respeito dele aos meus conhecidos perto da costa, já que as descrições das maquinações dele me fazem crer que o homem provavelmente vai ser encontrado ali (essa é uma ideia confortante, devido à grande distância entre a costa e o seu remoto lar). Como o rio desemboca no mar, no entanto, pensei que os capitães do rio e os marinheiros que de vez em quando jantam comigo pudessem, em algum momento, me dar informação sobre o homem.

Não fico feliz em lhe informar que Bonnet ainda está entre os vivos, mas o dever e a amizade me obrigam a lhe contar tantas informações a respeito dele quantas obtiver. São poucas: o maldito parece saber de sua situação criminal, de forma que seus

movimentos têm sido sutis até agora.

Jemmy estava chutando e resmungando. Como em um transe, ela se abaixou, segurando-o no colo, e pegou o anel, os olhos ainda fixos na carta.

Eu tinha poucas notícias dele, exceto por um relatório em um dado momento segundo o qual ele havia voltado para a França – boas notícias. No entanto, duas semanas atrás, recebi um convidado, o capitão Liston (“capitão” não passa de um título de cortesia; ele diz que trabalha para a Marinha Real, mas aposto um barril do meu melhor tabaco [uma amostra do qual acompanha esta missiva – se não o receber, ficaria grato se me informasse a respeito, uma vez que não confio totalmente no escravo por meio de quem a enviei] que ele nunca sentiu nem sequer o cheiro da tinta de uma nomeação oficial, muito menos o fedor do porão de um navio), que me contou uma história mais recente – e muito desagradável – a respeito de Bonnet.

Ao se ver em liberdade no Porto de Charleston, Liston disse que se uniu a algumas companhias de aspecto duvidoso, que o convidaram para acompanhá-los a uma briga de galos, realizada no pátio interno de um estabelecimento chamado Devil’s Glass. No meio da gentalha, havia um homem notável por suas vestimentas elegantes, e pela liberdade com a qual gastava seu dinheiro – Liston soube que esse homem se chamava Bonnet e soube também, pelo senhorio, que esse Bonnet era o nome de um ladrão famoso nas ilhas costeiras, popular entre os mercadores das cidades litorâneas da Carolina do Norte, mas muito menos entre as autoridades, que não conseguiam lidar com o homem em razão dos negócios dele e da dependência das cidades de Wilmington, Edenton e New Bern de seu serviço.

Liston não se interessou muito por Bonnet (segundo ele) até uma altercação por causa de uma aposta relativa à rinha ter início. Palavras exaltadas foram trocadas, mas nada bastaria se a honra não fosse satisfeita pelo derramamento de sangue. De bom

grado, os espectadores começaram a apostar no resultado do combate humano, da mesma maneira que vinham apostando nas aves.

Um dos combatentes era o tal Bonnet, e o outro, o capitão Marsden, um capitão reformado do exército conhecido por meu convidado como um bom espadachim. O tal Marsden, sentindo-se ofendido, amaldiçoou os olhos de Bonnet e convidou o contrabandista a enfrentá-lo ali mesmo, uma oferta que ele aceitou de imediato. Os presentes apostaram em peso em Marsden, pois conheciam sua reputação, mas logo ficou claro que ele havia encontrado em Bonnet alguém à sua altura, ou quiçá superior a ele. Depois de alguns momentos, Bonnet conseguiu desarmar seu adversário e feri-lo tão gravemente na coxa que Marsden caiu de joelhos e se rendeu a seu oponente – sem ter escolha naquele momento, isso é certo.

Bonnet, contudo, não aceitou essa capitulação, e insistiu em realizar um ato de tamanha crueldade que deixou uma profunda impressão em todos que o testemunharam. Dizendo com grande frieza que não eram os olhos dele que estariam amaldiçoados, enfiou a ponta de sua arma nos olhos de Marsden, virando-a de modo a não apenas cegar o capitão, mas causar uma mutilação tal que o transformaria em objeto de grande horror e piedade para todos que o vissem.

Deixando seu inimigo mutilado e desmaiado em uma poça de sangue no pátio, Bonnet limpou sua lâmina na camisa de Marsden, embainhou-a e partiu – mas não sem antes pegar a bolsa de Marsden, que ele reclamou como pagamento por sua aposta original. Nenhum dos presentes teve coragem de impedi-lo, depois de um exemplo tão persuasivo do que ele era capaz de fazer bem na frente deles.

Reconto essa história para que saiba do último paradeiro conhecido de Bonnet e como um alerta a respeito de sua natureza

e de suas habilidades. Sei que já conhece bem a primeira, mas chamo sua atenção para as segundas, em consideração pelo seu bem-estar. Não que eu espere que uma palavra sequer do meu conselho bem-intencionado vá encontrar morada no seu coração, que já deve estar cheio de animosidade em relação ao homem, mas imploro que pelo menos esteja atento à menção de Liston às conexões de Bonnet.

Quando me encontrei com o homem, ele era um criminoso condenado, e não acho que desde então tenha prestado algum serviço à Coroa que lhe garantisse o perdão. Se ele está à vontade para se exhibir tão abertamente em Charleston – onde, anos atrás, ele escapou da força –, parece que não teme muito por sua segurança, e isso só pode significar que ele agora goza da proteção e do patrocínio de seus amigos poderosos. Você deve descobrir quem são e estar atento a eles, se quiser destruir Bonnet.

Continuarei minhas investigações a esse respeito e enviarei notícias assim que tiver mais informações. Enquanto isso, fique bem e pense de vez em quando em seu amigo que está ensopado e passando frio na Virgínia. Permaneço, com todos os melhores votos a sua esposa, a sua filha e a sua família.

Seu servo devotado,

John William Grey

Fazenda de Mount Josiah

Virgínia

Postscriptum: Estou à procura de um astrolábio, como me pediu, mas até agora não soube de nada que servisse ao seu propósito. Este mês, mandarei vir de Londres objetos diversos e ficarei feliz em encomendar um na Halliburton's na Green Street, cujos instrumentos são da mais alta qualidade.

Muito lentamente, Brianna voltou a se sentar na cadeira. Colocou as mãos de maneira delicada mas firme sobre as orelhas do filho e disse um palavrão bem feio.

ÓRFÃ DA TEMPESTADE

Adormeci recostada no barranco, com a cabeça de Jamie no meu colo. Sonhei de modo vívido como acontece quando estamos com frio e desconfortáveis. Sonhei com árvores; florestas sem fim e monótonas cheias de árvores, cada tronco, folha e agulha gravada do lado de dentro das minhas pálpebras, cada uma bem afiada, todas iguais. Olhos amarelos de cabra flutuavam no ar entre os troncos, e a madeira da minha mente estremecia com os gritos de panteras e o choro de crianças sem mãe.

Acordei de repente, com os ecos dos gritos deles ainda ressoando nos meus ouvidos. Estava deitada em um monte de capas e cobertores, os membros de Jamie pesando sobre os meus, e uma neve fina e gelada caindo sobre os pinheiros.

Pedacinhos de gelo cobriam-me as sobrancelhas e os cílios, e meu rosto estava frio e molhado por causa da neve derretida. Momentaneamente desorientada, estiquei o braço em um reflexo para tocar Jamie; ele se remexeu e tossiu forte, seu ombro tremendo sob a minha mão. O som da tosse trouxe de volta os acontecimentos do dia anterior – Josiah e seu irmão gêmeo, a propriedade dos Beardsleys, os fantasmas de Fanny; o fedor de imundície e gangrena e o cheiro mais limpo de pólvora e terra molhada. O balido de cabras, ainda ecoando dos meus sonhos.

Um grito agudo foi carregado por um sopro de neve, e eu me sentei abruptamente, afastando os cobertores e levantando uma nuvem de flocos de neve. Não era uma cabra. Não mesmo.

Acordando assustado, Jamie fez um movimento brusco, rolou instintivamente para longe do monte de capas e cobertores e se agachou, com os cabelos despenteados e os olhos à procura do perigo.

– O que foi? – perguntou ele, rouco. Pegou sua faca que estava embainhada próxima dele, no chão, mas eu levantei uma das mãos para impedi-lo de se mover.

– Não sei. Um barulho. Ouça!

Ele ergueu a cabeça, ouvindo, e eu vi sua garganta se movimentar dolorosamente quando ele engoliu em seco. Eu não conseguia ouvir nada além da neve caindo e não via nada além dos pinheiros gotejantes. Mas Jamie ouviu alguma coisa – ou viu; seu rosto mudou de repente.

– Ali – disse ele baixinho, assentindo para algo atrás de mim. Eu fiquei de joelhos e vi algo que parecia um monte de trapos a alguns metros dali, ao lado das cinzas de uma fogueira extinta. Ouvi o grito de novo, inconfundível dessa vez.

– Jesus Cristo. – Eu mal me dei conta de que estava falando quando me lancei em direção à trouxa de panos. Comecei a afastar peça por peça. Estava vivo – eu o ouvira gritar –, mas ao mesmo tempo estava inerte, quase sem fazer peso na curva do meu braço.

O rostinho e o crânio sem cabelos estavam branco-azulados, os traços crestados como a casca de uma fruta de inverno. Pousei a mão aberta sobre o nariz e a boca e senti um calor leve e úmido contra a minha pele. Sobressaltado com meu toque, a boca se abriu em um berro, e os olhos oblíquos se fecharam com força, isolando do lado de fora o mundo ameaçador.

– Santo Deus. – Jamie se benzeu depressa. Sua voz não passava de um sussurro rouco por causa do catarro; ele pigarreou e tentou de novo, olhando ao redor. – Onde está a mulher?

Chocada com o aparecimento do bebê, eu não tinha parado para pensar de onde ele poderia ter vindo, nem havia tempo para isso agora. O bebê se remexeu um pouco nos panos, mas as mãozinhas estavam frias como gelo, a pele azulada e roxa de frio.

– Não importa agora... pegue o meu xale, Jamie. O coitadinho está quase congelando. – Desamarrei com uma das mãos os laços do meu corpete; era um antigo modelo que se abria na frente e que eu usava em viagens porque era mais fácil de vestir. Afrouxei o espartilho, o cordão do meu vestido e pressionei a criaturinha gelada contra meus seios nus, minha pele ainda

quente do sono. Uma rajada de vento soprou neve na pele exposta do meu pescoço e dos meus ombros. Puxei o vestido depressa por cima da criança e me curvei, tremendo. Jamie jogou o xale sobre os meus ombros e em seguida nos envolveu, abraçando-nos com força, como se quisesse forçar o calor de seu corpo para dentro da criança.

Seu calor era considerável; ele estava ardendo em febre.

– Meu Deus, você está bem? – Olhei para ele, que estava com o rosto pálido e os olhos vermelhos, mas firme.

– Sim, estou. Cadê ela? – perguntou de novo, rouco. – A mulher.

Ela havia partido, evidentemente. As cabras estavam unidas sob o abrigo na margem; vi os chifres de Hiram aparecendo acima das costas das cabras. Uma meia dúzia de pares de olhos amarelos nos observava com interesse, lembrando-me dos meus sonhos.

O lugar onde a sra. Beardsley havia se deitado estava vazio; nada além do mato amassado como prova de sua presença. Ela devia ter se afastado para poder dar à luz; não havia sinal do parto perto do fogo.

– É dela? – perguntou Jamie. Eu ainda podia ouvir a congestão em sua voz, mas o leve sibilo em seu peito havia diminuído, o que era um alívio.

– Deve ser. De onde mais ele poderia ter saído?

Minha atenção estava dividida entre Jamie e a criança, que havia começado a se remexer, com movimentos como os de um caranguejo contra minha barriga, mas olhei ao redor de nosso acampamento improvisado. Os pinheiros permaneciam escuros e silenciosos sob a neve que caía; se Fanny Beardsley tivesse entrado na floresta, não havia rastros de agulhas amassadas que evidenciassem sua passagem. Cristais de neve cobriam os troncos das árvores, mas não em quantidade suficiente para cobrir o chão; não havia chance de encontrarmos pegadas.

– Ela não pode ter se afastado muito – falei, virando o pescoço para espiar por cima do ombro de Jamie. – Ela não levou nenhum dos cavalos.

Gideon e a sra. Piggy estavam próximos um do outro sob uma espruce, com as orelhas abaixadas devido ao frio, a respiração formando nuvens de vapor ao redor deles. Ao nos ver, Gideon bateu a pata e resmungou, mostrando grandes dentes amarelos em um pedido impaciente por comida.

– Está bem, seu velho rabugento, estou indo. – Jamie abaixou os braços e

deu um passo para trás, passando os nós dos dedos embaixo do nariz. – Ela não poderia levar um cavalo se quisesse fugir em segredo. Se tivesse pegado um dos cavalos, o outro teria feito barulho e me despertado. – Ele colocou a mão delicadamente sobre o montinho no meu colo. – Vou precisar alimentá-los. Ele está bem, Sassenach?

– Está se aquecendo – respondi. – Mas ele, ou ela, não sei, vai sentir fome também. – O bebê estava começando a se movimentar mais, remexendo-se de modo preguiçoso, como uma minhoca, abrindo a boquinha para o nada. A sensação era de uma familiaridade chocante; meu mamilo endureceu por reflexo e a pele de meu seio foi tomada por um arrepio quando a boquinha procurou e encontrou o bico, começando a sugar.

Dei um gritinho de surpresa, e Jamie ergueu a sobrancelha.

– Ele... hum... está com fome – falei, ajeitando-o em meu colo.

– Estou vendo, Sassenach – disse ele. Olhou para as cabras, ainda reunidas no abrigo da margem, mas começando a se mexer e se agitar com grunhidos sonolentos. – Ele não é o único com fome. Um momento, sim?

Nós havíamos trazido grandes redes de forragem da fazenda dos Beardsleys; ele abriu uma delas e espalhou a comida para os cavalos e para as cabras, depois voltou até mim. Inclinou-se para pegar uma capa no emaranhado úmido de cobertas e a colocou ao redor dos meus ombros, em seguida procurou uma cuia de madeira, com a qual se aproximou das cabras.

O bebê sugava com força, puxando o mamilo para dentro de sua boca. Aquilo era animador no que dizia respeito à saúde do recém-nascido, mas a sensação era bastante perturbadora.

– Não que eu me importe, de verdade – falei para a criança, tentando distrair nós duas –, mas receio *não* ser sua mãe. Me desculpe.

E onde diabos *estava* a mãe dele? Eu me virei lentamente em um círculo, procurando com mais calma, mas ainda assim não vi nenhum traço de Fanny Beardsley, muito menos do motivo de seu desaparecimento – ou do seu silêncio.

O que teria acontecido? A sra. Beardsley poderia ter escondido – e obviamente *tinha* feito isso – a gravidez avançada por baixo daquele monte

de gordura e roupas. Mas por que faria isso?

– Por que não nos contou? – pensei alto, falando por cima da cabeça do bebê. Ele estava ficando cada vez mais inquieto, e eu o balançava para acalmá-lo. Bem, talvez ela temesse que Jamie não a levasse conosco se soubesse que estava prestes a ter um bebê. Eu não a julgava por não querer ficar naquela casa, independentemente das circunstâncias.

Mas por que havia abandonado a criança? Será que a havia abandonado *mesmo*? Pensei por um momento na possibilidade de alguém ou alguma coisa – senti um arrepio na espinha ao pensar em panteras – ter aparecido e levado a mulher dali, mas meu bom senso descartou a ideia.

Um felino ou um urso podia ter entrado no acampamento sem acordar Jamie ou a mim, pois estávamos exaustos, mas não havia como ter chegado perto sem despertar as cabras e os cavalos, que já tinham todos lidado o suficiente com animais selvagens àquela altura. E uma fera procurando uma presa claramente preferiria uma carne macia como a da criança, em vez da carne dura da sra. Beardsley.

Mas, se um ser humano tivesse sido responsável pelo desaparecimento de Fanny Beardsley –, por que teria deixado a criança?

Ou, talvez, trazido a criança de volta?

Funguei profundamente para limpar o nariz, em seguida virei a cabeça, inspirando e expirando, farejando o ar de locais diferentes. Partos faziam sujeira, e eu conhecia bem os odores de um. A criança nos meus braços tinha um cheiro forte, mas eu não conseguia detectar vestígios de sangue ou de líquido amniótico no ar frio. Fezes de cabra e de cavalo, grama cortada, o cheiro amargo de cinzas de madeira e um toque de banha de alce canforada das roupas de Jamie – nada mais.

– Certo, então – falei em voz alta, balançando suavemente o bebê, que ficava cada vez mais inquieto. – Ela se afastou da fogueira para dar à luz. Ou ela foi sozinha, ou alguém a obrigou a ir. Mas se alguém a levou e viu que ela estava prestes a ter um filho, por que teria se dado ao trabalho de trazer o bebê de volta? Certamente, teria ficado com você, matado você ou simplesmente teria deixado que morresse. Ah, me desculpe. Não queria chateá-lo. Shh, querido. Calma, calma.

O bebê, começando a sair do estupor, já tivera tempo de concluir o que

mais estava faltando em seu mundo. Ele soltara meu seio, frustrado, e se remexia com uma força cada vez mais potente quando Jamie voltou com um copo de leite de cabra e um lenço moderadamente limpo. Torcendo-o para formar um bico improvisado, ele o mergulhou no leite e o enfiou cuidadosamente na boca aberta. O choro cessou de imediato, e nós dois respiramos aliviados quando o barulho parou.

– Ah, assim está melhor, não está? *Seas, a bhalaich, seas* – murmurou Jamie para a criança, servindo mais lente. Eu olhei para o rostinho, ainda pálido e sujo de vérnix caseoso, mas não mais branco como giz enquanto sugava concentrado.

– Como ela pode ter ido embora? – questionei. – E por quê?

A melhor explicação era o sequestro; o que mais poderia ter feito com que uma mãe abandonasse o filho recém-nascido? Sem falar de sair pela mata à noite, a pé, logo depois de dar à luz, com o corpo dolorido e pesado, a própria carne ainda rasgada e sangrando... Fiz uma careta ao pensar nisso, e meu útero se contraiu em solidariedade.

Jamie balançou a cabeça, os olhos ainda fixos na tarefa.

– Ela teve algum motivo, mas só Cristo e os santos sabem qual foi. Ela não odiava a criança, no entanto. Poderia tê-la deixado na mata, e nunca saberíamos.

Isso era verdade. Ela – ou alguém – havia enrolado o bebê com cuidado e o deixara o mais perto possível da fogueira. Ela queria que ele sobrevivesse, então... mas sem ela.

– Você acha que ela foi embora porque quis?

Ele assentiu, olhando para mim.

– Não estamos longe da Linha do Tratado. *Poderiam* ter sido os índios, mas se tivessem sido, se eles a tivessem levado, por que não nos capturariam também? Ou por que não mataram todos nós? – perguntou ele, logicamente. – E os índios teriam levado os cavalos. Não, acho que ela foi por conta própria. Mas não sei o motivo... – Ele balançou a cabeça e mergulhou o pano no leite de novo.

A neve caía mais depressa agora; ainda era uma neve seca e leve, mas começava a se acumular aleatoriamente. Tínhamos que partir logo, pensei, antes que a tempestade ficasse pior. Parecia de alguma forma errado, no

entanto, simplesmente ir sem tentar determinar o destino de Fanny Beardsley.

A situação toda parecia irreal. Era como se a mulher tivesse desaparecido como por encanto, deixando um pequeno substituto em seu lugar. Eu me lembrei dos contos escoceses sobre crianças trocadas, filhos de fadas deixados no lugar de bebês humanos. Eu não conseguia atinar o que as fadas poderiam querer com Fanny Beardsley.

Eu sabia que era tolice, mas me virei lentamente mais uma vez, analisando o local ao meu redor. Nada. A encosta estava à nossa frente, rodeada de grama seca e salpicada pela neve. Um riacho estreito corria a uma curta distância dali, e as árvores balançavam ao vento. Não havia marcas de patas ou pés na camada de agulhas molhadas e esponjosas, tampouco havia sinal de trilha. A mata não estava silenciosa, ainda mais com o vento, mas era escura e profunda.

– Temos quilômetros a percorrer antes de dormir – comentei, virando-me para Jamie com um suspiro.

– Hã? Ah, não, estamos a uma hora de viagem de Brownsville – assegurou-me ele. – Ou talvez duas – comentou, olhando para cima, para o céu branco como musselina, de onde a neve caía mais depressa. – Eu sei onde estamos, agora que está claro.

Ele tossiu de novo, um espasmo repentino chacoalhando seu corpo, e então se endireitou e me deu o copo de leite e o bico.

– Tome, Sassenach. Alimente o pobre *sgaogan* enquanto cuida dos animais, certo?

Sgaogan. Uma criança trocada. Então, o ar de estranheza sobrenatural daquela situação havia tomado conta dele também. Bem, a mulher afirmara ver fantasmas; talvez um deles tivesse vindo buscá-la? Estremeci e acomodei o bebê mais perto de mim.

– Há algum povoado aqui perto além de Brownsville? Algum lugar para onde a sra. Beardsley possa ter decidido ir?

Jamie balançou a cabeça, franzindo o cenho. A neve derretia ao tocar sua pele quente e descia por seu rosto em linhas finas.

– Não que eu saiba – respondeu ele. – O bebê está tomando o leite de cabra?

– Como um cabritinho – respondi, e ri.

Ele abriu um sorriso também.

– No futuro, vai ser comum chamar as crianças travessas assim: cabritinhos – comentei.

– Ah, é? Então é por isso que Brianna e MacKenzie chamam Jemmy assim? Pensei que fosse apenas uma brincadeira entre eles.

Ele ordenou o resto das cabras depressa enquanto eu continuava a alimentar a criança, trazendo um balde cheio de leite morno para o nosso café da manhã. Eu gostaria de beber uma boa xícara de chá quente – meus dedos estavam frios e dormentes por enfiar o bico falso no leite sem parar –, mas o líquido branco e cremoso era delicioso, e foi um enorme conforto para nossos estômagos vazios e gelados, assim como para o do bebê.

O bebê parou de sugar e começou a urinar copiosamente – um bom sinal de saúde, mas meio inconveniente naquele momento, uma vez que o pano no qual ele estava envolto e a frente do meu corpete ficaram encharcados.

Jamie revirou depressa nossas bolsas mais uma vez, agora à procura de uma fralda e de roupas secas. Felizmente, a sra. Piggy estava levando a bolsa na qual eu mantinha panos de linho e chumaços de algodão para limpar e fazer curativos. Ele pegou um punhado deles e a criança, enquanto eu me dedicava à tarefa enregelante de trocar de corpete e de vestido sem tirar a saia, a anágua e a capa.

– Vi-vista sua capa – falei, batendo o queixo. – Vo-você vai morrer de pneumonia.

Ele sorriu ao ouvir isso, concentrado na tarefa, embora a ponta do nariz estivesse vermelha em contraste com seu rosto pálido.

– Estou bem – disse ele, e então pigarreou, fazendo um barulho parecido com um pano se rasgando, impaciente. – Tudo bem – repetiu com mais ênfase, e então parou, arregalando os olhos com surpresa.

– Oh – disse ele, mais baixo. – Olhe. É uma menina.

– É? – Eu me ajoelhei ao lado dele para olhar.

– Ela tem uma beleza bastante comum – disse ele, observando a criaturinha de modo crítico. – Que bom que tem um bom dote.

– Imagino que você também não fosse muito bonito quando nasceu –

rebatu. – Ela ainda nem foi limpada direito, coitadinha. Mas o que quer dizer com o dote dela?

Ele deu de ombros, cobrindo a menina com um xale, mas antes colocou um tecido dobrado com destreza em seu pequeno traseiro.

– O pai dela está morto e a mãe sumiu. Ela não tem irmãos nem irmãs, e eu não encontrei nenhum documento na casa dizendo que alguém deve herdar a propriedade dos Beardsleys. É uma fazenda bastante decente e com uma boa quantidade de produtos, isso sem falar das cabras. – Ele olhou para Hiram e para a família dele e sorriu. – E vai ficar tudo para ela, imagino.

– Acho que sim – falei lentamente. – Então, ela vai ser uma menina de posses, não é?

– Sim, e acabou de fazer cocô. Você não poderia ter feito isso antes de eu trocar a sua fralda? – perguntou ele para a criança.

Sem se preocupar com a bronca, ela piscou sonolenta e arrotou baixinho.

– Bem – disse ele, resignado, movendo-se para protegê-la do vento, erguendo o xale brevemente e limpando uma mancha de fezes escuras de suas partes íntimas.

A menininha parecia saudável, mas pequena; não era maior do que uma boneca grande, com a barriga cheia de leite. Essa era a dificuldade imediata; pequena daquele jeito, sem gordura corporal para protegê-la, morreria de hipotermia em pouco tempo, a menos que a mantivéssemos aquecida e alimentada.

– Não deixe que ela pegue friagem. – Coloquei as mãos nas minhas axilas para esquentá-las, preparando-me para pegar a criança.

– Não se preocupe, Sassenach. Vou limpar o traseiro dela e então... – Ele parou, franzindo o cenho. – O que é isto, Sassenach? Acha que ela está machucada? Será que a mulher a deixou cair?

Eu me inclinei para olhar. Ele ergueu os pés do bebê com uma das mãos, o pano sujo na outra. Logo acima do traseiro, havia uma mancha azul-escura, como um hematoma.

Não era um hematoma. Mas era uma explicação.

– Ela não está machucada – garanti a ele, pegando outro dos xales da sra. Beardsley para proteger a cabeça carequinha da filha dela. – É uma

mancha mongólica.

– Uma o quê?

– Quer dizer que a criança é negra – expliquei. – Africana, quero dizer, parcialmente. – Jamie piscou, perplexo, e então se inclinou para espiar dentro do xale, franzindo o cenho.

– Não, não é. É branca como você, Sassenach.

Era verdade; a criança era tão branca que parecia não ter sangue.

– As crianças negras nem sempre parecem negras quando nascem – expliquei a ele. – Na verdade, com frequência são bastante pálidas. A pigmentação da pele começa a se desenvolver algumas semanas depois. Mas elas costumam nascer com uma leve descoloração da pele na base da espinha... que se chama mancha mongólica.

Ele passou a mão no rosto, afastando flocos de neve que se agarravam a seus cílios.

– Entendi – disse ele, lentamente. – Bem, isso explica em parte, não?

Explicava. O falecido sr. Beardsley, independentemente do que tivesse sido, não era negro. O pai da criança era negro. E Fanny Beardsley, sabendo – ou temendo – que a criança que estava esperando revelaria sua condição de adúltera, pensou que seria melhor abandoná-la e fugir antes que a verdade viesse à tona. Eu me perguntei se o pai misterioso teria algo que ver com o que havia acontecido ao sr. Beardsley, nesse caso.

– Será que ela sabia com certeza que o pai era negro? – Jamie tocou o pequeno lábio inferior do bebê, que agora exibia um tom rosado, delicadamente com um dedo. – Ou será que nem sequer viu a criança? Afinal, ela deve ter dado à luz no escuro. Se tivesse visto que ela era branca, talvez tivesse decidido ficar com ela.

– Talvez. Mas não ficou. Quem você acha que poderia ser o pai? – Isolada como era a propriedade dos Beardsleys, eu não conseguia imaginar Fanny tendo a oportunidade de se encontrar com muitos homens além dos índios que iam até lá fazer negócios. Será que os bebês dos índios também tinham manchas mongólicas?, pensei.

Jamie olhou desanimado ao redor e pegou a criança no colo.

– Não sei, mas não acho que vá ser difícil encontrá-lo quando chegarmos a Brownsville. Vamos, Sassenach.

Jamie decidiu relutantemente deixar as cabras para trás, a fim de conseguirmos abrigo e alimento para a criança o mais rápido possível.

– Elas ficarão bem aqui por um tempo – disse ele, espalhando o resto do feno ao redor dos animais. – As cabras não deixarão o bode, e você não vai a lugar nenhum por enquanto, certo, *a bhalaich?* – Ele coçou Hiram entre os chifres como despedida, e nós saímos sob um coro de “més” de protesto, já que as cabras tinham se acostumado com a nossa companhia.

O tempo estava piorando a cada minuto; conforme a temperatura subia, a neve deixava de ser um pó seco e se transformava em flocos molhados que se prendiam a tudo, cobrindo o chão e as árvores como se fosse uma camada de açúcar, derretendo pelas crinas dos cavalos.

Bem agasalhada sob a capa com capuz, com vários xales por baixo e a criança aconchegada em uma espécie de tipoia contra a minha barriga, eu estava bem aquecida, apesar dos flocos que atingiam meu rosto e se prendiam aos meus cílios. Jamie tossia de vez em quando, mas, de modo geral, parecia muito mais saudável do que antes; a necessidade de cuidar de uma emergência o havia energizado.

Ele seguia atrás de mim, atento a panteras e outras ameaças. Pessoalmente, eu achava que qualquer felino que se prezasse – principalmente um com a barriga cheia de carne de cabra – passaria um dia como aquele deitado em alguma caverna confortável, e não vagando pela neve. Ainda assim, era muito reconfortante tê-lo por perto; eu estava vulnerável, andando com uma das mãos nas rédeas e a outra protegendo o montinho embaixo da minha capa.

A criança estava dormindo, pensei, mas não um sono profundo; ela se remexia e se espreguiçava com movimentos lentos e lânguidos próprios de seu mundo aquático, ainda não acostumada com a liberdade da vida fora do útero.

– Parece até que você está carregando uma criança no ventre, Sassenach. – Olhei para trás e vi que Jamie tinha uma expressão divertida no rosto sob a aba do chapéu, apesar de eu achar que tinha visto algo mais ali; talvez um vago desejo.

– Provavelmente porque *estou* – respondi, ajeitando-me levemente na sela para acomodar os movimentos da minha companheira. – Só que estou

carregando a filha de outra pessoa. – A pressão dos pequenos joelhos, da cabeça e dos cotovelos sobre a minha barriga era, na verdade, perturbadora como as sensações da gravidez; o fato de vir de fora e não de dentro fazia pouca diferença.

Como se tivesse sido atraído pelo inchaço sob a capa, Jamie aproximou Gideon de mim. O cavalo bufou e balançou a cabeça, querendo adiantar-se, mas Jamie o manteve sob controle com um leve “*Seas!*” de repreensão, e o animal se acalmou, bufando.

– Está preocupada com ela? – perguntou Jamie, assentindo em direção à floresta ao redor.

Não era preciso perguntar a quem ele se referia. Assenti, com a mão sobre a pequena espinha dorsal, ainda arqueada para se encaixar na curva do ventre do qual havia saído. Onde estaria Fanny Beardsley, sozinha na mata? Encolhida para morrer como um bicho – ou indo em direção a um abrigo imaginado, tropeçando às cegas pela vegetação rasteira coberta de neve, voltando, talvez, em direção a Chesapeake Bay e a uma lembrança de céu aberto, águas amplas e felicidade?

Jamie se inclinou e colocou a mão sobre a minha, pousada sobre a criança adormecida; eu podia sentir o frio de seus dedos sem luva através da camada de tecido entre nós.

– Ela fez a escolha dela, Sassenach – disse ele. – E confiou em nós para que cuidássemos da bebê. Vamos mantê-la em segurança; é só o que podemos fazer por aquela mulher.

Eu não podia virar a mão para pegar a dele, mas assenti. Ele soltou minha mão depois de apertá-la, e eu virei o rosto na direção do nosso destino, com os cílios molhados e eriçados enquanto eu piscava para afastar as gotas derretidas.

Quando avistamos Brownsville, no entanto, a maior parte da minha preocupação com Fanny Beardsley tinha sido substituída pela angústia que sentia em relação à filha dela. A criança estava desperta e chorando, golpeando meu fígado com as mãozinhas à procura de comida.

Eu me ergui na sela, espiando pela cortina de neve que caía. De que tamanho era Brownsville? Eu não conseguia ver nada além do telhado de uma única cabana que se projetava em meio ao verde dos pinheiros e

loureiros. Um dos homens de Granite Falls dissera que era de um tamanho considerável – o que significava “tamanho considerável” aqui no interior? Quais eram as chances de que pelo menos um dos moradores de Brownsville fosse uma mulher com um bebê ainda sendo amamentado?

Jamie havia esvaziado o cantil e o enchera com leite de cabra, mas era melhor, pensei, chegar a algum lugar abrigado antes de tentar alimentar o bebê de novo. Se houvesse uma mãe que pudesse oferecer leite à criança, seria melhor – mas, se não houvesse, o leite de cabra teria que ser aquecido; gelado do jeito que estava ao ar livre, dar leite frio ao bebê poderia baixar perigosamente sua temperatura corporal.

A sra. Piggy bufou forte e de repente acelerou o passo. Ela sabia reconhecer a civilização quando sentia seu cheiro – e de outros cavalos. Ela levantou a cabeça e relinchou alto. Gideon fez o mesmo e quando o barulho parou, ouvi as respostas incentivadoras de vários cavalos a distância.

– Eles estão aqui! – Expirei com alívio. – A milícia... eles chegaram!

– Bem, era o que eu esperava, Sassenach – respondeu Jamie, segurando as rédeas com força para impedir que Gideon se adiantasse. – Se Roger não conseguisse encontrar um vilarejo no fim de um caminho reto, eu teria minhas dúvidas em relação à inteligência dele e também a sua visão. – Mas ele também estava sorrindo.

Quando fizemos uma curva no caminho, eu vi que Brownsville *realmente* era um vilarejo. A fumaça da chaminé subia cinza de uma dúzia de cabanas, espalhando-se sobre o monte que se erguia à nossa direita, e havia diversas construções próximas ao longo da estrada, claramente destinadas a atender clientes, a julgar pelo monte de garrafas e barris descartados e outros detritos espalhados na grama morta ao lado da estrada.

Do outro lado, diante da taberna, os homens tinham erguido um abrigo para os cavalos, com telhado de galhos de pinheiro e uma parede feita com mais galhos para bloquear a ação do vento. Os cavalos dos homens da milícia estavam reunidos sob ele, em um aglomerado aconchegante, roncando, envoltos nas nuvens de respirações misturadas.

Ao verem esse refúgio, nossos cavalos aceleraram o ritmo. Eu tive que puxar as rédeas com força com uma das mãos para impedir que a sra. Piggy saísse trotando, o que teria perturbado minha passageira. Quando consegui

fazer com que ela diminuísse o passo, relutantemente, uma pequena figura saiu do abrigo de um pinheiro e apareceu na estrada à nossa frente, acenando.

– Milorde! – Fergus recepcionou Jamie quando Gideon parou com relutância. Ele olhou para Jamie por baixo da aba de um gorro de lã tingida com índigo, que ele usava abaixado sobre as sobrancelhas. Fazia com que a cabeça dele se parecesse com a ponta de um torpedo, escura e perigosa. – Vocês estão bem? Pensei que tinham enfrentado alguma dificuldade.

– Ah! – Jamie acenou vagamente para mim, indicando a protuberância sob a minha capa. – Não foi exatamente uma dificuldade. É só...

Fergus estava olhando por cima do ombro de Gideon para a protuberância com certo ar de diversão.

– *Quelle virilité, monsieur* – disse ele a Jamie, em tom de profundo respeito. – Meus parabéns!

Jamie dirigiu a ele um olhar fulminante e emitiu um som escocês parecido com troncos rolando dentro d'água. O bebê começou a chorar de novo.

– Antes de mais nada, as prioridades – falei. – Há alguma mulher aqui com bebê? Essa criança precisa de leite, e tem que ser agora.

Fergus assentiu, com os olhos arregalados de curiosidade.

– *Oui*, milady. Duas, pelo menos, que eu tenha visto.

– Ótimo. Leve-me até elas.

Ele assentiu de novo e, segurando a rédea de Piggy, virou-se em direção ao povoado.

– O que houve, então? – perguntou Jamie, e pigarreou. Na minha ansiedade para alimentar o bebê, eu não havia parado para considerar o que a presença de Fergus significava. Jamie estava certo, no entanto; simples preocupação com o nosso bem-estar não o teria levado até a estrada com aquele clima.

– Ah. Parece que temos um pequeno problema, milorde. – Ele descreveu os acontecimentos da tarde anterior e concluiu, dando de ombros e bufando de irritação. –... E então monsieur Morton tem se refugiado com os cavalos – ele assentiu, meneando a cabeça na direção do abrigo improvisado –, enquanto o restante de nós está aproveitando a *hospitalité* de Brownsville.

Jamie assumiu um ar de severidade ao ouvir isso; sem dúvida pensando em quanto a *hospitalité* para quarenta e poucos homens poderia custar.

– Humf. Imagino que os Browns não saibam que Morton está lá.

Fergus balançou a cabeça.

– *Por que* o Morton está lá? – perguntei, acalmando o bebê temporariamente ao colocá-lo no meu seio. – Eu imaginei que a essa altura ele já estaria longe, de volta a Granite Falls, feliz por estar vivo.

– Ele não quer ir embora, milady. Disse que não pode desistir da gratificação. – A notícia havia chegado pouco antes de nossa partida da Cordilheira dos Frasers; o governador estava oferecendo 40 xelins por homem como incentivo para servir na milícia; uma soma razoável, sobretudo para um novo colono como Morton, enfrentando um inverno sombrio.

Jamie passou a mão lentamente pelo rosto. Estava diante de um dilema; a milícia precisava dos homens e dos suprimentos de Brownsville, mas Jamie não poderia recrutar vários Browns que tentariam assassinar Morton de imediato. Tampouco poderia pagar a gratificação de Morton do seu bolso. Jamie parecia estar tentado a matar Morton ele mesmo, mas acho que essa não era uma alternativa razoável.

– Talvez Morton possa ser convencido a se casar com a moça? – sugeri com delicadeza.

– Pensei nisso – disse Fergus. – Infelizmente, monsieur Morton já tem uma esposa em Granite Falls. – Ele balançou a cabeça, que estava começando a parecer um montículo coberto de neve.

– E por que os Browns não seguiram Morton? – perguntou Jamie, aparentemente seguindo sua própria linha de raciocínio. – Se um inimigo entra em suas terras, onde você está com seus parentes, você não o deixa fugir; você vai atrás dele e o mata.

Fergus assentiu, claramente familiarizado com essa lógica escocesa.

– Acredito que fosse essa a intenção – disse ele. – Eles foram distraídos, no entanto, por *petit Roger*.

Percebi um tom de diversão na voz dele; Jamie também percebeu.

– O que ele fez? – perguntou ele, preocupado.

– Cantou para eles – respondeu Fergus, e o tom de diversão se tornou

mais pronunciado. – Ele cantou a maior parte da noite e tocou seu tambor. O vilarejo todo veio ouvir. Há seis homens em idade adequada para a milícia e... – acrescentou ele, de modo prático – as duas mulheres *avec lait*, como eu disse, milady.

Jamie tossiu, passou uma mão embaixo do nariz e assentiu para Fergus, com um aceno para mim.

– Sim. Bem, a menininha precisa se alimentar, e eu não posso ficar para trás, caso contrário os Browns perceberão que Morton está aqui. Vá e diga-lhe que eu virei falar com ele assim que puder.

Ele virou a cabeça do cavalo na direção da taverna, e eu cutuquei a sra. Piggy para que o acompanhasse.

– O que você vai fazer em relação aos Browns? – perguntei.

– Cristo – disse Jamie, mais para si mesmo do que para mim. – Como vou saber? – E tossiu de novo.

MISSÃO CUMPRIDA

Nossa chegada com a bebê causou sensação suficiente para distrair todos em Brownsville de suas preocupações, fossem elas práticas ou homicidas. Uma expressão de alívio intenso tomou o rosto de Roger ao ver Jamie, apesar de ter sido instantaneamente reprimida, substituída por uma atitude tranquila, de ombros endireitados e autoconfiança. Eu abaixei a cabeça para esconder um sorriso e olhei para Jamie, perguntando-me se ele teria notado a rápida transformação. Ele evitou meu olhar, indicando que sim, tinha notado.

– Você se saiu bem – disse ele de modo casual, dando tapinhas no ombro de Roger em um cumprimento antes de se virar para receber as saudações dos outros homens e ser apresentado aos nossos anfitriões involuntários.

Roger apenas assentiu de maneira despretensiosa, mas seu rosto ganhou brilho, como se alguém tivesse acendido uma vela dentro dele.

A jovem srta. Beardsley causou grande comoção; uma das mães que amamentavam foi chamada e a bebê que chorava foi colocado em seu seio, e eu recebi o bebê dela em troca. Um menino de três meses de temperamento plácido, ele olhou para mim ligeiramente desorientado, mas pareceu não se opor à troca, limitando-se a fazer bolhas de cuspe na minha direção.

Seguiu-se certa confusão, com todos fazendo perguntas e oferecendo especulações ao mesmo tempo, mas a história de Jamie – editada com elegante concisão – a respeito dos acontecimentos na propriedade dos Beardsleys pôs fim ao burburinho. Até mesmo a jovem de olhos vermelhos que reconheci da história de Fergus como sendo a namorada de Isaiah Morton esqueceu seu sofrimento, ouvindo boquiaberta.

– Pobrezinha – disse ela, olhando para a bebê enquanto ela mamava

com vontade no seio da prima dela. – Então, parece que você não tem pais. – A srta. Brown lançou um olhar sombrio para o pai, aparentemente pensando que a orfanidade tinha lá suas vantagens.

– O que vai ser dela? – perguntou a sra. Brown, com mais praticidade.

– Vamos nos certificar de que ela seja bem cuidada, minha querida. Ela ficará segura conosco. – O marido pousou a mão sobre seu braço, ao mesmo tempo que trocou um olhar com o irmão. Jamie também reparou; vi que ele moveu os lábios como se estivesse pensando em dizer alguma coisa, mas deu de ombros levemente e virou-se para falar com Henry Gallegher e Fergus, os dois dedos rígidos dando batidinhas na perna.

A srta. Brown mais velha se inclinou na minha direção, preparando-se para fazer outra pergunta, mas foi impedida por uma repentina rajada de vento ártico que soprou pela sala, erguendo as peles que cobriam as janelas e salpicando o cômodo com uma fina camada de neve. A srta. Brown deu um gritinho, deixou de lado a curiosidade e correu para prender as peles. Todos pararam de falar sobre os Beardsleys e começaram a fechar as janelas.

Olhei para fora rapidamente enquanto a srta. Brown lutava com as peles esvoaçantes. A tempestade havia chegado com força. A neve cobria o chão depressa; as cabanas escuras da estrada tinham quase desaparecido por completo sob uma camada branca, e estava claro que a Companhia dos Frasers não iria a lugar nenhum por enquanto. O sr. Richard Brown, ainda que parecesse um pouco descontente, fez a gentileza de nos oferecer abrigo por mais uma noite, e os homens da milícia foram jantar nas casas e celeiros do vilarejo.

Jamie saiu para buscar nossas coisas e as provisões dos cavalos, para alimentá-los e abrigá-los. Presumi que ele também aproveitaria a oportunidade para falar em particular com Isaiah Morton, se ele ainda estivesse lá fora, na nevasca.

Eu me perguntei o que Jamie pretendia fazer com seu Romeu da montanha, mas não tinha tempo para mais especulações. Já estava escurecendo, e fui engolida pelo turbilhão de atividades em torno da lareira, enquanto as mulheres enfrentavam o desafio de fazer o jantar para quarenta convidados inesperados.

Julieta – quer dizer, a mais jovem das filhas dos Browns – estava chorosa

em um canto, recusando-se a ajudar. Mas aceitou se encarregar do bebê dos Beardsleys, ninando a menininha por muito tempo depois de ficar claro que a criança dormia.

Fergus e Gallegher tinham sido enviados para pegar as cabras e voltaram com elas antes do jantar, molhados e enlameados até os joelhos, com as barbas e as sobancelhas cobertas de neve. As cabras também estavam molhadas e cobertas de neve, com as tetas vermelhas de frio, inchadas por causa do leite acumulado e balançando dolorosamente contra suas pernas. Estavam encantadas por estar de volta à civilização e baliavam umas para as outras, animadas.

A sra. Brown e sua cunhada levaram as cabras para o pequeno celeiro para serem ordenhadas, deixando-me responsável pelo ensopado e por Hiram, que fora instalado sozinho perto da lareira, preso em um cercado improvisado feito com uma mesa virada, dois bancos e um baú de cobertores.

A cabana era, essencialmente, um salão cortado por correntes de ar, com um sótão e um pequeno alpendre nos fundos que funcionava como local de armazenamento. Cheio como estava com mesas, bancos, banquetas, barris de cerveja e pilhas de peles, um pequeno tear em um canto e uma cômoda – com o relógio incongruente, adornado com cupidos – em outro, uma cama encostada na parede, duas cadeiras perto da lareira, um mosquete e duas aves abatidas penduradas acima da entrada da chaminé, e vários aventais e capas em ganchos perto da porta, a presença de um bode doente era surpreendentemente irrelevante.

Dei uma olhada em meu antigo paciente, que emitiu um “mé” antipático para mim, a comprida língua azul aparecendo, em desafio. A neve estava derretendo de seus chifres, deixando-os escuros e brilhantes, e seu pelo estava ensopado, formando cristas malhadas em volta dos ombros.

– É assim que você me agradece – falei em tom de censura. – Se não fosse por Jamie, você estaria cozinhando *naquele* fogo, e não ao lado dele, e era o que você merecia, seu mal-agrado de uma figa.

– *Mé!* – foi a resposta curta.

Ainda assim, ele estava com frio, cansado e com fome, e seu harém não estava ali para ser impressionado, então eu cocei sua cabeça e esfreguei suas

orelhas, dei-lhe punhados de feno e – em determinado momento – entrei no cercado e passei a mão delicadamente por sua perna machucada para checar a tala. Eu também estava cansada e faminta, pois não tinha comido nada além de um pouco de leite de cabra quando amanheceu. Em meio ao cheiro do ensopado, a luz e as sombras bruxuleantes da sala, eu me senti meio zozona e um pouco fora de mim, como se estivesse flutuando acima do chão.

– Você é um bom e velho camarada, não é? – murmurei. Depois de uma tarde em contato direto com bebês, todos em variados estágios de umidade e berreiro, a companhia do velho e irascível bode era um tanto calmante.

– Ele vai morrer?

Ergui o olhar com surpresa, tendo me esquecido quase totalmente da filha mais jovem dos Browns, que havia ficado nas sombras em um canto da sala. Ela estava ao lado da lareira agora, ainda segurando o bebê dos Beardsleys e franzindo o cenho para Hiram, que tentava mordiscar a barra do meu avental.

– Não – respondi, tirando o pano de sua boca. – Acho que não. – Qual era o nome dela? Tentei me lembrar, ligando os rostos aos nomes das apresentações apressadas que tinham sido feitas mais cedo. Alicia, era esse seu nome, embora eu não conseguisse deixar de pensar nela como Julieta.

Ela não era muito mais velha do que Julieta; não tinha nem 15 anos. Era uma criança, estava claro, com o rosto arredondado e pálido. De ombros estreitos e quadril largo; não era exatamente uma joia preciosa na orelha de uma etíope. Ela não disse mais nada e, para manter a conversa, eu assenti para o bebê que ainda estava nos braços dela. – Como está a pequena?

– Tudo bem – respondeu com indiferença. Ela ficou de pé olhando para o bode por um momento. Então, seus olhos subitamente se encheram de lágrimas.

– *Eu* queria estar morta – disse ela.

– Ah, é mesmo? – perguntei, assustada. – É... bem... – Passei a mão no rosto, tentando reunir coragem para lidar com aquilo. Onde estava a maldita mãe daquela menina? Lancei um olhar rápido para a porta, mas não ouvi a chegada de ninguém. Estávamos momentaneamente sozinhas, as outras mulheres ordenhando e cuidando do jantar, e os homens tratando dos animais.

Saí do espaço ocupado por Hiram e pousei a mão no braço dela.

– Escute – sussurrei –, Isaiah Morton não vale a sua vida. Ele é casado, sabia?

Ela arregalou os olhos e em seguida os estreitou depressa, chorando repentinamente. Não, estava claro que ela não sabia.

As lágrimas corriam por seu rosto e pingavam na cabeça da bebê. Estiquei os braços e peguei a criança, guiando-a em direção à cadeira com a mão livre.

– Co-como você...? Que-quem...?

Ela engasgava e fungava, tentando fazer perguntas e se controlar ao mesmo tempo. Um homem gritou algo do lado de fora, e ela secou o rosto desesperada com a manga da blusa.

O gesto me lembrou que, apesar de a situação parecer bastante melodramática – para não dizer levemente cômica – na minha mente embotada naquele momento, era um assunto de grande seriedade para os principais envolvidos. Afinal, os homens de sua família *tinham* tentado matar Morton, e sem dúvida tentariam de novo, se o encontrassem. Fiquei tensa ao ouvir o som de passos se aproximando, e a bebê se remexeu e grunhiu um pouco nos meus braços. Mas os passos seguiram pela estrada, e o som desapareceu com o vento.

Eu me sentei ao lado de Alicia Brown, suspirando diante do puro prazer de tirar o peso dos pés. Todos os músculos e articulações do meu corpo doíam por causa dos esforços do dia e da noite anteriores, apesar de eu não ter tido tempo de pensar neles até então. Jamie e eu sem dúvida passaríamos a noite enrolados em cobertores no chão de alguém. Olhei para as tábuas iluminadas pelo fogo com uma emoção que beirava o desejo.

Havia um clima incongruentemente pacífico no salão, com a neve caindo do lado de fora e a panela de ensopado borbulhando no fogo, enchendo o ar do apetitoso aroma de cebola, carne de veado e nabos. A bebê dormia no meu peito, emanando uma confiança tranquila. Eu gostaria de ficar sentada com ela no colo, pensando em nada, mas o dever me chamava.

– Como eu sei? Morton contou a um dos homens do meu marido – falei. – Mas não sei quem é a mulher dele; só sei que ela mora em Granite Falls. – Dei um tapinha nas costas do bebê, que arrotou e relaxou de novo, a

respiração quente embaixo da minha orelha. As mulheres tinham dado banho e passado óleo nela, que cheirava a panqueca fresca. Fiquei vigiando a porta e também Alicia Brown, para o caso de ela ter mais um ataque histérico.

Ela fungou e soluçou, em seguida voltou a ficar em silêncio, olhando para o chão.

– Queria estar *morta* – disse ela de novo, com um desespero tão grande na voz que olhei para ela, assustada. Ela estava sentada e encolhida, com os cabelos soltos por baixo da touca, as mãos cerradas em punhos e em cima da barriga.

– Ah, minha querida – falei. Considerando sua palidez, as circunstâncias e seu comportamento em relação ao bebê dos Beardsleys, aquele gesto não exigiu um salto tão grande para que eu chegasse à conclusão óbvia. – Seus pais sabem?

Ela olhou para mim depressa, mas não se deu ao trabalho de perguntar *como* eu sabia.

– A minha mãe e a minha tia sabem.

Ela respirava pela boca, com fungadas intermitentes.

– Eu pensei... pensei que o meu pai seria obrigado a deixar que eu me casasse com ele se...

Nunca achei que a chantagem fosse uma boa base para o casamento, mas parecia o momento errado de dizer isso.

– Hum – murmurei então. – E o sr. Morton sabe disso?

Ela balançou a cabeça, desolada.

– Ele... a mulher dele têm filhos? A senhora sabe?

– Não faço ideia. – Virei a cabeça, escutando. Podia ouvir as vozes dos homens a distância, carregadas pelo vento. Ela também ouviu; segurou meu braço com uma força surpreendente, os olhos castanhos mostrando certa urgência.

– Ouvi o sr. MacKenzie e os homens conversando ontem à noite. Eles disseram que a senhora é curandeira, sra. Fraser... Um deles disse que era feiticeira. Sobre bebês. Sabe como...

– Alguém está vindo. – Eu me afastei dela, interrompendo-a antes que pudesse terminar. – Cuide do bebê. Eu preciso... mexer o ensopado.

Coloquei a criança sem nenhuma cerimônia no colo dela e me levantei. Quando a porta se abriu e deixou entrar uma rajada de vento e neve junto com um grande número de homens, eu estava ao lado do fogo, com a colher na mão, os olhos fixos na panela e a mente borbulhando tanto quanto o ensopado.

Ela não tivera tempo de perguntar explicitamente, mas eu sabia o que estava prestes a dizer. *Feiticeira*, foi como ela me chamou. Queria a minha ajuda para se livrar do bebê, era quase certo. Como?, eu me perguntei. Como uma mulher poderia pensar em uma coisa dessas com uma criança viva nos braços, menos de um dia depois de ter saído do ventre da mãe?

Mas ela era muito jovem. Muito jovem, e estava sofrendo com o choque de ter descoberto que seu amado era um mentiroso. A gravidez ainda não estava tão avançada a ponto de aparecer; se ela ainda não tinha sentido o próprio filho mexer, sem dúvida a gravidez pareceria algo muito irreal para ela. Pensara nela apenas como uma maneira de forçar o consentimento do pai; agora provavelmente parecia uma armadilha que havia se fechado de repente sobre ela.

Não era à toa que parecia perturbada, procurando a qualquer custo uma saída. Ela precisava de tempo para se recuperar, pensei, olhando para a cadeira, onde ela estava escondida pelas sombras. Eu ia conversar com a mãe dela, com a tia...

Jamie apareceu de repente ao meu lado, esfregando as mãos avermelhadas acima do fogo, a neve derretendo nas dobras de suas roupas. Ele parecia muito animado, apesar da gripe, das complicações da vida amorosa de Isaiah Morton e da tempestade do lado de fora.

– Como estão as coisas, Sassenach? – perguntou ele com a voz rouca e, sem esperar que eu respondesse, pegou a colher da minha mão, passou um braço tenso e frio ao redor do meu corpo e me puxou para um beijo intenso, ainda mais surpreendente pelo fato de sua barba rala estar coberta de neve.

Ao emergir levemente atordoada desse abraço estimulante, percebi que a atitude geral dos homens na sala era parecida, alegre. Eles estavam dando tapinhas nas costas uns dos outros, batendo as botas e chacoalhando os casacos acompanhados pelas palavras e sons que os homens emitem quando estão particularmente animados.

– O que foi? – perguntei, olhando ao redor, surpresa. Joseph Wemyss se achava no meio da multidão. A ponta de seu nariz estava vermelha de frio, e ele estava quase sendo derrubado por homens que davam tapas em suas costas, parabenizando-o. – O que aconteceu?

Jamie abriu um sorriso iluminado para mim, os dentes brilhando em seu rosto, e colocou um papel amassado e úmido na minha mão, os restos de cera vermelha ainda presos a ele.

A tinta havia escorrido com a umidade, mas eu consegui ler as palavras mais importantes. Ao ficarem sabendo da aproximação do general Waddell, os reguladores tinham decidido que a prudência era preferível à valentia. Eles haviam se dispersado. E de acordo com aquela ordem do governador Tryon, a milícia tinha sido dispensada.

– Ah, que *bom!* – falei. E, abraçando Jamie, eu o beijei, sem me importar com a neve e o gelo.

Radiantes com a notícia da dispensa, os integrantes da milícia aproveitaram o tempo ruim para comemorar. Igualmente radiantes por não serem obrigados a se juntar à milícia, os Browns participaram animadamente da comemoração, contribuindo com três barris grandes da melhor cerveja caseira de Thomasina Brown e seis galões de sidra para a causa – por metade do preço.

Quando o jantar terminou, fiquei sentada no canto com a bebê dos Beardsleys nos braços, meio dissolvida pelo cansaço e me mantendo na vertical apenas pelo fato de ainda não haver onde me deitar. O ar estava tomado pela fumaça e pelas conversas, eu havia bebido uma sidra forte no jantar, e os rostos e as vozes pareciam entrar e sair de foco, de um jeito que não era totalmente ruim, mas levemente desconcertante.

Alicia Brown não tivera mais chance de conversar comigo – mas eu não tivera oportunidade de falar com a mãe nem com a tia dela. A garota havia se sentado ao lado do espaço de Hiram e estava alimentando metodicamente o bode com cascas de pão de milho que tinham sobrado do jantar, o rosto tomado pela tristeza.

Roger estava cantando baladas francesas, atendendo a pedidos, com a voz suave. O rosto de uma mulher jovem apareceu na minha frente, com as

sobrancelhas erguidas como se fizesse uma pergunta. Ela disse algo, que se perdeu no burburinho, e em seguida esticou os braços para pegar a bebê.

Claro. Jemima era o nome dela. A jovem mãe que havia se oferecido para amamentar a criança. Eu me levantei para ceder espaço a ela na cadeira, e ela colocou a bebê no peito.

Eu me encostei na chaminé, observando com aprovação enquanto ela segurava a cabeça da criança, guiando-a e murmurando. Ela era delicada e eficiente ao mesmo tempo, uma boa combinação. Seu filho – o pequeno Christopher, era esse o nome dele – roncava tranquilamente nos braços da avó, enquanto a senhora se inclinava para a frente para acender o cachimbo de argila no fogo.

Olhei de volta para Jemima e tive uma forte sensação de *déjà vu*. Pisquei, tentando capturar a visão fugaz, e consegui apreender uma sensação muito forte de proximidade, de afeto e da mais completa paz. Por um instante, pensei que fosse a sensação de amamentar uma criança, e então, o que foi ainda mais estranho, percebi que não era a sensação da mãe que me ocorria... mas da criança. Eu tive a lembrança muito clara – se é que era isso mesmo – de ser aconchegada contra um corpo quente, despreocupada e repleta da certeza do amor absoluto.

Fechei os olhos e me segurei na borda da chaminé com mais força, sentindo a sala começar a rodar lenta e preguiçosamente à minha volta.

– Beauchamp – murmurei –, você está *muito* bêbada.

Se estava, eu não era a única. Felizes com a ideia de voltar para casa em breve, os homens da milícia tinham tomado a maior parte das bebidas de Brownsville, e trabalhavam com afincos para dar conta do resto. O grupo estava começando a se dispersar agora, alguns homens cambaleando para as camas frias em celeiros e abrigos, outros se enrolando com gratidão em cobertores ao lado da lareira.

Abri os olhos e vi Jamie jogar a cabeça para trás e bocejar com força, com a boca aberta como a de um babuíno. Ele piscou e se levantou, afastando o estupor da comida e da cerveja, e então olhou na direção da lareira e me viu ali. Estava claramente tão cansado quanto eu, mesmo que não tão zonzo, e parecia estar bastante satisfeito, o que ficava aparente em seu modo tranquilo de esticar os membros compridos ao se acomodar.

– Vou cuidar dos cavalos – disse ele, com a voz rouca por causa da gripe e por ter falado demais. – Quer dar um passeio à luz da lua, Sassenach?

A neve tinha parado de cair, e a luz da lua brilhava por trás da névoa de uma nuvem passageira. O ar estava frio de congelar os pulmões, ainda fresco e agitado pelo fantasma da tempestade passageira, e ajudou muito a clarear minha cabeça confusa.

Eu sentia uma alegria pueril por ser a primeira a marcar a neve virgem e pisava levantando bastante os pés e com cuidado, fazendo marcas de botas bem fortes e olhando para trás a fim de admirá-las. A linha das pegadas não era muito reta, mas felizmente ninguém estava testando a minha sobriedade.

– Consegue dizer o alfabeto de trás para a frente? – perguntei a Jamie, cujas pegadas surgiam vacilantes ao lado das minhas.

– Acho que sim – respondeu ele. – Qual deles? Inglês, grego ou hebraico?

– Não importa. – Segurei o braço dele com mais força. – Se conseguir se lembrar dos três na ordem normal, está em melhores condições do que eu.

Ele riu baixinho e então tossiu.

– Você não está bêbada, Sassenach. Não depois de três copos de sidra.

– Deve ser o cansaço, então – falei de modo meio sonolento. – Parece que a minha mente está flutuando amarrada a uma linha, como um balão. Como você sabe quanto eu bebi? Você presta atenção em *tudo*?

Ele riu de novo e pousou a mão sobre a minha onde ela se segurava no braço dele.

– Gosto de observar você, Sassenach. Especialmente em companhia de outras pessoas. Seus dentes brilham de um jeito lindo quando você ri.

– Adulador – falei, sentindo-me lisonjeada da mesma forma. Levando em conta que eu não lavava o rosto havia dias, muito menos tomava banho ou trocava de roupa, meus dentes provavelmente eram a única coisa em mim que podia ser admirada com sinceridade. Ainda assim, saber que ele prestava atenção em mim era algo reconfortante.

A neve que caía era seca, e a crosta branca era esmagada sob nossos pés com um ruído suave. Eu podia ouvir a respiração de Jamie, ainda rouca e difícil, mas o chiado em seu peito havia desaparecido, e sua pele estava fria.

– O tempo vai estar bom pela manhã – disse ele, olhando para a lua. – Está vendo o círculo?

Era difícil não ver; um círculo imenso de luz difusa envolvia a lua, cobrindo todo o céu do lado leste. Estrelas débeis apareciam em meio às nuvens; dentro de uma hora, estaria claro.

– Sim. Podemos ir para casa amanhã, então?

– Sim. O chão vai estar coberto de lama, imagino. Dá para sentir o ar mudando; está bem frio agora, mas a neve vai derreter assim que o sol incidir sobre ela.

Talvez sim, mas ainda estava bem frio. O abrigo dos cavalos tinha sido reforçado com mais galhos de pinheiro e cicuta, e parecia um pequeno outeiro emergindo do chão, coberto com uma espessa camada de neve. Em alguns pontos, a neve tinha derretido, aquecida pela respiração dos cavalos, e o vapor se desprendia deles, quase invisível. Tudo estava silencioso, com uma palpável sensação de torpor.

– Morton deve estar confortável, se estiver lá dentro – observei.

– Acho que não está. Mandeí Fergus avisar a ele que a milícia foi dispensada assim que Wemyss chegou com a notícia.

– Sim, mas se eu fosse Isaiah Morton, não sei se teria pegado o caminho de casa no meio de uma tempestade de cegar – falei de modo duvidoso.

– Provavelmente sim, se todos os Browns de Brownsville estivessem atrás de você e armados – disse ele. Mesmo assim, ele parou, elevou um pouco a voz e chamou “Isaiah!” com a voz rouca.

Não houve resposta vindo do estábulo improvisado e, voltando a segurar o meu braço, ele se virou para a casa. A neve não era mais virgem, estava manchada e pisada por muitos pés, conforme os integrantes da milícia se dispersavam e iam para a cama. Roger havia parado de cantar, mas ainda assim ouviam-se vozes do lado de dentro da casa; nem todo mundo estava pronto para se retirar.

Relutando em voltar de imediato para a atmosfera de fumaça e barulho, demos a volta na casa e no celeiro, com um consentimento não expressado, aproveitando o silêncio da mata cheia de neve e a companhia um do outro. Quando voltamos, vi que a porta dos fundos da casa estava entreaberta, balançando ao vento, e mostrei a Jamie.

Ele espiou lá dentro e viu que tudo estava em ordem, mas então, em vez de fechar a porta, pegou meu braço, puxando-me para entrar com ele.

– Preciso fazer uma pergunta a você, Sassenach, antes de entrarmos – disse ele, e abriu a porta para que a luz da lua entrasse, iluminando as vigas, os sacos e as pilhas que estavam lá dentro conosco.

Estava frio do lado de dentro, mas, protegida do vento, eu logo me senti mais aquecida e baixei o capuz da capa.

– O que foi? – perguntei, ligeiramente curiosa. O ar fresco havia clareado a minha mente, pelo menos, e apesar de saber que estaria morta assim que me deitasse, naquele momento eu tinha a sensação de leveza agradável que vem com a consciência do esforço completo, da honra satisfeita. O dia e a noite tinham sido terríveis, seguidos de um longo dia, mas agora tudo estava acabado, e estávamos livres.

– Você a quer, Sassenach? – perguntou ele baixinho. Seu rosto estava pálido, borrado pela névoa de sua respiração.

– Quem? – perguntei, confusa.

Ele emitiu um grunhido de diversão.

– A criança. Quem mais?

Quem mais, de fato.

– Se eu a quero... se quero ficar com ela, é o que está dizendo? – perguntei com cuidado. – Adotá-la? – Eu não havia pensado nisso de modo consciente, mas era algo que devia estar no meu subconsciente, porque não fiquei surpresa com a pergunta dele, e, ao expressá-la, a ideia desabrochou.

Meus seios estavam sensíveis desde a manhã, pareciam cheios e inchados, e eu sentia o sugar ávido da menininha na memória. Eu não poderia alimentar o bebê... mas Brianna poderia, ou Marsali. Ou ela poderia se alimentar com leite de vaca ou de cabra.

Percebi de repente que eu havia levado a mão a um dos meus seios sem perceber e o massageava delicadamente. Parei de imediato, mas Jamie tinha visto; ele se aproximou e me abraçou. Eu encostei a cabeça nele e senti o tecido grosso de sua camisa, frio ao contato com o meu rosto.

– Você a quer? – perguntei. Eu não sabia se queria ouvir a resposta ou se a temia. Ele respondeu dando de ombros.

– É uma casa grande, Sassenach – disse ele. – Bem grande.

– Hum – murmurei. Não era uma declaração categórica, mas, ainda assim, eu sabia que se tratava de um compromisso, por mais casual que fosse a forma como ele o havia expressado. Ele havia adotado Fergus, que trabalhava como batedor de carteira, em um bordel de Paris, depois de três minutos de amizade. Se ficasse com aquele bebê, ele a trataria como uma filha. Amá-la? Ninguém podia garantir amor – nem ele... nem eu.

Ele havia percebido o tom de dúvida na minha voz.

– Eu vi você com a criança, Sassenach. Você é sempre muito carinhosa, mas quando a vi daquele jeito, com a bebê embaixo da sua capa, eu... eu me lembrei de como foi, de quando você segurou Faith.

Parei de respirar. Ouvi-lo dizer o nome da nossa primeira filha daquele jeito, de forma tão prosaica, foi surpreendente. Falávamos pouco sobre ela: sua morte acontecera tanto tempo antes que às vezes parecia irreal, mas a ferida de sua perda nos marcara profundamente.

Faith, porém, não era nada irreal.

Ela estava perto de mim sempre que eu tocava um bebê. E aquela bebê, aquela órfã sem nome, tão pequena e frágil, com a pele tão clara que as veias azuis ficavam visíveis – sim, as semelhanças com Faith eram fortes. Ainda assim, ela não era *minha* filha. Mas poderia ser, e era isso que Jamie estava dizendo.

Seria ela um presente para nós? Ou pelo menos nossa responsabilidade?

– Você acha que devemos ficar com ela? – perguntei com cuidado. – Quero dizer... o que será que vai acontecer com ela se não a levamos conosco?

Jamie resmungou, abaixando o braço, e se recostou na parede da casa. Secou o nariz e inclinou a cabeça em direção ao burburinho que atravessava a pilha de lenha.

– Ela vai ser bem cuidada, Sassenach. Vai se tornar uma herdeira, sabe?

Esse aspecto da questão não havia me ocorrido.

– Tem certeza? – perguntei, um tanto em dúvida. – Os Beardsleys se foram, mas, como ela é bastarda...

Ele balançou a cabeça e me interrompeu.

– Não, ela é legítima.

– Mas não pode ser. Ninguém sabe disso além de mim e de você, mas o

pai dela...

– O pai dela era Aaron Beardsley, no que diz respeito à lei – disse ele. – Pela lei britânica, uma criança nascida de um casamento é legítima, e herdeira, do marido, ainda que se saiba que a mãe cometeu adultério. E a mulher disse que Beardsley se casou com ela, não foi?

Percebi que ele estava sendo bastante assertivo em relação àquela determinação específica da lei inglesa. Também notei – a tempo, felizmente, antes de dizer qualquer coisa – exatamente *por que* ele tinha tanta certeza.

William. O filho dele, concebido na Inglaterra e, até onde todos na Inglaterra sabiam – com exceção do lorde John Grey –, presumidamente o nono conde de Ellesmere. Sem dúvida alguma, ele *era* legalmente o nono conde, de acordo com o que Jamie estava me contando, independentemente de o oitavo conde ter sido seu pai ou não. De fato, a lei era estúpida, pensei.

– Compreendo – disse eu lentamente. – Então, a pequena sem nome vai herdar toda a propriedade dos Beardsleys, mesmo depois que eles descobrirem que ele não pode ter sido o pai dela. Isso é... tranquilizador.

Os olhos dele encontraram os meus por um momento e então se desviaram.

– Sim – disse ele baixinho. – Tranquilizador.

Talvez houvesse um toque de amargura em sua voz, mas, se houvesse, desaparecera sem deixar vestígios quando ele tossiu e pigarreou.

– Então, veja – continuou ele com seriedade –, ela não corre risco de ser negligenciada. Um juizado de órfãos pode dar a propriedade dos Beardsleys, com as cabras e tudo – acrescentou ele, com um leve sorriso –, a quem for o guardião dela, para ser usada a fim de garantir seu bem-estar.

– E o dos guardiões dela – falei, repentinamente me lembrando do olhar que Richard Brown havia trocado com o irmão ao contar à esposa que a criança seria “bem cuidada”. Esfreguei o nariz, que tinha ficado dormente na ponta. – Então, os Browns a aceitariam de bom grado.

– Ah, sim – concordou ele. – Eles conhecem Beardsley; sabem muito bem como ela é valiosa. Seria um assunto delicado tirá-la deles, na verdade... Mas, se você quiser a menina, Sassenach, vamos ficar com ela. Prometo isso.

A discussão toda estava me dando uma sensação esquisita. Algo quase como pânico, como se eu estivesse sendo empurrada por uma mão invisível

em direção à beira de um precipício. Se era um penhasco perigoso ou apenas uma elevação de onde poderia ter uma vista mais ampla, ainda não dava para saber.

Lembrei-me da curva delicada da cabeça da bebê, das orelhas finas como papel, pequenas e perfeitas como conchas, com os contornos cor-de-rosa ganhando um tom azulado nada natural.

Para ter tempo de organizar melhor meus pensamentos, perguntei:

– O que você quis dizer quando falou que seria um assunto delicado tirá-la dos Browns? Eles não têm direito a ela, têm?

Ele balançou a cabeça, negando.

– Não, mas nenhum deles atirou no pai dela.

– O que... ah.

Aquela era a armadilha que eu não vira: a possibilidade de que Jamie pudesse ser acusado de matar Beardsley para colocar as mãos na propriedade e nos bens dele adotando a órfã. Senti um gosto de bile no fundo da garganta.

– Mas ninguém além de nós sabe como Aaron Beardsley morreu – falei. Jamie tinha contado a eles apenas que o homem tivera uma apoplexia e morrerá, deixando de fora seu papel de anjo da misericórdia.

– Nós e a sra. Beardsley – disse ele, com uma leve ironia na voz. – E se ela voltar e me acusar de ter matado seu marido? Seria difícil negar, e eu teria ficado com a criança.

Eu me absteve de perguntar por que ela faria algo assim: considerando o que já tinha feito, estava bastante claro que Fanny Beardsley era capaz de qualquer coisa.

– Ela não vai voltar – falei.

Quaisquer que fossem as minhas dúvidas a respeito de todo o resto, eu tinha certeza pelo menos nesse aspecto. Para onde quer que Fanny Beardsley tivesse ido – não importava sua motivação –, eu sabia que ela havia partido para sempre.

– Mesmo que ela voltasse – continuei, afastando a visão da neve caindo na floresta vazia e um montinho coberto ao lado da fogueira extinta. – Eu estava lá, poderia contar o que aconteceu.

– Se eles deixassem – concordou Jamie. – O que eles não fariam. Você é

uma mulher casada, Sassenach; não poderia testemunhar em um tribunal, mesmo que não fosse casada comigo.

Isso me deixou sem palavras. Como vivíamos isolados no interior, eu raramente enfrentava as injustiças mais absurdas da época de modo pessoal, mas sabia de algumas delas. Ele tinha razão. Na verdade, sendo uma mulher casada, eu não tinha direitos legais de nenhuma espécie. Ironicamente, Fanny Beardsley *tinha*, por ser uma viúva. *Ela* poderia testemunhar em um tribunal, se quisesse.

– Bem, que inferno! – falei, a sério. Jamie riu baixinho, e em seguida tossiu.

Eu resmunguei, com uma explosão satisfatória de vapor branco. Desejei momentaneamente ser um dragão; teria sido muito bom cuspir fogo e enxofre em um monte de gente, a começar por Fanny Beardsley. Em vez disso, suspirei, minha respiração branca e inofensiva desaparecendo na penumbra.

– Entendo o que quer dizer com “delicado” então – falei.

– Sim, mas não impossível.

Ele pousou a mão grande e fria no meu rosto, virando-o para si. Seus olhos observaram os meus, escuros e sérios.

– Se você quiser a menina, vou pegá-la e lidar com o que quer que aconteça.

Se eu a quisesse. Eu podia sentir o peso da criança dormindo no meu peito. Eu havia me esquecido da embriaguez da maternidade havia anos; deixara de lado a lembrança de sentimentos de exaltação, exaustão, pânico, alegria. Ter Germain, Jemmy e Joan por perto, no entanto, fizera com que eu me lembrasse vividamente.

– Mais uma pergunta – falei. Segurei a mão dele e a abaixei, com os dedos entrelaçados nos meus. – O pai da bebê não era branco. O que isso poderia significar para ela?

Eu sabia o que isso significaria na Boston dos anos 1960, mas aquele era um lugar muito diferente, e ainda que em alguns sentidos a sociedade ali fosse mais rígida e menos esclarecida que a da época da qual eu tinha vindo, em outros, era estranhamente mais tolerante.

Jamie pensou com cuidado, os dedos rígidos de sua mão direita

tamborilando em um ritmo silencioso de contemplação na parte de cima de um barril de carne de porco salgada.

– Acho que vai ficar tudo bem – disse ele, por fim. – Não existe possibilidade de ela ser levada como escrava. Ainda que pudesse ser provado que o pai dela era escravo, e não há nenhuma prova, uma criança herda o status da mãe. Uma criança nascida de uma mulher livre é livre; uma criança nascida de uma escrava é escrava. E independentemente do que aquela mulher seja, ela não era escrava.

– Não no nome, pelo menos – falei, pensando nas marcas na porta. – Mas além da questão da escravidão...?

Ele suspirou e se endireitou.

– Acho que não – disse ele. – Não aqui. Em Charleston, sim, provavelmente importaria; pelo menos se ela estivesse na sociedade. Mas no interior?

Ele deu de ombros. Era verdade: por causa da nossa proximidade com a Linha do Tratado, havia muitas crianças mestiças. Não era incomum que os colonos se casassem com índias cherokees. Era bem mais raro ver crianças nascidas de uma mistura de negro e branco no interior, mas isso acontecia muito nas áreas costeiras. A maioria delas escravas – mas acontecia, de qualquer modo.

E a pequena srta. Beardsley não estaria “na sociedade”, pelo menos, não se a deixássemos com os Browns. Ali, sua possível riqueza importaria muito mais do que a cor da pele. Conosco, podia ser diferente, pois Jamie era – e sempre seria, apesar de sua renda ou falta de renda – um fidalgo.

– Essa não era a última pergunta, no fim das contas – falei. Coloquei a mão sobre a dele, fria em meu rosto. – A última é... por que você está sugerindo isso?

– Ah, bem, só pensei... – Ele abaixou a mão e desviou o olhar. – No que você disse quando voltamos para casa depois da Reunião. Que você poderia ter escolhido a segurança da esterilidade, mas não escolheu, por mim. Eu pensei...

Ele parou de novo e esfregou os nós dos dedos da mão esquerda na ponte do nariz. Respirou fundo e tentou de novo.

– Por mim – disse ele firmemente, dirigindo-se ao ar à frente dele como

se fosse um tribunal –, eu não queria que você tivesse outro filho. Eu não correria o risco de perder você, Sassenach – disse ele, a voz rouca de repente. – Nem por uma dúzia de filhos. Tenho filhas e filhos, sobrinhos e sobrinhas, netos... é o bastante.

Ele olhou diretamente para mim então e disse baixinho:

– Eu não sei viver sem você, Claire.

Ele engoliu em seco e continuou, com os olhos fixos nos meus.

– Mas pensei... se quiser outro filho... talvez eu ainda possa lhe dar um.

Lágrimas breves marejaram meus olhos. Estava frio ali, e nossos dedos estavam enrijecidos. Enfiei a mão na dele, apertando-a com força.

Ao mesmo tempo que falávamos, minha mente estava ocupada, imaginando possibilidades, dificuldades, bênçãos. Eu não precisava pensar mais, pois sabia que a decisão já tinha sido tomada. Um filho era uma tentação da carne e também do espírito; eu conhecia a felicidade daquela unicidade sem limites, assim como conhecia a alegria agridoce de ver essa unicidade se desfazer conforme a criança aprendia a se virar sozinha.

Mas eu havia cruzado uma linha tênue. Fosse porque eu tinha nascido com algum limite secreto incorporado na minha carne, fosse apenas porque eu sabia que a minha única lealdade devia estar em outro lugar agora... eu sabia. Como mãe, eu tinha já a leveza do esforço completo, da honra satisfeita. Missão cumprida.

Inclinei a testa contra o peito dele e falei contra o pano da camisa acima do seu coração.

– Não – falei baixinho. – Mas Jamie... eu amo muito você.

Ficamos abraçados por um tempo, ouvindo o burburinho de vozes do outro lado da parede que separava a casa do depósito, mas permanecemos calados e satisfeitos com a paz que havia ali. Estávamos exaustos demais para fazer o esforço de entrar e relutantes em abandonar a tranquilidade do nosso refúgio.

– Vamos ter que entrar em breve – murmurei, finalmente. – Se não entrarmos, vamos cair aqui mesmo e seremos encontrados pela manhã, com os presuntos.

Ele riu baixinho, mas antes que pudesse responder, uma sombra se

projetou sobre nós. Alguém estava na porta aberta, bloqueando a luz da lua.

Jamie ergueu a cabeça depressa, segurando firme os meus ombros, mas em seguida soltou o ar e sua mão relaxou, permitindo que eu desse um passo atrás e me virasse.

– Morton – disse Jamie, com uma voz sofrida. – O que, em nome de Deus, está fazendo aqui?

Isaiah Morton não me parecia um sedutor libertino, mas acho que tem gosto para tudo. Ele era um pouco mais baixo do que eu, mas tinha ombros largos, com um torso em forma de barril e pernas levemente arqueadas. Tinha olhos agradáveis e uma farta cabeleira ondulada, apesar de eu não conseguir distinguir bem a cor à luz fraca do depósito. Estimava que ele tivesse 20 e poucos anos.

– Coronel, senhor – disse ele sussurrando. – Senhora. – Ele fez uma reverência rápida e breve. – Não queria assustá-la, senhora. Mas ouvi a voz do coronel e pensei que seria melhor aproveitar a oportunidade, por assim dizer.

Jamie olhou para Morton com os olhos semicerrados.

– Por assim dizer – repetiu ele.

– Sim, senhor. Não conseguia atinar como fazer Ally sair e estava dando a volta na casa de novo quando ouvi o senhor e a sua senhora conversando.

Ele fez uma reverência para mim de novo, como se por reflexo.

– Morton – disse Jamie, baixinho, mas com a voz séria –, por que ainda não foi embora? Fergus não lhe disse que a milícia foi dispensada?

– Ah, sim, ele disse, senhor. – Ele fez uma reverência para Jamie dessa vez, parecendo um pouco ansioso. – Mas eu não podia ir, senhor, não sem ver Ally.

Pigarreei e olhei para Jamie, que suspirou e assentiu para mim.

– Ahn... temo que a srta. Brown já esteja sabendo sobre o seu compromisso anterior – falei delicadamente.

– É? – Isaiah parecia confuso, e Jamie emitiu um som de irritação.

– Ela quer dizer que a moça já sabe que o senhor é casado – disse ele brutalmente –, e se o pai dela não atirar em você primeiro, pode ser que ela mesma enfie um punhal no seu coração. E se nenhum dos dois conseguir – continuou ele, endireitando-se –, sinto-me inclinado a realizar o serviço com

as minhas próprias mãos. Que tipo de homem seduz uma moça e a engravida sem que a criança tenha direito de levar o seu nome?

Dava para ver que Isaiah Morton tinha ficado pálido, mesmo sob a luz fraca.

– Engravidar?

– Ela está grávida – falei, com frieza.

– Ela está – repetiu Jamie –, e agora, seu grande bígamo, é melhor que você vá embora antes...

Ele parou de falar abruptamente quando Isaiah tirou a mão de baixo da capa, segurando uma pistola. Pude ver que estava carregada e engatilhada.

– Sinto muito, senhor – disse ele, desculpando-se. Lambeu os lábios, olhando para Jamie e para mim. – Eu não faria mal ao senhor, e muito menos a sua senhora. Mas eu preciso ver Ally, entende?

Seus traços rechonchudos se firmaram um pouco, apesar de seus lábios parecerem prestes a tremer. Ainda assim, ele apontou a pistola para Jamie com decisão.

– Senhora – disse ele para mim –, se puder me fazer a gentileza de entrar na casa e tirar Ally de lá. Vamos... esperar aqui, o coronel e eu.

Eu não tivera tempo de sentir medo. Não estava com medo agora, mas estava sem palavras por causa da surpresa.

Jamie fechou os olhos brevemente, como se rezasse para ter forças. Então, ele os abriu e suspirou, sua respiração formando uma nuvem branca no ar frio.

– Abaixei a arma, seu idiota – disse ele quase de modo gentil. – Sabe muito bem que não vai atirar em mim, e eu também sei.

Isaiah contraiu os lábios e o dedo no gatilho, e eu preendi a respiração. Jamie continuou olhando para ele, e seu olhar era uma mistura de censura e pena. Por fim, o dedo relaxou, e a pistola baixou, assim como os olhos de Isaiah.

– Eu preciso ver Ally, coronel – disse ele baixinho, olhando para o chão. Respirei fundo e olhei para Jamie. Ele hesitou e então assentiu.

– Tudo bem, Sassenach. Tome cuidado, está bem?

Assenti e me virei para entrar na casa, ouvindo Jamie murmurar baixinho em gaélico atrás de mim, algo a respeito de ele ter enlouquecido.

Eu não tinha certeza de que ele não enlouquecera, embora também tivesse sentido a força do apelo de Morton. Se algum dos Browns ficasse sabendo daquele encontro, no entanto, o preço seria alto – e Morton não pagaria sozinho.

O chão do lado de dentro estava tomado por corpos adormecidos e enrolados em cobertores, apesar de alguns homens ainda ocuparem a área ao redor da lareira, conversando e passando um jarro de bebida entre eles. Eu olhei com atenção, mas felizmente Richard Brown não estava entre eles.

Atravessei a sala, pisando com cuidado ao passar por cima dos corpos no chão, e espiei na cama que ficava contra a parede quando passei. Richard Brown e a mulher estavam encolhidos sobre ela, adormecidos, com as toucas de dormir na cabeça, apesar de a casa estar quente com todo aquele calor humano.

Havia apenas um lugar onde Alicia Brown poderia estar, e eu abri a porta para a escada que levava ao sótão, fazendo o máximo de silêncio. Fez pouca diferença; ninguém perto do fogo prestou a mínima atenção. Um dos homens parecia estar tentando fazer Hiram beber do jarro, com certo sucesso.

Em contraste com o andar de baixo, o de cima estava bem frio. Isso porque a pequena janela estava aberta e bastante neve havia entrado, junto com um vento gelado. Alicia Brown estava deitada sobre a neve que caíra embaixo da janela, totalmente nua.

Eu me aproximei e fiquei olhando para ela. Deitada de barriga para cima, com os braços cruzados sobre o peito, ela tremia, os olhos fechados em uma concentração feroz. Obviamente não havia ouvido meus passos por causa de todo o barulho que vinha lá de baixo.

– O que, em nome de Deus, você está fazendo? – perguntei educadamente.

Ela abriu os olhos e deu um gritinho. Em seguida, levou a mão à boca e se sentou abruptamente, olhando para mim.

– Eu sei sobre diversas maneiras novas de induzir um aborto – falei, pegando um cobertor na cama e cobrindo seus ombros com ele –, mas morrer de frio não é um deles.

– Se eu mo-morrer, não vou pre-precisar de um a-a-aborto – disse ela,

com certa lógica.

Mesmo assim, cobriu-se com o cobertor, os dentes batendo.

– Também não é a melhor maneira de cometer suicídio – retruquei. – Mas não quero parecer crítica. Além do mais, não pode fazer isso agora; o sr. Morton está lá fora e só vai embora quando você descer para falar com ele, então é melhor se levantar e vestir alguma coisa.

Ela arregalou os olhos e ficou de pé; seus músculos estavam tão tensos por causa do frio que ela tropeçou desajeitada e teria caído se eu não a tivesse segurado pelo braço. Ela não disse mais nada, mas se vestiu tão depressa quanto seus dedos frios permitiram, envolvendo-se com uma capa grossa.

Pensando no pedido de Jamie para que eu “tomasse cuidado”, mandei que ela descesse sozinha a escada estreita. Se descesse sozinha, pensariam apenas que ela estava indo ao reservado – se é que alguém notaria. Nós duas juntas podíamos provocar comentários.

Sozinha no sótão escuro, cobri o corpo com minha capa e fui até a janela estreita para esperar os poucos minutos necessários até eu poder sair também. Ouvi o ruído suave da porta se fechando no andar de baixo, mas não consegui ver Alicia daquele ângulo. A julgar pela resposta ao meu chamado, ela não pretendia apunhalar o coração de Isaiah, mas só Deus sabia o que os dois *pretendiam* fazer.

As nuvens tinham se dissipado, e a paisagem congelada se estendia à minha frente, brilhante e fantasmagórica sob a lua. Do outro lado da rua, o abrigo dos cavalos assomava, escuro, coberto de neve. O ar havia mudado, como Jamie dissera, e, aquecidos pela respiração dos cavalos, pedaços de neve derretida escorriam e caíam no chão.

Apesar da minha irritação com jovens amantes e com o absurdo cômico da situação toda, eu não deixava de sentir certa pena deles. Eles estavam sendo sinceros, concentrados em nada além de um no outro.

E a esposa desconhecida de Isaiah?

Encurvei os ombros, tremendo dentro da capa. Eu deveria desaprovar – desaprovava, na verdade –, mas ninguém conhecia a verdadeira natureza de um casamento, só quem se casava. E eu sabia que vivia em uma casa com telhado de vidro para pensar em jogar pedras no telhado dos outros. Quase

distraidamente, alisei o metal da minha aliança de casamento dourada.

Adultério. Fornicação. Traição. Desonra. As palavras surgiam devagar na minha mente, como montes de neve, deixando pequenas marcas escuras, sombras à luz da lua.

Havia justificativas, claro. Eu não tinha procurado o que acontecera comigo, eu havia lutado contra, mas não tive escolha. Só que, no fim das contas, todo mundo tem escolha. Eu tinha feito a minha, e tudo se desenrolara a partir daí.

Bree, Roger, Jemmy. Qualquer criança que eles pudessem ter no futuro. Todos eles estavam aqui, de um jeito ou de outro, por causa do que eu havia decidido fazer naquele dia distante, em Craigh na Dun.

Você presume muitas coisas. Frank repetira isso para mim algumas vezes. Geralmente em tom de reprovação, querendo dizer que eu fazia coisas que ele preferiria que eu não fizesse. Mas de vez em quando com generosidade, querendo me aliviar um pouco da carga.

Era com generosidade que esse pensamento me ocorria agora, independentemente de estar sendo expressado com verdade ou de estar apenas sendo evocado pela minha memória exausta por causa do conforto que as palavras podiam proporcionar. Todo mundo faz escolhas e ninguém sabe onde elas vão dar no final. Se as minhas haviam provocado muitas coisas, não eram culpadas por tudo. Assim como nem tudo que resultara delas fora prejuízo.

Até que a morte nos separe. Havia muitas pessoas que tinham feito essas promessas, mas que as abandonaram ou as traíram. E ainda assim me ocorreu que nem a morte nem as escolhas conscientes dissolviam certos laços. Para o bem ou para o mal, eu havia amado dois homens, e uma parte de ambos sempre estaria comigo.

O assustador, acho, era que, apesar de eu sempre ter sentido um arrependimento profundo e dilacerante pelo que tinha feito, nunca me senti culpada. Com a escolha tendo ficado tão longe no passado agora, talvez eu me sentisse culpada.

Eu havia pedido desculpas a Frank mil vezes, mas nunca pedi o seu perdão. De repente, me ocorreu que ele havia me perdoado mesmo assim – da melhor maneira que conseguiu. O sótão estava escuro, exceto por

algumas linhas claras de luz que entravam pelas frestas no chão, mas não parecia mais vazio.

Eu estremeci de repente, arrancada da minha distração por um movimento repentino no andar de baixo. Silenciosas como renas voadoras, duas figuras escuras corriam de mãos dadas pelo campo de neve, as capas como nuvens ao redor deles. Hesitaram por um momento do lado de fora do abrigo dos cavalos e em seguida entraram.

Eu me inclinei sobre o peitoril, sem me importar com os cristais de neve sob as palmas das minhas mãos. Eu podia ouvir o barulho dos cavalos acordando; relinchos e batidas de patas chegaram claramente até mim através do ar puro. Os sons no andar de baixo tinham se tornado mais suaves; agora, um claro e alto “mé-é-é” pôde ser ouvido por entre as tábuas, quando Hiram sentiu a inquietação dos cavalos.

Ouvi mais risos no andar de baixo, encobrendo temporariamente os sons do outro lado da estrada. Onde estava Jamie? Eu me inclinei para fora, com o vento balançando o capuz da minha capa, soprando uma rajada de gelo no meu rosto.

Lá estava ele. Uma figura alta e escura, caminhando pela neve em direção ao abrigo, mas avançando devagar, chutando nuvens brancas de gelo. O quê... mas então, percebi que ele estava seguindo a trilha dos enamorados, pisando com força e espalhando neve de propósito para apagar uma trilha que poderia contar sua história claramente a qualquer uma das pessoas na casa que resolvesse segui-la.

Um buraco surgiu de repente no abrigo, quando uma parte da parede de galhos desabou. Nuvens de vapor se elevaram no ar e em seguida um cavalo apareceu, carregando duas pessoas, e partiu em direção ao oeste, instado a começar a trotar e depois galopar. A neve não era profunda; não mais do que 7 ou 8 centímetros. As patas do cavalo deixavam uma trilha escura, percorrendo a estrada.

Um grito agudo veio do abrigo, seguido por outro. Sons de alarme vieram de baixo, baques e batidas enquanto os homens saíam de baixo dos cobertores e pegavam as armas. Jamie tinha desaparecido.

Todos ao mesmo tempo, os cavalos irromperam do abrigo, derrubando a parede e pisoteando os galhos caídos. Resfolegando, gemendo, relinchando e

se debatendo, eles se dispersaram pelo caminho em um caos de crinas ao vento e olhos arregalados. O último deles saiu do abrigo e se juntou aos fugitivos, a cauda desviando do açoite que atingiu seu traseiro.

Jamie jogou o açoite longo e voltou para dentro do abrigo no momento em que a porta se abriu, espalhando uma luz dourada e pálida sobre a cena.

Aproveitei a oportunidade da comoção para descer a escada correndo sem ser vista. Todos estavam do lado de fora; até mesmo a sra. Brown havia corrido para fora, de touca de dormir e tudo, deixando os cobertores emaranhados sobre a cama. Hiram, com um cheiro forte de cerveja, se remexeu e fez um “mé” para mim quando eu passei, com os olhos amarelos marejados e tomados de alegria.

Do lado de fora, a estrada estava tomada por homens parcialmente vestidos, correndo de um lado para outro e acenando os braços, agitados. Vi Jamie no meio da multidão, gesticulando com os melhores deles. Entre perguntas e comentários, ouvi fragmentos de conversas: “assustados”... “pantera?”... “minha nossa!”, e coisas assim.

Depois de andar um pouco sem rumo e de ouvir argumentos incoerentes, chegou-se a uma decisão unânime de que os cavalos provavelmente voltariam sozinhos. A neve soprava entre as árvores em véus de gelo rodopiante; o vento penetrava como dedos congelados por todas as aberturas da roupa.

– *Você ficaria fora de casa em uma noite assim?* – perguntou Roger, com certa razão. Depois de ficar decidido que nenhum homem são ficaria – e que os cavalos eram, ainda que não são, criaturas sensatas –, o grupo começou a entrar na casa, tremendo e resmungando conforme o calor da excitação começava a se dissipar.

Entre os últimos, Jamie virou-se na direção da casa e me viu, ainda de pé na varanda. Seus cabelos estavam soltos e a luz da porta aberta o iluminou como uma tocha. Ele olhou nos meus olhos, olhou para cima, e ergueu ligeiramente os ombros.

Encostei os dedos gelados nos lábios e soprei para ele um pequeno beijo congelado.

P A R T E I V

Não ouço música nenhuma,
apenas o som dos tambores



NATAL EM CASA

– O que você teria feito? – perguntou Brianna. Ela se virou, movendo-se com cuidado na estreita cama do sr. Wemyss, e apoiou o queixo confortavelmente no ombro de Roger.

– O que eu teria feito a respeito de quê? – Aquecido pela primeira vez em semanas, depois de uma refeição farta, preparada pela sra. Bug, e depois de finalmente ter atingido o nirvana de uma hora de privacidade com a mulher, Roger se sentia agradavelmente relaxado e calmo.

– De Isaiah Morton e Alicia Brown.

Roger bocejou até a mandíbula estalar e se afundou ainda mais, o colchão de palha de milho fazendo barulho embaixo deles. Acreditava que a casa toda tivesse ouvido os dois mais cedo, e não se importava com isso. Ela havia lavado os cabelos em homenagem à volta dele; mechas se espalhavam sobre seu peito, brilhando sedosas à luz fraca da fogueira. Era fim de tarde, mas as cortinas estavam fechadas, dando a ilusão agradável de que estavam dentro de uma pequena caverna.

– Não sei. O que o seu pai fez, acho. E o que mais? Seus cabelos estão com um perfume delicioso. – Ele enrolou uma das mechas no dedo, admirando o brilho.

– Obrigada. Usei um pouco daquela coisa que a minha mãe faz com óleo de noz e calêndula. Mas e a pobre esposa de Isaiah em Granite Falls?

– O que tem ela? Jamie não conseguiu forçar Morton a ir para casa ficar com ela, isto se é que ela realmente queria que ele voltasse – disse ele, com lógica. – E a garota, Alicia, evidentemente estava disposta. Seu pai não poderia ter causado uma confusão em relação ao fato de Morton fugir com ela a menos que quisesse que o homem morresse. Se os Browns tivessem

encontrado Morton, eles o teriam matado na hora e pendurado seu couro cabeludo na porta do celeiro.

Ele falava com convicção, lembrando-se das armas apontadas com que fora recebido em Brownsville. Prendeu os cabelos atrás da orelha dela e levantou a cabeça o suficiente para beijá-la entre as sobrancelhas. Vinha imaginando aquilo havia dias, aquele espaço pálido e macio entre as sobrancelhas grossas. Parecia um pequeno oásis em meio ao perigo vívido dos traços dela; o brilho dos olhos e o contorno do nariz eram mais do que atraentes, sem falar das sobrancelhas e da boca que dizia o que pensava tanto por meio do movimento quanto por meio das palavras – mas não eram pacíficos. Depois das últimas três semanas, ele estava querendo paz.

Ele se recostou de volta no travesseiro, traçando o contorno da sobrancelha arqueada com um dedo.

– Acho que o melhor que ele podia fazer naquelas circunstâncias era dar aos amantes um pouco de espaço para que pudessem escapar com segurança – disse ele. – E escaparam. Pela manhã, a neve já estava derretendo e virando lama, e com todas as marcas de pegadas no chão, não dava para saber se um bando de ursos tinha passado por ali, muito menos para onde eles tinham ido.

Ele falava com sentimento; o clima havia esquentado repentinamente, e a milícia voltara para casa animada, mas com lama até a testa.

Brianna suspirou, e sua respiração fez com que o peito dele se arrepiasse. Ela ergueu um pouco a cabeça, espiando com interesse.

– O que foi? Ainda tem sujeira grudada em mim? – Ele havia se lavado, mas com pressa, ansioso para comer, mais ansioso ainda para ir para a cama.

– Não. É que gosto quando você se arrepia. Todos os pelos de seu peito se eriçam, e os seus mamilos também. – Ela acariciou um dos elementos mencionados com a unha, e uma nova onda de arrepios percorreu o peito dele, para a diversão dela. Ele arqueou um pouco as costas, e em seguida relaxou. Não, teria que descer dali a pouco para lidar com as tarefas da noite; já havia ouvido Jamie sair.

Hora de mudar de assunto. Ele respirou fundo e levantou a cabeça do travesseiro, fungando com interesse ao sentir o cheiro que vinha da cozinha no andar de baixo.

– O que estão cozinhando?

– Ganso. Ou gansos, uma dúzia deles. – Ele pensou ter percebido um tom estranho na voz dela, um leve toque de arrependimento.

– Que maravilha – disse ele, passando a mão pelas costas dela. Uma penugem pálida e dourada cobria suas costas e seus ombros, invisível exceto quando a luz da vela incidia em suas costas, como naquele momento. – Qual é o motivo da comemoração? A nossa volta?

Ela levantou a cabeça do peito dele e lançou o que ele classificava como O Olhar.

– O Natal – disse ela.

– O quê? – Ele olhou para ela sem entender, tentando contar os dias, mas os acontecimentos das últimas três semanas tinham apagado totalmente seu calendário mental. – Quando?

– Amanhã, seu bobo – disse ela com uma paciência exagerada. Ela se inclinou e fez algo incrivelmente erótico com o mamilo dele, em seguida se ergueu em meio às roupas de cama, deixando-o sem o delicioso calor e exposto ao frio.

– Você não viu toda a folhagem lá embaixo quando chegou? Lizzie e eu fizemos os monstros da sra. Chisholm nos acompanharem para cortar galhos com folhas; estamos fazendo coroas e guirlandas há três dias. – As palavras saíam um pouco abafadas enquanto ela colocava o vestido, mas ele achou que ela parecia apenas incrédula, e não brava. Era o que ele esperava.

Ele se sentou e apoiou os pés nas tábuas frias do chão, encolhendo os dedos. Na cabana deles havia um tapete trançado ao lado da cama – mas ela estava cheia de Chisholms no momento, ou assim ele tinha sido informado. Passou a mão pelos cabelos, procurando inspiração, e encontrou.

– Não vi nada quando entrei, só você.

Era a mais pura verdade, e, evidentemente, a sinceridade era a melhor política. A cabeça dela surgiu pela abertura do vestido e ela olhou para ele com os olhos semicerrados, que aos poucos se transformaram em um sorriso quando ela viu a evidente sinceridade estampada em seu rosto.

Ela se aproximou da cama e o abraçou, envolvendo sua cabeça em uma nuvem de calêndula, lençóis macios e... leite. Ah, sim. O filho precisaria se alimentar de novo em breve. Resignado, ele envolveu o quadril dela e

encostou a cabeça entre seus seios durante os poucos momentos que representavam o tempo em que podia usufruir sozinho daquela abundância.

– Desculpe – disse ele, com as palavras abafadas no calor dela. – Eu me esqueci totalmente. Teria trazido algo para você e para Jem, se tivesse me lembrado.

– Como o quê? Um pedaço do couro cabeludo de Isaiah Morton? – Ela riu e se afastou, endireitando-se para arrumar os cabelos. Estava usando o bracelete que ele lhe dera em uma noite de Natal anterior; a luz da lareira cintilou no objeto de prata quando ela levantou o braço.

– Sim, você poderia encapar um livro com ele, acredito. Ou poderia fazer um par de botinhas para Jem.

A viagem tinha sido longa, homens e cavalos superando o cansaço, loucos para chegar em casa. Ele estava exausto e não havia presente melhor do que voltar para a cama com ela, juntos no calor, rumo às profundezas convidativas dos sonhos amorosos. Mas o dever o chamava; ele bocejou e se levantou.

– Então, os gansos são para a ceia de hoje? – perguntou ele, abaixando-se para procurar no monte de roupas descartadas e sujas de lama que havia tirado mais cedo. Ele devia ter uma camisa limpa em algum lugar, mas com os Chisholms em sua cabana, e Bree e Jem temporariamente alojados ali, no quarto dos Wemyss, não fazia ideia de onde suas coisas estavam. Não fazia sentido vestir algo limpo apenas para limpar o cercado das vacas e alimentar cavalos. Ele se barbearia e trocaria de roupa antes do jantar.

– Sim. A sra. Bug está assando meio porco na grelha lá fora para o jantar de Natal de amanhã. Eu abati os gansos ontem, e ela queria usá-los frescos. Esperávamos que vocês chegassem a tempo.

Ele olhou para ela, percebendo o mesmo tom em sua voz.

– Você não gosta de ganso? – perguntou ele. Ela olhou para ele com uma expressão estranha.

– Nunca comi – respondeu ela. – Roger?

– Sim?

– Eu estava pensando. Queria perguntar se você sabia...

– O quê?

Ele se movia lentamente, ainda envolvido em uma agradável névoa de

exaustão e sexo. Ela havia se vestido, escovara os cabelos e os prendera em um coque grosso, tudo isso enquanto ele separava as meias da calça. Ele chacoalhou a calça distraidamente, espalhando fragmentos de lama no chão.

– Não faça isso! Qual é o seu problema? – Corada de irritação, ela tirou a calça das mãos dele. Abriu a janela e se inclinou para fora, batendo a peça com força no parapeito. Colocou a peça para dentro de novo e a jogou na direção dele, que se abaixou para pegá-la.

– Ei. Qual é o *seu* problema?

– O meu problema? Você espalha terra por todo o chão e sou *eu* que tenho um problema?

– Desculpe. Não pensei...

Ela emitiu um ruído no fundo da garganta. Não foi muito alto, mas era ameaçador. Obedecendo a um reflexo masculino profundamente enraizado, ele enfiou uma perna na calça. O que quer que estivesse acontecendo, ele preferiria enfrentar a situação de calças. Ele a vestiu, falando depressa.

– Olhe, me desculpe por ter me esquecido do Natal. Havia... coisas importantes com as quais lidar; perdi a noção do tempo. Vou compensar. Talvez quando formos a Cross Creek para o casamento da sua tia. Eu poderia...

– Dane-se o Natal!

– O quê? – Ele parou, com a calça abotoada até a metade. Era inverno, estava escuro dentro do quarto, mas mesmo à luz da vela ele viu que ela estava ficando vermelha.

– Dane-se o Natal, dane-se Cross Creek... e dane-se você também! – Ela gritou essa última frase atirando uma saboneteira de madeira que estava na prateleira, que passou voando perto da orelha esquerda dele e bateu na parede.

– Espere uma porra de um minuto!

– Não fale comigo desse jeito!

– Mas você...

– Você e as suas “coisas importantes”!

Ela pegou o vaso de porcelana grande e ele ficou tenso, pronto para se abaixar, mas ela mudou de ideia e relaxou.

– Passei o último *mês* aqui, lavando roupas e limpando cocô de bebê,

ouvindo mulheres histéricas e crianças horrorosas enquanto você fazia “coisas importantes”, e você volta coberto de lama, emporcalhando o chão sem nem perceber que *estava* limpo! Tem ideia do trabalho que dá esfregar um piso de pinheiro de quatro no chão? Com sabão de lixívia!

Ela estendeu as mãos em tom de acusação, mas foi rápido demais para que ele reparasse se estavam cobertas de feridas, laceradas nos pulsos ou apenas avermelhadas.

–... E você nem quer ver o seu filho nem saber nada sobre ele... ele aprendeu a *engatinhar*, e eu queria mostrar a você, mas *você* só queria ir para a cama e nem se deu ao trabalho de se barbear primeiro...

Roger se sentia como se tivesse entrado no meio das pás afiadas de um grande ventilador em movimento. Esfregou a barba curta, sentindo-se culpado.

– Eu... ah... pensei que você quisesse...

– Eu queria! – Ela bateu o pé, levantando uma pequena nuvem de poeira da lama caída no chão. – Uma coisa não tem nada a ver com a outra!

– Tudo bem. – Ele se abaixou para pegar a camisa, olhando para ela com cautela. – Então... você está com raiva porque não notei que você tinha lavado o chão, é isso?

– Não!

– Não – repetiu ele. Respirou fundo e tentou de novo. – Então, é porque eu me esqueci que era Natal?

– Não!

– Você está brava porque eu queria fazer amor com você, apesar de você também querer?

– NÃO! Pode calar a boca?

Roger estava muito tentado a atender ao pedido, mas a vontade de entender o que estava acontecendo fez com que ele insistisse.

– Mas não entendo por que...

– Sei que não entende! É *esse* o problema!

Ela se virou e saiu batendo os pés até o baú que ficava perto da janela. Abriu a tampa com força e começou a procurar, resmungando e reclamando.

Ele abriu a boca, fechou-a de novo e vestiu a camisa suja. Sentia-se ao

mesmo tempo irritado e culpado, uma combinação ruim. Terminou de se vestir em meio a uma atmosfera carregada, pensando – e rejeitando – possíveis comentários e perguntas, todos os quais pareciam prontos para piorar ainda mais a situação.

Ela havia encontrado as meias, vestiu-as com um puxão, prendeu-as com movimentos curtos e selvagens e enfiou os pés em um par de tamancos gastos. Agora, ela estava diante da janela aberta, respirando fundo como se estivesse prestes a fazer exercícios intensos.

A vontade dele era fugir enquanto ela não estivesse olhando, mas não conseguia simplesmente sair deixando algo errado – independentemente do que fosse – entre eles. Ainda experimentava a sensação de proximidade que eles tinham dividido havia menos de 15 minutos, e não conseguia acreditar que tudo tinha simplesmente evaporado no ar.

Ele se aproximou dela por trás, lentamente, e apoiou as mãos em seus ombros. Ela não se virou nem tentou pisar no pé dele ou dar-lhe um chute no saco, então ele se arriscou a beijá-la levemente na nuca.

– Você ia me perguntar alguma coisa a respeito de gansos.

Ela respirou fundo e deixou o ar sair em um suspiro, relaxando um pouco contra o corpo dele. Sua raiva parecia ter desaparecido tão rápido quanto surgira, e ele ficou confuso e grato. Envolveu a cintura dela com as mãos e a puxou para trás.

– Ontem – disse ela – a sra. Aberfeldy queimou os biscoitos do café da manhã.

– Ah. É mesmo?

– A sra. Bug a acusou de estar preocupada demais com os laços do cabelo da filha para prestar atenção no que estava fazendo. E o que ela estava fazendo, a sra. Bug perguntou, colocando mirtilos nos biscoitos amanteigados?

– Por que não se deve colocar mirtilos nos biscoitos amanteigados?

– Não faço ideia. Mas a sra. Bug acha que não devemos colocar. E então Billy MacLeod caiu da escada, e a mãe dele não estava em lugar nenhum... Ela entrou no reservado e ficou entalada... e...

– Ela *o quê?* – A sra. MacLeod era baixa e meio atarracada, mas tinha um traseiro bem definido, como duas bolas de canhão em um saco. Era

bastante fácil imaginar um acidente como aquele acontecendo com ela, e Roger sentiu uma risada se formar dentro do seu peito. Tentou controlar-se, mas riu mesmo assim, resfolegando pelo nariz.

– Não deveríamos rir. Ela ficou com farpas. – Apesar da reprimenda, Brianna também estava rindo, tremores ruidosos mudando sua voz.

– Cristo. E aí?

– Bem, Billy estava gritando... ele não quebrou nada, mas bateu a cabeça com força, e a sra. Bug saiu da cozinha com a vassoura, berrando porque pensou que estávamos sendo atacados por índios, e a sra. Chisholm saiu à procura da sra. MacLeod e começou a gritar do reservado e... bem, os gansos apareceram no meio disso tudo, a sra. Bug olhou para o teto com os olhos arregalados e então disse “gansos!” tão alto que todo mundo parou de gritar. Ela correu para dentro do escritório do papai e voltou com a espingarda e me entregou.

Ela havia relaxado um pouco enquanto contava. Resfolegou e recostou-se nele de novo.

– Eu fiquei com tanta raiva que realmente senti vontade de matar alguma coisa. E havia muitos deles, os gansos. Dava para ouvi-los grasnando no céu.

Ele também tinha visto os gansos. Formas escuras em V, flexionando-se no vento, passando como uma flecha pelo céu de inverno. Ele os ouvira grasnar, com uma sensação estranha de solidão no coração, e desejou que ela estivesse ao lado dele ali.

Todo mundo tinha saído para ver; os pestinhas e dois cães meio selvagens dos Chisholms saíram correndo por entre as árvores, em meio a gritos e latidos de excitação, para pegar as aves caídas, enquanto Brianna atirava e recarregava o mais rápido que conseguia.

– Um dos cães pegou um ganso, e Toby tentou tomá-lo, então o cachorro o mordeu, e ele saiu correndo pelo quintal gritando que seu dedo tinha sido arrancado, havia sangue por toda parte, e ninguém conseguia fazer com que ele parasse para ver o ferimento. A minha mãe não estava aqui, e a sra. Chisholm estava no riacho com os gêmeos...

Ela estava ficando tensa de novo, e ele podia ver o sangue subindo à cabeça dela mais uma vez, corando a nuca de Brianna. Apertou as mãos em

sua cintura.

– O dedo dele foi arrancado, no fim das contas?

Ela parou, respirou fundo e então olhou para ele, empalidecendo um pouco.

– Não. Não havia sequer um ferimento na pele. Era sangue de ganso.

– Bom, você se saiu bem, não acha? A despensa cheia, nenhum dedo perdido... e a casa ainda está de pé.

Ele estava fazendo piada e se surpreendeu ao perceber que ela suspirava profundamente, aliviando um pouco da tensão.

– Sim – disse ela, e havia um toque inegável de satisfação em sua voz. – Eu me saí bem. Entre mortos e feridos salvaram-se todos, e todos bem alimentados. Com o mínimo derramamento de sangue – disse ela.

– Bem, é verdade o que dizem sobre omeletes e ovos, não é? – Ele riu e se curvou para beijá-la, mas então se lembrou da barba. – Ah, desculpe. Vou me barbear, está bem?

– Não vai, não. – Ela se virou quando ele a soltou e passou a ponta de um dedo pelo rosto dele. – Estou começando a gostar. Além disso, pode fazer isso mais tarde, não?

– Sim, posso. – Ele se abaixou e a beijou delicadamente, mas com intensidade. Qual era o problema, então? Será que ela só queria que ele dissesse que ela se saíra bem cuidando de tudo sozinha? Ele achava que ela merecia ouvir aquilo, se fosse o caso. Ele sabia que ela não tinha passado o tempo todo na frente da lareira cantando músicas de ninar para Jemmy em sua ausência – mas não tinha pensado nos detalhes sórdidos.

O cheiro do corpo e dos cabelos dela o envolviam, mas ao respirar fundo para sentir mais, ele notou que a sala estava com cheiro de junípero e bálsamo também, e com o suave aroma de velas de cera de abelha. Não só uma; havia três delas, acesas em castiçais pelo quarto. Normalmente, ela acenderia um candeeiro, economizando as velas valiosas, mas o pequeno quarto estava tomado agora por uma luz suave e dourada, e ele percebeu que a luz os havia iluminado enquanto faziam amor, deixando-o com lembranças dos tons castanho-avermelhados e ebúrneos e da penugem dourada que a cobria como a pelagem de um leão, o carmesim e o roxo de suas partes íntimas, o tom escuro da pele dele contra a palidez da dela –

lembranças vivas contra os lençóis brancos na mente dele.

O chão *estava* limpo – ou tinha estado limpo –, com as tábuas alvas e polidas e alecrim seco espalhado nos cantos. Ele podia ver a cama desarrumada por cima do ombro dela e percebeu que ela colocara lençóis limpos e uma nova colcha. Dedicara-se a arrumar a casa para o retorno dele. E ele chegara exigente, orgulhoso das suas aventuras, esperando elogios pelo feito de ter voltado vivo e ignorando tudo aquilo – cego para tudo em sua necessidade urgente de colocar as mãos nela e de sentir o corpo dela sob o dele.

– Ei – disse ele suavemente em seu ouvido –, posso ser um idiota, mas amo você, está bem?

Ela suspirou profundamente, com os seios contra o peito nu dele, quentes, apesar do tecido do vestido e da blusa. Eles estavam firmes; cheios de leite, mas não duros ainda.

– É, você é – disse ela com franqueza –, mas eu também amo você. E estou feliz por estar em casa.

Ele riu e se afastou. Havia um galho de junípero preso acima da janela, pesado com seus frutos verde-azulados. Ele estendeu a mão e quebrou um ramo, beijou-o e o prendeu na gola do vestido dela, entre seus seios, como um símbolo de trégua, um pedido de desculpas.

– Feliz Natal. Mas o que ia me dizer sobre os gansos?

Ela pousou a mão no ramo de junípero, um sorriso tímido aparecendo e sumindo em seguida.

– Bem. Não importa. É só... – Ele seguiu a direção dos olhos dela, virou-se e viu a folha de papel atrás da pia na qual se lavavam.

Era um desenho feito com carvão; gansos selvagens contra um céu nublado, voando acima de árvores que balançavam ao vento. Era um desenho incrível e olhar para ele despertava em Roger a mesma sensação esquisita que sentia ao ouvir os gansos – um pouco de alegria, um pouco de dor.

– Feliz Natal – disse Brianna baixinho, atrás dele. Ela ficou ao lado dele, segurando seu braço.

– Obrigado. É... Deus, Brianna, você é ótima. – Ela era. Ele se inclinou e a beijou, intensamente, precisando fazer algo para diminuir o desejo que

assombrava o papel em sua mão.

– Veja o outro. – Ela se afastou um pouco dele, ainda segurando seu braço, e meneou a cabeça em direção à bacia.

Ele não tinha notado que havia dois. O outro desenho estava atrás do primeiro.

Ela *era* ótima. Boa o suficiente para gelar o sangue no coração dele. O segundo desenho também tinha sido feito com carvão, com os mesmos traços escuros, brancos e cinzas. No primeiro, ela tinha enxergado o céu e o reproduzira em seu estado selvagem: desejo e coragem, esforço perdurando na fé em meio ao vazio do ar e da tempestade. No segundo, ela havia enxergado a quietude.

Era um ganso morto, pendurado pelas patas, as asas meio abertas. Pescoço mole e bico entreaberto, como se, mesmo na morte, ele procurasse o voo e a companhia de seus companheiros. As linhas eram graciosas, os detalhes de penas, bicos e olhos vazios, minuciosos. Ele nunca tinha visto algo tão lindo nem tão desolador na vida.

– Desenhei este ontem à noite – disse ela, baixinho. – Todo mundo estava dormindo, mas eu não conseguia pegar no sono.

Ela havia pegado uma vela e caminhado pela casa cheia, inquieta, e por fim fora para fora, apesar do frio, procurando ficar sozinha, já que não conseguia descansar, na escuridão gelada em meio às construções. E no barracão onde as carnes eram defumadas, à luz das brasas, encantara-se com a beleza daqueles gansos pendurados, com a plumagem preta e branca contra a parede acinzentada.

– Conferi se Jemmy estava dormindo profundamente e então levei minha caixa de desenhos lá para baixo e desenhei até meus dedos ficarem gelados demais para que eu conseguisse segurar o carvão. Este foi o melhor. – Ela fez um meneio com a cabeça na direção do desenho, com os olhos distantes.

Pela primeira vez, ele viu as sombras azuis em seu rosto, e a imaginou à luz da vela, acordada até tarde e sozinha, desenhando gansos mortos. Ele a teria abraçado naquele momento, mas ela se virou e foi até a janela, onde as venezianas tinham começado a bater.

A neve tinha parado de derreter, e logo em seguida começou a soprar

um vento congelante que derrubava as últimas folhas das árvores e fazia com que bolotas e nozes voassem e batessem no telhado, como chumbo grosso. Ele a seguiu, passou por ela para fechar as janelas e trancá-las por causa do vento forte.

– Papai me contou histórias enquanto eu estava... enquanto eu estava esperando Jemmy nascer. Eu não prestava muita atenção... – Ela entortou o canto da boca. – Mas eu ouvia um pouco aqui e ali.

Ela se virou naquele momento e recostou-se na janela, segurando o peitoral atrás de si.

– Ele disse que quando um caçador mata um ganso selvagem, ele deve esperar ao lado do corpo, porque os gansos selvagens se unem a um par pela vida toda, e se você matar só um, o outro vai sofrer até morrer. Então, você espera e, quando o parceiro chega, você o mata também.

Ela olhava com intensidade para ele, mas as chamas da vela faziam o azul cintilar dentro deles.

– O que eu queria saber é... todos os gansos são assim? Não só os gansos selvagens? – Ela indicou os desenhos.

Ele a tocou e pigarreou. Queria confortá-la, mas não com uma mentira fácil.

– Talvez sim. Mas não tenho certeza. Você está preocupada, então, com os parceiros dos pássaros que matou?

Os lábios pálidos se contraíram com força e então relaxaram.

– Não preocupada. Só... Não conseguia parar de pensar nisso depois. Pensar neles voando... sozinhos. Você não estava aqui, então não consegui evitar de pensar, quero dizer, eu *sabia* que você estava bem dessa vez, mas da próxima, pode ser que você não volte... bem, não importa. É tolice. Não se preocupe com isso.

Ela se levantou e teria passado por ele, mas ele a abraçou e a segurou perto do seu corpo, de modo que ela não conseguia ver seu rosto.

Ele sabia que ela não precisava dele – não para juntar feno, para arar, para caçar para ela. Em caso de necessidade, poderia fazer essas coisas sozinha, ou poderia encontrar outro homem. Ainda assim... os gansos selvagens diziam que ela precisava *dele*, que sofreria se o perdesse. Talvez para sempre. Em seu atual estado vulnerável, saber disso parecia um grande

presente.

– Gansos – disse ele por fim, com a voz meio abafada nos cabelos dela. – Meus vizinhos criavam gansos quando eu era pequeno. Animais grandes e brancos. Seis deles; eles andavam em grupo, todos empertigados e fazendo barulho. Aterrorizavam cães, crianças e pessoas que passavam na rua.

– Eles aterrorizavam você? – A respiração dela fez cócegas no pescoço dele.

– Ah, sim. O tempo todo. Quando brincávamos na rua, eles saíam grasnando, nos bicavam e nos batiam com as asas. Quando eu queria sair para brincar com um amigo no quintal, a sra. Graham também tinha que ir, para enxotar os malditos com uma vassoura. Então, certa manhã, o entregador de leite chegou enquanto os gansos estavam no jardim da frente. Eles foram atrás dele, o homem saiu correndo, o cavalo dele se assustou com a barulheira e pisoteou dois deles. As crianças da rua ficaram exultantes.

Ela estava rindo encostada no ombro dele, um pouco chocada, mas se divertindo.

– O que aconteceu depois?

– A sra. Graham pegou os gansos e os depenou, e comemos torta de ganso por uma semana – disse ele tranquilamente. Endireitou-se e sorriu para ela. Ela estava corada. – É o que sei sobre gansos: eles são criaturas terríveis, mas têm um gosto ótimo.

Ele se virou e pegou o casaco manchado de lama no chão.

– Então... Vou ajudar o seu pai com as tarefas, e depois quero ver como ensinou o meu filho a engatinhar.

AMULETOS

Encostei o dedo na superfície branca brilhante e em seguida esfreguei os dedos, avaliando.

– Não há nada mais gorduroso do que gordura de ganso – falei com aprovação. Limpei os dedos no avental e peguei uma colher grande.

– Nada melhor para uma boa crosta de massa – concordou a sra. Bug.

Ela ficou na ponta dos pés, observando com ciúme enquanto eu dividia a gordura branca e macia, tirando-a da caldeira e colocando-a em dois recipientes grandes de pedra; um para a cozinha, outro para o meu consultório.

– Teremos uma boa torta de cordeiro para o *Hogmanay* – disse ela, estreitando os olhos enquanto pensava. – E depois, miúdos de carneiro picados e temperados, cozidos dentro do bucho, acompanhando lagarto e um pouco de milho... e uma grande torta de uva-passa com geleia e creme de sobremesa!

– Maravilha – murmurei.

Meus planos imediatos para a banha de ganso envolviam uma pomada de salsaparrilha e doce-amarga para queimaduras e arranhões, uma pomada mentolada para nariz entupido e congestão no peito, e alguma coisa calmante e de odor agradável para assaduras – talvez uma infusão de lavanda, com o sumo de folhas de não-me-toques.

Olhei para baixo à procura de Jemmy; ele havia aprendido a engatinhar poucos dias antes, mas já conseguia atingir uma velocidade impressionante, especialmente quando ficava fora de vista. Ele estava sentado no canto, muito calmo, mordiscando o cavalo de madeira que Jamie havia entalhado para ele como presente de Natal.

Como muitos deles eram católicos – e *todos* eram nominalmente cristãos –, os escoceses das Terras Altas encaravam o Natal, acima de tudo, como uma celebração religiosa, e não como uma importante ocasião festiva. Sem padre nem ministro, o dia era passado em grande parte como um domingo, mas com uma refeição especial para marcar a ocasião e com a troca de pequenos presentes. Jamie me presenteara com a concha de madeira que eu estava usando naquele momento, com a imagem de uma folha de hortelã entalhada no cabo; eu dera a ele uma camisa nova com uma prega na gola para ocasiões formais, já que a camisa velha dele estava bastante gasta nas costuras.

Com certa antecedência, a sra. Bug, Brianna, Marsali, Lizzie e eu tínhamos preparado uma quantidade enorme de caramelos de melado, que tínhamos distribuído a todas as crianças como presente de Natal. Por mais danos que pudessem causar aos dentes delas, os caramelos tinham o benefício de fechar-lhes a boca por longos períodos e, como consequência, os adultos puderam desfrutar de um Natal em paz. Até mesmo Germain ficara quietinho.

O *Hogmanay*, entretanto, era completamente diferente. Só Deus sabia quais eram as raízes pagãs da celebração escocesa de ano-novo, mas havia uma razão pela qual eu queria manipular com antecedência um quantidade de preparações medicinais – a mesma razão pela qual Jamie estava agora na fonte de uísque, decidindo quais barris eram velhos o bastante para não envenenar ninguém.

Depois de retirada a banha de ganso, restou uma boa mistura escura no fundo da caldeira, com pedaços de pele e carne. Vi que a sra. Bug estava de olho na mistura, pensando em fazer um molho.

– Metade – falei com seriedade, pegando uma garrafa grande.

Ela não discutiu; apenas deu de ombros e sentou-se no banco resignada.

– Mas o que vai fazer com isso? – perguntou ela com curiosidade, observando enquanto eu colocava um quadrado de musselina na boca da garrafa, para coar o caldo. – A gordura é ótima para fazer unguentos. E o caldo é bom para um corpo fraco, com certeza, mas não vai durar, sabe? – Ela ergueu uma sobrancelha para mim como um aviso, para o caso de eu não saber disso. – Se deixar assim um dia ou dois, vai ficar cheio de bolor.

– Bem, é o que espero que aconteça – falei, despejando o caldo no quadrado de musselina com a concha. – Acabei de separar um monte de pão para mofar e quero ver se o mofo vai crescer no caldo também.

Eu podia perceber que na mente dela dançavam perguntas e respostas, todas com base em um medo cada vez maior de que aquela minha mania de guardar comida podre estivesse piorando e em breve fosse tomar conta da cozinha. Ela olhou na direção da torta e em seguida para mim, com um olhar intenso de desconfiança.

Virei a cabeça para esconder um sorriso e vi o gato Adso equilibrado nas patas traseiras sobre o banco, com as garras sobre a mesa, as butucas esverdeadas observando os movimentos da concha com fascínio.

– Ah, você também quer um pouco?

Peguei um pires da prateleira e o enchi com o mingau escuro, delicioso, com pedaços de carne de ganso e nacos flutuantes de gordura.

– É da minha metade – garanti à sra. Bug, mas ela balançou a cabeça vigorosamente.

– Nada disso, sra. Fraser – disse ela. – Esse rapazinho pegou *seis* ratos aqui nos últimos dois dias. – Ela sorriu com simpatia para Adso, que fora para o chão e estava devorando o caldo o mais rápido que conseguia com a linguinha cor-de-rosa. – Esse gatinho pode comer o que quiser da minha cozinha.

– Ah, é? Ótimo. Ele pode ir dar um jeito nos ratos do meu consultório também.

Estávamos presenciando uma proliferação de ratos; empurrados para dentro de casa por causa do frio, eles percorriam os rodapés como sombras quando escurecia, e mesmo à luz do dia, corriam pelo chão e saltavam de armários abertos, causando disparos nos corações e pratos quebrados.

– Bem, não podemos culpar os ratos – observou a sra. Bug, olhando rapidamente para mim. – Afinal, eles vão aonde tem alimento.

O caldo tinha sido quase totalmente coado pela musselina, deixando uma camada grossa de gordura. Eu a raspei e joguei no pires de Adso, em seguida peguei uma concha cheia.

– Ah, é verdade – falei, com calma. – E sinto muito por isso, mas o bolor é importante. É remédio, e eu...

– Ah, sim! Claro que é – disse ela, apressada. – Eu sei disso.

Não havia sinal de sarcasmo em sua voz, o que me surpreendeu, de certo modo. Ela hesitou e então enfiou a mão pela abertura da saia, dentro do bolso que tinha por baixo.

– Havia um homem que vivia em Auchterlonie, onde ficava a nossa casa, minha e do Arch, no vilarejo de lá. Ele era um *carline*, Johnnie Howlat, e as pessoas ficavam desconfiadas perto dele, mas iam. Algumas iam durante o dia, em busca de remédios de ervas e coisas, e algumas iam à noite, para comprar amuletos. Conhece o tipo? – Ela lançou outro olhar para mim, e eu assenti meio em dúvida.

Eu sabia o tipo de pessoa a quem ela se referia; alguns feiticeiros das Terras Altas não lidavam apenas com remédios – as “coisas” às quais ela se referia –, mas também com magia mais simples, vendendo poções de amor, poções de fertilidade... desejos ruins. Senti um frio percorrer minha espinha e desaparecer, deixando uma leve sensação de inquietude, como o rastro úmido deixado por uma lesma.

Engoli em seco, lembrando-me do pequeno ramo de plantas cheias de espinhos, tão cuidadosamente envolvidas com um laço vermelho e um preto. Colocado embaixo do meu travesseiro por uma menina ciumenta chamada Laoghaire – comprado de uma bruxa chamada Geillis Duncan. Uma bruxa como eu.

O que a sra. Bug queria dizer? “*Carline*” não era uma palavra que eu conhecesse, apesar de achar que significava “bruxa” ou algo assim. Ela olhava para mim com atenção, seu entusiasmo normal bastante reduzido.

– Ele era um homenzinho nojento, Johnnie Howlat. Não tinha mulher, e sua cama tinha um cheiro horroroso. Assim como ele. – Ela estremeceu de repente, apesar do fogo às suas costas. – Às vezes, ele era visto na mata ou no pântano, cavoucando o chão. Ele encontrava criaturas que tinham morrido, talvez, e levava de volta patas ou pele, ossos e dentes para fazer seus feitiços. Usava um casaco velho e horrível, como um agricultor, e de vez em quando o víamos atravessando o caminho com algo embaixo do casaco e sangue, e de outras coisas, manchando o tecido.

– Parece bastante desagradável – comentei, com os olhos fixos na garrafa enquanto tirava os resíduos do pano e pegava mais caldo. – Mas as pessoas o

procuravam mesmo assim?

– Não havia mais ninguém – disse ela, e eu olhei para cima.

Os olhos escuros dela estavam fixos nos meus, e sua mão se mexeu lentamente, tocando algo dentro do bolso.

– Eu não sabia no começo – disse ela. – Afinal, Johnnie guardava terra do cemitério, pó de ossos e sangue de galinha e coisas desse tipo, mas você...
– ela meneou a cabeça para mim pensativa, o lenço branco imaculado à luz do fogo –, você é limpa.

– Obrigada – falei, ao mesmo tempo tocada e achando graça. Aquilo era um grande elogio, vindo da sra. Bug.

– Exceto pelo pão embolorado – disse ela, esboçando um sorriso. – E por aquele saco que guarda no seu armário. Mas é verdade, não é? Você é uma feiticeira, como Johnnie era?

Hesitei, sem saber o que dizer. A lembrança de Cranesmuir estava viva em minha mente, como não estivera por muitos anos. A última coisa que eu queria era que a sra. Bug espalhasse o rumor de que eu era uma *carline* – algumas pessoas já me chamavam de feiticeira. Eu não temia ser punida legalmente como bruxa – não ali, não naquele tempo. Mas ter fama de curandeira era uma coisa; ver pessoas vindo até mim para que eu as ajudasse com todo tiro de sortilégio era outra bem diferente.

– Não exatamente – respondi com cautela. – É só que sei um pouco sobre plantas. E sobre cirurgias. Mas não sei nada sobre feitiços ou... encantos.

Ela assentiu satisfeita, como se eu tivesse confirmado suas suspeitas em vez de negá-las.

Antes que eu pudesse responder, ouvimos um som parecido com água caindo dentro de uma panela quente, seguido por um grito. Jemmy, cansado de seu brinquedo, deixara-o de lado e engatinhara até o pires de Adso. O gato, não disposto a dividir, sibilara para o bebê e o assustara. O grito de Jemmy, por sua vez, assustara Adso. Só a ponta de um nariz cor-de-rosa e o balançar de bigodes agitados apareciam nas sombras.

Peguei Jem e o acalmei, enquanto a sra. Bug se encarregava da tarefa de coar o caldo. Ela olhou para os restos de ganso no prato e pegou um osso da coxa, a cartilagem branca da ponta lisa e brilhante.

– Tome, rapazinho.

Ela o agitou embaixo do nariz de Jemmy. Ele parou de chorar de imediato, pegou o osso e o levou à boca. A sra. Bug pegou um osso menor da asa, com restos de carne pendurados, e o colocou no pires.

– E este é para você, rapaz – disse ela para a escuridão. – Mas não coma demais, fique com fome para pegar os ratos, sim?

Ela se voltou novamente para a mesa e começou a juntar os ossos em uma panela rasa.

– Vou assar estes; servirão para uma sopa – disse ela, com os olhos na tarefa. Então, sem mudar de tom nem olhar para a frente, ela disse: – Eu consultei Johnnie Howlat uma vez.

– É mesmo? – Eu me sentei com Jemmy no colo. – Estava doente?

– Eu queria um filho.

Eu não soube o que dizer. Fiquei parada, ouvindo o caldo pingar através da musselina enquanto ela raspava o resto de banha da panela e a levava ao fogo.

– Eu havia perdido quatro no período de um ano – disse ela, de costas para mim. – Ainda que não pareça agora, eu fiquei pele e osso, pálida como o trigo, e meus peitos murcharam completamente.

Ela colocou a panela sobre as brasas e a cobriu.

– Então, peguei o dinheiro que tinha e fui até Johnnie Howlat. Ele pegou o dinheiro e colocou água em uma panela. Sentou-se de um lado dela e eu, do outro, e ali ficamos por muito tempo, ele olhando dentro da água, e eu olhando para ele. Por fim, ele se chacoalhou um pouco, se levantou e foi até o fundo da cabana. Estava escuro, e eu não consegui ver o que ele fez, mas mexeu em algumas coisas, sussurrou palavras e finalmente voltou até mim e me entregou um amuleto.

A sra. Bug se endireitou e se virou. Aproximou-se e pousou a mão com delicadeza na cabeça sedosa de Jemmy.

– Johnnie disse que havia um amuleto que fecharia a abertura do meu útero e manteria um bebê lá dentro até a hora de nascer. Disse também que ele tinha visto algo na água e que precisava me contar. Falou que, se eu tivesse um bebê que nascesse com vida, o meu marido morreria. Ele ia me dar o amuleto e a oração que precisava fazer com ele, e então a escolha seria

minha. E quem poderia dizer algo mais justo do que isso?

O dedo grosso e marcado pelo trabalho traçou a curva do rosto de Jemmy. Entretido com seu novo brinquedo, ele não prestou atenção.

– Carreguei o amuleto no bolso por um mês... e então o guardei.

Estendi o braço e pousei a mão sobre a dela, apertando. Não ouvíamos nenhum som, só o balbucio do bebê e o sibilar e o estalar dos ossos nas brasas. Ela ficou parada por um momento, então afastou a mão e a enfiou de novo no bolso. Pegou um objeto pequeno e o colocou sobre a mesa ao meu lado.

– Eu não consegui jogá-lo fora – disse ela, olhando para o amuleto com frieza. – Afinal, me custou três moedas de prata. E é bem pequeno; foi fácil carregar quando deixamos a Escócia.

Era uma pedrinha cor-de-rosa, com marcas cinza e desgastada. Tinha sido moldada rusticamente na forma de uma mulher grávida, pouco mais do que um barrigão, com seios inchados e nádegas em cima de um par de pernas rechonchudas. Eu já tinha visto figuras assim antes, em museus. Será que Johnnie Howlat havia feito aquilo sozinho? Ou será que o havia encontrado em suas explorações na floresta e nos pântanos, um vestígio de épocas mais antigas?

Eu o toquei com cuidado, pensando que o que quer que Johnnie Howlat tivesse sido, ou o que quer que tivesse visto na água, sem dúvida tinha sido esperto o suficiente para ver o amor entre Arch e Murdina Bug. Era mais fácil para uma mulher, naquela época, deixar de lado a esperança de ter filhos pensando ser um sacrifício nobre pelo bem de um marido muito amado do que sofrer a amargura e a culpa do fracasso constante? Ele podia ser um *carline*, Johnnie Howlat, mas certamente era um encantador.

– Então – disse a sra. Bug, calmamente –, pode ser que você encontre uma moça que queira usá-lo. Seria uma pena desperdiçá-lo, não acha?

HOGMANAY

O ano terminou claro e frio, com uma lua pequena e brilhante subindo alto no céu escuro e violeta, inundando de luz as cavernas e os caminhos da encosta da montanha. Uma coisa boa, já que as pessoas vinham de todos os cantos do vilarejo – algumas até de mais longe – para participar do *Hogmanay* na “Casa Grande”.

Os homens tinham limpado o novo celeiro e nivelado o chão para as danças. Jiga, dança escocesa e *strathspeys* – e mais algumas outras danças cujos nomes eu não sabia, mas que pareciam divertidas – foram executadas à luz de lamparinas a banha de urso, acompanhadas pelo som rascante do violino de Evan Lindsay e o sopro agudo da flauta de madeira de seu irmão Murdo, pontuados pelo som das batidas do *bodhran* de Kenny.

O pai de Thurlo Guthrie também havia levado suas gaitas – um conjunto de gaitas irlandesas que pareciam quase tão velhas quanto o próprio sr. Guthrie, mas que produziam um som delicado. A melodia às vezes combinava com a ideia dos Lindsays de uma determinada canção, às vezes, não, mas o efeito, de modo geral, era alegre, e as pessoas já tinham consumido uísque e cerveja suficientes a essa altura das festividades para que ninguém se importasse nem um pouco.

Depois de uma ou duas horas de dança, achei que compreendia por que a “dança escocesa” tinha passado a ser usada para se referir à embriaguez; mesmo executada sem um consumo preliminar de bebida, a dança era suficiente para deixar uma pessoa zonza. Executada sob a influência de uísque, fazia todo o sangue de minha cabeça girar como a água em uma máquina de lavar. Eu cambaleei para longe no fim de uma dessas danças, recostei-me em um poste do celeiro e fechei um olho, na esperança de afastar

a sensação de que eu não parava de rodar.

Um toque na lateral do meu corpo fez com que eu abrisse o olho, e vi Jamie, segurando dois copos cheios de algum líquido. Com todo o calor e a sede que eu sentia, não quis saber o que era, desde que fosse líquido. Felizmente, era sidra, que eu tomei de um gole só.

– Se beber assim, vai acabar caindo, Sassenach – disse ele, bebendo a própria sidra de modo parecido. Ele estava corado e suado por causa da dança, mas seus olhos brilhavam quando ele sorriu para mim.

– Bobagem – falei. Com um pouco de sidra como lastro, a sala tinha parado de rodar, e eu me sentia animada, ainda que com calor. – Quantas pessoas você acha que estão aqui?

– Eram 68, da última vez que contei. – Ele se recostou ao meu lado, observando as pessoas com uma expressão de profunda satisfação. – Elas entram e saem, então não consigo contar ao certo. E não contei as crianças – disse ele, movendo-se de leve para evitar uma colisão quando um trio de garotos passou rindo pela multidão e por nós.

Montes de feno fresco estavam empilhados nas sombras na lateral do celeiro. Os corpos de crianças pequenas demais para se manterem acordadas estavam cobertos e encolhidos como muitos dos filhotes do celeiro. O brilho da luz da lanterna cintilou em algo vermelho-dourado. Jemmy estava adormecido em seu cobertor, ninado pelo barulho. Vi Bree sair de uma dança, pousar a mão rapidamente sobre ele para checar e em seguida se virar. Roger estendeu a mão para ela, sorrindo, e ela aceitou, rindo enquanto eles voltavam para dançar com os demais.

As pessoas de fato entravam e saíam – em especial pequenos grupos de jovens e casais de namorados. Estava congelando do lado de fora, mas o frio tornava o aconchego de um corpo quente muito mais interessante. Um dos garotos mais velhos dos MacLeods passou perto de nós, abraçado a uma garota bem mais jovem – uma das netas do sr. Guthrie, pensei; ele tinha três netas, todas muito parecidas –, e Jamie disse algo engraçado em gaélico para ele que fez com que suas orelhas ficassem vermelhas. A jovem, que já estava corada por estar dançando, ficou muito vermelha.

– O que você disse a eles?

– Melhor não traduzir – disse ele, apoiando a mão na parte inferior das

minhas costas.

Ele estava tomado pelo calor e pelo uísque, iluminado por uma chama de alegria; olhar para ele bastava para aquecer o meu coração. Ele viu isso e sorriu para mim, o calor de sua mão atravessando o tecido do meu vestido.

– Quer sair um pouco, Sassenach? – perguntou ele, a voz baixa e muito sugestiva.

– Bem, já que você perguntou... quero – respondi. – Mas talvez não agora.

Meneei a cabeça para além de onde ele estava; ele se virou e viu um grupo de senhoras sentadas em um banco encostado na parede. Todas olhavam para nós com a curiosidade de um bando de corvos. Jamie assentiu e sorriu para elas, e todas começaram a rir e a corar, e se voltou para mim com um sussurro.

– Sim, bem, daqui a pouco, então... depois da dança, talvez.

Uma dança terminou e houve grande movimentação na direção do barril de sidra, sob os cuidados do sr. Wemyss nos fundos do celeiro. Os dançarinos se reuniram ao redor dele como um monte de vespas sedentas, e a única coisa que ficou visível do sr. Wemyss foi o topo de sua cabeça, quase branca sob o brilho das lanternas.

Ao vê-lo, procurei Lizzie ao redor, para ver se ela estava aproveitando a festa. Evidentemente, estava. Avistei-a sendo cortejada em um canto, cercada por quatro ou cinco rapazes, todos se comportando de modo muito parecido com os dançarinos ao redor da sidra.

– Quem é o grande? – perguntei a Jamie, chamando a atenção para o pequeno grupo com um meneio de cabeça. – Não o conheço. – Ele olhou na direção do grupo, semicerrando levemente os olhos.

– Ah – disse ele, relaxando –, é Jacob Schnell. Ele veio de Salem com um amigo. Eles vieram com os Muellers.

– É mesmo? – Salem ficava longe dali; cerca de 50 quilômetros. Fiquei me perguntando se eles tinham sido atraídos apenas pelas festividades. Procurei Tommy Mueller, que eu havia marcado intimamente como um possível pretendente para Lizzie, mas não o vi na multidão.

– Sabe alguma coisa a respeito desse rapaz Schnell? – perguntei, olhando para ele em dúvida.

Era um ou dois anos mais velho do que os outros rapazes que cortejavam Lizzie e muito alto. De traços simples, mas de boa aparência, na minha opinião; ossos grandes e uma barriga mais rechonchuda que prenunciava o aparecimento de um barrigão na meia-idade.

– Não conheço o rapaz, mas conheci seu tio. É de uma boa família; acho que o pai dele é sapateiro.

Olhamos automaticamente para os sapatos do jovem; não eram novos, mas eram de boa qualidade, com fivelas de peltre, grandes e quadradas ao estilo alemão.

O jovem Schnell parecia ter ganhado vantagem; ele estava mais inclinado, dizendo algo a Lizzie, cujos olhos estavam fixos no rosto dele, franzindo o cenho em concentração, a pele entre as sobrancelhas claras enrugada enquanto ela tentava entender o que ele dizia. Por fim ela entendeu, e seu rosto relaxou em uma risada.

– Acho que não. – Jamie balançou a cabeça, franzindo o cenho de leve enquanto o observava. – A família é luterana; eles não permitiriam que o rapaz se casasse com uma católica... e Joseph ficaria arrasado se a filha fosse morar tão longe.

O pai de Lizzie era *muito* ligado a ela; e, por já tê-la perdido uma vez, era improvável que permitisse que ela se casasse e fosse morar tão longe, perdendo-a de vista de novo. Ainda assim, eu acreditava que Joseph Wemyss faria quase qualquer coisa para garantir a felicidade da filha.

– Ele pode ir com ela, sabe?

O rosto de Jamie ficou inexpressivo enquanto pensava, e ele assentiu relutantemente.

– Acho que sim. Eu detestaria perdê-lo, mas acho que Arch Bug poderia...

Gritos de “*Mac Dubh!*” o interromperam.

– Venha, *a Sheumais ruaidh*, mostre a ele! – gritou Evan dos fundos do celeiro, meneando a cabeça de modo autoritário.

Houvera uma pausa na dança, para dar tempo de os músicos respirarem e beberem alguma coisa, e, nesse ínterim, alguns dos homens estavam tentando dançar com espadas, o que podia ser feito com o acompanhamento apenas de gaitas de foles ou de um único tambor.

Eu estava prestando pouca atenção àquilo; ouvia somente os gritos de incentivo e de desdém vindos daquele lado do celeiro. Evidentemente, a maioria dos presentes não era muito hábil no esporte – o último cavaleiro a tentar tropeçara em uma das espadas e caíra de cara no chão; estava recebendo ajuda para se levantar, com o rosto vermelho e rindo, rebatendo os insultos dos amigos enquanto eles tiravam o feno e a terra das roupas dele.

– *Mac Dubh, Mac Dubh!* – gritaram Kenny e Murdo, fazendo um gesto para que ele se aproximasse, mas Jamie acenou em recusa, rindo.

– Não, não faço isso há mais tempo do que...

– *Mac Dubh! Mac Dubh! Mac Dubh!* – Kenny começou a bater seu *bodhran*, cantando no ritmo, e o grupo de homens ao redor se juntou a ele.

– *Mac Dubh! Mac Dubh! Mac Dubh!*

Jamie lançou-me um breve olhar de impotência, mas Ronnie Sinclair e Bobby Sutherland já estavam caminhando decididos em nossa direção. Eu dei um passo para trás, rindo, e os dois pegaram Jamie pelos braços, abafando os protestos com gritos brincalhões enquanto o carregavam para o centro da pista de dança.

Aplausos e gritos de aprovação irromperam quando eles o colocaram em um espaço aberto, onde haviam espalhado palha sobre a terra úmida por uma extensão razoável para formar uma superfície firme. Ao ver que não tinha escolha, Jamie se levantou e ajeitou o kilt. Olhou para mim, revirou os olhos fingindo resignação e começou a tirar o casaco, o colete e as botas, enquanto Ronnie se aproximava para dispor as duas espadas cruzadas a seus pés.

Kenny Lindsay começou a bater devagar em seu *bodhran*, hesitando entre as batidas, um som de leve suspense. A multidão murmurou e se remexeu, ansiosa. Vestindo camisa, kilt e meias, Jamie fez uma reverência, virando-se na direção do sol para se abaixar quatro vezes, para cada um dos pontos cardeais. Em seguida se levantou e tomou seu lugar, em cima das espadas cruzadas. Ele ergueu as mãos, com os dedos apontados acima da cabeça.

Ouvi palmas próximo de onde eu estava e vi Brianna levar dois dedos à boca e emitir um assovio forte de aprovação, chocando as pessoas ao seu

lado.

Vi Jamie fitar Bree com um meio sorriso e em seguida olhar nos meus olhos de novo. O sorriso permaneceu em seus lábios, mas havia algo diferente em sua expressão; algo pesaroso. As batidas do *bodhran* começaram a se intensificar.

A dança com a espada escocesa era executada por um de três motivos. Para exibição e entretenimento, como ele estava prestes a fazer agora. Para competição, como faziam os jovens em uma reunião. E como foi feita pela primeira vez, como um agouro. Na noite que antecedia uma batalha, a habilidade do dançarino prenunciava sucesso ou fracasso. Os jovens tinham dançado entre espadas cruzadas na noite antes das batalhas de Prestonpans e de Falkirk. Mas não antes de Culloden. Não houvera fogueiras na noite anterior àquela batalha final, não houvera tempo para bardos e canções de batalha. Não importava; ninguém precisara de um agouro naquela ocasião.

Jamie fechou os olhos por um momento, abaixou a cabeça e as batidas do tambor começaram a aumentar, a se acelerar.

Eu sabia, porque ele tinha me dito, que ele executara a dança da espada pela primeira vez em uma competição, e depois – mais de uma vez – na noite antes de batalhas, primeiro nas Terras Altas, depois na França. Os velhos soldados tinham pedido que ele dançasse, haviam valorizado sua habilidade como uma garantia de que viveriam e triunfariam. Se os Lindsays conheciam a habilidade dele, isso significava que ele também devia ter dançado em Ardsmuir. Mas isso tinha sido no Velho Mundo, em sua vida antiga.

Ele sabia – sem que Roger precisasse lhe dizer – que os modos antigos tinham mudado, estavam mudando. Aquele era um mundo novo, e a dança da espada nunca mais seria dançada de verdade em busca de agouro e da boa vontade dos deuses antigos da guerra e do sangue.

Seus olhos se abriram, e ele ergueu a cabeça. O jovem bateu no tambor com um *tum!* repentino e a dança começou com um grito da multidão. Os pés dele batiam na terra batida, para o norte e para o sul, para o leste e para o oeste, mexendo-se depressa entre as espadas.

Seus pés batiam sem emitir som, firmes no chão, e sua sombra dançava na parede atrás dele, alta, com os braços compridos levantados. Seu rosto

ainda estava virado para mim, mas ele não me via mais, eu tinha certeza.

Os músculos de suas pernas eram fortes por baixo da barra do kilt, e ele dançava com toda a habilidade do guerreiro que tinha sido e ainda era. Mas eu acreditava que ele dançava agora apenas pela lembrança, para que aqueles que assistiam não se esquecessem; dançava com o suor voando de sua testa enquanto trabalhava e um olhar de profundo distanciamento.

As pessoas ainda estavam falando sobre a dança quando fomos para casa, pouco antes da meia-noite, para pegar ensopado de batata, cerveja e sidra, antes do ritual da primeira pessoa a entrar na casa no ano-novo para dar sorte.

A sra. Bug pegou um cesto cheio de maçãs e reuniu todas as garotas jovens e solteiras em um canto da cozinha, onde – com muitos risos e olhares para os jovens – cada uma descascou uma fruta, mantendo a casca em uma única tira. Cada garota jogou a casca para trás, e todo o grupo se reuniu e decidiu, pelo formato das cascas, o formato da letra que elas formavam.

Como as cascas de maçã eram bem circulares, apareceram muitos C, G e O – boas notícias para Charley Chisholm e para o jovem Geordie Sutherland – e houve muita especulação sobre se “Angus Og” podia ou não ser o significado de um O, já que Angus Og MacLeod era um rapaz alegre e muito querido, enquanto o único “Owen” era um viúvo mais velho, com cerca de 1,50 metro de altura e um cisto grande no rosto.

Eu havia subido com Jemmy para colocá-lo na cama, e depois de deixá-lo deitado e roncando no berço, desci a tempo de ver Lizzie jogar suas cascas.

– C! – gritaram duas meninas da família Guthrie, quase batendo as cabeças quando se inclinaram para olhar.

– Não, não, é um J!

Considerada a especialista da casa, a sra. Bug se inclinou para a frente, olhando para a tira de casca vermelha com a cabeça de lado, como um pardal analisando uma minhoca em potencial.

– É um J, com certeza – disse ela, endireitando-se, e o grupo começou a rir, virando-se de uma vez para olhar para John Lowry, um jovem agricultor

de Woolam's Mill, que olhou para trás, totalmente confuso.

Vislumbrei algo vermelho pelo canto do olho e, quando me virei, vi Brianna na porta que dava para o corredor. Ela inclinou a cabeça me chamando, e eu me apressei para alcançá-la.

– Roger está pronto para sair, mas não encontramos o sal grosso; não estava na despensa. Você tem no consultório?

– Ah, sim, tenho – respondi com culpa. – Andei usando o sal para secar umas ervas e me esqueci de devolver.

Os convidados tomavam a varanda e se enfileiravam pelo corredor amplo, chegando à cozinha e ao escritório de Jamie, todos falando, bebendo e comendo, e eu passei pela multidão atrás de Brianna, na direção do meu consultório, trocando cumprimentos enquanto desviava de copos de sidra e das migalhas sob os meus pés.

O consultório em si estava quase vazio; as pessoas costumavam evitá-lo, por superstição, por associá-lo a dores ou simplesmente por receio, e eu não as incentivara a entrar, deixando a sala escura, sem fogo. Havia apenas uma vela acesa lá dentro, e a única pessoa presente era Roger, que estava mexendo nas coisas que eu havia deixado em cima do balcão.

Ele olhou para a frente quando entrei, sorrindo. Ainda meio corado depois da dança, ele voltara a vestir o casaco e enrolara um cachecol de lã no pescoço; a capa estava em cima do banquinho ao lado dele. Segundo a tradição, o “primeiro a chegar” que trazia mais sorte no *Hogmanay* era um homem moreno, alto e bonito; receber um homem assim como a primeira visita depois da meia-noite trazia boa sorte para a casa durante o ano vindouro.

Roger era, sem dúvida, o mais alto – e o mais bonito – moreno disponível, por isso tinha sido escolhido para ser o primeiro, não só na Casa Grande, como as pessoas diziam, mas nas casas próximas. Fergus, Marsali e os outros que viviam por perto já tinham corrido para suas casas a fim de se preparar para receber o primeiro visitante quando ele chegasse.

Um homem ruivo, no entanto, traria azar caso fosse o primeiro visitante, e Jamie tinha se recolhido em seu escritório, sob a guarda dos irmãos Lindsays, que estavam encarregados de mantê-lo trancado ali até depois de meia-noite. Não havia relógios mais próximos do que em Cross Creek, mas o

velho sr. Guthrie tinha um relógio de bolso, mais velho do que ele próprio; esse instrumento declararia o momento místico em que um ano daria lugar ao outro. Devido à propensão que o relógio tinha a parar, eu duvidava que seria mais do que um pronunciamento simbólico, mas era o suficiente, afinal.

– Onze e cinquenta – declarou Brianna, aparecendo no consultório atrás de mim, com a capa sobre o braço. – Acabei de checar o relógio do sr. Guthrie.

– Temos tempo suficiente. Você vem comigo, então? – Roger sorriu para Brianna ao ver sua capa.

– Está brincando? Não saio de casa depois da meia-noite há anos. – Ela sorriu para ele, cobrindo os ombros com a capa. – Pegou tudo?

– Tudo, menos o sal.

Roger assentiu em direção à bolsa de lona sobre o balcão. O primeiro visitante devia entrar na casa levando presentes: um ovo, um feixe de gravetos, um pouco de sal – e um pouco de uísque, garantindo assim que não faltariam as necessidades básicas na casa no ano que ia começar.

– Certo. Onde eu... ah, Cristo! – Ao abrir o armário para procurar o sal, dei de cara com um par de olhos brilhantes, olhando da escuridão para mim. – Minha nossa. – Levei a mão ao peito, para impedir que meu coração saísse pela boca, acenando com a outra mão para Roger, que havia se levantado quando gritei, pronto para me defender. – Não se preocupe. É só o gato.

Adso tinha se escondido da festa, levando consigo os restos de um rato morto como companhia. Ele rosnou para mim, evidentemente pensando que eu pretendia roubar seu petisco, mas eu o afastei para o lado irritada, pegando o pequeno saco de sal grosso que estava atrás das patas peludas dele.

Fechei a porta do armário, deixando Adso com seu banquete, e entreguei o sal a Roger. Ele o pegou, pousando o objeto que estava segurando.

– Onde conseguiu essa coisinha? – perguntou ele, assentindo em direção ao objeto enquanto guardava o sal em sua bolsa. Eu olhei para o balcão e vi que ele estava examinando a pedra cor-de-rosa que a sra. Bug tinha me dado.

– A sra. Bug – respondi. – Ela diz que é um amuleto da fertilidade, e certamente é o que parece. É muito velho, não? – Eu achava que devia ser, e ver o interesse de Roger confirmou minha impressão.

Ele assentiu, ainda olhando para o objeto.

– Muito velho. Os que vi em museus datam de mil anos.

Ele tocou o contorno da pedra com um dedo. Brianna se aproximou para ver e, sem pensar, coloquei a mão no braço dela.

– O que foi? – perguntou ela, virando a cabeça para sorrir para mim. – Não devo tocá-lo? Funciona assim *tão* bem?

– Não, claro que não.

Afastei a mão, rindo, mas me sentindo um tanto constrangida. Ao mesmo tempo, percebi que preferia que ela *não* o tocasse e fiquei aliviada quando ela simplesmente se inclinou para analisá-lo, deixando-o sobre o balcão. Roger também estava olhando para ele, ou melhor, olhava para Brianna, os olhos fixos em sua nuca com uma intensidade esquisita. Eu quase podia imaginar que ele queria que ela tocasse o objeto com a mesma força com que eu queria que ela não o tocasse.

Beauchamp, disse baixinho para mim mesma. *Você bebeu demais esta noite.* Ao mesmo tempo, estiquei a mão por impulso e peguei o objeto, colocando-o dentro do bolso.

– Vamos! Temos que ir!

O clima esquisito do momento foi interrompido abruptamente, Brianna se endireitou e se virou para Roger.

– Sim, tudo bem. Vamos lá, então.

Ele jogou a bolsa no ombro e sorriu para mim, em seguida segurou o braço dela e eles desapareceram, deixando que a porta do consultório se fechasse depois que saíram.

Apaguei a vela, pronta para segui-los, mas então parei, repentinamente relutante em voltar de imediato para o caos da celebração.

Eu podia sentir a casa toda em movimento, pulsando ao meu redor, a luz entrando por baixo da porta do corredor. Mas ali estava quieto. No silêncio, senti o peso do pequeno ídolo no meu bolso e o pressionei com força contra a minha perna.

Não existe nada de especial no dia 1º de janeiro, exceto o sentido que

damos a ele. Os antigos comemoravam a chegada do ano-novo no festival de Imbolc, no começo de fevereiro, quando o inverno dá uma trégua e a luz começa a voltar – ou no equinócio de primavera, quando os poderes da escuridão e da luz estão em equilíbrio no mundo. Ainda assim, fiquei ali no escuro, ouvindo o som do gato mastigando deitado no armário, e senti a força da terra girando e se remexendo sob meus pés enquanto o ano – ou alguma coisa – se preparava para mudar. Havia barulho e a sensação de muitas pessoas por perto, mas ainda assim eu permanecia sozinha, enquanto o sentimento tomava conta de mim, murmurando no meu sangue.

O curioso é que isso não era nada estranho. Não era nada que viesse de fora de mim, mas apenas o reconhecimento de algo que eu já possuía, e reconhecia, embora não fizesse ideia de como chamá-lo. Mas a meia-noite se aproximava depressa. Ainda pensando, abri a porta e saí para a luz e o clamor do corredor.

Um grito do outro lado do corredor indicou a chegada da hora mágica, como anunciado pelo relógio do sr. Guthrie, e os homens saíram da sala de Jamie, brincando e empurrando uns aos outros, olhando em direção à porta, ansiosos.

Nada aconteceu. Será que Roger tinha decidido ir para a porta dos fundos, por causa da multidão na cozinha? Eu me virei para olhar para o fim do corredor, mas não, a porta da cozinha estava tomada por rostos, todos olhando para mim em expectativa.

Ainda nenhuma batida à porta. Houve um pequeno movimento de inquietação no corredor, uma pausa nas conversas, um daqueles silêncios esquisitos quando ninguém quer falar por medo de ser interrompido de repente.

Então ouvi o som de passos na varanda e uma batida rápida, uma, duas, três. Jamie, como dono da casa, deu um passo à frente para abrir a porta e receber o visitante. Eu estava perto o bastante para ver sua expressão de surpresa, e olhei depressa para ver o que a havia causado.

Em vez de Roger e Brianna, duas pessoas menores estavam na porta. Magricelas e desganhados, mas definitivamente com cabelos pretos, os dois gêmeos Beardsleys entraram juntos timidamente, obedecendo ao gesto de Jamie.

– Um bom ano-novo para o senhor, sr. Fraser – disse Josiah, com a voz rouca. Ele fez uma reverência educada para mim, ainda segurando o braço do irmão. – Nós viemos.

A conclusão geral foi de que gêmeos de cabelos pretos eram um bom agouro, obviamente trazendo o dobro da sorte que traria um único visitante. Ainda assim, Roger e Bree – que tinham encontrado os gêmeos no quintal e os mandaram à nossa porta – partiram para fazer o melhor que podiam pelas outras casas do vilarejo, e Bree recebeu a severa instrução de não entrar em nenhuma casa antes de Roger passar pela porta.

Afortunado ou não, o aparecimento dos Beardsleys causou muito falatório. Todos já tinham ouvido sobre a morte de Aaron Beardsley – a versão oficial, que era a de que ele havia morrido devido a uma apoplexia – e sobre o misterioso desaparecimento da esposa dele, mas a chegada dos gêmeos fez com que o assunto viesse à tona de novo e voltasse a ser discutido. Ninguém sabia o que os meninos tinham feito entre a expedição da milícia e o ano-novo; Josiah disse apenas que tinham ficado “por aí” com a voz rouca, quando perguntaram – e o irmão dele, Keziah, não disse nada, obrigando todos a falarem do negociador que tratava com os índios e de sua esposa até se cansarem e mudarem de assunto.

A sra. Bug levou imediatamente os Beardsleys sob suas asas até a cozinha para que lavassem as mãos, se aquecessem e se alimentassem. Metade das pessoas presentes à festa tinha ido para casa para receber o visitante; aqueles que só partiriam pela manhã se separaram em vários grupos. Os mais jovens voltaram ao celeiro para dançar – ou para buscar um pouco de privacidade em meio aos montes de feno –, os mais velhos se sentaram perto do fogo para falar sobre lembranças, e aqueles que tinham exagerado na dança ou no uísque se ajeitaram em qualquer canto conveniente – e em alguns inconvenientes também – para dormir.

Vi Jamie em seu escritório, recostado na cadeira com os olhos fechados, uma espécie de desenho em cima da mesa à frente dele. Ele não estava dormindo e abriu os olhos ao ouvir meus passos.

– Feliz ano-novo! – falei baixinho, e me inclinei para beijá-lo.

– Um bom ano-novo para você, *a nighean donn!*

Ele estava quente e tinha um leve aroma de cerveja e trigo seco.

– Ainda quer sair? – perguntei, olhando para a janela.

A lua tinha aparecido havia muito, e as estrelas brilhavam tênues e frias no céu. O quintal do lado de fora estava vazio e escuro.

– Não – disse ele com franqueza, passando a mão no rosto. – Quero ir para a cama. – Ele bocejou e piscou, tentando ajeitar os cabelos desgrenhados no topo da cabeça. – Mas quero que você venha também – disse ele, generosamente.

– Não há nada que eu queira mais – garanti a ele. – O que é isso? – Dei a volta por trás dele, olhando por cima de seu ombro para o desenho, que parecia um tipo de planta baixa, com cálculos matemáticos rabiscados nas margens.

Ele se sentou, parecendo um pouco mais alerta.

– Ah. Bem, é o presente que Roger deu a Brianna para o *Hogmanay*.

– Ele vai construir uma casa para ela? Mas eles...

– Não para ela. – Ele sorriu para mim, com as mãos dos dois lados da planta. – Para os Chisholms.

Roger, com uma astúcia característica de Jamie, observara os colonos e celebrara um acordo entre Ronnie Sinclair e Geordie Chisholm.

Ronnie tinha uma cabana cômoda e grande ao lado de sua tanoaria. Então o acordo era que Ronnie, que não era casado, se mudaria para a oficina de cobre, onde poderia dormir sem problemas. Os Chisholms, então, se mudariam para a cabana de Ronnie, à qual eles acrescentariam – se o clima permitisse – dois cômodos, de acordo com a planta baixa sobre a mesa de Jamie. Em troca, a sra. Chisholm passaria a preparar as refeições de Ronnie e lavaria suas roupas. Na primavera, quando os Chisholms tomassem posse de sua propriedade e construíssem sua casa, Ronnie voltaria para sua cabana recém-aumentada – e a melhoria de suas acomodações poderia ser um fator para induzir alguma jovem a aceitar seu pedido de casamento, era o que ele esperava.

– Enquanto isso, Roger e Bree voltam para sua casa, Lizzie e o pai deixam de dormir no consultório e tudo fica bem! – Apertei os ombros dele, alegre. – Que ótimo arranjo! Foi você que fez a planta?

– Sim. Geordie não é carpinteiro, e não quero que o lugar caia na cabeça

dele.

Ele semicerrou os olhos para os desenhos, então pegou uma pena de um jarro, abriu o tinteiro e corrigiu um dos números.

– Pronto – disse ele, largando a pena. – Pronto. Roger quer mostrar a Bree quando eles voltarem hoje à noite; eu disse que deixaria pronta para ele.

– Ela vai ficar muito animada.

Eu me recostei no espaldar da cadeira dele, massageando seus ombros com as mãos. Ele se recostou, o peso da cabeça quente contra a minha barriga, e fechou os olhos, suspirando de prazer.

– Dor de cabeça? – perguntei baixinho ao ver a linha vertical entre seus olhos.

– Sim, um pouco. Ah, sim, assim é gostoso. – Eu havia levado as mãos à cabeça dele, massageando suas têmporas delicadamente.

A casa estava silenciosa, embora se pudesse ouvir o burburinho vindo da cozinha. Além disso, o som suave da voz de Evan era trazido pelo ar frio.

– “My Brown-Haired Maid” – falei, suspirando. – Amo essa música.

Desfiz o laço que prendia a trança dele e soltei seus cabelos, apreciando o toque macio e quente dos fios enquanto eu os separava com os dedos.

– É muito esquisito você não ter ouvido para música – falei, dizendo amenidades para distraí-lo enquanto passava a mão pelas sobrancelhas ruivas, pressionando a beirada das órbitas. – Não sei por que, mas a aptidão por matemática costuma acompanhar o talento para a música. Bree tem os dois.

– Eu tinha – disse ele distraidamente.

– Tinha o quê?

– Os dois. – Ele suspirou e se inclinou para a frente para esticar o pescoço, com os cotovelos sobre a mesa. – Ah, Deus. Por favor. Ah, sim. Sim!

– É mesmo? – Massageei o pescoço e os ombros dele, pressionando os músculos através do tecido da camisa. – Você está dizendo que sabia *cantar*?

Era uma piada de família; apesar de ter uma bela voz ao falar, a afinação de Jamie era tão ruim que qualquer canção em sua voz soava tão dissonante que os bebês dormiam para não ter que ouvir em vez de serem embalados

para adormecer quando ele cantava.

– Bem, talvez não isso, nem tanto. – Percebi o sorriso em sua voz, abafado pelos cabelos que caíram na frente de seu rosto e o escondiam. – Mas sabia diferenciar uma canção da outra e dizer se uma música tinha sido bem ou mal cantada. Agora ouço apenas barulho e guinchos penetrantes. – Ele deu de ombros.

– O que aconteceu? – perguntei. – E quando?

– Ah, foi antes de eu conhecer você, Sassenach. Na verdade, bem antes. – Ele ergueu uma das mãos, tocando a nuca. – Você lembra que eu passei um tempo na França? Foi quando eu estava voltando com Dougal MacKenzie e os homens dele, quando Murtagh encontrou você, andando pelas Terras Altas com seu vestido...

Ele falava baixinho, mas meus dedos tinham encontrado a antiga cicatriz embaixo de seus cabelos. Agora não passava de uma linha, o corte cicatrizara e ficara da espessura de um fio de cabelo. Ainda assim, fora um ferimento de 20 centímetros, feito com um machado. Na época, quase o matara, eu sabia; ele ficara à beira da morte em uma abadia francesa por quatro meses e sofrera de dores de cabeça debilitantes por anos.

– Foi isso? Você quer dizer que não... não conseguiu mais ouvir música depois que foi ferido?

Ele deu de ombros em um gesto breve.

– Não ouço música nenhuma, só o som dos tambores – disse ele, simplesmente. – Ainda diferencio o ritmo, mas não consigo mais identificar a melodia.

Parei com as mãos nos ombros dele, e ele se virou para olhar para mim, sorrindo, tentando fazer piada.

– Não se preocupe com isso, Sassenach; não é nada de mais. Eu não cantava bem *nem* quando conseguia ouvir. E Dougal não me matou, afinal.

– Dougal? Você acha que foi Dougal, então?

Fiquei surpresa com a certeza na voz dele. Na época ele pensara que talvez tivesse sido o tio Dougal quem o atacara com a intenção de matá-lo – mas então, surpreendido por seus homens antes de poder terminar o trabalho, fingira tê-lo encontrado ferido. Mas não havia evidências para ter certeza.

– Ah, sim. – Ele parecia surpreso também, mas então seu rosto mudou, como se tivesse se dado conta de algo. – Ah, sim – disse ele de novo, mais lentamente. – Não tinha pensado... Você não conseguiu entender o que ele disse, não foi? Quando ele morreu, quero dizer... Dougal.

Minhas mãos ainda estavam apoiadas em seus ombros, e eu senti um tremor involuntário percorrer seu corpo. O tremor se espalhou pelas minhas mãos e subiu pelos meus braços, fazendo com que os pelos da nuca se eriçassem.

Claramente, como se a cena estivesse acontecendo na minha frente agora, eu podia ver o sótão na Casa Culloden. As peças e a mobília descartada, coisas viradas e bagunçadas por causa da briga – e no chão aos meus pés, Jamie agachado, agarrando o corpo de Dougal, que se debatia, com sangue e ar saindo em borbulhas do ferimento onde o punhal de Jamie atingira a base de sua garganta. O rosto de Dougal, pálido e sarapintado conforme o sangue se esvaía, os olhos intensos fixos em Jamie enquanto a boca se movia tentando dizer palavras em gaélico, mas sem emitir som, querendo dizer... alguma coisa. E o rosto de Jamie, tão pálido quanto o de Dougal, olhos fixos nos lábios do homem que morria, lendo aquela última mensagem.

– O que ele disse? – Minhas mãos apertavam os ombros dele com força, seu rosto virado enquanto meus polegares subiam por baixo dos cabelos dele procurando a cicatriz antiga de novo.

– *Filho da irmã ou não... eu teria matado você, aquele dia no monte. Pois eu sabia, desde o começo, que seria você ou eu.*

Ele falava com calma e com a voz baixa, e a própria falta de emoção das palavras fez com que o arrepio passasse de novo, dessa vez de mim para ele.

O escritório estava silencioso. O som das vozes na cozinha havia se transformado em um murmúrio, como se os fantasmas do passado se reunissem ali para beber e conversar, rindo.

– Então foi isso que você quis dizer – falei baixinho – quando afirmou que estava em paz com Dougal.

– Sim. – Ele se recostou na cadeira e levantou as mãos, que seguraram meus punhos. – Ele estava certo. Era ele ou eu, e teria sido assim, de um jeito ou de outro.

Suspirei, e um pouco da culpa se dissipou. Jamie estava lutando para me defender quando matou Dougal, e eu sempre senti aquela morte nas minhas costas. Mas Dougal estava certo; havia muita coisa entre eles, e se aquele conflito final não tivesse acontecido na véspera da Batalha de Culloden, teria ocorrido em outro momento.

Jamie apertou meus punhos e se virou na cadeira, ainda segurando minhas mãos.

– Deixe os mortos enterrarem os mortos, Sassenach – disse ele baixinho.
– O passado se foi, e o futuro ainda não veio. E estamos aqui juntos, você e eu.

MUNDOS NÃO VISTOS

A casa estava silenciosa; era a oportunidade perfeita para os meus experimentos. O sr. Bug tinha ido a Woolam's Mill, levando os gêmeos Beardsleys; Lizzie e o sr. Wemyss tinham ido ajudar Marsali com a nova farelada; e a sra. Bug, depois de deixar uma panela de mingau e um prato de torradas na cozinha, também saíra para procurar galinhas semisselvagens na mata, pegando-as uma por uma e levando-as pelas pernas para serem instaladas no novo e bonito galinheiro que seu marido tinha construído. Bree e Roger às vezes iam tomar café da manhã na casa grande, mas com cada vez mais frequência decidiam comer em casa, como era o caso naquela manhã.

Aproveitando a tranquilidade da casa vazia, arrumei uma bandeja com xícara, bule, creme e açúcar, e a levei comigo para o consultório junto com as amostras. A luz do começo da manhã estava perfeita, entrando pela janela em uma barra brilhante e dourada. Enquanto o chá esfriava, peguei algumas garrafas de vidro do armário e saí.

O dia estava frio, porém bonito, com um céu pálido e claro que prometia um pouco de calor para mais tarde. Mas, no momento, fazia tanto frio que fiquei feliz por estar envolta em meu xale. A água no bebedouro dos cavalos estava gelada, coberta por uma camada fina de gelo, mas não gelada o bastante para matar os micróbios, acho. Eu podia ver longas mechas de algas cobrindo as tábuas do cocho, flutuando devagar quando toquei a crosta fina de gelo e perturbei a água ao raspar uma das minhas garrafas pela beira lodosa do cocho.

Peguei mais amostras de líquido da casa da fonte e de uma poça de lama perto do reservado, e então corri de volta para casa para fazer testes

enquanto a luz ainda estava boa.

O microscópio estava perto da janela onde eu o havia deixado no dia anterior, o latão e os espelhos brilhantes reluzindo. Depois de levar alguns segundos para colocar gotas nas lâminas de vidro que tinha preparado, eu me inclinei para olhar pelo visor com ansiedade.

O ovoide de luz aumentou, diminuiu, desapareceu totalmente. Eu semicerrei os olhos, virando a rosca o mais devagar que pude, e... lá estava. O espelho se firmou e a luz se fundiu em um círculo claro perfeito, uma janela para outro mundo.

Observei, encantada, enquanto os cílios de um paramécio perseguiram uma presa invisível. Então uma leve perturbação, o campo de visão em si em constante movimento quando a gota de água se moveu em suas ondas microscópicas. Esperei mais um pouco, na esperança de ver uma das rápidas e elegantes euglenas, ou mesmo uma hidra, mas não tive sorte; apenas fragmentos de um verde-escuro misterioso, borrões de detritos celulares e células algáceas rompidas.

Mexi a lâmina para a frente e para trás, mas não encontrei mais nada interessante. Tudo bem; eu tinha um monte de outras coisas para examinar. Enxaguei o retângulo de vidro em um copo de álcool, deixei que secasse por um momento e em seguida enfiei a vareta de vidro em um dos pequenos béqueres que eu havia posicionado na frente do microscópio, colocando uma gota de líquido na lâmina limpa.

Eu havia demorado um pouco para montar o microscópio corretamente. Não era uma versão muito parecida com as modernas, principalmente quando reduzida a suas partes componentes para ser guardado na bela caixa do dr. Rawlings. Ainda assim, as lentes eram reconhecíveis, e com isso como ponto de partida, eu tinha conseguido instalar peças ópticas na estrutura sem muita dificuldade. Obter luz suficiente, no entanto, fora mais difícil, e eu fiquei animada quando finalmente consegui fazer com que funcionasse.

– O que está fazendo, Sassenach? – Jamie, com um pedaço de torrada na mão, parou à porta.

– Estou vendo coisas – respondi, ajustando o foco.

– Ah é? Que coisas? – Ele entrou na sala sorrindo. – Espero que não sejam fantasmas. Já vi fantasmas suficientes.

– Venha ver – falei, afastando-me do microscópio.

Meio confuso, ele se inclinou e olhou pelas lentes, fechando o outro olho, concentrado. Estreitou a vista por um momento e então exclamou, surpreso e contente:

– Estou vendo! Coisinhas com caudas nadando por aí!

Ele se endireitou, sorrindo para mim com animação, e em seguida se inclinou de novo para olhar.

Senti uma onda de orgulho pelo meu novo brinquedo.

– Não é incrível?

– Sim, é incrível – disse ele, distraído. – Olhe para eles. Que criaturinhas atarantadas, todas empurrando e se enroscando umas nas outras... e tantas delas!

Ele observou por mais alguns momentos, exclamando baixinho, e então se endireitou, balançando a cabeça, surpreso.

– Nunca vi algo assim, Sassenach. Você havia me contado sobre os germes, é verdade, mas nunca na vida imaginei que eles fossem assim! Pensei que tivessem dentinhos, e eles não têm, mas não sabia que tinham caudas tão bonitas e agitadas e que nadavam em números tão grandes.

– Bem, alguns micro-organismos fazem isso – falei, aproximando-me para olhar. – Esses bichinhos em especial não são germes... são espermatozoides.

– São o quê?

Ele parecia confuso.

– Espermatozoides – respondi com paciência. – Células reprodutivas masculinas. Você sabe, aquelas que fazem os bebês.

Pensei que ele fosse engasgar. Abriu a boca e seu rosto se cobriu de um belo cor-de-rosa.

– Está se referindo às sementes? – perguntou ele.

– Bem... sim.

Observando-o com atenção, despejei chá quente em um béquer limpo e entreguei a ele para que se recuperasse. Ele o ignorou, os olhos fixos no microscópio como se algum deles pudesse saltar da lâmina a qualquer momento e rastejar no chão até nossos pés.

– Espermatozoides – murmurou ele. – Espermatozoides.

Ele balançou a cabeça vigorosamente e então se virou para mim quando um pensamento assustador lhe ocorreu.

– De quem são? – perguntou ele, com um forte tom de desconfiança.

– Ahn... bem, são seus, claro. – Pigarreei, meio constrangida. – De quem mais seriam?

Ele levou a mão para o meio das pernas como em um reflexo e se segurou de modo protetor.

– Como diabos os conseguiu?

– Como você acha? – perguntei, meio fria. – Acordei de posse deles hoje.

A mão dele relaxou, mas seu rosto corou de vergonha. Ele pegou o chá e o tomou de um gole, apesar da temperatura.

– Compreendo – disse, e tossiu.

Fez-se um momento de profundo silêncio.

– Eu... hum... não sabia que eles podiam sobreviver – disse ele, por fim.
– Errr... do lado de fora, é o que quero dizer.

– Bem, se você os deixar em um borrão no lençol para secar, eles não sobrevivem – expliquei. – Mas se eles não secarem... – Fiz um gesto indicando o béquer pequeno, coberto, com sua pocinha de fluido esbranquiçado... – resistem por algumas horas. No seu habitat adequado, no entanto, podem viver até uma semana depois de... serem liberados.

– Habitat adequado – ele repetiu, parecendo pensativo. Olhou para mim depressa. – Você quer dizer...

– Quero – falei com certa aspereza.

– Hum. – Nesse momento, ele se lembrou do pedaço de torrada que ainda estava segurando e deu uma mordida, mastigando enquanto pensava.

– As pessoas sabem disso? Agora?

– Sabem do quê? De como os espermatozoides são? Tenho quase certeza que sim. Os microscópios existem há mais de cem anos, e a primeira coisa que qualquer pessoa faz quando começa a usar esse instrumento é examinar tudo o que estiver à mão. Como o inventor do microscópio foi um homem, tenho certeza de que... Você não faria?

Ele lançou um olhar para mim e mordeu a torrada de novo, mastigando.

– Eu não me referiria a isso como algo que “esteja à mão”, Sassenach – disse ele enquanto mastigava, e em seguida engoliu. – Mas entendo o que

quer dizer.

Como se fosse atraído por uma força irresistível, ele caminhou na direção do microscópio, inclinando-se para olhar mais uma vez.

– Eles parecem bastante ferozes – disse, depois de passar alguns momentos analisando.

– Bem, eles precisam ser – falei, contendo um sorriso ao ver o ar de orgulho diante da capacidade de seus gametas. – É um longo caminho, afinal, com uma luta enorme no fim. E você sabe que só um consegue a honra.

Ele olhou para cima, com o rosto inexpressivo. Percebi que ele *não sabia*. Havia estudado idiomas, matemática e filosofia grega e latina em Paris, não medicina. E, apesar de os cientistas naturais da época saberem que o espermatozoide era uma entidade à parte, e não uma substância homogênea, pensei que eles provavelmente não tinham ideia do que os espermatozoides faziam.

– De onde você *achava* que vinham os bebês? – perguntei, depois de explicar um pouco sobre óvulos, espermatozoides, zigotos e coisas assim, o que deixou Jamie bastante surpreso. Ele me dirigiu um olhar frio.

– Eu sabia exatamente de onde eles vinham – disse ele. – Só não sabia que... bem... que todas essas coisas aconteciam. Trabalhei na terra a vida toda. Pensei... bem, pensei que um homem colocasse sua semente na barriga de uma mulher e... que ela... crescesse. – Ele gesticulou vagamente na direção da minha barriga. – Você sabe... como... sementes. Lentilha, milho, melões, coisas assim. Eu não sabia que eles nadavam como girinos!

– Entendo. – Passei o dedo embaixo do nariz, tentando não rir. – Daí a designação agrícola das mulheres como sendo férteis ou estéreis!

– Humm. – Afastando essa ideia com um movimento da mão, ele franziu o cenho enquanto pensava e olhava para a lâmina. – Uma semana, você disse. Então é possível que o pequeno realmente seja filho do Cantor...

Por ainda ser tão cedo, demorei um pouco para partir da teoria para a prática.

– Ah... você está se referindo a Jemmy? Sim, é bem possível que ele seja filho de Roger.

Roger e Bonnet tinham se deitado com Brianna com dois dias de

diferença.

– Eu disse a você... e a Bree.

Ele assentiu, parecendo distraído, então se lembrou da torrada e enfiou o resto na boca. Mastigando, ele se inclinou para olhar de novo para a lâmina.

– Então eles são diferentes? O de cada homem?

– Ahn... bem, olhando, não. – Peguei minha xícara de chá e tomei um gole, degustando o sabor delicado. – São diferentes, claro, eles carregam as características que um homem transmite para seu filho... – Esse era o limite que eu considerava prudente; ele já estava bastante abalado com a minha descrição da fertilização; explicar-lhe sobre genes e cromossomos poderia ser exagero naquele momento. – Mas não é possível ver as diferenças, nem mesmo com um microscópio.

Ele resmungou ao ouvir aquilo, engoliu a torrada e se endireitou.

– Por que está olhando, então?

– Só por curiosidade. – Fiz um gesto indicando a coleção de garrafas e béqueres em cima do balcão. – Eu queria ver se a resolução do microscópio era boa, o tipo de coisas que eu poderia examinar.

– É mesmo? E depois? Qual é o propósito disso?

– Bem, me ajudar a diagnosticar as doenças. Se eu pegar um pouco das fezes de uma pessoa, por exemplo, e vir que há parasitas intestinais, então saberei o melhor remédio para dar a ela.

Jamie me olhou como se preferisse não ouvir coisas assim depois do café da manhã, mas assentiu. Bebeu o líquido do béquer e o colocou sobre o balcão.

– Sim, isso é sensato. Vou deixar você continuar com isso, então.

Ele se inclinou e me deu um beijo, em seguida foi na direção da porta. Mas um pouco antes de chegar, ele se virou.

– Os... hum... espermatozoides... – disse ele, sem jeito.

– Sim?

– Pode não jogá-los fora e enterrá-los decentemente ou algo assim?

Escondi um sorriso com a xícara.

– Vou cuidar bem deles – prometi. – Sempre cuidado, não é?

Lá estavam eles. Caules escuros com esporas como clavas, grandes em

contraste com a base pálida do campo de visão do microscópio. Confirmação.

– Pronto.

Eu me endireitei, esfregando lentamente a região lombar enquanto examinava meus experimentos.

Havia uma série de lâminas organizadas ao lado do microscópio, cada uma delas com uma mancha escura no meio, e um código escrito no fim de cada lâmina com um pouco de cera de vela. Amostras de bolor, retiradas de pão de milho, de um biscoito descartado e de um pouco de massa de torta de veado. A casca era aquela com o maior desenvolvimento até o momento; sem dúvida, devido à banha de ganso.

Dos vários substratos que eu havia testado, aquelas eram as três séries de bolor resultantes que continham a maior proporção de *Penicillium*, ou de algo que eu podia dizer com quase toda a certeza que era *Penicillium*. Havia um número enorme de tipos de bolor que cresciam em pão úmido, além de vários tipos diferentes de penicilina, mas as amostras que eu tinha escolhido eram as que mais se pareciam com as fotos de esporófitos de penicilina do livro que eu havia memorizado, anos antes, em outra vida.

Eu só podia torcer para que a minha memória não estivesse falhando – e para que as amostras de bolor que eu tinha ali estivessem entre as espécies que produziam uma grande quantidade de penicilina, que eu não tivesse introduzido inadvertidamente nenhuma bactéria virulenta na mistura de caldo de carne ensopada e que... bem, eu só podia desejar um monte de coisas, mas chegava um ponto em que tínhamos que deixar de lado a esperança, se apegar à fé e alimentar esta fé com amor.

Uma fileira de tigelas cheias de caldo estava no fundo do balcão, cada uma coberta com um quadrado de musselina para impedir que coisas – insetos, sujeiras trazidas pelo vento e fezes de rato, sem falar de ratos – caíssem lá dentro. Eu tinha coado e fervido o caldo, e enxaguara cada tigela com água fervente antes de enchê-las com o líquido marrom fumegante. Era o mais perto que eu conseguia chegar de um meio estéril.

Depois, peguei raspa das minhas melhores amostras de bolor e passei a lâmina da faca com delicadeza pelo ensopado frio, dissipando os pedaços azuis da melhor maneira que pude antes de cobrir a tigela com o pano e

deixá-la incubando por vários dias.

Algumas das culturas tinham se desenvolvido; outras tinham morrido. Em algumas tigelas havia montinhos verdes e peludos flutuando sob a superfície como criaturas marinhas submersas, escuras e sinistras. Algum intruso – bolor, bactéria ou talvez colônias de algas –, mas não o precioso *Penicillium*.

Uma das crianças havia derramado o conteúdo de uma das tigelas; Adso havia derrubado outra no chão, enlouquecido pelo cheiro do ensopado de ganso, e sorvera o conteúdo, com bolor e tudo, muito contente. Obviamente não havia nada tóxico ali; olhei para o gatinho, aninhado em uma poça de luz do sol no chão, a imagem do bem-estar sonolento.

Em três das tigelas restantes, no entanto, havia tapetes azuis esponjosos e aveludados cobrindo a superfície, e minha análise de uma amostra retirada de um deles confirmara que eu de fato havia conseguido o que queria. Não era o bolor em si que era antibiótico – era uma substância clara secretada *pelo* bolor, como meio de se proteger do ataque de bactérias. Essa substância era a penicilina, e era isso que eu queria.

Eu tinha explicado isso a Jamie, que estava sentado em um banquinho e me observava despejar o caldo de cada cultura viva através de uma gaze para coá-las.

– Então, o que você tem aí é um caldo com mijo de bolor, certo?

– Bem, se você insiste em colocar as coisas dessa maneira, sim. – Dirigi a ele um olhar austero, peguei a solução coada e comecei a distribuí-la em diversos jarros de louça.

Ele assentiu, feliz por ter acertado.

– E é o mijo do bolor que cura doenças, certo? Faz sentido.

– Faz?

– Bom, outros tipos de mijo são usados como remédio, então por que não esse?

Ele levantou o grande livro preto para ilustrar. Eu o havia deixado aberto em cima do balcão depois de registrar a última série de experimentos, e ele estava se divertindo ao ler algumas das primeiras páginas, aquelas preenchidas pelo primeiro dono do livro, o dr. Daniel Rawlings.

– Daniel Rawlings possivelmente usou... *eu* não. – Com as mãos

ocupadas, levantei o queixo indicando o registro na página aberta. – Para que ele usava mijo?

– *Electuário para o Tratamento de Escorbuto* – leu, acompanhando com o dedo as pequenas linhas que Rawlings tinha escrito. – *Duas cabeças de alho, amassadas com seis rabanetes, aos quais são acrescentados bálsamo do peru e dez gotas de mirra; esse composto deve ser misturado à água de um menino para ser ingerido de modo conveniente.*

– Com exceção do fim, parece um condimento bem exótico – comentei, me divertindo. – Ficaria melhor com o quê, na sua opinião? Lebre? Vitela?

– Não, vitela tem um sabor fraco demais para o rabanete. Guisado de carneiro, talvez – respondeu ele. – O gosto do carneiro vai se sobressair a tudo. – Ele passou a língua distraidamente pelo lábio superior enquanto pensava. – Por que um menino, na sua opinião, Sassenach? Já vi essa menção em receitas assim antes... Aristóteles menciona isso, e alguns dos outros filósofos da Antiguidade.

Olhei para ele enquanto começava a arrumar minhas lâminas.

– Bem, certamente é mais fácil conseguir urina de um menino do que de uma menina; tente qualquer dia desses. Por mais estranho que pareça, no entanto, a urina dos meninos é muito limpa, se não totalmente estéril; pode ser que os antigos filósofos tenham notado que obtinham melhores resultados com ela em sua fórmula, porque era mais limpa do que a água que costumavam beber, quando vinha de aquedutos e poços públicos e lugares assim.

– Estéril no sentido de não ter germes, e não no sentido de que não se reproduz? – Ele olhou desconfiado para o meu microscópio.

Com o balcão limpo, com exceção do microscópio e das jarras de caldo com penicilina – ou pelo menos era o que eu esperava que fosse –, comeci os preparativos para o atendimento, peguei meu estojo pequeno de instrumentos cirúrgicos e um frasco grande de álcool no armário.

Entreguei-os a Jamie, juntamente com o queimador de álcool que eu havia construído – um tinteiro vazio com um pavio de linhaça encerada enfiado em uma rolha que tampava a boca.

– Pode encher isso para mim? Onde estão os meninos?

– Na cozinha, se embebedando. – Ele franziu o cenho, concentrado,

despejando o álcool cuidadosamente. – A urina das meninas não é limpa, então? Ou só é mais difícil de conseguir?

– Não, na verdade, não é tão limpa quanto a dos meninos.

Desdobrei o pano limpo sobre o balcão e dispus dois bisturis, um par de fórceps de ponta comprida e vários instrumentos de cauterização. Fui até o armário e peguei um punhado de chumaços de algodão. Algodão era muito caro, mas eu tivera a sorte de conseguir um saco de chumaço cru de algodão com a esposa de Farquard Campbell em troca de um vidro de mel.

– O... hum... caminho até a saída não é tão direto, digamos assim. Então, a urina costuma carregar bactérias e outros fragmentos das dobras de pele. – Olhei para ele por sobre o ombro e sorri. – Não que você precise se sentir superior nesse aspecto.

– Nem sonharia com isso – disse ele. – Você está pronta, Sassenach?

– Sim, pode trazê-los. Ah, e a bacia também!

Ele saiu e eu me virei para a janela voltada para o leste. Havia nevado muito no dia anterior, mas naquele dia o tempo estava bom, claro e frio, o sol refletido nas árvores cobertas de neve com a luz de um milhão de diamantes. Eu não poderia ter pedido nada melhor; ia precisar de toda a luz que conseguisse.

Coloquei os instrumentos de cauterização no pequeno braseiro para esquentar. Então, peguei meu amuleto do armário e o coloquei ao redor do pescoço, de modo que ele ficasse por cima do meu corpete, e peguei o avental de lona do gancho atrás da porta. Também o vesti, fui até a janela e olhei a paisagem coberta de neve, como se fosse açúcar, esvaziando a mente, firmando meu espírito para o que estava prestes a fazer. Não era uma operação difícil, e eu já a havia feito muitas vezes antes. Mas nunca tinha operado alguém sentado e consciente, e isso sempre fazia diferença.

Também não fazia aquilo havia vários anos, então fechei os olhos para me lembrar, visualizando os passos a dar, sentindo os músculos da mão se contraírem levemente, ecoando os meus pensamentos, antecipando os movimentos que eu ia fazer.

– Que Deus me ajude – sussurrei, e me benzi.

Passos hesitantes, risos nervosos e o som da voz de Jamie vieram do corredor, e eu me virei sorrindo para receber meus pacientes.

Um mês de boa comida, roupas limpas e camas quentes tinha melhorado consideravelmente a saúde e a aparência dos Beardsleys. Os dois ainda eram pequenos, magricelas e tinham as pernas meio arqueadas, mas o rosto não era mais tão magro, os cabelos pretos estavam mais sedosos e o olhar assustado havia desvanecido um pouco dos olhos dos dois.

Na verdade, ambos os pares de olhos estavam um pouco vidrados no momento, e Lizzie foi obrigada a pegar Keziah pelo braço para impedir que ele tropeçasse em um banquinho. Jamie segurava Josiah firmemente pelo ombro; ele guiou o garoto até mim e colocou a tigela que carregava embaixo do braço sobre o balcão.

– Muito bem, está pronto?

Sorri para Josiah, olhando fundo em seus olhos, e apertei seu braço para confortá-lo. Ele engoliu em seco e abriu um sorriso assustado; não estava suficientemente bêbado para não sentir medo.

Eu o sentei, conversando para acalmá-lo, enrolei uma toalha em seu pescoço e coloquei a bacia sobre seus joelhos. Esperava que ele não a derrubasse; era de porcelana e a única bacia grande que tínhamos. Para minha surpresa, Lizzie ficou atrás dele, apoiando as mãos pequenas em seus ombros.

– Tem certeza de que quer ficar, Lizzie? – perguntei, em dúvida. – Podemos fazer sem você, acho. – Jamie estava muito acostumado a ver sangue e coisas piores; eu achava que Lizzie nunca tinha testemunhado nada além dos tipos mais comuns de doenças e talvez um parto ou outro.

– Ah, não, senhora. Vou ficar. – Ela engoliu em seco também, mas ainda assim permaneceu firme. – Prometi a Jo e a Kezzie que eu ficaria com eles durante todo o tempo.

Olhei para Jamie, que deu de ombros discretamente.

– Tudo bem.

Peguei uma das tigelas de caldo com penicilina, despejei o conteúdo em dois copos e dei um para cada gêmeo beber.

Os ácidos estomacais provavelmente anulariam o efeito da maior parte da penicilina, mas ela mataria – era o que eu esperava – as bactérias na garganta deles. Depois da cirurgia, outra dose sobre as áreas afetadas poderia evitar infecção.

Não havia como saber exatamente quanta penicilina havia no caldo; eu poderia estar dando a eles doses grandes – ou pequenas demais para fazer diferença. Pelo menos eu estava razoavelmente certa de que a penicilina que havia no caldo estava ativa. Eu não tinha como estabilizar o antibiótico, e não sabia por quanto tempo ele podia ter eficácia, mas, fresca como estava, a solução provavelmente estava ativa do ponto de vista médico, e havia uma boa chance de que o resto do caldo continuasse bom para ser usado por pelo menos mais alguns dias.

Eu faria novas culturas assim que a cirurgia terminasse; com sorte, poderia servir aos gêmeos doses regulares por três ou quatro dias e, melhor ainda, prevenir assim possíveis infecções.

– Ah, então é possível beber? – Jamie olhava para mim com cinismo por cima da cabeça de Josiah.

Eu havia injetado penicilina nele depois de um ferimento a bala anos antes, e ele com certeza achava que eu havia feito aquilo com uma intenção puramente sádica.

Eu o encarei.

– É possível, sim. A penicilina injetável é muito mais eficiente, sobretudo no caso de uma infecção ativa. No entanto, não tenho como injetá-la dessa forma, e estou fazendo isso para impedir que eles peguem uma infecção, e não para curar uma. Agora, se estivermos prontos...

Pensei que Jamie ia segurar o paciente, mas Lizzie e Josiah insistiram que isso não seria necessário. Josiah ficaria parado, independentemente do que acontecesse. Lizzie ainda segurava seus ombros, com o rosto muito mais pálido que o dele, os pequenos nós dos dedos brancos e proeminentes.

Eu havia examinado os dois garotos com bastante atenção no dia anterior, mas olhei de novo antes de começar, usando um depressor de língua feito com uma ripa de madeira. Mostrei a Jamie como usar o instrumento para manter a língua pressionada a fim de não me atrapalhar, e então peguei o fórceps e o bisturi e respirei fundo.

Olhei dentro dos olhos intensos de Josiah e sorri. Podia ver dois pequenos reflexos do meu rosto ali, e os dois pareciam bastante competentes.

– Tudo bem? – perguntei.

Ele não conseguiu responder com o depressor de língua dentro da boca,

mas emitiu um grunhido que eu acreditei ser uma afirmação.

Eu precisava ser rápida e fui. Os preparativos tinham demorado horas; a operação não durou mais do que alguns segundos. Segurei uma das amígdalas esponjosas e vermelhas com o fórceps, estiquei-a na minha direção e fiz vários cortes rápidos e curtos, separando as camadas de tecido depressa. Uma linha de sangue escorreu para fora da boca do menino, deslizando por seu queixo, mas nada sério.

Puxei o pedaço de carne, joguei-o dentro da bacia, peguei a outra amígdala e repeti o processo, apenas um pouco mais devagar por estar trabalhando com a mão virada daquele lado.

A coisa toda não devia ter demorado mais do que trinta segundos de cada lado. Tirei os instrumentos da boca de Josiah e ele olhou para mim com os olhos arregalados, assustado. Então tossiu, engasgou, inclinou-se para a frente e mais um pedaço de carne caiu na bacia com um leve *plaft*, junto com uma boa quantidade de sangue.

Eu o segurei pelo nariz e inclinei sua cabeça para trás, colocando compressas em sua boca para absorver o sangue e poder ver o que estava fazendo. Então peguei um ferro de cauterização e cuidei das veias maiores; as menores poderiam coagular e cicatrizar sozinhas.

Os olhos dele lacrimejavam ferozmente e suas mãos agarravam a bacia com força, mas ele não tinha se mexido nem emitido um som sequer. Não achei que ele faria isso depois de ver Jamie cortando a ponta do polegar dele. Lizzie ainda segurava os ombros dele, com os olhos bem fechados. Jamie esticou o braço e tocou o cotovelo de Lizzie, que abriu os olhos.

– Pronto, *a muirninn*, terminou. Leve-o para se deitar, está bem?

Josiah se negou a ir. Calado como o irmão, ele balançou a cabeça violentamente e se sentou em um banquinho, onde ficou oscilando, pálido. Abriu um sorriso assustado para o irmão, com os dentes manchados de sangue.

Lizzie estava entre os dois, olhando de um para o outro. Jo olhou nos olhos dela e apontou com firmeza para Keziah, que havia se sentado no banco do paciente demonstrando coragem, com o queixo levantado. Ela deu um tapinha na cabeça de Josiah e foi segurar os ombros de Keziah. Ele virou a cabeça e abriu um sorriso muito doce para ela; em seguida abaixou a

cabeça e beijou sua mão. Então, ele se virou para mim, fechando os olhos e abrindo a boca; parecia um passarinho no ninho à espera de minhocas.

A operação dele foi um pouco mais complicada; suas amígdalas e adenoides estavam bem grandes e muito afetadas pela infecção crônica. Foi um trabalho sangrento; a toalha e meu avental ficaram completamente manchados antes de eu acabar. Terminei a cauterização e olhei com atenção para o meu paciente, que estava branco como a neve que caía do lado de fora, com os olhos totalmente vidrados.

– Você está bem? – perguntei.

Ele não conseguia me ouvir, mas minha expressão preocupada foi bem clara. Ele entortou a boca no que pensei ser um esforço para sorrir e começou a assentir; então, revirou os olhos e despencou do banco, caindo aos meus pés, desmaiado. Jamie pegou a bacia sem fazer muita sujeira.

Achei que Lizzie também ia desmaiar; havia sangue por toda parte; ela titubeou um pouco, mas se sentou obedientemente ao lado de Josiah quando pedi que se sentasse. Josiah ficou observando, apertando a mão de Lizzie enquanto Jamie e eu ajeitávamos as coisas.

Jamie pegou Keziah no colo; o menino estava mole e coberto de sangue, como uma criança morta. Josiah se levantou, olhando angustiado para o corpo inconsciente do irmão.

– Vai ficar tudo bem – disse Jamie, com um tom de absoluta confiança.
– Eu disse a vocês, minha mulher é uma grande curandeira.

Todos se viraram e olharam para mim, sorrindo: Jamie, Lizzie e Josiah. Eu tive a sensação de que poderia fazer uma reverência, mas me limitei a sorrir.

– Vai ficar tudo bem – falei, repetindo o que Jamie dissera. – Agora, descensem.

A pequena procissão saiu da sala, mais silenciosa do que quando tinha entrado, deixando-me sozinha para guardar os instrumentos e organizar as coisas.

Eu estava muito feliz, tomada pela satisfação tranquila que vem depois de um trabalho bem-sucedido. Eu não fazia aquele tipo de coisa havia muito tempo; as limitações do século XVIII impediam a maioria das cirurgias, exceto as de emergência. Sem anestesia e sem antibióticos, era perigoso

demais.

Mas agora eu tinha penicilina, pelo menos. E tudo ficaria bem, pensei, murmurando enquanto apagava a chama de minha lamparina a álcool. Eu sentira na pele deles ao tocá-los enquanto trabalhava. Nenhum germe os ameaçaria, nenhuma infecção prejudicaria a limpeza do meu trabalho. Sempre havia a sorte na prática da medicina, mas as coisas tinham mudado naquele dia, a meu favor.

– Tudo vai ficar bem – disse a Adso, que havia aparecido no balcão, silencioso, onde ficou lambendo uma das tigelas vazias –, e tudo vai ficar bem, e todas as coisas vão acabar bem.

O grande livro preto permanecia aberto no balcão onde Jamie o havia deixado. Eu o abri nas últimas páginas, onde vinha registrando o progresso dos meus experimentos, e peguei minha pena. Mais tarde, depois do jantar, relataria os detalhes da cirurgia. Por enquanto... parei e então escrevi *Eureka!* no fim da página.

CHAMADA

Fergus chegou de sua viagem bimestral a Cross Creek em meados de fevereiro, trazendo sal, agulhas, índigo, mais alguns itens variados e um saco de correspondências. Ele chegou no meio da tarde, tão ansioso para voltar para Marsali que ficou tempo suficiente apenas para beber uma caneca de cerveja, deixando que Brianna e eu separássemos as cartas, nos deleitando com tudo.

Havia jornais de Wilmington e New Bern; alguns da Filadélfia e de Boston também, enviados por amigos do norte a Jocasta e em seguida repassados a nós. O mais recente datava de três meses antes. Não importava, jornais eram tão bons quanto romances em um lugar onde material de leitura era mais escasso do que ouro.

Jocasta também havia enviado duas edições do *Livro das Moças de Brigham* para Brianna, um periódico com desenhos de roupas da moda de Londres e artigos de interesse para mulheres de gostos afins.

– “Como limpar renda dourada” – Brianna leu, arqueando a sobancelha ao abrir um dos textos aleatoriamente. – Eis algo que todo mundo precisa saber.

– Veja atrás – sugeri a ela. – É onde eles publicam os artigos a respeito de como evitar pegar gonorreia e o que fazer a respeito das hemorroidas do seu marido.

Ela arqueou a outra sobancelha, ficando parecida com Jamie diante de propostas altamente questionáveis.

– Se o meu marido me passasse gonorreia, acho que ele poderia se preocupar com as próprias hemorroidas – disse, virando páginas e arqueando as sobancelhas ainda mais. – “Um estímulo a Vênus. Lista de

remédios infalíveis para a fadiga do membro masculino.”

Espiei por cima do braço dela, arqueando minhas sobrancelhas dessa vez.

– Minha nossa. *Uma dúzia de ostras, deixadas de molho de um dia para o outro em uma mistura de vinho e leite, para ser assada em uma torta com amêndoas picadas e carne de lagosta, servida com pimenta.* Não sei como isso poderia ajudar o membro masculino, mas provavelmente causaria uma indigestão violenta ao homem que a consumisse. Além disso, não temos ostra aqui, de qualquer modo.

– Não estamos perdendo nada – garantiu-me ela, franzindo o cenho para a página, concentrada. – Ostras me lembram grandes pedaços de meleca.

– Só as cruas; elas são razoavelmente comestíveis quando cozidas. Por falar em meleca... onde está Jemmy?

– Dormindo, ou pelo menos espero que esteja.

Ela olhou desconfiada para o teto, mas nenhum barulho inconveniente se manifestou, então voltou a ler.

– Aqui está uma que poderíamos fazer. *Os testículos de um animal macho, como se fosse possível encontrar testículos em uma fêmea, misturados a seis cogumelos grandes, devem ser fervidos em cerveja amarga até amaciarem. Em seguida fatie os dois testículos e os cogumelos bem finos, acrescente pimenta e sal, um pouco de vinagre, e doure-os ao fogo até ficarem crocantes.* Papai ainda não castrou Gideon, certo?

– Não, tenho certeza de que ele ficará feliz em lhe dar os objetos em questão, se você quiser experimentar a receita.

Ela corou e pigarreou, fazendo um barulho que lembrava ainda mais o pai.

– Eu... hum... acho que *ainda* não precisamos disso.

Eu ri e deixei que retomasse a leitura, voltando-me para as correspondências.

Havia um objeto embrulhado endereçado a Jamie que eu sabia que devia ser um livro enviado por um livreiro na Filadélfia, mas com o selo de lorde John Grey – cera azul marcada com uma meia-lua sorridente e uma única

estrela. Metade da nossa biblioteca vinha de John Grey, que insistia em dizer que nos enviava livros em primeiro lugar para sua própria satisfação, pois não conhecia ninguém nas Colônias além de Jamie que fosse capaz de manter uma conversa decente sobre literatura.

Havia muitas cartas endereçadas a Jamie também; eu as examinei com cuidado, na esperança de ver a letra de traços retos de sua irmã, mas não tive essa sorte. Havia uma carta de Ian, que escrevia uma vez por mês, sem falta, mas nada de Jenny; ela não mandava notícias havia seis meses; não desde que Jamie escrevera relutantemente para contar a ela sobre o destino de seu filho mais novo.

Franzi o cenho, pondo as cartas em uma pequena pilha no canto da mesa para que Jamie as lesse mais tarde. Eu não podia julgar Jenny naquelas circunstâncias – mas eu estava lá, afinal. Não fora culpa de Jamie, apesar de ele ter aceitado a culpa. O jovem Ian decidira ficar com os moicanos. Ele já era um homem, apesar de jovem, e a decisão era dele. No entanto, refleti, ainda era um garoto quando deixou os pais, e provavelmente ainda era, na opinião de Jenny.

Eu sabia que o silêncio dela magoava Jamie profundamente. Ele continuava a escrever para ela, redigindo alguns parágrafos quase todas as noites, acumulando páginas até alguém descer a montanha em direção a Cross Creek ou Wilmington. Ele nunca o fazia abertamente, mas eu percebia como seus olhos percorriam cada remessa de correspondências, procurando pela letra dela, e o contrair de lábios quase imperceptível quando não encontrava nada.

– Pelo amor de Deus, Jenny Murray – murmurei baixinho. – Perdoe-o e acabe com isso de uma vez!

– Hã? – fez Brianna, que havia deixado de ler o periódico e estava analisando uma carta quadrada, franzindo o cenho.

– Não foi nada. O que você tem aí?

Deixei de lado as cartas que estava separando e me aproximei para olhar.

– É do tenente Hayes. Sobre o que acha que ele está escrevendo?

Senti uma leve onda de adrenalina. Ela também deve ter ficado clara no meu rosto, pois Brianna largou a carta e olhou para mim, com o cenho franzido.

– O que foi? – perguntou ela.

– Nada – respondi, mas era tarde demais.

Ela ficou olhando para mim, um punho cerrado apoiado no quadril, e ergueu uma das sobrancelhas.

– Você mente muito mal, mãe – disse ela, tolerante.

Sem hesitar, ela rompeu o selo.

– Está endereçada ao seu pai – falei, mas sem muita ênfase no meu protesto.

– Eu sei. A outra também estava – ressaltou ela, inclinando-se sobre o papel desdobrado.

– O quê?

Mas eu já estava ao lado dela e lia por cima de seu braço.

Tenente Archibald Hayes

Portsmouth, Virginia

Sr. James Fraser

Cordilheira dos Frasers, Carolina do Norte

8 de janeiro de 1771

Senhor,

Escrevo para informar que estamos, no momento, em Portsmouth, onde pretendemos permanecer até a primavera. Se conhecer capitães do mar que estejam dispostos a fazer a travessia de quarenta homens até Perth, com a promessa de recompensa do Exército quando chegarmos ao porto, ficarei feliz em ser informado o mais rápido possível.

Nesse ínterim, começamos a realizar diversos trabalhos, com os quais nos manteremos durante os meses de inverno. Muitos dos meus homens conseguiram trabalho na reparação de barcos, que são abundantes por aqui. Eu mesmo estou trabalhando como cozinheiro em uma taverna, mas encontro tempo de visitar meus homens regularmente, para saber como andam.

Conferi tais acomodações há duas noites. Enquanto

conversávamos, um os homens – um tal soldado Ogilvie, que acredito que o senhor conheça – comentou sobre uma conversa que ele havia escutado no estaleiro. Como era uma conversa sobre Stephen Bonnet, que sei que interessa ao senhor, transmito-lhe as informações a respeito do assunto.

Segundo os relatos, Bonnet aparentemente é um contrabandista, uma ocupação nada incomum na área. Contudo, ele parece estar envolvido com um contrabando de mais qualidade – e maior quantidade – do que o normal e, portanto, a natureza de suas conexões também parece incomum. O que quer dizer que certos armazéns na costa da Carolina contêm produtos que não costumam ser encontrados naquelas partes, e que esses fornecimentos coincidem com idas de Stephen Bonnet a tavernas e “casas” próximas.

O soldado Ogilvie lembra-se pouco de nomes, pois não sabia que Bonnet era assunto de interesse, e o mencionou a mim apenas como curiosidade. Um nome mencionado foi “Butler”, mas ele não sabe se tem algo a ver com Bonnet. Outro nome foi “Karen”, mas Ogilvie não sabia dizer se era uma mulher ou um navio.

Um armazém que ele acreditava ter sido mencionado na conversa – apesar de ele admitir que não tem certeza – não ficava muito distante do estaleiro, por isso fiz questão de passar por lá e fazer perguntas a respeito de quem era o dono. O prédio pertence a dois sócios: um tal Ronald Priestly e um tal Phillip Wylie. Não tenho informações acerca de nenhum deles no momento, mas continuarei minhas pesquisas conforme o tempo permitir.

Assim sendo, fiz um esforço para iniciar conversas a respeito de Bonnet nos bares da região, mas não obtive muito resultado. Devo dizer que o nome é conhecido, mas poucos desejam falar sobre ele.

Seu mais obediente servo,

Archibald Hayes, Tenente

67º Regimento das Terras Altas

Todos os barulhos normais da casa ainda podiam ser ouvidos a nossa volta, mas Bree e eu parecíamos estar juntas dentro de uma bolha de silêncio, onde o tempo havia parado abruptamente.

Eu relutei em largar a carta, pois isso significaria que o tempo seguiria em frente e algo teria que ser feito. Ao mesmo tempo, não queria simplesmente largá-la, mas atirá-la no fogo e fingir que nenhuma de nós a tinha lido.

Então Jemmy começou a chorar no andar de cima, Brianna se sobressaltou e se virou em direção à porta, e as coisas voltaram ao normal.

Deixei a carta em um canto, separada, e voltei para o restante das correspondências, colocando jornais e periódicos em uma pilha bem organizada, desamarrando o barbante ao redor do pacote; como eu supunha, era um livro – *A expedição de Humphry Clinker*, de Tobias Smollett. Enrolei o barbante e o enfiei dentro do bolso, enquanto a ansiedade e a incerteza latejavam na minha mente como o tique-taque de um relógio.

Brianna voltou, trazendo Jemmy, que estava vermelho e com o rosto marcado depois do cochilo, e obviamente naquele estado mental de uma pessoa que é despertada do sono para uma irritação aturdida devido aos chamados intrusivos da consciência. Eu compreendia.

Ela se sentou, abriu a parte de cima do vestido e colocou o bebê no seio. Os gritos dele cessaram como por encanto, e eu senti um forte desejo de poder fazer por ela algo que tivesse igual eficácia imediata. Ela estava pálida, mas contida.

Eu tinha que dizer alguma coisa.

– Sinto muito, querida. Tentei impedi-lo... Jamie, quero dizer. Sei que ele não queria que você soubesse. Para não se preocupar.

– Tudo bem. Eu já sabia.

Esticando o braço, ela pegou um dos livros de registro da pilha que Jamie mantinha em sua mesa e, segurando-o pela lombada, chacoalhou-o e uma carta dobrada caiu. Ela meneou a cabeça por cima de Jemmy.

– Dê uma olhada. Eu a encontrei enquanto vocês estavam fora com a

milícia.

Eu li o relato de lorde John a respeito do duelo entre Bonnet e o capitão Marsden, sentindo o frio crescer dentro do meu peito. Eu não tinha ilusões acerca do caráter de Bonnet, mas não sabia que ele tinha tanta habilidade. Preferia que criminosos perigosos fossem incompetentes.

– Pensei que talvez lorde John estivesse apenas respondendo a uma pergunta casual do papai, mas acho que não. O que você acha? – perguntou Bree. Seu tom era frio, quase indiferente, como se ela estivesse pedindo a minha opinião para decidir qual laço de cabelo ou fivela usar. Olhei para ela na mesma hora.

– O que *você* acha?

Era Brianna que importava naquela situação, pelo menos na *minha* opinião.

– A respeito do quê?

Ela desviou os olhos para a carta, e então os fixou em Jemmy.

– A respeito do preço do chá na China, para começar – falei, com certa irritação transparecendo na ironia. – Mas pode ir direto ao assunto relativo a Stephen Bonnet, se quiser.

Era meio chocante dizer aquele nome em voz alta; todos o havíamos evitado por meses, como em um acordo tácito. Ela mordida o lábio inferior. Manteve os olhos fixos no chão por um momento e então balançou a cabeça de leve.

– Não quero saber sobre ele, nem pensar nele – disse ela, com calma. – E, se o vir de novo, sou capaz de... sou capaz de... – Ela estremeceu violentamente e então olhou para mim, com os olhos intensos. – Qual é o *problema* dele? – ela gritou. – Como pôde fazer algo assim? – Ela bateu o punho cerrado na coxa, e Jemmy, assustado, soltou o seio e começou a chorar.

– Você quer dizer o seu pai... não Bonnet.

Ela assentiu, pressionando Jemmy de volta contra o peito, mas ele havia sentido a agitação dela e se remexia e gritava. Eu me abaixei e o peguei, encostando-o em meu ombro e dando tapinhas em suas costas, confortando-o. As mãos de Bree, vazias, se agarraram aos joelhos, amassando o tecido de sua saia.

– Por que ele não esquece Bonnet? – Ela teve que falar mais alto para que eu a escutasse em meio aos gritos do bebê, e os ossos de seu rosto pareceram ter se movido, de modo que a pele parecia esticada sobre eles.

– Porque ele é um homem, e um maldito escocês – respondi. – “Viver e deixar morrer” não faz parte do vocabulário deles.

O leite gotejava lentamente do mamilo dela sobre o vestido; eu estiquei o braço e puxei o tecido para cobri-la. Ela levou a mão ao seio e pressionou com força para interromper o fluxo de leite.

– E o que ele pretende fazer se o encontrar?

– *Quando* encontrar – corrigi-a, com relutância. – Porque ele não vai parar até encontrá-lo. E o que ele vai fazer... bem... acho que vai matá-lo.

Parecia muito ríspido dizer aquilo, e, ainda assim, eu realmente não via outra maneira de dizê-lo.

– Você quer dizer que ele vai *tentar* matá-lo. – Ela olhou para a carta de lorde John e em seguida desviou o olhar, engolindo em seco. – E se ele...

– O seu pai tem bastante experiência em matar pessoas – falei friamente. – Na verdade, ele é muito bom nisso, apesar de não matar ninguém há algum tempo.

Isso não pareceu tranquilizá-la. Eu também não estava tranquila.

– É um lugar tão grande – disse ela, balançando a cabeça. – A América, quero dizer. Por que ele não podia simplesmente... ir embora? Para bem longe?

Ótima pergunta. Jemmy estava resmungando, esfregando o rosto furiosamente no meu ombro, mas não estava mais chorando.

– Eu esperava que Stephen Bonnet tivesse o bom senso de ir praticar o seu contrabando na China ou nas Índias Ocidentais, mas acho que ele tem contatos locais que não queria abandonar.

Eu dei de ombros, dando um tapinha nas costas de Jemmy.

Brianna soltou a saia e pegou o bebê, que ainda estava se contorcendo.

– Bem, ele não sabe que Sherlock Fraser e seu comparsa lorde John Watson estão no encalço dele, afinal.

Foi uma boa tentativa, mas seu lábio tremeu quando disse isso.

– Não, mas provavelmente não vai demorar muito para ele saber – falei com relutância. – Lorde John é muito discreto... o soldado Ogilvie, não. Se

Jamie continuar fazendo perguntas, e ele vai continuar, receio, seu interesse vai se tornar amplamente conhecido em pouco tempo.

Eu não sabia bem se Jamie esperava encontrar Bonnet depressa e pegá-lo de surpresa ou se seu plano era desmascarar Bonnet publicamente por meio das perguntas que fazia. Ou se ele queria na verdade chamar a atenção de Bonnet de propósito, e fazer com que ele viesse até *nós*. A última possibilidade fez com que meus joelhos fraquejassem um pouco, e eu me sentei no banco.

Brianna inspirou lenta e profundamente e soltou o ar pelo nariz, colocando o bebê em seu seio de novo.

– Roger sabe? Quero dizer, ele está envolvido nessa... maldita *vendeta*?

Neguei, balançando a cabeça.

– Acho que não. Quer dizer, claro que não. Ele teria contado a você... não teria?

A expressão dela se suavizou um pouco, apesar de uma sombra de dúvida ainda obscurecer seus olhos.

– Detestaria pensar que ele esconderia algo assim de mim. Por outro lado – acrescentou ela, endurecendo a voz, em um tom de acusação –, *você* escondeu.

Senti a acusação e pressionei os lábios.

– Você disse que não queria pensar em Stephen Bonnet – falei, desviando o olhar do turbilhão de sentimentos no rosto dela. – Naturalmente, não. Eu... nós não queríamos que você tivesse que pensar.

Com certa sensação de inevitabilidade, me dei conta de que estava sendo sugada pelo vórtice das intenções de Jamie, apesar de não pela minha vontade.

– Veja bem – falei depressa, ajeitando-me e olhando para Brianna com intensidade –, *eu* não acho boa ideia procurar por Bonnet, e fiz tudo o que podia para dissuadir Jamie dessa ideia. Na verdade – acrescentei pesarosa, indicando com a cabeça a carta de lord John –, pensei que o *tivesse* convencido a desistir. Mas parece que não.

Um olhar de determinação tomava o rosto de Brianna e ela se posicionou com mais firmeza na cadeira.

– *Eu vou* fazer com que ele desista – disse ela.

Olhei para ela, pensando. Se alguém tinha a teimosia e a força de caráter necessárias para afastar Jamie do caminho que ele escolhera, essa pessoa era a filha dele. Mas tratava-se, no entanto, de um grande “se”.

– Você pode tentar – falei, meio em dúvida.

– Não tenho o direito?

Seu choque inicial havia desaparecido, e os traços estavam mais uma vez sob controle, sua expressão fria e séria.

– Não sou eu quem deve dizer se quero... o que quero?

– Sim – concordei, sentindo um arrepio de inquietação nas costas.

Os pais costumavam achar que tinham direitos também. Assim como os maridos. Mas talvez fosse melhor não dizer isso.

Um silêncio momentâneo recaiu sobre nós, interrompido apenas pelos sons de Jemmy e pelo grasnado dos corvos do lado de fora. Quase por impulso, fiz a pergunta que havia me ocorrido.

– Brianna. O que você quer? Quer Stephen Bonnet morto?

Ela olhou para mim e em seguida fitou a janela. Dava tapinhas nas costas do bebê. Por fim, fechou os olhos brevemente e os abriu, me encarando.

– Não posso – disse ela, baixinho. – Acho que se eu me permitisse ter esse pensamento... nunca mais conseguiria pensar em outra coisa, de tanto que desejaria a morte dele. E não posso permitir que... ele... acabe com a minha vida desse jeito.

Jemmy arrotou alto e golfou um pouco de leite. Bree tinha uma toalha de linho no ombro e limpou com destreza o queixo dele. Mais calmo agora, ele não tinha mais aquela expressão contrariada de incompreensão e se concentrava em algo acima do ombro da mãe. Seguindo a direção de seus olhos, vi a sombra de uma teia de aranha no canto superior da janela. Uma rajada de vento fez estremecer a moldura da janela, e um pontinho se moveu no centro da teia, muito levemente.

– Sim – disse Brianna baixinho. – Quero que ele morra. Mas também quero papai e Roger vivos.

HORA DO SONHO

Roger havia saído para cantar no casamento do sobrinho de Joel MacLeod, conforme o combinado na reunião, e voltou para casa com um novo prêmio, que estava ansioso para colocar no papel antes que pudesse escapar.

Ele deixou na cozinha as botas cobertas de lama, aceitou uma xícara de chá e uma torta de uvas-passas da sra. Bug, depois foi para o escritório. Jamie estava lá, escrevendo cartas. Ele olhou para cima com um murmúrio distraído de reconhecimento e em seguida se voltou para sua composição, franzindo o cenho levemente enquanto rabiscava as letras, segurando a pena de modo esquisito.

Havia uma pequena estante de três prateleiras na sala de Jamie, que abrigava toda a biblioteca da Cordilheira dos Frasers. Os trabalhos sérios ocupavam a prateleira de cima: um volume de poesia latina, *Comentários*, de César, *Meditações*, de Marco Aurélio, algumas outras obras clássicas, a *História natural da Carolina do Norte*, do dr. Brickell, emprestada pelo governador e nunca devolvida, e um livro de matemática, muito maltratado pelo uso, *Ian Murray Filho* escrito na folha de rosto com uma caligrafia vacilante.

A prateleira do meio era reservada a leituras mais leves: uma pequena seleção de romances, um pouco desgastados devido ao manuseio constante, entre os quais estavam *Robinson Crusóé*; *Tom Jones*, em uma série de sete volumes pequenos com capa de couro; *As aventuras de Roderick Random*, em quatro volumes; e o monstruoso *Pamela*, de sir Henry Richardson, em duas encadernações enormes – a primeira delas decorada com vários marcadores, que iam desde folhas secas de bordo até um limpa-penas dobrado, indicando os pontos que vários leitores tinham alcançado antes de

desistir, temporária ou permanentemente. Uma cópia de *Don Quixote* em espanhol, velha, mas muito menos desgastada, já que apenas Jamie conseguia lê-la.

Na prateleira de baixo havia uma cópia de *O dicionário do dr. Sam Johnson*, os livros de registro e os livros de contas de Jamie, vários cadernos de esboços de Brianna e um diário de capa de entretela no qual Roger registrava as letras de músicas que não conhecia e poemas aprendidos em *ceilidhs* e em torno de fogueiras.

Ele se sentou em um banco do outro lado da mesa que Jamie usava como escrivaninha e cortou uma pena nova para o trabalho, tomando cuidado com ela; queria que aqueles registros fossem legíveis. Ele não sabia exatamente para que poderia usar a coleção, mas tinha entranhado em si o valor instintivo que um estudioso dava à palavra escrita. Talvez fosse apenas para o seu prazer e para o seu uso – mas gostava da sensação de que podia estar deixando algo para a posteridade também, e tomava o cuidado de escrever com clareza e documentar as circunstâncias nas quais tinha tomado conhecimento de cada música.

A sala estava silenciosa, com alguns suspiros ocasionais de Jamie quando ele parava para esfregar os nós da mão tensa. Depois de um tempo, o sr. Bug apareceu na porta e, após um breve colóquio, Jamie abandonou a pena e saiu. Roger assentiu vagamente quando eles acenaram em despedida, a mente ocupada pelo esforço de se lembrar e registrar.

Quando terminou, 15 minutos depois, sua cabeça estava agradavelmente vazia, e ele se recostou, alongando-se para aliviar a dor nos ombros. Esperou alguns momentos até que a tinta secasse totalmente antes de guardar o livro e, enquanto esperava, pegou um caderno de esboços de Brianna na prateleira inferior.

Ela não se incomodaria se ele olhasse; dissera que ele podia olhar quando quisesse. Ao mesmo tempo, mostrava-lhe poucos desenhos, aqueles com os quais ficava mais satisfeita, ou os que fazia especialmente para ele.

Ele virou as páginas do caderno, sentindo o misto de curiosidade e respeito que uma pessoa sente diante de um mistério, procurando pequenos vislumbres do funcionamento da mente dela.

Havia muitos esboços de retratos do bebê, um estudo sobre círculos.

Ele parou diante de um pequeno esboço, tomado pela lembrança. Era um desenho de Jemmy dormindo, de costas, o corpinho robusto encolhido. O gato Adso estava aninhado ao lado dele, exatamente na mesma posição, com o queixo apoiado no pezinho gordo de Jemmy e os olhos semicerrados em um prazer comatoso. Ele se lembrava daquela cena.

Ela desenhava Jemmy com frequência – quase todos os dias, na verdade –, mas raramente de frente.

– Os bebês não têm o rosto muito definido – dissera ela, franzindo o cenho para o filho, que mordida a capa de couro do estojo de pólvora de Jamie.

– Ah, é? E o que é isso na frente da cabeça dele, então?

Ele estava deitado no chão com o bebê e o gato, sorrindo para ela, o que tornava mais fácil para ela olhar para ele de cima.

– Eu estava me referindo aos detalhes. É claro que eles têm rosto, mas são todos parecidos.

– Um pai sábio é aquele que reconhece o próprio filho, certo? – brincara ele, e se arrependera na hora ao ver a sombra nos olhos dela. A sombra desvaneceu, rápida como uma nuvem de verão, mas estivera ali, de qualquer modo.

– Bem, não do ponto de vista de um artista. – Ela passara a lâmina de seu canivete em um ângulo pelo bastão de carvão, afiando a ponta. – Eles não têm ossos... visíveis, quero dizer. E é com os ossos que conseguimos desenhar os contornos de um rosto; sem ossos, não há muito com o que trabalhar.

Com ossos ou sem, ela tinha o dom de captar as nuances de expressão. Ele sorriu para um dos desenhos; o rosto de Jemmy mostrava a expressão distraída e inconfundível de alguém que se concentrava na produção de uma fralda bem carregada.

Além dos retratos de Jemmy, havia várias páginas do que pareciam ser diagramas de engenharia. Como estes não despertavam seu interesse, ele se inclinou, colocou o livro de volta na prateleira e pegou outro.

Notou de imediato que não se tratava de um caderno de desenhos. As páginas estavam tomadas pela caligrafia precisa e angulosa de Brianna. Ele folheou curioso; não era propriamente um diário, parecia ser um tipo de

registro de seus sonhos.

Ontem à noite sonhei que raspava as minhas pernas. Roger sorriu diante da tolice, mas a imagem das canelas de Brianna, de ossos compridos e pele reluzente, fez com que ele continuasse lendo.

Eu estava usando o barbeador do meu pai e seu creme de barbear, e pensando que ele ia reclamar quando descobrisse, mas não me preocupei. O creme de barbear vinha em uma lata branca com letras vermelhas, e estava escrito Old Spice no rótulo. Não sei se havia um creme de barbear como aquele, mas era o cheiro que meu pai sempre teve, loção pós-barba Old Spice e fumaça de cigarro. Ele não fumava, mas as pessoas com quem ele trabalhava fumavam, e seus casacos sempre cheiravam ao ar de uma sala de estar depois de uma festa.

Roger respirou fundo, lembrando-se quase inconscientemente do cheiro de pão recém-assado e chá, lustra-móveis e amônia. Não havia cigarros nas reuniões realizadas no salão da casa – ainda assim os casacos do pai dele também cheiravam a fumaça de cigarro.

Uma vez, Gayle me contou que havia saído com Chris sem que tivesse tempo de raspar as pernas antes, e passou a noite toda tentando impedi-lo de tocar seu joelho, com medo de que ele sentisse os pelos pinicando. Depois desse dia, nunca mais raspei as pernas sem pensar nisso, e passava os dedos pela coxa para ver se conseguia sentir alguma coisa ali ou se podia parar de raspar na altura dos joelhos.

Os pelos nas coxas de Brianna eram tão finos que quase não se sentiam; e só eram vistos quando ela se posicionava nua sobre ele, com o sol atrás dela, cobrindo seu corpo de uma luz dourada e deixando à mostra aquele detalhe delicado e secreto. Pensar que ninguém além dele os veria fez com que ele fosse invadido por uma agradável sensação de satisfação, como um avarento contando cada moeda de ouro e cobre, aproveitando sua fortuna secreta sem se deixar perturbar pelo medo de ser roubado.

Ele virou a página, sentindo-se culpado por aquela intrusão e ao mesmo tempo irresistivelmente atraído pelo desejo de penetrar a intimidade dos

sonhos dela, conhecer as imagens que povoavam sua mente adormecida.

Os registros não tinham data, mas cada um deles começava com as mesmas palavras: *Ontem à noite, sonhei.*

Ontem à noite, sonhei que estava chovendo. Não é de surpreender, já que estava chovendo, e está assim há dois dias. Quando fui ao reservado hoje cedo, tive que pular uma poça enorme na frente da porta e afundei até os joelhos no terreno mole perto das amoras.

Fomos para a cama ontem à noite com a chuva batendo no telhado. Foi muito bom poder me aconchegar a Roger e ficar aquecidos em nossa cama depois de um dia frio e úmido. Gotas de chuva caíam pela chaminé e sibilavam no fogo. Contamos um ao outro histórias da nossa juventude – talvez o sonho tenha vindo daí, de pensar no passado.

Não aconteceu nada de mais no sonho, eu só olhava por uma janela para Boston, observando os carros passarem, espirrando grandes lençóis de água com as rodas, e ouvindo o rumor dos pneus nas ruas molhadas. Acordei ainda ouvindo esse som; estava tão claro na minha mente que fui até a janela e olhei para fora, meio que esperando ver uma rua movimentada, cheia de carros correndo sob a chuva. Foi um choque ver espruces, nogueiras, mato e trepadeiras, e não ouvir nada além do bater suave das gotas de chuva nas folhas de bardana.

Tudo era de um verde tão vívido, tão viçoso e farto que parecia uma selva ou um planeta desconhecido – um lugar onde eu nunca estive, com nada que eu reconhecesse, embora, na verdade, eu veja essa paisagem todos os dias.

Durante todo o dia ouvi o rumor secreto de pneus na chuva, em algum lugar atrás de mim.

Sentindo-se culpado, mas fascinado, Roger virou a página.

Ontem à noite, sonhei que dirigia o meu carro. Era meu Mustang azul, e eu dirigia depressa por uma estrada sinuosa,

pelas montanhas – estas montanhas. Nunca dirigi por estas montanhas, apesar de já ter percorrido as matas montanhosas de Nova York. Mas eu estava definitivamente aqui; eu sabia que era a Cordilheira.

Foi muito real. Ainda consigo sentir meus cabelos esvoaçando ao vento, o volante nas minhas mãos, a vibração do motor e o rolar dos pneus no asfalto. Mas essa sensação – assim como o carro – é impossível. Não pode acontecer agora, em nenhum lugar a não ser na minha mente. E ainda assim, lá está ela, gravada nas células da minha memória, tão real quanto o reservado do lado de fora, esperando ser chamada de volta à vida ao estalar de uma sinapse.

Eis outra coisa esquisita. Ninguém sabe o que é uma sinapse, exceto eu, minha mãe e Roger. Que sensação estranha; como se nós três compartilhássemos todos os tipos de segredos.

Bem, essa parte em especial – dirigir – pode ser ligada a uma lembrança conhecida. Mas e os sonhos, igualmente vívidos, igualmente reais, com coisas que não experimentei com meu eu consciente? Será que alguns sonhos são memórias de coisas que ainda não aconteceram?

Ontem à noite, sonhei que fazia amor com Roger.

Ele estava prestes a fechar o caderno, com uma sensação de culpa pela intrusão. A culpa ainda estava lá – forte –, mas era totalmente insuficiente para vencer a curiosidade. Ele olhou para a porta, mas a casa estava em silêncio; as mulheres se movimentavam pela cozinha, mas não havia ninguém perto do escritório.

Ontem à noite, sonhei que fazia amor com Roger.

Foi ótimo; pela primeira vez, eu não estava pensando, não estava observando de fora, como sempre faço. Na verdade, eu não tive consciência de mim mesma por um longo tempo. Havia só uma... coisa muito selvagem e excitante, e eu fazia parte dela, e Roger fazia parte dela, mas não havia ele nem eu, apenas nós.

O mais engraçado é que era Roger, mas eu não pensava nele desse jeito. Não pelo nome – não aquele nome. Era como se ele tivesse outro nome, um nome secreto, real... mas eu sabia qual era.

(Sempre pensei que todo mundo tivesse esse tipo de nome, o tipo que não é uma palavra. Eu sei quem sou – e quem quer que eu seja, o nome dela não é “Brianna”. Sou eu, só isso. “Eu” funciona bem como substituto para o que quero dizer, mas como escrever o nome secreto de outra pessoa?)

Eu sabia qual era o nome verdadeiro de Roger, no entanto, e isso parecia ser o motivo por que estava dando certo. E realmente estava dando certo também; eu não pensava nem me preocupava, e só fui pensar no fim: Olha, está acontecendo!

E então aconteceu e tudo se dissolveu, estremeceu e latejou...

Nesse ponto ela havia rabiscado o restante da frase, com uma observação curta na margem, na qual se lia:

Bom, nenhum dos livros que li poderia descrever aquilo!

Apesar do fascínio e do choque, Roger riu alto e em seguida sufocou o riso, olhando ao redor depressa para ver se ainda estava sozinho. Ouviu barulhos na cozinha, mas nenhum ruído de passo no corredor, e os olhos dele voltaram para a página como peças de ferro atraídas por um ímã.

Meus olhos estavam fechados – no sonho, quero dizer – e eu estava deitada ali, ainda sentindo uma corrente elétrica percorrer o meu corpo, então abri os olhos e era Stephen Bonnet quem estava dentro de mim.

Foi um choque tão grande que me despertou. A sensação é de que eu estava gritando – minha garganta estava dolorida –, mas eu não poderia ter gritado, porque Roger e o bebê estavam dormindo profundamente. Eu senti o corpo todo quente, tão quente que eu estava suando, mas sentia frio também, e meu coração batia forte. Demorei muito tempo para me acalmar o bastante a fim de poder voltar a dormir; todos os pássaros

estavam cantando.

Foi o que finalmente me permitiu voltar a dormir, na verdade – os pássaros. Papai – e o meu outro pai também, pensando bem – me disse que os gaios e os corvos crocitam em sinal de alerta, mas as aves canoras param de cantar quando alguém se aproxima, então, quando estamos em uma floresta, devemos ficar atentos a isso. Com tanta algazarra nas árvores perto da casa, eu sabia que estava em segurança – não havia ninguém ali.

Havia um pequeno espaço vazio no pé da página. Ele a virou, sentindo as palmas suadas e as batidas fortes do coração em seus ouvidos. A narrativa era retomada no topo da página seguinte. Antes, a escrita era fluida, quase apressada, as letras inclinadas atravessando a página. Ali, estavam desenhadas com mais cuidado, arredondadas e eretas, como se o primeiro choque da experiência tivesse passado, e ela tivesse voltado, com um cuidado obstinado, a pensar no assunto.

Tentei me esquecer, mas não funcionou. A cena não parava de voltar à minha mente, então por fim saí para trabalhar no ervanário. Minha mãe fica com Jemmy quando estou lá, porque ele mexe nas coisas, de forma que eu sabia que poderia ficar sozinha. Então me sentei em meio a todos os ramalhetes pendurados, fechei os olhos e tentei me lembrar de tudo e refletir a respeito das várias partes: “Tudo bem” ou “Isso é só um sonho”. Porque Stephen Bonnet me assustava e eu me sentia mal quando pensava no fim... mas queria muito me lembrar como. Como foi, e como eu fiz, para talvez poder fazer de novo, com Roger.

Mas fico com essa sensação de que não consigo, a menos que me lembre do nome secreto de Roger.

Nesse ponto terminava o registro. Os sonhos continuavam na página seguinte, mas Roger não leu mais. Fechou o caderno com muito cuidado e o colocou de novo atrás dos outros na prateleira. Ficou de pé olhando pela janela por algum tempo, esfregando inconscientemente as palmas suadas sobre as costuras da calça.

P A R T E V

É melhor casar do que se abrasar



NO BOSQUE DO CUPIDO

– Você acha que eles vão dormir na mesma cama?

Jamie não elevou a voz, mas tampouco se esforçou para baixá-la. Felizmente, estávamos no lado mais distante do terraço, longe demais para que o casal nos ouvisse. Mas algumas pessoas se viraram em nossa direção.

Ninian Bell Hamilton nos encarava abertamente. Abri um sorriso amplo e balancei o leque para o escocês idoso em um cumprimento, enquanto cutucava Jamie nas costelas.

– Algo adequado e respeitável para um sobrinho estar pensando a respeito da tia – falei baixinho.

Jamie afastou-se e ergueu uma das sobrancelhas para mim.

– O que a respeitabilidade tem que ver com isso? Eles vão estar casados. E muito além da idade de consentimento, os dois – disse ele, com um sorriso para Ninian, que corou com um contentamento abafado.

Eu não sabia quantos anos o velho Duncan Innes tinha, mas acreditava que ele estivesse na casa dos 50. A tia de Jamie, Jocasta, devia ser pelo menos uma década mais velha.

Eu conseguia ver Jocasta acima das cabeças das pessoas, aceitando graciosamente os cumprimentos de amigos e vizinhos no fim do terraço. Uma mulher alta, vestindo um vestido de lã castanho-avermelhado, estava ladeada por enormes vasos de pedra com ramos de vara-de-ouro seca, e seu mordomo negro, Ulysses, ao seu lado, elegante com uma peruca e uma libré verde. Com uma bela touca de renda branca coroando sua robusta estrutura MacKenzie, ela era, inegavelmente, a rainha de River Run. Fiquei na ponta dos pés, procurando seu noivo.

Duncan era um pouco mais baixo do que Jocasta, mas ainda assim

deveria estar visível. Eu já o vira mais cedo, vestindo um refinado traje escocês, com o qual ele ficava vistoso, ainda que terrivelmente constrangido. Estiquei o pescoço, apoiando a mão no braço de Jamie para manter o equilíbrio. Ele segurou meu ombro para me estabilizar.

– O que está procurando, Sassenach?

– Duncan. Ele não deveria estar com a sua tia?

Ninguém poderia dizer, apenas por olhar, que Jocasta era cega – que ela estava entre os grandes vasos para se orientar, ou que Ulysses ficava ao seu lado para sussurrar-lhe os nomes das pessoas que se aproximavam. Eu vi sua mão esquerda se levantar da lateral do corpo, tocar o vazio e recolher-se. Sua expressão não mudou, no entanto; ela sorriu e assentiu, dizendo algo ao juiz Henderson.

– Fugiu antes da noite de núpcias? – sugeriu Ninian, erguendo o queixo e as sobrancelhas em um esforço para enxergar por cima da multidão sem ficar na ponta dos pés. – Talvez eu ficasse um pouco nervoso com a ideia. Sua tia é uma bela mulher, Fraser, mas ela seria capaz de congelar as bolas do rei do Japão, se quisesse.

Jamie entortou os lábios.

– Talvez Duncan tenha sido pego desprevenido – disse ele. – Qualquer que seja o motivo, ele foi à casa das necessidades quatro vezes hoje pela manhã.

Minhas sobrancelhas se ergueram quando ouvi isso. Duncan sofria de constipação crônica. Na verdade, eu havia trazido um pacote de folhas de sene e de raízes de café para ele, apesar dos comentários grosseiros de Jamie a respeito do que constituía um presente de casamento adequado. Duncan devia estar mais nervoso do que pensei.

– Bem, não vai ser uma grande surpresa para a minha tina, e ela teve três maridos antes dele – disse Jamie, em resposta a um comentário murmurado de Hamilton. – É o primeiro casamento de Duncan, no entanto. É um choque para qualquer homem. Eu me lembro da minha primeira noite de casado.

Ele sorriu para mim, e eu senti um calor subir pelo meu rosto. Eu me lembrava também... com riqueza de detalhes.

– Não acha que está meio quente aqui fora?

Abri meu leque em um arco de renda cor de marfim e o abanei sobre o meu rosto.

– Você acha? – perguntou ele, ainda sorrindo para mim. – Eu não tinha percebido.

– Duncan percebeu – garantiu Ninian. Ele contraiu os lábios, segurando o riso. – Estava suado como um bolo quente quando o vi pela última vez.

Na verdade, estava um pouco frio do lado de fora, apesar das tinas de ferro fundido cheias de brasa quente que liberavam o cheiro doce de fumaça de madeira de macieira nos cantos do terraço de pedra. A primavera havia chegado, e os gramados estavam verdejantes, assim como as árvores ao longo do rio, mas o ar da manhã ainda mantinha um toque acentuado do frio invernal. *Ainda* era inverno nas montanhas, e nós tínhamos encontrado neve até Greensboro em nossa viagem para River Run, apesar de narcisos e crocos brotarem corajosamente por entre o gelo.

Era um dia claro e ensolarado de março, e a casa, o terraço, o gramado e o jardim estavam cheios de convidados, resplandecentes em suas belas roupas como um bando de borboletas fora de época. Estava claro que o casamento de Jocasta seria o evento social do ano no que dizia respeito à sociedade de cabo Fear; deveria haver quase duzentas pessoas ali, de lugares tão distantes quanto Halifax e Edenton.

Ninian disse algo para Jamie em gaélico, baixinho, olhando com o rabo do olho para mim. Jamie respondeu com um comentário elegante na escolha das palavras e de conteúdo extremamente grosseiro, olhando para mim com malícia enquanto o homem mais velho engasgava de tanto rir.

Eu já conseguia entender gaélico muito bem a essa altura, mas havia momentos em que a discrição era preferível à valentia. Abri o leque, escondendo minha expressão. É verdade que era preciso prática para conseguir manejar o leque com graça, mas era uma ferramenta social útil para alguém que, como eu, não conseguia disfarçar o que achava. Mas até mesmo os leques tinham seus limites.

Eu dei as costas para a conversa, que prometia piorar mais e mais e comecei a esquadrinhar os presentes em busca de sinais do noivo. Talvez Duncan estivesse de fato doente, e não apenas nervoso. Se fosse esse o caso, era melhor eu examiná-lo.

– Phaedre! Você viu o sr. Innes esta manhã?

A aia de Jocasta andava depressa, com os braços cheios de toalhas de mesa, mas parou abruptamente quando a chamei.

– Não vejo o sr. Duncan desde o café da manhã, senhora – disse ela, balançando a cabeça elegantemente coberta com uma touca.

– Como ele estava? Comeu bem?

O café da manhã fora um evento que durara várias horas, com os convidados hospedados na casa se servindo e comendo à vontade. Era mais provável que fosse o nervosismo, e não uma intoxicação alimentar, que estivesse perturbando o intestino de Duncan, mas algumas das linguças que eu tinha visto no aparador me pareceram muito suspeitas.

– Não, senhora, nadinha.

As sobancelhas lisas de Phaedre se ergueram; ela gostava de Duncan.

– O cozinheiro tentou fazer com que comesse, preparando um ovo quente, mas ele apenas balançou a cabeça. Mas tomou um copo de ponche de rum – disse ela, animada ao se lembrar disso.

– Sim, isso vai acalmá-lo – comentou Ninian ao ouvir nossa conversa. – Não se preocupe, sra. Claire, Duncan vai ficar bem.

Phaedre fez uma reverência e partiu em direção às mesas que estavam sendo montadas sob as árvores, com o avental engomado esvoaçando com a brisa. O aroma suculento de carne de porco assando se espalhava pelo ar frio da primavera, e nuvens fragrantas de fumaça de nogueira subiam das fogueiras perto da forja, onde coxas de veado, carne de carneiro e dúzias de aves giravam em espetos. Meu estômago roncou alto de fome, apesar do meu corpete apertado.

Nem Jamie nem Ninian pareceram notar, mas dei um passo para trás discretamente, virando-me para observar o gramado que se estendia do terraço até o rio. Eu não tinha tanta certeza acerca dos benefícios do rum, sobretudo quando tomado de estômago vazio. Tudo bem que Duncan não seria o primeiro noivo a subir ao altar em um estágio avançado de embriaguez, mas mesmo assim...

Brianna, com um vestido de lã azul da cor do céu primaveril, estava ao lado de uma das estátuas de mármore que enfeitavam o gramado, com Jemmy no colo, entretida em uma conversa com Gerald Forbes, o advogado.

Ela também segurava um leque, que, no momento, tinha um destino mais útil do que o normal – Jemmy o havia pegado e mordida o cabo de marfim, com uma expressão de firme concentração no rostinho corado.

É claro que Brianna precisava menos de uma boa técnica do leque do que eu, já que tinha herdado a habilidade de Jamie de esconder todos os pensamentos por trás de uma máscara de agradável doçura. Ela usava a máscara naquele momento, o que me dava uma boa ideia de sua opinião sobre o sr. Forbes. Onde estava Roger?, eu me perguntei. Ele estivera com ela mais cedo.

Quando me virei para perguntar a Jamie o que ele achava dessa epidemia de maridos desaparecidos, descobri que ele também havia sumido. Ninian Hamilton tinha se virado para falar com outra pessoa, e o espaço ao meu lado estava sendo ocupado agora por dois escravos, cambaleando sob o peso de um garrafão de brandy enquanto se dirigiam para as mesas de bebidas. Eu saí rapidamente do caminho deles e me virei para procurar Jamie.

Ele havia desaparecido em meio à multidão como agulha em palheiro. Eu me virei lentamente, esquadrinhando o terraço e o gramado, mas não havia sinal dele entre as pessoas. Franzi o cenho diante da luz forte do sol, protegendo os olhos com a mão.

Não era difícil avistá-lo, afinal; por ser um escocês com sangue de gigantes vikings nas veias, ele era mais alto do que a maioria dos homens, e seus cabelos reluziam ao sol como bronze polido. Para completar, ele estava vestido, naquele dia, com suas melhores roupas para comemorar o casamento de Jocasta – um traje típico escocês de tartã vermelho e preto, com faixa no ombro e cinto, o casaco cinza e um colete, e o par de meias vermelhas e pretas mais chamativo que já tinha coberto as pernas de um escocês. Ele devia se sobressair como uma mancha de sangue no linho claro.

Não o encontrei, mas vi um rosto familiar. Saí do terraço e passei entre os convidados da festa.

– Sr. MacLennan!

Ele se virou na direção da minha voz, parecendo surpreso, mas então um sorriso cordial surgiu em seus traços fortes.

– Sra. Fraser!

– Que ótimo vê-lo! – falei, estendendo a mão para ele. – Como vai?

Ele estava melhor do que da última vez que eu o vira, limpo e decente, com um terno escuro e um chapéu simples adornado com renda. Mas o rosto estava magro e uma sombra encobria seus olhos mesmo quando ele sorriu para mim.

– Ah... estou bem, senhora... razoavelmente bem.

– O senhor... onde está vivendo atualmente?

Pareceu uma pergunta mais delicada do que “Por que não está na cadeia?”. Sem pestanejar, ele respondeu a ambas as perguntas.

– Bem, seu marido teve a generosidade de escrever para o sr. Ninian – ele meneou a cabeça em direção à figura esguia de Ninian Bell Hamilton, que estava no meio de uma discussão acalorada do outro lado do gramado – e contou a ele sobre meu problema. O sr. Ninian é um grande amigo dos reguladores e grande amigo do juiz Henderson também.

Ele balançou a cabeça com os lábios contraídos.

– Não sei como tudo aconteceu, mas o sr. Ninian me tirou da prisão e me levou para sua casa. Então, estou lá, por enquanto. Foi bondade... muita bondade.

Ele falava com evidente sinceridade, mas ao mesmo tempo com certo ar de abstração. Ele ficou em silêncio então. Ainda estava olhando para mim, mas seus olhos eram inexpressivos. Pensei em algo para dizer, desejando trazê-lo de volta ao presente, mas um grito de Ninian o tirou de seu transe, poupando-me do trabalho. Abel se desculpou educadamente e foi ajudar na discussão.

Eu caminhei pelo gramado, cumprimentando conhecidos por cima do leque. Fiquei feliz por ver Abel de novo e saber que ele estava fisicamente bem, pelo menos – mas não pude negar que vê-lo gelou meu coração. Eu tinha a sensação de que, na verdade, fazia pouca diferença para Abel MacLennan onde seu corpo morava; seu coração ainda estava no túmulo com a esposa.

Por que Ninian o levava ao casamento?, eu me perguntei. Certamente uma festa assim faria com que ele se lembrasse do próprio casamento; em geral isso acontecia com todo mundo.

O sol havia subido o suficiente para esquentar o ar, mas eu estremei. Ver o pesar de MacLennan me fazia lembrar demais dos dias depois de

Culloden, quando voltei para a minha própria época, achando que Jamie estava morto. Eu conhecia muito bem aquele torpor no coração; a sensação de passar os dias como uma sonâmbula e passar as noites de olhos abertos, sem encontrar descanso, conhecendo apenas um vazio que não era a paz.

A voz de Jocasta veio do terraço, chamando Ulysses. Ela havia perdido três maridos, e agora estava decidida a ter um quarto. Ela podia ser cega, mas não havia torpor em seus olhos. Isso significava que ela não se importara muito com nenhum dos maridos?, eu me perguntei. Ou apenas que ela era uma mulher muito forte, capaz de superar a dor, não uma, mas repetidas vezes?

Eu tinha feito isso uma vez, pelo bem de Brianna. Mas Jocasta não tinha filhos; não agora, pelo menos. Será que ela tivera e deixara de lado a dor de um coração partido para viver por um filho?

Eu me sacudi, tentando afastar esses pensamentos melancólicos. Era, afinal, uma ocasião festiva, e o dia estava condizente. Os cornisos estavam em flor, e azulões e cardeais disparavam entre as árvores verdejantes como pedacinhos de confete, loucos de desejo.

– Mas é claro que sim – uma mulher estava dizendo com um tom autoritário. – Meu Deus, eles moram juntos há meses!

– Sim, é verdade – uma de suas companheiras de conversa concordou, parecendo em dúvida. – Mas não dá para dizer só de olhar. Afinal, eles mal olham um para o outro! Ah... quero dizer, bem, claro que ela não pode olhar para ele, já que é cega, mas era de esperar...

Não eram só os pássaros, pensei, me divertindo. Uma sensação de vitalidade se espalhava entre todos os presentes. Ao olhar para o terraço, vi jovens reunidas, conversando e fofocando em pequenos grupos, como galinhas, enquanto os homens caminhavam casualmente de um lado para outro na frente delas, chamativos como pavões com suas roupas de festa. Eu não ficaria surpresa se pelo menos alguns noivados resultassem daquela comemoração – e algumas gravidezes também. O sexo estava no ar; eu podia sentir, sob as fragrâncias inebriantes das flores de primavera e da comida sendo preparada.

A sensação de melancolia havia me deixado, apesar de eu ainda sentir um forte ímpeto de encontrar Jamie.

Eu havia descido por um lado do gramado e subido pelo outro, mas não vira sinal dele em lugar nenhum entre a casa principal e o cais, onde escravos ainda estavam recepcionando os últimos convidados que chegavam pelo rio. Entre os ainda esperados – e realmente muito atrasados –, estava o padre que realizaria o casamento.

O padre LeClerc era um jesuíta que ia de Nova Orleans para uma missão perto de Québec, mas que fora desviado do austero caminho da obrigação por uma generosa doação feita por Jocasta à Sociedade de Jesus. O dinheiro podia não comprar felicidade, pensei, mas era um bem útil, mesmo assim.

Olhei na outra direção e parei subitamente. De um lado, Ronnie Campbell olhou para mim e fez uma reverência; ergui o leque em reconhecimento, mas estava distraída demais para falar com ele. Eu não tinha encontrado Jamie, mas acabara de ver o motivo provável de seu desaparecimento repentino. O pai de Ronnie, Farquard Campbell, estava subindo o gramado acompanhado por um senhor com as roupas vermelhas e beges do exército de Sua Majestade e por outro homem com um uniforme da Marinha – o tenente Wolff.

A visão me causou um choque desagradável. O tenente Wolff não era minha pessoa favorita. E não era muito popular entre aqueles que o conheciam também.

Pensei que era razoável que ele tivesse sido convidado, já que a Marinha de Sua Majestade era a principal compradora da produção de madeira, alcatrão e terebintina de River Run, e o tenente Wolff era o representante da Marinha no que dizia respeito a tais assuntos. E era possível que Jocasta o tivesse convidado por motivos mais pessoais também – o tenente tinha, a certa altura, pedido a mão dela em casamento. Não, como ela havia observado secamente, por nenhum desejo por sua pessoa, mas para pôr as mãos em River Run.

Sim, eu podia vê-la se deleitando com a presença do tenente ali naquele momento. Duncan, menos naturalmente dado a segundas intenções e manipulações, talvez não.

Farquard Campbell tinha me visto e vinha em minha direção abrindo caminho entre as pessoas, com as forças armadas a reboque. Eu levantei o leque e fiz os ajustes faciais necessários para uma conversa educada, mas –

para o meu alívio – o tenente viu um empregado carregando uma bandeja de copos pelo terraço e partiu atrás dele, abandonando sua companhia em troca de uma bebida.

O outro militar olhou para ele, mas seguiu Farquard obedientemente. Estreitei os olhos para olhar para ele, mas nunca o havia visto antes, tinha certeza. Desde a remoção do último regimento das Terras Altas no outono, avistar um casaco vermelho era algo incomum em qualquer lugar da colônia. Quem poderia ser?

Meus traços formaram o que eu esperava que fosse um sorriso agradável, e eu me curvei, fazendo uma reverência formal, estendendo as saias bordadas da melhor maneira que consegui.

– Sr. Campbell.

Olhei furtivamente para trás dele, mas por sorte o tenente Wolff havia desaparecido à procura de bebida alcoólica.

– Sra. Fraser. A seu dispor, madame.

Farquard fez uma reverência graciosa em resposta. Um homem idoso, de aparência sofrida, o sr. Campbell estava discreto como sempre com elegantes roupas pretas, algumas pregas rendadas na gola da camisa sendo sua única concessão às festividades.

Ele olhou por cima do meu ombro, franzindo o cenho, um pouco confuso.

– Eu tinha visto... *pensei* que tivesse visto seu marido com a senhora?

– Ah. Bem, acho que ele... saiu.

Eu virei o leque delicadamente na direção das árvores onde ficavam as instalações para que os convidados fizessem suas necessidades, separadas da casa principal por uma distância considerável e uma cortina de pequenos pinheiros brancos.

– Ah, compreendo. – Campbell pigarreou e fez um gesto para o homem que o acompanhava. – Sra. Fraser, deixe-me apresentar o major Donald MacDonald.

O major MacDonald era um homem de nariz aquilino, mas bonito, de quase 40 anos, com o rosto castigado e a postura ereta de um soldado de carreira, e um sorriso agradável acompanhado por um par de argutos olhos azuis, do mesmo tom claro e vívido do vestido de Brianna.

– Ao seu dispor, senhora. – Ele fez uma reverência muito elegante. – Permita-me dizer, senhora, que essa cor lhe cai muito bem.

– Pois não – falei, relaxando um pouco. – Obrigada.

– O major chegou recentemente a Cross Creek. Eu garanti a ele que não encontraria melhor oportunidade para conhecer seus conterrâneos e se familiarizar com os arredores.

Farquard fez um gesto indicando o terraço e englobando toda a festa – que de fato compreendia uma boa amostra da sociedade escocesa em cabo Fear.

– De fato – disse o major educadamente. – Não ouço tantos nomes escoceses desde a última vez que estive em Edimburgo. O sr. Campbell me informou que seu marido é o sobrinho da sra. Cameron... ou da sra. Innes, devo dizer?

– Sim. Conheceu a sra... hum... Innes?

Olhei em direção ao lado mais distante do terraço. Ainda não havia sinal de Duncan, muito menos de Roger ou Jamie. Diabos, onde estava todo mundo? Realizando uma reunião de cúpula no reservado?

– Não, mas estou ansioso para oferecer meus cumprimentos. O falecido sr. Cameron era conhecido do meu pai, Robert MacDonald de Stornoway.

Ele inclinou levemente a cabeça coberta por uma peruca, de modo respeitoso, na direção da pequena construção de mármore branco ao lado do gramado, o mausoléu que abrigava os restos mortais de Hector Cameron.

– O seu marido por acaso tem alguma conexão com os Frasers de Lovat?

Com um gemido interno, reconheci uma teia de aranha escocesa se formando. O encontro de dois escoceses invariavelmente começava com uma série de perguntas até que se obtivesse um número suficiente de ligações para formar uma rede útil. Eu costumava me deixar enredar nos fios grudentos de família e clãs, terminando como uma mosca gorda e succulenta, totalmente presa e à mercê do meu questionador.

Mas Jamie havia sobrevivido às intrigas da política francesa e escocesa durante anos por meio desse conhecimento – deslizando precariamente pelos fios secretos de tais redes, afastando-se das armadilhas grudentas da lealdade e da traição que tinham causado a ruína de tantos outros. Eu me ajeitei para prestar atenção, fazendo um esforço para localizar aquele

MacDonald entre milhares de outros do mesmo lugar.

MacDonald de Keppoch, MacDonald das Ilhas, MacDonald de Clanranald, MacDonald de Sleat. Quantos tipos de MacDonald havia afinal?, tentei imaginar, meio irritada. Certamente um ou dois bastariam para a maioria dos propósitos.

MacDonald das Ilhas, evidentemente; a família do major vinda da ilha de Harris. Fiquei atenta durante as perguntas, mas Jamie continuava escondido em segurança.

Farquard Campbell – que não era tolo – parecia estar gostando do jogo verbal, seus olhos escuros alternando entre mim e o major com uma expressão de quem estava se divertindo. A diversão se transformou em um ar de surpresa quando terminei uma análise bastante confusa da linhagem paterna de Jamie, em resposta ao hábil catecismo do major.

– O avô do seu marido era Simon, lorde Lovat? – perguntou Campbell.
– A Velha Raposa? – Sua voz se elevou um pouco com a incredulidade.

– Bem... sim – falei, um pouco inquieta. – Pensei que soubesse disso.

– De fato – disse Farquard.

Ele parecia ter engolido uma ameixa em conserva, percebendo tarde demais que o caroço ainda estava dentro dela. Ele sabia que Jamie era um jacobita perdoado, mas estava claro que Jocasta não havia mencionado sua ligação próxima com a Velha Raposa, executado como traidor por sua participação na Revolta dos Stuarts. A maioria dos Campbells havia lutado ao lado do governo naquela revolta em particular.

– Sim – disse MacDonald, ignorando a reação de Campbell. Ele franziu o cenho levemente, em concentração. – Tenho a honra de conhecer o atual lorde Lovat... o título foi restaurado, se me lembro bem. – Ele continuou, virando-se para Campbell para explicar. – É o jovem Simon, que reuniu um regimento para lutar contra os franceses em... 58? Não, 57. Sim, 57. Um soldado destemido, excelente combatente. E ele seria o... sobrinho do seu marido? Não, o tio.

– Meio-tio – expliquei.

O velho Simon tinha se casado três vezes, e não fazia segredo sobre os filhos fora do casamento: o pai de Jamie fora um deles. Mas não era preciso mencionar isso.

MacDonald assentiu, o rosto magro satisfeito por ter deixado tudo bem esclarecido. O rosto de Farquard relaxou um pouco ao saber que a reabilitação da reputação da família já estava tão avançada.

– Papista, claro – acrescentou MacDonald –, mas um excelente soldado mesmo assim.

– Por falar em soldados – interrompeu Campbell –, você sabe...

Respirei aliviada a ponto de os cordões do meu corpete chiarem quando o sr. Campbell conduziu o major a uma análise de algum evento militar do passado. O major, aparentemente, não estava na ativa, mas, como muitos, aposentado recebendo meio soldo. Enquanto a Coroa não encontrasse utilidade para seus serviços, ele ficava vagando pelas colônias à procura de ocupação. A paz era difícil para soldados profissionais.

Espere para ver, pensei, com um leve tremor premonitório. Quatro anos, ou menos, e o major estaria bastante ocupado.

Vi um tartã de relance pelo canto do olho e me virei para olhar, mas não era Jamie nem Duncan. Um mistério a menos, no entanto; era Roger, com seus cabelos escuros e elegante com seu kilt. Seu rosto se iluminou quando ele viu Brianna e apertou o passo. Ela virou a cabeça, como se sentisse a presença dele, e seu rosto também se iluminou.

Ele chegou ao seu lado e, sem se importar com o cavalheiro que estava com ela, abraçou-a e beijou-a na boca. Quando se afastaram, ele estendeu os braços para Jemmy e deu outro beijo na cabeça ruiva e sedosa.

Eu voltei para a conversa próxima de mim, percebendo tardiamente que Farquard Campbell estava falando havia algum tempo sem que eu fizesse ideia do que ele tinha dito. Ao ver minha surpresa, ele sorriu de esguelha.

– Preciso ir cumprimentar outras pessoas, sra. Fraser – disse ele. – Pode me dar licença? Vou deixá-la na excelente companhia do major.

Ele tocou o chapéu de modo cortês e partiu em direção à casa, talvez para localizar o tenente Wolff e impedir que ele surrupiasse a prataria.

Assim, deixado comigo, o major tentou estabelecer uma conversa adequada e voltou à pergunta mais comum entre pessoas que tinham acabado de se conhecer.

– A senhora e o seu marido chegaram à Colônia há muito tempo?

– Não muito – respondi com cautela. – Há três anos, mais ou menos.

Vivemos em um pequeno povoado no interior... – Balancei o leque fechado na direção das montanhas invisíveis a oeste. – Em um lugar chamado Cordilheira dos Frasers.

– Ah, sim, já ouvi falar desse lugar.

Um músculo se contraiu no canto de sua boca, e eu me perguntei, inquieta, o que ele teria ouvido. A destilaria de Jamie era um segredo conhecido no interior, e entre os colonos escoceses de cabo Fear – na verdade, vários barris de uísque fabricados na destilaria estavam à vista perto dos estábulos, o presente de Jamie para sua tia e Duncan –, mas eu esperava que o segredo não fosse tão conhecido a ponto de um oficial do exército recém-chegado à colônia já ter ouvido a respeito.

– Diga-me, sra. Fraser... – Ele hesitou e em seguida avançou. – A senhora encontra muito... sectarismo na sua região da colônia?

– Sectarismo? Ah, é... não, não muito.

Lancei um olhar cauteloso na direção do mausoléu de Hector Cameron, onde o cinza-escuro quacre de Hermon Husband aparecia como uma mancha contra o mármore branco. O sectarismo era um código para as atividades de homens como Husband e James Hunter – reguladores.

A ação da milícia do governador em dezembro tinha posto fim aos atos violentos, mas a questão dos reguladores ainda era uma panela de pressão. Husband tinha sido preso por um curto período em fevereiro devido à força de seus panfletos, mas a experiência não tinha suavizado sua atitude nem seu linguajar. Um conflito podia eclodir a qualquer momento.

– Fico feliz em saber, senhora – disse o major MacDonald. – A senhora recebe muitas notícias, isolada como está?

– Não muita. Err... o dia está bonito, não? Tivemos muita sorte com o clima este ano. A viagem de Charleston até aqui foi fácil? Tão cedo no ano... a lama...

– De fato, senhora. Tivemos algumas dificuldades, mas não mais do que...

O major estava me avaliando de modo muito claro enquanto conversávamos, observando o corte e a qualidade do meu vestido, as pérolas no meu pescoço e nas minhas orelhas – que eu havia pegado emprestadas com Jocasta – e os anéis nos meus dedos. Eu estava acostumada com aquele

olhar; não havia o menor sinal de lascívia nem de flerte. Ele estava apenas estimando minha posição social e o nível de prosperidade e de influência do meu marido.

Eu não me ofendi. Estava ocupada fazendo a mesma coisa com ele, afinal. Era bem-educado e de boa família; isso ficava claro apenas por sua patente, apesar de o anel de ouro com um brasão em sua mão direita encerrar a questão. Não era pessoalmente abastado, no entanto; seu uniforme era puído nas costuras, e as botas estavam muito marcadas, apesar de bem engraxadas.

Um leve sotaque escocês com um leve toque gutural francês – experiência em campanhas continentais. E chegado havia pouquíssimo tempo na colônia, pensei; seu rosto estava magro devido a uma doença recente, e as escleras tinham o leve tom amarelado comum entre os recém-chegados, que costumavam contrair tudo, desde malária até dengue, quando expostos ao caldeirão fervilhante de germes das cidades costeiras.

– Diga-me, sra. Fraser... – começou o major.

– O senhor insulta não só a mim, senhor, mas todos os homens de honra aqui presentes!

A voz aguda de Ninian Bell Hamilton foi ouvida em meio às conversas, e muitas pessoas se viraram no gramado.

Ele estava cara a cara com Robert Barlow, um homem a quem eu tinha sido apresentada mais cedo naquela manhã. Um comerciante de algum tipo, eu me lembrava vagamente – de Edenton? Ou possivelmente de New Bern. Um homem corpulento, com cara de quem não estava acostumado a ser contrariado, estava escarnecendo Hamilton abertamente.

– Você os chama de reguladores? Frequentadores da prisão e arruaceiros! Sugere que esses homens têm senso de honra?

– Não estou sugerindo, estou afirmando, e defendo essa afirmação!

O velho senhor se empertigou, a mão segurando o cabo da espada. Felizmente, naquele momento, ele não portava espada; nenhum dos cavalheiros presentes portava, considerando a cordialidade da ocasião.

Eu não saberia dizer se esse fato afetou o comportamento de Barlow, mas ele riu de modo desdenhoso e deu as costas a Hamilton, para se afastar. O velho escocês, irritado, chutou o traseiro de Barlow.

Pego de surpresa e desequilibrando-se, Barlow cambaleou para a frente, caindo apoiado nas mãos e nos joelhos, com as pontas do casaco ridiculamente viradas por cima das orelhas. Independentemente de quais fossem suas opiniões políticas, todos os que observavam começaram a rir. Assim encorajado, Ninian se estufou como um galo garnisé e deu a volta em seu oponente caído para poder olhar para ele de frente.

Eu poderia ter dito a ele que se tratava de um erro tático, mas eu tinha a vantagem de ver o rosto de Barlow, que estava vermelho de ódio. Com os olhos arregalados, ele se levantou meio sem jeito e se lançou para a frente com um rugido, derrubando o homem menor no chão.

Os dois rolaram na grama, trocando socos e pontapés, enquanto os espectadores davam gritos de incentivo. Os convidados do casamento vieram correndo do gramado e do terraço para ver o que estava acontecendo. Abel MacLennan abriu caminho entre as pessoas, obviamente com o intuito de ajudar seu benfeitor. Richard Caswell segurou os braços dele para impedi-lo, e ele se virou, empurrando Caswell, que perdeu o equilíbrio.

Com o rosto magro iluminado de satisfação, James Hunter fez com que Caswell tropeçasse e caísse sentado com tudo na grama, parecendo surpreso. O filho de Caswell, George, emitiu um grito de indignação e acertou um soco na altura do rim de Hunter, que se virou e deu um tapa no nariz de George.

Várias mulheres estavam gritando – não todas por causa do choque. Uma ou duas pareciam estar torcendo para Ninian Hamilton, que tinha subido temporariamente no peito de sua vítima e tentava estrangulá-lo, sem muito sucesso, devido ao pescoço grosso e ao corpo atarracado de Barlow.

Olhei ao redor à procura de Jamie – ou Roger ou Duncan. Maldição, onde estavam todos eles?

George Caswell tinha caído para trás de surpresa, com as mãos no nariz, de onde o sangue pingava em sua camisa. DeWayne Buchanan, um dos genros de Hamilton, abria caminho decididamente pela multidão. Não sabia se ele pretendia tirar o sogro de cima de Barlow ou se queria ajudá-lo em sua tentativa de matar o homem.

– Ah, inferno – murmurei para mim mesma. – Tome, segure isto.

Entreguei meu leque ao major MacDonald e subi as saias, preparando-

me para entrar no combate corpo a corpo e decidindo quem chutar primeiro – e onde – de forma a conseguir o melhor resultado.

– Quer que eu dê um fim nisso?

O major, que estivera apreciando o espetáculo, parecia decepcionado com essa ideia, mas se resignou com o dever. Quando meneei a cabeça, surpresa, ele pegou a pistola, apontou-a para cima e atirou no ar.

O estampido do tiro foi tão alto que fez com que todos silenciassem temporariamente. Os combatentes pararam, e na confusão momentânea, Hermon Husband entrou em cena.

– Amigo Ninian – disse ele, assentindo cordialmente ao redor. – Amigo Buchanan. Permitam-me.

Segurou o velho escocês pelos dois braços e o tirou de cima de Barlow. Lançou a James Hunter um olhar de advertência; Hunter emitiu um “hunf!” audível, mas se afastou alguns passos.

A sra. Caswell mais jovem, uma mulher de bom senso, já tinha tirado o marido do campo de batalha e apertava um lenço contra o nariz dele. DeWayne Buchanan e Abel MacLennan seguravam os braços de Ninian Hamilton e faziam questão de mostrar que o continham enquanto seguiam em direção à casa – apesar de estar bem claro que apenas um deles poderia tê-lo pegado, tirando-o dali.

Richard Caswell havia se levantado sozinho e, apesar de parecer muito ofendido, evidentemente não tinha a intenção de atacar ninguém. Ficou de pé, tirando a grama seca da parte de trás do casaco, com os lábios pressionados em reprovação.

– Seu leque, sra. Fraser.

Interrompida na avaliação que fazia do conflito, vi o major MacDonald me oferecer educadamente o leque de volta. Ele parecia bem satisfeito consigo mesmo.

– Obrigada – falei, pegando o leque e olhando para ele com certo respeito. – Diga-me, major, o senhor sempre anda por aí com uma pistola carregada?

– Foi um descuido, senhora – respondeu ele. – Mas talvez tenha sido um descuido afortunado, não? Eu estive na cidade de Cross Creek ontem e, quando voltava sozinho para a propriedade do sr. Farquard Campbell

depois de escurecer, pensei que seria bom andar prevenido pela estrada.

Ele assentiu, meneando a cabeça na direção do meu ombro.

– Diga-me, sra. Fraser, quem é o indivíduo mal barbeado? Ele parece ser um homem de coragem, apesar da má apresentação. A senhora acha que ele vai assumir as rédeas da situação agora?

Eu me virei e vi Hermon Husband cara a cara com Barlow, que estava de pé, com o chapéu preto redondo na cabeça e a barba brilhando de belicosidade. Barlow se mantinha firme, com o rosto vermelho e o cenho fechado, mas tinha os braços cruzados no peito enquanto ouvia Husband.

– Hermon Husband é um quacre – falei, com um leve tom de repreensão. – Não, ele não vai recorrer à violência. Apenas às palavras.

Muitas palavras. Barlow tentava emitir suas próprias opiniões, mas Husband as ignorava, impondo seu argumento com tanto entusiasmo que gotas de saliva voavam dos cantos de sua boca.

–... um abominável erro da Justiça! Xerifes, ou assim eles se autodenominam, que não foram nomeados por nenhum decreto legal, mas sim nomeiam a si mesmos com o propósito de enriquecer de modo ilícito e desdenhar de todos os que legitimamente...

Barlow baixou os braços e começou a se inclinar para trás, em um esforço para escapar da verborragia. Quando Husband parou momentaneamente para tomar fôlego, no entanto, Barlow aproveitou a chance para se inclinar para a frente e enfiar um dedo de modo ameaçador no peito de Husband.

– Fala de justiça, senhor? O que revolta e destruição têm que ver com justiça? Se está defendendo a destruição da propriedade como meio de reparar as injustiças que sofreu...

– De jeito nenhum! Mas o pobre deve ser espoliado pelos inescrupulosos e ter suas dificuldades ignoradas? Eu digo ao senhor, Deus vai castigar sem misericórdia aqueles que oprimem os pobres e...

– Sobre o que eles estão discutindo? – perguntou MacDonald, observando a conversa com interesse. – Religião?

Ao ver Husband envolvido e percebendo que não haveria mais socos, a maior parte da multidão havia perdido o interesse, seguindo em direção às mesas de comida e aos braseiros no terraço. Hunter e alguns outros

reguladores ficaram por ali para dar apoio moral a Husband, mas a maioria dos convidados era formada por agricultores e mercadores. Embora, na teoria, se alinhassem com Barlow, na prática, a maioria não estava disposta a desperdiçar um raro momento de festividade com controvérsias com Hermon Husband sobre os direitos do pobre que pagava impostos.

Eu não estava muito disposta a examinar em detalhes toda a justificativa dada pelos reguladores tampouco, mas fiz o melhor que pude para dar ao major MacDonald uma visão rudimentar da situação.

–... e então o governador Tryon se viu obrigado a reunir a milícia para lidar com a situação, mas os reguladores recuaram – concluí. – No entanto eles não abandonaram suas demandas, de modo nenhum.

Husband também não havia abandonado sua argumentação – ele nunca abandonava –, mas Barlow tinha finalmente conseguido se desvencilhar e estava repondo as energias na mesa de bebidas, sob os olmos, na companhia de alguns amigos solidários, que lançavam olhares periódicos de desaprovação na direção de Husband.

– Compreendo – disse MacDonald, interessado. – Farquard Campbell me contou algo sobre esse movimento de insubordinação. E o governador reuniu uma milícia para lidar com a questão, a senhora diz, e pode ser que volte a reuni-la. Quem comanda as tropas dele, a senhora sabe?

– Hum... acredito que o general Waddell, Hugh Waddell, esteja no comando de muitas companhias. Mas o próprio governador estava no comando do corpo principal; ele já foi soldado.

– É mesmo?

MacDonald parecia achar aquilo muito interessante; não havia guardado a pistola, mas mexia nela de um jeito distraído.

– Campbell me contou que o seu marido é o proprietário de uma grande extensão de terras no interior. Ele por acaso é íntimo do governador?

– Eu não colocaria as coisas dessa forma – falei com seriedade. – Mas ele *conhece* o governador, sim.

Senti uma leve intranquilidade com o rumo dessa conversa. Estritamente falando, era ilegal que católicos detivessem concessões de terras reais nas colônias. – Eu não sabia se o major MacDonald tinha ciência desse fato, mas ele claramente percebera que era provável que Jamie fosse católico,

considerando o passado de sua família.

– Acha que seu marido concordaria com uma apresentação, cara senhora?

Os olhos azul-claros estavam brilhando de curiosidade, e de repente percebi o que ele pretendia.

Um soldado de carreira em tempos de paz estava em clara desvantagem em termos de trabalho e renda. A questão dos reguladores podia ser uma tempestade em copo d'água, mas, por outro lado, se havia alguma perspectiva de ação militar... Afinal, Tryon não tinha tropas regulares; poderia ficar inclinado a receber de bom grado – e pagar – um oficial experiente, se a milícia fosse convocada de novo.

Lancei um olhar cauteloso em direção ao gramado. Husband e seus amigos tinham recuado um pouco e conversavam em um grupo perto de uma das estátuas novas de Jocasta. Se a recente quase briga pudesse ser considerada um indício, a ação dos reguladores ainda estava fervilhando perigosamente.

– Isso pode ser arranjado – falei de modo cuidadoso.

Eu não conseguia ver motivos para Jamie se recusar a escrever uma carta de apresentação a Tryon – e de fato devia algo ao major, afinal, por ter evitado uma revolta em grande escala.

– O senhor teria que perguntar ao meu marido, é claro, mas eu ficaria feliz de poder intermediar.

– Terá minha mais profunda gratidão, senhora.

Ele guardou a pistola e curvou-se sobre a minha mão. Endireitando-se, ele olhou por cima do meu ombro.

– Preciso partir, sra. Fraser, mas espero conhecer seu marido em breve.

O major marchou em direção ao terraço, e eu me virei e vi Hermon Husband caminhando decidido na minha direção, acompanhado de Hunter e de alguns outros homens.

– Sra. Fraser, devo pedir à senhora que transmita meus bons votos e meu pedido de desculpas à sra. Innes, por favor – disse ele sem preâmbulos. – Preciso ir.

– Ah, mas precisar ir tão cedo? – hesitei.

Por um lado, eu queria insistir para que ele ficasse; por outro, podia

prever problemas se ele não partisse. Os amigos de Barlow não tinham tirado os olhos dele desde a quase briga.

Ele viu a ideia passar pelo meu rosto e assentiu com seriedade. O rubor do debate tinha se dissipado do rosto dele, deixando-o marcado por linhas severas.

– Vai ser melhor assim. Jocasta Cameron tem sido uma boa amiga. Trazer discórdia para a celebração de seu casamento seria uma péssima maneira de retribuir. Eu não faria isso... Só que não consigo, em sã consciência, me manter calado ao ouvir opiniões tão perniciosas como as que testemunhei aqui.

Ele lançou ao grupo de Barlow um olhar frio de desdém, que foi recebido da mesma forma.

– Além disso – acrescentou ele, virando as costas para os partidários de Barlow –, temos assuntos que requerem a nossa atenção em outros lados.

Ele parou, ponderando se deveria me dizer mais, mas decidiu não fazê-lo.

– Pode dizer isso a ela? – pediu.

– Sim, claro, sr. Husband... sinto muito.

Ele abriu um sorriso discreto, tomado pela melancolia, e balançou a cabeça, mas não disse mais nada. Entretanto, enquanto ele saía, seguido por seus companheiros, James Hunter parou para me dizer em voz baixa:

– Os reguladores estão se reunindo. Há um acampamento grande perto de Salisbury. Talvez queira dizer isso ao seu marido.

Ele assentiu, levou a mão à aba do chapéu e, sem esperar que eu dissesse alguma coisa, partiu, o casaco preto desaparecendo na multidão como um pardal engolido por um bando de pavões.

Do meu ponto de vista à beira do terraço, eu podia ver a festa toda, que fluía em uma torrente de festividades da casa até o rio, os redemoinhos fáceis de identificar para os olhos treinados.

Jocasta era o centro do maior turbilhão social – mas grupos menores rodopiavam ameaçadoramente ao redor de Ninian Bell Hamilton e Richard Caswell, e uma corrente inquieta percorria a festa, deixando depósitos de conversa pelas curvas, ricos nos férteis sedimentos da especulação. Pelo que

eu havia ouvido, a questão da suposta vida sexual de nossos anfitriões era o assunto predominante nas discussões – mas a política vinha logo em segundo.

Ainda não via sinal de Jamie nem de Duncan. Lá estava o major de novo, no entanto. Ele parou, com uma taça de sidra em cada uma das mãos; ele havia visto Brianna. Eu sorri, observando.

Brianna costumava fazer os homens pararem, mas nem sempre totalmente por admiração. Ela havia herdado várias coisas de Jamie: os olhos azuis amendoados e os cabelos flamejantes, o nariz comprido e a boca grande e firme, bem como os ossos faciais fortes herdados de antepassados nórdicos. Além desses atraentes atributos, porém, ela também tinha herdado a altura dele. Em uma época em que a mulher comum tinha menos de 1,50 metro, Brianna chegava a 1,80. As pessoas olhavam para ela o tempo todo.

O major MacDonald estava fazendo isso, esquecendo-se da sidra em suas mãos. Roger notou; ele sorriu e assentiu, mas deu um passo para mais perto de Brianna que dizia claramente: *Ela é minha, cara.*

Observando o major conversar, reparei como ele era pálido e desgrenhado em comparação com Roger, que era quase tão alto quanto Jamie. Ele tinha os ombros largos e a pele morena, e seus cabelos eram pretos como as asas de um corvo sob o sol da primavera, talvez o legado de um invasor espanhol ancestral. Eu tinha que admitir que não havia semelhança notável entre ele e o pequeno Jem, rosado como um castiçal de bronze recém-forjado. Pude ver os dentes brancos quando Roger sorriu; o major mantinha os lábios voltados para baixo quando sorria, como a maioria das pessoas com mais de 30 anos, para esconder os vãos e os dentes podres, que eram endêmicos. Talvez fosse o estresse do trabalho do major, pensei; talvez apenas os efeitos da má nutrição. Ser de boa família não significava que uma criança da época dele se alimentasse bem.

Passei a língua levemente sobre os meus dentes, sentindo a ponta dos incisivos. Retos e fortes, e eu me esforçava bastante para fazer com que continuassem assim, levando em conta o estágio atual da odontologia.

– Sra. Fraser. – Uma voz suave interrompeu meus pensamentos, e quando me virei, vi Phillip Wylie ao meu lado. – No que está pensando, minha cara? Parece decididamente... feroz.

Ele tomou minha mão e baixou a voz, mostrando os dentes razoavelmente bem cuidados em um sorriso sugestivo.

– Não sou sua cara – falei com azedume, puxando minha mão. – E quanto a estar feroz, fico surpresa por ninguém ter lhe dado uma dentada ainda.

– Ah, tenho esperanças – disse ele, com os olhos brilhando. Curvou-se, conseguindo pegar minha mão de novo. – Poderia me dar a honra de me conceder uma dança mais tarde, sra. Fraser?

– É claro que não – respondi, puxando a minha mão. – Solte.

– Seu desejo é uma ordem.

Ele soltou, mas não sem antes beijar suavemente as costas de minha mão. Contive a vontade de limpar a parte úmida na minha saia.

– Vá embora, garoto – falei, balançando o leque na direção dele. – Xô!

Phillip Wylie era um janota. Eu tinha me encontrado com ele duas vezes antes, e em ambas as ocasiões estava bem-vestido: calça de cetim, meias de seda e todo o aparato que as acompanhava, incluindo peruca branca, maquiagem branca no rosto e uma pequena lua crescente preta ao lado de um dos olhos.

Agora, no entanto, discrepâncias visíveis tinham se espalhado. A peruca branca era malva, o colete de cetim era bordado... hesitei. Sim, com leões e unicórnios desenhados com linha dourada e prateada. A calça de cetim estava ajustada ao seu corpo como uma luva bifurcada e a lua crescente tinha dado lugar a uma marca parecida com uma estrela no canto da sua boca. O sr. Wylie tinha se tornado um macarrão... com queijo.

– Ah, não tenho intenção de abandoná-la, sra. Fraser – garantiu-me ele. – Procurei a senhora por toda a parte.

– Ah. Bem, me encontrou – falei, observando o casaco de veludo, de um tom rosado, com punhos de seda cor-de-rosa mais clara e botões bordados com peônias vermelhas. – Embora não me admire que tenha tido dificuldade. Imagino que tenha ficado ofuscado pelo brilho do seu colete.

Lloyd Stanhope estava ao seu lado, como sempre, quase tão alegre quanto ele, mas vestido de modo muito mais simples do que o amigo. Stanhope deu uma gargalhada, mas Wylie o ignorou e se curvou em uma reverência graciosa.

– Ah, bem, a sorte sorriu para mim este ano. O comércio com a Inglaterra está praticamente recuperado, graças aos deuses, e tive lucro além disso. A senhora precisa vir comigo para ver...

Fui salva nesse momento pela chegada repentina de Adlai Osborn, um comerciante bem-sucedido de algum lugar na costa, que deu um tapinha no ombro de Wylie. Aproveitando a oportunidade proporcionada pela distração, levantei o leque e escapei por uma brecha na multidão.

Sozinha por um momento, caminhei despreocupadamente pelo terraço e pelo gramado. Ainda estava procurando Jamie ou Duncan, mas aquela era minha primeira oportunidade de examinar as mais novas aquisições de Jocasta, que estavam suscitando comentários consideráveis entre os convidados. Eram duas estátuas, entalhadas em mármore branco, uma no centro de cada gramado.

A mais próxima de mim era uma réplica em tamanho real de um guerreiro grego – espartano, supus, pelo fato de que os itens mais frívolos do traje tinham sido omitidos, deixando o homem munido apenas de um capacete resistente e uma espada na mão. Um grande escudo estava a seus pés, estrategicamente posicionado de modo a cobrir as deficiências mais vistosas de sua indumentária.

Havia uma estátua combinando no gramado direito, de Diana, a Caçadora. Apesar de a mulher estar pouco vestida e de seus seios e nádegas torneados estarem atraindo admiração de canto de olho dos homens presentes, ela não era páreo para seu companheiro em termos de fascínio público. Sorri atrás do leque ao ver o sr. e a sra. Sherston passando pela estátua quase sem olhar para ela. Afinal, o nariz arrebitado e os olhares entediados deles deixavam claro que essas obras de arte eram comuns na Europa. Só os rústicos habitantes da Colônia, sem experiência nem educação, pensariam tratar-se de um *espetáculo*.

Examinando a estátua, descobri que não era um grego anônimo, afinal, mas sim Perseu. Desse novo ângulo, vi que o que pensara que fosse uma rocha ao lado do escudo era, na verdade, a cabeça decepada de uma górgona, metade das serpentes eriçadas de pavor.

A evidente maestria das serpentes dava às moças uma desculpa para que examinassem tudo de perto. Elas estavam encantadas, contraindo os lábios e

emitindo sons de admiração acerca da habilidade do artista em representar tudo em escala como tinha feito. De vez em quando, uma delas olhava para cima por um segundo, mas voltava o olhar para a górgona, corando – devido ao ar da manhã e ao vinho que estava sendo servido, sem dúvida.

Minha atenção foi desviada de Perseu por uma xícara quente da bebida, posicionada à frente de meu rosto em um convite.

– Beba um pouco, sra. Fraser. – Era Lloyd Stanhope, simpático. – Não vai querer pegar um resfriado, minha cara.

Eu não corria esse risco, já que o dia ficava cada vez mais quente, mas aceitei a xícara, sentindo o cheiro de canela e mel que se desprendia dela.

Eu me inclinei para um lado, procurando Jamie, mas ele continuava desaparecido. Um grupo de homens discutindo os méritos do tabaco da Virgínia em comparação com o índigo como produto a ser cultivado estava reunido de um dos lados de Perseu, enquanto o traseiro da estátua agora abrigava três jovens, que olhavam para ele por trás de seus leques, com o rosto corado e rindo.

–... único – dizia Phillip Wylie a alguém, já de novo ao meu lado. – Absolutamente único! Pérolas negras, é como são chamadas. Nunca tinha visto nada assim, juro.

Ele olhou ao redor e, ao me ver, esticou o braço para tocar meu cotovelo.

– Sei que passou um tempo na França, sra. Fraser. Já as viu?

– Pérolas negras? – perguntei, esforçando-me para encontrar o fio da meada da conversa. – Sim, algumas. Eu lembro que o arcebispo de Rouen tinha um pequeno coroinha mouro que usava uma bem grande no nariz.

Stanhope ficou boquiaberto. Wylie olhou para mim por um segundo e em seguida deu uma gargalhada tão alta que os homens do tabaco e as meninas risonhas pararam para olhar para nós.

– A senhora me mata, minha cara – disse Wylie, enquanto Stanhope sufocava resfolegares de hilaridade.

Wylie pegou um lenço de renda e secou delicadamente os cantos dos olhos para que as lágrimas não borrassem seu rosto coberto de maquiagem.

– Realmente, sra. Fraser, não viu meus tesouros? – falou, tomando-me pelo cotovelo e me conduzindo para longe da multidão com uma habilidade surpreendente. – Venha, vou lhe mostrar.

Ele me guiou com destreza pela multidão e pela lateral da casa, onde um caminho marcado levava em direção aos estábulos. Mais pessoas – em sua maioria homens – estavam reunidas em volta do cercado para os cavalos, onde um dos criados de Jocasta jogava feno para os animais.

Havia cinco deles – duas éguas, dois cavalos de 2 anos e um garanhão. Os cinco pretos como carvão, com uma pelagem que brilhava ao sol fraco da primavera, mesmo desgrenhados como estavam com crinas de inverno. Eu não entendia muito de cavalos, mas sabia o suficiente para notar o peito largo, o ventre arredondado e as ancas esculpidas, que davam a eles uma aparência peculiar, mas muito atraente, de elegância e força. Além da beleza do porte e da pelagem, no entanto, o mais surpreendente naqueles cavalos era a crina.

Aqueles cavalos pretos tinham mechas enormes de cabelo sedoso – quase como os cabelos de uma mulher –, que balançavam e esvoaçavam com seus movimentos, combinando com a graciosidade de suas caudas compridas e abundantes. Além disso, cada cavalo tinha delicadas penas pretas decorando as patas que flutuavam como sementes de asclépias a cada passo. Em contraste com os cavalos magros e animais usados para transporte, aqueles cavalos pareciam quase mágicos – e pelos comentários de admiração que estavam suscitando entre os espectadores, era como se tivessem vindo da Terra das Fadas, e não da propriedade de Phillip Wylie em Edenton.

– São seus? – perguntei a Wylie sem olhar para ele, sem querer desviar os olhos daquela visão encantadora. – Onde os conseguiu?

– Sim – respondeu ele, sua afetação usual eclipsada pelo orgulho. – São meus. São frísios. A raça mais antiga de cavalos de sangue quente, a linhagem deles data de séculos. Quanto a onde os consegui... – ele se inclinou sobre a cerca, estendendo o braço com a mão aberta e mexendo os dedos em direção aos cavalos para atraí-los –, eu os crio há muitos anos. Trouxe esses a convite da sra. Cameron; ela está pensando em comprar uma das minhas éguas e sugeriu que um ou outro vizinho poderia se interessar. Mas quanto ao Lucas aqui...

O garanhão havia se aproximado, reconhecendo o dono, e aceitava graciosamente carinhos na cabeça.

–... ele não está à venda.

As duas éguas estavam prenhes; Lucas era o garanhão, então tinha sido levado até lá, segundo Wylie, como prova da linhagem. Isso, eu pensei, me divertindo intimamente, e como uma forma de se exibir. As “pérolas negras” de Wylie estavam atraindo interesse, e muitos senhores criadores de cavalos da vizinhança tinham ficado verdes de inveja ao ver Lucas. Phillip Wylie estava envaidecido como um galo garnisé.

– Ah, aí está você, Sassenach. – A voz de Jamie chegou aos meus ouvidos repentinamente. – Eu estava procurando você.

– Estava mesmo? – perguntei, virando-me de costas para o cercado dos cavalos. Senti um calor repentino no peito ao vê-lo. – E onde *você* estava?

– Ah, por aí – respondeu Jamie, sem se deixar perturbar pelo meu tom de acusação. – É um belo cavalo, de fato, sr. Wylie.

Com um meneio de cabeça educado, ele me segurou pelo braço e me levou de volta em direção ao gramado antes que Wylie pudesse dizer “ao seu dispor, senhor”.

– O que está fazendo aqui com Phillip Wylie? – perguntou Jamie, passando em meio aos empregados, que saíam da cozinha com apetitosas bandejas de comida cobertas com guardanapos.

– Admirando os cavalos – falei, levando a mão à barriga na esperança de acalmar o ronco que meu estômago emitiu ao ver a comida. – E o que você andou fazendo?

– Procurando Duncan – disse ele, guiando-me para contornar uma poça. – Ele não estava no reservado, nem na forja, nos estábulos, na cozinha. Peguei um cavalo e fui até os galpões de tabaco, mas nem sinal do homem.

– Talvez o tenente Wolff o tenha assassinado – sugeri. – Rival desapontado, essas coisas.

– Wolff? – ele parou, franzindo o cenho para mim, consternado. – Esse falastrão está aqui?

– Em carne e osso – respondi, balançando o leque em direção ao gramado. Wolff havia se instalado perto da mesa de bebidas, a figura baixa e atarracada inconfundível com seu uniforme azul e branco da Marinha. – Acha que sua tia o convidou?

– Sim, acho – disse ele, parecendo carrancudo, mas resignado. – Ela não

resistiria a esfregar isso na cara dele, acho.

– Foi o que pensei. Ele está aqui há apenas meia hora, mais ou menos, e se continuar bebendo nesse ritmo – falei, olhando com desaprovação para a garrafa que o tenente segurava –, vai cair de bêbado antes de o casamento começar.

Jamie fez um gesto de desprezo para o tenente.

– Bem, então, deixemos que ele se dane, desde que só abra a boca para beber. Mas onde Duncan se meteu?

– Talvez tenha se jogado no rio.

Era para ser uma piada, mas olhei na direção do rio mesmo assim e vi um barco prestes a atracar, com o remador na proa pronto para jogar a corda para o escravo que esperava.

– Veja... é o sacerdote, afinal?

Era; um homem baixo e atarracado, com a batina preta erguida até os joelhos peludos enquanto saía do barco com a ajuda de um empurrão do remador. Ulysses já estava descendo pela margem para recebê-lo.

– Ótimo – disse Jamie, com um tom de satisfação. – Temos um sacerdote, então, e uma noiva. Dois de três... é um progresso. Sassenach, espere um pouco... seu cabelo está se soltando. – Ele passou o dedo por uma mecha que descia lentamente pelas minhas costas, e eu deixei o xale cair dos meus ombros.

Jamie prendeu a mecha de novo, com uma habilidade conquistada depois de muita prática, e em seguida me deu um beijo na nuca, o que fez com que eu me arrepiasse. Ele também não ficou imune ao vento frio da primavera.

– Acho melhor eu ir procurar Duncan – disse ele, com certo pesar. Seus dedos se demoraram nas minhas costas, o polegar traçando delicadamente a linha da minha coluna. – Mas assim que o encontrar... deve haver um lugar aqui com um pouco de privacidade.

A palavra “privacidade” fez com que eu me recostasse em Jamie e olhasse na direção da margem do rio, onde salgueiros abrigavam um banco de pedra – um lugar bastante reservado e romântico, principalmente à noite. Os salgueiros eram frondosos, mas eu vi algo vermelho em meio aos galhos caídos.

– Achei! – exclamei, endireitando-me tão depressa que pisei no pé de Jamie. – Ah, desculpe!

– Não foi nada – garantiu ele. Jamie havia seguido a direção do meu olhar e agora se endireitava decidido. – Vou pegá-lo. Vá para a casa, Sassenach, e fique de olho na minha tia e no padre. Não deixe eles escaparem antes de o casamento acontecer.

Jamie desceu o gramado em direção aos salgueiros, retribuindo distraidamente os cumprimentos de amigos e conhecidos enquanto passava. Na verdade, sua mente estava menos concentrada no casamento de Duncan do que em sua mulher.

Normalmente, ele sabia que tinha sido abençoado com uma mulher tão bonita. Mesmo com as roupas comuns do dia a dia, coberta até os joelhos na lama do jardim ou manchada com o sangue de seu ofício, a curva de seus ossos falava com a sua alma, e aqueles olhos o deixavam inebriado quando encontravam os seus. Além disso, seus cabelos rebeldes o faziam sorrir.

Rindo sozinho só de pensar nisso, ele percebeu que *estava* um pouco embriagado. A bebida alcoólica estava sendo distribuída livremente na festa, e já havia homens apoiados no mausoléu do velho Hector, de olhos vidrados e boquiabertos; ele viu alguém atrás do mausoléu também, urinando nos arbustos. Balançou a cabeça. Quando anoitecesse, haveria um corpo embaixo de cada moita.

Cristo. Pensar em corpos embaixo dos arbustos fez com que sua mente apresentasse a ele uma visão cegamente indecente de Claire, deitada e rindo embaixo de um deles, com os seios para fora do vestido e as folhas mortas e a grama seca da mesma cor de suas saias erguidas e dos pelos encaracolados e castanhos entre suas pernas... Ele afastou esse pensamento abruptamente, fazendo uma reverência à velha sra. Alderdyce, a mãe do juiz.

– Ao seu dispor, senhora.

– Bom dia, meu jovem, bom dia!

A senhora assentiu e passou por ele, apoiada no braço da acompanhante, uma jovem sofrida que abriu um sorriso discreto em resposta à saudação de Jamie.

– Senhor Jamie? – chamou uma das empregadas, surgindo ao lado dele

com uma bandeja cheia de copos.

Ele pegou um, sorrindo, e agradeceu. Bebeu metade do conteúdo de uma vez. Não conseguiu se controlar. Teve que se virar e procurar por Claire. Viu apenas uma parte do topo de sua cabeça entre a multidão no terraço – ela não estava usando uma touca adequada, claro, porque era teimosa, mas tinha um enfeite preso com grampos nos cabelos, um pedaço de renda com laços e um buquê de rosa-mosqueta. Isso fazia com que ele sentisse vontade de rir também, e ele se virou na direção dos salgueiros de novo, sorrindo para si mesmo.

Estava assim por tê-la visto com seu vestido novo. Fazia meses que ela não se vestia como uma dama, com seda marcando a cintura, e os seios alvos redondos e doces como peras no decote. Era como se de repente ela tivesse se tornado outra mulher: familiar e ao mesmo tempo desconhecida.

Seus dedos se remexeram ao se lembrar daquela mecha rebelde soltando-se pescoço abaixo, e a sensação de tocar sua nuca – e o toque de suas nádegas quentes e redondas por baixo da saia, pressionadas contra a perna dele. Jamie não se deitava com ela fazia mais de uma semana, com toda a multidão de pessoas em torno deles, e estava sentindo a falta dela intensamente.

Desde que ela lhe mostrara os espermatozoides, ele ficava cada vez mais desconfortável ao pensar na aglomeração que de vez em quando acontecia em suas bolas, uma impressão que se tornava consideravelmente mais forte em situações como aquela. Ele sabia muito bem que não havia perigo de ruptura nem explosão, mas, ainda assim, não conseguia parar de pensar na quantidade acumulada.

Preso em meio a uma multidão, sem esperança de escapar, era uma de suas visões pessoais do Inferno, e parou por um momento do lado de fora do muro de salgueiros, para dar uma apertada tranquilizadora em seu saco de modo a acalmar as coisas por um tempo.

Ele se certificaria de que Duncan se casasse, decidiu, e então cuidaria de seus assuntos. Quando anoitecesse, se não conseguisse nada melhor do que um arbusto, teria que ser em um arbusto mesmo. Afastou um galho do salgueiro, abaixando-se para passar.

– Duncan – ele começou, e então parou, a corrente de pensamentos

carnais desaparecendo como água em um bueiro.

O casaco vermelho não pertencia a Duncan Innes, mas sim a um desconhecido, que se voltou em sua direção, tão surpreso quanto ele. Um homem com o uniforme do exército de Sua Majestade.

O olhar de surpresa momentânea desapareceu do rosto do homem, quase tão depressa quanto a surpresa do próprio Jamie. Devia ser MacDonald, o soldado da reserva que Farquard Campbell havia mencionado. Evidentemente, Farquard o havia descrito para MacDonald também; ele percebeu que o homem também sabia quem ele era.

MacDonald segurava um copo de ponche também; os escravos estavam ocupados. Ele bebeu o copo todo e em seguida colocou-o no banco de pedra, secando os lábios com as costas da mão.

– Coronel Fraser, creio eu?

– Major MacDonald – respondeu ele, com um meneio de cabeça que era um misto de cortesia e cautela. – Ao seu dispor, senhor.

MacDonald fez uma reverência formal.

– Coronel. Posso pedir um momento da sua atenção?

Ele olhou para além do ombro de Jamie. Risadas foram ouvidas na margem atrás deles, seguidas dos gritos animados de moças sendo perseguidas por rapazes.

– Em particular – ressaltou.

Jamie notou o uso de seu título da milícia com uma distração amarga, mas assentiu brevemente e se livrou do copo que segurava.

Inclinou a cabeça em direção à casa. MacDonald assentiu e o seguiu para longe dos salgueiros, enquanto o farfalhar e os gritos anunciavam que o banco e as árvores que o abrigavam agora tinham se tornado a província dos mais jovens. Ele desejou boa sorte a eles, anotando mentalmente sua localização para que pudesse usá-lo depois, quando escurecesse.

O dia estava frio, mas ao mesmo tempo tranquilo e claro, e alguns convidados, principalmente homens que consideravam a atmosfera civilizada do lado de dentro sufocante demais para o seu gosto, estavam reunidos em grupos que conversavam nos cantos do terraço ou caminhavam pelos caminhos do jardim recém-germinado, onde seus cachimbos podiam

soltar fumaça à vontade. Considerando este o melhor lugar a fim de evitar interrupções, Jamie levou o major em direção a um caminho de pedras que fazia a curva em direção aos estábulos.

– Viu os cavalos frísios de Wylie? – perguntou o major quando eles deram a volta na casa, conversando casualmente até conseguirem se distanciar o bastante para que ninguém os ouvisse.

– Sim, vi. O garanhão é um belo animal, não?

Por reflexo, os olhos de Jamie se voltaram na direção do cercado perto do celeiro. O garanhão estava andando, mordiscando plantas perto do cocho, enquanto as duas éguas estavam perto do estábulo, com as costas brilhando sob o sol pálido.

– É? Bem, talvez.

O major fitou o cercado dos cavalos, com um olho meio fechado, em dúvida.

– Bastante robusto, devo dizer. Bom peito. Mas toda aquela crina... não serviria para um cavalo de cavalaria, embora suponha que, se for cortada e penteada...

Jamie conteve a vontade de perguntar se MacDonald também gostava de mulheres com poucos pelos. A imagem da mecha descendo pelo pescoço alvo ainda estava em sua mente. Talvez os estábulos oferecessem uma oportunidade melhor... Ele afastou aquela ideia; pensaria nela mais tarde.

– Alguma questão o preocupa, major? – perguntou ele, abruptamente.

– Não é exatamente uma preocupação – respondeu MacDonald. – Soube que tem interesse no paradeiro de certo cavalheiro chamado Stephen Bonnet. Estou bem informado, senhor?

Ele sentiu o nome como um soco no peito, que tirou seu fôlego por um momento. Sem pensar, levou a mão ao cabo do punhal.

– Eu... sim. Sabe onde ele está?

– Infelizmente, não.

MacDonald ergueu as sobrancelhas ao ver a reação dele.

– Mas sei onde *esteve*. Um homem perverso, esse Stephen, não? – perguntou ele, com um toque de sarcasmo.

– Pode-se dizer que sim. Ele matou homens, me roubou... e estuprou a minha filha – disse Jamie sem rodeios.

O major respirou fundo, com o rosto tenso diante daquela revelação.

– Ah, compreendo – disse ele baixinho.

Ergueu a mão, como se quisesse tocar o braço de Jamie, mas deixou que ela pendesse de novo. Deu mais alguns passos, com o rosto concentrado.

– Compreendo – disse mais uma vez. – Eu não sabia... sim, entendo.

Ficou em silêncio, diminuindo o ritmo ao se aproximar do cercado dos cavalos.

– Imagino que tenha a intenção de me contar o que sabe sobre o homem – disse Jamie educadamente.

MacDonald olhou para ele e pareceu reconhecer que, quaisquer que fossem suas intenções, o interesse de Jamie era tomar conhecimento do que ele sabia, fosse em uma conversa ou por métodos mais diretos.

– Não o conheci pessoalmente – disse MacDonald. – O que sei, soube durante um evento em New Bern no mês passado.

Fora uma noite de carteado oferecida por Davis Howell, um dono de navio abastado e membro do Conselho Real do governador. A festa, pequena, mas seleta, havia começado com um ótimo jantar, e então passara para as cartas e a conversa, tudo muito bem temperado com ponche de rum e brandy.

Conforme foi ficando tarde e a fumaça de cigarrilhas foi deixando o ar pesado, as conversas correram mais soltas e foram feitas referências jocosas ao recente aumento da fortuna de um tal sr. Butler, com muitas especulações veladas acerca da fonte de sua nova riqueza. Ouviu-se um senhor, expressando inveja, dizer: “Quem tem um Stephen Bonnet na manga...”, antes de ser silenciado com uma cotovelada por um amigo cuja discrição não estava tão dissolvida em rum.

– O sr. Butler estava entre os presentes na festa? – perguntou Jamie.

O nome não era familiar, mas se Butler era conhecido dos membros do Conselho Real... bem, os círculos de poder na colônia eram pequenos; alguém neles seria conhecido de sua tia ou de Farquard Campbell.

– Não, não estava.

Eles tinham chegado ao cercado; MacDonald apoiou os braços cruzados em cima da cerca, olhos fixos no garanhão.

– Acredito que ele more em Edenton.

Como Phillip Wylie. O garanhão – Lucas era o nome dele – se aproximou deles, com as narinas negras se abrindo com curiosidade. Jamie esticou os dedos mecanicamente e, como viu que o cavalo era manso, passou a mão por sua mandíbula. Por mais lindo que o frísio fosse, ele mal o notava, seus pensamentos girando sem parar.

Edenton ficava no estreito de Albermarle, facilmente acessível por barco. Era provável, então, que Bonnet tivesse voltado ao ramo de navegação – e, com ele, ao ramo da pirataria e do contrabando.

– O senhor chamou Bonnet de um “homem perverso” – disse ele, virando-se para MacDonald. – Por quê?

– Gosta de jogar uíste, coronel Fraser? – MacDonald olhou para ele de modo questionador. – Recomendo muito. Tem alguma semelhança com o xadrez, em termos de desvendar a mente do oponente, com a vantagem de que pode ser jogado contra mais pessoas.

As linhas de seu rosto relaxaram por um momento em um sorriso discreto.

– Uma vantagem ainda maior é que é possível ganhar a vida por meio do jogo, o que raramente acontece no caso do xadrez.

– Conheço o jogo, senhor – disse Jamie, de modo bem seco.

MacDonald era um oficial da reserva, sem designações oficiais ou um regimento ativo. Não era incomum que homens assim aumentassem seu salário mirrado com a aquisição de informações que pudessem ser vendidas ou trocadas. Não havia preço sendo pedido – por hora –, mas isso não significava que a conta não viria mais tarde. Jamie assentiu brevemente, reconhecendo a situação, e MacDonald retribuiu, satisfeito. Ele diria o que quisesse, no momento certo.

– Bem, senhor. Como deve supor, fiquei intrigado para saber quem era esse Bonnet e, se ele de fato era um ovo de ouro, do traseiro de qual galinha poderia ter caído.

Os companheiros de MacDonald tinham retomado a cautela, no entanto, e ele não conseguiu saber mais nada sobre o misterioso Bonnet – exceto o efeito que ele tinha sobre aqueles que o conheciam.

– Já percebeu que muitas vezes é possível aprender tanto com o que os homens não dizem quanto com o que dizem? Ou *como* dizem? – Sem

esperar a confirmação de Jamie, ele prosseguiu: – Havia oito de nós no jogo. Três estavam fazendo especulações, mas pude perceber que eles sabiam tanto quanto eu sobre o sr. Bonnet. Outros dois pareciam não saber nem se importar, mas os dois restantes... – Ele balançou a cabeça. – Eles ficaram muito calados, senhor. Como aquelas pessoas que não falam do demônio por medo de invocá-lo.

Os olhos de MacDonald estavam brilhando de especulação.

– O senhor conhece Bonnet?

– Sim. Quem eram os cavalheiros que o conheciam?

– Walter Priestly e Hosea Wright – respondeu MacDonald. – Ambos amigos do governador.

– Mercadores?

– Entre outras coisas. Os dois têm armazéns; Wright em Edenton e Plymouth, Priestly em Charleston, Savannah, Wilmington e Edenton. Priestly tem negócios em Boston também – acrescentou MacDonald. – Mas não sei muito sobre eles. Ah... e Wright é banqueiro.

Jamie assentiu. As mãos estavam unidas por baixo da barra do casaco enquanto caminhava, os dedos entrelaçados de maneira tensa.

– Acredito que já ouvi falar do sr. Wright – disse ele. – Phillip Wylie mencionou que um cavalheiro com esse nome tem uma propriedade perto da dele.

MacDonald assentiu. A ponta de seu nariz havia ficado muito vermelha, e pequenas veias apareciam em seu rosto, lembranças de anos de campanhas.

– Sim, Quatro Chaminés.

Ele olhou para Jamie de canto de olho, tocando um dente do fundo com a língua enquanto pensava.

– Pretende matá-lo, então?

– Claro que não – respondeu Jamie. – Um homem tão bem relacionado com pessoas em posições importantes?

MacDonald olhou para ele de repente, em seguida desviou o olhar, rindo.

– Sim, exatamente.

Eles caminharam lado a lado por um bom tempo sem dizer nada, cada um ocupado com seus próprios cálculos – e um consciente do outro.

A notícia a respeito das associações de Bonnet tinha dois lados; por um, provavelmente faria dele um homem mais fácil de se encontrar. Por outro, essas associações complicavam um pouco as coisas no que dizia respeito a matá-lo. Isso não impediria Jamie – e MacDonald percebeu isso claramente –, mas era algo a considerar, com certeza.

MacDonald em si já era uma complicação considerável. Os contatos de negócios de Bonnet ficariam interessados em saber que alguém pretendia acabar com a fonte de lucro deles – e estariam mais do que dispostos a agir para impedir que isso acontecesse. Também pagariam bem pela notícia de que a galinha dos ovos de ouro deles estava sendo ameaçada; uma perspectiva da qual MacDonald naturalmente se aproveitaria.

Não havia uma maneira imediata de calar MacDonald, no entanto; Jamie não tinha meios para suborná-lo, e esse seria um recurso ruim, de qualquer modo, já que um homem que podia ser comprado uma vez estava sempre à venda.

Ele olhou para MacDonald, que o encarou de volta, sorriu discretamente e em seguida virou a cabeça. Não, a intimidação não serviria, mesmo que ele considerasse a ideia de ameaçar uma pessoa que já tivesse lhe prestado um serviço. E agora? Ele não podia golpear MacDonald na cabeça para evitar que ele contasse tudo a Wright, Priestly e Butler.

Bem, se não podia recorrer ao suborno nem à força, a única coisa que calaria a boca de um homem era a chantagem. Que tinha as próprias complicações, já que, até aquele momento, ele não sabia de nada que pudesse ser usado contra MacDonald. Um homem que vivia como o major certamente tinha pontos fracos, mas encontrá-los... quanto tempo ele teria?

Esse pensamento levou a outro.

– Como ficou sabendo que procuro notícias de Stephen Bonnet? – perguntou ele abruptamente, tirando MacDonald de seus pensamentos.

MacDonald deu de ombros e ajustou a peruca e o chapéu.

– Soube de meia dúzia de fontes diferentes, senhor, em lugares que vão desde tavernas até cortes de magistrados. Receio que seu interesse seja bem conhecido. Mas não – acrescentou ele delicadamente, com um olhar de canto de olho – seu motivo.

Jamie resmungou, emitindo um som gutural. Parecia que não tinha jeito.

Lançar uma rede grande fizera com que ele capturasse seu peixe – mas sem dúvida também havia causado perturbações na água que poderiam afastar a baleia. Se a costa toda estava sabendo que ele estava à procura de Bonnet, o próprio Bonnet também ficaria sabendo.

Talvez isso fosse ruim, talvez não. Se Brianna soubesse... ela tinha sido clara ao dizer que desejava que Bonnet seguisse seu caminho. Era uma bobagem, claro, mas ele não havia discutido com ela; apenas ouvira, parecendo considerar. Ela não precisava saber de nada até que o homem estivesse finalmente morto. Mas se ela ficasse sabendo de alguma coisa antes disso... Ele havia começado a pensar nas possibilidades quando MacDonald voltou a falar.

– Sua filha... seria a sra. MacKenzie, certo?

– Isso importa? – perguntou ele com frieza, e MacDonald pressionou os lábios.

– Não. Com certeza não. É só que... Eu conversei com a sra. Mackenzie e a achei... encantadora. Só de pensar... – Ele parou, pigarreando. – Eu tenho uma filha – disse ele abruptamente, parando e voltando a olhar para Jamie.

– Tem?

Jamie não sabia que MacDonald era casado. Era possível que não fosse.

– Ela está na Escócia?

– Na Inglaterra. A mãe dela é inglesa.

O frio havia corado a pele do soldado. A cor se intensificou, mas os olhos azuis de MacDonald ficaram fixos nos de Jamie, da mesma cor do céu atrás dele.

Jamie sentiu o nó em seu peito se desfazer. Ergueu os ombros e deixou que relaxassem. MacDonald assentiu de maneira quase imperceptível. Os dois se viraram, sem discutir, e começaram a caminhar de volta em direção à casa, conversando casualmente a respeito do preço do índigo, sobre as notícias mais recentes de Massachusetts e sobre o clima surpreendentemente ameno naquela estação.

– Eu falei com a sua esposa um pouco mais cedo – comentou MacDonald. – Uma mulher encantadora e muito simpática. O senhor é um homem de sorte.

– Também acho – respondeu Jamie, lançando um olhar para

MacDonald.

O soldado tossiu discretamente.

– A sra. Fraser foi gentil ao sugerir que o senhor poderia considerar a ideia de me dar uma carta de apresentação a Sua Excelência, o governador. À luz da recente ameaça de conflito, ela achou que talvez um homem com a minha experiência poderia oferecer algo como... entende?

Jamie entendia muito bem. E apesar de duvidar que Claire tivesse sugerido algo assim, ficou aliviado ao descobrir que o preço era tão baixo.

– Eu o farei imediatamente – disse ele a MacDonald. – Venha me procurar depois do casamento esta tarde, e eu a entregarei ao senhor.

MacDonald inclinou a cabeça, parecendo agradecido.

Quando eles chegaram ao caminho que levava aos reservados, MacDonald assentiu em despedida e partiu com a mão erguida, passando por Duncan Innes, que estava vindo daquela direção, parecendo abatido e descomposto como um homem cujos intestinos estão amarrados.

– Você está bem, Duncan? – perguntou Jamie, olhando para o amigo com certa preocupação.

Apesar do frio daquele dia, uma fina camada de suor brilhava na testa de Innes, e seu rosto estava pálido. Jamie torceu para que, se o motivo daquilo fosse uma febre, ela não fosse contagiosa.

– Não – disse Innes, em resposta à pergunta dele. – Não, estou... *Mac Dubh*, preciso falar com você.

– É claro, *a charaid*.

Alarmado, Jamie segurou o braço de Duncan, para firmá-lo.

– Devo chamar minha esposa? Precisa de um trago?

Pelo cheiro, ele já havia tomado vários, mas nada incomum para um noivo. E a causa de seu mal não parecia ser a bebida. Talvez tivesse comido algo que não lhe fizera bem na noite anterior...

Innes balançou a cabeça. Engoliu em seco e fez uma careta, como se algo tivesse ficado preso em sua garganta. Inspirou pelo nariz e ajeitou os ombros, preparando-se para algo.

– Não, *Mac Dubh*, é de você que eu preciso. Um conselho, se não se importar...

– Sim, Duncan, claro. – Mais curioso do que alarmado agora, ele soltou

o braço de Duncan. – O que foi, homem?

– A respeito... da noite de núpcias – disse Duncan. – É que eu... bem, eu...

Ele se interrompeu abruptamente ao ver alguém surgir no caminho diante deles, indo na direção do reservado.

– Por aqui.

Jamie se virou na direção dos jardins da cozinha, que ficavam protegidos por paredes de tijolos aparentes. Noite de núpcias?, pensou, ao mesmo tempo tranquilizado e curioso. Duncan nunca tinha sido casado, ele sabia, e quando estavam em Ardsmuir juntos, Duncan nunca falava de mulheres como alguns homens faziam. Ele acreditara se tratar apenas de discrição na época, mas talvez... mas não, Duncan já tinha passado dos 50; certamente a oportunidade já se apresentara.

Assim, restavam sodomia ou a gonorreia, imaginou, e ele jurava que Duncan não gostava de homens. Seria um pouco constrangedor, com certeza, mas ele tinha certeza de que Claire poderia cuidar disso. Esperava que fosse apenas gonorreia, e não a doença francesa; essa, sim, era uma praga cruel.

– Venha, *a charaid* – disse ele, levando Duncan para dentro da estufa de cebolas. – Teremos privacidade aqui. Qual é o problema?

O SEGREDO DE DUNCAN

O padre LeClerc não falava inglês, com exceção de um alegre “*Tally-ho!*”, que ele usava como cumprimento, como interjeição de surpresa ou como exclamação de aprovação. Jocasta ainda estava se arrumando, então apresentei o padre a Ulysses e o levei até o salão principal, cuidei para que lhe servissem uma bebida e o acomodei para conversar com os Sherstons, que eram protestantes e ficaram de olhos arregalados quando viram o jesuíta, mas estavam tão ávidos para exibir seu francês que pareciam dispostos a fazer vista grossa para a profissão infeliz do padre LeClerc.

Aliviada depois dessa delicada interação social, pedi desculpas e fui até o terraço para ver se Jamie tinha conseguido buscar Duncan. Nenhum deles estava à vista, mas vi Brianna vindo do gramado com Jemmy.

– Oi, querida, como você está?

Estiquei os braços para pegar Jemmy, que parecia inquieto, remexendo e estalando os lábios como alguém sentado à mesa para uma refeição completa depois de uma caminhada pelo Saara. – Está com fome?

– Hak! – disse ele, e então, sentindo que talvez essa fosse uma explicação insuficiente, repetiu a sílaba várias vezes, cada vez mais alto, pulando para enfatizar.

– *Ele* está com fome, *eu* estou prestes a explodir – disse Brianna, baixando a voz e levando as mãos aos seios. – Vou levá-lo para o andar de cima para amamentá-lo. Tia Jocasta disse que poderíamos usar o quarto dela.

– Ah, que bom. Jocasta acabou de subir para descansar um pouco e se trocar, segundo ela. O casamento está marcado para as quatro da tarde, agora que o sacerdote chegou.

Eu acabara de ouvir o relógio do corredor soar meio-dia, e esperava que Jamie tivesse conseguido voltar com Duncan. Talvez ele devesse ficar trancado em algum lugar, para evitar que saísse vagando por aí novamente.

Bree estendeu os braços para pegar Jemmy de volta, enfiando o nó de um dos dedos em sua boca para abafar seus grunhidos.

– Você conhece os Sherstons? – perguntou ela.

– Sim – respondi com cautela. – Por quê? O que eles fizeram?

– Eles me pediram para pintar um retrato da sra. Sherston. É uma encomenda, quero dizer. Evidentemente tia Jocasta lhes contou sobre meu talento e mostrou algumas das coisas que fiz na primavera passada, e agora eles querem um quadro.

– É mesmo? Ah, querida, que ótimo!

– Bom, vai ser, se eles tiverem dinheiro – respondeu ela de maneira prática. – O que você acha?

Era uma boa pergunta; roupas bonitas e compromissos nem sempre refletiam o valor real, e eu não sabia muito a respeito da condição dos Sherstons; eles eram de Hillsborough, não de Cross Creek.

– Bem, eles são meio simplórios – falei, em dúvida –, e muito esnobes, mas acredito que ele seja rico de verdade. Tem uma cervejaria, acho. Mas pergunte a Jocasta; ela vai saber com certeza.

– Meio simplórios – repetiu ela do mesmo modo que eu, zombando do meu sotaque, e sorriu. – Quem é esnobe, no fim das contas?

– Não sou esnobe – falei com dignidade. – Sou uma observadora das nuances sociais. Você viu o seu pai e Duncan por aí?

– Não vi Duncan, mas o papai está perto das árvores com o sr. Campbell.

Ela apontou. Vi os cabelos vermelhos de Jamie e o tartã da mesma cor, uma chama no fim do gramado. Nem sinal do casaco vermelho de Duncan, no entanto.

– Maldição – falei. – Onde ele se enfiou?

– Foi ao reservado e caiu lá dentro – sugeriu Bree. – Calma, calma, estamos indo!

Dirigindo essa última frase para Jemmy, que gritava, muito provavelmente de fome, ela desapareceu.

Ajeitei meu xale e atravessei o gramado para ir atrás de Jamie. Um piquenique estava sendo servido para os convidados, e eu peguei um biscoito e uma fatia de presunto ao passar pela mesa de bebidas, improvisando um lanche rápido para controlar minha própria fome.

O ar ainda estava frio, mas o sol estava alto e quente nos meus ombros. Foi um alívio me juntar aos homens à sombra de um pequeno arvoredo de carvalhos que ficava perto do fim do gramado. As árvores já tinham começado a perder as folhas, que caíam, pequenas como dedos de bebês. O que Nayawenne havia me contado sobre os carvalhos? Ah, sim; o milho devia ser plantado quando as folhas de carvalho estavam do tamanho de orelhas de esquilo.

De acordo com essa orientação, os escravos poderiam começar a plantar milho na terra de River Run a qualquer momento. Levaria semanas até as folhas de carvalho caírem na cordilheira, no entanto.

Jamie evidentemente acabara de dizer algo engraçado, pois Campbell emitiu o som baixo e chiado que era sua risada, assentindo para mim em um cumprimento.

– Vou deixar que cuidem dos seus próprios assuntos, então – disse ele a Jamie, retomando a postura. – Mas podem me chamar se precisarem.

Ele protegeu os olhos ao olhar na direção do terraço.

– Ah, os retornos pródigos. Em xelins, senhor, ou em garrafas de brandy?

Eu me virei para olhar também, a tempo de ver Duncan atravessando o terraço, assentindo e sorrindo timidamente para os que lhe desejavam felicidades enquanto ele passava. Devo ter parecido confusa, pois o sr. Campbell fez uma reverência para mim, esboçando um sorriso.

– Eu fiz uma pequena aposta com o seu marido, senhora.

– Apostei cinco para um no Duncan esta noite – explicou Jamie. – Que ele e a minha tia vão dividir a cama, quero dizer.

– Minha nossa – falei, bastante irritada. – Será que tem alguém aqui falando de outra coisa? Vocês têm uma mente imunda.

Campbell riu e então se virou, distraído pelo chamado de um neto.

– Não me diga que não estava se perguntando a mesma coisa.

Jamie me cutucou com delicadeza.

– Pode ter certeza que não – respondi.

E não tinha pensado, mesmo, mas só porque eu já sabia.

– Ah, sim – disse ele, entortando o canto da boca. – E você deixa a lascívia clara no seu rosto como os bigodes de um gato.

– O que quer dizer com isso? – perguntei.

Para o caso de ele estar certo, abri o leque e cobri a metade de baixo do rosto. Espiei por cima da renda, piscando com fingida inocência.

Ele emitiu um som desdenhoso na garganta. Então, olhando depressa ao redor, abaixou-se e sussurrou no meu ouvido.

– Quero dizer que você está fazendo a mesma cara que faz quando quer que eu vá para a sua cama. – A respiração quente soprou os cabelos sobre a minha orelha. – Você quer?

Sorri alegremente para o sr. Campbell, que olhava para nós com interesse por cima da cabeça do neto, abri o leque e, usando-o como escudo, fiquei na ponta dos pés para sussurrar no ouvido de Jamie. Voltei a colocar os calcanhares no chão e sorri modestamente para ele, abanando-me com força.

Jamie pareceu chocado, mas satisfeito. Olhou para o sr. Campbell, que por sorte tinha se virado, entretido em outra conversa. Jamie esfregou o nariz e olhou para mim com intensidade, os olhos azuis se demorando no decote do meu vestido. Abanei o leque delicadamente acima do meu colo.

– Ah... poderíamos...

Ele olhou para mim, observando o ambiente ao nosso redor à procura de lugares onde pudéssemos ficar à vontade, e em seguida olhou para baixo de novo, atraído pelo leque como se fosse um ímã.

– Não, não poderíamos – informei, sorrindo e cumprimentando as idosas senhoras MacNeil, que passavam atrás dele. – Todos os cantos da casa estão cheios de pessoas. Assim como os celeiros, os estábulos e as outras construções. E se você estava pensando em um encontro sob um arbusto à beira do rio, pode esquecer. Este vestido custou uma fortuna.

Uma fortuna em uísque ilegal, mas uma fortuna mesmo assim.

– Ah, eu sei bem disso.

Ele correu os olhos lentamente pelo meu corpo, dos cabelos encaracolados até as pontas de meus sapatos novos de couro. O vestido era

de seda amarelo-clara, com o corpete e a barra bordados com folhas de seda em tons de marrom e ouro, e, para dizer a verdade, me caía como uma luva.

– Valeu a fortuna – disse ele suavemente e se inclinou para me beijar.

Um vento frio remexeu os galhos de carvalho acima de nós e eu me aproximei dele, procurando seu calor.

Com a viagem longa da Cordilheira até River Run e os vários convidados presentes para a celebração, não dormíamos juntos havia mais de uma semana.

Não era tanto um encontro amoroso que eu queria – ainda que certamente não me recusasse, se a oportunidade surgisse. Eu sentia falta de sentir o corpo dele ao lado do meu; de poder estender a mão no escuro e pousá-la sobre sua coxa; de rolar na direção dele de manhã e apertar suas nádegas arredondadas, na curva entre a coxa e a lateral da barriga; pressionar meu rosto em suas costas e sentir o cheiro de sua pele antes de dormir.

– Droga – falei, encostando a testa nas dobras de sua camisa e sentindo os cheiros de roupa engomada e de homem com desejo. – Sabe, se a sua tia e Duncan *não* precisarem da cama, talvez...

– Ah, então você *pensou*.

– Não, não pensei – falei. – Além do mais, o que você tem a ver com isso?

– Ah, nada – disse ele, sem se perturbar. – Só que quatro homens me perguntaram esta manhã se eu acho que eles vão... ou se já fizeram. O que é um elogio à minha tia, não acha?

Verdade; Jocasta MacKenzie podia ter mais de 60 anos, no entanto a ideia de que ela pudesse dividir a cama com um homem não era de todo impensável. Eu já conhecera muitas mulheres que tinham abandonado o sexo ao já não poderem ter filhos, mas Jocasta não era uma delas. Ao mesmo tempo...

– Não fizeram – falei. – Phaedre me disse ontem.

– Eu sei. Duncan acabou de me contar.

Ele estava franzindo o cenho levemente, mas não para mim, e sim em direção ao terraço, onde o tartã chamativo de Duncan se destacava entre os enormes vasos de pedra.

– Ele contou?

Fiquei bastante surpresa ao ouvir aquilo.

– Você não *perguntou* a ele?

Ele me lançou um olhar de ligeira reprovação.

– Não – respondeu. – O que pensa que eu sou, Sassenach?

– Um escocês – respondi. – Tarados, todos vocês. Ou é o que uma pessoa pensa ao ouvir toda essa conversa por aqui.

Lancei um olhar duro na direção de Farquard Campbell, mas ele estava virado de costas, envolvido na conversa. Jamie olhou para mim pensativo, coçando o rosto.

– Tarados?

– Você entendeu o que eu quis dizer.

– Ah, sim, entendi. Só estou me perguntando se isso é um insulto ou um elogio, na sua opinião.

Abri a boca e então parei. Eu retribuí o olhar atento.

– Se a carapuça serviu, pode usá-la – falei.

Ele começou a rir, o que fez com que algumas pessoas próximas se virassem para olhar para nós. Segurando meu braço, ele me guiou pelo gramado em direção à sombra dos elmos.

– Queria perguntar uma coisa a você, Sassenach – disse ele, olhando para trás para ter certeza de que ninguém nos ouvia. – Pode encontrar uma maneira de conversar a sós com a minha tia?

– Neste hospício?

Olhei na direção do terraço; um enxame de convidados cercava Duncan como abelhas ao redor de um canteiro de flores.

– Sim, acho que posso falar com ela no quarto, antes de ela descer para o casamento – falei. – Ela foi descansar.

Eu também não me importaria de deitar um pouco; as minhas pernas doíam depois de horas de pé, e os meus sapatos eram novos e ainda um pouco apertados.

– Pode ser.

Ele assentiu agradavelmente na direção de um conhecido que se aproximava e em seguida virou as costas, protegendo-nos de interrupções.

– Tudo bem – falei. – Por quê?

– Bem, tem a ver com Duncan.

Ele parecia ao mesmo tempo entretido e ligeiramente preocupado.

– Há um pequeno problema, e ele não consegue falar com ela a respeito.

– Não me diga – falei. – Ele já foi casado e achava que a primeira mulher estava morta, mas acabou de vê-la aqui, comendo petiscos.

– Bem, não – respondeu ele, sorrindo. – Não é tão ruim assim. E talvez não seja tão problemático como Duncan teme. Mas ele está muito preocupado e, ainda assim, não consegue falar com a minha tia; ele tem um pouco de vergonha, entende?

Duncan era um homem totalmente tímido e retraído. Ex-pescador obrigado a servir durante a Revolta, ele tinha sido capturado depois de Culloden e passara anos na prisão. Tinha sido libertado, e não desterrado, apenas porque contraíra uma infecção em decorrência de um ferimento e perdera um braço, o que o deixou incapacitado para o trabalho. Eu não precisei me esforçar para saber de quem tinha sido a ideia do casamento; aspirações tão altas nunca teriam ocorrido a Duncan, nem em um milhão de anos.

– Entendo. Mas com o que ele está preocupado?

– Bem – disse ele lentamente –, é verdade que Duncan nunca se casou.

Você não se pergunta por quê?

– Não – respondi. – Imaginei que a Revolta tivesse... ah, minha nossa.

Parei, tendo uma ideia do que poderia ser.

– Não é... minha nossa. Você quer dizer... que ele gosta de homens?

Minha voz se elevou involuntariamente.

– Não! – respondeu ele, escandalizado. – Meu Deus, você acha que eu permitiria que ele se casasse com a minha tia se fosse um sodomita? Por Cristo!

Ele olhou ao redor para ter certeza de que ninguém havia ouvido aquela calúnia, e me conduziu ao abrigo sob as árvores, para garantir.

– Bem, você não teria como saber, teria? – perguntei, divertindo-me.

– Eu saberia – disse ele. – Venha.

Ele ergueu um galho e me fez passar por baixo dele, com uma das mãos na base das minhas costas. O bosque era grande, e era fácil ficar longe da vista de quem estava na festa.

– Não – disse ele de novo, chegando a um espaço aberto entre os troncos. – Que mente suja, Sassenach! Não, não é nada disso.

Ele olhou para trás, mas estávamos bem longe do gramado e razoavelmente protegidos.

– É só que ele... é incapaz.

– Ele ergueu um dos ombros de leve, desconfortável com a ideia.

– O quê... impotente? – Senti minha boca se abrir e a fechei.

– Sim. Ele foi noivo quando jovem, mas aconteceu um acidente horrroso; uma carroça o derrubou na rua e o cavalo o atingiu no escroto. Ele se recuperou, mas... não estava mais apto aos rituais de núpcias, então liberou a jovem do compromisso e ela se casou com outro.

– Coitado! – exclamei, com uma pontada de solidariedade. – Minha nossa, o pobre Duncan só teve azar.

– Bem, ele está vivo – observou Jamie. – Muitos outros não estão. Além disso... – Ele fez um gesto por cima de um dos ombros, indicando River Run atrás de si. – Eu não chamaria sua situação atual de azar. Tirando essa pequena dificuldade, claro.

Franzi o cenho, pensando nas possibilidades médicas. Se o acidente tivesse resultado em um dano vascular grave, não havia muito o que eu pudesse fazer; eu não tinha equipamentos adequados para uma cirurgia de reconstrução. Se fosse apenas uma hemocele, no entanto, talvez...

– Você disse que isso aconteceu quando ele era jovem? Hum. Bem, não estou prometendo nada, já que faz muito tempo, mas certamente posso olhar e ver se...

Jamie olhou para mim, incrédulo.

– Olhar? Sassenach, o homem fica vermelho feito um pimentão quando alguém pergunta como está o intestino dele e quase morreu de vergonha quando me disse. Ele vai ter um ataque apoplético se você tocar as partes íntimas dele.

Uma mecha de cabelo tinha sido puxada por um galho de carvalho. Eu a preendi com irritação atrás da orelha.

– Bem, o que você espera que eu faça, então? Não posso curá-lo com um feitiço!

– Claro que não – disse ele, um pouco impaciente. – Não queria que

– você fizesse nada com Duncan, só queria que conversasse com a minha tia.

– O quê... você quer dizer que ela não sabe? Mas eles estão noivos há meses e já estão morando juntos há um bom tempo!

– Sim, mas...

Jamie meio que deu de ombros, o gesto de quando se sentia constrangido ou desconfortável.

– Veja bem... quando a questão do casamento surgiu, nunca ocorreu a Duncan que fosse uma questão de... humm.

– Humm – falei, erguendo a sobrancelha. – O casamento não envolve pelo menos a possibilidade de humm?

– Bem, ele não achou que minha a tia o quisesse pela beleza masculina, entende? – disse Jamie, erguendo as sobrancelhas para mim. – Parecia apenas uma questão de negócios e conveniência. Há coisas que ele poderia resolver como dono de River Run que não poderia fazer como administrador. Mas ele não teria concordado com isso se ela não tivesse convencido.

– E ele nunca pensou em mencionar esse... esse impedimento?

– Ah, ele pensou. Mas não havia indícios de que a minha tia visse o casamento como algo além de um negócio. *Ela* não mencionou a questão da cama; ele ficou tímido demais para dizer e não tocou no assunto.

– Então imagino que agora tenha surgido. O que aconteceu? A sua tia enfiou a mão por baixo do kilt dele hoje cedo e fez um comentário obsceno sobre a noite de núpcias?

– Ele não disse – respondeu ele de modo seco. – Mas foi só hoje cedo, quando ele começou a ouvir as piadas entre os convidados, que ocorreu a Duncan que talvez a minha tia esperasse que ele... bem... – Ele ergueu um dos ombros e o baixou em seguida. – Ele não sabia o que fazer e ficou em pânico ao ouvir todo mundo.

– Compreendo.

Passei o nó de um dos dedos pelo lábio superior, pensando.

– Pobre Duncan; não é à toa que ele está nervoso.

– Sim.

Jamie se endireitou com o ar de quem tinha resolvido alguma coisa.

– Então, se você puder falar com Jocasta, para esclarecer tudo...

– Eu? Você quer que *eu* conte a ela?

– Bem, eu não acho que ela vá se importar muito – disse ele, olhando para mim. – Afinal, com a idade dela, não me parece...

Emiti um som grosseiro.

– A idade dela? O seu avô Simon tinha mais de 70 e ainda estava ciscando por aí quando foi visto pela última vez.

– Ela é mulher – disse ele, de modo austero. – Caso não tenha notado.

– E você acha que isso faz diferença?

– Você não?

– Ah, faz diferença, é claro – falei. – Eu me recostei em uma árvore, com os braços cruzados na frente do peito, e olhei para ele. – Quando eu tiver 101 anos, e você tiver 96, vou convidá-lo para a minha cama... e veremos quem de nós fica à altura da situação, está bem?

Ele olhou para mim de modo pensativo, com um brilho nos olhos azuis.

– Penso em descobrir isso agora. Pagamento adiantado, certo?

– Penso em cobrar isso de você – falei. – No entanto...

Olhei por entre os galhos em direção à casa, que estava claramente visível. As árvores começavam a perder as folhas, e os pequenos galhos verdes não eram camuflagem suficiente. Eu me virei quando as mãos de Jamie desceram pelo meu quadril.

Depois disso as coisas ficaram meio confusas, com as impressões predominantes de um farfalhar urgente de tecido, do cheiro forte de mato pisado e do estalar das folhas de carvalho secas do ano anterior sob os nossos pés.

Meus olhos se abriram alguns momentos depois.

– Não pare! – falei, sem acreditar. – Não *agora*, pelo amor de Deus!

Ele sorriu para mim, dando um passo para trás e deixando o kilt cair de volta no lugar. Seu rosto estava corado pelo esforço, e ele respirava ofegante.

Ele sorriu com malícia e passou a manga pela testa.

– Darei o resto quando tiver 96, está bem?

– Ah, você não vai viver tanto! Venha aqui!

– Ah – disse ele. – Então vai falar com a minha tia.

– Chantagista – falei, levantando as dobras do seu kilt. – Você vai me pagar por isso, eu juro.

– Ah, sim, eu vou.

Ele passou um braço pela minha cintura e me levantou, virando-se de modo que suas costas ficassem voltadas para a casa, cobrindo-me com seu corpo. Seus dedos compridos ergueram com destreza a minha saia, em seguida as duas anáguas, e com ainda mais destreza, escorregaram para o meio das minhas pernas nuas.

– Shhh – murmurou ele no meu ouvido. – Você não quer que as pessoas ouçam, quer?

Ele mordeu delicadamente a curva da minha orelha e continuou fazendo o que tinha que fazer de modo eficiente, ignorando minha relutância intermitente – e um tanto débil, tenho que admitir.

Eu estava mais do que pronta e ele sabia o que estava fazendo. Não demorou muito. Afundei os dedos no braço dele, duro como uma barra de ferro na frente da minha barriga, arqueei o corpo para trás em um momento de infinidade vertiginosa e me deixei cair contra ele, me contorcendo como uma minhoca na ponta de um anzol. Ele riu baixinho e soltou a minha orelha.

Uma brisa fria estava soprando, erguendo as dobras da minha saia. O cheiro de fumaça e de comida chegou até nós pelo ar gelado da primavera, juntamente com o som de conversas e risos que vinha do gramado. Eu mal conseguia ouvir os ruídos sob o bater lento e alto do meu coração.

– Pensando bem – disse Jamie ao me soltar –, Duncan ainda tem a mão boa. – Ele me colocou de pé delicadamente, segurando meu cotovelo caso meus joelhos fraquejassem. – Pode mencionar isso à minha tia, se achar que pode ser útil.

A MÚSICA TEM ENCANTOS

Roger Mackenzie abriu caminho em meio à multidão, assentindo aqui e ali para um rosto familiar, mas seguindo de modo determinado, evitando qualquer tentativa de conversa. Ele não queria conversar.

Brianna havia saído para alimentar o bebê e, apesar de sentir falta dela, ficou feliz por ela estar longe naquele momento. Ele não estava gostando nem um pouco dos olhares que ela estava recebendo. Os dirigidos ao rosto dela eram de admiração mas respeitosos, porém ele flagrara o maldito Forbes olhando para o traseiro dela com uma expressão parecida com a que os homens faziam enquanto admiravam a deusa de mármore no gramado.

Ao mesmo tempo, estava mais do que orgulhoso dela. Brianna estava linda com seu vestido novo, e ele sentiu uma agradável sensação de posse quando olhou para ela. Ainda assim, o prazer fora um pouco estragado pela ideia inquietante de que ela parecia pertencer àquele lugar, senhora de tudo aquilo... de...

Outra escrava passou por ele, com as saias erguidas sobre o braço enquanto seguia em direção à casa com uma bacia de pãezinhos frescos equilibrados sobre a cabeça e outra embaixo do braço. Quantos escravos Jocasta Cameron tinha?, ele se perguntou.

Claro, isso por si só colocava a ideia de Brianna herdar River Run fora de questão. Ela não suportaria a ideia de ter escravos, nunca. Tampouco ele; ainda assim, era confortante pensar que não era apenas o orgulho dele que impedia Bree de assumir sua herança.

Ele ouviu o gemido fino de uma rabeca vindo da casa e prestou atenção ao som. É claro que haveria música na festa. E, com sorte, algumas canções novas que ele não conhecia.

Ele se virou no terraço em direção à casa. Estava sem um caderno, mas sem dúvida Ulysses poderia lhe arrumar alguma coisa. Fez uma reverência para a sra. Farquard Campbell, que parecia um abajur particularmente horrível mas caro com seu vestido de seda cor-de-rosa. Ele fez uma pausa para que ela entrasse na casa na frente dele, mordendo o lado de dentro da bochecha quando a saia de mais de um metro de diâmetro ficou presa momentaneamente na porta. Ela se virou de lado com habilidade e entrou como um caranguejo no corredor, com Roger atrás, mantendo uma distância respeitosa.

A rabeça havia parado de tocar, mas ele ouvia o som de outros instrumentos sendo tocados e afinados por perto. Eles estavam na grande sala de estar, cujas portas duplas podiam ser abertas para permitir que os dançarinos se espalhassem pelo salão quando fosse a hora. No momento, havia apenas alguns convidados na sala, conversando casualmente.

Roger passou por Ulysses, que estava de pé perto da lareira, imaculado com uma peruca e libré verde, empunhando um atizador enquanto supervisionava duas empregadas preparando um caldeirão enorme de ponche de rum. Ele olhou automaticamente para a porta, registrou a presença e a identidade de Roger e retomou sua tarefa.

Os músicos estavam reunidos no fim da sala, lançando ocasionais olhares sedentos para o fogo enquanto preparavam seus instrumentos.

– O que vão tocar para nós hoje? – perguntou Roger.

Estava parando ao lado do rabequista. Sorriu quando o homem se virou para ele.

– “Ewie Wí the Crooked Horn” talvez, ou “Shawn Bwee”? – sugeriu.

– Ah, por Deus, senhor, nada muito sofisticado – falou o maestro do pequeno grupo, um irlandês magricela cujas costas curvadas eram disfarçadas pelo brilho de seus olhos, balançando a mão em um cordial gesto de desdém na direção do grupo de músicos. – Eles só conhecem jigas e canções escocesas animadas. Não muito diferente das pessoas que vão dançar, na verdade – disse ele, de modo prático. – Não estamos nos grandes salões de Dublin, afinal de contas, nem mesmo em Edenton; um bom rabequista pode mantê-los entretidos.

– E este bom rabequista seria você, imagino? – perguntou Roger

sorrindo, assentindo para o estojo rachado que o maestro havia colocado em uma prateleira, cuidadosamente fora do caminho para que não fosse pisado.

– Eu mesmo – concordou o cavalheiro, curvando-se em um cumprimento. – Seamus Hanlon, senhor, às suas ordens.

– Obrigado, senhor. Roger Mackenzie, da Cordilheira dos Frasers.

Ele retribuiu a reverência, gostando da formalidade antiga, e apertou rapidamente a mão de Hanlon, tomando cuidado com os dedos retorcidos e as articulações nodosas. Hanlon reparou no cuidado dele com a mão tomada pela artrite e fez uma breve careta de desaprovação.

– Ah, elas ficarão bem com um pouco de lubrificação.

Hanlon flexionou uma das mãos para testar e em seguida moveu rapidamente os dedos, dirigindo a Roger um olhar animado.

– E o senhor; senti as calosidades nas pontas dos seus dedos. Talvez não seja rabequista, mas toca algum instrumento de corda?

– Só para passar o tempo de uma noite; nada como vocês, cavalheiros – garantiu Roger e assentiu educadamente em direção ao grupo, que agora, com todos os instrumentos fora dos estojos, ostentavam um violoncelo maltratado, duas violas, um trompete, uma flauta e algo que ele acreditava ter começado a vida como uma trompa, apesar de parecer ter sido incrementada desde então com a adição de vários tubos arredondados em diferentes direções.

Hanlon olhou para ele, observando o tamanho de seu peito.

– E escutai a voz dele! Claro, e o senhor é cantor, sr. MacKenzie?

A resposta de Roger foi interrompida por uma batida alta e um ruído seco e doloroso atrás dele, que se virou e viu o violoncelista curvado sobre o instrumento como uma galinha sobre um pintinho muito grande, para protegê-lo de mais danos causados pelo senhor que evidentemente o havia chutado por descuido ao passar.

– Olhe por onde anda! – gritou o músico. – Desastrado de uma figa!

– O quê? – O intruso, um homem atarracado de uniforme da Marinha, olhou para o violoncelista de modo ameaçador. – Como ousa... falar comigo desse jeito...

Seu rosto estava vermelho de uma forma nada saudável e ele oscilava um pouco; Roger podia sentir o bafo de álcool a 2 metros de distância.

O oficial ergueu um dedo na direção do músico e parecia estar prestes a falar. A ponta da língua rosada apareceu entre os dentes, mas nenhuma palavra saiu. Seus lábios tremeram por um momento e em seguida ele desistiu, deu meia-volta e saiu, desviando em cima da hora para evitar um criado que vinha carregando uma bandeja de bebidas e batendo na maçaneta quando entrou no corredor.

– Tenha cuidado, sr. O’Reilly – disse Seamus Hanlon de modo seco para o violoncelista. – Se estivéssemos perto do mar, eu poderia apostar que uma gangue estaria a sua espera assim que saísse. Mas, como estamos aqui, não me surpreenderia que ele o esperasse com uma espicha ou algo assim.

O’Reilly cuspiu eloquentemente no chão.

– Eu o conheço – disse ele com desdém. – O nome dele é Wolff. É um cachorro, e um cachorro vira-lata, para falar a verdade. Está bêbado feito um gambá; não vai se lembrar de mim daqui a uma hora.

Hanlon semicerrou os olhos, pensativo, ao fitar a porta por onde o tenente havia saído.

– Bem, pode ser – disse ele. – Mas eu conheço o homem também e acredito que a mente dele pode estar mais aguçada do que seu comportamento pode sugerir.

Ele ficou parado por um momento, batendo o arco da sua rabeça de modo pensativo na palma da mão, em seguida virou a cabeça na direção de Roger.

– Cordilheira dos Frasers, você disse? É parente da sra. Cameron... ou devo dizer da sra. Innes? – corrigiu-se ele.

– Sou casado com a filha de James Fraser – disse Roger pacientemente, tendo descoberto que essa era a descrição mais eficiente, já que a maior parte do condado parecia saber quem era James Fraser, o que também evitava mais perguntas a respeito das conexões familiares de Roger.

– Ho-ho – disse Seamus, parecendo visivelmente impressionado. – Muito bem.

– E o que aquele idiota está fazendo aqui, afinal? – perguntou o violoncelista, ainda olhando na direção em que o oficial saíra. Ele deu batidinhas afetuosas no instrumento. – Todo mundo sabe que ele pretendia se casar com a sra. Cameron para ficar com River Run. Fico muito admirado

que ele tenha tido coragem de dar as caras aqui hoje!

– Talvez ele tenha vindo para mostrar que não guardou mágoas – sugeriu Roger. – Um gesto civilizado... o melhor homem venceu e tudo o mais, não?

Os músicos riram e caçoaram da sugestão.

– Talvez – disse o flautista, balançando a cabeça sobre o instrumento. – Mas se você é amigo de Duncan Innes, diga a ele para ficar atento enquanto estiver dançando.

– Sim, faça isso – reforçou Seamus Hanlon. – Vá, meu jovem, e fale com ele... mas volte.

Ele esticou um dedo para o criado que servia as bebidas e pegou um copo da bandeja. Ergueu-o em uma saudação, sorrindo para Roger por cima da borda. – Pode ser que você conheça uma ou duas músicas que eu não conheço.

O AMULETO DA SORTE

Brianna estava recostada na poltrona de couro diante da lareira, amamentando Jemmy enquanto observava a tia-avó se arrumar para o casamento.

– O que você acha? – perguntou Phaedre, enfiando o pente prateado em um pote de pomada. – Devo penteá-lo alto, com os cachos na parte de cima?

A voz dela estava cheia de esperança, mas cautelosa. Desaprovava abertamente a recusa de sua senhora de usar uma peruca e faria o melhor que pudesse para criar um efeito parecido com os cabelos de Jocasta, se pudesse.

– Tolicie – disse Jocasta. – Não estamos em Edimburgo, menina, muito menos em Londres.

Ela se recostou, com a cabeça erguida e os olhos fechados, relaxando. O sol forte da primavera entrava pela janela, reluzindo no pente de prata, e fazendo sombras escuras das mãos da escrava contra os cabelos brancos e brilhantes dela.

– Talvez não, mas também não estamos no Caribe selvagem nem no meio do mato – rebateu Phaedre. – A senhora é a dona da casa; este é o seu casamento. Todo mundo vai estar olhando para a senhora. Quer me envergonhar, usando os cabelos soltos como uma índia, para todos pensarem que não sei fazer o meu trabalho?

– Ah, por favor.

A boca grande de Jocasta se retorceu de irritação.

– Faça algo simples, penteie-os para trás e prenda com pentes. Talvez minha sobrinha permita que você ostente sua habilidade nas madeixas dela.

Phaedre olhou para trás, para Brianna, que simplesmente sorriu e negou,

balançando a cabeça. Ela estava usando uma touca com barra de renda em nome do decoro, e não estava disposta a mexer nos cabelos. A escrava resmungou e retomou a tentativa de persuadir Jocasta. Brianna fechou os olhos, deixando que a discussão se dissipasse em segundo plano. O sol morno entrava pela janela e esquentava seus pés, e o fogo crepitava atrás dela, envolvendo-a como o velho xale de lã que ela havia colocado sobre si e sobre o pequeno Jem.

Além das vozes de Jocasta e de Phaedre, ela podia ouvir o burburinho da casa no andar de baixo. Todos os cômodos estavam repletos de convidados. Alguns estavam hospedados nas propriedades próximas e tinham vindo para a festa, mas os convidados que iam passar a noite em River Run eram tantos que todos os quartos estavam ocupados, com cinco a seis pessoas dormindo em uma mesma cama, além dos que se arranjavam em tendas perto do rio.

Brianna olhou para a grande cama de Jocasta com inveja. Entre o cansaço da viagem, Jemmy e as condições em River Run, ela e Roger não dormiam juntos havia mais de uma semana, e provavelmente continuariam assim até voltarem para a Cordilheira.

Não que dormir juntos fosse o maior problema, por melhor que fosse. O sugar do bebê em seu seio despertava vários desejos nada maternais em outras partes, desejos que exigiam Roger e um pouco de privacidade para serem satisfeitos. Eles tinham dado início a algo promissor na noite anterior, na despensa, mas tinham sido interrompidos por uma das escravas, que entrou para pegar um queijo. O estábulo, talvez? Ela esticou as pernas, curvando os dedos dos pés, e tentou imaginar se os cocheiros dormiam no estábulo.

– Bem, vou usar os brilhantes, então, mas apenas para agradar a você, *a nighean*.

A voz bem-humorada de Jocasta a despertou da deliciosa visão de um espaço grande e cheio de feno e do corpo de Roger, com os membros nus meio visíveis à meia-luz.

Ela desviou o olhar de Jemmy para onde Jocasta estava sentada, perto da janela, com a luz da primavera entrando pela janela e iluminando seu rosto. Ela parecia absorta, pensou Bree, como se estivesse ouvindo algo baixo e

distante, que só ela conseguia ouvir. Talvez o burburinho dos convidados no andar de baixo.

O som das pessoas no primeiro andar da casa fazia com que ela se lembrasse das colmeias da mãe; um zumbido que podia ser ouvido quando se encostava a orelha contra uma das casas de abelha, um som distante de alegre ocupação. O produto daquela colmeia em particular era a conversa, não o mel, embora a intenção fosse parecida – a produção de reservas das quais eles usufruiriam nos dias difíceis e sem néctar do período de privação.

– Está bem, está bem – disse Jocasta, afastando Phaedre e levantando-se.

Ela mandou que a criada saísse do quarto e permaneceu tamborilando os dedos sem parar na penteadeira, claramente pensando em mais detalhes dos quais deveria cuidar. Jocasta franziu o cenho e pressionou dois dedos contra a pele acima dos olhos.

– Está com dor de cabeça, tia? – perguntou Brianna baixo para não perturbar Jemmy, que estava quase dormindo. Jocasta abaixou a mão e se virou para a sobrinha com um sorriso contido.

– Ah, não é nada. Sempre que o clima muda, minha cabeça muda com ele!

Apesar do sorriso, Brianna podia ver pequenas linhas de dor nos cantos dos olhos de Jocasta.

– Jem está quase acabando. Vou chamar a mamãe, está bem? Ela pode preparar uma tisana para você.

Jocasta balançou a mão em recusa, afastando a dor com evidente esforço.

– Não precisa, *a muirninn*. Não é tão ruim.

Ela esfregou as têmporas, tomando cuidado para não desfazer o penteado, o gesto contradizendo as palavras.

A boquinha de Jemmy soltou o mamilo com um *plop!* e a cabeça dele pendeu para trás. A dobra do braço de Brianna estava quente e suada onde a cabeça dele ficara apoiada; a orelhinha dele estava amassada e vermelha. Ela ergueu o corpo inerte do bebê e suspirou aliviada quando o ar frio tocou sua pele. Ele arrotou baixinho, um fio de saliva com leite escorreu de sua boca e ele se deitou no ombro dela como um balão cheio de água.

– Está cheio, não? – Jocasta sorriu, os olhos cegos voltados para eles ao

ouvir o ruído suave.

– Muito – respondeu Brianna.

Deu um tapinha nas costas dele, para garantir, mas não ouviu nada além do suspiro leve de sua respiração. Ela se levantou, limpou o leite do queixo dele e deitou o bebê de barriga para baixo no berço improvisado, uma gaveta da cômoda de mogno de Jocasta colocada no chão e muito bem forrada com travesseiros e cobertores.

Brianna pendurou o xale no encosto da cadeira, estremeando levemente ao sentir uma rajada de vento que entrou pela janela. Sem querer correr o risco de ter seu vestido novo manchado de leite, ela tinha amamentado Jemmy apenas com o vestido de baixo e meias, e seus braços expostos estavam arrepiados.

Jocasta virou a cabeça em resposta ao ranger da madeira e ao farfalhar do tecido quando Brianna abriu o grande armário e tirou lá de dentro duas anáguas de linho e seu vestido, alisando a lã azul-clara e macia com satisfação. Ela havia tecido a fazenda e desenhado o vestido sozinha – apesar de a sra. Bug ter feito a fiação, de Claire tê-lo tingido com índigo e saxífraga e de Marsali ter ajudado com a costura.

– Devo chamar Phaedre de volta para ajudá-la a se vestir, querida?

– Não, tudo bem, eu consigo... se puder me ajudar com os cordões.

Ela não gostava de recorrer aos serviços dos escravos quando podia evitar. As anáguas não eram problema; ela simplesmente as vestiu, uma por vez, e amarrou os cordões na cintura. O corpete tinha que ser amarrado nas costas, assim como o vestido em si.

As sobrancelhas de Jocasta ainda estavam escuras, da cor do bronze, em contraste com o tom claro de sua pele. Elas se ergueram um pouco diante da sugestão de que ajudasse a vestir a sobrinha, mas ela apenas balançou a cabeça com uma breve hesitação. Virou os olhos cegos em direção ao fogo, franzindo o cenho levemente.

– Acho que posso. O menino não está perto do fogo, está? As faíscas podem atingi-lo.

Brianna se contorceu dentro do corpete, ajeitando os seios nos espaços onde eles deviam ficar acomodados, e em seguida puxou o vestido por cima deles.

– Não, ele não está perto demais – respondeu ela pacientemente.

Tinha feito o corpete com estruturas de sustentação leves na frente e nas laterais. Brianna se virou de um lado para outro, admirando o resultado no espelho de Jocasta. Ao ver o franzir de cenho da tia atrás dela, revirou os olhos para si mesma, se abaixou e puxou a gaveta um pouco mais para longe do fogo, só por garantia.

– Obrigada por agradecer a uma velha – disse Jocasta de modo seco ao ouvir o barulho da madeira sendo arrastada.

– De nada, tia – respondeu Brianna, deixando uma mistura de afeto e pedido de desculpas ficarem evidentes em sua voz.

Pousou a mão no ombro da tia-avó, e Jocasta colocou a mão comprida em cima da dela, apertando delicadamente.

– Não é porque acho que você seja uma mãe relapsa, viu? – disse Jocasta.
– Mas quando uma pessoa já viveu tanto quanto eu, ela se torna cuidadosa, querida. Já vi coisas horrorosas acontecerem a crianças, sabe? E prefiro pegar fogo eu mesma a ver algo de ruim acontecer com esse rapazinho.

Ela se posicionou atrás de Brianna e passou as mãos pelas costas dela, encontrando os cordões sem dificuldade.

– Você retomou o corpo de antes, posso ver – disse ela com aprovação, as mãos nas laterais da cintura. – O que é isso... bordado de lã? De que cor é?

– Azul índigo escuro. Vinhas em flor feitas de algodão pesado para contrastar com a lã azul-clara.

Ela pegou uma das mãos de Jocasta e guiou as pontas de seus dedos sobre as vinhas que cobriam o corpete, correndo a mão do decote até o V da cintura, descendo-a para mostrar o corpo em forma sobre o qual Jocasta havia comentado.

Brianna inspirou quando a tia puxou os cordões, desviando o olhar de seu reflexo para a cabecinha do filho, redonda como um melão e absolutamente perfeita. Não pela primeira vez, ela pensou na vida da tia-avó. Jocasta tivera filhos, ou pelo menos era o que Jamie achava – mas nunca falava deles, e Brianna hesitou em perguntar. Talvez tivessem morrido ainda bebês; muitos morriam. Ela sentiu um aperto no peito ao pensar nisso.

– Não se preocupe – disse a tia. O rosto de Jocasta reassumiu uma alegria determinada no espelho. – O seu rapazinho nasceu para fazer

grandes coisas. Nada de mal acontecerá a ele, tenho certeza.

Ela se virou, a seda verde de seu vestido farfalhando sobre as anáguas, deixando Bree admirada com a habilidade da tia de adivinhar os sentimentos das pessoas mesmo sem ver seus rostos.

– Phaedre! – chamou Jocasta. – Phaedre! Traga a minha caixa... a preta.

Phaedre estava por perto, como sempre e, mexendo nas gavetas da cômoda, pegou uma caixa preta. Jocasta sentou-se com ela à escrivaninha.

A caixa de couro preta era velha e gasta, uma caixa estreita, coberta com pele puída, sem adornos a não ser o fecho prateado. Jocasta mantinha suas melhores joias em uma caixa muito maior de cedro, forrada com veludo, e Brianna sabia. O que podia haver ali?

Ela ficou ao lado da tia enquanto Jocasta levantava a tampa. Dentro da caixa havia um cilindro de madeira, da largura de um dedo, e encaixado nele havia três anéis: um anel liso de ouro com um berilo, outro com uma esmeralda grande e o terceiro com três diamantes, cercados por pedras menores que capturavam a luz e a refletiam em arco-íris que dançavam pelas paredes e pelas vigas.

– Que anel lindo! – exclamou Bree involuntariamente.

– Ah, o de diamante? Bem, Hector Cameron era um homem muito rico – disse Jocasta, tocando o anel maior.

Seus dedos compridos – sem anéis – procuraram em meio a um monte de bijuterias que estavam na caixa ao lado dos anéis e pegaram algo pequeno e simples.

Ela entregou o pequeno objeto a Brianna, que viu que se tratava de um pequeno broche de latão, meio embaçado, em formato de coração.

– É um amuleto, *a muirninn* – disse Jocasta, com um meneio de cabeça satisfeito. – Prenda-o na roupa do bebê, atrás.

– Um amuleto? – Brianna olhou para Jemmy. – Que tipo de amuleto?

– Contra as fadas – disse Jocasta. – Deixe-o preso nas roupas dele, sempre atrás, não se esqueça, e nada que venha dos antigos o incomodará.

Os pelos nos braços de Brianna se arrepiaram levemente diante da frieza na voz da senhora.

– Sua mãe devia ter explicado a você – continuou Jocasta, com um toque de desaprovação na voz. – Mas eu sei que ela é uma *sassenach* e o seu pai

provavelmente não pensou nisso. Os homens não pensam nessas coisas – disse ela, com um toque de amargura. – É trabalho da mulher cuidar dos bebês, protegê-los do perigo.

Jocasta se inclinou na direção do cesto de acendalhas e remexeu nos restos que havia ali, pegando um graveto comprido de pinheiro, ainda com a casca.

– Pegue isto – disse ela, entregando-o a Brianna. – Acenda a ponta dele na lareira e caminhe ao redor do seu filho três vezes. Em sentido horário, não se esqueça!

Envolvida, Brianna pegou o graveto e o colocou no fogo, em seguida fez o que fora instruída a fazer, segurando o graveto aceso bem longe do berço improvisado e das suas saias de lã. Jocasta bateu o pé de forma ritmada no chão e entoou um cântico baixinho.

Ela falava em gaélico, mas lentamente o bastante para que Brianna pudesse entender a maioria das palavras.

*Sabedoria da serpente seja tua,
Sabedoria do corvo seja tua,
Sabedoria da águia valente.*

*Voz do cisne seja tua,
Voz do mel seja tua,
Voz do filho das estrelas.*

*Bênção da fada seja tua,
Bênção do elfo seja tua,
Bênção do cachorro vermelho seja tua.*

*Riqueza do mar seja tua,
Riqueza da terra seja tua,
Riqueza do Pai do Céu.*

*Seja cada dia feliz para ti,
Nenhum dia ruim para ti,
Uma vida cheia de alegria, satisfeita.*

Jocasta parou por um momento, franzindo o cenho, como se ouvisse conversas da Terra das Fadas. Evidentemente satisfeita, ela fez um gesto indicando a lareira.

– Jogue-o no fogo. Assim o bebê ficará protegido do fogo.

Brianna obedeceu, descobrindo, para seu fascínio, que não achava nada daquilo nem um pouco ridículo. Era estranho mas muito satisfatório pensar que estava protegendo Jem do perigo – mesmo que fosse do perigo das fadas, no qual ela não acreditava. Ou no qual não tinha acreditado até então.

Uma música veio do andar de baixo. O gemido de uma rabeça e o som de uma voz, grave e leve. Ela não conseguia entender as palavras, mas conhecia o som da canção.

Jocasta inclinou a cabeça, ouvindo, e sorriu.

– Ele tem uma bela voz, o seu rapaz.

Brianna também ouviu. Muito baixo, ouviu as oscilações familiares de “My Love Is in America”, vindas de algum lugar lá embaixo. *Quando canto, é sempre para você.* Os seios dela estavam vazios agora, sem leite, mas formigaram de leve com a lembrança.

– Você tem bons ouvidos, tia – disse ela, afastando o pensamento com um sorriso.

– Está feliz no seu casamento? – perguntou Jocasta de repente. – Está satisfeita com o rapaz?

– Sim – respondeu Brianna, um pouco surpresa. – Sim... muito.

– Que bom. – Sua tia-avó estava parada, com a cabeça inclinada, ainda ouvindo. – Sim, isso é bom – repetiu ela, baixinho.

Tomada pelo impulso, Brianna pousou a mão no pulso dela.

– E a senhora, tia? – perguntou ela. – Está... contente?

“Feliz” não parecia ser a palavra certa, considerando os anéis na caixa. “Satisfeita” também não parecia adequado quando pensou em Duncan,

retraído no canto do salão na noite anterior, tímido e sem dizer nada, exceto quando Jamie lhe fazia perguntas, suado e nervoso naquela manhã.

– Contente? – Jocasta parecia confusa. – Ah, por me casar, você quer dizer! – Para alívio de Brianna, a tia riu, as linhas do seu rosto se contraindo em um sorriso sincero. – Ah, sim, claro – disse ela. – É a primeira vez que vou mudar de nome em quinze anos!

Com uma leve risada, ela se virou na direção da janela e pressionou a mão contra o vidro.

– O dia está lindo, querida – disse ela. – Por que não pega sua capa, toma um pouco de ar e procura companhia?

Ela tinha razão. O rio distante brilhava prateado em meio a um rendado de galhos verdes, e o ar do lado de dentro, tão confortável alguns momentos antes, parecia rançoso e abafado agora.

– Acho que vou fazer isso. – Brianna olhou na direção do berço improvisado. – Devo chamar Phaedre para vigiar o bebê?

Jocasta balançou a mão para ela, dispensando-a.

– Ah, pode ir. Eu cuido do bebê. Ainda vou ficar um tempo aqui antes de descer.

– Obrigada, tia.

Ela beijou o rosto da senhora e se virou para sair. Então, olhando para a tia, deu um passo para trás na direção da lareira e afastou o berço do fogo um pouco.

O ar do lado de fora estava fresco e cheirava a grama e fumaça de churrasco. Fazia com que ela tivesse vontade de descer correndo os caminhos de pedras, com o sangue zumbindo em suas veias. Podia ouvir a música que vinha da casa e o som da voz de Roger. Ia dar uma volta, respirando um pouco de ar puro, e depois entraria; talvez Roger estivesse pronto para fazer um intervalo, e eles poderiam...

– Brianna!

Ela ouviu seu nome sussurrado por trás da parede da horta da cozinha e se virou assustada, dando de cara com a cabeça do pai espiando pelo canto, como um caramujo ruivo. Ele ergueu o queixo para ela e desapareceu.

Ela olhou para trás para ter certeza de que ninguém estava observando e

contornou rapidamente o muro, indo dar em um canteiro de cenouras, onde viu o pai agachado perto do corpo de uma das criadas negras, deitado em cima de um monte de esterco velho com a touca sobre o rosto.

– Mas o que... – começou Brianna.

Então sentiu o cheiro de álcool, que sobressaía em meio ao cheiro de cenoura e esterco esquentado pelo sol.

– Ah.

Ela se agachou ao lado do pai no caminho de pedra.

– Foi minha culpa – explicou ele. – Ou pelo menos em parte. Deixei um copo embaixo dos salgueiros, ainda meio cheio.

Ele meneou a cabeça em direção ao caminho de pedra, onde um copo de ponche estava caído, com uma gota grudada do líquido ainda na borda.

– Ela deve ter encontrado.

Brianna se curvou e cheirou a barra da touca amassada da criada, que agora era soprada pelos roncões pesados. Ponche de rum era o cheiro predominante, mas ela também identificou o aroma amargo de cerveja e o odor mais suave de brandy. Era evidente que a escrava havia tomado todos os restos de bebida dos copos que recolhia para lavar.

Ela ergueu a barra amassada da touca cuidadosamente com um dedo. Era Betty, uma das criadas mais antigas, com pálidos lábios frouxos e a boca aberta em estupor alcoólico.

– Sim, ela não tomou apenas meio copo – disse Jamie, olhando para ela.

– Ela devia estar trocando os pés. Não consigo entender como caminhou para tão longe da casa nessa condição.

Brianna olhou para trás, franzindo o cenho. A horta de paredes de tijolo da cozinha ficava perto de onde as refeições eram preparadas, mas a uma distância de uns bons 300 metros da casa principal, separada dela por um arbusto de rododendros e vários canteiros de flores.

– Não só como – disse Brianna, batendo um dedo no lábio. – Por quê?

– O quê?

Ele estava franzindo o cenho para a empregada, mas olhou para cima ao ouvir o tom de voz dela. Brianna se levantou e inclinou a cabeça para a mulher que roncava.

– *Por que* ela veio andando até aqui? Parece que ela passou o dia

bebendo... e não pode ter vindo para cá depois de cada copo; alguém teria notado. E por que fazer isso? Não seria difícil beber sem ser notada. Se eu estivesse bebendo restos, ficaria aqui sob os salgueiros.

O pai olhou para ela surpreso, um olhar que logo foi substituído por uma diversão sarcástica.

– É mesmo? Sim, pode ser. Mas talvez tivesse o suficiente no copo para que ela pensasse em aproveitá-lo em paz.

– Talvez. Mas certamente há esconderijos mais perto do rio do que aqui.

Ela se abaixou e pegou o copo vazio.

– O que você estava bebendo? Ponche de rum?

– Não, brandy.

– Então não foi o seu copo que a embriagou de vez.

Ela segurou o copo, inclinando-o para que ele pudesse ver o líquido escuro no fundo. O ponche de rum de Jocasta não era feito apenas com rum, açúcar e manteiga, mas também com groselha seca, e a mistura toda era aquecida com um atizador. O resultado não só tinha uma cor marrom, mas sempre deixava sedimentos espessos no fundo dos copos, compostos de pequenos grãos de cinza do atizador e dos restos queimados da groselha incinerada.

Jamie pegou o copo da mão dela, franzindo o cenho. Ele enfiou o nariz no copo e respirou fundo, então enfiou um dedo no líquido e o colocou na boca.

– O que foi? – perguntou ela, vendo a expressão dele mudar.

– Ponche – disse ele, mas passou a ponta da língua sobre os dentes, como se quisesse limpá-los. – Com láudano, acho.

– Láudano! Tem certeza?

– Não – disse ele com sinceridade. – Mas tem alguma coisa além de groselhas secas aqui, ou não me chamo Jamie.

Ele entregou o copo a ela, que o pegou, cheirando. Não conseguia detectar nada além do cheiro doce e queimado do ponche de rum. Talvez houvesse um aroma mais forte, algo mais oleoso e aromático... talvez não.

– Vou acreditar na sua palavra – disse ela, secando a ponta do nariz nas costas da mão. Ela olhou para a criada desfalecida. – Devo chamar a mamãe?

Jamie se agachou ao lado da criada e a observou atentamente. Levantou uma das mãos e a tocou, ouviu sua respiração e em seguida balançou a cabeça.

– Não sei dizer se ela está drogada ou só embriagada... mas não acho que esteja morrendo.

– O que vamos fazer com ela? Não podemos deixá-la aqui.

Ele olhou para a escrava, franzindo o cenho.

– Não, claro que não.

Ele se abaixou e, muito delicadamente, pegou a mulher nos braços. Um dos sapatos caiu no caminho de pedras e Brianna o pegou.

– Sabe onde ela dorme? – perguntou Jamie, calculando o peso que teria que carregar.

– É uma escrava doméstica; deve dormir no sótão.

Ele assentiu, balançando a cabeça para afastar uma mecha de cabelos ruivos que tinha se prendido em sua boca.

– Muito bem, então, vamos dar a volta nos estábulos para ver se conseguimos subir a escada dos fundos sem sermos vistos. Atravesse e faça sinal quando eu puder passar.

Ela enfiou o sapato e o copo embaixo da capa para escondê-los e passou depressa pelo caminho estreito que levava até a horta, a cozinha e o reservado. Olhou de um lado a outro, fingindo caminhar casualmente. Havia algumas pessoas à vista, perto do cercado dos cavalos, mas estavam meio longe – e todas estavam de costas para ela, prestando atenção nos cavalos pretos holandeses do sr. Wylie.

Quando ela se virou para fazer um sinal para o pai, viu o próprio sr. Wylie levando uma senhora para dentro do estábulo. Viu a roupa de seda dourada... espere, era a mãe dela! O rosto pálido de Claire se virou momentaneamente na direção dela, mas sua atenção estava fixa em algo que Wylie dizia, e ela não viu a filha no caminho.

Bree hesitou, querendo sinalizar para a mãe, mas não podia fazer isso sem chamar atenção indesejada. Bem, pelo menos ela sabia onde Claire estava. Podia buscar a mãe para ajudá-los quando Betty estivesse em segurança.

Depois de alguns sustos e de quase serem flagrados, eles conseguiram levar Betty até o sótão comprido que ela dividia com as outras criadas da casa. Ofegante, Jamie colocou-a sem cerimônia em uma das camas estreitas, secou a testa suada na manga do casaco e, franzindo o nariz comprido, começou a tirar restos de esterco do casaco.

– Então – disse ele, um pouco rabugento. – Ela está em segurança, certo? Se você disser a uma das outras criadas que ela passou mal, acho que ninguém importante vai descobrir.

– Obrigada, pai. – Ela se inclinou e beijou o rosto dele. – Você é um doce.

– Ah, sim – disse ele, parecendo resignado. – Meus ossos são recheados de mel, com certeza.

Mesmo assim, ele não parecia descontente.

– Ainda está com aquele sapato?

Ele tirou o outro sapato da empregada e o colocou ao lado do que estava embaixo da cama, em seguida, puxou o cobertor de lã sobre os pés da mulher, que estavam cobertos por meias grossas.

Brianna conferiu a situação da criada; até onde podia dizer, tudo parecia bem. A mulher ainda roncava, mas de modo regular, o que a tranquilizou. Enquanto saíam na ponta dos pés em direção à escada, ela entregou a Jamie o copo de prata.

– Pegue. Sabia que esse era um dos copos de Duncan?

– Não – disse e arqueou uma das sobrancelhas, franzindo o cenho. – O que quer dizer com “copos de Duncan”?

– A tia Jocasta mandou fazer um conjunto de seis copos para Duncan como presente de casamento. Ela me mostrou ontem. Está vendo? Ela virou o copo que estava em sua mão para mostrar a ele o monograma: “I” de “Innes”, com um pequeno peixe de escamas muito bem entalhadas nadando ao redor da letra.

– Isso ajuda? – perguntou ela, ao ver as sobrancelhas dele se enrugarem com interesse.

– Pode ajudar. – Ele pegou um lenço limpo de cambraia e envolveu o copo com cuidado antes de colocá-lo dentro do bolso do casaco. – Vou descobrir. Enquanto isso, pode encontrar Roger Mac?

– Claro, por quê?

– Bom, me ocorreu que, se Betty bebeu parte de um copo de ponche de rum e ficou jogada feito um saco de batatas, eu gostaria de descobrir quem bebeu a primeira parte para ver se está em condição parecida.

Ele ergueu uma das sobrancelhas para ela.

– Se havia alguma coisa no ponche, então provavelmente ele estava destinado a alguém, certo? Pensei que talvez você e Roger Mac pudessem procurar discretamente por corpos em meio aos arbustos.

Ela não havia pensado nisso na correria para levar Betty para o quarto.

– Tudo bem. Mas acho melhor encontrar Phaedre ou Ulysses primeiro, e dizer a um deles que Betty passou mal.

– Sim. Se falar com Phaedre, pergunte se Betty consome opiáceos além de beber. Embora eu ache isso improvável – disse ele, com seriedade.

– Eu também – disse ela, com o mesmo tom dele.

Ela compreendeu: talvez o ponche não tivesse sido batizado. Betty podia ter ingerido láudano de propósito. Era possível; sabia que Jocasta guardava um pouco na despensa. Mas, se tivesse tomado, teria sido para uso recreacional ou tentando cometer suicídio?

Ela franziu a testa, olhando para Jamie quando ele parou à beira da escada, prestando atenção aos sons antes de descer. Era fácil achar que o sofrimento da escravidão fizesse uma pessoa pensar em suicídio. Ao mesmo tempo, a honestidade a forçava a admitir que os escravos de Jocasta viviam razoavelmente bem; melhor do que muitas pessoas livres – negras *ou* brancas – que ela tinha visto em Wilmington e em Cross Creek.

O quarto dos escravos era limpo, e as camas, simples mas confortáveis. Os criados domésticos tinham roupas decentes, até mesmo sapatos e meias, e mais do que o suficiente para comer. Quanto às complicações emocionais que podiam levar uma pessoa a pensar em suicídio, bem, elas não se restringiam aos escravos.

Era muito mais provável que Betty fosse simplesmente chegada à bebida, do tipo que ingeria qualquer coisa vagamente alcoólica – o cheiro de suas roupas certamente sugeria isso. Mas, nesse caso, por que correr o risco de roubar láudano num dia em que a festa de casamento garantiria abundância de qualquer bebida?

Ela foi relutantemente forçada a chegar à mesma conclusão à qual tinha certeza de que seu pai chegara. Betty havia tomado o láudano – se é que de fato era láudano, ela lembrou a si mesma – por acidente. E se fosse esse o caso... de quem era o copo do qual ela havia bebido?

Jamie se virou, lábios contraídos para recomendar silêncio, e fez um gesto para ela indicando que a barra estava limpa. Ela o seguiu depressa pela escada até o lado de fora, soltando um suspiro de alívio quando eles chegaram ao caminho sem serem vistos.

– O que você estava fazendo lá, para começo de conversa, pai?

Ele pareceu não entender.

– Na horta da cozinha – explicou ela. – Como encontrou Betty?

– Ah.

Ele segurou o braço dela, puxando-a para longe da casa. Eles caminharam casualmente em direção ao cercado dos cavalos; convidados inocentes admiravam os animais.

– Eu só estava conversando com a sua mãe no bosque. Voltei pela horta e vi a mulher caída de barriga para cima no monte de esterco.

– Isso é outra questão, não acha? – perguntou ela. – Ela deitou ali de propósito ou você a encontrou ali por acaso?

Ele balançou a cabeça.

– Não sei – respondeu ele. – Mas quero falar com Betty quando ela estiver sóbria. Sabe onde a sua mãe está agora?

– Sim, ela está com Phillip Wylie. Eles estavam indo para os estábulos, acho.

As narinas do pai se entreabriram levemente quando ela disse o nome de Wylie, e ela conteve um sorriso.

– Vou falar com ela – disse ele. – Enquanto isso, querida, vá falar com Phaedre e...

Ela já tinha se virado; ao ouvi-lo, olhou para trás, surpresa.

– Acho que talvez devêssemos pedir a Phaedre que não diga nada a menos que alguém pergunte onde Betty está, e, se perguntarem, peça a ela que conte a você... ou a mim.

Ele se endireitou abruptamente, pigarreando.

– Vá procurar seu marido, então... E tome cuidado para que ninguém

saiba o que está fazendo, sim?

Ele ergueu a sobrancelha e ela assentiu em resposta. Ele se virou e partiu em direção aos estábulos, com os dedos da mão direita tamborilando delicadamente seu casaco como se estivesse mergulhado em pensamentos.

O vento frio soprou por baixo de suas saias e anáguas, inflando-as e fazendo-a tremer. Ela compreendia muito bem o que ele queria dizer.

Se não tivesse sido tentativa de suicídio nem acidente... então poderia ter sido tentativa de homicídio. Mas cometida por quem?

FLERTES

Jamie havia me dado um beijo demorado como incentivo depois de nosso interlúdio e saíra por entre os arbustos com a intenção de encontrar Ninian Bell Hamilton e descobrir o que exatamente os reguladores estavam fazendo no acampamento que Hunter tinha mencionado. Eu o segui após um intervalo, para disfarçar, mas parei no limite do bosque antes de voltar para perto das pessoas, para me certificar de que estava apresentável.

Eu sentia um bem-estar que beirava a tontura, e minhas bochechas estavam muito coradas, mas eu achava que isso não me incriminava por si só. Sair da mata também não deporia contra mim; homens e mulheres costumavam simplesmente aproveitar o abrigo oferecido pelas árvores em torno do gramado para se aliviar, em vez de irem até os reservados lotados e fedorentos. Sair da mata corada e ofegante, com folhas nos cabelos e manchas de seiva na saia, no entanto, geraria muitos comentários feitos por trás dos leques.

Havia algumas folhas e uma casca vazia de cigarra presa na minha saia, uma excrescência fantasmagórica que eu joguei fora com um arrepio de nojo. Havia pétalas de corniso no meu ombro; eu as espanei e passei a mão pelos cabelos com cuidado, tirando mais algumas pétalas, que flutuaram para longe como pedacinhos fragrantes de papel.

Quando saí de baixo das árvores, pensei em conferir a parte de trás da minha saia à procura de manchas ou pedaços de casca, e estava virando o pescoço para olhar para trás quando trombei com Phillip Wylie.

– Sra. Fraser!

Ele me segurou pelos ombros para impedir que eu caísse para trás.

– Está bem, minha cara?

– Sim, com certeza.

Minhas faces estavam muito vermelhas a essa altura, e eu dei um passo para trás, ajeitando-me de novo. Por que eu não parava de esbarrar em Phillip Wylie? Aquele parasita estava me seguindo?

– Peço desculpas.

– Bobagem, bobagem – disse ele cordialmente. – A culpa foi inteiramente minha. Sou muito atrapalhado. Posso pegar alguma coisa para melhorar seu ânimo, minha cara? Um copo de sidra? Vinho? Ponche de rum? Um licor? Destilado de maçã? Ou... não, brandy. Sim, permita-me trazer um pouco de brandy para que se recupere do choque!

– Não, nada, obrigada!

Eu não pude deixar de rir dos absurdos dele, e ele sorriu de volta, obviamente achando que era muito esperto.

– Bem, se está recuperada, então, minha senhora, tem que vir comigo. Insisto.

Ele colocou minha mão na dobra do seu braço e começou a me conduzir, determinado, em direção ao estábulo, apesar dos meus protestos.

– Não vai demorar nada – garantiu ele. – Passei o dia todo ansioso para lhe mostrar minha surpresa. Você vai ficar completamente encantada, dou a minha palavra!

Eu me rendi sem entusiasmo. Parecia mais fácil ir ver os malditos cavalos de novo do que discutir com ele – e havia muito tempo para conversar com Jocasta antes do casamento, de qualquer modo. Dessa vez, porém, contornamos o cercado onde Lucas e seus companheiros estavam se sujeitando obedientemente a serem inspecionados por dois senhores ousados que tinham escalado a cerca para ver melhor.

– Esse garanhão tem mesmo um ótimo temperamento – falei com aprovação, comparando mentalmente o jeito calmo de Lucas com a personalidade irascível de Gideon.

Jamie ainda não tivera tempo de castrar o cavalo, que conseqüentemente tinha mordido quase todo mundo, pessoas e cavalos, no caminho até River Run.

– É uma característica da raça – respondeu Wylie, abrindo a porta que levava ao estábulo principal. – São cavalos muito mansos, apesar de esse

temperamento dócil não comprometer a sua vivacidade, eu garanto. Por aqui, sra. Fraser.

Em contraste com o dia claro do lado de fora, estava escuro feito breu dentro do estábulo; tão escuro, que tropecei em um tijolo solto no chão, e Wylie segurou meu braço quando me projetei para a frente com um grito assustado.

– Está bem, sra. Fraser? – perguntou ele, colocando-me de pé de novo.

– Sim – respondi, um pouco sem fôlego.

Na verdade, eu tinha dado uma topada com o dedão do pé e virado o tornozelo; meus sapatos novos de salto marroquino eram lindos, mas eu ainda não estava acostumada com eles.

– Deixe-me ficar parada por um momento até os meus olhos se ajustarem.

Ele deixou, mas não soltou meu braço. Em vez disso, colocou minha mão na dobra de seu braço e a segurou ali, para me dar mais suporte.

– Recoste-se em mim – disse ele, simplesmente.

Eu me recostei e ficamos em silêncio por um momento, eu com meu pé machucado levantado feito uma garça, esperando que meus dedos parassem de latejar. Pela primeira vez, o sr. Wylie parecia não estar disposto a gracinhas; talvez por causa da atmosfera tranquila.

Estábulos, de modo geral, são tranquilos, os cavalos e as pessoas que cuidam deles costumam ser criaturas amáveis. Mas aquele tinha um ar especial, ao mesmo tempo calmo e vibrante. Eu podia ouvir pequenos estalos e farfalhares, e o som satisfeito de um cavalo mastigando feno.

Tão perto de Phillip Wylie, eu sentia seu perfume, mas mesmo o aroma sofisticado de bergamota e almíscar era dominado pelos odores do estábulo, que cheirava a palha fresca e grãos, tijolos e madeira, mas também havia um tênue odor de coisas mais elementares – esterco, sangue e leite; os elementos básicos da maternidade.

– Está parecendo um útero aqui dentro, não acha? – perguntei baixinho.

– Quero dizer, muito quente e escuro. Quase consigo sentir as batidas do coração.

Wylie riu baixinho.

– São minhas – disse ele.

Levou a mão brevemente ao colete, uma sombra escura contra o cetim pálido.

Meus olhos se adaptaram depressa ao escuro, mas mesmo assim o lugar estava muito mal iluminado. A sombra ágil de um gato passou por nós, fazendo com que eu me desequilibrasse e baixasse o pé machucado. O pé ainda não aguentava todo o meu peso, mas eu consegui pelo menos apoiá-lo no chão.

– Pode ficar de pé sozinha por um momento? – perguntou Wylie.

Sem esperar pela minha resposta, ele se afastou e foi acender uma lamparina que estava em um banco próximo. Ouvi o ruído de ferro e pederneira e então o fogo pegou e um tênue globo de luz amarela apareceu ao nosso lado. Tomando meu braço novamente com a mão livre, ele me levou em direção aos fundos do estábulo.

Eles estavam em uma baia no fundo. Phillip levantou a lamparina, virando-se para sorrir para mim. A luz iluminou a pelagem, que brilhou e ondulou como água negra, e os grandes olhos castanhos da égua quando ela se virou para nós.

– Ah – falei suavemente –, que linda. – E então, um pouco mais alto: – Ah!

A égua havia se movido um pouco, e seu filhote espiou por trás das pernas da mãe. Tinha patas compridas e joelhos grandes, e a anca pequena e os ombros fortes lembravam a perfeição muscular da mãe. Tinha os mesmos olhos grandes e gentis, protegidos por cílios compridos – mas em vez da pelagem preta e reluzente, o pelo dela era castanho-avermelhado e macio como o de um coelho, com um pequeno penacho como cauda.

A crina da égua tinha a mesma profusão gloriosa da crina dos frísios que eu tinha observado no cercado do lado de fora; o filhote tinha uma pequena crista de pelos duros, com cerca de 2,5 centímetros, eriçados como as cerdas de uma escova de dentes.

O filhote piscou uma vez, deslumbrado com a luz, e em seguida se abaixou depressa atrás do corpo da mãe para se proteger. Um momento depois, um focinho pequeno surgiu, com as narinas se abrindo. Um olho grande apareceu em seguida, piscou – e o focinho desapareceu, reaparecendo quase instantaneamente, um pouco mais longe, dessa vez.

– Ah, sua pequena sedutora! – falei, encantada.

Wylie riu.

– Ela é, mesmo – disse ele, com a voz cheia do orgulho de propriedade. – Não são magníficas?

– Sim, são – respondi, pensativa. – São mesmo. Mas não sei se é exatamente isso. “Magnífico” parece algo que se diria sobre um garanhão, um cavalo de batalha ou algo assim. Esses cavalos são... bem, eles são *meigos!*

Wylie riu de um jeito divertido.

– Meigos? – perguntou ele. – *Meigos?*

– Bem, você sabe – falei, rindo. – Charmosos. Mansos. Adoráveis.

– Todas essas coisas – disse ele, virando-se para mim. – E lindos também.

Ele não estava olhando para os cavalos, mas para mim, com um sorriso discreto.

– Sim – falei, com uma tênue e obscura sensação de incômodo. – Sim, eles são lindos.

Ele estava muito perto. Dei um passo para o lado e me virei, com o pretexto de olhar para os cavalos de novo. O filhote estava esfregando o focinho no úbere inchado da égua, agitando a cauda com entusiasmo.

– Como se chamam? – perguntei.

Wylie se aproximou da barra da baia de modo casual, mas de maneira a fazer com que seu braço resvalasse na minha manga quando esticou a mão para pendurar a lamparina em um gancho na parede.

– O nome da égua é Tessa – disse ele. – A senhora viu o garanhão, Lucas. Quanto ao filhote... – Ele pegou minha mão e a ergueu, sorrindo. – Pensei em chamá-la de La Belle Claire.

Não me movi por um segundo, totalmente incrédula diante da expressão clara no rosto de Phillip Wylie.

– O quê? – falei, sem entender.

Certamente eu estava enganada, pensei. Tentei puxar a mão, mas hesitei um segundo e os dedos dele apertaram os meus. Ele, por certo, não pretendia...

Pretendia.

– Chamosa – disse ele baixinho, e se aproximou. – Doce, adorável. E... linda.

Ele me beijou. Fiquei tão chocada que não consegui me mover por um momento. Seus lábios eram macios, e o beijo foi breve e contido. Mas isso não importava; o que importava era o fato de ele ter feito aquilo.

– Sr. Wylie! – exclamei, e dei um passo para trás, mas fui contida pela barra.

– Sra. Fraser – disse ele baixinho, e deu um passo para a frente. – Minha cara.

– Eu *não* sou sua... – comecei, e ele me beijou de novo.

Sem a menor sombra de castidade. Ainda chocada, mas não mais atordoada, eu o empurrei com força. Ele se desequilibrou e soltou a minha mão, mas se recuperou no mesmo instante, segurando-me pelo braço e passando a outra mão por trás de meu corpo.

– Sedutora – disse ele, aproximando o rosto do meu.

Eu dei um chute nele. Infelizmente, eu o chutei com o pé machucado, o que fez com que o golpe perdesse a força, e ele o ignorou.

Comecei a me debater, a sensação de atônita incredulidade desaparecendo quando me dei conta de que o rapaz tinha a mão apoiada com firmeza nas minhas costas. Ao mesmo tempo, eu sabia que havia muitas pessoas no entorno do estábulo; a última coisa que queria era chamar atenção.

– Pare com isso! – sibilei. – Pare já com isso!

– Você me deixa louco – disse ele, pressionando-me contra o peito e tentando enfiar a língua na minha orelha.

Eu achava que ele estava louco, mas me recusava terminantemente a aceitar qualquer responsabilidade por essa condição. Afastei-me o máximo que consegui – não muito, já que a grade da baia estava às minhas costas – e me esforcei para empurrá-lo. Já quase recuperada do choque, eu estava pensando com surpreendente clareza. Não ia conseguir dar um chute no saco dele; ele havia enfiado uma das pernas entre as minhas, prendendo minha saia. Mas se eu conseguisse levar a mão ao pescoço dele e pressionasse suas carótidas, ele cairia duro como uma pedra.

Consegui levar as mãos ao pescoço dele, mas a porcaria da gola estava no

caminho. Meus dedos lutavam contra ela, mas ele desviou para o lado, segurando a minha mão.

– Por favor – disse ele. – Eu quero...

– Não dou a mínima para o que *você quer!* – protestei. – Quero que me solte agora mesmo, seu... seu... – Eu procurei uma ofensa adequada. – Seu... *frangote!*

Para minha surpresa, ele parou. O rosto dele não podia ficar pálido, pois já estava coberto de pó de arroz – eu podia sentir o gosto nos lábios –, mas sua boca ficou paralisada e sua expressão era de... mágoa.

– É o que pensa de mim? – perguntou ele baixinho.

– É, pode apostar que é! – falei. – O que mais poderia pensar? Você perdeu o juízo, para se comportar desse jeito... desse modo lamentável! Qual é o seu problema?

– Lamentável?

Ele pareceu bastante surpreso ao ver seus avanços descritos daquela maneira.

– Mas eu... ou melhor, você... Eu pensei que você estivesse... quero dizer, que não se opusesse...

– Não pode ser – falei, decidida. – Não pode ter pensado nada desse tipo. Nunca lhe dei o *menor* motivo para pensar algo assim!

Não tinha feito isso... não intencionalmente. Mas me ocorreu a ideia incômoda de que talvez minhas percepções a respeito do meu próprio comportamento não fossem exatamente as mesmas que as dele.

– Ah, não?

O rosto dele estava mudando, sendo tomado pela raiva.

– Pois eu discordo, senhora!

Eu dissera a ele que tinha idade para ser sua mãe. Nunca, nem por um momento, me ocorreu que ele poderia não ter acreditado nisso.

– Sedutora – disse ele de novo, mas com um tom diferente do da primeira vez. – Nenhum motivo? Você me deu todos os motivos desde a primeira vez que nos vimos.

– O quê? – Subi o tom de voz, incrédula. – Nunca fiz nada além de conversar civilizadamente com você. Se para você isso é sedução, meu rapaz, então...

– Não me chame assim!

Ah, então ele *tinha* notado que havia uma diferença de idade. Simplesmente não havia notado quão grande ela era, pensei. Percebi, com certa apreensão, que no nível social de Phillip, a maioria dos flertes se dava sob o disfarce da brincadeira. O que, em nome de Deus, eu tinha dito a ele?

Eu me lembrava vagamente de ter discutido a Lei do Selo com ele e com seu amigo Stanhope. Sim, impostos, e, eu pensei, cavalos – mas certamente isso não poderia ter sido o suficiente para alimentar suas interpretações equivocadas.

– *Os teus olhos são como as piscinas de Hesbom* – disse ele com a voz baixa e amarga. – Não se lembra da noite em que eu disse isso a você? Os Cânticos de Salomão são apenas “conversa civilizada”, na sua opinião?

– Meu Deus!

Contra a minha vontade, eu estava começando a me sentir meio culpada. Nós *tínhamos* dito coisas desse tipo, na festa de Jocasta, dois ou três anos antes. E ele se lembrava? Os Cânticos de Salomão eram razoavelmente arrebatadores; talvez a simples referência... Então afastei esse pensamento e me endireitei.

– Bobagem – declarei. – Você estava me provocando, e eu só respondi à altura. Agora eu realmente preciso...

– Você veio até aqui comigo hoje. Sozinha.

Ele deu mais um passo na minha direção, com os olhos determinados. O janota cretino estava se convencendo de novo daquilo!

– Sr. Wylie – falei com firmeza, deslizando para o lado. – Sinto muitíssimo se por acaso entendeu a situação de maneira equivocada, mas sou muito bem casada e não tenho nenhum interesse romântico no senhor. E agora, se me dá licença...

Eu me abaixei para escapar dele e corri para fora do estábulo, o mais depressa que meus sapatos permitiram. Ele não fez nenhum esforço para me seguir, e eu cheguei do lado de fora sem problema, com o coração acelerado.

Havia pessoas perto do cercado dos cavalos. Eu me virei na outra direção, dando a volta nos fundos do estábulo antes que alguém me visse. Uma vez longe da vista das pessoas, fiz uma análise rápida, conferindo minha aparência. Não sabia se alguém tinha me visto entrar no estábulo

com Wylie, mas torcia para que ninguém tivesse visto minha saída apressada.

Apenas uma mecha de cabelo tinha se soltado em virtude dos últimos contratemplos; eu a preendi de volta com cuidado e bati os restos de palha das minhas saias. Felizmente, ele não havia rasgado minhas roupas; ajeitei o lenço e estava decente de novo.

– Você está bem, Sassenach?

Dei um pulo de susto, assim como meu coração. Eu me virei, a adrenalina atravessando meu peito como uma corrente elétrica, e vi Jamie de pé ao meu lado, franzindo o cenho enquanto me observava.

– O que andou fazendo, Sassenach?

Meu coração ainda estava na boca, me engasgando, mas me forcei a dizer o que esperava que fossem algumas palavras casuais.

– Nada. Quer dizer, estava vendo os cavalos... o cavalo. A égua. Ela deu à luz.

– Sim, eu sei – disse ele, olhando para mim de um jeito estranho.

– Você encontrou Ninian? O que ele tinha a dizer?

Levei a mão à nuca, arrumando meus cabelos e aproveitando a oportunidade para me virar um pouco e evitar seu olhar.

– Ele disse que é verdade, apesar de eu não ter duvidado. Há mais de mil homens acampados perto de Salisbury. E mais se juntam a eles a cada dia, segundo ele. O velho maldito está satisfeito!

Ele franziu o cenho, tamborilando os dois dedos rígidos da mão direita levemente contra a perna, e eu notei que ele estava preocupado.

Não sem motivo. Deixando de lado a ameaça de conflito em si, era primavera. Só o fato de River Run ficar em um piemonte havia permitido que fôssemos ao casamento de Jocasta. Ali embaixo a mata estava tomada por flores, e açafrões brotavam da terra como dentes de dragão cor de laranja e vermelhos, mas as montanhas ainda estavam cobertas de neve, os galhos das árvores exibindo botões inchados. Em cerca de duas semanas, esses botões iam se abrir e estaria na hora do plantio da primavera na Cordilheira dos Frasers.

Sim, Jamie havia se preparado para essa emergência contratando o velho Arch Bug, mas Arch não conseguia fazer tudo sozinho. E quanto aos

arrendatários e colonos... se a milícia fosse convocada de novo, as mulheres teriam que fazer o plantio sozinhas.

– Os homens nesse acampamento... eles deixaram suas terras, então?

Também ficavam no declive entre a montanha e a planície. Era impensável que agricultores deixassem suas terras naquela época do ano para protestar contra o governo, por mais irritados que estivessem.

– Deixaram ou as perderam – disse ele secamente.

Ele franziu o cenho ainda mais ao olhar para mim.

– Conversou com a minha tia?

– Ah... não – respondi, sentindo-me culpada. – Ainda não. Eu estava indo... ah, você disse que havia outro problema. O que mais aconteceu?

Ele emitiu um som como o de uma chaleira fervendo, o que, em se tratando dele, indicava uma rara impaciência.

– Cristo, eu quase me esqueci dela. Uma das escravas foi envenenada, acho.

– O quê? Quem? Como?

Tirei as mãos dos cabelos ao olhar para ele.

– Por que não me contou?

– *Estou contando*, não estou? Não se preocupe, ela não corre perigo. Só está bêbada feito um gambá. – Ele remexeu os ombros com irritação. – O único problema é que talvez não fosse ela o verdadeiro alvo do envenenamento. Mandeí Roger Mac e Brianna checarem, e eles ainda não voltaram para dizer se alguém morreu, então talvez não tenha sido isso.

– *Talvez* não?

Cociei a ponte do nariz, distraída das minhas preocupações por esse novo acontecimento.

– Posso lhe garantir que o álcool é venenoso, não que alguém pareça se dar conta disso, mas existe uma diferença entre estar bêbado e ter sido envenenado de propósito. O que você quer dizer...

– Sassenach – ele me interrompeu.

– O que foi?

– O que em nome de Deus você estava fazendo? – perguntou ele.

Olhei para ele desnorteada. Seu rosto tinha ficado cada vez mais vermelho enquanto conversávamos, apesar de eu ter pensado que fosse

apenas por causa da frustração e da preocupação com Ninian e com os reguladores. Percebi, notando um ameaçador clarão azul em seus olhos, que havia algo muito mais pessoal em sua atitude. Inclinei a cabeça para um lado, olhando para ele com cautela.

– O que quer dizer com o que eu estava fazendo?

Ele contraiu os lábios e não respondeu. Em vez disso, estendeu o dedo e o encostou, muito delicadamente, no canto da minha boca. Em seguida virou a mão e me mostrou um objeto escuro pequeno pendurado na ponta de seu dedo – a marca preta em forma de estrela de Phillip Wylie.

– Ah. – Ouvi um zumbido distinto nos meus ouvidos. – Isso. Bem...

Eu me senti zozza, e pontinhos pretos, no formato de estrelas, dançaram diante dos meus olhos.

– Sim, isso – disse ele com irritação. – Por Deus, mulher! Estou atormentado até o último fio de cabelo com os disparates de Duncan e com as armações de Ninian... e por que não me disse que ele brigou com Barlow?

– Eu não descreveria aquilo como uma briga – falei, tentando recuperar a calma. – Além disso, o major MacDonald pôs fim àquilo, já que *you* estava desaparecido. E, se quer saber das coisas, o major quer...

– Eu sei o que ele quer. – Ele dispensou o major com um movimento da mão. – Sim, eu estou atolado até o pescoço em majores e reguladores e criadas embriagadas, enquanto *you* está no estábulo, se engraçando com aquele janota!

Senti o sangue subir à minha cabeça e cerrei os punhos para controlar minha vontade de dar um tapa nele.

– Eu não estava me *engraçando* coisa nenhuma, você sabe muito bem disso! Aquele imbecil tentou me agarrar, só isso.

– Agarrar? Fazer amor com você, é o que quer dizer? Sim, estou vendo!

– Ele não fez nada disso!

– Ah, não? Então você pediu a ele para ficar com essa coisa para ter sorte?

Ele balançou no meu nariz o dedo com a marca preta e eu dei um tapa nele, lembrando-me, tarde demais, de que naquela época “fazer amor” significava apenas flertar, não fornicar.

– *Quero dizer* – falei por entre os dentes – que ele me beijou.

Provavelmente de brincadeira, já que tenho idade para ser mãe dele, pelo amor de Deus!

– Está mais para avó – disse ele com brutalidade. – Beijou você, além de tudo... por que diabos o incentivou, Sassenach?

Fiquei boquiaberta diante daquela afronta – ofendida tanto por ter sido chamada de avó de Phillip Wylie quanto por ser acusada de tê-lo incentivado.

– Incentivei? Como assim, seu idiota? Você sabe perfeitamente bem que eu não o incentivei!

– A sua própria filha viu você entrar lá com ele! Não tem vergonha? Com todas as coisas com as quais estamos lidando aqui, vou ser forçado a desafiar esse homem para um duelo também?

Senti uma leve apreensão ao pensar em Brianna, e uma apreensão ainda maior ao pensar em Jamie desafiando Wylie para um duelo. Ele não estava com a espada naquele momento, mas a trouxera consigo. Afastei os dois pensamentos.

– A *minha* filha não é uma tola nem uma fofqueira maldosa – falei com grande dignidade. – Ela não pensaria que havia nada de mais ao me ver indo olhar um cavalo, e por que deveria pensar? Por que alguém pensaria, para dizer a verdade?

Ele soltou o ar por entre os lábios contraídos e olhou para mim, furioso.

– Por que será? Talvez porque todo mundo viu você flertar com ele no gramado? Porque o viram seguindo você como um cachorro atrás de uma cadela no cio?

Ele deve ter percebido minha expressão se alterar perigosamente ao dizer disso, pois deu uma tossidela brevemente antes de continuar.

– Mais de uma pessoa achou que deveria comentar comigo. Você acha que eu gosto de ser motivo de piada, Sassenach?

– Você... você...

A fúria me fez engasgar. Tive vontade de bater nele, mas vi as pessoas se virando na nossa direção, interessadas.

– Cadela no cio? Como ousa dizer algo assim para mim, seu filho da mãe maldito?

Ele teve a decência de parecer envergonhado, apesar de ainda estar irado.

– Sim, bem... eu não devia ter dito isso. Não quis... mas você foi com ele, Sassenach. Como se eu já não tivesse o suficiente com que lidar, a minha própria esposa... e se tivesse ido conversar com a minha tia, como eu pedi, nada disso teria acontecido, para começo de conversa. Veja o que você fez!

Eu havia mudado de ideia a respeito de um duelo. Queria que Jamie e Phillip Wylie matassem um ao outro, de imediato, publicamente e com o maior derramamento de sangue possível. Eu também não me importava com quem estivesse olhando. Fiz um grande esforço para castrá-lo com as minhas próprias mãos, e ele segurou meus punhos, puxando-os com força para cima.

– Cristo! As pessoas estão olhando, Sassenach!

– Eu... não... dou... a mínima! – sibilei, lutando para me desvencilhar dele. – Me solte, e eu vou dar a eles algo interessante para ver!

Não tirei os olhos do rosto dele, mas estava ciente de que havia vários outros rostos voltados para nós entre a multidão no gramado. Ele também. Ele franziu o cenho por um momento, e então seu rosto ficou determinado.

– Tudo bem então – disse ele. – Vamos deixar que eles observem.

Ele envolveu meu corpo com seus braços, me pressionou com força contra seu corpo e me beijou. Sem conseguir me soltar, eu parei de lutar e fiquei rígida e furiosa. Podia ouvir risadas e gritos de incentivo. Ninian Hamilton gritou algo em gaélico que eu fiquei feliz por não entender.

Finalmente, ele afastou os lábios dos meus, ainda me segurando com força contra seu corpo, e inclinou a cabeça para baixo, bem devagar, a bochecha fria encostada firmemente contra a minha. Seu corpo também estava firme, mas nem um pouco frio. Seu calor atravessava pelo menos seis camadas de roupa para chegar à minha pele: camisa, colete, casaco, vestido, combinação e corpete. Quer estivesse irado, excitado ou ambas as coisas, ele queimava como uma fornalha.

– Sinto muito – disse ele baixinho, a respiração quente soprando em meu ouvido. – Não quis insultar você. De verdade. Devo matá-lo e depois me matar?

Relaxe um pouco. Meu quadril estava pressionado contra ele e, com apenas cinco camadas de tecido entre nós naquele ponto, o efeito era tranquilizador.

– Talvez ainda não – falei.

Eu me sentia levemente zozza com a onda de adrenalina e respirei fundo para me acalmar. Então me afastei um pouco, retraindo-me por causa do fedor que as roupas dele exalavam. Se eu não estivesse tão transtornada, teria percebido imediatamente que ele era a fonte do cheiro horrível que eu estava sentindo.

– O que diabos você esteve fazendo? – Cheirei a frente do casaco dele, franzindo o cenho. – Está com um cheiro horrível! Parece...

– Esterco – disse ele, parecendo resignado. – Sim, eu sei.

Seus braços relaxaram.

– Sim, esterco – falei, cheirando mais. – E ponche de rum...

Ele não estava bebendo ponche, no entanto; eu não tinha sentido o gosto de nada além de brandy quando ele me beijou.

– E alguma coisa horrível, como suor e...

– Nabos cozidos – disse ele, parecendo mais resignado. – Sim, foi a criada sobre a qual lhe falei, Sassenach. O nome dela é Betty.

Ele pousou a minha mão na dobra de seu braço e, curvando-se em agradecimento para a multidão – todos aplaudindo, malditos fossem –, virou-se na direção da casa.

– Seria bom se conseguíssemos tirar algo sensato dela – disse ele, olhando para o sol, que estava no meio do céu sobre os salgueiros às margens do rio. – Mas está ficando tarde; acho que talvez seja melhor você subir e conversar com a minha tia primeiro, se quisermos que haja um casamento às 4 horas.

Respirei fundo, tentando me acalmar. Diversas emoções não expressadas ainda me tomavam por dentro, mas havia muito trabalho a fazer.

– Tudo bem. – falei. – Vou falar com Jocasta e em seguida vou ver Betty. Quanto a Phillip Wylie...

– Quanto a Phillip Wylie – interrompeu ele –, não pense mais nele, Sassenach.

Vi um brilho decidido surgir em seus olhos.

– Vou cuidar dele mais tarde.

PARTES ÍNTIMAS

Deixei Jamie no salão, subi a escada e atravessei o corredor em direção ao quarto de Jocasta, assentindo distraidamente para amigos e conhecidos que encontrei pelo caminho. Eu estava desconcertada, irritada... e, ao mesmo tempo, divertindo-me relutantemente. Eu não passava tanto tempo pensando sobre um pênis desde os meus 16 anos, e lá estava eu, preocupada com três deles.

Sozinha no corredor, abri o leque, olhando pensativa no minúsculo espelho redondo que fazia as vezes de lago na cena pastoral pintada nele. Recurso que tinha o intuito mais de confundir do que de servir para alguém se arrumar, o espelho me mostrava não mais do que alguns centímetros do meu rosto por vez – um olho e sua sobrancelha arqueada me observava zombeteiramente.

Era um olho bem bonito, admiti. Havia marcas de expressão ao redor dele, era verdade, mas tinha um bom formato, uma pálpebra graciosa e cílios compridos e curvados cuja cor escura combinava com a pupila negra e contrastava de modo muito bonito com o tom de mel da íris.

Afastei um pouco o leque para ver minha boca. Lábios grossos, ainda mais grossos do que o normal no momento, rosados e úmidos. Os lábios davam a impressão de que alguém os havia beijado com intensidade. E também davam a impressão de ter gostado.

– Hum! – falei, fechando o leque.

Com o sangue não mais fervendo, pude admitir que Jamie talvez estivesse certo a respeito da tentativa de Phillip Wylie de se aproximar de mim de maneira questionável. Talvez estivesse enganado. Mas quaisquer que fossem as intenções ocultas do jovem, eu de fato tive provas incontestáveis

de que ele me considerava fisicamente atraente, sendo ou não avó. Achei melhor não dizer isso a Jamie, no entanto; Phillip Wylie era um jovem muito irritante, mas depois de uma reflexão mais fria, eu havia decidido que não queria vê-lo caído no gramado com as tripas para fora.

Ainda assim, a maturidade de fato alterava a perspectiva, de certo modo. Apesar de todas as implicações pessoais de cada um daqueles membros masculinos excitados, era o flácido que mais me interessava no momento. Meus dedos coçavam para tocar as partes íntimas de Duncan Innes – no sentido figurado, pelo menos.

Não havia tantos tipos de trauma, exceto a castração, que causassem impotência física. Como a cirurgia naquela época ainda era uma técnica arcaica, eu acreditava que fosse possível que o médico que cuidou do ferimento original – se é que um médico tinha cuidado – tivesse simplesmente removido os dois testículos. Se fosse o caso, no entanto, Duncan não teria dito?

Bem, talvez não. Duncan era um homem profundamente tímido e recatado, e mesmo uma personalidade mais extrovertida poderia ter hesitado em revelar um infortúnio daquela dimensão, mesmo que fosse para um amigo íntimo. Teria ele sido capaz de esconder uma lesão como aquela dentro de uma prisão, no entanto? Tamborilei os dedos na madeira da porta de Jocasta, pensando.

Certamente era possível que os homens passassem anos sem tomar banho. Eu já tinha visto alguns obviamente nessa situação. Por outro lado, os prisioneiros de Ardsmuir tinham sido forçados a trabalhar ao ar livre, cortando turfa e carregando pedras; teriam tido acesso regular à água corrente e presume-se que tivessem pelo menos se lavado periodicamente, ainda que apenas para se livrar da coceira. Mas eu achava que era possível para um homem se lavar sem tirar toda a roupa.

Suspeitei que Duncan ainda estivesse mais ou menos intacto. Era muito mais provável, pensei, que a impotência dele fosse de origem psicológica: ter os testículos feridos com gravidade ou esmagados por certo faria qualquer homem vacilar, afinal, e uma experiência inicial poderia ter facilmente convencido Duncan de que tudo estava terminado para ele.

Parei antes de bater, mas não por muito tempo. Eu já tinha experiência

em dar más notícias às pessoas, e se havia uma coisa que a experiência tinha me ensinado era que não havia motivos para se preparar nem para se preocupar com o que dizer. A eloquência não ajudava, e a sinceridade não era impedimento para a solidariedade.

Bati de uma vez à porta e entrei quando Jocasta respondeu.

O padre LeClerc estava presente, sentado a uma pequena mesa no canto, comendo uma grande variedade de petiscos. Duas garrafas de vinho – uma vazia – também estavam sobre a mesa, e o padre olhou para mim com um sorriso amplo que parecia dar a volta em seu rosto e se amarrar atrás das orelhas.

– *Tally-ho*, madame! – disse ele animadamente, e ergueu uma coxa de peru na minha direção em cumprimento. – *Tally-ho*, *Tally-ho*!

Bonjour parecia quase uma repreensão em comparação, então me contentei com uma reverência e um breve “Olá!” em resposta.

Estava claro que não haveria como tirar o padre dali, e não havia para onde levar Jocasta, já que Phaedre estava no quarto de vestir fazendo um grande alvoroço com um par de escovas de roupas. Mas, considerando a limitação do inglês do padre LeClerc, eu acreditava que não seria necessária privacidade total.

Toquei o cotovelo de Jocasta e murmurei discretamente que talvez devêssemos nos sentar perto da janela, pois eu tinha algo importante para discutir com ela. Jocasta pareceu surpresa, mas assentiu e, pedindo licença ao padre LeClerc – que não notou, pois estava ocupado comendo –, sentou-se ao meu lado.

– Sim, sobrinha? – disse ela, ajeitando as saias sobre as pernas. – O que foi?

– Bem – falei, respirando fundo. – Tem a ver com Duncan. A senhora sabe...

E ela soube. Pude ver a perplexidade em seu rosto quando comecei a falar, mas percebi uma sensação crescente de algo mais em sua atitude enquanto ouvia... quase alívio, pensei, surpresa.

Ela contraiu os lábios, concentrada, com os olhos cegos e azuis fixos à maneira perturbadora de sempre em um ponto acima de meu ombro direito. Havia preocupação na forma como reagiu, mas não uma grande aflição. Sua

expressão estava se alterando, na verdade, mudando de surpresa para a aparência de alguém que de repente encontra uma explicação para uma circunstância antes preocupante – e se sente aliviado e satisfeito com a descoberta.

Eu me lembrei de que ela e Duncan *estavam* morando sob o mesmo teto havia mais de um ano, e estavam noivos havia meses. A atitude de Duncan em relação a ela em público sempre fora respeitosa – até cerimoniosa – e cuidadosa, mas ele não fazia demonstrações físicas de afeto nem de posse em relação a ela. Isso não era nem um pouco incomum para a época; apesar de alguns homens serem carinhosos com a esposa, outros não eram. Mas talvez ele também não fizesse tais demonstrações quando estavam a sós, e ela as esperasse.

Ela tinha sido bela, ainda era bonita, e estava acostumada com a admiração dos homens; cega ou não, eu já a vira flertar com habilidade com Andrew MacNeill, Ninian Bell Hamilton, Richard Caswell – até mesmo com Farquard Campbell. Talvez ela tivesse ficado surpresa, e até meio frustrada, por não despertar nenhum interesse físico aparente em Duncan.

Agora que ela sabia o porquê, no entanto, respirou fundo, balançando a cabeça lentamente.

– Meu Deus, pobre homem – disse ela. – Sofrer algo assim, e depois de superar a questão, ter que lidar com ela de novo. Minha nossa, por que o passado não pode nos deixar em paz mesmo depois de termos feito as pazes com ele?

Ela olhou para baixo, piscando, e fiquei surpresa e tocada ao ver que seus olhos estavam marejados.

De repente, uma grande presença surgiu atrás dela, e quando olhei para cima, vi o padre LeClerc perto de nós, como uma nuvem negra solidária com seu hábito preto.

– Algum problema? – perguntou ele em francês. – Monsieur Duncan sofreu algum acidente?

Jocasta não falava nada em francês além de *Comment allez-vous?*, mas claramente conseguira entender o tom das perguntas e também identificara o nome de Duncan.

– Não conte a ele – disse ela com certa urgência, pousando a mão em

meu joelho.

– Não, não – garanti a ela.

Olhei para o padre, balançando os dedos para indicar que não havia nada com que se preocupar.

– *Non, non* – disse a ele. – *C'est rien*. Não é nada.

Ele franziu o cenho para mim, incerto, e então, olhou para Jocasta.

– Uma dificuldade com as núpcias, não? – perguntou ele diretamente, em francês.

Meu rosto provavelmente não tinha conseguido disfarçar minha consternação, pois ele fez um gesto discreto indicando as partes baixas, na frente do hábito.

– Ouvi a palavra “escroto”, madame, e imagino que não estejam falando de animais.

Percebi – um pouco tarde demais – que, apesar de o padre LeClerc não falar inglês, certamente falava latim.

– *Merde* – falei baixinho, fazendo com que Jocasta, que havia olhado para cima ao ouvir a palavra “escroto”, se virasse para mim.

Dei um tapinha em sua mão para tranquilizá-la, tentando decidir o que fazer. O padre LeClerc olhava para nós com curiosidade, mas também com grande bondade em seus olhos castanhos.

– Receio que ele tenha entendido o teor geral da conversa – falei de modo a me desculpar com Jocasta. – Acho que talvez seja melhor eu explicar.

Ela mordeu o lábio inferior, mas não disse nada, e eu expliquei a questão em francês do modo mais breve que pude. O padre ergueu as sobrancelhas e pegou automaticamente o rosário de madeira que estava pendurado em seu cinto.

– *Oui, merde, madame* – disse ele. – *Quelle tragédie*.

Ele se benzeu depressa com o crucifixo, em seguida, sem o mais leve constrangimento, limpou a gordura da barba na manga e se sentou ao lado de Jocasta.

– Por favor, pergunte a ela, madame, o que pretende fazer em relação ao assunto – pediu ele. O tom era educado, mas impositivo.

– O que pretende fazer? – repeti.

– *Oui*. Ela ainda deseja se casar com monsieur Duncan depois de saber disso? Pois, veja, madame, pelas leis da Santa Madre Igreja, tal impedimento à consumação é um obstáculo ao verdadeiro casamento. Eu posso não celebrar o sacramento do matrimônio sabendo disso. No entanto...

Ele hesitou, contraindo os lábios de modo pensativo ao olhar para Jocasta.

– No entanto, o propósito dessa determinação é que o casamento seja uma união frutífera, se Deus assim o quiser. Neste caso específico, tal vontade de Deus não está em questão. Então, veja bem...

Ele deu de ombros erguendo só um deles, como faziam os gauleses.

Traduzi essa pergunta para Jocasta, que estava olhando com os olhos semicerrados para o padre, como se pudesse entender o que ele estava dizendo por mera força de vontade. Quando terminei de explicar, seu rosto ficou inexpressivo, e ela se recostou um pouco. Ela havia assumido uma expressão típica dos Mackenzies; aquela característica máscara calma e impassível, que significava que, por trás dela, ela estava pensando furiosamente.

Eu estava um pouco preocupada, e não apenas por Duncan. Não havia me ocorrido que essa revelação pudesse impedir o casamento. Jamie queria proteger a tia e cuidar de Duncan. O casamento parecera a solução perfeita. Ele ficaria perturbado se as coisas desandassem tão em cima da hora.

Depois de um momento, no entanto, Jocasta se remexeu, expirando em um suspiro profundo.

– Bem, graças a Deus eu tive a sorte de conseguir um jesuíta – disse ela de modo seco. – Eles seriam capazes de convencer o papa a tirar as ceroulas, então o que é lidar com uma questão simples como ler a mente do Senhor? Sim, diga a ele que desejo me casar mesmo assim.

Transmiti isso ao padre LeClerc, que franziu o cenho levemente, analisando Jocasta com grande atenção. Sem perceber o olhar dele, ela ergueu uma das sobrancelhas, esperando pela resposta.

Ele limpou a garganta e falou, ainda olhando para ela, como se falasse comigo.

– Diga isso a ela, madame, por favor. Embora seja verdade que a procriação é a base dessa lei da Igreja, não é a única questão a ser levada em

conta. Pois o casamento, o verdadeiro casamento entre um homem e uma mulher, essa... união da carne é importante por si só. A linguagem do rito diz que os dois devem se tornar uma só carne, e há um motivo para isso. Muita coisa acontece entre duas pessoas que dividem uma cama e têm prazer um com o outro. Isso não é tudo que o casamento é, mas é uma parte importante, realmente.

Ele falou com grande seriedade, e eu devo ter parecido surpresa, pois ele abriu um leve sorriso, olhando diretamente para mim.

– Nem sempre fui padre, madame – explicou ele. – Já fui casado. Sei como é, assim como sei como é deixar de lado para sempre essa parte... carnal... da vida.

As contas de madeira de seu rosário resvalaram umas nas outras, fazendo um ruído suave, quando ele se moveu.

Eu assenti, respirei fundo e traduzi diretamente como ele tinha dito. Jocasta ouviu, mas não parou para pensar dessa vez; sua decisão estava tomada.

– Diga a ele que agradeço pelo conselho – falou, com apenas uma leve alteração na voz. – Eu também já fui casada, mais de uma vez. E, com a ajuda dele, vou me casar de novo. Hoje.

Traduzi, mas ele já tinha entendido o que ela queria dizer pela postura ereta e pelo tom de voz dela. Ele se sentou por um momento, esfregando as contas entre os dedos, e em seguida assentiu.

– *Oui, madame* – disse ele.

Esticou o braço e apertou a mão dela em um gesto de incentivo.

– *Tally-ho*, madame!

SE GRASNA...

Bem, menos um problema, pensei, subindo a escada para o sótão. O próximo compromisso na lista de prioridades era a escrava Betty. Teria sido ela drogada de fato? Já fazia mais de duas horas desde que Jamie a encontrara na horta, mas eu achava que ainda poderia discernir os sintomas, se ela estivesse sido tão afetada quanto ele descrevera. Ouvi o soar abafado do relógio de pêndulo no andar de baixo. Um, dois, três. Uma hora para o casamento – ainda que ele pudesse ser facilmente adiado um pouco, se Betty exigisse mais atenção do que eu esperava.

Devido à posição indesejada dos católicos na colônia, Jocasta não ofenderia seus convidados – a maioria protestantes de algum tipo – obrigando-os a testemunhar a cerimônia papista em si. O casamento seria realizado discretamente, em seus aposentos, e em seguida o casal recém-casado desceria as escadas de braços dados, para celebrar com os amigos, e todos eles poderiam fingir, diplomaticamente, que o padre LeClerc era apenas um convidado vestido de modo excêntrico.

Quando me aproximei do sótão, fui surpreendida por um murmúrio de vozes vindo lá de cima. A porta do quarto das criadas estava entreaberta. Eu a abri e vi Ulysses lá dentro, em pé à cabeceira de uma cama estreita, braços dobrados, parecendo um anjo vingador entalhado em ébano. Obviamente, ele considerava aquele incidente lamentável um grave erro por parte de Betty. Um homem mais baixo e garboso, vestindo um casaco e uma peruca grande, se abaixou ao lado dela com um objeto na mão.

Antes que eu pudesse falar, ele pressionou o objeto contra o braço inerte da moça. Ouvi um clique baixo, e ele removeu o objeto, revelando um retângulo de sangue acumulado. As gotas brotaram, se juntaram e

começaram a escorrer pelo braço dela para dentro de uma vasilha sob seu cotovelo.

– Um escarificador – explicou o homem a Ulysses com certo orgulho ao expor o objeto. – Um grande avanço em relação a instrumentos rudimentares como lancetas. Comprei na Filadélfia!

O mordomo abaixou a cabeça de modo cortês, aceitando o convite para examinar o instrumento ou reconhecendo sua ilustre proveniência.

– Tenho certeza de que a sra. Cameron ficará muito grata por sua generosa ajuda, dr. Fentiman – disse ele.

Fentiman. Então, aquele era o médico de Cross Creek. Pigarreei e Ulysses levantou a cabeça, olhos alertas.

– Sra. Fraser – disse ele com uma leve reverência. – O dr. Fentiman estava...

– Sra. Fraser?

O dr. Fentiman se virou e estava olhando para mim com o mesmo tipo de interesse suspeito com que eu olhava para ele. Evidentemente, ele já tinha ouvido coisas a meu respeito também. A compostura triunfou, no entanto, e ele fez uma reverência levando uma das mãos ao colete de cetim.

– Ao seu dispor, senhora – disse ele, desequilibrando-se levemente quando se levantou.

Senti o cheiro de gim em seu hálito e reparei no rosto corado dele, pequenas veias dilatadas nas faces e no nariz.

– Encantada – falei, estendendo a minha mão para que ele a beijasse.

Ele pareceu surpreso, a princípio, mas então inclinou-se para a frente com um floreio exagerado. Olhei por cima de sua cabeça, tentando enxergar o máximo que pudesse à luz fraca do sótão.

Betty parecia estar morta há uma semana, a julgar pelo tom acinzentado de sua pele, mas a luz que entrava no sótão era filtrada pelo papel oleado grosso preso sobre as pequenas cumeeiras. Ulysses também parecia pálido, como carvão coberto por cinza.

O sangue no braço da escrava já tinha começado a coagular; isso era bom – apesar de eu ter estremecido ao pensar em quantas pessoas Fentiman poderia ter cortado com aquele instrumento desde que o adquirira. Sua maleta estava aberta no chão ao lado da cama, e eu não vi indícios de que

ele pensasse em limpar os instrumentos entre os usos.

– É muita generosidade da sua parte, sra. Fraser – disse o médico, endireitando-se, mas ainda segurando a minha mão, para se equilibrar, pensei. – Não precisa se preocupar, no entanto. A sra. Cameron é uma conhecida de longa data e muito querida; fico feliz em poder atender a escrava dela.

Ele sorriu de modo simpático, piscando enquanto tentava me ver com nitidez.

Eu podia ouvir a respiração da escrava, profunda e estertorosa, mas bastante regular. Eu estava ansiosa por sentir seu pulso. Inspirei profundamente, da maneira mais discreta que pude. Por trás do cheiro pungente da peruca do dr. Fentiman, que evidentemente tinha sido polvilhada com pó de urtiga e hissopo para combater os piolhos, e um cheiro forte de suor e tabaco vindo do corpo de médico, senti o cheiro metálico de sangue fresco, e o odor desagradável de sangue seco e em decomposição vindo de dentro de sua maleta. Não, Fentiman não limpava suas lâminas.

Além disso, eu podia sentir facilmente o miasma alcoólico que Jamie e Brianna tinham descrito, mas não sabia dizer quanto dele vinha de Betty e quanto vinha de Fentiman. Se havia algum vestígio de láudano na mistura, eu teria que chegar mais perto para detectar, e fazer isso depressa, antes que os óleos aromáticos voláteis desaparecessem por completo.

– É extremamente gentil de sua parte, doutor – falei, sorrindo sem sinceridade. – Tenho certeza de que a tia do meu marido ficará muito grata por seus esforços. Mas certamente um cavalheiro como o senhor deve ter tarefas muito mais importantes demandando sua atenção. Estou certa de que Ulysses e eu podemos cuidar da mulher; seus companheiros devem estar sentindo sua falta. – Principalmente aqueles que querem ganhar umas libras às suas custas nas cartas, pensei. Vão querer aproveitar a chance antes que você fique sóbrio de novo!

Para minha surpresa, o médico em nenhum momento sucumbiu à lisonja desse discurso. Soltando minha mão, sorriu para mim com tanta falsidade quanto eu demonstrara.

– Ah, não, de jeito nenhum, minha cara. Garanto que não é preciso cuidar de ninguém. Não passa de um caso de abuso, apenas isso.

Administrei um emético forte; assim que fizer efeito, ela poderá ficar sozinha em segurança. Volte para suas distrações, minha cara senhora; não há necessidade de correr o risco de sujar um vestido tão bonito, não mesmo!

Antes que eu pudesse responder, ouvimos um som forte de engasgo vindo da cama, e o dr. Fentiman se virou de imediato, pegando o penico que estava embaixo da cama.

Apesar de sua limitação, sua atenção com a paciente foi louvável. Eu teria hesitado em administrar um emético a uma paciente inconsciente, mas tinha que admitir que não era nada despropositado a se fazer em caso de suspeita de envenenamento, ainda que o veneno fosse algo tão comumente aceito quanto o álcool – e se o dr. Fentiman tivesse detectado a mesma coisa que Jamie...

A escrava tinha comido bastante. Não era surpresa, com tanta comida disponível para a festa. Isso por si só poderia ter salvado sua vida, pensei, tornando mais lenta a absorção do álcool – e de qualquer outra coisa – em sua corrente sanguínea. O vômito recendia a rum e brandy, mas pensei ter sentido um vestígio de ópio também, ténue e levemente adocicado, entre os outros odores.

– Que tipo de emético o senhor usou? – perguntei, inclinando-me sobre a mulher e abrindo um de seus olhos com o polegar.

A íris mirava para cima, castanha e vidrada como uma bolinha de gude, a pupila estreitada como a cabeça de um alfinete. Ah, ópio, com certeza.

– Sra. Fraser!

O dr. Fentiman olhou para mim irritado, com a peruca meio caída sobre uma das orelhas.

– Pode sair, por favor, e parar de interferir! Estou muito ocupado e não tenho tempo para lidar com os seus caprichos. Você, senhor... tire-a daqui!

Ele balançou a mão para Ulysses e se virou de volta para a cama, ajeitando a peruca no lugar.

– Ora, seu...

Eu me controlei para não dizer o que queria ao ver Ulysses dar um passo incerto na minha direção. Ele claramente hesitava em me retirar à força, mas ficou óbvio que obedeceria às ordens do médico em detrimento das minhas.

Tremendo de fúria, eu me virei e saí do quarto.

Jamie me esperava no pé da escada. Ao ver meu rosto enquanto eu descia, ele segurou meu braço e me levou para o jardim.

– Aquele... aquele...

Eu não encontrava palavras.

– Verme nojento? – sugeri para me ajudar. – Idiota insolente?

– Sim! Ouviu o que ele disse? Que descaramento! Aquele açougueiro... aquele maldito... fedelho! Não tem tempo para lidar com meus caprichos! Como ousa?

Jamie emitiu um som gutural, indicando solidariedade diante da minha indignação.

– Devo ir até lá e arrastá-lo para fora? – perguntou ele, com a mão no punhal. – Posso arrancar as tripas dele para você... ou apenas socar a cara dele, se preferir.

Por mais atraente que fosse essa ideia, fui obrigada a recusar.

– Bem... não – falei, controlando a minha cólera com certa dificuldade.

– Não, acho que é melhor não fazer nada disso.

O eco de nossa conversa parecida a respeito de Phillip Wylie me assaltou. E também assaltou a Jamie; eu vi que ele entortou um canto da boca, rindo.

– Droga – falei, lamentando.

– Sim – concordou ele, tirando relutantemente a mão do punhal. – Parece que não terei permissão para derramar o sangue de ninguém hoje, não é?

– Você quer fazer isso, não é?

– Muito – disse ele, de modo seco. – Você também, Sassenach, ao que parece.

Eu não podia negar; nada me daria mais prazer do que arrancar as tripas do dr. Fentiman com uma colher. Em vez disso, passei a mão pelo rosto e respirei fundo, tentando controlar minhas emoções.

– Ele pode acabar matando a mulher? – perguntou Jamie, erguendo o queixo na direção da casa.

– Não imediatamente.

Sangramento e purgação eram altamente questionáveis e potencialmente perigosos, mas não costumavam ser instantaneamente fatais.

– Ah, você provavelmente tinha razão a respeito do láudano.

Jamie assentiu, contraindo os lábios de modo pensativo.

– Bem. O importante agora é conversar com Betty, quando ela estiver em condições de pensar direito. Você não acha que Fentiman é o tipo de homem que vai ficar sentado ao lado do leito de uma escrava doente, acha?

Agora foi a minha vez de pensar, mas por fim neguei com a cabeça.

– Não. Ele *estava* fazendo o melhor que podia por ela – admiti com relutância. – Mas até onde sei, ela não corre grande perigo. Deveria ficar em observação, mas só em caso de vomitar e engasgar dormindo, mas duvido que ele fique para cuidar disso, mesmo que saiba da possibilidade.

– Muito bem.

Ele ficou de pé, pensando, por um momento, com a brisa soprando mechas de seus cabelos ruivos no topo de sua cabeça.

– Mandei Brianna e o marido olharem por aí para ver se algum dos convidados está jogado em algum canto. Farei a mesma coisa com os escravos. Acha que pode ir sorratamente até o sótão quando Fentiman sair e conversar com Betty assim que ela acordar?

– Imagino que sim.

Eu teria subido de qualquer modo, ainda que fosse apenas para ter certeza do bem-estar dela.

– Mas não demore muito; eles estão quase prontos para o casamento.

Permanecemos de pé por um tempo, olhando um para o outro.

– Não fique chateada, Sassenach – disse ele baixinho, e prendeu uma mecha de cabelos atrás da minha orelha. – O médico é um tolo; não se incomode por causa dele.

Toquei o braço dele, agradecida pelo conforto e desejando oferecer a ele o mesmo consolo pelos sentimentos feridos.

– Sinto muito por Phillip Wylie – falei.

Percebi de repente que não importava quais fossem as minhas intenções, o efeito desse lembrete não tinha sido apaziguador. Ele contraiu os lábios e deu um passo para trás, com os ombros tensos.

– Não se preocupe com ele, Sassenach – falou.

Sua voz ainda era suave, mas não havia nada de reconfortante nela.

– Vou acertar as contas com o sr. Wylie em breve.

– Mas...

Eu me interrompi, sem saber o que dizer. Evidentemente, não havia nada que eu pudesse dizer ou fazer para acertar as coisas de novo. Se Jamie sentia que sua honra fora ofendida, e claramente era o caso, não importava o que eu dissesse, então Wylie pagaria por isso, e não havia nada a fazer.

– Você é o homem mais teimoso que já conheci – falei contrariada.

– Obrigado – disse ele, fazendo uma leve reverência.

– Não foi um elogio!

– Foi, sim.

E com outra reverência, ele se virou e partiu.

MERCÚRIO

Para o alívio de Jamie, o casamento transcorreu sem mais dificuldades. A cerimônia – realizada em francês – aconteceu na pequena saleta íntima de Jocasta no andar de cima, e foi testemunhada apenas pelo casal, pelo padre, por ele e por Claire, além de Brianna e seu marido. Jemmy estivera presente, também, mas não contava, já que tinha dormido durante todo o tempo.

Duncan estava pálido, mas sereno, e a tia de Jamie dissera os votos com a voz decidida, sem evidência de hesitação. Brianna, casada havia pouco tempo e, conseqüentemente, emotiva, observara tudo com os olhos marejados, apertando o braço do marido, e Roger Mac olhara para ela com ternura. Mesmo sabendo o que sabia a respeito da natureza daquele casamento em particular, Jamie também se emocionara com o sacramento e levara os dedos de Claire aos lábios, beijando-os delicadamente enquanto o padre gordo e baixinho entoava a bênção.

Então, depois de concluídas as formalidades e assinados os contratos matrimoniais, todos desceram para se juntar aos convidados em um grande jantar de casamento sob a luz de tochas que cercavam o terraço, as chamas compridas iluminando as mesas fartas de River Run.

Ele pegou uma taça de vinho de uma das mesas e se recostou na parede do pátio, sentindo a tensão do dia descer por sua espinha. Um problema a menos, então.

A criada Betty ainda estava apagada como um boi abatido, mas segura o bastante no momento. Ninguém mais tinha sido encontrado envenenado, então era possível que ela própria tivesse tomado a substância. O velho Ninian e Barlow estavam quase tão nocauteados quanto a empregada, e não ofereciam risco um ao outro nem a ninguém mais. E o que quer que fosse

que Husband e seus reguladores estavam tramando, o faziam a uma distância segura. Jamie sentiu-se agradavelmente leve, livre de responsabilidades e pronto para se divertir.

Ergueu a taça em uma saudação automática para Caswell e Hunter, que passavam por ali, com as cabeças unidas em uma conversa séria. Mas ele não pretendia tomar parte em conversas políticas; levantou-se e se virou, passando pelas pessoas próximas às mesas de bebidas.

O que ele queria de verdade era sua esposa. Apesar de ainda ser cedo, o céu já estava escuro, e uma sensação de festividade sem controle se espalhava pela casa e pelo terraço enquanto as tochas ardiam. O ar estava frio, e com bom vinho pulsando em seu sangue, suas mãos se lembraram do corpo quente dela sob as saias no bosque, macio e suculento como um pêssego aberto na palma de sua mão, maduro e saboroso.

Ele a desejava intensamente.

Ali. No fim do terraço, com a luz da tocha iluminando seus cabelos ondulados, presos sob aquele ridículo pedaço de renda. Os dedos dele se contorceram; quando ele ficasse sozinho com ela, tiraria seus grampos, um a um, e prenderia os cabelos dela no alto da cabeça com as mãos, apenas pelo prazer de deixá-los cair de novo, soltos por suas costas.

Ela estava rindo de algo que Lloyd Stanhope dissera, com um copo na mão. Seu rosto estava levemente corado por causa do vinho e, ao ver aquilo, ele sentiu uma pontada prazerosa de ansiedade.

Fazer amor com Sassenach poderia ser qualquer coisa entre a ternura e a devassidão, mas fazer amor com ela quando ela já tinha bebido um pouco era sempre um prazer especial.

Embriagada, ela se importava menos com ele do que o habitual; relaxada e preocupada apenas com o próprio prazer, ela o arranhava e o mordida – e implorava para que ele a satisfizesse também. Ele adorava a sensação de poder naquilo, a escolha torturante entre unir-se a ela de uma vez em seu desejo animal ou de se controlar – por um tempo – para guiá-la de acordo com a sua vontade.

Ele bebericou o próprio vinho, saboreando o prazer raro de uma bebida decente, e a observou de longe. Ela era o centro de um pequeno grupo de cavalheiros, com quem parecia estar travando um duelo de intelectos. Uma

ou duas taças de vinho soltavam sua língua e relaxavam sua mente, como acontecia com ele. Mais algumas taças e o brilho se transformaria em um calor intenso. Ainda estava cedo, e o verdadeiro banquete ainda não tinha começado.

Ela cruzou o olhar com o dele brevemente e sorriu. Ele segurou a taça pela parte superior e seus dedos se curvaram ao redor do vidro liso como se fosse o seio dela. Ela viu e compreendeu. Ela piscou para ele e voltou a conversar, mais corada.

O paradoxo delicioso de fazer amor com ela depois de ter bebido era que, depois de parar de se preocupar com ele a não ser como o agente de suas próprias sensações, ela deixava de se preocupar tanto consigo mesma e se abria totalmente para ele. Ele podia provocar e acariciar, agitá-la vigorosamente como manteiga, conduzindo-a pelo êxtase até ficar totalmente inerte sob ele, entregue por completo.

Ela estava usando o leque, abrindo os olhos acima da borda dele, fingindo chocar-se com algo que o sodomita do Forbes dissera. Ele passou a ponta da língua com cuidado por dentro do lábio inferior, sentindo o gosto doce do sangue na memória. Misericórdia? Não, ele não teria nenhuma.

Depois de tomar essa decisão, ele passou a pensar no problema mais prático de encontrar um lugar suficientemente reservado para realizar sua intenção, mas foi interrompido pela chegada de George Lyon, elegante e cheio de si. Ele tinha sido apresentado, mas não sabia muito sobre o homem.

– Sr. Fraser. Posso ter uma palavra com o senhor?

– Estou ao seu dispor, senhor.

Ele se virou de lado por um momento para pousar o copo, mudando a posição apenas o suficiente para ajeitar seu tartã, satisfeito por não estar usando uma calça apertada de cetim como aquele empoado do Wylie. Ele as considerava indecentes e muito desconfortáveis, além de tudo. Um homem estaria correndo o risco de sofrer uma lenta emasculação na companhia de uma mulher se não fosse um eunuco nato – e Wylie claramente não era, apesar de todo o pó e enfeites. Um tartã com cinto, no entanto, poderia esconder uma infinidade de pecados – ou pelo menos, um punhal e uma pistola –, sem falar de uma ocasional ereção.

– Vamos caminhar um pouco, sr. Lyon? – sugeriu ele, virando-se.

Se o homem tinha negócios tão privados quanto seu comportamento sugeria, era melhor que não ficassem ali, onde poderiam ser interrompidos a qualquer momento por um dos convidados do casamento.

Eles caminharam lentamente até o fim do terraço, trocando amenidades um com o outro e com quem passava, até ganharem a liberdade do quintal, onde hesitaram por um momento.

– O cercado dos cavalos, talvez?

Sem esperar a confirmação de Lyon, Jamie se virou em direção ao estábulo distante. Ele queria ver os frísios de novo, de qualquer modo.

– Ouvi falar muito sobre o senhor, sr. Fraser – começou Lyon de modo simpático, enquanto eles caminhavam em direção à torre do relógio do estábulo.

– É mesmo, senhor? Bem, e espero que boa parte não tenha servido para me desacreditar.

Ele já tinha ouvido um pouco sobre Lyon; um negociante de qualquer produto que uma pessoa poderia comprar ou vender, e talvez não exatamente escrupuloso no que dizia respeito à proveniência de seus produtos. Havia rumores de que ele também lidava com coisas menos tangíveis do que ferro e papel de vez em quando, mas eram apenas rumores.

Lyon riu, mostrando dentes suficientemente alinhados, mas muito manchados de tabaco.

– Não mesmo, sr. Fraser. Exceto pelo pequeno impedimento de suas conexões familiares, que não são sua culpa, ainda que as pessoas *façam* suposições, não ouvi nada além dos maiores elogios, tanto ao seu caráter quanto a suas conquistas.

A *Dhia*, pensou Jamie, chantagem e bajulação, tudo na primeira frase. Seria apenas porque a Carolina do Norte era um fim de mundo e não valia o tempo de um intriguista mais competente? Ele sorriu com educação, dispensando os elogios com um murmúrio modesto, e esperou para ver o que o homem queria.

Não muito, pelo menos para começar. O tamanho do regimento de milícia de Fraser e os nomes dos homens. Interessante, ele pensou. Lyon não era um homem do governador, então, ou já teria essas informações. Quem estaria por trás dele, se é que havia alguém? Não a regulação, certamente; o

único deles que tinha um pouco mais de dinheiro era Ninian Bell Hamilton, e se o velho Ninian quisesse saber de alguma coisa, teria ido ele mesmo perguntar. Um dos proprietários ricos da costa, então? A maioria dos aristocratas tinha um interesse na colônia que não ia além de seus bolsos.

O que levava à conclusão lógica de que, quem quer que fosse o mercado pretendido por Lyon, haveria algo a perder ou a ganhar com os possíveis conflitos na colônia. Quem poderia ser?

– Chisholm, McGillivray, Lindsay... – dizia Lyon enquanto pensava. – Então, a maioria dos seus homens são escoceses das Terras Altas. Filhos de antigos colonizadores ou talvez soldados aposentados, como o senhor?

– Ah, duvido que um soldado se aposente verdadeiramente, senhor – disse Jamie, abaixando-se para deixar que um dos cachorros do estábulo cheirasse sua mão. – Quando um homem vive sob as armas, suspeito de que fique marcado para sempre. Na verdade, já ouvi dizer que velhos soldados nunca morrem; apenas desaparecem aos poucos.

Lyon riu sem se conter, declarando aquilo um belo epigrama. Sem parar para ouvir a resposta, ele continuou, claramente navegando águas bem conhecidas.

– Fico feliz em ver tal sentimento expressado, sr. Fraser. Sua Majestade sempre dependeu da força dos escoceses e de suas habilidades como guerreiros. O senhor ou seus vizinhos por acaso serviram com o regimento do seu primo? Os Frasers do septuagésimo oitavo regimento demonstraram grande distinção durante o recente conflito; ousou dizer que a arte da guerra corre no sangue, não?

Aquilo foi um golpe bem direto. O jovem Simon Fraser na realidade não era seu primo, mas seu meio-tio, filho de seu avô. Fora como forma de expiar a traição do velho e em uma tentativa de recuperar a fortuna e as propriedades da família que o jovem Simon reunira dois regimentos para a Guerra de Sete Anos – que Brianna insistia em chamar de Guerras dos Franceses e dos Índios, como se a Grã-Bretanha não tivesse tido nada a ver com aquilo.

Lyon estava perguntando agora se Jamie procurara estabelecer suas credenciais como soldado leal da Coroa juntando-se a um dos regimentos de escoceses. Ele não conseguia acreditar na atitude direta do homem.

– Ah, não. Infelizmente, não pude servir nessa posição – disse Jamie. – Sofri com uma indisposição de uma campanha anterior, compreende?

A pequena indisposição de ter sido prisioneiro da Coroa por muitos anos depois da Revolta, apesar de não ter mencionado isso. Se Lyon ainda não sabia, não havia motivos para contar.

Eles tinham chegado ao cercado dos cavalos e estavam recostados confortavelmente na cerca. Os cavalos ainda não tinham sido recolhidos; as criaturas grandes e negras se moviam como sombras, com a pelagem brilhando sob a luz da tocha.

– São cavalos estranhos, não acha?

Ele interrompeu as especulações de Lyon a respeito dos males do sectarismo, observando-os, fascinado.

Não eram apenas as crinas enormes e sedosas, ondulando como água quando eles balançavam a cabeça, nem o pelo preto como carvão ou o arco formado pelo pescoço, mais grossos e mais musculosos do que os dos puros-sangues de Jocasta. O corpo deles também era largo, com peito, cernelha e ancas amplos, de modo que pareciam atarracados – mas ainda assim moviam-se graciosamente como qualquer cavalo que ele já tinha visto, ágeis e leves, com um senso de jovialidade e inteligência.

– Sim, é uma raça muito antiga – disse Lyon, deixando de lado suas perguntas por um tempo para poder observar. – Já os vi antes... na Holanda.

– Holanda. Já viajou muito para lá?

– Não muito. Estive lá alguns anos atrás, no entanto, e conheci um parente seu. Um comerciante de vinhos chamado Jared Fraser.

Jamie sentiu um sobressalto de surpresa, seguido por uma sensação calorosa ao ouvir o nome do primo.

– É mesmo? Sim, Jared é primo do meu pai. Espero que ele esteja bem.

– Sim, está realmente muito bem.

Lyon se aproximou, apoiando-se na cerca, e Jamie percebeu que havia chegado o momento dos negócios do homem, independentemente de quais fossem. Tomou o resto do vinho na taça e a pousou, preparado para ouvir.

– Fiquei sabendo que um... talento para a bebida corre na família também, sr. Fraser.

Ele riu, apesar de não achar muita graça.

– Um gosto pela bebida talvez, senhor. Não sei dizer sobre o talento.

– Não? Bem, tenho certeza de que o senhor está sendo modesto, sr. Fraser. A qualidade do seu uísque é bem conhecida.

– O senhor me deixa lisonjeado.

Ele sabia o que viria em seguida e se preparou para fingir prestar atenção. Não seria a primeira vez que alguém sugeriria uma parceria; ele forneceria o uísque e o outro cuidaria da distribuição por Cross Creek, Wilmington e até Charleston. Lyon, ao que parecia, tinha esquemas grandiosos em mente.

A bebida mais envelhecida iria de barco costa acima até Boston e Filadélfia, ele sugeriu. O uísque cru, no entanto, poderia atravessar a Linha do Tratado, para ser distribuído nos vilarejos dos cherokees, em troca de peles e couro. Ele tinha parceiros, que forneceriam...

Jamie ouviu com crescente desaprovação, e então interrompeu Lyon abruptamente.

– Certo. Agradeço pelo interesse, senhor, mas receio não produzir o suficiente para o que sugere. Faço uísque apenas para o consumo da minha família, e alguns barris além disso, de vez em quando, para o comércio local. Nada mais.

Lyon grunhiu com simpatia.

– Tenho certeza de que poderia aumentar sua produção, sr. Fraser, com seu conhecimento e sua habilidade. Se fosse uma questão dos materiais... alguns ajustes poderiam ser feitos, estou certo... Posso falar com cavalheiros que seriam nossos parceiros no negócio e...

– Não, senhor, receio que não. Se me der licença...

Ele fez uma reverência abrupta, virou-se e seguiu de volta em direção ao terraço, deixando Lyon no escuro.

Precisava perguntar sobre Lyon a Farquard Campbell. O homem precisava ser observado. Não que Jamie se opusesse ao contrabando, mas não queria ser pego contrabandeando, e poucas coisas lhe pareciam mais perigosas do que uma operação em larga escala do tipo que Lyon estava sugerindo, na qual ele estaria envolvido até o pescoço, mas sem controle sobre as partes mais perigosas do processo.

Sim, a ideia do dinheiro era atraente, mas não tanto a ponto de cegá-lo em relação aos riscos. Se fosse se envolver em um negócio assim, faria tudo

por conta própria, talvez com a ajuda de Fergus ou Roger Mac – talvez do velho Arch Bug e de Joe Wemyss –, mas de mais ninguém. Era muito mais seguro manter a coisa toda em escala pequena, privada... Mas agora que Lyon tinha sugerido a ideia, talvez valesse a pena pensar um pouco. Fergus não era agricultor, era verdade; seria preciso encontrar algo para ele fazer, e o francês conhecia bem negócios arriscados, como eles diziam, de sua época em Edimburgo...

Ele voltou ao terraço, pensando, mas ao ver a esposa, todos os pensamentos sobre uísque desapareceram de sua mente.

Claire havia deixado Stanhope e seus amigos e estava ao lado da mesa de comida, observando os pratos com um leve franzir de cenho, como se estivesse confusa com todas as opções.

Ele viu os olhos de Gerald Forbes concentrados nela, brilhantes de curiosidade, e moveu-se de imediato por reflexo, colocando-se entre a esposa e o advogado. Ele sentiu os olhos do homem em suas costas, e sorriu para si mesmo. *Ela é minha, idiota*, ele pensou.

– Não consegue decidir por onde começar, Sassenach?

Ele estendeu o braço e pegou a taça vazia da mão dela, aproveitando o momento para se aproximar mais dela, sentindo seu calor através das roupas.

Ela riu e se encostou nele, apoiada em seu braço. Ela cheirava a pó de arroz e pele quente, com o aroma de rosas nos cabelos.

– Não estou com muita fome. Só estava contando as geleias e as conservas. Há 37 tipos, a não ser que eu tenha errado na contagem.

Ele olhou para a mesa, sobre a qual realmente havia uma série desconcertante de travessas de prata, tigelas de porcelana e bandejas de madeira, com mais comida do que seria necessário para alimentar um vilarejo escocês por um mês. Ele também não estava com fome. Pelo menos, não de pudins e doces.

– Bem, Ulysses deve ter se encarregado disso. Ele não permitiria que a hospitalidade da minha tia deixasse a desejar.

– Não duvido disso – disse ela. – Viu o espaço para assar as carnes nos fundos? Há nada menos do que três bois inteiros em espetos ali, e pelo menos uma dúzia de porcos. Nem tentei contar as galinhas e os patos. Você

acha que é só hospitalidade ou sua tia quer ostentar o bom trabalho feito por Duncan, mostrando como River Run está próspera sob a administração dele?

– Pode ser – disse ele, apesar de achar, no fundo, que era improvável que as intenções de Jocasta fossem tão atenciosas ou generosas.

Ele acreditava que a fartura da celebração tinha muito mais que ver com o desejo dela de levar a melhor sobre Farquard Campbell, ofuscando a festa que ele havia organizado em Green River em dezembro, para comemorar seu casamento mais recente.

E por falar em casamento...

– Aqui está, Sassenach.

Ele colocou a taça vazia dela em uma bandeja levada por um criado e pegou outra cheia, que colocou na mão dela.

– Ah, não vou... – começou ela, mas ele a interrompeu, pegando outra taça da bandeja e erguendo-a em um brinde. O rosto dela corou mais intensamente, e seus olhos brilharam.

– À beleza – disse ele baixinho, sorrindo.

Eu me sentia agradavelmente derretida por dentro, como se minha barriga e meus membros estivessem repletos de mercúrio. Não tinha totalmente a ver com o vinho, apesar de ele ser muito bom. Era mais a liberação da tensão, depois de todas as preocupações e de todos os conflitos do dia.

O casamento tinha sido delicado e tranquilo, e ainda que provavelmente a comemoração da noite fosse ruidosa ao extremo – eu ouvira alguns jovens planejando brincadeiras vulgares para o fim da festa –, eu não precisava me preocupar com nada disso. Minha intenção era aproveitar o delicioso jantar que tinha sido servido, talvez tomar uma ou duas taças mais daquele vinho excelente... e então encontrar Jamie a fim de investigar o potencial romântico do banco de pedra sob os salgueiros.

Jamie parecera se adiantar um pouco aos meus planos, já que eu ainda não tinha comido nada, mas não tive problemas em remanejar as prioridades. Afinal, sobraria muita comida.

A luz da tocha o iluminava, fazendo seus cabelos, suas sobrancelhas e sua pele brilharem como cobre. A brisa da noite soprava, levantando as

pontas da toalha da mesa, transformando as chamas das tochas em labaredas, e soltando de sua trança mechas de cabelo que golpeavam seu rosto. Ele ergueu sua taça, sorrindo por cima da borda.

– À beleza – disse baixinho, e bebeu, sem tirar os olhos de mim.

O mercúrio se moveu, palpitando pelo meu quadril e descendo pela parte de trás das minhas pernas.

– À... hum... privacidade – respondi, erguendo de leve a minha taça.

Sentindo-me prazerosamente imprudente, levei a mão aos cabelos devagar e puxei a renda que os decorava. Meio presas pelos grampos, as madeixas caíram soltas pelas minhas costas, e ouvi alguém prender a respiração, chocado, atrás de mim.

À minha frente, o rosto de Jamie se tornou de repente inexpressivo, os olhos fixos em mim como os de um gavião em um coelho. Ergui a minha taça, ainda olhando nos olhos dele, e bebi, sorvendo o vinho lentamente. O aroma das uvas escuras perfumava minha cabeça por dentro e o calor do vinho esquentava meu rosto, minha garganta, meus seios e minha pele. Jamie se moveu abruptamente para pegar a taça vazia da minha mão, os dedos frios e duros sobre os meus.

E então ouvi uma voz vinda das portas francesas iluminadas por velas atrás dele.

– Sr. Fraser.

Nós dois nos assustamos, e a taça caiu entre nós, explodindo em caquinhos nas pedras do terraço. Jamie se virou, a mão esquerda tocando o cabo do punhal em um reflexo. Então relaxou quando viu a silhueta e deu um passo para trás, entortando a boca em uma careta.

Phillip Wylie apareceu à luz das tochas. Seu rosto estava corado o suficiente para a cor aparecer sob o pó de arroz, ardendo em manchas febris sobre as maçãs do rosto.

– Meu amigo Stanhope propôs uma partida ou duas de uíste esta noite – disse ele. – Gostaria de jogar conosco, sr. Fraser?

Jamie dirigiu a ele um olhar demorado e frio, e eu vi os dedos lesionados de sua mão direita estremecerem muito levemente. O pulso latejava na lateral de seu pescoço, mas sua voz permaneceu calma.

– Uíste?

– Sim. – Wylie abriu um sorriso discreto, evitando diligentemente olhar para mim. – Soube que o senhor joga bem. – Ele contraiu os lábios. – Embora, é claro, joguemos apostando um pouco alto. Talvez ache que não...

– Eu adoraria – disse Jamie, com um tom de voz que deixava perfeitamente claro que a única coisa que ele adoraria realizar naquele momento era a perspectiva de fazer com que Phillip Wylie engolisse todos os dentes.

Os dentes em questão brilharam brevemente.

– Ah, esplêndido. Vou... esperar ansiosamente.

– Ao seu dispor, senhor.

Jamie fez uma reverência abrupta, virou-se, segurou meu cotovelo e partiu pelo pátio, levando-me com ele.

Eu o acompanhei, mantendo o ritmo e o silêncio, até estarmos longe o suficiente para não sermos ouvidos. O mercúrio havia desaparecido das minhas regiões mais inferiores, e percorria a minha espinha, fazendo com que eu me sentisse perigosamente instável.

– Você enlouqueceu? – perguntei educadamente.

Recebendo apenas um grunhido em resposta, firmei os pés e puxei o braço dele para fazê-lo parar.

– Não foi uma pergunta retórica – falei, consideravelmente mais alto. – Uíste com aposta alta?

Jamie era, de fato, um ótimo jogador de cartas. Ele também conhecia a maioria das maneiras de roubar em jogos de baralho. No entanto, era difícil, senão impossível, roubar no uíste, e Phillip Wylie também tinha a reputação de saber jogar muito bem, assim como Stanhope. Além disso, havia o fato de Jamie não ter *o que* apostar, muito menos se as apostas fossem altas.

– Você esperava que eu deixasse o franguinho aviltar a minha honra e ainda por cima me insultar na minha cara?

Ele se virou para olhar para mim, arregalando os olhos.

– Tenho certeza de que ele não quis... – comecei, mas me interrompi.

Estava bem claro que se Wylie não pretendia insultar diretamente, ele quisera que aquilo soasse como um desafio – e para um escocês, essas duas coisas eram praticamente a mesma.

– Mas você não *tem* que aceitar!

Eu teria conseguido resultado melhor se estivesse discutindo com a parede de tijolos da horta.

– Tenho, sim – disse ele, tenso. – Tenho o meu orgulho.

Passei a mão sobre o rosto, exasperada.

– Sim, e Phillip Wylie sabe muito bem disso! Já ouviu falar que o orgulho precede a queda?

– Não tenho a menor intenção de cair – garantiu-me ele. – Pode me dar a sua aliança de ouro?

Fiquei boquiaberta.

– Eu... a minha aliança?

Meus dedos foram involuntariamente para a minha mão esquerda, tocando a aliança lisa de Frank.

Ele me observava com atenção, olhos fixos em mim. As tochas em torno do terraço tinham sido acesas; a luz o iluminava de lado, deixando em relevo os ossos protuberantes de seu rosto, e um dos olhos de um azul intenso.

– Vou precisar de algo com que apostar – disse ele, baixinho.

– Inferno!

Eu me virei de costas e fiquei olhando para o jardim. As tochas no gramado também tinham sido acesas, e as nádegas brancas de mármore de Perseu se destacavam na escuridão.

– Não vou perdê-la – disse Jamie atrás de mim. Sua mão pousou no meu ombro, pesando sobre o meu xale. – Mas, se a perder, vou recuperá-la. Sei que é... importante para você.

Eu me desvencilhei da mão dele e me afastei alguns passos. Meu coração batia forte e meu rosto parecia suado e quente, como se eu estivesse prestes a desmaiar.

Ele não disse nada nem me tocou; só ficou ali, esperando.

– A de ouro – falei, por fim, de modo seco. – Não a de prata? – Não a aliança *dele*, não a marca de *sua* posse.

– A de ouro vale mais – disse ele e então, depois de uma breve hesitação, acrescentou: – Em termos financeiros.

– Eu sei disso.

Eu me virei para olhar para ele. As chamas das tochas oscilavam com o

vento e lançavam uma luz bruxuleante em seus traços que os tornava difíceis de decifrar.

– O que eu quis dizer foi... Não é melhor levar as duas?

Minhas mãos estavam frias e escorregadias de suor; a aliança de ouro saiu fácil; a de prata estava mais apertada, mas eu a girei para que passasse pela falange. Peguei a mão dele e coloquei as duas alianças nela.

Então me virei e saí andando.

AS LISTAS DE VÊNUS

Roger saiu da sala e foi para o terraço, abrindo caminho por entre as pessoas que se reuniam como formigas ao redor das mesas de comida. Estava com calor e suava, e o ar da noite soprava refrescante em seu rosto. Ele parou nas sombras no fim do terraço, onde pôde desabotoar o colete e abrir um pouco a camisa, deixando o ar frio entrar.

As tochas de pinheiro que se alinhavam ao redor do terraço e dos caminhos de pedra estavam bruxuleando ao vento, lançando sombras inconstantes sobre os convidados, cujos membros e rostos apareciam e desapareciam em uma sucessão desconcertante. O fogo reluzia na prata e no cristal, na renda dourada e nas fivelas dos sapatos, nos brincos e nos botões dos casacos. A distância, parecia que a multidão era iluminada por vagalumes, piscando em meio à massa escura de tecidos farfalhantes. Brianna não estava vestindo nada que reluzisse, ele pensou, mas deveria ser fácil localizá-la, de qualquer modo, devido a sua altura.

Ele tivera apenas vislumbres tentadores dela durante o dia. Ela havia ficado à disposição da tia ou cuidando de Jemmy, ou conversando com as – aparentes – dúzias de pessoas que conhecera em sua temporada em River Run. Ele não quis privá-la dessa oportunidade. Brianna tinha pouquíssimo contato com pessoas na Cordilheira dos Frasers, e ele ficou feliz ao vê-la se divertindo.

Ele também tinha se divertido muito. Sua garganta parecia agradavelmente áspera agora devido ao esforço de cantar por muito tempo, e ele havia aprendido três novas canções com Seamus Hanlon, muito bem guardadas na memória. Fizera uma reverência por fim e deixara a pequena orquestra tocando na sala, pulsando em uma tórrida névoa de esforço, suor

e álcool.

Lá estava ela; ele viu o brilho de seus cabelos quando ela saiu do salão, virando-se para dizer algo para a mulher atrás dela.

Ela o viu ao se virar, e seu rosto se iluminou, provocando um calor lisonjeiro por baixo do colete novamente abotoado.

– Aí está você! Quase não o vi durante o dia. Mas ouvi sua voz algumas vezes – disse ela, meneando a cabeça na direção das portas abertas.

– Ah, é? E eu estava cantando bem? – perguntou ele casualmente, em busca de elogios.

Ela sorriu e deu um tapinha no peito dele com o leque fechado, imitando o gesto de uma coquete – o que ela não era.

– Ah, sra. MacKenzie – disse ela, aumentando o volume da voz em um som anasalado –, a voz do seu marido é divina! Se eu fosse tão sortuda, tenho certeza de que passaria horas apenas me deleitando com seu som!

Ele riu, reconhecendo a srta. Martin, a jovem acompanhante da velha srta. Bledsoe, que permanecera suspirando enquanto ele cantava baladas à tarde.

– Você sabe que é bom – disse ela, voltando a falar normalmente. – Não precisa que eu diga.

– Talvez não – admitiu ele. – Mas não quer dizer que não goste de ouvir.

– É mesmo? A adulação do público não basta?

Ela estava rindo para ele, os olhos estreitados.

Ele não soube o que responder e riu, segurando a mão dela.

– Quer dançar?

Ele inclinou a cabeça na direção do fim do terraço, onde as portas francesas da sala estavam abertas, deixando sair os acordes melódiosos de “Duke of Perth”, em seguida olhou para as mesas de novo.

– Ou comer?

– Nenhum dos dois. Quero sair daqui um pouco; mal consigo respirar.

Uma gota de suor escorreu por seu pescoço, brilhando vermelha à luz da tocha antes de ela secá-la.

– Ótimo.

Ele segurou a mão dela e a apoiou em seu braço, virando-se na direção da mata que se estendia além do terraço.

– Sei de um lugar perfeito.

– Ótimo. Ah, espere. Talvez eu queira algo para comer.

Ela ergueu a mão e parou um escravo que chegava ao terraço, vindo da cozinha, com uma bandeja pequena e coberta que exalava uma fumaça apetitosa.

– O que é isso, Tommy? Posso pegar um pouco?

– Coma quanto quiser, srta. Bree.

Ele sorriu, tirando o guardanapo para mostrar os quitutes. Ela respirou fundo, deliciando-se.

– Quero todos eles – disse ela, pegando a bandeja, para diversão de Tommy.

Aproveitando a oportunidade, Roger murmurou um pedido ao escravo, que assentiu, saiu e voltou momentos depois com uma garrafa aberta de vinho e duas taças. Roger os pegou e juntos eles desceram o caminho que levava da casa ao cais, trocando amenidades enquanto comiam pedaços de torta.

– Encontrou algum convidado desmaiado sob um arbusto? – perguntou ela, as palavras abafadas por estar com a boca cheia de torta de cogumelo. Ela engoliu e a fala ficou mais clara. – Quando meu pai pediu para você procurar hoje à tarde, quero dizer.

Ele bufou brevemente, pegando um bolinho feito de salsicha e abóbora seca.

– Sabe a diferença entre um casamento escocês e um funeral escocês, não sabe?

– Não, qual é?

– No funeral, há um bêbado a menos.

Ela riu, espalhando as migalhas, e pegou um ovo escocês.

– Não – disse ele, conduzindo-a com habilidade para a direita do cais, e em direção aos salgueiros. – Você vai ver alguns pés aparecendo por baixo dos arbustos agora, mas hoje à tarde eles ainda não tinham tido tempo de encher tanto a cara.

– Você usa *tão bem* as palavras – disse ela, impressionada. – Fui falar com os escravos; todos presentes, e a maioria sóbria também. Mas algumas mulheres admitiram que Betty costuma beber em festas.

– Para dizer o mínimo, pelo que o seu pai disse. Bêbada feito um gambá, foi como o seu pai a descreveu, e acho que ele não estava se referindo apenas à bebedeira.

Algo pequeno e escuro pulou para fora do caminho dele. Um sapo; ele podia ouvi-los coaxando no bosque.

– Hum. Minha mãe disse que ela parecia estar bem, apesar de o dr. Fentiman ter insistido em sangrá-la. – Ela estremeceu de leve, colocando o xale em volta dos ombros com uma das mãos. – Esse médico me dá arrepios. Ele parece um pequeno duende do mal, algo assim, e tem as mãos mais pegajosas que já apertei. Além de ter um cheiro horroroso, por falar em fedor.

– Ainda não tive o prazer de conhecê-lo – disse Roger, divertindo-se. – Venha.

Ele afastou o véu de galhos de salgueiro, tomando cuidado para não perturbar um casal de namorados qualquer que tivesse chegado ao banco de pedra antes deles, mas estava tudo bem. Todo mundo estava na casa, dançando, comendo, bebendo e planejando uma serenata para o casal. Antes Duncan e Jocasta do que nós, ele pensou, revirando os olhos para algumas das coisas que tinha ouvido serem sugeridas. Em outro momento, talvez ele se interessasse em testemunhar uma cacofonia musical, e traçar todas as raízes dele a costumes franceses e escoceses – mas não agora.

Fez-se um súbito silêncio sob os salgueiros, a maior parte do barulho vindo da casa abafada pelo correr da água e pelo coaxar monótono dos sapos. Também estava escuro como breu, e Brianna tateou, procurando o banco com cuidado para poder apoiar sua bandeja.

Roger fechou os olhos com força e contou até trinta; quando os abriu, conseguiu pelo menos ver a silhueta dela, recortada contra a luz fraca que era filtrada pelos salgueiros, e a linha horizontal do banco. Ele pousou as taças e serviu o vinho, com o gargalo da garrafa tilintando suavemente contra as taças enquanto ele vertia a bebida.

Ele esticou a mão e a desceu pelo braço dela, localizando a mão para entregar a taça com segurança. E então ergueu a própria taça em um brinde.

– À beleza – falou, deixando o sorriso ficar evidente em sua voz.

– À privacidade – disse ela, retribuindo o brinde, e bebeu. – Hum, é bom

– comentou um momento depois, parecendo levemente sonhadora. – Não bebo vinho há... um ano? Não, quase dois. Desde antes do nascimento do Jemmy. Na verdade, desde...

Sua voz parou de repente, e então continuou, mais lenta.

– Desde a nossa *primeira* noite de núpcias. Em Wilmington, lembra?

– Lembro.

Ele estendeu a mão e tocou o rosto dela, traçando os ossos da face suavemente com o polegar. Não admirava que ela estivesse pensando naquilo naquele momento. Tinham começado lá, sob os galhos de uma enorme nogueira, que os abrigara do barulho e da luz de uma taverna próxima. A atual situação lembrava de maneira estranha e comovente aquela escuridão e aquela privacidade furtiva, os dois envoltos pelo cheiro das folhas e da água próxima – com a algazarra dos sapos no cio substituindo os sons da taverna.

Aquela tinha sido uma noite quente, no entanto, densa e úmida a ponto de fazer as peles se fundirem uma na outra. Agora, estava frio, e o corpo dele desejava o calor do dela, e o cheiro que os envolvia era o aroma primaveril das folhas verdes e água corrente, não o cheiro almiscarado de folhas secas e lama.

– Você acha que eles vão dormir juntos? – perguntou Brianna.

Ela parecia ligeiramente ofegante; talvez fosse por causa do vinho.

– Quem? Ah, você se refere a Jocasta e a Duncan? Por que não? Eles estão casados.

Ele bebeu todo o vinho e pousou o copo, o vidro batendo suavemente contra a pedra.

– Foi um belo casamento, não acha?

Ela não resistiu quando ele pegou a taça dela e a colocou junto da dele.

– Discreto, mas bonito.

– Sim, muito bonito.

Ele a beijou e a puxou contra o seu corpo. Podia sentir a fita na parte de trás do vestido dela, entrelaçada por baixo do fino xale de lã.

– Humm. Que gosto bom.

– Ah, sim, salsichas e vinho. Igual a você.

Ele levou a mão à barra do xale, enfiando-a por baixo e procurando a

ponta da fita, em algum lugar perto da cintura dela; ela pressionou o corpo contra o dele para facilitar.

– Você acha que ainda vamos querer fazer amor quando formos velhos como eles? – perguntou ela, sussurrando no ouvido dele.

– Eu vou – garantiu ele, segurando o laço que prendia a fita. – Espero que você também queira; não gostaria de fazer tudo sozinho.

Ela riu e respirou fundo, as costas se elevando de repente quando a fita apertada se afrouxou. Mas havia o espartilho por baixo também, droga. Ele usou ambas as mãos, procurando pelos cordões internos, e ela arqueou as costas para ajudar, o que fez com que seus seios subissem e ficassem logo abaixo do queixo dele. A visão fez com que ele tirasse uma das mãos das costas dela, para tocar aquele desdobraimento novo e agradável.

– Não estou com o meu... ou melhor, eu não trouxe...

Ela se afastou um pouco, parecendo em dúvida.

– Mas você ingeriu as sementes hoje, não é?

Para o inferno com pizza e papel higiênico, ele pensou; no momento, trocaria toda a comodidade de ter água encanada por um preservativo.

– Sim.

Ela ainda parecia em dúvida, e ele cerrou os dentes, segurando-a com firmeza, como se ela pudesse de repente sair correndo.

– Tudo bem – disse ele, percorrendo com os lábios a lateral do pescoço dela em direção à curva avassaladora onde ele se unia ao músculo do ombro.

A pele macia contra os lábios dele, fria no contato com o ar, morna e cheirosa por baixo dos cabelos.

– Não precisamos... quero dizer... não vou... deixe-me só...

O decote do vestido dela era bastante profundo sem o lenço por baixo, ainda mais baixo com o vestido desamarrado, e seu seio estava pesado e macio na mão dele. Ele sentiu o mamilo grande e redondo como uma cereja madura na palma de sua mão, e inclinou-se em um impulso para tomá-lo nos lábios.

Ela se retesou e em seguida relaxou com um pequeno suspiro, e ele sentiu um gosto doce e morno na língua e então um pulsar estranho e o jorro de... ele engoliu por reflexo, chocado. Chocado e incrivelmente excitado. Ele não

pensara; não pretendera... mas ela puxou a cabeça dele com força contra seu corpo, mantendo-o ali.

Ele continuou e a empurrou um pouco para trás, para que se sentasse na beirada do banco, de modo que ele pudesse se ajoelhar na frente dela. Um pensamento repentino lhe ocorreu, provocado pela lembrança do que ela havia escrito em seu diário de sonhos.

– Não se preocupe – disse ele. – Não vamos... arriscar nada. Deixe-me fazer isso... só para você.

Ela hesitou, mas deixou que ele corresse as mãos por baixo de sua saia, pelos contornos sedosos das panturrilhas e das coxas nuas, por baixo da curva de suas nádegas, frias e nuas contra a pedra, sob o tecido das anáguas. Uma das canções de Seamus descrevia as explorações de um cavalheiro “das listas de Vênus”. As palavras atravessavam a mente dele com o ímpeto da água que corria, e ele estava determinado a se sair bem nas tais listas.

Talvez ela não conseguisse descrever, mas ele fazia questão de que ela soubesse que tinha acontecido. Ela estremeceu entre as mãos dele, e ele colocou uma das mãos entre as coxas dela.

– Srta. Bree?

Os dois se sobressaltaram, e Roger tirou as mãos dela como se as tivesse queimado. Podia sentir o sangue latejando em seus ouvidos... e em suas bolas.

– Sim, o que foi? É você, Phaedre? O que foi... é Jemmy?

Ele estava de cócoras, tentando respirar, sentindo-se zozinho. Via a pele clara dos seios dela na sua frente quando ela se levantou e se virou em direção à voz, ajeitando o lenço com pressa, puxando o xale para cima para cobrir o vestido aberto.

– Sim, senhora.

A voz de Phaedre veio das sombras projetadas pelo salgueiro mais próximo da casa; não dava para ver nada da escrava exceto o tecido branco de sua touca flutuando na penumbra.

– O pobrezinho acordou quente e incomodado, não quis mingau nem leite, e então começou a tossir, e parecia sério, e Teresa achou que seria melhor chamarmos o dr. Fentiman para cuidar dele, mas eu disse...

– O dr. Fentiman!

Brianna desapareceu, afastando os galhos do salgueiro com pressa, e ele ouviu o ruído dos passos apressados na terra enquanto ela corria na direção da casa, com Phaedre logo atrás.

Roger se levantou e parou por um momento, com a mão na braguilha. A tentação era forte; não demoraria mais de um minuto – provavelmente menos, na situação em que se encontrava. Mas não, Bree podia precisar dele para lidar com Fentiman. Pensar no médico usando seus instrumentos nojentos no corpo de Jemmy foi o suficiente para que ele disparasse por entre os salgueiros atrás dela. As listas de Vênus teriam que esperar.

Encontrou Bree e Jemmy na sala íntima de Jocasta, no centro de um pequeno grupo de mulheres, todas parecendo surpresas – até mesmo ligeiramente escandalizadas – quando o viram. Ignorando as sobrancelhas erguidas e os grunhidos, ele passou por elas até chegar a Brianna.

O pequeno de fato parecia mal, e Roger sentiu um aperto no estômago. Meu Deus, como aquilo podia ter acontecido tão rápido? Ele tinha visto Jem no casamento poucas horas antes, encolhido e rosado em seu berço improvisado, e antes daquele momento, animado como sempre na festa. Agora, ele estava recostado no ombro de Brianna, com o rosto vermelho e os olhos pesados, resmungando um pouco, com muco escorrendo do nariz.

– Como ele está?

Ele estendeu o braço e tocou o rosto corado de leve com as costas da mão. Meu Deus, como ele estava quente!

– Ele está doente – disse Brianna, lacônica.

Como se confirmasse, Jemmy começou a tossir, um barulho horroroso, alto, mas meio sufocado, como uma foca engasgada com o peixe. O sangue subiu ao seu rosto já vermelho, e seus olhos azuis redondos se arregalaram com o esforço para respirar entre os espasmos.

– Merda – murmurou Roger. – O que vamos fazer?

– Água fria – disse uma das mulheres ao lado dele, de modo autoritário.

– Coloque-o dentro de uma banheira de água fria e faça com que ele beba um pouco.

– Não! Meu Deus, Mary, você vai matar a criança – repreendeu-a outra senhora, que esticou a mão e deu um tapinha nas costas trêmulas de Jemmy.

– É crupe; meus filhos têm de vez em quando. Coloque alho fatiado e aquecido nas solas dos pés dele – disse a Brianna. – Às vezes funciona.

– E se não funcionar? – perguntou outra mulher com ceticismo.

As narinas da primeira mulher se abriram, e sua amiga se meteu na conversa para ajudar.

– Johanna Richards perdeu dois bebês para o crupe. De uma hora para outra!

Ela estalou os dedos, e Brianna se retraiu como se o som fosse o de um de seus ossos quebrando.

– Por que estamos falando sem parar se temos um médico aqui? Você, menina, vá buscar o dr. Fentiman! Já não pedi para fazer isso? – ralhou uma das mulheres, batendo palmas diante de Phaedre, que estava encolhida contra a parede, os olhos fixos em Jemmy.

Antes que ela pudesse se mover para obedecer, Brianna levantou a cabeça.

– Não! Ele, não. Não quero que ele venha.

Ela dirigiu um olhar furioso para as mulheres e em seguida olhou desesperada para Roger.

– Vá buscar minha mãe, depressa!

Ele se virou e passou pelas mulheres, o medo momentaneamente afastado pela necessidade de fazer alguma coisa. Onde Claire poderia estar? *Ajude-me, ajude-me a encontrá-la, ajude-o a ficar bem*, pensou ele, direcionando a oração incoerente para quem quer que estivesse ouvindo – Deus, o reverendo, a sra. Graham, Santa Brígida, a própria Claire –, ele não se dirigia a ninguém em especial.

Ele desceu desabalado a escada até o foyer e viu Claire correndo na direção dele. Alguém tinha dito a ela, que lançou a ele um olhar rápido e perguntou: “Jemmy?” com um erguer do queixo, e quando ele assentiu, ofegante, subiu a escada depressa, deixando para trás um foyer cheio de pessoas olhando para ela.

Ele a alcançou no corredor do andar de cima e conseguiu chegar a tempo de abrir a porta para ela – e para receber um olhar não merecido, mas muito valorizado, de gratidão de Bree.

Ele deixou o caminho livre, recuperando o fôlego e pensando. No

momento em que Claire entrou na sala, a atmosfera de preocupação e quase pânico mudou de repente. Ainda havia um ar de preocupação entre as mulheres, mas elas abriram caminho sem hesitar, afastando-se respeitosamente e murmurando umas para as outras enquanto Claire seguia direto até Jemmy e Bree, ignorando todo o resto.

– Oi, amorzinho. O que foi, está se sentindo mal? – murmurou ela para Jemmy, virando a cabeça dele de um lado para o outro e apalpando seu pescocinho e atrás de suas orelhas. – Coitadinho. Está tudo bem, querido, a mamãe está aqui, a vovó está aqui, vai ficar tudo bem... Há quanto tempo ele está assim? Ele bebeu alguma coisa? Sim, querido, isso mesmo... Está com dificuldade de engolir?

Ela alternava entre comentários reconfortantes para o bebê e perguntas a Brianna e Phaedre, tudo com o mesmo tom tranquilo de confiança enquanto suas mãos tocavam aqui e ali, explorando, acalmando. Roger sentiu aquilo funcionando nele também e respirou fundo, sentindo o aperto no peito diminuir um pouco.

Claire pegou uma folha do caderno grosso de Jocasta da escrivaninha, enrolou-a para formar um tubo, que usou para auscultar as costas e o peito de Jemmy enquanto ele produzia os mesmos sons de foca engasgada. Roger notou, brevemente, que os cabelos dela tinham se soltado de alguma forma; ela teve que afastá-los para ouvir.

– Sim, claro que é crupe – disse ela distraidamente, em resposta a um diagnóstico acanhado feito por uma das mulheres. – Mas isso é só a tosse e a respiração difícil. É possível ter crupe por si só, por assim dizer, ou como um dos primeiros sintomas de várias outras coisas.

– Como o quê? – perguntou Bree.

Ela segurava Jemmy com força, e seu rosto estava quase tão pálido quanto os nós de seus dedos.

– Ah...

Claire parecia estar ouvindo com atenção, mas não a Bree, e sim o que estivesse acontecendo dentro de Jemmy, que tinha parado de tossir e estava deitado, exausto, no ombro da mãe, respirando com dificuldade enquanto arfava como um motor a vapor.

– Hum... coriza, só um resfriado comum. Gripe. Asma. Difteria. Mas

não é isso – acrescentou ela ao olhar para a frente e ver o rosto de Brianna.

– Tem certeza?

– Sim – respondeu Claire com firmeza, endireitando-se e deixando de lado o estetoscópio improvisado. – Não me parece difteria. Além do mais, não tem nenhum andaço de difteria por aí, ou eu teria ficado sabendo. E ele ainda está sendo amamentado; tem imunidade...

Ela parou de falar abruptamente, consciente de que as mulheres a observavam. Pigarreou, abaixando-se de novo, como se quisesse incentivar Jemmy dando o exemplo. Ele gemeu baixinho e tossiu mais uma vez. Roger sentiu, foi como se levasse uma pedrada no peito.

– Não é sério – anunciou Claire decidida, endireitando-se. – Mas precisamos isolá-lo. Leve-o para a cozinha. Phaedre, pode trazer alguns cobertores velhos, por favor?

Ela caminhou em direção à porta, afastando as mulheres à sua frente como se enxotasse um bando de galinhas.

Obedecendo a um impulso que não parou para questionar, Roger estendeu os braços para o bebê e, depois de um segundo de hesitação, Brianna permitiu que ele o pegasse. Jemmy não reclamou, permaneceu inerte e pesado, o que era muito diferente de sua atitude sempre tão alerta. A face do bebê ardia através da camisa de Roger enquanto ele o carregava para baixo, com Bree logo atrás.

A cozinha ficava no porão com paredes de alvenaria da casa, e Roger teve uma breve visão de Orfeu descendo ao submundo, com Eurídice logo atrás dele, enquanto eles desciam pela escada dos fundos para as profundezas penumbrosas da cozinha. Em vez de uma lira mágica, no entanto, ele levava uma criança que ardia feito brasa e tossia como se seus pulmões estivessem prestes a explodir. Se ele não olhasse para trás, pensou, o menino ficaria bem.

– Talvez um pouco de água fria fosse bom – recomendou Claire.

Ela pousou as mãos na testa de Jemmy, avaliando a temperatura.

– Está com infecção de ouvido, meu amor? – Ela soprou delicadamente dentro de uma das orelhas do bebê, e então na outra; ele piscou, tossiu com rouquidão e passou a mão gordinha pelo rosto, mas não reclamou. Os escravos estavam reunidos em um canto da cozinha, levando água fervente,

prendendo os cobertores em uma viga para fazer a tenda de isolamento sob a orientação dela.

Claire pegou o bebê dos braços de Roger para banhá-lo, e ele ficou ali, querendo desesperadamente fazer alguma coisa, qualquer coisa, até Brianna pegar sua mão e apertá-la com força, afundando as unhas na palma de sua mão.

– Ele vai ficar bem – sussurrou ela. – Vai.

Ele apertou a mão dela em resposta, sem dizer nada.

Quando a tenda ficou pronta, Brianna passou por baixo do cobertor pendurado, virando-se para pegar Jemmy, que tossia e chorava, pois não gostara nem um pouco da água fria. Claire havia mandado uma escrava buscar sua caixa de remédios e agora procurava dentro dela; por fim encontrou um frasco cheio de um óleo amarelo-claro, e um vidrinho com cristais brancos.

Antes que pudesse fazer alguma coisa com eles, porém, Joshua, um dos criados, apareceu, descendo a escada, meio sem fôlego.

– Sra. Claire, sra. Claire!

Alguns cavalheiros estavam atirando com suas pistolas, para comemorar a feliz ocasião, aparentemente, e um deles havia sofrido algum tipo de acidente, embora Josh não soubesse exatamente o que tinha acontecido.

– Ele não está gravemente ferido – assegurou ele a Claire, com um sotaque de Aberdeen que ficava tão peculiar pronunciado por seu rosto negro –, mas está sangrando bastante, e o dr. Fentiman... bem, talvez ele não esteja tão firme como estava antes. Pode vir comigo, senhora?

– Sim, claro.

Em um piscar de olhos, ela havia colocado o frasco e o vidrinho nas mãos de Roger.

– Preciso ir. Pegue isto. Coloque um pouco na água quente; faça ele respirar o vapor até a tosse parar.

Depressa, ela fechou a caixa e a entregou a Josh para que ele a carregasse, seguindo em direção à escada antes que Roger pudesse perguntar mais alguma coisa. E então desapareceu.

O vapor escapava pela abertura na tenda; ao ver isso, ele parou para tirar o casaco e o colete, e os deixou amontados de qualquer modo no chão

enquanto se abaixava e adentrava a escuridão, com o frasco e o vidrinho na mão.

Bree estava sentada em um banquinho com Jemmy no colo, uma bacia branca cheia de água quente a seus pés. Um feixe de luz do fogo atingiu seu rosto por um momento, e Roger sorriu para ela, tentando parecer confiante antes de o cobertor descer de novo.

– Onde está a minha mãe? Ela saiu?

– Sim, houve outra emergência. Mas vai ficar tudo bem – disse ele com firmeza. – Ela me deu umas coisas para colocar na água; disse que devemos deixá-lo respirando o vapor até a tosse passar.

Ele se sentou no chão ao lado da bacia de água. Estava bem escuro dentro da tenda, mas não uma escuridão total. Quando seus olhos se ajustaram, ele pôde enxergar bem. Bree ainda parecia preocupada, mas não tão assustada quanto estivera no andar de cima. Ele também se sentia melhor; pelo menos sabia o que fazer, e Claire não parecera muito preocupada por ter de deixar o neto; obviamente ela não achava que ele fosse morrer sufocado.

Dentro do frasco, havia óleo de pinheiro, com um cheiro forte e pungente de resina. Ele não sabia ao certo quanto usar, mas despejou um bocado generoso na água. Então, tirou a rolha do vidrinho e o cheiro forte de cânfora subiu como um gênio saindo da lâmpada. Não eram exatamente cristais, ele viu; eram bolinhas de um tipo de resina seca, granuladas e meio grudentas. Ele colocou um pouco na palma da mão e então esfregou-as com força entre as palmas antes de jogá-las na água, pensando, enquanto fazia isso, que aquele gesto era instintivamente familiar.

– Ah, é isso – disse ele ao se dar conta.

– O quê?

– Isto.

Ele balançou a mão indicando o ambiente, rapidamente tomado pelo vapor pungente.

– Eu me lembro de quando ficava no meu berço com um cobertor sobre a cabeça. Minha mãe colocava isto na água quente, o cheiro era exatamente este. Por isso pareceu familiar.

– Ah. – A ideia pareceu tranquilizá-la. – Você teve crupe quando era

pequeno?

– Acho que sim, mas não me lembro. Só lembro do cheiro.

O vapor havia tomado a pequena tenda, úmido e pungente. Ele respirou fundo, enchendo os pulmões, e deu um tapinha na perna de Brianna.

– Não se preocupe, isto vai resolver – disse ele.

Jemmy logo começou a tossir convulsivamente, fazendo o som de foca, mas a tosse parecia menos alarmante agora. Ele não sabia se era a escuridão, o cheiro ou simplesmente a movimentação normal e os sons da cozinha do lado de fora da tenda, mas as coisas pareciam mais calmas. Ouviu Bree respirar fundo também, e soltar o ar, e percebeu a mudança no corpo dela quando ela relaxou um pouco, dando tapinhas nas costas de Jemmy.

Eles permaneceram em silêncio por um tempo, ouvindo Jemmy tossir, respirar com dificuldade, arquejar e por fim recuperar o fôlego, soluçando levemente. Ele tinha parado de resmungar, parecia mais calmo com a proximidade dos pais.

Roger havia deixado cair a rolha do vidro de cânfora; bateu o chão até encontrá-la e então a enfiou na boca do vidro com firmeza.

– O que será que sua mãe fez com as alianças? – perguntou ele, procurando um assunto ameno para quebrar o silêncio tomado pelo vapor.

– Por que ela teria feito algo com elas?

Brianna afastou uma mecha de cabelo. Ela o havia prendido para aquela noite, mas os fios escorregavam, grudando-se em seu rosto.

– Ela não as estava usando quando me entregou as coisas.

Ele meneou a cabeça indicando o vidrinho de cânfora, longe do perigo, encostado na parede. Ele se lembrava com clareza das mãos dela, dos dedos compridos, brancos e nus; eles haviam chamado sua atenção, já que ele nunca tinha visto as mãos dela sem as alianças de prata e de ouro.

– Tem certeza? Ela nunca tira as alianças, só quando vai fazer alguma coisa muito nojenta – comentou com uma risada nervosa e inesperada. – A última vez que me lembro de vê-la tirando as alianças foi quando Jem deixou o mordedor cair dentro do penico.

Roger sorriu, divertindo-se. Um mordedor podia ser qualquer objeto pequeno, mas era assim que eles tinham passado a chamar a argola de ferro – originalmente destinado a guiar o gado pelo focinho – que Jem gostava de

morder. Era o brinquedo preferido dele, e ele não gostava de ir para a cama sem ele.

– Bi-bi? – fez Jem.

Ergueu a cabeça, os olhos semicerrados. A respiração ainda estava pesada, mas ele começava a demonstrar interesse por alguma coisa além de seu próprio desconforto.

– Bi-bi!

– Ops, não deveria ter mencionado a argola.

Bree o balançou gentilmente no joelho e começou a cantar baixinho, sussurrando, para distraí-lo.

– *Em um desfiladei-ro, em uma caver-na, esca-van-do uma mina...
Vivia um minei-ro, um homem matrei-ro, e sua fi-lha Clementi-na...*

A escuridão e a privacidade dentro da tenda fizeram Roger se lembrar de uma coisa; ele percebeu que tinha ali a mesma sensação de paz que sentira no banco sob os salgueiros, apesar de a tenda ser muito mais quente. O linho de sua caminha já estava grudado nos ombros, e ele sentia o suor escorrer por suas costas por baixo do cabelo preso na altura da nuca.

– Ei – falou, cutucando a perna de Bree. – Quer subir e tirar o vestido novo? Vai estragar se você ficar aqui por muito tempo.

– Ah. Bem... – Ela hesitou, mordendo o lábio. – Não, vou ficar, tudo bem.

Ele se levantou, inclinado sob os cobertores, e pegou Jem do colo dela, enquanto ele tossia e gorgolejava.

– Vá – disse ele com firmeza. – Você pode pegar o brin... você sabe o que dele. E não se preocupe. Dá para ver que o vapor está ajudando. Ele vai ficar bem logo, logo.

Ele precisou insistir um pouco mais, mas por fim ela consentiu, e Roger se sentou no banco vazio com Jemmy aconchegado no braço. A pressão do banco de madeira fez com que ele se lembrasse do acúmulo causado pelo encontro sob os salgueiros, e ele se ajeitou para diminuir o desconforto.

– Bem, não causa nenhum problema de longo prazo – disse ele a Jemmy. – Pergunte a qualquer garota, elas vão confirmar.

Jemmy resmungou e disse algo incompreensível começando com “Bi...?” e tossiu de novo, mas só um pouco. Roger encostou as costas da mão no

rosto delicado e redondo. Ele *achava* que estava mais frio. Era difícil saber com o calor que fazia ali dentro. O suor escorria livremente por seu rosto, e ele o secou com a manga.

– Bi-bi? – perguntou uma vozinha fina contra o seu peito.

– Sim, já, já. Quietinho.

– Bi-bi. Bi-bi!

– Shhh.

– Bi...

– *Leve ela era, como uma fada...*

Ele tentou se lembrar da letra da música.

– Bi...

– *E UM NÚMERO MUITO GRANDE ELA CALÇAVA!*

Roger elevou o volume da voz de repente, provocando um silêncio repentino dentro e fora da tenda, na cozinha. Ele pigarreou e voltou a cantar baixinho.

– *Ahn... Caixas de arenque sem tampa... As sandálias eram para Clementina. Ah, minha doce, minha doce, minha doce Clementina... Sua arte se perdeu, se foi para sem-pre, minha do-ce... Clementina.*

A cantoria parecia estar surtindo efeito. As pálpebras de Jemmy estavam a meio mastro. Ele enfiou um polegar na boca e começou a chupar, mas estava claro que não conseguia respirar pelo nariz entupido. Roger tirou o polegar delicadamente e segurou o punho pequeno com a mão. Estava molhado e grudento, e era muito pequeno, mas ele sentiu que, apesar disso, era forte.

– *Alimentava os patinhos, no lago, todas as ma-nhãs, às nove... Bateu o pé em uma tábua e caiu na água coberta de espuma.*

As pálpebras se fecharam com alguma relutância. Jemmy suspirou e seu corpo ficou completamente inerte, o calor se desprendendo de sua pele em ondas. Gotinhas de suor tremiam em cada cílio – lágrimas, suor, vapor ou os três.

– *Lábios de rubi fo-ra da á-gua, soprando bo-lhas suaves e pequeninas... Pobre de mim, que não sabia nadar, e perdi minha Clementina. Ah, minha doce, minha doce...*

Ele secou o rosto de novo, inclinou-se e beijou os cabelos úmidos e sedosos. *Obrigado*, ele pensou com sinceridade, dirigindo-se a qualquer um, de Deus para baixo.

– *Ah, minha doce... Clementina...*

ESTRANHOS NA NOITE

Era muito tarde quando fui para a cama depois de verificar as condições de todos os meus pacientes. DeWayne Buchanan havia levado um tiro de raspão no braço quando Ronnie Campbell não ergueu a pistola o suficiente ao atirar na margem do rio, mas ficou bem depois que o ferimento foi limpo e tratado. Depois de Ronnie, que estava tomado pela culpa, lhe oferecer bebida em quantidade generosa, ele literalmente não sentia mais nenhuma dor.

Um dos escravos de Farquard Campbell, um homem chamado Rastus, havia queimado seriamente a mão ao pegar uma ave na grelha. A única coisa que eu pude fazer foi envolver a mão dele em um pano limpo, colocá-la em uma tigela de água fria e prescrever gim, para uso interno. Também tinha tratado vários jovens que estavam consideravelmente bêbados e exibiam várias contusões, arranhões e dentes faltando por causa de um desentendimento envolvendo um jogo de dados. Seis casos de indigestão, todos tratados com chá de hortelã, e mostrando melhoras. Betty parecia dormir profundamente, mas um sono natural, e roncava alto na cama. Jemmy estava em condições parecidas, e a febre tinha baixado.

A maior parte da festança já tinha acabado àquela altura; só os jogadores mais obstinados ainda jogavam, espiando suas cartas com os olhos vermelhos em meio a uma nuvem de tabaco na saleta. Olhei nas outras salas também, ao atravessar o primeiro andar até a escada da frente. Alguns cavalheiros conversavam sobre política em voz baixa em um canto da sala de jantar, a mesa havia muito tinha sido esvaziada e limpa, mas havia copos vazios de brandy esquecidos perto de seus cotovelos. Jamie não era um deles.

Um escravo de olhos pesados fez uma reverência quando espiei lá dentro, murmurando para perguntar se eu queria comer ou beber alguma coisa. Eu não tinha comido nada desde o jantar, mas o dispensei, cansada demais para pensar em comida.

Parei no primeiro patamar e olhei para o corredor, na direção dos aposentos de Jocasta, mas estava tudo em silêncio por lá, sem barulhos de brincadeiras. Havia uma marca no painel de madeira da parede, onde um corpo pesado tinha se chocado, e, ao olhar para a cima, vi vários pontos queimados no teto, onde tiros tinham sido dados.

O mordomo Ulysses estava sentado em um banco perto da porta, ainda usando peruca e roupas formais, com a cabeça inclinada sobre os braços cruzados. Uma vela tremeluzia e crepitava no candeeiro acima dele. À luz inconstante, vi que os olhos dele estavam fechados, mas o cenho estava franzido; ele roncava enquanto dormia, e seus lábios se moviam brevemente, como se sonhasse com coisas ruins. Pensei em despertá-lo, mas enquanto ia na direção dele, o sonho passou. Ele se esticou, meio desperto, e em seguida adormeceu de novo, com o rosto tranquilo. Um instante depois, a chama da vela se apagou.

Eu prestei atenção, mas não ouvi nenhum som na escuridão, exceto a respiração pesada de Ulysses. Se Duncan e Jocasta murmuravam um para o outro por trás das cortinas da cama ou se estavam em silêncio, lado a lado, eternamente separados, ninguém nunca ia saber. Desejei felicidades a eles mentalmente e continuei a subir as escadas, com os joelhos e as costas doendo, desejando a minha própria cama – e a compreensão do meu marido.

Por uma janela aberta no segundo andar, ouvi conversas e risos distantes e alguns tiros cortando o ar da noite. Os homens mais jovens e mais selvagens – e alguns com idade suficiente para ter mais juízo – tinham descido até a margem do rio na companhia de uma dúzia de garrafas de uísque e brandy para atirar em sapos, ou foi a informação que recebi.

As moças, no entanto, estavam todas dormindo. O segundo andar estava em silêncio, exceto pelo ruído dos roncos abafados. Em contraste com o corredor frio do lado de fora, o quarto estava sufocante, apesar de o fogo ter se tornado apenas uma manta de brasas acesas que não emitiam nada

além de um brilho vermelho e fraco.

Com tantos convidados na casa, as únicas pessoas com o luxo de um quarto privado era o casal de noivos. Todos os demais estavam apertados nos poucos quartos disponíveis. Duas camas grandes e uma esteira ocupavam o quarto, com esteiras menores espalhadas na maior parte do espaço restante. Cada cama estava lotada de mulheres de camisola deitadas lado a lado sobre o colchão, irradiando tanto calor úmido quanto uma estufa cheia de orquídeas.

Respirei superficialmente – o ar estava tomado por uma mistura de suor seco, churrasco e cebolas fritas, perfume francês, hálito de álcool e o cheiro forte e adocicado de baunilha – e tirei o vestido e os sapatos o mais rápido que pude, torcendo para não começar a suar em bicas antes de conseguir me despir. Ainda estava excitada por causa dos acontecimentos do dia, mas a exaustão pesava como chumbo em meus membros, e fiquei feliz por passar na ponta dos pés entre os corpos espalhados e deitar no meu lugar perto dos pés de uma das camas grandes.

Minha mente ainda estava tomada por especulações de todo tipo e, apesar da calma hipnótica de tantas pessoas dormindo ao meu redor, eu fiquei deitada com os membros tensos e doloridos, observando o contorno dos dedos dos meus pés descalços contra a luz fraca da lareira.

Betty tinha superado o estupor e agora parecia dormir normalmente. Quando acordasse de manhã, descobriríamos quem tinha dado o copo a ela e – talvez – o que havia dentro dele. Eu esperava que Jemmy também estivesse dormindo bem. Mas o que de fato ocupava minha mente era, claro, Jamie.

Eu não o vira entre os jogadores de cartas, nem entre os homens que conversavam em voz baixa sobre impostos e tabaco.

Tampouco tinha visto Phillip Wylie em nenhum lugar no primeiro andar da casa. Eu podia muito bem acreditar que ele estivesse com os baderneiros à beira do rio. Eram o ambiente e o estilo dele, jovens ricos que procuravam diversão na bebida e em brincadeiras no escuro, sem se preocupar com o frio e com o perigo, rindo e correndo atrás uns dos outros à luz de tiros aleatórios.

Não eram nem o ambiente nem o estilo de Jamie, mas pensar que ele

poderia estar entre eles foi o que fez os meus dedos dos pés se encolherem de frio, apesar do calor do quarto.

Ele não faria nada estúpido, eu disse a mim mesma, rolando de lado, flexionando os joelhos o máximo que pude. Ele não faria nada assim; mas a ideia que ele fazia de estupidez não coincidia com a minha, não mesmo.

A maioria dos homens estava dormindo nas outras construções e nos salões. Quando passei, vi figuras anônimas espalhadas pelo chão do salão da frente, roncando alto, envolvidas em suas capas diante do fogo. Eu não tinha ido verificar de perto, mas sem dúvida Jamie estava ali – ele tivera um dia tão longo quanto o meu, afinal.

Mas ele não costumava se deitar sem me desejar boa-noite, não importava quais fossem as circunstâncias. Claro, ele estava irritado comigo, e apesar da promessa de nossa conversa interrompida no terraço, ainda não tínhamos feito completamente as pazes. O desentendimento só tinha voltado a ganhar força com o convite diabólico de Phillip Wylie. Retorci as mãos, passando os polegares pelos calos que marcavam o lugar onde minhas alianças costumavam ficar. Maldito escocês!

Ao meu lado, Jemima Hatfield se remexeu e murmurou, incomodada com a minha inquietação. Eu me virei lentamente de lado e fiquei olhando para os pés da cama de carvalho à minha frente.

Sim, sem dúvida ele ainda estava incomodado com os avanços de Phillip Wylie. Eu também – ou estaria se não estivesse tão cansada. Como ele tinha se atrevido – eu bocejei, quase deslocando a mandíbula, e decidi que realmente não valia a pena ficar irritada, pelo menos não naquele momento.

Mas Jamie não costumava me evitar, estando bravo ou não. Não era o tipo de homem que guardava mágoas. Ele buscava um confronto ou provocava uma briga sem hesitar; mas eu não me lembrava de ele jamais ter virado uma noite com raiva – pelo menos, não no que dizia respeito a mim.

O que fez com que eu me perguntasse onde ele estaria e que diabo estaria fazendo. E a necessidade de me preocupar com ele estava me deixando *muito* irritada, talvez porque irritação fosse melhor que preocupação.

Mas *tinha sido* um dia muito longo, e conforme os momentos passavam, e os tiros de armas vindos do rio aos poucos cessavam, a lassidão tomou conta de mim, embotando meus medos e espalhando meus pensamentos

como areia. A respiração tranquila das mulheres ao meu redor me ninou como o som do vento nas árvores, e o que me prendia à realidade se afrouxou e por fim se soltou.

Eu poderia ter esperado sonhos violentos ou pesadelos terríveis, mas meu subconsciente estava claramente farto daquilo. Na direção contrária de coisas desse tipo, ele decidiu se fixar em outra parte dos acontecimentos do dia. Talvez fosse o calor do quarto, ou simplesmente a proximidade de tantos corpos, mas tive um sonho vívido e erótico, as ondas de excitação me levando vez ou outra quase à beira do despertar, e em seguida me arrastando de volta para as profundezas da inconsciência.

Havia cavalos nos meus sonhos; frísios pretos de pelo brilhante com crinas grandes que balançavam ao vento conforme os garanhões corriam ao meu lado. Eu via minhas pernas se esticarem e saltarem; eu era uma égua branca, e o chão passava em uma confusão de vegetação rasteira sob os meus cascos, até que parei e me virei, esperando pelo garanhão de peito largo, que se aproximou de mim, com a respiração quente e úmida contra o meu pescoço, os dentes brancos se aproximando da minha nuca...

– *Eu sou o rei da Irlanda* – disse ele.

Acordei lentamente, formigando da cabeça aos pés, e vi que alguém estava acariciando suavemente a sola do meu pé.

Ainda confusa com as imagens carnais dos meus sonhos, não fiquei assustada com aquilo, apenas satisfeita ao descobrir que, afinal de contas, tinha pés, e não cascos. Meus dedos se encolheram e meu pé se flexionou, deliciando-se com o toque delicado do polegar que percorria o peito do meu pé, descendo pelo arco e subindo pela parte funda abaixo do meu tornozelo, conseguindo estimular todo um plexo de sensações. Então, despertei totalmente, com um leve sobressalto.

Quem quer que estivesse acariciando o meu pé, sentiu que eu retomava a consciência, pois o toque se afastou momentaneamente. E em seguida voltou, dessa vez mais firme, uma mão grande e quente envolvendo meu pé, o polegar realizando uma massagem firme, mas lânguida, na base dos meus dedos.

A essa altura, eu estava totalmente acordada, e meio assustada, mas não com medo. Mexi o pé brevemente, como se quisesse afastar a mão, mas ela

pressionou levemente em resposta, enquanto a outra não apertou de leve o meu dedão.

Este porquinho foi ao mercado, este porquinho ficou em casa... Eu podia ouvir a rima tão claramente como se tivesse sido dita em voz alta, enquanto os dedos iam sendo beliscados, um por um.

E este porquinho fez uiiii- uiiii- uiiii até chegar em casa! O toque desceu pela sola do meu pé e eu me contorci, um riso involuntário preso na minha garganta.

Levantei a cabeça, mas a mão segurou meu pé de novo e o apertou em uma advertência. O fogo tinha se apagado totalmente e o quarto estava muito escuro; mesmo com olhos totalmente adaptados à escuridão, eu não enxergava nada além de uma figura curvada perto dos meus pés, uma bola amorfa que se movia como mercúrio, as bordas se misturando e desaparecendo no escuro.

A mão escorregou gentilmente pela minha panturrilha. Eu me contorci violentamente, e a mulher ao meu lado roncou, levantou-se com um “Huh?”, e em seguida deitou-se de novo.

Os músculos da minha barriga se contraíram com o riso contido. Ele deve ter sentido uma leve vibração – os dedos se afastaram do meu dedão com um breve aperto e acariciaram a sola, fazendo todos os dedos se encolherem.

Os dedos se fecharam em punho, pressionando a minha sola, e então se abriram de repente, segurando meu calcanhar. O polegar acariciou meu tornozelo, e parou, questionando. Eu não me mexi.

Os dedos estavam ficando mais quentes; eu sentia apenas uma leve sensação de frio conforme eles seguiam a curva da minha panturrilha e encontravam abrigo no ponto macio atrás do meu joelho. Os dedos traçaram a pele sensível dali, e eu me contorci, agitada. Diminuíram o ritmo e pararam, posicionando-se sobre a artéria, onde minha pulsação estava forte; eu podia sentir o sangue passando pelo ponto em que a pele era tão fina que as veias apareciam azuladas por baixo dela.

Ouvi um suspiro quando ele se ajeitou; então, uma das mãos envolveu minha coxa e escorregou para cima lentamente. A outra acompanhou, pressionando minhas pernas delicadamente, separando-as.

Meu coração latejava nos meus ouvidos e meus seios pareciam inchados, com os mamilos endurecidos através da musselina fina da minha camisola. Respirei fundo e senti o cheiro de pó de arroz.

De repente, meu coração deu um salto duplo e quase parou, quando a ideia ganhou vida na minha mente – e se não fosse Jamie?

Fiquei deitada, imóvel, tentando não respirar, concentrando-me nas mãos, que estavam fazendo algo delicado e indescritível. Mãos grandes, *eram* mãos grandes; eu podia sentir os nós dos dedos pressionando a pele macia da minha coxa. Mas Phillip Wylie também tinha mãos grandes – bem grandes para o seu tamanho. Eu tinha reparado quando ele pegou um punhado de aveia para seu garanhão, Lucas, e o cavalo enfiou o focinho preto na palma da mão dele.

Calos; as mãos grandes... ah, Deus!... tinham calos. Mas as de Wylie também tinham. Ele podia ser um dândi, mas lidava com cavalos; as palmas da mão dele eram lisas e firmes como as de Jamie.

Tinha que ser Jamie, eu disse a mim mesma, erguendo um pouco a cabeça para espiar na escuridão. Dez porquinhos... claro que era Jamie! Então, uma das mãos fez algo surpreendente e eu respirei alto e me contorci, mexendo as pernas. Meu cotovelo bateu nas costelas da mulher ao meu lado, que se levantou com uma forte exclamação. As mãos se afastaram de repente, apertando meus tornozelos em uma despedida apressada.

Ouvi um farfalhar enquanto alguém se arrastava depressa pelo chão, e então um feixe claro de luz e um sopro de vento frio vindo do corredor quando a porta se abriu e se fechou imediatamente.

– O quê...? – disse Jemima ao meu lado, assustada. – Quem está aí?

Sem resposta, ela se agitou, murmurou, voltou a se deitar e logo adormeceu.

Eu, não.

IN VINO VERITAS

Fiquei deitada por um bom tempo ouvindo os roncos tranquilos das minhas companheiras de quarto e as batidas agitadas do meu coração. Meus nervos pareciam querer romper a pele, e quando Jemima Hatfield rolou inconscientemente para cima de mim, eu dei uma forte cotovelada em suas costelas, e ela murmurou um “O quê?” assustado e sentou-se, piscando e resmungando, mas logo deitou-se de novo e se deixou afundar em seu mar de sono.

Quanto a mim, meu pequeno barco de consciência flutuava na inundação, girando sem rumo, mas sem a menor chance de ser puxado para baixo.

Eu simplesmente não conseguia decidir como me sentia. Por um lado, eu estava excitada – sem querer, mas estava. Não importava quem fosse o meu visitante noturno, ele sabia tocar o corpo de uma mulher.

Se levasse isso em consideração, só podia ter sido Jamie, pensei. Ainda assim, eu não fazia ideia de quanta experiência Phillip Wylie podia ter na arte do amor – eu havia repelido a abordagem dele no estábulo tão rapidamente que ele não tivera chance de demonstrar nenhuma habilidade nesse sentido.

Mas meu visitante noturno não havia feito nenhum carinho que eu pudesse ter identificado como sendo do repertório de Jamie. Se ele tivesse usado a boca... eu me afastei *daquela* linha de pensamento como se fosse um cavalo assustado, e Jemima resmungou quando me convulsionei levemente, com a pele arrepiada em uma reação involuntária às imagens que isso evocava.

Eu não sabia se devia me sentir excitada ou revoltada, seduzida ou

violada. Eu *estava* com muita raiva e a certeza disso era como uma pequena âncora no turbilhão de emoções. Ainda assim, não fazia ideia do alvo dessa raiva, e sem ter a quem direcioná-la, ela simplesmente se debatia dentro de mim, derrubando coisas e deixando marcas.

– Uff – disse Jemima, com um tom de voz contundente e bastante consciente.

Estava claro que eu não era a única sendo tomada por emoções.

– Humm? – murmurei, fingindo estar meio adormecida. – Glrgl. Bzg.

Havia um leve toque de culpa no meio também.

Se eu tivesse *certeza* de que tinha sido Jamie, ficaria brava?

O pior era, percebi, que não havia absolutamente nada que eu pudesse fazer para descobrir quem tinha sido. Eu não podia perguntar a Jamie se ele tinha entrado e me bolinado no escuro – porque se *não tivesse* feito aquilo, sua reação imediata certamente seria assassinar Phillip Wylie com as próprias mãos.

Eu tinha a sensação de que pequenas enguias se contorciam sob a minha pele. Eu me espreguicei o máximo que consegui, contraindo e relaxando todos os músculos – mas ainda assim não consegui me aquietar.

Por fim, saí cuidadosamente da cama e caminhei até a porta, olhando para minhas companheiras de quarto, que dormiam tranquilas embaixo dos cobertores. Movendo-me sorratamente, abri a porta e espiei o corredor. Era muito tarde ou muito cedo; a janela alta no fim do corredor havia ficado cinza, mas as últimas estrelas ainda brilhavam, pontinhos fracos no céu escuro como carvão.

Estava frio no corredor, longe do calor do corpo das mulheres, mas gostei de sentir o frio. Uma boa esfriada era exatamente do que eu precisava. Caminhei em silêncio até as escadas de trás, pretendendo descer e sair para respirar ar fresco.

Parei de repente no topo da escada. Havia um homem lá embaixo, uma silhueta alta e escura contra as portas duplas francesas. Eu não achava que tinha feito nenhum som, mas ele se virou de imediato, com o rosto erguido na minha direção. Mesmo à luz fraca, eu soube na mesma hora que era Jamie.

Ele ainda estava vestindo as roupas da noite anterior: casaco e colete,

camisa com babado e calça com cinto. A camisa estava aberta no pescoço, no entanto, com o casaco e o colete desabotoados e desalinhados. Eu podia ver a linha estreita de linho branco, a pele escura contra ela. Seus cabelos estavam soltos; ele tinha corrido as mãos por eles.

– Desça – disse ele baixinho.

Hesitei, olhando por sobre o ombro. Uma mistura de roncos femininos vinha do quarto de onde eu saíra. Duas escravas estavam dormindo no chão do corredor, encolhidas embaixo dos cobertores, mas nenhuma delas se mexeu.

Olhei para trás. Ele não falou mais nada, mas ergueu dois dedos, me chamando. O cheiro de fumaça e uísque tomava a escada.

O sangue latejava nos meus ouvidos – e em outro lugar. Meu rosto estava corado, meus cabelos estavam úmidos nas têmporas e no pescoço. O ar frio subiu por baixo da minha camisola, tocou a área úmida na base da minha espinha, a camada escorregadia onde minhas coxas resvalavam uma na outra.

Desci devagar, com cuidado, tentando não deixar a escada ranger sob os meus pés descalços. Ocorreu-me tarde demais que aquilo era ridículo: os escravos subiam e desciam aquelas escadas centenas de vezes por dia. Mesmo assim, eu sentia a necessidade de ser cuidadosa. A casa ainda estava adormecida, e a escada estava tomada por uma luz cinza que parecia frágil como vidro fosco. Um ruído repentino, um movimento rápido demais e algo podia explodir sob os meus pés, com um clarão, como uma lâmpada se acendendo.

Os olhos dele estavam fixos em mim, triângulos escuros na pele mais clara de seu rosto. Ele me encarava com intensidade, como se quisesse me arrastar escada abaixo só com a força do olhar.

Parei no primeiro degrau. Não havia sangue nas roupas dele; graças a Deus.

Não que eu nunca tivesse visto Jamie bêbado antes. Não era à toa que ele não tinha subido a escada até mim. Tinha a impressão de que ele estava muito bêbado naquele momento, ainda assim, havia algo muito diferente. Ele permaneceu parado como uma rocha, com as pernas afastadas, traído apenas por certa deliberação no modo como moveu a cabeça para olhar para

mim.

– O que... – comecei, sussurrando.

– Venha aqui – disse ele.

Sua voz estava baixa, rouca por causa do sono e do uísque.

Eu não tive tempo de responder nem de aquiescer. Ele segurou meu braço, puxou-me na direção dele e me beijou. Foi um beijo desconcertante – como se sua boca conhecesse a minha muito bem e compelisse o meu prazer, independentemente dos meus desejos.

Seus cabelos cheiravam àquela longa noite – tabaco, fumaça da lareira e a fumaça das velas de cera de abelha. Ele tinha um gosto tão forte de uísque que me deixou zozza, como se o álcool em seu sangue estivesse penetrando no meu por meio da nossa pele onde elas se tocavam, pelas membranas de nossa boca. Alguma outra coisa estava penetrando em mim vinda dele também – uma sensação de desejo avassaladora, tão cega quanto perigosa.

Eu quis protestar, afastá-lo. Então decidi que não, mas não faria diferença nenhuma se eu tivesse feito. Ele não pretendia me soltar.

A mão grande segurava minha nuca, quente e firme contra a minha pele, e eu pensei nos dentes de um garanhão na nuca da égua na qual ele monta e estremeci do couro cabeludo até a sola dos pés. Seu polegar pressionou acidentalmente a grande artéria sob a minha mandíbula; a escuridão tomou meus olhos e meus joelhos começaram a fraquejar. Ele sentiu e soltou, ajeitando-me de novo de modo que eu fiquei quase deitada nos degraus, seu peso metade sobre mim e suas mãos tateando.

Eu estava nua embaixo da camisola, e era como se a musselina fina não estivesse ali.

A borda dura de um degrau pressionou minhas costas, e me ocorreu, do modo confuso como as coisas acontecem quando estamos bêbados, que ele estava prestes a me possuir ali na escada, para quem quisesse ver.

Eu afastei a minha boca da dele o suficiente para dizer: “Aqui não!” em seu ouvido. Aquilo pareceu trazê-lo momentaneamente de volta à realidade; ele ergueu a cabeça, piscando como alguém que havia acabado de sair de um pesadelo, com os olhos arregalados. Então, assentiu uma vez, desajeitado, e se levantou, puxando-me com ele.

As capas das criadas estavam penduradas ao lado da porta; ele pegou

uma e envolveu meu corpo com ela, então me pegou no colo e passou pela porta, cruzando com uma criada que nos observava com um jarro nas mãos.

Ele me colocou no chão quando chegou ao caminho de pedras do lado de fora; as pedras estavam frias sob meus pés. Então andamos juntos à luz fraca por uma paisagem de sombras e vento, ainda enrolados um no outro, tropeçando e cambaleando, mas ao mesmo tempo quase voando, com as roupas esvoaçando ao nosso redor e o ar frio atingindo nossa pele com o toque forte da primavera, em direção a um destino vagamente conhecido e, ainda assim, inevitável.

Os estábulos. Ele abriu a porta e me puxou com ele para o escuro e para o calor, encostando-me com força em uma parede.

– Preciso de você agora ou vou morrer – disse ele, sem fôlego, e voltou a me beijar, o rosto frio por causa do ar do lado de fora e a respiração misturando-se à minha.

Então, ele se afastou abruptamente, e eu me desequilibrei, recostando-me na parede áspera para manter o equilíbrio.

– Estenda as mãos – pediu ele.

– O quê? – perguntei sem entender.

– Suas mãos. Estenda as suas mãos.

Totalmente confusa, eu as levantei e senti quando ele segurou a mão esquerda. Pressão e calor, e a luz fraca que vinha da porta aberta reluziu na minha aliança de ouro. Então ele segurou minha mão direita, enfiou a aliança de prata no meu dedo, o metal quente com o calor do corpo dele. Levou minha mão à boca e mordeu os nós dos meus dedos com força.

Jamie levou a mão ao meu seio, o ar frio passou pelas minhas coxas, e senti a aspereza dos tijolos nas minhas costas nuas.

Fiz um barulho e ele tapou minha boca com a mão. Lanceada como uma truta fora da água, eu estava impotente, debatendo-me contra a parede.

Ele afastou a mão e a substituiu por sua boca, envolvendo a minha. Eu podia sentir os gemidos urgentes em sua garganta, e senti outro, muito mais alto, emergindo na minha garganta.

Minha camisola estava erguida até a cintura, e minhas nádegas nuas se chocavam ritmadamente contra a superfície áspera, mas eu não sentia dor. Eu o agarrei pelos ombros e me mantive firme.

Ele passou a mão pela minha coxa, afastando o linho que ameaçava ficar entre nós. Eu me lembrei, com clareza, daquelas mãos no escuro, e me curvei em um espasmo.

– Olhe – disse ele, com a respiração quente na minha orelha. – Olhe para baixo. Assista enquanto eu possuo você. Olhe!

Ele pressionou meu pescoço com a mão, inclinando minha cabeça para baixo na escuridão, além das dobras do tecido, para a nudez dos nossos corpos.

Eu arqueei as costas e desabei, mordendo o ombro do casaco dele para não emitir nenhum som. Ele beijava o meu pescoço, e me segurou com força enquanto estremecia contra o meu corpo.

Ficamos deitados enrolados na palha, observando a luz do dia entrar pela porta entreaberta do outro lado do estábulo. Meu coração ainda latejava nos meus ouvidos, o sangue formigando na minha pele e nas minhas têmporas, coxas e dedos, mas eu me sentia de alguma forma separada dessas sensações, como se elas estivessem acontecendo com outra pessoa. Eu me sentia fora da realidade – e ao mesmo tempo um pouco chocada.

Meu rosto estava encostado contra o peito dele. Movendo os olhos devagar, eu pude ver a vermelhidão de sua pele pela abertura da camisa, e os pelos encaracolados, de um castanho tão forte que pareciam quase pretas à meia-luz.

A pulsação latejava na base do pescoço dele, a menos de 2 centímetros da minha mão. Tive vontade de encostar os dedos ali, sentir as batidas de seu coração ecoando no meu sangue. Eu me sentia estranhamente tímida, no entanto, como se esse gesto fosse íntimo demais. O que era totalmente ridículo, considerando o que tínhamos acabado de fazer um com o outro – e para o outro.

Eu movi meu dedo indicador, apenas um pouco, de modo que a ponta do meu dedo tocou a cicatriz pequena de três pontas em seu pescoço; um nó branco pálido contra a pele bronzeada.

Houve uma leve alteração no ritmo da sua respiração, mas ele não se mexeu. Seu braço estava ao redor do meu corpo, a mão na base das minhas costas. Duas respirações, três... e então, a pressão fraca da ponta de um dedo

contra a minha espinha.

Permanecemos em silêncio, respirando tranquilamente, concentrados na delicada consciência da nossa conexão, mas não falamos nem nos movemos; um pouco constrangidos ao recobramos o juízo depois do que havíamos acabado de fazer.

O som de vozes vindo na direção do estábulo fizeram com que eu recobrasse os movimentos. Eu me sentei abruptamente, vesti a camisola e comecei a tirar a palha dos meus cabelos. Jamie rolou e ficou de joelhos, de costas para mim, e começou a vestir sua roupa apressado.

As vozes do lado de fora silenciaram subitamente, e nós dois ficamos paralisados. Fez-se um silêncio breve e carregado, e então ouvimos o som de passos se afastando delicadamente. Soltei a respiração que estava prendendo, sentindo o coração começar a desacelerar. O estábulo foi tomado pelo farfalhar e pelo ruído dos cascos dos cavalos, que também tinham ouvido as vozes e os passos. Eles estavam ficando famintos.

– Então, você ganhou – falei para Jamie, que estava de costas.

Minha voz soou estranha, como se eu não a usasse havia muito tempo.

– Prometi a você que ganharia – disse ele baixinho, com a cabeça inclinada para a frente enquanto arrumava o tartã.

Fiquei de pé, sentindo-me meio zozza, e me apoiei na parede para manter o equilíbrio enquanto batia a areia e a palha dos pés. A aspereza da parede atrás de mim era um lembrete vívido, e eu abri as mãos contra ela, preparando-me para ser invadida pela lembrança da sensação.

– Você está bem, Sassenach?

Ele virou a cabeça de repente para olhar para mim, percebendo meu movimento.

– Sim. Sim – repeti. – Tudo bem. Estou bem... E você?

Ele parecia pálido e desganhado, o rosto coberto pela barba rala e escavado pela tensão, os olhos marcados por olheiras devido à longa noite insone. Ele olhou nos meus olhos por um momento, e em seguida desviou o olhar. Corou um pouco e engoliu a saliva de modo audível.

– Eu... – começou ele, e então parou.

Ficou de pé na minha frente. Sua trança formal tinha se desfeito e algumas mechas estavam soltas sobre os ombros, reluzindo avermelhadas

quando a luz que vinha da porta o iluminou.

– Você não me odeia? – perguntou ele, abruptamente.

Tomada pela surpresa, eu ri.

– Não – respondi. – Acha que eu deveria?

Ele entortou um pouco a boca e passou os nós dos dedos sobre ela, raspando na barba rala.

– Bem, talvez sim – disse ele. – Mas fico feliz por não me odiar.

Ele segurou minhas mãos, passando o polegar pelo desenho da minha aliança de prata. Suas mãos estavam frias, esfriadas pela madrugada.

– Por que acha que eu deveria odiar você? – perguntei. – Por causa das alianças?

Era verdade que eu teria ficado triste e furiosa com ele, se tivesse perdido uma delas. Mas já que ele não tinha perdido... Claro, ele *tinha* feito com que eu passasse a noite inteira preocupada com seu paradeiro e com o que podia estar fazendo, sem falar do fato de ter entrado furtivamente no meu quarto e feito coisas inapropriadas com os meus pés. Talvez eu devesse estar irritada com ele, afinal.

– Bem, começando por isso – disse ele de modo seco. – Há algum tempo não permito que meu orgulho me domine, mas não consegui me controlar com aquele Phillip Wylie cercando você, olhando para os seus seios e...

– Ele fez isso?

Eu não tinha notado essa parte.

– Fez – disse Jamie, momentaneamente irritado ao pensar naquilo.

Então ele deixou Phillip Wylie de lado e voltou ao catálogo de seus pecados.

– E depois por ter tirado você da casa de camisola e por tê-la tomado como um animal faminto...

Ele tocou meu pescoço com delicadeza, onde eu ainda conseguia sentir a dor causada por uma mordida que deixara marca.

– Bem, na verdade, eu até que gostei dessa parte.

– Gostou?

Ele arregalou os olhos por um momento, surpreso.

– Sim. Apesar de eu achar que estou com hematomas nas nádegas.

– Ah – fez ele e olhou para baixo, aparentemente surpreso, mas entortou

de leve o canto da boca. – Sinto muito por isso. Quando eu terminei... o jogo de uíste, quero dizer... não conseguia pensar em mais nada além de encontrar você, Sassenach. Subi e desci aquela escada dez vezes, fui até a porta e voltei.

– É mesmo?

Fiquei satisfeita ao ouvir aquilo, já que parecia aumentar as chances de ele ter sido de fato o meu visitante noturno.

Jamie pegou uma mecha dos meus cabelos despenteados e passou os dedos por ela delicadamente.

– Eu sabia que não conseguiria dormir, e pensei: bem, é melhor eu sair e andar pela noite por um tempo, e ia fazer isso, mas então me via de novo diante da sua porta, sem saber como tinha chegado ali, mas pensando em uma maneira de chegar até você, tentando fazer com que você saísse, acho.

Bem, isso explicava os meus sonhos com garanhões selvagens, pensei. O lugar onde ele havia mordido meu pescoço latejou de leve. E para onde ele havia me levado? Para um estábulo. Rei da Irlanda, de fato.

Ele apertou as minhas mãos levemente.

– Pensei que a força do meu desejo pudesse acordá-la. Aí você surgiu...

Ele parou, olhando para mim com os olhos suaves e intensos ao mesmo tempo.

– Meu Deus, Claire, você estava tão linda, ali, na escada, com os cabelos soltos e a sombra do seu corpo contra a luz que vinha por trás...

Ele balançou lentamente a cabeça.

– Achei que ia morrer se não tivesse você... naquele momento.

Ergui o braço para tocar o rosto dele, sentindo sua barba rala na palma da mão.

– Não gostaria que você morresse – sussurrei, prendendo uma mecha de seus cabelos atrás da orelha.

Sorrimos um para o outro, mas o que quer que pudéssemos ter dito além disso foi interrompido pelo relincho alto de um dos cavalos, seguido da batida de um casco. Estávamos interferindo no café da manhã deles.

Abaixei a mão e Jamie se agachou para pegar o casaco, que estava meio enterrado na palha. Ele não perdeu o equilíbrio ao fazer isso, mas eu o vi contrair o rosto numa careta quando o sangue foi direto para sua cabeça.

– Você bebeu muito ontem à noite? – perguntei, reconhecendo os sintomas.

Ele se endireitou com um pequeno gemido de diversão.

– Sim, bastante – disse ele. – Deu para perceber?

Uma pessoa com muito menos experiência do que eu poderia perceber de longe, a 1 quilômetro de distância; além dos indícios mais óbvios da embriaguez recente, ele cheirava a uma destilaria.

– Pelo visto, não atrapalhou sua capacidade de jogar cartas – falei, com cuidado. – Ou Phillip Wylie estava igualmente prejudicado?

Ele pareceu surpreso e um pouco ofendido.

– Você não achou que eu ia beber enquanto estivesse na disputa, não é? Ainda mais com suas alianças em jogo. Não, foi depois... MacDonald pegou uma garrafa de champanhe e outra de uísque, e insistiu que deveríamos comemorar nosso lucro da maneira adequada.

– MacDonald? Donald MacDonald? Ele estava jogando com vocês?

– Sim, ele e eu formamos uma dupla contra Wylie e Stanhope.

Ele sacudiu o casaco, removendo pedacinhos de palha.

– Eu não sabia se ele era bom, mas o homem certamente tem a mão boa para o uísque.

A expressão “mão boa” fez com que eu me lembrasse. Ele dissera que tinha ido até a porta do meu quarto; não que havia entrado. Será que tinha entrado, e por estar muito embriagado e tomado pelo desejo, não se lembrava? Será que eu, atordoada pelos sonhos de luxúria equina, havia imaginado tudo? Certamente não, pensei, mas afastei a sensação de vaga inquietação causada pela lembrança para me concentrar em outra palavra de seu comentário.

– Você disse “lucro”?

Na tensão do momento, parecera importante apenas que ele não tivesse perdido as minhas alianças, mas me ocorreu tardiamente que elas eram apenas sua garantia.

– O que você tirou de Phillip Wylie? – perguntei, rindo. – Os botões do casaco dele? Ou as fivelas de prata dos sapatos?

Havia uma estranha expressão em seu rosto quando ele olhou para mim.

– Bem, não – respondeu. – Tirei o cavalo dele.

Jamie colocou o casaco ao redor dos meus ombros, passou a mão pela minha cintura e me conduziu pelo corredor principal do estábulo, passando pelas baias.

Joshua havia entrado silenciosamente pela outra porta, e estava trabalhando no fundo do estábulo, o corpo recortado contra a luz que entrava pelas portas duplas enquanto colocava feno com o forcado na baia do fundo. Quando chegamos perto, ele olhou para nós e assentiu em um cumprimento, o rosto cuidadosamente neutro ao nos ver despenteados, descalços e cheios de palha. Mesmo em uma casa com uma senhora cega, um escravo sabia o que não ver.

Não era da conta dele, seu rosto dizia claramente. Ele parecia quase tão cansado quanto eu me sentia, com os olhos pesados e vermelhos.

– Como ele está? – perguntou Jamie, erguendo o queixo em direção ao garanhão. Joshua se empertigou um pouco diante da pergunta, soltando o forcado.

– Ah, ele está bem – respondeu, com um ar de satisfação. – É um cavalo forte, o Lucas do sr. Wylie.

– De fato – concordou Jamie. – Mas ele é meu agora.

– Ele é o quê?

Josh olhou para ele boquiaberto e de olhos arregalados.

– Ele é meu.

Jamie foi até a grade e estendeu a mão para coçar as orelhas do garanhão, que estava ocupado comendo o feno de seu comedouro.

– *Seas* – murmurou ele para o cavalo. – *Ciamar a tha thu, a ghille mhoir?*

Eu o segui, olhando por cima de seu braço para o cavalo, que ergueu a cabeça por um momento, observando-nos com atenção, grunhiu, afastou a crina comprida e voltou a comer seu café da manhã muito concentrado.

– Uma criatura adorável, não é? – comentou Jamie, que estava admirando Lucas, com um olhar distante de especulação.

– Bem, sim, mas...

Minha admiração estava maculada pelo receio. Se a ideia de Jamie era vingar o orgulho ferido à custa de Wylie, tinha alcançado seu objetivo. Apesar da minha irritação com Wylie, não consegui evitar certa angústia ao

pensar em como ele devia estar se sentindo depois de ter perdido seu maravilhoso frísio.

– Mas o quê, Sassenach?

– Bem, é só que...

Eu me atralhei procurando as palavras. Não podia dizer que sentia pena de Phillip Wylie naquelas circunstâncias.

– É só que... bem, o que pretende fazer com ele?

Até mesmo eu podia ver que Lucas era totalmente inadequado para a vida na Cordilheira dos Frasers. Pensar em usá-lo para arar ou transportar coisas parecia um sacrilégio e, apesar de achar que Jamie *poderia* usá-lo apenas para montaria... franzi o cenho em dúvida, imaginando os terrenos encharcados e os caminhos pedregosos que ameaçariam aquelas pernas fortes e rachariam aqueles cascos brilhantes; os galhos e a vegetação rasteira que se enroscariam na crina e na cauda. Gideon, o Destruidor, era mil vezes mais adequado para aquelas paragens rústicas.

– Ah, não pretendo ficar com ele – assegurou-me Jamie. Olhou para o cavalo e suspirou, pesaroso. – Embora quisesse muito. Mas você tem razão; ele não se daria bem na Cordilheira. Não, pretendo vendê-lo.

– Ah, que bom.

Fiquei aliviada ao ouvir isso. Wylie sem dúvida compraria Lucas de volta, não importava o preço. Achei isso reconfortante. E definitivamente precisávamos do dinheiro.

Joshua havia saído enquanto conversávamos. Naquele momento, ele reapareceu na porta, com um saco de grãos no ombro. Seu ar indolente de antes havia desaparecido; os olhos ainda estavam vermelhos, mas ele parecia alerta e um pouco alarmado.

– Sra. Claire? – disse ele. – Desculpe-me, senhora, mas encontrei Teresa no celeiro agora; ela disse que tem alguma coisa errada com Betty. Pensei que a senhora gostaria de saber.

SANGUE NO SÓTÃO

O sótão parecia o cenário de um assassinato, um assassinato brutal. Betty se debatia no chão ao lado da cama revirada, os joelhos flexionados e os punhos cerrados na frente da barriga, a musselina de sua camisola rasgada e encharcada de sangue. Fentiman estava no chão, ao lado dela, tentando em vão segurar seu corpo em espasmos, quase tão coberto de sangue quanto Betty. Parecia pequeno comparado a ela.

O sol tinha nascido e entrava pelas janelas pequenas em feixes brilhantes que destacavam partes do caos, deixando tudo o mais em uma confusão coberta de sombras. Havia camas empurradas para o lado e desarrumadas, roupas de cama amontoadas, sapatos usados e peças de roupa espalhadas como destroços entre as manchas de sangue no piso de madeira.

Atravessei o sótão correndo, mas antes que pudesse me aproximar, Betty deu uma tossida profunda e gorgolejante, botando sangue pela boca e pelo nariz. Ela se curvou para a frente, arqueando as costas, se encolheu de novo... e ficou imóvel.

Caí de joelhos ao lado dela e vi que seus membros tinham relaxado naquela prostração final da qual não existia esperança de recuperação. Ergui a cabeça dela e pressionei meus dedos sob sua mandíbula; os olhos estavam revirados, com as escleras à mostra. Não respirava, não havia sinais de pulsação em seu pescoço suado.

Pela quantidade de sangue espalhada pelo quarto, calculei que deveria haver muito pouco ainda em seu corpo. Seus lábios estavam azulados, e a pele tinha ganhado um tom acinzentado. Fentiman estava ajoelhado atrás dela, sem peruca e pálido, os braços magricelas ainda em torno do torso pesado dela, segurando seu corpo inerte.

Ele usava uma camisa de dormir, reparei, calças azuis de cetim vestidas às pressas. O ar cheirava a sangue, bile e fezes, e ele estava coberto dessas três substâncias. Ele olhou para mim, sem dar mostras de que me reconhecia, com os olhos arregalados e inexpressivos por causa do choque.

– Dr. Fentiman – falei baixinho, depois de cessado o barulho do esforço.

O sótão foi tomado pelo silêncio absoluto que costuma suceder a morte, e parecia um sacrilégio interrompê-lo.

Ele piscou, e mexeu um pouco os lábios, mas parecia não saber como responder. Não se moveu, apesar de a poça de sangue ter encharcado o tecido de suas calças. Pousei a mão no ombro dele; era delicado, mas estava rígido por causa da negação. Eu sabia como ele estava se sentindo; perder um paciente por quem lutamos é algo terrível – mas algo que todos os médicos conhecem.

– O senhor fez tudo o que podia – falei, ainda baixinho, e apertei o ombro dele com mais força. – Não é culpa sua.

O que havia acontecido um dia antes não importava. Ele era um colega, e eu devia a ele qualquer absolvição que pudesse dar.

Ele passou a língua pelos lábios secos e assentiu uma vez, em seguida inclinou-se para deitar o corpo delicadamente no chão. Um feixe de luz iluminou o topo de sua cabeça, reluzindo nos fios grisalhos cortados bem curtos e fazendo com que os ossos de seu crânio parecessem finos e frágeis. De repente, ele pareceu totalmente frágil e permitiu que eu o ajudasse a se levantar sem protestar.

Um grunhido baixo fez com que eu me virasse, ainda segurando seu braço. Um grupo de escravas estava reunido em um canto do quarto, rostos sérios e mãos escuras agarrando angustiadas a musselina pálida de seus vestidos. Ouvimos vozes masculinas vindas da escada, abafadas e ansiosas. Eu podia ouvir Jamie, com a voz baixa e calma, explicando.

– Gussie? – chamei em direção às mulheres no canto, dizendo o primeiro nome que me veio à mente.

As escravas permaneceram juntas por um momento, e em seguida, relutantes, se afastaram, e Gussie apareceu, uma garota jamaicana de pele morena, pequena embaixo de um turbante de calicó azul.

– Senhora?

Ela manteve os olhos fixos nos meus, resolutamente afastados do corpo inerte no chão.

– Vou levar o dr. Fentiman lá para baixo. Pedirei que alguns homens venham... cuidar de Betty. Isto...

Fiz um gesto rápido em direção à sujeira no chão, e ela assentiu, ainda chocada, mas obviamente aliviada por ter algo que fazer.

– Sim, senhora. Vamos limpar tudo depressa.

Ela hesitou olhando ao redor, e então, de novo para mim.

– Senhora?

– Sim?

– Alguém precisa... contar à garota de nome Phaedre o que aconteceu com Betty. Pode contar a ela, por favor?

Surpresa, procurei e percebi que Phaedre não estava entre as escravas reunidas no canto. Claro: por ser aia de Jocasta, ela dormia no andar de baixo, perto de sua senhora, mesmo na noite de núpcias.

– Sim – falei, meio incerta. – Claro. Mas...

– Betty é mãe dela – disse Gussie ao notar minha incompreensão.

Ela engoliu em seco, com lágrimas marejando os olhos castanhos.

– Alguém... posso, senhora? Posso contar a ela?

– Por favor – falei, e dei um passo para trás, fazendo um gesto para que ela fosse.

Ela passou pelo corpo na ponta dos pés, e então correu até a porta, com os pés descalços e cheios de calos pisando suavemente no piso de madeira.

O dr. Fentiman tinha começado a sair do estado de choque. Ele se afastou de mim e se inclinou na direção do chão, fazendo gestos vagos. Eu vi que o kit médico dele havia se aberto durante a luta para conter Betty; havia frascos e instrumentos espalhados pelo chão em uma confusão de metal e vidro quebrado.

Antes que ele pudesse recolher o kit, no entanto, ouvimos uma breve comoção na escada, e Duncan entrou no quarto, com Jamie logo atrás. Percebi, com certo interesse, que Duncan ainda estava usando as roupas do casamento, menos o casaco e o colete. Será que tinha se deitado?, eu me perguntei.

Ele assentiu para mim, mas seus olhos se voltaram de imediato para

Betty, que agora estava estatelada no chão, com o vestido coberto de sangue emaranhado ao redor das coxas grossas e abertas. Um dos seios saía pelo tecido rasgado, pesado e flácido como um saco meio cheio. Duncan piscou várias vezes. Então, passou as costas da mão pelo bigode e inspirou ruidosamente. Abaixou-se para pegar um cobertor da bagunça e o estendeu delicadamente sobre ela.

– Ajude-me com ela, *Mac Dubh* – disse ele.

Ao ver o que ele estava prestes a fazer, Jamie se abaixou e pegou a mulher morta no colo. Duncan se ergueu e virou o rosto para as mulheres no canto.

– Não se preocupem – disse ele baixinho. – Vou cuidar dela.

Havia um tom de autoridade incomum na voz dele que me fez perceber que, apesar de sua modéstia natural, ele havia aceitado o fato de que era o senhor ali.

Os homens partiram com o corpo, e eu ouvi o dr. Fentiman suspirar. Parecia que o sótão todo suspirava com ele; a atmosfera ainda estava carregada de fedor e pesar, mas o choque da morte violenta estava se dissipando.

– Deixe isso – falei para Fentiman, ao vê-lo mover-se de novo para pegar um frasco no chão. – As mulheres cuidarão disso.

Sem esperar resposta, eu o segurei com firmeza pelo cotovelo, saí com ele pela porta e descemos a escada.

As pessoas tinham acordado; ouvi o barulho de pratos vindo da sala de jantar, e o suave aroma de linguças. Não podia passar com ele pelas salas naquele estado, nem levá-lo para os quartos; ele estava, sem dúvida, dividindo um quarto com vários outros homens, e alguns ainda deviam estar dormindo. Por falta de ideia melhor, eu o levei para fora, parando para pegar mais uma capa das criadas dos ganchos perto da porta e jogá-la sobre os ombros dele.

Então, Betty era mãe de Phaedre. Eu não conhecera Betty muito bem, mas conhecia Phaedre e senti o pesar por ela apertar minha garganta. Não havia nada que eu pudesse fazer por ela agora, no entanto; mas talvez pudesse ajudar o médico.

Em silêncio por causa do choque, ele me seguiu obedientemente enquanto eu o levava pelo caminho lateral perto dos gramados, protegido

pelo mausoléu de mármore branco de Hector Cameron e seus arbustos ornamentais de teixo. Havia um banco de pedra perto do rio, meio escondido sob um salgueiro. Eu duvidava que alguém estivesse abrigado ali tão cedo.

Não havia ninguém ali, mas duas taças de vinho estavam sobre o banco, com manchas vermelhas de vinho seco, vestígios abandonados das festividades da noite. Eu me perguntei por um momento se alguém tivera um encontro romântico ali e me lembrei de repente da minha aventura noturna. Droga, eu ainda não sabia ao certo quem era o dono daquelas mãos!

Afastando aquela pergunta perturbadora com as taças, eu me sentei, fazendo um gesto para que o dr. Fentiman se sentasse comigo. Estava frio, mas o banco estava totalmente iluminado pelo sol àquela hora, e seu calor era acolhedor e reconfortante sobre o meu rosto. O médico parecia melhor agora, depois de tomar ar fresco; vestígios de cor tinham voltado ao seu rosto, e seu nariz havia retomado o tom rosado de sempre.

– Está se sentindo um pouco melhor?

Ele assentiu, puxando a capa ao redor dos ombros estreitos.

– Estou, obrigado, sra. Fraser.

– Foi um grande choque, não? – perguntei do meu modo mais solidário.

Ele fechou os olhos e balançou a cabeça brevemente,

– Chocado... sim, muito chocado – murmurou ele. – Eu nunca teria...

Ele se interrompeu, e eu deixei que ele ficasse sentado por um momento. Ele precisava falar sobre o que tinha acontecido, mas era melhor deixar que ele fizesse isso no seu próprio tempo.

– Foi bom o senhor ter ido tão depressa – falei, depois de um tempo. – Vejo que eles o tiraram da cama. Ela piorou de repente, então?

– Sim. Eu podia jurar que ela estava melhor ontem à noite, depois que a sangrei.

Ele esfregou as mãos no rosto e piscou, os olhos muito vermelhos.

– O mordomo me acordou um pouco antes do amanhecer e, quando cheguei, ela estava de novo reclamando de dor nas entranhas. Eu a sangrei de novo e em seguida administrei um clister, mas não adiantou.

– Um clister? – murmurei.

Clister era um enema, uma espécie de lavagem intestinal, método muito usado na época. Alguns eram inofensivos; outros, bem corrosivos.

– Usei tintura de nicotiana – explicou ele –, que eu já observei que funciona muito bem na maioria dos casos de dispepsia.

Emiti um som evasivo em resposta. Nicotiana era tabaco; eu acreditava que uma solução forte, administrada pelo reto, provavelmente eliminaria vermes, mas não acho que ajudaria muito em um caso de indigestão. Mas tampouco faria ninguém sangrar daquele jeito.

– Uma quantidade enorme de sangue – falei, apoiando os cotovelos nos joelhos e pousando o queixo nas mãos. – Acho que nunca vi nada assim.

Era verdade. Eu estava curiosa. Repassando várias possibilidades, mas nenhum diagnóstico se encaixava.

– Não – falou o dr. Fentiman, cujo rosto magro começava a corar. – Eu... se eu tivesse pensado...

Eu me inclinei na direção dele e pousei uma mão consoladora em seu braço.

– Tenho certeza de que o senhor fez tudo o que poderia ser feito – falei. – Ela não estava sangrando pela boca quando o senhor a examinou ontem à noite, estava?

Ele balançou a cabeça, curvando-se ainda mais sob a capa.

– Não. Ainda assim, eu me culpo. De verdade.

– Qualquer um se culparia – falei, pesarosa. – Temos sempre a sensação de que poderíamos ter feito *algo* mais.

Ele percebeu a intensidade na minha voz e se virou na minha direção, parecendo surpreso. A tensão nele diminuiu um pouco, e a cor começou a sumir de seu rosto.

– A senhora é... extraordinariamente compreensiva, sra. Fraser.

Sorri para ele, sem dizer nada. Ele podia ser um charlatão, podia ser ignorante, arrogante e destemperado, mas respondera de imediato ao ser chamado e lutara por sua paciente da melhor maneira que pudera. Isso fazia dele um médico, na minha opinião, e significava que ele merecia solidariedade.

Depois de um momento, ele pousou a mão sobre a minha. Permanecemos em silêncio, observando o rio correr, marrom-escuro e turvo

por causa dos sedimentos. O banco de pedra estava frio sob o meu corpo e a brisa da manhã soprava gelada por baixo da minha camisola, mas eu estava preocupada demais para me importar com pequenos desconfortos. Podia sentir o cheiro de sangue seco nas roupas dele e vi de novo a cena no sótão. Do que diabos aquela mulher tinha morrido?

Eu o cutuquei delicadamente, fazendo perguntas cuidadosas, extraindo os detalhes de que ele se lembrava, mas eles não foram muito úteis. Ele não era um homem muito observador na maior parte do tempo. Além disso, estava muito cedo e o sótão, muito escuro. Ele foi se tranquilizando com a conversa, no entanto, libertando-se aos poucos daquela sensação de fracasso pessoal que é o preço frequente que um médico tem que pagar.

– Espero que a sra. Cameron... a sra. Innes, quero dizer... não ache que eu traí a sua hospitalidade – disse ele, incomodado.

Aquilo parecia algo realmente estranho de se dizer. Por outro lado... Betty *era* propriedade de Jocasta. Supus que, além de qualquer sensação de fracasso, o dr. Fentiman também estivesse pensando na possibilidade de Jocasta culpá-lo por não ter evitado a morte de Betty e de tentar ser ressarcida.

– Tenho certeza de que ela vai perceber que o senhor fez tudo o que podia – falei para acalmá-lo. – Direi isso a ela, se o senhor quiser.

– Minha cara senhora – falou o dr. Fentiman, apertando minha mão com gratidão. – A senhora é tão generosa quanto adorável.

– Acha mesmo, doutor?

Uma voz masculina falou com frieza atrás de mim, e eu me sobressaltei, soltando a mão do dr. Fentiman como se fosse um fio de alta tensão. Eu me virei no banco e vi Phillip Wylie recostado no tronco do salgueiro com uma expressão de sarcasmo.

– “Generosa” não é a palavra que vem primeiro à minha mente, devo dizer. “Lasciva”, talvez. “Cruel”, com toda a certeza. Mas “adorável”, sim... tenho que concordar.

Ele me olhou de cima a baixo com uma insolência que eu julgaria totalmente repreensível se não tivesse me dado conta, de repente, que o dr. Fentiman e eu estávamos sentados de mãos dadas no que só podia ser considerado um estado comprometedor de vestuário, já que nós dois ainda

estávamos com roupas de dormir.

Eu me levantei, envolvendo meu corpo com a camisola cheia de dignidade. Os olhos dele estavam fixos nos meus seios – com uma expressão sugestiva?, eu me perguntei. Cruzei os braços sob os seios, erguendo o peito de modo desafiador.

– O senhor perdeu a compostura, sr. Wylie – falei do modo mais frio possível.

Ele riu, mas não como se visse graça em alguma coisa.

– Eu perdi a compostura? A senhora não está se esquecendo de alguma coisa, sra. Fraser? Como a sua camisola? Não acha que está um pouco frio para estar vestida desse jeito? Ou os abraços do médico a esquentam o suficiente?

O dr. Fentiman, tão chocado quanto eu com o aparecimento de Wylie, tinha se levantado e se posicionado à minha frente, com o rosto magro tomado pela fúria.

– Como se atreve, senhor? Como pode ter a presunção diabólica de falar com uma senhora desse modo? Se eu estivesse armado, senhor, eu o desafiaria neste instante, juro!

Wylie estava olhando para mim. Ao ouvir aquilo, seu olhar se fixou em Fentiman, e ele viu o sangue manchando as pernas e as calças do médico. Seu olhar de reprovação se tornou menos incerto.

– Eu... aconteceu alguma coisa, senhor?

– Não é da sua conta, posso garantir – rebateu Fentiman e se empertigou como um galo de briga, estufando o peito. De modo digno, ele me ofereceu o braço. – Vamos, sra. Fraser. A senhora não precisa se expor às baboseiras e ofensas desse moleque.

Ele olhou de cara feia para Wylie, com os olhos vermelhos.

– Permita-me que eu a leve de volta ao seu marido.

O rosto de Wylie se transformou instantaneamente ao ouvir a palavra “moleque”, sendo tomado por uma profunda vermelhidão. Tão cedo, ele não estava usando maquiagem nem pó, e as faces vermelhas de fúria se destacavam em sua pele pálida. Ele pareceu inchar, como um sapo tomado pela raiva.

Senti uma vontade repentina de rir, mas a reprimi. Mordi o lábio e

aceitei o braço que o dr. Fentiman me ofereceu. Ele se aproximou do meu ombro, mas virou-se sobre os calcanhares descalços e nós marchamos dali com a dignidade de uma tropa.

Ao olhar para trás, vi Wylie ainda de pé embaixo do salgueiro, olhando para nós. Ergui a mão e acenei em despedida. A luz reluziu na minha aliança de ouro, e eu vi que ele ficou ainda mais tenso.

– Espero que cheguemos a tempo de tomar o café da manhã – disse o dr. Fentiman, animado. – Acho que recobrei meu apetite.

SUSPEITA

Os convidados começaram a partir depois do café da manhã. Jocasta e Duncan estavam juntos no terraço, a imagem de um casal muito feliz e unido, despedindo-se de todos, enquanto uma fila de carruagens e carroças descia lentamente pelo caminho. As pessoas vindas da parte baixa do rio esperavam no cais, as mulheres trocando receitas de última hora e fofocas, enquanto os homens acendiam cachimbos e se coçavam, livres das roupas desconfortáveis e das perucas formais. Os criados, aparentemente abatidos, esperavam, boquiabertos e com os olhos vermelhos, sentados sobre a bagagem.

– Você parece exausta, mãe.

Bree também parecia cansada. Ela e Roger tinham passado boa parte da noite acordados. Suas roupas exalavam um suave aroma de cânfora.

– Não posso imaginar por quê – respondi, controlando um bocejo. – Como Jemmy está hoje?

– Ele está fungando – disse ela –, mas está sem febre. Comeu um pouco de mingau no café da manhã e está...

Assenti, ouvi automaticamente e fui com ela examinar Jemmy, que estava muito animado, apesar do nariz escorrendo e de estar envolto em um leve torpor de exaustão. Eu me lembrei da sensação de quando voava dos Estados Unidos para a Inglaterra, vez ou outra. *Jet lag*, era como chamavam; uma sensação estranha, de estar consciente e lúcida, mas ainda assim não muito solidamente fixa no próprio corpo.

A garota Gussie estava cuidando de Jemmy; ela estava tão pálida e tinha os olhos tão vermelhos como todas as outras pessoas nas proximidades, mas eu acreditava que seu ar de sofrimento era resultado do estresse emocional, e

não da ressaca. Todos os escravos tinham sido afetados pela morte de Betty; eles se encarregaram das tarefas de limpeza depois da festa de casamento quase em silêncio total, com o semblante pesaroso.

– Você está se sentindo bem? – perguntei a ela quando terminei de examinar as orelhas e a garganta de Jemmy.

Ela pareceu assustada, e em seguida confusa; eu me perguntei se ela já tinha ouvido aquela pergunta antes.

– Ah. Ah, sim, senhora. Certamente.

Ela alisou o avental com as duas mãos, claramente nervosa diante do meu olhar atento.

– Tudo bem. Vou dar uma olhada em Phaedre, então.

Eu havia voltado para a casa com o dr. Fentiman e o entregara a Ulysses, para que ele comesse e se lavasse. Então fui diretamente encontrar Phaedre, parando antes apenas para me lavar e trocar de roupa – não queria aparecer diante dela coberta com o sangue de sua mãe.

Eu a havia encontrado na despensa de Ulysses, sentada, chocada e entorpecida, no banco onde ele se sentava para polir prata, com um copo grande de brandy ao seu lado, intocado. Uma das outras escravas, Teresa, estava com Phaedre; ela deu um pequeno suspiro de alívio ao me ver e veio me cumprimentar.

– Ela não está muito bem – murmurou Teresa, balançando a cabeça e olhando preocupada para Phaedre. – Ela não disse uma palavra, nem derramou uma lágrima.

O bonito rosto de Phaedre parecia entalhado em madeira. Normalmente de um delicado tom de canela, sua pele tinha passado a um marrom pálido e lenhoso, e os olhos encaravam fixamente, através da porta aberta da despensa, a parede branca mais à frente.

Coloquei a mão em seu ombro; estava quente, mas tão imóvel que era como se ela fosse uma pedra ao sol.

– Sinto muito – falei baixinho. – Sinto muito mesmo. O dr. Fentiman foi cuidar dela; ele fez tudo o que podia.

Era verdade; não havia motivo para dar minha opinião sobre as habilidades de Fentiman. Isso era irrelevante agora, em todo caso.

Nenhuma resposta. Ela estava respirando; eu podia ver o leve subir e

descer de seu peito, mas era só.

Mordi o lado de dentro do meu lábio inferior, tentando pensar em algo ou em alguém que pudesse lhe dar um pouco de conforto. Jocasta? Será que Jocasta já sabia da morte de Betty? Duncan sabia, claro, mas ele poderia ter escolhido não contar a ela até depois que os convidados tivessem ido embora.

– O padre – falei, a ideia me ocorrendo de repente. – Você gostaria que o padre LeClerc... abençoasse o corpo da sua mãe?

Eu achei que era tarde demais para os Últimos Ritos, assumindo que Phaedre soubesse o que eram, mas tinha certeza de que o padre não se importaria de oferecer qualquer conforto que pudesse. Ele ainda não havia partido; eu o vira na sala de jantar alguns momentos antes, devorando um prato de carne de porco com ovos fritos e molho.

Um leve tremor percorreu o ombro sob a minha mão. O rosto belo e imóvel se virou para mim, os olhos escuros opacos.

– De que adianta? – sussurrou ela.

– Ah... bem...

Perturbada, eu me esforcei para encontrar uma resposta, mas ela já tinha se virado, olhando para uma mancha na madeira da mesa.

O que eu tinha feito no fim das contas fora dar a ela uma pequena dose de láudano – uma ironia que ignorei resolutamente – e pedir a Teresa que a colocasse na cama onde ela normalmente dormia, no quarto de vestir próximo ao de Jocasta.

Abri a porta do quarto agora para ver como ela estava. O quarto pequeno não tinha janelas e estava escuro, cheirando a amido e cabelo queimado e ao aroma suave de flores da água de toucador de Jocasta. Havia um enorme armário e uma cômoda combinando em um dos lados, e uma penteadeira do outro. Um biombo separava o canto mais distante, e atrás dele ficava a cama estreita de Phaedre.

Eu podia ouvir a respiração dela, lenta e profunda, e me senti reconfortada por isso. Eu me movi em silêncio pelo quarto escuro e afastei o biombo um pouco; ela estava deitada de lado, virada de costas, encolhida em posição fetal, com os joelhos flexionados.

Bree havia entrado no quarto atrás de mim. Ela olhou por cima do meu

ombro, com a respiração quente no meu ouvido. Eu fiz um gesto discreto indicando que estava tudo bem e coloquei o biombo de volta no lugar.

Na porta do quarto de vestir, Brianna parou. Ela se virou para mim de repente, colocou os braços em torno de mim e me abraçou com força. No quarto iluminado, Jemmy sentiu falta dela e começou a dar gritinhos.

– Mama! Ma! Ma-MA!

Pensei que deveria comer alguma coisa, mas com o cheiro do sótão e o cheiro da água de tocador ainda nas minhas narinas, eu estava sem apetite. Alguns convidados ainda permaneciam na sala de jantar; especialmente amigos de Jocasta, que ficariam por um ou dois dias. Eu assenti e sorri ao passar, mas ignorei os convites para me juntar a eles, e segui para a escada que levava ao segundo andar.

O quarto estava vazio, os colchões sem lençol e as janelas abertas para arejar. A lareira tinha sido limpa e o cômodo estava frio, mas abençoadamente silencioso.

Minha capa ainda estava dentro do guarda-roupa. Eu me deitei no colchão, puxei a capa sobre o meu corpo e adormeci.

Acordei pouco antes do pôr do sol, faminta, com uma estranha mistura de sensações, de conforto e intranquilidade. O conforto eu entendi de imediato; o cheiro de sangue e flores tinha sido substituído pelo de sabão de barbear e lençóis aquecidos pelo corpo, e a pálida luz dourada que entrava pela janela incidia sobre o travesseiro ao meu lado, onde um fio de cabelo comprido, dourado-avermelhado, brilhava na depressão deixada pela cabeça de alguém. Jamie tinha vindo dormir ao meu lado.

Como se tivesse sido chamado pelos meus pensamentos, a porta se abriu e ele sorriu para mim. Barbeado, penteado, com roupas limpas e os olhos claros, ele parecia ter apagado todos os vestígios da noite anterior – menos a expressão em seu rosto quando olhou para mim. Desmazelada e despenteada como eu estava em contraste com a aparência bem cuidada dele, seu olhar carinhoso me aqueceu, apesar do frio no quarto.

– Enfim você acordou. Dormiu bem, Sassenach?

– Como um defunto – respondi automaticamente, e senti um aperto por

dentro em seguida.

Ele o viu refletido em meu rosto e veio depressa se sentar na cama ao meu lado.

– O que foi? Teve um sonho ruim, Sassenach?

– Não exatamente – respondi devagar.

Na verdade, eu não me lembrava de ter sonhado. E ainda assim minha mente parecia ter ficado marcando o tempo nas sombras da inconsciência, tomando notas e fazendo deduções. Acionada agora pela palavra “defunto”, ela havia acabado de me apresentar suas conclusões, que eram responsáveis pela sensação de intranquilidade com a qual eu havia acordado.

– Aquela mulher, a Betty. Eles já a enterraram?

– Não. Eles limparam o corpo e o colocaram em um barracão, mas Jocasta quis esperar até a manhã pelo enterro, para não incomodar seus convidados. Alguns vão ficar mais uma noite.

Ele franziu o cenho levemente, observando-me.

– Por quê?

Passei a mão pelo rosto, menos para me acordar e mais para organizar o que ia dizer.

– Tem alguma coisa errada. Em relação à morte dela, quero dizer.

– Errada... como?

Ele ergueu a sobrancelha.

– Foi uma maneira horrível de morrer, com certeza, mas não é isso que você quer dizer, certo?

– Não.

Minhas mãos estavam frias; eu peguei as mãos dele automaticamente, e ele tomou as minhas, envolvendo meus dedos com calor.

– Quero dizer... não acredito que tenha sido uma morte natural. Acho que alguém a matou.

Ditas daquele modo, as palavras permaneceram frias e áridas entre nós.

Ele franziu o cenho e contraiu os lábios, pensando. Eu notei, no entanto, que ele não rejeitou a ideia de todo, e isso fortaleceu minha convicção.

– Quem? – perguntou ele, por fim. – E tem certeza disso, Sassenach?

– Não faço ideia. E não posso ter toda a certeza – admiti. – É só que...

Eu hesitei, mas ele apertou uma das minhas mãos de leve, incentivando-

me. Eu balancei a cabeça.

– Sou enfermeira, médica, curandeira há muito tempo, Jamie. Já vi as pessoas morrerem de muitas maneiras horríveis, e todos os tipos de coisa. Não sei dizer ao certo o que está acontecendo aqui, mas agora que passou um tempo, eu simplesmente sei... acho... que há algo errado – concluí de modo meio insatisfatório.

A luz estava diminuindo; sombras desciam dos cantos do quarto, e eu estremeci de repente, apertando as mãos dele.

– Compreendo – disse ele baixinho. – Mas não há como ter certeza, há?

A janela ainda estava entreaberta; as cortinas esvoaçaram de repente com uma rajada de vento, e eu senti os pelos se eriçarem nos meus braços por causa do frio.

– Pode ser que haja – respondi.

A NOITE DE UM DIA DIFÍCIL

O local onde eles tinham colocado o corpo ficava bem longe da casa – um pequeno barracão de ferramentas perto da horta. A lua minguante estava baixa no céu, mas ainda lançava luz suficiente para iluminar o caminho de pedras que atravessava o jardim. Árvores frutíferas em espaldeira se estendiam, escuras como teias de aranha contra as paredes. Alguém tinha cavado; eu podia sentir o cheiro frio e úmido de terra recém-remexida, e estremeci involuntariamente ao pensar nas minhocas e no húmus.

Jamie sentiu e colocou a mão nas minhas costas.

– Está tudo bem, Sassenach? – sussurrou.

– Sim.

Segurei a mão livre dele para me tranquilizar. Não enterrariam Betty na horta; a escavação devia ser para algo prosaico como uma plantação de cebolas ou para preparar a terra para plantar mudas de ervilha. A ideia era confortante, apesar de a minha pele ainda parecer fria e fina, formigando de apreensão.

Jamie também parecia longe de estar tranquilo, embora estivesse controlado, como sempre. Ele estava bastante familiarizado com a morte e não tinha grandes temores a respeito disso. Mas era católico e celta, com uma forte convicção de haver outro mundo, invisível, que ia além da dissolução do corpo. Acreditava implicitamente em *tannasgeach* – em espíritos – e não desejava encontrar um deles. Ainda assim, se eu estivesse determinada, ele enfrentaria o além por mim. Ele apertou minha mão com força e não soltou.

Eu apertei a dele, profundamente grata por sua presença. Além da questão de como o fantasma de Betty poderia se sentir em relação ao meu

plano de ação, eu sabia que a ideia de mutilação deliberada o perturbava, por mais que ele estivesse convencido, racionalmente, de que um corpo sem alma não passava de pó.

– Ver homens mutilados em um campo de batalha é uma coisa – dissera ele mais cedo, ainda discutindo comigo. – É uma guerra, e é algo honrado, por mais cruel que seja. Mas pegar uma lâmina e retalhar uma pobre inocente como aquela mulher a sangue-frio...

Ele olhara para mim, os olhos obscurecidos por pensamentos inquietantes.

– Tem certeza de que precisa fazer isso, Claire?

– Tenho – respondera eu, olhos fixos no conteúdo da bolsa que eu estava arrumando.

Um rolo grande de tecido para compressas, para absorver os fluidos, pequenos frascos para amostras dos órgãos, minha maior serra de ossos, alguns bisturis, uma tesoura grande, uma faca afiada emprestada da cozinha... era uma coleção sinistra, com certeza. Envolvi a tesoura em uma toalha para impedir que ela batesse contra os outros objetos e a coloquei dentro da bolsa, pensando cuidadosamente no que ia dizer.

– Veja – falara por fim, olhando nos olhos dele. – Tem alguma coisa errada, eu sei. E se Betty foi morta, então certamente precisamos descobrir, devemos isso a ela. Se você fosse assassinado, não ia querer que alguém fizesse o possível para provar? Para... vingá-lo?

Ele ficara parado por um longo momento, olhos semicerrados enquanto pensava e olhava para mim. Então seu rosto relaxara, e ele assentira.

– Sim, eu ia querer isso – respondera ele, baixinho.

Então pegara a serra de osso e começara a envolvê-la no tecido.

Ele parara de protestar. Não me perguntara de novo se eu tinha certeza. Simplesmente dissera com firmeza que, se eu pretendia fazer aquilo, ele faria comigo, e só.

Quanto a ter certeza, eu não tinha. Tinha a sensação de que havia algo de muito errado em relação àquela morte, mas não estava muito confiante em relação à minha ideia do que poderia ser, com a lua fria descendo no céu vazio e o vento resvalando em meu rosto com seus dedos gelados.

A morte de Betty podia ter sido apenas um acidente, não fruto da

maldade de alguém. Eu poderia estar errada; talvez tivesse sido uma simples hemorragia de uma úlcera esofágica, o rompimento de um aneurisma na garganta, ou alguma outra raridade fisiológica. Incomum, mas natural. Será que eu estava fazendo aquilo apenas para tentar justificar minha fé na própria capacidade de diagnóstico?

O vento fez minha capa subir e eu a segurei ao redor do corpo com uma das mãos, endireitando as costas. Não. Não tinha sido uma morte natural, eu sabia. Não poderia dizer *como* sabia, mas felizmente Jamie não havia me perguntado isso. Eu me lembrei de repente: Joe Abernathy, com um sorriso jovial de desafio no rosto, enfiando a mão em uma caixa de papelão cheia de ossos e dizendo: “Só quero ver se você pode fazê-lo com uma pessoa morta, L. J.”

Eu podia. E fiz. Ele havia me entregado um crânio, e a lembrança de Geillis Duncan me atravessou como gelo líquido.

– Não precisa fazer isso, Claire – falou Jamie, apertando minha mão. – Não vou achar que você é covarde.

A voz dele estava suave e séria, quase inaudível acima do vento.

– Eu acharia – falei e senti que ele concordava.

Estava decidido, então; ele soltou a minha mão e foi na minha frente para abrir o portão.

Ele parou, e meus olhos adaptados ao escuro viram a linha clara de seu perfil quando ele virou a cabeça, ouvindo. A lamparina escura que ele carregava tinha um cheiro forte de óleo, e um brilho fraco que escapava de suas laterais furadas salpicava o tecido de sua capa com pontinhos de luz fraca.

Olhei ao redor e me virei de novo para a casa. Apesar de estar tarde, velas ainda estavam acesas na sala dos fundos, onde os jogos de cartas continuavam; ouvi um suave murmúrio de vozes quando o vento mudou, e uma risada repentina. No andar de cima, estava quase tudo escuro – exceto uma janela que eu reconheci como sendo do quarto de Jocasta.

– Sua tia está acordada até tarde – sussurrei para Jamie.

Ele se virou e olhou para a casa.

– Não, é Duncan – disse ele suavemente. – Minha tia não precisa de luz, afinal.

– Talvez ele esteja lendo para ela na cama – falei, tentando atenuar a seriedade da nossa tarefa.

Jamie emitiu um som de sarcasmo e a atmosfera opressiva se aliviou um pouco. Ele destrancou o portão e o abriu, mostrando um quadrado escuro à frente. Eu dei as costas para as luzes da casa e segui, sentindo-me um pouco como Perséfone entrando no mundo inferior.

Jamie fechou o portão e me entregou a lamparina.

– O que está fazendo? – sussurrei, ouvindo o farfalhar das roupas dele.

Estava tão escuro perto do portão que tudo que eu enxergava dele era um borrão escuro, mas o som baixinho que veio em seguida me indicou o que ele estava fazendo.

– Mijando no limiar – respondeu ele aos sussurros, dando um passo para trás enquanto ajustava a calça. – Se precisarmos, vamos fazer, mas não quero que nada nos siga de volta para a casa.

Foi minha vez de emitir um murmúrio sarcástico, mas não disse nada quando ele insistiu em repetir esse ritual na porta do barracão. Imaginação ou não, a noite parecia de alguma forma habitada, como se coisas invisíveis se movessem pela escuridão, murmurando sob a voz do vento.

Foi quase um alívio ir lá para dentro, onde o ar estava parado, apesar de os cheiros da morte se misturarem ao cheiro de ferrugem, palha apodrecida e madeira úmida. Ouvi um som metálico quando a abertura da lamparina deslizou e um feixe forte de luz invadiu o espaço.

Eles tinham colocado a escrava morta em uma tábua sobre dois cavaletes, já limpa e adequadamente disposta, envolta em um pano de musselina. Ao lado dela havia um pequeno pão e um copo de brandy. Um raminho de ervas secas, cuidadosamente retorcido e amarrado em um nó, estava sobre a mortalha, bem acima do coração. Quem teria deixado aquilo ali?, eu me perguntei. Uma das outras escravas, com certeza. Jamie se benzeu ao ver aquilo e olhou para mim, de modo quase acusatório.

– Dá azar tocar nessas coisas de sepultura.

– Tenho certeza de que só dá azar pegá-las – disse a ele em voz baixa, apesar de ter me benzido antes de pegar os objetos e colocá-los no chão em um canto do barracão. – Vou colocar tudo de volta quando terminar.

– Humf. Espere um momento, Sassenach. Não toque nela ainda.

Ele procurou dentro da capa e tirou de lá um pequeno frasco. Tirou a rolha e, colocando os dedos na abertura, despejou um pouco de líquido, que espargiu sobre o cadáver, murmurando uma oração em gaélico que eu reconheci como sendo a invocação a São Miguel para nos proteger de demônios, espíritos do mal e coisas que saem à noite. Muito útil.

– Isso é água benta? – perguntei, incrédula.

– Sim, claro. Peguei com o padre LeClerc.

Ele fez o sinal da cruz sobre o corpo e pousou a mão brevemente na curva da cabeça antes de assentir de modo relutante para que eu prosseguisse.

Peguei um bisturi na bolsa e cortei a costura da mortalha com cuidado. Eu havia levado uma agulha grande e linha encerada para costurar a incisão no corpo; com sorte, talvez eu conseguisse costurar de volta o tecido de modo que ninguém percebesse o que eu tinha feito.

O rosto dela estava quase irreconhecível, as bochechas redondas agora flácidas e afundadas, e o tom suave de sua pele negra agora acinzentado, os lábios e as orelhas de um roxo lívido. Isso tornava as coisas mais fáceis; estava claro que aquilo era apenas uma casca, e não a mulher que eu tinha visto antes. Aquela mulher, se ainda estivesse nos arredores, não faria objeções, pensei.

Jamie fez o sinal da cruz de novo e disse algo em gaélico, depois ficou parado, segurando a lamparina para que eu pudesse trabalhar sob iluminação. A luz projetava a sombra dele na parede do barracão, gigante e misteriosa na chama vacilante. Eu desviei o olhar e me concentrei no meu trabalho.

A mais formal e higiênica das autópsias modernas não passa de um trabalho de açougueiro; aquilo não era diferente – era pior apenas por causa da falta de luz, de água e de ferramentas especializadas.

– Você não precisa assistir, Jamie – falei, dando um passo para trás por um momento para passar o punho na testa.

Por mais frio que estivesse no barracão, eu suava devido ao trabalho pesado de serrar o osso do esterno, e o ar estava tomado pelo cheiro forte de um corpo aberto.

– Tem um prego na parede. Você pode pendurar a lamparina, se quiser

sair um pouco.

– Estou bem, Sassenach. O que é isso?

Ele se inclinou para a frente, apontando com cuidado. O olhar de inquietação tinha sido substituído pelo de interesse.

– A traqueia e os brônquios – respondi, traçando os círculos de cartilagem – e uma parte de um dos pulmões. Se você estiver bem, pode aproximar a luz um pouco, por favor?

Como não tínhamos afastadores, eu não conseguia abrir a caixa torácica o suficiente para expor o pulmão inteiro em nenhum dos dois lados, mas achei que poderia ver o suficiente para eliminar algumas possibilidades. A superfície de ambos os pulmões estava escura e granulosa. Betty tinha 40 e poucos anos e havia passado a vida toda perto de lareiras.

– Qualquer coisa nociva que você respire e não expectore, fumaça de tabaco, fuligem, fumaça, o que quer que seja, aos poucos se deposita entre o tecido do pulmão e a pleura – expliquei, erguendo um pouco da membrana fina e meio transparente da pleura com a ponta do bisturi. – Mas o corpo não consegue expelir tudo isso, então essas coisas simplesmente ficam aqui. O pulmão de uma criança teria um belo tom rosa-claro.

– Os meus são assim? – perguntou Jamie e sufocou uma pequena tosse reflexiva. – E o que é fuligem?

– O ar em cidades como Edimburgo, onde a fumaça do carvão se mistura à névoa que vem da água – expliquei, distraída, resmungando um pouco enquanto afastava as costelas, espiando dentro da cavidade escura. – Os seus provavelmente não estão tão ruins, já que você passou muito tempo ao ar livre ou em locais sem aquecimento. Pulmões limpos são uma das compensações para quem vive sem fogo.

– É bom saber, quando não se tem escolha – disse ele. – Diante da escolha, porém, imagino que a maioria das pessoas preferiria ficar aquecida e tossir.

Não olhei para a frente, mas sorri, cortando o lobo superior do pulmão direito.

– Sim, e é o que fazem.

Não havia indícios de hemorragia nos pulmões nem sangue nas vias aéreas; nenhum sinal de embolia pulmonar. Não havia acúmulo de sangue

no peito nem na cavidade abdominal, embora eu estivesse vendo um pouco de infiltração. O sangue coagula pouco depois da morte, mas aos poucos volta a ficar líquido.

– Pode me dar um pouco mais de tecido?

Uma pequena mancha de sangue na mortalha provavelmente não deixaria ninguém preocupado, considerando a natureza espalhafatosa da morte de Betty, mas eu não queria que nada despertasse as suspeitas de alguém o suficiente para olharem por dentro.

Eu me inclinei para pegar o pano da mão dele, colocando inadvertidamente uma das mãos na lateral do cadáver. O corpo emitiu um grunhido baixinho, Jamie deu um pulo para trás com uma exclamação de espanto, e a luz vacilou.

Eu também havia me sobressaltado, mas logo me recuperei.

– Está tudo bem – falei, apesar de meu coração estar acelerado e de o suor no meu rosto ter ficado frio de repente. – É só gás acumulado. Cadáveres costumam fazer barulhos estranhos.

– Sim.

Jamie engoliu em seco e assentiu, firmando a lanterna.

– Sim, já vi isso bastante. Mas assusta um pouco, não?

Ele sorriu para mim, um sorriso torto, apesar de uma camada de suor brilhar em sua testa.

– Assusta, sim.

Ocorreu-me que ele, sem dúvida, já tinha lidado com muitos cadáveres, todos não preservados, e provavelmente estava tão familiarizado com os fenômenos da morte quanto eu. Apoiei a mão com cuidado no mesmo lugar, mas não ouvimos nenhum outro ruído, e voltei ao exame.

Outra diferença entre aquela autópsia improvisada e uma autópsia moderna era a falta de luvas. Minhas mãos estavam ensanguentadas até o punho, e os órgãos e as membranas tinham uma textura levemente escorregadia e desagradável; por mais frio que estivesse dentro do barracão, o processo inexorável de decomposição já tinha começado. Coloquei a mão embaixo do coração e o ergui em direção à luz, procurando descolorações na superfície ou rupturas visíveis dos grandes vasos.

– Eles também se mexem de vez em quando – disse Jamie depois de um

minuto.

Havia um tom estranho em sua voz, e eu olhei para ele, surpresa. Seus olhos estavam fixos no rosto de Betty, mas com um olhar distante que deixava claro que ele estava vendo outra coisa.

– Quem se mexe?

– Os cadáveres.

Senti meus braços se arrepiarem. Ele estava certo, apesar de eu achar que ele poderia ter guardado aquela observação para si mesmo por enquanto.

– Sim – falei, do modo mais casual que consegui, voltando a me concentrar no trabalho. – Fenômenos *post-mortem* comuns. Geralmente apenas o movimento de gases.

– Uma vez vi um morto se sentar – disse ele, com um tom tão casual quanto o meu.

– Onde, em um velório? Ele não estava realmente morto?

– Não, em uma fogueira. E ele estava bem morto.

Olhei para a frente. A voz dele estava tranquila e objetiva, mas seu olhar era de profunda abstração. O que quer que tivesse visto, ele estava vendo de novo.

– Depois de Culloden, os ingleses queimaram os escoceses mortos no campo de batalha. Sentimos o cheiro das fogueiras, mas não vi nenhuma, exceto quando eles me levaram para fora e me colocaram na carroça para me mandar para casa.

Ele havia se escondido embaixo de uma camada de feno, com o nariz pressionado contra uma fresta nas tábuas para poder respirar. O condutor da carroça tinha dado a volta no campo para evitar perguntas de tropas perto da casa e, em determinado momento, parou um pouco para esperar um grupo de soldados se afastar.

– Havia uma pira acesa, talvez a uns 10 metros de distância; eles a haviam acendido pouco tempo antes, pois as roupas tinham acabado de começar a queimar. Vi Graham Gillespie deitado em uma pilha perto de mim, e ele com certeza estava morto, pois havia a marca de um tiro de pistola em sua têmpora.

A carroça tinha esperado pelo que parecera muito tempo, embora fosse difícil saber, já que ele estava tomado pela dor e pela febre. Mas enquanto

observava, ele viu Gillespie sentar-se de repente em meio às chamas e virar a cabeça.

– Ele estava olhando diretamente para mim – disse ele. – Se eu estivesse bem, acho que teria dado um berro. Mas naquela situação, pareceu apenas um ato... simpático de Graham.

Havia um toque de diversão inquieta em sua voz.

– Pensei que talvez ele estivesse me dizendo que não era tão ruim estar morto. Era isso, ou talvez estivesse me dando as boas-vindas ao inferno.

– Contratura *post-mortem* – falei, absorta no exame do sistema digestivo.
– O fogo faz os músculos se contraírem, e os membros costumam se retorcer em posições que lembram muito movimentos feitos em vida. Pode aproximar um pouco a luz?

Puxei o esôfago e cuidadosamente o cortei, ao comprido, virando o tecido solto. Havia certa irritação na parte de baixo e também sangue, mas nenhum sinal de ruptura nem hemorragia. Examinei de perto a cavidade faríngea, mas estava escuro demais para ver alguma coisa ali. Eu não tinha equipamentos para uma exploração detalhada, então voltei minha atenção para o outro lado, passando uma das mãos por baixo do estômago e erguendo-o.

A sensação de que havia algo de errado naquilo tudo se intensificou. Se houvesse algo estranho, ali era onde eu tinha mais chances de encontrar evidências. A lógica e também o sexto sentido indicavam isso.

Não havia comida no estômago; depois de tanto vômito, isso não me surpreendeu. Quando cortei a parede muscular, no entanto, o cheiro forte de ipecacuanha se sobrepôs ao fedor do corpo.

– O que foi?

Jamie se inclinou para a frente quando emiti uma exclamação, franzindo o cenho ao olhar para o corpo.

– Ipecacuanha. Aquele charlatão deu ipecacuanha a ela... e recentemente! Consegue sentir o cheiro?

Ele fez uma careta de nojo, mas farejou e assentiu.

– Isso não seria a coisa adequada a fazer, quando uma pessoa está com dores de barriga? Você mesma deu ipecacuanha a Beckie MacLeod quando ela bebeu aquela sua coisa azul.

– É verdade.

Beckie, de 5 anos, tinha bebido meio frasco de uma mistura com arsênico que eu fazia para envenenar os ratos, atraída pela cor azul-clara, e evidentemente não fora desencorajada pelo gosto ruim. Bem, os ratos também gostavam.

– Mas eu fiz aquilo imediatamente. Não há motivo para dar isso a alguém horas depois, quando o veneno ou a substância irritante já saiu do estômago.

Considerando a extensão dos conhecimentos médicos de Fentiman, no entanto, será que ele sabia disso? Poderia simplesmente ter administrado ipecacuanha de novo por não saber o que mais fazer. Franzi o cenho, voltando-me de novo para a parede grossa do estômago. Sim, aquela era a fonte da hemorragia; a parede interna parecia em carne viva, vermelha como carne moída. Havia uma pequena quantidade de líquido no estômago; linfa transparente que havia começado a se separar do sangue coagulado que havia no corpo.

– Então, você está achando que a ipecacuanha pode tê-la matado?

– Estava... mas agora não tenho tanta certeza – murmurei, examinando com cuidado.

Havia me ocorrido que se Fentiman tivesse dado a Betty uma dose grande de ipecacuanha, os fortes vômitos provocados por ela poderiam ter causado uma ruptura interna e hemorragia, mas eu não estava encontrando nenhuma evidência disso. Usei o bisturi para abrir o estômago ainda mais, afastando as beiradas e abrindo o duodeno.

– Pode me dar um daqueles frascos vazios? E a bacia, por favor?

Jamie pendurou a lamparina no prego e se ajoelhou para procurar dentro da bolsa, enquanto eu examinava ainda mais o estômago. Havia um pouco de material granuloso formando uma borra clara entre as dobras. Eu o raspei com cuidado e descobri que ele saía com facilidade, uma pasta grossa e arenosa entre os meus dedos. Não tinha certeza do que era, mas uma suspeita desagradável crescia no fundo da minha mente. Queria lavar o estômago, recolher o resíduo e levá-lo de volta para a casa, onde poderia examiná-lo com luz suficiente, pela manhã. Se fosse o que eu pensava ser...

De repente, a porta do barracão se abriu. Uma rajada de ar frio fez com

que a chama da lamparina se intensificasse – o bastante para me mostrar o rosto de Phillip Wylie, pálido e chocado emoldurado pelo batente da porta.

Ele olhou para mim, levemente boquiaberto, em seguida fechou a boca e engoliu em seco; eu ouvi o som com clareza. Seus olhos percorreram a cena lentamente, e então voltaram para o meu rosto, arregalados de horror.

Eu também estava chocada. Meu coração tinha pulado para a garganta, e minhas mãos estavam paralisadas, mas meu cérebro estava acelerado.

O que aconteceria se ele fizesse uma cena? Seria um escândalo terrível, quer eu conseguisse explicar o que estava fazendo, quer não. Se não conseguisse... o medo percorreu meu corpo em uma onda gelada. Eu já tinha quase sido queimada por bruxaria uma vez; e tinha sido suficiente.

Senti um leve movimento do ar perto dos meus pés, e percebi que Jamie estava agachado nas sombras embaixo da mesa. A luz da lamparina era forte, mas limitada; eu estava envolvida pela escuridão até a cintura. Wylie não o vira. Estiquei o pé e o cutuquei, em um sinal para que ficasse onde estava.

Eu me forcei a sorrir para Phillip Wylie, apesar de sentir o coração na boca, batendo com força. Engoli em seco e disse a primeira coisa que me ocorreu, que acabou sendo “boa noite”.

Ele lambeu os lábios. Não estava usando maquiagem no momento, mas estava tão pálido quanto o lençol de musselina.

– Sra... Fraser – disse ele, e engoliu em seco de novo. – Eu... eu... o que está fazendo?

Eu pensei que fosse bastante óbvio; presumivelmente a pergunta tinha que ver com os motivos pelos quais eu estava fazendo aquilo – e eu não tinha a menor intenção de abordar esse assunto.

– Não é da sua conta – falei de modo agressivo, recuperando um pouco da coragem. – O que *o senhor* está fazendo vagando pela propriedade na calada da noite?

Evidentemente, aquela era uma boa pergunta; o rosto dele mudou de imediato, passando do horror à cautela. Ele virou a cabeça como se quisesse olhar para trás. Interrompeu o movimento antes que se completasse, mas meus olhos seguiram sua direção. Havia um homem de pé no escuro atrás dele; um homem alto que dera um passo à frente, com o rosto pálido sob o

brilho da lamparina, olhos verdes cheios de sarcasmo. Stephen Bonnet.

– Jesus Cristo! – exclamei.

Várias coisas aconteceram naquele momento: Jamie saiu de baixo da mesa como uma cobra dando o bote, Phillip Wylie se afastou da porta com um grito assustado, e a lamparina caiu no chão ao se soltar do prego. Senti um cheiro forte de óleo e brandy esparramados, um ruído como o de uma fornalha sendo acesa, e a mortalha amassada começou a pegar fogo aos meus pés.

Jamie tinha desaparecido; ouvi gritos vindos da escuridão do lado de fora, e o som de pés no caminho de tijolos. Chutei o tecido em chamas, pretendendo apagar o fogo.

Então, pensei melhor e empurrei a mesa, derrubando-a e virando seu conteúdo. Peguei a mortalha em chamas com uma das mãos e a arrastei para cima do cadáver e da mesa virada. O chão do barracão estava cheio de serragem, já queimando em alguns pontos. Chutei a lamparina quebrada com força, e ela bateu nas tábuas da parede, espalhando o restante do óleo, que imediatamente se incendiou.

Ouvi gritos vindos da horta, vozes alarmadas; eu tinha que sair. Peguei minha bolsa e corri, com as mãos vermelhas, noite adentro, meu punho ainda segurando firme as evidências. Era a única coisa certa no caos à minha volta. Eu não fazia ideia do que estava acontecendo ou do que poderia acontecer em seguida, mas pelo menos sabia que estava certa. Betty tinha sido mesmo assassinada.

Havia dois criados agitados na horta, que aparentemente tinham sido acordados pelo barulho da confusão. Estavam andando de um lado para outro, desorientados, chamando um ao outro, mas sem nenhuma luz além da lua que já desaparecia, foi fácil me manter nas sombras e passar despercebida por eles.

Ninguém tinha saído da casa principal ainda, mas os gritos e as chamas chamariam atenção em breve. Eu me agachei contra a parede, nas sombras de um enorme pé de framboesa, quando o portão se abriu e mais dois escravos saíram correndo do estábulo, semivestidos e confusos, gritando algo sobre os cavalos. O cheiro de queimado estava forte no ar; sem dúvida, eles

achavam que o estábulo estava em chamas ou prestes a se incendiar.

Meu coração batia com tanta força no peito que eu conseguia senti-lo, como um punho. Tive uma visão desagradável do coração flácido que havia acabado de segurar nas minhas mãos, e de como o meu deveria estar agora – uma protuberância vermelho-escura de músculo liso, pulsando e martelando, batendo sem parar na cavidade estreita entre os pulmões.

Os pulmões não estavam funcionando nem de longe tão bem quanto o coração; minha respiração estava rasa e difícil, em arquejos que eu tentava controlar por medo de ser descoberta. E se eles tirassem o corpo profanado de Betty do barracão? Não saberiam quem tinha sido responsável pela mutilação, mas a descoberta causaria uma terrível comoção, com rumores temerários e histeria pública.

Um brilho podia ser visto agora acima da parede da horta; o teto do abrigo estava começando a pegar fogo, o brilho aparecendo em linhas finas e brilhantes conforme os galhos de pinheiro começavam a se incendiar e se retorcer.

O suor descia por trás das minhas orelhas, mas minha respiração ficou um pouco mais tranquila quando vi os escravos de pé perto do portão mais distante, reunidos em uma silhueta de perplexidade. Claro – eles não tentariam apagar o fogo, que já queimava bem alto. A água mais próxima era a dos cochos dos cavalos; quando os baldes fossem cheios, o barracão já estaria a meio caminho de se transformar em cinzas. Não havia nada perto dali que pudesse pegar fogo. Era melhor deixar que queimasse.

A fumaça subia em densas espirais, bem alto. Sabendo o que havia no barracão, foi fácil imaginar formas espectrais nas ondulações transparentes. Então o fogo subiu pelo telhado, e as labaredas incendiaram a fumaça por baixo com um brilho bonito e sinistro.

Um grito alto surgiu atrás de mim, e eu me assustei, batendo o cotovelo contra a parede de alvenaria. Phaedre havia passado pelo portão, com Gussie e outra escrava atrás dela. Ela correu pelo jardim, gritando “Mamãe!” enquanto seu vestido branco refletia a luz das chamas que agora saíam pelos buracos no telhado do barracão, espalhando faíscas.

Os homens que estavam no portão a seguraram; as mulheres correram atrás dela, gritando agitadas. Senti o gosto de sangue na boca e percebi que

tinha mordido o lábio inferior. Fechei os olhos de repente, tentando não ouvir os gritos desesperados de Phaedre e as palavras dos que a confortavam.

Uma terrível sensação de culpa se abateu sobre mim. A voz dela era muito parecida com a de Bree, e eu podia imaginar com clareza o que Bree sentiria se meu corpo estivesse sendo incinerado naquele barracão. Mas havia coisas piores que Phaedre poderia sentir se eu não tivesse causado o incêndio. Minhas mãos tremiam de frio e de tensão, mas agarrei minha bolsa, que tinha deixado no chão aos meus pés.

Minhas mãos estavam rígidas e medonhas, meladas de sangue e linfa. Eu não podia – *não podia* – ser vista naquele estado. Procurei dentro do saco com a mão livre e finalmente encontrei um frasco com tampa, normalmente usado para guardar sanguessugas, e a pequena garrafa de álcool e água.

Não conseguia ver, mas senti o sangue rachar e cair em flocos quando abri meus dedos tensos e raspei cuidadosamente o que havia na mão para dentro do frasco. Não consegui segurar a rolha da garrafa com os dedos trêmulos; por fim consegui puxá-la com os dentes e despejei o álcool sobre a palma aberta, lavando o resto do resíduo granuloso para dentro do frasco.

A casa já tinha despertado àquela altura; eu podia ouvir vozes vindo daquela direção. O que estaria acontecendo? Onde estaria Jamie – e onde estariam Stephen Bonnet e Phillip Wylie? Jamie não tinha nenhuma arma consigo além de uma garrafa de água benta; e os outros? Eu não tinha ouvido tiros, pelo menos – mas lâminas não faziam barulho.

Lavei as duas mãos depressa com o resto do conteúdo da garrafa e as sequei no pano escuro da minha capa, onde as manchas não apareceriam. As pessoas corriam de um lado para outro pelo jardim, sombras passando pelos caminhos como fantasmas, a poucos metros de onde eu estava escondida. Por que não faziam barulho? Eram pessoas de fato, ou sombras, de algum modo despertadas pelo meu sacrilégio?

Então uma figura gritou; outra respondeu. Eu me dei conta de que as pessoas que corriam pelas pedras não faziam barulho porque estavam descalças e porque os meus ouvidos estavam zumbindo. Meu rosto entorpecido por causa do suor frio, as minhas mãos estavam muito mais

dormentes do que estariam se fosse uma simples dormência causada pelo frio.

Sua idiota, Beauchamp, pensei. Você vai desmaiar. Sente-se!

Devo ter conseguido me sentar, pois recobrei a consciência alguns momentos depois, estatelada na terra embaixo do pé de framboesa, meio recostada na parede. A horta parecia estar cheia de gente àquela altura; figuras pálidas de convidados e empregados, indistinguíveis como fantasmas com suas roupas de dormir.

Esperei por alguns segundos, para ter certeza de que tinha me recuperado, então fiquei de pé meio sem jeito e saí pelo caminho escuro, carregando a bolsa.

A primeira pessoa que vi foi o major MacDonald, de pé no caminho observando o barracão em chamas, com a peruca branca brilhando à luz do incêndio. Eu o segurei pelo braço, assustando-o.

– O que está acontecendo? – perguntei, sem me preocupar em pedir desculpas.

– Onde está o seu marido? – perguntou ele no mesmo instante, espiando ao meu redor à procura de Jamie.

– Não sei – falei, com sinceridade. – Estou procurando por ele.

– Sra. Fraser! Está bem, minha cara?

Lloyd Stanhope surgiu do meu lado, parecendo um ovo cozido muito animado com sua camisa de dormir, a cabeça arredondada e pálida sem a peruca.

Eu garanti a ele que estava bem, e estava mesmo, naquele momento. Foi só quando vi Stanhope e notei que a maioria dos outros senhores presentes estava em um estado parecido no que dizia respeito às vestimentas que percebi que o major estava totalmente vestido, da peruca aos sapatos afivelados. Meu rosto deve ter mudado quando olhei para ele, pois vi suas sobrancelhas se erguerem e seu olhar passar dos meus cabelos amarrados aos pés com sapatos, e ele obviamente notou a mesma coisa a meu respeito.

– Ouvi gritos de “fogo!” e pensei que alguém poderia ter se ferido – falei tranquilamente, erguendo a bolsa. – Trouxe o meu kit médico. Está tudo bem com todos, o senhor sabe?

– Até onde eu... – começou MacDonald, mas deu um pulo para trás

assustado, segurando meu braço e me puxando junto.

O telhado cedeu com o som de um profundo suspiro, e as faíscas se ergueram no ar, caindo entre as pessoas no jardim.

Todos se assustaram e gritaram, caindo para trás. Então, houve uma daquelas pausas breves e inexplicáveis durante as quais todos em uma multidão de repente se calam ao mesmo tempo. O fogo ainda ardia, com um barulho parecido com o de papel sendo amassado, mas por cima dele eu pude ouvir uma gritaria distante. Era a voz de uma mulher, alta e rouca, mas mesmo assim forte, e cheia de fúria.

– A sra. Cameron! – exclamou Stanhope, mas o major já estava correndo em direção à casa.

O OURO DO FRANCÊS

Encontramos Jocasta Cameron Innes sentada à janela de seu quarto, vestindo camisola, com mãos e pés amarrados com faixas de lençol de linho, e com o rosto vermelho de fúria. Não tive tempo de prestar mais atenção a sua condição, pois Duncan Innes, vestindo apenas uma camisa, estava deitado de cara no chão perto da lareira.

Eu corri até ele e me abaixei, procurando seu pulso.

– Ele está morto?

O major espiou por cima do meu ombro, demonstrando mais curiosidade do que solidariedade.

– Não – respondi rapidamente. – Tire essas pessoas daqui, sim?

O quarto estava lotado de convidados e criados, todos exclamando sua surpresa ao redor de Jocasta, recém-desamarrada, falando, especulando e, de modo geral, atrapalhando. O major se surpreendeu com o meu tom autoritário, mas saiu para lidar com a situação.

Duncan certamente estava vivo, e uma observação rápida me mostrou que não havia ferimento nenhum além de um galo grande atrás da orelha; evidentemente, ele tinha sido golpeado com o pesado castiçal de prata que estava ao lado dele no chão. Sua cor não estava boa, mas o pulso estava razoável e a respiração, tranquila. Abri suas pálpebras com os polegares, uma de cada vez, e me aproximei para checar suas pupilas. Elas me encararam de volta, vidradas, mas do mesmo tamanho e não dilatadas de modo anormal. Até ali, tudo bem.

Atrás de mim, o major estava usando sua experiência militar, rosnando ordens com uma voz firme. Uma vez que a maioria dos presentes não eram soldados, o efeito era limitado.

Jocasta Cameron estava tendo muito mais sucesso. Livre das amarras, ela cambaleou pelo quarto, apoiando-se no braço de Ulysses, separando a multidão como as águas do Mar Vermelho.

– Duncan! Onde está meu marido? – perguntou ela, virando a cabeça de um lado para o outro, com os olhos cegos determinados.

As pessoas saíam do caminho dela, que estava ao meu lado em segundos.

– Quem está aí?

Ela moveu a mão, formando um arco no ar, procurando uma posição.

– Sou eu, Claire.

Eu levantei o braço para tocar a mão dela, guiando-a até o meu lado. Seus dedos estavam frios e trêmulos, e havia marcas profundas e avermelhadas em seus punhos por causa das amarras.

– Não se preocupe; acho que Duncan ficará bem.

Ela estendeu a mão, procurando para ver por si mesma, e eu guiei seus dedos até o pescoço dele, colocando-os sobre a veia grande que eu conseguia ver pulsando na lateral do pescoço. Ela emitiu uma pequena exclamação e se inclinou para a frente, colocando ambas as mãos no rosto dele, passando os dedos pelos traços com uma delicadeza ansiosa que me emocionou, por destoar tanto de sua usual atitude autocrática.

– Eles o acertaram... ele está muito ferido?

– Acho que não – disse a ela. – Foi só um golpe na cabeça.

– Tem certeza?

Ela olhou para mim, franzindo o cenho, e suas narinas se abriram mais.

– Sinto cheiro de sangue.

Um pouco chocada, percebi que, apesar de minhas mãos estarem praticamente limpas, minhas unhas ainda estavam cheias de sangue escuro por causa da autópsia improvisada. Contive o impulso de esconder as mãos, murmurando baixinho:

– Sou eu, acredito; minhas regras.

O major MacDonald estava olhando com curiosidade na nossa direção; será que tinha ouvido o que ela dissera?

Vi movimento na porta e me virei. Para meu enorme alívio, era Jamie. Ele estava desalinhado, o casaco rasgado e trazia os primeiros sinais de um

olho roxo, mas fora isso parecia normal.

O alívio deve ter ficado evidente na minha expressão, pois seu olhar sério se suavizou um pouco, e ele assentiu ao olhar nos meus olhos. Então, voltou a ficar sério quando viu Duncan. Abaixou-se ao meu lado apoiado em um dos joelhos.

– Ele está bem – falei antes que ele pudesse perguntar. – Alguém o acertou na cabeça e amarrou a sua tia.

– É? Quem?

Ele olhou para Jocasta e pousou a mão no peito de Duncan, como se quisesse ter certeza de que ele ainda estava respirando.

– Não faço a menor ideia – respondeu ela com rispidez. – Se fizesse, já teria mandado homens no encalço dos malditos a essa altura.

Ela contraiu os lábios em uma linha fina, e a cor voltou ao seu rosto ao pensar nos invasores.

– Ninguém viu os patifes?

– Acho que não, tia – respondeu Jamie com calma. – Com a confusão pela casa, ninguém sabe o que procurar, não é?

Ergui a sobrancelha para ele de modo questionador. O que ele queria dizer com aquilo? Bonnet havia escapado? Certamente fora Bonnet quem invadira o quarto de Jocasta; confusão ou não, não poderia haver muitos criminosos violentos à solta na mesma noite em um lugar do tamanho de River Run.

Jamie balançou a cabeça discretamente. Olhou para as minhas mãos, viu o sangue embaixo das unhas e ergueu a sobrancelha. Será que eu tinha descoberto alguma coisa? Teria tido tempo para isso? Assenti, e senti um calafrio percorrer o meu corpo; sim, eu sabia.

Assassinato, disse a ele sem emitir som.

Ele apertou o meu braço depressa para me confortar e olhou por sobre o ombro; o major por fim tinha conseguido expulsar a maioria das pessoas para o corredor, mandando que criados fossem buscar comida e bebida, que um laçao fosse buscar o xerife em Cross Creek, que homens saíssem para vasculhar a propriedade à procura de possíveis culpados e que as mulheres se recolhessem para o salão, confusas e alteradas. O major fechou a porta com firmeza e se aproximou rapidamente de nós.

– Devemos colocá-lo na cama?

Duncan estava começando a se remexer e a gemer. Tossiu e engasgou um pouco, mas felizmente não vomitou. Jamie e o major MacDonald o ergueram, apoiando os braços dele nos ombros, e o levaram para a grande cama com dossel, onde o deitaram sem nenhum cuidado com a colcha de seda.

Com uma leve noção atávica de cuidados domésticos, eu coloquei um travesseiro de veludo verde embaixo da cabeça dele. Estava recheado de farelo, mas crepitou levemente sob a minha mão e exalou um forte aroma de lavanda. Lavanda era bom para dor de cabeça, era verdade, mas eu não sabia se ia adiantar muito naquele caso.

– Onde está Phaedre?

Ulysses havia guiado Jocasta até sua cadeira, e ela se deixou afundar no estofado de couro, parecendo subitamente exausta e debilitada. A cor tinha deixado seu rosto junto com a raiva, e os cabelos brancos desciam em mechas soltas pelos ombros.

– Mandei Phaedre para a cama, tia.

Bree tinha entrado sem ser notada e resistira à remoção empreendida pelo major. Ela se inclinou sobre Jocasta, tocando sua mão com cuidado.

– Não se preocupe, vou cuidar de você.

Jocasta colocou a mão sobre a de Bree com gratidão, mas se endireitou mais, parecendo confusa.

– Para a cama? Por quê? E o que em nome de Deus está queimando?

Ela se levantou, assustada.

– Os estábulos estão pegando fogo?

O vento tinha mudado, e o ar da noite entrava por uma folha rachada da janela, com um forte cheiro de fumaça e um odor mais leve e assustador de carne queimada.

– Não, não! Está tudo bem com os estábulos. Phaedre não estava bem – explicou Bree, com certa delicadeza. – Parece que o barracão ao lado da cozinha se incendiou; o corpo da mãe dela...

O rosto de Jocasta ficou inexpressivo por um momento. Então ela se levantou e uma expressão extraordinária tomou seu rosto, algo quase como satisfação, mas com um toque de perplexidade.

Jamie estava de pé atrás de mim. Ele também vira, claro, pois o ouvi emitir um grunhido baixo.

– Está recuperada, tia? – perguntou ele.

Ela virou o rosto para ele, erguendo uma das sobrancelhas em uma resposta sarcástica.

– Vou ficar depois que tomar algo – disse ela, aceitando o copo que Ulysses colocou com destreza em suas mãos. – Mas sim, sobrinho, estou bem. E Duncan?

Eu estava sentada ao lado de Duncan na cama, segurando seu pulso, e percebi que ele estava recobrando a consciência, as pálpebras tremendo e os dedos se movendo contra a palma da minha mão.

– Ele está voltando a si – garanti a ela.

– Dê brandy a ele, Ulysses – ordenou Jocasta, mas eu impedi o mordomo balançando a cabeça.

– Ainda não. Ele vai engasgar.

– Consegue nos dizer o que aconteceu, tia? – perguntou Jamie, com a voz levemente alterada. – Ou devemos esperar Duncan voltar a si?

Jocasta suspirou, fechando os olhos brevemente. Ela era tão boa quanto qualquer MacKenzie quando se tratava de esconder o que pensava, mas, naquele caso, estava claro pelo menos que ela *estava* pensando, furiosa, no que havia acontecido. Colocou a ponta da língua para fora, tocando um ponto sensível no canto da boca, e percebi que ela também devia ter sido amordaçada além de amarrada.

Eu podia sentir Jamie atrás de mim, tomado por um sentimento intenso. Tão próximo como estava, eu podia ouvir seus dedos rígidos tamborilando suavemente na cabeceira da cama. Por mais que eu quisesse ouvir a história de Jocasta, queria ainda mais ficar sozinha com Jamie, para contar a ele o que tinha descoberto e para descobrir o que tinha acontecido na escuridão da horta ao lado da cozinha.

Do lado de fora, vozes murmuravam no corredor; nem todos os convidados tinham se dispersado. Ouvi frases abafadas... “Bem queimada, não sobrou nada além de ossos”, “... roubado? Não sei...”, “... verificar os estábulos”, “Sim, totalmente incinerado...”. Um arrepiou percorreu meu corpo, e eu segurei a mão de Duncan com força, lutando contra um pânico que eu

não compreendia. Eu devia estar parecendo meio estranha, pois Bree disse baixinho:

– Mãe?

Ela estava olhando para mim, franzindo o cenho de preocupação. Tentei sorrir para ela, mas meus lábios pareciam imobilizados.

As mãos de Jamie se apoiaram nos meus ombros, grandes e quentes. Eu estava prendendo a respiração sem perceber; sob o toque dele, soltei o ar em um suspiro e inspirei de novo. O major MacDonald olhou para mim com curiosidade, mas sua atenção foi imediatamente desviada por Jocasta, que abriu os olhos e virou o rosto na direção dele.

– É o major MacDonald, não é?

– Ao seu dispor, senhora.

O major fez uma reverência automática, esquecendo-se, como as pessoas costumavam fazer, de que ela não podia vê-lo.

– Agradeço por seus bons préstimos, major. Meu marido e eu devemos muito ao senhor.

O major emitiu um som educado, dispensando os agradecimentos.

– Não, não – insistiu ela, endireitando-se e ajeitando os cabelos com uma das mãos. – O senhor teve grandes transtornos por nossa causa, e não devemos abusar mais da sua generosidade. Ulysses, leve o major para o salão e sirva-lhe uma bebida.

O mordomo fez uma reverência – notei, pela primeira vez, que ele estava usando uma camisa de dormir por cima da calça desafivelada, apesar de ter colocado a peruca na cabeça – e conduziu o major com firmeza na direção da porta. MacDonald pareceu um tanto surpreso e bastante incomodado por ter sido dispensado desse modo civilizado, já que obviamente pretendia ficar e ouvir todos os detalhes sórdidos. Ainda assim, não havia maneira graciosa de resistir, e ele fez o melhor que pôde, fazendo uma reverência digna ao sair.

O pânico havia começado a diminuir, tão de repente quanto surgira. As mãos de Jamie irradiavam um calor que parecia se espalhar pelo meu corpo, e eu voltei a respirar normalmente. Consegui concentrar a atenção no meu paciente, que tinha aberto os olhos, apesar de parecer ter se arrependido disso.

– Ai, *mo cheann!*

Duncan semicerrou os olhos sob a luz da lamparina, concentrando-se com certa dificuldade no meu rosto, e em seguida olhou para Jamie, que estava atrás de mim.

– *Mac Dubh...* o que aconteceu?

Uma das mãos de Jamie soltou o meu ombro e desceu para apertar o braço de Duncan.

– Não se preocupe, *a charaid.*

Ele olhou para Jocasta.

– Sua esposa está prestes a nos contar o que aconteceu. Não é, tia?

Houve uma ênfase discreta mas definitiva no “não”, e Jocasta contraiu os lábios, mas em seguida suspirou e se endireitou, claramente resignada diante da necessidade desagradável da confidência.

– Só tem pessoas da família aqui?

Quando lhe asseguraram que sim, ela assentiu e começou.

Havia dispensado a criada e estava prestes a se recolher, segundo ela, quando a porta do corredor de repente se abriu para entrar o que ela acreditava serem dois homens.

– Tenho certeza de que havia mais de um, ouvi os passos e a respiração deles – disse ela, franzindo o cenho, concentrada. – *Talvez* fossem três, mas acho que não. Só um deles falou, no entanto. Acho que o outro devia ser alguém que eu conheço, pois ficou afastado, bem no fundo do quarto, como se tivesse medo de que eu o reconhecesse de alguma forma.

O homem que falara com ela era um desconhecido; ela estava certa de que nunca tinha ouvido a voz dele antes.

– Ele era irlandês – disse ela, e a mão de Jamie apertou meu ombro repentinamente. – Falava muito bem, mas não era um cavalheiro, de jeito nenhum.

Suas narinas se abriram mais, com um desdém inconsciente.

– Não, mesmo – disse Jamie, baixinho.

Bree havia se alterado um pouco ao ouvir a palavra “irlandês”, apesar de ter apenas franzido o cenho levemente enquanto ouvia.

O irlandês tinha sido educado, mas firme em relação ao que queria: queria o ouro.

– Ouro?

Foi Duncan quem falou, mas a pergunta estava estampada no rosto de todos.

– Que ouro? Não temos dinheiro na casa exceto algumas libras esterlinas e um pouco de dinheiro da Proclamação.

Jocasta pressionou os lábios. Mas não havia como voltar atrás, não mais. Ela emitiu um grunhido na garganta, um protesto não articulado por ser obrigada a revelar o segredo que havia guardado por tanto tempo.

– O ouro do francês – disse ela, abruptamente.

– O quê? – disse Duncan, perplexo.

Ele tocou o galo atrás da orelha com cuidado, como se estivesse convencido de que ele havia afetado sua audição.

– O ouro do francês – repetiu Jocasta, meio irritada. – Que foi enviado antes de Culloden.

– Antes... – começou Bree, com os olhos arregalados, mas Jamie a interrompeu.

– O ouro de Luís – disse ele baixinho. – É o que quer dizer, tia? O ouro dos Stuarts?

Jocasta riu baixinho, sem humor.

– Um dia foi deles.

Ela fez uma pausa, ouvindo. As vozes tinham se afastado da porta, apesar de ainda haver barulhos no corredor. Ela se virou na direção de Bree e fez um gesto em direção à porta.

– Vá ver se não tem ninguém ouvindo atrás da porta, querida. Não guardei segredo durante esses 25 anos para revelá-lo ao condado todo agora.

Bree abriu a porta discretamente, espiou do lado de fora e voltou a fechá-la, informando que não havia ninguém por perto.

– Ótimo. Venha aqui, querida. Sente-se ao meu lado. Mas não... primeiro, pegue a caixa que mostrei a você ontem.

Confusa, Bree foi até o quarto de vestir, voltando com uma caixa fina e surrada de couro preto. Ela a colocou no colo de Jocasta e se sentou em um banco ao lado da tia, olhando para mim com uma leve preocupação.

Eu estava me sentindo bem de novo, apesar de um tênue eco daquele medo estranho ainda permanecer nos meus ossos. Assenti de modo

confiante para Bree, no entanto, e me inclinei para dar a Duncan um gole de brandy misturado com água. Eu sabia o que era agora, aquela inquietação antiga. Fora aquela frase entreouvida, as mesmas palavras que por acaso uma menininha já tinha ouvido serem ditas, sussurradas no quarto ao lado pelos desconhecidos que tinham vindo dizer que a mãe não voltaria, que ela havia morrido. Um acidente; uma batida; fogo. *Queimou até os ossos*, a voz dissera, tomada pelo temor. *Queimou até os ossos*, e a desolação de uma filha, para sempre abandonada. Minha mão tremeu, e o líquido turvo escorreu em um fio pelo queixo de Duncan.

Mas isso foi há muito tempo e em outro país, pensei, tentando me manter firme apesar da lembrança.

E além disso...

Jocasta tomou a bebida que havia em seu copo, que pousou na mesa com uma batida leve, e abriu a caixa em seu colo. Um brilho de ouro e diamantes surgiu lá de dentro, e ela ergueu uma haste fina de madeira na qual havia três anéis.

– Eu tive três filhas – disse ela. – Três meninas. Clementina, Seonag e Morna.

Ela tocou um dos anéis, um largo, com três diamantes grandes.

– Este foi pelas minhas meninas; Hector me deu quando Morna nasceu. Ela era filha dele, Morna... vocês sabiam que quer dizer “amada”? Sua outra mão saiu de cima da caixa e se esticou, tateando. Ela tocou o rosto de Bree, e Bree tomou a mão, aninhando-a entre as suas.

– Tive um filho vivo de cada casamento.

Os dedos de Jocasta tocaram delicadamente cada um dos anéis, um por vez.

– Clementina era filha de John Cameron, com quem me casei quando era pouco mais do que uma criança; eu a pari aos 16 anos. Seonag era filha de Black Hugh... era morena, como o pai, mas tinha os olhos do meu irmão Colum.

Ela voltou os olhos cegos na direção de Jamie, brevemente, e em seguida inclinou a cabeça para trás, tocando o anel com três diamantes de novo.

– E então Morna, minha última filha. Ela não tinha nem 16 anos quando morreu.

O rosto da velha mulher estava sério, mas o contorno de seus lábios se suavizou ao falar os nomes das filhas mortas.

– Sinto muito, tia – disse Bree baixinho.

Ela abaixou a cabeça para beijar os nós da mão que segurava, com ossos protuberantes por causa da idade. Jocasta apertou a mão dela um pouco em reconhecimento, mas não queria ser distraída de sua história.

– Hector Cameron me deu isto – disse Jocasta, tocando o anel. – E ele matou todas elas. Minhas filhas. Ele as matou por causa do ouro do francês.

O choque me tirou o fôlego e me abriu um vazio no estômago. Senti Jamie se enrijecer atrás de mim e vi os olhos vermelhos de Duncan se arregalarem. Brianna não mudou de expressão. Fechou os olhos por um momento, mas continuou segurando a mão ossuda.

– O que aconteceu com elas, tia? – perguntou ela, baixinho. – Conte-me.

Jocasta ficou em silêncio por alguns momentos. Assim como o quarto; não havia som algum exceto o sibilar da vela ardendo e o som asmático de sua respiração. Para minha surpresa, quando voltou a falar, não estava se dirigindo a Brianna. Ela ergueu a cabeça e se virou de novo na direção de Jamie.

– Você sabe sobre o ouro, então, *a mhic mo pheathar*? – perguntou ela.

Se ele achou a pergunta estranha, não deu sinais disso, mas respondeu com calma.

– Ouvi algo a respeito – disse ele.

Ele se moveu, dando a volta na cama para se sentar ao meu lado, mais perto da tia.

– Há um boato nas Terras Altas, desde Culloden. Luís ia mandar ouro, disseram, para ajudar seu primo na luta. E então contaram que o ouro tinha vindo, mas ninguém o viu.

– Eu vi – falou Jocasta e sua boca larga, muito parecida com a do sobrinho, se abriu em uma careta repentina e então relaxou. – Eu vi – repetiu ela. – Trinta mil libras em ouro. Eu estava com eles na noite em que o ouro chegou a terra, trazido do barco francês. Estava em seis pequenos baús, cada um tão pesado que apenas dois podiam ser trazidos por vez no barquinho a remo, caso contrário, o barco afundaria. Cada baú tinha uma flor-de-lis entalhada na tampa, cada um preso com argolas de ferro e uma

fechadura, cada fechadura, por sua vez, selada com cera vermelha, e a cera levava o brasão do anel do rei Luís. *A fleur-de-lis*.

Um suspiro correu por todos nós ao ouvirmos aquilo, um suspiro coletivo de assombro. Jocasta assentiu lentamente, com os olhos cegos abertos para as visões daquela noite em um passado longínquo.

– Por onde o ouro chegou, tia? – perguntou Jamie baixinho.

Ela assentiu lentamente, como se para si mesma, olhos fixos na cena que sua lembrança pintava.

– Por Innismaraich – respondeu ela. – Uma pequena ilha perto de Coigach.

Eu estava prendendo a respiração. Naquele momento, soltei o ar lentamente e olhei nos olhos de Jamie. Innismaraich. Ilha dos povos do mar; a ilha dos *selkies*, era o que queria dizer. Conhecíamos aquele lugar.

– Três homens o receberam – disse ela. – Hector era um, meu irmão Dougal era outro... o terceiro homem estava usando uma máscara; todos estavam, mas é claro que eu conhecia Hector e Dougal. Eu não conhecia o terceiro homem, e ninguém disse o nome dele. Eu conhecia o criado dele, no entanto; um homem chamado Duncan Kerr.

Jamie tinha ficado um pouco tenso ao ouvir o nome de Dougal; quando ouviu o nome de Duncan Kerr, ficou paralisado.

– Havia criados também? – perguntou ele.

– Dois – disse ela, e um sorriso leve e amargo torceu sua boca. – O mascarado levou Duncan Kerr, como eu disse, e meu irmão Dougal levava um homem com ele vindo de Leoch... eu conhecia o rosto dele, mas não sabia seu nome. Hector me levou para ajudá-lo; eu era uma mulher forte, como você, *a leannan*, como você – disse ela, apertando a mão de Brianna. – Eu era forte e Hector confiava em mim como não confiava em ninguém. Eu também confiava nele... naquela época.

Os barulhos vindos de fora tinham desaparecido, mas uma brisa que penetrou pela folha quebrada da janela fez as cortinas esvoaçarem, inquietas como um fantasma que ouve seu nome sendo chamado a distância.

– Havia três barcos. Os baús eram pequenos, mas pesados o bastante a ponto de serem necessárias duas pessoas para carregar um deles. Levamos dois baús para o nosso barco, Hector e eu, e saímos remando na névoa. Eu

ouvia o ruído dos remos dos outros se tornando cada vez mais suave conforme eles se afastavam, e então se perderam na noite.

– Quando foi isso, tia? – perguntou Jamie, com os olhos fixos nela. – Quando o ouro veio da França?

– Tarde demais – respondeu ela. – Muito tarde. Maldito Luís! – exclamou ela, com uma fúria repentina que fez com que ela se endireitasse na cadeira. – Maldito francês, e que os olhos dele apodreçam como os meus! Só de pensar no que poderia ter acontecido se ele tivesse sido fiel ao seu sangue e à sua palavra!

Jamie olhou nos meus olhos, de soslaio. Tarde demais. Se o ouro tivesse chegado antes – quando Charles chegou a Glenfinnan, talvez, ou quando ele tomou Edimburgo e por algumas breves semanas reinou sobre a cidade como um soberano que retorna... o que teria acontecido?

A sombra de um sorriso tocou os lábios de Jamie com pesar, e ele olhou para Brianna e então para mim de novo, a pergunta feita e respondida em seus olhos. O que teria acontecido?

– Era março – disse Jocasta, recuperando-se do momento de descontrole. – Uma noite congelante, mas clara como o gelo. Eu estava no penhasco e olhava para o mar, e o caminho da lua se estendia como ouro sobre a água. O navio veio por aquele caminho dourado, como um rei para sua coroação, e eu pensei que se tratasse de um sinal.

Ela virou a cabeça na direção de Jamie e entortou a boca abruptamente.

– Pensei tê-lo ouvido rir naquele momento – disse ela. – Black Brian. Aquele que tirou minha irmã de mim. Teria sido típico dele. Mas ele não estava lá; acho que foi só o murmúrio dos *selkies*.

Eu observava Jamie enquanto ela falava. Ele não se moveu, mas, como mágica, os cabelos avermelhados de seu braço se eriçaram, brilhando como fios à luz da vela.

– Eu não sabia que a senhora tinha conhecido meu pai – disse ele, com a voz mais baixa. – Mas vamos deixar isso de lado por hora, tia. Você disse que era março?

Ela assentiu.

– Tarde demais – repetiu ela. – Era para o ouro ter vindo dois meses antes, Hector disse. Houve adiamentos...

Tinha sido tarde demais. Em janeiro, depois da vitória em Falkirk, tal demonstração de apoio da França poderia ter sido decisiva. Mas em março, o Exército das Terras Altas já estava indo para o norte, recuando em Derby de sua invasão à Inglaterra. A última pequena chance de vitória tinha se perdido, e os homens de Charles Stuart estavam marchando em direção à destruição em Culloden.

Com os baús seguros em terra, os novos guardiães do ouro tinham decidido o que fazer com o tesouro. O exército estava se movendo, e Stuart seguia com ele. Edimburgo estava, mais uma vez, nas mãos dos ingleses. Não havia lugar seguro para onde levá-lo, nem mãos confiáveis às quais ele pudesse ser entregue.

– Eles não confiavam em O’Sullivan nem nos outros próximos do príncipe – explicou Jocasta. – Irlandeses, italianos... Dougal disse que eles não tinham enfrentado tantas dificuldades para que o ouro fosse perdido ou roubado por estrangeiros.

Ela sorriu de um jeito um pouco sinistro.

– Ele quis dizer que não queria correr o risco de perder o crédito por ter conseguido o ouro.

Os três homens não estavam inclinados a confiar uns nos outros, assim como não confiavam nos conselheiros do príncipe. A maior parte da noite tinha sido passada em discussões no salão de cima de uma taverna vazia, enquanto Jocasta e dois criados dormiam no chão, entre os baús lacrados. Finalmente, o ouro foi dividido; cada homem tinha ficado com dois baús, jurando por seu sangue que manteria segredo e cuidaria do tesouro com lealdade, em nome de seu monarca de direito, o rei James.

– Eles fizeram os dois criados jurarem também – disse Jocasta. – Cortaram cada um dos homens e as gotas de sangue brilharam mais vermelhas à luz da vela do que os selos de cera nos baús.

– A senhora também jurou? – perguntou Brianna baixinho, mas seus olhos estavam fixos na figura de cabelos brancos na cadeira.

– Não, não jurei.

Os lábios de Jocasta, ainda contraídos, se curvaram de leve, como se ela estivesse se divertindo.

– Eu era a esposa de Hector; o juramento dele me obrigava moralmente.

Naquele momento.

Inquietos por estarem em posse de tamanha riqueza, os conspiradores deixaram a taverna antes do amanhecer, cobrindo os baús com mantas e trapos para escondê-los.

– Dois viajantes chegaram quando o último dos baús era levado. Foi a chegada deles que salvou a vida do dono da taverna, pois o local era afastado, e ele tinha sido a única testemunha de nossa presença ali naquela noite. Acho que Dougal e Hector não teriam pensado em fazer algo assim, mas o terceiro homem tinha intenção de matar o proprietário. Vi isso nos olhos dele, na posição de seu corpo enquanto esperava no pé da escada, com a mão no punhal. Ele viu que eu observava e sorriu para mim por baixo da máscara.

– E o terceiro homem nunca tirou a máscara? – perguntou Jamie.

Ele franziu o cenho como se estivesse se concentrando para recriar a cena que ela imaginava e identificar o desconhecido.

Ela balançou a cabeça.

– Não. Eu me perguntava, vez ou outra, ao pensar naquela noite, se reconheceria o homem se o visse de novo. Acho que sim; ele era moreno, um homem esguio, mas forte como aço. Se eu visse os olhos dele de novo, teria certeza. Mas agora...

Ela deu de ombros.

– Eu o reconheceria apenas pela voz? Não sei dizer, foi há muito tempo.

– Mas ele por acaso não era irlandês, esse homem? – perguntou Duncan, que ainda estava pálido e suado, mas havia se apoiado em um dos cotovelos, ouvindo com muita concentração.

Jocasta se assustou um pouco, como se tivesse se esquecido da presença dele.

– Ah! Não, *a dhuine*. Era escocês, pelo modo de falar, um cavalheiro das Terras Altas.

Duncan e Jamie trocaram olhares.

– Um MacKenzie ou um Cameron? – sugeriu Duncan baixinho, e Jamie assentiu.

– Ou talvez um dos Grants.

Eu compreendia as especulações deles em voz baixa. Havia – houvera –

uma série espantosamente complexa de associações e rixas entre os clãs das Terras Altas, e havia muitos que não teriam – não poderiam ter – cooperado em uma operação de tamanha importância e sigilo.

Colum MacKenzie tinha negociado uma aliança próxima com os Camerons. Na verdade, a própria Jocasta tinha feito parte dessa aliança, e seu casamento com um Cameron era prova disso. Se Dougal MacKenzie era um dos homens que tinham engendrado o recebimento do ouro do francês e Hector Cameron era outro, era bem provável que o terceiro tivesse sido alguém de um dos dois clãs, ou de outro clã de confiança de ambos. MacKenzie, Cameron... ou Grant. E se Jocasta não reconheceria o homem, aumentavam as chances de ele ser um Grant, já que ela conhecia a maioria dos homens mais importantes dos clãs MacKenzie e Cameron.

Mas não havia tempo para pensar nessas coisas agora; a história não tinha terminado.

Os conspiradores tinham se separado, cada um seguindo o seu caminho, cada um com um terço do ouro do francês. Jocasta não fazia ideia do que Dougal MacKenzie ou o homem desconhecido tinham feito com seus baús; Hector Cameron tinha guardado os dois baús que levava embora em um buraco no chão do quarto dele, um velho esconderijo construído por seu pai para coisas de valor.

Hector pretendia deixá-lo ali até que o príncipe tivesse chegado a um local seguro, onde pudesse receber o ouro e usá-lo para seus objetivos futuros. Mas Charles Stuart já estava em fuga e não encontraria um lugar onde descansar durante muitos meses. Antes que chegasse ao seu refúgio final, o desastre interveio.

– Hector deixou o ouro, e eu, em casa, e foi se juntar ao príncipe e ao exército. No dia 17 de abril, ele chegou em casa ao pôr do sol, com o cavalo espumando de exaustão. Apeou e deixou o pobre animal aos cuidados de um criado enquanto entrava na casa e mandou que eu pegasse todos os objetos de valor que podia. A causa estava perdida, segundo ele, e tínhamos que fugir ou morreríamos com os Stuarts.

Cameron era abastado, mesmo naquela época, e inteligente o bastante para manter o coche e os cavalos, em vez de entregá-los à causa dos Stuarts. Inteligente o bastante também para não carregar consigo dois baús de ouro

durante a fuga.

– Ele pegou três barras de ouro de um dos baús e as entregou a mim. Eu as escondi embaixo do assento do coche; ele e um criado carregaram os baús para a mata... eu não vi onde eles os enterraram.

Era meio-dia de 18 de abril quando Hector Cameron entrou em seu coche com a mulher, o criado, a filha Morna e as três barras de ouro francês, e partiu para o sul, em direção a Edimburgo.

– Seonag estava casada com o senhor de Garth, que declarara apoio aos Stuarts; foi morto em Culloden, mas é claro que não sabíamos disso naquele momento. Clementina já era viúva e estava morando com a irmã em Rovo.

Ela respirou fundo, estremecendo levemente, sem querer reviver os eventos que contava, incapaz de resistir a eles.

– Implorei a Hector que fôssemos para Rovo. Ficava apenas 16 quilômetros fora do nosso caminho, teríamos levado somente algumas horas, mas ele não parou. Não podíamos parar, segundo ele. Correríamos um risco grande demais se perdêssemos tempo indo buscá-las. Clementina tinha dois filhos, Seonag tinha um. Era gente de mais para um só coche, ele disse; perderíamos muito tempo. Então que não fosse para levá-los conosco, eu disse; que fôssemos apenas alertá-los, só para vê-los mais uma vez.

Ela fez uma pausa.

– Eu sabia para onde estávamos indo. Tínhamos falado sobre isso, apesar de eu não imaginar que ele tinha tudo tão pronto.

Hector Cameron era um jacobita, mas também era um arguto juiz das questões humanas, e não era o tipo de homem que arriscaria a vida por uma causa perdida. Ao ver como as coisas estavam se desenrolando, e temendo um desastre, ele tinha tomado todas as providências para engendrar uma fuga. Havia separado alguns sacos de roupas e itens de primeira necessidade, transformara tudo que pudera de suas propriedades em dinheiro e reservara secretamente três passagens de Edimburgo para as Colônias.

– Às vezes, acho que não posso culpá-lo – disse Jocasta.

Ela se endireitou, com a luz das velas brilhando em seus cabelos.

– Ele achava que Seonag não iria sem o marido, e Clementina não colocaria a vida dos filhos em risco no mar. Talvez tivesse razão, e talvez não tivesse feito diferença nenhuma alertá-las. Mas eu sabia que nunca mais ia

vê-las de novo...

Ela fechou a boca e engoliu em seco.

De qualquer modo, Hector havia se recusado a parar, temendo ser perseguido. As tropas de Cumberland tinham convergido em Culloden, mas havia soldados ingleses nas estradas das Terras Altas, e a notícia da derrota de Charles Stuart estava se espalhando como as ondulações perto da margem de um redemoinho, cada vez mais depressa, em um vórtice de perigo.

No fim das contas, os Camerons foram descobertos dois dias depois, perto de Ochertyre.

– Uma das rodas do coche se desprendeu – disse Jocasta, suspirando. – Deus, ainda consigo vê-la, rolando pelo caminho sozinha. O eixo quebrou e não tivemos escolha a não ser acampar perto da estrada, enquanto Hector e o criado tentavam consertá-la.

Os consertos tomaram a maior parte do dia, e Hector ficava cada vez mais irritado conforme o trabalho prosseguia, sua ansiedade contaminando o restante do grupo.

– Eu não sabia, na época, o que ele tinha visto em Culloden – explicou Jocasta. – Ele sabia muito bem que, se os ingleses o pegassem, estaria tudo acabado para ele. Se não o matassem de imediato, ele seria enforcado como traidor. Ele suava enquanto trabalhava, mais de medo do que pelo esforço da tarefa. Mas mesmo assim...

Ela contraiu os lábios por um momento, antes de continuar.

– Era quase noite... estávamos na primavera, escurecia depressa... quando conseguiram colocar a roda na carroça e todos embarcaram novamente. O coche estava em um vale quando a roda saiu; o criado fez os cavalos subirem uma ladeira muito íngreme e, quando chegamos ao topo do monte, dois homens com mosquetes saíram das sombras e nos surpreenderam na estrada.

Era uma companhia de soldados ingleses, homens de Cumberland. Por terem chegado tarde demais para participar da vitória em Culloden, eles tinham sido inflamados pelas notícias, mas se frustraram por não terem participado da batalha e estavam prontos para se vingar como pudessem dos escoceses em fuga.

Sempre pensando depressa, Hector se encolhera depressa em um canto do coche ao vê-los, com a cabeça baixa coberta por um xale, fingindo ser uma senhora de idade adormecida. Seguindo as orientações que ele sussurrava, Jocasta inclinou-se para fora da janela, preparada para se passar por uma senhora respeitável viajando com a filha e a mãe.

Os soldados não esperaram para ouvir o que ela tinha a dizer. Um deles abriu a porta do coche e a arrastou para fora. Morna, em pânico, saltou atrás dela, tentando livrar a mãe do soldado. Outro homem agarrou a menina e a arrastou de volta, de modo que ele ficou entre Jocasta e o coche.

– Mais um minuto e eles teriam pegado a “vovó” também, então encontrariam o ouro e seria o nosso fim.

Um tiro de pistola assustou todos eles, que ficaram momentaneamente imóveis. Inclinando-se pela porta aberta da carroça, Hector atirou no soldado que segurava Morna, mas era noite e a luz era pouca; talvez os cavalos tivessem se movido, deslocando o coche. O tiro acertou Morna na cabeça.

– Corri até ela – disse Jocasta. Sua voz estava rouca, a garganta seca. – Corri até ela, mas Hector saltou e me agarrou. Os soldados estavam de pé, olhando, chocados. Ele me arrastou de volta para dentro do coche e gritou para que o condutor seguisse em frente, para que avançasse!

Ela lambeu os lábios e engoliu em seco, uma vez.

– “Ela está morta”, ele me disse. Muitas vezes. “Ela está morta, você não pode fazer nada”, insistiu, e me segurou com força quando tentei me atirar do coche em desespero.

Lentamente, ela afastou a mão da de Brianna; precisara de apoio para começar sua história, mas não precisava de nenhum apoio para terminá-la. Ela cerrou os punhos, pressionando-as com força contra o linho branco da camisola, como se para estancar o sangramento de um útero profanado.

– Já havia escurecido – disse ela, e sua voz era distante. – Vi o brilho de incêndios contra o céu ao norte.

As tropas de Cumberland estavam se espalhando, incendiando e saqueando. Chegaram a Rovo, onde Clementina e Seonag estavam com suas famílias, e incendiaram a casa. Jocasta nunca soube se eles morreram no incêndio ou depois, de fome e frio na gelada primavera das Terras Altas.

– Então, Hector salvou a vida dele e a minha, o que restou dela – disse ela, ainda distante. – E, claro, salvou o ouro.

Seus dedos procuraram o anel de novo e o viraram lentamente na madeira, de modo que as pedras reluziram à luz da lamparina.

– Entendo – murmurou Jamie.

Seus olhos estavam fixos no rosto cego, observando-a com atenção. De repente, achei injusto que ele a olhasse daquele modo, quase julgando, quando ela não podia vê-lo, ou mesmo saber como ele olhava para ela. Eu o toquei e ele olhou para mim de canto de olho e pegou minha mão, apertando-a.

Jocasta deixou de lado os anéis e se levantou, agitada agora que a pior parte da história tinha sido contada. Ela foi em direção ao assento perto da janela, ajoelhou-se nele e afastou as cortinas. Era difícil acreditar que ela era cega ao vê-la movimentando-se com tanta desenvoltura – mas aquele era seu quarto, seu lar, e todos os itens dentro dele estavam posicionados cuidadosamente a fim de que ela pudesse se orientar. Ela pressionou as mãos contra o vidro gelado e a noite do lado de fora, e uma névoa branca de condensação envolveu seus dedos como chamas frias.

– Hector comprou este lugar com o ouro que trouxemos – disse ela. – A terra, o moinho, os escravos. Para dar-lhe crédito..

Seu tom de voz sugeria que ela não estava nem um pouco disposta a fazer isso.

– O valor de tudo isso agora se deve, em grande parte, ao trabalho dele. Mas foi o ouro que comprou tudo isso, para começar.

– E o juramento dele? – perguntou Jamie baixinho.

– O que tem o juramento? – perguntou ela, com um riso contido. – Hector era um homem prático. Os Stuarts estavam acabados; para que precisariam de ouro na Itália?

– Prático – repeti, me surpreendendo; eu não pretendia falar, mas pensei ter ouvido algo estranho no modo como ela disse a palavra.

Evidentemente, eu acabara falando. Ela se virou para olhar para nós, na direção da minha voz. Estava sorrindo, mas um arrepio percorreu-me a espinha ao ver aquele sorriso.

– Sim, prático – disse ela, assentindo. – Minhas filhas estavam mortas;

ele não viu motivo para desperdiçar lágrimas com elas. Nunca falava delas e também não me deixava falar. Ele tinha sido um homem de valor e voltaria a ser. Não seria tão fácil aqui, se alguém soubesse.

Ela soltou o ar, um som pesado de ira reprimida.

– Ouso dizer que ninguém nesta terra sequer sabe que eu um dia fui mãe.

– A senhora ainda é – disse Brianna baixinho. – Eu sei disso.

Ela olhou para mim, e seus olhos azuis encontraram os meus, intensos e compreensivos. Senti as lágrimas ardendo por trás do sorriso que abri para ela. Sim, ela sabia, como eu sabia.

Jocasta também sabia; as linhas de seu rosto relaxaram por um instante, a fúria e o desespero lembrado substituídos momentaneamente pela saudade. Ela caminhou lentamente até Brianna, que estava sentada em um banco, e pousou a mão livre sobre a cabeça dela. Permaneceu ali por um momento, e então desceu, os dedos compridos e sensíveis tocando as maçãs fortes do rosto de Brianna, os lábios grandes e o nariz afilado e reto, traçando a linha fina e úmida que corria por sua face.

– Sim, *a leannan* – disse ela baixinho. – Você sabe o que quero dizer. E você sabe agora por que eu deixaria este lugar para você... ou para as pessoas do seu sangue?

Jamie tossiu, interrompendo antes que Bree pudesse responder.

– Sim – disse ele, em um tom sério. – Então foi isso que a senhora disse ao irlandês hoje à noite? Não toda a história, é claro... mas que não há nenhum ouro aqui?

As mãos de Jocasta se afastaram do rosto de Brianna e ela se virou para olhar para Jamie.

– Sim, eu disse a eles. A ele. Eu disse a ele que até onde eu sei, aqueles baús ainda estão enterrados na mata da Escócia; eu disse que ele podia ir e cavar lá, se quisesse.

Ela ergueu um dos cantos da boca em um sorriso amargo.

– Ele não acreditou?

Ela balançou a cabeça, contraindo os lábios.

– Ele não era um cavalheiro – disse ela de novo. – Não sei como as coisas teriam se desenrolado, já que eu estava sentada perto da cama e deixo um

pequeno punhal embaixo do travesseiro; não ia permitir que ele colocasse as mãos em mim e saísse ileso. Antes que eu pudesse pegá-lo, no entanto, ouvi passos no quarto de vestir.

Ela balançou uma das mãos em direção à porta perto da lareira; o quarto de vestir ficava mais à frente, unindo o quarto dela a outro – o quarto que um dia fora de Hector Cameron e que presumidamente era de Duncan agora.

Os invasores também tinham ouvido passos; o irlandês sussurrou algo para o amigo, e então se afastou de Jocasta, em direção à lareira. O outro homem se aproximou nesse momento e a pegou por trás, tapando sua boca com a mão.

– Só o que posso dizer em relação a isso é que o homem usava um gorro e fedia a álcool, como se tivesse se banhado nele em vez de beber.

Ela fez uma careta de nojo.

A porta havia se aberto, Duncan entrara, e o irlandês aparentemente saltara de trás da porta aberta e o acertara na cabeça.

– Não me lembro de nada – disse Duncan. – Vim desejar boa noite à senhora... ou melhor, à minha esposa. Eu me lembro de ter colocado a mão na maçaneta e, em seguida, estava deitado aqui com a cabeça partida ao meio.

Ele tocou o galo com cuidado, e então olhou para Jocasta com ansiedade.

– Você está bem, *mo chridhe*? Os malditos não a feriram?

Ele estendeu a mão para ela nesse momento e então, percebendo que ela não podia vê-lo, tentou se sentar. Deitou-se de novo, contendo um gemido, e ela se levantou ao ouvir o barulho, correndo para o lado da cama.

– Claro que estou bem – disse ela, irritada, procurando até encontrar a mão dele. – Exceto pela aflição de me ver perto de ficar viúva pela quarta vez.

Ela suspirou com exasperação e se sentou ao lado dele, afastando uma mecha de cabelos do rosto.

– Eu não sabia o que tinha acontecido; só ouvi a batida e o gemido quando você caiu. Então o irlandês voltou na minha direção e a criatura que me segurava me soltou.

O irlandês tinha dito a ela de modo simpático que não acreditava em uma palavra do que ela dissera a respeito de não haver ouro em River Run. Ele estava convencido de que o ouro estava ali, e ainda que não pensasse em fazer mal a uma senhora, não teria as mesmas inibições no que dizia respeito a seu marido.

– Se eu não contasse a ele onde estava, segundo ele, ele e seu companheiro iam começar a cortar pedaços de Duncan, começando pelos dedos dos pés, subindo até os testículos – disse Jocasta, de modo direto.

Duncan não estava corado, mas o pouco sangue que havia em seu rosto sumiu ao ouvir isso. Jamie olhou para Duncan, em seguida desviou o olhar, pigarreando.

– A senhora devia estar convencida de que ele estava falando sério, imagino.

– Ele tinha uma faca afiada; passou a lâmina pela minha mão para mostrar que não estava brincando.

Ela abriu a mão livre e, de fato, uma linha vermelha e muito fina a atravessava. Deu de ombros.

– Bom, eu não podia aceitar aquilo. Então, fingi relutar, até que o irlandês pegou um dos pés do Duncan, e então eu comecei a chorar e fiquei assim, na esperança de que alguém ouvisse, mas os malditos criados tinham ido dormir, e os convidados estavam ocupados demais bebendo o meu uísque e fornicando por aí, nos estábulos, para ouvir.

Ao ouvir esse último comentário, o rosto de Bree ficou muito vermelho. Jamie viu e tossiu, evitando meu olhar.

– Sim. E então...

– Então eu disse a eles por fim que o ouro estava enterrado sob o piso do barracão perto da horta.

O olhar de satisfação voltou brevemente ao rosto dela.

– Pensei que iam encontrar o corpo e isso ia desviar a atenção deles por um momento. Quando criassem coragem para começar a cavar, eu esperava já ter encontrado uma maneira de escapar e de alertar alguém... e foi o que fiz.

Eles a tinham amarrado e amordaçado depressa e tinham ido para o barracão, ameaçando voltar e continuar de onde tinham parado, se

descobrissem que ela estava mentindo. Mas não a tinham amordaçado direito, e em pouco tempo ela conseguiu se soltar e abrir uma janela, pela qual gritou pedindo ajuda.

– Então, acho que quando abriram a porta do barracão e viram o corpo, devem ter largado a lamparina por causa do choque e incendiaram o lugar.

Ela assentiu, satisfeita.

– Um preço baixo. Só podia torcer para que eles tivessem queimado junto!

– Não acha que eles incendiaram o barracão de propósito? – perguntou Duncan.

Ele parecia um pouco melhor, apesar de ainda estar pálido e parecer indisposto.

– Para encobrir as marcas de onde cavaram?

Jocasta deu de ombros, afastando a ideia.

– Para quê? Não havia nada lá, e eles podiam cavar até chegar à China.

Ela estava começando a relaxar um pouco, a cor normal voltando ao rosto, apesar de seus ombros largos terem começado a se encurvar por causa da exaustão.

Fez-se silêncio entre nós, e me dei conta de que os ruídos vinham aumentando no andar de baixo havia alguns minutos; vozes de homens e passos. Os vários grupos de busca tinham voltado, mas ficava evidente, pelo tom cansado e frustrado deles, que nenhum suspeito tinha sido capturado.

A vela na mesa tinha se consumido quase por completo; a chama se erguendo alta perto do meu cotovelo quando o pavio chegou à fase final. Uma das velas sobre o mantel tremeluziu e se apagou com uma fumaça fragrante de cera de abelha. Jamie olhou automaticamente para a janela; ainda estava escuro do lado de fora, mas o clima da noite havia mudado, como acontece pouco antes do amanhecer.

As cortinas se moviam em silêncio, um ar frio e inquieto penetrando no quarto. Mais uma vela se apagou. Uma segunda noite insone pesava sobre mim; eu sentia frio no corpo todo, que estava dormente e impalpável, e os vários horrores que tinha visto e ouvido começavam a se tornar irreais na minha mente, com nada além do forte cheiro de queimado como evidência do que acontecera.

Parecia não haver mais o que dizer ou fazer. Ulysses voltou, entrando discretamente no quarto com uma vela nova e uma bandeja com uma garrafa de brandy e vários copos. O major MacDonald reapareceu para informar que, de fato, não tinham encontrado sinal dos criminosos. Examinei Duncan e Jocasta brevemente, em seguida deixei que Bree e Ulysses os levassem para a cama.

Jamie e eu descemos em silêncio. No pé da escada, eu me virei para ele. Estava pálido devido à fadiga, com o rosto sério como se tivesse sido esculpido em mármore, os cabelos e a barba por fazer escuros à meia-luz.

– Eles vão voltar, não vão? – perguntei baixinho.

Ele assentiu e me segurou pelo cotovelo, levando-me em direção à escada da cozinha.

TÊTE-À-TÊTE, COM BOLO

Tão cedo naquele ano, a cozinha na adega da casa ainda estava sendo usada, a cozinha de verão reservada para preparações mais malcheirosas ou que fizessem mais sujeira. Acordados pela comoção, todos os escravos estavam de pé, trabalhando, ainda que alguns parecessem prestes a desmoronar no canto mais próximo e voltar a dormir na primeira oportunidade. A cozinheira principal, no entanto, estava de olhos bem abertos, e ficou claro que ninguém ia dormir sob *sua* supervisão.

A cozinha estava quente e aconchegante, as janelas ainda escuras, as paredes vermelhas com o brilho do fogo, e o ar estava tomado pelos cheiros reconfortantes de sopa, pão quente e café. Pensei que aquele seria um local excelente para me sentar e me recuperar um pouco antes de ir para a cama, mas evidentemente Jamie tinha outras ideias.

Ele parou para conversar com a cozinheira, apenas pelo tempo que a educação exigia, conseguindo, no processo, não apenas um bolo inteiro e fresco, salpicado com canela e umedecido com manteiga derretida, mas uma garrafa grande de café recém-passado. Então, ele se despediu, me tirou do banquinho no qual eu havia me sentado e partimos de novo, para o vento frio da noite que chegava ao fim.

Tive uma sensação muito estranha de déjà-vu quando ele virou pelo caminho de pedras em direção aos estábulos. A luz era a mesma que tinha sido 24 horas antes, com as mesmas estrelas desaparecendo no mesmo céu cinza-azulado. O mesmo sopro suave de primavera passou por nós, e a minha pele se arrepiou com a lembrança.

Mas estávamos caminhando tranquilamente lado a lado, não correndo – e mais fortes do que as minhas lembranças do dia anterior estavam os

cheiros perturbadores de sangue e queimado. A cada passo, era como se eu estivesse prestes a esticar o braço para empurrar as portas de um hospital; como se o zumbido das luzes fluorescentes e o forte cheiro de remédios e cera para piso estivessem prestes a me engolir.

– Privação de sono – murmurei para mim mesma.

– Terá tempo suficiente para dormir mais tarde, Sassenach – respondeu Jamie.

Ele se sacudiu brevemente, afastando o cansaço como um cachorro se chacoalha para se livrar da água.

– Há uma ou duas coisas que precisamos fazer primeiro.

Ele moveu o bolo embrulhado, no entanto, e segurou meu cotovelo com a mão livre, para o caso de eu estar prestes a cair de cara no canteiro de repolhos por causa da fadiga.

Não estava. Eu só quis dizer que era a falta de sono que estava me dando a sensação levemente alucinógena de estar de volta ao hospital. Por muitos anos, como residente, plantonista e mãe, eu havia trabalhado durante longos turnos sem dormir, aprendendo a funcionar – e funcionar bem – apesar da completa exaustão.

Era a mesma sensação que tomava conta de mim agora, enquanto eu passava por um estado de pura sonolência e voltava a despertar, para um estado de alerta artificialmente acentuado.

Eu me sentia fria e encolhida, como se habitasse apenas o centro do meu corpo, isolada do mundo ao redor por uma camada grossa de carne inerte. Ao mesmo tempo, cada mínimo detalhe em torno de mim parecia vívido de um modo nada natural, da deliciosa fragrância da comida que Jamie levava e do farfalhar de seu casaco ao som de alguém cantando nos aposentos distantes dos escravos e do milho plantado na horta que ladeava o caminho.

A sensação de lúcido isolamento permaneceu comigo, mesmo enquanto acompanhávamos a curva do caminho em direção aos estábulos. Uma coisa a fazer, dissera ele. Imaginei que ele não quisesse dizer que pretendia repetir a performance do dia anterior. Se ele ia propor uma forma mais tranquila de orgia, no entanto, envolvendo bolo e café, parecia peculiar que tivesse escolhido o estábulo e não o salão.

A porta lateral estava destrancada; ele a abriu e os odores quentes de

feno e de animais adormecidos saíram em uma lufada.

– Quem está aí? – perguntou uma voz suave e profunda vinda das sombras do lado de dentro.

Roger. Claro; ele não estava entre as pessoas no quarto de Jocasta.

– Fraser – respondeu Jamie, com a voz igualmente baixa, e me levou para dentro, fechando a porta quando entramos.

A silhueta de Roger permaneceu recortada contra o brilho suave da lanterna, perto do fim da fileira de baias. Ele estava coberto por uma capa, e a luz brilhava em um halo vermelho ao redor de seus cabelos escuros quando ele se virou na nossa direção.

– Como estão as coisas, *a Smeòraich*?

Jamie entregou a ele a garrafa de café. A capa de Roger caiu quando ele esticou o braço para pegá-la, e eu vi quando ele enfiou uma pistola na cintura da calça com a outra mão. Sem comentários, ele tirou a rolha e levou a garrafa à boca, abaixando-a momentos depois com uma expressão de completa felicidade. Suspirou, a respiração formando uma névoa branca.

– Ah, Deus – disse ele fervorosamente. – Isto é a melhor coisa que tomei em meses.

– Não exatamente.

Parecendo se divertir, Jamie pegou a garrafa de volta e entregou a ele o bolo embrulhado.

– Como ele está?

– Fez um pouco de barulho no começo, mas está quieto há algum tempo. Acho que deve ter pegado no sono.

Já rasgando o papel cheio de manteiga, Roger assentiu em direção à baia. Jamie pegou a lamparina do gancho e a segurou acima do portão. Espiando por baixo do braço dele, vi uma forma encolhida, meio enterrada na palha no fundo da baia.

– Sr. Wylie? – perguntou Jamie, ainda falando baixo. – Está dormindo, senhor?

O corpo se remexeu, e ouvi o farfalhar do feno.

– Não estou, senhor – respondeu ele, com um tom de frio ressentimento.

O corpo começou a se erguer lentamente, e Phillip Wylie ficou de pé, batendo a palha das roupas.

Eu certamente já o vira em melhores condições. Faltavam vários botões em seu casaco, a costura de um dos ombros estava rasgada e ambos os joelhos da calça estavam frouxos, as fivelas abertas e as meias abaixadas de modo inapropriado em suas canelas. Alguém evidentemente o atingira no nariz; um rastro de sangue tinha secado em seu lábio superior, e havia uma mancha marrom e áspera na seda bordada de seu colete.

Apesar das deficiências de suas vestimentas, sua atitude era impecável, de uma gélida afronta.

– Você vai responder por isso, Fraser, juro por Deus.

– Sim, vou – disse Jamie, sem se alterar. – Como quiser, senhor. Mas não antes de conseguir algumas respostas do senhor, sr. Wylie.

Ele levantou o trinco do portão de uma das baias e o abriu.

– Saia.

Wylie hesitou; não queria permanecer na baía nem sair obedecendo à ordem de Jamie. Vi suas narinas se abrirem; evidentemente, ele havia sentido o cheiro do café. Isso pareceu fazer com que se decidisse, e ele saiu da baía de cabeça erguida. Passou a centímetros de mim, mas manteve os olhos voltados para a frente, fingindo não ter me visto.

Roger tinha arrumado dois bancos e um balde virado. Peguei o balde e o joguei nas sombras, deixando que Jamie e Wylie se sentassem bem próximos um do outro. Roger se recolheu discretamente para as sombras ao meu lado com o bolo, parecendo interessado.

Wylie aceitou a garrafa de café constrangido, mas alguns bons goles pareceram restaurar sua compostura de modo notável. Ele por fim a abaixou e respirou ruidosamente, os traços um pouco mais relaxados.

– Agradeço, senhor.

Ele entregou a garrafa a Jamie com uma pequena reverência e se endireitou no banco, ajustando cuidadosamente a peruca, que tinha sobrevivido às aventuras da noite, mas estava em más condições devido às experiências.

– Muito bem. Posso perguntar o motivo deste... deste... comportamento deplorável?

– Pois não, senhor – respondeu Jamie, erguendo-se, por sua vez. – Quero saber sobre a natureza de suas associações com um tal Stephen Bonnet, e o

que sabe a respeito do paradeiro dele.

O rosto de Wylie ficou confuso de um modo quase engraçado.

– Quem?

– Stephen Bonnet.

Wylie começou a se virar na minha direção, para pedir esclarecimentos, então lembrou que estava ignorando a minha presença. Dirigiu um olhar ameaçador a Jamie, com as sobrancelhas escuras franzidas.

– Não conheço nenhum cavalheiro com esse nome, sr. Fraser, portanto não sei de nada sobre seus movimentos... mas se soubesse, duvido muito que me sentisse na obrigação de informar ao senhor.

– É mesmo?

Jamie tomou um gole de café e entregou a garrafa a mim.

– E as obrigações de um convidado em relação ao seu anfitrião, sr. Wylie?

Ele ergueu as sobrancelhas escuras, surpreso.

– O que quer dizer, senhor?

– Imagino que não esteja ciente, senhor, de que a sra. Innes e seu marido foram atacados ontem à noite e de que houve uma tentativa de roubo contra eles.

Wylie ficou boquiaberto. Ou ele era um excelente ator ou sua surpresa era genuína. Pelo que eu conhecia do jovem até o momento, acreditava que ele não estivesse interpretando.

– Não estava. Quem...

Um pensamento lhe ocorreu, e a surpresa desapareceu, substituída por uma nova afronta. Ele arregalou os olhos um pouco.

– Acha que eu estava envolvido nessa... nessa...

– Atividade criminosa? – sugeriu Roger.

Ele parecia estar se divertindo, aliviado do tédio da tarefa de guarda.

– Sim, acho que sim. Quer um pedaço de bolo com o café, senhor?

Ele ergueu um pedaço de bolo; Wylie olhou para ele por um momento, em seguida ficou de pé, derrubando o bolo da mão de Roger.

– Seu canalha!

Ele se virou para Jamie, com os punhos cerrados.

– Ousa insinuar que sou um ladrão?

Jamie se encostou no banco com o queixo levantado.

– Sim, ousou – disse com frieza. – Tentou roubar minha esposa bem embaixo do meu nariz... por que teria escrúpulos em relação aos bens da minha tia?

O rosto de Wylie ficou muito vermelho. Se não fosse pela peruca, seus cabelos teriam se arrepiado.

– Seu... grande... *cretino!* – gritou ele.

Então se atirou sobre Jamie. Os dois caíram com um estrondo, em uma confusão de braços e pernas.

Eu dei um pulo para trás, segurando a garrafa de café contra o peito. Roger se lançou para a frente, mas eu o segurei pela capa para contê-lo.

Jamie tinha a vantagem do tamanho e da habilidade, mas Wylie não era um novato na arte da briga e, além disso, estava sendo movido por uma fúria destrutiva. Em alguns momentos, Jamie o dominaria, mas eu não estava disposta a esperar.

Muito irritada com os dois, dei um passo à frente e virei a garrafa. Não estava fervendo, mas estava bastante quente. Os dois gritaram de surpresa ao mesmo tempo, e rolaram para longe um do outro, tentando se levantar e se sacudindo. Pensei ter ouvido Roger rir atrás de mim, mas quando me virei, ele tinha assumido uma expressão de contido interesse. Ergueu as sobrancelhas para mim e enfiou mais um pedaço de bolo na boca.

Eu me virei e vi Jamie já de pé, e Wylie erguendo-se, os joelhos apoiados no chão, ambos ensopados de café e ambos com expressões que indicavam que pretendiam retomar do ponto em que eu havia interrompido. Eu me coloquei entre eles e bati o pé.

– Estou cansada disso, inferno!

– Eu não! – disse Wylie com raiva. – Ele atacou a minha honra e eu exijo...

– Ah, que se dane a sua maldita honra... e a sua também! – rosnei, olhando furiosa para ele e para Jamie.

Jamie, que evidentemente pretendia dizer algo igualmente inflamado, conteve-se e apenas resmungou.

Chutei um dos banquinhos caídos e apontei para ele, ainda olhando de cara feia para Jamie.

– Sente-se!

Afastando o tecido molhado da camisa do peito, ele endireitou o banco e se sentou, com grande dignidade.

Wylie estava menos disposto a me obedecer e fazia mais comentários a respeito de sua honra. Eu dei um chute na canela dele. Dessa vez, eu estava usando botas. Ele gritou e pulou em um pé só, segurando a perna atingida. Os cavalos, incomodados com a comoção, batiam os cascos e relinchavam nas baias, e o ar estava tomado por fragmentos de palha.

– Você não vai querer se meter com ela quando está de mau humor – disse Jamie a Wylie, olhando para mim com cautela. – Ela é perigosa, sabe?

Wylie olhou de cara feia para mim, mas sua expressão assumiu um ar de incerteza – por causa da garrafa de café vazia, que agora eu segurava pelo gargalo como se fosse um porrete, ou suas lembranças da noite anterior, quando ele havia me surpreendido no meio da autópsia de Betty. Com esforço, engoliu o que pretendia dizer e sentou-se lentamente no outro banco. Pegou um lenço do bolso do colete e limpou um fio de sangue que escorria pela lateral de um corte acima de sua sobrancelha.

– Eu gostaria – disse ele, com educação – de saber o que está acontecendo aqui, por favor.

Ele havia perdido a peruca; estava jogada no chão em uma poça de café. Jamie se abaixou e a pegou, segurando-a com cuidado, como se fosse um animal morto. Limpou uma mancha de lama da lateral do rosto com a mão livre e estendeu a peruca, que pingava, para Wylie.

– Estamos de acordo, então, senhor.

Wylie pegou a peruca, assentindo, e a colocou sobre o joelho, ignorando o café que manchava sua calça. Os dois olharam para mim com expressões idênticas de incredulidade e impaciência. Evidentemente, eu tinha sido nomeada mestra de cerimônias.

– Roubo, assassinato e Deus sabe o que mais – falei com firmeza. – E vamos encontrar os culpados.

– Assassinato? – falaram Roger e Wylie juntos, ambos soando surpresos.

– Quem foi assassinado? – perguntou Wylie, olhando freneticamente para mim e para Jamie.

– Uma escrava – respondeu Jamie, assentindo na minha direção. –

Minha esposa suspeitou de que havia algo de errado com a morte dela, por isso quisemos descobrir a verdade. Por isso a nossa presença no barracão quando você apareceu ontem à noite.

– Presença – ecoou Wylie.

Seu rosto já estava pálido, mas ele pareceu levemente perturbado ao se lembrar do que tinha me visto fazer no barracão.

– Sim, eu... compreendo.

Ele olhou para mim de soslaio.

– Então, ela foi morta?

Roger adentrou o círculo formado pela luz da lanterna e colocou o balde no lugar, sentando-se a meus pés. Colocou os restos do bolo no chão.

– Do que ela morreu?

– Alguém deu vidro moído a ela – respondi. – Encontrei uma boa quantidade ainda no estômago dela.

Prestei particular atenção a Phillip Wylie quando disse isso, mas seu rosto manteve a mesma expressão de surpresa, como o de Jamie e o de Roger.

– Vidro – repetiu Jamie.

Foi o primeiro a se recuperar. Ele se ajeitou no banco, prendendo uma mecha de cabelo atrás da orelha.

– Quanto tempo isso levaria para matar alguém, Sassenach?

Esfreguei dois dedos entre as sobrelanceiras; o entorpecimento da manhã estava dando lugar a uma dor de cabeça latejante, piorada pelo cheiro forte de café e pelo fato de eu não ter bebido nem uma gota dele.

– Não sei – respondi. – Iria para o estômago em minutos, mas talvez demorasse um tempo considerável até causar dano suficiente para provocar uma hemorragia. A parte mais afetada provavelmente seria o intestino delgado; as partículas de vidro perfurariam a mucosa. E se o sistema digestivo estivesse de alguma forma comprometido, pela bebida, por exemplo, e não estivesse se movimentando bem, talvez demorasse ainda mais. Ou se ela tivesse comido muito.

– É a mulher que você e Bree encontraram no jardim? – perguntou Roger, virando-se para Jamie.

– Sim – respondeu Jamie e assentiu com os olhos ainda fixos em mim. –

Ela estava inconsciente por causa da bebida. E quando você a viu mais tarde, Sassenach... havia sinais de que ela tivesse ingerido vidro?

Neguei, balançando a cabeça.

– O vidro podia estar agindo naquele momento, mas ela estava inconsciente. Pensando bem... Fentiman disse que ela acordou no meio da noite reclamando de dor nas entranhas. Então, certamente já tinha sido afetada àquela altura. Mas não sei dizer ao certo se já tinham dado vidro moído a ela antes de você e Bree a encontrarem, ou se ela acordou do estupor no começo da noite e alguém lhe deu o vidro nesse momento.

– Dor nas entranhas – murmurou Roger.

Ele balançou a cabeça, contraindo os lábios.

– Meu Deus, que modo horrível de morrer.

– Sim, foi uma perversidade – concordou Jamie, assentindo. – Mas por quê? Quem desejaria a morte da mulher?

– Boa pergunta – disse Wylie de modo breve. – No entanto, posso lhes garantir que não fui eu.

Jamie o analisou por um bom tempo.

– Sim, talvez – disse ele. – Mas se não... como chegou ao barracão ontem à noite? O que teria para fazer ali, além de talvez olhar para a cara de sua vítima?

– *Minha* vítima!

Wylie se levantou na hora, tomado por uma raiva renovada.

– Não era eu quem estava no barracão com os braços vermelhos até os cotovelos por causa do sangue da mulher e arrancando pedaços de osso e entranhas!

Ele virou a cabeça para o lado, olhando para mim.

– Minha vítima, pois sim! Profanar um corpo é um pecado capital, sra. Fraser. E eu ouvi certas coisas... ah, sim, ouvi coisas a seu respeito! Digo que foi *a senhora* quem matou a mulher, para obter...

As palavras dele terminaram em um gorgolejar quando a mão de Jamie agarrou a gola de sua camisa e apertou com força em volta do pescoço. Ele deu um soco no estômago de Wylie, com força, e o jovem se dobrou para a frente, tossiu e vomitou café, bile e algumas outras substâncias nada agradáveis no chão, nos próprios joelhos e em Jamie.

Eu suspirei, cansada. Os breves efeitos calmantes da discussão haviam desaparecido, e eu estava com frio e me sentindo meio desorientada de novo. O fedor não ajudava.

– Isso não ajuda muito, se quer saber – falei, olhando com reprovação para Jamie, que tinha soltado Wylie e estava agora removendo apressado algumas peças de roupa. – Não que eu não tenha apreciado o voto de confiança.

– Ah, sim – disse ele, com a voz abafada pela camisa enquanto a tirava.

Ele olhou para mim de cara feia e atirou a camisa no chão fazendo barulho.

– Você acha que vou ficar sentado aqui e deixar esse empoadado insultá-la?

– Acho que ele não vai fazer isso de novo – disse Roger.

Ele ficou de pé e se aproximou de Wylie, que ainda estava dobrado para a frente, apoiado no banco, com o rosto meio esverdeado. Roger olhou para trás, para Jamie.

– Mas ele tem razão? A respeito de ser pecado violar um corpo?

– Não sei – disse Jamie, laconicamente.

Sem camisa, manchado de sangue e vômito, e com os cabelos ruivos revoltos à luz da lamparina, ele não se parecia em nada com o cavalheiro elegante que tinha ido jogar uíste.

– Não importa – disse ele –, já que ele não vai contar a ninguém sobre isso. Porque, se contar, vou fatiá-lo e servir as bolas e a língua mentirosa dele aos porcos.

Ele tocou o cabo do punhal, como se quisesse se assegurar de que poderia usá-lo, se quisesse.

– Mas tenho certeza de que não quis fazer acusações infundadas a respeito da minha mulher, não é mesmo... senhor? – disse ele a Wylie com uma educação excessiva.

Não fiquei surpresa ao ver Phillip Wylie balançar a cabeça, evidentemente ainda incapaz de falar. Jamie emitiu um ruído de satisfação e se abaixou para pegar a capa que havia deixado no chão.

Sentindo as pernas meio fracas depois dessa última exibição de senso de honra masculina, eu me sentei no balde.

– Certo – falei, afastando uma mecha de cabelos. – Muito bem. Se já está

tudo resolvido, então... onde estávamos?

– No assassinato da Betty – disse Roger. – Não sabemos quem, não sabemos quando e não sabemos o porquê... mas sugiro, para o bem da discussão, que concordemos que ninguém dentre os presentes teve nada a ver com o que aconteceu.

– Muito bem – falou Jamie, encerrando o assunto com um gesto brusco e voltando a sentar-se. – E Stephen Bonnet?

A expressão de Roger, até então de interesse, ficou séria.

– Sim, o que tem ele? Ele está envolvido nisso?

– Não no assassinato, talvez... mas minha tia e o marido foram atacados no quarto deles ontem à noite por dois criminosos. Um deles era irlandês.

Jamie cobriu os ombros com a capa, lançando um olhar sinistro para Phillip Wylie, que havia se recuperado o suficiente para se sentar.

– Vou repetir – disse ele com frieza, com as mãos ainda na barriga – que não conheço nenhum cavaleiro com esse nome, irlandês ou não.

– Stephen Bonnet não é um cavaleiro – disse Roger.

As palavras saíram moderadas, mas carregavam uma nuance que fez Wylie olhar para ele.

– Não conheço o homem – disse ele com firmeza.

Respirou suavemente para ver se sentia dor e quando viu que era suportável, respirou mais fundo.

– Por que acham que o irlandês que agrediu o sr. e a sra. Innes é esse tal Bonnet? Ele deixou um cartão, por acaso?

Eu ri, surpreendendo a mim mesma. Apesar de tudo, eu tinha de admitir que sentia um certo respeito por Phillip Wylie. Preso, agredido, ameaçado, molhado de café e sem a peruca, ele mantinha mais dignidade do que muitos homens na mesma situação.

Jamie olhou para mim, e então para Wylie. Pensei ter visto o canto de sua boca se entortar, mas era impossível saber à luz fraca.

– Não – disse ele. – Eu *conheço* Stephen Bonnet, que é um criminoso, um degenerado e um ladrão. E vi o homem com o senhor, quando vocês surpreenderam minha esposa e a mim no barracão.

– Sim – falei. – Eu também o vi, parado atrás do senhor. E o que estavam fazendo ali, afinal? – fiz a pergunta que subitamente me ocorreu.

Os olhos de Wylie tinham se arregalado diante da acusação de Jamie. Diante da minha afirmação, ele piscou. Respirou fundo de novo e olhou para baixo, passando os nós dos dedos embaixo do nariz. Então ele olhou para Jamie, sem fanfarronice.

– Não o conheço – disse ele, baixinho. – Achei que estivesse sendo seguido, mas, ao olhar para trás, não vi ninguém, então não pensei mais nisso. Quando... vi o que havia dentro do barracão... – seus olhos se voltaram para mim, mas não chegaram a encontrar os meus. – Fiquei chocado demais para prestar atenção em qualquer coisa que não fosse o que estava diante de mim.

Nisso eu podia acreditar.

Wylie ergueu os ombros e os deixou cair de novo.

– Se esse Bonnet realmente estava atrás de mim, então vou ter que acreditar na sua palavra, senhor. Ainda assim, garanto que ele não estava lá por minha causa, nem com o meu conhecimento.

Jamie e Roger trocaram olhares, mas perceberam a verdade nas palavras de Wylie, assim como eu. Fez-se um breve silêncio, durante o qual pude ouvir cavalos se movimentando em suas baias. Eles não estavam mais agitados, mas estavam ficando impacientes, à espera de comida. A luz da manhã entrava pelas frestas sob o beiral, um brilho fraco e esfumaçado que filtrava toda a cor dentro do estábulo, e ainda assim revelava os contornos das rédeas penduradas na parede, de rastelos e pás encostados em um canto.

– Os cocheiros vão chegar logo – falou Jamie.

Ele se remexeu e respirou fundo, endireitando os ombros. Ele olhou para Wylie.

– Muito bem, senhor. Aceito a sua palavra de cavalheiro.

– Aceita? Fico lisonjeado.

– Ainda assim – continuou Jamie, fazendo questão de ignorar o sarcasmo. – Gostaria de saber o que levou o senhor ao barracão ontem à noite.

Wylie havia se levantado do assento. Ao ouvir aquilo, hesitou e se sentou de novo. Piscou uma ou duas vezes, como se pensasse, e então suspirou, desistindo.

– Lucas – disse ele simplesmente.

Não ergueu o olhar. Em vez disso, manteve-o fixo nas mãos, soltas entre as coxas.

– Eu estava lá, na noite em que ele nasceu. Eu o criei, domestiquei, treinei.

Ele engoliu em seco; vi o tremor sob a gola de sua camisa.

– Fui até o estábulo para ter alguns momentos com ele... para me despedir.

Pela primeira vez, o rosto de Jamie perdeu a sombra de antipatia que o encobria sempre que ele olhava para Wylie. Respirou fundo e assentiu levemente.

– Sim, compreendo – disse ele baixinho. – E então?

Wylie se endireitou um pouco.

– Quando saí do estábulo, pensei ter ouvido vozes perto do muro da horta. E quando me aproximei para ver o que poderia ser, vi uma luz brilhando por entre as frestas do barracão.

Ele deu de ombros.

– Abri a porta. E o senhor sabe melhor do que eu o que aconteceu em seguida, sr. Fraser.

Jamie passou uma das mãos com força sobre o rosto e balançou a cabeça.

– Sim – disse ele. – Sei. Fui atrás de Bonnet, e o senhor ficou no meu caminho.

– O senhor me atacou – disse Wylie com frieza.

Ele ajustou o casaco sobre os ombros.

– Eu me defendi, como tinha todo o direito de fazer. E então o senhor e seu genro me cercaram, me trouxeram à força até aqui – falou, erguendo o queixo para indicar a baía atrás dele. – E me mantiveram preso durante metade da noite!

Roger pigarreou. Jamie também, com mais severidade.

– Bem, sim – disse ele. – Não vamos discutir sobre isso.

Ele suspirou e se recostou, gesticulando para Wylie que ele já podia ir.

– Imagino que não tenha visto em que direção Bonnet fugiu.

– Ah, vi sim. Apesar de não saber o nome dele, claro. Imagino que já esteja bem longe a essa altura – disse Wylie.

Havia um tom estranho em sua voz; algo parecido com satisfação. Jamie se virou de imediato.

– O que quer dizer?

– Lucas.

Wylie assentiu em direção ao corredor escuro do estábulo, às sombras do outro lado.

– A baia dele fica no fundo. Conheço bem a voz, o som dos movimentos dele. E eu não o ouvi esta manhã. Bonnet, se era ele mesmo, fugiu em direção ao estábulo.

Antes que Wylie terminasse de falar, Jamie pegou a lamparina e foi em direção aos fundos do estábulo. Os cavalos enfiavam o focinho por entre as grades enquanto ele passava, relinchando e bufando com curiosidade – mas nenhum focinho preto apareceu no fim da fileira de baias, nenhuma crina escura balançando com alegria. O resto de nós correu atrás dele e nos inclinamos para ver enquanto ele segurava a lamparina no alto.

A luz amarela brilhou na palha vazia.

Ficamos em silêncio por um longo momento, olhando. Então, Phillip Wylie suspirou e se levantou.

– Se eu não posso mais tê-lo, sr. Fraser, pelo menos o senhor também não pode.

Ele me observou com ironia.

– Mas desejo alegria ao senhor com sua esposa.

Ele se virou e foi embora, com as meias frouxas, os calcanhares vermelhos de seus sapatos brilhantes.

Do lado de fora, a manhã irrompia, calma e adorável. Apenas o rio parecia se mover, com a luz que se espalhava brilhando prateada em sua corrente além das árvores.

Roger tinha ido para a casa, bocejando, mas Jamie e eu permanecemos perto do cercado dos cavalos. As pessoas iam começar a se levantar em minutos; haveria mais perguntas, especulações, conversas. Nenhum de nós queria falar mais; não naquele momento.

Por fim, Jamie passou o braço pelos meus ombros e com um ar decidido deu as costas para a casa. Eu não sabia para onde ele estava indo, e não me

importava muito, apesar de ter esperanças de poder me deitar quando chegássemos lá.

Passamos pela ferraria, onde um garoto pequeno e sonolento soprava a forja com um par de foles, espalhando faíscas vermelhas e brilhantes como vaga-lumes nas sombras. Passamos pelas construções, dobramos uma esquina e chegamos à frente de um barracão com uma grande porta dupla. Jamie ergueu a trava e abriu uma porta, gesticulando para que eu entrasse.

– Não sei por que nunca pensei neste lugar – disse ele –, quando procurava um local reservado.

Estávamos no barracão dos coches. Uma carroça e uma caleche estavam nas sombras, assim como o faetonte de Jocasta. Uma carruagem aberta, como um grande trenó sobre duas rodas, tinha um banco com almofadas azuis de veludo e um balancim como a proa de um navio. Jamie me pegou pela cintura e me colocou lá dentro, subindo logo em seguida. Havia uma pele de búfalo sobre as almofadas; ele a pegou e a estendeu no chão do faetonte. Havia espaço apenas para duas pessoas se encolherem ali, se não se importassem em ficar deitadas próximas uma da outra.

– Vamos, Sassenach – disse ele, ajoelhando-se. – O que quer que venha em seguida... pode esperar.

Eu concordei. Apesar de beirar a inconsciência, não pude deixar de perguntar, meio zozna:

– A sua tia... Você confia nela? No que ela disse sobre o ouro e tudo o mais?

– Ah, sim – murmurou ele no meu ouvido.

Seu braço pesava sobre a minha cintura.

– Pelo menos, até onde ela contou.

DEDUÇÕES

Forçados a sair de nosso refúgio por causa da sede e da fome, deixamos o barracão das carruagens e passamos pelos escravos que olhavam diplomaticamente em outra direção, ainda ocupados limpando os restos da festa de casamento. À beira do gramado, vi Phaedre, vindo do mausoléu com os braços cheios de pratos e copos que haviam sido deixados entre os arbustos. Tinha o rosto inchado e os olhos vermelhos, mas não estava chorando naquele momento.

Ela nos viu e parou.

– Ah – disse ela. – A srta. Jocasta está procurando o senhor, sr. Jamie.

Phaedre falou de maneira apática, como se as palavras fizessem pouco sentido para ela, e pareceu não achar nada estranho o nosso surgimento repentino e as nossas roupas desalinhadas.

– Ah? Sim.

Jamie passou a mão no rosto, assentindo.

– Sim, vou falar com ela.

Ela assentiu e estava se virando para sair quando Jamie esticou o braço e tocou seu ombro.

– Sinto muito pelo seu sofrimento, moça – disse ele baixinho.

Os olhos dela ficaram marejados e as lágrimas escorreram, mas ela não disse nada. Fez uma breve reverência, virou-se e se afastou depressa, movendo-se tão rápido que uma faca caiu da pilha de talhares, quicando na grama atrás dela.

Eu me abaixei e a peguei, o toque do cabo lembrando-me de repente e vividamente da lâmina que eu havia usado para abrir o corpo da mãe dela. Por um momento desorientador, eu não estava mais no gramado na frente

da casa, mas na escuridão do barracão, com o cheiro de morte pesando no ar e a prova do assassinato na minha mão.

Então a realidade se reajustou e eu vi o gramado coberto por bandos de pombos e pardais, procurando calmamente por migalhas aos pés de uma deusa de mármore, iluminada pelo sol.

Jamie estava dizendo alguma coisa.

–... ir se lavar e descansar um pouco, Sassenach?

– O quê? Ah... não, vou com você.

De repente, fiquei ansiosa para acabar de uma vez com aquilo e ir para casa. Eu já tinha me cansado da sociedade.

Encontramos Jocasta, Duncan, Roger e Brianna juntos na sala íntima de Jocasta, saboreando o que parecia ser um café da manhã farto, ainda que tardio. Brianna olhou para as roupas rasgadas de Jamie, mas não disse nada, só voltou a bebericar seu chá, com as sobrancelhas ainda erguidas. Ela e Jocasta estavam de robe, e apesar de Roger e Duncan estarem vestidos, pareciam pálidos e abatidos depois das aventuras da noite. Nenhum dos dois tinha feito a barba, e Duncan tinha um grande hematoma azul na lateral do rosto, onde havia batido na pedra da lareira ao cair, mas parecia bem, tirando isso.

Imaginei que Roger já tivesse contado a todo mundo sobre nosso tête-à-tête com Phillip Wylie e o desaparecimento de Lucas. Pelo menos, ninguém fez perguntas. Duncan estendeu silenciosamente um prato de bacon na direção de Jamie, e não se ouviu nada por um tempo, exceto o bater de talheres nos pratos e os ruídos que fazíamos enquanto sorvíamos o chá.

Por fim, satisfeitos e nos sentindo relativamente restaurados, nos recostamos e começamos, com hesitação, a discutir os acontecimentos do dia – e da noite – anterior. Tanta coisa tinha acontecido que eu achava que talvez fosse melhor tentar reconstruir os fatos de maneira lógica. Eu disse isso e, apesar de Jamie ter retorcido os lábios de modo a sugerir que considerava a ideia incompatível comigo, ignorei o gesto e pedi com firmeza que prestassem atenção.

– Tudo começou com Betty, não acham?

– Se começou ou não, acho que é um bom ponto de partida, Sassenach –

concordou Jamie.

Brianna terminou de passar manteiga em uma última torrada, parecendo se divertir.

– Continue, Miss Marple – pediu ela, balançando a mão para mim antes de dar uma mordida.

Roger emitiu um breve som de engasgo, mas eu também o ignorei com dignidade.

– Certo. Bem, pensei que Betty provavelmente tinha sido drogada quando a vi, mas como o dr. Fentiman me impediu de examiná-la, não tive certeza. Mas estamos quase certos de que Betty bebeu ponche com alguma droga, não é?

Olhei ao redor para os rostos. Bree e Jamie assentiram, com expressões sérias.

– Sim, eu senti um gosto *diferente* no copo, e não era bebida – informou Jamie.

– E eu conversei com os empregados da casa quando deixei papai com Betty – emendou Brianna, inclinando-se para a frente. – Duas das mulheres admitiram que Betty bebe... bebia... os restos de bebida nas festas, mas as duas insistiram que ela não estava nada além de “alegre” quando ajudou a servir ponche no salão.

– E eu estava no salão naquele momento, com Seamus Hanlon e seus músicos – confirmou Roger.

Ele olhou para Bree e apertou seu joelho com cuidado.

– Vi Ulysses preparar pessoalmente o ponche... foi a primeira vez no dia que você o preparou, Ulysses?

Todas as cabeças se viraram na direção do mordomo, que estava sério atrás da cadeira de Jocasta. Sua peruca bem-arrumada e as roupas impecáveis eram como uma censura silenciosa ao nosso ar de desleixo exausto.

– Não, a segunda – disse ele baixinho. – A primeira leva de ponche foi toda consumida no café da manhã.

Seus olhos estavam em alerta, ainda que injetados, mas o resto de seu rosto parecia ter sido esculpido em granito. A casa e os criados eram sua responsabilidade, e estava claro que ele sentia que os acontecimentos

recentes tinham sido um grande desabono do seu trabalho.

– Certo.

Roger se voltou de novo para mim, passando a mão pelo rosto coberto pela barba rala. Talvez ele tivesse cochilado desde a discussão com Wylie no estábulo, mas não parecia.

– Eu não vi Betty, mas a questão é que acredito que *certamente* teria notado se ela estivesse bêbada e trocando as pernas naquele momento. Ulysses também, creio eu.

Ele olhou por cima do ombro em busca de confirmação, e o mordomo assentiu, relutante.

– O tenente Wolff *estava* bêbado e trocando as pernas – apontou Roger.
– Todos notaram e comentaram como ainda era cedo para alguém estar naquelas condições.

Jocasta emitiu um som grosseiro e Duncan abaixou a cabeça, escondendo um sorriso.

– A questão é que o segundo ponche de rum foi servido pouco depois do meio-dia, e eu encontrei a mulher deitada de costas no monte de esterco, embriagada e com um copo de ponche ao seu lado não mais do que uma hora depois – resumiu Jamie. – Não vou dizer que não seria possível, mas seria uma proeza ficar tão bêbada em tão pouco tempo, principalmente se ela estivesse bebendo apenas os restos que havia nos copos.

– Então, vamos concluir que ela foi mesmo drogada – falei. – E a substância mais provável é o láudano. Havia láudano na despensa?

Jocasta percebeu a elevação na minha voz e soube que a pergunta era dirigida a ela. Endireitou-se na cadeira, prendendo uma mecha de cabelos brancos embaixo da touca adornada com um laço. Parecia ter se recuperado bem da noite anterior.

– Ah, sim. Mas isso não quer dizer nada – contrapôs ela. – Qualquer um pode ter trazido o láudano. Não é tão difícil de encontrar para quem pode pagar. Conheço pelo menos duas mulheres entre as convidadas que fazem uso frequente. Arrisco dizer que trouxeram um pouco.

Eu teria adorado saber qual dos conhecidos de Jocasta era viciado em ópio e como ela sabia disso, mas deixei isso de lado, passando para a próxima questão.

– Bem, de onde quer que o láudano tenha vindo, aparentemente acabou indo parar no corpo de Betty.

Eu me virei para Jamie.

– Você disse que pensou, ao vê-la, que ela poderia ter bebido alguma coisa, uma droga ou um veneno, que era destinado a outra pessoa.

Ele assentiu, acompanhando-me com atenção.

– Sim, afinal, por que alguém ia querer prejudicar ou matar um escravo?

– Não sei por que, mas alguém *a matou* – interrompeu Brianna, com a voz alterada. – Não vejo como ela poderia ter ingerido vidro moído destinado a outra pessoa, e vocês?

– Não me apresse! Estou tentando seguir a lógica.

Franzi o cenho para Bree, que emitiu um som grosseiro parecido com o de Jocasta, mas não tão alto.

– Não – continuei –, não acho que ela possa ter ingerido o vidro por acidente, mas não sei *quando* ela ingeriu. Quase com certeza, foi em algum momento depois que você e Jamie a levaram para o sótão, e depois que o Dr. Fentiman a examinou pela primeira vez.

Os remédios e purgantes de Fentiman teriam causado um intenso sangramento se Betty já tivesse ingerido o vidro – e de fato causaram quando ele voltou para cuidar dela, que se queixava de dores na barriga, perto do amanhecer.

– Acho que você está certa – disse Brianna –, mas só para esclarecer: quando você foi dar uma olhada por aí, Roger, não encontrou nenhum convidado que parecesse ter sido drogado?

Ele balançou a cabeça, franzindo o cenho, como se a luz do sol o incomodasse. Eu não me surpreenderia se ele estivesse com dor de cabeça; eu mesma sentia uma dor latejante no crânio.

– Não – disse ele e passou os nós dos dedos entre as sobrancelhas. – Havia pelo menos vinte que estavam começando a cambalear um pouco, mas todos pareciam apenas embriagados.

– E o tenente Wolff? – perguntou Duncan naquele momento, para surpresa geral. Ele corou um pouco ao ver todos os olhos nele, mas continuou. – A *Smeòraich* disse que o homem estava embriagado e trocando as pernas na sala. Ele pode ter tomado o láudano, ou o que quer que tenha

sido, bebido a metade e dado o restante à escrava?

– Não sei – falei, em dúvida. – Acho que nunca vi ninguém que conseguisse ficar embriagado em uma hora apenas ingerindo álcool...

– Quando fui conferir os convidados, o tenente estava encostado na parede do mausoléu com uma garrafa na mão – disse Roger. – Confuso, mas ainda consciente.

– Sim, ele caiu nos arbustos depois – acrescentou Jamie. – Eu o vi à tarde. Ele não estava como a escrava, no entanto; parecia apenas embriagado.

– Mas o horário bate – falei, pensativa. – Então é possível, pelo menos. Alguém viu o tenente depois?

– Sim – disse Ulysses, fazendo com que todos se virassem para olhar para ele de novo. – Ele entrou na casa durante o jantar, pediu-me que encontrasse um barco para ele imediatamente, e foi embora pelo rio. Ainda muito embriagado – disse ele com precisão –, mas lúcido.

Jocasta bufou baixinho e murmurou:

– Lúcido, até parece.

Ela massageou as têmporas com os indicadores; evidentemente, também estava com dor de cabeça.

– Acho que isso elimina o tenente como suspeito. Ou o fato de ele ter partido tão de repente é suspeito por si só?

Brianna, a única pessoa presente que parecia *não* sentir dor de cabeça naquele momento, colocou vários torrões de açúcar no chá e mexeu vigorosamente. Jamie fechou os olhos, fazendo uma careta por causa do barulho.

– Vocês não estão se esquecendo de uma coisa? – falou Jocasta.

Estava acompanhando todos os argumentos com atenção, franzindo o cenho de leve, concentrada. Naquele momento, ela se inclinou para a frente, estendendo a mão em direção à mesa baixa na qual estavam as coisas do café da manhã. Tamborilou levemente pela superfície para localizar o que queria, então pegou um pequeno copo de prata.

– Você me mostrou o copo do qual Betty bebeu, sobrinho – disse ela a Jamie, estendendo o que estava em sua mão. – Era como este, não era?

O copo era prateado e novo em folha, com um desenho gravado quase

imperceptível. Mais tarde, quando o metal começasse a oxidar pela ação do tempo, uma substância negra ia se depositar nos sulcos do desenho e ele ficaria visível, mas, por enquanto, a letra “I” maiúscula e o pequeno peixe que nadava ao redor dela estavam quase perdidos em meio ao brilho da luz sobre o metal.

– Sim, era um desses, tia – respondeu Jamie, tocando a mão que segurava o copo. – Brianna disse que era de um jogo?

– Era. Eu os dei de presente a Duncan na manhã do nosso casamento.

Ela pousou o copo, mas colocou os dedos compridos em cima dele.

– Bebemos de dois dos copos, Duncan e eu, durante o café da manhã, mas os outros quatro copos ficaram aqui em cima.

Ela balançou a mão atrás de si, indicando o pequeno bufê encostado na parede, onde as travessas de bacon e ovos fritos tinham sido colocadas. Pratos decorados estavam organizados no fundo do móvel, intercalados com um conjunto de copos de cristal. Eu contei; os seis copos de prata com desenho de peixe estavam na mesa agora, cheios de vinho do Porto, que Jocasta parecia gostar de tomar com o café da manhã. Mas não havia indícios de qual deles contivera a bebida com droga.

– Você não levou nenhum desses copos para a sala no dia do casamento, Ulysses? – perguntou ela.

– Não, senhora – assegurou, parecendo estupefato diante da ideia. – Claro que não.

Ela assentiu e virou os olhos cegos em direção a Jamie; em seguida, em direção a mim.

– Então, estão vendo – disse simplesmente. – Foi o copo de Duncan.

Duncan pareceu surpreso, em seguida inquieto, ao perceber as implicações do que ela havia acabado de dizer.

– Não – disse ele, balançando a cabeça. – Ah, não. Não pode ser.

Mas gotinhas de suor tinham começado a se formar na pele de seu rosto.

– Alguém ofereceu uma bebida a você antes de ontem, *a charaid*? – perguntou Jamie, inclinando-se para a frente com atenção.

Duncan deu de ombros sem saber o que dizer.

– Sim, todo mundo!

E era verdade. Afinal, ele era o noivo. Não tinha aceitado nenhuma das

bebidas oferecidas, dizendo que não estava bem do estômago por causa do nervosismo. Tampouco notara se alguma das bebidas tinha sido oferecida em um copo de prata.

– Eu estava muito distraído, *Mac Dubh*, não teria notado se alguém tivesse me oferecido uma cobra viva.

Ulysses pegou um guardanapo de linho da bandeja e o ofereceu. Sem se virar para olhar, Duncan o pegou e secou o rosto.

– Então... acha que alguém estava tentando prejudicar Duncan?

A surpresa na voz de Roger podia não ter sido muito lisonjeira, mas Duncan pareceu não notar.

– Mas por quê? – perguntou ele, surpreso. – Quem poderia *me* odiar?

Jamie riu baixinho, e a tensão ao redor da mesa diminuiu um pouco. Era verdade; apesar de Duncan ser inteligente e competente, ele tinha uma atitude tão modesta que era impossível pensar que pudesse ter ofendido alguém, muito menos a ponto de levar a pessoa a querer matá-lo.

– Bem, *a charaid* – disse Jamie com certo tato –, pode não ter sido pessoal, sabe?

Ele olhou nos meus olhos e fez uma careta. Já fora vítima de mais de uma tentativa de assassinato, por motivos que tinham que ver apenas com quem ele era, não com o que tivesse feito. Não que pessoas não tivessem tentado matá-lo, vez ou outra, por coisas que ele tinha feito também.

Jocasta parecia estar pensando da mesma maneira.

– Na verdade – disse ela –, também tenho pensado a respeito. Você não se lembra, sobrinho, do que aconteceu na Reunião?

Jamie ergueu a sobrancelha e pegou uma xícara de chá.

– Muitas coisas aconteceram na Reunião, tia – disse ele. – Mas acho que está se referindo ao que aconteceu com o padre Kenneth?

– Isso.

Ela ergueu a mão automaticamente e Ulysses colocou um copo limpo nela.

– Você não me disse algo sobre o sr. Lillywhite ter feito um comentário a respeito de o padre ter sido avisado sobre realizar cerimônias?

Jamie assentiu, fechando os olhos brevemente enquanto sorvia o chá.

– Sim, disse. Então, a senhora acha que talvez ele estivesse se referindo ao

seu casamento com Duncan? Acha que essa era a “cerimônia” que tinha que ser impedida?

Minha dor de cabeça estava piorando. Pressionei os dedos entre as sobancelhas; elas estavam quentes por causa da xícara de chá, e foi bom sentir o calor na minha pele.

– Espere um pouco – falei. – Está dizendo que alguém quis impedir o casamento da sua tia com Duncan, e consegui fazer isso na Reunião, mas não consegui pensar em nenhuma outra maneira de impedi-lo agora, então tentou matar Duncan, para que ele não se casasse?

Minha voz ecoava a surpresa no rosto de Duncan.

– Não estou dizendo isso – retrucou Jamie, olhando para Jocasta com interesse –, mas acredito que minha tia esteja.

– Estou – disse ela calmamente.

Bebeu seu chá e pôs a xícara na mesa com um suspiro.

– Não quero me gabar, sobrinho, mas a verdade é que fui cortejada por mais de um homem desde que Hector morreu. River Run é uma propriedade valiosa e eu sou uma senhora.

Houve um momento de silêncio, enquanto todos absorviam aquilo. O rosto de Duncan demonstrava terror.

– Mas... – disse ele, gaguejando um pouco –, mas, mas... se fosse isso, *Mac Dubh*, por que esperar?

– Esperar?

– Sim.

Ele olhou ao redor na mesa, procurando compreensão.

– Veja, se alguém queria impedir o casamento na Reunião, muito bem. Mas faz quatro meses desde então, e ninguém fez nada contra mim. Na maior parte do tempo, ando por aí a cavalo sozinho. Teria sido fácil, com certeza, me pegar na estrada, enquanto eu estivesse cuidando das minhas tarefas, e enfiar uma bala na minha cabeça.

Ele falava tranquilamente, mas vi Jocasta arrepiar-se com aquela ideia.

– Então por que esperar até a hora do casamento em si, na presença de centenas de pessoas? – emendou Jamie. – Sim, bem, você tem razão, Duncan.

Roger estava acompanhando tudo com os cotovelos sobre os joelhos e o

queixo apoiado nas mãos. Ele se endireitou ao ouvir a última parte.

– Consigo pensar em um motivo – disse ele. – O padre.

Todos olharam para ele, com as sobrancelhas erguidas.

– O padre estava aqui – explicou. – Vejam, se é River Run que está por trás de tudo isso, então não é apenas uma questão de tirar Duncan do caminho. Se ele fosse morto, nosso assassino voltaria ao ponto de partida: Jocasta não se casa com Duncan, mas tampouco se casa com essa pessoa, e não há possibilidade de isso acontecer à força. Mas... – ressaltou Roger, erguendo um dedo – se o padre estiver aqui, pronto para celebrar uma cerimônia particular... é simples. Matar Duncan, de um jeito que pareça suicídio ou acidente, e em seguida entrar no quarto de Jocasta e forçar o padre a realizar o casamento sob a mira de uma arma. Os criados e convidados estariam todos ocupados com Duncan, não haveria ninguém para fazer objeções nem interferir. A cama estaria à mão...

Ele meneou a cabeça, indicando a cabeceira que podia ser vista pela porta do quarto.

– Ele levaria Jocasta diretamente para lá e consumaria o casamento à força... tornando-se seu tio.

Nesse momento, Roger viu a boca aberta de Jocasta e o olhar perplexo de Duncan e se lembrou de que não se tratava apenas de uma sugestão dedutiva interessante. Ele corou intensamente e pigarreou.

– Ah... quero dizer... coisas assim já aconteceram.

Jamie tossiu e pigarreou. Coisas assim já tinham acontecido. Seu próprio avô havia começado sua escalada social forçando um casamento e levando para a cama, logo em seguida, a rica e idosa viúva lady Lovat.

– *O quê?* – falou Brianna, virando-se para Roger horrorizada. – Isso é a coisa mais... Eles não podiam sair impunes de algo assim!

– Temo que sim, na verdade – disse Roger, quase se desculpando. – Veja bem, querida, posse representa muito mais do que a lei quando se trata de mulheres. Case-se com uma mulher e leve-a para a cama, e ela e toda a propriedade dela passam a ser suas, quer ela goste, quer não. Sem outro parente do sexo masculino para contestar, é improvável que um tribunal o faça.

– Mas ela *tem* um parente do sexo masculino!

Brianna estendeu a mão em direção a Jamie, que de fato tinha um argumento a apresentar, mas provavelmente não na linha que Brianna esperava.

– Ah, sim. Mas faltariam testemunhas – disse ele. – Não se pode fazer algo assim sem ter uma testemunha para afirmar que foi um casamento válido.

Ele pigarreou de novo e Ulysses pegou o bule de chá.

O velho Simon tivera testemunhas; dois de seus amigos, mais duas aias da viúva. Uma delas mais tarde se tornou a avó de Jamie, apesar de eu acreditar que menos força tenha sido envolvida nessa transação.

– Não vejo como isso possa ser uma dificuldade – falei, tirando migalhas do meu peito. – Obviamente, não se tratava da obra de um homem só. Quem quer que pretendesse ser o noivo, e vamos nos lembrar de que nem sabemos se há de fato um pretendente a noivo, mas vamos imaginar que sim... quem quer que seja, se ele existir, certamente tem cúmplices. Randall Lillywhite, por exemplo.

– Que não estava aqui – lembrou-me Jamie.

– Hum. É verdade – admiti. – Mas, ainda assim, o princípio permanece válido.

– Sim – afirmou Roger, insistindo no seu ponto de vista. – E se ele *de fato* existir, então o principal suspeito é o tenente Wolff, não acham? Todo mundo sabe que ele já tentou se casar com Jocasta mais de uma vez. E ele *estava* aqui.

– Mas completamente bêbado – disse Jamie, duvidando.

– Ou não. Como eu disse, Seamus e seus companheiros ficaram surpresos por alguém estar trocando as pernas tão cedo, mas e se fosse encenação?

Roger olhou para todos com a sobrancelha erguida.

– Se ele apenas fingisse estar bêbado, ninguém prestaria atenção nele nem o trataria como suspeito depois, mas ainda assim ele conseguiria colocar veneno em um copo de ponche, entregá-lo a Betty com ordens para que o desse a Duncan, sair de fininho e ficar circulando pela festa, pronto para subir assim que soubesse que Duncan tinha caído duro. E se Betty ofereceu a bebida a Duncan, que recusou... bem, lá estava ela, com um copo

cheio de ponche.

Ele deu de ombros.

– Quem poderia julgá-la por escapulir até a horta para aproveitar a bebida?

Jocasta e Ulysses resfolegaram ao mesmo tempo, deixando razoavelmente claro o que achavam a respeito da culpabilidade de Betty. Roger tossiu e se apressou em continuar com sua análise.

– Certo. Bem, mas a dose não matou Betty. Ou o assassino calculou mal ou...

Mais um pensamento brilhante ocorreu a Roger.

– Talvez ele não pretendesse que a droga matasse Duncan. Talvez ele só quisesse que ele ficasse inconsciente para poder jogá-lo discretamente no rio. Isso teria sido ainda melhor. Você não pode nadar, pode? – perguntou ele, virando-se para Duncan, que balançou a cabeça, atordoado.

Ele ergueu a mão, massageando mecanicamente o toco do braço.

– Então, um afogamento se passaria por acidente, sem preocupações.

Roger esfregou as mãos, parecendo satisfeito.

– Mas então tudo deu errado, porque a criada, e não Duncan, bebeu o ponche batizado. E foi *por isso* que ela morreu!

– Por quê? – perguntou Jocasta, tão atordoada quanto Duncan.

– Porque ela poderia identificar o homem que deu o copo a ela – disse Jamie.

Ele assentiu, inclinando-se pensativo na cadeira.

– E ela o identificaria assim que as pessoas comesçassem a fazer perguntas. Sim, faz sentido. Mas é claro que ele não podia acabar com ela por meios violentos; o risco de ser visto entrando ou saindo do sótão era muito grande.

Roger assentiu, aprovando o raciocínio rápido dele.

– Sim. Mas não seria difícil conseguir vidro moído... quantas taças e copos havia espalhados por toda parte durante o dia? Bastaria derrubar um, moer os cacos com a sola do sapato e pronto.

Talvez nem isso fosse necessário. Havia vidro estilhaçado espalhado por toda parte nos caminhos e no terraço depois das comemorações do casamento. Eu mesma havia derrubado um copo de vidro quando fui

surpreendida por Phillip Wylie.

Eu me virei para falar com Ulysses.

– Ainda há a questão de como o vidro moído foi administrado. Você sabe o que Betty comeu ou bebeu, Ulysses?

O mordomo franziu o cenho lentamente, como uma pedra ao ser jogada em águas escuras.

– O dr. Fentiman pediu um creme feito com leite, canela e açúcar para ela – disse ele devagar. – E um pouco de mingau, se ela estivesse acordada o suficiente para engolir. Eu mesmo preparei o creme, e o entreguei a Mariah para que o levasse até ela. Dei a ordem ao cozinheiro para que preparasse o mingau, mas não sei se Betty comeu ou quem pode tê-lo levado.

– Hum – fez Jocasta, contraindo os lábios e franzindo o cenho. – A cozinha devia estar uma loucura. E com tantas pessoas por ali... bem, podemos perguntar a Mariah e aos outros, mas eu não ficaria surpresa se eles não se lembrassem nem de ter carregado os pratos, muito menos de alguém ter mexido neles. Não seria necessário mais que um minuto. Bastaria distrair a moça, colocar o vidro...

Ela balançou a mão, indicando a facilidade escandalosa com que um assassinato poderia ser cometido.

– Ou alguém poderia ter ido até o sótão, com o pretexto de ver como ela estava, e ter dado a ela algo para beber com o vidro dentro – sugeri. – Um creme seria perfeito. As pessoas estavam indo e vindo por toda a parte, mas Betty ficou sozinha lá em cima por longos períodos entre a visita do dr. Fentiman e o momento em que os outros escravos foram para a cama. Seria bem possível que alguém subisse sem ser visto.

– Muito bem, inspetor Lestrade – disse Brianna a Roger baixinho. – Mas não tem provas, tem?

Jocasta e Duncan estavam sentados lado a lado, rígidos, tomando o cuidado de não se virarem um para o outro. Ao ouvir isso, Jocasta respirou fundo e ruidosamente, sem dúvida forçando-se a relaxar.

– É verdade – disse ela. – Não há provas. Você não se lembra de Betty ter oferecido a você um copo de ponche, *a dhuine*?

Duncan mordeu o bigode por um momento, concentrando-se, mas em seguida balançou a cabeça.

– Pode ser que sim... *a bhean*. Mas pode ser que não também.

– Muito bem.

Todos ficamos em silêncio por um momento, durante o qual Ulysses se moveu discretamente em torno da mesa, recolhendo as coisas. Por fim, Jamie suspirou e se endireitou.

– Muito bem, então. Foi isso que aconteceu ontem à noite. Estamos de acordo que o irlandês que entrou no seu quarto, tia, era Stephen Bonnet?

A mão de Brianna se contraiu involuntariamente e a xícara de chá caiu sobre a mesa.

– Quem? – perguntou ela, com a voz rouca. – Stephen Bonnet... aqui?

Jamie olhou para mim, franzindo o cenho.

– Pensei que você tivesse dito a ela, Sassenach.

– Quando? – perguntei com certa irritação. – Pensei que *você* tivesse dito a ela – falei, virando-me para Roger, que apenas deu de ombros, sério.

Ulysses havia se abaixado com um pano e secava o chá derramado. Bree estava pálida, mas tinha se recomposto.

– Não importa – disse ela. – Ele esteve aqui? Ontem à noite?

– Sim, esteve – disse Jamie com relutância. – Eu o vi.

– Então foi ele o ladrão que veio atrás do ouro... ou um deles? – questionou Brianna.

Ela pegou um dos copos de prata e bebeu o vinho do Porto como se fosse água. Ulysses piscou, mas se apressou em encher o copo de novo.

– Parece que sim – confirmou Roger, que pegou um bolinho fresco, evitando cuidadosamente os olhos de Brianna.

– Como ele ficou sabendo sobre o ouro, tia? – perguntou Jamie.

Ele se recostou na cadeira, olhos semicerrados em concentração. Jocasta resmungou e estendeu a mão. Ulysses, acostumado com suas necessidades, colocou um pedaço de torrada com manteiga nela.

– Hector Cameron contou a alguém; meu irmão Dougal contou a alguém; ou o terceiro homem contou a alguém. E, conhecendo-os como eu conhecia, devo dizer que é improvável que tenham sido Hector ou Dougal.

Ela deu de ombros e mordeu a torrada.

– Mas vou lhes dizer uma coisa – acrescentou ela, engolindo. – O segundo homem no meu quarto, aquele que fedia a álcool. Eu disse que ele

não falou nada, certo? Bem, está muito claro, não acham? Era alguém que eu conheço, cuja voz eu reconheceria, se ele falasse.

– O tenente Wolff? – sugeriu Roger.

Jamie assentiu e franziu o cenho.

– Quem melhor do que um oficial da Marinha para encontrar um pirata quando se precisa de um, certo?

– Alguém *precisaria* de um pirata? – perguntou Brianna.

O vinho a ajudara a se recompor, mas ela continuava pálida.

– Sim – disse Jamie, sem prestar muita atenção nela. – Não é pouca coisa, 10 mil libras em ouro. Seria preciso mais de um homem para lidar com tal quantia. Luís da França e Charles Stuart sabiam disso; eles mandaram seis homens para lidar com 30 mil.

Não surpreendia, então, que quem soubera do ouro tivesse recorrido a Stephen Bonnet – um ladrão e pirata bem conhecido, que tinha não apenas o meio de transporte, mas também as conexões necessárias para dispor do ouro.

– Um barco – falei lentamente. – O tenente partiu de barco, durante o jantar. Vamos supor que ele tenha descido o rio e se encontrado com Stephen Bonnet. Eles voltaram juntos e esperaram pela oportunidade de entrar na casa sem ser vistos e tentar aterrorizar Jocasta para que contasse a eles onde o ouro estava.

Jamie assentiu.

– Sim, pode ser. O tenente tem negócios aqui há anos. É possível, tia, que ele tenha visto algo que fez com que suspeitasse de que o ouro estava aqui? A senhora disse que Hector tinha três barras. Sobrou alguma?

Jocasta contraiu os lábios, mas depois de hesitar por um momento, meneou a cabeça.

– Ele mantinha uma pepita em sua mesa, como peso de papéis. Sim, Wolff deve ter visto... mas como ele saberia o que era?

– Talvez não soubesse, na época – sugeriu Brianna –, mas depois ficou sabendo a respeito do ouro do francês e ligou os pontos.

Todos concordaram, murmurando. Como teoria, se encaixava bem. Eu não conseguia ver como alguém poderia provar tudo aquilo, e disse isso.

Jamie deu de ombros e lambeu um pouco de geleia dos dedos.

– Não acho que provar o que aconteceu seja tão importante, Sassenach. Talvez mais importante seja o que vem em seguida.

Ele olhou para Duncan, encarando-o.

– Eles vão voltar, *a charaid* – disse ele, baixinho. – Você sabe disso, não sabe?

Duncan assentiu. Parecia infeliz, mas determinado.

– Sim, eu sei.

Ele estendeu a mão e pegou a de Jocasta, o primeiro gesto do tipo que eu o vira fazer em relação a ela.

– Estaremos prontos, *Mac Dubh*.

Jamie assentiu lentamente.

– Preciso ir, Duncan. O plantio não pode esperar. Mas vou escrever às pessoas que conheço, para ficarem de olho no tenente Wolff.

Jocasta havia permanecido em silêncio, a mão entrelaçada à de Duncan. Ela se endireitou na cadeira ao ouvir isso.

– E o irlandês? – perguntou ela.

Passou a outra mão lentamente pelo joelho, apertando de leve com a palma da mão onde a lâmina da faca tinha cortado.

Jamie trocou um olhar com Duncan, em seguida comigo.

– Ele vai voltar – disse ele, com certeza na voz.

Eu estava olhando para Brianna enquanto ele dizia isso. O rosto dela estava calmo, mas eu era a mãe dela, e vi o medo se mover em seus olhos, como uma cobra na água. Stephen Bonnet, pensei, com o coração apertado, já estava de volta.

Partimos para as montanhas no dia seguinte. Havíamos percorrido menos de 8 quilômetros quando ouvi o som de cascos na estrada atrás de nós e vi um flash vermelho em meio ao verde das nogueiras.

Era o major MacDonald, e o olhar de satisfação em seu rosto quando veio em nossa direção me disse tudo o que eu precisava saber.

– Ah, *maldição!* – praguejei.

A carta tinha o selo vermelho de Tryon, vermelho como sangue, como o casaco do major.

– Chegou hoje cedo a Greenoaks – disse o major, virando-se para ver

Jamie romper o selo. – Eu me ofereci para trazê-la, já que estava vindo nessa direção de qualquer modo.

Ele já sabia o que estava escrito. Àquela altura Farquard Campbell já teria aberto a dele.

Observei o rosto de Jamie enquanto ele lia. Sua expressão não mudou. Ele terminou de ler e me entregou a carta.

19 de março de 1771

Aos oficiais de comando da Milícia:

Senhores,

Decidi ontem, com a permissão do Conselho de Sua Majestade, marchar com um corpo de tropas de diversos regimentos da milícia sobre os acampamentos dos insurgentes para impor-lhes a obediência; eles que, por seus atos e declarações rebeldes, desafiaram o governo e interromperam o curso da Justiça ao obstruir, destruir e forçar o fechamento dos Tribunais. Para que parte do seu regimento, portanto, possa ter a honra de servir seu país nessa importante missão, devo exigir que escolham trinta homens para se juntarem às minhas forças nessa diligência.

Não pretendo mover as tropas antes do dia 20 do próximo mês e, antes disso, serão informados a respeito do dia em que deverão reunir seus homens, a hora da marcha e a estrada que deverão tomar.

É recomendado como um dever cristão de cada proprietário que permaneça em casa que cuide e ampare as famílias dos homens que vão servir nessa missão, de forma que nem as famílias nem as plantações sofram enquanto eles estiverem servindo nessa diligência, na qual o interesse de todos está envolvido.

Para os gastos exigidos para essa expedição, darei ordens de pagamento ao portador. Essas ordens de pagamento serão negociáveis até que o Tesouro possa pagá-las com o fundo de

contingente, caso não haja dinheiro suficiente no Tesouro para atender os serviços necessários a essa expedição.

Sem mais,

William Tryon

Será que Hermon Husband e James Hunter sabiam quando deixaram River Run? Eu achava que sim. E o major, claro, estava indo para New Bern agora, a fim de oferecer seus serviços ao governador. Suas botas estavam cobertas com uma capa de poeira da viagem, mas o cabo de sua espada brilhava ao sol.

– Inferno, inferno, maldito inferno! – praguejei baixinho, com ênfase.

O major MacDonald piscou. Jamie olhou para mim e entortou o canto da boca.

– Sim, bem – disse ele –, temos quase um mês. Tempo suficiente para levar a cevada para dentro.

SOBRE A AUTORA

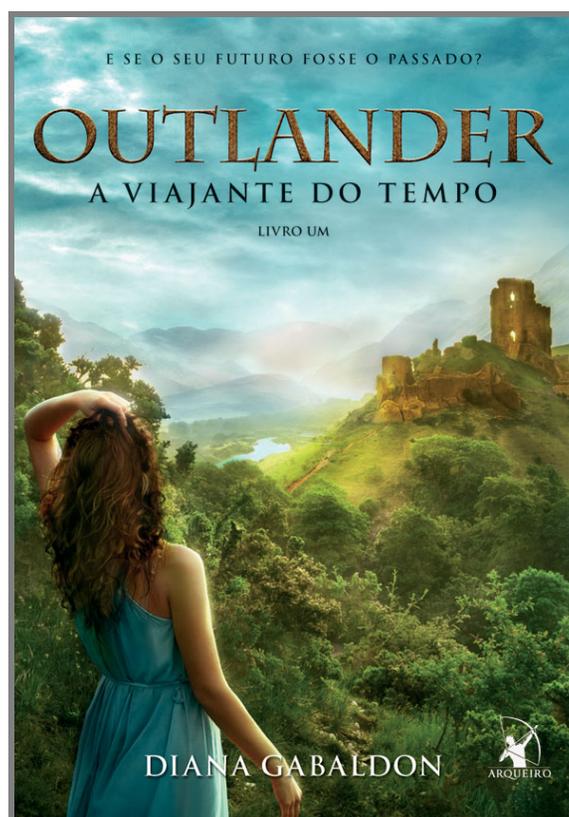


DIANA GABALDON cresceu no Arizona, EUA, e é de ascendência mexicano-americana e inglesa. Tem formação em Zoologia, Biologia Marinha e Ecologia. Foi professora universitária durante mais de doze anos antes de se dedicar à escrita em tempo integral. Sua série Outlander se transformou em um enorme sucesso mundial e foi adaptada para a TV em 2014. Atualmente Diana mora em Scottsdale, no Arizona.

CONHEÇA OS OUTROS TÍTULOS DA SÉRIE OUTLANDER

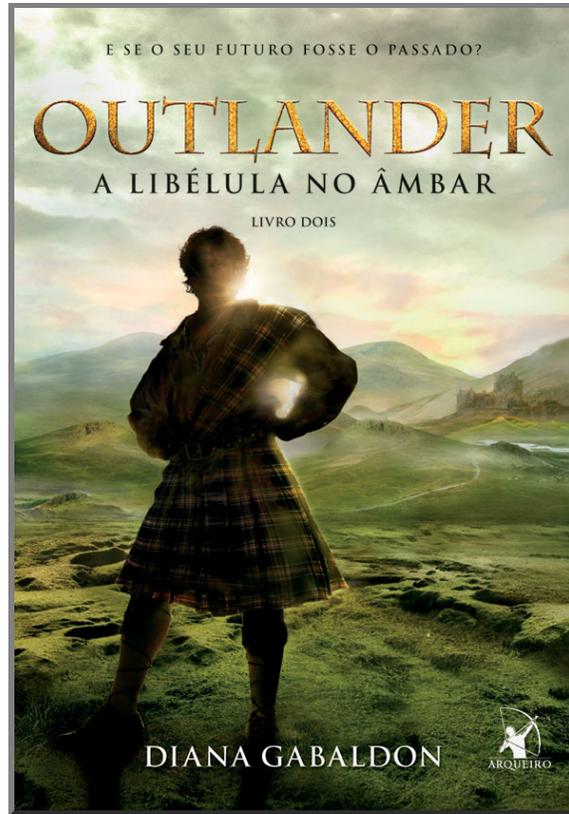
A viajante do tempo

LIVRO UM



A libélula no âmbar

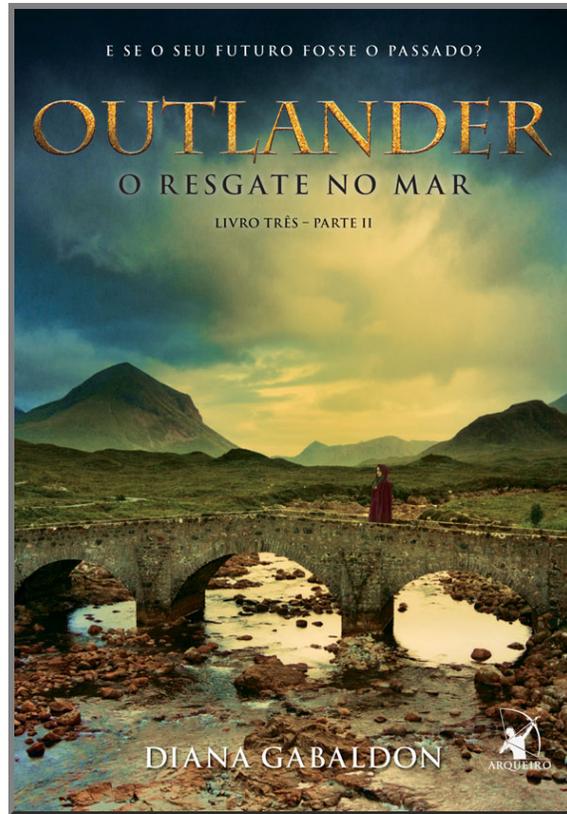
LIVRO DOIS



O resgate no mar
LIVRO TRÊS – PARTE I



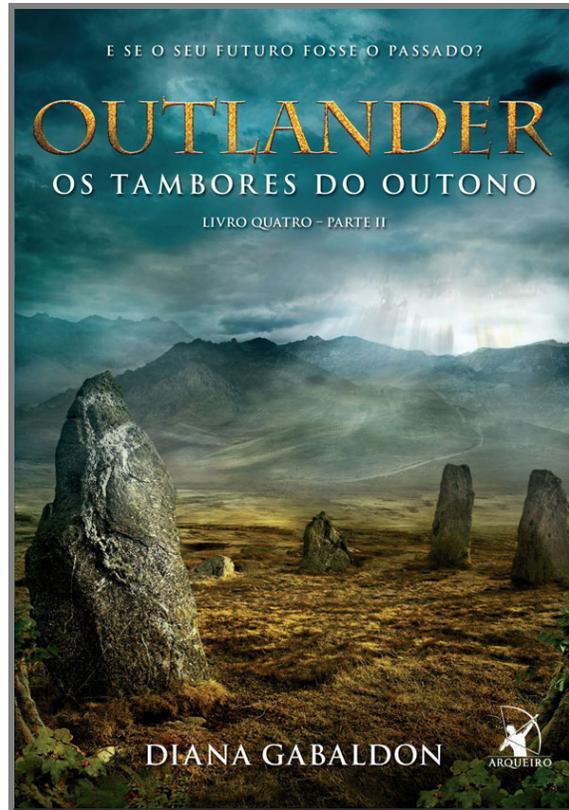
O resgate no mar
LIVRO TRÊS – PARTE II



Os tambores do outono
LIVRO QUATRO – PARTE I



Os tambores do outono
LIVRO QUATRO – PARTE II



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes, Inverno do mundo e Eternidade por um fio, de Ken Follett

Não conte a ninguém; Desaparecido para sempre; Confie em mim; Cilada, Fique comigo e Seis anos depois, de Harlan Coben

A cabana e A travessia, de William P. Young

A farsa; A vingança e A traição, de Christopher Reich

Água para elefantes, de Sara Gruen

Inferno; O símbolo perdido; O Código Da Vinci; Anjos e demônios; Ponto de impacto e Fortaleza digital, de Dan Brown

Uma longa jornada; O melhor de mim; O guardião; Uma curva na estrada; O casamento; À primeira vista e O resgate, de Nicholas Sparks

Julieta, de Anne Fortier

As regras da sedução, de Madeline Hunter

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; O restaurante no fim do Universo; A vida, o Universo e tudo mais; Até mais, e obrigado pelos peixes!; Praticamente inofensiva; Agência de Investigações Holísticas Dirk Gently e O salmão da dúvida, de Douglas Adams

O nome do vento e O temor do sábio, de Patrick Rothfuss

A passagem e Os Doze, de Justin Cronin

A revolta de Atlas e A nascente, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos

PARTE I

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

PARTE II

18

19

20

21

22

23

24

25

PARTE III

26

27

28

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[PARTE IV](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[PARTE V](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[47](#)

[48](#)

[49](#)

[50](#)

[51](#)

[52](#)

[53](#)

[54](#)

[55](#)

[Sobre a autora](#)

[Conheça outros títulos da série Outlander](#)

[Conheça outros títulos da Editora Arqueiro](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)